A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1971--6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Terça-feira, 1 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, I.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O fundo da questão

Prosegue em Lisboa uma situação anormal cuja gravidade é patente, e o facto d'ella continuar ainda mais impõe a necessidade de se attender ás suas origens essenciaes.

Já o dissemos ante-hontem, e repetimol-o: não duvidamos de que esta situação seja aproveitada por elementos perturbadores que só pensam em prejudicar a Republica, não considerando ou sendo-lhe indifferente que uma questão de ordem social, como esta, possa lançar o paiz na anarchia, prenuncio da perda da propria nacionalidade. Mas não é menos certo que se creou um ambiente propicio a essas especulações, e que esse ambiente deriva da carestia das subsistencias, que torna impossivel a vida das classes pobres.

Todos podem avaliar o que seja a existencia de familias proletarias que não teem para se manter senão os salarios dos seus chefes, de cincoenta, sessenta, ou setenta centavos. Os que se podiam julgar remediados, tendo o duplo ou triplo d'esta quantia a já acham incomportavel. Que dirão aquelles que não teem senão esses recursos diarios, não falando em tantos que nem a essa importancia attingem!

Evidentemente, para que esta situação se modifique, e se modifique realmente e não apparentemente, durante alguns dias ou semanas, mercê das repressões rigorosas da força, para depois irromper com um caracter de desespero ainda mais tremendo, urge ir ao fundo da questão, e d'uma maneira immediata dar-lhe solução, que tem de consistir em garantir a existencia dos generos de primeira necessidade e o seu preço accessivel aos minguados recursos dos pobres.

Para tomarem estas resoluções é que ha governos e parlamentos. Só d'elles podem partir iniciativas que tranquillisem a população e previnam a anarchia social.

E' pois para o governo e para o parlamento que se voltam os olhos de toda a gente, e é triste reconhecer que até agora essa contemplação só pode ter produzido decepções e desalentos.

Ha um governo. Que planos são os seus? Que medidas pensa tomar em face d'uma situação que não é de hoje, porque se vem prolongando ha anno e meio cada vez em condições mais afflictivas? Esse governo pensa em reprimir actos criminosos? Está muito bem. Mas esses actos representam effeitos, que não seriam possiveis se uma causa gravissima, terrivel, não existisse. Essa causa é a crise das subsistencias.

Não ha duvida que o sr. ministro do fomento levou á Camara um projecto destinado a resolvel-a ou attenual-a em grande parte. Que caso tem feito o parlamento d'esse projecto? Ainda mal se iniciou a sua discussão, cortada já por incidentes politicos, ridiculos na sua puerilidade e byzantinismo. E' o projecto bom? Approvem-o; aprovem-o sem demora. Não é bom? Apresentem outro, e approvem-o, approvem-o sem demora. Mas não! E' o desinteresse ou a indifferença? Dir-se-hia que os srs. legisladores não soffrem as difficuldades da hora presente que a todos attingem, até mesmo ás classes mais abastadas, porque não ha ordem possivel quando a fome mina os alicerces das sociedades.

Estamos em presença d'um facto cuja existencia não se pode negar, e que basta existir para constituir um perigo aterrador para todos nós.

Falta de carne

No Matadouro Municipal foram hoje abatidas 10 rezes, sendo 8 para o consumo dos talhos municipaes e 2 para o dos hospitaes.

Para os talhos fornecidos pela Abastecedora dos Gados foram abatidas 4 vitellas.

Poeira da Arcada

A fome é uma dura realidade que se impõe mesmo ás attenções que ordinariamente se prendem com a musica das boas palavras tentadoras. Desarmal-a com fanfarras de tropos não é facil, porque o estomago não se embala com illusões, persistindo implacavel contra as sereias mais melodiosas. A sua lei é a sua lei — inviolavel, irraciocinada e violenta. As suas condescendencias são tão limitadas que contar com ellas equivale a collocar-se alguem nos braços d'uma forca.

Nunca se diga que os famintos seguirão a logica do bom senso ou a da razão, porque obedecem ás forças fataes do instincto e este não se preoccupa com sentimentos nem com principios. Executa n'um instante movimentos de tão irreprimivel violencia que as cidades readquirem logo a paisagem das selvas bravias. E' a sua maneira de ser soberano.

* * *

Um jornalista americano, Stanley Washboun, escreveu na *Chicago Tribune* o relatorio de uma viagem que fez atravez a Russia. As suas impressões são optimistas, porque por toda a parte elle encontrou um povo forte na fé, arduo no esforço e crente na victoria. Uma só alma inspira todos os russos que acceitam confiados os grandes sacrificios da guerra. Encaram o futuro sem inquietações. Desde o Baltico ao Pacifico, milhões e milhões de corações se voltam para o occidente, aguardando a boa nova da paz que só será assignada, quando o mundo slavo respirar com desafogo, arrojando para longe o inimigo...

* * *

E' sempre deploravel que um individuo que passou uma parte da sua vida a sustentar uma doutrina, subitamente a renegue, sob o pretexto de abraçar uma outra antagonica á primeira. Os homens podem e devem mudar a sua maneira de pensar e os pensamentos inspiradores da sua vida. O que muito convem é que não enxovalhem os seus actos em que já não creem e de que já se não orgulham, julgando que vão avançar-se em perfeição moral.

Temos visto alguns que dizem envergonhar-se precisamente das suas poucas attitudes e decisões nobres, só para não confessarem que decahiram no seu proprio conceito. Quem se reconhece incapaz de progresso, sente um praser felino em se diminuir nos aspectos bellos da sua existencia passada.

A origem da gréve geral na Covilhã

Em 27 de dezembro de 1915 a Associação de classe dos operarios da industria textil enviou á Associação Industrial e Commercial da Covilhã uma reclamação de augmento de salarios para todo o operariado da industria dos lanificios, sem distincção de sexo ou edade allegando a carestia da vida actual.

Depois de alguma correspondencia officialmente trocada entre as duas associações, depois de varias conferencias realisadas entre as duas commissões nomeadas pelas assembleias geraes das duas collectividades e ainda a boa intervenção conciliadora do illustre governador civil do districto de Castello Branco accordou-se no augmento de 10 por cento a todo o operariado, com varias condições que foram integralmente acceites, como consta do officio de 18 de janeiro corrente enviado á Associação Industrial pela Associação da classe operaria.

Reputava-se este assumpto liquidado sem azedume e com dignidade e justiça para todos, quando em 26 de janeiro corrente a Associação Industrial recebe novo officio da Associação de classe operaria rejeitando uma das condições do accordo que havia sido «integralmente» acceite e exigindo uma resposta em 24 horas com a ameaça de um movimento geral de greve immediata.

A este officio respondeu a Associação Industrial que mantinha o augmento e condições estabelecidas entre as duas classes e a classe operaria effectivou a ameaça de greve geral, não comparecendo hoje nas fabricas.

Para que o paiz avalie a sem razão d'este movimento, transcrevemos a condição agora regeitada:

Os operarios tecelões obrigam-se a fazer serão quando o industrial o necessite.

Este trabalho de horas supplementares é a previsão do artigo 10.º da lei n.º 296 publicada no «Diario do Governo» de 22 de janeiro de 1915; e como todo o operario tecelão da Covilhã trabalha de empreitada em harmonia com uma tabella fixa, conclue-se que: *Quanto mais produzir mais ganha.*

Pois o operariado tecelão declara-se em gréve porque não quer ganhar maior salario quando o industrial tenha conveniencia em mais trabalho e arrasta os pegadores de fios, cardadores, fiandeiros, pizoeiros, ultimadores e mulheres á gréve geral quando estas classes trabalham as horas supplementares que são precisas.

A classe dos tecelões julga-se exceptuada á previsão da lei n.º 296.

Em conclusão: Os operarios tecelões allegando a carestia da vida pedem um augmento de salario; os industriaes concedem-lhes 10 por cento mais do que ganhavam e facilitam-lhes ainda maior salario com o trabalho de horas supplementares mas elles regeitam-no não se importando já com a carestia da vida!

Taes são os factos que deram origem á greve geral e que o paiz julgará.

Covilhã, 31 de janeiro de 1916.
Associação Industrial e Commercial

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

ONDE SE RESOLVE A GUERRA?

Na frente occidental
segundo Repington
Os commentarios
de Alberto Insua

Alberto Insua, que por varias vezes tem affirmado que a solução da guerra está na frente occidental, encontrou a confirmação d'esse juizo n'um dos ultimos artigos do notavel critico militar do *Times*.

Ha uma actualidade apparente—o caso do Montenegro—e uma actualidade permanente constituida em França pela frente occidental que os allemães não puderam romper e onde, até agora, as vantagens parciaes figuram no haver dos alliados. O critico do *Times* continúa a ser favoravel a uma concentração de esforços n'essa frente. Não crê que se deva procurar a solução n'outros pontos. Para elle a frente balkanica não é de ataque, mas de contenção, do estorvo, eminentemente defensivo.

Apesar das dificuldades que apresenta a consecução d'uma victoria no Oeste o principio segundo o qual «deve ferir-se no centro da gravidade» subsistirá sempre. A resistencia das posições allemãs necessita simplesmente esforços mais consideraveis em homens e em projecteis para ser deslocada. Mas, ainda que as posições actuaes do inimigo—é o coronel Repington que fala—fossem pouco mais ou menos mantidas, «poderiamos infligir taes perdas ao adversario que acabariamos por derrotal-o. Cada combate successivo dos que vimos ferindo foi melhor e mais fecundo do que o precedente.» Em summa, o grande critico inglez estabelece a theoria de ir vencendo pouco a pouco, por étapes e ri-se dos que esperam vêr as linhas allemãs rotas e a cavallaria irrompendo pela brecha para se regressar á guerra de movimento. Como romper as linhas allemãs n'uma batalha? pergunta. Ha linhas, sobre linhas. Depois de Anvers e das alturas de Vimy, surge Lille.

Por detraz, o Escalda, o Mosa, o Rheno... A ideia de romper a linha, boa para os tempos de Trafalgar, não é hoje realisavel. E até resulta nefasta, «porque quando obtemos uma victoria de importancia como a de setembro, com a qual pomos 150.000 allemães fóra de combate e capturámos 150 canhões, não ficamos satisfeitos, porque não podemos realisar o irrealisavel, ou seja que a nossa cavallaria haja irrompido pela famosa brecha». E o critico felicita-se por isso, porque se a cavallaria houvesse franqueado as primeiras linhas do adversario, metter-se-hia por um terreno semeado de obstaculos, no qual bastam umas tantas metralhadoras para deter uma divisão.

Ha, por conseguinte, que abandonar esse plano que o coronel Repington classifica de pueril. Que fazer então? E' necessario que, desde já, os alliados deixem de proceder independentemente, permittindo aos allemães, com o auxilio dos seus admiraveis caminhos de forro, realisar com as suas tropas um «fogo de leva e traz». Porque é evidente que, se toda a frente allemã não fôr atacada ou ameaçada pelo menos, os allemães podem trazer reservas ás zonas atacadas e medir-se com os offensores em um numero egual. Os cem batalhões allemães atacados na Champagne converteram-se com rapidez em duzentos, porque os sectores adjacentes ficaram em socego.

E aqui—prosegue Alberto Insua—surge o methodo estrategico que o critico do *Times* recommenda aos alliados: offensiva geral sobre todas as frentes. Acção total e simultanea de todas a um tempo. Uma vez desfeita a primeira linha de trincheiras á força de canhoneio, formar-se-ha por detraz uma barreira de fogo para esperar a consolidação do terreno conquistado e o avanço da artilharia grossa. O objecto que se tem em vista é matar ou ferir com regularidade 200.000 inimigos cada mez, até que a sua diminuição de combatentes, com respeito á do adversario, seja tal que deva declarar-se vencido...

Alberto Insua conclue assim:

«Não creio que a guerra deva terminar—ou que possa terminar—por outra forma que não seja a das armas. Parece-me que os inglezes são d'esta mesma opinião, pois já verificaram que o bloqueio da Allemanha é apenas um coadjuvante da victoria. Crer que na frente oriental já não acontecerá nada é continuar acariciando idéas de arranjos e combinações. Que os neutraes falem de transacção não quer dizer que os alliados pensem o mesmo. Como veem, francezes e inglezes não só esperam no occidente as arremettidas das tropas do kaiser como continuam planeando offensivas. As ultimas não passaram de experiencias que seguramente aproveitarão».

A cultura forçada dos terrenos em França

PARIS, 29 de janeiro.

Um relatorio do sr. Méline, ministro da agricultura, dirigido ao presidente da Republica, regista que o problema agricola que, no inicio da guerra, podia parecer secundario n'um paiz como a França, abundantemente aprovisionado e que ao abrigo de uma legislação sabiamente proteccionista, chegara quasi a dispensar as importações para a sua alimentação, passou hoje, apoz dezoito mezes de guerra, para o primeiro plano. Em 1914 o 1915, o paiz poude viver com largueza das suas reservas e d'uma producção quasi normal, embora com *deficit*. Está-se, porém, na vespera d'uma nova campanha agricola, que se annuncia como muito difficil, e a situação poderia aggravar-se seriamente se não se tratasse desde já dos meios indispensaveis para assegurar a alimentação do exercito e da população civil.

O recente inquerito, feito pelo ministerio da agricultura sobre a sementeira dos cereaes mostra que a cultura d'estes foi em 1915 inferior em 739:000 hectares á de 1914, ou seja um deficit de 10 por cento. Só o trigo baixou 475:000 hectares.

O sr. Méline estabelece que «é um dever nacional investigar e applicar resolutamente os meios de assegurar e elevar ao maximo a producção agricola da proxima campanha». Convencido de que o meio mais energico será o melhor, o ministro não hesita em substituir por um organismo collectivo o individuo que, na posse de terrenos, os não cultiva. Com esse fim redigiu um projecto de lei cujas principaes disposições vamos resumir.

N'um prazo de 15 dias a contar da publicação da nova lei, o *maire* de cada communa, assistido de dois conselheiros municipaes, convidará, em carta registada, o proprietario ou rendeiro habitual dos terrenos não cultivados, por qualquer motivo que seja, a cultivar esses terrenos. Se, decorridos aquelles quinze dias, os trabalhos não houverem começado, o *maire* terá o direito de requisitar os mesmos terrenos e poderá fazer entrega d'elles, para serem cultivados, ao «comité» communal de acção agricola constituido por decreto.

Para a execução dos trabalhos, o *maire* terá o direito de requisitar o que respeita aos instrumentos agricolas, a tracção animal, etc., devendo ser submettidas á approvação do ministro da agricultura as resoluções prefeitoraes em que se determinem as formas e os limites dentro dos quaes os «comités» poderão operar as requisições.

A commune assegurará os adeantamentos a fazer para a execução d'esses trabalhos. No caso de insufficiencia de recursos, será ella auctorisada a obter por emprestimo contrahido na mais proxima caixa de credito agricola a somma necessaria.

A municipalidade ou o «comité» de acção agricola velará pela execução dos trabalhos até que esteja completamente recolhida a colheita que se venderá por seu intermedio. O producto da venda será repartido entre os que a elle tenham direito, descontando-se as contribuições se as houver e fazendo-se a repartição proporcionalmente ás despezas effectuadas em cada terreno por meio das quantias adeantadas pela communa com o respectivo juro.

O que sobrar será entregue integralmente aos rendeiros, se estes não puderem cultivar e semear por motivos provenientes do estado de guerra e independentes da sua vontade. A terça parte d'esses sobras deixará de ser entregue aos que não puderem justificar-se e dará entrada no cofre municipal.

Os alliados occupam portos gregos

PARIS, 31.—Annunciam de Salonica um desembarque de forças de marinha dos alliados n'uma fortaleza de Karabaron, dominando o mar. A guarnição teve de ceder ao avanço simultaneo de forças navaes francezas, inglezas, italianas e russas e a infantaria franceza que rodeou o forte, pelo lado do mar.

O commandante do forte formulou um protesto. Aquella operação obedece a razões estrategicas, permittindo vigiar a costa onde se suspeita que se approximara algum submarino allemão.

Informam tambem de Constantinopla á *Gazeta de Francfort*, em data anterior que nos meios officiaes helenicos se confirma a occupação do porto grego de Phaleron pelas tropas da *Entente*. A distancia entre esse porto e Athenas é de meia hora, commenta a imprensa germanica e, d'ali, as forças dos alliados podem hostilisar as communicações da capital da Grecia com o porto do Pyreo.

Jornaes da mesma procedencia noticiam o reembarque das tropas alliadas, depois de terem inutilisado diversos cabos telegraphicos, noticiando ao mesmo tempo que os archivos das embaixadas allemãs, austro-hungara, turca e bulgara foram queimados para não cahir nas mãos dos alliados.—(*Corresp.*)

Impedindo o reabastecimento dos submarinos allemães

LONDRES, 31. — Lord Robert Cecil, respondendo na Camara dos Communs a uma interpellação, affirmou a esperança de que as medidas tomadas pelo governo grego, de accordo com as auctoridades militares navaes anglo-francezas evitarão efficazmente que o inimigo utilize as ilhas gregas para base de operações.—(*Havas*).

Os zeppelins sobre a França e a Inglaterra

PARIS, 1.—O «Matin» noticia que hontem de tarde os espias dos nossos postos de observação ao norte de Compiégne avisaram das manobras de um dirigivel allemão. O governo militar de Paris prevenido ordenou que estivessem preparadas para se adoptarem as devidas precauções. Entretanto o zeppelin apanhado pela luz dos nossos projectores por cima das nossas linhas retrocedeu ás onze horas estando affastado qualquer perigo.—(*Havas*).

LONDRES, 31.—Segundo annuncia o Press Bureau, a noite passada houve um raid de 6 ou 7 zeppelins sobre os condados de leste, nordeste e do centro, sendo lançadas um certo numero de bombas. Não ha noticia, porém, de qualquer prejuizo importante.—(*Havas*).

Um congresso dos neutros em Madrid

PARIS, 1.—O «Petit Journal» publica um telegramma de Zurick dizendo que o jornal romaico «Universal» sabe que um congresso dos Estados Neutros de todo o mundo se reunirá proximamente em Madrid para se occupar da guerra actual, e que a Hespanha faz já preparativos para esse congresso.—(*Havas*).

O bloqueio naval britannico

HAYA, 31.—Os inglezes detiveram a mala hollandeza que ia bordo do paquete «Rembrandt» sahido de Amsterdam em 22 do corrente, e a mala destinada a America do Sul que ia no paquete «Zeelandia», sahido tambem de Amsterdam em 10.—(*Havas*).

Os inglezes no Oriente

ATHENAS, 1.—Telegrapham de Mytilene que um contra-torpedeiro inglez bombardeou a aldeia turca de Achirikos, proximo de Smyrna. Todos os habitantes se refugiaram n'uma aldeia christã no interior.

Na sua sessão de hoje o conselho de ministros fixar-se-ha na escolha do candidato governamental para presidencia da camara dos deputados.—(*Havas*).

UMA INAUGURAÇAO

A abertura do Cinema Condes

realisa-se na proxima sexta-feira 4 de fevereiro

Não podia ser melhor escolhido o programma da estreia com que o antigo theatro da Rua dos Condes, transformado n'um elegante salão animatographico, vae reabrir ao publico as suas portas na proxima sexta-feira.

O *clou* d'esse sensacional espectaculo de inauguração é constituido pela «Guarda de sua magestade», drama em um prologo e quatro partes, cheio de intensidade, palpitante de interesse e de paixão, sem duvida um dos mais bellos *films* que se teem exhibido em cinemas portuguezes.

Quanto ao resto do programma, já salientámos o exito que certamente espera a apresentação de alguns episodios da guerra europeia recentemente cinematographados durante a ultima offensiva da Champagne. O campo de batalha moderno, com o seu caracteristico aspecto de deserto, a desolação das arvores dilaceradas pelos obuzes, as nuvensitas brancas de fumo indicando a explosão das granadas ou os turbilhões negros que marcam a situação de uma mina, tudo isso é surprehendido em flagrante pela objectiva do audacioso operador a quem as auctoridades militares permittiram o excepcional privilegio de assistir a algumas phases do combate.

Em summa a inauguração do Cinema Condes está produzindo como não podia deixar de produzir, um extraordinario e bem justificado interesse em todos quantos preferem este genero de espectaculos, que são afinal todas as pessoas de bom gosto.

VIDA ARTISTICA

A obra de Goya

A conferencia de hontem pelo sr. Don Aureliano Moret

Com uma numerosa concorrencia, que encheu por completo um dos hemiciclos do edificio da Sociedade de Bellas Artes em que ella se realisou e em que se viam os nossos escriptores e artistas mais em evidencia, effectuou hontem a sua primeira conferencia sobre Goya, pintor de retratos, o illustre academico hespanhol, sr. dr. Don Aureliano Beruete y Moret.

Constituida a meza pelos srs. Luiz Fernandes, presidente do conselho director dos Amigos do Muzeu Nacional de Arte Antiga, Costa Motta, presidente da direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes e dr. José de Figueiredo, director do Muzeu Nacional de Arte Antiga, e feita a apresentação do conferente pelo sr. Luiz Fernandes, que em uma brilhante allocução fez o elogio do conferente accentuando o quanto de util para a approximação e mais completo entendimento dos dois povos ibericos representavam factos como este, o sr. dr. Don Aureliano iniciou a sua conferencia pela justificação do programma que escolheu, dividindo em 3 ciclos a actividade de Goya como retratista.

Depois, e sempre com grande brilho e elevação na phrase, descreveu a vida de Goya desde o seu nascimento na pequena aldeia de Aragon em que viu a luz, salientando os factos que mais concorreram para o desenvolvimento da sua enorme vocação pictural.

O convencionalismo do meio artistico com que Goya teve de luctar, em que Mengs era o grande profeta e a sua fé ardente bem como a violencia do seu temperamento e o seu genio de artista excepcional e isolado, tudo isso foi dado pelo sr. Don Aureliano em traços magnificos, que o impuzeram á assembleia como um conferente de alto valor, a quem com razão a critica hespanhola tem já feito os maiores elogios.

Finalmente o conferente fez projectar algumas dezenas de retratos do grande pintor, descrevendo-os e estudando-os com a proficiencia de um verdadeiro mestre.

O sr. Beruete fechou a sua bella conferencia saudando as senhoras presentes e pedindo-lhes licença para lhes dedicar a proxima prelecção em que se occupará do periodo aureo de Goya, do qual datam os seus mais bellos retratos de mulheres, que serão projectados em grande numero sobre o «écran».

Entre os assistentes viam-se muitos membros da colonia hespanhola e a sr.ª Marqueza de Vilasinda, ministra de Hespanha e seus filhos, o 1.º secretario e esposa, viscondes de Garcia Real, secretario da legação de Inglaterra e esposa, R. Greg. O sr. Marques de Vilasinda, illustre ministro de Hespanha, não poude assistir por motivo de incommodo de saude.

São já em grande numero os Amigos do Muzeu inscriptos para o jantar em honra de Don Aureliano Beruete que se realisará na proxima quinta-feira, no Avenida Palace.

OS NOSSOS COLABORADORES

D. Luiza de Sousa
e as suas consultas
Manuel Monterroso
e as suas caricaturas

No ensino da arte applicada, a sr.ª D. Luiza de Sousa é hoje em Portugal a mais illustre e prestigiosa professora. As suas exposições, das primeiras que no genero se realisaram entre nós, constituirem sempre sensacionaes acontecimentos e o numero das suas discipulas tem crescido de anno para anno, affirmando a influencia do seu talento e as vantagens dos seus methodos até agora inexcedidos.

A sr.ª D. Luiza de Sousa, no intuito de completar a sua brilhantissima obra como professora e de estabelecer como que um prolongamento dos seus cursos, resolveu iniciar ámanhã umas consultas de arte na papelaria Progresso, rua do Ouro, 151, onde lhe é cedido o primeiro andar, e na papelaria Petit Peintre, rua de S. Nicolau, 104, onde receberá no respectivo escriptorio, e muito brevemente na papelaria Paulo Guedes, da rua do Ouro.

Mas como haja senhoras interessadas nas differentes especialidades de que a sr.ª D. Luiza de Sousa é eximia cultora e que não poderão, como desejariam, procural-a n'aquelles estabelecimentos, resolveu ella responder semanalmente nas columnas da «Capital» ás consultas que por escripto lhe forem dirigidas, em termos claros e precisos, sobre as mesmas especialidades, devendo as consulentes subscrever as perguntas com os seus nomes ou pseudonymos e indicar os respectivos endereços.

A' sr.ª D. Luiza de Sousa se deve a introducção em Portugal das mais diversas e interessantes formas de arte applicada. Agora com as suas consultas verbaes e escriptas introduz outra novidade que a torna credora do titulo de benemerita e fará crescer as sympathias e a fama de que gosa o seu nome.

A distinctissima professora dará o seu conselho não só sobre pintura a oleo, aguarella e pastel, como tambem ácerca das pinturas modernas em todos os tecidos e ainda relativamente aos capitulos de arte applicada que constam da curiosa lista que publicamos a seguir:

Pintura á pena (pen-painting). Pastinelo. Pintura au pochoir. Grésiline. Pyrogravura incrustada. Pyrosculptura. Mosaico verdadeiro e imitação. Tarso. Incrusta-marmore. Pyrogravura sobre marmore. Gravura sobre vidro e metaes. Choreoplastia em todos os generos. Mosaico do couro. Metaloplastia. Trabalho do licornio. Batik. Serrazeria. Esculptura em vidro. Pintura Saxe e Sèvres. Esmalte. Aluminio, ferro, prata e ouro recortados e burilados. Pyrogravura sem apparelho. Vitraux. Aerographia, etc.

As consultas da sr.ª D. Luiza de Sousa publicar-se-hão ás quintas-feiras na «Capital» e, reconhecida a incontestavel auctoridade da professora illustre que ella é, ao corrente de todos os progressos e de todas as innovações da arte, nada custa prever-lhes um grande exito entre as nossas leitoras para o maior numero das quaes é já sobejamente conhecido o seu nome.

*

Pretende «A Capital», augmentando as suas secções e adquirindo novos collaboradores, corresponder á benevolencia que espera lhe dispensará o publico, em face dos sacrificios que de todos exige a situação creada á imprensa por um conjuncto de circumstancias cuja causa originaria é a guerra.

Assim conseguiu desde já, além da collaboração da sr.ª D. Luiza de Sousa, o concurso d'um dos mais notaveis caricaturistas portuguezes, o sr. dr. Manuel Monterroso, cujo lapis, de ha muito consagrado, lembra o de Raphael Bordallo, de quem foi aproveitadissimo discipulo.

Publicamos hoje o primeiro trabalho de Manuel Monterroso para «A Capital». A viagem do sr. presidente da Republica ao Porto inspirou o primoroso artista cujo delicado humorismo tornou o seu nome popular principalmente na grande cidade agora honrada com a primeira visita official do chefe do Estado.

Depois das festas...

Desenho de M. Monterroso

O sr. presidente:—Que os remettam ao chapelleiro. Depois de engommados, servirão de novo...

Exposição Sousa Pinto

Foram vendidos os seguintes quadros: Antonio Joaquim de Oliveira, *Primavera*; Alfredo Braga, *As trez visinhas e o gato*; Santos Seixas, *As casas vermelhas no Barredo, Porto* e *Caes da Ribeira, Porto*; José Rau, *A casa do brasileiro*; S. P., *A' porta*; J. B., *Outomno*; J. M., *Lavadeira de Francellos*; José de Figueiredo, *Uma escada no meu quintal*; José E. Loureiro, *O Scorff*, *Effeito de chuva*.

Dr. Regis d'Oliveira

O sr. Belford Ramos, 1.º secretario da embaixada do Brazil, foi hoje em nome da viuva e filhos do dr. Regis d'Oliveira, agradecer aos membros do governo as demonstrações de pezar e homenagem prestadas pelo fallecimento d'aquelle diplomata.

A viagem presidencial ao Porto

Inauguração de diversos edificios—Uma imponente manifestação

Porto, 1.—O Porto continua em festa. Apezar de ser dia de trabalho, era enorme a multidão que se via pelas ruas.

Pelas 11 horas, o sr. presidente da Republica foi inaugurar a nova escola de pharmacia, presidindo elle proprio, secretariado pelos srs. dr. Affonso Costa e ministro da instrucção. O director da escola, sr. Nuno Salgueiro, leu um extenso discurso, falando tambem o professor sr. dr. Eduardo Pimenta.

D'ahi, dirigiu-se o sr. dr. Bernardino Machado para a cantina escolar de Cedofeita, onde as creanças lhe fizeram uma grande ovação.

Seguidamente o sr. presidente foi á Universidade do Porto inaugurar o museu de historia natural, sendo a ceremonia presidida pelo sr. dr. Gomes Teixeira. Depois foi o sr. dr. Bernardino Machado para a praça da Alegria inaugurar a Escola Infantil, que conta já ... creanças, de 4 a 7 annos, ás quaes será fornecida uma refeição diaria.

Foi talvez a festa mais imponente. Milhares de creanças cantaram a «Portugueza» e outras canções, fazendo a enorme multidão que alli se agglomerava uma enthusiastica ovação ao sr. presidente da Republica.

Les Beriguardis

Ha dias um amigo disse-me que no Salão Foz estava cantando uma artista portugueza. Ora eu tinha lá estado dias antes, tinha-me deliciado em ouvir um duetto a que davam o nome de «Les Beriguardis» e em que figurava um soprano ligeiro que me tinham dito ter já cantado em companhias lyricas que nos tinham visitado e que por signal n'essa noite cantou o «Barbeiro de Sevilha» com uma virtuosidade que poucas vezes tenho ouvido.

Sou muito portuguez, e quando me apontam um numero qualquer em que figurem portuguezes lá estou cahido a vel-os ou ouvil-os. Nem sempre de lá saio satisfeito porque nem sempre são numeros que me agradam. Ora esse soprano ligeiro dos «Berigardis» tinha-me encantado, os seus agudos eram de uma pureza e de uma nitidez maravilhosas e melhor ainda me pareceram quando me disseram que essa Aida Seroglia era portugueza. Corri lá na noite seguinte e depois de a ouvir duas vezes, sempre com o mesmo agrado, agrado em que não era só meu porque todo o restante publico a applaudiu com phrenesim, esperei-a. Como não conhecia lá ninguem resolvi eu mesmo apresentar-me e assim fiz. Quando os vi sahir dirigi-me em bom portuguez, ainda que fosse com o receio de que não me comprehendessem. Enganei-me porque Aida Saroglia, no mais puro idioma de Camillo, ao meu pedido de desculpa do atrevimento de me dirigir sem uma apresentação, disse-me:—Mas com todo o prazer lhe dou todas as explicações que quizer. Rejubilei porque era effectivamente portugueza essa artista que tanto me deliciava ouvir e depois de abancarmos a uma meza de um café, manifestei-lhe toda a minha admiração pela sua voz e todo o meu contentamento por ser uma portugueza que assim possuia uma tão maravilhosa garganta.

—Mas não sou portugueza—disse-nos Aida Saroglia com uma certa pena, porque viu logo que me contrariaria—mas fui aqui educada desde os 9 annos, edade em que vim com os meus para Lisboa.

«Foi com o celebre professor Velani que aprendi canto, que tambem foi professor da Paccini. Dediquei-me ao theatro por intuição tendo debutado em Saragoça aos 16 annos no pagem do Baile de Mascaras.

—Mas já cantou em Lisboa?—accrescentámos nós.

—Já, no Colyseu dos Recreios e no Republica, vindo para o primeiro ha oito annos e meio com uma companhia organisada pelo Giovanini, estreiando-me com o «Barbeiro de Sevilha», e cantando a «Lucia de Lamermoor» e o «Rigoleto». No Republica, estreei-me com o «Pescador de Perolas».

Interessava-me essa mulher que apesar de não ser da minha terra tinha sido no entanto educada n'este lindo Portugal. E depois recebeu-me com tanta gentileza que não poude furtar-me ao desejo de continuar o meu interrogatorio.

—Em que mais theatros tem trabalhado?—continuámos nós.

—Em Petrogrado, no Colomb, de Buenos-Ayres, no Cowen Garden, de Londres, em Odessa, no Real de Madrid, onde cantei ha dois annos e meio pouco mais ou menos.

—E porque deixou a opera e se dedicou ao genero duetto?

—Coisas, coisas...—e calou-se.

Não insisti n'essa pergunta que me pareceu ter sido indiscreta e que me arrependi de fazer.

—E o duetto ha quanto tempo está formado?

—Ha dez mezes e fizemos a nossa estreia em Lisboa e aqui no Salão Foz. Não calcula o que me custou. Depois fizemos toda a Hespanha nos melhores theatros e, desculpe-me a modestia, sempre com successo. Depois de Lisboa iremos para o Porto, depois Vigo e depois talvez para a Havana.

—Por cá quanto tempo se demoram?

—Não sabemos ainda, conforme o publico nos fôr recebendo. O nosso programma é variado e para sexta-feira já escolhi para mim o «rondó» da «Lucia de Lamermoor» e Florentia cantará o «Chelo ed mar» da «Gioconda».

Era bastante, era muito mesmo apesar de toda a amabilidade de Aida Saroglia e despedi-me com o promettimento formal de que não faltaria na sexta-feira para mais uma vez os ouvir.

A «Cavalgada das Walkyrias» e a «Marcha funebre de Siegfried» no Republica

O concerto da «Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch que se realisa no proximo domingo no theatro Republica, assignala-se pelo extraordinario programma. Executa-se pela primeira vez n'esta epocha a famosa «Cavalgada das Walkyrias» e a «Marcha funebre de Siegfried» do grande Wagner sendo a orchestra augmentada conforme as exigencias na partitura. Executa-se tambem a celebre «8.ª symphonia» de Beethoven, pela primeira vez «L'apprenti sorcier», de Dukas e outras obras notaveis.

Nem nos grandes centros musicaes do extrangeiro se organisa um tal programma reunindo n'uma mesma audição as mais extraordinarias composições symphonicas.

Festa artistica de Augusto Rosa

E' sempre noite de gloria, de enthusiasmo e do grande concorrencia elegante a da recita de Augusto Rosa, o grande mestre da scena portugueza.

Annuncia-se já para o proximo sabbado a sua festa artistica, que esta reveste grandes galas, a primeira que se realisa no novo theatro e com uma peça que é uma das mais brilhantes coroas de gloria do seu repertorio, a famosa peça de Bernstein «Samsão» que ha pouco foi representada em francez.

Os assignantes teem preferencia nos seus logares até amanhã, quarta-feira, e só na quinta feira, podem começar a ser satisfeitos os numerosos pedidos de bilhetes que teem sido dirigidos.

Companhia Internacional de Seguros Fomento Agricola

Umas accusações feitas contra esta companhia constantes d'um annuncio assignado por *Um grupo de verdadeiros accionistas*, e inserto no nosso numero de domingo, moveram-nos a procurar saber o que de verdade havia no assumpto, por nos parecer que o caso entrava nos dominios do interesse geral.

Estava a direcção reunida quando chegamos á séde da Companhia, no Rocio, e um dos directores, promptificando-se a esclarecer-nos, disse:

—Sabemos bem do que se trata e depressa desfaremos essas accusações que não teem o minimo valor.

Não ha nenhum membro da direcção que tenha prestações em debito, como diz o nosso accusador; ha com effeito alguns accionistas que ainda não entraram com as suas chamadas, mas nenhum d'elles é director, e alem d'isso esses estão sob a alçada da lei que determina a perda das prestações com que já tenham entrado.

Podemos affirmar que nenhum director se ausenta sem que seja logo chamado o seu substituto, o qual passa a vencer os honorarios que pertenciam ao effectivo; pagar aos dois seria impossivel sem que as contas accusassem a fraude.

Para pagar os honorarios aos directores ou quaesquer outros encargos nunca faltaram fundos á Companhia, e o seu credito é bastante firme para nos dispensar de recorrer a qualquer transacção menos correcta, ou que nos trouxesse encargos d'usura.

Quanto ao director visado, como infiel depositario, não tem elle a menor culpa da malevolencia de que foi victima; o direito do requerimento é livre, e ninguem está ao abrigo de um semelhante compromettimento. A melhor prova de que era infundamentado o pedido é o não ter tido andamento.

E' ainda a mesmo director accusado por ter adquirido uma carteira de seguro por 24 contos; é uma transacção conhecida por todos os accionistas e que foi resolvida em assembleia geral.

Esta operação, legalmente realisada não affecta de fórma alguma o credito da Companhia.

E' certo que as nossas acções não teem cotação na Bolsa; o facto é, porém, simplesmente devido a não termos requerido a sua cotação por não nos ter parecido opportuno o momento para fazel-o.

Parece-nos que respondemos já a todas as accusações que nos feriram; permitta-nos, pois, que não nos alonguemos em mais largas explicações por inuteis, tanto mais que não só os accionistas, mas tambem o publico em geral, de sobejo conhecem a origem e o valor d'essas accusações, as quaes embora datem de ha dois annos, feitas sempre por essa fórma, não foram ainda apresentadas em assembleia geral.»

E do que ouvimos, aqui informamos o publico.

PARLAMENTO

SENADO

Continua a discutir-se o projecto de reorganisação dos quadros dos governos civis

Presidencia do sr. Machado de Serpa, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Lourenço Serro.

Presentes á primeira chamada, feita as 14,30, 19 senadores. Espera-se por numero. A pouco e pouco vão chegando mais senadores e ás 15 horas entra na sala o sr. ministro do interior. Faz-se a segunda chamada, a que respondem, então, 36 senadores, que approvam a acta e ouvem ler o expediente, no qual figura um officio do sr. ministro da guerra, declarando não poder fornecer a nota ha dias requerida pelo sr. dr. João de Menezes, sobre os officiaes denunciados da commissão de separação do ministerio da guerra.

E' introduzido na sala o senador pela Guiné sr. Silva Gouveia.

Apreciam-se seguidamente os acontecimentos, que damos no logar respectivo, passando-se depois á ordem do dia, sendo approvado, sem discussão, o projecto abrindo um credito especial, no ministerio das finanças, a favor do do interior, pela quantia de 2.598$, para reparação urgente de um gerador de vapor no hospital da Rainha D. Leonor das Caldas da Rainha.

Em seguida começa a discussão, na especialidade, do projecto organisando os quadros dos governos civis.

Sobre o artigo falam os srs. Daniel Rodrigues, Fortunato da Fonseca e Paes Gomes. Ao fazer-se a votação, regeitam-se as emendas apresentadas. O artigo, que trata do numero de empregados do governo civil de Lisboa, é depois regeitado. A maioria, em parte, protesta. O sr. Estevam de Vasconcellos requer a contraprova.

E' approvado d'esta vez o artigo, e então é a minoria quem protesta, requerendo o sr. Leão Azedo a votação nominal, alegando que a meza não votára.

O sr. Simão José:—A meza só vota quando é preciso.

O sr. Pedro Martins:—Perdão! a meza tem o dever de votar sempre.

Faz-se a votação, e, finalmente, é o artigo approvado.

Os artigos 2.º e 3.º, relativos á organisação dos quadros dos governos civis do Porto e Funchal são approvados sem emendas, o mesmo succedendo ao artigo 4.º respeitante aos governos civis de Braga, Coimbra e Vizeu.

Ao artigo 5.º, que trata do provimento das va... nos respectivos quadros, apresenta o sr. ministro do interior uma emenda, para que ellas sejam providas por funcionarios que tenham nomeação definitiva e tenham prestado serviços nos governos civis.

O sr. Paes Gomes apresenta uma substituição e o sr. Leão Azedo propõe a eliminação do artigo, dizendo que basta a lei dos adidos para regular a materia.

A discussão continúa ámanhã.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35	34 3/4
Londres, 90 d/v	35 1/2	—
Paris, cheque	$73,4	$74
Allemanha, cheque	$25,5	$26,5
Hollanda, cheque	$61	$61,5
Madrid, cheque	1$36	1$37
Suissa, cheque	$83	$84
Italia, cheque	—	—
New York	1$43,5	1$46
Rios/Londres	11 9/16	—
Libras	6$95	7$00
Agio do ouro	48 %	53 %

Francesca Bertini na "Dama das Camelias,,

A «Dama das Camelias», drama que Alexandre Dumas filho extrahiu do seu romance do mesmo titulo, tem percorrido os palcos de todo o mundo, acompanhado sempre do mesmo successo, umas poucas de gerações se teem commovido com a vida e morte de Margarida Gauthier, essa sentimental peccadora resgatada pelo amor, e todas as grandes artistas teem tentado a interpretação do papel da protagonista, tendo Lisboa tido occasião de admirar não poucas d'essas artistas, das quaes figuram em primeiro plano, das estrangeiras, a genial Sarah Bernhardt, e das nossas, a grande Emilia das Neves, a linda Emilia.

O mesmo drama passando ao theatro lyrico com a inspirada musica do grande Verdi, e com o pseudonimo de «Traviata, continuou ali a mesma gloriosa carreira, e desde a divina Patti até á não menos divina Storchio, que ainda ha meia duzia de annos em S. Carlos nos arrebatou e fez vibrar de enthusiasmo, todas as estrellas lyricas de ha meio seculo para cá, tem incluido no seu repertorio o commovente drama de amor.

Faltava ao animatographo pagar o seu tributo á previlegiada peça, sobre a qual os annos passam sem a envelhecer, e hontem tivemos occasião de a vêr completamente remoçada na artistica pelicula da casa editora «Caesar Film» que o «Olympia» estreou com o mais feliz exito.

O papel de Margarida Gauthier é no «film» desempenhado pela formosa actriz Francesca Bertini, e a interpretação que esta lhe dá, que é verdadeiramente empolgante em todas as situações da peça; toca as raias do sublime na scena final, que por signal não é a de Alexandre Dumas mas do «arreglador», que em muitos outros pontos alterou profundamente o original. Que os nomes de Dumas lhe perdoem, como nós lhe perdoamos.

Francesca Bertini creando uma Margarida dos nossos dias, soube tirar effeitos novos da complicada psycologia da personagem, e apresentou-nos um trabalho de cuidada observação dos mais pequenos pormenores, que muito fazem realçar a impressionante figura em todos os quadros do bello «film», e pena é que, tendo a casa editora empregado na factura d'este todos os recursos de que já hoje dispõe a sua industria, não tivesse tambem confiado a artistas de superior envergadura os papeis de Armando Duval e do pae, pois que na verdade os artistas que os desempenham não estão á altura do alto e incontestavel valor da protagonista.

Este pequeno senão porém não impede de forma alguma que o «film» «Dama das Camelias» deva ser considerado um trabalho superior bem digno de successo obtido e da fama de que vinha precedido.

A. S.

Declaração

Tendo a *Capital* de ante-hontem, publicado, um desmentido á queixa que eu vim fazer, a proposito da aggressão, de que fui victima, da parte do sr. tenente Ochôa, da policia.

Confirmo aqui a minha queixa, que foi presente ás auctoridades superiores, com testemunhas de vista, da referida aggressão. O sr. Tenente Ochôa, não estava no theatro como particular, pois se tal facto se desse, nem auctoridade tinha a mandar-me sahir, como falsamente se allude no desmentido; estava ali como socio que é da empreza arrendataria, e um dos actuaes emprezarios.

N'essa qualidade o conheci sempre quando fui empregado no theatro da Rua dos Condes. E' uma arbitrariedade, que ha de ser julgada pelos poderes superiores.

Alfredo de Carvalho
Machinista do Theatro Politeama

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel d'Inglaterra, assistiram, entre outras pessoas:

Mesdames Guedes Brandão de Mello, Guedes Queiroz, Millanez, Cepeda, Barbosa, Sousa, Santos Quelhas, Levy, Leconte, Maurice Cats, Vasconcellos e Brito, Briant, Mather, Payot, Desner, Stefen, Fuld, James, Castro, Carvalho, Firth, Couceiro Bastos e filhas, Garnier e filhas, e os srs.: Cepeda, Virgilio Dias Rebello, José Maria dos Santos Elvas, dr. Octavio Millanez, Martins Gomes, dr. José Silverio Barbosa, José Alves de Sousa; Manuel Santos Quelhas, Mauricio Cats, Augusto Briant, Mather, Van Holtz, Avelino Vieira Braga, Nawkins, Brown, Steafen, René Bearaud, Villards, Walter Fuld, James, Frank Boulton, José de Castro, Maracequessi, Brunelle, dr. Diniz Gonçalves de Sá, Candido Cruz, barão de Fallons, dr. Alfredo Torres, Cats, Firth, Alberto Barradas dos Reis, barão van Perlstein, barão de Bond, Ricardo Garnier, Carlos Godall, dr. Angelo da Fonseca, dr. Celorico Gil, dr. Resado e D. Julio de Ximenes e Huesca.

ULTIMAS NOTICIAS

OS ACONTECIMENTOS

Um morto e varios feridos

em virtude da explosão de bombas—Novas prisões e buscas — O aspecto da cidade

O boato teve hoje fóros de cidade. Triumphou. As mais phantasticas e inverosimeis atoardas foram espalhadas, provocando o panico, e levando o desassocego e o mal estar aos quatro bairros de Lisboa.

Afinal o que houve?

Fomos a Alcantara, a Campo de Ourique, á Graça, a Xabregas, ao Poço do Bispo e uma só pergunta se nos fazia:—o que ha na Baixa?

Na Baixa não havia nada e nos sitios que percorremos a tranquillidade era absoluta. Apenas em Campo de Ourique e immediações, as mercearias, a titulo de precaução, «e por causa do que se passára na Baixa» (!) puzeram taipaes e cerraram meias portas. Algumas mesmo fecharam por completo. O socego era soturno, a atmosphera pesada. Toda a gente perguntava o que havia, e o boato desenfreadamente informava: ha a grève geral, lançaram bombas na redacção do «Seculo», rebentaram duas outras no parlamento, etc. Tudo falso. No entanto o pavor alastrava e chegara ao edificio do governo civil, cujas portas foram mandadas fechar á pressa, ficando apenas meia porta aberta guardada por uma força de infantaria da guarda republicana.

No Terreiro do Paço varios grupos discutiam os acontecimentos e pela cidade muitos operarios da construcção civil espalharam profusamente a seguinte proclamação dirigida ao povo trabalhador:

«Nós, descendentes das antigas glebas, somos ainda hoje as eternas victimas de um grande crime social, que nos reduz á deprimente condição de escravos, apesar de sermos as forças incommensuraveis creadoras de tudo quanto existe. Eia pois e a pó, *escravos*. Façamos um gesto gigantesco de protesto contra as iniquidades de que somos alvo.

Trabalhamos dez, doze e quatorze horas por dia, por um salario irrisorio, os nossos *irmãos de lucta* conservam-se sepultados nos fundos das bastilhas e dão-nos aguas inquinadas e cheias de lama e vermes, desenvolvendo nos nossos miseros lares: a fome, o typho e a tuberculose. Nada temos a esperar! E que a grève geral, com todas as suas consequencias, venha ultimar esta lucta que é de vida ou de morte. Porque é preferivel morrer metralhado na rua, do que succumbir em casa, de fome e de vergonha.

E vós operarios fardados! militares defensores de um governo de despotas e perdularios, não nos assassineis ás ordens de um verdugo. Se tens coração, escuta. Não faças aos outros, o que não queiras que te façam. Soldado irmão! Olha que é teu pae, tua mãe, tua esposa, a tua noiva que te dirigem este appello.—*O comité dos famintos*.—Viva a grève geral!

* * *

Ha ainda varios pormenores a accrescentar ás nossas informações sobre as occorrencias da noite de sabbado para domingo.

Assim, ácerca do attentado, que, contra a força d'infantaria da guarda republicana, se deu na rua do Jardim do Regedor, e do qual, sahiram feridas doze praças, foram interrogados esta manhã no governo civil o torneiro Leopoldo Alves e Manuel Charneca, morador n'aquella rua, sendo hoje preso, por denuncia, como supposto auctor do attentado ou n'elle connivente, o constructor civil Arthur Manuel Gonçalves, que depois de largamente interrogado, foi, mais tarde, posto em liberdade, por se provar a sua innocencia. A policia da judiciaria procura, porém, um tal Gonçalves, que se diz, estar implicado no caso.

Parece que a policia está convencida de que a bomba não foi lançada de janella alguma, como a principio se suppoz, mas sim da grade que, da Praça dos Restauradores, domina parte da rua do Jardim do Regedor, em frente do Grande Hotel d'Inglaterra.

A's 3 horas e meia da tarde, o «camion» da policia, foi á esquadra do pateo de D. Fadique buscar, para o governo civil, a fim de ser interrogado, o jogador Carlos Varino, que ali se encontrava incommunicavel.

A's 16 horas, a policia, coadjuvada por 6 praças da guarda republicana e um cabo, entrou nas sédes da União Operaria Nacional, Federação da Construcção Civil e União dos Syndicatos Operarios.

Emquanto a policia e a guarda cercavam as referidas collectividades, installadas na rua da Barroca, 59, subia aos salões do 2.º andar um agente acompanhado de alguns guardas e dava voz de prisão aos operarios que ali se encontravam em numero de 19.

Junto ao edificio, no primeiro andar do qual está a redacção do «Paiz», juntou-se muita gente, attrahida pelo apparato policial.

A' medida que lá em cima o agente ia registando o nome dos presos, estes vinham sahindo a um e um, acompanhados por policias que os conduziam para o governo civil.

Após esta tarefa, foram ali apprehendidos diversos livros e papeis.

Os presos, na sua maior parte, operarios da construcção civil, são os seguintes:

Francisco Rodrigues Apparicio, muito conhecido no meio operario como valioso propagandista associativo; Leonardo d'Oliveira, José Rodrigues Lourenço, Julio Pereira, Mario Mendonça, José Balthazar, Romeu Rodrigues Vianna, Antonio Joaquim Gama, Antonio Bonifacio, José Cunha, Mario Cadete, João Jorge, José Gregorio, Joaquim Jorge, Julio Ribeiro Diniz, Antonio Pires Vianna, Manuel de Jesus da Silva, José Narciso Barbosa e José Maria Tavares.

Depois da busca e das prisões, a policia e a guarda retiraram, ficando as chaves entregues ao continuo e a casa guardada pela policia, para que á noite não se realisassem umas reuniões annunciadas, tendo ficado ainda por vistoriar uns gabinetes, por não estarem presentes os directores das collectividades n'elles installados.

Hoje de madrugada e durante o dia, effectuaram-se mais prisões.

Com grande insistencia e ao que parece bastantes visos de verdade, consta que a noite passada se effectuaram importantes reuniões secretas pelo elemento operario, nas quaes se discutiu a possibilidade de se proclamar a grève geral com o appoio dos ferro-viarios. Accrescenta-se que se emprehenderam varias «démarches» para a realisação d'esse movimento.

A noite passou-se intranquillamente, sendo tomadas as mais rigorosas medidas para manter a ordem. Varias questões se deram entre paisanos e policias effectuando-se algumas prisões. As reuniões dos operarios dissolveram-se apenas estes tiveram conhecimento de que as auctoridades andavam procurando os seus organisadores.

Pouco depois das 10 horas rebentava uma bomba na rua do Vigario e quasi a seguir outra na rua da Fabrica da Polvora, em Alcantara. Ainda outra rebentou para os lados da Cascalheira. Foram presos, com bombas nas algibeiras, quando passavam no largo de Santo André, João de Deus Simões, morador na rua da Correnteza, em Belem, 24, loja; Antonio Gil, na rua de Traz dos Quarteis, 4, a Campo de Ourique; José Pereira, na rua da Assumpção, 70, 4.º; Domingos Coelho, na rua de S. Miguel, a Alfama, 34, 1.º, e José Bernardo, no pateo das Amoreiras.

Os 14 individuos que foram presos no Centro 27 d'Abril, na calçada de Sant'Anna, foram hontem mandados em liberdade, o mesmo acontecendo a outros que estavam detidos em varias esquadras. São elles Antonio Alves Andrade, Camillo de Almeida Graça, Graciano Simões, Guilherme Marques, Justino Maria da Graça, José Antunes, José Aquino Rua, Carlos Alberto Christo, João Moniz Sá Borges, Manuel dos Santos, Alfredo das Neves, Antonio Cartaz, Francisco Gonçalves, Manuel Affonso, Sebastião Gonçalves, José Fernandes, Albano da Silva Dores, Mario Rodrigues e Antonio Simões. Devido á sua edade, tambem foram mandados em liberdade José da Cunha e Mario Cadete, que haviam sido presos junto da séde da União Operaria, na rua da Barroca. Os presos a bordo hontem á noite eram em numero de 92. Na canhoneira «Zambeze» esteve de tarde interrogando os presos o sr. dr. Gomes, ajudante do director da policia de investigação. N'uma esquadra encontra-se incommunicavel Romeu Rodrigues Vianna que foi preso na União Operaria Nacional. Este individuo quando era conduzido para a esquadra deixou cahir uma carta a que a policia liga grande importancia, dizendo-se que ella contem o plano da grève geral. De madrugada ainda rebentaram outras bombas que apenas causaram estragos materiaes.

Bombas que explodem—Um guarda civico morto—Pessoas feridas

De todas as explosões a que teve mais graves consequencias foi a que se deu na rua do Jardim do Tabaco.

Pela 1 hora, recebeu-se ordem na esquadra dos Caminhos de Ferro para ser feita n'aquella area uma rusga geral, prendendo todos os individuos que se tornassem suspeitos.

O chefe Pires, d'essa esquadra, acompanhado do cabo n.º 71, José Maria, morador na rua Pedro Alexandrino, J. C., 1.º, e de diversos guardas, dos que haviam recolhido do primeiro quarto e dos que iam entrar de serviço, cumpriu a ordem que recebera, percorrendo o bairro d'Alfama e as circumvisinhanças, sem que fôsse encontrada coisa alguma que se tornasse suspeita ou que chamasse a attenção da policia.

Já quando regressavam á esquadra, ao passarem no Jardim do Tabaco, em frente do beco do Bello, sahiu-lhes á frente um individuo que em voz imperativa lhes ordenou que fizessem alto. Como os policias estacassem de subito, surprehendidos com semelhante ordem, o desconhecido, aproveitando o momento, arremeçou para o meio do grupo uma bomba, que, explodindo, foi ferir o cabo 71, com trez estilhaços na côxa direita e no baixo ventre, o policia 1531, Joaquim Gil, morador na travessa do Conde de Avintes, 14, com estilhaços no lado esquerdo do thorax, e o policia 1498 ligeiramente no rosto.

Estabeleceu-se, como era natural, a maior confusão, e ao passo que alguns civicos acudiram aos seus camaradas que se estorciam por terra no meio de atrozes soffrimentos, outros corriam sobre o criminoso, a fim de prendel-o, o que não conseguiram, pois elle se escapuliu, sendo perdido de vista rapidamente no meio d'aquelle dedalo de becos e viellas.

Momentos depois do attentado passava pelo local um automovel, cujos passageiros, ao saberem do que se tratava, se apearam immediatamente, a fim dos feridos serem conduzidos ao hospital de S. José. Chegados ahi, tanto o cabo 71 como o policia 1531 foram immediatamente operados, recolhendo ambos á enfermaria n.º 3, e indo para sua casa o 1498, depois de curado dos ferimentos que tinha, como dissemos, no rosto.

O estado dos dois feridos era grave e tanto assim que o 1531 falleceu pelas 10 horas, receiando-se, á hora a que escrevemos, pela vida do cabo.

O infeliz guarda Joaquim Gil, tinha 35 annos e era filho de José Manta e de Maria Candida, natural da freguezia de Rendo, concelho do Sabugal, districto da Guarda. Estava alistado desde 1 de maio de 1912. O cabo José Maria tem 49 annos, é natural de freguezia de Chão de Tavares, concelho de Manguaide, districto de Vizeu, e filho de Antonio Joaquim e de Maria da Conceição.

O 1498 é natural de Castello Branco.

Quando tambem a noite passada o varredor da camara municipal José Maria Barata, morador na rua da Boa Vista, andava varrendo a rua do Paraizo, tocou com a vassoura n'uma bomba de dynamite que, propositadamente ou por inadvertencia, ali fôra deixada. Do choque resultou a bomba explodir, ficando o pobre varredor ferido pelos estilhaços na mão e perna esquerdas, pelo que recolheu á enfermaria 3 do hospital de S. José.

Houve ainda uma outra explosão que se deu hoje cerca das 8 horas da manhã. Algumas creanças que andavam brincando no largo das Taypas encontraram uma bomba. Com a inconsciencia propria da idade atiraram com ella ao ar. Ao cahir o estampido foi medonho indo os estilhaços cravarem-se nas paredes dos predios. Um individuo que passava na occasião foi attingido pelos estilhaços motivo porque teve de ir receber tratamento ao Posto da Misericordia. O maxilar inferior ficara-lhe esfacelado. Chama-se Manuel Pereira, de 33 annos, natural de Santa Cruz de Alvarenga, filho de Antonio Rodrigues Paiva e de Anna Pereira Soares, morador na rua da Paschoa, 39.

Os feridos por occasião dos acontecimentos de ante-hontem á noite, que se encontram no hospital de S. José, continuam melhorando. Hoje, na enfermaria numero 4, onde estão hospitalisados, foram operados os soldados da guarda republicana n.º 126, Francisco Ignacio, e n.º 11, José Francisco Loureiro, cujo estado é tanto quanto possivel satisfatorio.

A visitar todos os feridos, esteve hoje o sr. Alfredo Pinto, secretario do governador civil, que foi acompanhado na visita pelo director do hospital, o sr. dr. Costa Santos.

*

A policia concentra-se nas esquadras armada de revolveres.

Grupos de operarios andavam hoje pela cidade pedindo aos seus companheiros para abandonarem o trabalho dando assim o seu apoio á premeditada greve geral. Forças da guarda republicana impediam essa propaganda, o que levantou protestos da parte dos operarios. A maioria das obras do Estado e particulares ficaram desertas. Entre os estabelecimentos do estado que ficaram paralysados notam-se os de S. Vicente, Manicomio Miguel Bombarda, Conservatorio, lyceus, etc. Parte d'esses grupos operarios vieram para a Baixa, andando a policia a dissolvel-os.

Durante o dia o movimento em frente do governo civil foi grande, não sendo permettidos grupos. Cerca das 14 horas compareceu ali Francisco Pereira Junior, morador na Povoa de Santa Iria a fim de entregar uma bomba de dynamite que havia encontrado na rua Eduardo Coelho. O edificio do Conservatorio, apenas os operarios abandonaram o trabalho, ficou guardado por um piquete de cavallaria da guarda republicana. No governo civil esteve prestando declarações a vendedeira de bolos Anna da Conceição, moradora na rua do Sol, a Santa Catharina, 15, loja. A proposito do caso occorrido na rua do Jardim do Regedor a policia esteve hoje ouvindo 5 testemunhas.

Em alguns bairros e principalmente em Campo de Ourique e Fonte Santa houve hoje falta de pão.

A policia prendeu e fez remover para bordo José Antunes, morador na rua da *Cascalheira*, em virtude de lhe ser encontrada em casa uma sacca cheia de feijão. Por terem desobedecido á policia foram presos nas obras do Conservatorio os operarios Arthur Figueira e José Lopes. Como signal de protesto tambem abandonaram o trabalho os operarios das obras da Sé, quartel de engenharia e dos ministerios. Esses operarios estiveram de tarde no ministerio do interior apresentando as suas reclamações fazendo a declaração de que ámanhã retomarão o trabalho.

Por causa da explosão da bomba que rebentou no largo das Taypas a policia prendeu uma mulher e dois rapazes.

Ao que se affirma, o governo está na disposição de mandar encerrar todas as associações que tenham politica egual á da Casa Syndical. O presidente da Associação de Classe dos Vendedores de Viveres a Retalho esteve hoje conferenciando com o sr. governador civil. A policia prendeu no largo das Portas do Sol, um individuo que conduzia uma bomba. Correram boatos que os ferro-viarios se haviam declarado em grève. Procurámos varios empregados da companhia os quaes nos asseguraram que taes boatos eram destituidos de fundamento. O mesmo succedeu com os do Sul e Sueste. Tambem se dizia que os chefes de policia Antunes, da esquadra do Bairro Alto, e Santos, da de Santa Martha, haviam sido mortos, o que não é verdade. Dizia-se ainda que havia sido assassinado o chefe da estação do Rocio e que os electricos deixaram de funccionar ás 16 horas. Tudo falsidades.

O portão de entrada para o ministerio da marinha está guardado por uma força de marinheiros.

O Centro Republicano 27 de abril enviou para a imprensa uma nota na qual declara interferencia alguma terem tido os seus associados nos ultimos acontecimentos.

Os dirigentes do movimento

O «Primeiro de Janeiro» d'hoje, entre outras informações sobre os acontecimentos publica o seguinte:

O governo está informado que o movimento que se deu em Lisboa, e se esboçou em Evora, Setubal, Covilhã e Cascaes, se alastrava por quasi todo o paiz, não escapando o Porto. Havia varios «comités», dirigindo o de Lisboa Joaquim Nogueira e Bernardino dos Santos, o primeiro morador na rua de S. Jeronymo, em Belem, e em casa de quem no dia 29 foi passada uma busca e encontrados documentos muito compromettedores, uma espingarda e muito cartuchame.

O do Porto, não se sabe aqui por quem era dirigido; o de Evora, tinha como principal dirigente o conhecido agitador da classe caixeira, Perdigão, e o de Coimbra, era um individuo de nome José d'Almeida.

Dos dirigentes de Lisboa já está preso o Joaquim Nogueira, sabendo-se que dos outros, foi hontem á noite preso o José de Almeida, de Coimbra.

Ao de Lisboa tambem pertence um individuo de nome Manuel dos Santos, o qual, como o Bernardino dos Santos, Gaião e Adão Duarte, conhecidos elementos do 27 d'abril, ha dias que não apparecem nas suas casas, sendo procurados pela policia.

O governo sabe tambem que desde longa data havia varias reuniões isoladas, para se tratar da grève geral e que se atiravam manifestos para os quarteis incitando os soldados a fazerem causa commum com o povo, e dizendo que os armazens estavam cheios de viveres, etc. D tudo isto tem o chefe do districto varias provas.

NO SENADO

As declarações do sr. ministro do interior

Na sessão do Senado, antes da ordem do dia, o sr. ministro do interior dá conta dos acontecimentos occorridos desde sabbado, dizendo que, parecendo que o movimento era organisado por uma associação denominada União Operaria Nacional, varios dos seus membros foram presos e levados para as esquadras. O governo tem tomado as medidas que julga convenientes para restabelecer a ordem. Fala dos acontecimentos de hoje, que produziram ferimentos graves em dois guardas, em um varredor e em duas creanças, pela explosão de bombas, e diz não acreditar na sinceridade d'este movimento, pois em varios estabelecimentos foram mais os generos entregados do que os roubados. Accresce que ao mesmo tempo se davam motins fóra da capital, nomeadamente no districto de Evora, fomentados por individuos estranhos ao mesmo districto, e nos de Coimbra e Vizeu. Diz que não se trata d'um movimento provocado pela grave crise que atravessamos, mas d'um movimento politico, de má politica, prejudicial á Republica e á organisação social em que vivemos. Repete: o governo manterá a ordem e fará respeitar a lei, dentro d'ella só respeitando os direitos de todos.

O sr. Pedro Martins diz que o sr. ministro do interior mostrou não conhecer os verdadeiros factores dos acontecimentos, empregando apenas a palavra «parece». Em todo o caso, chama a attenção do governo para um facto dolorosissimo, qual é o da tremenda carestia da vida, em Lisboa e em todo o paiz, a qual, a continuar, mais graves tornará as consequencias dos acontecimentos. Lamenta que elles se dêem, mas considera-os a resultante logica da carestia da vida.

O sr. Estevam de Vasconcellos entende, como o sr. Pedro Martins, que o governo deve tomar todas as providencias para resolver a grave crise da carestia dos generos alimenticios. Todavia, entende que o governo tem o dever de manter a ordem, tanto mais que teem sido praticados actos, n'este movimento teem sido praticados actos que se não explicam pela fome. A Republica tem de se defender, de não permittir que os perturbadores que só querem a sizania, a prejudiquem na sua vida.

O sr. dr. João de Menezes declara que a União Republicana, tendo ouvido o relato feito pelo sr. ministro do interior, faz votos pelo bem estar moral e material da sociedade portugueza, dentro das instituições republicanas, base do progresso e desenvolvimento da nação, e reserva-se o direito de apreciar opportunamente os actos do governo.

O sr. ministro do interior volta a falar sobre os intuitos do governo ácerca da ordem e da solução da crise, e outra vez o sr. Pedro Martins affirma tratar-se d'um movimento de caracter economico.

Porto, 1. — Em Pedroso, freguezia d'Aguas Santas, mais de 500 pessoas foram a casa do regedor e obrigaram-no a percorrer as casas dos lavradores, a quem intimou a apresentarem o milho que tinham e venderem-no ao povo ao preço de $75.

A lucta no theatro occidental

PARIS, 31.—Communicação official de hoje ás 23 horas.—Na Belgica a nossa artilharia pesada dirigiu um tiro efficaz sobre as organisações da Staenstraet. Um pilar da ponte ficou avariado junto á margem.

Ao sul de Roye os nossos canhões de trincheira destruiram as fortificações allemãs. Na região de Fresnières, ao norte de Saint Mihel, as nossas peças de longo alcance bombardearam os acampamentos inimigos em Conflans, a leste de Etain e em Saint Maurice e por baixo das cotas de Hattonchatel.—(*Havas*).

PARIS, 1.—Communicação official das 15 horas:

Não ha acontecimento algum importante a registar, além de alguns tiros da nossa artilharia entre o Oise e o Aisne, sobre as organisações inimigas de St.ª Leocadia e na Lorena sobre comboios, na região do Dornevre.—(*Havas*).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 31.—Na linha a oeste houve actividade de artilharia. No medio Strypa cercamos a a grande guarda austriaca. O numero de transfugas inimigos augmenta. No Caucaso lançámos as guardas avançadas sobre as fortificações de Erzeroum forçámos os turcos a evacuar a região de Melazgherlknyss e, finalmente, n'uma região fortificada conquistámos 60 verstas em comprimento. No dia 29, na região do rio Tchoroch, fizemos novos prisioneiros.—(*Havas*).

Os inglezes na Mesopotamia

LONDRES, 31.—Desmentem-se as noticias turcas, relativas a um revez soffrido por uma columna britannica a oeste de Kurna, na Mesopotamia. Ha noticia de um unico combate, que foi a derrota infligida proximo de Shatra aos arabes, que soffreram perdas importantes e isto por meio de um reconhecimento.—(*Havas*).

Na frente italo-austriaca

ROMA, 31.—Official — Pequenas escaramuças no vale do Lagarina. Ao norte de Mori houve duellos de artilharia que foram particularmente violentos ao longo do Isonzo.—(*Havas*)

Marinheiro afogado

Quando o torpedeiro n.º 2 sahiu hoje a barra da Luz, no Porto, um golpe de mar arrebatou um marinheiro, que não poude ser salvo, embora fosse arriado um escaler. No telegramma enviado ao ministerio da marinha, dando conta da occorrencia, não se menciona o nome da victima.

O 31 DE JANEIRO

No Porto os festejos são brilhantissimos

No cortejo de hontem incorporam-se milhares de pessoas—As manifestações populares são calorosas

Porto, 31. — O primeiro gesto do sr. presidente da Republica, hoje, foi ir depôr uma corôa magnifica no tumulo-monumento dos vencidos de 31 de janeiro, no cemiterio oriental, ás 10 horas da manhã.

Acompanhavam o chefe do Estado o sr. dr. Affonso Costa e os revolucionarios d'aquella data memoranda, srs. coronel Manuel Maria Coelho e Rodolpho Malheiros, além de varias pessoas de destaque no meio politico, os srs. ministro do fomento, ministro da instrucção, dr. Alexandre Braga, etc.

Uma multidão numerosa accorreu ao cemiterio. A ceremonia foi simples, mas tocante. Dos olhos dos dois revolucionarios do 31 de janeiro correram lagrimas. Sentiam bem que as cinzas dos seus camaradas lhes evocavam, lhes relembravam sacrificios, dores, soffrimentos, heroicidades anonymas que hoje andam dispersas.

Junto ao tumulo falaram commovidamente o coronel sr. Manuel Maria Coelho, fazendo uma resenha da revolta do 31 de janeiro que foi authenticamente patriotica, e o sr. dr. Affonso Costa, que fez o elogio dos então vencidos—hoje vencedores. Falou ainda o sr. Alfredo Pereira, evolucionista.

O sr. presidente da Republica seguiu d'ali para Contumil, a inaugurar o novo Hospital da Cidade, e, d'ali, veiu para a Avenida Camillo, em Saccaes, inaugurar tambem o novo edificio do Lyceu Alexandre Herculano.

Entretanto, ás 13 horas, organisava-se o cortejo civil no cemiterio, á campa dos martyres da revolução de 31 de janeiro.

Foi um cortejo immenso, de pessoas, com bandeiras e estandartes, tomando parte n'elle forças militares de todos os corpos da guarnição e milhares de populares.

No cemiterio houve varios discursos, enaltecendo a memoria dos mortos.

Depois, o cortejo, imponente, magestoso, n'um silencio de dor, atravessou as ruas de Gomes Freire, avenida Rodrigues de Freitas, Entre-Paredes, Batalha, rua 31 de Janeiro, até que veiu desfilar na praça da Liberdade, em frente da Camara Municipal, onde se achava o sr. presidente da Republica.

As manifestações populares, n'essa occasião, foram calorosas.

A's 16 horas entrou no edificio da Camara o sr. dr. Affonso Costa. Accorrendo ao varandim, adornado de seda, onde já se encontrava o sr. presidente da Republica, o sr. dr. Affonso Costa teve uma grandiosa manifestação de applauso da immensa multidão que enchia, por completo, a Praça.

Depois de terminar o desfile do cortejo, appareceu á varanda da Camara o sr. dr. Alexandre Braga, que falou ao povo, eloquentemente, fazendo, em rapidos traços, a historia dos vencidos de 31—hoje vencedores—disse, porque,—d'aquella semente de revolta é que—em 5 de outubro de 1910—veiu a germinar a sementeira florida da gloriosa jornada. Accrescentou, que era precisa a união de todos os republicanos, porque estamos atravessando um periodo terrivel da nossa historia.

«A hora actual—disse—é inquieta e de sobresalto universal. E' indispensavel a união de todos, porque Patria e Republica são uma consubstanciação perfeita. Se a Patria é só uma—accentuou— e a Republica uma só—requer-se, impõe-se que todos se unam, se dêem as mãos, o trabalho, a intelligencia, a actividade.

«Pode haver—terminou—discordias e luctas intestinas. Mas—fôrem quaes fôrem os nossos destinos, no final, sejam adversos, ou sejam felizes, nós—portuguezes—nos encontraremos todos».

Foi muito ovacionado.

O cortejo, dispersou, depois.

Em seguida, na ante-sala da Camara, fez-se a inauguração, da linha telephonica para Braga, sendo o sr. presidente da Republica o primeiro a falar, para o sr. dr. Manuel Monteiro, saudando n'elle a cidade de Braga, pelo novo melhoramento. Falaram tambem os srs. dr. Affonso Costa e ministro do fomento.

A saudação do sr. presidente da Republica á cidade do Porto

Porto, 31.—Como dissemos hontem telegraphicamente, o sr. presidente da Republica proferiu na camara municipal uma eloquente allocução, saudando o Porto. Essa allocução é do seguinte teor:

«Senhor Presidente da Camara!—Ill.mo Senhor!—O que o Porto tem contribuido para o desenvolvimento da Nação, só quem viveu nas nossas colonias do estrangeiro, e sobretudo entre os nossos irmãos do Brazil, póde exactamente avaliar. E' o fóco principal da arrojada emigração portugueza, a cujos prodigios de intelligencia e de coragem, tanto devemos. E eu, filho e neto de imigrantes, sei bem que rijo aprendizado moral elles aqui vieram receber com um seguro viatico contra os innumeros riscos da sua aspera carreira.

Eu mesmo passei n'esta cidade annos seguidos da minha juventude, educando-me em meio do labor honrado e da franca hospitalidade da sua gente.

Via-a então prosperar, quando o palacio de Crystal, erguendo-se como um padrão de nobreza, sob o lema—Progredior—abria as suas grandiosas naves não sómente aos certamens de trabalho nacional, mas ainda á convivencia e estreitamento dos laços sociaes. Eram os bons tempos do Porto liberal. Amorim Vianna publicava a sua «Defeza do Racionalismo». E a voz ardente de Guilherme Braga soava a soberba apostrophe: «Não fazem ninho os milhafres na caverna dos leões!»

Como todo o paiz, o Porto, havendo sido convulsionado quasi duas decadas pelas luctas intestinas dos proprios constitucionaes, pacificára-se e progredia, graças á corrente de liberalismo que preponderou entre os actos addicionaes de 52 e 84.

A reacção, porém, vivia dentro do regimen monarchico; e não tardou que, separando-se do povo as classes dirigentes, centralisados todos os poderes locaes nas mãos discrecionarias do Estado e todos os do Estado nas mãos do arbitrio regio, a anarchia da reacção dominasse em absoluto o regimen, que, na cega illusão do seu engrandecimento, não fazia senão enfraquecer-se, exautorando-se. Com a liberdade, a auctoridade desapparecia, tornando-se portanto imperioso, em nome da salvação publica, restabelecel-as.

Primeiro que ninguem, o Porto, que tanto soffrera pela implantação do constitucionalismo, lançou sobre os gravosos desmandos dos governantes as imperdoaveis responsabilidades e culpas do nosso decahimento interno e externo.

E, ancíadamente, á custa do proprio sangue, poude n'uma madrugada heroica arvorar no alto d'este antigo solar das suas franquias, como um inapagavel lampejo de fé propiciatoria do porvir, o pavilhão augusto das reivindicações nacionaes. Tal é o titulo de gloria que aureola para o nosso eterno reconhecimento os revolucionarios de 31 de janeiro.

Que seria de nós, sem o sacrificio patriotico de todos que, desde essa data memoravel, precursora de 5 de outubro, lidaram imperterritamente pelo resgatamento das nossas tradições liberaes jámais extinctas na alma popular? Como sem elles, restaurariamos a continuidade da nossa vida historica, ameaçada e quasi suspensa?

E como, sem a Republica, que, unindo estreitamente governantes e governados, nos rivigorou e enalteceu dentro e fóra do paiz, atravessariamos esta perturbante crise da guerra européia, que já felizmente nos vem encontrar com o credito recobrado e desperta a consciencia collectiva de todos os nossos deveres civicos, ainda os mais dolorosos?

Collocados pelo prestigio das novas instituições na vanguarda dos povos livres, o nosso resurgimento patenteia-se a olhos vistos no indefesso esforço que a audaz democracia portugueza envida para se remir dos oppressivos encargos do passado e alcançar como de direito lhe pertence, o alto nivel da civilisação contemporanea.

«E, para o levantamento das forças imanentes da nação, é admiravel o que tem feito com o mais affanoso empenho esta benemerita cidade, a cuja frente a administração republicana confirma dia a dia os fóros das suas virtudes já grangeadas desde os tempos da propaganda, quando ainda os poderes officiaes illaqueavam e constrangiam todas as boas vontades. A efficacia d'essas virtudes, dil-o praticamente com toda a eloquencia o grande emprehendimento que o Porto vae consagrar ao piedoso anniversario da revolução de 1891, inaugurando a transformação radical da cidade, que é tambem uma abençoada revolução, assim se honra dignamente a memoria excelsa dos cidadãos exemplares que, com o mais abnegado valor, se bateram e morreram pelas liberdades patrias.

A empolgante obra renovadora que diligentemente se está realisando aqui é bem a consequencia logica que augurávamos da nossa emancipação pela Republica. Os vaticinios que tantas vezes exprimimos, vão-se cumprindo. A nossa dignificação nacional insufla alentos a todas as iniciativas productoras e beneficas. O Estado e o Municipio solidarisaram-se, e o Senado portuense poude não só dispôr livremente dos recursos que d'antes lhes eram alienados, mas ainda alargal-os pelo apoio e concurso do poder central.

E' em testemunho d'esta grata solidariedade inquebrantavel, que venho, como chefe supremo da nação, dar aos legitimos representantes da cidade invicta um aperto da mão muito dedicado e muito reconhecido, associando-me de intimo de alma ás suas saudades e esperanças.

Em Lisboa

effectuam-se sessões solemnes, commemorativas da gloriosa data

A mais brilhante de todas as solemnidades, commemorativas do 31 de Janeiro, foi, por certo, a que promoveu o Centro escolar Dr. Magalhães Lima, dedicando-a ao seu presidente, o heroe d'essa data gloriosa, sr. Pedro Botto Machado. O vasto salão do antigo templo de S. Salvador, regorgitava, reunindo-se ali grande numero de creanças, educandas do centro promotor da commemoração, acompanhadas pelas alumnas do asylo Maria Pia, Patronato da Infancia, Escola Officina n.º 1, Cantina escolar de S. Miguel, Academia de Instrucção Popular, Centros Fernão Botto Machado, Alexandre Braga, Alberto Costa e Rodrigues de Freitas, todos ostentando os seus estandartes.

Entre a numerosissima assistencia conta-se o sr. Antonio Lima, representando o ministro do interior.

Pouco depois das 13 horas iniciaram-se os trabalhos da sessão, presidindo o sr. dr. Magalhães Lima, que se fez secretariar pelo architecto sr. Rozendo Carvalheira. O venerando democrata, patrono do centro, a quem a assistencia presta calorosa homenagem, fez o elogio de Pedro Botto Machado, enaltecendo o abençoado esforço d'aquelles seus companheiros que no Porto lançaram os alicerces ensanguentados da Republica. Em seguida a esse discurso, foram recitadas poesias, pelos alumnos das diversas escolas, usando ainda da palavra os srs. Tavares de Carvalho, Fernão Botto Machado e Rozendo Carvalheira.

A' sessão do Centro dr. Antonio José d'Almeida, presidiu o deputado sr. Mesquita de Carvalho, secretariado pelos srs. Encarnação dos Santos e Ribeiro da Silva. N'essa collectividade usaram da palavra os srs. Simões Raposo, Benjamim Jeronymo, Gonçalo Brandão, Antonio Santos, Damaso Teixeira, Constancio d'Oliveira e, por ultimo, o sr. Mesquita de Carvalho. Um grupo musical abrilhantou o acto.

A Sociedade Instrucção Militar Preparatoria n.º 9 tambem festejou a data com uma sessão solemne a que presidiu o major sr. Desiderio Beça, como representante do sr. ministro da guerra. Secretariam-o os srs. capitão Gregorio Geraldes, representando o inspector da 1.ª divisão e tenente Antonio Augusto Barbosa. Usaram da palavra os srs. Lino de Sousa Bayão, tenente Eduardo Scherley, capitão Antonio Tavares e major Beça, referindo-se todos os oradores ao 31 de Janeiro e aos seus heroes especialisando o coronel Coelho e tenente-coronel Malheiro.

O orpheon entoou varias canções entre as quaes «Patria e Saudade», «A Bandeira», «A Alvorada», etc. Um grupo musical tocou differentes trechos de musica, havendo no final um deslumbrante baile que durou até de madrugada.

Festejando a mesma data a direcção da Cantina de S. Miguel offereceu ás creanças que frequentam as aulas um jantar que constou de sopa de massa, carne cosida, carneiro guisado com batatas, fructa e vinho.

Manifestação junto dos tumulos de Buiça e Costa

Realisou-se hontem, conforme estava annunciada, a manifestação promovida pela Associação do Registo Civil á memoria dos seus associados Manuel dos Reis Buiça e Alfredo Luiz da Costa. Eram 13 horas e já á porta do cemiterio se encontravam o representante da Associação do Registo Civil e da Federação de Propaganda do Livre Pensamento, Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, Associação Feminina de Propaganda Democratica, Gremio Instrucção do Povo, Grupo Defeza da Republica Luz e Progresso, Gremio Excursionista Civil do Monte, Centro Solidariedade Republicana, Grupo França Borges, Junta de parochia de S. Sebastião da Pedreira, Commissão parochial republicana de Bemfica, Centro republicano de Santos, Centro republicano democratico Antonio Luiz Ignacio, Banda da Republica (Concentração Musical 24 de Agosto), Filarmonica dos Calceteiros Municipaes, etc.

Além d'estes representantes era grande o numero de assistentes, que pelas 13 horas e meia se dirigiram junto do mausoleu de Alfredo Costa e Manuel Buiça onde o sr. Conceição Leitão falou rememorando o sacrificio heroico dos dois socios da Associação do Registo Civil. Junto do mausoleu encontravam-se a mãe e a irmã de Alfredo Costa e a sogra e a filha de Manuel Buiça. De aqui dirigiram-se todos para o mausoleu de Heliodoro Salgado, como historiador do 31 de Janeiro, enaltecendo as suas qualidades e trabalhos o sr. Augusto José Vieira.

SPORT

NAPOLEÃO I, SPORTSMAN

cahiu varias vezes do cavallo

O imperador queixou-se a Isabey de que não era elegante a sua figura equestre

Napoleão Bonaparte, que foi o maior guerreiro de todos os tempos tem tido muitos historiadores, alguns dos quaes descreveram a sua vida intima, com minuciosos detalhes e pormenores de infimo interesse. Um dos historiadores, porém, que melhor descreveu o vencedor de Austerlitz, foi François Castanié, que indagou tambem do valor do famoso imperador como athleta. Taes conhecimentos adquiriu sobre esta particularidade de Napoleão que os jornalistas sportivos entenderam pedir ao eminente historiador alguns dados precisos. Eis por exemplo os que foram communicados a Rouzier-Dorcières:

—«... E' opinião corrente que era mau cavalleiro, peior do que era luctador, dançarino e esgrimista. Trinta annos a cavallo não bastavam para o tornar um especialista da equitação. Tambem que podia elle fazer contra um Lassalle ou um Murat? Murat! Este sim. Era o jockey; o Centauro! O imperador chamava familiarmente ao seu cunhado: O rei «Franconi» Murat!

«Na Escola Militar, Bonaparte seguiu os cursos do coronel d'Auvergne, o primeiro chefe de «manejo» d'aquelle tempo. O seu methodo, publicado pelos seus collaboradores e seus alumnos ainda hoje se lê com curiosidade.

—«E o imperador cahia muitas vezes do cavallo?»

—«Sim. Cahiu deante das tropas, nas Tulherias, na manhã de 18 Brumario. Mas, montava um cavallo muito fogoso, um cavallo d'um official de marinha e que o almirante Bruix lhe havia emprestado algumas horas antes.

«Tinha tambem cahido uns dias antes em Morfontaine, e esteve em riscos de se matar.

«Quando montava a cavallo, durante um d'esses ataques de colera tão frequentes depois de 1812, não era raro que cahisse do outro lado. Um dia cahiu por terra mas d'outra maneira. Foi na «retirada da Russia». O exercito arrastava-se sobre o gelo. A' sahida d'um bivaque, o imperador mal tinha montado a cavallo, ouviu de repente os gritos de:

«—A pé, a pé, como toda a gente...

«Desceu, agarrou n'um pequeno bastão e marchou á frente dos seus. Affirma-se que um relampago de satisfação atravessou o seu olhar, ouvindo esse protesto «roncado» da Velha Guarda, que attestava mais dedicação e fraternidade militar que os vivas do Carrousel».

—E qual era a sua posição a cavallo?

«A que representam os quadros de Isabey. Nos quadros officiaes tudo está idealisado».

—Mas nas gravuras de Isabey, o imperador apresenta-se um pouco corcundal?...

«E' verdade. Já no exercito de Italia, Gros que tinha seguido no seu Estado Maior o desenhou assim. Veja o seu «Bonaparte na ponte de Arcole». Napoleão queixou-se uma vez do facto a Isabey, zombando um pouco com elle. Sabe o que lhe respondeu o pintor?

«— Frederico-o-Grande, cidadão Primeiro Consul, tambem tinha as costas assim!...

—E o imperador utilisava muitos cavallos?

«No começo, sim; na Italia, nos dias de Rivoli, morreram debaixo d'elle, n'uma semana, tres cavallos por cançaso. N'esse momento, a febre devorava-o, a tal ponto que os seus inimigos diziam que «estava de tal maneira amarello, que dava gosto vel-o». Mas mais tarde, no Consulado, quando o serviço das grandes cocheiras se organisou, já as coisas eram differentes.

—E d'onde vinham os seus cavallos? Eram francezes, inglezes?

«A maioria eram arabes. Iam buscal-os a Damas e a Tripoli. A's vezes era preciso um anno para a viagem. Vinham tambem da Hespanha, da Inglaterra e da Russia. Os preços variavam de 60 a 600 escudos mas alguns exemplares attingiram dez contos. A estatura d'estes cavallos era de quasi 1m,50; a edade media 5 annos, mas alguns dos que vinham da Asia, passavam mais de 20 annos de serviço».

E o historiador citou alguns dos cavallos celebres do guerreiro, que hão-de constituir noticia para uma proxima nota d'abertura d'esta secção.

Notas do dia

Um torneio peninsular d'esgrima

Foi fixada a data de 18 e 19 do proximo mez de março para a realisação em Lisboa do torneio peninsular de esgrima de espada, entre duas «equipes» de jogadores, uma hespanhola capitaneada pelo notabilissimo mestre e atirador Lancho, com seis amadores, e outra portugueza capitaneada pelo campeão nacional e mestre d'armas Carlos Gonçalves e mais seis amadores.

Esta festa sportiva deve ter um bello caracter de confraternisação e de camaradagem, sendo possivel que, immediatamente, a «equipe» vá retribuir a visita a Madrid.

Os atiradores hespanhoes veem acompanhados de varios «sportsmen» madrilenos, entre elles o nosso amigo e talentoso jornalista Ricardo Ruiz Ferry, redactor do «Heraldo de Madrid» e director do «Heraldo Desportivo».

O desafio de «foot-ball» Porto-Lisboa

Effectuou-se no domingo o desafio de «foot-ball» entre os grupos selecionados pelas Associação de Lisboa e Associação do Porto. Foi pouco interessante, regularmente concorrido e terminou pela victoria de Lisboa por 2 «goals» contra 1. O desafio, porém, ainda hoje é discutido. Porque? Pela razão da pequena differença de «goals» que assignalou a victoria, facto que muitos explicam pela pessima organisação do «team» lisboeta, que não apresentou em campo, a «linha» que tinha sido designada e a Associação escolhera.

Algumas anecdotas

Adversario para temer...

Ha seis annos—precisamente em fevereiro—o jogador de socco Rampazzi, que annos antes os lisboetas viram no Salão da Trindade fazer «ju-jutsu» com Soyer, teve como adversario um inglez chamado Bill Cocayna.

Quando se annunciou a derrota do francez, um mestre de «box» disse com extrema simplicidade:

—Isso que admira? Um adversario d'esses é para adormecer toda a gente...

Esta foi-nos communicada pelo estudante J. A. Silva e refere-se a um caso succedido no Lyceu Pedro Nunes.

O 1.º «team» do «foot-ball» do Lyceu batia-se contra o «team» da Escola Medica, cujo «back» fez maravilhas e raras vezes falhou. Uma vez, porém, deixou passar a bola. Isso foi o bastante para os protestos serem terriveis da parte d'um grupo da assistencia. Um dos que protestava fazia-o «com pose» e affirmava que o jogador não servia para nada. E ainda a esta hora estava fazendo o seu discurso se outro estudante lhe não dissesse:

—«Olha amigo, dizem que o Papa se não engana; mas se jogasse o «foot-ball» com certeza não tinha tal fama...

Os grandes récords

O da assistencia aos desafios de foot-ball

Em Portugal os desafios de «foot-ball» que attrahiram maior numero de espectadores foram os do Bemfica contra o grupo escocez do Third Lanark e os ultimos realisados do Bemfica contra o Montriond Sport de Lausanne e Bemfica contra Sporting. Qualquer d'elles, porém, não foi além de 8.000 pessoas.

Agora vejam a differença.

Os maiores «records» de assistentes em desafios de «foot-ball» são:

—127.307 espectadores no desafio internacional realisado em Glasgow em 1912 entre a Escocia e a Inglaterra

—120.081 espectadores para a «final» da «Taça de Inglaterra» realisada no Crystal Palace em 1913 entre Aston Villa e Sunderland.

—70.060 espectadores no desafio da Liga Ingleza, em dezembro de 1909 entre Chelsea e Newcastle United.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Vela no Club Naval

Aproveitando os dois dias feriados partiu para o mar, em escola pratica de vela o palhabote «Nautilus» do Club Naval, largando no sabbado á meia noite e chegando hoje pela tarde.

A tripulação era formada pelos socios srs. Antonio Duarte, Estevão da Silva, Henrique Telles, Luiz de Magalhães, Manuel Rodrigues, Daniel Queiroz e Pestana Simões, commandados superiormente pelo «yachtman» Augusto Salgado, distincto instructor do Club Naval. Chegaram até alturas do Cabo Espichel não tendo continuado a sua rota pela falta de vento.

Todos deram mostras de grande coragem, mostrando quão valorosos marinheiros se estão formando nas escolas d'este prestimoso club, empenhado em levantar o agradavel «sport» da vela.

A bordo foram apenas amadores o que mais vem demonstrar a pericia dos seus tripulantes que chegaram a terra com as melhores impressões da viagem, animados em continuar estes passeios de uma grande utilidade pratica.

«O Norte Desportivo»

Recebemos o 1.º numero do semanario «Norte Desportivo», que se publica em Braga sob a direcção do sr. Abilio Brandão. Vem bem redigido, com excellente orientação, defendendo as melhores doutrinas, entre ellas a do escotismo e publicando larga informação. Desejamos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

No Club Naval de Lisboa

Augmenta extraordinariamente o enthusiasmo pela festa que o Club Naval realisa no proximo sabbado, 5 de fevereiro na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia e á qual presidirá o chefe do Estado, comodoro honorario do club.

Foi convidado tambem o ministerio, que prometteu honrar a sessão com a sua presença, esperando-se tambem a comparencia do corpo diplomatico que segundo nos consta não faltará dado o motivo do adiamento do dia 22.

A's 21 horas começará a brilhante «soirée», pela entrada do sr. presidente da Republica, a quem é feita a guarda de honra por uma força de marinheiros com a respectiva banda, havendo tambem um piquete de bombeiros voluntarios lisbonenses e um grupo de escoteiros.

A sessão solemne começará em seguida, usando da palavra os melhores propagandistas da causa sportiva, depois do que principiará a distribuição de premios que serão entregues pelo presidente da Republica, tocando uma banda regimental durante esta cerimonia, finda a qual começará o concerto por uma orchestra composta de eximios professores sob a regencia de um distincto maestro.

O programma do concerto foi alterado para melhor, havendo numeros de canto pelas mais distinctas cantoras da capital.

Informa-nos a direcção do club que os bilhetes para esta festa, são os mesmos da primeira vez, isto é, os que teem a data de 22 de janeiro, havendo para considado e socios que os tenham inutilisado ou perdido outros que serão distribuidos no club, todas as noites.

Pela instrucção

A inauguração d'uma escola

COIMBRA, 30.—O populoso bairro do Calhabé esteve hoje todo o dia em festa, por causa da inauguração d'uma escola de instrucção primaria, de ha muito tempo promettida e que bem necessaria era.

A's 14 horas houve sessão solemne, presidida pelo presidente da camara, sr. dr. Silvio Pelico, secretariado pela professora sr.ª D. Maria Arbina Ferraz e Joaquim Antonio de Faria.

A casa da escola estava engalanada, com singeleza é certo, apresentando comtudo um aspecto agradavel.

Usaram da palavra além do presidente da camara, os srs. Joaquim Gomes e Levi Correia e a professora. O sr. Joaquim Gomes prounciou um bello discurso, bem appropriado ao acto revelando mais uma vez a sua reconhecida intelligencia. O acto foi abrilhantado durante todo o dia por uma phylarmonica que em um coreto ao lado da Escola tocou variadas peças do seu reportorio.

Sociedade da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha portugueza recebeu da commissão organisadora do serão de arte realisado no salão de festas dos Recreios Desportivos da Amadora, na noite de quarta-feira, 19 de janeiro, o producto do mesmo, 26$18.

Movimento academico

Os alumnos da Escola de construcções, industria e commercio, reunidos em assembleia geral, resolveram voltar ámanhã ás aulas.

Colyseu dos Recreios

As recitas de opera lyrica

Hoje canta-se pela primeira vez a *Tosca* e amanhã em quinta e penultima recita extraordinaria da grande celebridade lyrica Kruceniski a ultima representação da opera de Catalani *Loreley*. Quinta-feira o *Othello* e na sexta-feira, na recita de accionistas, *Cavalleria Rusticana* e *Palhaços* pela ultima vez.

A prima donna Salomea Kruceniski faz a sua despedida no sabbado com uma recita verdadeiramente sensacional.

Battistini, o insigne barytono fará a sua estreia em recita extraordinaria com o *Ernani* na proxima terça-feira.

Era desejo da empreza que esta estreia se fizesse no sabbado, mas o publico de Barcelona quasi impoz á empreza do Theatro Liceo mais uma recita de Battistini que será mais uma noite de gloria para o incomparavel artista.

A falta da moeda meuda

Providencia que urge tomar

Escreve-nos o sr. J. C. T., enviando-nos um pequeno pedaço de cartão que lhe deram n'uma padaria da avenida Duque de Loulé como valendo meio centavo, e para o caso chama a nossa attenção, dizendo que dinheiro só se fabrica na Casa da Moeda.

Tem o sr. J. E. T. razão, mas o assumpto merece-nos algumas considerações. Não só na padaria que esse senhor cita, como em muitas outras se dá um pequeno cartão ou uma ficha em troco, quando não teem moedas de meio centavo. E comprehende-se—desculpe-se mesmo—que assim seja, desde que a lei terminou com essa moeda, mas que a pratica a mantem, continuando a haver nas transacções contas de meio centavo, ou 5 réis, como antigamente se dizia.

Ora a lei não pode, nem deve ser mais do que a sancção do uso e, como consequencia d'isso, parece-nos não só conveniente, mas mesmo indispensavel que disposições sejam tomadas para que continuem sendo cunhadas moedas de meio centavo. Evitar-se-hiam assim reclamações justificadas.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram ao hospital de S. José, á enfermaria 4, José Gaspar, varredor da camara municipal, morador no pateo do Colleginho, 5, aggredido com uma facada nas costas por Francisco Domingues, e José Manuel Rebello, rua do Guarda-mór, 4, que ao passar no largo das Duas Egrejas cahiu, ficando ferido no rosto e na cabeça; á enfermaria 5, João do Nascimento Santos, de 19 annos, morador no logar da Portella, concelho do Cadaval, que ali foi aggredido á cacetada, ficando ferido na cabeça.

"Resistencia"

Com este titulo começou a publicar-se em Coimbra um bi-semanario democratico, que se apresenta bem redigido, sendo seu director o sr. dr. Falcão Ribeiro.

Ao novo collega os nossos cumprimentos.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA DE OUREM, 28.—Um cão hydrophobo mordeu alguns animaes da mesma especie nas povoações de Caxarias e Pontes. O administrador do concelho mandou abater a tiro todos os animaes mordidos e suspeitos, tendo sido já mortos 49.

—Foram eleitos os corpos gerentes do Centro Republicano Portuguez que em breve tomam posse.

—Para Lisboa partiram os srs. João Salvador Marques da Silva e Carlos Augusto Magno, empregado da Misericordia de Lisboa, que aqui vieram proceder a uma syndicancia aos actos do facultativo dr. Costa Pinto.

—Respondeu no tribunal d'esta comarca o padre Abel Ventura, accusado do crime de aggressão na pessoa de D. Maria Mousinho, tendo sido absolvido. A sentença foi mal recebida.

COIMBRA, 30.—A commissão concelhia, administradora dos bens das congregações religiosas, vendeu hoje a madeira de castanho do passal de Santo Antonio dos Olivaes por 41$00.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Republicano de Belem.—Reune a assembleia geral no dia 10 de fevereiro, ás 21 horas, para discussão do relatorio e contas da direcção e do parecer do conselho fiscal. Por a séde estar em obras, a reunião realisa-se na rua Paulo da Gama, 12, 1.º.

Movimento maritimo

La Pallice e Gr. Br., «Araguaya» (Br.)
Gibraltar, «Roma» (New York)
Africa Oriental, «Salina» (Liverpool)
Brazil e Rio da Prata, «Amazon» (Liv.)
Bordeus, «Ligero» (Brazil)
Archipelago dos Açores, «Funchal»
Pern., Maceió, etc., «Spectator» (Liv.)
Br. e Rio Prata, «Sequana» (Bordeus)
Batavia, etc., «Insulinde» (Amsterd.)
Africa Oriental, «Loanda»
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)

Na fronte, para a defender, estava agora um outro pelotão, com a secção de metralhadoras e dois destacamentos de cavallaria de Strathcona, que tinham vindo em reforço sob o fogo das metralhadoras, pela abertura da esquerda. Tinham soffrido perdas e á tarde, quando o

O ex-kediva do Egypto

bombardeamento de novo recomeçou com violencia, os homens estavam exhaustos. Durante todo o dia não tinham tido nem de comer, nem de beber. A trincheira estava atulhada de mortos e de feridos e em muitos logares o parapeito tinha sido arrazado pelas granadas. Felizmente, uma nova companhia veiu em reforço para atacar á bomba na direita, mas teve pouco exito.

«O ataque tinha de continuar custasse o que custasse e na tarde seguinte, ás 6 horas e meia, juntamente com um assalto pela brigada contra a direita, foi proseguido até junto do pequeno forte, o qual ainda tinha de ficar para outra vez. Um ataque pela infantaria foi dado de noite. Quando o major Whitehead chegou ao parapeito, os allemães hastearam a bandeira branca e levantaram os braços. Um official e 36 homens—quasi metade d'elles feridos—entregaram-se com um canadiano que era seu prisioneiro. A preza tomada comprehendia o morteiro de trincheira, uma metralhadora, 400 espingardas, grande quantidade de equipamentos e um tambor.

«Toda a secção de trincheira tomada pelo batalhão tinha uns quatrocentos metros de extensão e fôra disputada palmo a palmo. Cinco officiaes haviam perdido a vida e quatro estavam feridos. Depois da lucta veiu o trabalho fatigante de reconstruir as obras de fortificação. Na noite de 26 os carabineiros estavam tão exhaustos que cahiram n'um somno profundo, sem se importarem com o que pudesse succeder. No dia 27 o batalhão foi mandado para outra parte da fronte.»

Como já dissemos n'outra parte, a divisão canadiana tinha, apoz a segunda batalha de Ypres, tomado parte nas ultimas phases da batalha de Festubert. A 20 de maio os intrepidos coloniaes haviam tomado o pomar que ficava perto de La Quinque Rue, o qual resistira aos esforços das outras tropas durante a ultima d'essas batalhas. No dia seguinte atacaram um reducto conhecido pelo nome de «Bexhill», que foi tomado no dia 24. Tanto n'essas como nas acções que se seguiram a artilharia canadiana distinguiu-se muito.

O dia 24 tornou-se tambem notavel por um ataque dado pelos allemães contra o saliente de Ypres. A's 2 horas da manhã começou um violento bombardeamento com gazes e granadas ao longo da fronte ingleza d'um ponto ao norte de Wieltje até proximo de Hooge. Simultaneamente uma grande porção de gazes asphyxiantes era descarregada dos cylindros que estavam nas trincheiras allemãs. Depois, o inimigo atacou das visinhanças de St. Julien, Zonnebeke e Bosque do Polygono.

Apoderou-se d'algumas trincheiras proximo da herdade de Shelltrap e de outras d'ambos os lados do caminho de ferro Ypres-Roulers e ao

Bruges. Os aviadores allemães no dia seguinte deram signal de si. Um causou um incendio em Aeltre, outro causou alguns estragos em Nancy. No dia 14, os aviadores francezes puzeram em sobresalto o quartel general allemão em Mézières-Charleville; outros, pouco depois, faziam estragos na estação do caminho de ferro militar em Freiburg.

No dia 19, um aviador francez atacava a estação de caminho de ferro de Strasburgo. Poucas horas depois, alguns aeroplanos francezes incendiavam os depositos de generos alimenticios em Mannheim.

Mannheim e Mülheim foram bombardeadas no dia 21; Friedrichshafen, no lago de Constança, e Leopoldshöhe, no dia 28, e a estação do caminho de ferro em Valenciennes no dia 30.

No dia 3 de maio, os aviadores francezes arremeçaram bombas sobre o quartel general do duque de Würtemberg. Um aeronauta allemão a 11 de maio atacou Saint Denis e um outro, a 22 de maio, a propria cidade de Paris.

Os francezes a 26 de maio mandaram uma esquadrilha de aeroplanos destruir fabricas em Ludwigshafen. O dia 7 de junho foi memoravel pela façanha do tenente Warneford, que destruiu um zeppelin entre Ghent e Bruxellas, emquanto outros aviadores inglezes bombardeavam proximo da ultima d'essas cidades um «hangar».

Uma semana depois, a 15 de junho, civis em Nancy foram mortos e feridos por aviadores allemães. Carlsruhe n'esse dia foi visitada por aviadores alliados e o castello que ahi existe soffreu alguns damnos. Esse bombardeamento foi uma represalia.

Zeebrugge, Heyst, Knocke e Friedrichshafen foram atacadas em fins de junho. Na Belgica, a 2 de julho, os «hangars» d'aviação allemã em Ghistelles, que haviam sido destruidos e reconstruidos, foram de novo inutilisados. Proximo de Altkirch um duello aereo entre aviadores allemães e francezes terminou pela derrota dos allemães. A 26 d'agosto um aviador inglez arremeçou bombas sobre um submarino allemão ao largo de Ostende, emquanto aviadores inglezes, belgas e francezes incendiavam grande parte da floresta de Houthoulst, que durante o fim d'agosto foi bombardeada quasi que diariamente. Concentrações de tropas allemãs haviam ahi sido assignaladas.

A 31 d'agosto o celebre aviador francez Pégoud foi morto n'um duello aereo proximo de Belfort, sendo a sua morte uma grande perda para os alliados. Tinha demonstrado extraordinaria coragem e audacia n'uma especie de lucta onde a coragem individual representa um grande papel.

Emquanto os aviadores alliados davam caça aos taubes e aos zeppelins e impediam ou pelo menos difficultavam as communicações dos exercitos allemães, na extensa linha de batalha a lucta continuava com a maior violencia. Na extrema esquerda da linha alliada os belgas, no periodo que acabamos de passar em revista, tinham mantido a sua posição. As aguas do Yser estavam seccando e a região desde o mar até ao sul de Dixmude transformára-se n'um immenso lodaçal. N'essa região deram-se alguns recontros de menor importancia.

A 4 d'abril, um destacamento allemão tomou Diegrachten e atravessou o canal de Yperlee. Foram obrigados a recuar para além do canal no dia 6. Tres dias depois, o inimigo, em jangadas providas de metralhadoras, tentou chegar a St. Jacques-Cappelle, no lado occidental do Yser, ao sul de Dixmude. Foi repellido pelos marinheiros francezes.

Reforçados, os allemães atacaram de novo, a 14 d'abril, proximo de Dixmude, mas sem resultado. Oito dias depois, a sua tentativa de tomar o castello de Vicoigne, na reintrancia do Yser, não obteve exito. A 26 d'abril empregaram os allemães ao sul de Dixmude alguns dos gazes asphyxiantes de que se haviam servido na segunda batalha de Ypres. Não puderam, porém, romper a linha belga.

Tres pontes de barcos, pelas quaes tentaram atravessar o Yser em Dixmude foram destruidas pela artilharia belga no dia 29. No dia anterior, um monstruoso canhão Krupp n'uma casa-matta de cimento proximo de Dixmude fez cahir algumas granadas em Dunkerke, matando alguns civis. Foi rapidamente posto fóra d'acção—pelo menos temporariamente—pelos aviadores e artilheiros alliados.

A 9 de maio, Nieuport foi violentamente bombardeada pelo inimigo, que tentou avançar sobre a praia, sendo, porém, repellido.

Os belgas iam por seu turno tomar a offensiva e no dia 11 conseguiram desembarcar na margem direita do Yser. Os allemães, no fim d'esse mez, de novo se esforçaram por avançar de Dixmude e entre essa cidade e a reintrancia do Yser. Os seus esforços não obtiveram resultado. Em junho, o monstruoso canhão ou, se esse havia sido anniquilado, outro do mesmo calibre de novo bombardeou Dunkerke. A 10 de julho houve uma escaramuça na Casa do Barqueiro, no canal do Yser.

Quarenta barcos inglezes bombardearam a costa belga de Ostende a Zeebrugge a 25 d'agosto. O objectivo d'esse bombardeamento era em parte a destruição da base de submarinos em Zeebrugge. O bombardeamento repetiu-se em setembro, sendo apoiado pela artilheria belga e franceza na fronte do Yser. O objectivo de Joffre era, ao que parece, fazer crêr ao commando allemão que estava a ponto de tomar a offensiva na Belgica com o auxilio de tropas inglezas que desembarcariam, vindas da Inglaterra, a leste de Nieuport. Fazer levar as reservas allemãs para a Belgica e para a Alsacia, emquanto elle rompia a linha inimiga no Artois e na Champagne, era apparentemente o seu plano.

A ala direita belga juntou-se ás tropas francezas que defendiam o canal de Yperlée nas proximidades de Ypres. As tentativas do duque de Würtemberg para conseguir desembarcar na margem occidental do Yperlée foram repellidas em toda a parte.

Desde o fim da batalha de Festubert na quarta semana de maio até ao começo da batalha de Loos a 25 de setembro, o exercito inglez esteve relativamente inactivo.

Os allemães, que haviam calculado que com os seus gazes asphyxiantes alcançariam na Flandres resultados semelhantes aos que Mackensen conseguira com a sua dominadora artilharia, conservaram-se, falando na generalidade, na defensiva, apoz o seu insuccesso na segunda batalha de Ypres.

Com grande desapontamento de grande parte da população de Inglaterra, sir John French imitou o exemplo allemão.

O numero de exercitados officiaes e particulares, que tinham obrado tantos prodigios de valor e demonstrado tanta audacia na lucta desde Mons, estava diminuindo constantemente. Era necessario tempo para completar o treino dos territoriaes e para transformar em soldados os bravos civis que se haviam alistado nos novos exercitos.

A artilharia pezada ingleza era ainda inferior em quantidade, se não em qualidade, á do inimigo. A enorme quantidade de granadas exigida pela guerra de trincheiras não estava fabricada por completo. A experiencia das batalhas de Neuve Chapelle, de Aubers e de Festubert, a experiencia dos francezes na batalha de Artois, tinham demonstrado que a arte da guerra havia sido revolucionada pelos altos explosivos, pela aviação, pelas metralhadoras, pelas rêdes d'arame farpado e pelo automobilismo.

«Festina lente», a maxima favorita do fundador do imperio romano, era agora a dos dirigentes inglezes.

Não se supponha, porém, que a ultima semana de maio, os mezes de junho, julho e agosto e as primeiras tres semanas de setembro tinham passado em absoluta tranquillidade para as tropas inglezas. Numerosos incidentes se haviam dado, que n'outra guerra teriam enchido columnas e columnas dos jornaes com a sua

descripção. Alguns d'esses recontros podem ser recordados em breves palavras.

O aspecto da lucta que se seguiu á batalha de Festubert na região de La Bassée é admiravelmente descripto por uma testemunha ocular. Diz ella:

«A lucta augmentou de intensidade durante quasi uma semana e os inglezes foram gradualmente abrindo caminho da esquerda para a direita, isto é, do norte para o sul, ao longo da antiga linha allemã. A situação geral era boa e a infantaria allemã estava dando signaes de desmoralisação, mas a extremidade direita do avanço inglez era ainda um logar perigoso e difficil.

«Parte das obras de fortificação do centro allemão haviam sido tomadas por uma carga em terreno aberto apoz um destruidor bombardeamento inglez. Os canadianos estavam guarnecendo o lado da antiga retaguarda, a principio mais fraca do que a fronte e agora violentamente batida pelas granadas inglezas. Todas as obras á esquerda haviam sido de tal modo destruidas n'uma extensão de mais de 200 metros que não offereciam abrigo algum.

«A trincheira de communicação que corria por detraz das antigas linhas inglezas havia sido feita a coberto da artilharia pezada allemã, pouco mais sendo do que um carreiro atravez do campo. Não só a communicação com a esquerda e a retaguarda assim se tornára perigosa de noite e quasi impossivel de dia, mas á direita havia ainda muitas centenas de metros de trincheira em mãos allemãs, com um forte na extremidade, no qual havia duas metralhadoras e um morteiro de trincheira.

«Um outro forte allemão havia n'uma trincheira de communicação que corria á direita pelo lado exterior da fronte das obras fortificadas do centro. Um contra-ataque á granada de mão podia começar d'um para outro momento de qualquer dos lados e se fôsse coroado de exito da trincheira de communicação, as tropas do lado da direita podiam ser cortadas e atacadas por ambos os lados.

«Duas companhias de Carabineiros dos Correios avançaram para tomar essa posição na noite de 22 de maio. Até ao dia 27 todo o batalhão esteve em trabalho ininterruptamente, ora apoderando-se de partes da trincheira á direita, ora tratando de consolidar a parte tomada e melhorando as communicações com a retaguarda. No avanço, as primeiras duas companhias encontraram o caminho atulhado de maqueiros que conduziam os feridos.

«O morteiro de trincheira allemão e os canhões ligeiros estavam sempre em actividade e ainda bem não estavam rendidas o esperado contra-ataque á bomba começou. Talvez que a intenção fôsse apenas de se defenderem, mas dentro em pouco o inimigo era repellido devido á coragem e ao enthusiasmo dos lança-bombas dos Carabineiros dos Correios.

«No dia seguinte era domingo. Foi um dia tranquillo relativamente aos anteriores, mas os artilheiros francezes e inglezes tiveram muito que fazer: houve pouco bombardeamento, mas houve muito trabalho nas obras de defeza. O grande esforço foi planeado para o dia seguinte, ao romper d'alva.

«A's 2 horas da manhã o major Whitehead atacou com a sua companhia pela direita e apoderou-se de 250 metros de trincheira. Depois d'essa extensão ter sido ganha, todos os lança-bombas estavam ou mortos ou feridos e dois dos trez officiaes subalternos da companhia tinham recebido ferimentos mortaes. Necessario se tornava parar e consolidar o terreno ganho. Entretanto os canadianos haviam tomado o forte na fronte por meio d'um ataque em terreno aberto. Durante mais de sete horas, os allemães bombardearam com a maior violencia. Pelo meio dia, os pelotões de esquerda tinham mais de dois terços dos seus homens feridos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1972—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camille Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 2 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

O maior dos problemas

Reune hoje novamente a Camara dos Deputados, e reune apoz acontecimentos graves que perturbaram a ordem social, evidenciando a acção de agitadores, sempre empenhados em complicar a situação da Republica, mas tambem pondo em foco a existencia d'um mal estar da população, a que é urgente dar remedio.

Já aqui nos referimos ao projecto de lei relativo á carestia das subsistencias, apresentado pelo sr. ministro do fomento. Esse projecto não foi ainda votado, nem a sua discussão se tem feito d'uma maneira tão rapida quanto as circumstancias o exigem. Contou-se essa discussão para levantar um incidente em que a principal preoccupação era protestar contra o facto de ter sido apprehendido pela policia só um jornal, e não dois, em virtude do transcripções que só podiam justificar a resolução constitucional que reintegrou a Republica na pureza dos seus principios. E a certa altura, quando o ministro apresentante do projecto lhe accrescentou uma base nova, e que ha todo o direito a julgar indispensavel, logo se denunciou contra ella uma attitude que nada tem de patriotica. Com effeito, em nome da minoria unionista, o sr. Jorge Nunes declarou que a não votaria, e o orgão d'esse partido, em grossas parangonas, perguntava alarmado o que é que ella significava.

Essa nova base consignava que o governo poderia requisitar em qualquer occasião os meios de transporte que fossem necessarios á economia nacional e que se encontrassem nos dominios da Republica, incluindo as aguas territoriaes.

Foi este ultimo ponto que provocou os protestos dos unionistas. N'essa disposição elles viam a possibilidade de serem aproveitados os navios allemães, que se encontram em aguas portuguezas para transportes indispensaveis á economia nacional, isto é, permittindo attenuar a carestia das subsistencias, e de preferencia a ficar-se n'um navio allemão immobilisado nos nossos portos, sem servir á Allemanha nem a ninguem, elles demonstravam acceitar as tremendas contingencias da fome.

Cremos que é esse o intuito da nova base do projecto do sr. ministro do fomento, e por nossa parte só podemos applaudil-o, sabido como é que n'estas mesmas columnas temos advogado o aproveitamento d'esses navios. Só poderiamos lamentar que ha mais tempo se não tivesse pensado n'elles para esse fim, ou qualquer outro que fosse de utilidade nacional.

O que torna mais irritante esta questão é que ha quem pareça olhar para ella com uma descaroavel indifferença assim como ha quem pense em aproveitar uma situação dolorosissima para especulações de toda a especie.

E' assim que consta ter ultimamente um argentario portuguez comprado por 600 contos todo ou quasi todo o azeite existente para as necessidades publicas, com o intuito verdadeiramente monstruoso de fazer elevar o seu preço, até ao ponto que entender. E' assim que vemos lavradores não quererem vender os seus gados pelo preço remunerador fixado para que elle possa ser vendido ao publico por um preço compativel com os recursos das classes pobres. Não consta que a relva dos prados com que os gados se alimentam venha da Allemanha e todavia esses lavradores querem um preço exaggerado por elles, e como é impossivel que lh'os dêem em Portugal vendem-o para Hespanha importando-lhes pouco que no paiz não haja carne.

Para corrigir estas especulações, para que os açambarcadores não consigam os seus fins, torna-se necessario, já que uma punição severa os não attinge, procurar n'outra parte o que falta na metropole. Ha milho e gados na nossa Africa, como tambem ha gados nas ilhas, mas não ha meios de transportes que permittam a sua vinda. Os fretes maritimos são onerosissimos e ainda assim precaria a circulação. Os navios allemães, aproveitados pelo governo portuguez, permittiriam obviar a essas difficuldades.

A's especulações mercantes, que promovem a carestia das subsistencias, ha a accrescentar as especulações dos agitadores, que d'essa situação se aproveitam para os seus malefícios. Como não nos cançamos de repetir, nos acontecimentos que se teem desenrolado em Lisboa ha uma destrinça indispensavel a fazer. Ha a fome? Decerto. Mas ha tambem o crime? Decerto. Os assaltos ás mercearias podem ser imputados á fome, mas o arremesso de bombas, fóra d'esses assaltos, nem com as paixões proprias dos conflictos se explicam. Não estavam tratando de se apoderar de generos os individuos que arremessaram uma bomba sobre uma força que ia passando, nem o que arremessou outra sobre policias que nem sequer o perseguiam.

O admiravel bom senso do povo, o seu patriotismo que até se sobrepõe ás exigencias do seu estomago e aos soffrimentos da sua miseria, permittiram que não alastrasse a insurreição que evidentemente se preparava, aproveitando o ambiente do seu mal estar. Mas é preciso que a esse patriotismo, a esse bom senso, a esse sacrificio, correspondam os que dirigem tratando de dar remedio, quanto antes, á questão da carestia da vida, que chegou ao ponto de se tornar incomportavel. Aproveite-se essa calma popular para solucionar, tanto quanto possivel favoravelmente para as classes pobres, essa questão gravissima, melindrosa, afflictiva e superior a todas as outras, de que podem provir irreparaveis catastrophes.

O regresso do chefe do Estado

De regresso da sua viagem ao Porto, chegou hoje no rapido o sr. dr. Bernardino Machado. Na *gare* aguardavam o chefe de estado os ministros da guerra, justiça e colonias, governador civil, general commandante da 1.ª divisão, general Carvalhal, commandante da guarda republicana, representantes do senado municipal, deputados e senadores e officiaes de terra e mar.

No largo de Camões formou um regimento de infantaria, com a respectiva banda, e um piquete de cavallaria, agglomerando-se o povo em todos os passeios.

O rapido a que vinha atrelado o salão presidencial chegou á *gare*, pouco depois da hora da tabella, ouvindo-se immediatamente as acclamações da assistencia á Republica e ao chefe de Estado. O primeiro magistrado da Nação vinha acompanhado pelo presidente do ministerio e os ministros e outras individualidades que lhe fizeram companhia na visita ao Porto.

O sr. ministro do interior tomou o rapido na estação de Campolide.

O sr. dr. Bernardino Machado deteve-se alguns instantes, junto do comboio, recebendo e retribuindo os comprimentos, organisando-se depois o cortejo. O chefe do Estado desceu no ascensor, emquanto a multidão tomava a escadaria que serve o largo de Camões, que, n'esse momento, apresentava um extraordinario aspecto de concorrencia.

A banda regimental executou a *Portugueza*, emquanto o chefe de Estado tomava logar na carruagem descoberta, acompanhado pelo sr. dr. Affonso Costa, Manuel Maria Coelho e secretario da presidencia sr. Maia Pinto.

N'outra carruagem tomavam logar os srs. tenente coronel Malheiro, Costa Leme, secretario do sr. presidente da Republica e Luiz Barreto da Cruz, primeiro official da secretaria da presidencia, encarregado do protocolo.

O piquete de cavallaria escoltou a carruagem presidencial que tomou a direcção da Avenida da Liberdade. A multidão irrompeu n'uma acclamação enthusiastica, levantando vivas á Patria, á Republica e ao chefe de Estado.

Instantes depois, o regimento que prestava as honras do estylo, retirara ao som d'um *passe-calle* e a praça retomam o seu aspecto habitual.

Catastrophe ferroviaria

Descarrila o rapido de Calais—O comboio incendeia-se — Dez mortos e vinte feridos

SAINT DENIS, 1.—O rapido de Calais, que deve regularmente passar na gare de Saint Denis ás sete horas, chegou esta noite com um atrazo de um quarto de hora pouco mais ou menos. Mal tinha passado a gare e chegava ás proximidades da ponto de Revolte a machina descarrilou sobre a esquerda arrastando comsigo quatro vagões. Era tão consideravel a velocidade do comboio 80 a 90 kilometros á hora que trez carruagens da cauda do comboio sahiram dos rails para a direita. Ficaram tombadas e despedaçadas quatro carruagens que formavam um montão inexplicavel de sucata, e donde partiam gritos lancinantes de mulheres e crianças. Quasi immediatamente os reservatorios que continham o gaz destinado á illuminação das carruagens incendiavam-se e em alguns minutos apenas o incendio apoderava-se de todos os vagões que tinham sido derrubados.—(*Havas*).

SAINT DENIS, 1.—O rapido procedente de Calais descarrilou ás 19,20 proximo da gare de Saint Denis, ficando derrubados e incendiados alguns vagões. Morreram 10 pessoas e ficaram 20 feridas.—(*Havas*).

EM TORNO DA GUERRA

UM ZEPPELIN SOBRE PARIS

O que foi a noite de 29 de janeiro—Mortes, feridos e importantes estragos materiaes

O presidente da Republica visita as victimas

Paris, 30 de janeiro

Após o ultimo raid de zeppelins, em março do anno passado, tomaram-se medidas especiaes de protecção, quer por parte do serviço de aeronautica militar, quer por parte da administração militar que, d'accordo com o governador de Paris, reduziu consideravelmente o numero de bicos de illuminação na via publica. Essas providencias suscitaram criticas, tendo-se considerado as precauções como superfluas, o que não era exacto.

A noite passada, os allemães renovaram o seu criminoso attentado do março de 1915. Um zeppelin lançou algumas bombas sobre Paris e foi perseguido pelos aviões. D'esta vez, houve muitos mortos e grande numero de feridos: mulheres, creanças e homens não combatentes. Varias casas foram damnificadas ou destruidas. Mas narremos os acontecimentos.

Acautelem-se!

Eram cerca das dez horas da noite. Os passeantes, numerosos nos boulevards, graças a uma temperatura primaveril, mostraram-se surprehendidos vendo grupos de agentes que apagavam rapidamente os bicos de gaz e extinguiam a illuminação electrica. Percebendo logo do que se tratava, a multidão, quasi ironicamente, soltou gritos diversos. Toda a gente se pôz de nariz no ar. Não tardou que os bombeiros fizessem a sua apparição, percorrendo as ruas em automoveis velozes e atroando os ares com os toques de corneta.

Esses toques produziram, porém, nos parisienses o effeito diametralmente opposto. Em vez de se metterem em casa, os que andavam na rua deixaram-se estar e os que estavam em casa correram para a rua. Cada qual procurava o sitio d'onde se desfructasse mais largo espaço de céu. Em alguns minutos, a praça da Concordia, a praça da Estrella, a praça da Opera estavam cheias de curiosos que os agentes não conseguiam fazer circular. Mas foi na colina de Montmartre que a multidão attingiu maiores proporções. Em menos de meia hora, em torno da basilica, centenas de pessoas fitavam o céu, procurando descobrir o inimigo...

Imersa na sombra, a grande cidade estava quasi invisivel. Mas d'essa sombra partiam feixes de luz que exploravam o ceu e que se cruzaram com os lançados pelos projectores dos fortes das regiões norte e nordeste de Paris. O ceu estrellado velára-se, por instantes, como que d'uma nevoa. Aviões, cujas projecções luminosas se destinguiam como grandes estrellas cadentes, iam e vinham n'uma ronda immensa e tranquillisadora. O grito de alerta era justificadissimo. A's nove e vinte, duas aero-naves allemãs, dois zeppelins, tinham sido avistados em La Ferté-Milon, dirigindo-o sobre Paris.

Os acontecimentos não tardaram a produzir-se. A's dez horas e dez minutos ouviram-se umas quinze explosões, formidaveis. Um dos zeppelins, que conseguira escapar ás investigações dos projectores e ás patrulhas dos aviões, navegava sobre um dos bairros de Paris e arremessara algumas bombas durante o seu trajecto.

Segundo informações hauridas em fonte muito auctorisada, o zeppelin só conseguira alcançar Paris graças ao estado do ceu e voando a uma grande altura, pelo menos de 3.500 metros. N'estas condições e como as nuvens estivessem muito baixas, foi impossivel ao serviço de guarda descobril-o.

As victimas

Rapidamente, organisaram-se serviços de ordem para conter a distancia a enorme multidão que as detonações haviam attrahido. Em quanto numerosos agentes cooperavam no salvamento das victimas, os bombeiros das diversas casernas tratavam de apagar os começos de incendio que se haviam declarado em varios pontos.

O presidente da Republica, acompanhado pelo ministro do interior, pelo governador de Paris e outras personalidades, saiu immediatamente do Elyseu para visitar os locaes attingidos pelas bombas allemãs. Uma d'ellas abriu um formidavel buraco com a largura de dez metros, abatendo a abobada do «Metro». A linha electrica ficou a descoberto. Felizmente, não passava n'aquella occasião nenhum comboio.

O sr. Poincaré e o seu sequito penetraram, em certa rua, n'um jardimsinho ao fundo do qual uma casa fôra destruida por um dos projecteis. Era horrivel o espectaculo. No pateo haviam-se refugiado duas mulheres e uma creança desconhecidas dos locatarios: as trez creaturas estavam mortas e quasi desfiguradas. O sr. Poincaré não se conteve e proferiu palavras de sentida indignação.

O cortejo official encaminhou-se depois para um predio visinho onde o espectaculo ainda era mais lugubre, mais doloroso. Sete cadaveres amontoavam-se n'uma especie de reducto. Estava despedaçado, em frangalhos, o papel que forrava as paredes e estas cheias de buracos, dos estilhaços da bomba, e salpicadas de sangue. Encontraram-se ali sete pessoas reunidas em uma pequena festa de familia, por causa da chegada do dono da casa, um «zouzou», estando presente o avô, um bem velho de setenta annos... Alem d'este pereceram: o sr. Petitjean, marceneiro, de quarenta annos; sua mulher, de trinta e trez; sua filha, de quinze; a sr.ª Leriche, de trinta e trez, e dois filhinhos d'esta, um de oito outro de seis annos. O presidente da Republica ficou commovidissimo diante d'aquelle quadro...

O mortifero engenho não só matou sete pessoas mas feriu tambem duas creanças filhas do dono da casa: um de doze e outro de dois annos. O sr. Petitjean, que pertencia ao 1.º de zuavos, sahira n'aquelle mesmo dia do hospital de Corbeil.

N'uma rua populosa, duas bombas rebentaram ao lado uma da outra; a primeira apenas derrubou duas paredes de uma propriedade e cavou no chão um profundo buraco; a segunda destruiu um pequeno predio onde habitava o sr. Bidanet, dos guardas da paz, que pereceu, bem como sua sogra, escapando a mulher que a força da explosão projectou a distancia. A casa fôra cortada em duas partes, verticalmente.

N'uma rua adjacente, outra bomba destruiu um predio de dois andares, occupado por uma hospedaria. Não só demoliu as paredes como tambem cavou um buraco de alguns metros de diametro, ao fundo do qual jazia a sr.ª Demarquet, de setenta e troz annos, que a morte surprehendeu no seu leito.

Outro locatario, o sr. Ballasse, sepultado nos escombros, conseguiu escapar não sem algumas contusões. O proprietario da hospedaria, o sr. Ruy, soldado de infantaria, que tambem chegára da frente, ficou gravemente ferido.

No prolongamento d'esta rua, uma bomba cahiu sobre um grupo de casas, formando quadrilatero. No primeiro andar de um d'esses predios, o sr. François, guarda da paz, ficou litteralmente decapitado no seu leito. A esposa, que dormia com elle, ficou levemente ferida no rosto.

Um rapaz que se achava de visita no mesmo andar, perdeu o olho esquerdo e partiu o braço direito. No segundo andar, residia o architecto Fayet, de sessenta e oito annos. A morte surprehendeu-o no leito. No terceiro andar, a sr.ª Mathis, de trinta annos, que tem o marido mobilisado, ficou levemente ferida n'um olho.

No quarto andar dormia, na sua pequena cama, uma menina de cinco annos. O desmoronamento que se produziu á sua volta não a despertou. Quando os bombeiros chegaram junto d'ella dormia ainda e assim a transportaram para a rua onde uma sua tia, ao recebel-a nos braços, suppoz por momentos que estivesse morta.

No rez-do-chão do mesmo predio, a explosão feriu uma senhora na coxa; n'um predio visinho ficaram feridas quatro pessoas.

N'uma grande rua situada a algumas centenas de metros, cahiram duas bombas; uma n'um predio de cinco andares, outra alguns metros mais abaixo, cavando um vasto buraco. Os cinco andares ficaram por assim dizer pulverisados. A sr.ª Filette, de quarenta annos, morreu na cama; o marido, empregado n'uma fabrica de guerra, e que dormia a seu lado, ficou gravemente ferido. Os bombeiros procuravam duas creanças que suppunha jazerem sob os escombros.

Parece que os projecteis tinham um peso superior a 50 kilos. A prefeitura da policia communicou uma nota á imprensa segundo a qual o numero de mortos se elevava a 23 e o dos feridos a 27.

A caça ao zeppelin

Assim que o zeppelin foi avistado, organisou-se no Bourget o serviço de protecção de Paris. Um dos aviadores, que tomaram parte na defeza organisada pelo sub-secretario da aviação, referiu assim o que se passou:

«Trinta apparelhos levantaram vôo vinte minutos depois do signal de alerta. Cinco encontraram o pirata que navegava a 4.000 metros de altitude. Só um avião poude approximar-se d'elle e dar-lhe combate a distancia de 50 metros.

Por debaixo de nós, a mil metros, uma camada de bruma impedia os projectores de dar o maximo de efficacia. Paris formava como que um buraco negro no meio da circumvalação melhor illuminada. Não ha duvida de que a acção da nossa esquadrilha impediu o bandido de levar a sua tarefa».

A guerra e o papel social da escola

Paris, 29 de janeiro

Perante uma numerosissima assistencia, realisou hontem o sr. Lefebure, director do ensino primario do Sena, uma conferencia sobre o papel social da escola e a guerra, presidindo ao acto o sr. Painlevé, ministro da instrucção publica. Começou por mostrar a perturbação que a mobilisação produziu no pessoal das escolas, visto que logo no inicio da guerra foram mobilisados 1.650 professores. Graças, porém, ao pessoal interino, graças á dedicação das professoras que, de bom grado, se encarregaram d'um grande numero de classes de rapazes sem professores, graças tambem aos professores das regiões invadidas, conseguiu-se evitar maiores difficuldades. Os resultados das providencias tomadas foram, em geral, excellentes. Houve, sem duvida, um certo deficit quanto a exames, mas o facto explica-se, em parte, com a ausencia dos chefes de familia que affrouxou a disciplina dos filhos. Notou-se, no emtanto, que o ambiente da guerra desenvolveu em alguns pontos a intelligencia infantil e varias composições francezas feitas sobre themas relacionados com os acontecimentos presentes mostraram uma notavel comprehensão do sentimento patriotico.

O sr. Lefebure falou principalmente do papel social da escola apoz a guerra. Considerou-o sob o triplice ponto de vista phisico, intellectual e moral, não receando entrar nos pormenores dos deveres que incumbem aos professores uma vez terminada a guerra e esboçar certas modificações profundas para que se evitem erros até agora praticados. Mostrou que o papel da escola devia consistir em desenvolver a personalidade do alumno e, simultaneamente, em dirigir os seus sentimentos para os actos de solidariedade.

Foi muito applaudida a passagem da conferencia em que o orador mostrou a necessidade de intensificar a lucta contra o alcoolismo e de promulgar leis que contribuam efficazmente para extirpar esse flagello que ameaça arruinar a raça, apoz ter dado um exemplo de vitalidade.

Em termos levantados, o sr. Painlevé, fez, em seguida, o elogio do corpo docente.

Os fructos da escola neutra, tal como a concebeu a Republica, estão patentes a quem sobre elles alimentava duvidas. Nunca a alma da França se mostrou mais bella e maior. A Republica pode orgulhar-se da sua obra escolar. De resto os professores e, em geral, sem fazer distincção entre os graus de ensino, todos os mestres da juventude esforçaram-se por prégar não só com a palavra mas tambem com o exemplo. A conducta admiravel de todos na linha de fogo, o avultado numero dos que se sacrificaram pela patria testemunham o seu valor incomparavel. Deram ali uma grande lição de solidariedade nacional, como a deram os que ficaram no interior. E' preciso que essa obra sobreviva á guerra.

As proezas d'um submarino allemão

NEWPORTNEWS, 2.—Um submarino que acabava de afundar um outro navio britannico apresou o vapor «Appam» ao largo das Ilhas Canarias. O «Appam» transportava alem dos passageiros regulares, mais 139 recolhidos de outros navios.—(*Havas*).

NEWPORTNEWS, 2.—Os nomes dos vapores afundados pelo agressor do «Appam» são: o «Trader» o «Arthur», o «Corbridge», o «Adriadne», o «Dromenby», o «Clannac Tavish» e o «Farringtin Ford». O navio agressor foi, segundo consta, o «Moewe». O agente dos armadores do «Appam» em New York, crê saber que o agressor era um pequeno vapor poderosamente armado. O «Appam» tinha a bordo 451 pessoas entre as quaes 138 sobreviventes, dos sete navios afundados pelo sobredito agressor.—(*Havas*).

LONDRES, 2.—Um telegramma official chegado a Londres diz que toda a gente de bordo do «Appam» está sã e salva.—(*Havas*).

A attitude da Inglaterra perante as diligencias para a paz

LONDRES, 1.—Communicado official do ministerio dos negocios extrangeiros britannicos:

O chanceller allemão declarou que a Inglaterra está compellindo os seus alliados a absterem-se de entrar em qualquer movimento para a paz.

Esta declaração, que os alliados sabem ser falsa, é feita com o fim de comprometter a Inglaterra aos olhos dos neutros.

Para uso dos alliados, foram por outro lado, postos em circulação boatos de origem allemã, insidiosos e falsos, que nos chegaram aos ouvidos, de que a Inglaterra tenciona abandonar os seus alliados tendo mesmo já feito *démarches* para a paz junto da Allemanha, as quaes esta ultima rejeitou.

Estas duas affirmações, consideradas conjunctamente, são uma boa demonstração da natureza pouco escrupulosa dos processos allemães.—(*Havas*).

Bombas sobre Salonica

ROMA, 1.—Um despacho de Salonica, diz que os aeroplanos inimigos lançaram vinte bombas incendiarias sobre aquella cidade, fazendo umas 50 victimas, todas pertencentes á classe civil.—(*Havas*).

SALONICA, 2.—Um zeppelin bombardeou Salonica lançando sobre a cidade vinte bombas, matando dois soldados gregos, cinco refugiados e seto operarios, e ferindo 50 individuos da classe civil.—(*Havas*).

Anglo-francezes nos Camarões

LONDRES, 1.—Official: Nos Camarões as columnas anglo-francezas apoderaram-se de Ebelowa, Elabe, Mafuh e Ngat, limpando todo o littoral dos inimigos. Mais de 700 allemães estão na fronteira hespanhola; um grande numero de desertores entregam-se aos franco-inglezes.—(*Havas*).

Crise ministerial russa

PETROGRADO, 2.—O sr. Goremikinef foi exonerado, por motivo de saude, das funcções de presidente do conselho de ministros e promovido a conselheiro privado de 1.º classe. O sr. Sturmer, membro do conselho do Imperio, foi nomeado presidente do conselho de ministros.—(*Havas*)

A campanha na Russia

PETROGRADO, 2. — Official. — Dispersámos acima de Friedrichstadt os allemães que tentavam romper o gelo do Dvina. No Strypa, na região de Boutchatche, repellimos uns grupos de inimigos. No Caucaso, na região de Torteu e Khines, perseguimos de perto os turcos.—(*Havas*).

Os zeppelins sobre Inglaterra

LONDRES, 1.—Official: Os zeppelins bombardearam hontem Norfolk, Suffolk, Leicestershire, Derbishire, e Staffordshire. As perdas foram 54 mortos e 87 feridos, os prejuizos materiaes não foram importantes.—(*Havas*).

Na frente italo-austriaca

ROMA, 1. — Official: Repellimos tentativas ao sul do Montrombo. No Isonzo a artilharia inimiga bombardeou a gare de Cormons do paiz de Morare. Houve algumas victimas civis.—(*Havas*).

Amilcare Cipriani enfermo

PARIS, 1.—O sr. Amilcare Cipriani, que foi ultimamente eleito para a camara italiana, foi atacado de paralysia, perdendo a fala. Está sendo tratado em casa d'uns amigos em Paris.—(*Havas*).

O que vae fazer a Grecia?

ATHENAS, 2.—Esperam-se declarações importantes na camara dos deputados, na quinta-feira proxima.—(*Havas*).

Cartas na meza

A visita presidencial

Porto, 31

Mais por motivos de caracter grippal do que por precaução de immunidade typhoidica, não assisti á recepção feita ao sr. presidente da Republica. Dizem-me no entanto que ella foi, como sua ex.ª, cordealissima, e revestiu o caracter de uma solemnidade perfeita. Parece que não faltou nenhum dos elementos de esplendor que são indispensaveis a estes actos, e, se assim foi, não posso deixar de felicitar os organisadores dos festejos. Eu penso que um chefe de Estado, detentor da suprema direcção e da suprema responsabilidade, tem de ser uma creatura quasi divinisada. Presidir de chapéu alto aos destinos de um povo é já diminuir a dignidade do cargo. Um chefe de Estado deve constituir quasi um symbolo. Só os symbolos são amados sem restricções. Tenho como certo, que se algum dia nos fosse dado vêr Deus em carne e osso, no mesmo dia deixariamos de crêr na sua existencia. Porque é o sr. dr. Magalhães Lima um livre-pensador? Porque, como o homem da zarzuella, não pensa em nada? Não, mas porque presumivelmente já conseguiu esprelitar o Todo Poderoso.

Um regimen vive especialmente do prestigio das suas grandes figuras. O que sobretudo perdeu a causa de D. Miguel, foi a noticia de que sua alteza pegava bois de cara. Pela mesma razão, o sr. D. Carlos deu a primeira machadada no seu throno n'aquelle dia em que pela primeira vez se exhibiu de chapéu á Mazzantini ou de jaleco alemdejano.

Um rei só póde ser visto pelo seu povo com todo o guarda-roupa dos grandes actos. Aquelle rei que ao povo apparecesse a uma janella do palacio em «robe de chambre», seria pelo mesmo povo lançado d'ella abaixo. Um rei deve ser mais imaginado do que visto. Em 1900 encontrei-me muitas vezes em Paris com o shah da Persia Mouzaffer-ed-Dine, Deus lhe falle n'alma. Era um tyranno. Dispunha no seu paiz da vida e da morte dos seus subditos como nós dispomos das das gallinhas da nossa capoeira. Pois acabou por me ficar uma creatura tão indifferente como um «sergent de ville». Por isso, pensando n'esse tyranno o contemplando a figura de um rei de carta de jogar, o da carta de jogar impõe mais respeito ao meu espirito do que o supremo senhor authentico de nove milhões de subditos.

Um chefe de estado, presidente da Republica, imperador ou rei, deve portanto ser visto muito de longe e aureolado de esplendores. Porque é que não ha grandes homens para os respectivos creados de quarto? Porque a intimidade desprestigia. Pensar que a linda Ignez só regulava as suas funcções intestinaes por meio de clysteres é diminuir-lhe a poesia e levar ao desalento o bom Anthero de Figueiredo.

Os republicanos do Porto recebendo o sr. dr. Bernardino Machado cordealmente e sumptuosamente deram uma prova de bom senso altissima. Nos tempos da defunta vi muitas vezes como eram aqui recebidas as majestades e altezas. Os penachos fluctuavam nos capacetes como bandeiras nos mastros; e as casacas rebentavam nos arcabouços como os foguetes no ar. Os esquadrões de cavallaria imprimiam aos cortejos o seu luzimento classico. O cavallo foi sempre um animal decorativo n'uma boa festa, e o sr. dr. Bernardino Machado lá os teve muito bem postos. Só a sua carruagem, que ficou assim um optimo estabelecimento, era puxada a quatro.

As democracias, porém, que não podem prescindir de todos estes elementos de prestigio por muito radicaes que sejam, teem para os seus homens o grande inconveniente de os considerar precarios, isto é, de pôr e tirar, como os taipaes e os collarinhos. Por isso eu não comprehendo que tendo-se dado hoje ao sr. dr. Bernardino Machado uma carruagem especial para sua ex.ª vir ao Porto, sua ex.ª ámanhã, terminado o seu mandato, tenha (se cá quizer voltar), de ir como eu ao «guichet» comprar o seu bilhete e pagar ao moço de fretes que lhe leve a maleta (e sobretudo a chapelleira) ao compartimento do «vagon». Estou a ouvil-os dizerem-me: «Já não é presidente da Republica». Bem sei. Mas é Bernardino Machado, e como Bernardino Machado é que sua ex.ª presidiu.

GUEDES D'OLIVEIRA

OS ACONTECIMENTOS

Lisboa volta á normalidade

Duas creanças feridas pela explosão d'uma bomba

O socego na cidade é completo, não havendo acontecimento digno de nota a não ser um pequeno caso que se deu para os lados dos Terramotos e a que abaixo nos referimos.

A vida de Lisboa entrou na normalidade. A policia, porém, continua nas suas diligencias a fim de apurar as responsabilidades que cabem aos individuos presos por tomarem parte nos assaltos aos estabelecimentos e nos ataques que se teem dado á força publica.

Quanto á explosão da bomba na rua do Jardim do Regedor, foram hoje interrogados pela policia varias pessoas, sendo acareados o bandarilheiro Leopoldo Alves e o pintor Arthur Manuel Gonçalves, não dando essa diligencia qualquer resultado. O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia, o seu ajudante sr. dr. Clemente Gomes e o chefe Albino Sarmento estiveram ouvindo diversas pessoas, tendo estado á tarde no governo civil o sr. José Tavares o vogal operario junto da commissão de subsistencias, apresentando o pedido de demissão visto não estar de accordo com o augmento do preço dos generos alimenticios.

Por andar provocando o guarda n.º 1675, quando andava de serviço na rua do Mirante, foi preso João de Sousa, morador na travessa das Trinas, 44, loja.

N'uns terrenos situados na rua do Arco de Carvalhão andavam hoje brincando varias creanças moradoras ali proximo. Não se sabe como, rebentou uma bomba de dynamite que alguem ali havia deixado abandonada. O estampido foi medonho, cahindo feridas duas das creanças, que foram removidas para o hospital de S. José. São elles: José Augusto de 3 annos, filho de Elvira da Conceição Guerreiro, moradora na rua do Arco de Carvalhão, villa Prado, 5, ferido na perna direita, e Victor de Azevedo, de 4 annos, filho de Luiz Nunes de Azevedo, morador no n.º 14 da mesma villa, ferido no hombro e olho esquerdos.

Depois de receberem curativo foram entregues aos seus paes, visto os ferimentos não serem de gravidade.

Os operarios das obras dos ministerios retomaram hoje o trabalho.

Na Camara dos Deputados

Discutem-se largamente os ultimos acontecimentos, que o governo attribue a agitadores de profissão

O sr. Almeida Ribeiro historia o que nos ultimos dias se tem passado em Lisboa. Fala, em primeiro logar, dos factos occorridos em Campo de Ourique. Logo que soube do que havia, o governo fez ir contra os amotinados forças da guarda republicana, as quaes foram recebidas a tiro. Dominados os motins e depois de assaltados alguns estabelecimentos n'aquelle bairro, foram feitas prisões e dispersados todos os grupos. Na Baixa, porém, quer na rua do Jardim do Regedor, quer n'outros pontos, foram arremessadas bombas, que feriram soldados, alguns gravemente. No dia 30, as explosões de bombas continuaram, sucedendo outro tanto na noite de 31. Fizeram-se por esse motivo rusgas, e quando um grupo de policias passava na rua do Jardim do Tabaco, foi contra elle arremessada uma bomba, que matou um guarda e feriu outros. Faz uma resenha de todos os factos já narrados pelos jornaes; diz que em varios pontos da provincia se deram tambem acontecimentos anormaes, tendo sido cortadas varias communicações telegraphicas e telephonicas. No Redondo, porém, os factos assumiram maior importancia, tendo o administrador do concelho sido violentamente aggredido. Estes movimentos foram acompanhados por manifestos incitando o povo á revolta e dizendo que os motins eram apenas motivados pela fome. Crê, porém, que semelhante justificação não passa d'um pretexto, porque não era destruindo generos alimenticios em abundancia que a fome podia ser attenuada ou debelada. Quando é que meios d'esta natureza podem resolver graves crises economicas ou de subsistencias, como esta, que é geral, que é de todos os paizes? O governo deve, por si, empregar todos os meios para a attenuar. Os meios postos em pratica nos ultimos dias para protestar contra a crise são verdadeiros actos criminosos e por isso não podiam deixar de encontrar por parte do governo, a mais energica repressão. E n'essa attitude se manterá o governo custe o que custar.

O sr. Alexandre Braga, generalisado o debate, diz que se os acontecimentos tivessem sido motivados pela fome, teriam sido expontaneos e não precisariam sido expontaneos e não precisa. A seu vêr, elles constituem mais um elo da cadeia de tentativas criminosas, que desde sempre se tem posto em pratica contra a Republica, para impedir os seus governos de realisar uma obra patriotica e proficua. Devem, porém, os agitadores saber que a violencia é o peior dos meios para solucionar crises como aquella que a guerra europeia desencadeou entre nós como em toda a parte. E sendo assim, para que puzeram em pratica essa violencia? A seu vêr, a explicação já a deu. Trata-se de uma nova tentativa dos profissionaes da rebellião contra a Republica, que nenhum republicano ou nenhum portuguez pode applaudir. E' preciso pôr, quanto antes, termo a esses actos criminosos, e n'esse sentido o governo tem de adoptar as mais energicas medidas. Urge não dar curso a campanhas que, sendo feitas por suppostos republicanos, o são contra a Republica. Quem fere a Republica não pode ser republicano. A nação que trabalha exige que sejam castigados todos os perturbadores, quaesquer que elles sejam, venham d'onde vierem, quer se mostrem bem á luz do dia, quer fiquem escondidos na sombra. Contra todos elles, espera a maioria que o governo tome as mais energicas providencias, porque semelhante estado de coisas não pode continuar.

O sr. Costa Junior contesta a accusação que o sr. ministro do Interior fáz ao operariado da Covilhã, arguindo-o de ter tomado parte nos acontecimentos d'agora. Esse operariado está apenas em gréve, reclamando melhoria de situação que ainda não alcançou. Lamenta que o governo não haja adoptado ainda medidas tendentes a attenuar a crise das subsistencias, a qual, de ha muito, vem provocando, por parte dos trabalhadores, as maiores queixas; e affirma que o partido socialista, como

partido d'ordem que é, não tomou parte nos factos anormaes acontecidos em Lisboa e no resto do paiz. O sr. Simas Machado condemna tambem o que se passou e diz que o estado de perturbação que se creou em Portugal não póde continuar.

Disse-se na Camara que os motins dos ultimos dias foram provocados por agitadores politicos. Os deputados evolucionistas não vão n'essa corrente. Os factos anormaes onde se deram? Nós bairros populares. Crê, pois, que se o governo não tentar remediar até onde fôr possivel a crise das subsistencias, factos bem mais graves do que os de agora hão de dar-se mais tarde ou mais cedo. E' preciso que se siga o exemplo lá de fóra e urge não enveredar pelo caminho das arbitrariedades, que só póde ser prejudicial á Patria e á Republica. O sr. José Barbosa declara que a União dá todo o seu apoio a quantos governos queiram manter a ordem. Disse o governo que os acontecimentos tiveram incitadores. Pois que declare quem incitou, para que se saiba quem é que agitou e perturbou a ordem. Quem agita o paiz n'este momento—é esse o seu parecer—é a crise economica. Se nos encontramos sem preparação para a guerra encontramo-nos ainda com menos preparação para a defeza economica. O governo não tem, para a manutenção da ordem, a confiança do seu partido. Mas se a ordem depende d'elle, não será o partido unionista que praticará actos que o possam impedir de cumprir a sua missão.

O sr. Julio Martins recdita o que o governo disse na nota officiosa que forneceu á imprensa, onde disse que os acontecimentos eram provocados por agitadores e por individuos relacionados com as casas de jogo. E todavia, vindo hoje ao parlamento, o governo não declara quem são esses agitadores. E' estranho que aconteça assim. Crê, porém, que a crise economica, que é pavorosa, é a causa d'esta perturbação tremenda. O que tem feito o governo para debellar essa crise? Que medidas tem tomado? Até onde tem ido a sua acção? Ninguem o sabe, porque no seu activo o governo não tem senão a lei das sobretaxas e a lei das subsistencias. Não basta. Quem vive na abastança não póde avaliar até onde vae a miseria publica. Ella, porém, é enorme e augmentará todos os dias. O governo, para reprimir os ultimos acontecimentos, invadiu associações e fez buscas atrabiliarias. Tem sido, por isso, excessivo. Ha um fundo de mal estar na sociedade portugueza? Não dirá que não. Os proprios correligionarios do governo, revolucionarios do 14 de maio, são os primeiros a denuncial-o.

O sr. Alexandre Braga volta a falar para esclarecer palavras que da primeira vez proferiu. Os acontecimentos que se discutem tiveram a provocal-os intuitos politicos. Não tem duvidas sobre isso, sem que todavia, a sua convicção queira impôr-se a quem quer que seja. E tem razões para pensar assim, porque desde muito tinha conhecimento do que ia dar-se, como acontecia com muitas outras pessoas. Se fosse a fome a determinante dos conflictos, é crivel que elles se annunciassem com tanta antecedencia? Pedem-se, ao governo, factos concretos, em vez de se fazerem vagas affirmações. Acha isso absurdo. Nunca se fez semelhante coisa em parte nenhuma do mundo. Entretanto, as suas affirmações não foram feitas no ar. Assentam na mais rigorosa justiça. Portugal, apezar das perturbações provenientes da guerra, é ainda o paiz onde a vida economica corre menos difficil. Isto é que é preciso dizer, porque isso é absolutamente patriotico. O sr. Julio Martins accusou-o de não ter sempre procurado evitar acontecimentos perturbadores da ordem. Porque motivo? Aonde viu elle isso?

O sr. Julio Martins:—Na imprensa!

O orador continua e diz que os partidos não são responsaveis por aquillo que dizem jornaes que se julgam partidarios. O governo, para attenuar a crise das subsistencias, tem feito muito. Não attingem as medidas proclamadas completamente o seu fim? Que culpa tem o governo d'isso? Pretendeu-se fazer opposição politica com este incidente. E, todavia, o que acontece em Portugal aconteceu em toda a parte, sem que os governos tenham sido accusados de imprevidentes. As opposições teem collaborado tanto com o governo que nem sequer lhe concederam urgencia para o seu projecto sobre as subsistencias. Onde está então a sinceridade das opposições? Nas suas palavras ou nos seus actos? Recorda o que se passou com o projecto auctorisando a importação do trigo, o qual, por ser propositadamente demorado, custou á nação centenas de contos. Defende as classes trabalhadoras, mas não transige com os profissionaes da agitação e com os vadios que são os agitadores. Foi por isso que aconselhou ao governo o maior rigor no castigo dos que, nos acontecimentos passados, tiverem responsabilidades. O governo não praticou ainda violencias, não podendo ser considerada assim a prisão, n'uma collectividade suspeita, de varios individuos que ali foram encontrados. A lei tem sido cumprida e ainda não foi preciso excedel-a para castigar os suppostos implicados nos motins dos ultimos dias. Com a verdade é que se defende a Republica. Por isso a diz, sem temor de se ver desmentido.

O sr. Julio Martins põe em contraste as declarações do sr. Alexandre Braga e o procedimento do governo. Se este sabia do que se tramava porque não o evitou? Quanto á importação de trigo, o «leader» democratico não conhece o que se passou. As opposições foram as primeiras a declarar que auctorisavam o governo a importar todo o trigo necessario para o consumo, como não se recusaram a votar a urgencia. Mais: Se elle foi approvado, deve-se isso ás minorias, que prorogaram a sessão e consentiram que elle fosse votado sem numero. A maioria não estava na sala. Disse, é certo, que a imprensa democratica tinha feito affirmações sobre varios motins como os ultimos. E porquê? Porque o chefe do partido democratico já por mais d'uma vez disse que tudo o que se escreve no seu orgão corresponde ao seu sentir.

Uma voz:—Não. O que elle disse foi que, se escrevesse, escreveria assim!

Se o governo não tiver outras medidas para promulgar, continúa o orador, factos anormaes hão de continuar a dar-se. Sempre que se dão casos d'esta ordem, é assaltada aquella aggremiação politica como o foi agora. Para quê? Para os seus socios serem postos em liberdade vinte e quatro horas depois. Os responsaveis pelos acontecimentos d'agora são os democraticos, que são victimas das suas affirmações, como está acontecendo com os revolucionarios do 14 de maio.

O presidente:—Tem a palavra o sr. ministro do interior!

Uma voz:—Agora sim, é que a questão vae ser posta.

—Lá vem uma chuva miudinha!

O sr. ministro do interior corrige as suas affirmações em relação á grève da Covilhã, declarando não ter duvida em reconhecer que ella nada tem com os actuaes acontecimentos.

Migalhas

Invectivas de Praxêde

Para chegar á porta do Praxedes esta manhã foi um sarilho de seiscentos diabos. Imaginem que elle mora, como sabem, na rua de S. João dos Bemcasados. Ha tres noites o bairro de Campo de Ourique esteve em convulsão. Por isso o nosso amigo tratou de se barricar em casa, de estender na escada linhas de arame farpado e de dispôr no patamar varias fontes de gazes asphyxiantes, mais vulgarmente conhecidos sob o nome de caixotes do lixo. E' quasi tão difficil entrar-lhe em casa como nas linhas do Yser.

Fui encontral-o na casa de jantar passeando em chinellos com uma bengala de cana da India debaixo do braço. Tantas voltas dava, monologando para os seus botões, que parecia as escadinhas do Fala-Só.

—«Por causa de você é que tudo isto acontece, berrava elle. Por causa de você é que isto chegou a este ponto. As compras da mercearia estão pelo dobro. Quer-se carne e não ha. O bezugo está pelo preço da baleia. O vinho encareceu e já nem se pode beber agua por causa da febre tiphosa. O povo anda exaltado. A fome é má conselheira. Os agitadores acham o terreno preparado. O meu tendeiro foi á viola, quando afinal, coitadinho, não tem culpa de nada e só os açambarcadores e os exportadores se teem valido das circumstancias. Não sei o que você precisava. O que lhe vale a você é que eu sou uma pessoa incapaz de crear difficuldades diplomaticas ao governo do meu paiz, quando não era muito capaz de lhe partir a cara, ouviu?

E Praxedes alçava o macarrão de canna da India, ameaçando uma cadeira de palha tranquillamente encostada ao aparador. Deitei para lá os olhos e percebi tudo. Praxêdes estava descompondo o nosso primo Guilherme II, imperador de todas as Allemanhas, cujo retrato recortado da «Illustração Franceza», o nosso amigo prendera com dois alfinetes a um pacatissimo almofadão de tapete representando a torre de Belem.

André Brun

UM ESCLARECIMENTO

Missões portuguezas no Sul de Angola

Alludindo á annunciada interpellação do sr. deputado Jorge Nunes ácerca de uma famosa missão luso-allemã que operava no Sul de Angola quando se declarou a guerra europeia, referimo-nos brevemente a boatos que teem corrido de fabulosas despezas que essa missão implicou. E' conveniente esclarecer-se, comtudo que, na realidade, houve duas missões: uma luso-allemã e outra exclusivamente portugueza, nomeada em 20 de abril de 1914, e de que faziam parte os engenheiros srs. Marques de Amorim e Carlos Duque, o medico sr. dr. Wolfango da Silva e o agricultor diplomado sr. Alfredo da Costa e Andrade.

Esta missão obedeceu á necessidade de se contrabalançar a possivel influencia da primeira, cuja nomeação, combinada entre o ministro dos estrangeiros e o sr. Wenistein, se fizera por motivos de ordem diplomatica.

Era á missão luso-allemã que pertencia o famoso Schubert, e d'ella faziam parte os coroneis srs. Roma Machado e Manuel Coelho, que só recebiam do governo portuguez os seus soldos.

Quanto á missão exclusivamente portugueza, a situação de Angola, ao fim de quatro mezes, não permittiu que continuasse a execução do seu programma, que consistia em estudar a rede ferro-viaria da provincia ao sul do parallelo 14º. N'essas condições, recebeu ordem de retirar para a Europa, onde os seus membros reclamaram o cumprimento dos seus contractos no que respeita a vencimentos, o que, segundo parece, ainda até agora lhes não foi concedido.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Chellas F. Club—Reune em assembleia geral d'ámanhã, pelas 21 horas, a fim de tratar d'assumptos de importancia para o Club e seus socios.

Club Estephania.—Reune amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, para discussão do relatorio da direcção e eleição de corpos gerentes.

Cooperativa Popular de Construcção Predial.—Para resolver sobre a 2.ª parte da ultima assembleia geral, reune hoje, ás 21 horas, a assembleia geral.

Empregados de hoteis e restaurantes.—Reune ámanhã, ás 21 e meia horas, a assembleia geral, para eleição da meza e apresentação do relatorio e balancete das contas geraes do anno anterior.

Commissão de Propaganda da Associação do Registo Civil.—Esta commissão, que reune hoje, pelas 21 horas, em sessão ordinaria, convidou o sr. dr. Felix Horta a realisar no proximo domingo, a 3.ª conferencia da 1.ª serie de 1916. Como sempre, é publica a entrada e livre a controversia.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Tribunaes militares

No 2.º tribunal militar realisa-se ainda este mez o julgamento do soldado n.º 179 do 1.º batalhão do grupo de metralhadoras n.º 1, que em 17 de abril do anno findo assassinou na parada do Castello de S. Jorge, o tenente Ferreira. Preside o coronel sr. Esteves Pereira, sendo juiz auditor o sr. dr. Alves Ferreira, promotor de justiça o capitão sr. Adrião e secretario o tenente Olympio de Mello.

Festa artistica de Augusto Rosa

Uma das noites de mais caloroso enthusiasmo da temporada é a do proximo sabbado, no Republica, em que se realisa a festa artistica de Augusto Rosa. As suas recitas são sempre noites artisticas e de reunião elegante, por isso no sabbado toda Lisboa se reune no theatro Republica.

Representa-se a celebre peça de Bernstein, *Samsão*, uma das grandes corôas de gloria do illustre artista. A'manhã principia a venda avulso dos bilhetes.

Concertos Blanch

Wagner—Beethoven—Mozart e outros grandes compositores no Republica

No proximo domingo Lisboa inteira, a Lisboa elegante, a Lisboa artistica dá «rendez-vous» no theatro Republica no assombroso concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch. A concorrencia á bilheteira tem sido enorme, e o programma justifica isso, pois que ninguem quer deixar para a ultima hora a procura de bilhetes.

Executam-se pela 1.ª vez, este anno, a celebre *Cavalgada das Walkyrias* e a *Marcha funebre de Siegfried*, do grande Wagner, os dois extraordinarios successos da Orchestra Blanch, sendo a orchestra bastante augmentada conforme as exigencias da partitura, e que com as magnificas condições acusticas do novo theatro devem resultar excepcionalmente brilhantes. Além d'isso executam-se tambem a *8.ª Symphonia*, a mais inspirada do immortal Beethoven e a obra que elle mais amava; em 1.ª audição *L'apprenti sorcier*, de Dukas, que ha muito havia anciedade em ouvir, a *Flauta magica*, de Mozart, e outras obras notaveis. E' o mais grandioso programma que n'estes ultimos tempos se tem organisado.

No Salão Foz

Os espectaculos no Salão Foz estão em pleno successo. Les Beriguardis, dueto lyrico de enorme valor, tem recebido todas as noites justos applausos e outra coisa não era de esperar sabendo-se que Aida Saroglia faz parte d'esse magnifico dueto. O seu programma é variadissimo tendo escolhido para sexta feira para a recita da moda, o rondó da Lucia cantando o tenor Florentia o ed amar da Gioconda. Los Gitanillos são incontestavelmente os reis das danças andaluzas e a attestal-o estão as palmas recebidas todas as vezes que se apresentam. Hoje, a troupe Piohel faz a sua despedida do publico havendo ámanhã a estreia das Papillons 8 interessantes bailarinas.

O 14 DE MAIO

Soldado condemnado a pena maior

No 1.º tribunal militar, a que presidiu o coronel sr. Esteves Pereira, sendo juiz auditor o sr. dr. Antonio de Campos, promotor de justiça o capitão Abreu de Castro e secretario o alferes Marques Beato, respondeu Manuel da Fonseca, soldado n.º 288 de artilharia n.º 1, accusado de em 17 de maio do anno findo, na Alameda das Linhas de Torres, disparar á queima roupa dois tiros de espingarda contra o guarda de policia n.º 490, Abilio de Albuquerque, que esteve bastante tempo entre a vida e a morte. O accusado foi defendido pelo tenente coronel sr. Alvaro da Camara. O jury deu o crime como provado, pelo que o reu foi condemnado em 6 annos de prisão maior cellular, seguidos de 10 de degredo ou em alternativa por 20 annos em possessão de 1.ª classe.

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

A carestia da vida

e os tumultos que se produziram recentemente em Lisboa

O que se passou hoje na Camara

Uma grande parte da sessão da Camara dos Deputados foi hoje consagrada á discussão dos acontecimentos que trouxeram alarmada durante os ultimos dias a cidade de Lisboa. O sr. ministro do interior repetiu as explicações que tinha fornecido no Senado e que já eram, por sua vez, decalcadas na nota officiosa enviada aos jornaes.

Depois de usarem da palavra representantes das opposições falou novamente, em nome da maioria, o sr. dr. Alexandre Braga. Com extraordinaria vehemencia, mas sem embaciar, um momento sequer, o impeccavel brilho com que o grande orador exprime sempre as suas affirmações, elle protestou arrebatadamente contra os desalmados especuladores que não hesitam servir-se da miseria do povo para justificação das mais revoltantes façanhas. Não! A carestia da vida não foi *a causa* dos assaltos e das explosões de bombas. Ella foi o *pretexto* para um desencadear de odios que obedecia a um programma certo, de antemão estabelecido em prévias reuniões onde se concertou o plano criminoso a effectivar. Tudo isso o sr. dr. Alexandre Braga salientou, pedindo ao governo que castigasse com justiça os responsaveis por aquelles acontecimentos.

Ha uma affirmação do grande tribuno que se deve pôr em merecido destaque: —é de que as terriveis consequencias economicas da guerra ainda se não fizeram sentir tanto em Portugal como nos outros paizes da Europa. Quer dizer: a capacidade patriotica do sacrificio do povo portuguez ainda não foi posta tanto á prova como em muitas outras nações, porque para todas o momento é angustioso. Como comprehender então que, sem um motivo occulto de caracter pertubador, se produzissem os acontecimentos que ameaçavam alastrar-se, á mesma hora, por todo o paiz?

Já não é a primeira vez, de resto, que acontecimentos d'essa natureza se produzem, com pretextos varios ou sem pretexto algum. Ainda no tempo da Constituinte, foi a questão do azeite uma das que provocaram disturbios, exactamente como o celebre caso das chinezas foi explorado para manifestações contra o Parlamento e contra a Republica.

Quer isto dizer que a carestia da vida não attinja as classes trabalhadoras e até as remediadas? Por fórma alguma. A situação, já hoje, é dolorosa, e o futuro ainda se desenha com mais sombrias côres. Ao Parlamento e ao governo compete empregar todos os esforços no sentido da crise ser attenuada. Mas empregal-as com urgencia, com dedicação, com efficacia.

Os tumultos, os assaltos, as grèves, muito longe de facilitarem a solução do problema, só podem servir para aggraval-o, criando um estado social incompativel com o aproveitamento de todas as energias uteis. Ao governo incumbe o dever, muito principalmente, de evitar que vão por deante os criminosos manejos dos açambarcadores de officio, d'aquelles que procuram locupletar-se á farta com a miseria do povo. São tão criminosos esses manejos como os dos agitadores profissionaes que pretendem impellir as classes populares para a desordem, para o saque.

Não é justo affirmar-se, como hoje se affirmou na camara, que os governos nada teem feito para attenuar as desastrosas consequencias da crise economica que atravessamos. Basta citar este facto: actualmente o Estado importa o trigo e vende-o com um prejuizo de perto de 2 centavos em cada kilo. Para quê? Para que o pão não augmente de preço. Isso representa um encargo de milhares de contos—dinheiro que o povo deixa de pagar no pão que consome.

São precisas outras medidas, de mais largo alcance, para evitar o aggravamento da situação presente? Sem duvida, e muitas vezes as temos reclamado. Mas o Parlamento não deve ser apenas uma reunião d'algumas dezenas de pessoas onde umas, systematicamente, dizem que sim a tudo o que os governos fazem, e outras, tambem systematicamente, dizem que não. Ao Parlamento, como entidade legislativa e não como assembleia onde teem representação os agrupamentos partidarios com os seus correspondentes odios e divisões, incumbe a tarefa de solucionar o mal tanto quanto possivel. As suas responsabilidades são eguaes ás do governo e dividem-se por todos os partidos. N'uma questão d'esta natureza não ha interesses partidarios nem se explicam propositos de systematica opposição. Esta sabe o que é preciso fazer para debellar o mal? Pois indique o remedio, se não julga as providencias adoptadas até agora pelo governo nem as melhores nem as de mais rapido alcance.

Os acontecimentos

Bomba encontrada por creanças

Cerca das 18 horas, varios menores andavam brincando na calçada do Monte, quando um d'elles, de nome Dario de Figueiredo, foi descobrir uma bomba que estava embrulhada em papeis e mettida n'um buraco do muro que dá para a cêrca do quartel de infanteria 5. O guarda 1.718, da 12.ª esquadra, vendo o pequeno com a bomba nas mãos tirou-lh'a e com todo o cuidado conduziu-a para a esquadra e depois para o governo civil. No local juntou-se muita gente.

Commissão de subsistencias de Lisboa

Sr. redactor.—Profundamente magoado com os ultimos acontecimentos e vendo que o parlamento ainda não votou o projecto das subsistencias, correndo por isso com morosidade tão importante questão, ha cerca de 40 dias, e continuando na mão do gananciosos o problema da carestia da vida, declaro quo deixo de fazer parte da commissão de subsistencias do concelho de Lisboa, aguardando a opportunidade para dizer de minha justiça.

Agradecendo a inserção d'estas linhas, sou de v. etc.—*José Tavares*.

Procurou-nos o operario sr. Adão Duarte, para nos declarar que nada teve, nem tem com os actuaes acontecimentos e que não é verdade, portanto, que a policia o procure.

PORTO, 2.—Tem havido pequenos incidentes em Rio Tinto por causa do preço do milho. Em S. Mamede está uma força da guarda republicana.

Camara dos Deputados

Proroga-se a sessão para ser votado o projecto das subsistencias

Preside o sr. Simas Machado, que abre a sessão com setenta e tantos deputados. Approvada a acta, o sr. Antonio Fonseca envia para a meza um projecto de lei reformando a policia. Acha esse assumpto da maior importancia e como a Camara mais d'uma vez se tem occupado d'elle, pede para o seu projecto a urgencia que a Camara concede. O sr. Ribeira Brava pede que, com auctorisação da Camara seja publicado o processo referente á syndicancia á junta agricola da Madeira, correndo as despezas por conta d'essa corporação. E' preciso que esse processo se faça publico, para terminarem certas accusações que áquella junta se fazem.

Trata-se seguidamente dos acontecimentos ultimamente dados em Lisboa, que destacamos para a respectiva secção.

Na ordem do dia, o sr. Affonso Costa commentando a nova base das subsistencias, faz varias considerações em resposta ao sr. Jorge Nunes, que lhe dirigiu varias perguntas.

O orador explica á Camara os propositos do governo. E' necessario importar do extrangeiro generos diversos, da mais urgente necessidade. Como ha de o governo fazel-os vir se não tiver á sua disposição os necessarios meios de transporte? Elles vão rareando cada vez mais e não ha, evidentemente, o direito de ficar de braços cruzados perante um facto d'esta natureza. Quer o sr. Jorge Nunes que o projecto volte á commissão. Não póde ser. Seria perder tempo, e a verdade é que não ha tempo a perder. O governo não quer apoderar-se de coisa nenhuma, o que pretende, é dotar-se com os elementos que julga imprescindiveis para cumprir a sua missão. Applicando a nova base terá de pagar indemnisações? Pois pagal-as-ha. O que póde garantir é que o governo não cuida praticar, pelo que respeita a subsistencias, nenhum acto que possa trazer para o paiz responsabilidades de qualquer natureza.

O sr. Julio Martins declára que os evolucionistas não votam a base que, sem as palavras «aguas territoriaes», cuja eliminação é proposta pelo seu relator, fica ainda com um sentido mais lato. O sr. ministro do fomento explica que essas palavras são eliminadas para que não se julgue que o governo se quer apoderar pura e simplesmente de barcos que se encontrem fundeados nas nossas aguas.

A sessão está prorogada até se votar o projecto.

NO SENADO

Discute-se a mobilisação das industrias

A's 14,30 o sr. dr. Machado Serpa abre a sessão, secretariado pelos srs. Lourenço Serro e Simão José. Respondem á chamada 26 senadores, que approvam a acta sem reparos. Expediente ao seu destino.

Como ninguem peça a palavra para antes da ordem o sr. dr. Machado Serpa passa immediatamente á ordem do dia—organisação dos quadros dos governos civis, artigo 5.º—e como o sr. Machado Serpa deseja tomar parte na discussão, convida para o substituir na presidencia o sr. Ferreira do Amaral que acceita e dá a palavra ao sr. Paes Gomes.

O orador diz que tendo o Senado resolvido que esta discussão se fizesse na presença do sr. ministro do interior se abstinha de usar da palavra até que sua ex.ª estivesse presente.

Passa-se então e por esse facto ao projecto de lei que permitte exames de instrucção primaria elementar e complementar (1.º e 2.º graus) fóra da epocha regulamentar.

Foi approvado na generalidade e especialidade, falando sobre elle o seu auctor, sr. Antonio José Lourinho, e mais os srs. Silva Barreto, Lima Duque, Arantes Pedroso e Paes Gomes.

Como não estejam ainda presentes nem o sr. ministro do fomento nem o do interior o sr. Celestino de Almeida pede que a sessão se interrompa até que suas ex.as possam vir ao Senado. E o sr. Ferreira do Amaral assim faz.

A's 16 horas entram na sala os srs. ministros do fomento e instrucção passando-se logo á discussão do projecto de lei sobre mobilisação das industrias já largamente discutido e approvado na outra Camara.

Fala contra o projecto o sr. Celestino de Almeida que o deseja ver rejeitado «in limine» e n'esse sentido envia para a mesa uma moção de ordem identica á apresentada pelo seu partido na Camara dos deputados. Responde-lhe o sr. ministro do fomento que defende a doutrina do projecto como necessaria e imprescindivel.

Antes da ordem falam o sr. José Maria Pereira que pede varios documentos pelo ministerio da guerra e marinha e o sr. Silva Gouveia que protesta contra a irregularidade da distribuição da correspondencia para o Ultramar, ao que o sr. ministro do fomento promette providenciar.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro das colonias conferenciaram hoje os srs. Freire de Andrade, Henrique Lopes de Mendonça, Pedro Gomes da Silva e Malva do Valle.

—No ministerio da justiça começaram hoje os concursos para notarios, sendo 40 os candidatos.

—A direcção da Associação Commercial de Lojistas esteve hoje tratando com o sr. ministro da justiça de assumptos relativos ao inquilinato commercial.

Noticias parlamentares

Quando na Camara dos Deputados se discutem acontecimentos como os dos ultimos dias, dá-se sempre o caso curioso dos partidos politicos se accusarem mutuamente de responsaveis n'esses mesmos acontecimentos, adduzindo cada um, para comprovar as suas affirmações, os mais variados argumentos. Será isto que convém? Não terá o Paiz outra attitude a esperar dos seus representantes em S. Bento? As retaliações serão, por acaso, o corrosivo energico, capaz de queimar as proprias raizes da perturbação que tanto mal-estar origina por todo o Paiz? Ninguem o julgará. Então o que pode concluir-se do chuveiro de arguições que, nos grandes dias solemnes como o de hoje, irrompem de todos os lados da Camara? Isto: que a todos pertencem culpas identicas e que não é, em horas de angustia, que se devem lavar as roupas sujas...

* * *

O sr. ministro do interior, falando hoje por duas vezes na camara, fartou-se de commetter gafes. Não se pode ser menos habil do que o foi o sr. Almeida Ribeiro. Porque não ha de elle, afinal, limitar-se á sua mechanica funcção de registar, deixando aos outros o cuidado de pôrem em pratos limpos coisas que não podem ficar no escuro? Se fizesse isso, não lhe seria difficil fazer-se passar por homem de genio, mesmo sem a ajuda do sr. Arthur Costa, que em coisas geniaes não tem quem possa, facilmente, excedel-o. Assim o sr. Almeida Ribeiro cada vez cava mais o abysmo que ha de tragal-o um dia, quando se reconhecer que não são do nosso tempo os politicos da sua envergadura. Não. O sr. Almeida Ribeiro é futurista. Que pena não ter vindo d'aqui a trez seculos...

* * *

A questão d'aquella nova base que o sr. ministro do fomento propoz ao projecto das subsistencias ficou hoje esclarecida. Desvendou o misterio o sr. presidente do ministerio e fel-o sem sombra de ambages ou de disfarces. Portugal tem de importar do estrangeiro muita coisa. Tem, sobretudo, de mandar vir lá de fóra, artigos absolutamente indispensaveis para a alimentação publica. Pergunta-se: se não tiver meios de transportes á mão, como é que o governo pode abastecer o paiz? Se não tiver navios como ha de fazer vir o trigo dos Estados Unidos ou da Argentina? Mas não. Ha quem julgue que em Portugal, só pôr se ser governo, se podem fazer milagres. Não é só d'agora a costumeira. E' de todos os tempos. E, todavia, os Moisés são cada vez mais raros na face da terra, para fazerem brotar, não a agua, que pouco vale, das rochas bravas, mas o oiro que tudo vivifica.

* * *

E' bom, em todo o caso, acceptuar este facto curioso: já se podem discutir acontecimentos como os de ante-hontem, no Parlamento, sem que os homens se olhem com raiva, se ameacem com furia e procurem devorar-se como feras. Temos então progredido pelo que respeita a costumes politicos? Sem duvida. Porquê? E' que n'este mundo tudo cança, até o odio. Assim, vae-se caminhando para aquella situação definida em que todos os homens que teem a honra de representar o paiz, se respeitem por saberem bem o que devem aos outros e a si proprios. Depois, os acontecimentos não valiam improperios. O paiz continuou a trabalhar e o cambio subiu. Pode desejar-se maior prova de que os desvarios não logram semear á sua roda nem a sizania nem a ruina? Não será um exaggero affirmar, dogmaticamente, que não.

Marinha de guerra

O cruzador «Vasco da Gama» e contra-torpedeiro «Guadiana» sahiram hoje de Leixões, devendo juntar-se-lhes no mar, sendo possivel, o «Almirante Reis» e o «Douro».

O tripulante do torpedeiro n.º 2 hontem arrebatado pelo mar foi o 2.º contra-mestre torpedeiro 275, José Ribeiro.

—Realisa-se ámanhã pelas 12 horas, a entrega do commando do serviço de reserva da armada ao capitão de mar e guerra sr. Borges d'Araujo. Tambem pelas 14 horas se realisa a entrega do commando da Escola Pratica de Artilharia Naval ao capitão de mar e guerra sr. Pedro Berquó.

Falta de carne

Foram hoje abatidas no matadouro 7 rezes, sendo 6 para o consumo dos talhos municipaes e 1 para os hospitaes, e para os talhos fornecidos pela Abastecedora de Gados 7 vitellas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONCERTO NA LIGA NAVAL

O concerto promovido pelas sr.as D. Felicidade Pereira e D. Laura Wake Marques, que se devia realisar amanhã no salão nobre da Liga Naval, ficou transferido para o dia 10, sendo validos os bilhetes com a data de ámanhã.

TEA-CONCERT

Ao *tea-concert* de hoje na Liga Naval entre a numerosa assistencia estiveram as ex.mas sr.as D. Maria Mousinho d'Albuquerque e filha, D. Maria da Graça Azevedo Coutinho e filha, D. Julia Ferreira de Mesquita e filha, D. Maria Clara Castro e Sola, D. Julia Castro Lopes e filha, D. Helena, D. Maria e D. Margarida Fernandes Braga, D. Julia Mousinho d'Albuquerque, D. Luiza Mousinho d'Albuquerque, D. Maria do Carmo Belmonte Noronha (Paraty), madame Ramos Monteiro e filhas, condessa de Castro Sola, D. Maria da Natividade Campos Henriques, madame Freitas Branco e filhas, D. Ludovina Horta Osorio, D. Maria Luiza Osorio, D. Izabel, D. Alice e D. Maria Lopes d'Almeida, madame Camara Leme e filhas, condessa de Vinhó e Almedina, D. Izabel Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria Emilia Abreu Castello Branco, viscondessa de Maiorca, condessa de S. Miguel; e os srs. Virgilio Pereira da Silva, José d'Aguillar Teixeira Cardoso, José Vianna de Lemos Costa Salema, Salvador Supardo, Bernardo d'Albuquerque, conselheiro Serpa Pimentel, dr. Beirão, dr. Canossa, dr. Julio Costa Lopes.

LUTUOSA

Falleceu a sr.a D. Maria Mattoso Gago da Camara, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da rua de S. João dos Bemcasados, 161, 1.º, para o cemiterio occidental.

—Tambem se sepultam amanhã no mesmo cemiterio os restos mortaes do sr. João Ignacio Salgueiro Costa, cujo funeral sae ás 14 horas e meia da estação do Rocio.

—Falleceu a sr.a D. Maria Carlota Correia, mãe do sr. Guilherme Correia, reporter do «Mundo». O funeral realisa-se amanhã, pelas 14 horas, sahindo o prestito da rua do Poço dos Negros, 12, 3.º, para o cemiterio oriental.

Movimento academico

Faculdade de medicina

Para resolução de assumptos importantes, reune ámanhã, ás 13 horas, a assembleia geral dos estudantes da faculdade de medicina.

PEQUENAS NOTICIAS

—A direcção da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra procurou hoje o sr. governador civil a fim de lhe participar que se declarou um conflicto entre a firma Norton & C.ª e o pessoal da descarga do vapor «S. Paulo».

A grande guerra

O attentado de Sarajevo

A morte d'um dos seus auctores

Paris, 1

Na prisão militar de Theresientadt, morreu Cabrinowite, o servio que por occasião do attentado contra o archiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, arremessou uma bomba que foi cahir atraz do automovel em que iam o archiduque e sua esposa, ferindo muitas pessoas. Cabrinowite havia sido condemnado a 20 annos annos de presidio.—*(Corresp.)*

A lenda do congresso dos neutros

MADRID, 2.—O conde de Romanones occupando-se da noticia lançada pelos jornaes romaicos pretendendo que um congresso dos paizes neutros se reuniria brevemente em Madrid, declarou que essa noticia era destituida de fundamento.—*(Havas)*.

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 2.—Official.—Canhoneámos as linhas allemãs entre os rios Incre e o Somme. A artilharia manifestou actividade dos dois lados. —*(Havas)*.

PARIS, 2.—Communicação official das 15 horas:

Entre o Oise e o Aisne a nossa artilharia fez fogo sobre comboios na região da herdade de Sous-Touvent, assim como sobre um trem que sahia de Lassigny.

Na Argonne fizemos ir pelos ares uma mina no cota 285 (Haute Chevauchée). Na Alsacia as nossas baterias fizeram explodir um deposito de munições nas proximidades de Orvey (sudeste de Bonhomme).

Na região de Sundernache (sul de Munster), os allemães tomaram um dos nossos postos de observação, mas um contra-ataque expulsou-os immediatamente d'ali.—(Havas).

O projecto das subsistencias

A nova base sobre que hoje recahiu maior discussão na camara dos deputados é assim concebida:

«O governo poderá requisitar em qualquer occasião as materias primas e os meios de transporte que forem indispensaveis á defesa ou economia nacional, que se encontrem nos dominios da Republica incluindo as aguas territoriaes».

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 1.—Consagrando a data de 31 de janeiro, realisou-se hontem no Centro Republicano Democratico d'esta cidade uma sessão commemorativa, tendo sido prestada tambem uma sentida homenagem ao fallecido republicano e brilhante jornalista França Borges, inaugurando-se o seu retrato n'uma das salas do Centro. Presidiu á sessão o sr. Bernardo Ramos, secretariado pelos srs. Francisco Bollon e José Carvalho, tendo usado da palavra os srs. Manuel Dias Ferreira Junior, Bernardo Ramos, Manuel Canola, João de Brito, Antonio Motnato e o deputado João Camoezas, que foram muito applaudidos. O retrato de França Borges que se encontrava coberto com a bandeira nacional, foi descoberto pelo sr. Antonio Costa e 1.º sargento Pires no meio de uma estrondosa salva de palmas e de vivas á Republica e á memoria dos martyres de 31 de janeiro.

—A' noite realisou-se no theatro Portalegrense um sarau em beneficio da banda dos bombeiros. A casa estava á cunha, realisando o illustre deputado João Camoezas uma conferencia allusiva á data, ouvindo bastantes applausos, bem como os amadores dramaticos e a banda dos bombeiros, que executou um programma magnifico.

—Regressa brevemente de Mossamedes o capitão sr. Jorge Frederico Velez Caroço. Um grupo de amigos tomou a iniciativa da realisação de uma subscripção publica para a compra de uma espada, que lhe será offerecida por occasião do seu regresso.

CONDEIXA-A-NOVA, 31.—A cumprimentar o sr. presidente da Republica na sua passagem por Alfarellos foi d'aqui um numeroso grupo de republicanos, acompanhado pela banda da Sociedade União Condeixense. Entre outros, foram d'aqui os srs. dr. Souto Armas, administrador do concelho, Manuel Simões Moita, presidente da camara municipal, Cypriano Quaresma, secretario da administração do concelho, Damião Pena, secretario da camara municipal, Ayres Diniz, Ernesto de Abreu, Simão Albano Quaresma, empregados administrativos, dr. Francisco de Mesquita, advogado, Casimiro Marques, capitalista, José Mathias, capitalista, Luiz Baptista, capitalista, Manuel Dias Ohita, escrivão das execuções fiscaes, Carlos Cunhal, contador do juizo de direito, etc.

Ao sr. dr. Affonso Costa foi entregue, pelos republicanos de Condeixa uma mensagem de congratulação por o illustre estadista se encontrar completamente restabelecido do desastre que o ia victimando, e por ser regressado á vida activa partidaria. A mensagem, que era escripta em pergaminho, foi encerrada n'uma linda pasta de velludo carmesim, tendo ao centro gravados em prata os seguintes dizeres: «Ao dr. Affonso Costa».—«Os Republicanos de Condeixa».

Estabelecimentos novos

Inaugurou-se hoje um novo estabelecimento no Rocio, 114 e 115, a Loja Suissa, propriedade do antigo dono da Casa Suissa o sr. Raul Nogueira da Silva. O novo estabelecimento tem a especialidade de enxovaes e chapeus para creanças, e além d'isso, um largo e variado sortimento de artigos de modas, de retrozaria e de novidades.

SPORT

Napoleão I, sportman

Os cavallos de Iena e de Waterloo

Como todos os cavalleiros tinha predilecção e preferencia por alguns cavallos

Os estudos do eminente historiador François Castanié, a que hontem fizemos referencia dão-nos o novo pormenor da vida de Napoleão Bonaparte, como homem de sport. Em notas precisas e detalhadas, o sabio investigador, offerece aos estudiosos novos elementos para apreciar a figura do maior guerreiro de todos os tempos. Hoje vamos seguir a sua conversa com o jornalista Rouzier-Dorcières, na parte interessante de conhecer os seus cavallos predilectos.

—«O «Ingenu», offerecido pelo imperador da Austria, em 1810, foi «baptisado» por Napoleão com o nome de «Wagram». Foi o cavallo que fez as campanhas da Russia, da Allemanha, da França e da Belgica. Era negro, mas d'um negro brilhante, que reflectia á luz do sol. Foi o seu cavallo favorito e o mais querido. O bravo animal reconhecia o Imperador ouvindo-lhe os passos ou o som da sua voz. Nunca consentiu outro cavalleiro que não fosse Bonaparte. A' approximação do Imperador batia alternadamente com as «mãos» até que lhe davam alguns pedacitos de assucar. Então, o Imperador abraçava-o e dizia-lhe rindo:

—«Como passas tu, meu primo?

«O «Tauris», cavallo arabe, cinzento com malhas prateadas, comprado em 1809 na Russia por 700 rublos, foi acondicionado para Bonaparte pelo picador Jardin. Napoleão montou-o em Waterloo. Não o abandonou senão no instante da retirada para subir para a carruagem. A' partida para Santa Helena, em Malmaison, deu-o ao sr. Montarlot com muitas recommendações. O seu novo proprietario dispensou-lhe os maiores cuidados. Todas as manhãs o passeiava á mão, na Praça Vendôme, em torno da columna do Grande Exercito.

«O «Roitelet», alazão de grande estatura, cauda enorme, era producto d'um cavallo inglez, e d'uma egua do Limousin. Em Lutzen, uma bala russa passou-lhe tão perto, que, por milagre, não levou cavallo e cavalleiro.

«O «Roitelet», fez uma flexão nas patas trazeiras e a bala apenas lhe levou algum pelo das pernas que nunca mais cresceu! Na ilha de Elba, quando descia ás cocheiras, o Imperador olhava sempre para aquella marca da bala russa e dizia, rindo, para o animal:

—«Lembras-te? D'essa vez escapámos por um milagre...

«Montou este cavallo em Arcis-sur-Aube quando um obus, explodindo deante d'elle sobre a fronte d'um quadrado, o arrojou a mais de dez passos. Entretanto, levantou-se sem ferimentos. Tornou a montar e afagando-o, gritou-lhe:

—«Vá lá amigo, nós já estamos costumados a não ter medo!»

«O «Intendant», barbaresco, cinzento prateado, entrou para o serviço, fóra de edade, em 1806. D'um caracter doce, servia para passar as grandes revistas ou para entrar nas capitaes da Europa. Os «rabujentos» da Velha Guarda chamavam-lhe o «Coco». Desde longe, quando o viam gritavam:

—«Olhem, lá vem o «Coco».

«Foi para a ilha de Elba, voltou nos Cem Dias, appareceu em Waterloo e morreu de carbunculo em Paris, em 1 de julho de 1819.

«O «Académicien», normando, alazão inglezado, fez as campanhas de Austerlitz e de Iena. Dizia-se d'elle que ao sol brilhava como um espelho. Foi reformado, em pouco tempo, por vicioso.

«O «Ali» tinha mais de 20 annos em 1809. O Imperador montou-o na batalha de Waterloo da uma da manhã ás seis horas da tarde.

«Napoleão Bonaparte interessava-se muito, mesmo de muito longe, pelos seus cavallos favoritos. Foi assim que do fundo da Polonia, em 1807, escrevia:

—«Como vae o «Cartaginez»? Estará curado em pouco tempo?»

Seguindo os esclarecimentos do sabio historiador ainda havemos de dizer como se fazia a «dressage» dos cavallos de Napoleão.

Nota do dia

A proxima epoca do Stadium

A direcção do Stadium já esboçou o seu programma de festas para a sua epoca de propaganda, que vae de abril a julho e que será melhor, mais interessante e mais animada que a do anno passado.

D'esse programma fazem parte, pelo menos, desafios internacionaes de «foot-ball association», provas hipicas, largadas de balões esphericos, «vôos» de aeroplanos, corridas de motocicletes e de «side-cars».

Dentro d'esse programma incluem-se tambem grandes festas de athletismo, uma d'ellas de caracter beneficente e cujo producto será entregue ao «Seculo» para a subscripção para os «Feridos da Guerra».

O Stadium quando se realisarem estas festas já tem concluidas e apropriadas as rectas da pista de motociclismo, arranjados os «relevés» apenas para corridas de motocicletes e as estradas que dão da estrada para o campo de jogos e aplanada a rua que corre parallelamente aos cámaroles. Apresentará mais um portão largo, que será no mesmo logar do portão por onde, até agora, se fazia a entrada dos automoveis e trens.

Algumas anecdotas

Os campeões tambem tinham medo...

Os grandes athletas quando alcançam titulos de campeões teem sempre medo dos combates ou das provas em que o titulo se joga.

Querem um exemplo comprovativo? Vamos dar o melhor utilisando a figura celebre de Jim Jeffries, homem d'uma excepcional coragem.

Todos sabem que Jeffries partia só para as montanhas, ou para o deserto de Mojave, á procura d'um urso. Sem companheiro, sem cão, sem espingarda, apenas um punhal como arma, dormia de noite ao pé d'uma arvore, ignorando o que fosse a sombra do medo. Depois quando encontrava a pista d'um urso, seguia-a; perseguia o animal, combatia-o, matava-o e levava a sua pele. Mais de cem vezes praticou esta façanha!

E, apezar d'isso, Jeffries, campeão do mundo do socco, tinha «medo do ring!»

Durante os oito ultimos dias que precediam os seus combates, ficava horas inteiras immovel sobre uma cadeira, os olhos fixos, emquanto o seu cerebro trabalhava, inventando golpes novos e imaginando todas as peripecias do combate! Pesava-se duas e tres vezes por dia, inquietava-se por qualquer coisa e olhava-se nos espelhos!

Depois que começava o combate, é que Jeffries se transformava, sendo o homem terrivel de que todos se lembram. Uma vez um amigo, tambem jogador de socco, perguntou-lhe:

—«Como explicas tu isso?

—«Simplesmente... O meu receio do «ring» é como o effeito curativo de certos purgantes, que só produzem trabalho ao fim de horas ou de dias...

—«Então é um purgante de «effeito tardio?...

—«E' e de mau cheiro para o nariz dos meus adversarios...»

Os grandes récords

O da travessia do Atlantico por «yachts»

Em 1905, organisou-se uma corrida de «yachts» á vela, para atravessar o Atlantico desde Sandy Hook ao Lizard. Havia premios offerecidos pelo «kaiser». Concorreram onze embarcações de varias nacionalidades. Ganhou o «schooner» de 3 mastros, «Atlantic», de 532 toneladas, pertencente ao americano Wilson Marshall. Gastou na travessia 12 dias e 4 horas, «record» importante tanto mais para apreciar quanto é certo que a corrida se fez no tempo de inverno.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Congresso de Educação Phisica

Os organisadores do Primeiro Congresso de Educação Physica Nacional já tem seleccionado os relatores das theses que constituem a base do seu programma de trabalhos. Sabemos que algumas d'essas theses são: «Organisação de gymnastica nas Escolas primarias», pelo dr. Tovar de Lemos; «Qual o melhor methodo de gymnastica a adoptar», pelo dr. Pinto de Miranda; «Methodos naturaes e Cultura Phisica, pelo dr. José Pontes; «Sports ao ar livre», pelo dr. Cesar de Mello.

Recreios Desportivos da Amadora

Começaram hoje os trabalhos de vedacção no novo campo de foot-ball dos Recreios Desportivos da Amadora que deve inaugurar no mez de março e que fica tendo, mais ou menos, as seguintes dimensões: comprimento, 108 metros; largura, 85; bancadas, uma tribuna central e uma ampla e artistica barraca de 20 metros por 10, com vestiarios, casa de banho, etc.

Provincia

Victoria de portuguezes em Hespanha

PORTALEGRE, 1—O 1.º «team» do Sport Lisboa Portalegre foi hontem a Badajoz jogar em desafio com o 1.º «team» do Foot-Ball de Badajoz. Apesar do grupo d'essa cidade ter sido reforçado com dois jogadores de Barcelona, o «team» de Portalegre ganhou por 2 «goals» contra 0. O grupo de Badajoz vem aqui brevemente jogar em desforra.

Estrangeiro

O aviador hespanhol Pombo

No dia 28 do mez passado, o aviador hespanhol Pombo, de Santander, elevou-se no seu aeroplano para fazer uma viagem até Madrid. Subiu ás 11 horas da manhã; ás 12 e meia passava a grande altura sobre Burgos e desceu em Madrid, no aerodromo de Cuatro Vientos ás tres e um quarto da tarde. O aviador realisou o «raid» em 4 horas e 15 minutos.

O campeonato de foot-ball de Hespanha

No domingo realisou-se em Madrid, o desafio de foot-ball para o campeonato de Hespanha entre os grupos do Madrid Foot-ball Club e da Gymnastica. Venceu o Madrid por 4 «goals» contra 1.

Na vespera, o Athletic de Madrid, alcançou um grande triumpho em Barcelona, vencendo o España por 5 «goals» contra 1.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Furtar —Coimbra, terra d'amores.

REPUBLICA—A's 21—O marquez de Villemer.

TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA — Não ha espectaculo.

GYMNASIO—A's 21—O manequim.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro «O casamento do colla tudo».

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21 — Othello.

Medalhões

Albertina de Oliveira

Desde a sua estreia, que data de bem poucos annos, Albertina de Oliveira tem ido fazendo a sua carreira a passos seguros. Os que a teem acompanhado de perto, teem sido seduzidos pelas suas innegaveis qualidades, pelo seu amor ao trabalho, pela sua simplicidade e modestia, pela ductilidade das suas aptidões que lhe tem permittido abordar com exito os generos mais oppostos. Desenvolta na comedia burlesca, sabendo exprimir com communicativa expressão as modalidades varias das peças de sentimento, foi-se tornando a pouco e pouco nma figura do nosso theatro que o publico vê sempre com prazer sobre o tablado.

A sua festa de hoje, em que a acompanha esse grande artista que é Alvaro n'uma das suas mais celebres creações, dar-lhe-ha decerto a medida da estima artistica e pessoal em que é tida. A companhia do Nacional tem de contar com ella como um dos seus elementos mais seguros, pela frescura da sua mocidade, pela sua vontade de progredir e de conquistar o logar a que tem direito. O esforço já feito n'este sentido é de molde a impôl-a á nossa consideração e a fazer com que sinceramente lhe desejemos a realisação completa das suas legitimas aspirações.

Cyrano

Ayres Torres

Estreia-se ámanhã como actor, no theatro Nacional, para cujo quadro foi nomeado pelo governo, o 1.º premio da Escola da Arte de Representar sr. Ayres Torres, que ha um anno terminou o seu curso com a maior distincção. Na estreia d'este novo artista, que deve ter futuro no theatro portuguez, representa-se em *première* a peça de Bento Mantua, *Furtar*, deliciosa *charge* á Courteline, cheia de observações e de imprevisto, onde Ayres Torres desempenha com brilho o primeiro papel. Nomeado pelo governo para o theatro Nacional, ha um anno, logo que terminou o seu curso na escola, o moço artista só agora pode fazer a sua estreia, por só agora ter regressado de Africa, onde foi cumprir o seu dever militar na expedição commandada pelo general sr. Pereira d'Eça. Ayres Torres dispõe de todas as qualidades que fazem um bom actor: talento, bella mascara, excellente figura e invulgar cultura intellectual.

A festa de Schwalbach

Realisa-se ámanhã, na Trindade, a centessima de *O dia de juizo*. A margem do seu exito litterario que ficará assignalado na carreira de Eduardo Schwalbach, ha a registar o seu exito theatral. Não ha memoria de uma peça se ter mantido em tão larga serie de representações com uma média tão proxima do maximo da lotação do theatro. Mais de metade das representações foram enchentes absolutas.

Affonso Taveira, no bom desejo de tornar a festa de ámanhã uma significativa apotheose, teve a ideia de associar a ella todos os auctores dramaticos, confrades e amigos de Eduardo Schwalbach. No fim do 2.º acto realisar-se-ha em scena uma homenagem ao illustre comediographo em que serão pronunciadas allocuções de saudação, serão recitados versos e será cantado um hymno por toda a companhia.

Com todo o enthusiasmo nos associamos á essas demonstrações de justissimo apreço pelo talento e pelo caracter de Eduardo Sowalbach, que guardará da noite de ámanhã uma gratissima recordação.

Um dialogo do "Manequim,,

E' do segundo acto da deliciosa comedia «O manequim», de Paul Gavault, traducção de Mello Barreto, e que actualmente se representa no Gymnasio, onde obteve um desempenho magnifico, a seguinte scena em que interveem Armanda (Bertha de Albuquerque), Mauricio (Mendonça de Carvalho), e Colette (Maria Mattos):

ARMANDA—(rindo muito, a olhar para elle). Não, não... E' de morrer a rir! Não faça essa cara!

MAURICIO—E' a unica que tenho, n'este momento á minha disposição.

ARMANDA—O seu plano estava admiravelmente preparado. Foi pena falhar...

MAURICIO—Foi, foi...

ARMANDA—Mas,—que demonio!... O que lá vae, lá vae... Perdeu a partida, perdeu-a irremediavelmente... Ao menos seja bom jogador:—não perca o sorriso! Tenha sangue frio, homem de Deus!

MAURICIO—Nem, sequer, procuro defender-me. E' uma situação grotesca... (Armanda continua a rir). Ria, ria á sua vontade. Não faça cerimonia! A gargalhada é higienica...

ARMANDA—E quer que lhe diga uma coisa? Olhe que esteve por um friz... (ri).

MAURICIO—Ia andando, anh?

ARMANDA—Ia. Confesso, sem hesitação, agora que o perigo passou. Estive quasi... vae não vae...

MAURICIO—(levantando-se). Isso só prova,. minha senhora, que o acaso é muito menos tolo do que se imagina!

ARMANDA—Porquê?

MAURICIO—Porque afinal, fez vingar a melhor solução.

ARMANDA—A melhor solução. Agora deu em philosopho?

MAURICIO—Deixei-a rir á vontade. Chegou a minha vez.

ARMANDA—Ah! sim?

MAURICIO—Sim senhor. Tudo o que seu marido lhe disse é a expressão da verdade;—mas trata-se, apenas, da primeira parte do episodio.

ARMANDA—Da primeira parte? Tem continuação o folhetim? Pois ainda quer melhor desfecho?

MAURICIO—Ainda. E já o tenho. Esse desfecho...nem seu marido o conhece e ha de permittir-me que o conserve no mais rigoroso mysterio.

ARMANDA—Agora é que não percebo nada.

MAURICIO—Falemos d'outra coisa. Vae este anno a Veneza, no outomno? E' uma viagem deliciosa.

ARMANDA—(sem responder). Mas não me dirá, afinal, porque aceita com tanta indifferença, o seu desastre?

MAURICIO—Porquê? Quer sabel-o

ARMANDA—Quero!

MAURICIO—Insiste.

ARMANDA—Peço-lhe.

MAURICIO—Então lá vae.. E' muito simples:—porque já não a amo.

ARMANDA—(sorrindo). Golpe de recurso!

MAURICIO—E não a amo porquê? E' mais simples ainda:—porque gosto d'outra. De quem? Da minha amante.

ARMANDA—Não vae mal, não senhor. A retirada é engenhosa,

MAURICIO—Está no seu direito, de acreditar ou não acreditar. O essencial é que eu seja feliz. Minha senhora:— tem na sua presença... um homem feliz.

ARMANDA—Mas então, conte-me lá como foi esse... milagre.

MAURICIO—Nunca ouviu dizer que pela bocca morre o peixe? Pois é o caso. Cahi no proprio laço que tinha armado. Para conseguir um dia conquistal-a, Armanda, escolhi uma amante nova e bonita. Quer dizer:—brinquei com o fogo... e o fogo queimou-me! Estou a arder!

ARMANDA—Não acredito.

MAURICIO—Pois faz mal. Falo-lhe com o coração nas mãos.

ARMANDA—Mas... as suas palavras apaixonadas, quando nos encontramos ha dias na modista...

MAURICIO—Eram sinceras... como as de hoje. Dei-lhe o meu coração... deitou-o fóra... Houve quem o apanhasse!

ARMANDA—(reflectindo). Ah!... Está então convencido?

MAURICIO—(áparte). Começa a pensar no caso... E' bom signal.

COLETTE—(entrando pela D.). Outra vez juntos?!... E' de mais! (occulta-se atraz da esculptura).

ARMANDA—Não, meu caro, não. Não posso acreditar n'essa grande e subita paixão por uma creaturinha graciosa, sem duvida, mas insignificante! Uma boneca.

MAURICIO—Colette será o que quizer... Uma boneca, uma insignificante... o que quizer!... Mas não imagina como a adoro!... Se soubesse como é delicioso encontrar-se na vida uma rapariga simples, ingenua, dedicada, que se nos entrega de alma e coração...

ARMANDA—E', então... um idilio?...

MAURICIO—Exactamente. Um idilio!

ARMANDA—E está para durar?

MAURICIO—O tempo que ella quizer!

COLETTE—(deitando a cabeça de fora). Oh! como sou feliz!

ARMANDA—Quer dizer que dá por bem empregado o seu dinheiro...

MAURICIO—Não diga isso. Colette é a mulher mais desinteressada d'este mundo. A sua unica satisfação é ver-me satisfeito; o seu unico desgosto, ter que me deixar; a sua unica alegria tornar a ver-me. Adivinha-me os pensamentos, quer o que eu desejo... despreza o que não me agrada.

ARMANDA—Basta, basta. Poupe-me á apotheose da sua felicidade!

COLETTE—(do seu esconderijo, enviando beijos a Mauricio). Toma, toma o toma!...

MAURICIO—Mas, minha amiga, bem sabe... Quando o coração trasborda de ventura...

ARMANDA—Creio, creio...

MAURICIO—Não está mais na minha mão. Desabafo.

ARMANDA—Que eu afinal, até gosto d'isso! E' a unica maneira de podermos conversar, sem reservas, como dois amigos, como bons camaradas.

MAURICIO—Sim, não digo que não...

ARMANDA—Quer dar-nos o prazer de jantar amanhã comnosco?

MAURICIO—Isso sim! Não posso deixar a Colette só... nem o desejo. Seria a primeira vez...

ARMANDA—(sorrindo). Está então, preso pelo pé... como os papagaios.

MAURICIO—Corrente dourada...

ARMANDA—N'esse caso, talvez seja melhor, renunciar, definitivamente, ao prazer da sua companhia... e da sua amizade.

MAURICIO—Tambem me parece. Tenho muita pena... mas a Colette, sim... para lhe falar com franqueza, não gosta dos nossos encontros repetidos...E tudo, menos dar-lhe um desgosto. Tudo menos isso!

ARMANDA—Ah! é ciumenta.

MAURICIO—Nem essa qualidade lhe falta! E afinal para que hei de affligil-a procurando entrevistas, que não teem... que não podem ter... nenhum interesse, nenhuma significação.

ARMANDA—E' claro.

COLETTE—(ao F.). Querido Mauricio... Podes ir jantar... podes!... (mais beijos), Toma, toma!

ARMANDA—(sempre ironica). Tem razão. Não vale a pena afugentar a Ave do Paraizo! E' de crêr que a sua aventura lhe reserve algumas desillusões... mas não serei eu...

MAURICIO—Desillusões com a Colette? E' impossivel.

ARMANDA—Tem resposta para tudo! Está em pleno sonho sentimental, meu amigo!... Seria uma barbaridade, um crime, despertal-o... Durma, durma... Adeus!

MAURICIO—Adeus.

ARMANDA—Vou seguir o conselho que me deu ha pouco...

MAURICIO—Qual?

ARMANDA—Parto para Veneza.

MAURICIO—Com seu marido?

ARMANDA—Com meu marido... ou com outro. O Julio, tem sempre tanto que fazer!...

MAURICIO—Para Veneza, não. Peço-lhe que não vá para Veneza.

ARMANDA—Porquê?

MAURICIO—Porque é onde eu tenciono ir passar umas semanas com a Colette...

COLETTE—(no esconderijo). Oh! que felicidade! Para Veneza!

MAURICIO—E um encontro na Praça de S. Marcos ou no Grande Canal, não seria agradavel... para ella. O que pensaria a pobre rapariga. Era capaz de imaginar... Não. Para Veneza, não!

ARMANDA—Olhe, meu caro... quer um conselho?... Deixe-se de Veneza e leve a sua costureira a Versailles, a ver as aguas... no primeiro domingo do mez. Ha de gostar. E não se esqueça da merenda... para comerem sobre a relva...

MAURICIO—Vae furiosa!... E' minha!...

Boatos e informações

Entre nós

O grande actor Lucien Guitry teve de interromper a sua *tournée* devido a terem-se aggravado os padecimentos de sua esposa, madame Jeanne Desclos. No Porto não realisou senão um dos espectaculos annunciados, regressando o illustre artista a Lisboa, onde se encontra e seguindo o resto da companhia para França.

● Deixou de fazer parte da companhia do theatro Republica o actor Henrique Alves. No mesmo theatro estrear-se-ha, depois do Carnaval, a actriz Alda Aguiar.

● Logo que se encontrem livre de espectaculos no theatro Nacional os artistas Palmyra Torres e Ignacio Peixoto subirá á scena no Polytheama a comedia de Caillavet e Flers *O anjo do lar*.

—No Coliseu dos Recreios canta-se hoje a «Loreley», em que a eminente cantora Salomea Kruceniski tem um trabalho magnifico. A'manhã volta a repetirse o «Othello», que ante-hontem teve magnifica interpretação. Battistini, o insigne baritono, que apenas cantará quatro noites e sempre com operas differentes, estreia-se na proxima terça feira com o «Ernani».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Movimento maritimo

Brazil e Rio da Prata, «Amazon» (Liv.)	3
Bordeus, «Liger» (Brazil)	4
Archipelago dos Açores, «Funchal»	5
Pern. Maceió, etc., «Spectator» (Liv.)	6
Br. e Rio Prata, «Sequana» (Bordeus)	6
Batavia, etc., «Insulinde» (Amsterd.)	6
Africa Oriental, «Loanda»	7
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)	7
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	7

Com uma pressa febril, homens trabalhavam de dia e de noite nos arsenaes, em fabricas e officinas para preparar as armas que libertariam a França dos odiados «boches».

Ao trabalho dos homens juntava-se o das mulheres. A mulher franceza mostrára-se sempre habilissima para o negocio e alguns dos principaes estabelecimentos commerciaes da França eram dirigidos por mulheres. Depois da queda de Napoleão III, e mesmo antes, a educação em França tornava-se de anno para anno mais scientifica e menos litteraria. O serviço militar obrigatorio espalhára o conhecimento dos problemas de estrategia e de tactica. O resultado d'isso foi que o governo poude chamar uma phalange de peritos chimicos e mechanicos de ambos os sexos, aptos e com boa vontade de o auxiliarem na sua estupenda tarefa.

Os francezes, ao contrario dos allemães, não haviam nunca considerado todas as invenções e descobertas sob o ponto de vista do soldado que só pensava na conquista. Quando, porém, se deu a crise, rapidamente applicaram os seus conhecimentos e vontade aos propositos da guerra.

Catapultas foram feitas para arremessar bombas e granadas. Bacinetes e escudos foram manufacturados, d'uma mistura de aço, para a guerra nas trincheiras. Novas fórmas de torpedos aereos foram inventadas. Novas especies de granadas e bombas para serem arremessadas á mão; morteiros para lançar projecteis, monstruosos howitzers e canhões para os projectar a distancias enormes sahiram das fabricas de canhões.

Se a Inglaterra e a Russia tivessem, proporcionalmente, estado tão bem providas como o estava a França em maio de 1915, a retirada dos inglezes na batalha de Aubers e as victorias de Mackensen na Galicia nunca se teriam dado,

A 8 de maio, emquanto sir Douglas Haig estava dando os ultimos retoques nos seus preparativos para assaltar a elevação de Aubers, o general de Maud'huy—o qual fôra mandado servir na Alsacia sob as ordens do general Dubail—como commandante do 10.º corpo d'exercito, dava as suas ordens finaes para a batalha que, esperava-se, terminaria pela retomada de Lens. O general d'Urbal, como se sabe, tinha sido auxiliar de sir John French na batalha da Flandres.

Houvera pouco antes uma mudança de commandos. A direcção local das tropas francezas ao norte do Lys tinha sido confiada ao general Putz,

Sir Milne Cheetham, que foi alto commissario inglez no Egypto

que, mais tarde, foi substituido pelo general Hely d'Oissel. Ao sul o exercito d'Urbal, que entre o Somme e o Oise tinha passado do commando do general de Castelnau para o general Petain. De Castelnau dirigia agora os exercitos do centro alliado a leste de Compiégne. O general Dubail continuava a superintender nas operações da ala direita, o general Foch nas da ala esquerda.

Foch estava com d'Urbal e duran-

sul do lago de Bellewaarde. Contra-ataques durante o dia tiveram exito em muitos pontos e os allemães de pouco se apoderaram pela renovação da sua traiçoeira tactica. O capitão Francis Grenfell, um dos mais esperançosos dos jovens officiaes do exercito, foi morto. Na proximidade da cota 60 e proximo do Bosque Grenier houve tambem lucta em que os inglezes tiveram a supremacia.

Durante alguns dias a lucta na região de Festubert proseguiu, sem resultados decisivos. Na tarde de 31 de maio os inglezes retomaram as cocheiras do castello de Hooge. Por esse tempo, o primeiro ministro inglez, Asquith, visitou a fronte.

A 2 de junho o inimigo fez uma violenta tentativa para romper a posição ingleza em roda de Hooge, mas as tropas da 3.ª divisão de cavallaria e a 1.ª divisão de cavallaria india repelliram-o.

No dia seguinte, os inglezes apoderaram-se das edificações exteriores do castello, ou antes das ruinas d'elle. O 2.º exercito inglez substituiu os francezes nas trincheiras até Boesinghe no canal de Yperlee e a 15 de junho a 1.ª brigada canadiana tomou a linha de trincheiras allemãs de fronte a nordeste de Givenchy, avançando para a rua d'Ouvert e capella de St. Roch, mas, ficando o seu flanco exposto, teve de recuar para a sua posição anterior.

No dia 16, o 5.º corpo inglez atacou os allemães ao sul de Hooge, varreu a sua primeira linha de trincheiras e chegou á orla do lago de Bellewaarde. Depois, os inglezes recuaram um pouco, mas algumas centenas de metros de trincheiras haviam sido ganhos. A companhia d'artilharia e outros territoriaes portaram-se valorosamente n'esse combate.

Ao mesmo tempo, o 2.º e o 6.º corpos inglezes travaram vivos combates e a artilharia do 36.º corpo francez bombardeou Pilkem. No dia 6 de julho, lord Kitchener visitou o exercito e demorou-se dois dias em inspecção ás tropas. No dia da sua chegada, ás 6.20' da manhã, com o tempo de nevoeiro, a 11.ª brigada de infantaria tomou um saliente allemão entre Boesinghe e Ypres.

De 10 até 13 de julho os allemães esforçaram-se por recuperar as trincheiras que tinham perdido, mas foram repellidos. Bombardearam a posição com granadas de gazes asphyxiantes e tomaram algumas das trincheiras, mas foram d'ahi desalojados pelas tropas inglezas com bombas e granadas de mão. A leste de Ypres, pelas 10 horas da manhã do dia 13, tomaram um dos postos avançados inglezes na estrada Verlorenhoek. Foi immediatamente retomado.

Seis dias mais tarde, a 19 de julho, um reducto allemão proximo de Hooge, foi pelos ares por meio de obra de sapa, sendo tomadas algumas trincheiras. D'ambos os lados estavam frequentemente explodindo minas, mas dias decorreram antes de se poder fazer brecha no reducto. A lucta em seu redor proseguiu e a 30 de julho os allemães fizeram uso d'uma nova arma, o «flammenwerfer», um cylindro d'aço cheio de liquidos inflammaveis.

Essa arma fôra já empregada contra os francezes em outubro de 1914, na floresta da Argonne. Com o auxilio do «flammenwerfer», os allemães conquistaram algumas trincheiras em Hooge na estrada Menin-Ypres.

A 9 d'agosto, ás 4 horas da manhã a artilharia ingleza e franceza dirigiu um fogo terrivel sobre as trincheiras tomadas por taes meios, as quaes, com 400 metros de trincheira allemã ao norte da estrada de Menin, foram retomadas.

Desde o fim da acção em Hooge até á batalha de Loos houve, no dizer de sir John French, «relativo socego ao longo de toda a linha britannica, excepto nos pontos onde as condições normaes d'existencia comprehendiam bombardeamento ocasional e constantes lançamentos de minas e de bombas».

Os preparativos para a grande offensiva no fim de setembro estavam sendo feitos. Destacamentos dos novos exercitos inglezes estavam chegando constantemente e a linha in-

Maria Mattoso Gago da Camara

FALLECEU

Confortada com os Sacramentos da Egreja

Ayres Mattoso Gago da Camara e sua mulher Virginia Gago da Camara, Ignez Mattoso Gago da Camara e seu marido Joaquim Augusto Lopes de Macedo, Clotildo Lopes de Macedo e Eduardo Lopes de Macedo, participam aos seus parentes e amigos o fallecimento de sua mãe, sogra e avó, e que o seu funeral se effectuará no dia 3, pelas 4 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da rua de S. João dos Bemcasados, n.º 161, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

João Ignacio Salgueiro Costa

Falleceu

Carlos Salgueiro Pinto da Costa
e sua mulher
Clara Costa Oliveira Soares
e seu marido
Jorge Salgueiro Pinto da Costa
e sua mulher
Victor Salgueiro Pinto da Costa
e sua mulher
Sara Salgueiro Pinto da Costa
Luiz Salgueiro Pinto da Costa
e sua mulher

participam o fallecimento do seu muito querido Pae e sogro João Ignacio Salgueiro Costa, cujo funeral se realisará amanhã quinta feira 3 de Fevereiro sahindo o prestito funebre da estação do Rocio ás 14 e meia horas para o Cemiterio Occidental.

Não se fazem convites especiaes.

gleza estendia-se gradualmente do sul de La Bassée para o planalto de Notre Dame de Lorette. Os novos exercitos inglezes causaram admiração aos francezes. Pichon, ex-ministro dos negocios estrangeiros, que visitou a fronte britannica, escreveu a 25 d'agosto:

«E' certo que á primeira vista a rapida formação d'um grande exercito britannico póde parecer impossivel e as difficuldades quasi insuperaveis, mas a tenacidade ingleza venceu-as. Foi uma elevada tarefa, que acarretou um grande dispendio, um methodo e uma coordenação de esforços sem pausa ou limite e uma vontade que não recuou perante obstaculo algum. Foi isto exactamente o que succedeu. O exercito de Kitchener tem existencia real e está agora no nosso solo com tudo quanto é necessario e equipado de modo que excita a nossa admiração».

Foi no planalto de Notre Dame de Lorette e ao sul d'elle que se deu a batalha mais sangrenta na fronte occidental durante a primavera e o verão de 1915.

A 28 d'abril, o general Mackensen começou a sua grande offensiva para retomar a Galicia e na tarde de 2 de maio é provavel que Joffre fôsse informado das gigantescas forças de homens e d'artilharia opostas aos russos que defendiam o espaço entre os Carpathos e o alto Vistula. Embora os russos tivessem um enorme tracto de terreno para o qual podiam retirar, toda a fórma indirecta de pressão que se relacionasse com a segurança dos alliados na fronte occidental tinha de ser exercida sobre os allemães para os forçar a trazer tropas para a Belgica e para a França.

A questão que o generalissimo francez tinha de resolver era em que ponto na longa linha do mar do Norte á Suissa empregaria as suas reservas de homens e munições. Por varios motivos, escolheu a região ao sul de La Bassée e ao norte de Arras. Se, girando sobre Arras, pudesse repellir os allemães das elevações entre o Lys e o Scarpe para a planicie do Scheldt e, apoderando-se de Lens, avançar para a linha Lille-Valenciennes, ameaçaria as communicações dos exercitos que faziam frente aos francezes desde Arras até á confluencia do Oise e do Aisne, o poderia tambem com as forças inglezas desde o oeste de La Bassée até Armentières desalojar o inimigo das escarpas ao norte do canal La Bassée-Lille e afastar simultaneamente e d'uma vez por todas o perigo d'um avanço allemão de La Bassée na direcção de Boulogne. No caso de exito, Lille poderia ser investida.

As difficuldades para executar um tal plano eram muito grandes. Ao sul do canal Béthune-La Bassée-Lille os francezes, que se haviam apoderado de Vermelles e Le Rutoire em dezembro, tinham na realidade feito alguns progressos na planicie em direcção a Loos e a Lens. Mas o alto terreno em roda de Loos, as escarpas ao norte da torrente de Souchez e a maior parte do planalto cheio de ravinas, que fórma a elevação de Notre Dame de Lorette estendendo-se a oeste e ao sul de Lens para as margens do Scarpe abaixo de Arras, eram occupadas pelos allemães e tinham por elles sido convertidas n'uma das posições fortificadas mais consideraveis do mundo.

Tambem Lille havia sido posta em estado de defeza pela engenharia allemã. Os fortes, que não estavam concluidos ao rebentar a guerra, tinham sido tornados pela sciencia allemã quasi inexpugnaveis. Rêdes de arame farpado electrisado cercavam a cidade. A vinte e quatro kilometros pouco mais ou menos a leste de Lille um campo entrincheirado tinha sido formado em Tournai, no Scheldt, e canhões pezados collocados no monte St. Aubert, que, ao norte, domina a planicie n'uma extensão de muito kilometros.

Courtrai, no Lys abaixo de Armentières, tinha tambem sido fortificada. Mesmo se Joffre repellisse o inimigo de La Bassée e de Lens, a area fortificada no triangulo Courtrai-Lille-Tournai apresentaria um temivel obstaculo para um futuro avanço. No centro do lado Courtrai-

Lille estavam as cidades de Tourcoing e Roubaix, que, como Lille, Tournai e Courtrai, seriam defendidas não só pela artilharia, mas por innumeraveis metralhadoras.

As suas herdades e aldeias guarnecidas de metralhadoras eram, como succedera em Neuve Chapelle, a guarda avançada d'um enorme numero, que fazia suppôr que as cidades assim cheias d'essas temiveis armas não seriam tomadas.

O plano de caminhar pelo Scheldt acima de Tournai e descer sobre as communicações dos exercitos allemães entre o Scarpe e o Oise era talvez mais seductor, mas tinha de se atravessar esses dois rios e as florestas de Vicoigne e Raimes, entre o Scarpe e o Scheldt, e o alto terreno ao sul de Valenciennes podiam ser aproveitadas pelo inimigo para magnificas posições defensivas, ao passo que do triangulo Courtrai-Lille-Tournai podia atacar o flanco esquerdo dos francezes que se moviam sobre o Scheldt.

As considerações que acabamos de fazer devem ter sido, em nosso entender, as que levaram o generalissimo Joffre, apezar das difficuldades com que os russos estavam luctando no verão de 1915, a contentar-se com ganhos relativamente pequenos na batalha de Artois.

Um outro motivo para o generalissimo francez escolher a região Arras-La-Bassée para a sua offensiva foi a de estar premeditado um golpe em Lens para auxiliar os alliados empenhados desde 22 d'abril na segunda batalha de Ypres. A 2 de maio, sir John French ordenára a sir Herbert Plumer que se retirasse para uma nova posição mais proxima das muralhas de Ypres e não pode haver a menor duvida de que, até ao principio da batalha de Artois, a situação dos inglezes e francezes em redor de Ypres era deveras perigosa.

As batalhas de Aubers, de Festubert e de Artois foram, se assim nos podemos expressar, contra-golpes. Que o eram, effectivamente, iam proval-o os acontecimentos. Embora, como dissémos, os allemães a 24 de maio atacassem os inglezes, haviam perdido a batalha de Ypres no dia 13 d'esse mez, quatro dias depois começou a batalha de Artois e o general Putz, nos dias 15 a 17, repelliu-os da margem occidental do canal de Yperlee, que elles haviam tomado por meio do gaz chloro.

A batalha de Artois pode não ter actuado sobre a machina de guerra allemã na fronte oriental, mas produziu o fim da ultima grande offensiva do inimigo na fronte occidental em 1915.

Vamos descrever a primeira das demonstrações em larga escala do poder da artilharia pesada franceza. Em 1914, os allemães haviam mostrado o valor das granadas com altos explosivos descarregadas por gigantescos canhões e howitzers transportados por caminho de ferro ou por automotoras. Em Neuve Chapelle, na Champagne, em Les Eparges, no bosque de Ailly e em toda a parte os alliados haviam já quasi mostrado ao inimigo que não tinha elle o monopolio das machinas que tendiam cada vez mais a transformar a guerra de uma disputa entre soldados n'uma contenda entre chimicos e mechanicos.

O commando francez percebeu que sem uma superabundancia de artilharia pesada os alliados nunca poderiam dominar o inimigo.

Quando a guerra rebentou, esse ramo do exercito francez estava, segundo um relatorio semi-official, «em via de reorganisação». Pelo mesmo relatorio sabe-se que Joffre, na batalha da Flandres, apenas se serviu de 60 canhões pesados. E' inquestionavel que os allemães em 1914, embora a sua artilharia ligeira fosse inferior á dos francezes, no que dizia respeito á artilharia pesada eram superiores aos alliados.

Desde 11 de novembro de 1914 uma enorme mudança se operára. Sob a direcção de Joffre, de Millerand, o ministro da guerra, e de Thomas, o ministro das munições, grande parte da população civil franceza fôra mobilisada para o fabrico de artilharia, de metralhadoras, de espingardas e de munições.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1973—6.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quinta-feira, 3 de Fevereiro de 1916

Telephone n.° 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

GOVERNO E PARLAMENTO

Está acalmada a agitação em Lisboa? Evidentemente, o que se torna necessario, o que se impõe, é não descurar, nem um só momento, o grave problema das subsistencias, quer o consideremos como a razão fundamental d'essa agitação, quer o julguemos um pretexto aproveitado por elementos perturbadores para a fazer desencadear-se.

O parlamento assim o parece ter comprehendido, e por isso mesmo o projecto do sr. ministro do fomento, cuja discussão se arrastou longos dias na camara dos deputados, foi hontem, na mesma camara, approvado em sessão prorogada, fazendo-se mais n'um dia do que o que se tinha feito em semanas.

Esse projecto vae transitar para o Senado. E' absolutamente necessario que n'essa casa do parlamento haja a mesma diligencia na sua votação. Se elle necessita de emendas, introduzam-lh'as; se elle não é bom, substituam-o por outro, mas façam-o com aquella rapidez que as questões de salvação publica requerem e impõem.

Quem disser que a vida das classes pobres em Portugal se não tornou incomportavel em presença da alta exaggeradissima do preço dos generos de primeira necessidade, ou labora n'um erro que a logica demonstra ser um patente absurdo, ou pretende convencer-nos d'uma enormidade, que só na má fé se origina.

Ao governo deve-se lembrar que a questão economica é a maior, e a mais importante questão portugueza. Quando João Franco, fazendo o programma do seu partido, que denominava regenerador-liberal, propositadamente poz de parte a questão social, que na economica se filiava, dizendo que ella não existia no nosso paiz, immediatamente os espiritos reflexivos comprehenderam os seus intuitos de mystificação politica, qeu se desmascararam n'uma dictadura sangrenta. A questão economica é uma questão fundamental na sociedade portugueza, desde os tempos da decadencia da monarchia. Pode dizer-se que desde Fontes, e a sua politica de fomento, na questão economica se encontravam sempre os governos das agitações populares.

Não ha duvidas que a questão economica se confundiu com a questão politica durante os tempos da mais activa propaganda republicana. A razão é simples. As classes pobres, e o mesmo é dizer o povo, esperavam que d'uma transformação de regimen, substituindo-se a monarchia pela Republica, adviria para ellas uma era de progressivo bem estar, ou que, pelo menos, o seu mal estar, as difficuldades da sua existencia, se attenuariam. Esperavam-o; tinham o direito de o esperar, ainda o teem e sempre o terão.

Proclamada a Republica, o aspecto politico desappareceu das reivindicações economicas. Com effeito, que se ha de fazer além da Republica? E porventura dentro da Republica não é licito esperar que se melhore a existencia dos pobres? Por isso mesmo, a questão economica se revela agora, na sua propria estructura.

Não ha duvida que a carestia da vida é devida a causas de que nem a Republica nem os seus governos são responsaveis. Produziu-a a guerra europeia. Mas não ha duvida tambem de que sendo o mal estar geral, denunciando-se em todo o paiz, a toda a hora, a todos os instantes, não interessando apenas uma determinada classe ou uma determinada região, sendo, em toda á accepção do termo, um mal publico, é ao governo que compete, sobretudo, tomar iniciativas para o remediar, como ao parlamento incumbe discutil-as e convertel-as em leis necessarias e inadiaveis.

E' isso que o paiz espera que o governo e o parlamento façam, e o zelo hontem demonstrado pela Camara dos Deputados representará, queremos acreditál-o, o inicio d'uma actividade fecunda que servirá o paiz e a Republica.

Poeira da Arcada

Os jornaes da noite já ante-hontem se venderam a dois centavos. Os da manhã de hontem foram offerecidos ao publico pelo mesmo preço. E' uma inovação que briga bastante com os habitos dos leitores. Como vencer de outra sorte a situação criada pela guerra? O tempo impõe sacrificios a todos e a imprensa merece que alguns se façam em seu favor.

Ella representa uma força que muito importa não diminuir, para que o Portugal moderno não fique entregue a pastores com o seu cajado nodoso e prompto em esmocar cabeças pimposas.

Embora muita gente assim o não pense, os jornaes são uma das poucas garantias do movimento livre das opiniões. A sua morte seria um luctuoso acontecimento para todos os que teem ainda um nucleo de esperanças a salvar, no meio do alegre scepticismo arranjista de tantos rapasinhos enfatuados e no meio do petreo egoismo de tantos velhos rigidos no seu credo tumular.

* * *

O dr. Pedro Martins, falando ante hontem no Senado sobre os acontecimentos dos ultimos dias, proferiu palavras justas que bom seria não cairem em sacco roto. Existe, entre nós, bem patente, um gravame de miseria que, nos lares pobres, quebra as vontades e as resistencias para se manterem submissas na obediencia á lei e ao dever. Os estomagos pedem pão e não palavras.

Para que os perturbadores do socego publico não encontrem ingenuos que os escutem e sigam, é necessario que o governo encare a serio o problema das subsistencias. A guerra vem espalhando muitos maleficios, mas outros ha cuja origem nada tem de guerreira. O que, segundo o *Diario de Noticias*, se passou em S. Mamede de Infesta, encerra excellentes ensinamentos. Quando a fome se torna um facto, a propriedade perde alguns dos seus direitos.

* * *

Os italianos, na sua campanha contra a Austria, querem que os limites da sua patria, pelo nascente, sejam os que Dante lhe marcou. O auctor da *Divina Comedia* é apresentado agora como um propheta dos actuaes successos.

No dia em que esteja realisado o velho sonho gibelino—e esperamos que não falte muito tempo—impõe-se uma grande romagem ao tumulo do homem que, em plena idade media, mediu os seculos com tão clara visão que agora todos os italianos comprehendem o seu pensamento, trabalhando para realisal-o. Eis o que valem as certezas do genio!

Migalhas

Schwalbach

O illustre comediographo, que hoje vae ter no theatro da Trindade mais uma apotheose condigna do seu grande talento ignora o caso que lhe vamos contar.

Em dezembro de 1900 um sympathico mancebo, alumno da Escola Polytechnica, subia ao segundo andar do predio que faz esquina da rua da Santissima Trindade para a calçada do Duque. Ahi residia com duas irmãs o actor Valle. O estudante conhecia o artista por ter sido por este ensaiado em varias recitas da Tuna Academica então regida musicalmente por Illydio Amado. Era o tempo em que Chaby Pinheiro, Carvalho da Silva, Carlos Maciel, Paiva Curado, Avellar, Xavier da Silva, etc., desdenhavam Hypocrates e outros vultos da sapiencia para se entregarem como amadores ás delicias da Arte de Talma.

Voltando ao nosso caso, o estudante levava a Valle, para que este a lesse, uma comedia em tres actos, que tinha commettido em collaboração para uma recita de curiosos. Valle recebeu o canudo com aquelle sorriso amarello, que sempre caracterisa essas recepções. O auctor dramatico «in-herbis» sahiu um pouco desconsolado e qual não é a sua surpresa, ao receber, d'ahi por dois dias, um recado para assistir ao ensaio de prova da sua obra no theatro da Rua dos Condes, onde Valle era escripturado e Carlos Borges empresario.

Não ha memoria d'uma peça ter sido acceite e copiada em tão breve espaço de tempo. Em dez dias se ensaiou ella e a 5 de janeiro de 1901, subia á scena com uma distribuição em que brilhavam os nomes de Valle, Joaquim de Almeida, Silva Pereira e Beatriz Rente, — «excusez du peu»—e por esse motivo foi um exito

Tudo n'este mundo se explica e aquelle caso tão singular nos annaes do theatro portuguez tinha uma explicação. N'esse momento escrevia Schwalbach a sua revista «Nicles». Entregava um acto e não havia forma de lhe sacar o resto. O theatro estava fechado, a companhia parada, surgia aquella comedia e, para se fazer qualquer coisa, ensaiou-se e representou-se. E assim o mestre, que se festeja hoje na Trindade, abriu sem saber as portas da carreira dramatica a um jovem mancebo, que, se não fosse aquella inesperada aragem de sorte, decerto teria pensado n'outra coisa. Assim, teimou, voltou passados seis annos á carga e, de então para cá, não se tem dado mal. Devia a si proprio o vir a ser um grande amigo de Schwalbach e soube sel-o.

Como não desejo que v. ex.as morram doidos a scismar quem será o auctor dramatico de que Schwalbach foi pela primeira vez padrinho ha quinze annos, prefiro dizer-lhes desde já que fui eu.

André Brun

UMA QUESTÃO URGENTE

O projecto das subsistencias

As medidas tomadas para abastecimento dos mercados, regularisação dos preços dos generos e repressão dos açambarcadores

E' a seguinte a redacção definitiva do projecto das subsistencias, hontem approvado pela camara dos deputados e que transitou para o senado:

Artigo 1.°—Todas as providencias destinadas a promover o abastecimento do paiz de materias primas e mercadorias de primeira necessidade e a normalisar os mercados internos serão tomadas pelo governo, por intermedio do ministerio do fomento, de harmonia com as bases annexas a esta lei.

Art. 2.°—Fica o governo auctorisado a reunir n'um só diploma as disposições contidas nas bases annexas, devidamente regulamentadas, e quaesquer outras em vigor que não contrariem o presente diploma, sem prejuizo das faculdades que ao poder executivo confere, em materia economica, a lei n.° 373, de 2 de setembro de 1915.

Art. 3.°—Fica revogada a legislação em contrario.

Base 1.ª—Junto do ministerio do fomento funccionará uma commissão, denominada «Commissão Central de Subsistencias», á qual compete estudar as questões relativas ao aprovisionamento do paiz de materias primas e mercadorias de primeira necessidade e consultar sobre as providencias que o governo deva tomar para assegurar o abastecimento, promovendo e facilitando a execução das que forem adoptadas.

Paragrapho unico.—Esta commissão será constituida pelo presidente da Junta do Credito Publico, Director Geral das Alfandegas, Provedor da Assistencia de Lisboa, Director da Manutenção Militar, e por mais sete individuos que o ministro do fomento nomeará livremente, sendo um agricultor, dois commerciantes, dos quaes um, pelo menos, do commercio de retalho, um industrial, dois operarios e um outro vogal que póde ser extranho a qualquer das classes indicadas.

Base 2.ª—Ao conselho gerente da Manutenção Militar compete dar execução ás providencias a que se refere a base anterior, ouvindo a Commissão Central de Subsistencias, quando se lhe offereçam duvidas ou difficuldades na sua applicação, e informando-a de todos os actos de que tiver conhecimento, praticados no intuito de contrariar os fins d'esta lei.

Base 3.ª—Em cada districto da metropole haverá uma commissão de subsistencias que se chamará «Commissão de Subsistencias do districto de...», com as attribuições que pelo decreto n.° 1:900 foram conferidas ás commissões de subsistencias concelhias, que ficam extinctas.

Paragrapho 1.°—As commissões districtaes de subsistencias serão constituidas pelo governador civil, presidente da commissão executiva da junta geral do districto, inspector de finanças, presidente da commissão executiva do municipio da sede do districto, e por mais cinco individuos que o ministro do fomento nomear, sob proposta da Commissão Central de Subsistencias.

Paragrapho 2.°—A proposta da Commissão Central basear-se-ha nas relações nominaes enviadas pelos governadores civis que, farão representar a agricultura, a industria, o commercio de retalho, a classe operaria e as profissões liberaes.

Base 4.ª—As tabellas de preços dos generos que as commissões districtaes teem de organisar serão, antes de publicadas, sujeitas á homologação da Commissão Central de Subsistencias, considerando se homologadas se esta, no prazo de cinco dias, não lhes tiver negado a approvação.

Paragrapho 1.°—Na elaboração das tabellas as commisões districtaes estabelecerão, a conjugação dos preços de compra e de venda, fixando os maximos por que os productores, intermediarios e commerciantes poderão vender as mercadorias.

Paragrapho 2.°—Com o fim de evitar que indirectamente sejam elevados os preços das materias primas e mercadorias de primeira necessidade, será prohibida a adopção de unidades de venda differentes das que normalmente são usadas nas respectivas localidades.

Base 5.ª—Quando o governo julgar conveniente todos os que por qualquer titulo possuam ou detenham, com fins commerciaes, quaesquer materias primas ou mercadorias são obrigados a declarál-as, com exactidão, sob pena de perdimento da parte não manifestada.

Base 6.ª—Os productores, intermediarios ou commerciantes de quaesquer materias primas e mercadorias de primeira necessidade, que as possuam para venda ou as tenham em quantidade superior ás necessidades da familia e da sua exploração agricola, industrial ou comercial, não podem recusar-se a vendel-as, sempre que haja procura, e por preços nunca excedentes aos que as commissões districtaes de subsistencias estabelecerem como maximos.

Paragrapho unico.—Além da penalidade que competir pela recusa, serão as mercadorias, no caso de reincidencia, apprehendidas e vendidas pelas commissões districtaes respectivas, revertendo o producto da venda em beneficio das instituições da assistencia publica.

Base 7.ª—Para normalisar os mercados internos, o governo poderá, por intermedio da Manutenção Militar, comprar e vender materias primas e mercadorias de primeira necessidade, e tambem poderá directamente prohibir ou auctorisar a importação ou exportação d'ellas e ainda alterar os seus encargos fiscaes.

Paragrapho unico.—O preço de venda de qualquer producto nunca poderá ser inferior ao do respectivo custo, acrescido da importancia dos diversos encargos, quebras ou despesas que sobre o mesmo producto tenha incidido.

Base 8.ª—Quaesquer corpos ou corporações administrativas, sociedades cooperativas e a Provedoria Central da Assistencia de Lisboa podem, mediante auctorisação do governo ou por delegação, realisar, mesmo por conta e risco dos possuidores a venda de generos destinados á alimentação publica.

Base 9.ª—No caso previsto na base 7.ª compete ás commissões districtaes de subsistencias requisitar á commissão central as quantidades que julguem necessarias para o aprovisionamento dos districtos e rateál-as pelos respectivos concelhos, ficando responsaveis pelas mercadorias ou o seu valor de venda.

Base 10.ª—O ministro das finanças abrirá os creditos especiaes necessarios para o cumprimento do disposto na base 7.ª, com dispensa do preceituado no artigo 4.° da lei de 29 de abril de 1913.

Paragrapho unico.—O ministro do fomento fará depositar na Caixa Geral dos Depositos, á ordem da Commissão Central de Subsistencias, e mediante requisições por esta formuladas, as importancias que approximadamente tiverem de ser applicadas em pagamentos a realisar no paiz e no estrangeiro.

Base 11.ª—São dispensadas as formalidades prescriptas nas leis e regulamentos da Contabilidade Publica, quando possam demorar, com grave prejuizo publico, as operações que a Commissão Central de Subsistencias tiver de effectuar rapidamente.

Paragrapho unico.—Tanto as operações feitas nos termos d'esta base como quaesquer outras serão communicadas semanalmente ao ministerio do fomento e regularmente escripturadas, devendo as contas, acompanhadas de todos os documentos respectivos, ser submettidas ao Conselho Superior da Administração Financeira do Estado e ao mesmo tempo, por extracto, ao Congresso da Republica.

Base 12.ª—O governo poderá, sem prejuizo do disposto no artigo 17.° da lei n.° 392, auctorisar o fornecimento, pela Manutenção Militar, á industria da panificação, dos tipos de farinha, em conformidade com o diagrama em vigor, desde que as fabricas de moagem matriculadas o não façam.

Base 13.ª—As trangressões dos preceitos d'esta lei e dos seus regulamentos serão punidas com penas não superiores á de prisão correccional, além do perdimento da marcadoria, quando couber, e o processo será o prescripto na lei commum, salvo o caso do pagamento voluntario da multa, quando esta fôr a unica penalidade applicavel.

Base nova—O governo poderá requisitar em qualquer occasião as materias primas e os meios de transporte que forem indispensaveis á defesa ou economia nacional, que se encontrem nos dominios da Republica incluindo as aguas territoriaes.

NO CINEMA CONDES

"A Guarda de Sua Magestade,,

e as manobras de guerra executadas por submarinos francezes

Já detalhadamente nos referimos ao adoravel drama que ámanhã será exhibido, como estreia, na inauguração do Cinema Condes, e que está destinado por certo a obter extraordinario exito.

«A Guarda de Sua Majestade» tem, de facto, todas as condições para impressionar profundamente o publico. Além de uma nitidez surprehendente, os episodios succedem-se tão variados e imprevistos que não é possivel desprender-se a attenção, um instante sequer, do «écran» onde se projectam as personagens e os magnificos scenarios do «film». O espectador tem ensejo, durante a sua exhibição, de assistir ao termo de uma batalha sangrenta, a combinações diplomaticas effectuadas no misterio das chancellarias, aos episodios pungentes da fuga de um soberano vencido, a um idillio amoroso na «Côte d'Azur», a uma emocionante explosão de uma pedreira, a uma lucta vertiginosa de velocidade entre um expresso e um automovel de corrida, etc.

E', em summa, a mais perfeita combinação de episodios emocionantes que se pode imaginar n'um drama d'este genero.

A inauguração do Cinema Condes realisa-se, como referimos, ámanhã á noite, com um programma inteiramente constituido por estreias. Além dos episodios do bombardeamento das trincheiras allemãs na Champagne, devem despertar tambem um supremo interesse as manobras de guerra dos submarinos francezes, onde o espectador assiste a todos os pormenores d'este novo genero de lucta. Fita altamente instructiva e curiosa, basta dizer-se que, entre outras scenas, se assiste ao torpedeamento de um formidavel «dreadnought», cuja explosão é presenceada atravez do periscopio do submersivel.

A empreza do Cinema Condes contractou tambem um magnifico sextetto, que durante a exhibição dos «films» executará um variado e escolhido reportorio musical.

Orpheon de Condeixa

A sua apresentação em Lisboa, realisa-se na noite de 9 de corrente

Realisa-se na noite de 9 d'este mez o concerto do Orpheon de Condeixa no theatro do Republica, com um programma de que fazem parte trechos da musica classica mais difficil e bella, como os de Palestrina, Bach e Beethoven, e as canções populares portuguezas.

Tomam parte no concerto M.lles Alice e Amelia Rey Colaço e Affonso Lopes Vieira fará uma conferencia intitulada *O Canto Coral e o Orpheon de Condeixa*. Ha o maior enthusiasmo por este concerto excepcional, de que em breve publicaremos o programma.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A questão das subsistencias

Falta de milho

PORTO, 3.—O administrador do concelho do Povoa de Varzim conferenciou hoje com o chefe do districto sobre a necessidade de abastecer de milho aquella villa, pois o que ha no concelho não chega para o consumo d'um mez, pelo que receia se deem tumultos.

Tambem a mesma auctoridade ponderou a necessidade de uniformisar os preços nos concelhos visinhos. Para abastecer a Povoa de Varzim são necessarios 40 carros por semana.

Estão presas 25 pessoas, como implicadas nos acontecimentos da noite passada em Paranhos, nada tendo hoje ali occorrido de anormal.

Noticias parlamentares

E' sempre assim. Onde se juntar uma duzia de portuguezes não ha maneira de fazer vingar a paz e a concordia. Cada um pensa á seu modo; e assim, a certa altura, as doze opiniões differentes, entrechocando-se, produzem tal alarido que deixam toda a gente surda. A commissão de inquerito ao fogo de Santa Clara e aos fornecimentos para o exercito não logrou fugir a esse triste destino. Encalhou, esphacelou-se, d'encontro ao escolho de agudas crises que as divergencias d'aquelles que a compõem fizeram erguer na sua frente. E agora? Agora, favas contadas. Adeus inquerito, que te foste pela agua abaixo, como uma casca de noz apanhada pela torrente e impellida para ignotos destinos... Quem quizer saber que adivinhe.

* * *

Na Camara, ha tantas cathegorias de oradores como deputados que falam. Ha os que não se ouvem, os que quasi se ouvem e os que se ouvem de mais. Ha os que escrevem os discursos em casa e os declamam com emphase de comico de mediana reputação. São os menos offensivos. Ha os que improvisam seus dizeres, e que architectam taes algaravias que dão a impressão de que falam chinez. E ha os que escrevem e teem decoradamente o que escrevem, como se dessem uma lição, perante um mestre feroz. O sr. Prazeres da Costa é dos ultimos. Veiu da India e não aprendeu ainda a exprimir-se sufficientemente n'este nosso idioma, sem guia a dirigir-lhe a lingua. Perguntará o leitor porque, desentaramelando a custo, não está o sr. Prazeres da Costa calado. Ora essa, porque não quer. E cá estamos nós para o aturar. Pois antes ser mordido por uma cobra cascavel.

* * *

O sr. Antonio Macieira requereu hoje na Camara uma nota da vaccina antivariolica adquirida pela Delegação de Saude de Lisboa desde 18 de setembro de 1915, com a designação das respectivas marcas, portuguezas ou estrangeiras, e a indicação de ter sido ou não contrastada a vaccina estrangeira e verificada a sua authenticidade pelo Instituto Central de Higiene. Pela direcção geral das alfandegas de Lisboa o mesmo deputado requereu ainda uma nota da vaccina estrangeira importada até áquelle dia e da que foi despachada sem a verificação do mesmo instituto e da que se encontra na alfandega por despachar por falta de cumprimento de formalidades legaes.

* * *

O sr. senador Antonio Campos fez no Senado declarações graves sobre coisas militares. Chamado a dizer o que sabia, calou-se. Instado, tornou a calar-se. Novamente instado, disse então que só falaria perante a commissão de inquerito. Essa commissão intervem. Chama o sr. Campos a capitulo. Nada. O que tem a dizer, informa elle áquelles que por sua livre vontade escolhera para se desobrigar, não era urgente. Logo, podia ficar para mais tarde, lá para as calendas gregas? Talvez. Chega-se a ter a impressão de que o sr. Campos, mettido entre as queixadas d'uma tenaz, procura todos os meios e recorre a todas as contracções para se safar. Pois faz mal. Quem tem, n'estas coisas de dizer alguma coisa, deve dizel-o sem fosquinhas. O jogo das escondidas só se admitte na escola primaria ou entre namorados. Em coisa sérias, não...

* * *

A «lácuna» forneceu hoje, na Camara, um pequenino episodio pittoresco. Dir-se-hia que esse bicharoco de tão hirsuta guedelha fora de ha muito tosquiado pelos purristas parlamentares. Mas não. O sr. Arthur Costa ainda não lhe vibrou até agora a thesourada implacavel da sua erudição inconcebivel. Mas o sr. Carvalho Mourão não foi tão complacente e disse que a «lácuna» que um dia soou sob a cupula como uma cacetada vibrada contra um madeiro, não passava d'um artigo de contrabando, que não podia obter, na alfandega da grammatica, despacho favoravel. Não se pode ser mais... Calixto Eloy. Entretanto, quando o sr. Carvalho Mourão falava, o sr. Gastão Rodrigues julgou que ia ser apprehendido, como antes do contrabando. As orelhas chegaram a fazer-se-lhe encarnadas. Porquê?

* * *

E' dos da velha guarda, o sr. Alfredo de Magalhães. E' dos que, em longos annos de luctas politicas, exercitou a sua palavra e se habituou a falar com a cabeça. Eis porque a sua fala, ao erguer-se hoje pela primeira vez na Camara, conseguiu impor-se sem esforço. E' que o orador disse com clareza o que queria, sem precisar de atropellar as regras da rhetorica nem de recorrer a violencias, que nada provam. Tinha razão o sr. Alfredo de Magalhães? Só os entendidos podem affirmal-o. O que elle teve, porém, foi intelligencia na defeza das suas ideias e até na critica feita ás condições sanitarias do Porto. E, isso basta. E' que ouvir falar na Camara com intelligente correcção vae sendo mais custoso do que impedir o sr. Pires de Campos de dizer tolices...

«Tut est bien, qui finit bien». E a verdade é que não pode acabar melhor a discrepancia que entre o sr. Manuel Monteiro, presidente da Camara e a maioria surgira. Não ha nada como o tempo para apagar amarguras. Quando todos os outros recursos falham, esse não falha nunca. Assim o sr. Manuel Monteiro, depois de andar arredio uns dias, voltou ao seu logar, que elle honra sobremaneira. Ainda bem. E' que toda a gente estava farta de ver, lá em cima, no throno da presidencia, o sr. Godinho. O illustre filho d'Almeirim não nasceu para tão altas cavallarias. D'ahi, cincar a cada passo, tropeçar, ir-se abaixo por falta de todas as resistencias. O sr. Godinho desappareceu e o sr. Manuel Monteiro surgiu. Seria caso para mandar tocar a rebate todos os sinos de S. Bento, se lá estivesse algum...

OS FRUCTOS DA INTOLERANCIA

Fecha-se uma egreja publica, surgem quatorze capellas particulares

S. Martinho de Cintra e o seu parocho—As accusações que lhe fazem—Um processo pendente ha nove mezes que se não decide—Um antigo devoto do Senhor dos Passos que o fecha á chave

A junta de parochia de S. Martinho de Cintra, a proposito d'um artigo que publicámos no dia 28 de janeiro, enviou ao director da «Capital» um officio em que affirma não ser esse artigo a expressão da verdade e desejar que do publico seja conhecido o seguinte:

Diz o sr. Avelino de Almeida, no principio do seu artigo, que após a revolução do 14 de maio, a junta fechou as portas da egreja, sob o pretexto de que o parocho era inimigo da Republica. As chaves foram entregues á junta por uma commissão delegada do povo, que as tinham ido buscar a casa d'esses mesmos padres, allegando que a continuação d'elles na egreja era prejudicial para as instituições e poderia originar alteração de ordem publica.

A junta por sua vez, investigando do facto, chegou a apurar que effectivamente esses padres prevaricavam; do que tudo deu conhecimento ao ex.mo sr. ministro da justiça em officio de 26 de maio de 1915, estando por isso pendente desde essa epoca um processo contra elles.

A junta de parochia, não prohibe que o culto seja exercido na egreja em questão; mas sómente quer e o povo tambem que não sejam aquelles mesmos padres que ali o exerçam, mas sim outro qualquer que não faça politica; porquanto elles faziam distribuição de boletins, á hora da missa escriptos em linguagem desbragada e muitas vezes até attentatoria ao regimen; usavam vestes talares, nos acompanhamentos de enterros, etc., do que estavam prohibidos pelo administrador do concelho ex.mo sr. Lucio d'Azevedo; pediam aos individuos que frequentavam a egreja para não deitarem dinheiro nos cofres da junta mas sim nos d'elles, porque diziam não saber o destino que levava, duvidando assim da honestidade da mesma junta.

A junta, que pretende dar-nos lições e cuja argumentação e cuja sintaxe são como os leitores estão vendo, nega que vá promover a venda de imagens, paramentos, etc., que pertenciam a irmandades, explicando:

Tambem assim não é; pois que a junta nada tem com essas irmandades que ha tempos se acham extinctas e os seus bens superiormente mandados entregar á Assistencia Publica, a qual só ella d'elles pode dispôr.

São estas as passagens essenciaes do officio da junta que é composta dos srs.: Abel Pinto Tavares, presidente; vogaes José Caetano dos Santos, Carlos José Garcia, Fernando Mello Costa, Maximo José dos Reis; secretario, Virgilio André de Fontes Barreto.

* * *

Não ficará sem resposta a junta de parochia de S. Martinho de Cintra. Conhecemos, de ha muito, e até nos seus pormenores, a historia do encerramento da egreja. A junta, vindo dizer de sua justiça, lavrou a sua propria sentença condemnatoria. Apenas a moveu o odio pessoal na perseguição ao prior de S. Martinho, que dispensa a nossa defeza e cujos interesses materiaes, como já accentuámos, não conseguiu lesar. Com effeito, fechando a egreja, não prejudicou o padre, não difficultou a acção religiosa; não prestigiou a Republica. Succedeu exactamente o contrario. O padre teve mais quem o coadjuvasse. A vida religiosa intensificou-se. Em torno das instituições, olhadas já por muitos como adversas aos crentes, cresceu o isolamento cavado pela inepcia e pela paixão do espirito sectario...

A insophismavel, irreductivel verdade é esta: Fechou-se a egreja de S. Martinho e logo na villa funccionaram durante o verão cêrca de quatorze capellas! Tiraram-se ao prior as chaves da egreja porque elle era inimigo da Republica, mas o processo, que lhe intentaram, ainda não logrou, ao cabo de nove mezes, produzir provas que o condemnassem e, a despeito da vontade da junta e das pessoas de que ella é instrumento, mantem a sua residencia em Cintra e ali exerce o seu ministerio pastoral!

As affirmações da junta não resistem á mais leve analyse. E' inexacto que as chaves do templo fossem entregues á junta por uma commissão delegada do povo. Onde e quando se reuniu e deliberou o povo de Cintra? Como nomeou ou elegeu elle essa commissão? A junta não o diz nem poderia dizel-o. Ninguem ignora n'aquella villa que um grupo de tres individuos, um dos quaes era o sr. Virgilio de Fontes Barreto, secretario da junta, se dirigiu, após o 14 de maio, não só a casa do prior de S. Martinho mas tambem a casa dos priores de Santa Maria e S. Pedro para se apossarem das chaves das respectivas egrejas. Os passos que deram relativamente ás duas ultimas foram, como se sabe, baldados, não constando que o hypotetico povo se insurgisse contra os seus pouco felizes emissarios.

Mas attentemos nas accusações ao parocho de S. Martinho. Primeira: que fazia politica, distribuindo boletins, á hora da missa, etc. Trata-se do boletim parochial, distribuido em numerosissimas egrejas do patriarchado e do paiz e que não consta que fosse processado como incurso na lei de imprensa ou n'outra qualquer. Segunda: que recommendava aos fieis que não deitassem esmolas nos «cofres da junta» por não saber o destino que levavam. Se fez tal recommendação, o parocho apenas cumpriu o seu dever. A junta arrecadava as esmolas com que os fieis contribuiam para o culto, mas que lhe não eram applicadas, ignorando os mesmos fieis essa importante circumstancia que transtornava totalmente as suas intenções.

Mas pode alguem admittir que a ordem publica perigasse em Cintra porque o prior de S. Martinho distribuia entre os devotos um boletim parochial dirigido pelo prior da Encarnação de Lisboa e lhes indicava a melhor forma de contribuir com as suas esmolas para o culto?

São esses os unicos delictos que lhe imputam, além do uso de vestes talares nos enterros, o que aliás só aconteceu quando para isso auctorisado por escripto pela auctoridade administrativa. As vestes talares Sacodem-nas por Lisboa, á luz do sol, os alumnos do seminario dos Inglezinhos e nem sequer as despem, limitando-se a arregaçal-as, quando em Cintra se divertem escarranchados nos classicos burricos...

E por causa d'estes crimes hediondos pende ha nove mezes um processo contra o prior de S. Martinho, temeroso adversario da Republica; por causa d'esses crimes ha nove mezes que se encontra fechada a egreja matriz da villa de Cintra entre cujos habitantes se contam o mesmo prior e um seu irmão tambem sacerdote, que a junta pretende de egualmente envolver nos seus rancores!

O que aproveitarão com isto as instituições?

* * *

Quanto aos bens das irmandades extinctas e que, por assim dizer, constituem o recheio da egreja, algumas considerações faremos dentro em breve. Lembraremos, no entanto, desde já, que se imagens, paramentos e alfaias forem postos em leilão, elle se annuncie com a necessaria publicidade. Ha quem deseje adquirir a vara que o sr. Virgilio André de Fontes Barreto, secretario da junta de parochia de S. Martinho, empunhava, grave e solemne, nas procissões de Passos, até o anno da graça de 1910, envergando a sua opa de seda rôxa. Este sr. Virgilio de Fontes Barreto, que após o 14 de maio foi buscar as chaves á casa do prior e que desejava não só a egreja de S. Martinho mas todas as outras egrejas fechadas, só depois de 5 de outubro perdeu a devoção. Até essa data não lhe bastava o Senhor dos Passos de Cintra. Corria todos os annos a Torres Vedras e lá o viam tambem encorporado na procissão dos Passos, de vara e opa. Na Semana Santa, subia ao côro de S. Martinho e ahi, com venia do prior que hoje reputa perigoso para o regimen, cantava, plangentemente, as lições do Officio de Trevas... Impagavel Virgilio! Agora anceia por ver o Senhor dos Passos em almoeda. Pois fique sabendo que ha em Cintra quem o compre só para que de lá não sáia...

Mas o episodio não merece que com elle percamos mais tempo. Os da junta, para explicarem o inexplicavel, inculcam-se mandatarios do povo de Cintra. Não acreditamos que o sejam. Sabemos que o não são. O verdadeiro, o sensato povo de Cintra, terra de turismo e estação estival, decerto nunca reconheceu vantagens no encerramento da sua principal egreja durante longos nove mezes, e não toma a sério as accusações formuladas contra o padre cujo processo não tem ponta por onde se lhe pegue.

Avelino de Almeida

Falta de carne

O movimento do Matadouro em janeiro

Para consumo dos talhos municipaes foram hoje abatidas no Matadouro 9 rezes e 20 carneiros, continuando a abstenção dos marchantes em quanto os creadores não venderem o gado a 5$70 os 15 kilos.

No mez findo o movimento do Matadouro foi o seguinte: rezes bovinas adultas abatidas, 2103 com 548.063 kilos; adolescentes, 564 com 31.285; ovinas, 4681 com 50.502; suinas, 42 6 com 545.065. Foram inutilisadas 19 rezes bovinas adultas com 4176 kilos, 1 ovina com 10 e 8 suinas com 7.570 kilos.

Pobres d'A CAPITAL

O grupo dos S. S. realisou ante-hontem em Cabo Ruivo, no restaurante Guerra, o seu jantar habitual, sendo trinta os convivas e tocando durante a refeição os distinctos amadores Carmo Dias e Virgilio de Brito. A festa decorreu encantadora e no fim não se esqueceram os convivas dos pobres, realisando-se uma «quotto» para tal effeito. Do seu producto foi-nos enviada para os nossos protegidos a quantia de $80, o que agradecemos.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Dôr suprema.
REPUBLICA—A's 21—O diabo.
TRINDADE — A's 21 — Boccacio.
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro «O casamento do collo tudos».
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 —Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Palha,os—Caval. rusticana.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Primeiras representações

NACIONAL—A vida d'um rapaz pobre—Festa artistica de Albertina de Oliveira.

Não houve boatos, nem receios de perturbação da ordem, nem medo de bombas que affastassem o publico da festa artistica de Albertina de Oliveira, hontem realisada no Nacional com uma casa cheia e applausos calorosos. A gentilissima comediante escolhera para sua recita *A vida d'um rapaz pobre*, que ainda ha pouco reappareceu no Polytheama em festa de Ignacio Peixoto. Drama d'uma escola extincta, cujos processos, por falsos, ingenuos, quasi ridiculos, hoje se não admittem na arte scenica, *A vida d'um rapaz pobre*, tirada do celebre romance de Feuillet, foi uma peça popular, em que se evidenciaram algumas das primeiras figuras do nosso theatro, e ainda agora encontra espectadores que seguem com commovida curiosidade o desenrolar das aventuras do Maximo Odiot, o aristocratico mancebo que Alvaro, decorridos tantos annos após os seus triumphos no desempenho d'essa personagem, incarnou mais uma vez por deferencia para com a sua joven camarada.

Do papel de Margarida Laroque incumbiu-se Albertina de Oliveira que, interpretando-o com intelligencia, procurou accentuar todas as cambiantes do caracter d'essa rapariga em que a paixão amorosa vence o orgulho e a quem o mais estranho acaso conserva a fortuna e nobilita o nome. Em plena mocidade, possuindo graças naturaes que a valorisam como actriz, sabendo vestir-se com aprimorado gosto, a estudiosa societaria do Nacional tem na sua frente um magnifico futuro, se lhe não faltar perseverança—porque aptidões não lhe escasseiam...

Augusto de Mello e Antonio Pinheiro representaram como mestres, Henrique de Albuquerque houve-se com a naturalidade habitual, Palmyra Torres, Isabel Berardi, Maria Augusta, João Caluzans e Shore foram correctos. A pequena Judith de Castro muito bem na sua pequena rabula.

Albertina de Oliveira, cujo camarim estava repleto de flores e brindes, muitos d'elles valiosos, recebeu ali os cumprimentos dos seus amigos e dos seus admiradores e foi no final de todos os actos chamada repetidas vezes ao proscenio e enthusiasticamente applaudida.

A. de A.

THEATRO APOLLO — Palavra de honra!—Revista em 2 actos e 14 quadros, original de Lino Ferreira, Arthur Rocha e Alvaro Santos, musica de C. Calderon e Hugo Vidal.

E' dos mesmos auctores da *Rosa Tyranna*, a peça que no ultimo domingo subiu pela primeira vez á scena n'este theatro e mentiriamos se dissessemos que é melhor do que aquella. Não quer isto dizer que esta não tenha condições de agrado, mas o que não ha duvida é que, quer como critica de factos, quer como graça, quer mesmo como factura, falha por vezes e especialmente no primeiro acto em que o 2.º quadro, aliás bem imaginado, não resulta como seria para desejar e em que o 3.º, talvez o mais infeliz, nada tem que o justifique dentro da peça. O 2.º acto é incontestavelmente melhor e tem um verdadeiro quadro de revista, que os auctores intitularam *Dia de S. Nunca*, em que até a propria nota politica é ferida com graça e que com um pouco mais de *mise-en-scène*, seria, sem duvida alguma optimo. Exploram os auctores nos restantes quadros d'este acto, os cantos regionaes emolduranado-os em scenarios apropriados e só é facto que não enthusiasmam o espectador, este ouve-os com manifesto agrado, attento o *encadrement* de que são revestidos.

O desempenho é homogeneo por parte de todos os artistas, alguns por sinal, bem mal aproveitados, como, por exemplo, Arthur Rodrigues e José Victor, o primeiro n'uma rabula sem valor, e o segundo no *compère*, ambos bem caracterisados e empregando o melhor dos seus esforços para fazer sorrir a plateia. Gentil, bom nos papeis a seu cargo e da parte feminina justo é destacar Lucia Garcia, muito interessante e subtilizando com intenção os couplets da *Menina paulitéira* e Rafaela Fons, ostentando lindas toilettes. Todos os demais artistas bem.

A musica ouve-se com agrado, tendo mesmo numeros felizes, dos quaes citaremos o do *Contador* por Pinto Ramos, no 3.º quadro do primeiro acto. Coros afinados. Marcação de Pedro Cabral, certa, mas sem grande phantasia.

Guarda-roupa, de Castello Branco, com alguns grupos interessantes e bem animados, não merecendo grandes reparos pelo seu resumido numero de fatos e finalmente o scenario do pincel dos nossos melhores scenographos, mereco os nossos sinceros applausos. D'elle destacaremos o 1.º, 6.º e 7.º quadro do primeiro acto, da auctoria de Luiz Salvador, o do 8.º de Reis, filho, e todos os demais do segundo acto pintados por Augusto Pina, todos elles interessantissimos o muito especialmente a apotheose final.

Alvaro Lima

Boatos e informações

Entre nós O semanario de critica theatral *Pontas de fogo*, que se publica no Porto, solemnisa o seu primeiro anniversario com um numero especial collaborado pelos nossos primeiros homens de theatro, por varios criticos dramaticos e alguns dos mais distinctos litterators portuguezes.

● Entra na proxima semana em ensaios no theatro Republica a peça de André Brun *A maluquinha de Arroyos*. Os principaes papeis femininos são desempenhados por Angela Pinto, Emilia de Oliveira, Josefina Saraiva e Barbara Volckart.

● Projecta-se realisar n'um dos nossos primeiros theatros uma recita em beneficio da viuva e filhos do escriptor dramatico Xavier Marques. Pensa-se em organisar um programma unico e sensacional.

● Pede-nos o actor Carlos de Sousa para declararmos que nada tem com o beneficio do um individuo do mesmo nome annunciado para 29 do corrente no theatro Polytheama.

● Depois d'ámanhã realisa-se no Colyseu a festa artistica e despedida da eminente cantora Kruceniski, que hontem na *Loreley*, foi ovacionadissima. Para a sua festa escolheu Krucenisky a *Bohême* pois na parte de *Mimi* tem o eminente soprano uma das suas grandes corôas de gloria. Hoje, recita elegante e segunda representação do *Othello*, um dos maiores exitos da temporada. A'manhã, recita de accionistas com os *Palhaços* e *Cavalleria rusticana*, que se cantam pela ultima vez.

● Sóbe ámanhã á scena no theatro Polytheama, como já noticiámos, a farça de Eduardo Garrido *O cão do commissario*, cheia de situações imprevistas, de um comico como só Garrido sabia encontrar. Escusado será dizer que todo o brilho á peça, esencenação cuidada de Ignacio Peixoto. tudo contribuirá para que a nova peça obtenha verdadeiro exito.

● Sóbe ámanhã ámanhã á scena no theatro Phantastico, em sessões, a revista *Já vi tudo*, em 1 prologo, 2 actos e 6 quadros, original de Pedro Bandeira, com musica do maestro Manuel Benjamin. O theatro passou por varias transformações, que o tornaram, ao que nos affirmam, uma elegante casa de espectaculos.

● Com o *Bocacio*, realisam ámanhã, no theatro da Trindade, a sua recita os novos artistas Aldir do Amaral e Mario Santos, dois rapazes cheios de boa vontade de acertar, muito modestos e conscienciosos no seu trabalho e que por isso mesmo teem conquistado já muitas sympathias.

Pelo Salão Foz

E' hoje que no Salão Foz se realisa a estreia de Los Papillons, troupe celebre de 8 gentis bailarinas hespanholas que veem precedidas de extraordinario successo. O seu numero de bailados é dos mais variados e artisticos que nos teem visitado. A estreia d'este novo numero, não impede que continuem a apresentar-se o duetto lyrico Los Berigardis, o melhor que tem pisado palcos portuguezes; nem isso é para admirar se dissermos que elle é constituido pelo soprano ligeiro Aida Saroglia e pelo tenor Florentia.

Los Gitanillos, bailarinos andaluzes, os reis da dança gitana, teem recebido todas as noites fartos applausos, bem merecidos, porque as suas danças são admiraveis.

Para ámanhã, em recita da moda está preparado um magnifico programma, cantando Aida Saroglia o «rondó» da *Lucia*, e Florentia o «ed amar» da *Gioconda*.

Los Gitanillos tambem preparam para a recita de ámanhã um novo programma.

As estreias no Salão Foz, succedem-se, estando já annunciada para a proxima segunda-feira a da *danseuse* Nelly-Nell, de que nos dizem maravilhas.

"A Ordem"

Encetou a sua publicação este novo diario da manhã, catholico, de que é director o sr. dr. Camossa Saldanha.

Ao novo collega os nossos cumprimentos.

Festa artistica de Augusto Rosa

Uma das noites do mais caloroso enthusiasmo da temporada é a do proximo sabbado, no Republica, em que se realisa a festa artistica de Augusto Rosa. As suas recitas são sempre noites artisticas e de reunião elegante, por isso no sabbado toda Lisboa se reune no theatro Republica.

Representa-se a celebre peça de Berustein, *Sansão*, uma das grandes corôas de gloria do illustre artista.

Recepções

Madame Maria Lacerda Fernandes d'Aguiar achando-se com um forte ataque de grippo não pode receber ámanhã as pessoas das suas relações.

Concertos Blanch

No proximo domingo o mais assombroso concerto no Republica

O grande Wagner e Beethoven com as suas mais notaveis obras, Mozart, Moskowski, Dukas e outros grandes compositores são os que formam o extraordinario programma do concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no Republica, não ficando um só logar vago, pois que a concorrencia á bilheteira tem sido enorme. Executam-se a celebre «Cavalgada das Walkyrias» e a «Marcha funebre á morte de Siegfrid, de Wagner, sendo a orchestra augmentada conforme as exigencias da partitura. Executa-se tambem a famosa Symphonia, a oitava, que Beethoven mais apreciava e em que poz toda a sua maravilhosa inspiração. Em 1.ª audição executa-se «L'apprenti sorcier, de Dukas, que ha muito havia o maior empenho em ouvir, a «Flauta Magica», de Mozart e outras composições dos mais celebres auctores. E' como se vê, um dos mais brilhantes concertos que difficilmente se ouve, pois é raro reunir n'um só audição tantas obras notaveis, que resultarão brilhantissimas não só pela perfeição da orchestra, como pelas excepcionaes condições acusticas do novo theatro Republica.

As installações da Companhia do Gaz

começam a funccionar no antigo «Hotel Bragança»

A direcção das companhias reunidas de Gaz e Electricidade annuncia á população lisboeta a mudança da sua residencia social que, a partir de 20 do corrente, deixa de ser na rua da Boa-Vista, passando a ser na rua Victor Cordon n.º 45. Isto é, os escriptorios das companhias detentoras da principal illuminação da cidade, publica e particular, a começar n'essa data, participam a funccionar em todo o antigo edificio do Hotel Bragança, que, para o effeito, soffreu radical transformação no seu aspecto interior.

O tranquillo albergue de tantas personalidades illustres de visita a Lisboa, com a sua admiravel vista sobre o Tejo, não é precisamente nada do que foi. Desappareceu toda a decoração artistica, que o tornava uma deliciosa vivenda de principes, para se tornar n'uma vastissima casa commercial, com os seus «guichets» metalicos, os seus gabinetes severos, os seus telephones de serviço, em permanente ruido e, d'aqui a pouco, com a sua concorrencia de centenas de pessoas, a reclamar, a pedir novas installações, a serie infinita de coisas que dão aos escriptorios d'aquellas companhias um movimento diario indescriptivel.

A adaptação do antigo hotel foi feita pelo constructor sr. Fernando Touset. No atrio, fica installada a secção de reclamações na divisoria, que n'outros tempos, separada por um magnifico guarda vento, servia de escriptorio ao sumptuoso hotel. As reclamações dos consumidores passam d'ali ao segundo pavimento, para se lhes dar solução, por meio d'um pequeno ascensor.

No primeiro pavimento estão installados os serviços de gerencia. O antigo *fumoir* do hotel, aquelle recanto com uma decoração inteiramente ingleza, destina-se actualmente a sala de visitas. A casa de jantar do Hotel, que foi logar trasmudou-se completamente. Um revestimento de oleo substituiu os admiraveis *panneaux* de Manini e o vasto aposento onde se effectuaram tantos banquetes de gala, encontra-se agora dividido em trez sectores, que constituem respectivamente os gabinetes do conselho de administração, direcção e gabinete de engenheiros. Na sala de reuniões de assembléa geral, as paredes envidraçadas desmontam-se e fica a grande sala com capacidade para receber a visita dos accionistas.

Ainda n'essa ala do edificio, com o mais invejavel dos panoramas sobre o rio Tejo, estão installados os gabinetes de todos os outros engenheiros, a secretaria, as secções de dactilographos etc., etc.

No lado opposto, a começar n'aquelle compartimento que n'outros tempos servia de vestiario, nas grandes festas, encontra-se a estação telephonica, a secção de contencioso, reparticão de titulos, secção de cobradores, gabinetes de engenheiros, caixa, e outras dependencias como archivos e vestiarios do pessoal, e gerencia.

No pavimento superior ficam installados os serviços de contabilidade, os escriptorios do construcção e, por cima os *ateliers* de construcções. Nos baixos as casas fortes e os diversos archivos

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

O incidente da commissão de inquerito

Uma proposta cujo alcance se não comprehende e uma attitude que muito menos se explica

Os leitores recordam-se das suspeições levantadas em torno do incendio do Deposito Central de Fardamentos. Que havia desfalques, que se tinham realisado fornecimentos em condições irregulares, que muitas pessoas estavam comprometidas em altas negociatas—em conclusão: que a causa do incendio fôra a necessidade de queimar as provas de todas aquellas pavorosas traficancias.

Por honra do prestigio da Republica, fez-se no espirito de muita gente a convicção de que era indispensavel um largo inquerito sobre as avultadas suspeições que por ahi corriam, de bocca em bocca, enxovalhando a moralidade do regimen, denegrindo caracteres que tinham direito a uma ampla desaffronta. Havia nas accusações uma qualquer sombra de fundamento, por muito leve que fosse? Pois que os criminosos se castigassem com inexoravel, com implacavel rigor.

Foi essa a ideia, certamente, que presidiu á apresentação e aprovação de uma proposta, na Camara dos deputados, para que um largo inquerito se fizesse sobre as causas do incendio no Deposito Central de Fardamentos e, sob um ponto de vista geral, sobre todas as accusações que se relacionassem com a acquisição de fornecimentos militares. Nomeou-se uma commissão para esse effeito, constituida por 15 membros da Camara, representantes de todos os partidos politicos.

A commissão iniciou os seus trabalhos, e certa altura—verdadeiro «coup de théatre»—um dos deputados que d'ella fazem parte, o sr. Moura Pinto, filiado na União Republicana, apresenta uma proposta no sentido de que cada um dos membros da commissão, fosse, isoladamente, proceder as averiguações que julgue necessarias nas diversas repartições do Estado. E' claro que a commissão não podia arrogar-se essa proposta porque a Camara não lhe tinha conferido taes poderes; mas, para que facilmente se realisassem todos os inquerito, no sentido de se apurar a verdade, a maioria da commissão accei- tava a constituição de sub-commissões, onde estivessem representados todos os partidos politicos, conforme se determinava na proposta que a Camara approvou. As minorias não acceitaram, e como no conflicto tomasse um aspecto de irreductibilidade, foi necessario levá-lo ao conhecimento da Camara.

Pergunta-se:

Que motivo especial obrigara os deputados opposicionistas a desejarem ir, sem companhia, ás repartições do Estado? Não podiam effectuar, em toda a parte, as indagações que entendessem convenientes pelo facto de terem ao seu lado representantes da maioria? Desde que a proposta approvada pela Camara frisava, como era justo, a representação de todos os partidos, não devia entender-se que essa representação subsistisse em todas as «démarches» da commissão? Não sabiam os deputados opposicionistas que o sr. ministro da guerra tinha expressamente declarado, para todos os devidos effeitos, que não considerava confidencial, para a commissão, nenhum dos documentos de seu ministerio ou das repartições d'elle dependentes? Se o sabiam, como não pode deixar de ser, visto que essa declaração se fez n'uma das reuniões da commissão, que é que os impedia de vasculhar tudo, de remexer tudo, de tudo examinar, confrontar, analysar? Não podiam fazel-o só porque tinham ao seu lado um ou dois deputados da maioria?

Francamente, não se percebe o alcance da proposta apresentada pelo sr. Moura Pinto, e muito menos se comprehende que a attitude de transigencia da maioria, promptificando-se a acceitar a constituição de sub-commissões, não fosse tomada como um claro desejo de facilitar todos os trabalhos, por modo que elles se realisassem com a necessaria efficacia. Para uma parte da opinião publica, a irreductibilidade manifestada pelos deputados opposicionistas póde ser interpretada como um proposito de fazer suspender os trabalhos da commissão, deixando de pé as mesmas aviltantes suspeições que o inquerito devia «provar» ou «desmentir».

PARLAMENTO

Camara dos Deputados

Discutem-se varios assumptos

Volta a presidir o sr. Manuel Monteiro, que abre a sessão com sessenta deputados. Estão presentes os ministros da justiça e da instrucção. E' approvada a acta e conjuntamente, um requerimento para ser enviado á Camara o processo do syndicancia á Junta Agricola da Madeira. O sr. Moraes Rosa communica que está constituida a commissão parlamentar de estradas.

O sr. *Ferreira da Fonseca*, em nome da commissão de inquerito ao fogo de Santa Clara e aos fornecimentos para o exercito dá conta de um incidente levantado no seio d'essa commissão. N'uma das reuniões o sr. Sousa Pinto propôz que cada vogal pudesse examinar por si no ministerio da guerra todos os documentos que entendesse. O sr. Ribeiro de Carvalho fez proposta egual, alargando, porém, as faculdades indagadoras dos vogaes da commissão a todos os estabelecimentos militares. Lendo as actas das sessões onde esses factos se passaram, o orador informa a Camara de que sobre essas propostas e outras semilhantes se travou accesa discussão, sendo a final essas propostas rejeitadas por maioria e resolvendo-se que só a commissão, colectivamente, podesse requerer e reclamar, do ministerio da guerra ou das repartições publicas competentes, todos os documentos e elementos de informação que fossem julgados necessarios.

Pelas actas reconhece-se que as duas facções da commissão chegaram a uma situação irreductivel, que á Camara compete solucionar. Por ultimo, o orador lê uma carta do sr. presidente da commissão o sr. Antonio Campos, sendo convidado a depôr, respondeu que não eram de urgencia as declarações que tinha a fazer e que por isso não achava indispensavel que o seu depoimento fosse immediato. Como o sr. Canavarro da Fonseca requereu que se abra inscripção especial sobre o assumpto, o sr. Antonio Fonseca levanta-se para declarar que se não sabe pela Camara deseja que ella conheça todos os documentos que lhe dizem respeito. Entende por isso que actas e documentos devem ser todos publicados no *Diario do Governo*. O sr. Antonio Macieira apresenta um requerimento n'esse sentido, o qual é approvado. O sr. Antonio Macieira manda para a mesa um projecto de lei auctorisando a importação temporaria de vagons reservatorios que, fazendo parte de quaesquer comboios, entrem no paiz com destino a transportar para o estrangeiro vinhos portuguezes. A demora d'esses vagons no paiz não poderá ser de mais de um mez. Por este projecto é tambem auctorisada até 31 de agosto a importação de cascaria estrangeira.

E' discutido com urgencia. O sr. Tavares Ferreira occupa-se da classificação das escolas primarias para effeitos de referencia dos professores. Os srs. Antonio Mantas e Aresta Branco occupam-se tambem de assumptos de instrucção, respondendo a todos o sr. ministro da instrucção.

Na ordem do dia entra em discussão o projecto que eleva a trese centavos o imposto de consumo sobre o vinho, geropiga, aguardente e vinagre, entrado na cidade do Porto. O sr. Carvalho Mourão é o primeiro a usar da palavra e manda para a mesa uma moção considerando o projecto inconveniente e gravoso para a economia da nação e para as classes pobres. Elle deve ser retirado da discussão. O projecto, em seu parecer serve apenas para cobrir desperdicios que a camara do Porto vae effectuar com a abertura da avenida Central, o que representa um escandalo. O sr. Alfredo de Magalhães começa por dizer na sua moção que o projecto é ruinoso para o fim a que se destina e depois de cumprimentar a camara declara que não tencionava usar da palavra senão em questões coloniaes e sobre projectos do governo. Tratando-se porém, d'um projecto d'estes, não lhe era possivel deixar de usar da palavra sem contudo o animarem quaesquer intuitos politicos. O projecto que é da responsabilidade do sr. ministro das finanças está em contradicção com a conhecida maneira de pensar d'esse estadista e até com a doutrina do partido republicano portuguez.

O projecto é condemnavel porque os seus fins o são tambem. E' um crime para não lhe chamar um escandalo, gastar no Porto dinheiro que não se applique a obras de saneamento. Vive ha muitos annos no Porto. Conhece bem essa cidade, que é das mais insalubres de toda a Europa. Como é que se vem então lançar sobre o Porto um imposto gravissimo para uma obra avaliada de 300 contos que nenhuma necessidade justifica, lembrando-se o orador do que se fez com a rua de Sá da Bandeira, a que nem a Camara nem as pessoas residentes no Porto obtiveram vantagem de qualquer natureza? Por isso, diz o orador, o projecto não é acceitavel. Com elle haverá um aggravamento na questão das subsistencias. O orador approva a sua moção. Com a approvação da moção, quer evitar-se, agradando de ter de fazer votar o projecto pela Camara. A sua aprovação seria a *sanctio* do Porto, para onde se deslocarão os cambios que ali trabalham... em consciencia o sr. ministro das finanças sabe que não é assim e não póde dar-lhe o seu voto. E' preciso, termina o orador, é preciso mostrar que isto...

absolutamente necessarias para que essa terra se transforme na cidade moderna e civilisada que é indispensavel que seja. Insurge-se contra os que só pelo espirito de criticar, tudo criticam e diz que se gastar o exclusivo do fornecimento de aguas á cidade do Porto, é tudo que lhe se mais facil, mercê de uma operação financeira, que pouco custará por em execução. O sr. Costa Junior combate também o projecto, entendendo que, primeiro que tudo, a camara do Porto deve sanear os bairros pobres da cidade. Acha tambem que o imposto de consumo deve ser extincto e não augmentado. O sr. Nunes Loureiro tambem defende o projecto.

A'manhã ha sessão.

NO SENADO

Continua em discussão o projecto de reorganisação dos quadros dos governos civis

Abre a sessão com 32 senadores ás 14.35' sob a presidencia do sr. Correia Barretto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro.

Acta approvada e expediente ao seu destino.

Antes da ordem o sr. Teixeira Rebello manda para a meza uma emenda no seu projecto sobre hospitalização de alienados. O sr. Machado Serpa deseja que se destine uma verba para organizar a carta geodesica da ilha do Fayal, que pelo tormar-se necessaria no caso de haver precisão de se construir um porto militar na Horta. O sr. ministro do fomento promette providenciar.

O sr. presidente declara que se vae entrar na ordem do dia.

O sr. Paes Gomes protesta e exige que se cumpra o regimento. Sobre este aspecto levanta-se uma certa celeuma entre as direitas e a esquerda visto não haver accordo na interpretação da lei. Quando começa a sessão? Quando acaba? As direitas desejam que a sessão possa começar duas horas ou tres horas. A esquerda deseja o mesmo mas para isso exige o muito bem que a hora regimental de abertura se cumpra. Por fim o sr. Estevam de Vasconcellos lembra que se siga a tal respeito o contrario do regimento com o que concordou o sr. Pedro Martins. E o incidente termina.

O sr. Ortigão Peres diz que se fala em supprimir o rapido do Algarve. Isso seria uma injustiça que o sr. ministro do fomento não permittirá. Assim o espera. Refere-se depois á creação de póstos agrarios, um dos quaes se destina ao Algarve e no qual parece se não fala ainda. O sr. ministro do fomento responde que a necessidade da sua creação. O sr. Antonio Maria da Silva tranquillisa o orador prometendo interessar-se pelos dois assumptos que espera serão resolvidos a contento do sr. Peres.

O sr. Arantes Pedroso historia o que se passa com a questão do imposto de pescarias que em seu entender deve beneficiar os cercos de preferencia ás armações. Pede portanto ao sr. ministro da marinha que não altere a legislação em vigor sobre o assumpto. Refere-se ainda a collocação das praças da armada em logares civis para que teem direito e para os quaes deverão ser preferidas pelos seus serviços ao regimen.

O sr. ministro da marinha concorda com o orador e promette attender as reclamações sobre a collocação das praças. O imposto de pesca só poderá ser modificado após a cobrança relativa ao anno de 1915.

Seguidamente entra-se na ordem do dia—Art.º 5 da organisação dos quadros dos governos civis. Discutem-no largamente os srs. Paes Gomes, Estevam de Vasconcellos, Teixeira Rebello, Machado Serpa e ministro do interior, ficando o artigo approvado.

Vota-se ainda o artigo 6.º com emenda, e discute-se largamente o 7.º.

A'manhã ha sessão.

O cambio

Nas ultimas semanas, a melhoria do cambio tem-se accentuado favoravelmente, ficando hoje a libra ao preço de 6885. Dada a crise que atravessamos, cheia de symptomas inquietantes, é agradavel constatar aquelle facto, que pode muito bem ser o prenuncio de que a crise não atingirá a gravidade que muitos pessimistas adivinham no horisonte. Para a melhoria do cambio devem ter contribuido a exportação de generos nacionaes e a reexportação colonial, bem como o systema adoptado ultimamente no ministerio das finanças para a compra de cambiaes, impedindo-se a costumada especulação de alguns elementos da Bolsa.

Dizem-nos também que o governo negociou um emprestimo no mercado de Nova York, attribuindo-se a esse facto a melhoria denotada pela nossa situação financeira.

Os acontecimentos

E' preso o auctor do attentado da rua do Jardim do Tabaco

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, e seu ajudante sr. dr. Clemente Gomes e o chefe da 1.ª secção, sr. Albino Sarmento, continuaram hoje a ouvir mais pessoas ácerca dos ultimos acontecimentos, constando que os presos que se encontram a bordo dos navios de guerra serão ámanhã removidos para o governo civil, a fim de serem interrogados. Tambem se diz que contra alguns d'esses individuos existem provas de culpabilidade.

O caso do dia, hoje, foi a prisão do individuo que arremessou a bomba sobre alguns guardas da policia na rua do Jardim do Tabaco, do que resultou a morte do guarda 1531, Joaquim Gil, e ficarem feridos, gravemente, o cabo n.º 71, e ligeiramente o civico 1498, o guarda 1223, Carlos Teixeira, tendo notado os signaes do individuo que atirára a bomba, não descançou emquanto não conseguiu averiguar a sua identidade. Soube que se chamava Guilherme João Curto, estrueiro, morador na rua da Bella Vista, ao Graio, 16 loja, e que era tripulante de um vapor que estava atracado ao Caes da Areia, onde não tornara a apparecer desde o dia 1 do corrente.

O agente dirigiu-se hontem á noite para a esquadra dos Caminhos de Ferro e ahi pediu ao chefe Domingos Pires alguns guardas para proceder a uma diligencia importante. Foram escolhidos os guardas 1498, 1536, 1409 e 732 os quaes seguiram para os lados de Chellas, para uma quinta, onde o 1223 sabia estar escondido o Curto. Cercaram a quinta e pouco depois das 9 horas e meia o criminoso, ou por se saber descoberto ou por ter sido avisado, sahiu, fingindo ir fazer compras a uma casa da calçada da Picheleira. O guarda 1223 passou-lhe á frente e deu-lhe voz de prisão. Interrogado e tendo-lhe sido dito que não negasse ser o auctor do crime, porque fora reconhecido, o Curto, apanhado de surpreza, confessou.

Seguiu para a esquadra do Beato e depois para a do Caminho de Ferro, indo mais tarde para a da travessa das Mercês, onde ficou incommunicavel.

O criminoso é solteiro, filho de Daniel João Curto e de Maria José, natural de Alemquer.

Os presos são em numero superior a 80. Na canhoneira «Zaire» esteve hoje um agente policial a fim de ver se podia reconhecer um dos dirigentes ao assalto á mercearia Coelho, na rua Saraiva de Carvalho.

O funeral do guarda 1531 será a expensas dos seus camaradas, que para tal fim se cotisam, revertendo em favor da viuva e dos filhos a importancia para isso abonada pelo conselho administrativo. Tambem nas esquadras vae ser aberta uma subscripção para as familias dos policias que ficaram feridos.

Preparando assaltos—Soldados presos, que elementos agitadores tentam libertar

PORTALEGRE, 3.—As auctoridades já ha dias que tinham conhecimento do que diversos elementos syndicalistas preparavam assaltos aos estabelecimentos e ás salchicharias, realisando-se para tal fim reuniões na séde do Syndicato Associativo, ás quaes assistiam alguns soldados.

Na noite de 31, esses elementos agitadores foram á freguezia de Fortios, onde os sinos tocaram a rebate, sendo incitados os trabalhadores ruraes a virem á cidade, com o fim de assaltarem os armazens de generos, procurando tambem que se declarasse a greve geral. O movimento, porém, foi abafado.

Hontem á noite a auctoridade militar tomou providencias e quando alguns soldados iam para uma d'essas reuniões, foram detidos pela ronda militar. Ao serem conduzidos para o quartel, alguns elementos tentaram libertal-os, tendo de intervir a guarda republicana, que deu algumas cargas, ficando feridos varios populares.

As auctoridades mandaram encerrar o Syndicato Associativo, tendo sido tomadas todas as providencias para a manutenção da ordem.

NOTAS DIVERSAS

Na audiencia ao corpo diplomatico de hoje, no ministerio dos negocios estrangeiros, estiveram os srs. ministros da Inglaterra, França e Belgica e os encarregados de negocios da America, Noruega e Cuba.

O conselho director do Club Naval de Lisboa convidou os officiaes da armada a assistirem á festa de distribuição de premios que se realisa depois de ámanhã, pelas 21 horas, na Sociedade de Geographia, sob a presidencia do chefe do Estado.

—Assumiram hoje o commando da Escola Pratica de Artilharia Naval e o commando da reserva da armada, respectivamente, os capitães de mar e guerra srs. Pedro Berquó e Borja de Araujo.

Cruzador "Vasco da Gama"

O navio chefe da divisão naval é tocado por um barco de carga norueguez

Hoje, de tarde, quando o cruzador *Vasco da Gama*, levando a bordo o piloto do porto, amarrava á boia, um carvoeiro norueguez que subia o Tejo tocou-lhe com a pôpa. O navio de guerra concluiu a manobra sem o minimo prejuizo, ficando o navio de carga com um ligeiro rasgão, o que não o impediu de continuar a derrota.

Sobre este ligeiro accidente bordaram-se phantasiosos boatos de abalroamento, os quaes, como se verifica, são absolutamente destituidos de fundamento.

No Arsenal da Marinha, no ministerio e na Capitania do porto accudiram muitissimas pessoas pessoas, a procurar informações ácerca do «desastre» soffrido pelo navio chefe da divisão naval.

Preso que tenta fugir

Do governo civil, onde estavam detidos sob a accusação de roubo e vadiagem, foram hoje enviados para o tribunal da Boa-Hora Eduardo Ferreira de Carvalho, José Francisco dos Reis, o «Dá á perna», e João Rebello de Carvalho, o «Carvalhinho», os dois primeiros presos em flagrante. O «Dá á perna» ia acompanhado por um guarda velho e bastante cançado. Ao chegar ao fim das escadinhas de S. Francisco, não querendo deixar por mentirosa a alcunha, deitou a fugir, seguindo-lhe no encalço o agente que não deixava de apitar. Valeu ao civico um soldado da guarda republicana que deitou a mão ao fugitivo o conduziu de novo á esquadra e d'ahi, seguiu depois para o tribunal no meio de grande ajuntamento.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS
DELIVRANCE

Teve o seu bom successo, dando á luz um menino, a sr.ª D. Carlota Morato, esposa do tenente d'artilheria sr. Morato.

A grande guerra

A campanha na Russia

PETROGRADO, 2.—Official. Na região de Ixkul houve violento fogo da artilharia inimiga. Ao sul de Oghar bombardeámos os trabalhos do inimigo, e repellimos as suas tentativas na Ilha de Glaudan. No Caucaso, perseguindo os turcos, avançámos em direcção ao rio Tchorokh. Ao sul do lago Van tomámos a aldeia de Norkeif. Na Persia rechaçámos o inimigo na direcção de Nokhovend.—*(Havas).*

O sr. Salandra acclamado

GENOVA, 3.—Chegou aqui o sr. Salandra acompanhado dos subsecretarios de Estado srs. Borsarelli e Battaglieri, sendo alvo de enthusiasticas ovações que se repetiram á sua partida para Turim.—*(Havas).*

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 3. — Official. — Os allemães tentaram surprehender as nossas trincheiras nas proximidades da estrada do Ypres, mas foram repellidos.—*(Havas).*

PARIS, 3.—Communicação official das 15 horas:

Noite calma. Nenhum acontecimento importante a registar. Hontem ao fim da tarde, depois d'um bombardeamento bastante vivo, os allemães esboçaram um ataque ás nossas posições no bosque de Ville-sur-Tourbe, que foi repellido. Ao norte do Aisne, na região de Ville-au-Bois, fizemos a concentração immediata dos nossos tiros d'infanteria e artilharia sobre um posto de escuta inimigo; os allemães foram rechaçados e o nosso fogo de infanteria deteve-os logo á sahida d'esse ataque.—*(Havas).*

O suicidio do herdeiro da Turquia

AMSTERDAM, 2.—Telegrapham de Constantinopla com a data de hontem, noticiando que o principe herdeiro Yousouf-Izzedine se suicidára, sendo encontrado esta manhã, no palacio, com as arterias cortadas. Attribue-se o suicidio a desespero de cura da sua enfermidade—*(Havas).*

Os zeppelins sobre Salonica

PARIS, 3.—O *Petit Parisien* publica um telegramma de Salonica dizendo que um zeppelin tentou vir novamente sobre Salonica a noite passada, mas foi repellido pelas baterias inglezas, crendo-se que fôra attingido, pois oscilava fortemente.—*(Havas).*

MUSICA

Concerto no Atheneu

No proximo domingo, ás 21 horas, realisa-se no Atheneu Commercial de Lisboa um concerto de musica de camara, offerecido áquella collectividade pelos srs. Roy Colaço, Julio Cardona e João Passos e em que tomam parte o sr. Ruy Coelho, que dirá algumas palavras sobre «A musica em Portugal», e a sr.ª D. Alice Rey Colaço, que cantará: «Como raggio di sol», de Caldara, «Se tu m'ami», de Pergolése, e «Our bugles sung truce» (canção irlandeza), de Beethoven.

Os tres illustres professores executarão o «Trio em si bemol», op. 11, de Beethoven, e o «Trio em ré menor», op. 49, de Mendelssohn.

A Bulla apprehendida

50.000 exemplares de summarios

Na Guarda, a auctoridade administrativa apprehendeu na typographia da Casa Veritas 50000 exemplares de summarios da nova Bulla da Cruzada.

Consta-nos que o motivo da apprehensão foi não ter o sr. patriarcha de Lisboa submettido ao beneplacito do governo da Republica a dita Bulla.

Movimento academico

Faculdade de medicina

A Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, reune ámanhã, ás 14 horas, em assembléa geral extraordinaria, sendo a ordem do dia assumpto de interesse para todos os socios.

Pede-se a comparencia do maior numero possivel.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	35 5/8	35 1/4
Londres, 90 dyv.	35 7/8	
Paris, cheque	$72	$74
Allemanha, cheque	$25	$28
Hollanda, cheque	$59	$59,5
Madrid, cheque	1$35	1$83
Suissa, cheque	$82	$83
Italia, cheque	$68	$60
New York	1$42,5	1$41
Rios, Londres	11 7/32	
Libras	6$85	6$85
Agio do ouro	48	58

SPORT

Um apostolo da educação phisica

Bernarr Mac-Fadden

Georges Hebert é um apaixonado das excellentes theorias do americano

Varias vezes temos citado o nome do americano Bernarr Mac Fadden.

E' o maior propagandista da cultura physica na America do Norte e o mais devotado apostolo da regeneração esthetica e moral do homem pelos exercicios physicos.

Em 18 annos creou no seu paiz um movimento consideravel em prol do athletismo e em volta de si agrupou milhares de adeptos. Estes, porém, não são exclusivamente americanos. São de todos os paizes. Encontram-se em todas as camadas cultas e entre os mais illustrados e mais intelligentes renovadores da humanidade pelos trabalhos corporeos.

Querem conhecer um fanatico pelas theorias de Mac Fadden? Citamos-lhe o nome do tenente de marinha Georges Hebert, o proprio Hebert, tão discutido e tantas vezes citado nos nossos artigos criticos e de pesquiza bibliographica e que impoz em França o seu methodo para a marinha, methodo que pelo seu valor está derrubando o que adoptava o exercito.

Ora um homem que consegue valorisar as suas theorias ao ponto de suggestionar um estudioso como é Hebert, póde, sem surpreza para ninguem, obter uma popularidade extraordinaria nas terras em que são devidamente e mesmo intelligentemente, apreciadas e auxiliadas as boas tentativas. Assim se explica a voga de todas as publicações de que Mac Fadden é auctor. De 1898 a 1908 foram vendidos 15 milhões de exemplares da magnifica revista semanal illustrada «Physical Culture» o que representa a media fenomenal de mais de cem mil exemplares por cada tiragem mensal!

Bernarr Mac Fadden é um erudito nas questões de desenvolvimento, aperfeiçoamento e sustentação equilibrada da «machina humana», mas os seus conhecimentos alargam-se aos da hygiene e á cura de certas doenças pelos «methodos naturaes».

Dentro d'estes principios qual é a definição que o celebre americano dá de cultura physica?

«... A cultura physica não se limita, como o podiam julgar, ao desenvolvimento do systema muscular ou ao treino athletico. Ainda que seja admittido como verdade fundamental que «um espirito são deve habitar um corpo são», a cultura physica não deve limitar o seu papel ao desenvolvimento d'um corpo são. Ella deve visar mais longe. O corpo é, com effeito, o templo da alma e o servidor do cerebro.

«Toda a «fraqueza» accidental ou duravel d'um dos orgãos do corpo tem uma repercussão sobre o cerebro e sobre a alma.

«A saude, a felicidade e o successo dependem do funccionamento perfeito e harmonioso de todas as partes do organismo. O estado dos orgãos tem, certamente, uma influencia tão importante como a educação sobre o desenvolvimento das faculdades moraes, e sobre a formação do caracter, etc.

Assim pensa Mac Fadden. Assim o entende George Hebert que considera maravilhosa a definição do americano.

Apesar de «culturista», Mac Fadden, exactamente como os defensores dos «methodos naturaes» em França, preoccupa-se antes de qualquer outra coisa, do aperfeiçoamento das funcções organicas e do augmento da vitalidade; athletismo é um plano secundario,—como deve ser feito em toda a educação racional—o desenvolvimento da força muscular propriamente dita.

Mac Fadden quer o «athleta completo». Como entende elle o «athleta completo»?

«E' um homem superior, physicamente e moralmente. E' o que possue qualidades physicas excepcionaes. A sua saude é robusta. O seu organismo inteiro está em perfeito estado. E' intelligente. Tem vontade e tem energia.»

E' ou não a mais bella forma de conceber a cultura physica?

Nota do dia

Um desafio de «foot-ball»

Para o proximo domingo está marcado um desafio de «foot-ball», que deve ter bastantes espectadores. Devem ir até ao campo de Palhavã todos aquelles que seguem as luctas do campeonato de Lisboa, porque jogam o Sporting Club de Portugal e o Sport Club Imperio, aquelle campeão de Lisboa e este um grupo que apresenta este anno uma «linha» muito forte, na qual muitos vêem um perigoso adversario dos «finalistas».

O desafio de domingo, tem ainda a espicaçar-lhe o interesse, o facto de constar que o grupo do Sporting não vae constituido como é de costume, coisa que augmenta as probabilidades de victoria para o Imperio. O enfraquecimento do grupo campeão assenta na doença do «half back» Barros, que sofreu um desastre em Madrid, na doença do «forward» Armand, que os medicos impossibilitam temporariamente de jogar e diz-se que n'uma «penalidade» que pode attingir o «forward» Stromp, o «back» Jorge Vieira. Ora se estes dois ultimos faltam, o «team» do Sporting arrisca-se a um desastre grave. Mas a «penalidade» deve-se a um incidente que já teve solução em parte. Porque se não estende esse espirito conciliatorio até aos «restos» d'esse incidente? Deixamos esse acto louvavel á Associação de Lisboa...

Algumas anecdotas

Como Apolon lhe destruiu a vaidade...

Passava o anno de 1899.

André Brandelli, chamado o «pequeno Brandelli», estava no apogeu da sua fama. Foi contractado para uma feira de Bordéus e ali executar os seus maravilhosos exercicios de força.

André tinha vaidade em levantar uma certa barra de 122,500 kilo, que era o unico a levantar com as duas mãos e que fazia rir o hercules Apolon, que trabalhava n'uma barraca em frente. André sabia bem que Apolon era mais forte do que elle, mas não tenia que elle executasse o seu exercicio favorito, que era o «jeté» com a celebre barra.

Um dia, quando se treinava, appareceu-lhe Apolon, que mal viu o trabalho, começou a fazer «blagues». Vexado, André replicou:

—O' grande preguiçoso, em vez de rir, despe o casaco e vem trabalhar commigo... E já que pretendes ser muito forte, faz o mesmo que eu faço com esta barra. Pago-te dez cervejas se o conseguires...

E André disse tudo isto em voz muito alta para que todos o ouvissem.

Apolon sahiu da sua fleugma habitual. O repto era «em fórma». Despiu-se, approximou-se da barra, calculou-lhe o peso e disse:

—Mostra lá como tu fazes para eu fazer tambem.

André executou com a barra um «jeté» impeccavel, que todos applaudiram, inclusivé Apolon. E mal poz a barra no chão, disse:

—Agora tu. Faz o mesmo, anda...

Apolon, com pasmosa serenidade, agarrou a barra e n'um só «tempo», n'um impulso admiravel, atirou-a acima da cabeça, sem uma unica paragem na altura dos espaduas!

André fez uma careta horrivel...

Viu transformado em «arraché» o que elle fazia só «jeté»... A sua barra era um brinquedo nas mãos de Apolon.

—Venham as 10 cervejas...

—Até te dava um tonel se tivesses feito só o mesmo que eu...

Os grandes récords

O dos anões e o dos gigantes

O dr. Verneau, professor de antropologia do Muzeu, é que fornece os seguintes dados estatisticos:

O homem mais alto do mundo é um finlandez que tem 2m,83 de altura, isto é, mais alto seis vezes e meia que o anão mais pequeno, que tem 0m,43.

Diz elle tambem: o maior povo da terra habita Tonga-Tabou, na Polynesia, cuja média de altura é de 1m,93. Vem a seguir os Carafbas com 1m,86; os Cafres com 1m,80; os Patagões com 1m,77.

Os homens mais pequenos são os Boschimans com 1m,37 e os Pygmeus Batingas com 1m,49. Stanley pretende ter visto, os Babarões, com a média de 60 centimetros de altura.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

1.º Congresso de Educação Phisica

O Gymnasio Club, organisador do 1.º Congresso de Educação Physica, já tem seleccionados os relatores das theses que constituem a base do seu programma de trabalhos: «algumas d'essas theses são: «A creança portugueza», dr. Alves dos Santos: «Jogos escolares», capitão Alvaro Vianna de Lemos; «A gymnastica na escola primaria», dr. Tovar de Lemos; «A instrucção Militar Preparatoria», major Desiderio Beça; «Methodos naturaes e cultura physica», dr. José Pontes. «Natação», Alvaro de Lacerda.

Club Naval de Lisboa

Decorrem com o maior enthusiasmo os preparativos para a festa que o Club Naval organisa no proximo sabbado na Sociedade de Geographia, e que promette ser uma das mais brilhantes que n'este genero se tem feito no paiz.

A grande procura de bilhetes que faz prever uma enorme affluencia, o esmero com que o programma do concerto foi elaborado, e a direcção official que promettem honrar a esta festa com a sua presença, são razões mais do que poderosas para nos levarem a crer no brilhantismo que revestirá esta festa, se não fosse já bastante o nome do club organisador para antecipadamente garantirmos o mais completo exito.

Os premios teem estado desde quarta-feira em exposição nas montras da camisaria Sport do sr. Sena Cardoso e Silva, na montra da Loja da America, na rua do Ouro, propriedade do commerciante Arthur de Oliveira, um distincto «sportsman» da «velha guarda».

Teem sido muito visitados, vendo-se ali durante todo o dia muita gente admirando-os. A distribuição dos premios será feita pelo chefe do Estado que distingue o Club Naval presidindo á sua festa, querendo assim provar quanta sympathia lhe merece esta importante aggremiação.

A' chegada de s. ex.ª, estará um grupo dos valorosos Escoteiros de Portugal, um piquete da benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, uma força de marinheiros e a respectiva banda, para lhe prestar as devidas honras, sendo aguardado tambem no atrio, pelas direcções da Sociedade de Geographia e do Club Naval, que acompanharão o chefe do Estado á sala da «Indias» onde recebera os cumprimentos do elemento official, seguindo depois para a sala «Portugal» onde se realisa a sessão solemne e o concerto, estando ahi uma banda regimental que executará o hymno á sua entrada.

O concerto começará em seguida á distribuição de premios.

A orchestra de que fazem parte os melhores artistas de Lisboa tocará n'um estrado armado na sala, á direita da meza da presidencia.

A parte de canto está confiada aos mais distinctos amadores e á grande artista portugueza D. Ermelinda Stegner Prado, professora das mais reputadas, que alia a sua voz natural o gosto pela sublime arte.

Por especial deferencia para com o Club Naval se prestou a cooperar na sua festa esta artista cujo talento tão apreciado no estrangeiro, onde se fez ouvir perante publicos dos mais exigentes, tendo feito um curso brilhantissimo na Escola de Milão.

Uma amadora cujo nome hoje é consagrado já pelo nosso publico, concorre tambem com a sua fina e melodiosa voz de soprano lyrico para o brilhantismo do concerto. É esta distincta cantora a sr.ª D. Maria Pires Marinho, discipula dilecta do maestro Mantelli. D. Beatriz Cor reia, alumna laureada do Conservatorio de Leipzig, onde o seu talento artistico foi justamente apreciado, foi tambem convidada a executar ao plano dois dos seus melhores numeros. Antonio Peixoto Bourbon tenor de reconhecido merito, tão apreciado em Lisboa cantará duas arias das de mais bello effeito.

Por tudo isto se póde avaliar quanto agradavelmente será passada a noite de sabbado.

Os bilhetes que teem a data de 22 são validos para esta festa, distribuindo-se no Club áquelles tenham perdido ou inutilisado quando da primeira, outros em sua substituição. A direcção do club pede para que por este meio prevenissemos todos os que teem direito a premio que estes só serão entregues ao proprio, na noite do sabbado.

Além das listas já publicadas, tem mais a receber medalhas os socios que fazem parte do serviço de saude, de que Alberto Jorge é o Conservador.

Lusitano Club Ciclista

Não tendo comparecido numero legal de socios no dia 29 de janeiro, reunem em assembleia geral no dia 4 de fevereiro, ás 20 e meia horas, deliberando com qual quer numero presente, sendo a ordem dos trabalhos: 1.º, apresentação dos relatorios da direcção e parecer da commissão fiscal; 2.º, eleições para corpos gerentes de 1916.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Communicações officiaes: Os desafios para o dia 6 são: 1.ª cathegoria. Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 15,30, juiz o sr. Arthur Santos; 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra C. Quebrada, no C. Grande, ás 13,30 horas, juiz o sr. Antonio Ribeiro Reis; Victoria contra Internacional, em Setubal, ás 14 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria, Victoria contra Imperio, em Palhavã, ás 13,30 horas, juiz o sr. João Vieira; Palmense contra Lisboa F. C., no Stadium, ás 13,30 horas, juiz o sr. Francisco Vieira; 4.ª cathegoria, Atheneu contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 14 horas, juiz o sr. João de Sá; Lisboa F. C. contra Imperio no C. Grande, ás 11,30 horas, juiz o sr. Domingos Pinto.

—Reune hoje a direcção ás 21 horas; amanhã, realisa-se ás 21 horas a costumada reunião quinzenal.

As «poules» hippicas de Palhavã

Já vão realisadas duas tardes de «poules» no hipodromo de Palhavã. Este anno ha a inovação de uma taça para o cavalleiro que maior numero de victorias alcançar durante estas festas. No ultimo domingo realisou-se a segunda festa da epocha e ainda foi o sr. Marin que, como na primeira tarde, se classificou na prova designada para a Taça. Na outra «poule» da tarde, o vencedor foi o sr. Silva Carvalho, ajudante dos srs. Silveira Ramos e Carlos Velloso, nos cursos de equitação que estes dirigem na Escola de Educação Physica. Silva Carvalho ganhou a prova no «Geant», magnifico cavallo da Escola, continuando assim a affirmar, como no ultimo concurso de Estoril, que é um excellente e conhecedor cavalleiro.

Tiro aos pombos

A «elite» dos atiradores portuguezes reuniu-se na ultima segunda-feira, em Palhavã, onde se disputava a «poule» mensal. Antes de se fazer a «poule» mensal fez-se uma a 1 pombo a 20 metros que foi dividida entre os srs. conde de Almeida Araujo e José Castello Novo, que mataram 5 pombos seguidos.

A poule seguinte a 9 pombos parecia tornar-se interminavel, pois os srs. conde de Almeida Araujo, Cyril Wright e Luiz Oliva chegaram até o undecimo pombo sem desempatar, resolvendo por fim dal-a por terminada.

Seguiu-se a «poule» mensal em que ficou vencedor com 10 pombos seguidos o sr. conde de Almeida Araujo, ficando classificado em segundo logar o sr. dr. Elysio de Castro com 10/13 pombos e em terceiro o sr. Alves do Rio com 9/13 pombos.

Terminou a sessão por uma «poule» a 1 pombo a 26 metros, ganha pelo sr. Antonio Brandão de Mello, com 7 pombos mortos em 7 atirados.

Destacou-se n'esta sessão a brilhante serie de 27 pombos seguidos feita pelo sr. conde de Almeida Araujo.

No domingo na novamente «poule» para treino da «Taça Lisboa» que se disputará no segundo domingo de março.

Notas de arte

A arte do couro—Algumas palavras sobre a sua historia—Maneiras differentes de ornamentar o couro

O trabalho dos couro cada vez mais em voga, tem tomado um desenvolvimento immenso, pela simplicidade da sua execução, graças á facilidade dos processos empregados para o tornar accessivel a todos que se interessam pelas manifestações da Arte.

Já em 1908, iniciando a publicação da «Arte Feminina», primeira no genero na nossa lingua, procurei tornar bem explicitas as explicações acerca de tão interessante passatempo e de então para cá, a evolução produzida necessariamente no sentido de o desenvolver, é importante e merece ser estudada com todo o cuidado e afan.

As senhoras artistas, abandonando momentaneamente os trabalhos d'agu-

Fig. 1

lha, darão certamente por bem empregados os instantes que dedicarem ao estudo d'esta arte, outr'ora só conhecida dos profissionaes, mas hoje do dominio das mãos amadoras, que enriquecem o seu «home», não só com simples objectos de mais ou menos valor, mas com mobilias completas, como o demonstrei profusamente na ultima exposição realisada no Salão do theatro Nacional, com o concurso das minhas discipulas, onde a par de almofadas, pastas, «casseuts», carteiras, cestas para papeis, etc., se viam tres mobilias completas de escriptorio, em estylos differentes, mas com um «cachet» de requintado conforto e luxo apetecido.

Direi resumidamente apenas, algumas palavras sobre a sua historia atravez dos seculos, pois que uma arte, sem uns breves conhecimentos historicos, não póde inspirar o mesmo interesse, de quem buscando a sua origem, sempre tão interessante e examinando as phases diversas por que vem passando até nossos dias.

A origem do trabalho do couro é remota e a sua verdadeira expansão data da Edade Media. Os frades, nos seus conventos, longe do bulicio do mundo, empregavam as suas horas de ocio na ornamentação dos missaes e dos tripticos, desenvolvendo e aperfeiçoando a arte attribuida aos mouros, que a trabalhavam para a decoração dos seus arreios, sellas e boldries, tão formosos (seculo XV).

Antes d'isso portanto, no seculo IX, os hollandezes empregavam-a com requintado gosto nas encadernações dos seus manuscriptos e no seculo X vemos apparecer capas de livros com esmaltes sobre couro trabalhado.

A utilisação do couro, estendeu-se então a numerosos objectos: cofres, estojos, molduras, etc.: a materia prima offerecia pela sua solidez e maleabilidade vasto campo para a sua manufactura.

Ha opiniões sobre a sua antiguidade, pois é certo que se encontraram tiras de couro trabalhado em alguns sarcophagos egypcios, assim como varias caixas feitas em pelle de boi, muito usadas entre os gregos e os romanos.

Mas atravez da indecisão da era da ornamentação do couro, uma epocha chama a nossa attenção: é a epoca dos celeberrimos couros de Cordova e de Veneza.

Em pleno seculo XV é o apogeu do couro, em que esta arte brilha em França, Hespanha, Flandres e na Italia.

No seculo XVI apparecem ainda os celebres couros da India e do Perú, começando a declinar a sua manufactura manual, para dar logar ao inicio do couro estampado por meio do balancé.

A industria, apoderando-se da arte em proveito d'uma producção rapida, faz desapparecer temporariamente os inegualaveis trabalhos da antiguidade.

Direi, para terminar este esboço historico, que a arte do couro assim abandonada, foi resuscitada ha uns trinta e tantos annos pelos allemães, indo achar uma consagração definitiva em França depois de ter preenchido epochas aureas simultaneamente na Suecia, Noruega, Austria, Inglaterra e Hollanda.

Diversos modos de ornamentar o couro

Concretisal-os-hemos em seis partes: 1.º, couro gravado; 2.º, couro cinzelado; 3.º, couro martelado; 4.º, couro pyrogravado e pintado; 5.º, couro repoussé ou modelado; 6.º, mosaico do couro.

Couro gravado.—Por ser o mais simples, começarei por elle o meu ensino.

Material: um traçador, um modelador, varios ferros de fundo, chamados «matoirs» e um martello de cinzelador, (figuras 1 e 2).

Feito o esboço ou por copia, ou por composição, escolhendo linhas simples, mas perfeitas, applical-o-hemos sobre o couro, dando a preferencia a vitella, visto que a carneira que se encontra á venda é de qualidade inferior e não merece as honras da arte.

Molha-se o sitio que vae ser trabalhado e seguem-se os contornos com o traçador (fig.1), carregando o mais possivel, para os tornar bem visiveis. Em seguida, molhando sempre com uma espon-

Fig. 2

ja, repassam as linhas com o desenho á vista, havendo o maximo cuidado em observar as curvas, tendo em vista a perfeição do desenho, sem o qual o trabalho será deficiente.

Lustram-se os vincos com a parte curva do traçador. Volta-se o trabalho pelo lado do avesso e com o modelador da fig. 1, alarga-se um quasi nada, a parte do desenho que deve ficar em evidencia e pela frente, molhando novamente, procede-se ao final, segurando com a mão esquerda um dos «matoirs» da fig 2, escolhido para o fundo e com elle muito verticalmente collocado e molhando o couro, martella-se, sem hesitação, para dar um gravado nitido e bem visivel, approximando os pontos ou estrellas, etc., de modo a obter um fundo uniforme, o qual fará sobresahir admiravelmente o desenho.

Aperfeiçoam-se os contornos novamente.

Executam-se assim, carteiras já armadas, pastas, molduras, etc.

Para augmentar a belleza do trabalho, poderemos pintar o couro com côres especiaes, chamadas «chorémes» ou com tintas indeleveis.

Conselhos geraes sobre o colorido do couro

Havendo varios processos para pintar o couro, convem notar o seguinte.

Desejando pintar com tintas d'oleo, nunca empregar senão em lacas e em geral todas as côres transparentes desfeitas em essencia de terebenthina.

Procuraremos sempre dar tons translucidos, porque este genero de pintura é de effeitos surprehendentes.

Experimentar sempre sobre um bocado de couro sem valor.

Não aconselho a pintura a aguarella, por ser de curta duração, mas tendo que emprega-la, limpar sempre a parte que vae ser pintada, com benzina.

N. B.—As tintas indeleveis e as «chorémes» não se misturam entre si, só reprem-se simultaneamente.

A nomenclatura dos «Fotinas» é tão vasta e complexa que faltaria d'ella mais tarde, em artigo separado.

Luiza de Sousa

Bancos e companhias

Banco Nacional Ultramarino.—A assembleia geral reune no dia 15, ás 21 horas, para os fins designados no artigo 60.º dos estatutos. Do relatorio que vae ser presente á assembleia vê-se serem as seguintes as contas do exercicio de 1915:

Na conta do lucros e perdas havia ficado por saldo, deduzidas as verbas auctorisadas pela assembleia geral, 25:698$60; os lucros foram, 1:960.473$98,2—Total, 1:984.872$67,2.

Os encargos foram, 893.495$72,2—Ficam portanto, 995.482$95.

Deduzido juros do 2.º semestre de 1914 e 1.º semestre do 1915 das obrigações de 4 1/2 0/0, 43:476$75; percentagem de 7/16 0/0 para o governo sobre 4:900.481$94,5 escudos, media da circulação das notas, 21.438$29,5; contribuições, 26.800$57—Total, 91.745$61,5, Ficaram lucros liquidos, 903.717$33,5, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para fundo de reserva, 40.000$00; para reserva para liquidação na séde e no ultramar, 250.000$00; para subsidio á Caixa das Reformas e Apozentações, 8.783$18; para dividendo de 8 0/0 livre do imposto de rendimento, incluindo os 3 0/0 já distribuidos, 576.000$00; para conta nova, 28.934$15,5.

O fundo de reserva fica assim elevado a 1:200.000$00 e a reserva para liquidações na séde o no ultramar a 2.150.000$00. A circulação das notas elevou-se em 1915 a 5.939.181$94,5. Durante o anno foram abertas as agencias de Tete e do Novo Redondo, estando prestes a abrir as do Lobito, Malange e Mormugão.

A caixa de Reformas e pensões dos empregados do Banco tem um saldo de 58.518$66,1.

Banco Commercial do Porto.—Os lucros liquidos da gerencia de 1915 foram na importancia de 154.054$68, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para complemento do dividendo de 6 1/2 0/0, 113.216$00; para elevar a 60.000$00 a reserva especial da conta «Fundos fluctuantes», 24046$33; para prejuizos eventuaes na conta «Letras protestadas», 3.000$00; para fundo da caixa de aposentações dos empregados, 1/2 0/0 sobre o dividendo, 919$88; saldo para 1916, 12.454$41.

A assembleia geral reune no dia 10 ás 12 horas.

Parceria dos vapores Lisbonenses

Carreira de Cacilhas

A partir de depois de amanhã são os seguintes os preços das passagens na carreira de Cacilhas:

Dias de semana, ida ou volta, 2 centavos; ida e volta valido no mesmo dia, 3 centavos; spardeck, primeira classe, (ida ou volta), 4 centavos; collecção de 20 bilhetes, $75.

Nos domingos e dias feriados, até ao meio dia, a tarifa dos dias de semana, do meio dia em diante e supprimida a primeira classe, não havendo distincção de logares.

Movimento maritimo

Bordeus, «Liger» (Brazil)	4
Archipelago dos Açores, «Funchal»	6
Pern., Maceió, etc., «Spectator» (Liv.)	6
R. e Rio Prata, «Sequana» (Bordeus)	6
Batavia, etc., «Insulinde» (Amsterd.)	6
Africa Oriental, «Loanda»	6
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)	7
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	7

vam as rêdes de ferro, abriam brechas nas rêdes d'arame farpado e faziam com que montanhas de terra e de cimento e fragmentos enormes de ferro fôssem cahir sobre as cabeças dos allemães. Só sobre as casas de Carency cahiram mais de vinte mil granadas. As outras aldeias e edificios d'aquella area receberam eguaes attenções. Mais de 300.000 granadas foram disparadas n'aquelle dia.

Para completar a obra de destruição, ás 6.45' da manhã fez-se explodir dezesete minas no sector de Carency. Os refugios subterraneos do inimigo foram inutilisados. As suas trincheiras-minas ficaram debaixo dos escombros ou destruidos os seus detonadores. Muitos sapadores allemães foram mortos ou sepultados vivos, mas uma companhia d'engenharia franceza salvou setenta que se tinham refugiado n'uma galeria. No planalto de Notre Dame de Lorette e noutros pontos minas francezas explodiram tambem, produzindo effeitos analogos.

O ataque não se deu immediatamente. O bombardeamento continuou durante tres horas, applicando-os francezes que estavam nas trincheiras os seus effeitos. A's 10 horas da manhã foi dada ordem para atacar. Das cinco linhas de trincheiras no planalto de Notre Dame de Lorette, tres foram tomadas, pelos caçadores francezes e infantaria, que os apoiavam, mas com grandes perdas. O pequeno forte que havia no centro da saliencia, ainda continuava, porém, em poder dos allemães, oppondo-os que o guarneciam, soldados de Baden, desesperada resistencia.

De Angres, as baterias allemãs faziam fogo sobre as perdidas trincheiras, ou antes sobre as depressões de terreno e excavações. De Ablain St. Nazaire as metralhadoras do inimigo continuavam o seu incessante fogo. No planalto os homens luctavam n'uma grande confusão á bayoneta, arremessando bombas e granadas de mão uns contra os outros. Anoiteceu e, entre as explosões das granadas, os clamores dos feridos e o zunir das balas de canhões, os francezes entrincheiraram-se.

Entretanto, ao sul do planalto, atravez do valle, uma lucta não menos sangrenta se dava desde Carency até ao Labyrintho. No momento em que se iniciava o ataque no planalto, os francezes atacavam Carency. Tomaram as trincheiras allemãs e, depois das ordens que tinham recebido, esforçaram-se por avançar contra a aldeia. Não puderam, porém, romper a uma obra de fortificação a leste da aldeia, que estava em poder dos allemães, forçou-os a parar.

Avançaram, porém, para Souchez e approximaram-se da estrada que segue de Carency para aquella localidade. Muitos prisioneiros—mais de 500—tinham sido tomados e trinta metralhadoras.

Os allemães não puderam continuar a servir-se das suas trincheiras de communicação entre Carency e Souchez e a unica ligação da guarnição de Carency com o resto da linha fez-se pelas trincheiras de Carency a Ablain St. Nazaire.

Carency estava quasi isolada. Não só os francezes tinham alcançado um ponto do qual a podiam varrer pelo lado oriental, como as trincheiras que a ligavam ás Obras Brancas e á ravina das Obras Brancas que a ligavam a La Targette haviam sido tomadas juntamente com esta ultima localidade. A's 10 horas da manhã dois dos seus regimentos haviam saltado das suas trincheiras no bosque de Berthonval e, atacando o inimigo á bayoneta, rapidamente passaram além das Obras Brancas. Desprezando o fogo das metralhadoras que ainda não haviam sido postas fóra d'acção, a massa de enthusiasticos soldados avançou para a estrada Arras-Béthune entre Souchez e La Targette.

Um brigadeiro-general cahiu morto, atingido por uma bala no peito; um coronel foi gravemente ferido e as perdas em officiaes foram grandes. Mas os heroicos soldados subiram as encostas e chegaram ao cume. Pelas 11 horas e meia tinham avançado mais de 4.300 metros. Um

te a batalha de Artois a ambos se juntou o proprio Joffre. A d'Urbal tinham sido dados sete corpos de exercito. Uns 1.100 canhões de todos os calibres foram concentrados para a tarefa imminente. Desde janeiro que os sapadores francezes tinham estado minando as defezas farpado e de «chevaux-de-frise». Em tunneis, subterraneos e trincheiras, em habitações subterraneas estavam escondidos milhares de allemães armados com todos os instrumentos de destruição que a perversidade dos chimicos e mechanicos germanicos havia inventado.

Sentinellas inglezas na cidadella do Cairo

do inimigo. Só no sector de Carency as obras subterraneas construidas pela engenharia franceza mediam dois kilometros e meio de comprimento, e a quantidade de explosivos nas minas pesava mais de trinta toneladas.

Apesar de largos preparativos, apesar de ser grande o numero de homens ao dispôr de d'Urbal, não eram demasiados. A posição que devia ser tomada d'assalto fora convertida pelos allemães n'uma area fortificada como nunca existira antes da Grande Guerra. Os progressos da engenharia d'uma edade que tinha visto obras como o tunnel de Simplon e a perfuração do isthmo de Panamá haviam sido applicados ás elevações, aos valles e ás ravinas entre Arras e Lens. Os esforços da engenharia haviam sido auxiliados pelos manufactores de arame

Uma enorme collecção de canhões e de howitzers na retaguarda estavam promptos a inundar de granadas de altos explosivos os caminhos que davam para a posição, e, se se vissem perdidos, a bombardeal-a.

Embora se estivesse pelejando ao norte do planalto de Notre Dame de Lorette, póde dizer-se que a batalha se limitou a um assalto da linha allemã desde a região da capella n'uma qualquer planalto até ao Labyrintho, nome dado a tres kilometros quadrados de trincheiras, tunneis e picos atravez da estrada Arras-Lens, ao norte das aldeias de Ecurie e Roclincourt. A elevação de que o planalto é a extremidade oriental é o limite septentrional da planicie que corre para o canal Béthune-La Bassée.

Essa elevação tem quasi dez kilometros de extensão e, em alguns sitios, coberta de bosques. O planal-

to na extremidade oriental é descoberto. Do norte, as encostas são faceis de subir, mas no lado septentrional ha altos contrafortes separados por ravinas. A oeste da aldeia de Ablain St. Nazaire fica o Pico Mathis e, caminhando para leste, o Grande Pico, o Pico do Arabe, o Pico do Caminho Branco e o Pico de Souchez, que domina o extremo oriental de Ablain St. Nazaire e a refinação de assucar entre Ablain e Souchez.

No dia 20 de março os francezes haviam conseguido chegar ao sopé do Grande Pico e a 14 d'abril estavam proximo de Ablain St. Nazaire. Mas os allemães retinham em seu poder grande parte do planalto da capella de Notre Dame de Lorette e todo o Pico do Caminho Branco e o de Souchez.

A 9 de maio, a linha franceza corria a uns 1.100 metros a oeste d'esse planalto até ao cume do Pico do Arabe e d'ahi, pelo Grande Pico e pelo de Mathis, descia para o valle, a oeste de Ablain.

Nada menos de cinco linhas de trincheiras allemãs haviam sido excavadas desde o Pico do Arabe, atravez do planalto, até á estrada Arras-Béthune proximo de Aix-Noulette. Essas trincheiras eram muito fundas e cobertas com rêdes duplas e triplas de ferro e protegidas por saccos de terra ou cimento. De cem em cem metros eram atravessadas por barricadas nas quaes estavam collocadas metralhadoras.

Diversos pequenos fortes apoiavam os defensores e um d'elles a noroeste do planalto tinha mamelões exteriores de mais de 50 pés de profundidade. A artilharia e as metralhadoras em Ablain varriam as encostas septentrionaes da elevação, as de Souchez a face oriental do planalto.

Canhões escondidos nas casas das aldeias de Angres e Lievin, a nordeste do planalto, bombardeavam as tropas que atacassem as trincheiras pela planicie ao norte ou que avançassem contra ellas ao longo da elevação. Essa parte da linha allemã era defendida por tropas de Badem de excellente qualidade.

Sitas abaixo do lado septentrional do planalto de Notre Dame de Lorette ficavam as importantes povoações de Ablain St. Nazaire e Souchez, ambas em poder do inimigo. Entre ellas, mais proximo de Souchez, ficava a refinação de assucar — um grupo de edificações estendendo-se por 200 metros nas margens do regato Saint Nazaire. Um pouco ao sul d'este havia tres casas em ruinas denominadas o Moinho Malon. O terreno a leste da refinação d'assucar era muito pantanoso. A refinação e o moinho haviam sido fortificados poderosamente pelos allemães.

Ao sul de Ablain St. Nazaire erguem-se as alturas coroadas de bosques de Carency, com a pequena cidade d'esse nome situada n'uma depressão. Compunha-se de cinco grupos de casas, um no centro e os outros voltados para os quatro pontos cardeaes. Quatro linhas de trincheiras defendiam Carency.

Cada rua e cada casa estavam fortificadas e ligadas por passagens subterraneas. Quatro batalhões, da Saxonia, de Baden e da Baviera, e mais de seis companhias de engenharia guarneciam aquelle importante ponto. Grande numero de canhões e de metralhadoras haviam sido installados nos jardins e pomares e além da egreja. Era apenas possivel atacar Carency pelo sul e por leste. Trincheiras a ligavam com Ablain St. Nazaire e Souchez.

Souchez fica na estrada Béthune-Arras. Entre Souchez e Arras fica a aldeia de La Targette. Os allemães tinham cortado linhas de trincheiras, conhecidas devido aos seus parapeitos de grés pelo nome de «Obras Brancas», de Carency a La Targette. As ruinas de La Targette cobriam uma outra fortaleza allemã subterranea. A pouca distancia a leste ficava a cidade de Neuville St. Vaast, tambem em poder dos allemães, sita entre as estradas Arras-Béthune e Arras-Lens. Neuville St. Vaast era uma grande povoação de oitocentos metros de comprimento e setecentos de largura. Havia sido transformada n'uma fortaleza subterranea.

Ao sul de Neuville St. Vaast estendia-se o Labyrintho d'ambos os lados da estrada de Arras-Lens. O correspondente especial do «Morning Post» escreveu:

«Nunca, provavelmente, egual fortaleza foi planeada e construida... No interior ha um completo armazem contendo todas as especies de armas que produzem a morte conhecidas pela sciencia, incluindo grandes quantidades de engenhos de gazes e liquidos inflammaveis.

«Tunneis subterraneos, cheios de minas, assemelham-se a pequenas fortalezas contendo canhões para melhor destruição dos audaciosos invasores. No «Labyrintho» ha muros que são verdadeiras armadilhas e dos refugios subterraneos massas de inimigos podem surgir para apparecer pela retaguarda dos assaltantes.

«O «Labyrintho» é ligado por tunneis subterraneos com Neuville St. Vaast e provavelmente com Thelus, proximo de Vimy. E' uma parte integral e extremamente importante d'essa fortaleza terrestre—um districto completo que constitue uma fortaleza concentrada».

A cêrca de tres kilometros e meio a leste do Labyrintho ficava a orla das elevações marginando a planicie entre o Scarpe e o canal Béthune-La Bassée-Lille.

Tal era a area fortificada subterranea que os francezes tinham de atacar. Os seus aviadores e outros observadores mal podiam dar-lhes idéa da sua natureza. Os allemães tinham feito a fortaleza de Brialmont parecer tão obsoleta como as de Vauban. Poderiam a engenharia franceza e os artilheiros resolver o problema que lhes propunha a intelligencia assassina d'aquelles que haviam construido o Labyrintho?

Da resposta d'esta pergunta parecia quasi depender o exito da Grande Guerra. Se a engenharia e a artilharia se mostrassem impotentes, os allemães, com Labyrinthos sem conto, poderiam deter a offensiva dos alliados e a guerra podia continuar indefinidamente.

No dia 9 de maio, quando as estrellas empallideciam no céu, as tropas francezas estavam preparando-se para o ataque. Os sapadores haviam talhado escadas nos lados das trincheiras para que os homens pudessem subir com maior rapidez. Ao nascer do sol, ouviu-se tiroteio a distancia. Um aeroplano inglez vindo da direcção de La Bassée atravessava as linhas allemãs. Foi attingido, mas o aviador conseguiu aterrar dentro das trincheiras francezas.

Tres aeroplanos francezes quasi que immediatamente se elevaram e os observadores que n'elles iam deram um ultimo golpe de vista pelo terreno, pela arruinada capella de Notre Dame de Lorette e pelos restos das aldeias de Ablain St. Nazaire, Souchez, Carency, La Targette e Neuville St. Vaast, nas quaes estavam a infantaria allemã e os seus canhões e metralhadoras.

A's 6 horas da manhã foi dado signal para começar o bombardeamento. O som produzido pela descarga de mais de mil canhões francezes assemelhava-se ao ribombar d'uma trovoada tropical. Os inglezes que estavam na elevação d'Aubers ficaram estarrecidos com a intensidade do distante canhoneio. «Estou perfeitamente bem— escrevia quatro dias depois um official d'artilharia francez que estivera na batalha — embora esteja ainda aturdido com o troar do canhão».

O som produzido pelas howitzers francezas, pela artilharia pezada, pelos canhões de «75», e pelos morteiros de trincheiras era o d'uma tempestade; os effeitos do bombardeamento pareciam os d'um abalo sismico. «Avancei—diz o mesmo official—para uma das trincheiras do inimigo. Que horrorosa visão! Tudo estava desmoronado; havia sangue em toda a parte e como as excavações eram estreitas tinhamos de caminhar sobre montões de cadaveres, pernas, braços, cabeças, armas, cartuchos, metralhadoras, tudo n'uma massa confusa. E era isso a obra da nossa artilharia».

Os projecteis dos canhões pezados, ao baterem nas trincheiras, formavam grandes excavações, esmaga-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1974—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 4 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

As manifestações do Porto

A viagem do sr. presidente ao Porto constituiu mais uma prova de que o regimen implantado em 5 de outubro de 1910 na nossa patria se encontra absolutamente enraizado na consciencia nacional.

Era a primeira vez que o sr. Bernardino Machado, depois de collocado no alto cargo que o torna o supremo magistrado da nação, sahia de Lisboa, e a sua visita destinava-se á segunda cidade do paiz, e realisava-se quando ali se commemorava uma revolução que significou o despertar da alma popular, anciosa por conquistar a liberdade e dignificar o paiz.

A fé republicana da capital do norte evidenciou-se em manifestações inilludiveis. Durante trez dias, as suas affirmações foram constantes, envolvendo no mesmo testemunho de fervor inextinguivel a figura da Republica triumphante e a da Republica que, ha vinte e cinco annos, consagrava com os seus sacrificios e heroismos a aspiração nacional.

O sr. presidente da Republica teve ensejo de verificar esse estado de espirito que tanto honra a gloriosa cidade do Porto, que é e foi sempre um baluarte da liberdade portugueza, e o Porto, por sua vez, acclamando-o, como verdadeiro symbolo da Republica que evangelisou, combateu e triumphou, demonstrou bem a sua convicção de que o regimen entrou na perfeita normalidade da applicação dos seus principios.

Nas manifestações realisadas, quer se tratasse dos preitos luctuosos aos vencidos de 31 de janeiro, quer se festejasse a victoria do ideal que elles serviram, appareceram confundidas todas as classes, desde aquellas que podemos considerar mais conservadoras, quer as que se reputam mais avançadas. E' que todas comprehendem que a Republica é uma garantia da ordem como é uma garantia do progresso.

Tomou a iniciativa do convite ao chefe do Estado para visitar o Porto, no vigesimo quinto anniversario da revolução republicana de 31 de janeiro, a camara municipal d'aquella cidade. Devem estar satisfeitos os edis portuenses, porque essa visita redundou n'uma prova da vitalidade da Republica e dos progressos do Porto.

Com effeito, essa visita foi aproveitada pela municipalidade da segunda cidade do paiz para dar inicio a trabalhos que a devem aformosear e engrandecer. A camara do Porto entrou n'uma era de realisações, e quaesquer que sejam os reparos que se levantem ás suas iniciativas, uma coisa se não póde negar: é que essa camara procura trabalhar, crear, aperfeiçoar, e todos os esforços que n'esse sentido se realisam são sempre louvaveis porque não ha nada mais mortal do que a immobilidade nem nada mais esterilisante do que a rotina.

N'este ponto de vista bom seria que a municipalidade de Lisboa se inspirasse n'esse exemplo. Não basta gastar o tempo em longas discussões, que nos não custa acreditar que sejam inspiradas pelos melhores intuitos, mas que a sua improficuidade reveste d'um caracter bysantino. O que é mister é alguma coisa de viavel, de pratico, que corresponda ás necessidades de Lisboa, tanto no ponto de vista do trabalho presente como no ponto de vista do engrandecimento futuro.

A ida do sr. presidente da Republica ao Porto foi uma bella jornada. Se os mortos do 31 de janeiro podessem resuscitar sentir-se-hiam orgulhosos de reconhecer que a Republica segue com segurança os seus destinos, que elles entreviram, n'um horisonte claro, embora longinquo, entre a fumarada da fusilaria que os victimava.

A questão dos fretes em Inglaterra

Londres, 31 de janeiro

Analysando as diversas causas que podem ter contribuido para a alta dos fretes, a revista economica *The Statist* resume-a n'uma só: a falta de tonelagem disponivel. E' uma consequencia do facto do governo inglez haver requisitado para o serviço do exercito uma porção consideravel da marinha mercante, porção avaliada em 35 por cento do conjuncto da marinha mercante britannica.

Por outro lado, o governo requisitou um grande numero de navios para o transporte de viveres, o que eleva a proporção a perto de 50 por cento. O resultado é que a alta dos fretes attinge em alguns casos 1000 por cento do preço normal em vigor em 1914.

Tal é o caso, nomeadamente, para os transportes entre la Plata e o Reino Unido, os quaes passaram de 15 a 150 shillings; por seu turno, os de Calcutá subiram de 17 shillings e 6 pence a 150; os do Bombaim, de 15 a 125; os de Karachi, de 12 a 120; os dos Estados Unidos de 3 a 16; os de Cardiff a Genova, de 7 a 78; os de Cardiff á Bahia, de 14 sh. 9 a 39. 6, e, finalmente, os de Cardiff a Rouen, de 3 sh. 10 a 23 sh. 6.

«Estes algarismos—diz *The Statist*—dispensam commentarios. Traduzem uma grave situação e apresentam um serio perigo economico. Sabe-se que o governo inglez se esforça por acudir á situação requisitando navios para o transporte do trigo e de outras mercadorias de primeira necessidade, prohibindo o transporte de artigos reputados superfluos.

A missão hespanhola

é adiada a sua visita para o mez de abril

O sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Commercial de Lisboa, a cuja patriotica iniciativa se deve a projectada visita dos delegados das camaras e syndicatos commerciaes e industriaes hespanhoes, recebeu hoje um officio do presidente da camara de commercio e navegação de Barcelona, annunciando a resolução, unanimemente tomada n'uma reunião dos presidentes das grandes corporações economicas da Catalunha.

N'esse officio transcreve-se as conclusões d'uma proposta apresentada, que são as seguintes:

1.º—Fazer constar o vivo desejo que as corporações economicas da Catalunha se representem na visita a Portugal, pelos seus presidentes, sem prejuizo de que se aggreguem a elles outros elementos d'essas mesmas corporações;

2.º—Expressar-lhes a convicção de que a ausencia n'este momento, ainda que por breve espaço, constituia uma imprudencia, attendendo ao estado em que se encontra Barcelona:

3.º—Sollicitar da Associação Commercial de Lisboa que se digne adiar para a segunda quinzena de março ou primeira de abril a excursão dos representantes da producção e do commercio hespanhoes, pois é de esperar que, n'essa occasião, haverá mais quietação aqui e a viagem poderá ser effectuada sem pressa e com mais vantagens para todos.

N'esta conformidade, a Associação Commercial de Lisboa, sem descurar o plano de festas em honra da missão vae adiar os preparativos para a data indicada pelos visitantes.

A CIDADE NOVA

Os empregados do commercio e industria

mandam construir um edificio para a sua associação de soccorros

A assembleia geral da associação de soccorros mutuos dos empregados do commercio e industria, na sua ultima reunião, sanccionou, com applauso unanime, todos os trabalhos realisados pelos respectivos corpos gerentes para acquisição de terreno e construcção de edificio proprio, destinado a séde social d'aquella prestimosa collectividade.

Lisboa vae ter, portanto, com essa louvavel iniciativa, o seu primeiro edificio d'uma associação de soccorros mutuos, tendo sido incumbido do seu projecto architectonico o sr. Norte Junior, artista a quem a construcção urbana deve já varios exemplares dignos de admiração. O futuro edificio da associação de soccorros mutuos dos empregados do commercio e industria vae ser construido nos terrenos do sr. conde da Folgosa, aquelle recinto da rua da Palma onde, com existencia sempre precaria, viveu o Paraiso de Lisboa. Desapparece, de vez, aquelle cemiterio de empresarios, cedendo o terreno para a construcção das installações dos empregados do commercio e industria e para o alargamento da rua até onde se prolongará a avenida Almirante Reis, que é, sem duvida, presentemente, uma das mais movimentadas e interessantes arterias da capital.

A construcção d'este novo edificio vae certamente abreviar as obras de alargamento da rua da Palma, desde que a picareta arremette com o primeiro talhão, sendo natural que se lhe siga o corte do buffete e a restante parte deanteira do Colyseu que, foram construidos n'essa previsão.

No ante-projecto da séde social da associação de soccorros mutuos dos empregados do commercio e industria, provêem-se as installações necessarias a todos os serviços d'uma collectividade d'esta natureza. Consta o edificio de um pavimento terreo e dois andares, pelos quaes, estão distribuidos os escriptorios, os gabinetes de gerencia, as salas de estudo e de reunião para os associados que não carecendo de serviços clinicos, nem, por isso, deixam de encontrar na associação algum proveito.

A parte do edificio destinada aos associados doentes é interessantissima em todos os seus detalhes. Ali encontrarão, de futuro, os associados, que presentemente são em numero de 3.200, todos os serviços de pharmacia, dispensario, consulta medica, sala de operações, enfermaria de cirurgia e balneario, com os mais adeantados processos hydrotherapicos.

Além d'estas installações, a séde da associação dos soccorros mutuos dos empregados do commercio e industria terá uma sala com as dimensões necessarias para comportar 700 pessoas.

IMPRESSÕES DA GUERRA

A acção dos submarinos
A esquadra ingleza

Uma palestra com o sr. capitão-tenente João Manuel de Carvalho, addido naval em Londres

Encontra-se em Lisboa, gosando dois mezes de licença, o sr. capitão-tenente João Manuel de Carvalho, distinctissimo official da nossa armada e adido naval em Londres. Em meia hora de palestra, que a sua amabilidade nos concedeu, ouvimos-lhe algumas impressões da guerra que devem interessar os nossos leitores.

—Pouca gente sabe, disse-nos o illustre official, que as nossas redes de pesca, das armações de atum, estiveram destinadas a capturar os submarinos allemães que se approximavam da costa ingleza. Foi essa a primeira idéia que o almirantado se lembrou de pôr em pratica para aquelle effeito, entabolando-se as necessarias «démarches». Mas, quando se podia pensar na utilisação das redes, já estas não eram precisas. Tinham-se encontrado outros meios, de mais segura efficacia. Quaes elles sejam, ignoro-o, porque o almirantado guarda sobre esse ponto uma reserva impenetravel. Mas a verdade é que, desde o principio da guerra, os inglezes conseguiram capturar ou metter no fundo 64 submarinos inimigos. Conta-se mesmo que, no Baltico, um d'elles foi capturado sem receber a mais ligeira avaria, aproveitando-o depois os inglezes, com todas as suas caracteristicas externas, para o ataque de navios allemães, que o deixavam approximar-se sem a menor precaução por julgarem que elle continuava a ser manobrado pelos seus compatriotas.

«São conhecidas as razões da aureola de triumpho que acompanhou os submarinos durante um certo tempo. Percy Scott, o velho almirante inglez, fez a apologia exaltada e calorosa d'essa arma de guerra, dando logar a que o celebre Conan Doyle improvisasse uma novella em que uma pequena potencia, só com oito submarinos divididos em dois grupos, conseguia vencer a Inglaterra—pela fome. Os submarinos atacavam todos os navios mercantes que conduziam viveres para a Gran-Bretanha, e esta, sem poder alimentar-se, via-se obrigada a pedir a paz. As affirmações de Percy Scott e a novella de Conan Doyle produziram uma apaixonada controversia, em que entraram alguns technicos notaveis. O proprio almirante Percy Scott deu a entender que tinha exaggerado o valor do submarino, pois quando se deu a controversia a este respeito, (que o «Times» publicou), ainda não se podia prever quaes seriam os meios para atacar os submarinos. Deu-me a entender que o tinha feito com o patriotico proposito de chamar á attenção dos seus compatriotas para aquella arma naval.

«A guerra, com todos os seus formidaveis ensinamentos, veiu provar quanto eram pouco fundadas as previsões phantasiosas e pessimistas de Conan Doyle. A Inglaterra continúa a abastecer-se como antes da guerra rebentar. Não falta ali coisa alguma, e o preço dos generos importados reflecte exactamente o seu valor nos mercados externos, apenas accrescido com os novos impostos de consumo.

«Tudo isso é devido a quê? A' esquadra ingleza, que muitas pessoas imaginam que não tem servido para nada. No principio da guerra, toda ella se conservava a postos, vigilante no Mar do Norte. Algum tempo depois, reconhecendo-se a impossibilidade de todos os navios se conservarem no mar, foi chamado a Londres o almirante Jellicoe e combinou-se dividir a esquadra em fracções, por modo que os navios podessem soffrer nos portos e estaleiros as limpezas e reparações que se tornassem necessarias. E' isso o que se faz hoje, com um cuidado extremo e persistente. Quanto a um encontro entre as duas esquadras, ingleza e allemã, não o julgo provavel. A esquadra constitue para os allemães um trumpho que elles podem fazer na propria conferencia da paz, e, se se arriscassem a um combate, perdiam inevitavelmente essa força. Entrariam na proporção de 1 contra 4. Não cahem n'essa. Quando dos dois «raids» que alguns navios allemães fizeram na costa ingleza, mal os navios inglezes sahiram em sua perseguição elles desappareceram com a velocidade maxima.

Publicaremos ámanhã o resto das interessante considerações que ouvimos ao sr. capitão-tenente João Manuel de Carvalho.

UM NOBILISSIMO EXEMPLO

A EMPREZA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

e o vertiginoso augmento dos fretes maritimos

Durante muito tempo, a unica companhia portugueza de navegação para as nossas colonias foi alvo de violentas censuras, como detentora de uma especie de monopolio tanto mais odioso quanto é certo que d'elle dependia o desenvolvimento do commercio e portanto o progresso d'essas mesmas colonias. Tive occasião, durante as viagens que na Africa realisei, de me convencer do exaggero e da paixão que dictava geralmente essas censuras. A verdade é que em nenhum paiz colonial do mundo, a não ser no nosso, os orçamentos do ministerio das colonias deixam de inserir uma verba destinada a subsidiar companhias nacionaes de navegação, o que equivale a proteger a propria bandeira e consequentemente a expansão politica e economica.

Em Portugal, não. Privilegiou-se, é certo, a Empreza Nacional, no que respeita á navegação para os portos da Africa Occidental Portugueza, mas teve-se a estulta pretensão de que a mesma Empreza poderia concorrer, na questão de transportes para a Africa Oriental, com companhias inglezas e allemãs, largamente subsidiadas pelos respectivos governos! Por outras palavras: ao passo que a Empreza Nacional de Navegação tem, nos portos de Moçambique, de arrancar ao carregador todas as compensações, as companhias estrangeiras podiam alliviar os seus clientes da totalidade dos encargos, ganhando no entanto muito mais em virtude dos subsidios que recebiam. Esta falta de protecção á marinha mercante nacional é sem duvida um dos obstaculos que mais tem contrariado o seu desenvolvimento.

No entanto, se as censuras a que acima me referi, correspondessem á realidade, se a Empreza Nacional de Navegação não passasse realmente de uma entidade gananciosa e destituida de escrupulos, era precisamente n'este momento que esse aspecto se deveria revelar com a mais clara evidencia.

A guerra europeia trouxe como consequencia immediata o augmento progressivo dos fretes maritimos. O carvão, os oleos de lubrificação, os sobrecellentes, os mantimentos para passageiros e tripulações: tudo isso soffreu uma alta consideravel. Para o nosso caso, temos ainda o aggravamento do cambio, que sobrecarrega enormemente todas as transacções. Para se fazer idéia do que custam, hoje em dia, os fretes maritimos nas marinhas mercantes estrangeiras, basta dizer-se que o transporte de assucar das Mauricias para Inglaterra custa 110 «shillings» por tonelada, que o arroz vae de Sião para a America á razão de 120 «shillings», que de Buenos Ayres aos Estados Unidos cada tonelada de carga paga 125 «shillings», que dos portos da America para os do Mediterraneo a taxa de transporte é de 115 «shillings», que cada tonelada de milho da Africa Oriental para Inglaterra custa 90 «shillings», que o trigo argentino paga, para Lisboa, 150 «shillings» por tonelada, e para o norte da Europa, 155 «shillings». Pois bem: tomemos o ultimo exemplo e façamos o parallelo.

Emquanto um vapor de Buenos Ayres até Lisboa, que são 22 dias de viagem, recebe 150 «shillings» de frete por tonelada, os vapores da Empreza Nacional de Navegação transportam o cacau de S. Thomé para o nosso porto, com 17 dias de viagem e 10 ou 12 de espera na bahia de Anna Chaves, á razão de 24 «shillings» a tonelada!

Pois o preço do carvão—inferior, porque o bom Cardiff já não apparece no mercado—subiu em proporções espantosas. O de Newport, que está classificado como sendo de terceira qualidade, vende-se á bocca da mina á razão de 35 «shillings» a tonelada, e o frete para Lisboa, que são quatro dias de viagem, sahe a 34 «shillings»! Isto é, um navio que se dedique ao transporte de carvão realisa lucros incomparavelmente maiores que transportando cacau de S. Thomé...

O carvão do Transvaal, com um potencial calorifico inferior de 35 por cento ao carvão de Cardiff, sahe carissimo em Loanda. Basta dizer-se que um navio de vela não o transporta do Natal até áquelle porto por menos de 40 «shillings» a tonelada. Um navio de vela, note-se bem.

Pelo seu lado, o preço dos oleos de lubrificação augmentou em certos casos de muito mais de 100 por cento. Os mantimentos para 27 navios que a empreza tem a navegar calcule-se o que custam!

Mas não são apenas essas as nossas difficuldades. O carvão está caro, o seu frete pela hora da morte (ha pouco, em Dakar, o «Guiné» esteve cinco dias immobilisado á espera de comprar carvão, que só obteve a 92 «shillings»!) Ha porém ainda outros obstaculos que se traduzem em despezas consideraveis. Em Cardiff, os carvoeiros atracavam a «Barry-Dock» e em dia e meio, dois dias o maximo, tinham a sua carga de carvão e podiam seguir. Actualmente não succede o mesmo. Como os navios de guerra e os «cargo-boats» do Almirantado teem preferencia, os outros navios são forçados a desamarrar tantas vezes do caes quantos os barcos do almirantado que appareçam á vista durante o embarque de carvão. Ha pouco tempo, o «Cabo Verde» viu-se obrigado a desamarrar e pôr-se ao largo nada menos de 18 vezes antes de terminado o seu carregamento.

Vê-se, pois, no que respeita a fretes maritimos, que a Empreza Nacional de Navegação, apesar de mais sobrecarregada que as companhias inglezas (basta considerar o aggravamento dos cambios), tem os seus transportes muitissimo mais baratos.

Quanto ao preço das passagens, um simples exemplo esclarece a questão. Antes da guerra, qualquer agencia de vapores vendia bilhetes de ida e volta para Londres ou Paris, incluindo o trajecto em caminho de ferro, por 12 libras. Hoje, a passagem de simples ida para Falmouth, a onze horas de Londres, custa essas 12 libras, o que quer dizer que o transporte de passageiros encareceu muito mais de 100 por cento. A Empreza Nacional limitou-se a elevar os preços das suas passagens mais 40 por cento apenas. Compare-se...

Eu creio que seria a maior das injustiças não evidenciar os revelantes serviços que essa companhia está prestando ao seu paiz. Só um grande patriotismo e uma absoluta honestidade póde explicar o digno procedimento da Empreza Nacional. Ninguem a impedia, de facto, de mandar os seus «cargo-boats» para a Argentina carregar trigo aos preços elevadissimos que ali lhe offerecem; esse procedimento tinha, até certo ponto, a justificação de concorrer para o abastecimento dos nossos celleiros. Mas o commercio colonial portuguez soffreria uma rude e formidavel crise de que talvez se não podesse refazer, as relações entre a metropole e a Africa Portugueza tornar-se-hiam tão precarias que melhor fôra abandonarmos o patrimonio colonial aos acasos e contingencias da guerra... E' uma missão sagrada essa que a Empreza a si propria se impoz e que nobremente está cumprindo. N'esta nossa terra, onde tanta bocca se abre para dizer mal, que uma vez ao menos se faça justiça a quem é devida, e a quem tem o merito de nunca a ter pedido.

Hermano Neves

MUSICA

Concerto de Beer

Effectua-se ámanhã, sabbado, pelas 21 horas e meia, no salão nobre do theatro de S. Carlos, o concerto promovido pela distincta pianista e professora do Conservatorio madame Angélique de Beer, que tanto interesse está despertando. Madame de Beer executará peças de Schumann, Saint-Saens, Grieg e Chopin, assim como uma romanza e uma valsa do concerto de que é auctora. M.me Judice da Costa cantará com a sua habitual distincção, a aria do suicidio da «Gioconda» e a morte de Isolda do «Navio phantasma», de Wagner. A distincta violinista mademoiselle Pauletta Garot e os professores do Conservatorio srs. João Evangelista da Cunha e Silva e Ivo da Costa e Silva collaborarão no brilhante concerto.

Os zeppelins nos arredores de Paris

Apenas estragos materiaes—O que dizem testemunhas—Os engenhos dos zeppelins

Paris, 1 de janeiro

O zeppelin que, sem o conseguir, tentou alcançar Paris, lançou nos arrabaldes cerca de quarenta bombas, quatorze das quaes na mesma localidade. Onze dos projecteis eram bombas incendiarias que se enterraram nos vergeis. Este segundo «raid» de domingo teve algumas testemunhas, uma das quaes contou o seguinte:

«Foi alguns minutos antes das 10 horas que o zeppelin appareceu na direcção do norte. O ruido do motor denunciou a sua presença. Navegando entre nuvens, a uns oitocentos metros de altitude, o maximo, avistava-se confusamente. Era uma coisa comprida e negra, uma apparição extranha, sem forma determinada, e, fixando bem, percebi um pequeno clarão, a custo visivel, sem duvida a lampada electrica que servia ao piloto para ver a bussola. O ruido do motor era muito distincto.»

Na vertente d'uma collina plantada de cerejeiras, o balão «boche» lançou uma após outra trez bombas. Visava alguma coisa. As trez bombas enterraram-se no chão, desenhando um triangulo luminoso, porque se tratava de bombas incendiarias. Arderam durante o tempo sufficiente para que um inspector da policia fixasse o sitio.

N'uma das communas, dois proprietarios contam:

«Ouvimos, de subito, detonações longinquas e ao mesmo tempo o ruido d'um motor e duas outras explosões acompanhadas d'um «gerbe» de chammas n'uma direcção differente; finalmente dois outros estampidos muito perto de nós. Eram as duas bombas cahidas na nossa localidade a duzentos metros do sitio em que estavamos. Deitámo-nos ao comprido no campo; ahi ainda ouvimos outras detonações, mas muito mais longinquas, Talvez umas dez.»

Relato d'outra testemunha:

Eram cerca de dez e vinte. Todas as luzes estavam apagadas na cidade. Ouvi, de repente, o ruido d'um poderoso motor, mas não vi nada. Quasi a seguir, atroaram o ar explosões formidaveis, precedidas de um clarão: as bombas tinham rebentado. Os canhões dos fortes dispararam sob o zeppelin durante um quarto de hora; depois tudo voltou ao silencio.»

N'outra communa, que recebeu trez bombas explosivas mas que cahiram na terra sem causar outros prejuizos além de buracos fundos, um proprietario, que recebeu um projectil, diz:

«Estava deitado quando me accordou uma formidavel explosão que parecia ter-se dado muito proximo. Levantei-me e corri á janella. Ouvi o ruido d'um forte motor mas nada vi. O ruido durou um bom quarto de hora, ora affrouxando, ora augmentando; vendo-se, por instantes, um raio luminoso vivissimo atravessar o espaço. Manifestamente, o zeppelin procurava orientar-se. Troou uma explosão formidavel. Era a primeira bomba. Seguiram-se mais duas detonações e o ruido do motor afastou-se...»

Uma bomba surprehendeu muito desagradavelmente uma sentinella, que estava de guarda a um deposito militar, n'uma localidade das margens do Sena. A explosão deu-se a uns 50 metros de distancia.

«Os engenhos recolhidos são de aço, em fórma de esphera e pintados de preto. A espessura do seu envolucro de aço é de 2 centimetros e contem 21 kilos de explosivo. Uns teem 32 e outros 51 centimetros de diametro.

O effeito de semelhantes projecteis é importante, a julgar pelos estragos. A percursão é determinada, quer por um movimento de relojoaria, quer automaticamente, pela simples acção do affrouxamento da velocidade do projectil, no momento em que penetra no obstaculo a attingir. E' o que explica os effeitos destructivos verificados. As bombas incendiarias são do modelos das lançadas já na região parisiense por occasião do «raid» do anno passado, e mais recentemente em Londres, constituidas por uma especie de cabaz metalico inflammavel, e envoltas em uma especie de grossa rêde de algodão alcatroado. No momento do contacto com o alvo, o percutor de fulminato, de que a bomba está munida, rebenta; as paredes do projectil afastam-se e o liquido inflammado pela deflagração do systema percutor, espalha-se.

Cartas na meza

Justiça economica

A' vista das attenções com que em Portugal são tratados os criminosos, dizia o grande homem de sciencia que é o dr. Julio de Mattos que as nossas prisões são o paraiso dos bandidos. Este conceito pode applicar-se a todo o paiz. Em nenhum outro, como no nosso, ha privilegios e regalias para o dignissimo assassino ou o meretissimo ladrão. Para poder ser preso, precisa de chamar préviamente o seu policia e praticar o seu crime á vista do freguez. Só se pode ser preso em flagrante; e a prisão em flagrante só é possivel como consequencia de uma solicita premeditação de crime. Mas não é tudo. Se, mesmo depois de preso, o digno patife conseguir uma justiça bastante repousada que lhe não instaure um processo dentro do praso de oito dias, elle é restituido ao exercicio das suas funcções, quasi com premio, como as libras. Em muitos casos, o delinquente resgata a dinheiro a sua falta. Mas tão barato o consegue, e com tão grandes abatimentos, que muitas vezes um juiz desloca-se do seu remanso, um escrivão do seu «ménage», um meirinho da sua toca, um delegado do seu bilhar e os jurados dos seus negocios para depois de algum papel sellado e de meia duzia de dias de multa parcimoniosamente applicados, a justiça recolher seis tostões á gaveta dos apuros.

Pelo que me é dado presumir das noticias dos tribunaes, os delictos teem uma tabella de preços, como a carne dos açougues. A differença, porque ella existe, consiste em que os delictos que mais favorecem geralmente o consummidor, são os delictos—sem osso. Está claro que a justiça a baixo preço não pode ser ministrada com o mesmo escrupulo da justiça cara. Como exigir de um juiz uma boa sentença por dez réis de mel-coado? N'uma sentença barata não pode evidentemente dar-se nem o mesmo numero de considerandos nem de tão escrupulosa escolha como aquelles que são devidos a uma sentença bem paga. Mas por outro lado, se o baixo delinquente fôsse a pagar os seus crimes por preços elevados, não havia dinheiro que lhe chegasse. Por isso o Estado, que sempre procura favorecer as classes pobres, estabelece tarifas a preços reduzidos para patifes desprotegidos da fortuna.

D'este modo, e graças a este criterio de previdencia e de altruismo, a carestia da vida faz-se sentir em tudo, menos na laboriosa classe dos criminosos. Todos estes ramos de actividade nacional que vão da «escroquerie» á falsificação, da falsificação ao roubo e do roubo á facada, ao assalto, ao assassinio, são favorecidos por processos economicos que uma vez applicados a todas as outras profissões liberaes tornariam o paiz um verdadeiro paraizo. Accresce—circumstancia admiravel!—que nenhuma lei proteccionista defende a producção interna. A concorrencia estrangeira é temerosa. Nenhuma terra é como a nossa tão largamente invadida de profissionaes estranhos. O canteirista hespanhol opera como em sua propria casa. Os funccionarios chamados do mosco formam já uma colonia respeitabilissima. A nobre classe dos vigaristas impõe-se dia a dia á nossa mais progressiva consideração. A bomba, o tiro, a rasteira, são tudo instituições a que não falta a concorrencia de elementos intrusos. Pois a tudo resiste a producção nacional!

Claro está que semelhante actividade se reflecte na actividade da justiça. E como a justiça é administrada pelo Estado e o Estado tem o dever de proteger o cidadão aquelles que pelos deveres dos seus cargos se vêem diariamente a contas com a justiça são por ella maternalmente acolhidos, com plena satisfação e proveito de todos nós. Eu considero o paiz n'este ponto um verdadeiro Edén. E se alguma coisa me admira é que ainda haja tanta gente tão imprudentemente honrada!

Guedes de Oliveira

Echos da viagem ao Porto

Desenho de M. Monterroso

— Tudo abaixo, ó Elisio?
— Sim, mas para que tu fiques cada vez mais em cima!

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Os acontecimentos

Buscas e prisões

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, auxiliado pelo seu ajudante sr. dr. Clemente Gomes, chefes Sarmento e Murtinheira e varios guardas, proseguiu hoje nas suas diligencias sobre os ultimos acontecimentos.

Acêrca do assalto á mercearia pertencente á firma Castanheira, Carlos, Limitada, na rua Thomaz da Annunciação, foram hoje ouvidos um tenente, um corneteiro, 2 cabos e 4 soldados da 4.ª companhia da guarda republicana, da travessa da Estrella. Os dois primeiros disseram que quando a força seguia para dispersar os assaltantes ella fôra recebida com tiros que partiam de uma officina de sapataria pertencente a Eugenio Rodrigues e de que é encarregado José Maria dos Santos, pae do tenente Santos, ha tempos regressado de Angola. Por tal motivo, a policia foi ali e trouxe preso o sr. Santos, que é homem de edade já avançada.

O agente Pires, da judiciaria, com alguns guardas foi hoje passar uma busca á séde da Associação de Classe dos Operarios Metallurgicos, a fim de trazer os livros para o governo civil. Como não estivessem ali, mas sim em poder do secretario, que móra na rua da Esperança, foi ali apprehendendo-os.

Como suspeitos de terem tomado parte no attentado da rua do Jardim do Regedor foram hoje enviados para juizo Carlos Soares, o «Carlos Varino» e José d'Almeida, o «José Serralheiro», os quaes negam o crime, affirmando que o auctor do attentado foi um individuo conhecido pelo «Joaquim Marrocos», que ainda não foi preso.

Recolheram ao Limoeiro, sem fiança, Guilherme João Curto, que hontem foi detido como sendo o auctor do attentado na rua do Jardim do Tabaco, de que resultou a morte do guarda 1531, voltou hoje a ser largamente interrogado, negando ter cumplices e narrando o que já noticiámos. Delegados das Associações de Classe dos Fragateiros e dos Catraeiros estiveram hoje no governo civil participando que o Curto não pertence ás classes maritimas. Segundo a policia diz, elle é servente de pedreiro e muito conhecido pelas suas ideias avançadas. Varios agentes andaram hontem procurando differentes individuos conhecidos como agitadores, sendo detidos 6. Pouco depois das 22 horas, um agente foi ao beco da Ricarda e depois de uma minuciosa busca prendeu Julia da Cruz, viuva do velho propagandista ha dias fallecido Bartholomeu Constantino e seu filho Lingue Bartholomeu, de 14 annos, os quaes se encontram incommunicaveis.

Por se lhe terem aggravado os ferimentos, recolheu hoje á enfermaria 1 do hospital Estephania o menor de 4 annos Victor d'Azevedo, morador na «villa» Prado, 14, que foi attingido pelos estilhaços d'uma bomba que, como noticiámos, rebentou na rua do Arco do Carvalhão.

Hoje, de tarde, foi preso, ficando incommunicavel n'uma esquadra, o conhecido propagandista do movimento operario Manuel Pedro de Abreu, escripturario da Associação de Classe dos Fragateiros. Pouco depois das 18 horas sahiram em diversas diligencias alguns agentes.

Na legação italiana

procede-se a trabalhos para installação de uma camara de commercio

A convite do sr. Koch, ministro de Italia, reuniram hoje na legação d'aquelle paiz os principaes elementos do commercio, que fazem parte da colonia, a fim de tratarem da organisação de uma camara de commercio. Foi tambem convidado a assistir a essa conferencia o infatigavel propugnador do commercio sr. Carlos Gomes. Depois de uma larga troca de impressões, ficou assente a creação d'essa aggremiação commercial italiana, nomeando-se a commissão installadora, que ficou constituida pelos srs. C. Coffino, E. Colombo, J. Cerida e Giuseppe Gasera, secretario da legação.

Durante os trabalhos da reunião, os commerciantes italianos manifestaram, por diversas vezes, a sua sympathia para com o paiz onde exercem a sua actividade, affirmando que esta iniciativa servirá para estreitar mais ainda os laços que unem as duas nações amigas, prestando egualmente a sua homenagem ás grandes qualidades do diplomata que representa, entre nós, o seu paiz.

Com a creação da camara de commercio italiana ficam existindo em Lisboa camaras de todos os paizes latinos e a camara de commercio ingleza.

Concertos David de Sousa

Como de costume, o programma do concerto de domingo proximo no Politheama pela orchestra David de Sousa, não desmente o superior criterio com que teem sido organisados os concertos d'esta epocha. Melhor que todas as palavras de elogio, diz elle do seu alto valor e justifica o enthusiasmo com que os amadores de boa musica o estão esperando. E' o seguinte:

1.ª parte—«A noiva vendida» (abertura), Smetana; «Impressões da Italia», Charpentier.

2.ª parte—«Symphonia phantastica», Berlioz, (61.ª audição).

3.ª parte—«Preludios», Lizst; «Marcha a Luiz da Baviera», Wagner.

Dois operarios soterrados

e um empregado commercial atropellado

Nas terras de Santo Amaro anda em construcção um predio, tendo sido hontem aberta a valla para ser mettido o cano de exgoto. Devido ao tempo, hoje, quando no fundo de essa valla se encontravam os operarios José Antonio, de 60 annos, e Antonio Alvaro da Silva, de 38, casado, morador no beco do Viçoso, 6, desabou uma parte do terreno, ficando os dois soterrados.

Feito alarme, acudiram rapidamente material e bombeiros das estações 1, 6 e 10, sendo os dois operarios retirados pelos bombeiros. O primeiro apresentava uma ligeira contusão n'uma perna, pelo que, recebeu curativo n'uma pharmacia, recolhendo a sua casa. O segundo estava fortemente contundido, pelo que o conduziram no automovel de prompto soccorro ao hospital de S. José, onde foi pensado, depois do que, reconhecendo-se que o seu estado não era grave, recolheu tambem a sua casa.

Quando o automovel se dirigia para o hospital, na rua do Livramento abalroou com uma galera e na rua Garrett atropellou José Francisco Vaz, de 25 annos, empregado no commercio, morador na avenida Berne, I, 1.º, que teve de ser tambem conduzido no automovel de praça 779 ao hospital por ter deslocação do quadril esquerdo e ferimentos na cabeça. Ficou ali na enfermaria 4.

Opera lyrica

A festa de Salomea Kruceniski

A recita de ámanhã, no Colyseu, festa artistica e despedida da grande celebridade lyrica Salomea Kruceniski, deve marcar uma data gloriosa na historia do nosso theatro lyrico. Pela primeira e unica vez a illustre «diva» cantará os trez primeiros actos da «Bohéme», a deliciosa opera de Puccini, em que tem na parte de «Mimi» uma das suas mais gloriosas creações artisticas e tão collossal que lhe tem valido os applausos mais enthusiasticos das primeiras scenas lyricas.

A pedido geral completa o espectaculo o 3.º acto da «Loreley», admiravel e superior trabalho de Kruceniski.

Hoje canta-se pela ultima vez «A cavallaria Rusticana» e os «Palhaços».

O insigne barytono Battistini chegou hoje, vindo de Barcelona, onde foi ovacionadissimo. A sua estreia realisa-se na terça-feira com o «Ernani». Battistini cantará apenas quatro recitas e sempre com operas differentes.

Uma chaminé que desaba

Devido á chuva que hontem e hoje tem cahido abundantemente, desabou a chaminé do predio n.º 72 da rua Augusta, indo os destroços cahir sobre a officina de candieiros do sr. Virgilio Ribeiro, ficando feridos, além d'este senhor, seu filho Luiz Simões Ribeiro, ambos moradores na rua Thomaz da Annunciação, 81, cave, e José da Silva, no beco de Santa Helena, 5, rez-do-chão. Receberam todos curativo no posto da Cruz Vermelha, seguindo para suas casas.

No Salão Foz

Soirée elegante

E' hoje noite de festa no Salão Foz porque se effectua a *soirée* elegante. Para o espectaculo de hoje, além dos films os artistas que ali se exhibem organisaram um magnifico programma. Os Gitanillos fazem novas danças que com certeza vão causar enthusiasmo, como todos os que estes reis das danças andaluzas teem apresentado.

As Papillons, que hontem se estreiaram com um enorme successo, vão tambem hoje fazer novo programma e com certeza receberão os mesmos applausos com que hontem o publico as victoriou. Les Beriguardis, os duetistas lyricos que tantas palmas teem recebido capricharam na escolha do programma do espectaculo de hoje. Aida Saroglia, o magnifico soprano ligeiro que faz parte d'esse dueto, cantará na primeira sessão, o *rondó* da Lucia de Lamermoor e o tenor Florentia o *celo e mar* da Gioconda.

Para segunda feira está annunciada a estreia da *chauteuse e dansense*, Nelly-Nell. Isto demonstra que no Salão Foz as boas estreias succedem-se.

Festa artistica de Augusto Rosa

A'manhã é noite de verdadeiro enthusiasmo no theatro Republica. Realisa-se a festa artistica de Augusto Rosa, e todos sabem como estas recitas são sempre calorosas e distinctamente concorridas. Representa-se a celebre peça de Bernstein, «Samsão», um dos mais extraordinarios trabalhos do insigne artista.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Vida d'um rapaz pobre.

REPUBLICA — A's 21—Samsão.

TRINDADE — A's 21—Dia de juizo (revista).

POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.

GYMNASIO—A's 21—O manequim.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro «O casamento do colla tudo».

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—1.º, 2.º e 3.º actos da Bohéme —3.º da Loreley.

Boatos e informações

Entre nós

Por motivo de força maior, só ámanhã se realisa no theatro Phantastico a *première* da revista *Já vi tudo.* Hoje é o ensaio geral.

INTERESSES DE CLASSE

Pessoal pharmaceutico dos hospitaes civis de Lisboa

O pessoal dos serviços pharmaceuticos dos hospitaes civis de Lisboa dirigiu ao Senado da Republica uma longa representação em que pede sejam modificadas algumas das bases do projecto que vae ser discutido. As suas reclamações principaes são as seguintes:

Abolição do *Internato de pharmacia*, porquanto entendemos que o serviço nocturno e outros devem ser feitos pelos pharmaceuticos ajudantes em S. José.

Creação do pessoal auxiliar em substituição dos actuaes praticantes, com remuneração não inferior a 216$00 escudos annuaes e mais dois periodos de diuturnidade de cerca de seis annos cada periodo e augmento de ordenado respectivo de 72$00 (setenta e dois escudos) em cada periodo.

Além d'isto, mais:

No capitulo I, que trata da organisação e administração dos hospitaes civis de Lisboa, Base 4.ª, o § unico do artigo 4.º pelos seguintes:

§ 1.º—Os chimicos pharmaceuticos e o pharmaceutico bacteriologista são providos em pharmaceuticos que possuam os respectivos diplomas, mediante concurso de provas praticas e documentaes e gosam dos mesmos direitos que são estabelecidos aos assistentes de pharmacias.

§ 2.º—O logar de director é promovido por accesso no chefe de pharmacia mais antigo nos hospitaes e a sua nomeação é feita pelo governo, sob proposta da commissão administrativa.

Orpheon do Condeixa no Theatro Republica

Vae ser finalmente satisfeita a anciedade do publico, ouvindo o famoso Orpheon de Condeixa dirigido pelo dr. João Antunes, composto de 80 cantores e que n'este verão causaram fanatismo n'uma linda festa nas Caldas da Rainha. O concerto realisa-se no theatro Republica na proxima quarta-feira. Compõe-se de trechos classicos e modernos e canções populares. Tomam parte tambem as sr.as D. Alice e D. Amelia Rey Colaço e o sr. Affonso Lopes Vieira fará uma conferencia a proposito da festa.

Concertos Blanch

O de domingo no Republica é dos mais notaveis

E' difficilimo organisar um programma tão assombroso, que reuna tantas obras notaveis como a do proximo concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch que se realisa depois de ámanhã no theatro Republica.

Executam-se pela primeira e unica vez n'esta temporada a famosa «Cavalgada das Walkirias» e a «Marcha funebre de Siegfried» de Wagner, dois dos maiores successos do maestro Blanch, sendo a orchestra bastante augmentada conforme as exigencias da partitura, e cujo exito será brilhantissimo ainda augmentado com as magnificas condições acusticas do novo theatro.

Guarda colhido pelo comboio

No apeadeiro de Caxias foi hoje colhido pelo comboio 1029, que vinha de Cascaes, o guarda da linha José Joaquim de 43 annos, casado, natural da Figueira da Foz, que ficou com a perna direita esmagada, o braço esquerdo fracturado e ferimentos na cabeça.

Conduzido ao hospital de S. José, depois de pensado deu entrada, em estado grave, na enfermaria n.º 4.

PEQUENAS NOTICIAS

A policia teve conhecimento de que no Arsenal da Marinha se tinha feito uma larga distribuição de impressos indicando que o ferro velho José Bernardes, da rua do Soccorro, comprava sucata. Como nos ultimos tempos se tenham dado frequentes roubos n'aquelle estabelecimento foi nomeado o guarda Santos, da judiciaria, para apurar se entre o Bernardes e algum operario existe combinação nos roubos e quem espalhou os impressos.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 5/16	35 3/16
Londres, 90 d/v. . .	35 13/16	—
Paris, cheque. . .	$72,5	$73,4
Allemanha, cheque	$25	$26
Hollanda, cheque	$59	$60
Madrid, cheque. . .	1$85	1$86
Suissa, cheque	$81,5	$83,5
Italia, cheque	$63	65
New York . . .	1$42,5	1$44
Rios-Londres. . .	11 1/2	
Libras.	6$90	7$00
Agio do ouro. . . .	43 °/o	53 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,10	38,85
» » 500$	—	—
» » 100$	39,10	39,30

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$50. Externas: 1.ª serie 74$80.

Acções: Banco de Portugal 187$; Ultramarino, assent. 128$50 e coup. 130$; Phosphoros, coup. 58$; Companhia Mercantil Internacional 6$10.

Obrigações: Prediaes, 6 °/o, 93$50; Beira Alta, 2.º grau, 14,50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$20.

ULTIMAS NOTICIAS

Noticias parlamentares

N'estes dias de inverno desabrido é quando a Camara se anima mais cedo. A cidade está encharcada, as cordas de agua fustigam-na sem descanço, e os deputados, impedidos de fazerem pelos cafés as suas sessõesinhas de má lingua, refugiam-se em S. Bento onde a atmosphera é tepida e uma dôce temperatura acariciadora transforma o grande templo da legislação n'uma especie de banho Maria em que todos mergulham com praser os corpinhos sedentos de calor. E' claro que o banho não aquece nunca demais e assim, sem perigo de explosões nefastas, as mioleiras legislativas não se exaltam excessivamente, antes se deixam invadir por um dôce amolecimento, que quasi as torna incapazes d'um exforço que se veja. Que pena o inverno não ser eterno. Só assim o parlamento se tornaria inofensivo...

* * *

A' saida de S. Bento havia, mesmo á mão de semear, uma caixa postal. Estava ali muito bem. Era aquelle o seu logar. Pois mudaram-na. Porque? Dizem que por a fachada do edificio ir receber uma transformação radical. Mas o que tinha uma coisa com outra? Porventura havia uma necessidade absoluta de pegar no marco postal e de o ir espetar do outro lado, quasi á beira do monumento de José Estevão? Toda a gente de bom senso diz que não. Mas os correios dizem que sim, de maneira que são elles quem condemna quantos teem correspondencia a lançar na caixa, a atravessar, n'estes dias de chuva, um mar largo de lama, no qual se fica atascado até ao tornozelo. A epitolographia eleitoral vae com certeza, sofrer uma dolorosa crise...

* * *

Ha dois dias que se discute na Camara o projecto que tributa com treze centavos cada decalitro de vinho, vinagre, etc. consumido na area da capital do norte. Teem corrido, a proposito de tal discussão, torrentes de eloquencia. Trata-se de liquidos. Está explicado o enigma. Mas tambem se teem feito affirmações cheias de delicioso encanto. O sr. Rodrigo Rodrigues, por exemplo, já objectou, em áparte, que o vinho não era «genero de consumo»; o sr. Manuel Granjo declarou que o projecto o deixava tão alegre como se tivesse emborcado uma garrafa de 1815, e até appareceu já quem quizesse saber se o vinagre era ou não bebida alcoolica e se com elle podia continuar a temperar-se a fresca alface repolhuda. Approvem isso quanto antes, senão cae tudo de bebedo. Longe vá o agouro e que Deus nos poupe a tal escandalo...

* * *

Ha timoratos mortaes que, em vendo um farrapo de nuvem no céu, ficam aterrados e correm a couraçar-se contra a chuva imminente com quantos farrapos impremiaveis haja pelo seu guarda-roupa caseiro. E' o horror da humidade, que causa bronchites e origina bolhas dolorosas na garganta. Mas quando os timoratos que se forram do borracha são deputados ou senadores, seria decente que ao penetrarem nas duas camaras se despojassem d'esses adornos providentes, que não ficam bem a quem tem de exercer funcções de tanta gravidade como as legislativas. O escaphandro é instrumento que se fez para os grandes mergulhos. E a verdade é que, andar, nas camaras de impermeavel dá a impressão, a quem está de fóra, de que se arma em mergulhador para arrostar vendavaes e tempestades de neve, que tão raras são no nosso Paiz...

* * *

Entre as coisas interessantes que havia em S. Bento, figuravam no primeiro plano, os collarinhos do sr. Daniel Rodrigues. Havia n'elles uma tal dose de archaismo, que não faltava quem os admirasse com a veneração que merecem os quadros do Nuno Gonçalves. Pois até os collarinhos do sr. Daniel Rodrigues, subindo-lhe em barbatanas amplas até aos lobulos inferiores das orelhas, para se inclinarem docemente para o lado, com a graça de quem ampara, desappareceram. O sr. Daniel eliminou-os, substituiu-os por outros, banalissimos, de ida e volta, eguaes aos que toda a gente usa. Foi-se a tradicção, foram-se aquelles monumentos preciosos, que sua senhoria devia conservar com o amor que merecem as coisas raras. Não o entendeu assim o sr. Daniel. Pois fez mal, porque eliminou de si a unica coisa que o tornava interessante.

* * *

O sr. ministro do interior deu-lhe agora para armar em meteoro. Apparece na Camara, desapparece, torna a apparecer, para se fixar na poltrona profunda só depois de se terem sumido todos os signaes de borrasca que se acastellem no seu horisonte politico. Por sua vez, o sr. Arthur Costa, de cara franzida, grandes bigodes budhicos ao Deus dará, tambem já não frequenta a Camara com aquella assiduidade dos tempos em que não era sub-ministro e não tinha a pezar-lhe sobre os hombros tão esmagadoras responsabilidades como as que a governação publica dá. Temores de consciencia, afugentando os dois factores indestructiveis do regimen da assembleia legislativa? Desdem pelas pugnas parlamentares? Talvez isso, sim. E' que qualquer dos dois possue uma tal eloquencia e um tal poder de amenisar as mais aridas questões, que não é, decerto, S. Bento o campo proprio para a sementeira das suas perolas tribunicias.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os srs. dr. José de Castro e Luiz Filippe da Matta. Tambem o sr. dr. Bernardino Machado foi cumprimentado pelo academico hespanhol sr. D. Aureliano de Beruete y Moret.

—O «Diario do Governo» publica hoje um decreto determinando que o seguro das mercadorias recebidas nos Armazens Geraes Agricolas só seja obrigatorio quando essas mercadorias fiquem depositadas em regimen de Armazem Geral.

—O ministerio das finanças ponderou ao da guerra a conveniencia de armar e equipar convenientemente a guarda fiscal, visto estar cooperando com o exercito em quasi todos os serviços, inclusivé na manutenção da ordem.

A grande guerra

A campanha na Russia

PETROGRADO, 4. — Official. Na Galicia a nordeste da gare de Ezerna depois da destruição de uma rêde de arame, apoderámo-nos de um oculo de grande alcance. Ao sul da gare de Ezerna houve bombardeamento reciproco entrando n'elle a artilharia de grosso e pequeno calibre. No Strypa medio abatemos um aeroplano. No Dniester, na região de Ouchetchke, repellimos dois ataques. No Caucaso avançamos victoriosamente. — (*Havas*).

Um zeppelin afunda um vapor—13 mortos

HARTLEPOOL, 4.—Um zeppelin afundou o vapor «Franz Fisher» que ia de Hartlepool para Londres. Morreram treze homens e foram recolhidos trez sobreviventes.—(*Havas*).

O serviço obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 4.—Uma proclamação real fixa o dia 10 do corrente para entrar em vigor a lei de conscripção dos celibatarios.—(*Havas*).

Um zeppelin afundado no Mar do Norte

GRIMSBY, 4.—O vapor de pesca *King Stephen* recusou receber a bordo a tripulação do zeppelin L 19, que se afundou no Mar do Norte, e composta de uns 20 homens. O vapor regressou a Grimsby a informar as auctoridades.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 4.—Official.—Respondemos efficazmente ao violento bombardeamento de Loos. As operações de minas teem sido muito activas nas paragens do reducto de Hohenzollern, até á estrada de La Bassée.—(*Havas*).

A captura do "Apam"

WASHINGTON, 4.—O sr. Lansing é de parecer que o paquete *Appam* deve ser considerado presa de guerra.—(*Havas*).

Na frente italo-austriaca

ROMA, 4. — Official. — Dispersámos alguns grupos inimigos a noroeste de Mori. Entre Astico, Terra e valle de Sugana repellimos varios ataques. Na zona de San Martino penetrámos por surpreza n'um entrincheiramento, fizemos prisioneiros e tomámos armas.—(*Havas*)

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 103, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Dr. Regis de Oliveira

O finado embaixador será sepultado em Italia

RIO DE JANEIRO, 4.—A familia do dr. Regis de Oliveira respondeu ao dr. Lauro Muller que o corpo do extincto será sepultado na Italia, conforme os seus desejos. Agradece, no entanto, a offerta de Portugal, para transportar o cadaver para o Brazil.—(Havas).

Falta de carne

Para o consumo da cidade foram hoje abatidas no Matadouro Municipal 10 rezes e 2 para os hospitaes. Para os talhos particulares foram abatidos 24 carneiros.

O novo regimen cerealifero

Um credito de 6:000.000$

O *Diario do Governo* publica hoje o seguinte decreto:

Tornando-se necessario facultar ao governo os recursos indispensaveis que lhe permittam a adopção das providencias estabelecidas nas leis n.os 371 e 392, respectivamente, de 30 de agosto e de 4 de setembro ultimos: hei por bem, sob proposta do ministro do fomento, com fundamento no artigo 2.º do decreto n.º 1:882, de 11 de setembro, tambem ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 185, de 14 do mesmo mez, guardadas as prescripções do § 3.º do artigo 34.º da lei de 9 de setembro de 1908 e ao artigo 1.º do decreto n.º 2, de 15 de dezembro de 1894, e tendo ouvido o conselho de ministros, decretar que no ministerio das finanças seja aberto, a favor do ministerio do fomento e devidamente registado na direcção geral da contabilidade publica, um credito especial da quantia de 6:000.000$, destinado á satisfação dos encargos prescriptos no artigo 2.º do citado decreto n.º 1:882, devendo este credito ser addicionado á dotação do artigo 89.º, capitulo 19.º, do orçamento da despeza do segundo dos mencionados ministerios para o anno economico de 1915-1916.

Um manifesto

Foi hoje distribuido um manifesto ao povo republicano aconselhando o ministro do interior a sahir do gabinete. E' assignado pelas seguintes collectividades:

União Lusitana, representando 40 grupos filiados; Gremio Educação do Povo, Centro Eleitoral dos Defensores da Republica, Grupo Revolucionario Henrique Cardoso, Centro Fernão Botto Machado, Centro Alberto Costa, Gremio Filhos do Povo, Grupo Revolucionario de Cintra, Grupo Liberdade e Justiça, Centro Defensores da Republica 14 de maio, Grupo União, Grupo Luz e Progresso, Grupo Revolta, Grupo dos Invencíveis, Grupo Vigilantes da Republica, Grupo Liberdade e Progresso, Grupo Almirante Reis, Grupo Revolucionario Ordem e Trabalho.

Na Camara dos deputados

Continúa a discutir o projecto sobre o imposto de consumo no Porto

Preside o sr. Simas Machado, que abre a sessão com 77 deputados. Acta approvada. No expediente ha uma carta do sr. José d'Abreu, pedindo mais 60 dias de licença. Concedida. O sr. Cabral de Castro manda para a meza um projecto de lei sobre signaes sonoros submarinos junto dos pharoes. O sr. Sá Pereira apresenta outro projecto auctorisando a Companhia de Thomar a saldar em prestações de 800 escudos o debito que tem ao Estado. O sr. Ribeira Brava protesta contra as accusações feitas ao juiz da comarca da Ponta de Sol, que é um magistrado honrado, honesto, competente e republicanissimo, tendo, durante a dictadura, opposto aos decretos do governo a mais absoluta recusa. As arguições contra esse magistrado proveem do facto d'elle ter condemnado um padre que andava pelas ruas d'habitos talares. Como é que se póde condemnar alguem por cumprir ou fazer cumprir a lei. O sr. Moura Pinto chama a attenção do sr. ministro das colonias para o facto de não ter sido ainda entregue ao pae do capitão Faria Roby, o espolio d'esse heroico official, morto no sul d'Angola. Bem merecia esse honrado cidadão, que já deu á sua Patria dois filhos, maior consideração. Sabe que o ministro das colonias tem empregado os maiores esforços para attender os desejos da familia Roby. Mas o que é preciso é que as diligencias effectuadas não se prolonguem demasiadamente, como é costume com processos d'essa natureza. O sr. ministro das colonias responde que tem feito e continuará fazendo quanto em suas forças caiba para que o espolio do capitão Roly tenha, quanto antes, o devido destino. O sr. Cabral de Castro insta por varios documentos que sollicitou pelo ministerio das colonias; o sr. Henrique de Vasconcellos occupa-se da crise economica em Cabo Verde e da fome que já está devastando essa colonia, pedindo para isso immediatas providencias. O sr. ministro do interior promette attender.

O sr. Eduardo de Sousa occupa-se d'um accidente succedido com o cruzador «Vasco da Gama», perguntando se, realmente, esse barco de guerra correu perigo ou pôz em perigo os barcos com que abalroou. O sr. ministro das colonias responde que o caso não teve a menor importancia. O sr. Mesquita de Carvalho estranha que o sr. ministro do interior não se haja dado ainda por habilitado a responder á interpelação que lhe annunciou sobre a situação do general Carvalhal. O sr. Almeida Ribeiro replica que não teve ainda tempo para estudar os documentos referentes ao assumpto.

O sr. Mesquita de Carvalho:—Ficamos na mesma!

O sr. ministro do interior manda para a meza um projecto de lei abrindo um credito especial de 4.800 escudos, para pensões ás victimas das revoluções de 5 d'outubro e 14 de maio e outro revogando a lei de 19 de julho de 1893, referente ao hospicio Princeza D. Amelia.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o projecto sobre a nova tributação dos vinhos e seus derivados consumidos na cidade do Porto. O sr. Manuel Granjo combate o projecto por elle ir affectar, principalmente, as classes pobres da capital do norte, não poupando até generos de primeira necessidade, como o vinagre, cujo consumo é imprescindivel. Porque não se tributam, de preferencia, os vinhos finos?

O sr. ministro da instrucção manda para a meza uma proposta de lei determinando que para a matricula, na secção de sciencias, nos cursos de habilitação ao magisterio lyceal e ao magisterio normal primario, das escolas normaes superiores das universidades de Lisboa e de Coimbra, seja indispensavel o diploma de bacharel em qualquer das trez secções da actual faculdade de sciencias. O sr. Mesquita de Carvalho manda para a meza uma questão previa, na qual considera o projecto inconstitucional e por isso entende que elle deve ser retirado da discussão. Defende largamente essa sua opinião e affirma que o projecto não póde ser approvado, sem grave offensa da legislação vigente. O chefe do governo contesta essas affirmações. O projecto é tudo o que ha de mais regular e não vae de encontro nem á Constituição nem ao Codigo Administrativo. O imposto de consumo não pertence ás camaras. E' o governo que lh'o dá, porque é elle que o lança. E' mau o processo? Pois modifiquem-no opportunamente.

O sr. Jayme Cortezão faz tambem uma larga defeza do projecto, rebatendo os ataques que elle soffreu por parte das opposições. Antes de se encerrar a sessão, o sr. Domingos Pereira defende a camara de Braga de arguições que lhe foram feitas pelos srs. Alfredo de Magalhães e Eduardo de Sousa.

NO SENADO

E' approvado o projecto das subsistencias

Pouco depois da hora regimental o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada. Secretariam-no os srs. Lourenço Serro e Simão José. Respondem 26 senadores.

Acta approvada sem reparos e expediente como sempre ao seu destino no meio de geral indifferença. Ninguem na bancada ministerial e ninguem nas galerias.

Apesar dos protestos de hontem para haver uma hora antes da ordem ninguem hoje usou da palavra nem mesmo os reclamantes que fazem parte das direitas e que se não deram ao trabalho de chegar cedo. Pelo que se vê que a barulheira de hontem foi só para as galerias.

Como ao principio não haja numero e como depois não esteja presente o sr. ministro do fomento o sr. presidente interrompe a sessão até que s. ex.ª chegue. Mas como ás 15,15' chegue o sr. ministro do interior é a sessão reaberta e a palavra dada ao sr. Azevedo Durão que trata da falta de contoio em Traz-os-Montes para o que chama a attenção do ministro a fim de que essa falta se remedeie o mais breve possivel. Deseja depois saber se os tratados internacionaes sobre a fiscalisação da delimitação de fronteiras na raia luso-hespanhola se tem cumprido.

O sr. ministro do interior promette communicar os assumptos aos respectivos ministros do fomento e estrangeiros.

Seguidamente entra-se na discussão do artigo 8.º da organisação dos quadros dos governos civis, que foi approvado com algumas emendas do sr. Paes Gomes, sendo regeitados dois artigos addicionaes apresentados pelo mesmo senador.

O artigo 9.º foi approvado sem discussão e a maioria regeitou as emendas pelo sr. Paes Gomes aos dois ultimos do projecto, que assim ficou definitivamente approvado.

Entra em discussão o projecto das subsistencias, para o qual hontem havia sido votada urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Celestino de Almeida diz que a minoria evolucionista do Senado votará a urgencia pela gravidade da questão da alimentação publica, mas considera que tal não é sufficiente para resolver a crise. Entende que o Estado só deve intervir no assumpto para permittir que se importem livremente os generos necessarios e punir todos os açambarcadores.

O sr. ministro do fomento defende largamente o seu projecto, cuja approvação não pretende impôr, mas que em sua consciencia considera util, e, fazendo a apologia da mobilisação da agricultura, presta homenagem ao auctor da lei do credito agricola.

Fala depois o sr. José Maria Pereira, que manda para a meza a seguinte moção:

«O Senado, verificando que o projecto de lei n.º 185 não póde solucionar o grave problema das subsistencias, e antes póde aggravar a actual situação economica, aguarda que o governo apresente urgentemente outro projecto mais concludente do fim que se propõe e continua na ordem do dia».

O orador analisa depois largamente este projecto, dizendo que as suas bases são uma ameaça para o productor, o agricultor, o industrial, quantos ao abrigo da Constituição pretendam livremente commerciar.

O sr. Simão José, como esteja quasi a dar a hora, requer a prorogação da sessão, até se votar o projecto.

E' approvado e em seguida fala de novo o sr. ministro do fomento, seguindo-se-lhe o sr. Faustino da Fonseca que, depois de se atirar á burguezia e aos açambarcadores, dá o seu voto ao projecto, apesar de o considerar uma tentativa, apenas, para a solução do grave problema da carestia da vida.

O sr. Pedro Martins combate o projecto: elle é um pesadello sobre a cabeça do industrial e do agricultor. Disse o proprio ministro que elle era apenas uma medida não para resolver, mas para attenuar a crise. Pois nem isso fará, devendo apenas concorrer para a aggravar. E isso se verá em breve. A minoria evolucionista, coherente com as suas affirmações, nem toma parte na sua discussão na especialidade.

Está agora a falar o sr. ministro do interior, devendo seguir-se-lhe o sr. dr. João de Menezes, depois do que se passará á especialidade e votação.

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido desde as 9 horas ás 15 e meia. Tanto bastou para que surgissem os mais desencontrados boatos, pretendendo explicar as razões d'uma tão prolongada reunião. Afinal, segundo informações que conseguimos obter, o governo occupou-se principalmente da *questão das subsistencias*, quer no que ella pode relacionar-se com a ordem publica, quer nos meios a pôr em pratica para effectivar as disposições do projecto approvado já na Camara.

Um dos aspectos da questão que muito preoccupa o governo é o que diz respeito a acquisição de milho, que é absolutamente necessario importar para o consumo das populações do norte e d'uma grande parte do centro do paiz. Pensou-se mandar vir o milho das colonias, e a ideia não foi ainda posta de parte. Mas ha duvidas sobre se elle aqui chegará em perfeito estado de conservação, accrescendo ainda a difficuldade de transportes.

Suppomos que o governo de tudo isto tem tratado nas ultimas reuniões do conselho.

O CASO Eusebio da Fonseca

Affirmava-se hoje com insistencia que o *Diario do Governo* publicará por estes dias uma portaria do ministro das colonias applicando ao sr. Eusebio da Fonseca a penalidade que lhe foi imposta pelo conselho disciplinar e que consta ter sido de quatro meses de suspensão. Não sabemos com que fundamento, affirmava-se tambem que aquelle funccionario seria exonerado.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

D. AURELIANO DE BERUETE Y MORET

No Avenida Palace realisou-se hontem o banquete offerecido pelos corpos gerentes dos «Amigos do Muzeu Nacional de Arte Antiga», ao distincto academico e critico de arte hespanhol sr. D. Aureliano de Beruete y Moret.

Tomaram parte na festa, que decorreu brilhante e animada, além do homenageado, os srs. Garcia Herreros, dr. José de Figueiredo, Henrique de Mendonça, Luiz Fernandes, Raul Lino, Carlos Ahrends, dr. Reynaldo dos Santos, coronel Ferreira Madail, José Lino Junior, dr. Xavier da Costa, Francisco Ribeiro da Cunha, dr. Alberto Mac Bride, Alexandre Rey Collaço, Affonso Lopes Vieira, dr. Sebastião Saccadura, Sousa Pinto, Carlos Diniz e dr. José Pessanha.

Escusaram-se de não comparecer por motivos de força maior os srs. Manuel Emygdio da Silva, José Queiroz, Antonio Cabral, dr. Eduardo Burnay, visconde de Santarem e visconde de Riba Tamega.

Foi lida uma carta do sr. dr. João de Barros, secretario geral do ministerio da instrucção publica, associando-se á homenagem prestada ao illustre e eminente critico de arte.

Falaram ao «toast» os srs. Henrique de Mendonça, Luiz Fernandes e dr. José de Figueiredo, respondendo o homenageado n'uma elegante allocução.

MONUMENTOS DE LISBOA

A Sé patriarchal

A sua restauração, devida a Fuschini, tem sido apreciada com demasiado pessimismo

O deambulatorio gothico da Sé de Lisboa, que fórma com o diadema das capellas o admiravel conjuncto architectonico da sua abside, é—disemos nós—o unico exemplar que possuimos d'esse genero d'edificações medievaes, dando-se ainda o acaso feliz d'elle se reproduzir em Lisboa na sua pureza typica e no melhor momento do estylo.

Não é o deambulatorio um systema privativo do gothico; já nos edificios romanicos o encontramos, como um prolongamento natural das naves lateraes fechando-se no abraço em torno da capella-mór ou côro. E este expediente, a um tempo bello e util, d'obter uma nova nave commoda e elegante, sorriu aos constructores d'então que d'elle se apoderaram logo para enriquecer o typo das suas cathedraes.

Sem fallarmos em Thomar, que é d'um romanico mais grego que latino—ramo esteril que não se reproduziu,—ha vestigios de deambulatorio romanico em Alcobaça, nas magnificas columnas da capella-mór. E com certeza na Sé de Lisboa, onde hoje corre a nave gothica do côro, houve um deambulatorio da construcção primittiva. Como seria este deambulatorio romanico? A um olho attento não passam despercebidas as affinidades da parte primittiva da Sé de Lisboa com a escola romanica auvernheza. O triforio sobre toda a largura das collateraes arcobotando o berço central—e a abobada d'este triforio é ainda cluniziana,—a torre cruzeira que abateu em 1755, a ausencia de janellas altas que apparecem no transepto, e essa perspectiva exterior do edificio a oriente, tudo nos falla de S. Paulo d'Issoire, de Santo Estevam de Nevers, de Notre-Dame du Port, de S. Saturnino de Toulouse, as bellas egrejas elevadas no seculo XII em toda a região do Auvergne. A Sé de Lisboa possuia, pois, na sua phase primittiva um deambulatorio circular com capellas em quarto d'esphera e dois absidiolos para o transepto.

Era uma grande difficuldade abobadar estas naves em hemicyclo, e quando n'ellas se inscreviam absidiolos fazel-os coincidir com as arcadas do coro. Mas desde que a peripheria das absides se quebra em linha polygonal e a abobada sobre ogivas cruzadas se applica por toda a parte, o deambulatorio vulgarisa-se e as capellas multiplicam-se no perimetro das absides, de que resulta nos edificios perfeitos, como na Sé de Lisboa, esta concordancia homologa de faces, este alinhamento symetrico d'arestas, dando em planta o aspecto polyedrico d'uma joia facetada. A abside gothica da Sé é uma d'estas bellas joias.

Mas é tempo de dizermos como se plantou este crescente de pedra.

Apoz a construcção romanica, edificou-se por traz do monumento, mas com bastante desvio de eixo, uma especie de bastião de fortaleza, de grande espessura de muralha, que envolvia a cabeceira do edificio e chegava aos braços do transepto, acostado d'um claustro já gothico. Este accessorio, comprehende-se, devia ser mais tarde um embaraço para erguer a abside ogival d'Affonso IV que parece ter querido uma fabrica de primeira ordem, rica e imponente, disposta n'um extenso circuito, cuja corda se aproximasse tanto quanto possivel do diametro do transepto. Com tal imposição de plano, a trajectoria da nova abside, por exigencia de concordancia do deambulatorio com as naves lateraes e profundidade bem proporcionada das capellas, tinha fatalmente que cortar os lanços extremos do claustro, mutilando-o, e entrar até pelo macisso amuralhado. Ao traçar-se o risco d'esta abside, dividiu-se o deambulatorio em treze tramos, mas ou por falta d'espaço ou para seguir o uso mais em voga, só se começou a adoptar o plano polygonal nas capellas, a partir dos dois tramos terminaes do deambulatorio, mudando-se apenas a orientação ás capellas d'estes tramos para as fazer ingressar na ordenança geral.

Convém dizer que estas capellas terminaes, mais em risco de damnos e alterações por causa da sua situação, devem ter soffrido modificações profundas no decorrer dos seculos, não sendo da bella epocha de Affonso IV o gothico da reconstrucção que se vê hoje na capella vicentina, como o não é tambem a abobada terminal dos tramos correspondentes no deambulatorio, que apresenta outros perfis nas molduras dos artezões.

E', pois, a partir dos dois primeiros tramos que começa a obra propriamente dita de Affonso IV. O mestre da nova abside partiu, ao norte, d'um ponto sufficientemente affastado para poder extradorsar. Ao sul, porém, depois de cortar a ala do claustro, esbarrou com a muralha e na preoccupação de poupal-a o mais possivel e evitar o rompimento, o constructor cavou apenas o alvéolo para o engaste do fundo da capella, o que equivale a dizer que não a extradorsou. Fuschini, na sua restauração, não tendo já as mesmas preoccupações do mestre medieval, rasgou na muralha uma larga brecha para deixar passar livremente a construcção, extradorsou a capella, desenrolando á vista do transeunte (lado de S. João da Praça) o scenario surprehendente d'um pedaço branco d'abside n'uma aberta de muros denegridos.

A extensão d'este artigo e a natureza d'este jornal não nos permittem entrar em descripções pormenorisadas; mas diremos rapidamente que as capellas são todas semelhantes, de plano polygonal, com tres pannos de fundo rasgados em ogiva, e sete solidas nervuras radiando d'uma chave cinzelada. Nos capiteis predomina a decoração vegetal em parte estylisada, em parte ao natural, vendo-se a hera, a vide, o carvalho, e ás vezes lindas cabeças humanas emergentes nas folhagens. A profundidade do piso d'estas capellas é muito discutida na Sé, e se o estylo admitte as bases do soclos elevados, nada póde acceitar-se de definitivo, emquanto não se fizerem mais sondagens e não se souber com precisão qual era o pavimento primitivo da egreja e deambulatorio. O que surprehende ainda n'este deambulatorio é a sua abobada solidamente artezonada com liernes e arcos de reforço, além dos ogivos cruzados, disposição esta para grandes pressões e que em deambulatorios só conhecemos nas cathedraes gothicas hespanholas de Burgos e Barcelona.

Duas palavras ainda e sobre a restauração. O trabalho de Fuschini tem sido apreciado com demasiado pessimismo, o que ás vezes succede em França a respeito de Viollet-le-Duc, e mais era um genio. Fuschini excedeu-se, é certo, mas no fundo não errou. O seu maior peccado foi apaixonar-se em demasia por aquellas pedras veneraveis, onde se acolhera foragido dos homens, e não graduar no monumento os valores estheticos que distribuiu um pouco *à la diable*. Esse formosissimo portal, que elle fez esculpir por um grande artista ignorado, sonhando em não sei que S. Gilles ou S. Trophimo d'Arles, e que lá está arrumado a um canto é inapplicavel á Sé e essa flecha da Torre que a opinião publica condemna, posto que já seja do estylo, não se harmonisa com a physionomia tradiccional do monumento que o artista deve sempre respeitar. Admitte-se lá, por exemplo, Notre-Dame de Paris com flexas nas torres? Nem Viollet-le-Duc lh'as poz, nem Paris lh'as consentia.

Manuel Ribeiro

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3298..... 20:000$
2571..... 2:000$

4661	600$	2247	100$
485	200$	3637	100$
2864	200$	4087	100$
534	100$	4573	100$
1263	100$	4991	100$

Associação Protectora da Arvore

Realisa-se hoje, como já noticiámos, pelas 21 horas, na séde da Associação Protectora da Arvore, rua Caes de Santarem, a sessão solemne a que assistem o sr. presidente da Republica e o ministerio.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil—A fim de resolver assumptos inadiaveis, reune a direcção ámanhã, ás 21 horas.

Movimento maritimo

Archipelago dos Açores, «Funchal»	5
Pern. Maceió, etc., «Spectator» (Liv.)	6
Br. e Rio Prata, «Sequana» (Bordeus)	6
Batavia, etc., «Insulinde» (Amsterd.)	6
Africa Oriental, «Loanda»	7
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)	7
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	7

SPORT

As Ideias de Mac-Fadden

Foi exagerado contra os medicos?

O seu grito de guerra era o de «arranjem saude sem drogas e sem remedios»

Falámos hontem mais uma vez e falamos ainda hoje do famoso propagandista de educação physica Bernard Mac Fadden dizendo que os «entendidos» do athletismo europeu o admiram e que a maioria segue as suas opiniões.

Expuzemos algumas das suas theorias. Vamos continuar o enunciado de outras.

O famoso americano é um modelo de athleta completo. Physicamente é um typo de belleza plastica. O seu desenvolvimento muscular é soberbo. Orgulha-se da sua saude, que resiste ás provas de resistencia athletica, ás fadigas e até aos prolongados jejuns que constituem uma base do seu processo de «cultura physica».

Mac Fadden é tambem um escriptor de prosa facil e pittoresca. E é pelo facto de ser um athleta «doublé» de jornalista que se comprehendem as suas campanhas de propaganda—pela imprensa—das suas theorias, todas em beneficio da educação do homem pelos exercicios physicos. Tem publicado até hoje 19 obras sobre athletismo, hygiene, alimentação, etc.

Querem saber contra quem dirigiu uma d'essas campanhas, beneficiando-se e prejudicando os outros? Contra os medicos!

E' verdade isto que dizemos e n'esse ataque, que foi violento e que teve quem o secundasse—unicamente se salvaram os physioterapeutas, isto é, os medicos que não usavam ou melhor não abusavam dos remedios!

Partidario e exageradamente enthusiasta dos «methodos naturaes», só comprehende que estes curem as doenças! Por isso gritou:

—«... Arranjem saude sem drogas e sem remedios. Fóra com os fabricantes de novidades pharmaceuticas e com os medicos que as preconisam ou as approvam com a auctoridade dos seus nomes».

A campanha foi mantida depois pelo «Collier's Weckley» e «Ladie's Home Journal».

Deu resultado esse ataque? Deu, porque se os medicos não foram prejudicados, o certo é que desappareceram grande numero de charlatães e o publico americano começou a manifestar uma certa desconfiança por todas as drogas pharmaceuticas, affradas para o mercado com espantoso reclamo.

Mac Fadden preoccupou-se sempre e muito com o problema da alimentação. Taes experiencias, estudos e indagações fez, que ninguem lhe contesta a sua competencia. Mas, homem pratico e como bom americano que é, não se limitou a «armazenar» sciencia, mas a tirar-lhe proveitos. Fundou, com alguns amigos, uma grande Sociedade para fornecer uma nutrição sã e racional:—«Physical Culture Restaurant Company» que possue seis restaurants em New York, dois em Boston, um em Philadelphia, um em Pittsburg e dois em Chicago.

Mac-Fadden, como se vê, não é como os homens da nossa terra. Tem ideias, põe-n'as em pratica. Atacam-n'o, ri-se. E segue... E triumpha...

Notas do dia

A festa do Club Naval

Com a presidencia do sr. presidente da Republica, realisa-se ámanhã, ás 9 da noite, na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia, a grande festa promovida pelo Club Naval de Lisboa para distribuição de premios aos valorosos athletas que na epocha de 1915 se notabilisaram nas provas de remo, de vela, de navegação em barcos com motor, de «water-polo» e de natação, que o mesmo Club promoveu e que, pelo seu brilhantismo e modelar execução, foram as mais notaveis que se tem organisado em Portugal nos ultimos annos.

A festa comprehende uma sessão solemne presidida pelo chefe de Estado, distribuição de premios e um concerto, figurando, n'este, alguns dos mais insignes cantores e amadores de musica.

A festa, pelo seu brilhantismo «mise-en-scene», altamente espectaculoso e com certa magnificencia, proprio d'um club com tradições e n'uma festa presidida pelo presidente da Republica, ha-de ficar memorada e deve satisfazer, por completo, o natural orgulho dos que a promovem, que são todos os directores do Club Naval, entre os quaes figuram os «carólas» do movimento athletico sr. dr. José de Noronha, D. Antonio Heredia, João Loforte, Ryder da Costa, Gomes Barbosa, Joaquim Milhomens e Arthur Consulado.

Ao sr. presidente da Republica deve ser feita a guarda de honra por escoteiros e por bombeiros voluntarios. A festa é abrilhantada por bandas regimentaes.

E' possivel que á sessão solemne assistam os srs. ministros da marinha, instrucção, guerra e colonias.

* * *

Em volta d'um desafio

O caso é grave.

Como noticiámos e ainda hoje o fazemos, no domingo deve haver um desafio de «foot-ball», para o campeonato entre o Sporting e o Imperio.

O resultado estava mais ou menos previsto. Apesar dos progressos e da magnifica «linha» actual do Imperio, a victoria devia ser do Sporting. Mas... estamos convencidos de que se o desafio se realisar a victoria cabe ao Imperio!

Porquê?

E' que o primeiro «team» do Sporting, tem doentes Barros e Armour, que são falhas de importancia. Para completar a «débacle», a Associação de Foot-ball suspende até ao dia 23 d'este mez o sr. Francisco Stromp e até ao dia 30 os srs. Antonio Stromp e Arthur José Pereira! Isto equivale a dizer que o publico que fôr no domingo a Palhavã vê contra o Imperio não o «team» campeão de Lisboa mas um mixto do 1.º e 2.º «team» do Sporting.

Será isto sportivo? Não queremos emittir opinião que, levada pela imprensa, podia motivar discussões e mal entendidos, aos quaes queremos estar completamente alheios. Mas a verdade é que o Sporting Club tem responsabilidades como campeão que é. Ora taes responsabilidades não podem tomar-se com o grupo que se apresentar no domingo.

Mas porque se estabeleceram as penalidades que tambem attingiram os srs. Sabbo, capitão do Internacional e Picão Caldeira e Penagião, capitão do Imperio?

Por causa d'um incidente, que de todo o meio foot-ballista foi bastante conhecido e divulgado, no qual a Associação se houve com justa energia, pugnando pelos seus direitos de auctoridade dirigente e de fiscalisadora. Mas a Associação liquidou a bem a causa primordial do incidente, levantando a suspensão que tinha imposto ao Imperio. Porque motivos—e tudo a bem—não solucionou o caso dos jogadores, que por inadvertencia, foram victimas d'uma «consequencia» da suspensão do Imperio?

Lucravam todos. A Associação não perdia o prestigio que deve ter e que todos devem reconhecer. O sport ganhava. O campeonato de Lisboa não era falseado nos seus resultados...

Podia ser?

Algumas anecdotas

Arthur Saxon e a sua mala

Passou-se o caso na «gare» de Euston.

O athleta Arthur Saxon, que atravessava Londres para seguir para o continente onde o chamava um importante contracto, fez signal a um «taxi» para levar a sua bagagem que consistia n'uma pesadissima mala com fechaduras d'aço e uma maleta de mão.

O unico logar onde se podia collocar a mala era o tejadilho do carro. Seis carregadores aprompataram-se para o fazer. Apesar de todos os seus esforços não o conseguiam!

Saxon sorriu. A sua ironia teve o dom de desagradar a um dos carregadores, que não occultou o desagrado, pois que se tinha na conta d'um homem solido. E violentamente, gritou para o athleta:

—«Olá cavalheiro... Basta de cantigas... Levante-a você se é capaz...»

Como unica resposta, Saxon approximou-se da mala, segurou-a bem, e n'um esforço poderoso atirou-a para cima, para o alto do carro, com alguns ligeiros prejuizos na galeria de ferro.

Imaginem a cara de «parvos» que fizeram os carregadores! E o tal valentão commentou, desculpando-se:

—«Ainda é mais bruto do que eu...»

Os grandes récords

O dos 110 metros em barreiras

Entre os exercicios classicos do athletismo figura o de 110 metros, em barreiras, que teve em Portugal um «especialista» durante annos, o sr. João Lopes Figueiredo (do Club Internacional) e depois deu motivo a grandes victorias de Gabriel Ribeiro (do Sporting Club de Portugal) e Francisco de Araujo (do club Internacional).

Pois o «record» d'este exercicio pertence a um americano, F. C. Smithson, que o conseguiu nas corridas dos Jogos Olympicos de Londres, em 1908, no Stadium, com o tempo de «15 segundos»!

No mesmo exercicio athletico, os maiores «records» são os seguintes:

«15 segundos e 3 decimos»:—G. P. Kiddell em Christchurch em 1911.

«15 segundos e 3 quintos»:—A. C. Kraenzlein, em Monreal, em 1898 e F. Smithson, em Montreal, em 1907.

«15 segundos e um quinto»:—A. C. Kraenzlein, em Chicago, em 1908; A. B. Shaw, em Philadelphia, em 1908; W. A. Edwards, em São Francisco, em 1909, e F. W. Kelly, em Los Angeles, em 1913.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Gymnastica sueca em Bemfica

Os Desportos de Bemfica crearam ultimamente classes de gymnastica sueca para os seus socios e familias, confiando ao professor Arthur dos Santos a classe de adultos e ao professor Levy Jenochio as de meninos e meninas. Teem funccionado animadamente essas classes nas quaes ha entre muitas outras as seguintes inscripções:

Classe de adultos—Alfredo Futscher Figueiredo, José Borges, José Torquato Rosa José Reis e Sousa, Severino Nogueira Freire, Augusto Esteves Hilario, José Amaral, Casimiro Nogueira Freire, Joaquim Nunes da Rocha Junior, Antonio Pinheiro, Alberto Affonso, José Augusto de Brito, Rogerio Futscher Reis e Sousa, Francisco Gomes Ribeiro, Adriano Barata Salgueiro, Raphael Gonçalves Peixinho, Jeronymo J. Salgado; classe de meninas: Maria Amelia Duarte Figueiredo, Maria Antonia Duarte Figueiredo, Maria de Lourdes Themudo Barata, Joanna Espada Themudo, Joanna Marigné Themudo, Esther Vicente, Maria Luiza Vicente, Noemia Prazeres, Irene Prazeres, Marilia Alice Costa, Esperança Estes Hilario; classe de meninos: Carlos Duarte Figueiredo, José Faustino de Brito, João Gonçalves, Antonio Vicente, Fernando Esteves Hilario, José Ferreira, Alerte Manuel, Jorge Horta, Francisco Nogueira Freire, Gaudencio Luiz Costa, Francisco Valente, Alfredo Luazes e Carlos M. Moraes Costa.

«Tatters-Hall Portuguez»

O primeiro domingo de cada mez é reservado na Escola de Educação Physica para a realisação do «Tatters-Hall» que ha muito inaugurou. Assim, depois de ámanhã o picadeiro da Escola estará animado com a grande concorrencia que sempre ali aflue a essas liquidações de cavallos e artigos hippicos, nas quaes os nossos amadores e especialistas do meio hippico encontram facil maneira de transaccionar. Para o «Tatters-Hall» de domingo ha inscriptos muitos cavallos, carros, arreios, etc.

O desafio de «foot-ball» no domingo

E' no campo do Sport Club Imperio, em Palhavã, que se realisa no proximo domingo o grande desafio de «foot-ball», incluido na «segunda volta» do campeonato de Lisboa, entre o «team» campeão do Sporting Club de Portugal e o do Sport Club Imperio, que tem este anno uma «linha» muito forte e no qual muitos veem um perigoso adversario para os «finalistas».

Na «primeira volta» o Sporting venceu o Imperio mas com certa difficuldade.

A festa do Club Naval de Lisboa

Depois da sessão solemne presidida pelo sr. presidente da Republica, commodoro honorario do Club Naval de Lisboa e da distribuição de premios da epocha de 1915 na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia de Lisboa realisa-se ámanhã, ás 23 horas e meia, um concerto com o seguinte programma: 1, «Fiorina» (ouverture), C. Carline, pela orchestra; 2, «Improviso de André Chenier», Giordano, pelo sr. Antonio Peixoto Bourbon; 3, «Carmen-Cavatina de Micaëla», Biezt, pela sr.ª D. Maria Pires Marinho; 4, «Hungarian Dance», Brahms, pela orchestra; 5, a) «Gavotte», Händel, b) «Ecossaises», Beethoven, piano pela sr.ª D. Beatriz Correia; 6, «Samsão e Dalila» (S'apre per ti il mio cor), Saint Saëns, pela sr.ª D. Ermelinda Stegner Prado; 7, «Scarf», Chaminade, pela orchestra. Intervallo. 8, «Mephistopheles», (selection), Boito, pela orchestra; 9, «Canções portuguezas», Quesada e Moutinho, pelo sr. Antonio Peixoto Bourbon; 10, «Valsas», Brahms, piano pela sr.ª D. Beatriz Correia; 11, «Serenade», Pierné, pela orchestra; 12, «Carmen-Habanera», Bizet, pela sr.ª D. Ermelinda Stegner Prado; 13, «Boheme-Valser de Museta», Puccini, pela sr.ª D. Maria Pires Marinho; 14, «Marche Militaire», Friedman, pela orchestra.

Pena Foot-ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia de todos os seus jogadores, no proximo domingo, pelas 15 horas, no campo de Belem para jogar em desafio contra o Sport Club Santa Martha.

Festas associativas

Club Taurino Manuel dos Santos—Realisa-se depois d'ámanhã a primeira festa organisada pela nova direcção, havendo recita em que tomam parte distinctos actores amadores. Serão representadas o drama «A guerra» e uma comedia, havendo um acto de variedades e seguindo-se baile, abrilhantado por um quartetto.

Grupo Dramatico Lisbonense—A festa de homenagem ao amador sr. Francisco Ramos effectua-se depois d'ámanhã, com a peça «Beatriz, a fadistona», havendo em seguida baile.

Tuna Commercial de Lisboa—Continuam hoje, ás 22 horas, os ensaios do novo reporterio, sob a regencia do maestro sr. Ernesto Cyriaco, para o grande sarau que se realisa no dia 29, no theatro do Gymnasio. Os ensaios são todas as sextas feiras. A direcção trabalha afanosamente na organisação das proximas excursões.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Camões» e «O romance d'um homem rico»

Da «Collecção Lusitania», da antiga livraria Chardron, actual casa Lello & Irmão, acabamos de receber os numeros 15 e 16, respectivamente «Camões», de Almeida Garrett, e «O romance de um homem rico», de Camillo Castello Branco. Obras por demais conhecidas para que precisemos fazer a sua apreciação, limitamo-nos por isso a registar o seu apparecimento, com o devido louvor para a casa editora, que continua a apresentar uma collecção magnifica por um preço excessivamente modico.

«Versos»

Uma «planchette», com versos de Rolando de Viveiros. Trez pequenas poesias, mas impregnadas de tristeza e de piedade, que honram o poeta, quer pela inspiração, quer pelo fim a que dedicou o producto da sua producção: a favor das creanças belgas. O preço de venda é de 25 centavos.

Fomento agricola e industrial — O sr. Russel Cortês publicou um opusculo de propaganda da Empreza dos Assucares, em que se advoga calorosamente a cultura da beterraba sacharina e a fabricação do assucar no continente.

A cabeça do morto—E' um pequeno conto, de Hugh Conway, o primeiro d'uma serie que sob o nome de «Bibliotheca selecta», a typographia Cesar Piloto, do largo de S. Roque, emprehendeu publicar, dando em cada fasciculo um conto completo por 2 centavos.

Portugal Moderno.—D'este jornal, publicado em portuguez em Buenos Ayres e dirigido pelo sr. Theophilo Carinhas, recebemos o numero correspondente a 20 de dezembro. Vem em fórma de revista e profusamente illustrado com photogravuras de monumentos e de costumes portuguezes.

O resurgimento do Porto e de Portugal —E' um pequeno opusculo original da distincta escriptora sr.ª D. Maria Feio, em que advoga, como sempre, a necessidade de educar e de dedicar as maiores attenções e cuidados ás creanças.

Bulletin sur le Brésil—Do boletim publicado pelo *Bureau* official de informações sobre o Brazil sahiu o n.º 75, correspondente a 15 do mez findo. Entre outros assumptos, trata das grandes culturas do Estado de S. Paulo.

Revista dos sargentos portuguezes—Saiu o n.º 2 d'esta publicação quinzenal, de que é director o deputado sr. Domingos da Cruz. Vem deveras interessante e com variadas secções.

A maior parte dos allemães haviam sido atingidos por estilhaços de «Jack Johnsons» despejadas sobre Ablain pelos artilheiros allemães, que, se asseverou, julgavam que essa localidade tinha sido evacuada. Quinhentos cadaveres allemães entre as ruinas, muitos prisioneiros e

Um vendedor d'agua egypcio

quatorze metralhadoras attestavam a victoria franceza.

Tendo Ablain em seu poder, os francezes desceram para o valle e a 31 de maio repelliram o inimigo das tres arruinadas casas conhecidas pelo nome de Moinho Malon. D'essas casas uma trincheira de communicação corria para a refinação de assucar, a que já nos referimos. A infantaria franceza, levando na frente soldados munidos de bombas, avançou obrigando o inimigo a fugir. Entrou na refinação na peugada dos fugitivos sobreviventes. Ao anoitecer, tinha morto ou desalojado toda a guarnição.

A defeza da posição foi organisada á toda a pressa. Cêrca da meia noite, os allemães contra-atacaram e repelliram gradualmente os francezes da trincheira de communicação. Uma ordem telephonica foi dada á artilharia para que isolasse o inimigo por uma verdadeira muralha de fogo e ás tropas que estavam nas cercanias de Ablain para avançarem para a refinação pelo leito do riacho.

Os homens que estavam na trincheira de communicação foram rapidamente reorganisados e contra-atacaram. Os allemães fugiram e na tarde de 1 de junho a conquistada posição estava ligada com Ablain por trincheiras de communicação.

Durante o mez de junho e até á grande offensiva de 25 de setembro, a lucta na região da batalha de Artois proseguiu. Os francezes, de 25 a 28 de maio, haviam feito alguns pequenos progressos a leste, na direcção de Angres.

Em junho e nos mezes seguintes fizeram constantemente fogo sobre as trincheiras allemãs que atravessavam a planicie até ao canal Béthune-La Bassée. Do sul do planalto de Notre Dame de Lorette, que continuava em seu poder, avançaram desde a refinação de assucar até ás cercanias de Souchez. Mas foi no sector de Neuville St. Vaast que a lucta foi mais violenta.

Joffre, Foch e d'Urbal, se não haviam conseguido quebrar a linha allemã ou indirectamente affrouxar a pressão que estava sendo exercida sobre os russos, tinham pelo menos forçado o inimigo a desistir da sua offensiva em roda de Ypres. Tinham tambem demonstrado — o que era importantissimo — que apezar dos grandes aperfeiçoamentos introduzidos pelos allemães nos seus engenhos de destruição, não eram elles invenciveis e que a engenharia franceza não era inferior á inimiga.

As perdas allemãs n'esses recontros foram avaliadas em 60.000 homens e talvez fosem ainda maiores. O principe imperial da Baviera, por seu lado, avaliou—curiosa coincidencia—as dos francezes em egual numero, o que é muito problematico, pois que basta dizer que ao passo que uma divisão matou 2.600 allemães e aprisionou 3.000, apenas teve 250 mortos e 1.250 feridos.

Emquanto se davam as ultimas phases da batalha de Artois, ao sul de Arras, que, como Ypres, estava sendo constantemente bombardea-

coronel allemão foi aprisionado e posto fóra d'acção o equivalente a uma brigada allemã.

Atravez d'um prado, outras tropas francezas haviam avançado sobre La Targette, onde a estrada do Monte St. Eloi se cruza com a de Arras-Béthune e continua, atravessando Neuville St. Vaast, para a de Arras-Lens. As rêdes d'arame farpado haviam sido destruidas pela artilharia. Para atravessar as trincheiras, ligeiras pontes de madeira eram levadas pelos homens.

Em frente de La Targette havia duas obras de fortificação armadas de artilharia. Tão rapido foi, porém, o avanço dos francezes que os allemães, com excepção d'alguns, desappareceram. Os francezes avançaram contra a aldeia, que ás 11,15 estava em seu poder.

Trezentos e cincoenta prisioneiros, muitos canhões «77» e numerosas metralhadoras haviam sido tomadas. Os sapadores organisaram rapidamente as defezas d'esse importante ponto e baterias de artilharia franceza vieram a galope, subiram a encosta e abriram fogo sobre as reservas allemã.

Passando em roda de La Targette, outras tropas francezas foram atacar Neuville St. Vaast. A ala direita foi retida pelos defensores do Labyrintho, mas o centro conseguiu estabelecer-se n'um grupo de casas na extremidade sul de Neuville St. Vaast e approximar-se do cemiterio da aldeia. Duas vezes durante o dia, entre os tumulos, uma lucta desesperada corpo a corpo se travou.

Metade da aldeia estava ao anoitecer em poder dos francezes, que fizeram muitos prisioneiros. Os aterrados allemães eram repellidos para a retaguarda pelos cavalleiros.

Tal foi a batalha de 9 de maio. Os francezes provaram que as defezas que os allemães consideravam como inexpugnaveis podiam ser tomadas. Tinham feito 3.000 prisioneiros e tomado 10 canhões de campanha e 50 metralhadoras.

No dia seguinte, os francezes tinham-se fortificado no centro da posição allemã. Para entreter as reservas inimigas, um ataque simulado foi feito ao norte do planalto de Notre Dame de Lorette na direcção de Loos. A lucta no planalto continuou. Alguns progressos se fizeram na esquerda, até se ter de fazer uma paragem por causa da artilharia escondida em Angres.

O pequeno forte do lado da capella era uma ameaça para os francezes. Um violento contra-ataque do lado da refinação de assucar entre Ablain e Souchez foi assignalado e a offensiva franceza foi ahi suspensa. A artilharia impediu que os allemães avançassem e a infantaria franceza, animada por tal resultado, desceu do planalto para a ravina de Ablain.

Do livro de notas do capitão Sievert, que commandava um batalhão allemão e foi morto, consta a importancia ligada pelo principe real da Baviera e pelo seu estado maior ao facto dos allemães reterem em seu poder o planalto de Notre Dame de Lorette e a linha Ablain-Carency, assim como a insufficiencia dos meios de que o capitão morto dispunha para esse objectivo.

A sua primeira companhia havia ficado reduzida no dia 10 de maio a quatro officiaes inferiores e vinte e cinco soldados, a segunda companhia a um official e oitenta officiaes inferiores e soldados. A terceira e a quarta companhias ficaram quasi com a mesma força e o batalhão contava então apenas tres officiaes e 272 officiaes inferiores e soldados.

No seu livro de notas, o capitão Sievert escreveu: «De novo pedi reforços. Devo, custe o que custar, ter grande quantidade de granadas de mão e já não tenho quasi nenhumas».

Carency estava indubitavelmente em grande perigo. Os allemães, ao que se deprehende da narrativa official franceza, recuperaram algumas das trincheiras de communicação e dos tunneis que ligavam a posição com Souchez, mas durante o dia algumas casas a leste da aldeia foram tomadas e o inimigo foi varrido de uma depressão ao sul da estrada Carency-Souchez.

A' direita, além da estrada Arras-

Béthune, o cemiterio de Neuville St. Vaast foi tomado e as reservas allemãs, que haviam sido transportadas em automoveis de Douai e de Lens, foram repellidas com grandes perdas.

No dia 11 houve tambem combates deveras sangrentos. Os francezes, á tarde, apoz um horroroso recontro, apoderaram-se das baixas encostas do Pico do Arabe. A' noite os allemães contra-atacaram do Pico do Caminho Branco. Foram repellidos. Os canhões em Angres e as metralhadoras em Ablain faziam fogo ininterruptamente sobre as posições francezas.

A situação no planalto era terrivel. As explosões das granadas puzeram a descoberto os cadaveres de centenas de francezes e de allemães que haviam sido sacrificados durante os mezes precedentes.

Os dias da guarnição de Carency estavam contados. No dia 11, os francezes apoderaram-se do bosque a leste da aldeia e as trincheiras de communicação com Souchez não puderam continuar a servir ao inimigo. Uma collina coberta de bosques, fortificada pelos allemães, impedia ainda que os francezes tomassem a extremidade oriental da aldeia. O seu avanço pelo oeste era detido pela infanteria n'uma pedreira de quasi 300 pés de profundidade.

Comtudo, os allemães n'esse sector estavam começando a recuar. O capitão Sievert e os seus officiaes haviam-se recusado a tomar parte n'um ataque nocturno, porque tinham muito poucos projecteis e granadas de mão. «A artilharia inimiga —observa elle—faz fogo sobre nós ininterruptamente e inflige-nos muitas perdas».

Ao sul, os francezes estavam ainda atacando Neuville St. Vaast e o Labyrintho. Tinham-se por ultimo estabelecido no cemiterio da aldeia, mas o Labyrintho não havia ainda sido tomado.

No dia seguinte, 12 de maio, foram tomados o pequeno forte, a capella de Notre Dame de Lorette e Carency. O generalissimo Joffre viera observar as operações. Na escuridão da noite os caçadores francezes penetraram no fortim e apoz uma lucta desesperada corpo a corpo, tanto elle como as ruinas da capella foram tomados.

Ao romper do dia, sob o fogo da artilharia inimiga, os francezes avançaram para o Pico do Caminho Branco, que dominava o valle de Ablain a Souchez.

Antes do fortim e da capella cahirem, havia sido tomada Carency.

A infantaria franceza, bem apoiada pela artilharia, derrotou as tres companhias que defendiam a collina coberta de bosques a leste da aldeia.

Apoz violenta lucta, a pedreira a oeste da aldeia foi varrida de inimigos. Os francezes entraram no grupo occidental de casas, emquanto o grupo oriental era tambem assaltado. O inimigo vendeu cara a vida. Fazendo fogo das janellas e das mansardas, retirava de casa para casa. A's 5 horas e meia da tarde, o que restava da guarnição rendeu-se.

Uma variegada multidão de bavaros, de saxões e do ducado de Baden, clamando «Kamerad, Kamerad», sahiu da aldeia. Eram mais de mil. Os officiaes, como de costume, uniram os talões, fazendo-os bater um no outro, e saudaram o general francez.

—«Quem é o commandante?» — perguntou um official francez.

Apoz uma certa hesitação, avançou um coronel, o qual explicou que tendo ali chegado n'essa manhã não era elle quem dirigia a defeza. Não se sabia se o brigadeiro-general que era o commandante fôra morto ou ferido.

O official allemão, com todos os seus defeitos, respeita a habilidade e especialmente a habilidade na arte de destruir a vida humana. «O vosso fogo—disse um official aos seus captores—foi d'uma precisão mathematica. A vossa infantaria carregou com tal rapidez que foi impossivel resistir-lhe».

De Carency, os conquistadores avançaram para Ablain St. Nazaire. A escuridão foi subitamente rasgada por um immenso clarão. Ablain, ou pelo menos parte estava em chammas. Os allemães que estavam evacuando a aldeia, tinham ainda em seu poder algumas casas na extremidade oriental. Dois mil prisioneiros, canhões, howitzers, minnenwerfer, metralhadoras, espingardas, munições e outro material de guerra cahiram, só n'essa região, nas mãos dos francezes.

Um dia depois, embora chovesse torrencialmente, d'Urbal tentou tomar o Pico do Caminho Branco, mas os francezes foram detidos pelo fogo das metralhadoras. Um outro ataque no dia 15 ao mesmo pico não foi tambem bem succedido. Desde essa data até ao dia 21, os francezes estiveram consolidando a sua posição no planalto, embora sob o fogo ininterrupto da artilharia allemã postada em Angres e Lievin.

Em baixo, no valle, os allemães mantinham ainda Ablain. Haviam, ao que parecia, retomado a egreja e estavam tambem occupando o cemiterio. Nem ahi, nem em Souchez, a leste d'Ablain, a sua posição era invejavel. No dia 17, o capitão Sievert, escrevia a seguinte nota: «Cobertos de suor, chegamos a Souchez. E' um quadro horrivel. E' um hediondo montão de ruinas. A rua está atulhada de estilhaços de granadas. O estado maior do 11.º regimento de infantaria de reserva está n'um subterraneo. Souchez foi completamente destruida pela artilharia».

De Souchez, esse official seguiu no mesmo dia para Ablain, que, ao que parece, era tambem um montão de ruinas. Apenas um panno da torre da egreja estava de pé. «Quando—observa elle— estavamos na ravina de Souchez não podiamos crêr que tivesse ahi havido uma boa posição. Não só estamos expostos ao fogo de frente e de flanco, mas os francezes estão-nos fazendo fogo pela retaguarda, das encostas do planalto de Notre Dame de Lorette».

Foi a 21 de maio, de tarde, que os francezes atacaram, pelo norte, pelo sul e pelo oeste, as trincheiras allemãs no Pico do Caminho Branco. Deixando a sua posição no Pico do Arabe, um corpo, em poucos minutos, tomou as linhas inimigas na sua frente. Pelo norte, um outro corpo tomou a trincheira central de communicação allemã. Cercado por todos os lados, o inimigo arremessou para o chão as armas e ergueu as mãos.

O ataque dirigido do lado de Ablain foi egualmente coroado de exito. As casas a oeste da egreja foram tomadas e cortadas as communicações do Caminho Branco com Souchez. Trezentos prisioneiros e um canhão foram tomados. A's 2 horas da manhã no dia 22 os allemães, que tinham ainda em seu poder algumas casas em Ablain, contra-atacaram, mas foram repellidos.

Durante os combates, desde o dia 9 até ao dia 22, o inimigo tinha tido grandes perdas tanto em mortos como em feridos. No planalto e nas encostas foram contados mais de 3.000 cadaveres de allemães.

Os allemães haviam sido desalojados do planalto de Notre Dame de Lorette. O general d'Urbal ia tentar expulsal-os de Ablain. A 28 de maio um ataque foi dado contra a mancheia de bravos que, em obediencia ás ordens recebidas, occupavam ainda as trincheiras em roda do cemiterio. Estava um lindo dia e as casas na aldeia pareciam um quadro, perfilando as suas ruinas no azul do céu.

A artilharia franceza arremessou algumas granadas para leste do cemiterio, a fim de impedir que a guarnição fôsse reforçada. A infantaria, de bayoneta em riste, avançou para o cemiterio. Os allemães não offereceram resistencia e quasi immediatamente 400 homens, incluindo sete officiaes, se renderam.

Durante a noite, houve o trabalho de varrer o grupo de casas ao sul da egreja e foi tomado um fortim que ficava no exterior de Ablain. No dia 29 de manhã a egreja e o passal, defendidos por tres companhias, foram atacados. Apenas vinte allemães escaparam, sendo aprisionados. Os francezes n'este ultimo combate tiveram 200 mortos e feridos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1975—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 5 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

A lei das subsistencias

Está approvada pelas duas casas do parlamento a lei das subsistencias. Foi sanccionada com a rapidez que as circumstancias impõem, e dizemos que as circumstancias impõem, porque se a agitação em Lisboa se acalmou, não é menos certo que pelo paiz fora se continuam registando factos anormaes que dão a medida da gravidade da situação.

Ha, indiscutivelmente, uma crise provocada pela falta ou pela escassez das subsistencias. E essa crise dará sempre origem ou pretexto a acontecimentos cujo alcance não se póde prever.

Por isso mesmo a lei da iniciativa do sr. ministro do fomento tem de ser applicada quanto antes, mas para isso necessario se torna regulamental-a. Ella compõe-se d'uma serie de bases, e cada uma d'essas bases tem de ser especialisada nos seus detalhes, adoptando-se as providencias precisas para garantir a efficacia da lei sob todos os pontos de vista.

Não se demore esta regulamentação, eis o que, em primeiro logar, reclama a opinião publica. E feita ella, impõe-se a execução rigorosa da lei.

Em Portugal fazem-se muitas leis, mas, em geral, n'essas leis introduzem-se portas falsas que alargam as malhas que ellas estendem para deixar passar abusos que correspondem a interesses injustos ou inconfessaveis. Quando isso não succede, ou mesmo ainda alem d'isso succeder, as leis são executadas com negligencia ou mesmo na realidade não se cumprem.

Eis o que não pode succeder n'este caso. Seria monstruoso e perigosissimo. Esta questão é vital para a sociedade portugueza, e nunca esta designação foi mais apropriada e instante. Se as classes pobres, se o povo, se capacitam de que a sua situação seria descurada, que outras quaesquer preoccupações sobrelevassem á preoccupação, que tem de ser a preoccupação maxima e exclusiva, de melhorar a situação, de pôr ao alcance dos recursos das populações e na quantidade indispensavel, os generos de que ellas carecem para assegurar a sua existencia, a reacção seria terrivel, porque seria a do desespero.

Para uma questão, como a da fome, não ha repressões possiveis. Essas repressões podem vingar n'outros casos porque o receio da morte favorece o seu exito, mas quando existe a perspectiva de morrer de fome, como é que pode sobrepujal-o o terror de morrer varado por uma bala?

Nem podemos acreditar que alguem pense só em repressões como na unica solução d'um problema d'esta ordem. Não seria só barbaro. Seria estupido.

Que os poderes dirigentes das sociedades reajam contra explorações criminosas de situações afflictivas, não só se comprehende, como se justifica. Mas, sem nunca esquecer que se essas situações afflictivas existem, é preciso absolutamente darlhes remedio, e remedio urgente que se as não curar, as minore.

Reprimir pode ser bom. Prevenir é melhor.

Poeira da Arcada

Os portuguezes não conhecem a exacta medida nas suas previsões: ou veem tudo sombrio, amargo e revolto como um naufragio ou então pintam o futuro com aquellas côres frescas das manhãs de primavera. Durante o dia, nós encontramos homens que nos agouram que Portugal está perdido e outros que nos dizem que a sua situação interna e externa não offerece a sombra de um receio. São duas opiniões extremas. Poder-se-hão conciliar? Nada mais facil. Como? Não as tomemos como opiniões, mas sim como maneiras pittorescas de enganar as horas que passam, com a illusão de que ellas medem os compassos da nossa intelligencia laboriosa. Uma grande parte dos jogos das creanças versa sobre a imitação do que fazem as pessoas crescidas.

* * *

Convem sempre, quando escutamos alguem, mesmo os nossos caros amigos, saber se dormiram bem a noite ou se a digestão lhes corre facil. Este conhecimento previo habilita-nos a comprehender a psicologia dos caracteres.

* * *

Germanophilos e francophilos, quando discutem, compromettem um tanto as causas que querem defender. E porquê? E' que, no seu zelo polemico, attribuem á França e á Allemanha, consoante as suas predilecções, qualidades que nem aquella nem esta comportam. Depois de muito palrarem, da substancia dos dois grandes povos não lhes resta mais que uma fugaz neblina. Com taes miragens suppõem elles explicar o grande problema da guerra europeia. Lunaticos!

As mais lindas flôres de Portugal

Na exposição do estabelecimento Lopes, ao Chiado

Os senhores não pódem ter duvidas de que desde que os floristas Lopes abriram aqui ao Chiado o seu elegante e artistico estabelecimento, nunca mais se maldisse o nosso clima e a nossa terra para o cultivo de flôres. A prova frisante e indiscutivel de que a floricultura poderia realmente vir a ser em Portugal uma industria rendosa deram-n'a os seus proprietarios, expondo todos os dias aos olhos deslumbrados do publico as maravilhosas producções dos seus jardins espalhados por varios pontos dos arredores de Lisboa e declarando com orgulho que eram, effectivamente plantas creadas em Portugal, embora parecessem terem sido vivificadas na atmosphera tradicionalmente cariciosa de Nice... Mas os floristas Lopes não timbraram somente em nos fazer conhecer as mais lindas plantas e flôres de Portugal.

Intelligentes e cultos, artistas e amantes do seu *métier*, viajaram pelo estrangeiro e de Paris e de outras grandes capitaes europeias trouxeram aquelle segredo, aquelle indizivel *charme* de arranjo, de preparar as flores e as plantas para offertas decorativas... E é assim que o estabelecimento da rua Garrett, 66, é um jardim delicioso e especial, porque á graça da natureza anda alliado até ao encantamento, a seducção da arte.

A exposição que nos seus vastos mostruarios da rua Garrett inauguraram hoje é das mais soberbas que temos visto. Ao lado dos lilazes que parecem esculpidos delicadamente no marfim, tanta é a sua alvura e a sua perfeição, veem dispertar em formosissimos vasos *Rhododendron, Azaleas, Diervillia, Prunus* e outras raras e encantadoras plantas.

Os floristas Lopes justificam mais uma vez n'esta exposição as preferencias com que são distinguidos pela *élite* da nossa sociedade onde avulta a sua clientella.

Pelo telegrapho

Ainda o afundamento do «Lusitania»

WASHINGTON, 5.—O ministro da Allemanha, conde de Bernstorff, entregou ao sr. Lansing, ministro dos negocios extrangeiros dos Estados Unidos, a ultima communicação da Allemanha relativa ao afundamento do *Lusitania*.—(*Havas*).

No parlamento grego

ATHENAS, 5.—A camara dos deputados procedeu á constituição da sua mesa elegendo para seu presidente o sr. Theotokis irmão do fallecido presidente e para vice-presidentes os srs. Catsourakis, cretense, e o sr. Velios, macedonio.—(*Havas*).

IMPRESSÕES DA GUERRA

Os zeppelins sobre a Inglaterra

O bloqueio da Allemanha só pode ser efficaz depois de uma «entente» dos alliados com a Hollanda

Concluimos hoje o relato da palestra que tivemos com o nosso addido naval em Londres e illustre official da armada sr. capitão tenente João Manuel de Carvalho. Hontem falamos especialmente da esquadra ingleza e dos submarinos, mostrando como esta arma de guerra não deu na pratica os resultados que lhe prophetisou o velho almirante inglez Percy Scott. Sustentava elle que bastavam os submarinos de qualquer potencia inimiga para arrazar o poderio da Gran-Bretanha, collocando-se n'este ponto de vista: desde que a Inglaterra só podia receber pelo mar muitos generos indispensaveis á sua alimentação, o ataque permanente de submarinos aos navios mercantes daria como resultado obrigal-a á rendição pela fome. De nada lhe serviria a sua poderosissima esquadra! Afinal, como salientamos na palestra d'hontem, os factos vieram provar o exagero d'essas previsões pessimistas. Os submarinos allemães desappareceram das proximidades da costa e a Inglaterra abastece-se com a mesma facilidade dos tempos de paz. Hoje falaremos dos zeppelins e da possibilidade de uma «entente» dos alliados com a Hollanda para se tornar mais efficaz o bloqueio da Allemanha.

—Encontrava-me em Londres quando o primeiro zeppelin visitou a cidade, diz-nos o sr. capitão-tenente João Manuel de Carvalho. Vi pairar o monstro por cima de minha casa, e devo dizer-lhe que as impressões que toda a gente colheu não foram das mais tranquillisadoras, n'esse travar de relações com o traiçoeiro inimigo. A sua passagem foi um signal de alarme que soou estridentemente aos ouvidos das auctoridades inglezas. O almirante Percy Scott foi encarregado de dirigir as precauções a tomar. Havia uma medida que se impunha: evitar que as granadas dos zeppelins pudessem alvejar os estabelecimentos militares. Para isso, a vida nocturna de Londres passou a fazer-se n'uma escuridão pesada, impedindo que o aereo inimigo fizesse lá do alto quaesquer reconhecimentos. Mas não era bastante. Era preciso alvejal-o, para que as suas visitas se não repetissem ou se tornassem menos frequentes. Em varios pontos da cidade collocaram-se peças destinadas a esse fim, tendo adaptados projectores que despediam feixes de luz muito intensos, acompanhando o movimento da peça em sentido parallelo á trajectoria dos projecteis.

«As peças funccionaram algumas vezes, mas os zeppelins nunca foram attingidos. Quasi sempre o tiro era curto e a granada rebentava antes de attingir o alvo. Trabalhou-se na construcção d'um telemetro especial, que permittisse graduar o tiro com precisão, realisando-se varias experiencias n'esse sentido. As granadas que as peças despediam eram ainda mais perigosas, para os habitantes de Londres, que as proprias bombas lançadas pelo zeppelin. Ao passo que estas cahiam em sentido vertical, causando estragos n'um ponto restricto, as granadas que procuravam alvejal-o vinham semear o terror, depois de explodir nos ares, em pontos varios da cidade. Reconheceu-se tambem que a queda d'um zeppelin n'um bairro de Londres seria cem vezes peor que a explosão das suas bombas. Dada a quantidade de hydrogeneo que elle accumula e a gazolina reservada para o funccionamento dos seus motores, a catastrophe seria pavorosa. Para affastar esse perigo, tomaram-se providencias para lhe dar caça em locaes isolados, nos arredores de Londres, e desde então os zeppelins não tornaram a apparecer.

«Sobre o bloqueio realisado pelas esquadras alliadas contra a Allemanha a sua efficacia não pode ser maior emquanto se não fizer uma *entente* com a Hollanda. As bases d'essa *entente* tinham de ser estas:—a Hollanda continuaria a receber dos mercados extrangeiros a mesma quantidade de artigos que importava antes da guerra, o que se facilmente se verificaria pelas estatisticas das alfandegas. Tudo o que excedesse essa quantidade seria apprehendido, com a legitima suspeita de que se destinava a abastecer ou municiar os imperios centraes. Já se entabolaram negociações para essa *entente*, e, se ella se realisar, a resistencia da Allemanha ficará singularmente diminuida. Seria esse o mais formidavel golpe que os alliados lhe podiam vibrar n'este momento.

O balanço do ultimo raid: sete zeppelins lançam 220 bombas, matando 54 pessoas e ferindo 67

Paris, 2 de fevereiro

Paris teve hontem conhecimento do communicado official inglez annunciando um raid de sete zeppelins sobre a Inglaterra. A nota do War Office é concebida nos termos seguintes:

«O raid aereo de hontem á noite tentado em grande escala, parece ter sido prejudicado por um espesso nevoeiro.

«Tendo transposto a costa, os zeppelins seguiram caminhos diversos e lançaram bombas em differentes cidades e em varios districtos ruraes.

«Os relatorios sob o raid aereo provam que a extensão abrangida pelas bombas é maior do que em qualquer occasião precedente.

Foram lançadas bombas nos condados de Norfolk, Suffolk, Lincoln, Leicester, Stafford e Derby. O seu numero foi avaliado em 220.

«Salvo n'um ponto, Staffordshire, os estragos materiaes não foram importantes. Não houve prejuizos militares.

«Registam-se 54 mortos e 67 feridos.»

Este raid, embora realisado por sete aeronaves, parece não ter sido tão mortifero como o ultimo, de 13 de outubro de 1915, sobre Londres e os condados do este. D'essa vez, houve 56 pessoas mortas e 114 feridas.

As condições atmosphericas prestavam-se admiravelmente a essa tentativa. Reinava a este da Inglaterra um espesso nevoeiro ainda muito mais opaco do que a bruma que permittiu as aggressões contra Paris nos dois precedentes dias. O *Matin* assignalára na sua edição de hontem a intensidade d'esse nevoeiro, reproduzindo na primeira pagina um telegramma do *Daily Mail* com o titulo: «Tempo propicio para zeppelins».

Parece não haver duvida de que este estado particular da atmosphera combinado com uma fraqueza extrema do vento é indispensavel para que os zeppelins possam evolucionar á vontade. Como se vê, é preciso esperar mezes para que todas as possibilidades favoraveis se apresentem simultaneamente.

Os allemaes já confessaram que querem apenas produzir effeitos moraes. Elles proprios reconhecem a perfeita inutilidade militar de semelhantes expedições. Torna-se-lhes impossivel descer, sem que se exponham a uma perda muito provavel, bastante baixo para visarem um alvo. O que pretendem, portanto? Provar á população ingleza que os horrores da guerra podem attingil-a, apesar do seu afastamento do theatro das operações.

Resolveram espalhar a todo o custo uma impressão de terror e fazer ver que a posse de grandes dirigiveis rigidos era nas suas mãos uma arma terrivel. Os estados-maiores alliados conservam, porém, o seu sangue frio porque sabem de que são capazes os dirigiveis na zona dos exercitos e o que ahi teem conseguido em dezoito mezes.

Quando a *Gazeta de Colonia* escreve que o ataque das aeronaves sobre Paris provou a superioridade dos seus navios aereos, faz um jogo de palavras, porque a obra de destruição que, em condições muito particulares, os zeppelins podem executar só lesa as populações civis.

As grandes catastrophes

Um navio afundado—Morrem 160 pessoas

HONG KONG, 4.—Houve um abalroamento entre os vapores «Linan» e «Daijonmara» ficando o primeiro com avarias e submergindo-se o segundo. Salvaram-se 21 pessoas e morreram afogadas 160.—(*Havas*).

Cinema Condes

Inaugurou-se hontem, com extraordinario exito, este novo salão animatographico

A noite de hontem marca uma «étape» gloriosa nos annaes do cinematographo em Portugal. A inauguração no novo Cinema Condes constituiu com effeito, conforme tinhamos previsto um exito sem precedentes: durante todas as sessões, a magnifica sala de espectaculos esteve completamente cheia, vendo-se nos camarotes, animados pela polichromia de elegantissimas «toilettes», muitas familias da nossa primeira sociedade. O «film» da Serie de Ouro «A guarda de sua magestade», em que desempenha o papel de protagonista a celebre bailarina Hesperia, uma das mais formosas mulheres que se teem exhibido nos «écrans» de projecções, empolgou positivamente a assistencia pelo arrojo das scenas cinematographicas, pela delicadeza e nitidez da reproducção, e pelo entrecho emocionante d'este movimentado episodio de amor.

Não deixaremos no entanto de registar tambem o interesse que provocou a exhibição das manobras de guerra dos submarinos francezes, «film» profundamente instructivo e d'uma flagrante actualidade. O «film» comico «Elle contra todos», desempenhado pelo mais perfeito imitador do celebre Charlot, é de um humorismo irresistivel. Em summa, a inauguração do Cinema Condes foi o mais auspiciosa que se pode imaginar, e semelhante exito está certamente reservado á primeira «matinée» que amanhã se realisa no antigo theatro da Rua dos Condes, onde novas e sensacionaes estreias se preparam.

No Canadá

Arde a camara dos deputados—Algumas victimas

OTTAWA, 4.—Houve um incendio na camara dos deputados. As unicas victimas conhecidas agora são mesdames Bray e Morin e trez empregados surprehendidos pelo desabamento da torre norte e que ficaram asfixiados. O sr. Law, deputado por Yarmouth, na Nova Escocia e Lapland, segundo escrivão da camara dos communs desappareceram.—(*Havas*).

OTTAVA, 5.—O parlamento canadiano realisou a sua sessão no palacio da Fortuna. O sr. Bordon leu as mensagens de condolencias de Jorge V e do duque de Connaught. Declarou em seguida que o parlamento é obrigado a reunir-se n'um edificio provisorio, mas deve continuar a cumprir o seu dever como representante do povo canadiano.—(*Havas*).

UM INCIDENTE

As actas e documentos

da Commissão Parlamentar de Inquerito ácerca do incendio do Deposito de Fardamentos

O «Diario do Governo» publica hoje as actas e documentos da Commissão Parlamentar do Inquerito acerca do incendio do Deposito de Fardamentos. Occupam seis paginas da folha official, o que nos impede de fazer na integra a sua reproducção. Vamos transcrever as partes que mais directamente se relacionam com o incidente que o sr. dr. Antonio Fonseca expoz ante-hontem na Camara e a que fizemos referencia no mesmo dia.

A alinea d) da proposta do sr. dr. Moura Pinto, que provocou o incidente, é assim concebida:

d) Cada membro da commissão reivindica o direito de isoladamente examinar na secretaria da guerra, no arsenal do exercito, incluindo estabelecimentos fabris e Manutenção Militar tudo quanto, dentro dos limites do actual inquerito julgue necessario para bem merecer o seu especial mandato. — O deputado, Moura Pinto.

Essa proposta foi regeitada, fazendo declarações para constar na acta a tal proposito, os srs. drs. Moura Pinto, Antonio Fonseca e Barbosa de Magalhães. Essas declarações são as seguintes:

O sr. Moura Pinto declarou que os deputados que constituem a minoria, em face da declaração feita de que julgam fundamental a doutrina expressa na parte da sua proposta que acaba de ser regeitada, se reservam o direito de fazer, sobre o assumpto, as declarações que julgarem convenientes e que, por circumstancias varias, impedem que sejam feitas n'este momento.

O sr. Antonio Fonseca disse que se as declarações a que o sr. Moura Pinto se refere, porventura importarem qualquer conflicto ou suspensão ou paralização dos trabalhos, deve o caso, na sua opinião, ser levado á apreciação da Camara, para que esta o julgue como entender, acentuando que não terá duvida em votar a proposta do sr. Moura Pinto ou outra analoga, se a Camara expressamente consignar que cada vogal da commissão pode ter, isoladamente, os poderes que a proposta rejeitada lhe conferia. Accentua mais que o seu voto contra esta proposta de forma alguma restringe a sua liberdade de acção na apreciação da proposta do sr. Moura Pinto, relativa ao funccionamento da Commissão de Inquerito, tanto sob o ponto de vista de garantir a todos os vogaes o direito de assistir e cooperar em todos os trabalhos, e promover, efficazmente, todas as diligencias, como sob o da organisação de uma ou mais sub-commissões, desde que se respeite a formula politica estabelecida pela Camara dos Deputados para esta Commissão de Inquerito.

O sr. Moura Pinto declarou não estar habilitado a julgar se as minorias reputavam a Camara instancia de recurso, mas que era sua opinião que quem quer que fosse, maioria ou minorias, poderiam dar conta á Camara do que tivesse occorrido no seio da commissão.

O sr. Barbosa de Magalhães disse que o sr. ministro da guerra lhe affirmara e lhe pedira para o transmittir á commissão que entendia que nada ha no seu ministerio confidencial para a commissão, e que estará sempre prompto para pôr á sua disposição todos os documentos e elementos de trabalho que ella julgar necessarios para cumprimento da sua missão.

Na sessão do dia immediato, o sr. dr. Antonio Fonseca apresentou a seguinte declaração e proposta, dos deputados da maioria:

Os deputados signatarios, vogaes da Commissão de inquerito, lamentam que a rejeição das propostas apresentadas pelos srs. Moura Pinto, Ribeiro de Carvalho e Cruz e Sousa, sobre os direitos de cada vogal, votada de harmonia com os principios e praxes estabelecidas, para impedir o proseguimento d'um inquerito cuja necessidade a Camara reconheceu, não em face de accusações concretas que se produzissem, mas para satisfação do desejo manifestado pelas minorias, de conhecer com minucia certos detalhes d'um importante ramo de administração do Estado, apurando-se as responsabilidades em que quaesquer dos seus agentes, porventura, tivessem incorrido.

Reconhecem a vantagem de aproveitar o esforço de todos os vogaes, dispondo-se, para isso na hypothese da organisação de uma ou mais sub-commissões á adopção de medidas tendentes a assegurar a possibilidade da comparticipação de todos em todos os trabalhos, garantindo-se, ao mesmo tempo, a efficacia da promoção de quaesquer actos ou diligencias feitas por qualquer dos vogaes da commissão.

Mas reputam como exorbitante do seu mandato e dos seus poderes a approvação de qualquer proposta tendente a conferir a um membro da commissão ou a cada individualmente, poderes e direitos que só a uma collectividade, de composição determinada, foram conferidos, não se julgando, ainda quando se approvassem, habilitados a garantir efficazmente o exercicio de taes direitos.

E assim, impossibilitados de reconsiderar sobre a materia se, contra a sua espectativa, os vogaes representantes das minorias da Camara mantiverem a attitude expressa na declaração que apresentaram na sessão passada, os signatarios propõem que o relator da commissão exponha á Camara, em negocio urgente, o incidente levantado, pondo as actas á disposição da mesa e ficando cada vogal, desde esse momento, com o direito de discutir, por sua parte, todos os assumptos n'ellas mencionados.

Lisboa e sala das sessões da commissão de inquerito, 28 de janeiro de 1916. —*Antonio Fonseca, Barbosa de Magalhães, Antonio Correia P. T. de Vasconcellos, Levy Marques da Costa, Domingos Pereira, Antonio Camacho Lopes Cardoso, José Mendes Nunes Loureiro, Abrahão de Carvalho.*

Essa proposta foi approvada na sessão immediata, devendo o assumpto ser debatido na sessão da Camara de segunda-feira.

E' a seguinte a carta do senador sr. Antonio de Campos, em resposta ao officio que lhe foi enviado pelo presidente da commissão:

Cópia.—Ex.mo sr. presidente da Commissão de inquerito ao incendio do Deposito de Fardamentos.—Em resposta ao officio de v. ex.ª, sob o n.º 3, cuja recepção tenho a honra de accusar, cumpre-me dizer que não são d'uma absoluta urgencia as declarações que tenho a prestar perante á commissão a que v. ex.ª dignamente preside, pois que o assumpto a que respeitam não é o incendio do Deposito de Fardamentos, como disse no Senado, embora, a meu vêr, com elle se possam relacionar.

Enviando a v. ex.ª a minha carta, tive em vista fazer chegar ao conhecimento do Senado, por intermedio da Commissão de inquerito, factos verificados em processos julgados reveladores do mau funccionamento d'alguns dos serviços de administração militar, visto que se protelára uma interpelação que tinha enviado a s. ex.ª o ministro da guerra sobre o mesmo assumpto.

Se fossem factos de absoluta urgencia, ou crimes a prevenir, eu não teria usado do meio de interpelação em sessão publica, nem me teria dirigido á commissão de inquerito, pois que, como velho republicano, que põe acima de tudo o interesse e defeza da Republica, e só com estes intuitos procedi, e ainda na minha qualidade de magistrado judicial, sei o que me competia fazer.—Saude e Fraternidade.—Lisboa, 29 de janeiro de 1916.—*Antonio de Campos.*

Migalhas

O espelho

Tenho que chrismar minha filha, D. Anninhas: vou passar a chamar-lhe D. Narcisa. Desde que, ha dias, pareceu ter a comprehensão do que é um espelho, tem sido um namoro pegado com ella propria.

Pede em altos gritos que a ponham de pé deante do guarda fato e então toda ella é mesuras, sorrisos, gestos amaveis. Não ha nada para ella mais interessante que aquellas bochechinhas coradas, aquellas madeixas castanhas impenitentemente vadias n'uma testa onde, como accentos circumflexos, se alçam cheias de curiosidade duas sobrancelhas doiradas e delgadinhas. Acaricia a lamina polida do vidro com as suas mãosinhas cheias de covas, quer abraçar a sua propria imagem e na furia de não poder satisfazer o seu desejo, acaba por aggredir-lla. Mas o seu mau humor é passageiro. Os seus esgares da zanga em breve se diluem n'um sorriso de enternecida sympathia.

Dona Anninhas, cuidado! E' assim que se começa. O espelho é o...

Folhetim d'A CAPITAL — 5-2-1916

A "REZADA"

Costume do Gerez

Inverno. Pleno janeiro, 20—dia de S. Sebastião. A madrugada polvilha de rosa a alvura da neve nas cristas da «Calcedonia», nos penhascos da «Pedra Bella». No ceu, em que se esgarçam farrapos de nuvens, as estrellas fecham as palpebras.

Sobre a assomada do «Cabril» a nevoa adensa-se, quieta, prolongando-se para o norte. As arvores, carvalhos, castanheiros, platanos, de ramos desfolhados, emergem da sombra como a bocejar—a estender os braços entorpecidos pelo somno d'uma noite gelada e longa. E na serenidade da manhã, muito fria, o rugir da agua nas cachoeiras, nas cascatas, nas ribeiras engrossadas pelas chuvas e pelas neves derretidas toma a sonoridade profunda de um cantochão monastico.

Aqui além matraqueiam tamancos nas pedras dos caminhos. Surgem nas encruzilhadas, dando-se os «Deus os salve» habituaes, homens e mulheres, que logo se calam, cingindo mais ao queixo os bureis e as lãs dos agasalhos—abafando quasi o nariz, vermelho, a chorar de frio. Seguem de costas para a serra. Esta levanta-se-lhes na rectaguarda, formidavel, maior na indecisão da luz alvorescente, na continuidade das nuvens que lhe toucam os cabeços. Dirigem-se a Villar da Veiga, nas abas da montanha, vindos da povoação do Gerez e da aldeia da Ermida.

No Minho, no norte e no sul d'esse lindo rincão sempre verde,—admiravel na graça sadia das suas mulheres, coloridas como «kermesses», na fecundidade compensadora dos seus campos, frescos como aguarellas—o sentimento religioso do passado mantem no presente a sua velha intensidade. Conserva-se sempre vivo e quente, como os campos se conservam sempre frescos e verdes. Pode não attingir a elevação espiritual que, erguendo o sentimento muito alto, tantas vezes lhe produz a vertigem e a queda. Mas, por isso mesmo, geralmente menos elevado é de ordinario tão firme como a terra que o alimenta. Parece que o minhoto, feliz na sua courela de facil cultivo e de colheita certa,—ao abrigo das grandes tormentas das regiões accidentadas do interior, que geram desesperanças, que fomentam rebeldias—entende dever agradecer permanentemente a Deus a felicidade relativa da sua vida.

N'essa madrugada de janeiro as gentes da Ermida e do Gerez, fieis á tradicção secular, reunem em Villar da Veiga, com os moradores da séde da freguezia, para a «rezada» do anno ao Martyr S. Sebastião,—advogado contra as «malinas». A reunião dos trez povoados é na eira grande, ao ar livre, junto da matriz. Cada fogo faz-se representar por uma, pelo menos por uma pessoa da familia. E apenas se juntam todos, um dos mordomos das festas usuaes do logar, de cabeça descoberta, perfilado n'um dos extremos da eira, abre a «rezada».

A eira regorgita. Ouvem-se palavras murmuradas, fazem-se acenos lentos de cabeça. As mulheres, abatidas, accumulam-se a um lado—de flanco com a egreja. Do outro lado ficam os homens, velhos e novos, de chapeu na mão, uns de calva e suissas, outros de grenha pastosa e brava. Os gallos cantam matinas, n'uma vibração alacre. Ha o mugir de vaccas nos eidos proximos. N'um outeiro, alli perto, entre os prados alagados do valle, retinem guizos d'uma «cabrada». A luz aclara, o sol espreita a medo, lá em cima, na montanha, vindo das bandas de Lanhoso, tingindo a fogo as nuvens no ceu, tornando mais branca a neve na serra.

E no silencio que paira, penetrado de mysterio e de incerteza, o mordomo, que se persignára, brada, de mãos erguidas:

—Pela casa do José da Ramada, na Ermida... em honra do Martyr S. Sebastião. Padre-Nosso...

José da Ramada, o seu filho, a sua mulher—aquelle que o substitue, se pessoalmente não pôde comparecer, por doença, por cuidados graves, ou todos ao mesmo tempo, se todos compareceram—ajoelham, voltando-se para a egreja, implorando de S. Sebastião a graça de lhes preservar a casa do flagello d'uma «malina». A communidade dos visinhos fica de pé, rezando pela inviolabilidade do lar invocado, n'um sussurro de enxame.

—Pela casa do Manuel da tia Rita, na Ermida...: em louvor do Martyr S. Sebastião. Padre-Nosso...

A scena repete-se, egual, com os mesmos movimentos, as mesmas obrigações, os mesmos sussurros.

Assim, morador por morador, o mordomo percorre todas as casas de um povoado, depois as do outro, por fim as da séde da freguezia.

A ceremonia, d'uma simplicidade rustica, enternece e commove. Muitas das mulheres lagrimejam, quasi soluçam ao alçar as mãos, ao mexer os labios. E os homens, especialmente os velhos, que, mais proximos do fim inalteravel, mais sentem a inquietação do somno mysterioso, ao ajoelharem, ao rezarem, estendem para a egreja, da alvura da neve, os braços tremulos, as cabeças brancas, como no desejo de melhor se fazerem ver e ouvir do santo protector.

E o certo é que o bom do Martyr, em toda a roda do anno, apezar das romarias aos outros santos, apezar da sua propria romaria, muito estralejada de foguetes de lagrimas, muito atribombada de philarmonicas e «Zés Pereiras», e de missas cantadas e dos sermões, não colhe um Padre-Nosso que em fé ardente, em sobria intensidade, eguale os da «rezada»,—tão intima, tão modesta, tão sentida!

Mas o mordomo passou já, atravez dos seus Padre-Nossos e das suas invocações, um por um, todos os lares da freguezia.

O sol, agora acima da montanha, ora fulgura, ora se apaga entre as nuvens que mancham a faiança lavada do céo azul. E a voz do «rezador» tonalisa-se de majestade, arrasta-se e treme, quando clama, por fim:

—Em acção de graças... pede-se um Padre-Nosso pelas almas que estão penando no Purgatorio!...

As devotas ajoelham em massa. Curvam as frontes, olhando a matriz. Um murmurio, meio zumbido, meio côro, eleva-se no ar, cresce n'um momento, para d'ahi a pouco se diluir e morrer, n'um suspiro.

Depois, sempre de joelhos, e no mesmo tom, reza-se pelos que andam sobre as aguas do mar, pelos que estão longe dos seus lares, pelos enfermos e encarcerados.

Concluida a «rezada», antes que os visinhos dispersem—e cada mocho recolha ao seu souto—o sachristão conduz ao adro da egreja as esmolas, em generos, ultimamente offerecidas a S. Sebastião, á Senhora da Saude, a Santo Antonio, á Senhora do Rosario, os mysticos varões com lampada accesa na parochial.

Arremata-os, apregoando-lhes a quantidade, louvando-lhes a qualidade. E o producto do leilão, dividido em lotes proporcionaes ao valor dos ex-votos, é averbado á receita das festas que no decorrer do anno celebram a misericordia d'esses santos e santas.

E ha ainda uma merenda,—o costume, attendendo aos deveres da alma, não podia esquecer, n'aquella exuberancia pagã dos campos minhótos, as necessidades do corpo. A merenda não é, porém, como a «rezada», para a totalidade dos vizinhos. Exclue a multidão, selecciona os privilegiados,—os mordomos das diversas romarias da freguezia, sendo custeada pelo mordomo da ultima «rezada».

E é tão abundante em lombo de pôrco rechinado no espêto, e em vinho verde, a espumejar nos cangirões de Barcellos, que por vezes nem o Santo Martyr, capaz de livrar do typho ou das «bexigas», consegue livrar este ou aquelle mordomo, no regresso a casa, de se desequilibrar ao pezo dos solidos e dos liquidos, e de quebrar uma perna no fundo d'um barranco.

* * *

Em annos maus, no dia da «rezada», já a «malina» anda nos logares, entrando nos pacificos casebres colmeados como gorgulho em tulha farta. Durante todo o dia, e todos os dias, os sinos não fazem mais do que badalar a finados e do que lembrar aos vivos, lugubremente, a profunda verdade da morte.

Então, na vespera da cerimonia costumada, que se torna em supplica anciosa, em clamôr de tragedia, n'uma das casas de cada um dos trez povoados da freguezia juntam-se todas as mulheres do logar. Cada logar offerecerá ao santo, a fim de que o preserve, envolvendo-o na sua pureza sem macula, uma toalha de linho virgem, feita n'uma noite—fiada e tecida desde o accordar ao adormecer das estrellas. Reunidas, distribuem o trabalho. E n'uma febre, enrocando o linho, fiando estrigas, urdindo e tecendo ao tear, procedendo em seguida á barrela e á cozedura e á seccagem na fogueira de tóros que crepita na lareira, conseguem de facto completar n'uma noite a toalha votiva—que é a maior das esperanças na saude dos maridos, dos filhos, dos paes, dos namorados das milagrosas tecedeiras.

Santa offerenda, tecida tão depressa, com tanta fé, sob uma tão viva aureola de poesia ingenua e pura! Eu julgo que a tua santidade bastaria,—filha d'um milagre, destinada a outro milagre—até sem a ajuda do bom Martyr, para que a «malina» se apiedasse de quem a teceu, mais com a alma do que com as mãos!

Sousa Costa.

mais perfido dos nossos amigos. Nunca nos diz senão amabilidades. E' como esses palermas que nos encontram na rua e que nos acham sempre mais gordos. Quando lhe pedimos um conselho, o maldito é sempre da nossa opinião. Nunca é capaz de nos contradizer e, por ouvil-o, por nos convencermos de que é sincero, a cada passo nos surgem desillusões contra as quaes nos revoltamos. Suppomos que é uma voz, em que podemos ter confiança e afinal é um echo de que deveriamos sempre desconfiar. Quando lhe perguntamos:—«Achas que estou bem assim?» nunca tem a franqueza de nos dizer:—«Não, meu velho. O que tu estás é ridiculo.» Basta que elle saiba que nos apraz estar como estamos para dizer «amen» a todas as nossas tolices, para as justificar benevolamente e até para as explicar por mais disparatadas que pareçam. Alguem disse d'elle um dia que reflecte sem fallar, no que se distingue dos tolos que fallam sem reflectir. Pois, meu amor, acautella-te e, pela tua vida fóra, procura, ao menos, arrancar ao espelho essas reflexões que elle não profere. Indaga-lhe os segredos. Não lh'os arrancarás nunca totalmente; mas se alguma vez fizeres a tua convicção com o contrario d'aquillo que elle perfidamente te suggere, é possivel que tenhas n'esse dia um desgosto; mas terás andado perto da Verdade.

André Brun

Concertos David de Sousa

Além das «Impressões da Italia», a soberba composição de Charpentier, que a orchestra do Politeama executa no concerto de ámanhã, e de outras maravilhosas paginas, enche toda a 2.ª parte do programma a celebre «Symphonia Phantastica», de Berlioz, nascida, como se sabe, de uma paixão do grande musico por uma mulher de theatro com quem veio a casar para mais tarde a abandonar após uma vida de incomprehensiveis torturas. Havendo um grande enthusiasmo por assistir a este concerto, a empreza resolveu respeitar apenas até hoje á noite as marcações de bilhetes.

Touradas

A festa que ámanhã se devia realisar na Quinta do Malha Pão, promovida pelo emprezario da praça do Campo Pequeno, ficou transferida em consequencia da arena estar impropria, devido ao mau tempo.

Pelo Salão Foz

No Salão Foz as enchentes succedem-se. São justificadas essas enchentes porque os numeros que ali se exhibem são dos melhores numeros de variedades que nos teem visitado. Les Beriguardis, o dueto excellente de que faz parte o soprano ligeiro Aida Saroglia, que hontem tantos applausos recebeu ao cantar o rondó da Lucia e o tenor Florentia, continuam recebendo do publico ovações consecutivas. Los Gitanillos, os reis da dança gitana são tambem todas as noites muito applaudidos, porque as suas danças andaluzas enthusiasmam pela beleza. Hoje effectua-se a terceira apresentação da troupe Los Papillons, constituida por 8 lindas bailarinas hespanholas, que executam varios bailados com enorme graça.

Para o dia 9 está já annunciada a estreia da *danseuse* e *chanteuse* Nelly-Nell.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Furtar—Frei Luiz de Sousa.
REPUBLICA — A's 15—Concerto—A's 21—Kean.
TRINDADE — A's 21—Dia de juizo (revista).
POLYTEAMA — A's 15—Concerto—A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Othello.

Primeiras representações

Nacional — Furtar, um acto de Bento Mantua. — Estreia do actor Aires Torres.

Tendo com distincção concluido o seu curso na Escola da Arte de Representar, o moço actor Aires Torres estreou-se ante-hontem, escripturado pela empreza do Nacional, no protagonista da interessantissima peça «Furtar», de Bento Mantua, em que o forte dramaturgo, cujos trabalhos são, em geral, verdadeiros libellos contra os erros, as miserias e os escandalos d'uma organisação social defeituosa e hypocrita, põe em relevo o hediondo cancro da agiotagem personificada n'um prestamista que apregôa a perfeita lisura do seu negocio e vem perante os tribunaes queixar-se como victima d'um roubo.

O sr. Generoso—a ironia dos appellidos!—que possue uma casa de penhores, tomára para caixeiro um rapaz, intelligente e bom, mas filho das tristes hervas, e cujos serviços retribuia com um ordenado mesquinho. Ao contacto das desgraças alheias, a alma d'esse idealista, o seu coração, de delicada sensibilidade, revoltam-se e enternecem-se. Perdôa juros, soccorre os infelizes que buscam no prégo o derradeiro recurso e fal-o á custa do cofre do prestamista,—um ladrão patrocinado pela lei. Não roubou o patrão, — indemnisou apenas os que elle torpemente explorava. Conduzido ao banco dos réus, assim o proclama, ao formular a sua defeza que é, ao mesmo tempo, a autopsia da agiotagem e a do proprio tribunal que o julga e cujos membros tambem a seu modo furtam, como elle proprio lhes lança em rosto...

As palavras irreverentes do sonhador de Bento Mantua disse-as Aires Torres por forma a justificar as altas classificações que obteve na escola de que foi alumno. A seu lado distinguiu-se Rosa Matheus, egualmente sahido do Conservatorio. Ambos se esforçaram por interpretar as figuras primorosamente desenhadas pelo notavel dramaturgo. Um incidente, de que se não apurou a exacta origem, impediu que a representação da peça terminasse: o panno desceu antes de tempo e Aires Torres recusou-se a voltar á scena, constando que a sua recusa se baseava na suspeita da interrupção se dever a malevolencia. Repugna acreditar que a disciplina dentro do theatro Nacional esteja tão frouxa que taes factos se possam dar sem que energicamente se procure corrigil-os.

A. de A.

Medalhões

Augusto Rosa

Se escrevessemos nos tempos que antecederam a guerra separatista diriamos que na capella de S. Luiz de Braga se festeja hoje, com paramentos ricos, capa de asperges e funcção de grande instrumental, um dos oragos da freguezia. Assim diremos que, no kalendario do theatro Republica, passa um dia de grande gala, com bandeira içada e obrigação de ponto para todos os frequentadores e amigos da casa. Para Augusto Rosa, esta festa depois de tantas outras, deveria ser um facto quasi banal, como o de fazer annos, se ella não desse ao illustre artista mais uma occasião de apreciar todas as amizades que a sua personalidade de homem e de artista lhe teem sabido grangear. O anno passado, festejando como me cumpre a recita de Augusto Rosa, eu pedia-lhe que me indicasse qualquer cousa que nunca lhe tivessem dito, para que eu pudesse pôr uma novidade na alluvião de elogios que me occorrera á penna e ante os quaes eu hesito por verificar que já foram escriptos por todo o mundo. Ao meu convite nada respondeu a modestia de Augusto Rosa. Eis-me portanto, tão embaraçado como estive ha um anno e como estarei no anno proximo, não me atrevendo a repetir encomios que já são banalidades para o festejado e não encontrando nada de novo pois que tudo está repisado em todos os tons. Chamar-lhe illustre, quando illustres somos nós todos, illustrissimo quando isso é tratamento que qualquer carteiro vê dar cada dia a meio mundo? vulto notavel da scena portugueza? Ha tantos. Ainda a semana passada chamaram isso a um sympathico rapaz que ficou encravadissimo, quando percebeu que era brincadeira. Em verdade não sei, meu caro Augusto, que lhe hei-de dizer e, portanto, acho preferivel não lhe dizer nada, tanto mais que já lhe tenho dito o bastante n'outras occasiões para lhe assegurar a minha amisade e a minha admiração.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A direcção da caixa de soccorros do theatro da Trindade promove, em beneficio do seu cofre, um baile carnavalesco n'esse theatro, que se realisará na noite de 27 do corrente, depois do espectaculo. Ao que nos dizem, será cheio de surprezas, effectuando-se no palco.

● No Colyseu, como temos noticiado, realisa-se hoje a festa artistica da eminente cantora Salomea Kruceniski. A'manhã canta-se o *Othelo* e na segunda-feira em recita da moda estreia da celebre opera do Puccini *Manon Lescaut*.

A estreia do grande barytono Battistini realisa-se na terça-feira. Como já dissemos, Battistini apenas cantará quatro recitas e sempre com operas differentes.

"A Ordem", e "A Nação"

O perigo moral dos theatros, as recommendações do novo orgão catholico e as revistas de Chrispim

O nosso novo collega *A Ordem* não acceita bilhetes de theatro, mas insere o respectivo cartaz para interesse dos seus leitores. No cartaz de hoje menciona os seguintes espectaculos:

NACIONAL—A's 9—«Vida d'um rapaz pobre».
REPUBLICA—A's 9—«Samsão».
TRINDADE—A's 9—«Dia de juizo». (Revista).
POLYTHEAMA—A's 9—«O cão do commissario».
GYMNASIO—A's 9—«O manequim».
EDEN—A's 8,30 e 10,30—«O diabo a quatro» (Revista).
APOLLO—A's 8,30 e 10,30—«Palavra d'honra». (Revista).
AVENIDA—A's 8,30 e 10,30—«Maré de rosas». (Revista).
PHANTASTICO—A's 8,30 e 10,30—«Já vi tudo». (Revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 9—1.º, 2.º e 3.º actos da «Bohéme»—3.º da «Loreley».

A Ordem, informando o publico, esclarece-o, porém, ácerca da orthodoxia e da moralidade das peças annunciadas, por meio d'esta «observação importante»:

Os espectaculos que forem seguidos do signal ● são aquelles que a redacção de *A Ordem* entende não offenderem a moral, os bons costumes e os interesses da Egreja podendo assim assistir a elles as pessoas de sinceros sentimentos religiosos.

Ora a *Nação* é que não tem semelhantes escrupulos. Não só insere os annuncios, como tambem os nomes das senhoras que frequentam os espectaculos considerados pela *Ordem* como pouco orthodoxos e pouco moraes. Com effeito, *A Ordem* não considera nenhum dos annunciados para hoje digno das pessoas de sinceros sentimentos religiosos, visto que o signal indicativo de moralidade nem uma só vez figura no cartaz... Quem terá razão: a *Nação* que cala e consente, quando não desafia o apetite, pondo em relevo a concorrencia e publicando os nomes das espectadoras, ou *A Ordem*, tão cautelosa que avisa a familia catholica dos laços que o inferno lhe arma nos theatros?

Entre o dr. Pereira dos Reis, piedoso e sabio sacerdote, figura distincta no clero do patriarchado e assistente ecclesiastico da *Ordem*, e o nosso Chrispim Severim de Azevedo, redactor principal da *Nação*, parece que se não admittem hesitações.

De resto, não consta que o dr. Pereira dos Reis, como o nosso Chrispim, haja escripto revistas brejeiras para a Rua dos Condes...

Empregados no commercio e industria

Os aggremiados na respectiva associação de soccorros são em numero de 5.411

Na noticia dada hontem, ácerca do projecto da construcção do edificio da Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados do Commercio e Industria, dissémos que aquella prestimosa collectividade tinha 3.200 associados. Felizmente, para ella esse numero não está exacto, pois os seus associados são em numero de 5.411, segundo d'ali nos informam, rectificando a nossa informação.

O assombroso concerto Blanch d'amanhã

Damos em seguida o assombroso programma do concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que ámanhã se realisa no theatro da Republica, em que se executam a celebre «Cavalgada das Walkyrias» e a «Marcha funebre á morte de Siegfried», do grande Wagner, e que constituem um dos maiores successos da Orchestra Blanch. Este programma está organisado com um grande gosto artistico, reunindo n'uma unica audição as mais notaveis composições dos grandes auctores classicos e modernos:

1.ª parte—I, «A flauta magica», «ouverture», Mozart; II, «Serenata», Moszkowski; III, «L'apprenti sorcier», Dukas (1.ª audição).

2.ª parte—IV, «8.ª symphonia», Beethoven: a) «Allegro vivace con brio: b) «Allegretto scherzando»: c) «Menuetto»: d) «Allegro vivace».

3.ª parte—V, «Marcha funebre á morte de Siegfried, Wagner; VI, «Cavalgada das Walkyrias», Wagner. Para a execução da 3.ª parte a orchestra é augmentada conforme as exigencias da partitura.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na avenida da Liberdade, das 13 ás 14 1|2 horas, o seguinte programma: «Dans le front», marcha, Fão; «Le songe d'une nuit d'été», ouverture, Thomaz; «Momento musical», Schubert; «Huguenotes, selecção, Meyerbeer; «Pollo Tejada», zarzuela, Serrano y Valverde; «Territorial», marcha, Fão.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa—Promovida por uma commissão de senhoras, realisa-se ámanhã uma festa com a representação das comedias «Uma teima» e «Quem desdenha...» e um acto de «Folies bergéres», seguindo-se baile, durante o qual haverá serviço de vinhos e doces.

Lisboa-Club — Hoje, recita promovida pela direcção com a comedia «Agua molle em pedra dura...», seguida de baile.

Academia Recreio Artistico — A'manhã, sarau e baile.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A campanha na Russia

PETROGRRDO, 4.—Official. Pequenas escaramuças felizes a leste da estrada de Mitau e ao sul de Ixhull. Ao norte do lago Narozo e em Ezerna os nossos aeroplanos bombardearam as linhas inimigas. Continua o bombardeamento das nossas linhas do Dniester. A nordeste de Boyane fizemos ir pelos ares duas galerias de minas. No Caucaso continuamos em perseguição do inimigo, não obstante a tempestade de neve.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 5.—Communicado official das 15 horas:

Não occorreu durante a noite nenhum facto digno de menção.—(*Havas*).

A questão das subsistencias

Em virtude do sr. ministro do fomento ter auctorisado por meio de um despacho o augmento do preço da batata a commissão de subsistencias que funcciona sob a presidencia do sr. governador civil pediu a demissão.

Como se note existir na cidade grande falta de assucar, o sr. governador civil ordenou que fôssem enviadas circulares a todas as auctoridades administrativas, pedindo-lhes para declararem a como o assucar é vendido e qual a quantidade, pois se julga que os armazenistas o mandam para a provincia onde o vendem mais caro. O sr. dr. Costa Gonçalves está na disposição de castigar todos os deliquentes.

O milho tende a subir a preço exhorbitante

TABOA, 4.—O mal estar que se sente em Lisboa com o encarecimento das subsistencias tambem aqui tem a sua natural repercussão. A vida aqui está carissima. Os generos de mercearia indispensaveis ao governo domestico estão pela hora da morte.

O milho que é, entre nós, o alimento não só das populações ruraes, mas ainda das familias com alguns meios, tende a attingir um preço exhorbitante.

A respeito d'este, como dos outros generos do consumo, tem o sr. administrador do concelho tomado providencias muito acertadas. Mas apesar da sua boa vontade, é impotente.

Os proprietarios que este anno só tiveram a seu favor uma excellente colheita de vinho, dos quaes os ultimos preços de venda teem sido de 3$00 o almude de 40 litros, luctam com as contrariedades da epocha presente, aggravadas com o augmento de contribuições e dos salarios do operariado dos campos.

N'estas condições, teem vendido uma grande parte dos productos da sua cultura a quem lh'os tem pago melhor. D'ahi, é certo, deriva o mal estar geral de todas as classes do nosso concelho. Oxalá que as providencias se não façam demorar, e que os homens publicos se deixem da politica de corrilhos e tratem a valer dos interesses geraes do paiz.

Cadaver arrojado á praia

BARREIRO, 5.—Foi hoje arrojado á praia do Mexilhoeiro o cadaver de um um individuo do sexo masculino, que apparenta ter 40 annos, vestindo camisola de malha escura, camisa de riscado azul, ceroulas com riscas encarnadas, calças de cotim escuras e botas pretas de fivellas, trazendo no bolso das calças uma bolsa de cabedal com 7 centavos e um canivete de cabo preto.

No braço direito traz as iniciaes S. S.

Compareceram o sub-delegado de saude dr. Fernandes Costa e o juiz de paz Francisco Braz Melicio, com o seu escrivão Alvaro Carlos dos Santos, sendo o cadaver removido para o cemiterio velho para se proceder á autopsia.

A falta de carne

No Matadouro Municipal, a camara mandou hoje abater para fornecimento dos seus talhos 22 rezes bovinas, 2 vitellas e 26 carneiros.

Para os talhos particulares não foi abatida rez alguma.

A' CATA DE OIRO

Dois milhões de libras

E' a importancia do emprestimo que o governo negociou em Londres

E' já conhecida em quasi todos os seus pormenores aquella operação financeira em que ha dias vinha a fallar-se e que se dizia estar prestes a fechar-se entre o governo portuguez e a praça de Londres. E deve dizer-se, se não falham as informações que nos chegam a tal respeito, que se trata de uma operação importante, do maior alcance no actual momento, cujo fim reside principalmente em dotar o governo com os precisos recursos em oiro para satisfazer todos os pesados encargos que sobre elle pesam. O emprestimo será de dois milhões de libras, realisado por meio do desconto de bilhetes do thesouro portuguez a longo praso e a uma taxa que será, ao que se affirma, inferior em um quarto á taxa official do Banco de Inglaterra.

A operação é feita sem a menor caução e foi levada a effeito pelas vias financeiras normaes e sem a menor intervenção official. A proposito, não deixará de ser curioso informar que se encontra em Lisboa o sr. Behring, gerente da casa Behring, Brothers, de Londres, que é representante n'aquella praça do governo portuguez. Na legação de Inglaterra realisou-se ha dois ou trez dias, um jantar intimo a que assistiram, além do ministro inglez, o sr. presidente do ministerio, o sr. ministro dos estrangeiros, o sr. Behring e uma filha do sr. presidente da Republica.

O governo inglez, que difficulta por todos os meios ao seu alcance a sahida do ouro do territorio britannico, não duvidou dar o mais completo assentimento á operação agora negociada, o que prova quanto são excellentes as relações entre Portugal e a Grã-Bretanha. Porque se o não fossem, o emprestimo seria absolutamente inviavel.

Qual é o alcance d'esta operação? Bem simples. Consiste elle, pelo menos, em evitar que o cambio suba, quando não se possa obrigal-o a baixar. E como? O governo, é claro, tem varios compromissos a satisfazer, em ouro, no estrangeiro, como sejam os que proveem do pagamento do *coupon* da divida externa, da compra de trigo, material de guerra, etc.

Se não possuir ouro, o governo tem de o adquirir no mercado. Mas possuindo-o, limita-se a entregal-o á Junta do Credito Publico, para os encargos da divida, e aos seus credores, para soldo dos seus debitos. Quer dizer: não precisa de rebuscar oiro no mercado. A procura, portanto, desce. Os que possuem em seu poder cambiaes são forçados a negocial-os e os cambios não se aggravarão indefinidamente. Ao mesmo tempo, certos generos não continuarão a subir desmedidamente de preço e a crise das subsistencias deve attenuar-se.

A operação que o governo acaba de negociar é, pois, em toda a sua simplicidade, o que ahi fica. O seu alcance fica tambem apontado. Durará pouco a melhoria que, por via d'ella soffrerão as nossas finanças? E' possivel. Mas não será com certeza custoso fazer seguir esta operação de outra parecida, de importancia egual ou maior e de effeitos não menos proficuos.

NOS ESTADOS UNIDOS

A questão do desarmamento dos navios mercantes

Paris, 2 de fevereiro

A proposta do sr. Lansing, secretario de Estado norte-americano, pedindo o desarmamento dos navios mercantes, provocou em New-York vivos commentarios. A opinião geral vê n'essa proposta uma concessão á guerra submarina allemã, em ordem a obter uma submissão da Allemanha á ultima nota americana sobre o caso do *Luzitania*.

A attitude agora tomada pelo departamento de Estado não lograria resolver diplomaticamente a questão do *Luzitania* que não tinha canhões. Por outro lado, nenhuma duvida poderia subsistir sobre o direito dos navios mercantes se armarem para sua defeza. A jurisprudencia americana das prezas é constante n'este sentido. O juiz do supremo tribunal, o sr. Marshall, fixou-a nos termos mais caracteristicos, dizendo que a propria resistencia d'um navio de commercio belligerante não fazia perder aos passageiros o seu caracter neutro e os direitos que se prendem a essa qualidade.

A doutrina americana é, como as doutrinas ingleza, franceza e italiana, em favor do direito, para um navio de commercio inimigo, de trazer canhões para sua defeza. O instituto de direito internacional reconheceu-o formalmente n'um texto votado pela unanimidade dos jurisconsultos presentes.

O dr. Schramm, jurisconsulto do almirantado allemão, lançou ha dois annos, uma opinião contraria sem que encontrasse echo algum na America.

A ideia exposta em certos jornaes que a America do Sul sustentaria a proposta do sr. Lansing parece tanto mais duvidosa quanto é certo que, desde a constituição do instituto americano de direito internacional, ao qual o secretario de Estado sr. Lansing indicava recentemente como assumpto de estudo para a sua proxima sessão o regimen da neutralidade, seria difficil á America tomar uma decisão collectiva d'um caracter juridico sem consultar esse instituto. Ora, logo na sua primeira sessão, em Washington, o instituto occupava-se d'um projecto de condemnação da guerra submarina allemã, sem distincção entre os navios armados e não armados; esse projecto apenas foi adiado por motivo de tacto politico em virtude das negociações então pendentes em Washington, entre os Estados-Unidos e a Allemanha, mas não foi apresentada nenhuma objecção fundamental.

A proposta do sr. Lansing, mais politica do que juridica, parece nos circulos competentes, não ter nenhuma probabilidade de exito.

Os assaltos aos estabelecimentos

Diligencias e investigações —Presos vindos de Cascaes

Hoje foi largamente interrogado e mandado em liberdade, por nada se ter provado contra elle, o sr. José Maria dos Santos, encarregado da officina de Eugenio Figueira Abreu, na rua 4 de Infantaria, 53, de onde se dizia que haviam sido disparados alguns tiros sob a força de infantaria da guarda republicana quando ella acudia ao assalto ao estabelecimento pertencente á firma Castanheira, Carlos, Limitada. Sobre o caso foram ouvidos o tenente Silva, o corneteiro n.º 158 e os soldados 39 e 151, todos da 4.ª companhia de infantaria da guarda republicana, sendo o unico a affirmar que os tiros tinham partido da officina o corneteiro, ao passo que os restantes declararam que não podiam fazer tal affirmativa. Quanto ao assalto á mercearia do sr. Theodoro da Costa, do largo de Alcantara, os agentes Sousa e Belem, encarregados das diligencias, principiaram já as suas investigações, tendo ouvido varias pessoas cujos depoimentos foram reduzidos a auto.

A bordo dos navios de guerra ainda se encontram presos 12 individuos, que hoje devem vir para o governo civil a fim de serem interrogados. Hoje tambem devem ser interrogados Julia da Cruz, viuva do velho propagandista Bartholomeu Constantino, seu filho Lingue Bartholomeu, Manuel Pedro Abreu, escripturario da Associação de Classe dos Fragateiros, e o secretario geral da Federação Metallurgica.

Foram hoje presos mais dois individuos que se encontram incommunicaveis em duas esquadras. Os livros apprehendidos na Escola Racionalista «A Florescente», na rua do Infante D. Henrique, 14, já foram entregues, a excepção do livro de matriculas e dos recibos que dizem respeito a uma festa dedicada ás creanças e que ámanhã se realisa.

Aos guardas da policia que ainda não haviam sido distribuidas as pistolas «Savage» foram-lhe hoje entregues no governo civil, onde estiveram conferenciando com o sr. major Amaral todos os chefes de esquadra, recebendo instrucções sobre o funccionamento das armas.

O preso Guilherme João Curto foi hoje acareado com varias testemunhas e depois de ser photographado foi-lhe levantada a incommunicabilidade.

O sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 1.º juizo de investigação criminal, acompanhado do escrivão Tavares de Mello, e official de deligencias Leal, esteve hoje no hospital de S. José a proceder ao exame directo aos ferimentos que apresenta o cabo n.º 71, ferido quando da occasião da explosão da bomba na rua do Jardim do Tabaco. Aquelle magistrado officiou para a Morgue para que a autopsia ao cadaver do guarda n.º 1531 seja feita o mais rapidamente possivel.

Como suspeitos de implicados nos assaltos estão presos 43 individuos sendo hoje recebido um officio na Boa-Hora em additamento ao officio n.º 1024 de 1 do corrente, enviado pela policia ao 3.º juizo, cartorio do escrivão Ferraz, o processo composto de 132 paginas que consta de autos de perguntas e autos de declarações de testemunhas e acareações. O sr. dr. Pedro de Castro, com o escrivão Armando Soares, esteve hoje ouvindo no Limoeiro esses 43 presos.

Uma commissão delegada da Federação da Construcção Civil avistou-se hoje com o sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. governador civil, a fim de saber quaes os motivos porque foi encerrada a Construcção Civil de Tires. O sr. Alfredo Pinto respondeu que a auctoridade mandou encerrar aquella associação em vista de não ser ali encontrado qualquer membro da direcção.

Do concelho de Cascaes foram esta tarde removidos para o tribunal da Boa Hora, 3.º juizo, escrivão Araujo, 45 individuos implicados nos recentes acontecimentos d'aquelle concelho. Seguiram para o Limoeiro, devendo ámanhã voltar ao tribunal para serem interrogados.

A' hora a que escrevemos estão em frente do governo civil grande numero de pessoas aguardando a chegada dos presos que se encontram a bordo dos navios de guerra.

A gréve da Covilhã

O manifesto dos operarios da industria textil

Respondendo á nota officiosa da Associação Industrial e Commercial da Covilhã por nós publicada ante-hontem, a Associação de Classe dos Operarios da Industria Textil da Covilhã publicou um manifesto intitulado «Ao Paiz», em que rebate uma a uma as asserções n'essa nota contidas.

Quanto á arguição de que os industriaes lhes facilitam horas supplementares, que elles rejeitam, invocando ao mesmo tempo a circumstancia da carestia da vida, dizem os operarios:

Quem tenha estado na Covilhã, terá verificado que constantemente pela praça publica andam paralisados innumeros operarios. Procure-se a cada um a sua profissão e obtem-se em seguida, como resposta, que é tecelão. Porque andam sem trabalho esses operarios?

Não é porque os engenhos de cardação e fiação estejam fechados, pois que estes continuam laborando dia e noite. Esperam esses operarios que da urdideira lhes saia a teia, do engenho lhes venha a trama e ainda, o que é mais frequente, que os mostruarios sejam approvados pelos compradores de fazenda para depois se lhes dar execução.

Admittamos que se permitte que os operarios tecelões trabalhem mais horas do que aquellas que estabelece o contracto a que se obrigou a Associação Industrial e Commercial ha quatro annos e occorre-nos perguntar se augmentarão os engenhos de fiação e cardação para dar execução ás necessidades que os tecelões teriam nas materias com que laboram. Por certo que não, pois que não é no momento presente que se vão adquirir machinas de qualquer especie. Assim, os operarios que já hoje soffrem as contingencias de andar durante 52 semanas, e em media, mais de 70 dias, durante este praso de tempo paralisados, permittindo-se os serões, ficariam sem trabalho 24 semanas. Mas ha mais. Vejamos.

Os industriaes augmentam os seus operarios tecelões em 10 p. c. e com esta permissão querem saber quanto elles lucrariam? O sr. F., industrial, tem na sua fabrica 5 teares mechanicos, a quem pagará, por cada mil passagens, 37 e meio réis. Mas, porque as suas encommendas subiram a mais do que os seus teares podiam manipular, vê-se na necesidsade, necessidade de que lucra, de procurar nas officinas que não teem patrão certo e estão á espera do trabalho extraordinario officinas que os industriaes montaram, mais 2 operarios de teares mechanicos. Aos operarios de sua casa, pagará, dizemos, o referido industrial 37 réis e, aos extranhos, para compensar o aluguer de suas machinas, os utensilios e a força motriz, terá de pagar por 75 réis cada mil passagens. Permittam-se os serões e esse industrial, dará immediatamente execução ás suas encommendas, sem necessidade de recrutar pessoal e o augmento de 10 p. c. nos tecelões dará para o industrial um lucro de mais de 20 p. c. Mas para os operarios, que não se importam com o lucro dos industriaes, desejando até que elle seja sempre compensador, o mais importante é saber-se onde se collocarão os dois operarios que ficam sem trabalho.

N'algumas fabricas, diz o manifesto, onde se exigiam serões, ha machinas paralysadas, não por haver falta de operarios, mas porque os industriaes os não querem admittir. E accrescenta que, embora se tenha promettido dar o augmento de 10 0|0, até hoje ainda esse augmento não foi effectivado a muitos operarios, embora ha já quatro semanas tivesse sido deliberado.

Termina o manifesto por affirmar que até hoje ainda ninguem falou em se julgar exceptuado da lei n.º 296 e que foram os tecelões que deram a sua solidariedade aos operarios assalariados, para se manter o horario de trabalho, que aos ultimos mais directamente affectaria.

UM ACONTECIMENTO ARTISTICO

O ORPHEON DE CONDEIXA

Deve estreiar-se em Lisboa no proximo dia nove

Prepara-se, em Lisboa, um notavel acontecimento artistico. E' a apresentação do Orpheon de Condeixa, que se tem revellado, em todas as suas audições publicas, um dos melhores e seguramente o mais interessante, que até agora se tem organisado em Portugal. O illustre poeta Affonso Lopes Vieira, que ao Orpheon de Condeixa tem dispensado o mais carinhoso amparo espiritual fala-nos, pela seguinte forma:

—Os leitores d'*A Capital* sabem já que o Orpheon de Condeixa é um magnifico grupo coral cuja fundação, feita pelo seu actual director, o dr. João Antunes, é anterior á do Orpheon Academico Antonio Joyce. Composto por oitenta individuos, entre os quaes se encontram trabalhadores do campo e das officinas, empregados do commercio e do Estado, proprietarios e muitas creanças, n'elle se encontra tambem o professor de instrucção primaria de Condeixa, que vem cantar com muitos dos seus discipulos. E' um admiravel orpheon, o primeiro que n'este genero se organisa em Portugal.

O visconde de S. Luiz de Braga acceita com a mais captivante gentileza a ideia do orpheon cantar no seu theatro, e na noite de 9 do corrente o publico de Lisboa terá ensejo de admirar esta magnifica iniciativa, que vem de Condeixa dar uma bella licção a Lisboa. O orpheon cantará, entre outros trechos alguns dos mais celebres e difficeis da musica classica, como os de Palestrina, Bach, Beethoven e D. João IV, e terminará por uma serie de authenticas e lindas canções portuguezas. Espero que o publico de Lisboa ha de honrar os cantores que na noite de 9 estarão no palco do Republica fazendo-nos ouvir esse supremo instrumento musical que um bom orpheon representa, e nós estamos infelizmente tão pouco habituados a ouvir.

Faculdade de Medicina

Convidam-se os alumnos da Faculdade de Medicina a reunirem na proxima segunda feira, 7 do corrente, pelas 12 horas, para tratar da attitude a tomar perante a anulação das inscripções de todos os alumnos do periodo definitivo.

NOTAS DIVERSAS

A Sociedade Propaganda de Portugal acaba de instar junto do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado para que seja reparada quanto antes a estrada que da estação de Portimão conduz áquella villa, a qual se encontra, principalmente á sahida da mesma estação, em estado de absoluta ruina.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DON AURELIANO DE BERUETE Y MORET

Com o sr. Garcia Herrero, secretario do Atheneu de Madrid, regressou hoje áquella cidade, no expresso das 16,35, o illustre academico hespanhol sr. Don Aureliano de Beruet y Moret, que como noticiámos, aqui veio a convite dos «Amigos do Muzeu Nacional de Arte Antiga» fazer trez conferencias sobre a obra de Goya, como pintor de retratos.

A' «gare» foram despedir-se do illustre escriptor, que com tanto exito e brilho realisou as suas conferencias, os srs. Luiz Fernandes, Henrique de Mendonça, Columbano, Luciano Freire, dr. Reynaldo dos Santos, dr. Manuel de Sousa Pinto, J. Ferreira Madail, dr. José de Figueiredo, José Lino, David de Mello, Luiz Keil e João Coutinho.

Tambem ali estiveram a apresentar os seus cumprimentos, pelo sr. presidente da Republica, o seu secretario particular, sr. Americo da Costa Leme, e pelo sr. marquez de Vilasinda, o segundo secretario da legação de Hespanha.

ANTONIO MAGALHAES BARROS

Encontra-se desde hontem em Lisboa o sr. Antonio Judice de Magalhães Barros, rico proprietario e um dos mais emprehendedores industriaes algarvios. O sr. Magalhães Barros veio acompanhado por sua familia e conta demorar-se, como de costume, em Lisboa, uma larga temporada.

LUTUOSA

Falleceu hontem, pelas 22 horas e meia, na sua casa da rua de Santo Antão, 163, 2.º-D., o sr. Francisco Freire Teixeira Marques, antigo e bemquisto commerciante da nossa praça. O extincto, que era conhecidissimo em Lisboa e geralmente estimado pelas suas qualidades de caracter, tinha 76 annos e deixa um filho, o sr. Domingos Freire Teixeira Marques, a quem a morte do venerando cidadão, que teve uma vida exemplar de trabalho e honestidade, chocou profundamente. A sua casa afluiu hoje enorme quantidade de pessoas.

As emprezas dos theatros Eden e Avenida, dadas as suas estreitas relações de amisade com o sr. Domingos Teixeira Marques, não dão hoje espectaculos em signal de sentimento. Tambem, pelo mesmo motivo, o theatro Nacional encerra hoje as suas portas. O funeral realisa-se ámanhã, ás 11 horas e meia, não se fazendo convites por expressa determinação do finado.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 3/8	35 1/4
Londres, 90 d/v. . . .	35 7/8	—
Paris, cheque. . . .	$72,5	$73
Allemanha, cheque .	$25	$26
Hollanda, cheque . .	$59	$59,5
Madrid, cheque . . .	1$35	1$36
Suissa, cheque	$86	$88
Italia, cheque	$66	68
New York	1$42	1$43,5
Rios/Londres. . . .	11 1/2	—
Libras.	6$90	7$00
Agio do ouro. . . .	46 %	52 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,10	38,85
» » 500$	39,10	39,00
» » 100$	—	39,30

Obrigações do Estado: 4 0|0, 1888, 22$60; 4 0|0 1890, coup., 51$50; 4 1|2 88-89, coup., 58$50; 5 0|0 1909, assent., 80$50.

Externas: 1.ª serie, 74$80.

Acções: B. de Portugal, 187$; Ultramarino, coup., 130$; Economia Portugueza, 21$50; Cazengo, 1$40; Ilha do Principe, 219$; C. N. dos Caminhos de Ferro, 4$80; Companhia Mercantil Internacional, 6$20.

Obrigações: Ambacas, 93$50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$50.

SPORT

Um triste alarme no foot-ball

O club campeão desiste do campeonato!

Diz-se que outros dois clubs vão seguir o exemplo do Sporting Club de Portugal

Dissemos hontem que se passava um facto grave no «foot-ball».

Assim é.

Hontem, a direcção do Sporting Club Portugal, foi á direcção da Associação de Foot-ball e communicou-lhe uma grave resolução do seu Club nos seguintes termos:

«—Vimos declarar a v. ex.as que o Sporting Club de Portugal abandona o campeonato de Lisboa, em todas as suas cathegorias. Temos immensa pena de fazer esta declaração porque devemos a v. ex.as o respeito de os considerarmos com o desejo, desinteressado, de trabalhar pelo «sport» portuguez. Mas, estamos prejudicados por um erro de v. ex.as e que certamente v. ex.as reconhecem. Ora fazendo um protesto, provocariamos uma assembleia geral, cuja discussão podia levar a que se demitissem. Tal não queremos. E assim preferimos o nosso sacrificio...»

Isto equivale a dizer que o campeonato d'este anno perde todo o interesse sportivo, tanto mais que consta que o Internacional e o Imperio se solidarisam com o Sporting.

Um alarme de tanta importancia, que prejudica os espectaculos athleticos pelos quaes o publico lisboeta mostra decidida preferencia, exigia a nossa reportagem. Fomos procurar um dos directores do Sporting. Encontrámos o sr. Mario Pistachini, que, com a sua proverbial gentileza e com promenores minuciosos, nos elucidou sobre o que se passa. O distincto «sportsman» fugiu na sua clara exposição, ao menor commentario critico e á mais ligeira referencia que podesse desagradar fosse a quem fosse.

Disse elle:

—«Os jogadores do Imperio, do Internacional e do Sporting costumavam fazer repetidos treinos. Eram vantajosos para qualquer dos clubs porque aprimoravam a sua «fórma» e preparavam as suas «linhas» para o campeonato. Um d'esses treinos foi combinado no mez passado da seguinte maneira: a «defeza» do Internacinoal e o «ataque» do Imperio contra o Sporting. A combinação exigia que o treino se realisasse em dia que qualquer dos clubs não tivesse desafio official.

«No sabbado, 22, pela manhã, o sr. Augusto Sabbo, capitão do Internacional, telephonava ao sr. Francisco Stromp, capitão do Sporting, dizendo: —«Olha, ámanhã, arranjo-te os homens. Apparece nas Laranjeiras, as 11 horas». A resposta foi a seguinte: —«Pois sim».

«Na tarde d'esse mesmo sabbado, o sr. Stromp era informado de que o Imperio, por circumstancias desconhecidas, havia soffrido uma suspensão por 60 dias. Não ligou ao caso importancia de maior. No dia seguinte compareceu nas Laranjeiras, para o tal treino que se fazia por uma antiga combinação, sem entradas pagas, sem «referee», sem annuncios, sem categoria de «official», como a coisa mais particular que houvesse.

«Jogou-se esse treino durante 40 minutos e os homens do Imperio e do Internacional, envergavam as camisolas d'este ultimo club.

«Na segunda-feira seguinte, eu como delegado sportivo do Sporting, com Augusto Sabbo, delegado do Internacional, fomos ter com a direcção do Imperio, analysámos a correspondencia trocada com a Associação, verificámos dos motivos porque o Imperio tinha sido suspenso e convencemos este club a dar todas as explicações á Associação, persuadidos e convencidos de que assim trabalhavamos para o bem do «foot ball»

«Passados dias, eu e Sabbo fomos convidados pela Associação a ir dar explicações sobre o tal treino havido com o Imperio. Como sabiamos do que se tratava, fizémo-nos acompanhar do delegado sportivo do Imperio, sr. Virgilio da Fonseca. Os trez fizemos declarações cathegoricas e positivas, as quaes nos obrigaram a escrever e que foram attendidas porque, a Associação, levantou a suspensão ao Imperio. As declarações, feitas em nome do meu club foram, mais ou menos, as seguintes:

Sr. presidente da direcção da Associação de Foot-ball de Lisboa.—Em nome da direcção do Sporting Club de Portugal, declaro que: 1.º, Não tinhamos no domingo transacto, 23 do corrente, nenhum conhecimento ácerca da suspensão do Sport Club Imperio e consequentemente não podiamos ter avisado os capitães das nossas cathegorias; 2.º, No caso de termos conhecimento d'esse facto, o nosso club tomaria immediatamente as devidas providencias para, que nem sequer por sombra, se tivesse deixado de cumprir qualquer determinação d'essa Associação, por cuja entidade temos a maior consideração e respeito pela fórma digna e correcta com que tem dirigido o «foot-ball» em Lisboa, procurando por todas as fórmas o seu desenvolvimento; 3.º, que os jogadores que tomaram parte n'esse simples treino com elementos que envergavam todas as côres do Internacional, fizeram-na inconscientemente por não terem conhecimento da suspensão do Imperio, isto porque o aviso d'essa suspensão veio no sabbado no «Diario de Noticias» e esse aviso foi por uns mal interpretado e por outros, na sua maior parte, nem lido foi; 4.º, mais declaro que nenhum d'esses jogadores tem caracter para desacatar as determinações da Associação e se o facto se deu foi porque o aviso no jornal veio no sabbado 22, e este pequeno treino realisou-se no domingo, 23, ás 11 horas da manhã, havendo portanto um curto lapso de tempo, insufficiente para a noticia ser propagada e interpretada na sua devida essencia. Concretisando, acho portanto, que se esse aviso fosse publicado com 4 ou 5 dias de antecedencia, tudo se teria evitado e ninguem poderia allegar desconhecimento e ipso-facto ninguem teria praticado qualquer acto que a Associação tomasse por desacato.»

«Parecia solucionado o assumpto, mas não!... Elle complicou-se. Porque? Em tempos, antes do incidente, a Associação enviou-nos um officio notificando-nos a formação do seu «team» representativo. Na vespera do desafio Lisboa-Porto, lemos n'um jornal nova constituição do «team», na qual eram retirados os nomes de Jorge Vieira e Francisco Stromp. Não percebemos a razão d'esta *omissão. Estariam penalisados?* A ser assim, não eram abrangidos na solução do «incidente Imperio»; mas nós não tinhamos notificação do caso. Estariam «pronunciados»? Tambem não nos tinham notificado a pronuncia.

«Ora succede, que sendo o «foot-ball» o jogo sportivo em cuja pratica se aprende a interpretar a solidariedade na sua mais ampla acepção, no dia seguinte trez dos nossos jogadores não se apresentaram contra o Porto, solidarios com os seus companheiros que nenhum delito haviam commettido, visto que não estavam suspensos.

«Agora, a Associação, pelo proprio erro de só communicar á imprensa as suas resoluções nas vesperas dos desafios e de se esquecer de notificar essas resoluções aos clubs em tempo competente, suspende-nos Arthur José Pereira e Antonio Stromp.

«Ora, além d'esses dois, já estava suspenso Francisco Stromp e doentes Armour e Barros. Assim, como podiamos representar um «team» campeão? De maneira nenhuma.

«Melindrados com este acto da Associação de Foot-ball preferimos sacrificar-nos. Eis tudo...»

E ao dizer-nos o que deixamos escripto, o sr. Mario Pistachini sentia-se penalisado pelo facto. Deu-nos um aperto de mão e afastou-se. E nós ficámos pensando:—Não haverá maneira de solucionar o assumpto?

Nota do dia

Vamos esclarecer a questão e acabar com a intriga...

Recebemos do nosso amigo José Holtreman Roquete (Alvalade), ingenuo homem que se aventurou a fazer em Portugal, uma obra grandiosa, de utilidade patria, com dispendio superior a 55 mil escudos e que ainda ninguem lhe agradeceu, a seguinte carta, cuja publicidade nos pede:

Meu caro Pontes:—Na secção d'«A Capital» publicaste a copia de um «officio- carta» que enviei á Direcção do S. L. B. Club com quem desejaria manter as mais cordeaes relações. Com essa carta, julguei solucionado um incidente que para mim nunca tinha existido.

Succede, porem, que hoje me informam que o semanario «Sport Lisboa» alludindo á minha carta transcreve alguns periodos d'ella e nas considerações que faz á parte em que me referi á falta de reclame ao grupo de Barcelona por questões com a imprensa diz: «Tem-se affirmado isso, é facto, mas tem-se affirmado uma coisa que é menos verdadeira». A falta de reclamo foi devida a outro facto».

Estes dois periodos, ou se referem ao Stadium ou á Imprensa. Se é a esta, ella se o entender, que responda. Se é ao Stadium reputando essas affirmações calumniosas, repto seja quem fôr a que prove publicamente, sem subtilezas de palavras de má fé mas com dados, factos e argumentos que esta Empreza, influiu n'essa falta de reclamo.—José Roquete.

Voltamos á «estafada» questão...

Não lemos os periodos a que se refere o sr. José Roquete (Alvalade), mas porque elle os cita, temos que lhes fazer as merecidas considerações.

Temos absoluta certeza de que a direcção do S. L. B. é absolutamente extranha aos periodos citados e de tão «mysteriosa» prosa.

Mas, diz o sr. José Alvalade: «Se é com a imprensa, esta se o entender, que responda...»

Nada temos a responder.

Os grandes récords

O das dez milhas em corrida a pé

Um dos «records» que mais apaixona inglezes e americanos é o das 10 milhas a pé. Os seus campeonatos, com «records» e «tempos» marcados, datam de 1884, anno em que na Inglaterra ganhou W. G. George.

Os melhores tempos são:

«Record» do mundo e tambem «record» inglez:— 50 minutos 40 segundos e 2 quintos pelo inglez Alfred Schrubb, em Glascow, em 1904.

«Record» canadiano:—52'47" 4/5 pelo inglez G. Richards, em St. Catharines, em 1912.

«Record» americano:— 51'3" 2/5 pelo finlandez Hannes Kolehmainen, em New York, em 1913.

Algumas anecdotas

Como Saxon descobriu o hercules disfarçado

Vamos contar outra anecdota de Arthur Saxon.

Quando trabalhou em Londres encontrou um authentico athleta, conhecedor de trabalhos de força e com fama mundial que duvidou do peso dos alteres com que Saxon trabalhava. Sobretudo *o que intrigava esse athleta era* uma barra de 140 kilos que Saxon levantava ao «devissé»!

—«Não é possivel... Eu não levanto 140 kilos e estou convencido de que não é mais forte do que eu...»

Uma noite o athleta quiz tirar-se de duvidas. Disfarçou-se cuidadosa e conscientemente, dissimulando o loiro dos cabellos e bigodes com negro retinto na barba e nos cabellos. Quando o «speaker» annunciou os exercicios de Saxon, o athleta saltou á arena, despiu-se, deixou ver a sua maravilhosa musculatura e approximou-se da barra. Mas apenas lhe tocou fez uma careta horrivel! verificou que a barra era, na verdade, muito pesada. Ensaiou erguel-a mas não o conseguiu!... Ficou embaraçado. O publico ria...

Então Saxon, approximou-se d'elle e demonstrando que o tinha reconhecido, apezar do disfarce, diante da sua musculatura soberba, disse-lhe:

—«Sr. Sandow, não experimente. A barra pesa 140 kilos e o sr. nunca os ergueu!... Faça justiça ao meu merecimento...»

—«Desculpe...»

E o athleta disfarçado sahiu immediatamente do theatro...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Uma conferencia no Collegio Calipolense

A direcção do Collegio Calipolense, estabelecido no Palacio Cabedo, na rua Eduardo Coelho, convidou o redactor da secção de «sport» da «Capital», sr. dr. José Pontes, a realisar uma conferencia sobre educação physica, no collegio, para que os seus alumnos «reconheçam as vantagens dos exercicios physicos e que, um dia, tornados robustos e saudaveis, se tornem uteis á sociedade e á Patria».

Foot-ball na Amadora

O mau tempo impediu, por dois dias, os trabalhos de aranjo e terraplenagem do campo de «foot-ball» dos Recreios Desportivos da Amadora. Continuaram hoje. O campo deve estar prompto em principios de março. Então devem alternar-se as festas da Amadora, no «rink», e no campo. Até lá, funcciona o Salão de Festas, onde ámanhã se effectua um bello espectaculo cinematographico, com uma grande «fita» em que os principaes episodios são de «sport».

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes)—Jogadores inscriptos durante a semana: Na 2.ª cathegoria, pelo Imperio, David Miranda; na 3.ª cathegoria escolar, pelo lyceu Pedro Nunes, Carlos Villarinho Cambeiro, Antonio Rebello de Almeida e Alberto Rodil; na 4.ª cathegoria, pelo C. Quebrada, Luiz Alves e Augusto Candido da Silva.

Na sua reunião de ante-hontem, 3, a direcção resolveu: A Associação de Foot-ball de Lisboa tendo conhecimento de terem tomado parte n'um jogo de «foot-ball», no campo das Laranjeiras, no domingo 23 de janeiro pp., varios jogadores do S. C. I., club n'essa data suspenso;

Considerando esse facto como um manifesto desrespeito ás leis estatuarias que é indispensavel manter;

Considerando que por declarações escriptas dos delegados do S. C. P. e do S. I. F. convocados expressamente para esclarecerem as circumstancias do facto alludido, se mostra que as direcções d'esses clubs desconheciam que o jogo se effectuaria, e foram estranhas á sua organisação, o que afasta qualquer responsabilidade da parte d'essas direcções;

Considerando que os jogadores que tomaram parte no referido desafio foram: Por parte do S. C. P. os srs. Francisco Stromp, Paiva Simões, Amadeu Cruz, Jorge Vieira, Marcellino Pereira, Boaventura da Silva, Alfredo Perdigão e Jayme Gonçalves; por parte do C. I. F. os srs. Augusto Sabbo, Nuno Cabral e Narciso da Silva; por parte do S. C. I. os srs. Penaguião, Belford, Emilio, Alvarez e Mendes;

Considerando que officialmente nenhum d'estes jogadores podia desconhecer a penalidade imposta ao S. C. I. e tanto que allegam apenas como desculpa a falta, o considerar que o jogo era praticado em desafio particular, o que não modifica a natureza do delito;

Considerando no apuro das responsabilidades relativas a cada jogador em falta, que os organisadores e dirigentes dos grupos presentes ao jogo teem mais culpabilidade, não só porque o planearam e organisaram, mas ainda porque, pela sua auctoridade e cathegoria deram pessimo exemplo; resolve: 1.º, castigar com um mez de suspensão os srs. Francisco Stromp, Augusto Sabo e Penaguião, respectivamente do Sporting, do Internacional e do Imperio, a contar de 23 de janeiro p.p.; 2.º, castigar com reprehensão todos os outros jogadores.

—Considerando que os jogadores srs. Picão Caldeira, Arthur José Pereira, Antonio Stromp, Mario Magalhães e Arthur Augusto, deixaram de pertencer e tomar parte como jogadores do «team» representativo da Associação de Foot-baal de Lisboa no desafio Porto-Lisboa, realisado no dia 30 de janeiro pp.;

Considerando que á direcção da Associação pertence a escolha dos jogadores que devem compôr o seu «team», não abdicando do direito de modificar a sua linha antes de qualquer desafio pela forma que entenda, substituindo-a ou alterando-a sempre que assim julgar conveniente, e não permittindo sobre este assumpto a ingerencia de quem quer que seja, tendente a coarctar a sua ampla liberdade de proceder;

Considerando que os jogadores acima citados não faltaram ao desafio por motivo justificado, e até, alguns d'elles o estiveram presenciando como simples espectadores;

Considerando que attitudes d'esta natureza constituem actos de indisciplina contra os interesses do «sport» em geral; resolve: castigar os citados jogadores com um mez de suspensão a contar de 30 do corrente.

—Approvou seu socio collectivo os Recreios Desportivos da Amadora.

—Marcou os seguintes desafios para o dia 6: 1.ª cathegoria, Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 15,30 horas, juiz o sr. Arthur Santos; 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra C. Quebrada, no C. Grande, ás 13,30 horas, juiz o sr. Antonio Ribeiro Reis; Victoria contra Internacional, em Setubal, ás 14 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria, Victoria contra Imperio, em Palhavã, ás 13,30, juiz o sr. Horacio Ferreira; Palmense contra Lisboa F. C., no Stadium, ás 13,30 horas, juiz o sr. Francisco Vieira; 4.ª cathegoria, Atheneu contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 11,30, juiz o sr. João Sá; Lisboa F. C contra Imperio, no Campo Grande, ás 11,30, juiz o sr. Rogerio Peres.

Grupo Sportivo dos Caixeiros de Lisboa

Continuam funccionando, com grande enthusiasmo, as aulas d'este grupo.

Na aula de gymnastica applicada estão matriculados grande numero de socios, tendo-se notado sensiveis progressos, devido aos esforços do professor sr. Oscar del Negro.

Mantem-se em constante actividade as aulas de jogo de pau, «box», lucta e pesos dirigidas pelos professores srs. Jorge de Sousa, Ruivo, Carlos Alberto Simões e Francisco Padinha, que a este grupo teem dedicado boa vontade.

A provincia n'A CAPITAL

TABOA, 4.—Estão adeantados os trabalhos de exploração e de canalisação das aguas para o consumo publico d'esta villa, por iniciativa da camara municipal.

—A junta de parochia de Azero, d'este concelho, enviou ha muito tempo, por intermedio do banqueiro sr. Francisco Borges, uma representação ao sr. ministro do fomento, para elle mandar proceder á finalisação da estrada d'Azero. Irá d'esta? Pois não seria mau que fosse, para que o povo não mormure, como já vae mormurando que, afinal, «tão bons são uns como os outros».

—Realisou-se o sorteio dos brindes que todos os annos o *Jornal de Taba*, dirigido pelo sr. A. M. Simões Ferreira, distribue pelos seus assignantes. Com o sorteio deu-se a coincidencia de que um dos brindes sahiu a um assignante que tinha fallecido uns dias antes; brinde que era constituido por 6 garrafas de licor.

—As cearas de trigo, que este anno foi por aqui semeado em abundancia, vão esplendidas.

COIMBRA, 4.—Foram nomeados delegados da Associação Commercial á commissão do horario de trabalho os srs. Antonio Fernandes, José Correia Amado e Bento Carlos da Fonseca.

—A direcção do Orpheon Academico d'esta cidade, nomeou seu presidente honorario o sr. dr. Luiz de Costa e Almeida, reitor da Universidade.

—Deu entrada na repartição respectiva o orçamento na importancia de 1:251$12, para occorrer ás obras mais urgentes a fazer no edificio onde se acha installado o governo civil.

—Na séde da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 10, no largo da Freiria, e na rua Lourenço d'Almeida Azevedo n.º 17, continúa aberta a matricula gratuita das aulas de geographia, historia e educação civica, do Nucleo da Liga Nacional de Instrucção.

A matricula póde ser feita todos os dias das 19 ás 21 horas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O futuro do conselho de Cascaes e do porto de Lisboa.—Em opusculo, publicou o sr. Nunes da Matta o discurso que leu na festa da collocação da primeira pedra para o casino do Estoril e em que demonstra a necessidade de Lisboa ter um porto d'abrigo em Cascaes.

Technica industrial.—D'esta revista dos estudantes do Instituto Superior Technico sahiu o numero 3, correspondente a dezembro de 1915, trazendo magnifica collaboração e o projecto de uma casa do campo com todos os detalhes.

Manual dos processos da competencia dos juizes de paz—Edição da Bibliotheca de Educação Nacional e ao preço de $25 sahiu este manual, que é um magnifico guia para os juizes de paz e para os seus escrivães.

Movimento maritimo

Pern. Maceió, etc., «Spectator» (Liv.)	6
Br. e Rio Prata, «Sequana» (Bordeos)	6
Batavia, etc., «Insulinde» (Amsterd.)	6
Africa Oriental, «Loanda»	7
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)	7
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	7

O ataque allemão começou a 20 de junho. Foi acompanhado, como de costume, por um tremendo bombardeamento que, devido ao accidentado do terreno e aos bosques, foi menos efficaz de que n'outras partes. A principio foi dirigido contra o lado occidental da posição franceza. Os allemães tentavam avançar para Vienne-le-Château e os wurttemburguezes e a landwehr prussiana ganharam algum terreno. Segundo a narrativa official allemã, sete officiaes, 627 soldados, seis metralhadoras e cincoenta morteiros de trincheiras cahiram em seu poder.

Os francezes, de 21 a 29 de junho, contra-atacaram e, no dizer do estado maior allemão, que faltou á verdade, como de resto em tudo succede, empregaram liquidos inflammaveis. Os allemães usam sempre d'esse processo: accusam os inimigos do que elles fazem e dos methodos que empregam com desrespeito das leis internacionaes. A verdade, porém, é que os povos neutraes já estão edificados a tal respeito e sabem qual o credito que hão de dar a essas falsidades.

Dizem ainda os communicados allemães que os francezes perderam na lucta na Argonne, entre 20 de junho a 2 de julho, de 7.000 a 8.000 homens.

Os allemães tentaram abrir caminho para o centro da floresta. Atacaram os francezes nas proximidades de Bagatelle e no dia 7 avançaram entre Fontaine Madame e o local no bosque denominado Haute Chevauchée, apoderando-se d'um outeiro chamado La Fille Morte. Esse outeiro foi retomado depois pelos francezes, que tambem repelliram o inimigo na direcção de Binarville.

Já narrámos os esforços feitos pelos francezes para desalojarem os allemães do saliente de St. Mihiel. Tinham atacado por ambos os lados e tambem proximo do vertice. O avanço para a cumiada do outeiro de Eparges, que domina a planicie do Woevre, começára em fevereiro. Terminou a 9 d'abril por uma victoria decisiva franceza.

A engenharia allemã havia protegido a cumiada por fieiras de trincheiras, umas em cima d'outras, chegando n'alguns pontos a contar-se cinco. Canhões de todos os calibres e metralhadoras foram occultas nos flancos do outeiro e no cume. A 5 d'abril, ás 4 horas da tarde, os francezes iniciaram o ataque final para se apoderarem da fortaleza. A chuva cahia torrencialmente e o terreno estava quasi impraticavel. Aos soldados, n'alguns sitios, o lodo chegava-lhes aos joelhos.

Apezar d'isso avançaram e apoz

Sir Henry McMahon, alto commissario inglez no Egypto

numerosas refregas, estabeleceram-se em parte das trincheiras allemãs. A leste os seus progressos foram detidos pelo arremesso de torpedos aereos, cada um dos quaes, quando explodia, destruia fileiras inteiras de soldados.

A's 4 horas e meia da manhã do dia 6 os allemães contra-atacaram. Tropas frescas tinham vindo de Combres e repelliram os exhaustos francezes, os quaes, tendo sido reforçados, ao anoitecer voltaram a atacar. Uma trincheira no extremo oriental do planalto foi tomada. No lado oeste, progressos foram feitos em direcção ao cume, mas no cra-

da, o general d'Urbal tomava a offensiva entre Serre e Hébuterne. Esta localidade está mais proxima de Albert sobre o Ancre do que Arras.

Os francezes occuparam Hébuterne, os allemães Serre. Essas aldeias distavam uma da outra quasi tres kilometros e estavam sitas em terreno plano. A meio caminho entre ellas, em frente da herdade de Tout Vent, corriam duas linhas de trincheiras allemãs.

Os campos da herdade eram cercados por uma fieira de altas arvores. O 17.º regimento de Baden estava incumbido de defender a posição. Foi atacado a 7 de junho por bretões, vendeanos e tropas da Saboya e do Delphinado.

Desde as trez horas da manhã de 7 de junho, os allemães, que estavam de sobreaviso por causa do intenso bombardeamento da artilharia franceza, fizeram fogo intenso sobre as trincheiras dos francezes. Os canhões d'estes responderam com uma torrente ininterrupta de projecteis. A's 5 horas da manhã começou o ataque. No espaço de dez minutos, os soldados da costa e das montanhas estavam a leste das trincheiras inimigas e entrincheiravam-se ahi.

No dia seguinte, sob o fogo da artilharia pezada allemã, a area conquistada estendia-se para o norte e tambem em profundidade. A 9 de junho houve lucta violenta nas trincheiras de communicação allemãs e no dia 10 algumas centenas de metros de trincheiras ao sul foram tomadas. O numero de prisioneiros feitos foi de 580, incluindo dez officiaes. O 17.º regimento de Baden deixára virtualmente de existir e dois batalhões d'um outro regimento allemão tiveram grandes perdas.

Um dia antes da acção em Hébuterne começar, o general de Castelnau, no angulo norte do Oise e do Aisne, abrira uma brecha na linha allemã a leste da floresta da Aguia, que é uma continuação da floresta de Compiègne e é separada d'esta pelo Aisne. A leste é marginada por um vasto planalto atravez do qual correm alguns riachos para aquelle rio.

A região é intensamente cultivada. Pequenos bosques indicavam a situação de grandes herdades que, como a de Tout Vent, são ou eram rodeadas por massiços de arvores. As herdades de Ecaffaut e Quennevières estavam a dentro das linhas francezas, as de Les Loges e de Tout Vent além das allemãs.

Em frente da herdade de Quennevières, a fronte do inimigo formava um saliente, na extremidade do qual havia uma especie de pequeno forte. Nos sitios onde as extremidades norte e sul do saliente encontravam o resto da posição allemã tinham sido construidas obras defensivas de flanco.

Ao longo do arco do saliente corriam duas linhas de trincheiras; n'alguns sitios havia uma terceira. A corda do arco era defendida por uma trincheira chanfrada. N'uma ravina que desce para Tout Vent estavam muitos canhões allemães. Como o planalto descia ligeiramente para o saliente, os francezes tinham uma vantagem consideravel.

Normalmente, o saliente era guarnecido por quatro companhias do 86.º regimento allemão, recrutado nas cidades hanseaticas e no Schleswig, mas a 5 de junho as companhias de reserva postadas na ravina de Tout Vent tinham sido rendidas, tomando o seu logar outras tropas. Commandante honorario do 86.º regimento era a imperatriz allemã. Quatro batalhões tinham sido designados pelo commandante francez para o ataque.

Durante o dia 5 de junho, a artilharia franceza bombardeou methodicamente o pequeno forte, as trincheiras e as obras accessorias. Durante toda a noite os canhões estiveram fazendo fogo e para impedir que o inimigo reparasse os estragos feitos de dia a infantaria franceza fez ininterrupto fogo de fuzilaria, ao mesmo tempo que de quando em quando torpedos aereos eram descarregados.

Entre as 5 e as 9 horas da manhã do dia 6 o bombardeamento assumiu maior violencia, durante uns tres

quartos de hora, e depois, por curtos intervallos, feixes de granadas se succediam uns apoz outros. No pequeno forte explodiu uma mina.

Os allemães, em grupos de quatro, seis ou dez, refugiaram-se nos seus abrigos, mas os tectos de muitos d'elles foram desmoronados pelas granadas e os que estavam dentro morreram instantaneamente ou lentamente por asphyxia.

A's 10 horas e um quarto os artilheiros francezes terminaram o fogo e a infantaria avançou. Cada homem levava ração para trez dias, 250 cartuchos, duas granadas de mão e um sacco, o qual devia ser cheio de terra para que a defeza da posição que fôsse tomada se organisasse rapidamente.

As bayonetas luziram ao sol quando a linha de valorosos soldados atravessou os duzentos metros que os separavam do inimigo. A infantaria allemã e as metralhadoras fizeram fogo nutrido, mas em poucos minutos a primeira trincheira estava tomada. Duzentos e cincoenta prisioneiros, o que restava de dois batalhões allemães, foram feitos. Da ravina de Tout Vent as companhias de reserva tinham accorrido em auxilio dos seus camaradas. Um furacão de granadas dos canhões de «75» ceifou-as. Perto de 2.000 homens foram no espaço d'uma hora postos fóra de combate.

Animados pela obra de destruição feita pela artilharia franceza, os zuavos, precedidos por batedores, avançaram para a ravina de Tout Vent. Chegaram a uma obra fortificada armada com trez canhões e protegida por uma rêde de arame farpado. Os artilheiros tinham procurado refugio nos abrigos. Canhões e artilheiros foram tomados, mas o ataque na ravina não poude avançar.

As reservas locaes allemãs tinham chegado e os aviadores francezes assignalavam a approximação de novos reforços. Espalhou-se o boato de que dois batalhões estavam sendo transportados em automoveis de Roye para leste do Oise. Antes d'elles chegarem ao campo de batalha, os allemães contra-atacaram, mas foram repellidos pelas metralhadoras e pelas shrapnels.

Nas extremidades do saliente os sapadores francezes, com saccos de terra, estavam erguendo barreiras. Ao anoitecer, a posição havia sido posta em estado de defeza.

Era tempo. Durante a noite, as tropas vindas de Roye deram oito violentos ataques e na manhã do dia 7 esforçaram-se por derrubar as barreiras nos extremos norte e sul do saliente. Avançaram corajosamente sobre as trincheiras de communicação, mas o ataque terminou. Uns 2.000 cadaveres allemães se viam na area onde os contra-ataques se tinham dado. As perdas allemãs só em mortos foram de mais de 3.000. Essa pequena brilhante victoria custára a de Castelnau 250 mortos e 1.500 feridos. Vinte metralhadoras, numerosos escudos, telephones e grande copia de munições se encontravam entre os despojos.

Como n'outro logar já dissemos, um dos pontos fracos na linha franceza desde o Mar do Norte até á Suissa era o sector de Reims á floresta da Argonne, defendido pelo general Langle de Cary. Até os allemães terem sido repellidos para além do Aisne, em todos os pontos o centro francez e tambem a ala direita desde Verdun a Belfort estavam em perigo. Já nos referimos aos esforços feitos por Langle de Cary para deaslojar von Einem de Champagne Pouilleuse. O primeiro passo a dar era privar o inimigo do uso do caminho de ferro que corria de Bazancourt atravez do alto Aisne e da floresta da Argonne até a algumas milhas ao norte de Varennes.

Langle de Cary tinha obtido grande exito e no decurso das suas operações, a 27 de fevereiro, havia tomado o pequeno forte de Beauséjour, a nordeste de Perthes. A 8 d'abril os allemães tentaram retomal-o.

Um violento canhoneio contra o forte e as trincheiras de communicação precedeu o ataque. Os batedores francezes assignalaram uma concentração do inimigo nas suas trin-

cheiras. O saliente norte do forte foi atacado por leste e oeste por duas companhias de voluntarios pertencentes a todos os regimentos da divisão allemã que estavam na região.

No lado oriental o inimigo obteve pouco exito. Apanhado pelo fogo das metralhadoras e da artilharia franceza, a infantaria assaltante em breve teve de recuar. O outro ataque foi mais bem succedido, conseguindo pôr pé nas trincheiras a oeste e na extremidade do saliente. No dia seguinte, porém, a artilharia franceza fez cahir um chuveiro de projecteis sobre os intrusos, causando-lhes enormes perdas. Os que escaparam ás granadas foram varridos á bayoneta. Ao anoitecer o forte estava de novo completamente em poder dos francezes.

O ataque a Beauséjour não foi a unica offensiva allemã entre Reims e a Argonne durante a primavera e o verão de 1915. Em Ville-sur-Tourbe, a uns onze kilometros a leste de Beauséjour, onde as ondulosas planicies de Champagne se approximam das elevações cobertas de bosques da Argonne, os allemães no dia 15 de maio deram um serio ataque

Ville-sur-Tourbe era guarnecida pela infantaria colonial franceza, que tomára Beauséjour a 27 de fevereiro. Os francezes tinham uma ponte-cabeça na margem norte da torrente de Tourbe. A aldeia fôra reduzida a um montão de ruinas pela artilharia allemã. Dois outeiros, separados pela estrada de Saint-Ménéhould para Vouziers, haviam sido convertidos pela engenharia franceza em fortes em miniatura. Um zig-zague de trincheiras de communicação ligava-os com a aldeia.

Se as obras a oeste dos dois outeiros, que se estendiam para noroeste, pudessem ser tomadas, os francezes que guarneciam o outeiro a leste de Ville-sur-Tourbe ficariam em perigo. Um facto curioso a assignalar é a meticulosa attenção dada pelo alto commando allemão aos minimos pormenores. Para exemplo basta dizer que uma reproducção da obra que devia ser atacada fôra feita além da linha allemã e que as tropas escolhidas para o assalto tinham sido exercitadas em ataques simulados.

Tres minas tinham sido collocadas sob as trincheiras francezas. A 15 de maio, ás 6.25' da tarde, foi-lhes deitado fogo, produzindo os effeitos d'um tremor de terra. Ao mesmo tempo os canhões do inimigo abriam fogo contra a aldeia, contra o resto das trincheiras francezas e contra as posições onde elle presumia que estavam escondidos canhões.

Os allemães conseguiram rapidamente apoderar-se de duas linhas de trincheiras na face norte do fortim. Durante a noite houve lucta desesperada. Ao romper do dia, os francezes, munidos de granadas de mão, contra-atacaram e a sua artilharia inundou de granadas a frente das trincheiras allemãs, de modo que a retirada dos inimigos que haviam penetrado no forte foi-lhes cortada. A's 3 horas da tarde a força allemã havia sido morta, ferida ou aprisionada. Era de allemães da Westphalia, de Hesse e da Thuringia.

Em junho e em julho a Argonne foi theatro de uma importante offensiva da parte dos allemães. O kronprinz, que por diversas vezes se dissera ter morrido, commandava n'esse ponto as forças allemãs. Era fortemente reforçado pelo exercito que estava no saliente de St. Mihiel, e o velho marechal von Haeseler, um dos soldados mais experientes do exercito allemão, estava ali para o aconselhar.

Os francezes tinham feito obras defensivas que se estendiam atravez da estrada Vienne-Varennes para o bosque de La Gruerie. A frente do inimigo corria para leste desde o sul de Binarville, que fica a poucos kilometros ao norte de Vienne-le-Château, ao norte de Bagatelle e do terreno coberto de bosques e da fonte conhecida pelo nome de Fontaine Madame, descendo atravez da estrada Vienne-Varennes, sahindo da floresta a sul de Boureuilles, que fica na mesma latitude de Vienne-le-Château.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1976—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Domingo, 6 de Fevereiro de 1916 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71 | Preço 2 centavos

As accusações á Republica

O publico conhece os factos. E' conveniente, porém, recordar-lhos para d'elles tirar as conclusões logicas e necessarias.

Apoz o incendio do Deposito Central de Fardamentos, levantou-se uma campanha de suspeições, que não poude surprehender-nos porque já estamos habituados a esse processo d'uma politica bastarda e repugnante, mas que d'esta vez augmentou de intensidade e significação como se o proprio brazeiro de Santa Clara lhe communicasse o fogo ardente das suas chammas.

Ainda crepitavam labaredas do incendio, e já se lançava, a altos gritos, a accusação de que esse incendio fôra lançado para encobrir grandes roubos. A' hypothese d'elle ter sido ateiado por mãos onde houvesse corrido o oiro germanico, como agora succedeu no incendio do parlamento de Otawa, não só se negava todo o caracter de plausibilidade, como se lhe respondia com uma gargalhada sardonica. Para aquelles que n'essa campanha se encontravam empenhados era materialmente impossivel que para que o exercito portuguez não pudesse dispôr dos milhares de fardamentos ali amontoados esse incendio houvesse sido lançado, embora na America já tivessem sido commettidos attentados analogos com um fim semelhante. O que não só era provavel, mas era certo, o que se affirmava aos berros, para que se ouvisse em todo o mundo, era que a Republica não passava d'um regimen de ladroeiras systematicamente impunes.

Para deter a onda de lama que mais uma vez se pretendia arrojar sobre as instituições republicanas, propõe-se no parlamento a creação d'uma commissão de inquerito com os mais amplos poderes. Essa proposta foi votada, e a commissão ficou constituida por membros de todos os partidos.

N'ella figuravam legisladores com affinidades politicas com determinados elementos que erguiam persistentemente essas accusações, e a opinião publica, vendo-a assim constituida, ficou esperando anciosamente o resultado dos seus trabalhos, para que se averiguasse se taes accusações correspondiam á verdade ou se apenas denunciavam o proposito rancoroso da calumnia e do desprestigio do regimen. Em todos os casos ella esperava uma sancção severa: ou contra os culpados dos grandes roubos que se denunciavam ou contra aquelles que falsamente tinham apregoado o vilipendio da Republica.

O que acaba de succeder com essa commissão de inquerito é singularmente elucidativo. Segundo os documentos publicados no «Diario do Governo» um membro d'essa commissão, representante d'um dos partidos da minoria, propoz que cada vogal da commissão podesse separadamente requisitar de determinadas instancias officiaes os documentos que quizesse examinar para o desempenho dos encargos da commissão. Comprehende-se quanto isto protelaria os trabalhos da commissão, e por isso a maioria propoz, para satisfazer os desejos manifestados dentro da possibilidade rasoavel, que se nomeassem sub-commissões para esse exame. Tal proposta não foi acceita.

Parece que o desejo de toda a commissão, e ainda especialmente dos representantes das minorias, seria que os trabalhos se realisassem sem a menor demora. Todo o seu empenho deveria ser encurtar o tempo das investigações, para que justiça se fizesse. Em vez d'isso, manifestou-se uma pretensão que só podia dilatar indefinidamente o termo de esses trabalhos, pretensão absolutamente original e sem precedentes. Para só citar um caso, lembraremos que no tempo da monarchia se nomeou uma commissão de inquerito parlamentar para esclarecer a questão dos adeantamentos á casa real. D'essa commissão fez parte um deputado republicano, que era, se não estamos em erro, o sr. Antonio José d'Almeida. Este representante do partido adverso ás instituições examinou com os seus collegas os documentos dos ministerios referentes á questão, sem nunca se lembrar de propôr que fôsse facultado a cada vogal, e portanto a elle proprio, individualmente, o exame dos documentos.

N'estas circumstancias nós não podemos acreditar que o fim da proposta a que alludimos fôsse o de aclarar a verdade o mais rapidamente possivel, mas pelo contrario o de impossibilitar a sua breve e necessaria aclaração. A onda de lama não será sustida, ficará sempre de pé a accusação gratuita e vilipendiosa, não se deixará de gritar que ha roubos, que ha ladrões, que a Republica não só não castiga, como protege!

Querem mais provas? Vejam o procedimento do sr. Antonio de Campos, um senador republicano, um magistrado judicial que ambas essas qualidades elle reivindica. O sr. Antonio de Campos annunciara uma interpellação ao sr. ministro da guerra, em termos vagos, sobre questões de administração militar. Como decorressem quinze dias sem que essa interpellação se realisasse, o sr. Campos, ardendo em zelo moralista, declarou que não podia esperar mais tempo. Havia abusos, havia crimes que elle queria revelar, dentro ou fóra do parlamento. Que maior urgencia podia haver do que o esclarecimento d'essa tremenda accusação?

O ministro da guerra comparece no Senado, logo no dia seguinte, ao d'esta sensacional e grave affirmação. Repta o sr. Campos a que diga tudo. «Mas a interpellação?» diz o sr. Campos. «Se é preciso para que o senhor falle que eu me declare prompto a responder á interpellação, desde já declaro que o estou!» responde o ministro. «E' tarde!» volve o sr. Campos. A Camara responde-lhe, prorogando a sessão para que elle possa formular as suas accusações. «Não quero!»—torna o sr. Campos. «E no dia seguinte accrescenta: «Ha uma commissão de inquerito. Fallarei perante ella!»

Pois bem! O sr. Campos não só não corre a fazer o seu depoimento a essa commissão, como, convidado a fazel-o, lhe responde,—dizendo o quê? Que não são urgentes as declarações que tem a prestar-lhe, e que o assumpto a que ellas respeitam não é aquelle que a commissão está encarregada de apurar.

Onde falla então o sr. Campos, que gritara querer falar dentro ou fóra do Senado? Não falla no Senado, não falla perante a commissão, como não falla na imprensa, como não falla em parte nenhuma. As unicas palavras que soube articular foram aquellas em que enunciou, sem as acompanhar de provas, uma accusação gravissima, dizendo que havia abusos, que havia roubos, que havia crimes.

Onde estão esses abusos, esses roubos, esses crimes, que se affirma que existem, cuja prova se offerece, sem que todavia quando ella é exigida appareça, para a necessaria depuração que deveria ser o intuito de taes accusações?

A verdade é esta: procura-se enlamear a Republica, e a essa onda de lama é preciso pôr um dique, restabelecendo a verdade conspurcada. Para honra da Republica, para a honra da Patria, para honra de todos nós!

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A NOVA FRANÇA

Depois da "tournée,, Guitry

Como Bernstein voltou a estar em desagradavel evidencia—A "Griffe,, não se devia representar no extrangeiro—Porquê? O que dizem Gomez Carrillo e Léon Daudet

Das interpretações de Lucien Guitry na sua recente passagem pelo nosso theatro da Republica a que produziu mais estranha impressão foi certamente a da «Griffe», de Bernstein, com tamanha intensidade e tanto poder de exteriorisação minuciosa o grande actor viveu a morbida, repugnante figura do protagonista. Como se sabe, no repertorio de Guitry em excursão achava-se largamente representado o discutido auctor francez que n'elle encontrou o primeiro dos interpretes, podendo dizer-se que o theatro de Bernstein sem o celebre comediante, que o representa á maravilha, nunca despertaria o interesse com que ainda o vêem... fóra de França...

A «tournée» Guitry veiu pôr em nova evidencia o nome e a obra do dramaturgo e reaccender antipathias e suscitar protestos que a atmosphera moral creada pela guerra justifica. Bernstein não é considerado, a despeito do seu talento, um escriptor que sirva a França nobilitando-a pela arte. O processo Caillaux, de tristes recordações, collocou-o em foco. Todos se lembram de que, tendo o antigo presidente do conselho de ministros, n'uma das audiencias em que era julgada sua mulher, lançado em rosto a Bernstein, testemunha de accusação, o haver-se eximido ao serviço militar, o auctor da «Griffe» lhe retorquiu, theatralmente, n'estes termos:

—Qualquer dia rebenta a guerra e irei então occupar na fronteira o meu posto como artilheiro... E ali não precisarei de que uma mulher dispare em meu logar, como succedeu comsigo...

Gomez Carrillo, o eminente chronista, reproduzindo-a, a proposito da evidencia em que Guitry poz agora no estrangeiro o nome do dramaturgo e as suas peças reputadas deshonrosas para a França, commentou assim a réplica brutal de Bernstein:

A phrase não era elegante, nem galante, nem justa. Mas havia tal fogo, tal crispação, tal dureza na mascara torcida e livida do dramaturgo judeu que todos julgámos que, com o fim de fazer esquecer a sua aventura de desertor, aproveitaria a primeira opportunidade que se lhe apresentasse para demonstrar o seu heroismo patriotico.

Mas o que succedeu? E' ainda Gomez Carrillo que nol-o conta:

E a guerra, em que ninguem acreditava em França, estalou... E os francezes, ricos e pobres, christãos ou judeus, correram para a fronteira... E entre elles, naturalmente, seguiu Bernstein.

Durante mezes e mezes ninguem ouviu falar d'elle. N'esta tragedia só os nomes dos mortos se pronunciam. Um dia é um grande poeta... Outro dia, um joven novelista... Depois o filho d'um ministro. A's centenas, aos milhares, os mais brilhantes parisienses cahem nos campos de batalha... Não ha familia que não traga luto. Não ha gremio que não ostente com orgulho um livro de oiro orlado de negro. E' a grande democracia da bravura...

E Bernstein?

Um dia, o boulevard tem noticias suas. Os habitantes d'uma aldeia do departamento do Sena inferior tomaram-no como um espia e deram-lhe uma tremenda carga de pancada... Que diabo! Em tempo de guerra é perigoso usar um nome allemão e ter cara de traidor de melodrama. O publico, sem dar muito credito á anecdota, sorriu. Os reporters trataram de saber o que havia de certo em tudo aquillo e deram-nos uma noticia inaudita:

—Bernstein, o terrivel Bernstein, o artilheiro formidavel, o que disse a Caillaux que no seu regimento as mulheres não disparavam, Bernstein estava n'uma officina como interprete...

—De allemão?...

—Não... De inglez...

Pouco tempo depois, outra noticia: Bernstein casava com uma enfermeira. E as costureiras, que ainda admiram o auctor do «Ladrão», chegaram a imaginar um formoso idilio... O artilheiro ferido... A' cabeceira da sua cama uma pallida dama da Cruz Vermelha... Consultando apenas os impulsos do seu coração, o ferido murmurava: «Amo-a». A dama, commovida, respondia: «Amo-o». E, dentro em pouco, perante o rabino ou o parocho, os noivos recebiam a benção nupcial...

Mas os malditos reporters metteram-se de novo no assumpto e Paris soube, graças a elles, que a enfermeira era senhora d'uma das mais importantes fortunas de Paris. Um jornal deu a noticia do enlace, depois de falar do imposto sobre os beneficios da guerra...

Nenhum d'estes factos, porém, attrahiu sobre o nome e a personalidade de Bernstein as attenções como o exito da «Griffe» no estrangeiro. Guitry foi o que se chama um amigo dos diabos. Gomez Carrillo classifica de «lamentavel» a ideia que elle teve de interpretar aquella famosa peça em Roma, em Madrid e por ultimo em Lisboa, procedimento contra o qual protestaram o «Matin» e a «Action française», finalmente de accordo, pois que entendem que theatro semelhante desacredita a França, pintando as suas mulheres como creaturas sem pudor e os seus homens como seres sem honra. O artigo da «Action française», firmado por Léon Daudet, denominava Bernstein de verdadeiro estrangeiro em França, de «estrangeiro de alma» e de «miseravel judeu» que mercadeja com o theatro...

De tudo isto se conclue que Bernstein absolutamente nada ganhou, abandonando os que o haviam defendido como auctor dramatico para se collocar ao lado dos nacionalistas contra Caillaux. Os seus antigos correligionarios estão vingados...

Nada ganhou moralmente, entenda-se...

Poeira da Arcada

De Hespanha, informadores habilidosos enviam para jornaes francezes, inglezes e allemães noticias a nosso respeito que visam a indispôr-nos com a opinião europeia, pois que nos apresentam como um povo anarchisado, resistente á mais elementar disciplina. As falsidades e mentiras seguem-se umas ás outras, e tantas ellas são que pouco ou nenhum credito já merecem. No futuro o mesmo caso ir-se-ha repetindo com successo egual.

Quando os invencioneiros se convencerem da inutilidade da sua obra, talvez elles então comprehendam que o que se passa em Portugal não é precisamente a crise terminal de um regimen fallido, mas sim a energia de um povo cheio de força que, antes de fixar-se nos termos definitivos da sua vida progressiva, atravessa alguns momentos de febre e inquietação.

Não tendo já alarmes a espalhar, hão de comprehender como as pessoas muito phantasiosas teem necessidade de se coçar com dignidade, á maneira de gatos quando cahem, para fingirem que não lhes aconteceu mal algum.

* * *

Reappareceu o semanario *O Syndicalista*, que espalha doutrinas dignas de serem meditadas pelas fracções do nosso operariado que uma propaganda precipitada tem levado a alguns ensaios sobre a violencia, compromettedores nos seus effeitos proximos e remotos. Primeiro que os proletarios se armem em detentores de um poder social, necessitam elles constituir-se uma mentalidade que lhes garanta o manejo do mesmo poder, não vá acontecer-lhes o que frequentemente se dá com os que, inexperientes, pegam n'uma arma de fogo, os quaes, sem querer, a descarregam sobre o seu proprio corpo.

* * *

Nos arredores do Porto, o povo tem-se amotinado, a fim de forçar os lavradores que enceleiram cereaes a vendel-os, desde já e por preço rasoavel. E' um dos direitos que pertencem aos que soffrem a fome. A força publica que ordinariamente intervem para manter a ordem procede, n'estas circumstancias, com alta prudencia. E' que uma bala atirada para o meio da multidão que rectifica no seu desespero as iniquidades da fortuna, seria um ataque feroz a uma das primeiras garantias da humanidade—a de alimentar-se na paz ou na guerra.

Pelo telegrapho

Continuam os attentados criminosos no Canadá

MONTREAL, 6.—As sentinellas da Ponte de Victoria fizeram fogo por duas vezes, sem successo, contra um individuo suspeito que, se crê, se dispunha a fazer ir a ponte pelos ares. A fabrica de munições e os jardins de Hespeler e Ontario foram incendiados.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 6.—Communicado official das 15 horas.

Durante a noite foi fraca a actividade da artilharia. Na Champagne executámos hontem, ao fim da tarde, tiros de destruição sobre as trincheiras inimigas na região de Maison de Champagne.

Aviação.—No dia de hontem um dos nossos aviões de canhão atacou, ao sul de Péronne, um *drachen* inimigo, o qual cahiu envolto em chammas.—(*Havas*).

Migalhas

A arte de conversar

Exclusão feita de dois ou tres surdos mudos que eu conheço de gestos, toda a gente das minhas relações fala. Entretanto ver-me-hia embaraçado para citar meia duzia de pessoas sabendo conversar. Esse dom subtil e encantador vae-se perdendo nos nossos tempos. Assim que dois bipedes de nossa especie se encontram, produzem um sobre o outro o effeito que o anjo enviado de Deus produziu sobre a burra de Balaão. Começam ambos a falar e, se não teem destino certo ou horas marcadas para qualquer outro entretenimento, ficam horas a uma esquina, no limiar d'uma porta, no banco d'uma avenida, ora ouvindo, ora respondendo, ora falando ambos a um tempo. Separam-se e dizem d'ali a pouco:—«Estive conversando com Fulano». Engano. Conversar não é isso.

Os grandes conversadores que eu tenho conhecido—tres ou quatro, se tanto—eram pessoas que não falavam comnosco. Falavam comsigo proprias, com as suas recordações, com as suas opiniões e o que nós podessemos dizer-lhes não as interessava. Tinham, porém, o dom de interessar os outros, de os seduzir ao simples papel de auditorio attento, de os prender, de os encantar. As interrupções que soffriam eram apenas um ensejo para saltar de um assumpto para o outro, de uma velha anecdota a uma comparação, de um paradoxo a uma pequena maledicencia episodica. Para se ser amigo de um conversador é preciso não se ser falador. E' necessario saber ouvir e ter mesmo a intelligencia de preparar os «effeitos» de quem conversa, sabendo interrogar a tempo e a tempo «fazer a agulha» para outro campo de palestra.

Hoje já não ha, a bem dizer, quem converse. Fala-se, fala-se muito, sempre dos mesmos casos e das mesmas pessoas. A politica, em parte, matou a conversação. Desde que todos estejam habilitados, em sua consciencia, é claro,—a tratar d'um assumpto, não ha conversa possivel. Depois, hoje em dia, vive-se demais na rua e a conversação requer intimidade e socego. Por mim confesso: sinto que a raça dos conversadores vá desapparecendo. Os faladores são tão insupportaveis!

André Brun

EM TORNO DA CRISE

A União Operaria Nacional

Importantes declarações por ella feitas sobre os recentes acontecimentos, no ultimo numero do "Syndicalista,,

Devia ter reapparecido no dia 31 de janeiro ultimo o semanario *O Syndicalista*, que pretende entre nós orientar as classes operarias no sentido de fortalecer a sua organisação e concretisar as suas reivindicações. Mas o jornal, que já estava composto e impresso n'aquelle dia, não appareceu á venda pelo receio de uma apprehensão que a situação anormal poderia justificar.

Sahiu por isso hontem, com uma folha supplementar allusiva ás recentes perturbações da ordem. Contém esse supplemento a affirmação peremptoria de que «as instituições do proletariado organisado não interferiram no movimento, pois, se não estão habituadas a fugir ás responsabilidades dos seus actos, tambem não querem honras que de direito lhe não pertençam».

O proprio secretario da U. O. N. (União Operaria Nacional), sr. Evaristo Esteves, declara em nome d'essa collectividade:

Apezar das insinuações d'alguns jornaes diarios, a União Operaria Nacional não teve a menor interferencia nos factos occorridos, e ella que tantos esforços empregou no sentido de chamar a attenção dos poderes governativos sobre a afflictiva existencia da massa productiva que soffre as contingencias de uma situação que não creou, no emtanto não os extranha, porque são a consequencia da immensa miseria que alastra por todo o paiz, e, certamente, governo e parlamento, pondo de parte questiunculas mesquinhas ou projectos irrisorios, deviam sem delongas dedicar-se mais fundamente ao estudo de tão inadiavel assumpto para suavisar a existencia da classe trabalhadora».

Já no nosso editorial de 1 de fevereiro affirmávamos que é insustentavel a situação das familias proletarias perante a carestia sempre crescente dos alimentos, e escreviamos o seguinte:

Evidentemente, para que esta situação se modifique, e se modifique realmente e não apparentemente durante alguns dias ou semanas, mercê das repressões rigorosas da força, para depois irromper com um caracter de desespero ainda mais tremendo, urge ir ao fundo da questão, e de uma maneira immediata dar-lhe solução, que *tem de consistir em garantir a existencia dos generos de primeira necessidade e o seu preço accessivel aos minguados recursos do pobres.*

Para tomarem estas resoluções é que ha governos e parlamentos. Só d'elles pódem partir iniciativas que tranquillisem a população e previnam a anarchia social. E' pois para o governo e para o parlamento que se voltam os olhos de toda a gente, e é triste reconhecer que até agora essa contemplação *só* pode ter produzido decepções e desalentos.

Vê-se, portanto, que a U. O. N., a avaliar pelas suas declarações, está de accordo com o que aqui mesmo affirmámos ha dias. Muito folgamos tambem em registar que essa collectividade condemna os lamentaveis acontecimentos de sabbado e domingo, embora os comprehenda dentro do criterio exposto. No artigo *Palavras necessarias*, definindo a revolução, *O Syndicalista* diz:

Para nós a Revolução já começou, ella effectua-se pela nossa propria educação, pelo nosso esforço em nos tornarmos dia a dia, melhores, em nos elevarmos intellectualmente, em nos elevarmos moralmente acima da media e acima de nós proprios. Para nós a Revolução consiste em ir pacientemente elaborando, construindo, dando fórma ás instituições que ámanhã deverão substituir-se ás instituições que já hoje todos julgamos não satisfazerem bem e com equidade ás novas necessidades e ás novas aspirações. Nós sômos pela Revolução, mas sômos tambem os inimigos irreconciliaveis e irredutiveis da simples *zaragata!*

Uma sociedade não se faz á bomba. A bomba é um acidente!

A sociedade portugueza vive ha uns poucos de annos tão perturbada, que a geração de hoje, creada no meio das luctas dos partidos, das manifestações nas ruas, dos motins, dos attentados, das revoluções, julga que agir, consiste não em trabalhar, não em preparar-se pelo estudo e pela reflexão para com proveito seu e de todos substituir melhor os velhos e cançados luctadores; mas sim em fazer ou compartilhar em *fitas* como pitorescamente ella usa agora esprimir-se.

E' ainda interessante registarem-se a titulo de documentação, as affirmações do syndicalismo ácerca da guerra europeia:

E porque estamos convencidos de que a victoria do imperialismo germanico seria a consagração e a imposição, pela força, dos metodos e processos a que somos decidamente oppostos, tanto no que respeita á organisação e forma de lucta das classes trabalhadoras, como a todos os aspectos da vida collectiva e que de nenhum modo nos podem ser indifferentes, porque vemos esse perigo na victoria do imperialismo germanico, é que julgamos uma necessidade para o bem geral, a sua derrota como desejaremos a derrota de qualquer outra fórma de oppressão, venha lá de onde vier. E é ainda por esse motivo, que as nossas sympathias vão naturalmente, irresistivelmente para os nossos camaradas francezes e belgas os quaes defendendo como homens os seus lares e os dos seus semelhantes, defendem como revolucionarios a sua liberdade e as condições do seu progresso autonomo.

UMA SITUAÇÃO GRAVE

Os productos de pharmacia

E' necessario tratar immediatamente da sua importação e do seu barateamento

Porto, 5 de fevereiro

E' lamentavelmente triste, desoladora, cruciante, a vida dos pobres, dos desgraçados, dos «sem eira nem beira».

Mas, infinitamente mais dolorosa e mais cruciante, está sendo a situação de outros desgraçados a quem a vida infeliz o infortunio e a doença lançaram na lama fria das ruas, sem conforto de ninguem, sem a caridade de ninguem,—como pedregulhos abandonados no lodaçal humano da indifferença e do desconforto.

A sociedade moderna, prégando o altruismo, a confraternisação, parece que deveria pôr em pratica, «realisar esse gesto humanitario e social.

Não o tem feito.

E dóe, magôa a consciencia e o sentimento dos que vêem a desgraça alastrar-se cada vez mais, nos tugurios pobres, nos pateos, nas «ilhas», vêr creaturas que definham, que se estiolam, que vão murchando, empallidecendo, dessorando-se dia a dia, por que lhes falta a assistencia publica, por que ninguem os ampara e os recolhe e lhes dá um osculo de piedade, de confraternisação—dóe, magôa e revolta... que—quem tem o «dever» de cuidar d'este problema—o abandone e lhe não ligue a importancia devida.

Ainda hontem, e hoje, no importante diario d'esta cidade, o «Primeiro de Janeiro», se trata da questão da falta de assistencia publica e da necessidade de o Estado «interferir» na solução do gravissimo problema.

Ha, porém, um aspecto da questão que urge immediatas providencias,—por que é o mais grave de todos. E' o encarecimento,—e não só o encarecimento—peor, a falta de medicamentos, a carencia de productos medicamentosos para os doentes, para os que, em suas casas, ou nos hospitaes, necessitam curar-se.

Foi a este proposito que nos lembrou ouvir um dos mais intelligentes pharmaceuticos d'esta cidade, espirito novo, caracter limpido, sabedor do seu «officio», mas, tão modesto, que se quiz occultar, sob a firma de «Um praticante chronico».

Como a questão mais importante era a do encarecimento dos productos pharmaceuticos, medicamentos,— o que era uma gravame para a saude publica—perguntamos-lhe o que nos podia dizer sobre esse problema.

A resposta do distincto e illustrado «praticante de pharmacia» foi a seguinte:

—Muito difficil responder de prompto á sua pergunta. Na minha qualidade de praticante chronico de pharmacia, falham-me alguns elementos o que talvez prejudique o interesse e o valor d'um assento de tanta magnitude e que o meu amigo deseja considerar amplamente,

---

Folhetim d'A CAPITAL 6-2-1916

Mortos e vivos

Encontrei ha dias um espiritista. Cuidava que já não havia espiritistas, pelo menos entre nós. Mas embora considerando esse meu velho amigo o ultimo abencerrage do espiritismo, não ha duvida de que as suas palavras de fé accordaram em mim a recordação de tempos em que, não sendo um espiritista, os chamados phenomenos do espiritismo excitavam vivamente a minha curiosidade.

O espiritismo teve, com effeito, uma certa aura em Lisboa ha quinze ou vinte annos. Lembro-me mesmo que o meu amigo, dr. Sousa Couto, publicou n'um jornal uma serie de interessantes artigos ácerca d'esse debatido problema psychologico. Estava-se no inicio da revelação de novas verdades? O magnetismo, o hypnotismo favoreciam o advento de concepções maravilhosas. O culto da vontade affigurava-se uma religião nova. E para o desenvolvimento do espiritismo contribuia ainda poderosamente o cansaço d'um materialismo pesado e secco. Na litteratura sentia-se o anceio de espiritualisar a arte. Jules Claretie, criticando o assombroso successo do «Quo Vadis», escrevia que elle era devido á reacção do espiritualismo innato das consciencias contra um materialismo brutal. Com effeito, o exito do livro de Sienckiewicz, um auctor polaco até então desconhecido em grandes centros litterarios da Europa, só se podia comparar o do «Genio do Christianismo», de Chateaubriand, reagindo contra a philosophia voltaireana. Esse periodo viçoso do espiritualismo foi propicio ás praticas do espiritismo.

* * *

Todavia, se o espiritualismo continuou reflorindo, o espiritismo rapido entrou na decadencia. E' que o espiritualismo é immortal. Póde-se affigurar que o desvanecem rapidos eclipses, mas, como a dos astros, a sua existencia subsiste. Talvez hoje mais do que nunca. A alma moderna não póde privar-se de essas certezas da fé que sempre fizeram as grandes individualidades e os grandes povos. Qual é a alma que se resigna a não perscrutar o desconhecido? A sciencia participa d'essa anciedade, mas os seus resultados são lentos. A humanidade sente-se necessitada de soluções que surjam, como fachos brilhantes, d'além do mysterio das campas.

O espiritismo queria dar um caracter scientifico ás suas investigações. Renovava-se, nas eras modernas, o mysticimo medieval, que Huysmans apregoava como tendo sido o periodo ideal em que o espirito humano se sublimára na fé? Pois bem! N'esse tempo o chamado milagre era acceito sem nenhuma especie de verificação. O charlatanismo, a illusão tinham o campo livre. Agora, não. O espiritismo tambem esperava os chamados milagres, mas queria-os fiscalisados, submettidos a um «contrôle» severo e minucioso.

O espiritismo nascera na America, pelo menos na sua fórma moderna, porque a crença na communicação dos vivos e dos mortos sempre se obstinou, atravez dos tempos, no coração e na imaginação da humanidade. A alma popular foi sempre um sacrario d'essa crença. D'ella derivam lendas, balladas, tradições que se incrustam na propria estructura das raças. Se é um sonho, devemos confessar que esse sonho está arreigado no espirito humano. Das praticas da magia, em mysterios solemnes e terrificos, até aos processos do espiritismo, interrogando mesas em quartos obscuros, tão depressa considerado um fructo da ignorancia como mais ou menos integrado em formulas scientificas, elle tem perdurado atravez dos seculos, sempre enygmatico, sempre perturbador, sempre emocionante.

* * *

Simplesmente, o espiritualismo subsiste, mas o espiritismo decae. Mais ainda: os maiores espiritualistas nada querem de commum com os espiritistas. Na realidade, dou-lhes razão. Eu acho absurdo que se queira impôr a vontade humana áquillo que se encontre fóra dos dominios humanos. Ha almas? Ha espiritos? Pódem elles, pela sua vontade, communicar comnosco? Ou é a nossa vontade que a isso os obriga? Se é a nossa vontade, como é que elles são superiores a nós, e se é como superiores que os devemos considerar? Se é a vontade d'elles, isentos dos liames e das imperfeições terrestres, para que pretendemos coagil-os com imposições ou supplicas, a realisar uma approximação que da sua expontanea vontade não surgio?

E absurdo acho tambem o recurso ao «medium» e a obscuridade das salas em que as evocações se formulam. Tudo isso não concorre senão para diminuir a noção que dos puros espiritos devemos ter. Para que é preciso um intermediario entre mim e o espirito do ente que mais querido me foi na terra? E porque se não manifesta elle na plena luz? Dir-se-hia que, na casa que foi o seu lar, junto do coração que foi o seu thesouro de affeições, elle entra, ou puxado para dentro como um recalcitrante, ou introduzindo-se furtivamente, na sombra, como um ladrão.

A collaboração d'um intermediario, a obscuridade em que a evocação se realisa, só servem para propiciar as manobras dos charlatães ou dos mystificadores. E' isso mesmo que tem deshonrado o espiritismo. Afinal de contas, por um d'esses frequentes paradoxos em que a existencia quotidiana é fertil, esse espiritismo, que na rigorosa verdade quiz florescer, presta-se tanto ou mais do que o espiritualismo candido das almas ingenuamente idealistas a ser o objecto do charlatanismo mais impuro e da illusão mais fallaz.

* * *

O bello sonho da communicação dos mortos e dos vivos continuará a ser um divino sonho, nutrido nas aras do espiritualismo transcendente. Deixal-o ser um sonho! Deixal-o ser um sonho, creando doces visões! Quem não o terá tido? Dormindo, elle é d'uma realidade palpitante; em estado de vigilia, elle é d'um vago impreciso talvez ainda mais suave e carinhoso. Mas quem não tem sonhado esse sonho? Quem não vio os mortos, sorrindo, como na vida; amando, como na vida? Nas horas amargas, nas horas doces, nas horas da angustia ou do prazer,—eis que uma sombra se delineia, eis que se desenham feições amadas; ha um olhar, que brilha como uma estrella; ha uns labios que desprendem um osculo, como uma flôr vermelha... E' o sonho? E' a visão? Mas, se dado fôra que essa visão tivesse realidade, que effectivamente um ser palpavel ante os nossos olhos surgisse, elle não seria tão bello, tão amavel, tão sublime como o é na immortalidade do sonho que se serve das apparencias da materia.

Ah! como elles partem, os mortos! Como os vimos a ultima vez em que os nossos labios tocaram o seu rosto gelado! Não é assim que desejariamos tornar a vêl-os. E, na posse da plena vida, e não na ante-camara da morte, ou já envoltos nos seus veus luctuosos. O nosso sonho evoca a alma formosa, animada, dotada do movimento e do calor, na suprema ebriedade do seu amor sublimado. Só o sonho é que resuscita corpo e alma. Nunca uma vida tangivel nos daria tão bemdita consolação.

Nas horas amargas, e nas horas doces, nas horas de prazer e nas horas de tortura... Mas tambem nas horas da solidão em que a nossa alma se abre como um sacrario para receber a hostia do seu amor,—dos nossos paes, das nossas mães, da mulher amada, dos filhos queridos, dos amigos dilectos, e não com um extranho a chamal-os, e meia duzia de indifferentes a recebel-os, como se elles precisassem que alguem os chamasse, além de nós, com as vozes do coração!

MAYER GARÇÃO

fazer, como ha pouco me disse, não apenas que as informações que eu, porventura, lhe possa dar, fiquem esquecidas nas columnas de «A Capital», como tantas outras cuja publicidade foi ephemera e inutil, não pela importancia do seu jornal, mas por que, em Portugal, infelizmente, os assumptos mais ponderosos, tratados em jornaes, quasi sempre, quecem poucos dias depois da campanha.

— Quer ir mais longe,—segundo me affirma,—no louvavel proposito, no honroso emprehendimento de chamar para um conhecimento de tanta gravidade, as attenções, nem sempre muito solicitas, dos competentes e supremos auctoridades.

— Evidentemente. Desejamos factos...

— E' grave, mas d'uma gravidade perigosa, a situação do mercado dos productos de pharmacia.

«Desde o primeiro momento em que se esboçaram os grandiosos intuitos dos importadores de drogas, não era difficil a previsão d'uma calamidade fatal, e menos penosa e difficil seria a tarefa de se tomarem providencias tendentes a refrear a cupidez desenfreada d'esses importadores, que sujeitando-lhes os vendas a uma tabella estabelecida d'accordo com as circumstancias e as conveniencias da occasião, quer promovendo a acquisição directa d'essas drogas, na sua origem mais economica, se tanto pudesse conseguir-se, por intermedio de uma humanitaria, patriotica e habil diplomacia.

«O governo portuguez diligenciaria obter á semelhança do governo hespanhol, dos productos que a medicina, não pode substituir, com vantagem por outros, cuja therapeutica e pharmacologia é mais complicada, mas sobretudo menos efficaz.

«E o Estado negociaria essas drogas, por intermedio de nucleos de «controle», para este fim exclusivamente creados.

«D'este modo ter-se-ia, abastecido convenientemente o mercado ao mesmo tempo que se lançava sobre o desmarcado lucro commercial, uma barreira que em nenhuma circumstancia se removeria.

«E se é verdade o que me teem affirmado alguns pharmaceuticos, eu, depois de importantes «stocks» que devem existir, ou existiram, não hesitaria em nome dos supremos interesses da saude publica, em me apossar d'esses mesmos «stocks», entregando-os aos pharmaceuticos em taes condições, que não pudessem entrar em exercicio aquelles processos torpissimos, que sempre e commettem de per si praticar, quando se lhe aniquilou e denunciou a sua «inconsciencia», honestidade e os seus «inexpugnaveis» «inaomparaveis» sentimentos humanitarios.

«E o Estado lamentavelmente, talvez n'esta altura ainda não conheça a realidade, a magoante e dolorosa realidade d'este facto.

«A's associações pharmaceuticas e ás associações medicas é que incumbia a denuncia devidamente esclarecida em tempo proprio d'esta situação por demais estravagante, mas menos estravagante que perigosa.

«O silencio d'essas collectividades é forçosamente condemnavel e sobretudo revelador d'uma fraqueza moral, que nos contrista e enerva como symptoma de uma decadencia e d'um desleixo extraordinarios, com rugas e na maioria dos casos essas associações nomeadamente as pharmaceuticas dão accordo de si, quando se vendia e escondido, quando as multas mais esses contrados rulham ou quando se pretende sacrificar a moral collectiva aos interesses inconfessaveis dos privilegiados. Creio que é esta a funcção mais predominante n'essas collectividades.

«E agora, deixe-me dizer-lhe, com toda a peculiar franqueza com que caracteriso os meus actos, que sustento em qualquer logar e em qualquer occasião tudo o que aqui lhe affirmei. Mas, não só sustento toda esta doutrina, como a garanto com provas. Mas como obviar, n'esta hora, aos inconvenientes de tanta incuria, tanto desprezo, tanta ganancia?

«E' difficil, sem duvida, apresentar uma therapeutica proveitosa e util; em todo o caso o que se fez em Hespanha pode e muito bem traduzir-se para o nosso paiz. E' problema a fazer resolver-se, reduzir-o o legitimo e natural volume dos que mais directamente se interessam pelos cuidados e integridade da saude publica.

«Porque não?

«Já que as associações de medicina e de pharmacia se teem mantido no mutismo mais surprehendente, veja, o amigo, se consegue acordar o Terreiro do Paço e dizer-lhe que não hesite um momento occorer em proclamar, desde já em nome da necessidade que impende sobre a população dos produtos pharmaceuticos, os prodictos pharmaceuticos, de accordo com as nações alliadas. Porque não é o fabuloso lucro que os importadores estão auferindo sobre esses productos, é a sua falta que não tardará muito a fazer-se tragicamente sentir.

— E terminando?

— Ouçá que a sua sympathica iniciativa seja abraçada com carinho por todos os que teem responsabilidades n'esta situação.

«Da minha parte, desde já lhe affirmo os protestos do meu mais vivo enthusiasmo e do meu solemne reconhecimento, pelo seu admiravel esforço, pelo seu extraordinario empenho, em fazer triumphar uma iniciativa tão bella e tão cheia de nobreza.

«Ao seu lado, cordial, encontrará sempre a minha debil pena, e o meu caminho mais ardente a impulsil-o e animal-o no seu apostolado em prol da humanidade soffredora... E quando as celebres campanhas de seus de quiném fornecidas do tomento das colonias e de que o parlamento já se occupou deixemol-as «esterilisar» até qualquer dia.

«Por hoje já basta...

Café Restaurant Oliveirinha

Rua do Jardim do Regedor, 11 a 15

E' AONDE SE COME MELHOR

A provincia n'A CAPITAL

TAVIRA, 5.—Por iniciativa do revolucionario do Porto, tenente reformado sr. João Antonio Bernardo Junior, presidente e fundador da philarmonica «Namarra», sahiu esta na noite de 31, percorrendo as principaes ruas da cidade, acompanhado de algumas centenas de pessoas, por entre vivas á Republica, ao tenente Bernardo e aos revolucionarios.

Illuminaram os estabelecimentos civis e militares, os centros Unionista e Liberal, a casa do promotor da manifestação e a séde da philarmonica.

Na vespera havia ido a mesma philarmonica de passeio ao povo de Santa Luzia, onde foi muito victoriada.

Festas associativas

Centro Escolar Democratico Español—E' o seguinte o programma da festa que hoje se realisa n'este Centro, ás 21 horas: dialogo dramatico *La joya perdida*, comedia *Sangre gorda* e actos de variedades. No fim haverá baile.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Eleitoral dos Defensores da Republica—Reune a assembléa geral no dia 14, pelas 21 horas, para apresentação do relatorio e contas da ultima gerencia e para nomeação de uma commissão revisora de contas.

CHRONICA DE PARIS

A visita dos "zeppelins,,

Paris acabava de jantar, por uma noite escura, mas d'um janeiro benigno. Um «taxi» conduz-me ao «Quai d'Orsay», onde vou acompanhar um amigo. A meio caminho, o «chauffeur» hesita, esbarra-se contra o passeio e eil-o desata aquella tradicional resmungada, rica em «argot» e palavrões:

—Não ha maneira de ver um palmo adeante do nariz e ainda este typo me veem apagar as luzes antes da hora!...

Effectivamente, acabavam de apagar o unico lampião que aluminva a rua. E um vulto se approxima, a correr; é um policia que nos annuncia:

—«V'là les Zeppelins!»

Os zeppelins... Ha que mezes Paris dormia tranquillamente, confiado nos seus aviadores, convencido de que nunca mais a bella capital seria victima dos malfazejos e injustificados processos allemães.

Seria certo? Descemos do «taxi», curiosos e algo tanto incredulos.

Por toda a parte, a escuridão era mais profunda que de costume, assim na terra como no ceu. Do «boulevard» visinho, vinham-nos os sons afflictivos da corneta pneumatica dos bombeiros, o rodar pesado das bombas automoveis galgando desesperadamente as distancias entre os bairros da cidade, e os toques, repetidos e opostos, das trompas reguladas o «garde-à-vous», que annunciavam aos quatro ventos a imminencia do perigo.

N'um instante, cafés, restaurantes, todas as lojas que ainda estão abertas a tal hora, tudo, n'um repente, se apagava, silenciosamente, completamente. As janellas, ou se fundiam na escuridão informe, ou apenas se mostravam, n'uma claridade baça de lamparina. E á medida que a escuridão augmentava, augmentava o transito de curiosos, de «badauds» do espectaculo que Paris conheceria já e se dispunha a presenciar mais uma vez. Caminha a gente acotovelando-se á direita e á esquerda.

De todos os lados se ouvem commentarios d'uma jovial indignação, chistes em que ha mais escarneo que temor. Algum velhote timorato resolve ir dormir a noite ao subterraneo da casa, uma menina nervosa, que eu não logro vêr, protesta que amanhã de manhã foge para Nice, mas a propria pronuncia nos diz ao mesmo tempo que ella não é parisiense.

Andando sempre por entre a mais espessa treva da cidade-luz, eis-nos á beira do Sena, tendo sobre nós a abobada de todo Paris celeste.

Do lado de Montrouge, primeiramente, surge a branca pincelada tremula d'um poderoso holophote. Depois, talvez do forte do Monte Valeriano, outra; em poucos minutos, todo o espaço negro e ennevoado é revolvido por innumeros cones de luz, que se cruzam, se afastam, erram em mil direcções, insistindo aqui e além, n'uma nevoa mais compacta que os detem n'um ponto distante que qualquer illusão torna suspeito.

Já a silhueta esvelta da Torre Eiffel se percebe, interceptando de quando em quando a luz dos projectores. Para o norte, para as bandas de Menilmontant e Clignancourt redobra o numero dos feixes luminosos que perscrutam o ceu. E, subitamente, apparece um bando, um verdadeiro enxame de passaros que zumbem febrilmente, uma numerosa esquadrilha de aeroplanos alvissimos, um instante batidos em cheio pela claridade intensa dos holophotes que lhes servem de pharoes no mar tenebroso das trez dimensões.

A differentes altitudes e distancias, ouvem-se já mais distinctamente as phreneticas palpitações dos seus motores que rodopiam á porfia, n'uma marcha que accommette serenamente a natureza e os homens.

De todos os peitos sahe um sopro de animo, uma palavra de confiança. Os holophotes desviam-se, exploram o zenith, estendem sobre a cidade e sobre os arredores o seu olhar vigilante—e os celeres aeroplanos embrenham-se nas densas nuvens, elevam-se nos espaços sem fim, onde lhes não chega já a claridade que a nevoa absorve e retem, prosseguem a sua rota audaz no negrume do vacuo, no ensurdecedor ruido dos motores de 200 cavallos, n'um delirio de heroismo e de velocidade...

* * *

Milhares, milhões de olhares se fitam no ceu, seguindo anciosamente aquella contradansa de feixes luminosos, creaturas sem conta acompanham, com a imaginação inflammada, aquelle «cotillon» diabolico de voadores afoitos, que não tardarão a chocar-se com os adversarios bem apercebidos.

E para que nada falte a este macabro festival de trevas e de luz, eis que irrompem do horizonte longinquo os deslumbrantes foguetes illuminantes, incendiando um circulo de nuvens e descrevendo fleugmaticamente extensas curvas.

N'isto, uma detonação tremenda commove a atmosphera, sacóde as ruas, mesmo tempo todos os espectadores. E mal ainda os echos repetiam debilmente aquelle estrondo horrivel, já um novo fragor abalava o espaço, seguido d'um terceiro.

Quasi ao mesmo tempo, mais inesperado que os estampidos e mais enigmatico, um rapido clarão nos inunda a todos d'uma luz crua que nos ofusca e se espelha no chão, no rio... para desapparecer quasi immediatamente, para sempre.

Que insolito clarão era aquelle, tão surprehendente, tão rapido, vindo de cima?

Foguete, não era, que um foguete dura um lapso de tempo muito apreciavel.

Projector? Sim, devia ser, talvez um holophote de zepelin, que illuminava a scena onde se passava o espectaculo hediondo das primeiras explosões.

Todos os espectadores se calaram, cessaram os ditos de espirito, reinava um silencio pesado como as brumas, oppressor como a negridão.

—Outra! Outra!—murmuram vozes surdas.

E mais surdamente ainda, alguem diz a meu lado:

—Deve ser para os lados de Belleville...

José Bragança

A festa do Club Naval

A consagração d'uma grande obra

A sessão solemne de hontem fica memorada na historia do "sport,,

«A festa dos senhores deve alegrales. Ha movimento, ha alegria. Palpita a ideia d'uma obra commum, que é de trabalho para uma grande causa. Sim, na verdade, os senhores sabem preparar homens...»

Assim nos falava hontem o sr. presidente da Republica, commodoro honorario do Club Naval de Lisboa e que, no meio da elevação de presidencia do clube, se dignara honrar e presidir uma sessão solemne de distribuição de premios.

Falava assim commosco, porque nos sentia nitidamente ligados á obra de propaganda do Club Naval e percebia a nossa intima satisfação de vermos a Sala Portugal completamente cheia e de vêr, n'essa numerosa assistencia, o contentamento de prestar homenagem áquelles, que, praticando os exercicios physicos e sportivos do mar, tinham ganho, em luctas de excellente camaradagem e da mais brilhante lealdade, os trophéus da epoca do anno passado.

E essa epoca de 1915...

Foi, como hontem o disseram varios oradores e como o documentaram os muitos premios distribuidos, a mais brilhante, a mais animada, a mais proveitosa para o sport do mar. Foi a epoca de maior actividade. Foi a epoca da maior vulgarisação dos excellentes exercicios do remo e da natação. Foi uma epoca que ha de ficar memorada, como memorado ha de ficar a sessão de hontem, que foi a coroação de tanto trabalho util...

Epoca como a que hontem se celebrou, pelo lado animação e incomparavelmente progresso, no seu bulicio, a acção do Club Naval e proveitosa para o seu estabilidade, só lembramos uma.

Foi aquella...

Sim, é bom que fique lembrado... Foi aquella que a seguir á proclamação da Republica o Club Naval atravessou, com quinhentos socios relativamente inscritos, e cento e tantos, mas que foram augmentando crescendo dia a dia a lista de inscriptos, porque foi intenso o trabalho de propaganda do Totta, a quem a imprensa seguiu porque a sua tarefa era proveitosa, prestimosa e patriotica.

O certo é que hoje o Club Naval é uma collectividade de influencia no meio sportivo e artistico. Se assim não fosse, não organisaria uma festa como a de hontem presidida pelo chefe do Estado, a que assistiram os ministros da marinha e instrucção e representantes dos outros ministros. Se assim não fosse, a festa de hontem não terminaria por um brilhante concerto. Se assim não fosse a concorrencia não era tão numerosa.

Podem orgulhar-se os actuaes directores, nos quaes só reconhecemos verdadeiros «carolas» da causa da educação physica e amigos dedicados do club.

A festa de hontem teve um unico defeito...

Estamos comprehendidos na deficiencia ou no erro. Festas como a de hontem, com tanta senhora, com tanta gente, dispensavam tanta rhetorica dos oradores... Paciencia. Pela nossa parte, para a outra vez nos emendaremos, reservando os discursos para as «reuniões em familia», nas quaes todos poderemos falar, discutir e discordar.

Para tudo ter ordem, na festa de hontem, até os sympathicos escoteiros de Portugal prestaram o seu concurso, assim como bandas de musica e a corporação de bombeiros voluntarios.

Ler amanhã no "Sport,,

A demissão de Pierre de Coubertin

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Exposição de Arte na Escola

Está marcado o dia 15 de abril para a inauguração da Exposição e das conferencias sobre Arte na Escola.

São conferentes os srs.: dr. Aurelio da Costa Ferreira, director da Casa Pia; Cardoso Gonçalves, director da Academia de Estudos Livres; dr. Costa Sacadura, inspector do sanidade escolar; Ferreira Macedo, professor do lyceu Pedro Nunes; dr. João de Barros, secretario geral do ministerio de Instrucção; dr. João de Deus Ramos, deputado; dr. Julio Dantas, director da Escola de Arte de Representar; Marques Leitão, director da Escola Marquez de Pombal; Palyar Ferreira, professor da Casa Pia; dr. Queiroz Veloso, vice-reitor da Universidade de Lisboa; dr. Sobral Cid, professor da Faculdade de Medicina, e Thomaz Borba, professor do Conservatorio.

O bilhete de admissão a todas as conferencias custa $30.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Em Tavira falleceram o sr. José Soares Gusmão, antigo avaliador judicial, e o professor official sr. Raymundo José Lages.

CRUZADOR «ADAMASTOR»

Este vaso de guerra seguiu hoje de Cape-Town para Lourenço Marques.

Passeio amargurado

Hontem, os cortadores João Cypriano Gonçalves, morador na rua da Andaluz, 31, Sabino de Costa Ferrão, na rua Sabino de Sousa, 16, João d'Almeida na rua Alves Correia, 17, e Nicolau dos Santos Rodrigues, na rua do Prior Coutinho, alugaram um automovel e foram passear até Loures. No regresso, o carro foi contra uma arvore, ficando feito n'um feixe e os passeantes todos mais ou menos feridos. Foram recolhidos no hospital de S. José, os tres ultimos recolheram a suas casas, depois de pensados, mas o primeiro teve de ficar na enfermaria 4 por ter fractura da perna direita.

A CAPITAL

ULTIMAS NOTICIAS

NO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

O chefe de Estado retribue as homenagens da magistratura

Em resposta ao juiz presidente, o sr. dr. Bernardino Machado profere um discurso

O chefe de Estado foi hoje ao Supremo Tribunal de Justiça retribuir as homenagens que a magistratura judicial lhe tributou a 4 de novembro ultimo. Eram 13 horas e meia, quando o sr. presidente da Republica chegou ao Tribunal, installado, como se sabe, no Terreiro do Paço, entre a rua Augusta e a rua da Prata. O sr. dr. Bernardino Machado, que para ali se dirigira, sahindo de Belem, fazia-se acompanhar pelo sr. dr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, pelos secretarios da presidencia e particular, respectivamente, srs. Maia Pinto e Costa Leme. Ao encontro do chefe do Estado desceram os presidentes do Supremo, e do Tribunal da Relação, com alguns juizes, postando-se, pela escadaria, os meirinhos e outros funccionarios com os seus trajes caracteristicos.

Na ampla sala do Supremo, uma multidão enorme aguardava a chegada do chefe do Estado, estando ali reunidos quasi todos os magistrados, com o sr. dr. Affonso Costa, presidente do ministerio.

O sr. dr. Bernardino Machado occupou immediatamente a presidencia, collocando nos logares de honra os srs. Affonso Costa e dr. Catanho de Menezes, o primeiro dando a direita ao sr. dr. Abel de Pinho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e o segundo, tendo a seu lado o presidente do tribunal da Relação, sr. dr. Matheus Teixeira de Azevedo. Os restantes logares eram occupados pelos juizes do Supremo, srs. drs. João José da Silva, Sousa Mello, Fernandes Braga e Azevedo e Silva, procurador geral da Republica.

Junto da presidencia, em segundo plano, os juizes da Relação, srs. drs. Braga d'Oliveira, Sousa Andrade, Horta e Costa, Sousa Monteiro, Eduardo Santos, Francisco Antonio d'Almeida, Pina Callado, Eduardo Magalhães, Bazilio Veiga, Nogueira Souto, Amaral Cirne, Norton de Mattos, Albergaria, com o procurador e ajudante, srs. drs. Cesar dos Santos e Carlos Quadros e os ajudantes do procurador geral da Republica, srs. drs. José de Alpoim, Costa Santos e João Eloy, todos envergando as suas togas.

O secretario do Supremo Tribunal, sr. dr. José d'Abreu, procedeu á leitura da acta da recepção, a qual estava redigida nos seguintes termos:

«Aos seis dias de fevereiro de mil novecentos e dezaseis, n'este Supremo Tribunal de Justiça, onde se achavam reunidos os seus presidente e demais juizes, o procurador geral da Republica e seus ajudantes; o presidente da Relação de Lisboa e os juizes d'este tribunal; o procurador da Republica junto d'elle e seus ajudantes; os juizes de direito das varas civeis e commerciaes; os dos districtos criminaes e de investigação criminal; os das execuções fiscaes e transgressões; os curadores geraes dos orphãos e os delegados do procurador da Republica; a fim de receber a visita de Sua Excellencia o Presidente da Republica que assim quiz corresponder á saudação e homenagem que toda a magistratura lhe prestou no dia 4 de novembro, em Belem, foi o mesmo Excellentissimo Senhor aqui recebido, sendo acompanhado pelos excellentissimos senhores presidente do ministerio e ministro da justiça, com a devida solemnidade e todo o respeito, saudando-o, em poucas palavras, o presidente do Tribunal, dignando-se Sua Excellencia responder-lhe.

E, para constar, se lavrou esta acta que vae por mim subscripta e assignada por Sua Excellencia o Presidente da Republica, pelos excellentissimos senhores presidente do ministerio e ministro da justiça, pelo procurador geral da Republica, pelo presidente da Relação de Lisboa, presidente do tribunal e por todos os demais magistrados que assim o quizerem fazer e eu José de Barros Mendes d'Abreu que o subscrevi.

Terminada a leitura d'este documento pediu a palavra o sr. dr. Abel de Pinho que pronunciou o seguinte discurso:

Ex.mo Sr. Presidente da Republica Portugueza.—Em nome da magistratura judicial aqui reunida, com esta festiva romaria, para receber a delicadeza penhorante da visita, para todos nós gratissima, com que v. ex.ª a quiz honrar, mas cujo representante tão menos agora e sempre, não tem voz e tantas ha, que souberam interpretar e traduzir a magestade augusta, o brilho, a auctoridade e o prestigio de que ella, com todas as circumstancias, precisa revestir-se para poder merecer a publica e plena consagração de todo um povo, que já saiba que tem de confiar cegamente a defeza e a segurança inviolavel dos seus direitos, ou, tendo por força, de arrancar á minha humildade algumas palavras, agradecendo, fundamente reconhecido, esta visita, saúdo no mesmo passo, com o maior respeito o primeiro magistrado da nação, como aquelle que hoje em si consubstancia toda a sua honra e a sua gloria, as suas esperanças e os seus destinos.

Tanto bastará para que nós outros, integrando na nossa funcção de magistrados um sentido mais largo e profundo do que o de meros fazedores que simbolizam de Direito e a Justiça, que n'um futuro bem proximo e transfigurarão, conduzindo todos os homens a uma era de paz bemdita, ainda que isso peze ás laminas cortantes das espadas, e ao ronco sinistro dos canhões, a não ser que um dia possam, sem crer acreditar, sem seguer poder comprehender, tanto bastará, repito, para que lhe offereçamos hoje aqui, com a maior enthusiasmo, a nossa cooperação accusada em vista do seu Ideal de venturas na plena posse d'absoluto senhor da sua independencia e da sua integridade.

Ha n'esta hora é extrema, quasi a derradeira, sombria, apavorante.

O mundo inteiro debate-se n'uma conflagração tragica, quasi inconcebivel, em que se gastam e consomem os ultimos recursos e todos os esforços se jogo a arrisca o futuro de todas as Patrias.

Pois bem. E' indispensavel salvar a honra; defender este terrão abençoado, cujo esforço, o dos seus homens, atravez do mar ululante e tormentoso, o lá, n'essas regiões longinquas e bem distantes, onde os grandes thuribulos da morte, os pantanos absorventes, mataram envenenando, tanta mocidade e tanta vida, já causou o espanto, a admiração, o assombro e a surpreza por toda a redondeza da terra.

E' indispensavel despertar a raça do somno lethargico, em que se deixou invadir; sacudil-a, espancar? as travas que a cercam e lhe roubam a clara visão das coisas e dos acontecimentos, o fazel-a emfim, reflorir nos seus sentimentos proprios, mais caracteristicos e mais queridos, tão pouco comprehendidos, os exemplos de grandesa épica, de heroismo, de abnegação e de coragem, que já tanto a honraram e distinguiram.

Ou então, se tudo isso fôr impossivel, restará ensinal-a a saber morrer, mas morrer dignamente, honradamente, honestamente, a fim de que possamos resuscitar por esse seculos em fóra ao clarão fulgurante, justiceiro e glorificador da historia immortal.

Ora é a V. Ex.ª que hoje pertence essa obra de reconstrucção, tarefa ingente, formidavel e esmagadora sem duvida, mas que o talento reconhecido de V. Ex.ª a sua cultura excepcional, a sua fé intemerata e viva, o seu patriotismo apaixonado e ardente e a sua tenacidade dura, pertinaz e inquebrantavel saberão vencer e subjugar, desfazendo e estrangulando todas as tibiezas, todos os desfallecimentos e todas as difficuldades.

Ponha V. Ex.ª n'essa obra toda a clemencia, todo o amôr e toda a bondade. Escute a dôr de todos os homens!

Palpite o coração de todos os portuguezes!

E ponderando devidamente todas as suas reivindicações e satisfazendo, com a maior generosidade, todas as que o procuram ser e reparando todos os agravos, alguns existem, desfralde V. Ex.ª aos quatro ventos o lábaro sagrado, indicando-nos o caminho da salvação, conclamando á nossa consciencia n'um apêlo solemnissimo, clamoroso, sentido, vibrante e vehemente que é tempo de todos nós atentarmos com alma, com fé e com vigor, para o futuro e para os destinos da nossa Patria amantissima. E V. Ex.ª terá conquistado a sua immortalidade.

Ao presidente do Supremo Tribunal respondeu o chefe de Estado, proferindo a seguinte allocução:

Senhor presidente!—Meus senhores!—O progresso governativo de cada povo equilla-se-a pela diminuição d'arbitrariedade e pelo acrescimo da justiça que elle conquista para o livre exercicio dos seus direitos. E' preciso que a razão collectiva dite soberanamente a lei, inspirando com o mesmo criterio a punição e o julgamento das suas transgressões.

Felizmente que hoje, graças ao puro espirito democratico das novas instituições, dentro das quaes nenhuma prerogativa, real ou ficticia, é licito contrapôr ao veridictum da opinião, todos os cidadãos portuguezes, sem excepção de ninguem, se submettem á jurisdicção dos tribunaes communs, não havendo já irresponsabilidades, nem do chefe do Estado, nem dos ministros, nem dos agentes administrativos, d'antes invocadas só d'esta falsa idéa de garantia social. O poder, emanado exclusivamente da vontade inviolavel do povo, que de per si só fórma o Estado todo, perdeu para sempre os seus abusivos privilegios. E a sancção do cumprimento da lei, seja ella qual fôr, está por completo entregue á honra da judicatura, pois que sobre a derrogação dos preceitos constitucionaes se pronuncia hoje desde a sua primeira instancia. Não se podia fazer-lhe maior credito de confiança.

A Republica, attribuindo a mais ampla alçada e competencia á magistratura judicial, quiz assim, de todo o principio, prestigial-lhe moralmente a acção disciplinadora. E de quanto mais a puder garantir-lhe as devidas condições materiaes de independencia, são prova significativa os decretos que, n'esse sentido, o seu governo provisorio se apressou a prestar ao fôro criminal.

Como seu supremo representante, tenho immensa satisfação em vir aqui pessoalmente exprimir-lhe, com o meu mais alto e devotado apreço, a fé constante e cordial da nação no patriotismo e saber d'estes proposito. Da intima communhão dos poderes publicos no mesmo desvelo pelo direito de todos, e sobretudo dos que mais necessitam de amparo e assistencia depende o proseguimento cabal da obra juridica, humanitaria e regeneradora, a que a Revolução de 5 de Outubro deu um irresistivel impulso. Por isso eu, ao presidente, as nobres palavras patrioticas, tão captivantes para mim, que v. ex.ª eloquentemente acaba de proferir, não calaram só no meu espirito agradecido; ecoarão de per todo o paiz ser acolhidas com o mais effusivo applauso.

Em seguida o chefe de Estado encaminhou-se para a sala das conferencias onde pessoalmente cumprimentou cada um dos juizos, procedendo-se ali á assignatura da acta.

A' recepção do chefe de Estado, assistiram além dos juizes a quem já nos referimos e de muitos outros os srs.:

José Maria Pestana de Vasconcellos, Macedo Magalhães, Augusto Maria de Castro, Henrique de Vasconcellos, Motta Prego, Francisco Antonio d'Almeida, Chateaubriand Baracho, Daniel Rodrigues, Miguel Tobim de Sequeira Braga, José Maria de Sousa Andrade, Eduardo Santos, Joaquim Maria de Sá Motta, Abel Mattos Silva, Assis Coelho, Antonio Mendes Gouveia, Durão, Vicente Luiz Gomes, Julio Sampaio Duarte, Joaquim d'Almeida Pinto, Carlos Lopes de Quadros, Mario Calixto, Manuel Nunes da Silva, Armando Baptista de Sousa, Germano Martins, Alberto Teixeira de Sampaio, Fernando Frederico Bartholomeu, Antonio Augusto Gomes Almeida, Francisco Antunes Mendonça, Antonio d'Oliveira Guimarães, Antonio da Silveira Montenegro, José Osorio da Gama e Castro, Alberto de Magalhães Barros, João Alfredo Macedo dos Santos, Manuel Antonio Pereira de Mattos, Guilherme Soares de Albergaria, João José da Silva, Fernandes Braga, Antonio Mario Vieira Lisboa, Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, João Maria da Rocha Calixto, Almeida Fernandes, etc.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Joaquim Costa, sem residencia, por ter furtado a Anna dos Santos, moradora na rua de S. João da Praça, 52, rez-do-chão, objectos de ouro na importancia de 50$00.

— A requisição do administrador do concelho de Bragança foi presa em Lisboa Thereza d'Assumpção, que se ausentou d'aquella cidade abandonando cinco filhos menores.

—Na Morgue deu entrada Adelaide da Conceição, que falleceu repentinamente na rua de Ferregial.

—Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada José dos Santos, morador em Torres Vedras, que ali foi victima d'um disparo com uma de fogo, indo a bala alojar-se-lhe no ouvido direito, o guarda civico 1361, José Augusto, morador na rua Barão de Sabrosa, 123, que á porta do governo civil foi attingido pela bala de um revolver disparado involuntariamente por um seu collega, indo a bala alojar-se-lhe no pé direito.

Jornalistas illustres

A advogado italiano Alfredo Cusano

Esteve hoje de passagem em Lisboa o illustre jornalista italiano Alfredo Cusano do *Jornal de Italia* e correspondente de varios jornaes brazileiros.

O notavel publicista vem da frente da batalha, onde lhe conferiram a graduação de capitão de artilharia. Visitou hoje a cidade na companhia do sr. dr. Magalhães Lima e do nosso camarada de redacção dr. José Pontes.

A'manhã *A Capital* publicará as impressões do illustre viajante sobre a «Italia no conflicto europeu».

Os acontecimentos

Presos postos em liberdade

O juiz de investigação criminal, acompanhado dos seus auxiliares, proseguiu hoje no apuramento de responsabilidades e mandou proceder a diversas diligencias.

Os presos que estavam na «Zambeze», ou sejam os operarios detidos na séde da Federação da Construcção Civil, na rua da Barroca, em numero de 17, vieram hoje para o governo civil, de onde, depois de ouvidos, seguiram para juizo, prestando termo de abonação e sendo mandados em liberdade.

Para o governo civil tambem hoje vieram, das diversas esquadras onde se encontravam incommunicaveis, a fim de serem acareados com Guilherme João Curto, o auctor do attentado da rua do Jardim do Tabaco, os seguintes presos: João de Deus Simões, que foi preso nas Portas do Sol e era portador de bombas; José Ferreira, Alberto Constantino, filho mais velho do falecido propagandista Bartholomeu Constantino, o serralheiro José Maria Tavares, Carlos de Sousa, secretario da Federação Anarchista da Região do Sul, Joaquim Gonçalves e Augusto de Mello da Silva, secretario da Federação Metallurgica.

Ao preso Manuel d'Abreu Vieira foi hoje levantada a incommunicabilidade e em liberdade foram postos Joaquim Nogueira e João de Deus Lopes.

O sr. dr. Pedro de Castro, juiz do 3.º juizo de investigação criminal, acompanhado do escrivão ajudante sr. Armando Nobre Soares, esteve hoje no Limoeiro interrogando alguns dos individuos que ali se encontram e cujos processos correm pelo seu juizo.

O funeral do guarda n.º 1531, morto quando do attentado na rua do Jardim do Tabaco, realisa-se na proxima quarta-feira sahindo o prestito da Morgue e incorporando-se toda a policia disponivel, representantes da guarda republicana e fiscal, associações de classe, montepio da policia, etc.

A cura da ANEMIA [illegible] GERAL obtem-se com a Quinarrhenina

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

O concerto de hoje foi, com a inauguração das «matinées» symphonicas no novo theatro Republica, o mais completo da actual serie.

Em primeira audição, o «scherzo» de Dukas, «L'Apprenti Sorcier»; não foi sem tal ou qual receio que vimos este numero no programma; tinhamol-o ouvido uma unica vez á Orchestra Lamoureux, com uma magistral interpretação, e a originalissima obra, d'uma tão extranha sonoridade e de tão brilhante espirito musical, deixára-nos uma funda impressão, que dez annos não conseguiram apagar. A execução de hoje, porém, mostrou-nos o infundado d'esse receio, pois a orchestra foi correctissima em todo o difficilimo «scherzo» a Blanch cabe as primeiras honras da execução, e os fagotes uma grande parte no exito obtido.

A segunda parte era preenchida pela «8.ª Symphonia» de Beethoven: não era a primeira vez que a orchestra ia nos dava a symphonia em fá, mas foi com certeza aquella em que a interpretação foi mais cuidada. O «allegretto scherzando», maravilha de humorismo musical, se bem que pequeno para Beethoven, e o delicioso «allegro» final, obra prima de graça simples, tiveram, em Blanch e na sua orchestra, interpretes condignos.

Na terceira parte, as duas grandes paginas do «Anel de Nibelung», que muito fazem parte do repertorio da orchestra: «Morte de Siegfried» e «Cavalgada das Walkyrias». A primeira, que a orchestra já nos tinha dado a ouvir executar bem, excedeu-se ainda na interpretação, que só hoje attingiu aquelle grau de tragica expressão funebre que d'ella faz o momento culminante do «Crepusculo».

A segunda teve o brilho, o fogo, o «élan», o potencial da sonoridade que a caracterisam, sem que por isso perdesse a clareza e o equilibrio.

Duas esplendidas execuções estas, que muito honram a orchestra e o seu regente, a quem o publico, que completamente enchia a vasta sala, fez uma justa e carinhosissima ovação. E, a proposito de publico, ha a observar-se que aquella compostura e solicita attenção com que era já velho habito os ouvintes assistirem, se vae infelizmente perdendo, havendo quem chegue á falta de educação e gosto de se deleitar em conversas mais ou menos intimas. Muito para desejar será que se readquiram os antigos costumes.

H. de A.

Concerto David de Sousa

O concerto de hoje no Polytheama não foi, por certo, dos melhores da serie d'este anno.

Se a «Noiva vendida», bem interpretada como foi, conseguiu enthusiasmar os mais exigentes, assim como os «Preludios», o por fim muito bem tocada a «Marcha a Luiz II da Baviera» de Wagner, em que a orchestra parecia a mesma da semana passada, o resto do programma pareceu-nos mal escolhido.

As «Impressões de Italia» de Charpentier teem belleza, sobretudo a «Serenata», em que o solo dos violoncellos resultou admiravel, a «Canção do Arrieiro» e «Napoles»; mas notou-se na interpretação algumas hesitações que devem desapparecer.

Quanto á «Symphonia Phantastica» de Berlioz, é passavelmente destrambelhada, produzindo sobre os nervos a mesma impressão que sobre os musculos uma iniciação maçonica, segundo Léo Taxil.

O publico, na sua maioria, fez-se acompanhar de muitos pares de pés, explicando-se assim a difficuldade ruidosa em se collocar na sala.

S. P.

A questão das subsistencias

Chegam a Lisboa delegados do Porto, para se resolver sobre a falta de carne

No rapido da tarde chegaram hoje a Lisboa os srs. Manuel José do Lago e Francisco da Costa Ferreira, representantes da Companhia Utilitaria Domestica, Manuel de Campos Tetino, delegado da Companhia Nacional de Talhos, e Antonio Augusto Gonçalves de Seixas e Fortunato Pereira de Sousa, delegados da Associação de Classe dos Emprezarios de Açougues, os quaes vem a Lisboa combinar a melhor forma de se attenuar a crise da falta de carne. A convite da Associação de Classe dos Cortadores Lisboetas compareceram na estação do Rocio muitos marchantes, encarregados e proprietarios de talhos, além d'outras pessoas. Saudados os recem-chegados com uma prolongada salva de palmas, seguiram todos para a séde da associação, na rua do Poço do Borratem, onde se realisou uma sessão de boas-vindas e de trabalhos preparatorios.

Presidiu o sr. Miguel Luiz Vieira, que era secretariado pelo sr. Cypriano Gonçalves. O sr. presidente, abrindo a sessão, agradeceu a gentileza do Porto enviando delegados a Lisboa para se tratar da melhor forma de pedir ao governo a entrada de gado a fim dos talhos não encerrarem as suas portas. Lido o expediente, que constava de um officio da Associação de Classe dos Emprezarios de Açougues e telegrammas dos srs. Manuel de Campos Tetino e Campos Seixas, falaram os delegados do Porto, que agradecem a homenagem que lhes fôra prestada, affirmando que todas as classes aqui representadas se encontram ao lado de Lisboa, porque as aspirações são identicas. Seguidamente usaram da palavra os srs. Coluna e Ribeiro, que se congratula com a presença da imprensa, declarando que os marchantes não pensam em deixar de matar gado desde que o governo o forneça.

Deixou-se de o fazer, porque não se podia perder mais do que se tem perdido. Para que matar se o publico não pode pagar a carne ao preço por que poderá ser vendida? Pedir-lhe mais do que se lhe pede hoje não o deve fazer? Só a união de todos pode melhorar a situação. O sr. Coluna diz que nos Açores existem 1.500 cabeças de gado e que na Guiné também ha gado em grande quantidade. Entende que o governo deve mandar vir esse gado e a crise que affecta todos, inclusivé o proprio governo. Falam ainda os srs. Carvalho, Cypriano, Monteiro, Tetino, novamente o sr. Ribeiro e por ultimo o presidente, que diz não se tratar de uma união para crear embaraços ao governo e sim se collocarem ao lado do capital e ainda muito menos crear novos encargos ao publico, «porque a associação é de operarios e com as classes trabalhadoras tem interesses ligados». E' tempo de se acabar com toda politica e de se pensar na questão das subsistencias.

E' preciso que o governo e o municipio saiba fórma das normas que tem seguido até hoje olhando a sério para o povo. Diz que ás 19 horas se realisa a eleição dos corpos gerentes e pede para que nenhum socio falte, porque á frente da direcção devem estar todos aquelles que sempre tem trabalhar. Em seguida encerra a sessão no meio de vivas aos delegados do Porto que retiram para o Francfort Hotel, do Rocio.

A'manhã reunem os mesmos delegados e a direcção da associação indo á tarde conferenciar com o governo. A reunião é ás 13 horas.

Notas de arte

Couro incisado

Iniciando o trabalho do couro incisado, caminhamos rapidamente para o modo mais encantador da ornamentação, pela modelação.

E' necessario portanto estudar progressivamente, para nos familiarisar com os ferros a empregar.

Para o couro incisado, apresento mais uns ferros: o «canivete para a incisão» fig. 3, que exige uma firmeza de mão absoluta e cuidado particular e os «ferros de abrir a incisão» fig. 4.

O couro incisado não differe quasi do couro gravado, a fóra o corte effectuado pelo canivete.

O modo de passar o desenho é o mesmo, com a differença de que pode ser interposta uma folha de papel chimico; n'este caso não se molha o couro e antes de começar os cortes é preferivel gravar os contornos, para os accentuar mais.

Como se trabalha

Com o canivete proprio, figura 3, incisa-se, isto é, corta-se com o lado do chanfre, um terço da espessura do couro, se-

Figura 3

guindo os contornos, tendo cuidado em manter a lamina inclinada perpendicularmente, amparando o canivete com a mão esquerda, para evitar sahir fóra das linhas indicadas.

O golpe deve ser dado para a frente, nunca para o lado do operador, voltando-se o couro, segundo é necessario, para que a mão que segura o canivete não se tire da mesma posição.

As linhas incisadas nunca se devem encontrar nos angulos agudos, havendo então uma leve interrupção, para evitar desastres.

As linhas interiores, que nunca devem ser incisadas, serão apenas gravadas.

Depois de molhar o couro, começa-se a abrir o golpe feito, com um dos ferros de abrir, da figura 4.

O ferro escolhido, segundo a largura que se deseja dar ao sulco, é introduzido no entalhe, para o alargar, mas sempre muito egual, e segundo o tamanho do desenho. Lustram-se os contornos, molhando bem o couro, parando nos angulos.

Em seguida com um dos «matoirs» figura 2, martellam-se os fundos, como para o «couro gravado».

A melhor pelle para este trabalho é a carneira forte, difficil de encontrar aqui no mercado, ou então, sendo para assentos de cadeiras ou coisas identicas, empregar a solla, não muito espessa.

E' necessario, antes de fazer o primeiro trabalho, exercitar-se sobre pelles sem importancia, até adquirir firmeza de mão, visto que a incisão deve ser feita, d'um golpe só, sem hesitações.

Deve haver o maior cuidado em ter sempre o canivete muito bem afiado.

Os desenhos a empregar são o ornato mais ou menos composto e qualquer flôr estylisada, de traço largo.

Depois do trabalho concluido, é pintado com as tintas apontadas para o couro gravado, quando sejam objectos pequenos e com as «patines» quando seja applicado a fundos ou costas de cadeiras, etc.

A patine

O que é a «patine»?

Não encontro traducção adequada e por sempre se empregar este nome na arte do couro, o adoptaremos tambem.

A patine é a pintura do couro, por meio de acidos:

O trabalho sem colorido, sobre couro natural, perde metade do seu valor.

Em geral, quando se procura imitar um objecto d'arte, deve-se necessariamente obedecer ao estylo antigo e dar-lhe o aspecto da epoca que se reproduz.

A «patine», não é mais do que um colorido geral por transparencia e não uma pintura com detalhes, baça e grossa, que tiraria a flexibilidade ao couro.

E' este trabalho que tem alcançado grande exito no estrangeiro, onde é muito apreciado.

As côres empregadas dividem-se em colorantes e em descolorantes.

As primeiras dão côr ás diversas pelles; as segundas tiram-a.

Para dar ao couro trabalhado de qualquer forma, um colorido artistico, teem as amadoras á sua disposição uma variedade de combinações ao alcance de todos. São elles os productos chimicos seguintes:

1.º—Sulfato de ferro.
2.º—Bi-chromato de potassa.
3.º—Soda caustica.
4.º—Potassium.
5.º—Permanganato de potassa.
6.º—Pyrolignito de ferro.
7.º—Perchloreto de ferro.
8.º—Acido picrico, etc.

Todos estes productos já se encontram preparados e nunca se devem empregar sem experimentar prévîamente sobre qualquer bocado do couro.

1.º—Sulfato de ferro.

E' composto de crystaes.

Esta dose concentrada, deve ser empregada diluida com agua pois endurece o couro e enegrece-o bastante.

Produz um cinzento azulado muito escuro. Póde ser applicado com uma esponja sobre o couro quando sejam superficies grandes a colorir.

Projectando acido oxalico, que é descolorante, emquanto o sulfato está humido, pode obter-se na parte tocada, um cinzento mais claro, em esbatidos.

2.º—Bi-chromato de potassa.

Emprega-se a 60 por 1.000.

Serve apenas para o trabalho de esbatidas, chamado em termo de «patine»: «Raciné». Empregado só dá tons desagradaveis e sujos.

3.º—Soda caustica, potassium, permanganato de potassa.

Porduzem cada um, de per si tons castanhos, muito bonitos, mas a soda caustica e o potassim queimam o couro, se forem empregados em dose muito concentrada.

Cada couro toma um tom differente, conforme a fabricação, por isso deve-se experimentar sempre primeiro.

O permanganato que dá um lindo roxo quando se emprega, fica castanho depois de secco.

4.º—Pyrolignito de ferro.

Produz bellos tons cinzentos, desde o

Figura 4

Gris Perle ao tom mais negro, segundo a sua concentração.

5.º—Perchloreto de ferro.

Dá egualmente uma bonita côr cinzenta, diluido com bastante agua, senão produz um lindo preto.

6.º—Acido picrico.

Serve para tons amarellos. Misturado com pyrolignito de ferro dá um verde muito apreciado.

Os descolorantes

São os acidos que tiram o colorido ao couro, para attenuar as «patines».

São: acido chlorydrico, acido sulfurico, acido oxalico, acido nitrico e hypochlorito de soda.

1.º—Acido chlorydrico. 2.º—Acido oxalico.

Estes dois producto diluidos, tiram a côr dada pela soda caustica, o potassium e o permanganato.

3.º—Acido sulfurico. Muito perigoso na sua manipulação. Tem as mesmas propriedades do que os procedentes.

Nunca se deve deitar agua no proprio frasco, porque poderia explodir.

N. B.—O acido sulfurico deve ser deitado na agua e nunca a agua no acido.

4.º—Acido nitrico. Tem os mesmos inconvenientes.

5.º—Hypochlorito de soda. Ataca apenas algumas côres.

Todos estes acidos são empregado com pincel duro.

Luiza de Sousa

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — Não ha espectaculo.
REPUBLICA — Não ha espectaculo.
TRINDADE — A's 21 — El-rei damnado.
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO — A's 21 — O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
PHANTASTICO — A's 20,30 e 22,30 — Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Recita da moda — Manon.

Agenda da semana

QUARTA-FEIRA — **Nacional** — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria* peça do Ramada Curto.

Primeiras representações

REPUBLICA — Samsão, em festa artistica de Augusto Rosa.

Jacques Brachard reappareceu hontem novamente no palco aristocratico do Republica. Estava ainda na memoria de todos a interpretação recente de Guitry. Tanto basta para se poder calcular com quanta anciedade metade, pelo menos, do publico que assistiu á festa artistica de Augusto Rosa, correu ao theatro resurgido das cinzas para poder estabelecer o confronto entre o grande actor francez e o illustre comediante portuguez, que não tem que pedir benevolencias a ninguem para ser considerado uma verdadeira gloria da scena d'este paiz. Não vi Guitry no «Samsão». Mas tive ensejo de assistir ao seu trabalho no «Assalto». Os dois papeis parecem-se. Em ambas as peças o personagem principal é um homem que lucta. N'uma vence e triumpha. Na outra resigna-se, depois de, pelo seu esforço titannico, se rehabilitar e confundir os inimigos. Guitry deve ter feito o «Samsão» como fez o «Assalto», respeitadas, é claro, as differenças psichologicas dos tipos que encarnou. Jacques Brachard, por isso, interpretado pelo creador da galeria de personagens estranhas de Bernstein, deve resultar uma coisa secca, hirta, fria, á força de ser sobria, medida, raciocinada e pensada. E será isso o tipo idealisado e delineado pelo judeu de talento a quem os da «Action Française» quasi lincharam por causa do «Après-moi»?

Eu creio que não. Já no «Assalto», Augusto Rosa é mais humano, mais verdadeiro, mais impetuoso do que Guitry. No «Samsão», essas qualidades do illustre actor devem accentuar-se mais. E accentuam-se. No terceiro acto, sobretudo, e no quarto, o seu trabalho é riquissimo, e não haverá decerto quem, de boa fé, possa dizer que a alguem, seja quem fôr, é dado fazer muito mais ou muito melhor. E o publico que vira o ultimo Jacques Brachard gaulez assim o affirmou hontem, dispensando ao principe dos actores portuguezes ovações cheias de enthusiasmo e—para que não dizel-o?—de absoluta justiça. Augusto Rosa dá ao principal personagem do «Samsão» um tal vigor e uma tal exuberancia, que a cada passo se adivinha, no seu Brachard, o misero que sahiu de Marselha, do bairro infamado que o povo conhece pelo «Covil dos Ladrões», e soube, só por amor d'uma mulher, fazer-se rico e fazer-se temido, fazer-se odiado...

E' bom que os grandes lá de fóra, quer se trate d'actores, d'escriptores ou de pintores, encontrem entre nós a admiração que merecem. Mas é muito mau que se vá além d'isso, esquecendo-se lamentavelmente o que é nosso e é, bastas vezes, ouro de lei. E para collocar ao lado de Guitry, se não nos sobram genios, temos, pelo menos gloriosos comediantes como Augusto Rosa, que todos nós, os que estimamos o que é nosso, devemos exaltar, não para os impôr, porque d'isso não precisam, mas para que o grande publico os estime e admire como elles merecem. A verdade é esta, e porque o é, dizel-a só fica bem a quem tenha a coragem de affrontar com ella snobismos inconsistentes, que o mais ligeiro bafo de bom senso deita por terra.

No «Samsão», o papel de Maximiano, creado por Henrique Alves, foi tambem confiado a Robles Monteiro que, nem por ser actor novo, deixou de presentir a linha benevola, elegante e frivola do personagem. Foi pena que, no primeiro acto, sobretudo, não lhe desse um pouco mais de energia, de calor, de vida, emfim. Anna Maria, teve por interprete Angela Pinto. O seu talento soube, aqui e alem, «morder» o papel. O seu esforço, para acertar, foi grande. E, em geral, consegui-o. Carlos d'Oliveira reproduziu o seu trabalho primitivo. Emilia d'Oliveira, Raphael Marques, Chaby e Barbara, bem, evidentemente. Augusto Rosa foi obsequiadissimo e felicitadissimo.

A. M.

POLITHEAMA—O cão do commissario, tres actos, arranjo de Eduardo Garrido.

Peça de Carnaval. Uma embrulhada innarravel, mas que faz rir o menos atreito a cocegas. Remedio santo para os vencidos da vida, para os neurasthenicos, para os que, não se preoccupando com o problema das subsistencias, tenham preoccupações d'outra especie que lhes amargurem a alma. Sob determinado aspecto, a comedia-farça de Weber, arranjada por Eduardo Garrido, pode tambem considerar-se um terrivel concorrente do famoso cinturão electrico... Ha mulheres graciosamente vestidas e ainda mais deliciosamente despidas. «O cão do commissario» não se pode contar e não se deve ir ver, segundo o nosso respeitavel collega «A Ordem», mas o certo é que estava hontem muita gente no Politheama, não faltando as senhoras, e que todos riram estrondosamente e ninguem se retirou estomagado.

O bom Garrido, de alegre memoria, polvilhou a farça de trocadilhos, em que era mestre. O desempenho, cheio de animação e movimento, é digno de nota, principalmente por parte de Etelvina Serra, Antonio Sarmento, Othelo de Carvalho e Clemente Pinto. As damas com roupas de baixo muito garridas e vistosas. A peça bem ensceneda por Ignacio Peixoto. O carnaval nos theatros começou, pois, pelo Politheama...

A. do A.

Boatos e informações

Entre nós

Vasco Mendonça Alves está trabalhando n'uma peça intitulada «S. Paulo».

—O actor Chaby Pinheiro fará a sua recita no theatro Republica com a «reprise» da peça de Angier «O genro do sr. Poirier».

—Depois do Carnaval a revista «O dia de juizo» será ampliada com um quadro novo.

—Na recita que se projecta fazer em beneficio da viuva e filhos de Xavier Marques será representada uma comedia intitulada «O quarto n.º 13» escripta por treze escriptores dramaticos.

—Na proxima recita da Escola de Arte de Representar dedicada a Schwalbach e em que serão representados originaes d'aquelle illustre escriptor, Augusto de Castro fará uma conferencia.

—No theatro Apollo, antes da partida para o Brazil, será posta em scena uma revista de Simões de Castro e Augusto Véras.

—Hoje, no Colyseu dos Recreios, como já dissémos, canta-se o Othello. Amanhã, em recita da moda, a «Manon», de Puccini.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Centro Republicano 5 d'Outubro

Festa em favor do seu cofre escolar

No theatro da Trindade realisa-se na noite de 21 uma recita, digna a todos os respeitos de ser recommendada. Trata-se de uma festa de beneficencia, porque o seu producto reverte em favor do cofre escolar do Centro Republicano 5 de Outubro.

Prestam o seu gentil concurso os sempre acclamados artistas Virginia e Lucinda do Carmo, Queiroz e Antonio Pinheiro, cujos nomes só de per si n'um cartaz são garantia segura d'uma enchente á cunha.

Os poucos bilhetes que restam pódem ser adquiridos na séde do Centro, praça das Flôras, 82, 2.º.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Liga dos Officiaes da Marinha Mercante—Do Boletim mensal d'esta Liga sahiu o n.º 23, correspondente ao mez corrente, tratando de interessantes e variados assumptos, cujo conhecimento muito aproveita aos que á marinha mercante se dedicam.

Procural.—D'esta revista forense mensal sahiu o n.º 4 do 3.º volume. Entre diversos assumptos de que trata traz «Uma critica á justiça moderna» e o discurso lido na Associação dos Tabeliães pelo sr. Tavares de Carvalho.

Movimento maritimo

Africa Oriental, «Loanda»	7
Brazil e R. da Prata, «Gelria» (Amst.)	7
Madeira e Canarias, «Ardeola» (Liv.)	7

21 officiaes. Entre estes havia professôres, empregados commerciaes e um estudante de theologia.

Na Alsacia, o avanço dos francezes foi, em abril, impedido pelas tormentas de neve, mas apezar do mau tempo o general Dubail avançou. Por muitos motivos, era prudente não dar ao inimigo repouso n'aquella região. Na Alsacia os francezes estavam em contacto directo com a população civil allemã. As derrotas na Belgica e na França podiam ser occultas aos vassallos do kaiser e até mesmo transformadas em victorias pelos escribas assoldadados. Mas, se os allemães fôssem derrotados nas encostas orientaes dos Vosges nas planicies da Alsacia ou nas margens do Rheno, a noticia podia espalhar-se pela Allemanha.

A travessia, mesmo, do Rheno entre Bâle e Strasburgo podia ser uma operação estupenda. Mas antes da Allemanha ter de ajoelhar a seus pés, os alliados queriam provavelmente atravessar o rio. Estavam ahi a poucos kilometros de distancia d'elle. Em todos os outros pontos estavam separados da fronteira natural da Allemanha por rios, outeiros, bosques, posições entrincheiradas e fortalezas.

O primeiro passo para chegar ás planicies da Alsacia e ás margens do Rheno era o assenhorear-se dos valles no lado allemão dos Vosges. Durante a primavera e o verão, especial attenção foi concedida aos valles do Ill e do Fecht. A 26 d'abril, o Hartmannsweilerkopf, que dominava as communicações dos valles de Ill e do Thur, foi de novo theatro de lucta deveras violenta.

Foi, comtudo, mais ao norte, no valle do Fecht e nas montanhas que o cercavam, que o principal esforço dos francezes foi feito. O seu objectivo era descer o valle e alcançar Münster e o caminho de ferro que servia as linhas ferreas e as estradas que conduziam á cumiada dos Vosges. No decorrer da campanha nas montanhas deu-se um episodio extremamente heroico.

A 14 de junho, uma companhia de caçadores viu-se isolada. Cercados pelos allemães, não quizeram render-se, formaram um acampamento em quadrado e preparavam-se para se defender até ao ultimo homem. Atacados de baixo, de cima e dos flancos, sustentaram-se até ao dia 17, em que foram soccorridos. Como tivessem poucas munições, os caçadores recorreram aos processos dos tempos primitivos, fazendo desabar sobre o inimigo grandes rochedos.

O incidente da defeza d'esse acampamento basta a mostrar a transformação operada nos methodos da guerra. Os caçadores foram salvos por granadas disparadas pela artilharia franceza a muitos kilometros de distancia.

Emquanto se dava esse incidente, o avanço para Fecht e a ascensão das montanhas que dominavam o valle proseguiam.

A 15 e 16 de junho, o cume do Braunkopf foi tomado e o Anlass atacado. Do Braunkopf, os caçadores tornearam Metzeral pelo norte. Os allemães deitaram fogo á cidade, que ardeu durante a noite de 21 para 22. A tomada de Metzeral obrigou o inimigo a retirar e todo o valle do Fecht até Sondernach cahiu em poder dos francezes.

Em julho e agosto, o Lingenkopf e o Schratzmännele foram tomados. Do cume do ultimo, que foi varrido de allemães a 22 d'agosto, as tropas francezas viam abaixo de si o valle de Münster, a planicie da Alsacia e a cidade de Colmar.

O generalissimo Joffre estava em situação de tomar, se quizesse, a offensiva nas planicies da Alsacia. O facto d'elle ter aberto muitas das portas que davam para a perdida provincia era de grande importancia. Obrigava os allemães a conservarem grandes forças longe das regiões—Champagne Pouilleuse e Artois—onde o generalissimo francez ia vibrar um grande golpe no fim de setembro.

tro os allemães oppuzeram viva resistencia. Durante a noite, tendo a chuva abrandando um pouco, os francezes repelliram á bayoneta os allemães palmo a palmo.

Quando rompeu o dia, muitas centenas de metros de trincheiras haviam sido tomadas e aprisionados muitos officiaes e soldados, mas os allemães ainda resistiam. Os contra-ataques succediam-se. A artilharia franceza apoiava efficazmente a infantaria. Uma carga furiosa dada

Major-general inglez Charles Monro, que tomou parte nas operações dos Dardanellos

pelos allemães ás 5 horas da manhã do dia 7 nada conseguiu. Mais tropas vieram para ali de Combres. As shrapnels faziam-nos recuar, mas os francezes tambem recuaram n'um ponto.

O general francez que dirigia as operações mandou avançar immediatamente tropas frescas. A's 9 horas da manhã do dia 8 a offensiva foi retomada.

Dois regimentos d'infantaria e um batalhão de caçadores receberam ordem para se apoderarem do cume. As coronhas das espingardas estavam cheias de lama e os homens só podiam contar com as bayonetas. Uma hora depois, o cume e a encosta occidental estavam em seu poder. Avançaram para o lado oriental, derrubando os parapeitos das trincheiras allemãs.

A' meia noite, apoz quinze horas de combate ininterrupto, todo o cume, excepto um pequeno triangulo na extremidade oriental, tinha sido conquistado. Mil e seiscentos metros de trincheiras haviam sido perdidos pelos allemães, assim como o formidavel bastião no cume, que era a chave da posição.

Ambos os lados estavam ainda por varrer na manhã de 9 e outro regimento francez chegou pouco depois do meio dia. Tinha levado quatorze horas para subir os lodosos carreiros. A's 3 horas da tarde os francezes mais uma vez atacaram, no meio de um furacão de vento e de chuva. O terreno na sua frente estava atulhado de fundos reductos, mas, cobertos pelo fogo da sua artilharia, approximaram-se dos ultimos refugios do inimigo.

De subito, o cume do outeiro foi envolvido pelo nevoeiro. Os canhões francezes ficaram silenciosos, o inimigo contra-atacou e os francezes recuaram. Os seus officiaes incitaram-nos a fazer um novo esforço e elles de novo avançaram. A's 10 horas da noite occuparam toda a elevação e o cume de Eparges.

Durante o dia 10 não houve lucta, mas na noite de 11 para 12 d'abril os allemães deram um ultimo contra-ataque, que foi repellido.

Assim se effectuou a tomada de Eparges.

Ao mesmo tempo que os francezes iniciavam o ataque final a Eparges, atacavam tambem o lado sul do vertice do saliente de St. Mihiel, apoderando-se do bosque de Ailly, na orla da floresta de Apremont.

Essa pequena acção demonstra de um modo inilludivel a natureza da grande lucta que durou durante alguns mezes desde La Bassée para o sul até á região de Compiègne, de Compiègne para leste ao longo das margens do Aisne até Berry-au-Bac, d'ahi para sudeste até aos arredores de Reims, de Reims para leste atravez da floresta da Argonne até Ver-

dun, de Verdun, de novo, em direcção sul, em redor de St. Mihiel a Pont-à-Mousson, d'ahi, pela abertura de Nancy, aos cumes dos Vosges.

Uma descripção do conflicto habilitará o leitor a entender com que esforço, com que risco e com que soffrimento humano cada passo para a libertação da França foi dado.

A estrada para St. Mihiel corre a oeste do bosque de Ailly, transformado agora n'um montão de troços atravessados por linhas irregulares de trincheiras. Entroncando n'essa estrada sahia um carreiro que conduzia a Apremont. N'esse entroncamento ou bifurcação, se assim lhe quizermos chamar, os allemães haviam erguido uma importante obra fortificada.

D'ahi uma trincheira corria a norte parallelamente com a estrada de St. Mihiel e outra para leste parallelamente com a estrada para Apremont. Essas duas trincheiras eram ligadas por detraz da fortificação por duas outras, atravessadas por uma trincheira de communicação correndo na retaguarda para a orla nordeste do bosque.

A palavra trincheira mal dá idéa das profundas excavações, cobertas n'alguns logares, que os allemães haviam construido.

O processo francez de preparar o ataque era quasi tão scientifico como uma moderna operação cirurgica. Os canhões de «75» abriam largas brechas nas vedações d'arame farpado, que teem mais de 36 pés de profundidade e 6 de altura; os canhões de «155» desmoronavam as plataformas cuidadosamente occultas das metralhadoras allemãs. O effeito do bombardeamento francez póde deduzir-se do seguinte extracto d'uma carta incompleta d'um bavaro feito prisioneiro:

«A's 7 horas da manhã, os francezes iniciaram um terrivel bombardeamento, principalmente com a sua artilharia pezada e com granadas tão grandes como pães d'assucar... Depois d'essa tempestade de fogo durar cerca de uma hora uma mina explodiu e arremeçou a nossa trincheira aos ares, perdendo nós 30 homens. Grandes penedos cahiram sobre nós, matando e sepultando muitos soldados. O bombardeamento augmentou de intensidade. O ar estava cheio de balas shrapnels e de estilhaços de granadas explosivas e a accrescentar a isto veiu um terrivel fogo de fuzilaria da infantaria e das metralhadoras.

«Tomei parte em muitas acções, mas essa batalha de cinco dias excede tudo o que jámais vi. Para augmentar as nossas provações, choveu incessantemente, e o pezado, plumbeo céu e o ar carregado de humidade condensavam o fumo de modo que com difficuldade podiamos vêr».

Os maiores cuidados haviam sido tomados pelos commandantes francezes para assegurar o exito. «O coronel—diz um soldado que estava presente—mostrou a cada um de nós a arvore detraz da qual nos deviamos abrigar». A infantaria franceza incluia sapadores e mechanicos. Pontes ligeiras haviam sido preparadas pela engenharia para lançar atravez das trincheiras.

Finlmente, a 5 d'abril, o signal para o avanço foi dado. Em trez ondas os francezes, confiando só nas bayonetas e nas granadas de mão, avançaram. A infantaria recebera ordem para passar pelas pontes e descer ás trincheiras, que deviam ser varridas pelas tropas de apoio. As duas companhias atacaram as trincheiras na estrada de St. Mihiel, mais duas do que as do lado d'Apremont. Depois de ter atravessado o bosque, o batalhão estava unido. A obra fortificada no saliente do bosque tinha sido destruida pela artilharia.

As trincheiras na estrada St Mihiel foram tomadas á primeira investida e as trincheiras allemãs á retaguarda foram alcançadas, estabelecendo-se ahi os francezes. As duas companhias que deviam tomar os entrincheiramentos allemães no carreiro d'Apremont a principio foram egualmente bem succedidas, mas, apanhadas de flanco pelo fogo

de metralhadoras occultas foram obrigadas a recuar. A sua retirada arrastou a das companhias que estavam na frente da estrada de St. Mihiel. Mas a obra fortificada e a primeira linha, e algumas das trincheiras da segunda linha ao norte de aquella foram conservadas e guarnecidas com metralhadoras.

Um contra-ataque pelas 4 horas da tarde foi repellido, principalmente pela artilharia franceza. A lucta proseguiu durante a noite e ao romper do dia, a 6 d'abril, os francezes estavam de posse da linha. Novos ataques foram organisados contra a posição allemã, que degeneraram n'uma lucta corpo a corpo á bayoneta e á bomba. Os allemães pelejaram com bravura, mas não puderam resistir e quando anoiteceu todo o saliente do bosque estava em poder dos francezes, que tinham avançado um pouco na estrada de St. Mihiel.

Toda a guarnição allemã havia sido morta, ferida ou aprisionada. Só no dia 8, depois d'um descanço de dois dias, é que os allemães se atreveram a contra-atacar, sem resultado, porém.

Os francezes mantiveram e consolidaram a sua posição.

A tomada do bosque de Ailly foi um recontro semelhante a muitos outros que se deram no lado sul do saliente de St. Mihiel. Houve lucta na floresta de Apremont, no bosque de Montmare e no bosque Le Prêtre, o qual fica exactamente a oeste do Mosella e foi denominado pelos allemães o «bosque da morte» e o «bosque das viuvas». Para esse bosque os allemães trouxeram constantemente tropas de Metz, mas os francezes desalojaram-nos d'ahi gradualmente, chegando em maio á orla norte. D'essa posição podiam ameaçar as communicações de Metz com Thiaucourt ao longo do estreito valle de Rupt de Mad.

Ao sul de Pont-à-Mousson, no Mosella, atravez da abertura de Nancy até os cumes dos Vosges, a linha franceza na primavera, no verão e no principio do outomno não soffreu, por assim dizer, mudança. Em redor de La Fontenelle, em Ban-de-Sapt, os allemães tomaram a offensiva em abril e junho. A leste de La Fontenelle a engenharia franceza tinha, na cota «627», erigido uma fortaleza semelhante á dos allemães no cume de Eparges.

O inimigo, não a podendo tomar, recorreu ás minas, mas foi um processo vagaroso, porque o sub-solo era constituido por grandes rochedos. Apesar d'isso, com a tenacidade da sua raça, os sapadores allemães abriram galerias por debaixo das obrs francezas. Os francezes contraminaram e de 6 a 13 d'abril deu-se uma série de combates subterraneos.

Os sapadores inimigos avançaram, mas foram batidos por uma galeria de communicação que tinha sido minada, a qual foi pelos ares. Durante toda a noite de 13 d'abril ouviu-se os officiaes allemães aconselhando os seus homens a renovarem o ataque, ao que se recusaram, preferindo morrer.

A 22 de junho, outro ataque, d'essa vez coroado de exito, foi dado contra o outeiro. A satisfação que essa façanha causou aos allemães evidencia-se n'uma ordem do general commandante da 30.a divisão bavara. «Confio—dizia elle—em que a elevação de Ban-de-Sapt (nome dado pelos allemães á cota «627») será transformada com a menor demora possivel n'uma fortaleza inexpugnavel e que os esforços dos francezes para a retomarem serão sangrentamente repellidos».

O general rapidamente perdeu as illusões. A's 7 horas da tarde de 8 de julho, apoz um violento bombardeamento, uma columna franceza avançou atravez das cinco linhas de trincheiras e tomou o «block-house» que havia no cume. Outra columna atacou as trincheiras inimigas da esquerda e cercou a cota pelo lado de leste. Uma terceira columna, por uma vigorosa demonstração, deteve o inimigo que atacava o flanco direito francez. Dois batalhões da 5.a brigada de ersartz bavara haviam sido mortas ou aprisionadas. O numero de prisioneiros foi de 881, incluindo

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1977—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 7 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A justiça na Republica

A cerimonia hontem realisada no Supremo Tribunal de Justiça teve um notavel significado. Dos poderes que a Constituição estabelece o legislativo e o executivo dependem da eleição. O poder judicial, tendo de cumprir e fazer cumprir as leis, é independente da eleição. Basta esta circumstancia para dar a medida da sua importancia e dos altos deveres que lhe correspondem.

As sociedades modernas estribam-se na noção juridica. Ai d'aquella a que essa noção falte, ou que, no poder encarregado de a definir e applicar, não encontre uma segurança absoluta da execução das leis, em que as liberdades publicas se consignam! A funcção do poder judicial é magestosa. Tem de ser irreprehensivel no seu zelo e na sua dignidade.

Precisamente para accentuar o caracter tão elevado d'essa instituição, o sr. presidente da Republica, legitimo representante da soberania popular, verdadeiro symbolo da Republica e da nação, entendeu prestar-lhe a sua homenagem, indo agradecer, pessoalmente, á séde do seu tribunal supremo, os cumprimentos que a magistratura lhe apresentou. Nunca, nos tempos da monarchia, o poder judicial foi assim honrado. E esse acto do sr. presidente da Republica só o honra, só o exalta, demonstrando quanto elle venera a justiça, como a propria democracia a venera, reconhecendo n'ella a base das suas fecundas e nobres conquistas.

O discurso do sr. Abel de Pinho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, constitue tambem uma demonstração das elevadas noções que a magistratura portugueza tem da sagrada missão que lhe cabe desempenhar. As suas palavras representaram uma calorosa apologia do direito e da justiça. As horas de violencia que passam não entenebrecem a fé que n'esse direito e n'essa justiça deve ter a humanidade, considerando um e outra como as chaves d'um destino de paz, de felicidade e de progresso. Mas o sr. dr. Abel de Pinho ainda quiz exprimir mais uma profunda convicção, a de que o paiz caminhará com segurança para os grandes ideaes que norteiam a sua alma e a sua consciencia, confiando em que o sr. presidente da Republica, pelos elevados dotes do seu caracter, da sua intelligencia, da sua cultura e do seu accendrado patriotismo poderá, melhor do que ninguem, guiar a nação na vereda da sua prosperidade e da sua gloria.

O chefe do Estado respondeu exprimindo uma convicção analoga. As virtudes das democracias, os seus principios de direito, de justiça e de liberdade, a identificação absoluta da Republica com a Patria, inspiraram-lhe affirmações revestidas d'uma nobreza que devem resoar sympathicamente no coração de todos os patriotas.

A Republica segue o seu caminho com firmeza e serenidade. Quando mais se converterem em actos de pura democracia os admiraveis principios de que ella deriva, melhor se estabelecerá a harmonia social que é indispensavel a todas as sociedades para trabalharem, para progredirem material e moralmente, executando aquella obra de progresso que é não só uma necessidade como uma imposição do espirito moderno.

Esses actos honram o nosso paiz, dão-lhe um aspecto de civilisação superior, que é o que deriva das praticas bem entendidas da liberdade, para a qual o reconhecimento dos direitos e dos deveres constituem a base essencial. Se ha quem deprecia a Patria, quem procure aviltar a Republica, com estes actos ella demonstra que está muito acima d'esses ataques desleaes e traiçoeiros, glorificando, com os seus gestos e as suas attitudes, a Patria que n'ella encarna as suas esperanças e que lhe confiou os seus destinos.

Poeira da Arcada

Os turcos não desistem da expedição ao Egypto, porque desejam apoderar-se do canal de Suez, ferindo assim o commercio britannico. Chama-se isto um golpe de mestre. Como elles, porém, teem de repartir as suas tropas por umas trez ou quatro frentes de batalha, quando se decidirem a effectivar o seu proposito, talvez a primavera já desperte nas arvores ignoradas seivas pagãs. E os turcos atravessarão o deserto, em demanda do Nilo que é um rio de tentações e sortilegios.

Se o não puderem alcançar, elles pensarão comsigo que o successo ou insuccesso de uma empreza não altera o seu destino. E como são fatalistas, achar-se-hão fortes na adversidade. D'esta força lhes advirá animo para novos desastres. Quando a Turquia acabar, o seu ultimo arranque será ainda um nobre acto de fé.

* * *

Em Silva Escura—que lindo nome para uma elegia!—o povinho foi bater á porta dos lavradores adormecidos, para lhe dizer que a fome andava á solta pelo povoado.—«Que os não molestassem, porque se sentiam bem com a sua consciencia e com os moios de milho que guardavam, á espera de uma venda fartamente lucrativa».—«Accordem, senhores lavradores, aliaz tereis de entender-vos com uma justiça tão recta que, por onde ella passa, até as torres das egrejas tremem e se curvam!»—Não bastou mais. Tão simples ameaça fez sahir dos celeiros os cereaes. E ainda ha quem julgue que não ha eloquencia n'esta terra!

* * *

Garrett que, nos Jeronymos, repousa um pouco á mercê dos ratos e das teias de aranha, vae receber uma corôa de louros—homenagem da Commissão que no Porto trabalha para lhe erguer um monumento digno da sua gloria. Bello gesto, não ha duvida. Emquanto os vivos se fazem a guerra dos adjectivos injuriosos, os mortos, ao menos, conservam a sua mortalidade ainda venerada por pessoas que sabem que sobre um tumulo nem todos os sacrilegios são permittidos.

Especulação monarchica

O sr. D. Manuel em casa do sr. Asquith

O sr. D. Manuel de Bragança e sua esposa estiveram jantando em casa do sr. Asquith que convidou o ex-soberano para almoçar tambem n'um dos dias immediatos.

O sr. Asquith, primeiro ministro inglez, já era, antes da mudança de regimen no nosso paiz, amigo pessoal do sr. D. Manuel de Bragança, que, como todos sabem, é parente da familia real britannica, membro da ordem da Jarreteira e escolheu a Inglaterra para sua residencia.

O facto passaria sem reparo de maior, se a imprensa monarchica não especulasse com elle, procurando dar-lhe uma singular significação.

Ora a verdade é que, se das relações pessoaes do sr. Asquith com o sr. D. Manuel os partidarios d'este pretendem inferir que o primeiro ministro inglez patrocina o soberano deposto nas suas pretenções á reconquista do throno, tambem muitos republicanos portuguezes são levados a ver uma estranha duplicidade na attitude da Inglaterra que, reconhecendo a Republica e mantendo com ella excellentes relações, ao mesmo tempo agasalha com particular carinho, por intermedio do primeiro ministro, o representante das instituições extinctas.

Essa duplicidade é mais apparente do que real. O sr. Asquith não pode confundir-se com o povo inglez nem, quando tem em sua casa a jantar o sr. D. Manuel e a princeza allemã, que é sua esposa, recebe esses distinctos hospedes na qualidade de primeiro ministro effectivo, mas simplesmente como antigo amigo do principe exilado. O sr. Asquith não representa de modo algum, em tal occasião, o governo a que preside, que não ha o direito de censurar por causa das sympathias individuaes do seu presidente, embora ellas se exteriorisem por forma que se presta a especulações...

A Inglaterra, n'este momento, tem mais em que pensar do que na satisfação dos desejos do sr. D. Manuel de Bragança, se é que elle ainda hoje crê na possibilidade do seu regresso a Portugal que abandonou, pela fuga, ha quasi seis annos...

A questão das subsistencias

Reclamando contra uma medida da auctoridade administrativa

BEIRA, 6.—Por telegramma hoje dirigido ao governador civil de Portalegre foram reclamadas immediatas providencias por n'esta localidade não haver pão e estarmos á mercê da auctoridade administrativa, que até ao dia 10 não quer passar guias para os padeiros se fornecerem do trigo sufficiente para o consumo local.

Além d'isso, consta que a camara e o administrador do concelho mandam buscar ámanhã os 7.000 litros de trigo que aqui existem, medida que se não comprehende. Os proprietarios não podem vender mais do que a tabella, allega-se; mas as auctoridades, levando d'aqui o trigo para a séde do concelho, a 11 kilometros de distancia, forçam-nos a pagar as despezas com a remoção para lá e com o regresso.

Constitue-se uma commissão para obter o trigo necessario para o consumo local, mas o que não póde permittir-se é que ella saia d'aqui.

Esperamos providencias.

EM TORNO DA GUERRA

A doença de Guilherme II

Como um jornalista estrangeiro viu o imperador—De que soffre o kaiser—Para que servem as noticias falsas sobre o seu estado

Vi o kaiser.

No sabbado 15 de janeiro, quando a imprensa de todo o mundo inseria telegrammas annunciando que o imperador estava gravemente enfermo, Guilherme II dirigia-se para um almoço que lhe era offerecido pelo sr. dr. Bethmann-Hollweg. Esse almoço revestia o aspecto de um grande conselho imperial. Assistiam a elle: o subsecretario de Estado dos negocios estrangeiros, sr. Jagow; o governador geral da Belgica, von Bissing; o governador geral da Polonia, o director geral do Reichsbank, os chefes do estado maior general do exercito e da marinha e o famoso sr. Krupp von Bohlen.

Como se vê, não se tratava de um almoço intimo, improvisado á ultima hora, mas de uma especie de banquete, incontestavelmente preparado com muita antecipação.

No dia seguinte, domingo 16 de janeiro, espalhou-se logo pela manhã o boato entre o publico de que o kaiser partiria n'esse mesmo dia para a Bulgaria. Juntou-se, por isso, uma enorme multidão em torno da gare de Potsdam, ao passo que uma não menor quantidade de gente se juntava nas immediações do palacio real.

Fui até o palacio.

A' hora marcada, abriram-se as portas gradeadas do castello e o cortejo imperial, exclusivamente composto de automoveis, surgiu. O kaiser vinha na segunda carruagem. O publico, ao vêl-o, descobriu-se, agitou os chapeus e ergueu vivas. Por minha parte, olhei com avidez para aquelle homem sobre quem n'este momento tantas attenções estão fixadas. Guilherme II pareceu-me tal qual o apresentam os mais recentes retratos: o cabello todo branco, o rosto extraordinariamente pallido, as feições cançadas, amortecido o olhar, os ossos do rosto salientes, as maçãs angulosas e duras.

N'um pequeno grupo de pessoas que estavam na minha rectaguarda esclamaram, em voz baixa:

—Que ar fatigado elle tem!

E uma mulher em voz mais alta:

—Soffre do coração!

O que outra, agitando um masso de brochuras, que tirou da sua maleta, confirmou:

—Sim, soffre do coração... Leia isto e verá porque soffre elle do coração...

E pela modica somma de 20 pfennings poz-se immediatamente a distribuir á sua volta a brochura que desappareceu n'um abrir e fechar de olhos.

Comprei uma. Conservei-a. Tenho-a sob os olhos ao escrever estas rapidas notas. E' uma brochura extraordinariamente curiosa que tem o titulo extravagante: *Die tragik in des kaisers leben* (A tragedia na vida do imperador). Assigna-a um certo Gerhard Tolzien, prégador na cathedral de Schwerin. Soube depois que se tinha feito uma edição de trezentos mil exemplares e que, com auctorisação official, fôra profusamente espalhada no exercito e na frente.

A espantosa brochura diz que o imperador soffre d'uma doença que não perdôa, mas explica que não é um mal phisico: é um mal moral, é a dôr de ter visto rebentar semelhante guerra, a dôr de ver os imperadores e os principes que considerava como seus amigos abandonarem-no e voltarem-se contra elle.

Mas transcrevamos:

Um coração humano póde perder muito n'esta vida. Póde ser attingido por feridas graves, póde envolvel-o a soledade, mas não estará tão só como quando perde a sua fé. Ora o kaiser perdeu a sua fé—não a sua fé em Deus que, pelo contrario, augmentou, mas a sua fé no mundo e nos principes d'este mundo, outr'ora seus amigos e seus irmãos. Resta-lhe um unico ser humano que lhe conservou a sua afeição: é o nosso alliado que se senta no throno da Austria. E esse é velho, fatigado, com um pé na sepultura. Mas os outros onde estão? O kaiser esquecerá mais tarde os servios e os montenegrinos. Não conservará qualquer recentimento ao Japão. Perdoará á França. Lamentará a Russia. Beneficiará a Belgica. Desdenhará a Italia. Desprezará a Inglaterra. Mas os outros, os soberanos, os principes, nunca mais terá confiança n'elles, nunca mais os acreditará. O czar, segundo parece, falou um dia do kaiser como d'um falso amigo. O kaiser nunca falou assim do czar e guarda silencio sobre a ferida dolorosa que lhe fez a ingratidão d'esse com quem suppunha poder contar...

Mas, coisa extranha, o proprio corpo medico allemão serve-se quasi da mesma linguagem, porque ha uma versão medica da doença do imperador e uma versão popular. E as duas versões approximam-se.

Os medicos allemães dizem todos:

—O que tem o imperador? Um furunculo, nada mais. E isso não era nada se semelhante mal phisico não houvesse sido aggravado por uma forte depressão moral. O imperador soffre da cabeça e do coração: são os seus nervos que estão doentes!

Um facto que não admitte duvida e não póde ser contestado é que, do Natal até 16 de janeiro, quer dizer até á partida para Sofia, o imperador não sahiu do palacio imperial e mesmo no interior do seu palacio, não se mostrou a ninguem. D'elle apenas se approximaram a imperatriz, alguns servos dedicados e o chanceller. Guilherme II foi obrigado durante 20 dias ao mais completo e absoluto repouso.

Mas ha ainda outro facto extranho que merece reflexão: no preciso momento em que a cura do kaiser estava quasi terminada e em que, de novo, ia apparecer em publico, noticias exageradas da sua doença—chegou-se até a falar da agonia de Guilherme II—começaram a circular nos paizes neutros e adversos á Allemanha. Esses boatos traduziram-se sob fórmas telegraphicas, anonymas, extravagantes.

Ora, todos os jornaes extrangeiros entram livremente na Allemanha e vendem-se de ordinario nos kiosques das ruas de Berlim, onde um publico numerosissimo os compra e lê. Que divertimento para o publico que a 15 de janeiro esteve vendo sahir o kaiser de casa do sr. Bethmann-Hollweg e que, a 16 de janeiro se comprimia ás portas da gare de Potsdam para vêr embarcar o imperador, desdobrar jornaes francezes, inglezes e italianos, annunciando todos que o kaiser estava doente e moribundo! Com que ironia, um pouco pesada, passavam de mão em mão ou se repetiam os boletins medicos publicados no extrangeiro! E como manifestamente esses boletins eram falsos, d'ahi a concluirem que todos os outros boletins não medicos mas militares, publicados pelos mesmos jornaes extrangeiros são egualmente falsos e apocriphos, havia apenas um passo e póde suppôr-se que se apressaram a dal-o...

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro, a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

GENTE HUMILDE...

O orpheon de Condeixa

que canta, depois d'ámanhã, no Republica, é o resultado de uma grande obra educativa

Foi em Condeixa. O orpheon deranos uma magnifica audição ao ar livre. Beethoven acabava de ser interpretado por cavadores. Uma voz muito macia e muito quente de tenor, arremessára, para a atmosphera clara d'aquella tarde de janeiro, a *preghiera* melancholica da *Senhora do Livramento*. O dr. João Antunes—alto, espadaudo, quasi gigantesco, acercou-se de mim. Fiquei sem saber que dizer-lhe. E' que a sua grande obra maravilhara-me...

—Doutor, como fez isto?

—O quê?

—O seu orpheon...

—Sei lá! Assim. Trabalhando, dando-lhe todo o meu enthusiasmo, toda a minha paciencia, toda a minha fé, toda a minha dedicação. Nós, cá na aldeia, temos tão poucas coisas interessantes em que nos entreter que não ha remedio senão invental-as. E' por isso que em Condeixa fizemos isto...

O dr. João Antunes é uma creatura bem excepcional e estranha. N'aquelle seu enorme corpanzil abriga-se uma alma de creança. O seu olhar é azul. O seu gesto é lento. Fazel-o falar do seu orpheon custa tanto como convencel-o de que a obra de belleza que elle vem realisando na sua terra merece hymnos infindos de louvores. Entretanto, insisto...

—Mas como fez isto, doutor?

—Como? Sim, vou tentar recordar-me. A musica foi sempre a minha paixão. Em Coimbra, toquei na tuna. Depois, desterrado para aqui, fazia de vez em quando, com alguns amigos, alguns serões em que cada um tocava o que sabia. D'uma vez veio-nos a ideia do orpheon. Lançámol-a, reunimos quem quiz reunir-se-nos, fizemos os primeiros ensaios e chegou-se ao que somos agora. Mas á custa de quanto trabalho! Calcule... A musica que sei é pouca. Por isso, não posso vencer, de momento, as grandes difficuldades de interpretação. Valem-me os ensaios successivos, primeiro em naipes separados e depois em conjuncto. Por fim, tudo se consegue. E' o que me encanta...

—Quantos são os seus cantores?

—Mais de oitenta. Gente de todas as classes. Bachareis em direito, professores, gente rustica, artifices e cavadores. Os que sabem mais ensinam os outros. Depois, tambem tenho a escola. Vivo para tudo isto. Já agora o que hei-de fazer?

O grupo cresce. A conversa generalisa-se. E quem, como eu, ignorava o milagre, fica surprehendido com a simplicidade heroica com que o dr. Antunes o realisou. Seria possivel?—perguntavamos uns aos outros. Era. Em Condeixa vinha-se desenvolvendo uma das mais formosas campanhas educativas que n'este paiz, em qualquer epoca, se tem effectuado. Gente que se reune para desenhar e para cantar!... Gente que se junta para, em contacto com a Arte, se fazer melhor. Porventura não ha n'isto qualquer coisa de raro que podia servir de exemplo áquelles portuguezes que por esse paiz fora vivem sem que um raio puro de belleza doire a noite da sua indifferença e do seu egoismo?

Lisboa vae ter a dita de ouvir depois de ámanhã, no Republica, o orpheon do dr. João Antunes. Vae ter ensejo de assistir a um deliciosissimo serão da mais pura, da mais nobre e mais honesta arte. E então poderá avaliar que immenso esforço não seria preciso para conseguir que homens como os que de Condeixa descem até nós, interpretem, sem uma hesitação e com a segurança e a delicadeza precisas, os grandes classicos que fizeram da musica, para nosso eterno deslumbramento, a Arte da seducção e da resignação...

ADELINO MENDES

OS NAVIOS ALLEMÃES

Ao serviço do commercio portuguez

Falla sobre o assumpto o presidente da Liga dos officiaes da marinha mercante

O presidente da Liga dos officiaes da marinha mercante, sr. José Antonio Mil-homens, que presentemente exerce, na Exploração do Porto de Lisboa, as funcções de chefe dos serviços maritimos, teve hoje a amabilidade de transmittir-nos algumas impressões sobre a applicação dos barcos allemães ás necessidades do nosso trafego commercial.

«Não está na minha alçada discutir á face dos codigos internacionaes se o aproveitamento d'esses navios constitue ou não um direito novo. Na hora difficilissima que a marinha mercante está atravessando em toda a parte, com as consequencias da guerra, não se comprehende que em tantos portos, como os nossos, haja uma flotilha inactiva accrescida com o exaggerado preço do transporte das mercadorias, as quaes, nem a peso d'ouro, conseguem fazer o giro dos pontos de consumo.

«Perante essa necessidade angustiosa, a propria lei cede, se é que alguma legislação existe que se opponha a servirmo-nos d'esses barcos, em face da utilidade publica.

«Creio bem, diz o sr. José Antonio Mil-homens, que tendo o parlamento votado a base especial que auctorisa o governo a ir buscar onde os houver os necessarios meios de transporte, não é precisamente da questão juridica que nos devemos occupar mas sim do aspecto pratico a dar á questão, admittindo-a como em vespera d'uma realidade.

«Vem, então, perguntar, como procederá o governo para arvorar a bandeira da Republica n'aquelles barcos, atirando-os pelos mares fóra, ao serviço das exigencias commerciaes? O processo que se me affigura mais logico e razoavel, uma vez que o Estado não deve constituir empreza de navegação, será entregar esses barcos a uma commissão especial com idoneidade para a gerencia do «negocio»? Como essa excepcional medida obedece a «uma razão superior do Estado», a commissão que reputamos o orgão indispensavel para levar á pratica semelhante emprehendimento, deve ser presidida por um alto representante da marinha de guerra, tendo como vogaes os representantes da officialidade da marinha mercante, do commercio e da industria. Essa commissão deve ser dotada com a mais completa autonomia, admittindo, como não pode deixar de ser, que ella é constituida por individualidades que, pela sua competencia, merecem toda a confiança do paiz.

—Haverá difficuldade em encontrar no nosso meio quem substitua d'um momento para outro, as tripulações dos barcos allemães?

—Absolutamente não, diz-nos o distincto official da marinha mercante. Não falta pessoal para isso. Houve tempo em que faltavam os machinistas e, em todos os barcos portuguezes, o pessoal da machina era recrutado na Inglaterra. Presentemente a propria Empreza Nacional, que possue a maior frota, não conserva senão um ou dois primeiros machinistas inglezes. Ha annos a esta parte os officiaes machinistas portuguezes foram crescendo em numero, tendo organisado até uma associação de classe que pode indicar technicos com uma competencia que nada deixa a desejar.

«Não ha, portanto, nada a temer, quanto a pormenores sobre a substituição das tripulações, tanto mais que tudo isso está previsto nos regulamentos da marinha mercante.

«Haja navios, que gente não falta, conclue o velho lobo do mar.

O abastecimento de carne

Quarta e quinta feira não deve haver falta

Para consumo da cidade foram hoje abatidas no Matadouro 7 rezes e 15 carneiros.

Tendo chegado um carregamento de gado dos Açores, a matança de amanhã deve ser de 115 ou 120 rezes não se devendo sentir portanto na quarta e quinta feira a falta de carne nos talhos particulares.

Dr. Alexandre Braga

E' no dia 15 do corrente que, no Hotel Central, se realisa, pelas 8 horas da noite, o jantar que a maioria parlamentar offerece ao seu «leader», sr. dr. Alexandre Braga.

Cartas na meza

«Regresso á Felicidade»

Porto, 6

Do nosso infatigavel Sousa Costa recebi um dia d'estes o seu ultimo volume «Regresso á Felicidade», que elle classifica de «novella naturista». Já uma vez o illustre escriptor me enviára um dos seus romances, «Coração de mulher», e apesar de me sentir ordinariamente attrahido para esse orgão affectuoso e muscular, só tarde o pude lêr e nunca lh'o agradeci. D'esta vez, não! Seria má-creação de mais e o seu novo livro li-o todo, como se dissessemos—de um trago. E é bem uma novella naturista o que eu li? Talvez, desde que liguemos á ideia novella, a ideia sátyra, remoque, piparote, irreverencia.

Se me não levam a mal, eu creio o portuguez um grande consumidor de exotismos e um impenitente amador de extravagancias. Este esforço de nos orientarmos n'um permanente espirito de nacionalisação é um puro platonismo. A nossa principal tendencia e a da imitação e a da importação, e por isso traduzimos tudo, como importamos tudo, theatro, pillulas, philosophias, leis, plumas e compendios. Do nosso proprio esforço, da nossa iniciativa, da nossa actividade, não tiramos nada. Se queremos manter integro o nosso caracter, a nossa individualidade e a nossa physionomia, remettemo-nos á Historia, deliramos com as nossas glorias, tornamo-nos saudosistas, e todos nós somos encanto, desvanecimento e curvaturas para as descobertas, os heroismos, as energias, o espirito de aventura do veneravel Antepassado. Se, ao contrario, respiramos lufadas de modernismo e de cosmopolitismo, é o deslumbrante estrangeiro que nos serve, e é vermo-nos em extase deante d'este senhor que se chama o Lá-Fóra,—Lá-Fóra faz-se, Lá-Fóra é. Lá-Fóra diz-se, ou n'uma palavra: o culto do trabalho feito, irmão gemeo da incapacidade.

O naturismo é, assim, um artigo de importação. Lá-Fóra fez-se, aqui adoptou-se. E ahi o temos com o seu minuto de triumpho, como ha annos tivemos o da mania de chupar limões, á qual attribuo a perda do saudoso e querido D. João da Camara, pois que aqui no Porto alguns maniacos do remedio succumbiram, e para coincidencia parece-me excessivo.

Mas devemos ter o Naturismo como especie condemnavel? Certamente não, nos seus limites de bom senso, e certamente sim, nos extremos exaggeros a que o levam os maus apostolos. O «Regresso á Felicidade» é um safanão amavel n'esses exaggeros, e eu só tenho pena de que não seja um tudo-nada mais nitido, um pouco mais obra de demolição, tendo em vista que o publico que lê é muito simplista, e no «Regresso á Felicidade» não se pensa na obra litteraria pela obra litteraria, mas no que ella póde produzir de util.

Das quatro figuras principaes que se movem na novella, a mais perfeita parece-me a de Alda, o repugnante arenque secco, aberto a todos os fanatismos, assim aquelle que a leva a rezar com o irmão a Santa Laranja depurativa e a Santa Cebola sulfurosa (e talvez tambem virgem e martyr), e de lhes rezar com o mesmo fervor com que antes rezasse a um Christo que agonisava entre dois castiçaes, depois de haver succumbido entre dois ladrões.

Mas, que demonio! Eu não me proponho fazer a critica da obra, mas sómente agradecel-a. Para a critica, Sousa Costa melhor do que ninguem a definiu. Ella é um commentario á sina portugueza do—«tudo ou nada», e esta definição é perfeitissima. Ha no entanto, no final do seu prefacio uma affirmação que me merece um ligeiro reparo. E' aquella em que diz que se a eterna aspiração do homem é a da conquista da Felicidade, elle só a realisa quando regressar á Floresta. «Só ali encontrará aquillo porque todos suspiramos, e que o Naturismo nos promette—nada recear, além dos trovões e dos ventos; nada fazer, colher, mamar e dormir...»

Pois meu caro amigo! Se a Felicidade está n'isso, escusa o Naturismo de nos fazer promessas. Esse ideal—nada fazer senão colher, mamar e dormir,—tem-no o portuguez como nenhum outro realisado, e não na Floresta, na arvore, no côco e na banana, mas no Terreiro do Paço, o admiravel Eden, onde todos colhem, todos dormem e todos mamam!

E com os meus agradecimentos, as minhas felicitações. V. é capaz de fazer um romance até de uma táboa!

Guedes de Oliveira

O imposto de consumo no Porto

Desenho de M. Monterroso

—Não é verdade que o vinho não é um genero de consumo?
—Pois não é! Eu cá faço-o sem sumo!

Passa por Lisboa um jornalista...

O advogado Alfredo Cusano

que diz como a Italia tem sido heroica no actual conflicto europeu

... E no templo dos Jeronymos, o jornalista Alfredo Cusano ficou impressionado deante d'aquella maravilha architetonica. D'essa expressão admirativa nasceu uma interessante conversa entre elle e o nosso venerando amigo dr. Magalhães Lima que o acompanhava, ácerca da nossa epopeia maritima, do que tinham sido os portuguezes de tempos idos, do que podiam ser os portuguezes do tempo de agora, mesmo n'esta epocha sangrenta de lutas e da terrivel guerra europeia.

E sobre a guerra, o illustrado viajante, que é um jornalista de merito, de vasta erudição, muito viajado e que é tambem um militar valoroso, agora com especial licença de quatro mezes, vindo da frente da batalha, onde occupava o posto de capitão de artilharia, forneceu-nos interessantes esclarecimentos, que foram muitos porque se succediam a instantes e repetidas perguntas. N'elles se avalia o valor da Italia no actual conflicto europeu.

—«O assumpto é vasto e complexo demais para responder n'uma ligeira conversa como a nossa. Antes de tudo eu não tenho auctoridade para exprimir opiniões, e sómente posso manifestar as minhas impressões pessoaes de modestissimo publicista, que, aliás, no momento em que a patria precisava de todos os seus filhos não hesitou em offerecer o seu braço, além da sua penna para trabalhar pela victoria do grande ideal que todos os latinos ambicionam n'esta enorme lucta contra o mundo germanico. Mas... estas impressões são as mais felizes e confortadoras.

«A guerra italo-austriaca não poderia desenvolver-se mais favoravelente para nós. O nosso exercito no Trentino, no Carso, em todas aquellas ásperas regiões protegidas formidavelmente pela natureza e pela forte preparação bellica dos nossos inimigos, cumpre um verdadeiro milagre de energia heroica avançando metro por metro, no meio de difficuldades, de insidias e de obstaculos, que antes se acreditava como impossivel de afrontar! E o nosso continuo avanço mantem na fronte italiana quasi um milhão de austriacos, que—sem a nossa offensiva—agora já teria, com certeza, pesado muito na balança da guerra, nas outras frontes».

—E o que nos diz de Gorizia?

—«Se não tomámos ainda Gorizia, de que as nossas tropas distam ainda poucos metros, e outras cidades, foi porque não convem por razões estrategicas de que não me pertence falar.

«E isso muito bem o comprehendeu o povo italiano, que não se impressionou com a grande resistencia encontrada. E espera, tendo a

maior confiança nos chefes pela victoria final. Mas... falar de confiança? E' pouco. E' que hoje a nação está cheia de enthusiasmo pela grande causa que defendemos. E' ainda maior que nos dias de maio, quando, como um sopro de idealidade passou pelo lindo ceu da Italia a animar os corações, do escolho de Quarso a palavra epica de Gabriele d'Annunzio que resoou qual Diana de Guerra.

Os que não combatem trabalham para aquelles que offerecem a propria vida á Patria. As mulheres, então, offerecem um espectaculo commovente. Não teem lagrimas, e auxiliam por todas as fórmas aos parentes, aos filhos que na fronte soffrem e morrem.

«A mulher italiana mostrou-se digna descendente das matronas romanas, que offereciam as joias e até os cabellos, não podendo offerecer o proprio sangue como o dos filhos, dos maridos, dos irmãos...

«Mas emquanto se nota todo este enthusiasmo e todo este fervor de obra e de energia a animar o paiz, quem chegar hoje á Italia não perceberá que ella está combatendo n'uma guerra terrivel, que pode decidir da sua propria existencia da grande nação. Todos procuram alimentar a grande machina do organismo nacional; todos concorrem para que o desenvolvimento da vida seja o mais possivel normal. Os theatros, os cinemas, as salas de diversões estão todas abertas e todas cheias!

«O «kaiser» impõe ás mulheres allemãs que se não vistam de luto para não impressionar os que nada sabem da guerra. Na Italia, em que felizmente os mortos não chegam nem á millessima parte das perdas allemãs, não ha imposições d'este genero! Expontaneamente todos olham o mesmo fim. A Patria antes de tudo!...

—«Então a Italia, tem os seus exercitos intactos?

«Tem. As nossas baixas são, relativamente, limitadas. E noticiam como interessante esta nota importante. Na Italia quasi não se vêem soldados feridos nas ruas, ao passo que nos outros paizes se encontram a cada passo. Agora, acabo de o verificar em França onde é extraordinario o numero de feridos, especialmente nas pernas.

—«Mas, a acção italiana podia estender-se aos Balkans?...

«Da derrota do Montenegro a Italia não é culpada. Ella entrou na guerra depois que os erros da diplomacia dos alliados tinham creado aquella posição esquerda nos Balkans que agora lamentamos. A Italia não podia mandar ao Montenegro 200 ou 300 mil homens para... se retirar depois, para Salonica.

«Não podia sustentar uma offensiva n'aquellas regiões, quando já pela imprevidencia dos outros, os imperios centraes tinham aberto a via de communicação com a Belgica e Turquia.

«Agora temos outra obrigação. Nós todos, temos de esperar, e esperar com confiança o dia da victoria.

«E fique certo que a victoria dos alliados é mathematicamente certa. E' verdade que ninguem pode prever quando chegará o dia feliz em que o sol radiante do nosso triumpho illuminará a Europa.

«Mas, quando chegar, ha de encontrar-nos no nosso posto, fieis ás tradições da grande terra que foi a mãe gloriosa da latinidade.

A demissão do sr. Eusebio da Fonseca

O parecer do conselho disciplinar e o despacho do sr. ministro das colonias

Dissemos na «Capital» de sexta-feira que o conselho disciplinar tinha applicado no sr. Eusebio da Fonseca, director geral de fazenda das colonias, a pena de quatro mezes de suspensão, mas que constava que o sr. ministro das colonias ia demittir aquelle funccionario.

Essa noticia vem hoje inteiramente confirmada no «Diario do Governo», que publica o parecer do conselho disciplinar e o decreto do sr. ministro das colonias. O conselho, que era constituido pelos srs. Germano Martins, presidente, Ricardo Paes Gomes, João de Barros e Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy, relator, termina o seu extenso parecer com estão decisão.

Attendendo aos depoimentos, entre outros, dos ministros com quem o arguido serviu, Amaro de Azevedo Gomes, Celestino de Almeida e José de Freitas Ribeiro, que respectivamente o julgaram «homem probo e intelligente, funccionario honesto e zeloso e o seu melhor auxiliar», «competente, zeloso e honesto no exercicio do seu cargo» e «funccionario zeloso, intelligente, muito trabalhador e honesto»;

Accordam em dar como procedente e provada a ultima das arguições, propondo por isso e pelo constante das considerações precedentes que ao arguido seja applicada, conforme o n.º 7.º do artigo 6.º do regulamento disciplinar de 22 de Fevereiro de 1913, a pena de cento e vinte dias de suspensão de vencimento e exercicio, a levar em conta na suspensão de serviço, que vem soffrendo, restituindo-se-lhe os demais ordenados a que tiver direito, depois de rectificadas as liquidações que constituem a materia do primeiro relatorio da commissão parlamentar, e sem prejuizo do que no respectivo processo fiscal for julgado quanto ao delicto do descaminho de direitos. A cargo do arguido as despezas da sindicancia até a importancia de 200$.

Mais resolvem remetter o presente processo a s. ex.ª o ministro das colonias para os effeitos legaes.

O sr. Paes Gomes fez a seguinte declaração:

E' meu parecer ainda que, não obstante as responsabilidades que a outros pertençam, não pode deixar de caber ao accusado tambem a responsabilidade disciplinar pela não observancia de disposições legaes que lhe não permittiam abonar-se e receber, sem a minima objecção, vencimentos que, embora superiormente determinados, lhe não pertenciam, não podendo ignorar e até tendo implicitamente reconhecido a illegalidade de tal determinação.

O despacho do sr. ministro das colonias, que é tambem largamente fundamentado, conclue por determinar a demissão do sr. Eusebio da Fonseca, nos seguintes termos:

Considerando que, se os depoimentos d'alguns ministros das colonias foram favoraveis ao arguido, foi no desconhecimento de que elle tivesse praticado, como averiguadamente praticou, uma serie de actos, que as leis em absoluto condemnam, e que varios outros depoimentos constantes do processo lhe são inteiramente adversos;

Considerando, por todas estas razões, que o arguido se acha incurso no artigo 15.º do decreto de 18 de abril de 1895, § unico do artigo 16.º do decreto com força de lei de 14 de setembro de 1900, artigo 45.º do decreto regulamentar de 8 de outubro de 1901, n.º 2.º do artigo 149.º do decreto regulamentar de 18 de agosto de 1902, § 2.º do artigo 14.º do decreto com força de lei de 14 julho de 1909, com referencia ao § 2.º do artigo 45.º da lei de 20 de março de 1907 e artigos 19.º e 23.º do Regulamento Disciplinar de 22 de fevereiro de 1913, disposições que punem com a pena de demissão os funccionarios que praticam os actos n'ella previstos, ouvido o conselho de ministros, determino que se lavre decreto demittindo Domingos Eusebio da Fonseca do logar de director geral da fazenda das colonias, devendo restituir, depois de liquidas pela repartição competente, as quantias que arrecadou illegalmente, levando-se-lhe em conta o vencimento de exercicio de sub-inspector geral de fazenda do Ultramar, que deixou de receber, e ficando a seu cargo, nos termos do artigo 35.º do Regulamento Disciplinar de 22 de fevereiro de 1913, as despezas da syndicancia.

Lisboa, 28 de janeiro de 1916.—O ministro das colonias, *Alfredo Rodrigues Gaspar*.

O decreto de demissão, publicado a seguir a esse despacho, é assim concebido:

Usando da faculdade que me confere o n.º 4.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portugueza e de harmonia com o disposto no artigo 24.º do Regulamento Disciplinar dos Funccionarios Civis, approvado por decreto de 22 de fevereiro de 1913:

Hei por bem, sob proposta do ministro das colonias e ouvido o conselho de ministros, demittir Domingos Eusebio da Fonseca do logar de Director Geral de Fazenda das Colonias, para que foi nomeado por decreto de 31 de Maio de 1911.

O Ministro das Colonias assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica, 22 de Janeiro de 1916.—*Bernardino Machado—Alfredo Rodrigues Gaspar*.

O festival Wagneriano no Republica

O grande acontecimento artistico é o famoso festival Wagneriano que se realisa no proximo domingo no theatro Republica, commemorando assim o maestro Pedro Blanch e a sua «Orchestra Symphonica Portugueza» o anniversario da morte do grande Wagner. E' o 5.º concerto de assignatura e n'elle toma parte a distinctissima interprete do repertorio Wagneriano, a illustre cantora D. Maria Judice da Costa, cantando a «Morte de Isolda» com a orchestra.

O programma é todo consagrado a Wagner, havendo algumas obras em 1.ª audição e executando-se pela ultima vez a «Marcha funebre de Siegfried» e a brilhante «Cavalgada das Walkyrias», dois extraordinarios successos da Orchestra Blanch. Os preços não são alterados, são os habituaes, apezar do extraordinario programma.

Assucar falsificado

A policia apprehendeu hoje em quatro mercearias da calçada da Ajuda grandes porções de assucar falsificado. Esses commerciantes estiveram mais tarde no governo civil, acompanhados das respectivas facturas pelas quaes provam que o assucar lhes foi fornecido pela Companhia Nacional Refinadora de Assucar em Alcantara, nas condições de pureza em que o puzeram á venda. O caso vae ser investigado.

Os ultimos acontecimentos

Presos afiançados em 6.000 escudos — Pedindo que se acabe com a tabella do preço dos generos

Continuaram hoje as diligencias policiaes sobre o que se passou nos dias 29 e 30 do mez findo.

Aos presos que vieram de bordo da canhoneira «Zambeze», foi hoje levantada a incommunicabilidade, recebendo á tarde a visita de suas familias e amigos. Um agente de investigação esteve ouvindo varios policias que assistiram ao attentado da rua do Jardim do Regedor, tendo-se realisado na Morgue a autopsia ao cadaver do infeliz guarda 1531, cujo funeral, como já noticiámos, se realisa na quarta-feira, pelas 14 horas e meia.

No governo civil esteve hoje o cabo Figueiredo, destacado em Cintra, a fim de entregar no commando o producto da subscripção que ali foi aberta para a viuva e filhos do guarda morto e dos que ficaram feridos. No governo civil tambem estiveram a pedir os livros e outros papeis que lhes foram apprehendidos a viuva de Bartholomeu Constantino e Manuel Pedro de Abreu, escripturario da Associação de Classe dos Fragateiros.

Segundo consta, os autos que dizem respeito aos individuos presos são amanhã enviados para o poder judicial militar. O sr. dr. Pedro de Castro, juiz do 3.º juizo de investigação criminal pronunciou em 6.000 escudos cada um dos individuos que assaltaram os estabelecimentos de Campo de Ourique e Alcantara, mandando em liberdade Maria das Dôres e Francisco Maria da Cunha.

A direcção da Associação de Classe dos Fundidores de Metaes conferenciou hoje com o sr. dr. Costa Gonçalves a fim de saber a situação em que se encontra o seu consocio Augusto de Mello da Silva, preso por causa dos ultimos acontecimentos e pedindo ao mesmo tempo a entrega de toda a escripturação, quotas, etc. O sr. governador civil declarou que tomava o pedido na devida consideração.

Tambem os corpos gerentes da Associação de Classe dos Revendedores de Viveres a Retalho, conferenciaram com o chefe do districto ácerca dos acontecimentos, affirmando que não são elles os responsaveis da carestia dos generos mas sim os grandes armazenistas. Pediram ainda para se acabar com a tabella elaborada pela commissão de subsistencias, por que ella não dá resultado para o commercio nem para o publico. O sr. governador civil declarou que ia estudar o assumpto.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 6.—Communicação official de hoje ás 23 horas.—Na Belgica a nossa artilharia, de concerto com a artilharia britannica, executou tiros de demolição sobre as trincheiras allemãs em frente de Boesinghe. A leste da mesma região foram reduzidas ao silencio duas baterias inimigas pela nossa artilharia pesada. A leste de Soissons canhoneámos as fortificações adversas em frente do planalto de Chassemy. Das novas informações recebidas resulta que o bombardeamento effectuado hontem na Champagne sobre as organisações inimigas no planalto de Navarin deu excellentes resultados. As trincheiras batidas pelo nosso fogo ficaram profundamente destruidas, indo pelos ares varios depositos de munições. Por outro lado, tendo os nossos projecteis demolido os reservatorios de gazes asphixiantes, as ondas gazosas espalharam-se e o vento arrastou-as para as linhas inimigas.—(*Havas*).

LONDRES, 7.—Official.—Occupámos quatro excavações proximo da estrada de Vermelles a La Bassée e ao norte de Loos. Houve actividade reciproca de artilharia nos arredores de Frize, ao norte do canal de La Bassée, em Wytschaete e Ypres. Durante 28 combates aereos que se travaram no dia 5 do corrente foram forçados a aterrar nas linhas inimigas 5 apparelhos allemães, tendo tambem aterrado um outro em consequencia de *pane* visto ter-se-lhe partido a helice. Um dos nossos apparelhos que andava em reconhecimento, não voltou. Uma granada cortou o cabo de um balão captivo inimigo que, livre, seguiu á mercê dos ventos.—(*Havas*).

PARIS, 7.—Communicado official das 15 horas:

Não se deu acontecimento algum importante durante a noite nas linhas de batalha.—(*Havas*).

A crise do carvão em Hespanha

MADRID, 7.—O governo vae estudar as providencias que a crise do carvão exige que se tomem sem demora. Ella affligе principalmente a média e pequena industria, porquanto a grande industria tem assegurado o seu abastecimento. Os preços são elevadissimos e necessitam-se muitos milhares de toneladas de combustivel para que as numerosas industrias não paralysem. Os pedidos de carvão acceitam-se sem compromisso de data nem de preço.—(*Corresp.*)

MADRID, 7.—Trata-se de conseguir que o carvão adquirido em Cardiff e New-Castle pelas companhias de pesca possa obter meios de transporte que até agora teem faltado com grande prejuizo para as mesmas companhias que temem ser obrigadas a suspender. De Malaga communicam que ellas precisam de 1:600 toneladas mensaes e que n'aquella cidade só existem 1:300.—(*Corresp.*)

O que visam os allemães com os «raids» sobre Inglaterra

MADRID, 6.—Com os seus *raids* sobre Inglaterra, os allemães teem em vista difficultar sobretudo o seu aprovisionamento e a construcção de novos navios de guerra. As bombas dos zeppelins visam particularmente os grandes estaleiros, os transportes carregados de trigo do Canadá, as munições americanas que entram por Liverpool e os centros das industrias do aço e do algodão.—(*Corresp.*)

Os navios allemães

As bases da sua utilisação pelo commercio portuguez

Segundo se affirma com insistencia, tem-se tratado ultimamente da utilisação dos navios mercantes allemães que se encontram em aguas portuguezas. Alguem, que se mostrava conhecedor do assumpto, affirmava-nos hoje que ellas tendem, antes de mais nada, a fazer-se um inventario da carga que elles teem a bordo para depois se fixar a completa avaliação d'esses generos e dos navios. Estabelecido o inventario com todo o rigor, tratar-se-hia immediatamente de aproveitar aquelles meios de transporte para trazer para a metropole muitos generos coloniaes que lá existem em abundancia e que fazem muita falta no nosso mercado. Mas, ainda segundo aquelle nosso informador, os navios não seriam apenas aproveitados nas carreiras de Africa. Iriam a quaesquer outros portos onde as necessidades do nosso commercio os levassem, estabelecendo-se os preços dos fretes de harmonia com a media dos preços hoje correntes.

São essas as informações que ouvimos hoje e que reproduzimos sem poder garantir até onde vae a sua veracidade, faltando-nos apenas accrescentar que o caso, na opinião do nosso informador, seria opportunamente resolvido, depois da guerra findar, pelas diversas partes interessadas.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje o sr. Paim Lobo, consul de Portugal em Santos, Brazil.

—Foram á ultima assignatura pela pasta da guerra os decretos promovendo, na arma de cavallaria, a tenentes-coroneis os majores Antonio Oscar de Fragoso Carmona e Henrique Vasco de Sousa Prego; passando á situação de reforma o coronel de cavallaria Simião Pena aPcheco e á situação de reserva o coronel da mesma arma Manuel Ignacio da Rocha Teixeira; approvando e mandando pôr em execução o regulamento de Tiro Nacional.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros dos negocios estrangeiros, marinha e colonias.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciaram os srs. Freire d'Andrade; deputado Ramos da Costa, coronel de artilharia Xavier de Brito e Pedro Gomes da Silva; este ultimo ácerca do contracto entre o Estado e a Empreza Nacional de Navegação.

Camara dos Deputados

Discute-se o conflicto que surgiu entre os vogaes da commissão de inquerito

O sr. dr. Manuel Monteiro abre a sessão com 75 deputados, que são os que approvam a acta. Do governo está o sr. ministro do interior. O sr. João Canavarro, referindo-se ao incidente da commissão de inquerito aos fornecimentos para o exercito, declara que, se, quando a proposta, para se constituir essa commissão surgiu, estivesse convencido de que se tratava d'uma simples especulação politica, lhe teria negado o seu voto. Condemna a campanha de difamação que á sombra do caso se tem feito e manda para a meza uma moção d'ordem, que é admittida. Generalisado o debate, o sr. Ferreira da Fonseca diz que se trata d'um conflicto levantado entre a maioria e a minoria da commissão. Esta queria que cada vogal d'essa commissão pudesse individualmente, ir á secretaria da guerra pedir e procurar os esclarecimentos que julgasse necessarios. Aquella entendeu o contrario, por lhe parecer que a Camara não lhe tinha conferido taes poderes. Foi, por isso que as propostas que pretendiam estabelecer aquelle criterio foram rejeitadas. Depois, a commissão não é um corpo inquisitorial, mas uma entidade com fins definidos. A representação das varias facções da Camara está bem evidente na proposta que deu origem á commissão. Como se póde então pretender, pôr de lado a maioria, com as investigações individuaes? Além d'isso, como é que a commissão podia garantir os direitos que o sr. Moura Pinto reivindicava para si e para os seus collegas? Se o sr. ministro da guerra se negasse a escancarar os seus archivos a um só vogal, o que se havia de fazer? Allega-se ainda que se pretendia ganhar tempo. Como, se as praxes a cumprir seriam muito maiores do que se se fizessem collectivamente todas as investigações? Resumindo, o orador diz que a commissão não conferiu os direitos que lhe pediam por não estar auctorisada a isso e ainda por d'ahi não poder advir a menor utilidade pratica. As commissões de inquerito nunca foram ás repartições procurar informes. Limitaram-se sempre a requisitar documentos, para os examinarem devidamente. E para comprovar essa sua afirmativa, cita varios inqueritos parlamentares, sem que em nenhum d'elles os vogaes das commissões se hajam transformado em investigadores isolados.

A camara póde conferir á commissão os poderes que as minorias desejam. Mas não deve dar-lh'os, pelos motivos que apontou. E' que não comprehende que interesse possa ter um vogal da commissão de investigar sósinho quando, pela commissão, póde saber tudo. Os deputados que pertencem á commissão adquiriram, só por isso, novos direitos? Crê que não. Procura-se, porventura, coagir o partido democratico, fazendo acreditar ao paiz que elle não quer o inquerito? Sabe que é facil fazer essa especulação politica, mas crê que nenhuma pessoa medianamente intelligente póde associar-se a ella ou sanccional-a. De resto, na Camara não se fez nenhuma accusação concreta, e a maioria parlamentar tem demonstrado sufficientemente que, nos devidos termos, deseja que os inquerito se faça nos termos mais amplos. Demais, só assim elle, orador, consentiria em pertencer a uma commissão como esta. Se a maioria não deve usar da sua força, as minorias tambem não devem abusar da sua fraqueza.

O sr. Moura Pinto mostra o que se passou no seio da commissão e diz que as minorias não tiveram nunca outro intuito que não fosse o de averiguar a verdade. As suas propostas dão-lhe toda a razão. N'ellas não ha nada de tortuoso nem de escuro. Os vogaes opposicionistas não quizeram ser inquisidores. Pretenderam ouvir o sr. ministro da guerra, para saberem d'elle que especie d'avisos lhe tinham chegado sobre o que se projectava contra o Deposito de Fardamentos. Pois não foi o sr. ministro que veio á Camara declarar que tinha recebido esses avisos? As minorias queriam caminhar em linha recta. Mas queriam saber aonde as levavam. Commenta a sua proposta minuciosamente, e a proposito da alinea que auctorisava os vogaes da commissão a inquirirem por si, declara que as minorias se consideravam dentro d'uma commissão de investigação e não de inquerito. Investigar abrange tudo. Inquirir, não. Para investigar ha varios meios. Ora, para cada vogal queriam as minorias meios de investigação proprios. Queriam um direito, mas punham-lhe logo todas as restricções, na sua declaração de voto, que não é mais do que uma serie de transigencias conciliadoras.

Pretende-se—sabe-o bem—fazer convencer o publico de que as opposições desejavam collocar o partido democratico deante d'uma formula inacceitavel. Mas tental-o-hão em vão, porque a minoria da commissão teve o cuidado de acautelar todas ás hypotheses que lhe pudessem ser desfavoraveis. Os inqueritos parlamentares assentem sobre a opinião publica. Logo, é preciso fazer-se inteira luz sobre quantas suspeições se hajam erguido por ahi. Ha suspeições incidindo sobre um partido? Pois a primeira obrigação d'esse partido consiste em escancarar todas as suas portas para que tudo se saiba. O incidente está-se parecendo muito com um mysterio—o da santissima trindade. Juntos, todos os vogaes da commissão teem amplos poderes. Separados, nenhum d'elles póde nada. Por acaso a policia só investiga em massa? Em materia d'esta natureza, que tanto interessa ao regimen, todos os meios de investigação são poucos. A minoria unionista collocou a questão no melhor pé para o prestigio da Republica, não o acceitando n'outros termos.

O sr. Ribeiro de Carvalho esforça-se por provar que a politica entrou na commissão, declarando que a minoria evolucionista apenas teve sempre um grande desejo—concorrer para que a verdade inteira se estabelecesse o mais depressa possivel. Lê e commenta as propostas que foram apresentadas á commissão e estranha que, como deputado, não possa ir a todos os estabelecimentos do Estado, procurar quantos esclarecimentos lhe pareçam precisos. A maioria da commissão não devia ser constituida por amigos do governo. A minoria evolucionista não acceita a situação que lhe quer crear. E se a maioria quer que se faça luz porque é que procede como procede.

O sr. Francisco Cruz:—Elles pedem tanta luz, que até se fez o incendio!

O sr. Cruz e Sousa insiste nos argumentos apresentados pelos oradores opposicionistas e diz que a investigação policial é precisa para que, muitos que são incapazes de fazer declarações deante de quinze individuos, as possam fazer perante um. D'um caso, succedido com um estabelecimento commercial tem elle ouvido falar com insistencia. Mas perante a commissão toda não o relataria nunca.

O sr. Antonio Macieira manda para a meza uma moção dizendo que ninguem pretendeu coartar os direitos das minorias e accentua que só se tem pretendido fazer politica. Não foi a maioria que levantou conflictos no seio da commissão. Foram as minorias.

O debate deve continuar ámanhã.

NO SENADO

Discute-se o projecto de mobilisação das industrias

Sessão aberta ás 14,30, com a presença de 27 senadores. Preside o sr. Correia Barreto. Estão desertas as cadeiras ministeriaes e nas galerias apenas um continuo pachorrentamente passeia.

Approva-se a acta, lê-se o expediente. O sr. presidente annuncia:

—Está aberta a inscripção para antes da ordem do dia. Nem uma voz se levanta a pedir a palavra: estão fechadas todas as torneiras da eloquencia. A sala está triste, como o dia. Nem ao menos se conversa, se gesticula. Faz-se, para entreter, segunda leitura d'um protocolo, e d'ahi a pouco, no meio do silencio, a voz do sr. presidente se ouve de novo:

—Como não está presente nenhum senhor ministro, interrompo a sessão.

Dez minutos depois entra o sr. ministro da guerra.

Pede a palavra o sr. João de Menezes. Estranha e protesta contra o facto de haver o sr. Norton de Mattos declarado que lhe não podia fornecer a nota, que ha dias requereu, dos officiaes denunciados á commissão de separação do ministerio da guerra.

O sr. Norton de Mattos diz entender que não deve dar conta ao parlamento dos processos relativos aos officiaes separados do serviço, em virtude d'uma lei da Republica, antes que os que o queiram fazer recorram para o parlamento, como lhes é permittido. Quanto aos outros officiaes, apontados á commissão, mas não separados, nada sabe nem quer saber, por que não teem processos organisados.

O sr. João de Menezes diz que por uma lei, votada pelo parlamento em 1914, qualquer individuo pode examinar os processos existentes nos ministerios. Os officiaes denunciados não podiam receber a circular sem que a seu respeito se tivesse organisado um processo. Ora, não ha, não pode haver processos secretos e todo o accusado tem o direito —fique bem assente!—de conhecer o que d'elle dizem os seus accusadores, muito embora sejam insubsistentes as accusações de vis denunciantes.

O sr. Gaspar de Lemos, democratico, faz a sua estreia, saudando o sr. presidente e pedindo depois a attenção do sr. ministro do fomento para o porto da Figueira da Foz, que carece de melhoramentos par ao seu desenvolvimento, devendo para isso votar-se o projecto já em tempo apresentado ao parlamento.

O sr. ministro do fomento acha justa a reclamação e promette empregar todos os esforços para abreviar as obras do porto da Figueira.

O sr. José Maria Pereira lê um artigo publicado no jornal «O 14 de maio», em que se conteem ameaças e insultos para o partido União Republicana e pergunta aos ministros presentes, da guerra e do fomento, que fizeram parte da junta revolucionaria do 14 de maio, se são solidarios com o que se contem n'aquelle artigo. Não duvida, porém, aquelle jornal para que contra elle se proceda.

O sr. ministro da guerra responde que chamará a attenção do seu collega do interior para o referido jornal, cuja linguagem não pode ser permittida. Não pode concordar em tal e reprimirá toda a desordem.

Quanto ao ser solidario com o que diz aquelle jornal ou outro, responde com o seu silencio, pois está ali apenas como ministro da Republica.

O sr. Pedro Martins lavra o seu mais formal protesto contra a apprehensão d'um manifesto, assignado por varias collectividades republicanas, retirando o seu apoio ao ministro do interior e ao governador civil. Nada tem com esses grupos, mas tem muito com as liberdades individuaes, com a defeza da liberdade de pensamento. Nada absolutamente justifica o procedimento da auctoridade, mandando fazer tal apprehensão, pois o manifesto nem uma só palavra contem offensiva para as instituições.

O sr. Daniel Rodrigues:—Mas o manifesto tem a indicação do editor?

O sr. Pedro Martins:—Tem, sim, senhor. Tive o cuidado de o verificar. Ataca o ministro do interior e o governador civil, mas não consta que suas ex.as sejam instituições...

O sr. ministro da guerra promette participar o caso ao seu collega do interior, e passa-se á ordem do dia.

Prosegue a discussão do projecto sobre a mobilisação das industrias.

O sr. ministro do fomento, que ficára com a palavra reservada, faz uma larga defeza do projecto, accentuando que elle não foi feito para prejudicar a industria, mas para assegurar a defeza economica do paiz.

O sr. Alberto da Silveira ataca o projecto, dizendo, apoz uma demorada analyse, que a União Republicana não o vota, convencida, como está, de que d'elle só podem resultar graves prejuizos para o paiz. Que fiquem com o governo e com a maioria as responsabilidades da sua applicação.

O sr. Estovam de Vasconcellos, relator, defende o projecto, entendendo-o necessario como instrumento de que o governo precisa estar armado contra as especulações dos industriaes.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. ministro do interior dirige-se ao sr. Pedro Martins, declarando que não ordenou a apprehensão do manifesto a que s. ex.ª se referira, nem d'isso tem conhecimento.

A proxima sessão é ámanhã.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

As condições do emprestimo

constituem a mais frisante demonstração do credito da Republica

Causou verdadeira sensação a noticia que publicámos sabbado revelando as condições em que o governo negociou em Londres o emprestimo de dois milhões de libras. Hontem, o chronista financeiro do «Diario de Noticias» fazia varias considerações sobre a possivel exactidão d'aquelle informe, mas concluia por afirmar que «carece absolutamente de fundamento a noticia que se publicou». Ora, voltando hoje ao assumpto, devemos accentuar que o que carece de fundamento é o desmentido publicado n'aquelle importante diario da manhã. A nossa informação é absolutamente exacta. O governo negociou em Londres o emprestimo de dois milhões de libras nas precisas condições que «A Capital» noticiou—: por meio de bilhetes do thesouro portuguez e sem a menor caução.

Dissémos que a taxa do emprestimo seria inferior em um quarto á taxa official do Banco de Inglaterra. Este detalhe é que precisa ser esclarecido. Segundo informações que colhemos hoje, e que reputamos da melhor fonte, a taxa do emprestimo será egual á dos emprestimos feitos pelo Banco de Inglaterra ás nações alliadas, ou seja sensivelmente de 6 e um quarto. E' justo dizer, para elucidação dos «patriotas» que não se cançam de denegrir o credito do seu paiz, que os emprestimos feitos pela monarchia no estrangeiro «eram pagos com juro superior e garantidos com caução».

Como consequencia favoravel da negociação do emprestimo continua a accentuar-se a progressiva melhoria do agio. Ao cambio de sabbado, um escudo portuguez valia em Londres 35 «pence» e tres oitavos; hoje tinha subido esse valor para 36. Toda a gente sabe que essa melhoria de cambio constitue um grande factor a contribuir para o barateamento da vida, pelos seus effeitos directos em todos os generos importados, effeitos que abrangem, indirectamente, os proprios artigos de producção nacional.

As informações que colhemos hoje tambem nos garantem que o sr. Behring, gerente da casa Behring, Brothers, que se encontra em Lisboa, nada teve com as negociações do emprestimo. A sua realisação, nas condições que deixamos apontadas, é a prova mais completa de que lá fóra se faz justiça á administração honrada e patriotica da Republica, nada podendo contra ella os seus inimigos e detractores profissionaes.

Nota politica

Procura-se solucionar o incidente da commissão de inquerito

Discutiu-se largamente na Camara o caso da commissão de inquerito. Os oradores que intervieram no debate fizeram-ho por modo elevado, mantendo-se na defeza dos principios e dos direitos que reputavam os mais justos, sem esgrimirem com insinuações ou argumentos menos dignos do respeito que os homens de bem mutuamente se devem.

Constou na Camara que se procura encontrar um terreno de conciliação, onde caibam á vontade os justos melindres da maioria e todos os direitos e garantias que representem para os deputados opposicionistas os meios necessarios para bem proficuamente exercerem a sua missão. Em nosso entender, a tarefa torna-se eminentemente facil desde que os opposicionistas respeitem, de facto, os melindres justos da maioria, sem abdicarem do seu proposito de tudo «investigar». E' esse o mais vehemente desejo de toda a maioria, como o affirmou, em palavras eloquentes e claras, que não deixam margem a duas interpretações, o sr. dr. Antonio Fonseca. Se fosse necessario provar que o brilhante discurso que esse deputado proferiu, arrebatado e vehemente de razão e de sinceridade, traduzia os votos da maioria, bastaria apontar os significativos cumprimentos que esse deputado recebeu de toda a esquerda da Camara quando findou as suas considerações.

Assim, a maioria *quer* que o inquerito prosiga, para que tudo se esclareça. O sr dr. Moura Pinto foi o primeiro a prestar justiça ás intenções honestas e conscienciosas dos deputados da maioria que pertencem á commissão, reconhecendo o seu demonstrado interesse em trabalhar com efficacia para o apuramento da verdade. Será difficil, depois d'isto, encontrar o terreno de conciliação?

Noticias parlamentares

Lá surgiu hoje, na Camara, a questão do inquerito aos fornecimentos para o exercito. Esperava-se. Portanto não houve surpreza. Foi então tudo banal, simples, comedido, dentro dos limites que os protocolos parlamentares traçam? Não. A primeira girandola foi de espavento. Atirou-a ao ar, com immensas bombas de oratoria, que explodiam com ruido furioso, o sr. João Canavarro. O seu discurso, um modelo de palra comicieira, teve esto condão—aborrecer quem o ouviu, e teve um inconveniente—irritar uma questão, que tudo aconselhava discutir com serenidade e reflexão. O sr. João Canavarro quer, decerto, revelar-se. Pois não o conseguiu ainda hoje e fez muito mal em não ter ficado calado.

* * *

Os dois projectos de lei, um do sr. Moura Pinto e outro do sr. Pereira Victorino revogando a lei do affastamento dos funccionarios, foram hoje distribuidos, na commissão de administração publica, ao sr. Abilio Marçal. Como se vê, tem-se andado depressa. Os dois projectos, atravez dos meandros parlamentares, teem feito demorada e perigosa e tortuosa travessia. Chegarão ao menos a bom termo? Alcançarão um dia os pareceres de que necessitam e que constituem o seu porto salvador? Talvez. E isso para que servirá? Para nada. E que benevolencia não alcançam esses projectos, sendo mais que certo que a lei do affastamento, como um monstro que é, visa a ser mantida como um instrumento de defeza precioso, que á Republica prestou os mais relevantes serviços. E se assim fôr, o sr. Victorino só tem um caminho a seguir—suicidar-se. E' a unica rehabilitação que o destino lhe considera...

* * *

Falava o sr. Antonio Macieira e devo dizer-se que a sua palavra nada tinha de irritante nem de perturbadora. Dizia elle que a politica tinha entrado demais no inquerito e accentuava o facto de semelhantes discussões impressionarem mal o paiz, que trabalha e entende que o seu dinheiro, a dentro do Parlamento, deve ser melhor applicado, e consumido com mais utilidade e proveito. Pois o sr. Domingos Cruz exalta-se, como se lhe tivessem tocado na corda sensivel e atira para o debate a sua opinião esclarecida. Fez-se então a luz. Effectivamente, ia-se muito tempo e muito dinheiro. Bonda de torneios parlamentares d'esta natureza. Cada um que se desenvencilhe em familia dos desaccordos que a politica origine entre aquelles que a exercem. Foi isto o que pensou e disse o sr. Domingos Cruz. Para quê? Nem elle sabe. Mas, certamente para revelar ás gentes embasbacadas que a fala foi dada ao homem e a certos deputados para dizerem coisas d'estas. Já é soffrer da comichão de não poder estar calado...

* * *

On revient toujours.—Os senhores sabem o resto e o sr. Daniel Rodrigues tambem. O eminente senador não abriu de novo os braços aos seus amores da mocidade. Mas tornou a offerecer o pescoço ao supplicio d'aquelles colarinhos que tanto o ornamentam e que são o seu mais interessante caracteristico. Tinha-se modernisado, adoptando transitoriamente outros. Mas arrependeu-se. E assim, o sr. Daniel Rodrigues, readquirindo todo o pittoresco do seu trajar, deu-nos a todos, homens do nosso tempo, uma tão forte lição de conservantismo, que será um ingrato quem não a acceitar. Porque não ha nada, afinal, como ter opiniões e habitos firmes. Eis o que basta para que um senador, com colarinhos exoticos e tudo, possa passar á historia.

Soldados que se recusam a tomar o comboio

A fim de cumprirem a pena a que foram condemnados pelos tribunaes militares, deviam embarcar, hoje, no comboio que sae da estação do Rocio ás 17 horas e 5 minutos dois soldados que se encontravam presos no Castello de S. Jorge e se dirigiam a Santarem. Métidos no meio de uma escolta nada se passou digno de nota durante o trajecto, mas quando ingressavam na gare fizeram as maiores tropelias e recusaram-se terminantemente a embarcar. Juntou-se gente e o chefe da escolta requisitou força, seguindo os dois soldados para o quartel de infantaria 5, onde ficaram detidos até nova ordem.

Isto o que se passou. Pela nossa parte só diremos que quando são transportados presos, ou transferidos, não é n'uma estação tão central como a do Rocio que elles deveriam tomar o comboio e nada mais...

A falta de carne

Os marchantes vão entregar uma representação ao parlamento

Na séde da Associação de Classe dos Cortadores Lisbonenses, ao Poço de Borratem, reuniram-se hoje, pelas 15 horas e meia, os representantes dos marchantes, proprietarios de talhos e do *férros* e a commissão de melhoramentos da classe dos operarios cortadores, estando tambem presentes os delegados que hontem chegaram do Porto.

Presidiu aos trabalhos o sr. Cypriano d'Andrade, secretariado pelos srs. Abranches e Miguel Luiz Vieira.

Os fins da reunião era assentar-se na melhor fórma da classe reclamar contra o que se está passando com a falta de carne nos mercados, acabando com os abusos que se estão dando e para pôr fim aos chamados intermediarios e consignatarios que fornecem o gado por um preço elevadissimo, o que não permitte a venda ao preço marcado pela commissão de subsistencias.

Usaram da palavra os srs. Cypriano d'Andrade, Eduardo Silva, Sant'Anna, Miguel Vieira, Monteiro, Fillipe Ribeiro e Manuel Gomes, os quaes tambem trataram da importação de gado das ilhas e da Guiné. Alvitrou-se que de futuro o gado para a matança entre no Mercado Geral de Gados e ahi seja feito um rigoroso rateio entre todos os proprietarios de *ferras*, attendendo-se ás necessidades de cada um.

Tambem foram debatidas acaloradamente as varias irregularidades commettidas pelos *chafaneiros*, resolvendo-se chamar a attenção do Conselho Superior de Hygiene para o caso. Depois de larga discussão ficou resolvido entregar uma representação ao governo pedindo a execução immediata das reclamações já feitas e sollicitando-lhe que seja expressamente prohibida a matança de rezes adultas do peso inferior a 240 kilos e que não seja permittida a entrada pelas barreiras da carne de rezes bovinas abatidas nos matadouros soburbanos para evitar o abuso dos taes *chafaneiros*.

O sr. Manuel Gomes apresentou depois uma proposta para que se consiga o compromisso de todos os marchantes e proprietarios de talhos não importarem carneiros, limitando a matança apenas aos que existem no continente. Sendo a sessão suspensa, dirigiram-se todos para o parlamento onde a representação foi entregue, marcando-se nova reunião para amanhã, ás 19 horas. No rapido seguiram para o Porto os srs. Manuel José Lage e Francisco Rocha Ferreira representantes da Companhia Utilidade Domestica e que vieram a Lisboa tomar parte nos trabalhos, ficando ainda aqui os srs. Antonio Gonçalves da Cruz Seixas, Fortunato Pereira de Sousa e Manuel de Campos Tentino.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel d'Inglaterra, assistiram:

Mesdames Mimoso Guedes Brandão de Mello, Cats, Izabel de Queiroz Guedes, Brito e Vasconcellos, Briant, Rochet e filhas, Elise Thumann Vilma, D. Elvira Lopes Coelho, D. Maria Matilde Cepeda, D. Ermelinda Cepeda, Fulú, James, Cunha de Mattos, D. Laura Castro, Fernandes, Helene Nery, Albagli, Marie Laplasset e filha, Torres, Firth, D. Maria Irene, D. Maria das Neves, Couceiro Bastos, Betbeder, Goodall, Almeida Pinto, D. Sarah da Silva, D. Alda Heitor, mesdemoiselle Torresão, e os srs.: Virgilio Dias Rebello, Léon Appert, Victor d'Almeida, Pinto, José Maria dos Santos, Antonio Augusto dos Santos, Edouard Cochat, Augustin Briant, L. Rochet, Chastenet, Francisco Ribeiro Cepeda, Felisberto Cepeda, Hawkins, Epiphanio Fernandes de Sousa, Walther Fulú, Armindo Augusto dos Santos, José Sequeira, James, José da Cunha Mattos, José de Castro, José Fernandes, Albagli, dr. Jeronymo Rosado, Herberth Birket, Guelder, dr. Alfredo Torres, Maurice Kats, Ricardo Garnier, Charles Goodall, Elisio da Rocha Romariz, Feleman Legendre, Henrique Pinto, Fito Carrière, Almeida Brandão, Mather, Frank Bulton, Manuel Paes do Couto, dr. Celorico Gil.

MOVIMENTO MARITIMO

Com importante carregamento e grande numero de passageiros, entre os quaes varias praças do exercito e da armada, largou hoje do caes da Fundição com destino aos portos de Africa o paquete «Loanda», da Empreza Nacional de Navegação.

SPORT

O barão Pierre de Coubertin

deixa o Comité Olympico Internacional

O novo presidente é o «sportsman» suisso barão Godofroy de Blonay

O nome do barão Pierre de Coubertin é um nome de excepcional valia no athletismo de todo o mundo.

Foi o renovador dos Jogos Olympicos Modernos. Foi o homem que maior impulso deu á organisação dos Jogos que em successivos periodos de quatro annos, com concorrentes vindos de todas as partes do globo, se realisaram em Athenas e, successivamente, em S. Luiz, Paris, Londres e Stockolmo.

A' sua actividade e intelligencia se deveu a constituição do Comité Olympico Internacional, aggremiação formada pelos delegados de todas as nações seleccionados entre os dirigentes sociaes que se preocupassem com os problemas de avigoramento physico das raças. Portugal foi, em tempos e por indicação do rei D. Carlos, repersentado n'esse Comité pelo sr. dr. Antonio de Lencastre e nos ultimos quatro annos, então por indicação do nosso Comité Nacional tem sido representado pelo sr. conde de Penha Garcia. Era d'esta assembleia de delegados de todas ás nações que o barão de Coubertin foi presidente desde o anno de 1906 e da qual se demittiu, segundo se verifica pela seguinte noticia, publicada pela «Tribune de Geneve»:

—O barão Pierre de Coubertin, tendo acceitado uma incumbencia militar, entendeu que devia renunciar, durante a guerra, a exercer as funcções de presidente do Comité Internacional Olympico. O barão Godefroy de Blonay, membro do mesmo Comité, foi solicitado pelo sr de Coubertin para exercer as funcções de presidente interino. O Comité, cujá séde é em Lausanne será pois dirigido pelo seu representante suisso, que gosa da maior confiança entre os seus collegas de todos os paizes.

Ques seriam os verdadeiros motivos que levaram o illustrado barão de Coubertin a abandonar o Comité, de que era a «alma» e o motor poderoso?

Por emquanto, desconhecemol-os.

Sabiamos que se tinha levantado contra elle, uma grande campanha e tambem sabiamos, e elle o tinha dito, que tinha bastantes inimigos e milhares de invejosos

Em todo o caso, achamos opportuno extratar o que da demissão diz Spitzer:

—«No mez d'abril de 1915, atacámos violentamente o barão Pierre de Coubertin, presidente do Comité Internacional Olympico.

«Deplorámos, a principio que o sr. Coubertin tivese transferido para Lausanne a séde Comité.

«Deplorámos depois e principalmente que os allemães marcassem para com o sr de Coubertin uma exagerada sympathia.

«Ja o temos dito varias vezes. A palavra pertence ao canhão desde o principio das hostilidades. E' com as hordas de alem-Rheno, a unica conversação que nos podemos permittir.

«O sr. de Coubertin viu, porém, differentemente as coisas. Continuou com os nossos inimigos as suas relações de antes da guerra, notoriamente, com o conde de Siertorpff. No dizer d'este ultimo, estas relações foram sempre, constantes e amigaveis.

«Houve tempos em que fizemos comprehender ao barão Pierre de Coubertin que a hora não era para amabilidades e que todos os francezes afastados dos exercitos, deviam ter um desprezo absoluto com os nossos inimigos. A nossa dignidade, o respeito da Patria e d'aquelles que se sacrificam por ella ditam-n'os esta linha de conducta.

«O sr. de Coubertin, n'essa epocha... não ouviu ou não quiz comprehender!

«A exigencia dos acontecimentos obrigou o sr. de Coubertin á retirada que devia effectuar ha mais tempo.

«Mais vale tarde...

Notas do dia

Os desafios de «foot-ball»

Já se verificou o primeiro prejuizo...

Hontem, que houve um dia extraordinariamente favoravel á pratica do «foot-ball» não se realisaram desafios do calendario da Associação. O dia foi um dia morto para os campos do athletismo.

Nem o Imperio jogou contra o Sporting como estava determinado, nem o Internacional foi á Setubal. E' que os trez clubs abandonaram o torneio.

E sendo assim...

O campeonato d'este anno já terminou com a victoria do Sport Lisboa e Bemfica, porque já teve na «segunda volta» uma victoria sobre o Lisboa Foot-ball Club.

Voltamos a repetir: A bem do «sport» não haveria fórma de tudo se conciliar, sem que o campeonato soffresse, sem que diminuisse a auctoridade que deve ter a direcção da Associação, sem que os clubs perdessem prestigio?

Trabalhos de escoteiros

Foi interessante o exercicio geral dos Escoteiros de Portugal, realisado hontem. Foi uma prova magnifica do que vale essa educação, physica e moral, que deve ter maior repercussão porque os seus effeitos utilitarios beneficiariam a Patria.

Vamos dizer o que elles fizeram servindo-nos dos termos de exagerada concisão mas sufficientemente expressivos do seu «escoteiro-chefe», que sendo um «carola» pelo escotismo é tambem um bello educador:

«Fizeram-se representar todos os grupos de Lisboa.

A partida fez-se das antigas portas de Campolide, ás 8 e meia da manhã.

Iniciou-se a marcha a «corta-matto» pela serra de Monsanto. Fez-se «alto» junto a umas furnas a elevada altura.

Todo o material foi transportado ás costas desde baixo, para dentro das furnas, por ingremes rampas.

Os proprios carros foram desmanchados e transportados para lá.

N'uma das furnas estabeleceram-se cosinhas de campanha. Na outra fez-se arrecadação de tudo incluindo as viaturas. Na mais clara e arejada estabeleceu-se o posto de soccorros que foi entregue ao grupo de escoteiros que pela primeira vez compareceu a exercicio de conjuncto e que bastante tiveram que fazer cuidando das escoriações que os pequenos constantemento faziam nas cristas das rochas.

Os varios grupos estabeleceram os seus acampamentos n'um raio de 400 metros por baixo das grutas e tendo por centro o posto de soccorros que se conhecia pela bandeira branca, tendo ao centro a flôr de Liz vermelha. Logo que se acabaram de armar os acampamentos deu-se ordem pelo semaforo, de acampamento em acampamento, para que se comesse a refeição fria e logo a seguir foi servido o café quente que se tinha feito nas cosinhas de campanha.

Nos pontos mais elevados das rochas a altura talvez de mais de 10 metros estabeleceu-se um cabo de «vae-vem» com o comprimento de trinta metros e no meio de uma alegria doida começou a passagem dos escoteiros de um lado para o outro.

Quando metade dos escoteiros tinha passado, uma das mais distantes sentinelas pedia, por apito, soccorro urgente para um companheiro que tinha cahido do alto das rochas e que estava enrodilhado no fundo do vale.

N'um momento encontravam-se ao pé do «desgraçado» todos os escoteiros e escoteiras, e as ambulancias de todos os grupos.

O escoteiro nada tinha! Era uma experiencia de rapidez de soccorros que por ordem superior tinha sido levada a effeito. Depois de variados exercicios e jogos levantaram-se os acampamentos, armaram-se os carros, atravessou-se a serra a «corta-matto» e descendo-se á Avenida destroçou-se, ás 17 e meia, na praça dos Restauradores.

Algumas anecdotas

Um açambarcador... sportivo

Foi na linda festa de ante-hontem, no Club Naval...

Fizeram-se varias chamadas para premiados. Em todas ellas appareceu, mais ou menos, o sr. Arnold Stocker. Chamaram-se remadores. Lá estava Stocker! Chamavam-se nadadores. Lá estava Stocker! Chamaram-se homens de «water-polo». Lá estava Stocker. E a cada chamamento a assistencia ria-se e applaudia.

Uma senhora presente, interessada com o caso e como percebesse mal o nome, perguntou:

—*Como é que elle se chama?*

—Stocker.

E logo uma velhota do lado acudiu, mettendo-se na conversa:

—Agora percebo eu...

—O que?

—E' que sedo elle «Stock», tem obrigação de açambarcar os premios...

Os grandes récords

O da corrida a pé, em 200 metros

Uma das corridas classicas do athletismo é a dos 200 metros. Em Portugal tivemos, durante muito tempo, um excellente «especialista», que era o sr. Antonio Stromp.

Os maiores «records» da distancia são:

«Records» inglezes: 21" 3/5, W. R. Applegarth, em Stamford Bridge, em 1913

«Records» australianos: 21" 4/5, N. C. Barker, em Sidney, em 1905.

«Records» canadianos: R. Kerr, em Toronto, em 1909.

«Records» americanos e ao mesmo tempo «records» do mundo: B. J. Vefers, em Manhaltam, em New York, em 1896; D. J. Kelly, em Spokane, em Washington, em 1906; R. C. Craig, em Philadelphia, em 1910 e depois em 1911; D. F. Lippincott, em Cambridge, no Machussets, em 1913.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

A sala d'armas Magalhães no Porto

Na terça-feira regressaram do Porto o professor Magalhães e o grupo d'atiradores da sua sala, que em 29 de Janeiro foram á capital do norte em visita official aos esgrimistas portuenses. Foram recebidos por uma commissão d'esgrimistas do «Grupo Armas e Sports» com o seu presidente, o distincto amador sr. Adolpho B. Correia.

A recepção aos esgrimistas da «Sala Magalhães» não podia ser mais carinhosa e o programma das festas que foi cumprido «á risca», constava de:

Domingo, 30.—A's 11,30 horas, embarque n'um gazolina dos esgrimistas de Lisboa e Porto e passeio fluvial até Bolnho, onde em terra se tiraram umas photographias dos excursionistas. A's 15 «tea» n'um luxuoso restaurante. A's 16 horas, apresentação official da «Sala Magalhães», no «Grupo Armas e Sports». Durante 4 horas as pistas da bella sala d'armas estiveram sempre occupadas pelos atiradores de Lisboa e Porto, em successivos assaltos d'espada Abriram os assaltos o profesor Magalhães com o amador sr. Raul L. dos Santos e Adolpho B. Correia com Marciano Beirão. Pela «S. A. M.» jogaram os srs: Albano dos Prazeres, Albino Caldas, Arnold Stocker, Augusto Teixeira, Constantino M. Osorio, Luiz Pereira, Manuel Caraça, Marciano Beirão e professor Magalhães.

Pelo «G. A. & S.» jogaram os srs.: Adolpho Bastos Correia, Candido Motta, Calainho d'Azevedo, dr. Francisco Sequeira, H. Mendes Correia, Manuel Pimenta, Rogerio C d'Oliveira, Raul L. dos Santos e dr. Simeão P. de Mesquita.

Os assaltos terminaram ás 20 horas com o bello assalto entre o professor Magalhães e o distincto amador sr. Bastos Correia que se mostrou um esgrimitsa conhecendo bem o jogo da espada. Este assalto, bastante artistico, teve phases magnificas de parte a parte e terminou por uma esplendida «estocada directa» do professor Magalhães. Durante muito tempo os dois esgrimistas foram alvo d'uma enorme ovação. A seguir foi servida uma taça de champagne trocando-se varios brindes entre o professor Magalhães e atiradores de Lisboa e Adolpho B. Correia e atiradores do Porto.

Dia 31.—A's 11 horas, serie d'assaltos de espada, até ás 15 horas, em que principiou o grande banquete offerecido pelos esgrimistas do Porto aos atiradores da «Sala Magalhães». A meza em U tinha na presidencia o sr. Adolpho B. Correia, que dava a direita ao professor Magalhães e Raul L. dos Santos e a esquerda aos srs. Albino Caldas e dr. Ricardo Bartol. Abriu os brindes o sr. Adolpho Correia, respondendo o professor Magalhães, seguindo-se diversos brindes ás duas salas, aos esgrimistas portuguezes, imprensa sportiva, jornalistas sportivos, mestres d'armas, etc. A's 17,30 horas seguiram os esgrimistas em varios automoveis, em passeio até Mattosinhos e Leixões e regressaram pela bella estrada da circumvallação até Bomfim, seguindo os esgrimistas para o hotel.

Dia 1 de fevereiro.—A's 8,37, embarque na estação de S. Bento no rapido para Lisboa. A' partida do comboio foram levantados vivas e outras saudações de despedida.

—Presentemente a «Sala Magalhães» funcciona na rua da Fé, onde ha muito espaço para os atiradores fazerem um treino methodico.

Congresso de Educação Physica

São tambem relatores d'este Congresso, os srs. dr. Pinto de Miranda, que relatará a these «Educação Physica e sua influencia na educação intellectual e moral» e o capitão Oliveira Tavares a these «Desportos ao ar livre».

A direcção está tratando com as Companhias de Caminhos de Ferro, de obter uma reducção nos preços das passagens para os congressistas das provincias que concorrem a este Congresso.

No Bombarral

BOMBARRAL.—Foram eleitos os corpos gerentes do Sport Clu Bombarrelense para 1916: Presidente da assembleia geral, Manuel Ferreira Santos; secretarios, José Maria Proença e Pedro Monteiro. Para a direcção, Evaristo Judicibus, José Gomes, Annibel Rosado, Feliz Pereira da Conceição e José Maria Cruz.

Opera lyrica

A estreia de Battistini

Canta-se hoje no Colyseu, em recita da moda, a opera de Puccini *Manon Lescaut*, cuja distribuição é a seguinte:

«Manon Lescaut», Carmen Toschi; «Lescaut», sargento da guarda do rei, Corrado Tavanti; «Renato des Griex», estudante, Armando Marescotti; «Geronte de Revoir», thesoureiro geral, Michele Fiore; «Edmond», estudante, e «Um professor de baile», Angelo Algos; «L'Oste» e «Um official de marinha», Libero Ottoboni; «Um musico», Maria Milon; «Um sargento dos archeiros», Jeronymo Aboaf.

A'manhã realisa-se a estreia de Battistini, o insigne barytono, cuja passagem por S. Carlos ficou memoravel. O eminente artista cantará apenas quatro recitas e sempre em operas differentes, fazendo a sua estreia com uma das suas mais notaveis creações. A *Maria de Rohan* jámais teve uma interpretação superior ou egual á de Battistini. Principalmente no 3.º acto o illustre artista é inimitavel.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — Não ha espectaculo.
REPUBLICA — A's 21 — Aventureira.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO — A's 21 — O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
PHANTASTICO — A's 20,30 e 22,30 — Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Maria de Rohan.

Agenda da semana

QUARTA-FEIRA — **Nacional** — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria*. peça de Ramada Curto.

Noticias

Entre nós

Todos quantos contam em divertir-se no Carnaval, não pensam senão nas esplendidas recitas, seguidas de deslumbrantes bailes, que vão realisar-se no theatro Nacional, a 4, 5, 6 e 7 de março, bem como no brilhante baile infantil de segunda feira gorda, á tarde. Demais sabe toda a gente que as diversões que habitualmente ali se realisam n'essa quadra do anno, são as que batem o *record*, não só porque a linda sala do Nacional se presta ás mil maravilhas para festas, como tambem pela selecta concorrencia que sempre ali afflue. Aos dois bailes poderá assistir todo o publico comprando um só bilhete, sendo o Nacional o unico recinto de espectaculos que lhe offerece essa vantagem. Para o baile infantil de segunda feira estão sendo procuradissimos tambem os camarotes.

—No Politeama continuam ámanhã os espectaculos da alegre comedia farça *O cão do commissario*, de Eduardo Garrido, que obteve enorme triumpho, graças ás situações comicas de que está cheia e á interpretação que os artistas lhe dão, entre os quaes se distingue Etelvina Serra.

—Recebemos os cumprimentos do illustre barytono commendador Mattia Battistini, que amanhã canta no Colyseu dos Recreios a opera *Maria de Rohan*. Agradecemos a gentileza.

—Tambem da insigne prima-dona Salomea Krucceniski, recebemos os cumprimentos de despedida.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Pela instrucção

Tendo a Associação Popular de Beneficencia do S. Christovam e S. Lourenço resolvido augmentar o numero de creanças na sua cantina escolar, a direcção acceita requerimentos dos moradores d'essas freguezias, na Costa do Castello, 29.

Na Associação dos Caixeiros de Lisbôa recomeça hoje a funccionar a aula de commercio.

PEQUENAS NOTICIAS

José Eloy da Costa, morador na rua Julio Cezar Machado, 16, rez-do-chão, queixou-se de que os gatunos lhe entraram em casa, arrombando uma janella, e furtaram a quantia de 200 escudos que tinha dentro de uma secretaria. Alfredo Augusto de Campos, morador na rua da Prata, 237, 5.º, participou á policia que os gatunos arrombaram a vitrine que existe na escada, pertencente a Vicente Simões e furtaram uma porção de cabelleiras no valor de 60 escudos.

Lyceu Passos Manoel

A festa da 7.ª classe no theatro da Trindade

Realisa-se no dia 2 de março, no theatro da Trindade, a festa organisada pela 7.ª classe do lyceu Passos Manuel, em que collaborarão os artistas Auzenda d'Oliveira, Medina de Sousa, Alvaro Almeida, Eduardo Correia, etc. O sr. João Queriol tocará solos de piano, serão ditos alguns monólogos e os alumnos representarão a comedia de Almeida Garrett «Falar verdade a mentir». O programma será completado com fitas cinematographicas.

O preço dos bilhetes é de 520 balcão, 320 «fauteuils», cadeiras a 220 réis, encontrando-se desde já á venda no liceu Passos Manuel.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Gremio Beira Vouga.—Reunem amanhã os seus corpos gerentes conjunctamente, para assentarem no programma das festas da inauguração official.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Movimento maritimo

R. Jan. e R. Prata «Flandre» (de B.)	8
Bahia, R. de Jan. e Santos «Terence»	8
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	10
Brazil e R. da Prata «Darro» (de Liv.)	10
Mar., Ceará, etc. «Dominic» (de Liv.)	10
Amsterdan e escalas «Frisia» (do Br.)	11
New-York, via Açor., «Roma» (de G.)	12
Pern. Maceió, etc. «Spectator» (de L.)	12
Bissau, Bol. e Rib. da Bar. «Bolama»	14
Liverpool «Anselm» (do Pará)	14
Pará e Manáus «Antony» (de Liv.)	15

embos os lados podiam concentrar as suas tropas e o seu material, dando em resultado que as tropas que rompiam as linhas se encontravam em frente d'uma outra barreira a pouca distancia da primeira. Não podiam alcançar terreno para manobrarem á sua vontade, como os allemães o haviam conseguido no seu grande avanço na Galicia.

Mackensen, no Dunajec, no principio de maio, conseguira romper a fronte de Radko Dmitrieff n'uma extensão de sessenta e quatro kilometros, o que trouxera como resultado a Galicia ser perdida pelos russos.

Era o que o generalissimo Joffre se propunha fazer em setembro na fronte occidental, onde, na realidade, as condições dos francezes differiam extraordinariamente das dos allemães na sua grande offensiva na fronte oriental, tanto com relação ás provisões de munições do inimigo, como ainda aos seus meios de communicação.

Quando a tactica e a estrategia das operações na fronte occidental durante o anno de 1915 forem estudadas, vêr-se-ha que na violenta lucta da primavera no Artois, onde o notavel soldado francez, o general Petain, alcançou uma reputação que se espalhou pelas fileiras de todo o exercito, os principios que serviram de regra a toda a lucta que se seguiu foram mais claramente expressos.

Poucos dos civis que acceitaram a expressão «guerra de sitio» ao descreverem a guerra n'esse periodo podem fazer idéa da terrivel exactidão d'essa palavra. Era realmente uma guerra de sitio em que cada metro de fronte se tornou n'um bastião e retardou o avanço á custa de centenares de vidas dos assaltantes e um minimo de perdas para os defensores. A minucia da guerra demonstra-se claramente nas referencias dos communicados officiaes.

Um palmo de terreno, uma pequena elevação, as ruinas d'um edificio, uma pedreira, uma valla mesmo eram defendidos com encarniçamento, com energia feroz, sacrificando centenas e ás vezes milhares de vidas para a sua posse.

E só quem estudar os planos do estado maior poderá comprehender o valor que muitas vezes se ligava á posse d'um pequeno tracto de terreno, cuja importancia para os leigos no assumpto passava despercebida. Só mais tarde, quando os estrategicos entrarem na descripção minuciosa da guerra se comprehenderá o que para muitos é por ora incomprehensivel.

Major-general sir W. Bridges, commandante da divisão australiana e morto nos Dardanellos

Dia a dia, a Europa, a maior parte da qual estava na area da guerra, esperava noticias do que succedera na refinação de assucar ou no cemiterio de Souchez, na casa do barqueiro do Yser, na cumiada do Hartmannsweilerkopf na Alsacia, do Four de Paris na Argonne. Só em 1915 é que os francezes parecem ter comprehendido esse intenso localismo da guerra e procederam ás suas operações com esse conhecimento.

CAPITULO II

A offensiva franceza na Champagne

A questão das munições na primeira parte do anno de 1915 foi a mais importante da historia militar das operações. O problema das granadas não se limitou á Gran Bretanha. Em França, embora d'outra fórma, assumiu a mesma gravidade que em Inglaterra e foi o decorrer das operações levadas a cabo simultaneamente com os inglezes na primavera que demonstrou aos francezes que o assumpto era realmente de grande importancia.

Quando, depois da batalha do Marne, a importancia vital do fornecimento de munições attrahiu a attenção das auctoridades francezas, estas immediatamente deram passos semelhantes aos que haviam sido dados na Inglaterra. Mobilisaram todos os recursos de que podiam lançar mão a fim de augmentarem no mais breve espaço de tempo a producção diaria.

Mas n'essa precipitação de produzir munições, alguns materiaes inferiores foram empregados, o fabrico foi mal executado e os resultados em breve se tornaram patentes em toda a fronte occidental. Foram essas deficiencias que obrigaram a uma paralysação da offensiva começada nos primeiros mezes do anno em França.

Quando essas operações terminaram, deu-se um relativo socego na linha, emquanto atraz d'esta, em França, o methodo do fabrico de munições era rapidamente melhorado e na Gran Bretanha a producção augmentava. Durante o verão, de junho ao fim de setembro, a acção ao longo da fronte franceza foi limitada a ataques e defezas de posições, principalmente nos Vosges.

Quanto ao numero de homens que combatiam na extensão da fronte, n'essas operações, era de caracter local. O inimigo estava exhausto por contra-ataques infructiferos, e que lhe custavam caro. Era constantemente ameaçado por uma offensiva franceza na Alsacia, e essa ameaça actuou d'algum modo na preparação dos planos dos alliados para uma offensiva geral ao longo de uma extensa fronte.

Muitos suppozeram que apoz o cheque da offensiva no Artois os alliados na fronte occidental limitariam a sua energia a operações locaes e a accumular grandes quantidades de munições e de homens para um golpe gigantesco vibrado ao

linhas do inimigo na primavera de 1916.

Havia, porém, muitas razões de natureza internacional, militar e psychologica que pezavam na resolução do general Joffre e de sir John French para fazerem um grande esforço antes da chegada da campanha de inverno com todos os seus contratempos.

A situação militar e politica na Russia não era o menos importante d'esses factores determinantes. O grande impulso inimigo parecia, apezar do valor do soldado russo, estar-se approximando d'um fim triumphante e era dever dos alliados no occidente fazer o mais que pudessem para affrouxar a pressão exercida sobre o seu alliado no oriente.

No occidente, essas mesmas operações russas haviam obrigado o inimigo a ficar completamente na defensiva e a deixaram a iniciativa aos francezes e aos inglezes. O exercito britannico havia sido extraordinariamente reforçado, o que o habilitára a occupar uma maior extensão da fronte em França. Devido a esse facto e a mudanças e reorganisações do exercito francez, o reagrupamento de certos regimentos e a formação de novas forças havia-se tornado possivel.

A producção industrial da França augmentára em larga escala e uma enorme reserva de muitos milhões de granadas de todos os calibres havia sido accumulada.

Todas estas razões actuavam com egual força sobre os exercitos francez e inglez no occidente e n'uma conferencia havida entre os dirigentes militares e politicos dos dois paizes accordou-se n'uma acção simultanea e coordenada dos inglezes e francezes que estavam luctando ao norte e dos exercitos sob o commando directo do general Castelnau no centro do grande baluarte da civilisação.

O que esse baluarte era só o podem comprehender os que o viram, os que passaram dias nas trincheiras, que eram a sua ultima expressão, os que estudaram o intrincado e vasto mechanismo do abastecimento de alimentação e de munições, os que percorreram grandes subterraneos em que os homens se abrigavam, os que visitaram as plataformas onde se occultavam as metralhadoras, os que palmilharam as intermin aveis trincheiras de communicação, os que, n'uma palavra, estiveram n'esses novos mundos creados debaixo das ruinas do solo. Coisa alguma tão estupenda, tão extranhamente pintoresca, tão altamente engenhosa, tão solidamente resistente, havia jámais sido vista na historia da guerra.

A vontade do homem contra uma tal barreira teria sido impotente. Só a sciencia e a paciencia podiam prevalecer, só ellas podiam aproveitar as qualidades de bravura e intrepidez, de patriotismo e de sacrificio proprio.

Tanto a sciencia como a paciencia acharam a sua expressão no tremendo bombardeamento que precedeu o avanço dos alliados.

Durante semanas o inimigo foi bombardeado com altos explosivos e shrapnels ao longo de toda a fronte. Dos canhões inglezes sahiam granadas de todos os calibres e dos francezes, desde os de montanha de 65 mm. até ás grandes howitzers de 370 mm. cahia uma chuva constante de destruição sobre as linhas allemãs.

A artilharia das trincheiras, nas suas variadas fórmas, juntava-se a isso. Na atmosphera, favorecidas pelo tempo, grandes esquadrilhas de aeroplanos regulavam o tiro da artilharia, emquanto os canhões pezados das flotilhas de bombardeamento arremessavam as suas cargas de explosivos e levavam a destruição, além do alcance dos canhões de campanha, sobre o caminho de ferro e os centros de abastecimento ou os pontos de concentração das tropas.

Esse bombardeamento durou algumas semanas ao longo de toda a linha, com o duplo fim de impedir o inimigo de vêr em que ponto a infantaria se estava preparando para avançar e tornar impossivel ao inimigo preparar quaesquer sérios contra-ataques ou tomar a offensiva em qualquer ponto ao longo da fronte.

A grande offensiva em França, para falar com propriedade, dividiu-se em tres partes. A primeira arma a iniciar o ataque foi o aeroplano, que, desde o começo da guerra, se havia desenvolvido consideravelmente e estava constituindo, embora vagarosamente, um systema de tactica e estrategia aerea.

No verão de 1915, a utilidade do aeroplano fôra reconhecida; a industria estava fornecendo os differentes typos de machinas requisitadas e haviam-se formado grande numero de esquadrilhas. O trabalho dos aeroplanos n'essa phase da guerra estava dividida em tres partes: reconhecimentos, vôos e bombardeamento.

Para cada um d'esses fins typos especiaes haviam sido construidos e cada um d'elles teve uma parte importantissima nas operações da Champagne. A actividade aerea dos francezes que tinham que desempenhar um papel immediato na offensiva da Champagne começou em julho, quando, como parte da lucta na Argonne, os entroncamentos de caminho de ferro e os centros de abastecimento do exercito do kronprinz foram vigorosamente bombardeados com granadas explosivas de alto calibre por esquadrilhas contando entre trinta a quarenta machinas.

Com essas esquadrilhas lança-bombas iam os Hawks, como lhes chamava o exercito francez, potentes machinas armadas para a lucta, que, pairando por cima, á frente ou nos flancos das esquadrilhas, lhes serviam de escolta e repelliam quaesquer machinas inimigas que tentavam atacal-as.

Emquanto estes «raids» se effectuavam para além das linhas inimigas, reconhecimentos aereos menos espectaculosos, mas egualmente perigosos, se faziam, tirando photographias das linhas do inimigo, das posições dos canhões e impedindo as machinas allemãs de descobrirem os grandes movimentos e preparativos que se faziam para a offensiva.

Toda essa actividade era, porém, uma parte infinitamente pequena do gigantesco trabalho da offensiva. O estado maior teve de estudar, uma a uma, as casas arruinadas, os massiços de arvores, as dobras de terreno, tudo, absolutamente tudo que offerecesse um sitio apropriado para ser collocado uma metralhadora, um canhão. O ataque tinha de fazer-se d'uma maneira methodica, porque a dilação n'um ponto podia causar os maiores transtornos, um desastre até.

O bombardeamento começou no meiado de agosto e emquanto foi geral ao longo da fronte, houve partes que chamaram mais a attenção pelas massas da artilharia reunidas além da fronte franceza. Essas zonas especiaes indo de norte para sul eram: a fronte da Belgica, o districto de Souchez, Arras, Roye, Aisne, na Champagne entre Moronvillers e Souain, Argonne, Woevre e Lorena.

O bombardeamento continuou a ser geral, augmentando, porém, de intensidade na Champagne, até tres dias antes das operações da infantaria começarem, quando, sem cessar, dia apoz dia, noite apoz noite, a fronte da Champagne foi inundada de granadas.

Os allemães não sabiam qual o local escolhido pelos francezes para a lucta mais violenta. Foi na Champagne Pouilleuse.

A fronte que os francezes atacaram era vasta. Os anteriores exitos d'ambos os lados no occidente tinham terminado por um cheque, devido á fronte atacada não ter sido sufficientemente larga. Em Artois, em Soissons e na Argonne cada exito local alcançado não passava de ser puramente tactico.

Era corrente em França, no verão de 1915, dizer-se que Joffre podia romper a linha inimiga onde quizesse. Era na realidade verdade. Se se concentrasse artilharia sufficiente para atacar uma dada secção da fronte, a linha seria ahi quebrada, como succedeu em Festubert, em Souchez, em Soissons e ainda na Argonne. Mas a aberta assim arranjada até então não conseguira obter resultados estrategicos.

Nas estreitas frontes ameaçadas,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1978—6.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Terça-feira, 8 de Fevereiro de 1916

Telephone n.° 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.° | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

O inquerito

O sr. Brito Camacho, que é «leader» do seu partido na Camara dos Deputados, vem hoje na «Lucta» perfilhar a pretensão, expressa por um dos membros da commissão parlamentar de inquerito ao incendio do Campo de Santa Clara, pretensão que é sabido, consiste em que os vogaes d'essa commissão possam isoladamente proseguir uma especie de inquerito particular n'essa importante averiguação, a que o parlamento entendeu que se devia fazer um exame em condições que não podiam, visto tratar-se d'uma commissão que o realisaria, deixar de ter um caracter collectivo.

Já aqui dissémos que é a primeira vez que tal pretensão surge n'um assumpto d'esta natureza. Na commissão de inquerito, eleita pelo parlamento monarchico, para examinar a questão dos adeantamentos á casa real, entrou um representante da minoria republicana, o sr. Antonio José de Almeida. O sr. Antonio José de Almeida não se lembrou de fazer um inquerito isolado. Nem em tal pensou. E na commissão de inquerito, tambem votada pelo parlamento no tempo da monarchia, para esclarecer a questão Hinton entrou egualmente um membro da minoria republicana. Foi o sr. Brito Camacho que, da mesma fórma, se não lembrou de fazer um inquerito isolado, expressando uma pretensão egual á que o seu correligionario, o sr. Moura Pinto, agora manifestou.

O sr. Brito Camacho quer que se faça inteira luz sobre o assumpto, e no seu artigo de hoje insinua que o incendio seria deitado para encobrir roubos. Diz o chefe unionista que toda a gente pensou que o incendio foi deitado para fugir á responsabilidade de roubalheiras. Estas accusações de crimes tremendos e impunes, protegidos pelos governos da Republica, não as perfilha o sr. Brito Camacho no parlamento onde tem uma cadeira. Até agora ainda ninguem explicitamente ahi formulou essas accusações gravissimas senão o sr. Antonio de Campos e a maneira como o sr. Antonio de Campos provou essas accusações é já conhecida pelo paiz inteiro.

Pesadas responsabilidades na vida da Republica Portugueza sobrecarregam já os hombros do chefe do partido unionista. Pertence-lhe a da scisão que procurou estabelecer no espirito nacional sobre a questão da guerra. O sr. Brito Camacho, n'esse proposito tem gasto e continua gastando todos os recursos da sua obstinação. Bem sabe elle que os seus sophismas, os seus estratagemas, as suas alterações da verdade, que conhece inteiramente, não podem ser rebatidas d'uma maneira decisiva porque a isso se oppõem considerações que o patriotismo impõe. Por isso não desiste, lançando sempre a confusão n'um assumpto de que todos deviam ter uma noção limpida e segura. A essas responsabilidades accrescenta agora outras, pronunciando-se pelo exito d'uma pretensão que não só pode ser inconveniente, pela dilação que dará ao resultado geral do inquerito, como pode ser perigosa tratando-se d'um caso que necessita ser tratado com uma absoluta serenidade e uma natural ponderação.

Se podessemos influir no parecer dos membros do parlamento, o nosso desejo seria, comtudo, que se fizesse o que o sr. Brito Camacho deseja, ficando elle com as responsabilidades da sua attitude. Tudo nos parece preferivel a que sobre o caso do Deposito dos Fardamentos fique pairando uma atmosphera de suspeições, que são degradantes para a Republica e portanto para o paiz. A pretensão dos inqueritos individuaes não se justifica. Tem mesmo o caracter da novidade, pois não nos consta que precedentes se possam invocar. Mas faça-se tudo, de maneira que o sr. Brito Camacho e toda a gente não possam continuar a proclamar ou insinuar que é a Republica um regimen que acoberta roubos!

Thesouro de guerra da nação portugueza

Leotte do Rego em Coimbra—A formação d'um thesouro de guerra

O jornal republicano academico *A Revolta*, de Coimbra, lançou nas suas columnas, brilhantemente redigidas, a ideia da formação de um thesouro de guerra nacional, projectando para tal fim realisar uma serie de festas e um grande bando precatorio que percorrerá as ruas d'aquella cidade.

A ideia dos academicos tem recebido o melhor acolhimento da parte de todas as collectividades a quem se dirigiram e espontaneamente d'algumas que se apressam a manifestar-lhes a sua solidariedade e o seu enthusiastico apoio.

Apoz as considerações feitas ao estado actual das coisas, diz *A Revolta*:

E' esta a situação.—O esvurmar dos antigos odios politicos aplacou; e aplacaram, tambem, os impetos marciaes que a principio se fizeram annunciar.—O dinheiro allemão, aproveitando-se d'este somno, fala pela bocca do miseravel traidor *Von Alpoim* e semeia pelos quarteis os mais vergonhosos pamphletos onde se aconselha aos soldados a desertarem, e a não pegarem em armas contra ninguem. Vimos, ha dias, uma d'essas miseraveis publicações.

Urge incendiar o povo, e fazer em alguns mezes uma tarefa de vinte annos. E' o que vamos fazendo na cidade de Coimbra, que, certamente, irá dar ao paiz um exemplo de patriotismo. Dentro de poucos dias virá a esta cidade o illustre marinheiro Leotte do Rego, a fim de realisar uma conferencia patriotica sobre a *Nova situação de Portugal perante a Guerra*. Leotte do Rego vem a esta cidade, não na sua qualidade de politico, mas na de portuguez e grande patriota.

Coimbra vae ouvir pela voz quente e arrebatada do valente marinheiro, qual é a verdadeira situação da nossa Patria, e qual o unico meio de a salvar.

Esta conferencia será a preparação para um bando precatorio pelas ruas de Coimbra, cujo producto se destinará ao Thesouro de Guerra da Nação Portugueza.

Migalhas

O orpheon de Condeixa

Revelado ao grande publico pelos curiosos artigos de Adelino Mendes e trazido ao palco sempre acolhedor do Republica por intermedio de Lopes Vieira, visita-nos ámanhã o orpheon de Condeixa, e não deixa de ter um certo sabor, além do seu interesse artistico, a transplantação d'esse grupo extranho onde ha de tudo: cavadores e bachareis, professores e creanças, da remançosa tranquillidade de uma pequena cidade provinciana para o primeiro palco da capital.

Nos tempos de banalidade que vão correndo, a revelação que nos foi feita deve encher-nos de alegria, pela convicção que nos trouxe de que ainda ha—louvado Deus!—um ponto sobre o qual possam estar de accôrdo em Portugal os bachareis e os cavadores, aquelles que a vida já vincou e os que começam a sua aprendizagem. E, como esse ponto é a musica que passa por «adoucir les moeurs», bemditos sejam os manes de Bach e Palestina, abençoada seja pelos republicanos mais historicos a memoria de D. João IV, que não se limitou a fundar uma dynastia, mas tambem se entreteve a compôr solfa. São a Arte e a Belleza a approximarem os espiritos e os corações, a desviarem o cavador da taberna e o bacharel da pharmacia, pela mão subtilmente milagrosa de um padre de provincia, artista e bom.

O orpheon de Condeixa é um exemplo e uma lição. Porque não havemos de aproveital-a? Pedir aos governos que patrocinem iniciativas semelhantes, como aliás lhes cumpre, é tempo perdido. No fundo não resultaria d'ahi senão a creação de um logar de commissario junto do canto coral. Mas, por essas terras fóra onde nunca falta um amador de musica mais ou menos experimentado, porque se não tentam esforços semelhantes? A festa de ámanhã demonstra que, por mais recatada que esteja uma bella iniciativa, ha sempre espiritos justiceiros para a descobrirem, para a patrocinarem, para a pôrem em relevo e lhe darem a devida consagração.

André Brun

Pelo telegrapho

A campanha na Russia

PETROGRADO, 7.—Na região de Riga houve intenso duelo de artilharia. Ao norte do Boyane, depois da explosão de uma mina e d'uma lucta de bombas occupámos as trincheiras inimigas onde encontrámos um grande numero de cadaveres. No Caucaso transpuzemos o rio Arkave e desalojamos os turcos de uma serie de trincheiras. Na Persia rechaçámos o inimigo da região de Kianghaver.—(*Havas*).

Demora no serviço telegraphico

PARIS, 7.—Em consequencia das necessidades impostas pela fiscalisação militar telegraphica, os telegrammas para Hespanha, Portugal e Marrocos estão sujeitos até nova ordem, a soffrer importantes demoras.—(*Havas*).

A lucta na frente austro-italiana

ROMA, 7.—No Trentino e na Carnia houve canhoneio. No Isonzo, o canhoneio e as acções dos aviões inimigos augmentam, mas contrabatemol-os efficazmente. No sector de Zagora um aviador italiano forçou dois aviões inimigos a porem-se em fuga.—(*Havas*).

O sr. Briand vae a Roma

PARIS, 7. — O presidente do conselho sr. Briand partirá na quarta feira para Roma, onde conferenciará com o governo italiano.—(«Havas»).

Um principe prussiano ferido

AMSTERDAM, 8.—Um telegramma official de Berlim diz que o coronel principe Oscar da Prussia foi ligeiramente ferido na cabeça e n'uma coxa pelos estilhaços de uma granada, no theatro oriental da guerra.—(*Havas*).

Parlamento e alto funccionalismo russos

PETROGRADO, 7.—A *Duma* do imperio deve reunir no dia 22 do corrente.—(*Havas*).

PETROGRADO, 8.—O sr. Kharitonoff, fiscal do Estado, foi reformado por falta de saude, sendo substituido n'aquelle cargo pelo sr. Pokrovsky, membro do conselho do imperio.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 8. — Communicação official das 15 horas:

Ao sul do Somme a nossa artilharia grossa canhoneou um comboio entre Roye e Chaulnes. Na Argonne fizemos saltar um fornilho em Saint Thides e trez minas em Vaupois. No resto da linha, a noite decorreu tranquilla.—(*Havas*).

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

IMPRESSÕES DE UM "FILM"

"OS VAMPIROS"

A proposito d'um tenebroso drama que vae ser exhibido n'um cinema de Lisboa

Acabo de assistir, no magnifico salão do Cinema Condes, á exibição de um *film* de aventuras policiaes. Terminára a sessão habitual, tinham sahido todos os espectadores e perante os socios da nova empreza que actualmente explora aquella casa de espectaculos e um reduzido numero de amigos intimos começou a correr-se a *fita* que amanhã vae ser exhibida na inauguração das chamadas *soirées* da moda.

Vae nas tres horas da madrugada.

Sento-me á minha meza de trabalho, ainda sob a forte impressão que me deixaram no espirito alguns milhares de metros de pellicula que registou as aventuras dos *Vampiros*, sinistros heroes de repugnantes crimes e de macabros requintes de crueldade, productos hediondos da moderna vertigem de viver, asquerosa população de caves e alfurjas onde se estiolam as flores do vicio entre a fumarada dos cachimbos e os vapores do alcool.

Poucas vezes, na verdade, vi traduzir no *écran* de projecção, com tão meticuloso e minucioso cuidado, este recente genero de litteratura *à frisson* que tem a recommendal-o a qualidade de inapreciavel de nos communicar as sensações quasi sem esforço. De facto, a acção decorre como se realmente o espectador assistisse ao desenrolar dos differentes episodios, que ante os olhos se nos apresentam com assombrosa naturalidade, ao passo que, lendo uma novella de Conan Doyle, são os olhos da imaginação que teem de phantasiar as situações. Comprehende-se facilmente que o romancista não pode nunca levar a minucia do descriptivo até o exagero de enumerar todos os pormenores, o que seria pelo menos de pouco attrahente interesse.

Nos *films* animatographicos é bem differente o caso. O enscenador prepara cuidadosamente os locaes onde devem decorrer as differentes partes da acção e nada lhe esquece, não ha detalhe a que se não attenda, embora se não destine mais que a dar ao publico a visão fugidia de uma fracção de segundo. Se por um lado não oiço as palavras que pronunciam os interpretes do drama cinematographico, o que á primeira vista o deprime em face do drama theatral, e tenho que lêr na expressão physionomica dos artistas o papel que deveriam recitar, tanto maior por outro lado é a impressão de arte que a mimica dos bons actores me inspira. Além d'isso, tem-se quasi sempre mais nitida a sensação da verdade. Os *Vampiros* não se movem entre o papel pintado dos scenarios: assaltam verdadeiros palacios, somem-se por authenticas chaminés, percorrem, fugindo á emocionante perseguição de audaciosos *detectives*, telhados genuinos e saltam, para se furtarem ás garras da justiça, abysmos a valer. Porque ao artista de cinematographo, ao artista completo, bem entendido, exigem-se hoje qualidades heroicas: tem de ser actor, mas tem de ser egualmente sportman e acrobata, tem de possuir audacia, tem de se arrojar ao perigo, desprezar a morte e sugeitar-se muitas vezes á contigencia de um accidente que o póde inutilisar para sempre. Citam-se casos de artistas afogados em scenas maritimas, mordidos pelas feras, queimados por incendios, estropiados em quedas terriveis. Mas voltemos aos *Vampiros*.

Imagine-se uma associação de terriveis malfeitores, cujas proezas enchem de panico a população de uma grande cidade. O mais recente crime commettido pela mysteriosa quadrilha tem um pormenor horrivel: o cadaver de um agente que procurava seguir-lhes a pista apparece decapitado em determinado local. O corpo, sangrento e pavorosamente mutilado, basta para identificar a victima, mas a cabeça desapparecera sem que se pudesse suspeitar o seu destino.

Em virtude da emoção causada por este singular attentado, o redactor de um grande quotidiano é incumbido da missão de desvendar o mysterio e parte para a sua campanha. E' então que a lucta se inicia, uma lucta sem treguas, de vida ou de morte, entre a sinistra quadrilha de bandidos, velhos familiares do crime, dispondo de recursos inexgotaveis e de invisiveis poderes, e o moço reporter, ancioso por firmar a sua reputação de jornalista moderno, destemido até á loucura, e possuidor das prodigiosas faculdades que immortalisaram a figura de Sherlock Holmes. Sobre este thema decorre a movimentada acção dos *Vampiros*, que bem se distinguem das novellas de cordel em que o genero de litteratura policial tanto abunda.

Houve já quem apontasse, com effeito, como motivo de condemnação *in limine* d'este genero de romance, o perigo da suggestão em cerebros mal equilibrados. Na verdade, quando a serie de episodios é mal conduzida, justifica-se o commentario. Nos *Vampiros*, porém, é sempre o reporter quem triumpha de todas as ciladas, quem descobre o trama de todas as tenebrosas combinações dos bandidos; quem acaba sempre por desmascarar os seus criminosos planos. Como na antiga e sempre segura technica do drama, é o bem que constantemente sae victorioso na lucta com o mal, embora por vezes o espectador sinta o espirito alanceado pela suspeita de que elle vae succumbir. Cada novo episodio é um ponto de interrogação, cada vulto assassino que se esgueira ao longo das paredes, vestido de negro da cabeça ao pés, com o tragico capuz a tapar-lhe o rosto e os olhos fulminando vinganças atravez dos buracos da mascara, é uma nova commoção que se prepara, uma nova phase da lucta que se desenvolve, um novo triumpho que, por via de surprehendente e inesperado machinismo, ajuntará mais um titulo de gloria ao arrojado reporter.

...São quasi quatro da manhã. Atravez da minha janella distingo, a recortar-se na claridade indecisa do céu, a silhueta negra da cidade que dorme. N'uma torre longinqua soam badaladas. Devia ter sido a esta hora, sob este silencio e n'uma noite assim que, de palestra com a gentil Napierkonska, a quem ha poucos annos admirámos no Republica em carne e osso, o auctor do drama idealisou aquella tenebrosa historia em que a famosa bailarina creou a dança do vampiro, uma das mais originaes concepções coreographicas que tenho conhecido.

Hermano Neves

SEPARAÇÃO DE FUNCCIONARIOS

A do consul em San Francisco da California

Era um funccionario digno e honesto e foi victima d'uma machinação—diz um velho republicano exilado

Oakland, California, 12 de janeiro de 1916—Sr. redactor da «Capital».—Tendo esse jornal feito menção da injustiça praticada para com o sr. Simão Lopes Ferreira, que era consul da Republica na Costa do Pacifico, parece-me de utilidade para os seus leitores offerecer-lhes uma narração imparcial e desapaixonada dos acontecimentos, taes quaes se deram—a verdade e nada mais; a verdade e nada menos.

N'esta epoca de adhesivos e de republicanos arrivistas, torna-se necessaria uma como que declaração de principios.

Quem estas linhas escreve é um exilado, que na ilha Terceira, nos Açores, luctou na imprensa pelo nobre ideal ao lado de Alfredo Mesquita, hoje consul da Republica em Constantinopla; de Faustino da Fonseca, hoje senador da Republica; de Antonio Joaquim de Sousa Junior, ex-ministro da instrucção.

Obrigado a emigar, para não soffrer os rigores da lei das rolhas em 1891, ainda se conserva cidadão da Republica.

Aqui tem continuado na mesma linha de conducta, e por isso, ao chegar á visinha cidade de S. Francisco um funccionario que tinha sido nomeado pela monarchia que se extinguira, o abaixo assignado procurou attentamente observar-lhe os actos, e para logo teve a satisfação de ver que no consul S. L. Ferreira havia, não o servidor do rei, mas o servidor do seu paiz, acima de tudo, como se vae ver:

Fez todo o esforço para evitar o apparecimento da bandeira da monarchia em actos publicos, como estava gisado;

Promoveu a creação d'uma camara de commercio, em satisfação a um dos primeiros desejo da Republica;

Trabalhou para que se abrisse uma escola portugueza subsidiada por associação da colonia e contribuindo monetariamente para ella;

Compareceu a todos os festejos da colonia, ainda que com dispendio de forças e tempo;

Mostrou sempre muito zelo pelas coisas da colonia, como acima fica exposto e pelas da Republica, como altamente apregoam os seus relatorios, especialmente o ultimo, com respeito á exposição Panamá-Pacifico.

E o homem que assim tem procedido é accusado de monarchista.

Como é, pois, que adquiriu inimigos? Como os adquire toda a gente que não é mentecapta. Pois até ha quem o censure por ser baixo; ha quem o censure por não ser formoso; ha quem o censure por a sua voz não retumbar quando discursa em algum vasto salão. Parece isto ridiculo, mas é a verdade, isto é: serve como pratinho á má lingua.

Não menos ridiculo é o que se tem architectado contra elle.

A origem da aversão começou da maneira seguinte:

Quando aqui chegou o sr. S. L. Ferreira foi estabelecer o consulado no edificio do Banco Portuguez, cujo presidente foi pouco depois nomeado vice-consul, com gaudio de todos os empregados. Pouco depois este aggregava a si, como gerente do banco, um amigo, compadre e natural da mesma ilha açoreana. Mais tarde, na escolha de directoria para o Banco foi o presidente vice-consul deposto e elevado ao cargo o que era gerente. Nasceu d'aqui inimisade entre os que antes eram amigos, e vimos então uma guerra entre os dois, a qual se tornou publica por meio de circulares expedidas pelos dois contendores.

Como o consul, que nada tinha que ver com a materia, continuasse a dispensar amizade ao seu vice-consul, o adversario começou a resentir-se, chegando alguem a observar ao consul que cortasse as relações com o vice-consul! Até onde chega a audacia e falta de criterio!

Como não pudessem ferir o vice-consul e ex-presidente do Banco por elle não ter cargo a perder, voltaram-se contra o consul.

Chegado aqui o sr. José Ferreira de Sá Piedade, com o commissario geral do governo portuguez na exposição Panamá-Pacifico, valeu-se d'elle o elemento opposto ao vice-consul, para antagonisar, não este, que era invulneravel, mas o consul, por ser amigo d'elle. E o sr. Piedade, desconhecedor do nosso meio, inexperiente d'esta vida da colonia, levado pelo impulso do momento, commetteu a leviandade, a imprudencia de se fazer instrumento da discordia, que teria findado sem este escandalo, se não fosse a sua intervenção.

Os factos adduzidos pelo sr. Piedade foram pulverisados nos jornaes.

Uma das accusações feitas ahi no parlamento de que o consul ouvira com manifesto agrado o hymno da Carta, é refutada no «Arauto» e o sr. Piedade viu-se obrigado a vir á imprensa dizer que tinha mentido para Lisboa, pois que admittia a veracidade do «Arauto». As outras falsidades tambem já foram desfeitas pelo mesmo jornal, sem que o sr. Piedade dê pio.

Os instigadores do sr. Piedade prometteram-lhe o consulado de S. Francisco, como se a Republica pudesse dar ouvidos a subditos americanos que o são todos, «todos» os instigadores do sr. Piedade. Entre elles não ha um unico portuguez, nem um unico que possa dar provas de republicano no passado. Pelo contrario; de entre elles ha quem mui presenteiramente andou por aqui com o conselheiro Lampreia, ultimo ministro da monarchia no Brazil.

Quando foi implantada a Republica foi enviado da California um telegramma ao governo provisorio, só um, mas não foi assignado por um unico d'estes decantados republicanos de hoje. Foi enviado pelo signatario d'estas linhas e dois outros republicanos convictos; respeitadores do representante do governo.

Quem estas linhas escreve defendeu no seu jornal, não o sr. S. L. Ferreira, com quem não tem relações intimas, mas o representante da Republica n'estas paragens. Agora, que elle foi demittido por accusações falsissimas, só deseja que a Republica corrija o seu erro, empossando de novo o sr. Ferreira no cargo que lhe é devido. A minha crença no regimen republicano leva-me á certeza de que a Republica não pratica injustiças. Se erra, promptamente corrige o erro.

Agradecendo a extensão do espaço valioso que emprestou a causa tão justa, deseja-lhe prosperidades o de v. etc.—José de Menezes.

MUSICA

Concerto na Liga Naval

E' o seguinte o programma que depois d'ámanhã, pelas 21 e meia horas, se realisa no salão nobre da Liga Naval, promovido pelas professoras sr.as D. Felicidade Pereira e D. Laura Wake Marques:

1.ª parte—«Sonata em ré menor» (op. 31 n.° 2), Beethoven, allegro, adagio allegretto, piano, por D. Felicidade Pereira de Carvalho; a) «Quel ruscelletto», Paradies, 1710 a 1792; b) «Viens prés de moi!», Bach, 1685 a 1750; c) «Le violette», A. Scarlatti, 1649 a 1725; d) «Pur dicesti», Lotti, 1685 a 1740; Canto por D. Laura Wake Marques.

2.ª parte—«Carnaval de Vienna (op. 26), Schumann, allegro, romance, scherzino, intermezzo, finale, piano, por D. Felicidade Pereira de Carvalho.

3.ª parte—(a «Nocturno em si major» (op. 62 n.° 1); b) «Estudo em sol bemol» (op. 10 n.° 5), Chopin, piano, por D. Felicidade Pereira de Carvalho; a) «Si mes vers avaient des ailes», R. Hahn; b) «Mandoline», Debussy; c) «Oh! quand je dors», Liszt; d) «Dans la jetée d'Alexandrie», Ruy Coelho; e «Sérénade», Strauss; Canto por D. Laura Wake Marques.

A parte de piano dos «lieder» a cargo do compositor Ruy Coelho.

A falta de carne

Não ha já afinal ámanhã, como se esperava, abundancia de carne em Lisboa, pois que no Matadouro Municipal apenas foram abatidas 9 rezes e 15 carneiros.

No Mercado Geral de Gados ó que estão 100 cabeças, mas como veem consignadas a diversas firmas e foi hontem ali recebido um officio, pedindo que se não procedesse ao abatimento antes de se effectuar um rateio pelos marchantes, nenhuma d'essas rezes foi hoje para o Matadouro.

NOTA POLITICA

Vota-se a dissolução parlamentar?

A revisão constitucional e os trabalhos d'uma commissão nomeada pela Camara dos deputados

O sr. dr. Fernandes Costa levantou ha tempos na Camara uma questão que vae resurgir dentro em breve. Referimo-nos á revisão constitucional. Depois d'um largo debate, em que tomaram parte oradores dos varios aggrupamentos politicos, resolveu-se nomear uma commissão que estudasse o assumpto e apresentasse á Camara o seu parecer, sobre o qual recahiria novo debate antes de se estabelecerem quaes os artigos da Constituição a modificar.

A commissão installou-se, iniciou os seus trabalhos, mas não consta que resolvesse até hoje qualquer coisa de definitivo. Essa demora, facilmente comprehensivel em face da complexidade da materia, parece que levará os deputados opposicionistas a tratarem novamente da questão na Camara, dispensando a formalidade da apresentação do parecer da commissão, tanto mais que elle apenas serviria para base de trabalhos.

—A questão tem de ser amplamente debatida, dizia-nos hoje um dos deputados opposicionistas que commungam n'essas ideias, para que todas as responsabilidades se definam por modo a evitarem-se interpretações equivocas. Eu e os meus correligionarios estamos absolutamente dispostos a não transigir no mais importante aspecto da revisão constitucional: — é o de conceder-se ao chefe do Estado a faculdade da dissolução parlamentar. Ou essa faculdade se vota, e ninguem contestará que ella está de sobejo justificada pelos incidentes que tem acompanhado a vida politica da Republica, ou a maioria não reconhece essa necessidade, illudida pela cegueira do facciosismo partidario, e as opposições só teem um caminho a seguir: abandonarem a arena parlamentar, deixando á maioria a responsabilidade de futuros acontecimentos inevitaveis.

«A meu vêr, o horror com que muita gente, no nosso paiz, considera a palavra «dissolução», applicada ás instituições parlamentares, deriva exclusivamente do abuso com que esse principio se effectivou no tempo da monarchia. Como não havia opinião nacional dentro dos partidos dynasticos, como o povo se desinteressava das conveniencias d'esses partidos, o rei dissolvia o parlamento com a mesma semcerimonia com que despedia os seus ministros, influenciado por «cotteries» do paço ou por inconfessaveis interesses dos bastidores politicos.

«Mas não me parece que esse abuso, proveniente dos pessimos costumes monarchicos e da decadencia do regimen, justifique a intransigencia dos que combatem a dissolução por amor aos principios democraticos. Se o argumento colhesse, não devia a Republica servir-se do «Diario do Governo», porque na folha official se publicaram muitos decretos que lesavam os interesses da nação. Não devia mesmo publicar decretos, visto que a monarchia d'elles abusou para praticar toda a casta de immoralidades...

«Não, o principio da dissolução parlamentar em nada affecta as doutrinas democraticas. A dissolução significa que o chefe do Estado, collocado entre um insanavel conflicto de poderes, o legislativo e o executivo, appella para a soberania popular, convidando-a a pronunciar-se em ultima instancia. Entende a opinião publica que a razão está do lado do poder legislativo, isto é, da sua maioria, que, no caso, representará uma das partes do conflicto? Pois bem:—dá-lhe novamente os seus votos. A violencia estava em adiar-se indefinidamente a consulta ás urnas, mantendo-se, com esse pretexto, um governo dictatorial. Mas ha mil maneiras de evitar essa violencia. Bastaria, por exemplo, que o principio de dissolução só pudesse effectivar-se acompanhado de um decreto de convocação dos collegios eleitoraes dentro d'um praso limitado, que poderia ser de 60 dias.

«E' assim que na Inglaterra se considera o principio da dissolução da Camara dos Communs: — como uma garantia dos principios democraticos, como uma salvaguarda dos direitos do eleitorado. Imagine que durante uma sessão legislativa surge uma questão nova, que affecta no mais alto grau os interesses da nacionalidade e que não podia prever-se quando se realisou o acto eleitoral. Não é justo consultar os eleitores para que elles se pronunciem sobre essa questão nova?

«Na constituição politica da Republica Franceza lá está consignado o principio da dissolução parlamentar. Diz-se que nunca foi applicado, mas esquece-se que os costumes politicos da França são muito diversos dos nossos. Quando seria possivel, no parlamento portuguez, a organisação de maiorias, em torno de determinados programmas, para sustentarem este ou aquelle governo? Isso faz-se em França, onde a propria dispersão das forças politicas o torna quasi inevitavel. No nosso paiz, a situação é inteiramente diversa. Se a Constituinte tivesse approvado o principio da dissolução nem teria havido o movimento das espadas, nem se teria produzido, consequentemente, a revolução de 14 de maio. E se o eleitorado continuava a depositar no partido democratico a mesma confiança, renovar-lh'a-hia dois mezes depois do parlamento se dissolver.

BOMBA QUE EXPLODE

Uma creança morta
Duas gravemente feridas

Criminoso abandono de nove bombas de dynamite

A's primeiras horas da manhã de hoje começou correndo o boato de que para os lados do Campo de Santa Clara se tinha dado á explosão de uma bomba, da qual haviam resultado mortes de creanças e ficarem outras gravemente feridas. Pouco depois das 11 horas participavam-nos do governo civil o caso. Partimos para o local.

Por ser hoje terça-feira, dia da tradiccional «Feira da Ladra», o Campo de Santa Clara estava bastante concorrido, mas não havia ali vestigios de qulquer acontecimento anormal. Indagámos. Não fôra no Campo de Santa Clara mas um pouco mais abaixo, no largo do Outeirinho da Amendoeira, onde está installada a séde da sociedade «A Voz do Operario», que se deu a explosão. Descemos a calçada de S. Vicente e depois de atravessar varias ruas de Alfama entrámos no largo. De todos os lados fervem os commentarios. Uma enorme multidão, entre o qual figura o mulherio, tinha phrases de protesto contra aquelles que haviam abandonado as bombas.

No largo ha uma alta muralha, trazeiras da cerca da egreja de S. Vicente, ficando essa muralha junto do palacete onde reside o general sr. Moraes Sarmento. Essa muralha é cheia de pequenos buracos que servem para o escoamento das aguas da cêrca e onde o rapazio esconde os objectos que lhes servem de brincadeiras. O vasto largo serve de campo para essas creanças se divertirem antes e depois de sahirem das escolas ou officinas, visto que quasi todas as pessoas ali residentes pertencem á construcção civil. Hoje, como de costume, reuniram-se ali muitas creanças que, como nos demais dias, começaram brincando.

Entre os rapazes que ali andavam contavam-se José da Silva, de 9 annos, filho de Luiz Caetano da Silva e de Julia Vieira da Silva, moradores no largo do Outeirinho da Amendoeira, 14, loja; Eugenio Ernesto dos Santos, de 9 annos, filho de Maria Francisca Rosa dos Santos e de Ignacio dos Santos, no mesmo largo, 13, loja; Francisco da Silva, de 8 annos, filho de Maria José e pae incognito, no largo do Sequeira, 5; Alberto da Conceição Santos de 9 annos, e sua irmã Beatriz dos Santos, de 8 annos, filhos de Olympia dos Santos e de Carlos Santos, moradores na Cruz de Santa Helena, 3, 1.°; Arthur da Conceição Lima, de 6 annos, filho de Maria Gertrudes Lima e de Manuel José Lima, na Cruz de Santa Helena, 11, 1.°, Jayme Soares, de 7 annos, filho de Rosaria dos Santos Vigario, orphão de pae, na mesma Cruz, 8, 3.°, e Manuel Antonio Gonçalves, de 10 annos, filho de Felisbella Augusta e de pae incognito, morador na rua de Santo Estevão, 26, loja. Todos os pequenos andavam brincando em pontos differentes até que um d'elles, o Eugenio, notou que n'um dos taes buracos estava uma bola. Tirou-a para fóra e mostrou-a aos companheiros. O Jayme, na sua inconsciencia, alvitrou que todos fossem jogar á bola, ideia que foi recebida com grande applauso. O Jayme agarra na supposta bola e lança-a no ar.

O que se passou não é facil de descrever. A bola era uma bomba carregada de dynamite. O estampido foi medonho, a fumarada immensa, as creanças cahiram por terra entre gritos de dôr. De todos os lados partiam gritos de soccorro. Populares e agentes de policia correram em auxilio dos pequenos feridos transportando-os para o hospital da marinha e depois para o de S. José, onde o medico de serviço auxiliado pelo enfermeiro Oliveira lhes prodigalisou os primeiros soccorros. De todos, o que estava em peor estado era a pequena Beatriz, que tinha o ventre esfacelado e que não resistiu, pois que falleceu quando dava entrada na enfermaria de Santa Joanna. Eugenio dos Santos, que foi operado do trepano, e Arthur da Conceição Lima, ferido no ventre e operado da laparatomia, estão em estado grave.

Entretanto comparecia no local do

sinistro o cabo 51 da 11.ª esquadra com alguns guardas, que depois de varias diligencias descobriram mais 8 bombas escondidas, das quaes tiraram 7, visto que uma se encontra atravessada e que para ser arrancada necessita do trabalho de um pedreiro. O largo ficou cheio de estilhaços, restos de roupas e pelo solo manchas de sangue. No local esteve a informar-se como os casos se haviam passado o sr. Luiz Filippe da Matta, provedor da Assistencia Publica, e junto do buraco onde estava a referida bomba ficou de sentinella o guarda 379 da 11.ª esquadra, a fim de evitar novo desastre.

O muro da Fundição de Canhões ficou bastante damnificado, vendo-se sobre os buracos a seguinte phrase: «Viva a anarchia. Abaixo a Republica».

A policia vae investigar, a fim de averiguar quem abandonou as bombas.

Festival wagneriano no Republica

Um dos maiores acontecimentos artisticos d'este inverno é sem duvida o proximo concerto, que é o 5.º de assignatura da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, consagrado ao grande Wagner e em que toma parte a distinctissima cantora Maria Judice da Costa. O programma comprehende unicamente composições de Wagner, algumas em 1.ª audição e completamente novas entre nós, executando-se pela ultima vez a famosa «Marcha funebre á morte de Siegfrid» e a brilhantissima «Cavalgada das Walkyrias». A orchestra é augmentada conforme as exigencias wagnerianas, e, apezar de tudo, os preços são os habituaes das audições symphonicas.

A despedida dos Gitanillos e a estreia da Bailarina Descalça

Faz-se hoje no Salão Foz a despedida dos bailarinas andaluzes Los Gitanillos, cognominados os reis da dança gitana. O programma de hoje foi preparado com esmero, dançando Los Gitanillos um baile puramente sevilhano em que toma parte, por especial deferencia para com Los Gitanillos, a bailarina hespanhola Carmen Salon. Les Boriguardis, que hontem receberam, estrondosos applausos, escolheram um novo programma para hoje.

Las Papillons, 8 gentis bailarinas hespanholas e que tanto agrado teem causado, tambem hoje executam novos e variados bailados das horas, da opera «Gioconda».

Para amanhã está annunciada a estreia da danseuse Nelly-Nell denominada a «Bailarina descalça» o que tantos e tantos applausos tem recebido em todos os palcos onde se tem exhibido. A «Bailarina descalça, que o nosso publico já conhece, traz novos numeros das suas interessantes danças e novas canções.

O Salão Foz não para com as suas estreias. Umas succedem-se ás outras, e sempre de valor, o que tem feito com que o Salão Foz se imponha ao publico.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DR. TOVAR DE LEMOS

O senado municipal, na sua sessão de hontem, elegeu por unanimidade, o sr. dr. Tovar de Lemos para o cargo de presidente da commissão do horario de trabalho.

O nosso presado amigo, pela sua actividade, intelligencia e espirito conciliador, ha de corresponder á confiança da camara, conquistando, ao mesmo tempo, o respeito e a sympathia de todos aquelles com quem, na sua ardua missão tiver de tratar. E, que essa missão nada tem de facil, bem o podem testemunhar quantos por esse logar teem passado.

DR. REGIS D'OLIVEIRA

A Sociedade de Beneficencia Brazileira e o Club Brazileiro mandam rezar missas em todos os altares da egreja de S. Domingos, ás 11 horas da manhã de sabbado, por alma do sr. dr. Regis d'Oliveira.

LUTUOSA

Falleceu hoje e sepulta-se amanhã, no semiterio occidental, a sr.ª D. Joanna Maria dos Santos Lopes Mendes, sahindo o prestito funebre, ás 15,30, da rua Mousinho da Silveira, 84.

THEATROS

Celeste Leitão

Faz amanhã a sua primeira festa artistica no theatro do Gymnasio, a gentilissima actriz Celeste Leitão, que, ainda ha pouco sahida da Escola da Arte de Representar, já hoje tem no theatro uma invejavel situação como ingenua de comedia. Desde o seu trabalho na *Soror Mariana* e no *D. Beltrão de Figueirôa*, do Julio Dantas, até ás galantes creações do *Manequim* e de *La dona è mobile*, Celeste Leitão tem-se evidenciado pela graça, pela elegancia, pela leveza, pela candura das suas ingenuas, revelando, de dia para dia, de peça para peça, qualidades que hão de conduzil-a, seguramente, ao alto logar a que tem direito. Os admiradores da sua mocidade, do seu talento e da sua elegancia, vão applaudil-a ámanhã na *Celimena* do *D. Beltrão de Figueirôa*, onde a gentil actriz parece ter descido de um quadro de Velasquez, e na adoravel *miss* americana do Margarette Mayo, cheia de viveza, de ingenuidade e de sentimento.

Repartição de Turismo

O conselho occupa-se da organisação d'um congresso hoteleiro

Na sua nova installação, na travessa da Espera, sobre a rua do Mundo, reuniu o conselho de turismo, assistindo, sob a presidencia do sr. dr. Magalhães Lima, os srs. Henrique Lopes de Mendonça, general Joaquim José Machado, Pereira de Mattos, Ramos Coelho, José Lino, Manuel Roldan y Pego Conrad Wissman e José d'Athayde.

O conselho tomou conhecimento d'um officio do municipio do Funchal, em resposta a outro d'esta repartição, annunciando que as janellas da casa, onde a tradição diz ter residido Christovão Colombo, não foram destruidas, como constára, estando presentemente na posse d'um particular, a quem a camara pretende adquiril-as.

Resolveu tambem, em conformidade com a petição da associação dos «chauffeurs» solicitar da camara de Lisboa que seja posta em vigor a nova tabella.

O sr. Henrique Lopes de Mendonça chama a attenção do conselho, pedindo a sua intervenção junto das entidades que superintendem no assumpto, para o facto de estarem á venda largos tractos de terreno entre Alcantara e Belem que podem vir a ser adquiridos por emprezas ou individuos que não se preoccupando com a esthetica da cidade, construam edificios que a possam prejudicar e para o estado lamentavel em que se encontra a Torre de Belem que de dia para dia se aggrava, correndo risco imminente de ruina.

Sobre o primeiro d'estes assumptos foi resolvido apellar para o vogal do conselho sr. Fausto de Figueiredo, na sua qualidade de administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, proprietaria dos terrenos em questão, solicitando d'elle a maxima cautela na alienação d'esses terrenos para que se não venham a dar os inconvenientes apontados pelo sr. Lopes de Mendonça e sobre o segundo foi deliberado reclamarem-se da camara municipal as providencias indispensaveis.

Em seguida o conselho occupou-se de organisar um Congresso Hoteleiro a realisar em maio proximo e no qual terão ingresso todos os hoteleiros do paiz, proprietarios de restaurantes, proprietarios e arrendatarios de aguas mineraes, membros da direcção e de varias commissões da Sociedade de Propaganda de Portugal, e membros da direcção dos Syndicatos de Industria e Propaganda Regionaes. O congresso constará de duas partes. Na primeira serão tratados, por relatores especiaes varios assumptos de capital importancia para a industria hoteleira, a segunda será destinada á apreciação das propostas, alvitres e reclamações dos congressistas.

Na proxima sessão que deve ter logar segunda-feira, 14 do corrente, deverão ser apreciados o programma e o regulamento do Congresso Hoteleiro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro 27 d'Abril—Para tratar de assumpto urgente, reune a assembleia geral ámanhã, ás 20 e meia horas.

Empregados menores do commercio e industria—Para apreciar o relatorio e contas da direcção e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral no dia 13, ás 13 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Vinda do Bombarral, recolheu á enfermaria 11 do hospital de S. José a menor de 12 annos Ritta Gomes, ali aggredida com uma pedrada na cabeça. Na enfermaria 4 do mesmo hospital falleceu hoje o cocheiro Augusto Pereira, ferido hontem a tiros de revolver nas Caldas da Rainha, como os jornaes da manhã noticiaram.

—O menor de 4 annos Abel Quintino, morador na rua João do Outeiro, 14, 1.º, foi atropellado por um automovel na rua da Mouraria, ficando muito contuso pelo corpo. Depois de receber curativo no banco do hospital, recolheu a casa.

Bens das congregações religiosas

Realisou-se hoje no antigo convento do Sacramento, em Alcantara, o leilão de alguns objectos do culto pertencentes ás extinctas congregações religiosas. Ao acto presidiu o vogal da commissão jurisdiccional sr. Gonçalves Neves, rendendo o leilão quantia approximada a 800$00.

Entre os objectos figuravam duas capellas, que foram vendidas, uma por 259$00 e outra por 82$50.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	37 1|4	37
Londres, 90 d|v.	37 3|4	—
Paris, cheque.	$68,5	$69,5
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$56,2	$57,2
Madrid, cheque	1$28,5	1$29,5
Suissa, cheque	—	—
Italia, cheque	$60	$63
New York	1$35,5	1$37
Rios|Londres.	—	—
Libras.	6$50	6$60
Agio do ouro.	36 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. do 1:000$	39,25	38,95
» » 500$	—	39,10
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 5 0|0 1909, coup. 80$50.

Externas: 1.ª serie 74$80, 2.ª 73$80 e 3.ª 76$50.

Acções: Banco Commercial 166$50; Ultramarino, nomin. 130$; Bonança 150$; Assucar 45$80; Credito Predial 11$; Moçambique 3$; Phosphoros, coup. 57$50; Tabacos, coup. 79$50.

Obrigações: Ambacas 93$20; Norte e Leste, 1.º grau, 72$10; C. de Ferro de Benguella, tit. 1, 81$ e tit. 5, 79$60.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos deputados

Continúa a discutir-se a questão da commissão de inquerito

Preside o sr. Manuel Monteiro e estão presentes os srs. ministros do interior e da guerra. E' approvada a acta. No expediente lê-se uma representação da Federação Operaria do Porto, protestando contra o projecto que augmenta o imposto sobre o vinho consumido n'aquella cidade. O presidente pergunta á Camara se deve continuar já o incidente sobre o inquerito. A Camara manifesta-se contra. O sr. Mello Barreto, em negocio urgente, occupa-se da falta de cereaes que está a fazer se sentir em alguns conselhos da região duriense. Pede, por isso, ao governo que tome as devidas providencias, as quaes para se saber quanto são justas, tem a sua principal justificação no facto da camara municipal de Alijó se queixar de que o centeio, n'essa villa, se está vendendo a 1300 réis os vinte litros. A situação é grave. O governo tem de acudir-lhe quanto antes. O sr. ministro do interior responde que não desconhece a crise de milho e de centeio com que os concelhos da Regoa e de Alijó luctam e accrescenta que já tomou providencias para fazer transitar do alto Minho para Traz-os-Montes o milho que ali poder adquirir-se. O sr. Joaquim Ribeiro, em áparte, esclarece que no Mercado Central de productos agricolas ha armazenadas 4.000 saccas de milho ha uns poucos de mezes. Esse milho está já deteriorado, com gorgulho e com outros males irremediaveis. Como é que o Estado consente que, n'esta crise tanto milho se estrague e damnifique? O sr. ministro do interior volta a dizer que já recommendou aos governadores civis do Porto e Vianna do Castello que façam attender quantas reclamações de milho as camaras de Traz-os-Montes lhes dirijam. Quanto ao transporte gratuito, recomendará o caso ao sr. ministro do fomento. O sr. Simas Machado informa que nos districtos indicados, o milho não é tanto como se supõe. O sr. Antonio Macieira occupa-se de assumptos de emigração, pedindo que se olhe para o facto de se pretender substituir, na America do Norte, os braços italianos, que ali trabalhavam por braços portuguezes, o que representa para nós um grande perigo, visto constituir a desnacionalisação de familias inteiras que cortam todas as suas relações com a Patria. Demais, a emigração pouca razão tem de ser presentemente, visto os salarios nos campos terem subido muito e serem remuneradores. Occupa-se ainda da questão da vacina anti-variolica e pede providencias no sentido de não se consentir que seja posta á venda vacina estrangeira sem a devida fiscalisação.

Estranha ainda que nos estabelecimentos do Estado se gaste vacina extrangeira em vez de nacional, apezar d'esta ser tão boa e mais barata que a extrangeira. O sr. ministro do interior, quanto á emigração affirma que o governo procurará evitar que ella se aggrave; e quanto á vacina diz que não consentirá que d'ora avante seja exposta á venda vacina extrangeira que não esteja devidamente controlada. O sr. Ramos da Costa protesta contra o facto da Companhia do Gaz ter augmentado ainda hoje o preço do coke e pergunta quando é que a commissão respectiva dá parecer sobre o seu projecto relativo a casas baratas. O sr. Costa Junior diz que esse parecer está quasi elaborado. O sr. Antonio Mantas queixa-se de não lhe terem enviado do ministerio da guerra documentos que pediu. O sr. ministro da guerra, em tom energico, responde que taes documentos não existem no seu ministerio. O sr. Ernesto Navarro manda para a mesa um projecto de lei alterando a classificação dos estabelecimentos industriaes para effeitos de saude publica. Esse projecto tem especialmente por fim fazer regressar a companhia do Gaz á cathegoria que lhe pertence. O sr. Angelo Vaz apresenta tambem um projecto referente a Tutoria da Infancia do Porto. O sr. Sá Pereira diz que o semanario *Quatorze de Maio* publica uma noticia dizendo que havia um chefe de policia e certos guardas que recebiam gratificações das casas de jogo da sua área, para não procederem contra ellas. Pode o sr. ministro do interior averiguar se a accusação é verdadeira? O sr. ministro do interior responde que tem recebido denuncias semelhantes, que não chegaram nunca a ser comprovadas.

O sr. Jayme Cortezão occupa-se do Castello de Leiria. Diz elle que *A Capital*, ha coisa d'um mez, publicou uma serie d'artigos em favor d'esse monumento precioso, cujo estado de ruina é completo.

E' absolutamente preciso que essa campanha patriotica encontre echo no Parlamento, para que esse castello admiravel, que é do melhor que no genero existe, não acabe de esboroar-se. Reconstruil-o seria o ideal. Mas o que é preciso é conserval-o, evitar que elle acabe de desmoronar-se, como acontecerá se não lhe acudirem quanto antes. Cita, a proposito, o que se faz lá fóra, relembra as lendas da Rainha Santa, presta justiça aos trabalhos do sr. Ernesto Korrodi sobre o castello e pede ao sr. ministro da instrucção que com o seu collega do fomento, se occupem das belissimas ruinas porque é ainda possivel salval-as.

O sr. ministro da instrucção promette attender as considerações do orador, voltando o sr. Jayme Cortezão a falar para dizer que ha precedentes a seguir e que esses foram abertos pelo sr. Manuel Monteiro, o qual, quando ministro do fomento, fez abonar varias verbas para reparações em monumentos nacionaes.

O sr. Joaquim Ribeiro trata da laboração da fabrica de adubos da Povoa de Santa Iria, refere-se á importação de batata franceza e defende a exportação de certas especies de feijão, que não se consomem no Paiz.

O sr. ministro das finanças responde que a França auctorisou a exportação para Portugal, de 4:000 tonelladas de batata para semente; diz que, pelo manifesto do feijão não se averiguou ao certo a quantidade d'esse producto existente, decerto pela relutancia que os interessados teem em prestar os esclarecimentos que lhes pedem. Incidentemente refere-se á questão do trigo e affirma que, por causa de certas medidas inopportunas e d'uma condemnavel imprevidencia o Estado deverá perder, na compra do trigo, até ao fim do anno, cerca de três mil contos. Espera que essa imprevidencia não causará para o anno prejuizos e declara que vão ser exportadas mil toneladas de feijão para França, por isso nos ter sido pedido, como se farão outras exportações, destinadas á manutenção dos nossos mercados internacionaes habituaes. Quanto ao milho, ir-se-ha buscar ás colonias o que faltar.

Na ordem do dia, continúa a discutir-se o caso da commissão de inquerito. O sr. Antonio Macieira conclue o seu discurso. O sr. Antonio Fonseca affirma, apoz longas considerações, que a commissão, ainda que a maioria se retire, continuará no desempenho do seu mandato. Durante o discurso do sr. Antonio Fonseca, trocam-se varios ápartes, que visam, principalmente, o sr. ministro da guerra.

—Fale! Fale!—dizem, da direita, ao sr. Norton de Mattos.

—E' o seu dever?

—Veiu aqui fazer gorar declarações. Esclareça-os!

O sr. Norton de Mattos:—Peço a palavra!

—Ainda bem! Já não era sem tempo!

O presidente:—Tem a palavra o sr. ministro da guerra.

O sr. ministro da guerra:—Em resposta a varios ápartes que me visavam tenho a dizer que só direi o que entender dever dizer perante a commissão de inquerito.

Grande borborinho.

O sr. Alfredo de Magalhães principia a usar da palavra com grande vehemencia. A commissão devia ser constituida só por elementos das minorias. Isso é que era moral. Mas o que falta á Republica é espirito moral.

O chefe do governo. — Muito obrigado.

O orador continua: Nada tem o chefe do governo nada que lhe agradecer. Está ali para exercer uma alta missão conciliadora e mais nada. Conhece o Paiz, tem procurado auscultar-lhe o pensar e o sentir e verificou já por mais d'uma vez que o Paiz está absolutamente divorciado do Parlamento. (*Violentos não apoiados*). Condemna a discussão entre republicanos e termina por affirmar que, tratando-se d'uma questão d'alta moralidade, não ha remedio senão leval-a até ao fim e esclarecel-a devidamente. (*Novos protestos da maioria*).

O sr. Alexandre Braga começa por dizer que o sr. Alfredo de Magalhães não só não aduziu factos como nem sequer conseguiu ser caloroso ou violento. Debateu-se no vacuo, esperneia sobre a areia. Só favoreceu o acervo de suspeições que não se confirmam. E isso não é proprio d'um homem com o seu passado. O sr. Alfredo de Magalhães o que pretendeu? ferir o partido que tem o poder, affirmando que elle se encontrava divorciado do Paiz. No Porto, accrescentou, isso ficou bem comprovado. Pois affirmou o contrario porque raras vezes o espirito popular se terá conciliado com o governo de maneira egual áquella com que irrompeu no Porto. O espectaculo foi assombroso, não deixando nada a desejar a essas imponentes manifestações do tempo da propaganda, em que todos os republicanos se davam as mãos para victoriar a Republica.

Que querem os membros da commissão pertencentes ás minorias? Substituir-se ás commissões. Não pode ser. As minorias propuzeram o inquerito e teem procurado todos os meios para que esse inquerito não vá ao fim. Mas a maioria cumprirá a sua missão, e se se provar que as accusações feitas são exactas não duvidará perante nenhuma sancção a adoptar. Aresta Branco invoca o artigo 59 do regimento, que manda que os deputados que falam sobre a ordem apresentem a respectiva moção. O sr. A. Braga cumpre então essa praxe. O sr. Simas Machado explica que ao propor a instituição da commissão de inquerito, só teve em mira pôr termo a quantos boatos deleterios andavam envenenando a atmosphera politica, saturando-a de suspeições.

O debate ainda continuará amanhã.

NO SENADO

A discussão do projecto da mobilisação das industrias

Presidencia do sr. Correia Barreto. Presentes 27 senadores.

Antes da ordem, o sr. Agostinho Fortes manda para a meza uma emenda ao artigo 84.º do Codigo Administrativo, emenda que é a consequencia d'uma representação da junta geral do districto, relativa aos concursos para secretarios das respectivas juntas.

Pede, depois, que entre em discussão, o mais depressa possivel o projecto referente á Escola Industrial Fernando Caldeira. Deseja saber se o sr. ministro das colonias já está habilitado a responder á sua interpellação, ha tempos annunciada, ácerca do conflicto aberto entre o juiz e o secretario da Relação de Loanda, e, por ultimo, amigo que é dos jornalistas, pede que se melhorem as suas condições de installação na sala do Senado, para melhor poderem trabalhar.

O sr. José Maria Pereira deseja saber em que situação se encontra a caixa de soccorros ás victimas da revolução de 5 de outubro.

O sr. Agostinho Fortes, membro d'essa commissão, diz que o dinheiro não chega para os encargos, tanto que já houve que se vender uma inscripção, e promette em breve dar o respectivo relatorio ao sr. José Maria Pereira.

O sr. Faustino da Fonseca reclama carvão para Angra do Heroismo, onde elle falta para a navegação.

O sr. Machado Serpa diz que longe estava de suppôr que, quando o parlamento e o governo tentam solucionar tanto quanto possivel, o problema da carestia das subsistencias, viesse a «Empreza Insulana», certamente com superior auctorisação, elevar a tarifa dos fretes e preço das passagens nos seus vapores, aggravando d'est'arte o que se pretende attenuar. Não contente com o primitivo augmento de 10 por cento acaba de o accrescer de mais 30 por cento, segundo é agora informado. Como se não bastasse que aos creadores e lavradores dos Açores se negue praça para o gado quando, por falta d'elle em Lisboa, se estão abatendo, diariamente, apenas 10 rezes para consumo da população da capital! E o que se dá com o gado, dá-se com os cereaes e com os outros productos similares, cuja sahida é regulada quasi a arbitrio da Empreza e consoante as suas conveniencias.

E' que o probema da navegação entre as ilhas e a metropole nunca foi atacado de frente, por maneira a que aquellas ilhas nao sejam só «adjacentes» no papel, visto como, de facto, parece que cada vez mais «separadas» são. O que o sr. ministro da marinha tem a fazer não é deferir o augmento de tarifas e preços, mas sim resolver, por si ou com a coadjuvação de commissionados, competentes e interessados, aquelle problema da navegação que, sem exaggero, constitue o mais momentoso e vital para o archipelago.

Que se põe certo calor n'esta consideração é que esgotadas vão todas as tentativas e ineficazes são todas as reclamações pacificas para a solução d'uma questão que, d'um para outro instante, pode assumir um caracter mais grave e implicar com a ordem publica em terras onde a paciencia tambem tem limites. Quizera que o echo das suas palavras chegasse á Camara dos Deputados onde deve achar-se o sr. ministro da marinha a quem fôra seu proposito dirigir-se. Sem embargo, ahi deixa estes dizeres e reparos á laia de vehemente protesto contra o caso versado, que grandemente e até irritantemente affecta os interesses do districto que representa no Senado.

O sr. Arantes Pedroso queixa-se da desordem que existe nos programmas de ensino nos liceus. Aquillo está de tal forma que já se não sabe se o «se» é passivante ou pronome reflexo, e se obrigam as creanças de mais tenra edade a saber coordenadas geographicas e astronomicas. Ainda por cima os professores sahem fora dos programmas, de maneira que ninguem se entende.

O sr. ministro da instrucção promette remediar o mal, onde elle exista.

O sr. Vicente Ramos reforça as reclamações dos seus collegas, representantes dos districtos insulares, contra o augmento das tarifas da Empreza Insulana. Esse augmento, que já era de 10 por cento, vae ser agora de mais 30 por cento, allegando-se, para o justificar, a carestia do carvão. Que o sr. ministro da marinha intervenha na questão, pois a Empreza é rica, distribue dividendos que chegam a mais de 20 por cento, justo sendo que partilhe dos sacrificios da hora presente. Se assim não fôr, os generos importados pelos açoreanos, comprados aqui já caros, vão chegar lá por preços exhorbitantes.

O sr. ministro do fomento promette transmittir a reclamação ao seu collega da marinha.

Entra-se na ordem do dia. Prosegue a discussão do projecto de lei de mobilisação das industrias.

Tem a palavra o sr. Lima Duque.

Manda para a meza uma moção de ordem, pela qual o Senado, reconhecendo inopportuno o projecto, entende que elle deve ser retirado da discussão. A sua inopportunidade o proprio governo a reconhece, dizendo que a sua applicação pode não ser para já; e porque elle representa um perigo para as industrias, deve ser rejeitado.

O sr. Estevam de Vasconcellos, relator, diz que não se importa que esta lei seja posta em vigor por este governo ou por outro prestando homenagem á honestidade politica tanto do partido unionista como do evolucionista. E tanto que se fôr um governo de qualquer d'esses partidos quem tenha necessidade de pôr em execução esta lei, dar-lhe-ha o seu apoio.

O sr. Celestino de Almeida occupa-se largamente dos inconvenientes da applicação d'esta lei, respondendo ao sr. ministro do fomento, aduzindo as conhecidas razões de estar o Estado preparado para certas eventualidades.

Depois, fala o sr. Pedro Martins: Mostra que nenhuma razão de ordem interna ou externa justificam a necessidade d'este projecto; que não é opportuna a sua apresentação, e que, no seu contexto, não é tudo o que ha de mais injustificavel, sendo a continuação da obra de despotismo d'este governo, sem intuitos de defender a industria, mas de pôr nas mãos do governo uma arma poderosa, de lhe conceder faculdades que terão consequencias funestas. Podia justificar-se a sua apresentação em 12 de agosto de 1914, quando ao parlamento o trouxe o sr. José de Castro; mas agora? Acaso estamos em belligerancia? Mas em 1 de janeiro os representantes dos imperios centraes foram cumprimentar o chefe do Estado, e no funeral do embaixador do Brazil a esses representantes foram concedidas todas as honras. Então, que motivos de ordem internacional justificam a apresentação d'este projecto, que é anti-constitucional? Que incitamento, que premio é este que se dá á agricultura?

Não ha duvida de que vivemos uma vida de insensatez e de loucura, pois só assim se pode justificar uma medida de esta natureza, como nem a adoptaram os paizes em guerra, pois nem ao menos fixa o «quantum» da indemnisação, relegando isso para uma commissão.

O sr. ministro do fomento volta a fazer a defeza do projecto e da sua necessidade, até que, dando a hora, é encerrada a sessão e marcada a seguinte para ámanhã.

A utilisação dos barcos allemães

Os boatos que registamos hontem ácerca da utilisação dos navios mercantes allemães surtos em portos portuguezes não foram desmentidos e novas informações levam-nos a crêr que se baseiam em bons fundamentos.

O aproveitamento d'esses navios seria, com effeito, vantajosissimo n'esta occasião em que os meios de transporte rareiam assustadoramente. No Algarve, a productiva e laboriosa provincia, essa falta faz-se sentir de um modo grave e o mesmo acontece n'outros portos commerciaes, e nas colonias onde cargas enormes aguardam a occasião de ser conduzidas ao seu destino.

Como quer que seja, a probabilidade da utilisação dos barcos allemães é encarada com satisfação pelo commercio e industria a que a falta de meios de transporte está causando serios prejuizos que se reflectem em toda a economia nacional.

NOTAS DIVERSAS

O governo esteve hoje reunido em conselho, no ministerio das finanças, das 9 ás 14 horas.

—Algumas aggremiações das que publicaram o manifesto ácerca do ministro do interior, reuniram hoje, tomando resoluções importantes, que devem ser apresentadas na reunião que hoje á noite se effectua a convite da commissão municipal.

—Vinda do Algarve, entrou hoje a barra a canhoneira *Lurio*, que vem receber fabrico.

—Sobre a questão da pesca conferenciou hoje com o sr. ministro da marinha a direcção da Sociedade de Pescarias.

—Ao governo vae ser entregue uma relação dos bens nacionaes que não foram arrolados e que estão em poder de particulares. Ao que consta, o valor d'esses bens eleva-se a algumas centenas de contos.

O centenario de um bispo illustre

A primeira sessão do congresso catholico do Algarve

FARO, 8.—Realisou-se hoje a sessão inaugural do congresso celebrando o centenario da morte da eminente prelado D. Francisco Gomes d'Avellar.

Presidiu o reverendo bispo do Algarve, secretariado pelo conego Montes. Apoz a missa e a procissão, o prelado saudou os congressistas e enviou telegrammas de saudação ao Papa, pedindo-lhe a benção, ao patriarcha de Lisboa, ao arcebispo de Evora e a monsenhor Mazella. No congresso estão representadas todas as aggremiações catholicas, jornaes e revistas, assim como todas as ordens e confrarias do continente.

Em seguida distribuiu-se um bodo a 250 pobres, constando de pão, grão, arroz e $10 em dinheiro. O dr. Delgado faz o relatorio da obra do Pão de Santo Antonio, seguindo-se-lhe o padre Calapez, vigario de Loulé, que trata da necessidade do ensino religioso do individuo, da familia e da sociedade.

São entoados canticos catholicos e religiosos, apoz o que o alumno do 4.º anno de theologia Francisco Pardal descreve a acção religiosa na provincia desde o seculo IV, deixando o seu discurso optima impressão.

A'manhã serão distribuidos fatos a 80 adultos pobres e depois d'ámanhã a 106 creanças. As cerimonias foram extremamente concorridas, principalmente pelo elemento feminino.

A' tarde realisa-se a segunda sessão.

A falta do sulfato de cobre

A Associação Commercial de Lisboa pediu ao governo que providenciasse no sentido de serem fornecidas aos agricultores do sul cerca de trezentas toneladas de sulfato de cobre. Mas não é apenas o sul que precisa de sulfato e sabe-se que de Inglaterra não pode importar-se quantidade maior do que a indicada por aquella Associação. Não haverá, porém, entre nós, uma existencia armazenada com que se suppririam necessidades instantes? Cremos bem que sim, pois nos consta que a União Fabril possue sulfato em abundancia. Porque não procurar o meio de conseguir que ella o forneça ao mercado por um preço rasoavel? O momento não é, evidentemente, para especulações industriaes e commerciaes que, aproveitando aos potentados, lezem os interesses da collectividade. Deve o governo attentar no assumpto e esforçar-se por que elle se resolva segundo as conveniencias da agricultura em geral, que não devem ser prejudicadas pela ambição de qualquer entidade particular.

O emprestimo

O «Dia» que, sendo adversario irreductivel do regimen, se mostra sempre muito preoccupado com a falta de legalidade que possa caracterisar os actos dos governos da Republica, dizia hontem que se recusava a acreditar que o fallado emprestimo fosse contrahido sem os requisitos constitucionaes, porque isso «viria a dar ao contracto respectivo nullidade insanavel». E, a proposito, transcrevia o artigo 26.º da Constituição em que se estabelece competir ao Congresso o auctorisar o poder executivo a realisar emprestimos e outras operações «que não sejam de divida fluctuante...»

Mas, precisamente «porque se trata de uma operação de divida fluctuante», é que o poder executivo não carece de auctorisação do Congresso para a realisar. Já vê o «Dia» que pode guardar para melhor opportunidade os seus ardentes e sinceros escrupulos legalistas...

Já hontem salientámos a melhoria do cambio, produzida como reflexo da operação realisada pelo governo. Estamos convencidos de que essa melhoria ha de continuar a accentuar-se, não sendo exagerado optimismo prever que o cambio sobre Londres, hontem a 36, subirá gradualmente pelo menos até 38.

Perdem com isso as casas bancarias que fizeram grandes compras de cambiaes quando o valor de um escudo oscillava entre 35 *pence*? Evidentemente, perdem, e por isso todo o seu interesse consistiria em que se gorasse a operação financeira que o governo realisou.

Mas lucra a economia nacional, o que é bem mais importante que os lucros ou prejuizos dos banqueiros.

Os acontecimentos de fins de janeiro

Tratava-se d'um movimento anarchista, declara o director da policia de investigação

Ácerca dos ultimos acontecimentos, o sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, pediu aos representantes da imprensa que fazem serviço no governo civil para comparecerem no seu gabinete a fim de lhes dizer como parte dos acontecimentos se passára.

Declarou esse magistrado que o movimento era essencialmente anarchista e auxiliado por alguns individuos que pertencem a varias associações de classe. Esse movimento foi levado a effeito por não ter rebentado a greve geral marcada para janeiro. Resolveram então fazer uma reunião e n'ella se combinou que o movimento se daria ás 19,30 e rebentaria em 15 pontos da cidade e em outros do paiz, para onde haviam sido enviados delegados extraordinarios. Fizeram-se os assaltos em Campo de Ourique e Alcantara. Trez dias depois d'esses acontecimentos esses grupos effectuaram nova reunião resolvendo-se fazer um movimento anarchista, a fim de lançar o terror, e atirar bombas sobre os comboios e electricos, produzindo-se assim a gréve geral. Tambem se apurou que parte das bombas eram distribuidas n'uma associação de classe. Esse movimento não surtiu effeito porque a policia o impediu fazendo buscas, rusgas e prisões, e evitando que fossem entregues bombas para os lados de Graça.

Para os tribunaes militares foi enviado o grupo anarchista de que fazem parte o servente de pedreiro Guilherme João Curto, José Ferreira, João de Deus Simões, Antonio Gil e Augusto de Mello e Silva, secretario da Federação Metalurgica.

Para averiguações ainda se encontram detidos Joaquim Gonçalves, Manuel Vieira Abreu e Carlos José de Sousa, secretario da União Anarchista do Sul, contra os quaes não existem por ora provas, aguardando a policia que se effectuem algumas diligencias.

Amadeu dos Santos, morador na rua de S. Cyro, 37, preso por motivo dos acontecimentos, foi mandado em liberdade visto nada se ter provado contra elle.

O funeral do guarda n.º 1531, Joaquim Gil, realisa-se ámanhã, pelas 14 horas e meia, sahindo o prestito da casa mortuaria do hospital de S. José. As honras são-lhe prestadas por 1 cabo e 10 guardas, encorporando-se no prestito todos os guardas civicos disponiveis.

O sr. dr. Pedro de Castro, juiz do 3.º juizo, deu hoje o seu despacho no processo referente aos acontecimentos de Cascaes e Carcavellos, sendo todos os presos pronunciados e sendo-lhes arbitrada fiança de 6 contos.

Está detido Plinio Armando Cardoso, morador no Caracol da Graça, n.º 9, que se apresentou ao guarda n.º 42, declarando-se o auctor do attentado contra a força da guarda republicana, na rua do Jardim do Regedor. Este individuo é reformado da Companhia dos Tabacos e conhecido pelo «Homem Macaco». Quando do crime da varina, na Azinhaga de Santa Luzia, apresentou-se como sendo o auctor do crime, o que lhe valeu estar preso durante algum tempo. Quando se deu o crime da rua dos Alamos tambem se apresentou como sendo o «homem da boina», pelo que tambem esteve preso durante largo tempo. Como se vê, é um pobre maniaco.

Noticias parlamentares

Foi hoje, na Camara dos Deputados, o que se chama um dia cheio. Os oradores, foram aos molhos e os discursos aos feixes. Tratou-se de tudo—de politica, de economia, de subsistencias, de coisas juridicas e até de coisas d'arte. Dia bem ganho, na verdade, como convem á nação, que não paga nada mal os seus dias parlamentares. Por vezes, a successão ininterrupta dos oradores teve qualquer coisa de fita animatographica, sem que os seus discursos dessem nunca a impressão d'uma chuva de perolas, que deslumbrasse e deixasse toda a gente rica de grandes sensações immortaes. Antes assim. E' que bem podia, n'aquelle concerto de vozes que não desafinaram, apparecer alguma que descarrilasse e trouxesse á lembrança das irreverentes cartas coisas do sr. Gastão e do sr. Virgolino, que são mesmo de se lhe tirar o chapéu...

• • •

O castello de Leiria encontrou, emfim, quem erguesse a voz em seu favor. Foi o sr. Jaime Cortezão. O assumpto era bello e de tentar qualquer que, tendo uma alma para sentir, fosse capaz de exprimir com energia e com enthusiasmo todo o seu sentimento e todo o seu pensamento. Era necessario pôr impeto e pôr paixão na defeza da arruinada maravilha. Fez isso o sr. Jaime Cortezão? Seria injustiça dizer que sim. E foi por isso, decerto, que o pobre castello, esquecido dos homens e abandonado ao seu destino, ainda d'esta feita não logrou conquistar a sympathia amorosa dos homens que em Portugal podem tudo e sem cujo assentimento não é possivel fazer coisa nenhuma n'esta nossa terra de indifferentes e de politicos. O castello da Rainha Santa devia ter-se erguido no Parlamento como um padrão immortal da nossa gloria, como um pilar da nossa nacionalidade. E succedeu isso? Que pena não se poder dar a esta pergunta uma resposta affirmativa...

•

Falára o sr. Antonio Macieira, que disse ao governo quanto o preoccupava a emigração que se desenhava para a America e que pedira providencias para o escandalo de venda, sem «contrôle» de vaccina variolica. O sr. Almeida Ribeiro responde. A sua mó de palavras principia a girar e a moer. Era o «cantar do continuo», da revista quasi pre-historica. A dois passos pouco se ouve. Mas n'um dado momento, o sr. Almeida Ribeiro ergue mais a voz e diz que com boa vontade, a coisa devia fazer-se. Não se pode ser mais explicito nem mais cathegorico. Nem o sub-ministro do sr. Ribeiro seria capaz de se exprimir melhor. Com as phrases concretas, concisas, luminosas, do sr. ministro do interior ha de fazer-se um dia um livrinho de maximas, que se distribuirá, com o Regimento, a todos os deputados. E' que não seria possivel nunca colligir melhor curso de habilitação para ministro...

•

Não se percebeu que benevolas palavras o sr. ministro da instrucção proferiu em favor do castello de Leiria. Mas devem ter sido poucas e banaes. Quanto ao sr. Jaime Cortezão, elle que teve a gentileza de se referir aos artigos da «Capital», não se atreveu a proferir o nome do jornalista que os firmou. Porquê? A politica tem, frequentemente exigencias bem pouco sympathicas. Mas isso não é para admirar. O que causa estranheza é que certos espiritos enchumaçados em justiça e em cultura, não possam ser superiores a certos temores partidarios que, se fossem vencidos, só constituiriam elementos de prestigio para quem se atrevesse a saltar sobre elles. O mundo é assim, e aquelles que um dia, n'este paiz, fazem alguma coisa de collectivamente bom devem dar graças a Deus por não se convocar uma sessão especial do parlamento só para os mandar linchar...

A grande guerra

Quantas familias francezas estão de luto?

MADRID, 7.—Em Berlim crê-se que os francezes haviam tido na guerra 800:000 mortos. A supposição baseia-se na passagem de uma das ultimas criticas theatraes de Adolfo Brisson no *Temps*, em que se dizia que não era o momento mais apropriado para se fazer graça quando 800:000 familias francezas estão de luto. De semelhante affirmação querem os allemães inferir que cada uma d'essas familias perdeu pelo menos um dos seus membros.—(*Corresp.*)

Um projecto attribuido aos allemães

MADRID, 7—Um notavel jornalista francez, o sr. Marul Hutin, manifestou a opinião de que os allemães preparam uma quadrupla offensiva na frente occidental, pensando atacar simultaneamente os portos do canal e Amiens, Verdum e Belfort.—(*Correspondente*).

SPORT

Em volta do conflicto "foot-ballistico"

Fala o delegado do Club Internacional

Perante o que el'e expõe, não parece difficil remediar um grave prejuizo para o sport nacional

E' o assumpto do dia, nos meios sportivos o ultimo conflicto de «foot-ball»...

Por isso, sabendo-se que a direcção do C. I. F. tinha reunido hontem, procurámos o delegado sportivo d'este club, e pedimos-lhe que nos elucidasse, sobre as decisões tomadas e qual seria a attitude do club, perante os factos consummados.

Attendidos com cordealidade, ouvimos do delegado sportivo do Club Internacional de Foot-Ball, o seguinte:

«Estamos profundamente desgostosos e melindrados com a attitude e resoluções da direcção da A. F. L. e em face d'ellas, resolvemos que o nosso club não continuasse a disputar o campeonato da Associação.

«Temos pelas pessoas que a representam uma grande consideração, o que já lhes declarámos por escripto, e que é motivada, não só pela posição social que aquellas personalidades occupam, como pela competencia administrativa e organisadora que teem e mostraram no inicio d'esta epoca e por termos merecido (digo-lhe isto com um certo orgulho), alguns dos meus collegas e eu, da parte d'alguns membros d'aquella direcção, a honra de collaborarmos juntos, em obras sportivas d'epocas transactas.

Vê por isto o meu amigo, que conhecendo, talvez melhor que qualquer outra pessoa, as qualidades moraes e intellectuaes d'essas personagens, a nossa surpreza, perante a attitude que agora tomaram para comnosco, foi tambem maior e attingiu-nos mais profundamente, do que se não conhecessemos tão bem as entidades que formam essa direcção.

«Como sabe, a causa da minha suspensão, que foi um dos motivos das resoluções que tomámos, e que o meu amigo verá se são ou não justificadas, foi o tão falado treino do dia 23 do mez passado, em que entraram elementos do S. C. I., cuja suspensão não conheciamos, por só ter apparecido a noticia, nos jornaes do dia antecedente.

—Mas—perguntámos nós—a direcção da A. F. L., ao mesmo tempo que publica as suas resoluções, não as participa, com tempo, em officio, a todos os restantes clubs filiados, de maneira a não lhes dar occasião de poderem alegar o seu desconhecimento?

—«Não senhor, devia-o fazer, mas não o faz, talvez por «deficiencia da sua secretaria», que como verá no seguimento da minha exposição, tem um papel preponderante no conflicto actual.

«Mas continuando, dizia-lhe, que a causa da minha suspensão, foi o tal treino particular que tivemos.

Esse treino já estava combinado havia bastante tempo e realisou-se, creia, sem segunda intenção.

Tendo sido o meu club, pouco tempo depois, convidado pela direcção da A. F. L., a comparecer n'uma reunião d'aquella direcção, para se apurarem as responsabilidades que lhe cabia, fui nomeado para o representar e juntamente com o delegado sportivo do grupo campeão, lá nos apresentámos, com o louvavel proposito de sanarmos por completo o conflicto que se esboçava e o que é ainda mais louvavel—e já é do conhecimento do publico, com a firme intenção, de liquidarmos tambem, o mau entendimento latente, que existia entre as direcções da A. F. L. e do S. C. I.

«Para isso, conseguimos convencer o S. C. I. a enviar um seu delegado, para dar as satisfações devidas e que só por um lamentavel equivoco, ainda não tinham sido dadas á direcção da A. F. L.

«N'essa reunião, onde comparecemos os tres, fizemos affirmações cathegoricas, que nos obrigaram a escrever e que «respondiam á letra», aos officios que a direcção da A. F. L. tinha enviado aos nossos clubs.

«Ali nos foi dito, entre outras coisas, que alguns directores d'aquella associação, tinham ouvido, jogadores dos nossos clubs, declararem, depois do treino, que sabiam o que tinham feito e que tinham perfeito conhecimento da suspensão do S. C. I.

«Note o meu amigo, que esta affirmação da direcção da A. F. L., que acabei de citar, é a causa principal da orientação que tomámos e já vae ver porquê.

«Em resposta á declaração que agora citei e de que a direcção da A. F. L. «fazia a base» do conflicto, respondi em nome da minha direcção, «portanto officialmente», que isso era falso, que não tinhamos tido conhecimento a tempo, da suspensão do S. C. I., porque se o soubessemos, não teriamos incorrido na falta que nos era apontada. Tambem declarei, que: Os jogadores que tinham tomado parte no treino, talvez tambem não tivessem conhecimento da suspensão do S. C. I., porque esses jogadores appareceram lá fortuitamente, em vista de não estarem convidados para comparecerem.

Um d'elles era «forward» e o outro é «back» do nosso segundo grupo.

Só tinham sido convidados para jogarem, os jogadores que compunham a «defeza» do nosso primeiro grupo.

Disse que tinha sido eu, quem convidára o S. C. P. e finalmente declarei verbalmente (não o escrevi, porque no officio que tinhamos recebido, isso não era pedido, mas estava prompto a fazel-o desde que a associação nos officiasse n'esse sentido), que a minha direcção apesar de não ter tido conhecimento prévio do treino, «assumia todas as responsabilidades do acto consummado pelos seus jogadores e que se julgaria sujeita ás mesmas penalidades em que estes incorressem».

«Ora, feitas estas declarações, o que era logico que a direcção da A. F. L., fizesse? No nosso entender seria, que «a base» em que fundamentasse os castigos que quizesse impôr, não devia ser a primitiva, a ouvida da bocca dos jogadores, mas sim, a exposta pelo delegado official de cada club. Como nós lhes démos as satisfações que desejavam e a troca d'impressões que depois houve, decorresse o mais amenamente possivel e com visivel boa vontade de parte a parte, sahimos da tal reunião contentes comnosco mesmo e crentes que as questões estavam sanadas.

«Pouco tempo depois, ainda para nos fazer corroborar mais na opinião que formaramos, appareceu, publicada no orgão official da associação, a noticia do levantamento da suspensão que pesava sobre o S. C. I., «sem que a nosso respeito se dissesse uma palavra», nem recebessemos officio algum.

«Em face d'isto, ficámos definitivamente crentes, que nem pronunciados estavamos, isto é, que os nossos clubs ou jogadores, não estavam debaixo da alçada de qualquer castigo que tivesse ficado por resolver. Veja portanto o meu amigo, qual não foi o nosso pasmo, quando sem declaração, ou notificação prévia, «treze dias» depois, talvez ainda por deficiencia da secretaria da associação, vimos publicadas as resoluções officiaes da direcção da A. F. L., em que veem exarados os castigos que nos attingem e onde se declara, «que as affirmações dos delegados officiaes do S. C. P. e do C. I. F., foram tomadas em consideração como attenuantes» e que só por isso o castigo era o que vinha publicado e não maior.

«Acha o meu amigo este proceder, correcto?

«Então uma pessoa, investida d'um mandato official, declara falsos os boatos particulares que correm, e as declarações d'essa entidade official, são só tomadas em consideração «como attenuantes» e os boatos anonymos, imbecis, prevalecem e servem de dogmas?

«Mas não pensaram aquelles senhores, que, se prezam a sua dignidade, tambem nós muito prezamos a nossa?

«Não viram, portanto, que, a não fazerem caso das nossas declarações officiaes, que a direcção do meu club se tornaria solidaria com os seus jogadores e que os castigos que estes soffressem a attingiam a ella da mesma maneira?

«Portanto, como vê e concretisando, o meu club, considerar-se-hia suspenso por 30 dias, praso com que foi castigado um dos seus jogadores que tomou parte no tal treino, se além d'isso não tivesse tomado para com o S. C. P. um grande compromisso moral.

«Como se deve recordar, fômos nós que convidámos o S. C. P. para o tal treino e, portanto, os dissabores que aquelle club soffreu, foram d'alguma maneira originados por nós, embora involuntariamente.

«Em face do exposto, a nossa conducta, não podia deixar de ser a de inteira solidariedade para com aquelle club e por isso, seguir o mesmo caminho que elle seguisse.

Como o S. C. P. abandonou o campeonato, nós abandonamol-o tambem. Aqui tem a nossa situação.

—Julga essa situação definitiva e irremediavel?

—Não, não a julgo; nós com a attitude que tomámos, não queremos melindrar, não fazer demittir a direcção da A. F. L., porque nos merece toda a consideração, como já dissemos e tambem porque, nunca lá estiveram elementos melhores.

—Então?!

—O que queremos é mostrar que zelamos a nossa dignidade e que se quando errámos, demos satisfações, tambem queremos que nol-as dêem, quando temos direito a ellas. Em parte alguma o bom senso fez má figura.

Se a direcção da A. F. L. reconhece, que a sua secretaria, está organisada com deficiencia, como o ouvi da bocca d'um dos seus directores, e porque estou convencido que só a essa deficiencia devemos o presente «embroglio», porque communicações houve que se deviam fazer e não se fizeram, outras que se fizeram tarde demais, devia aquella direcção ter visto a tempo, que não era este o momento azado para enveredar por um caminho, por onde só um mechanismo d'uma impeccavel organisação podia passar indemne e fazer frente aos multiplos obstaculos, que com certeza se lhe haviam de deparar e aos quaes como viu, a deficiencia da sua secretaria não soube resistir».

Despedimo-nos, resolvidos a informar o publico das reclamações do Internacional.

Notas do dia

Congresso de educação phisica

O Gymnasio Club Portuguez já encontrou relatores para todas as theses consideradas «officiaes», nas trez cathegorias que formam a base do seu Congresso Nacional de Educação Physica. Contrariamente á sua ideia primitiva e á semelhança do que tem succedido em todos os congressos estrangeiros, nem todos os relatores pertencem á classe medica ou a fisiologistas. Mas o Gymnasio ainda assim foi feliz porque as theses foram confiadas a quem tem dedicação e competencia pelos assumptos que vae versar.

O Congresso receberá, além d'essas theses muitas communicações sobre assumptos de pedagogia, psychologia sportiva, hygiene do exercicio—estas feitas muitas d'ellas por medicos.

Algumas anecdotas

Outro combatente difficil

Um amigo nosso chegado de Paris veio comprimentar-nos e garantir-nos que, mesmo de longe, lia a nossa secção, facto que lhe agradecemos. E falando das anecdotas referiu-se á nossa em que se dizia que Billy Cocayna era um adversario terrivel porque adormecia quem o combatesse.

—Mas em Paris, ha um «especialista» melhor que o jogador Cocayna...

—Quem é?

—O professor de «box» Anestesia...

Os grandes récords

O da longevidade, que leva a quasi dois seculos

Até que edade se conhece a vida d'um homem?

Não ha estatisticas precisas nos ultimos 25 annos, mas os trabalhos dos hygienistas dão interessantes esclarecimentos. Citam-se casos de extraordinaria longevidade, que tem certa relação com o trabalho phisico e com a hygiene corporea, como o havemos de demonstrar em varios artigos, entre aqueles que constituem a «nota de abertura» da nossa secção de sport.

O professor Berechandat, deixou o nome dos seguintes «centenarios» de que se aproveitou quando quiz demonstrar que a cifra da mortalidade era tanto mais elevada quanto mais elevada era a média de temperatura do logar em que se vive:

Na Escocia: James Laurence, 140 annos.

Na Irlanda: condessa Demiond, 143 annos, condessa Ecleston 143 annos e Thomaz Winslow, 146 annos.

Na Inglaterra: Francis Consit, 150 annos, Thomaz Parrye, 152 annos.

Na Noruega: Joseph Surrington, 150 annos.

O mesmo professor affirma que só no districto de Aggerus, 150 casaes viveram juntos mais de 80 annos!

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

Realisa-se no dia 13 de fevereiro na séde d'este club uma «matinée» ás 15 horas, seguida de baile. Serve de apresentação da classe infantil de gymnastica. Dá ingresso aos socios e senhoras de suas familias a quota do mez p. passado. O traje é de passeio.

Tiro aos pombos

Os resultados da ultima sessão de tiro aos pombos realisados no «Stand» de Palhavã, no ultimo domingo, foram:

1.ª «poule» a 1 pombo, a 26 metros, foi dividida entre os srs. dr. Elisio de Castro e conde de Almeida Araujo com 3 pombos seguidos.

A 2.ª, a 5 pombos, «handicap», foi dividida entre os srs. conde de Almeida Araujo e Antonio Heredia.

A 3.ª «poule», regulamentar, a 10 pombos, foi ganha pelo sr. Alves do Rio, em 8/10, cabendo o segundo premio ao sr. dr. Elisio de Castro com 7/10. Os outros atiradores chegaram até á ultima volta mas com maior numero de pombos errados.

A 4.ª «poule», a 5 pombos, a 26 metros, foi dividida entre os srs. Antonio Heredia e conde de Almeida Araujo.

A 5.ª, a 1 pombo, «handicap», tambem foi dividida entre os srs. dr. Elisio de Castro e Antonio Heredia, com 4/5 pombos.

A 6.ª, a 1 pombo, a 26 metros, foi ganha pelo sr. Alves do Rio, com 3 pombos seguidos.

A 7.ª, a 1 pombo, foi ganha pelo sr. Antonio Heredia com 3 pombos seguidos. Esta «poule» foi a 31 metros.

Terminou esta interessante sessão por uma «poule» a 2 doublés em que ficou vencedor o sr. conde de Almeida Araujo, com 6/8 pombos.

Para 11 e 12 do proximo mez está annunciada a grande sessão para a Taça Lisboa, em que além da Taça se disputarão premios na importancia de 210$00 e medalhas de ouro e prata.

Pena Foot-ball Club

Realisou-se no domingo, no campo de Belem, um desafio entre os quintos «teams» d'este club e do Sport Club Santa Martha, cabendo a victoria ao primeiro por 4 bolas a 1.

Centros hippicos

A proximidade do concurso hippico internacional, marcado já para maio, tem motivado por toda a parte treinos animados. Da Escola de Educação Physica sabemos nós que terá este anno larga e excellente representação. Além de concorrentes á prova de discipulos, em que sempre a escola se tem classificado, irão ao concurso alguns dos seus frequentadores, os seus directores srs. Silveira Ramos e Carlos Velloso, e o sr. Silva Carvalho, instructor-ajudante de equitação, vencedor de provas no Estoril e vencedor de uma das ultimas «poules» de Palhavã.

Por Bemfica

A proxima primavera vae ser marcada por brilhantes manifestações sportivas, entre as quaes devem occupar importante logar as festas que os Desportos de Bemfica estão planeando e que comportarão torneios de esgrima, «tennis», tiro, «cricket», desportos athleticos, etc., parecendo ainda que um dos melhores recintos do club vae ser adaptado a campo proprio para festas hippicas de novidade para o nosso meio.

Concertos David de Sousa

Vae ser o grande acontecimento artistico d'esta epocha o concerto do proximo domingo no Politheama, consagrado a Wagner e composto dos melhores trechos do grande musico, commemorando o 33.º anniversario do seu fallecimento. E' digna de nota a extrema difficuldade dos trechos que vão ser executados, as suas enormes responsabilidades, tantas que foi necessario augmentar consideravelmente os differentes naipes da orchestra, e ainda a extrema violencia de semelhante trabalho que representa para a orchestra do Politheama e para David de Sousa, o seu illustre regente, um verdadeiro «tour de force».

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Pedindo uma syndicancia

De Cabaços escrevem-nos pedindo que chamemos a attenção do sr. ministro das finanças para os actos, que na longa exposição que nos dirigem dizem menos correctos, do secretario de finanças d'aquelle concelho, para o qual pedem uma syndicancia. Não sabemos o que de verdade ha nas accusações formuladas contra esse funccionario, limitando-nos por isso a transmittir por este modo o pedido ao sr. dr. Affonso Costa.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A crise economica na Italia

Ás consequencias da carestia do carvão

Roma, 2 de fevereiro

O governo italiano enviou a Londres, em missão especial, o barão Mayer des Planches. O antigo embaixador de Italia em Constantinopla, munido de amplos poderes, deverá intervir junto do governo inglez para que, de commum accordo, se dê algum remedio á situação economica da Italia. Com effeito, esta não é brilhante. A lira perde, nos mercados neutros, 25 a 30 por cento do seu valor. O carvão, importado de Inglaterra, chega aos portos italianos por um preço anormal. Innumeras industrias acham-se paralysadas em virtude da carestia do combustivel. Na Sicilia não tarda que 50 mil operarios estejam sem trabalho. Todas as mercadorias, generos alimenticios e materias primas soffreram um augmento enorme que pesa extraordinariamente sobre as energias do paiz.

A questão mais aguda, que o barão Mayer des Planches se propõe resolver, é a dos fretes maritimos. Deram um salto formidavel. Ao passo que em 1914 se pagam 8,8 shillings por tonelada de carvão pelo trajecto typo Cardiff-Genova, o frete varia hoje entre 75 e 90 shillings, isto é, abstracção feita da perda do cambio, 100 a 110 liras por tonelada. De todos os pontos do reino se ergue um clamor de alarme, visto que a industria italiana vive quasi exclusivamente do carvão inglez e como a Inglaterra possue o dominio dos mares a opinião italiana torna-a, só a ella, responsavel d'este triste estado de coisas.

Opera lyrica

No Colyseu dos Recreios

Battistini estreia-se hoje no Colyseu com a «Maria de Rohan», a opera da sua predilecção e aquella em que é verdadeiramente inimitavel. No 3.º acto o insigne barytono é não só soberbo como actor, mas como cantor. A «Maria de Rohan» tem-lhe valido apotheoses e hoje o nosso publico por certo premiará o trabalho admiravel do artista illustre com os maiores e mais calorosos applausos.

A'manhã canta-se mais uma vez a «Tosca» para estreia do notavel soprano lyrico Isabella Orbellini. Uma lindissima artista que possue uma voz admiravel. Agradecemos á gentil artista os cumprimentos que nos enviou.

Na quinta-feira é a segunda recita de Battistini com o «Ernani» e na sexta-feira, em recita de accionistas, representa-se a «Manon».

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Os redemptores da Illyria.

REPUBLICA — A's 21 — Concerto pelo orpheon de Condeixa.

TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.

GYMNASIO—A's 21—D. Beltrão de Figueirôa—La donna é mobile.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Tosca.

Agenda da semana

A'MANHÃ — **Nacional** — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria*, peça de Ramada Curto.

— **Republica** — Concerto do orpheon popular de Condeixa, regido pelo dr. João Antunes—Conferencia de Lopes Vieira.

Boatos e informações

Entre nós

A companhia Adelina Abranches inaugura os seus espectaculos no theatro Avenida no dia 9 de março, seguindo em principios de julho para o Brazil. A peça de estreia será *A garota*, desempenhando Mario Duarte o papel de Alexandro Azevedo. Serão representadas as peças *Pour vivre heureux*, *Miquette et sa mère*, etc.

O principal papel masculino da peça de Vasco de Mendonça Alves *A noite de Santo Antonio*, será desempenhado pelo actor Brazão. Os ensaios da peça tem sido dirigidos pela actriz Lucinda Simões.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Socialista de Lisboa.—Reune hoje a assembleia geral para approvação das propostas para melhoramentos na séde.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 7.—Como já ahi devem saber, alguns alumnos do lyceu fizeram hoje grandes disturbios, impedindo que as aulas funccionassem e pretendendo aggredir alguns professores. Os prejuizos causados são avaliados em 400$00. O pretexto foi o pedido de demissão do actual reitor, dr. Silvio Pelico. A auctoridade judicial interveiu, tratando de averiguar responsabilidades.

—Realisou-se hontem a eleição da commissão municipal republicana.

—O commerciante Manuel dos Santos Pereira David, que se encontra preso por ser accusado de quebra fraudulenta, vae ser removido para a enfermaria prisão dos hospitaes da Universidade, por estar doente.

Movimento maritimo

Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	10
Brazil e R. da Prata «Darro» (de Liv.)	10
Mar., Ceará, etc. «Dominic» (de Liv.)	10
Amstardan e escalas «Frisia» (do Br.)	11
New-York, via Açor., «Roma» (de G.)	12
Pern. Maceió, etc. «Spectator» (de L.)	12
Bissau, Bol. e Rib. da Bar. «Bolama»	14
Liverpool «Anselm» (do Pará)	14
Pará e Manaus «Antony» (de Liv.)	15

inimigo foi tomada de assalto e foram varridos os tremendos obstaculos que a infanteria atacante encontrou nas trincheiras de primeira linha.

A fronte era extremamente variada. N'alguns pontos, toda a apparencia de resistencia havia sido esmagada pelo bombardeamento preliminar; n'outros algumas metralhadoras haviam escapado ao fogo da artilharia e retardaram o avanço durante algumas horas.

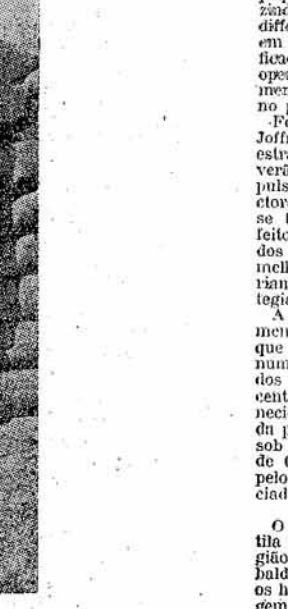
N'um ponto, um corpo inteiro do exercito francez occupou a secção da primeira linha allemã tendo apenas em mortos e feridos pouco mais de 150 homens; n'outro sitio, os homens cahiram ás centenas em frente de uma posição que pudera resistir ao fogo da artilharia.

A lucta póde dividir-se em duas partes completamente distinctas. As primeiras ondas que saltaram das trincheiras tinham de percorrer cêrca de 250 metros antes de chegarem á primeira linha allemã e foi tal o impulso das tropas francezas, taes foram os effeitos do fogo da artilharia, que ao longo de toda a fronte a primeira linha foi tomada antes do meio dia. N'esse ponto, o exito foi completo.

Mas em muitos outros ao longo da linha a resistencia foi grande. Metralhadoras foram desmascaradas, a artilharia alemã, que não conseguira deter o primeiro avanço, entrou em acção e ao longo da fronte a lucta degenerou n'uma série de combates mais ou menos isolados, uns coroados de exito, outros mal succedidos.

E', portanto, necessario descrever a lucta em cada secção da fronte com alguma pormenorisação.

Na primeira secção, indo de oeste para leste — a secção de Epine de Vedegrange—a linha allemã estava situada no sopé d'uma grande elevação coberta de bosques. Os salientes da linha davam-lhe toda a força do fogo flanqueador d'uma fortaleza, de tal modo que as tropas atacantes estavam debaixo de fogo, em cada ponto ao longo da linha, de tres lados ao mesmo tempo.

Tomando a estrada de St. Souplet e St. Hilaire como indicando o centro d'essa secção no lado occidental, havia nada menos d'esses tres sa-

O logar-tenente general sr. W. R. Birdwood, commandante aos corpos d'exercito australiano e neo-zelandez nos Dardanellos

lientes formando aberturas entrincheiradas varridas por uma verdadeira chuva de fogo de metralhadoras. Ahi, as difficuldades da posição augmentavam pelo consideravel apoio dado ao inimigo pela sua artilharia que havia sido amontoada em grande quantidade no planalto da

Tendo-se tornado impossiveis todos os movimentos envolventes desde que a guerra se limitou ás trincheiras, o trabalho dos ataques geraes era realmente crear flancos e effectuar movimentos envolventes em pequenas secções da fronte, introduzindo infanteria na linha inimiga em differentes pontos e abrir caminho em redor da aldeia ou da obra fortificada que devia ser tomada. Essa operação foi repetida consecutivamente na lucta que houve no Artois no principio da primavera.

Foi esse principio que o general Joffre applicou em larga escala na estrategia da grande offensiva de verão. Poderosos e gigantescos impulsos deviam ser dados em dois sectores da fronte, os quaes seriam, se tudo corresse bem, egualmente feito ao longo de toda a linha, e todos elles, constituidos por acções semelhantes ás do Artois, contribuiriam para a execução d'essa estrategia em vasta escala.

A offensiva começou simultaneamente ao norte e no centro. O ataque n'este ultimo sector foi, pelo numero de homens e pelos resultados obtidos, o mais importante. O centro da linha franceza era guarnecido por trez exercitos, da esquerda para a direita o 6.º, o 5.º e o 4.º, sob o commando do general Langle de Cary. Foi na fronte guarnecida pelo ultimo que a offensiva foi iniciada.

O campo de batalha era o de Attila e fica um pouco ao norte da região onde os historiadores teem debalde procurado o logar exacto onde os hunos fizeram a sua ultima paragem. Mesmo em tempo de paz é uma região desolada. O homem tem de luctar grandemente pela vida n'esse ingrato, arido solo de greda. Campos de açafrão, bosques de pinheiros e de abetos são os principaes productos da agricultura.

As estradas são poucas e as aldeias muito raras. Quasi todas ficam nas margens de pequenas torrentes, que correm por entre outeiros de greda—o Suippe, o Ain e o Tourbe.

A linha occupada pelos allemães n'essa região cobria o caminho de ferro Bazancourt-Challerange n'uma distancia que variava de dez a quatorze e meio kilometros. Eram essas as posições que o estado maior general allemão havia organisado durante o avanço e para as quaes recuára apoz a batalha do Marne. De sua natureza muito forte, essa posição havia ainda sido fortificada pela engenharia, a ponto dos allemães lhe chamarem a «barreira de aço».

Embora sob o ponto de vista de uma descripção geral o paiz não varie muito do oeste para leste, no ponto de vista militar era não menos uniforme e fôra dividido pelo estado maior general francez em seis zonas.

Indo de Auberive, a extremidade occidental da linha, para Ville-sur-Tourbe a leste, a primeira zona era constituida por uma elevação de cerca de oito kilometros, cortada quasi no centro pela estrada de St. Hilaire a St. Souplet. As encostas d'essa elevação eram cobertas por muitos pequenos massiços de abetos consideravelmente devastados pelo explodir das granadas e pelas reparações que era necessario fazer nas trincheiras.

A segunda zona comprehendia a baixa de Souain com a aldeia d'esse nome no fundo, a estrada de Souain para Somme-Py e herdade Navarin, a cerca de trez kilometros ao norte de Souain no cume dos outeiros.

A terceira zona fica ao norte de Perthes e era formada pelo monotono valle, de cerca de trez kilometros de largura, entre os outeiros cobertos de bosques da baixa de Hurlus e a elevação de Mesnil. Esse valle era defendido por muitas linhas de trincheiras e fechado por diversas elevações fortemente organisadas—a elevação de Souain, as cotas 195 e 201 e a elevação de Tahure.

Ao norte de Mesnil fica a quarta zona que, sob o ponto de vista da defeza, era muito forte. Os outeiros a oeste, Mamelle Norte e Trapezio, e a elevação de Mesnil a leste, formavam o bastião das posições allemãs e eram limitadas por uma podero-

se organisação de trincheiras, por detraz da qual, até Tahure, corria uma região coberta de bosques.

Na quinta zona, ao norte de Beauséjour, a região era muito mais facil. O solo, arido de vegetação, elevava-se na direcção de Ripon até á herdade de Maisons de Champagne.

O ponto mais forte da linha fica ao norte de Massiges, onde as cotas 191 e 199, correndo em terreno aberto, formavam o apoio oriental de toda a fronte.

O conjuncto d'essa fronte havia sido ligado pela engenharia allemã por um complicado e estudado systema de obras defensivas. Pela disposição das trincheiras, todo o terreno havia sido dividido mais ou menos n'um serie de rectangulos regulares, cada um dos quaes, provido de grande quantidade de metralhadoras, podia sustentar um sitio na verdadeira accepção do termo, retardando o avanço do inimigo, tornando-se um centro de resistencia e um ponto de concentração para alguns contra-ataques.

As defezas allemãs eram formidaveis. A parte da linha atacada pelos francezes compunha-se de duas posições principaes separadas por trez a quatro kilometros. As defezas de primeira linha eram extremamente bastas e compunham-se de uma complicada rêde de trincheiras de communicação formadas pelo menos por trez e em alguns logares por cinco linhas de trincheiras parallelas fazendo frente ás francezas e divididas em compartimentos por linhas lateraes de defeza, formando assim trincheiras quadradas de uma força formidavel.

Essa primeira linha tinha perto de quatrocentos metros de fundura e entre cada uma das trincheiras estendiam-se grandes rêdes d'arame farpado, algumas d'ellas de 60 a 70 metros de fundura.

A segunda posição consistia, no seu conjuncto, em uma unica trincheira. Aqui e ali havia uma outra trincheira d'apoio. Ao longo de toda a linha essa segunda trincheira havia sido construida no lado occulto da cumiada da elevação, sendo as encostas superiores que os francezes podiam observar apenas occupadas por secções de metralhadoras e artilharia, cujos postos avançados eram ligados por tunneis com a trincheira na retaguarda.

Os kilometros que separavam essas duas posições haviam sido fortificados e guarnecidos de trincheiras transversaes, diagonaes e lateraes, além das de communicação, que, protegidas por arame farpado e armadas de metralhadoras, se tornaram um systema duplo de fortificações, capaz de sustentar uma demorada lucta depois da infantaria inimiga haver tomado os posições.

Devido á observação dos aeroplanos, pouco havia da posição que não tivesse sido notado. Cada trincheira, cada massiço de troncos de arvores despedaçadas pelas granadas, tinha recebido um nome ou um numero nos mappas. As posições de artilharia, os centros de abastecimento, os quarteis generaes atraz das linhas eram tambem conhecidos pelos francezes.

Como dissemos, foram os aeroplanos os primeiros a iniciar a offensiva; seguiu-se a artilharia e no meiado d'agosto começou o prolongado bombardeamento contra aquelle sector da fronte. Nas cinco semanas que precederam a acção da infantaria, em nada menos de vinte e cinco dias essa fronte foi dada nos communicados officiaes como tendo sido violentamente bombardeada.

Os objectivos d'esse bombardeamento na primeira posição eram cinco:

1.º—Destruição das rêdes d'arame farpado.

2.º—Sepultar os defensores das obras exteriores.

3.º—Nivelar as trincheiras e destruir os reductos.

4.º—Obstruir as communicações de trincheiras e tunneis.

5.º—Desmoralisar o inimigo.

Entretanto os canhões de longo alcance navaes e terrestres estavam bombardeando os quarteis generaes, os acampamentos, as estações de caminho de ferro e a linha ferrea Chal-

lerange-Bazancourt, impedindo ou interrompendo o abastecimento de munições e de alimentos da linha de fogo.

A 22 e 23 de setembro, um tempo esplendido favoreceu os aeroplanos no seu trabalho de reguladores do tiro da artilharia e no dia 22 o bombardeamento troava terrivelmente ao longo da fronte da Champagne. N'esse dia todas as communicações particulares entre a zona dos exercitos e o interior da França cessaram. A longa pausa de semanas do tremendamente significativo bombardeamento chegava ao fim.

Na noite de 24 de setembro, uma ração extraordinaria de vinho foi dada e os homens postos ao facto do que tinham de fazer pela seguinte ordem:

«Grande quartel general, Setembro 23—Ordem geral 43 — Soldados da Republica!

«Apoz mezes de espera que nos permittiram augmentar a nossa força e os nossos recursos, ao passo que ao inimigo outro tanto não succedeu, soou a hora de atacar e de conquistar, de addicionar novas paginas de gloria ás do Marne, da Flandres, dos Vosges e de Arras.

«Apoz a tempestade de ferro e de fogo incessante, graças ao trabalho das fabricas da França, onde os vossos camaradas teem trabalhado de dia e de noite para vós, ides dar um ataque a toda a fronte em intima união com os exercitos dos nossos alliados.

«O impulso será irresistivel.

«Levar-vos-ha no primeiro esforço até ás baterias do inimigo além da fortificada linha que está na vossa frente.

«Não lhe deis treguas nem descanço emquanto a victoria não fôr alcançada. Conto com a vossa coragem para a libertação do nosso paiz e para o triumpho do Direito e da Liberdade.—**J. Joffre».**

Durante todo o dia 24 grandes nuvens se haviam amontoado, embora pairassem a altura sufficiente para não obstarem ao trabalho de reconhecimentos aereos.

Quando o toque d'alvorada soou ás 5 horas e meia da manhã do grande dia, 25 de setembro, os que haviam dormido por entre o troar do canhão acordaram n'uma atmosphera de tristeza.

Pezadas nuvens prenhes d'agua corriam baixo junto do terreno de greda, reflectindo-se no céu a côr pardacenta do solo arido. Entre as 6 e as 6 e meia, o café da manhã foi bebido e como o conversar era impossivel, pois o som da artilharia não deixava ouvir uma palavra sequer, os homens espalharam-se pela trincheira, fumando e pensando no que lhes reservaria o dia.

Quando se approximou a hora do ataque, os commandantes das companhias passaram um ultimo olhar pelo equipamento dos seus homens, reuniram estes, deram-lhes as suas ultimas ordens, explicando-lhes o que d'elles se esperava.

O francez, seja qual fôr a classe a que pertença, é homem intelligente. Faz o melhor que póde quando conhece o fim por que está combatendo e contra quem. Sob uma chuva torrencial que começou a desabar pelas 9 horas, em phrases concisas o ssoldados foram postos ao facto da situação geral e do eschema geral de operações do dia.

Então, á hora indicada pela telegraphia sem fios da Torre Eiffel e á ultima ordem de «Para a frente», meus filhos!» dada pelos officiaes, a onda dos «invisiveis azues» saltou dos parapeitos como uma torrente que trasborda.

A grande offensiva de 1915 havia começado e todos que n'ella tomaram parte são unanimes em dizer que momento algum da batalha foi tão commovedor, tão impressionante como aquelle em que a primeira onda de francezes, de uniformes azues, capacetes d'aço azues, levando os homens os bornaes cheios de granadas, saltaram das trincheiras onde haviam estado escondidos durante tantos mezes e avançaram para as linhas inimigas a peito descoberto.

A coisa mais digna de admiração na batalha da Champagne foi a rapidez com que a primeira linha de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1979—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 9 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A marcha dos acontecimentos

Um telegramma de Madrid trata da questão dos navios allemães surtos nos portos de Hespanha, e communica que o governo hespanhol, caso não chegue a um accordo com os armadores d'esses navios, tomará em relação a elles medidas radicaes.

Ninguem, livre de quaesquer paixões que lhes entenebrecesse a luz do espirito ou o levasse a contrariar a evidencia dos factos, poderia, desde que dois terços da marinha mercante se encontra affecta a serviços militares, desconhecer que um momento chegaria em que, para as instantes necessidades economicas e commerciaes de todo o mundo, necessario se tornaria lançar mão de todos os meios de transporte em condições de serem para esse fim utilisados.

Assim como se foi aos muzeus buscar velhas peças, para as transformar em engenhos capazes de entrar na lucta que se desencadeia, assim tambem todos os navios, em circumstancias de prestar esses serviços, teriam de ser utilisados para os transportes de que as nações carecem.

E' curioso ver que a Hespanha, um paiz realmente neutro, está disposta a medidas radicaes para empregar os navios allemães para seu serviço. Nós, que não somos neutros, que não podemos ser neutros, porque estamos alliados a uma das principaes nações que estão em guerra, nós que praticámos e estamos continuamente praticando actos de hostilidade á Allemanha, que já derramou o sangue portuguez, invadindo o nosso territorio ultramarino, —nós é que ha mais de anno e meio hesitamos em tomar uma resolução que a necessidade impõe e que a logica justifica.

Bem sabemos que para essa hesitação contribuiu poderosamente a especulação politica interna que, a pretexto da situação externa, tem agitado a vida portugueza, e perturbado a existencia da Republica. Mas ha alguma coisa que está acima dos estratagemas dos sophistas, dos manejos dos especuladores politicos. E' a marcha dos acontecimentos, que nada detem; é a sua logica, que nenhuma manigancia illude.

Os acontecimentos seguem o seu caminho, e como elles são produzidos por circumstancias que se não podem modificar, claro é que o seu caminho não se desvia.

Portugal tem de utilisar os navios allemães, como elles tem de ser utilisados em todo o mundo. E' absurdo que existindo esses excellentes meios de transporte, elles não sejam aproveitados. Pela nossa parte temos na metropole e nas colonias cargas importantissimas que não seguem porque não ha onde as conduzir. E estando nós a braços com uma tremenda crise de subsistencias, que pode reduzir absolutamente á fome populações inteiras, seria um crime continuar hesitando. A questão quasi se pode dizer que já é mais do que nacional, porque é uma questão de humanidade.

Não ha o direito de hesitar em taes condições, e estamos certos de que não se hesitará mais. A lei das subsistencias, ha pouco approvada no parlamento, de pouco ou nada valeria se a base que n'ella se refere ao aproveitamento de todos os meios de transporte dentro dos dominios da Republica não tivesse uma applicação rapida e segura.

Ver, immobilisados, nas aguas portuguezas, onde ficaram porque quizeram ficar, navios cujo aproveitamento pode modificar as dolorosas condições da nossa vida, é positivamente uma dôr de alma. E seriam legitimos todos os protestos que contra qualquer hesitação, ainda obstinada, sahisse do coração do nosso povo.

Os acontecimentos marcham dentro da logica. Na sua marcha vencem, venceram sempre, as relutancias, as más vontades, as paixões desvairadas dos que tudo subordinam aos seus interesses ou aos seus odios.

Migalhas

Um typo

Aquelle Armando Cardoso é uma variedade curiosa de um typo essencialmente portuguez: o cavalheiro que pretende apropriar-se das honras devidas ao trabalho alheio. Sabem de quem se trata? Quando foi do crime da varina na Azinhaga de Santa Luzia apresentou-se ás auctoridades como sendo o criminoso. Estas prenderam-no com alvoroço e sollicitaram-lhe que fizesse a prova do que affirmava. Não o conseguiu e tiveram que o soltar. Tempos depois reapparece accusando-se de ser o mysterioso homem de boina da rua dos Alamos. Foi recebido como o grande Elias pelos nossos mais sagazes «detectives»; mas, com magua propria e desconsolo do governo civil, tambem não chegou a provar as suas declarações. Agora que se procura por todos os escaninhos da cidade o facinora que lançou as bombas na rua do Jardim do Regedor, eis o nosso Armando Cardoso que se apresenta terceira vez, com o sorriso nos labios, dizendo:—«Fui eu».

Ora aqui teem v. ex.as um typo para um conto de humorismo macabro, que qualquer dos meus confrades de lettras poderia escrever. O tal Armando Cardoso commettia agora um crime a valer, tendo prévíamente o cuidado de ler as novellas de Scherlok Holmes e Mauricio Leblanc, de forma a envolver o seu acto de um certo mysterio. Apoz ter deixado, durante algum tempo, a policia patinhar na mais ingenua indecisão, apresentava-se. O angulo magistrado da investigação, mal o via apparecer, dizia sorrindo:—«Bem te conheço, ó mascara». Por mais explicações que o homem désse, ninguem o acreditava. Da justiça ia para os jornaes, para conferencias publicas. Successivamente expunha a milhares de leitores e a centenas de auditores os detalhes do seu crime. Todos sorriam, admirando-lhe o engenho. Percorria o paiz inteiro fazendo verdadeiros comicios em que demonstrava por a mais b que tinha commettido um delicto punivel com as maiores severidades do Codigo. Ninguem se convencia e todos o consagravam como um farçola de banal genio. Por fim, n'uma das suas viagens, dava-se um crime banal e por umas vagas suspeitas, baseadas nas mais corriqueiras coincidencias, prendiam-no. N'essa altura, o Cardoso já não se sentia disposto a acarretar com glorias que lhe não pertenciam e negava a pés juntos. Apparecia mesmo o verdadeiro criminoso. Nada d'isso impedia a justiça de condemnar o innocente, accusando-o além de tudo de ter preparado com os seus «bluffs» anteriores, a impunidade para o delicto que tencionava commetter. O homem celebre ia morrer obscuramente ao degredo.

Que lhes parece este conto, escripto com talento?

André Brun

Pelo telegrapho

O estado do credito allemão na Europa

LONDRES, 8. — A Agencia Reuter recebeu da Hollanda, de boa fonte, o seguinte relatorio, que demonstra o estado de credito allemão na Europa:

«Em vista da descida inquietadora do cambio allemão na Hollanda, os funccionarios allemães recusam-se a acceitar o pagamento dos direitos de chancellaria em papel ou prata allemã, insistindo por que o pagamento seja feito em oiro allemão ou então em moeda hollandeza á taxa que vigorava antes da guerra».—(*Reuter*)

Os srs. Briand e Bourgeois partem para Roma

PARIS, 9.—Os srs. Briand e Bourgeois, acompanhados do subsecretario sr. Thomas de Margerie, e dos generaes Pelle e Dumezil partiram esta manhã em direcção á Italia.—(*Havas*).

Os francezes occupam uma ilha grega

PARIS, 9.—Um telegramma de Corfu para o *Petit Parisien* noticia que um destacamento francez occupou a ilha grega Fano ao norte da ilha de Corfu.—(*Havas*).

Falta de carne

No Matadouro Municipal foram hoje abatidas apenas 9 rezes, 1 vitella e 16 carneiros. A'manhã é que devem ser abatidas 109 rezes que estão no Mercado Geral de Gados.

Arte regional

A formosissima collecção de rendas de Peniche e de bordados de Guimarães nos escriptorios da rua do Alecrim

O delicado poeta e eminente artista que é Alberto de Oliveira dizia, ha tempos, em uma das suas primorosas conferencias que *as nossas mulheres haviam aprendido a confeccionar essas rendas que são uma das mais surprehendentes maravilhas da arte portugueza, nas espumas das vagas e no recorte das conchas...*

Para quem, como nós, tenha percorrido o interessante escriptorio de artigos portuguezes da rua do Alecrim, estas palavras não serão decerto uma simples imagem poetica. Na verdade em presença das formosissimas collecções de rendas de Peniche e de bordados de Guimarães, agora expostos no encantador retiro a que a sr.ª D. Albertina Paraizo emprestou o talento e a gentileza do seu espirito, ficamos por largos momentos a pensar que milagre de deusas ou de fadas inspirou todo aquelle deslumbramento de alvura, de delicadeza, de perfeição. Bem mereciam as rendas portuguezas quem as fosse buscar ás terras modestas, ás humildes choupanas, onde eram trabalhadas, com ignorancia completa das maravilhas que se produziam. Era uma obra patriotica, um nobre emprehendimento de verdadeiro artista. Deve-se á sr.ª D. Albertina Paraizo que não desanima—n'um paiz em que todos os passos conduzem ao desfallecimento, em que todas as esperanças se transformam nas cinzas da desillusão—não desanima a illustre escriptora em fazer do seu escriptorio um santuario de tudo quanto a nossa fina sensibilidade de esthetas tem creado.

O grande problema...

A questão dos transportes

E' a mais importante que o governo, n'este momento tem a resolver

Ha coisas que convem dizer com toda a crueza. Só assim é possivel esclarecel-as com inteira verdade e com absoluta justiça. A dos transportes maritimos pertence, presentemente, a esse numero. Porque é preciso que não se julgue que o que vem de fóra chega até nós sem esforço, como é necessario que se saiba quo alcançar hoje um navio que nos leve mercadorias para o estrangeiro ou nol-as traga de lá custa muito mais do que comprar essas mercadorias ou encontrar quem nol-as compre a nós. Em que proporções teem diminuido as frotas mercantes de todo o mundo? Ninguem o sabe. E se alguem o sabe, é claro que não o diz. Mas sabe-se, por exemplo, que a Allemanha, levando a guerra aos Balkans, ao Egypto, á Mesapotamia e á Persia, outro objectivo não tem senão o de complicar o conflicto e fazer com que os alliados e principalmente a Inglaterra, collocados na obrigação de se defenderem, sejam forçados a transportar grandes exercitos, por mar, para essas longinquas regiões, tendo por esse facto de subtrahir ao seu commercio grande numero dos seus barcos. Só d'uma vez, para Salonica, partiram d'Inglaterra com grandes paquetes com tropas. E doze d'entre elles foram ao fundo...

—A questão dos transportes, para nós, portuguezes, que tão tributarios somos do estrangeiro—diz-nos o sr. Antonio de Magalhães Barros, opulento proprietario e grande industrial algarvio—é a que, no actual momento se impõe a todas as outras no nosso paiz. Não tenhamos sombra de duvida a esse respeito. Podemos ter as nossas fabricas, as nossas officinas, os nossos celeiros cheios de productos e generos que lá fóra se pagam a peso d'oiro. Mas se não tivermos navios que os conduzam para os mercados consumidores é como se nada possuissemos. Podemos ter quem nos dê o trigo na Argentina ou na America do Norte. Mas se não encontrarmos barcos que nol-o tragam para Portugal é como se não o encontrassemos senão pesado a dinheiro. Que ninguem se illuda. O problema é gravissimo e urge resolvel-o sem demora, para que qualquer dia não amanheçamos com a corda pela garganta, sem podermos desdar o nó que nos estrangule. E creia que falo com conhecimento de causa, que me queixo como victima a quem a falta de transportes maritimos alguns e serios prejuizos tem acarretado já. A minha provincia soffre com essa crise pavorosamente. Quasi nos encontramos por lá isolados do resto do mundo. Antes da guerra, vinham aos nossos portos, carregar os nossos productos, barcos de todas as nacionalidades. Agora, não nos apparecem nas aguas do Algarve senão tres vapores da habitual carreira ingleza, que d'antes tinha seis. Veja a differença e avalie-lhe as consequencias...

«Resulta d'essa falta de barcos isto: ficarem mezes e mezes nos nossos armazens os productos da provincia por não terem meio de seguirem o seu destino. Porque os vapores que ainda nos visitam não chegam lá vasios. Não. Aparecem-nos já, quasi sempre a abarrotar, não carregando senão generos de primeira necessidade, isto é, conservas de peixe e pouco mais. As caixas com esse artigo acomodam-se facilmente, occupam pouco logar. Por isso, lá vão seguindo para os portos a que os destinamos. Mas a cortiça, as aparas da folha de Flandres, o figo, a amendoa e tantos outros artigos e productos que constituem a grande riqueza agricola e industrial da terra algarvia? Encalham antes de embarcar. Não ha maneira de nos vermos livres de tudo isso. Pelo que respeita ao que nos vem de fóra, acontece o mesmo. D'ahi, o perigo em que as industrias se encontram de serem forçadas a suspender de um momento para o outro a sua laboração, com sacrificio proprio e com uma imensa quebra de interesses de milhares e milhares de pessoas. Ha tempos comprei um cêrco de pesca a vapor. Antes d'isso, fiz uma grande encommenda de carvão. Pois o cêrco funcciona ha umas poucas de semanas e o carvão ainda não me foi entregue nem sei quando o será. E' que não ha barco que m'o leve. Eis tudo.

«Já procurei, por mais d'uma vez, vêr se attenuava os desgraçados effeitos da falta de transportes fazendo embarcar em Lisboa os productos que embarcava no Algarve. Ao Tejo veem, evidentemente mais barcos e ser-me-hia mais facil, desde que fizesse chegar até aqui as minhas conservas, despachal-as para Bordeus, para Londres ou para Genova. Esbarrei, porém, com essa coisa complicada, ronceira e pavorosa de lentidão que se chama a linha ferrea do sul. Imagina lá! Era peor a emenda que o soneto, porque fazer vir do Algarve a Lisboa em menos de vinte dias uma remessa em pequena velocidade é coisa que as estações competentes reputam inteiramente impossivel. E se fosse só isso! E' que frequentes vezes, a mercadoria chega a ponto de destino não só deteriorada por falta de cuidados, como até defraudada. O Algarve está, assim, mettido nas fauces d'uma tenaz que ameaça estrangulal-o. E' uma provincia rica, não ha duvida. Elle é, talvez, a que mais oiro tem drenado para Portugal desde que começou a guerra. Os seus productos são apreciadissimos no extrangeiro e de facilima collocação. Pois bem: se a crise pavorosa dos transportes não fôr resolvida de qualquer maneira, a economia prosperrima do Algarve está ameaçadissima e não vejo meio de impedir que ella se subverta. Esta é que é a verdade. Tem o governo, á mão, navios de que possa utilisar-se quanto antes? Pois que o faça, porque não ha o direito de ter improductivo um instrumento de trabalho de que tanta gente precisa. Só quem tem relações commerciaes com o extrangeiro é que póde avaliar o estado afflictivo a que chegou o problema dos transportes. São precisos meios extremos para o resolver? Pois que não se hesite. E quanto a nós, os industriaes algarvios, o governo que force os caminhos de ferro do sul a prestar-nos os serviços que nos devem e de que carecemos absolutamente. Levar vinte dias a transportar um caixote de conservas de Portimão a Lisboa! Póde, porventura, ser? Creio que em muito menos tempo, atravez da Europa e da Asia, se póde ir de Lisboa a Clavidostok, galgando meio mundo com o auxilio do Transiberinno...»

Eis o que, da crise dos transportes maritimos diz o sr. Magalhães, a quem sobra, pelas relações que mantem com os mercados extrangeiros, competencia para se occupar do assumpto. E' claro que, como elle, pensarão quantos em egualdade de circumstancias se encontram. O grande publico, em geral, ignora estas coisas e por isso não se deve perder occasião de lh'as dizer. Só assim se fórma isso a que se chama opinião publica, tão necessaria para se levarem a cabo certas medidas cuja urgencia é absolutamente insofismavel.

Exposição Sousa Pinto

Por motivo de se encontrar ligeiramente doente, o sr. presidente da Republica adiou para depois d'ámanhã a visita que devia hoje fazer á exposição do illustre artista Sousa Pinto.

O jornalista Alfredo Cusano

Sahiu hontem em direcção á America do Sul, o jornalista italiano Alfredo Cusano, que enviou á *Capital* as suas cordeaes saudações, pedindo que nos fizessemos intermediarios para agradecer á imprensa portugueza, a extrema gentileza que teve para com elle, durante a sua passagem por Lisboa.

Poeira da Arcada

Todos os movimentos mais ou menos revolucionarios que, nos ultimos annos, teem illustrado a demagogia alfacinha, deixam atraz de si a impressão de que os seus occultos promotores e fautores simplesmente deixaram transparecer uma ponta do veu que encobria as suas verdadeiras intenções.

Muita gente pergunta:—Que se passou? Os jornaes, na precipitação das primeiras noticias, vão respondendo á publica curiosidade, espalhando versões dos acontecimentos que não são de molde a facilitar uma apreciação segura. E como os dias correm velozes, as anciedades repousam e o socego renasce.

As creanças brincam nas ruas, os paes vão aos seus trabalhos, os moralistas passam de acidos a agri-doces e os piadistas apuram n'um dito o saber e o espirito de uma tarde.

E' o reinado pomposo do artigo do fundo.

A' medida que o medo se retira para os subterraneos das nossas grandes vaidades, os jornalistas tornam-se de novo os pontifices da vida nacional. De manhã e á noite, elles leccionam as multidões, fornecendo-lhes, sobre os espectaculos politicos da nossa terra, ensinamentos que, n'esta crise de subsistencias que atravessamos, são das coisas mais indigestas que conhecemos.

Para contrapôr á escassez de alimentos, nada melhor que um bom naco de prosa escripta com uma succulencia de raciocinio que honra as mentes que fazem com palavras o mesmo que o vento faz com os pinhaes! E nós todos os que detestamos a desordem das ruas, de vez em quando, sentimos uma certa necessidade de suspender por alguns momentos tão util actividade, largando a opinião ao seu eterno jogo de cabra-cega.

O jornal privado de philosophia, sem paixão nem cubiças, limitando-se á sua funcção informadora, seria talvez o unico processo de attribuir ás forças de uma democracia toda a sua efficiencia. As sentenças e os preceitos deixariam de ser entornados sobre a cabeça do povinho com baldes de agua suja, mas apurar-se-hia uma meia duzia de pensamentos originaes que honrariam as gerações que as concebessem.

As revoluções, se estalassem, não surgiriam como diabos que noite velha espalham o terror em bairros famelicos, porque não resultariam gafamente de mesquinhos odios morticos. Encarnariam a alma da juventude, praticando o misticismo da violencia.

E, sobretudo, não ficariam ao abandono, nos buracos e nas sargêtas, essas bombas que os petizes tomam como brinquedos e que lhes estalam nas mãos, criando-se assim um martiriologio de innocentes, peor que o de Herodes, porque este, ao menos, ainda se escudava na razão de Estado, ao passo que o de agora só prova que o crime é tão vago nos seus intuitos como a digitalis na escolha das suas victimas.

INCENDIO VIOLENTO

Uma serração de madeira pasto das chammas

Prejuizos de 8.000$

Pouco depois das 5 horas da manhã começou a avistar-se para os lados do Aterro um enorme clarão. Atravessando a cidade viam-se passar as viaturas dos bombeiros municipaes e voluntarios. As ruas principiaram a movimentar-se, principalmente em Alcantara, o bairro onde rebentára o incendio. Immediatamente começaram a circular diversos boatos, chegando a correr que tinham ardido a fabrica D'Argent, as cocheiras da Vaccum Oil Company e uma fabrica de serração de madeiras.

Quem se apeia do electrico na Junqueira, passando a estação de Santo Amaro, encontra uma travessa que a meio faz um pequeno cotovello. E' a travessa do Conde da Ponte. Em o n.º 24 existe um portão de ferro que dá entrada para um pateo onde se veem varias casas abarracadas que servem de moradia a differentes operarios. A' esquerda do pateo estava installada a serração de madeiras e officinas de caixotaria pertencente ao sr. José Joaquim da Costa, morador na rua do Jau, 28, 1.º Parte da serração, que se compunha de loja e 1.º andar, era de alvenaria e coberta de telha de Marselha, tendo um annexo de madeira, coberto de latas. Liga esse annexo com uns armazens da Vaccum que servem para arrecadação de madeiras. Junto da serração e d'esses armazens ficam outros de tijollos e zinco pertencentes á mesma Companhia e que servem de deposito do gado, fava, palha, milho, etc. A serração fica separada da fabrica D'Argent por uma passagem de alguns metros. Essa fabrica é toda de ferro, coberta de zinco, vendo-se apenas aos lados do largo portão, a toda a altura algumas taboas.

Foi na serração que o incendio se declarou, ignorando-se por emquanto a sua causa.

Segundo é costume o guarda da fabrica D'Argent, o sr. José Martha, fez varias rondas, nada notando de anormal. A's 5 horas e meia porém viu que em parte do edificio lavrava o fogo, sahindo d'ahi o fumo em grande quantidade. Correu a chamar Antonio Alves, que trabalha na serração ha 26 annos, dando parte os dois homens para a estação de incendios. Os soccoros não se fizeram esperar, comparecendo em primeiro logar a bomba da estação 10 e pouco depois todo o material da divisão, sendo o serviço de ataque dirigido pelo chefe sr. José Ignacio da Luz. Foram applicadas varias mangueiras mas nada se poude salvar, devido á grande ventania que a essa hora fazia.

No primeiro andar ficavam situados os escriptorios e os aposentos do sr. Valentim José da Costa, de 28 annos, filho do proprietario da serração e que ahi residia ha 5 annos. Este senhor deitou-se cedo e durante a noite nada notou, accordando meio suffocado com o fumo e já quando todo o edificio era pasto das chammas. Em trajos menores, vendo-se rodeado de linguas de fogo, abriu uma das janellas e precipitou-se para o lado do areal, ferindo-se n'um quadril, mas sem gravidade.

A custo foram retirados das chammas um macho e um cão, morrendo 24 gallinhas e tendo fugido grande numero de pombos. Os prejuizos são avaliados em 8 contos, cobertos pela Companhia de Seguros «Atlantica». O incendio estava localisado ás 7 horas, começando em seguida o rescaldo, que terminou ao meio dia, estando ali por parte da companhia o fiscal José Carlos Abreu.

As taboas a que acima nos referimos pertencentes á fabrica D'Argent arderam, sendo o seu valor diminuto. Trabalhavam na serração 4 caixoteiros, 2 serradores, um carroceiro e 10 trabalhadores. No local juntou-se muito povo sendo o policiamento feito por infantaria e cavallaria da guarda republicana e varios civicos da esquadra do Calvario.

Cartas na meza

S. Cosme e S. Damião

Porto, 8

O meu velho amigo sr. Nuno Freire Dias Salgueiro, director da Escola de Pharmacia do Porto, n'um discurso que proferiu perante o sr. presidente da Republica, disse que em 1844 e por decreto de Costa Cabral foram creados logares de professores em cada Escola Medica do paiz, com a obrigação de darem, com o curso de operações pharmaceuticas, prelecções theoricas e praticas de pharmacia e toxicologia. Este decreto, diz o sr. Nuno Salgueiro, tinha em vista acabar com os exames de pharmacia feitos até então perante o phisico-mór do reino, que recebia de cada examinando a quantia de 4.800 réis, antes de feito o exame. Além d'isso tinha o examinando de pagar, ainda antecipadamente, 480 réis para o escrivão da vara e egual quantia para S. Cosme e S. Damião. O sr. Salgueiro considera «simplesmente inacreditavel que não tendo estas entidades de *intervir nos exames*, recebessem dinheiro d'esses mesmos exames.

Salvo o devido respeito, eu creio que o illustre director da Escola de Pharmacia é pelo menos injusto com S. Cosme e S. Damião. Estes dois insignes anargyros são, como se sabe, dois martires de muito soffrimento, foram medicos, representam a medicina e a cirurgia em face do Omnipotente, e eu não creio que haja o direito de exigir que tão grande serviço se faça de graça, quando nós temos representantes nossos juntos de entidades de muito menos importancia do que o Todo Poderoso e custam-nos os olhos da cara.

Tanto á medicina como á cirurgia se deve o principal fornecimento de almas que o Paraiso diariamente acolhe, e é do mais elementar criterio de administração que no mesmo Paraiso haja pelo menos dois consignatarios zelosos na recepção do producto. Quanto recebiam os dois santos por cada exame? 480 réis, diz o sr. Nuno Salgueiro. Pois bem, diga-me sua ex.ª se vale a pena ser degolado, como os dois santos foram, para receber de emolumentos em cada exame a sovinada miseria de doze vintens por cabeça. O sr. Nuno Salgueiro diz que nem S. Cosme nem S. Damião intervinham nos exames e não é certo. A sua intervenção era honoraria, mas não deixava de ser intervenção. Além d'isso, nem tudo quanto se paga remunera trabalhos directos. Veja o que se passa nos caminhos de ferro. Como sabe, os serviços ferro-viarios são de aquelles que se saldam com «superavit» para o Estado, e nunca com «déficit». Seria portanto regular que o excedente das receitas fosse applicado a melhorar os serviços, como succede em todas as circumstancias em que o espirito de ganancia não é o principal orientador. Toda a vez que cada um de nós compra um bilhete e se mette n'um comboio, adquire o direito de ser bem e fielmente transportado, e nunca pensa em que o seu dinheiro servirá para pagar outra coisa que não seja esse serviço. Pois não é assim: o Estado applica o dinheiro n'outras coisas, de modo que elle constitue uma das muitas contribuições a retalho a que somos supplementarmente condemnados, visto como n'uma parte pagamos a passagem, n'outra colhemos o descarrilamento.

E' preciso não ser injusto. Diariamente vemos invocar serviços prestados á Republica, exigindo a respectiva remuneração. Ha muito tempo que em Portugal somos todos revolucionarios mais ou menos civis, e revolucionarios de datas fixas—31 de janeiro, 5 de outubro, 14 de maio. Esta qualidade inscreve-nos á meza, quando a inscripção não vem olhamos duro e fallamos rascante. Porque havemos de, considerando-os na sua especialidade, negar um direito semelhante a S. Cosme e S. Damião? Que eu saiba, nunca lhes foi offerecido um modesto logar de amanuense, quando tinham direito a uma aposentação de directores de alfandega. Santo Antonio recebeu durante longo tempo o seu soldo de capitão do exercito portuguez. E porquê? Simplesmente porque concertou alguns pucaros ás raparigas e fez fallar alguns peixes. E' isto bastante para tão grande beneficio?

Meu pobre S. Cosme! Meu pobre S. Damião! Regatear-vos doze vintens, e se fôr a ver pedir-vos direitos de encarte!

Guedes de Oliveira

O MYSTERIO DA BULLA

O que diz um monsenhor

A apprehensão de summarios na Guarda — As razões do governo e do episcopado — Os novos funccionarios—Não faltarão subsistencias... espirituaes

Que novidades nos dá do mysterio da Bulla?

Esta pergunta formulámol-a, ha pouco, a um amavel monsenhor que subia tranquillamente o Chiado e a quem os negocios ecclesiasticos merecem um enthusiastico interesse, bem natural n'um sacerdote que vive não á porta da casa Havaneza ou do Martinho mas para o apaixonado eexrcicio do seu ministerio...

A physionomia de monsenhor, em que uns olhos intelligentes e vivos, cheios de bondade, fulguram por detraz dos limpidos cristaes dos seus oculos de oiro, contrahiu-se um pouco, denunciando todo o receio d'uma entrevista á queima-roupa. Como, porém, insistissemos, e para vencer a sua reluctancia lhe promettessemos que não fariamos uso do seu nome, monsenhor teve a gentileza de falar e falou assim:

—Mas não ha mysterio nenhum! Por ordem do governo, as auctoridades da Guarda apprehenderam n'uma typographia d'aquella cidade cerca de 56.000 exemplares impressos da Bulla, ou para melhor dizer dos indultos pontificios concedidos á nação portugueza. Convem accrescentar que a tiragem se faz por milhões e não por milhares e que, supposta a possibilidade da apprehensão d'esses milhões de exemplares já distribuidos, a medida do governo, tomada em virtude da falta de observancia de certas disposições da lei da Separação, nunca impedirá que as graças apostolicas sejam concedidas aos fieis e as esmolas correspondentes arrecadadas pelo clero com poderes espirituaes para o fazer...

—De modo que houve uma falta de cumprimento da lei...

—Sem duvida. E essa falta foi muito de proposito commettida. Exige o governo da Republica, escudado na lei de 20 de abril de 1911, que nenhum documento emanado de Roma se publique por intermedio dos bispos de Portugal sem o beneplacito do mesmo governo. Ora os bispos, que nos tempos concordatarios soffreram censuras por não quererem sujeitar-se a semelhante exigencia, entendem que, feita a separação, lhes é mais do que nunca imposto o dever de se dirigirem livremente aos fieis, submettendo-se ás penas da lei quando os tribunaes julgarem que da sua parte houve abuso de liberdade de imprensa, ou qualquer acto attentatorio da segurança do Estado. Em sua consciencia estão convencidos de que commetteriam um delicto grave se, para que a Bulla, toda ella respeitante a assumptos meramente espirituaes, pudesse ser distribuida entre os fieis, fossem pedir venia ao Terreiro do Paço...

—Logo—observámos nós—o cardeal patriarcha, dispensando-se de pedir o beneplacito, e o governo, mandando apprehender a Bulla, procederam ambos com coherencia!

Monsenhor não disse que sim nem que não. Sorriu-se e calou-se.

—E o que pensa—inquirimos—da portaria de 3 de fevereiro publicada no «Diario do Governo»?

—Li-a nos jornaes de hoje. O governo manda realisar um inquerito para que se averigue das alterações que tiver havido no funccionamento da Junta Geral da Bulla da Santa Cruzada e na administração dos bens a seu cargo e determina que *se façam necessarias diligencias para se acautelarem os interesses e bens da Junta*. O que a tal respeito me consta, de boa fonte, é simplesmente isto: O papa, em data de 31 de dezembro de 1914, fez uma larga concessão de indultos aos fieis catholicos que, em territorio portuguez, quer na parte continental, quer nas ilhas adjacentes e provincias ultramarinas, tomarem o summario da respectiva Bulla e derem a competente esmola. Mas, em face da Separação, Roma considerou como não subsistente a entidade ecclesiastico-civil que se denominava Junta da Bula e nomeou o cardeal patriarcha de Lisboa executor apostolico das novas Lettras.

«O executor subdelegou em cada um dos prelados diocesanos todas as attribuições e faculdades que pelos Indultos lhe são concedidas. O commissario da Bulla é monsenhor Antonio de Sá Pereira, o secretario monsenhor Eduardo Coelho Ferreira e o thesoureiro no patriarchado o rev. Antonio Joaquim Alberto. O producto das esmolas, que variam entre 4 e 30 centavos pelos summarios, 5 e 20 centavos pelos indultos de abstinencia e jejum e 20 centavos e um escudo pelos indultos especiaes, destina-se á erecção, conservação e melhoramento de seminarios, escolas ou institutos destinados á formação de sacerdotes e o remonescente será applicado ás necessidades das egrejas e outras obras pias...

—A Junta Geral tinha, porém, um fundo capitalisado...

—São os bens a que se refere a portaria de 3 de fevereiro, talvez cerca de duzentos contos nominaes e que o Estado sem duvida arrecadará como fez a outros bens da Egreja.

—E o sr. arcebispo da Calcedonia?

—O antigo commissario geral da

Bulla da Santa Cruzada? A provecta edade do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia dá-lhe todo o direito á aposentação. De resto, mesmo que o Estado lhe não conserve quaesquer vencimentos, a sua abastada fortuna pessoal põe-no ao abrigo das difficuldades que apoquentam outros sacerdotes. Ouvi dizer, no entanto, que o sr. arcebispo de Calcedonia procedeu muito correctamente nestes ultimos annos, diligenciando coadjuvar o mais possivel os seminarios com os recursos que lhe facultava a administração da Bulla...

—Uma ultima pergunta: A apprehensão dos summarios impressos, admittido que ella ainda possa ter uma extensão muito mais ampla, impedirá a colheita de esmolas indispensavel para que os seminarios e outras obras catholicas continuem vivendo?

—Não me parece. As graças e privilegios da Bulla concedel-as-hiam de viva voz aos fieis, se tanto fosse preciso, os sacerdotes para isso auctorisados e que, recebendo as correspondentes esmolas, as canalisariam para os mãos do executor apostolico e seus delegados.

—Quer dizer: não haverá crise de subsistencias espirituaes, a despeito da apprehensão da Bulla. Quem dera que a crise das outras subsistencias fosse tão facilmente remediavel!

Monsenhor sorriu-se de novo, sem uma palavra, e entrou na egreja do Loreto a fazer as suas devoções. A egreja, aqui nossa visinha, é a unica em que entre nós, com a plena acquiescencia da Santa Sé, funcciona uma associação cultual, das do modelo condemnado pelo papa. Sabel-o-ha monsenhor?

Dr. Antonio José d'Almeida

Jantar de homenagem

Um grupo de dedicados e velhos republicanos, amigos do illustre estadista sr. dr. Antonio José d'Almeida, constituidos em commissão, a cuja frente está o revolucionario de 5 de outubro sr. Antonio Augusto Baptista, deliberaram fazer uma festa de homenagem e de congratulação pelas melhoras e pelo restabelecimento da grave doença que o reteve tanto tempo no leito, dando um jantar de 100 talheres no restaurante Faustino, em Cabo Ruivo. A commissão, que conta já com a adhesão de varios parlamentares, officiaes do exercito, etc., tem empregado todos os esforços para revestir a festa de grande pompa. A inscripção é de um escudo e cincoenta centavos e está aberta na tabacaria Carvalho, rua do Sol á Graça.

Na Escola Normal Superior de Coimbra

Um conflicto entre os alumnos e o director

Os alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra declararam-se incompativeis com o director d'essa Escola, o sr. dr. Luciano Pereira da Silva, que rege a cadeira de historia da pedagogia. N'um manifesto que distribuiram, e que nos foi enviado, attribuiem as causas do conflicto a uma exigencia illegal dos professores da Escola, aggravadas depois por algumas phrases proferidas pelo seu director.

Os professores entenderam que deviam obrigar os alumnos a realisar conferencias de hora e meia, em que fosse esplanado um ponto tirado á sorte com oito dias de antecedencia. Os alumnos, examinando cuidadosamente a lei que criou as Escolas Normaes Superiores, não encontraram qualquer disposição que permittisse aquella exigencia. Como poderiam elles, de resto, logo no começo do anno, fazer conferencias sobre a materia das disciplinas que os professores ainda não tinham preleccionado?

Expuzeram essas razões ao director da Escola, ficando a commissão que com elle se avistou convencida que o sr. dr. Luciano Pereira da Silva reconhecia, pelo menos, «que a lei podia dar logar a duvidas». No dia immediato, porém, o director da Escola entrou na aula regida pelo professor sr. dr. Eusebio Tamagnini e dirigiu-se violentamente aos alumnos, proferindo phrases que o manifesto reproduz. Uma d'essas é a seguinte: «Os senhores querem tomar de assalto os logares de professores dos lyceus, para assim defraudarem os cofres publicos». Convidado depois a reconciliar-se com o curso, os alumnos não consideraram satisfatorias as explicações que elle deu, mantendo-se a incompatibilidade.

Uma bailarina excentrica

De quando em quando nas minusculas noticias dos theatros e casas de variedades, apparece uma noticia que nos fere a retina. Foi por uma d'essas pequenas noticias que soubemos que hoje se estreia no Salão Foz uma bailarina e cançonetista excentrica, a Nelly-Nell, ingleza de nascimento e que é denominada a bailarina descalça.

Quizemos falar-lhe, mas é sempre difficil falar a uma artista n'uma casa de espectaculos e foi com um cavalheiro, muito alto, cheio de amabilidade que nos encontrámos. Não foi com alegria que mudámos as nossas intenções, mas por obrigação, porque a ordem, por hoje era irrevogavel, não se podia falar com essa Nelly-Nell que nós só de longe lobrigamos.

Não perdemos a ideia de lhe falar porque querer é poder e nós havemos de o conseguir, mas como não queriamos perder as nossas passadas foi a esse homem enorme, que pedimos algumas informações sobre a bailarina que hoje se estreia.

—E' já conhecida entre nós a Nelly-Nell; já aqui trabalhou e digo-lhe que com um agrado extraordinario.

—Mas qual é o seu genero, perguntámos nós.

—E' uma excentrica; cançonetista e bailarina de muito valor tem varias danças que agradam, cheias de um imprevisto interessante.

E a conversa foi interrompida pela entrada de uma gentis hespanholitas que cheias de alegria corriam a cumprimentar com o mais lindo sorriso nos labios, o nosso entrevistado, que lhes falava paternalmente inquirindo se estavam «buenas».

Passado o bando de andorinhas, pois foi essa a impressão que nos deixou essa «troupe» de graciosas «muchachas» não nos furtámos á curiosidade de sabermos quem eram.

—São as oito Papillons, que todas as noites aqui se apresentam com successo, disse-nos o nosso homem, com um certo ar de admirado de não termos ido ainda vel-as.

Como tinhamos recebido o promettimento de podermos falar com Nelly-Nell n'outra occasião, não quizemos incommodar mais o amavel informador e despedimo-nos depois de sabermos mais que no Salão Foz hoje o espectaculo era de festa pois que o duetto Les Beriguardis cantavam hoje novas romanzas.—I.

O festival de Wagner no Republica

O 5.º concerto da Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch que no proximo domingo se realisa no theatro Republica é todo consagrado ao grande Ricardo Wagner, commemorando o anniversario da sua morte.

No concerto toma parte a distincta cantora Maria Judice da Costa, a illustre interprete do reportorio wagneriano, cantando com a orchestra a *Morte de Isoldg*. No programma figuram as mais notaveis obras de Wagner, algumas em 1.ª audição e novas para Lisboa, executando-se pela ultima vez a famosa *Marcha funebre de Siegfried* e a celebre *Cavalgada das Walkyrias*, os dois extraordinarios exitos da orchestra Blanch. Logo que foi affixado o cartaz tem sido enorme a procura de bilhetes.

Transportes de milho e cacau

A Empreza Nacional de Navegação deu ordem para a sua agencia em Loanda, para que, nos mezes de fevereiro, março e abril, sejam transportados d'ali para o Funchal, 170 toneladas de milho.

Os barcos da mesma Empreza *Angola*, *Beira* e *Zaire* devem ainda este mez, transportar para Lisboa, o primeiro setenta e cinco mil saccas de cacau, o segundo doze mil e o terceiro oito a dez mil saccas.

O novo paquete *Mossamedes*, que tem estado ao serviço das expedições, vem a caminho com os ultimos officiaes e praças em numero de 150) aproximadamente, passando depois da sua chegada, ao serviço do trafego commercial.

O Carnaval no Republica

Promette revestir um desusado brilhantismo o Carnaval este anno no theatro Republica, continuando assim as suas tradições. Como nenhuma outra, a sala do novo theatro presta-se excepcionalmente para estas grandes festas pela sua disposição, pela graciosidade das suas linhas geraes e pela fama que justamente teem o Carnaval do Republica. Este anno ha a novidade da plateia giratoria com todas as cadeiras, o que permitte arranjar a sala para o baile em um quarto de hora. A illuminação electrica será consideravelmente augmentada apresentando uma artistica disposição.

O grande acontecimento d'este anno é pois o Carnaval no Republica.

UM "FILM,, SENSACIONAL

"Os Vampiros,,

exhibem-se hoje no Cinema Condes, em «soirée» da moda

Como noticiamos, é hoje que se realisa a estreia do sensacional drama cinematographico «Os Vampiros» que, exhibido em *écran* de alguns dos principaes cinemas das capitaes da Europa e da America, tem alcançado um extraordinario successo. Não será exaggero prevermos que a elegante sala do Cinema Condes será esta noite pequena para comportar todas as pessoas que estão empenhadas em assistir ao desenrolar das mil e uma peripecias emocionantes que constituem o enredo d'esse complicado e interessantissimo drama policial que marca um dos maiores assombros do «film». A empreza do Cinema Condes teve uma bizarria fidalga dedicando a estreia de hoje á sociedade elegante, pois que é esta a primeira *soirée* da moda que ali se realisa.

A'manhã, voltarão a exhibir-se «Os Vampiros» em *matinée* permanente que começará ás 14 horas, alternadamente com a *Guarda de Sua Magestade* e outros magnificos «film» do programma

Emigração clandestina

Duas prisões

Pela policia especial de emigração, foram enviados ao tribunal especial de execuções Domingos da Cunha, de 29 annos, casado, pedreiro, natural de Santo André, concelho de Villa Nova de Gaya, e Guilherme Augusto Cavaco, de 20 annos, solteiro, trabalhador, natural de Freixo de Numão, concelho de Villa Nova de Fozcôa, os quaes foram capturados a bordo do paquete «Sequana» por tentarem emigrar clandestinamente para o Brazil, a fim de se eximirem ao serviço militar.

AS POBRES «MIDINETTES»

Gréve de costureiras

Nos Grandes Armazens do Chiado

Estão em gréve as costureiras dos Grandes Armazens do Chiado. As pobres *midinettes*, tão gentis, tão vivas, tão saltitantes, não fazem resoar nos *ateliers* o som das suas vozes, o esfusiar da sua alegria exhuberante.

E o motivo do tal deserção? Expliquemos:

Nos *ateliers* dos Grandes Armazens do Chiado trabalhavam ao todo umas cincoenta costureiras, cujos salarios regulavam, em média, 3$60. Porque não produziam bem — dizem os proprietarios dos Armazens — porque a culpa era das mestras — allegam as costureiras e tanto que com as anteriores tal facto se não dava — o certo é que se resolveu que a obra fôsse feita por empreitada.

Com tal reducção não concordaram as costureiras, pois, dizem ellas, isso lhes ia reduzir approximadamente o salario a metade do que percebiam e tendo ainda de pagar ajudanta á sua custa. E embora sujeitando-se ás consequencias que d'ahi lhes adviessem, embora tendo todas mais ou menos longos annos de casa, pois algumas ha que ali trabalham ha 9 annos, resolveram sahir.

E tendo sollicitado uma conferencia ao socio gerente da casa, esse escusou-se a recebel-as.

Não haverá maneira de se chegar a uma conciliação?

PEQUENAS NOTICIAS

—Na Penitenciaria deu hoje entrada, a fim de cumprir 6 annos de prisão, Manuel Ramos, que na occasião da gréve ferroviaria tentou assassinar o engenheiro sr. Santos Viegas.

—Foi nomeado secretario da administração do concelho de Cezimbra o sr. Manuel Pinto Soares.

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

Mais "inquerito,,

O sr. ministro da guerra offerece-se para fazer o seu depoimento á commissão

Proseguiu hoje na Camara o debate sobre o incidente da commissão de inquerito, e se não se approvasse um requerimento para prorogar a sessão até o assumpto se liquidar ainda durante toda a proxima semana se discutiria o caso.

Todo o desejo da minoria era ouvir o sr. ministro da guerra. As suas declarações, no seu entender, deviam constituir a base dos trabalhos da commissão. Pois bem:—o sr. Norton de Mattos, usando da palavra com energia, com calor, affirmou novamente que estava disposto a fazer o seu depoimento logo que a commissão quizesse. Apesar d'isso, um dos mais illustres e cathegorisados deputados opposicionistas, o sr. dr. Julio Martins, falando a seguir ao sr. ministro da guerra, ainda insistia em que era indispensavel, em que era necessario, em que era conveniente ouvir s. ex.ª! Mas bastava para isso que a commissão retomasse os seus trabalhos. Se o fizesse immediatamente, no mesmo instante ouviria as declarações do sr. Norton de Mattos.

O interesse dos deputados opposicionistas pelo proseguimento do inquerito foi posto á prova com uma moção do sr. dr. Antonio Fonseca, que representa, é preciso dizel-o, mais uma transigencia da maioria. Essa moção diz o seguinte:

A Camara dos Deputados, considerando que a regeição da alinea d) da proposta apresentada na Commissão de Inquerito foi votada em harmonia com os principios e praxes estabelecidas,

Considerando que esta proposta visava, nos termos das declarações feitas pelos seus auctores, a aproveitar o esforço de todos os vogaes, habilitando-os a fornecer á Commissão elementos cuja apresentação sem verificação e constatação previas, poderia revestir o caracter de delacção e de certo modo diminuir a auctoridade do apresentante,

Considerando que, pelas declarações constantes das actas publicadas e feitas na Camara, a maioria da Commissão de Inquerito se compromette a votar, quanto ao modo de funccionamento, disposições tendentes:

1.º—A permittir que cada vogal possa examinar nas repartições competentes todos os processos e documentos, comprehendidos no ambito do inquerito e visitar para o fim de bem exercer o seu especial mandato, todos os estabelecimentos dependentes do ministerio da guerra.

2.º—A garantir a comparticipação de todos os vogaes em todos os actos da Commissão.

3.º—A assegurar a efficacia da promoção de quaesquer actos e diligencias feitas por qualquer dos vogaes.

Considerando que para o exercicio dos direitos a que se refere o n.º 1.º do considerando anterior, apenas pretende a maioria a comparticipação da Commissão ou sub-commissão, de forma alguma exigindo, por parte do vogal que d'elles quizer usar, qualquer declaração a mais do que as que teria de fazer perante o funccionario chefe da repartição ou director de estabelecimento, a quo se dirigisse,

Considerando que d'esta forma se estabelece o direito amplo de pesquisa, sem o inconveniente da pratica de qualquer acto que se assemelhe a delacção, porquanto se ella não existisse para os funccionarios a que os vogaes se dirigem, egualmente não existe para a commissão que aos desejos manifestados dará immediato e prompto seguimento,

Considerando que não é legitimo que qualquer vogal possa, á sombra d'uma commissão, adquirir conhecimentos que essa commissão não possua.

Considerando que não é de admittir que qualquer vogal, a quem se garante o direito de pesquisar o que quizer, tenha escrupulo em que á sua pesquisa assista a commissão ou sub-commissão respectiva,

Considerando que egualmente se não justifica que por uma questão de forma se prejudique o proseguimento d'um inquerito julgado, pelas expressas declarações do apresentante da proposta de Inquerito, indispensavel ao prestigio da Republica,

Ratifica a sua confiança na commissão e espera que ella se desempenhe cabalmente do mandato que lhe foi conferido.

Que desejam mais os deputados opposicionistas? O sr. ministro da guerra offerece-se para fazer o seu depoimento; permitte-se que cada vogal possa examinar nas repartições competentes todos os processos e documentos; assegura-se a efficacia da promoção de quaesquer actos e diligencias feitas por qualquer dos vogaes. Esses elementos não bastarão ainda para que toda a luz se faça?

O centenario de um bispo illustre

As sessões de hoje do Congresso Catholico

Faro, 9.—As sessões do Congresso, hoje, tiveram maior concorrencia. O rev. bispo do Algarve rezou missa por alma do illustre prelado D. Francisco de Gomes Avellar, sendo acolytado pelos conegos Lorena e Delgado.

Aberta a sessão da manhã, e lido o expediente, no qual figuravam telegrammas do patriarchado de Lisboa, de monsenhor Mazella, do dr. Francisco Martins, lente da Universidade de Coimbra, da Associação Catholica de Braga e de Freitas Barros, agradecendo e saudando o Congresso, o rev. bispo faz a apresentação dos congressistas dos delegados das associações catholicas e dos representantes da imprensa, seguindo-se o relatorio da obra feita pela Associação das senhoras de caridade, de que era relator o beneficiado Veiga.

Seguiu-se a distribuição de fatos a 80 adultos pobres, sendo tambem distribuido vestuario a 33 creanças, dado pela Associação Filhos da Maria.

A sessão da manhã terminou com uma conferencia sobre a legislação da egreja ácerca do ensino religioso e do estudo comparado dos diversos methodos de ensino, com demonstrações praticas feitas pelos seminaristas.

Na sessão da tarde ha a leitura de relatorios e praticas religiosas.

A ordem é absoluta na cidade, que está extremamente concorrida.

A questão da Bulla

Em cumprimento da disposição da portaria do sr. ministro da justiça, publicada no *Diario do Governo* de hontem, a commissão central da Lei de Separação arrolou todos os objectos existentes na repartição da Junta Geral da Bulla da Santa Cruzada e sellou as portas da mesma repartição.

Navio encalhado

Quando esta manhã sahia a barra, o vapor inglez *Dauntless* encalhou proximo da fortaleza de S. Julião. Tendo conseguido safar-se, entrou novamente a barra.

Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o incidente surgido na commissão de inquerito

Preside o sr. Manuel Monteiro. Approva-se a acta. Lê-se o expediente. Do governo, está o sr. ministro da justiça. O sr. Baptista da Silva refere-se á carestia dos fretes para os Açores e pede, contra o exaggero que elles alcançaram, providencias immediatas. Nos Açores ha gado em abundancia, podendo, só d'Angra do Heroismo, serem exportadas para a metropole mais de duas mil cabeças. O sr. ministro da justiça promette interessar-se pelo assumpto. E' approvado sem discussão um projecto de lei isentando do imposto do sello e emolumentos, todos os documentos de habilitação a pensões pela caixa de pensões a pescadores invalidos. O sr. Custodio Martins de Paiva occupa-se tambem do castello de Leiria e pede ao governo que envide todos os esforços para que essas bellas ruinas não desappareçam, como é fatal, se não lhe acudirem quanto antes. O sr. Franco Cruz pede que seja discutido quanto antes o projecto que reforma os serviços pharmaceuticos do exercito. O sr. ministro da guerra manda para a meza uma proposta estabelecendo as gratificações que devem ser conferidos ao pessoal de aeronautica do exercito; o sr. Antonio Mantas trata uma vez mais da questão dos processos organisados contra officiaes do exercito, em virtude da lei do afastamento, insistindo junto do sr. ministro da guerra para que lhe sejam enviados documentos que, sobre o assumpto pediu. O sr. ministro da guerra responde, com grande energia, que, pelo que respeita aos officiaes separados, se elles recorrerem para o parlamento, todos os documentos que lhes dizem respeito serão facultados aos membros do Congresso; quanto aos outros, affirma que, custe o que custar, emquanto fôr ministro, não permittirá que os processos que se lhes referem sejam publicados. Estas declarações produzem grande celeuma.

Vozes das opposições:—Queremos saber quem são os denunciantes! Mais nada!

Estabelece-se grande borborinho. Varios deputados opposicionistas gritam e barafustam, emquanto a maioria cobre de apoiados as palavras do sr. ministro da guerra. O sr. Mesquita de Carvalho requer que se abra uma inscripção especial sobre este assumpto. E' rejeitado.

Entra-se na ordem do dia—continuação do debate sobre o conflicto surgido na commissão de inquerito aos fornecimentos para o exercito. O sr. ministro da guerra, tomando a palavra, diz que não falou ha mais tempo por querer ouvir todos os oradores que se occupassem do assumpto. Historia o que se passou e diz que se tem feito cavallo de batalha da sua declaração de que o governo, muito antes do deposito de fardamentos arder, tivera conhecimento de que alguma coisa se tramava contra estabelecimentos do Estado. Chegaram-lhe aos ouvidos boatos, n'esse sentido, em forma de previdentes avisos. E não os poz de lado. Disse isso no parlamento, e então ninguem se insurgiu contra as suas palavras. Surgiu a questão do inquerito. Acceitou-o desde logo, apezar d'outros, a esse tempo, estarem já a effectuar-se. Só poz as restricções necessarias, por entender que havia segredos que não podiam, de nenhuma maneira, ser assoalhados. Podia dizer que não concordava com a nomeação da commissão de inquerito, por ella não ser opportuna nem conveniente. Mas não o fez, por lhe parecer que o inquerito era indispensavel desde que a suspeição entrou na Camara. Depois, é preciso que se ponha cobro á onda de lama que tudo ameaça subverter. Mas a verdade é que, até hoje, ainda nada de concreto se averiguou. Quanto á commissão ella pode investigar o que lhe aprouver. O quartel-mestre do exercito tem ordem para tudo facultar. Mas o governo entende que ha assumptos de que não pode dar conhecimento ao parlamento senão em occasião opportuna, sendo elle o juiz d'essa opportunidade. Os assumptos que se referem aos planos de mobilisação do exercito e á defeza nacional estão n'esse caso. Mas á commissão de inquerito, o governo dirá tudo.

—Não pode dizer nada!—grita-se das opposições.

—Pode dizer tudo!—repete o orador, porque a commissão de inquerito é obrigada a guardar segredo do que fôr confidencial.

E continuando, o orador diz que o governo não accéita inqueritos que colloquem em situação pouco digna um ministro da Republica. E assim, o governo não concorda com a forma que as minorias pretendem adoptar para a commissão se desempenhar do seu mandato. Ella que inicie o seu inquerito, que cumpra o seu mandato e que seja ella a unica responsavel perante o parlamento, não substituindo a respo[illegible] a collectiva pela responsabilidade individual.

O sr. Julio Martins passa em revista as considerações feitas pelos outros oradores opposicionistas, affirmando que é preciso conservar o prestigio da Republica e declarando que o sr. ministro da guerra foi, pelo menos, imprudente, quando veiu ao parlamento fazer as declarações que fez. Insiste em que é preciso que os vogaes da commissão de inquerito tenham a maior liberdade para se desempenharem do seu mandato. Cita o que aconteceu quando, no tempo da monarchia se nomeou uma commissão de inquerito aos adeantamentos, sendo, n'essa occasião, o sr. Antonio José d'Almeida auctorisado a ir sósinho onde lhe approuvesse colher informações; diz que é preciso que o parlamento proceda com a maxima cautella para não dar ao paiz a impressão de que não deseja que o inquerito se faça.

O sr. Ferreira da Fonseca requer que a sessão seja prorogada até se esgotar a inscripção e que a Camara o auctorise a substituir a sua primitiva moção por uma outra, que publicamos n'outro logar. A sessão é prorogada.

O sr. Barbosa de Magalhães tambem faz algumas considerações sobre o assumpto; o sr. Celorico Gil defende tambem o criterio das opposições, proferindo um longo discurso de ataque á maioria e ao governo.

A sessão deve acabar bastante tarde, por serem ainda muitos os oradores inscriptos.

A's 15,30 surge o sr. ministro do fomento e entra-se na ordem do dia: a mobilisação das industrias.

Fala o sr. José Maria Pereira, que aduz argumentos demonstrativos da inconveniencia e inopportunidade da apresentação de tal projecto. Para nada elle é preciso, a não ser para constituir uma ameaça permanente sobre a industria. E não é preciso, por que a lei de 2 de setembro de 1915, já concede ao governo auctorisação para mobilisar as industrias, e foi assim que o poder executivo, estando fechado o parlamento, se apossou da fabrica de adubos chimicos da Povoa de Santa Iria, podendo, do mesmo modo, apossar-se d'outras. Não vota a União Republica este projecto, por inconveniente e desnecessario, certa estando de que elle, de projecto de mobilisação, passará a ser conhecido pelo projecto da immobilisação das industrias.

Responde o sr. Estevam de Vasconcello, considerando o projecto bom. E, sahindo em defeza do governo, que o sr. José Maria Pereira declarara ter o mau sestro de aggravar todas as questões em que se mette, diz que foi com este governo que as libras passaram de 7$60 para 6$60.

O sr. José Maria Pereira:—Isso é desde hontem, em virtude d'um boato de que o governo havia feito um emprestimo de dois milhões de libras...

O sr. Pedro Martins ataca mais uma vez o projecto, principalmente na parte que diz respeito ás indemnisações, que não são fixadas, que se não sabe a que criterio obedecerão.

O sr. Ortigão Peres justifica o seu voto de approvação ao projecto. E' official do exercito, faz parte da commissão de guerra do Senado e entende que esta medida é necessaria para a defeza nacional. Todavia, entende que o poder executivo tem de dar conta ao parlamento das auctorisações que lhe são concedidas. Fala muito, o sr. Ortigão Peres, e, sobretudo, fala com tanta velocidade que não ha maneira de o apanhar. Não tem pontos, nem virgulas, nem reticencias, nem interrogações, motivo pelo qual só nos resta pôr aqui uma exclamação!

Ao contrario do sr. Ortigão Peres, o sr. Celestino de Almeida, que se lhe segue no uso da palavra, é moroso, mas em compensação pouco tempo gasta no seu terceiro ataque ao projecto.

Falou depois o sr. ministro do fomento, e em seguida entrou-se em votações, sendo rejeitadas as moções apresentadas contra o projecto, que foi approvado na generalidade.

Leu-se e approvou-se a ultima redacção do projecto de organisação dos quadros dos governos civis, e em seguida encerrou-se a sessão.

A proxima é amanhã.

PELA INSTRUÇÃO

As Escolas Moveis

O que reclamam os seus professores—Um apostolado benemerito—A escola do Monte Pedral—Um appello ao sr. ministro do fomento

Os professores das Escolas Moveis—a excellente iniciativa do sr. Sousa Junior quando ministro da instrucção—resolveram representar ao governo pedindo-lhe que os coadjuve em algumas pretensões justissimas. O apostolado que exercem com uma devoção exemplar, os serviços que já teem prestado á causa da instrucção do povo, tão descurada durante largos annos, são titulos mais do que bastantes para que os poderes publicos os attendam e carinhosamente os acompanhem...

O que pretendem os professores das Escolas Moveis? Que se assegure a sua estabilidade e se lhes reconheça o direito á aposentação.

Ninguem dirá que pedem demasiado. Apenas desejam o cumprimento da lei organica. O que vencem esses professores está muito longe de permittir que o seu logar se considere uma sinecura. Teem como obrigação ensinar a ler, escrever e contar no curto praso de dez mezes homens e mulheres completamente analphabetos. Do resultado das missões já realisadas falam eloquentemente os relatorios archivados na Inspecção das Escolas Moveis. Citaremos, ao acaso, a obra d'um professor: o sr. Antonio Soeiro da Costa, no periodo escolar de dez mezes, regendo a cadeira ambulante de S. Simão, concelho de Niza, ensinou a ler, escrever e contar quarenta e nove individuos!

O que se conseguiria, em breve lapso de tempo, se a obra benemerita creada mercê da iniciativa do sr. Sousa Junior fosse intensificada com o augmento do numero de professores e de escolas, o que só se obterá melhorando-se-lhes a situação actual e garantindo-se-lhes o futuro?

A corporação dos professores das Escolas Moveis está dando os mais bellos exemplos de solidariedade, ao mesmo tempo que se desempenha do seu ministerio patriotico com um zelo superior a todo o elogio. Agora mesmo acaba de trazer a lume o primeiro numero d'uma interessante revista da classe intitulada «A Escola Movel».

Consagrando a sua solicitude á obra das Escolas Moveis, as estações superiores servem pela melhor forma o paiz e a Republica.

E, já que tratamos das Escolas Moveis, vamos referir um caso para o qual chamamos a attenção de quem competir. No edificio da egreja de Santa Engracia funcciona uma escola movel. A sala tem apenas capacidade para 15 alumnos; a frequencia, porém, é de 75, divididos em dois cursos, um diurno e outro nocturno, o que obriga parte d'elles a esperar a vez fora do edificio, sujeitando-se assim ás inclemencias do tempo. Só a muita dedicação da professora e dos alumnos explica a sujeição a semelhantes sacrificios. A utilidade da escola n'aquelle populoso e laborioso bairro dispensa todo o encarecimento. Da professora sabemos que é distinctissima e d'um grande zelo no desempenho das suas funcções. As obras necessarias para a ampliação da sala foram pedidas ao ministerio do fomento em outubro findo, isto é, no principio do anno lectivo. Até agora ainda não foram iniciadas, apezar de decorridos quatro mezes. O sr. ministro do fomento, se ordenasse a sua execução immediata, tornar-se-hia credor do reconhecimento da numerosa população escolar d'um bairro em que predomina o elemento que mais precisa de cultivar o espirito,—o elemento operario. Registaremos com prazer as providencias que se tomarem em tal sentido.

A defeza nacional

Reune amanhã, pelo meio dia, no ministerio do interior, o conselho superior de Defeza Nacional.

NO SENADO

Discute-se a mobilisação das industrias

Sessão aberta ás 14,30. Presidencia do sr. Correia Barreto. Presentes 32 senadores.

Antes da ordem, o sr. Paes Gomes faz dois pedidos: o pedido de documentos e o pedido da palavra para quando esteja presente o ministro da instrucção.

O sr. Vasco Gonçalves queixa-se da redacção do summario das sessões do dia 4, onde ha inexactidões, mas o sr. presidente explica-lhe que errar é proprio do homem e que só o extracto da acta faz fé.

O sr. João de Menezes manda para a meza uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra, ácerca do afastamento de officiaes do exercito.

O sr. presidente communica que o sr. ministro da guerra já se encontra habilitado a responder á interpellação annunciada pelo sr. dr. Antonio de Campos.

Não estando presente qualquer membro do governo, é interrompida a sessão. Dura meia hora o compasso de espera.

Os acontecimentos

Apprehensão de 30 bombas carregadas—O funeral do guarda civico 1531

O agente Francisco Carapeto foi encarregado de prender um dos indigitados auctores do movimento de janeiro, conhecido como agitador perigoso.

Hoje, esse agente viu-o entrar para uma casa em S. Christovão e depois de saber que elle morava ali veiu ao governo civil buscar alguns guardas, acompanhado dos quaes voltou a essa casa, entrou e deu voz de prisão ao tal individuo, que estava deitado. Passada busca, foram encontrados grande porção de ingredientes proprios para o fabrico de explosivos e 30 bombas carregadas, 40 envolucros de bombas, armamento, limas e outros objectos.

Os ingredientes teem a marca da fabrica da polvora em Chellas. Tudo quanto foi apprehendido veiu para o governo civil no *camion* da policia mettido em 6 caixotes. O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia, com o agente Bernardino e varios guardas esteve ali, vindo o preso mais tarde para o governo civil, recolhendo depois incommunicavel a uma esquadra. E' um rapaz baixo, grande cabelleira, de sobretudo e de boina.

Com grande concorrencia realisou-se hoje o funeral do guarda civico n.º 1531, Joaquim Gil, morto por occasião do attentado na rua do Jardim do Tabaco. A autopsia, como noticiámos, realisou-se ante-hontem, sendo-lhe n'essa noite vestida a farda e transportado para o hospital de S. José em caixão de chumbo e velludo. O cortejo sahiu ás 14 horas e meia, indo á frente uma numerosa fila de trens e automoveis com convidados, em filas abertas 30 guardas sob as ordens dos chefes Antunes e Couto, 60 praças de cavallaria e infantaria da guarda republicana commandadas pelos srs. alferes Manso Preto e tenente Sarmento, carruagem com o rev. Firmo e seu acolyto, deputação de Bombeiros Voluntarios de Algés com a sua ambulancia sob o commando do sr. Antonio da Cunha, que representava o commandante, carreta transportando corôas do corpo de policia, da commissão parochial da freguezia de Santo Estevão, dos guardas 786 e 1555, da guarda republicana e grande quantidade de ramos de flôres naturaes.

Em fila aberta 20 bombeiros municipaes sob o commando do chefe de divisão sr. José Ignacio da Luz; armão dos bombeiros a duas parelhas com o feretro coberto com a bandeira nacional e por ultimo os convidados, seguindo atraz do armão um guarda com uma almofada, com o bonet e o sabre do extincto.

Entre a assistencia iam os srs. Costa Leme, representando o sr. presidente da Republica; Alberto Tota, pelo sr. governador civil, major Penna Coutinho pelo sr. commandante da policia, capitão Bruno do Carmo, pelos officiaes que fazem serviço, chefe Alexandre Morgado, pelo Albergue das Creanças Abandonadas, chefes M. Gomes, Pires, Aleixo, Couto, Carmo, Costa, Lages, Santos, Narciso, cabos e guardas de verias esquadras; agentes de todas as secções e por ultimo uma força de policia sob as ordens dos chefes Lima e Rosado.

O sr. Costa Leme esteve indagando a situação em que ficou a viuva do 1531. O 1.º sargento Prazeres, da guarda republicana entregou á viuva do 1531 a quantia de 36 escudos e 10 á mulher do cabo 71, producto de uma subscripção aberta entre a corporação.

No cemiterio falaram os srs. capitão Bruno do Carmo e Alberto Tota, assim como alguns guardas e civis.

Para o tribunal militar deve amanhã ser enviado o carvoeiro Manuel Vieira Abreu, preso por causa dos ultimos acontecimentos. A policia procura Bernardino dos Santos, o *Joaquim Marrocos* e um tal *Manuel do Intendente*, todos implicados no caso da bomba na rua do Jardim do Regedor.

Noticias parlamentares

As oposições parlamentares querem, á viva força, que o sr. ministro da guerra traga ao Parlamento os processos dos officiaes que não chegaram a ser separados pelo ministro da guerra. O sr. ministro da guerra, é claro, recusa-se. Se o fizesse, o que acontecia? Lançava desconfianças sobre homens que foram considerados dignos e que, por isso mesmo, continuam nas fileiras. Com grande vigor, o sr. Norton de Mattos defendeu hoje esta doutrina, que é tudo o que ha de mais logico e de mais justo. E' evidente que, das bancadas oposicionistas, surgiram protestos. Mas o bom senso triumphou, muito embora isso custasse a certos deputados que, acicatados pelo desejo insofrido de verem os seus nomes na lettra de forma, procuram todos os pretextos para que as gazetas falem d'elles. São elles, afinal, os seus proprios carrascos. Lamentemol-os, coitados.

Sempre que na Camara surge um grande debate politico, que são os unicos que interessam gregos e troianos, dizem as opposições que ninguem póde pôr em duvida os seus insophismaveis intuitos de conciliação. Mas vem a maioria e affirma a mesma coisa, com entono egual, com a mesma cathegorica firmeza, como se fôsse ella a detentora unica do elixir que concilia applicado a tempo, tudo o que é antagonico e hecterogeneo. A discussão, porem, continúa. Cada orador que fala lança para a fogueira mais uma acha de animadversão e de odio. Onde está n'esse caso a sinceridade dos Mirabeau de via reduzida que em S. Bento fazem tão abundante dispendio de loquella nos dias em que é preciso esgrimir os tropos farfalhudos e ricos? E' que a conciliação que se prega está apenas nas palavras. Quando se trata de obras, cada um que se concilie como quizer e onde souber...

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

BATALHA DE FREITAS

O encarregado dos negocios da China foi visitar o sr. dr. Bernardino Machado, agradecendo-lhe em nome do primeiro magistrado do seu paiz as facilidades concedidas pelo governo portuguez ao desejo do presidente da «celestial republica» em conservar junto de si, na qualidade de conselheiro e chefe do protocolo, o sr. Batalha de Freitas, ministro de Portugal em Pekim.

Foi o nosso representante diplomatico quem se dirigiu ao ministerio solicitando em nome do general Chiu-Kay a licença para desempenhar as alludidas funcções. Auctorisado a exercel-as, o sr. Batalha de Freitas, nos termos dos regulamentos, passará á disponibilidade, devendo ser substituido no logar que presentemente occupa.

CONDE LAMBERG

Esteve hoje no Tejo, tendo desembarcado, o conde Lamber, vice-rei das Indias Neerlandezas, a quem acompanham sua esposa e os ajudantes. Almoçou na legação da Hollanda e foi a Cintra. Cumprimentou-o, em nome do sr. ministro dos estrangeiros, o sr. Eugenio Santos Tava-

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 9.—Communicação official.

No Artois as duas artilharias continuaram a mostrar-se activas na linha que vae da cota 140 ao caminho de Neuville a La Folie. Hontem, ao fim da tarde, os allemães fizeram saltar duas minas, fortemente carregadas, a oeste de La Folie e puderam penetrar em alguns elementos da nossa trincheira de tiro, que foi destruida pela explosão, assim como certos pontos da nossa trincheira se duplicaram, d'onde os rechaçámos por um ataque á granada, effectuado durante a noite. O combate continúa.

Ao sul do Somme bombardeámos as trincheiras adversas.

Nos Vosges houve canhoneio em Hartmamswiile-Kopf.

No resto da linha a noite decorreu tranquilla.—(*Havas*).

Sport

Desafios internacionaes de foot-ball

Recebemos uma noticia interessante, que póde ser considerada como de sensação para o *sport* nacional. Foi-nos fornecida por pessoa muito bem informada. Diz que: a confirmar-se a desistencia dos clubs no campeonato da Associação, Sport Lisboa e Bemfica, não querendo que diminúa o interesse pelo *foot-ball*, está resolvido a promover a visita de varios *teams* extrangeiros ainda para epocha anterior á visita do grupo dinamarquez.

E sendo assim, já nos dias 26 e 27 d'este mez veem a Lisboa os grupos do Fortuna Foot-ball de Vigo, que acaba de ganhar o campeonato da Galliza.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica não sahiu hoje dos seus aposentos por se encontrar ligeiramente incommodado, recebendo ali o sr. ministro da Belgica e esposa.

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. ministro de Hespanha.

—Foi annexada á divisão naval, emquanto não entrar na doca secca para fabrico, a canhoneira *Lurio*.

—O novo governador geral de Angola, coronel sr. Massano d'Amorim, conferenciou hoje com os srs. presidente do ministerio e ministro das colonias sobre assumptos do governo d'aquella provincia.

—O deputado sr. dr. José Bessa de Carvalho apresentou hoje ao sr. ministro do fomento o presidente da camara municipal de Amarante, que vem tratar de assumptos de interesse para aquelle concelho em especial do abastecimento de farinhas.

—Na *Ordem do Exercito*, hoje distribuida, veem, entre outras, as promoções: a coronel, do tenente-coronel Fernando Augusto Nogueira Velho de Chaby e a tenentes-coroneis, dos majores Antonio Joaquim Santa Clara Junior, José Maria Quirino Pacheco de Sousa Junior, Antonio Oscar de Fragoso Carmona e Henrique Vasco de Sousa Prego. Foi reformado o coronel de cavallaria 7, Simão Pena Pacheco.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7/8	36 5/8
Londres, 90 d/v.	37 3/8	—
Paris, cheque	$69,5	$70,5
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$57,5	$58,5
Madrid, cheque	1$29,5	1$30,5
Suissa, cheque	$78	$80
Italia, cheque	—	—
New York	1$37	1$39
Rios/Londres	11 9/16	—
Libras	6$50	6$60
Agio do ouro	36 %	45 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,25	38,95
» » 500$	39,25	39,10
» » 100$	39,25	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$50, 4 1/2 88-89, coup. 58$90.

Externas: 1.ª serie 74$80 e 3.ª 76$70.

Acções: Banco de Portugal 187$; Ultramarino, coup. 130$ e assent. 130$; Cazengo, 8$; Moagem (nova), 56$50; Phosphoros, assent. 57$; Zambezia, 1$80.

Obrigações: Municipaes, 5 0/0 84$; Norte e Leste, 4 1/2, 2.º grau, 54$; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 81$ e tit. 5 79$80.

SPORT

Querem homens gordos ou homens fortes?

JÁ HYPOCRATES TINHA A MESMA IDEIA...

Que nós temos ainda para responder a um homem de Vizeu que nos escreve

—«Já no tempo da minha avó, se sabia isto...»

Assim podiamos responder, utilisando uma phrase pittoresca, que se tornou popular, a um leitor nosso de Vizeu que nos escreve sobre o valor do exercicio physico no tratamento de certas doenças, como a diabete e a gotta. Na pergunta, verificámos que n'aquella cidade da Beira, ha quem se preoccupe com a parte technica, pedagogica e medica dos exercicios physicos. Ainda ha pouco tempo nos enviaram uma circular de inquerito sobre o valor therapeutico dos banhos de luz e de sol. Tambem em Vizeu se imprimiram alguns dos primeiros livros portuguezes sobre gymnastica.

Mas... voltemos ao caso de agora a phrase com que iniciámos a resposta.

«Já no tempo da minha avó...» se dizia que a diabete era uma doença de homens ricos e tambem se dizia que a gotta era maleita dos sedentarios. E, promenor curioso, no tempo dos nelos, isto é, no meu tempo, ainda são populares as mesmas phrases. Agora, porém, ha um senão! E' que o povo já começa a comprehender que a gordura não é equivalente de força e que homem de exaggerada corpulencia não significa um typo-modelo de athleta. Temos a convicção de que contribuimos para a vulgarisação d'esta verdadeira noção das coisas. E continuaremos a propaganda, aproveitando uma secção de «sport» n'um jornal diario, com artigos em que a medicina e a pedagogia não são elementos estranhos.

Por hoje, esclarecendo o caso presente e mantendo o habito de trancrever esclarecimentos de eruditos, de que se tem d'abusar porque a nossa educação portugueza nos força a admitir que «só tem valor o que nos dizem d'além fronteiras»—aproveitamos os estudos do dr. Galtier Boissière:

«... Consultada por Descartes para saber d'ella qual era a maneira de tornar, communmente, os homens mais sabios, mais prudentes e mais habeis do que tinham sido até hoje, a medicina respondeu:—Acceitou-se que a religião resumia todos os preceitos n'aquelle que manda amar a Deus sobre todas as coisas e aos semelhantes como a nós mesmo, pois a hygiene póde condensar todas as suas prescripções téleianthropicas n'esta formula:—E' preciso que o homem progrida na sua alma e no seu corpo, em questões de cultura moral, artistica, litteraria e scientifica, para obter em volta de todos e na sua familia, um trabalho corporeo intelligente, que será então, tão util á propria pessoa como ao bem estar dos seus semelhantes.

«No dia em que este voto medico se realisar, todas essas doenças que, a principio, foram confundidas com o nome de gottas, com todas as suas degenerescencias hypertrophicas ou hypotroficas, causadas pela nutrição, superabundante ou insufficiente, desapparecerão e um outro Giannini poderá dizer depois:—Se la gotta ha veduto nascere la medecina, la medecina ha veduto morire le gotte».

E' ou não materia muito antiga? E', mas bastante mais antigo é aquelle aforismo de Hipocrates, que a sciencia moderna traduziu assim:

—«A saude mantem-se consumindo uma alimentação simples, mixta, variada e sufficiente sómente para reparar as perdas occasionadas por um laboração racionado e productivo do conjuncto de aptidões da nossa dupla potencia.»

mais entraria no seu club. Ora o organisador em questão tinha promovido o combate Tom Sharkey-Corbett, ao qual Kid Mac Coy tinha extraordinarios desejos de assistir.

Apresentou-se na bilheteira, mas não lhe venderam bilhetes e, o que foi peior, foi obrigado a sahir de junto dos porticos!

Kid, não perdeu a coragem. Foi ao cabelleiro mais proximo, alugou um soberbo bigode e pôz na cabeça um enorme chapeu molle, com abas largas. Assim disfarçado, passou nas bilheteiras sem difficuldade e foi apertar a mão a Corbett.

—Tu aqui!

—E' verdade. Não quiz passar sem te applaudir.

—E se te conhecerem?

—Não conhecem... porque o bigode parece o que eu tinha ha dez annos...

Os grandes récords

Os da travessia do mar em aeroplano

São tres os «records» que dominam nas travessias do mar em aeroplano, todas elles de valorosa coragem e que deram extraordinaria notoriedade aos que as executaram.

Em 1911, o aviador J. A. D. McCurdy vôou do Key West a Cuba, n'uma distancia de 90 milhas. Cahiu na agua a 10 milhas do ponto de destino.

Em 1911, o aviador tenente Bague vôou de Nice á ilha Gorgona, n'uma distancia de 140 milhas (perto de 285 kilometros).

Em 1913, o celebre aviador Roland Garros, vôou sobre o Mediterraneo, de França á Tunisia, n'uma distancia de quasi 460 milhas (quasi 900 kilometros) em 8 horas.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

Communicações officiaes.—Foram marcados os seguintes desafios para o dia 13: 1.ª cathegoria, Internacional contra Imperio, nas Laranjeiras, ás 15,30 horas, juiz o sr. Luiz Placido Sousa; 2.ª cathegoria, C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 13,30 horas, juiz o sr. Jorge Vieira; Victoria contra Imperio, nas Laranjeiras, ás 13,30, juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria, Victoria contra Sacavenense, nas Laranjeiras, ás 11,30, juiz o sr. Domingos Pinto; Imperio contra C. Quebrada, em Palhavã, ás 11,30, juiz o sr. Alfredo Torres Pereira; 4.ª cathegoria, Sporting contra Palmense, no Campo Grande, ás 13 horas, juiz o sr. Amilcar Costa; Bemfica contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 14 horas, juiz o sr. Julio Benamor.

—Reune ámanhã a direcção da associação.

Club Naval de Lisboa

O conselho director reunido em 7 do corrente resolveu encerrar a sessão depois de ter exarado na acta um voto de profundo sentimento pela morte do neto do seu prestimoso e presado presidente, D. José de Noronha.

O club far-se-ha representar no funeral por Ryder da Costa, Arthur Consolado, João Anjos e Vladimiro Contreiras.

Nota do dia

Complica-se? ou não percebemos?

As «communicações officiaes» da Associação de Foot-ball de Lisboa, que recebemos hoje, referem-se a desafios marcados para a tarde do proximo domingo. N'esses «matchs», vêem designados aquelles que deviam sustentar os clubs que declararam desistir do campeonato.

A declaração de desistencia foi admittida ou não? Se foi admittida, não se comprehende a communicação. Se não foi, a communicação indica que a penalidade que os clubs soffrem, vae juntar-se uma outra pela falta de comparencia aos desafios marcados.

Será tambem a «communicação» indicativa de que se solucionou, d'uma vez para sempre, o incidente? A ser assim, era caso para felicitar uns e outros e, especialmente, o sport portuguez, mas, como jornalistas, sentiamos que os clubs se esquecessem de nos communicar a boa noticia...

Algumas anecdotas

Os «trucs» astuciosos de Kid Mac Coy

Kid, o famoso jogador de socco, tinha um costume de se apresentar em combate, que lhe deu, por vezes, magnificos resultados.

Com o proposito de enganar o adversario e para ganhar dinheiro apostando por elle mesmo, apresentava-se, no ring, pallido e descomposto. A pallidez, e o desalinho eram devidos a uma quantidade de prodigiosa de pó de arroz.

Vendo-o assim em tão mau estado, o adversario alegrava-se extraordinariamente e os apostadores retiravam as apostas que tinham feito sobre elle, para as fazer pelo seu adversario.

Mas... desde o som do «gong», o moribundo despertava e o muito confiante adversario via deante d'elle um demonio implacavel, que o dominava, o maltratava e o vencia.

Na vida ordinaria, tambem Kid Mac Coy era astucioso.

Uma vez cortou as relações com um emprezario de New York e este garantiu, que pagando ou não, o pugilista nunca

OPERA LYRICA

No Colyseu dos Recreios

A enchente hontem no Colyseu foi colossal, mas ámanhã vae ser muito maior ainda. Hontem havia duvidas sobre o valor de Battistini. Havia quem o julgasse muito velho, alquebrado, já sem voz, emfim uma ruina, embora gloriosa. Mas todas essas duvidas desappareceram e Battistini, elegante, aprumado, distincto, com a sua voz vibrante, imponente, harmoniosa, enthusiasmou a platéa que o ovacionou até ao delirio.

A'manhã a representação do *Ernani* será extraordinaria de ...eza artistica, pois Battistini tem n'esta opera um dos seus melhores trabalhos.

Hoje canta-se a *Tosca*, fazendo a sua estreia o notavel soprano ligeiro Isabella Orbellini.

A Lisboa chegou o eminente soprano ligeiro Maria Galvany, que contra entre nós tantos admiradores, pela sua voz de um delicioso timbre e pelo seu formoso talento. Maria Galvany, que vem dar seis recitas no Colyseu, era esperada por muitos dos seus admiradores, que a saudaram affectuosamente.

Concertos David de Sousa

Tem sido enorme a procura de bilhetes para o concerto wagneriano do proximo domingo, no Polytheama, cujo programma comprehende exclusivamente trechos das conhecidas obras-primas do genial compositor. Trata-se, como se sabe, de commemorar o 33.º anniversario da morte de Wagner e assim este concerto sobrelo incluir a audição de trechos do «Tanhauser», «Parsifal», «Crepusculo dos Deuses», «Walkirias», «Siegfried», «Mestres Cantores», «Lohengrin» e «Rienzi», puras joias musicaes que tão justamente tornaram celebre em todo o mundo o nome do seu auctor e que serão integralmente executadas segunda as exigencias das partituras originaes.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Os redemptores da Illyria.
REPUBLICA — Não ha espectaculo.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Ernani.

Agenda da semana

HOJE—Republica—Concerto do orpheon popular de Condeixa, regido pelo dr. João Antunes—Conferencia do Lopes Vieira.

A'MANHÃ — Nacional — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria*, peça de Ramada Curto.

Ao correr da pena

De cada vez que um acaso dos meus ocios me permitto reler algumas paginas dos volumes de critica theatral de Lemaître, uma profunda tristeza se apodera do meu espirito ao relembrar-me da fórma porque é exercida a critica de theatro em Portugal. Dir-me-hão talvez que a funcção cria o orgão e que os nossos criticos nem sempre teem a julgar obras de uma elevação litteraria e moral comparavel á das que cahem sob a analyse dos grandes pontifices da critica, entre os quaes figuram por largos annos esse mesmo Lemaître, cujas paginas tanto me deliciam. Talvez. Sem desprimor para nenhum dos nossos auctores, grandes ou pequenos, é certo que, por não ser obra de profissionaes actuando n'um grande meio e n'uma atmosphera mental de variadas correntes, a nossa producção dramatica, ainda mesmo a mais escolhida, é comesinha e simples de ideia como nós somos em geral.

Mas, ainda mesmo assim, que de coisas interessantes se poderiam dizer ácerca do nosso theatro se houvesse critica em Portugal! Que de ensinamentos e que de incentivos ella podia encerrar se não estivosso reduzida á condição de uma simples noticia, ora animada de uma extrema benevolencia, ora encaminhada voluntariamente para o excesso opposto! Nada me desperuado que foi a ausencia absoluta de critica, no sentido exacto da palavra, que levou os nossos auctores a contentarem-se facilmente com o seu trabalho, a cristalisarem n'uma formula desde que se convencem que ella corresponde a um agrado garantido.

Nós vemos, por exemplo, relendo alguns dos prefacios do Dumas filho, que cortas das suas peças foram escriptas para responder ás objecções que a critica fizera a trabalhos anteriores, não sob o ponto de vista da construcção technica, mas no que respeitava ás ideias que continham.

Esse facto demonstra que som abdicar dos seus direitos proprios, a Arte tem de reconhecer á Critica, ouvir-lhe as sentenças, embora não se conforme com ellas e póde responder pelos seus meios quando julgue necessario fazel-o para sua justificação. Em Portugal, pelo menos desde que me conheço, um escriptor dramatico nunca tem nada que objectar a uma critica. Tem apenas que mandar um cartão no dia seguinte ou que acrescentar mais um nome á lista das pessoas da sua antipathia pessoal. Não lhe deram uma lição ou uma indicação, não lhe discutiram a obra e o seu alcance, limitaram-se a dar do seu trabalho uma noticia em estylo do relato de incendio, enfeitada de adjectivos amaveis umas vezes, outras salpicadas de inconveniencias, que vão desde o tom do desdenhoso á ironia até ao da mais soez impertinencia.

As raras excepções que tem surgido de vez em quando, não aquecem logar nem fazem escola. Para mais trabalham em condições que não permittem que completem os seus intentos de analyse sereno. Quizera ver, em cada grande jornal um verdadeiro homem de lettras critica quinzenal ou mensalmente, com espaço e com inteira, sem acrimonia e com imparcialidade a nossa producção theatral. E se porventura se suppõe que não é possivel escrever um folhetim sobre uma revista do anno ou sobre uma comedia burlesca, resta-me enviar esses incredulos ás paginas que grandes criticos tem dedicado a pequenos espectaculos e abundam nos livros de Lemaître, de Faguet, de Brunetière, etc.

Cyrano

Medalhões

Ramada Curto

Ramada Curto tem, como auctor dramatico, uma qualidade que o recommenda: a fé no seu trabalho. De vez em quando, no intervallo dos seus afazeres profissionaes entre os agitação da politica, escreve uma peça e assim que a ideia se gera no seu cerebro, começa a apaixonar-se por ella e, como aquelles amantes que não sabem esconder a sua felicidade, pé-se a contal-a aos seus amigos, explicando-a e detalhando-a como poderia desenvolver os encantos de uma mulher amada. Por isso, antes que suba á scena uma peça de Ramada, correm lendas pelos cafés e pelas esquinas. A'cerca dos *Redemptores da Illyria* ha mais de trez mezes que ouvi dizer que se tratava d'uma peça politica, calcada sobre acontecimentos muito nossos conhecidos e pondo em scena figuras que nós nos acostumámos a tratar quasi por tu. Dizia-se ser uma peça *á clef*, cuja chave qualquer de nós traz no bolso. D'isso se defende encarniçadamente o auctor.

Não pretendeu fazer a glorificação scenica de um partido politico e o facto da Illyria ser fronteiras-meias com a Pacóvia que nós habitamos não deverá induzir em erro os prevenidos espectadores. Trata-se—disse-me Ramada Curto—de uma peça de acção, muito movimentada de figuras e de peripecias, *une grande machine*, como dizia Sardou. Deve ser uma noite interessante. Não faltam nervos e imaginação ao sympathico auctor para realisar esse genero do neo-melodrama, colorido e vivaz. Não lhe faltam tão pouco nem as sympathias para o applaudirem, nem as antipathias para o patearem. E' claro que, quando me refiro ás sympathias, quero fallar das pessoas e que pelo que respeita as antipathias, se devem entender as politicas, pois outras não me consta que as tenha merecido legitimamente o auctor dos *Redemptores*.

Pois que elles sejam um exito e que devirtam tanto o publico como pareceram divertir o seu auctor, eis os meus sinceros votos, porque gosto do Ramada, e tambem não gosto dos dramalhões com botas de canowitch e golas de astrakanoff, quando elles são pittorescos e feitos com habilidade.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Teem radicados os creditos, como sendo sempre as mais animadas, alegres e selectamente concorridas, as diversões do Carnaval no Nacional. Este anno confirmar-se-ha, uma vez mais, o que tem succedido nos anteriores, visto os espectaculos estarem organisados a capricho e os bailes, dois em cada noite, se apresentarem repletos de attracções sensacionalissimas.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Coliseu Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Manual de correspondencia commercial em portuguez e inglez»

Um livro muito util este, que acaba de ser editado pela Bibliotheca do Povo da rua do S. Bento. Compilado e organisado pelo guarda-livros sr. Augusto de Castro, por consequencia um profissional, póde dizer-se um trabalho relativamente completo no seu genero. O preço, em brochura, é de $40.

Boletim Commercial — Está publicado o numero correspondente a dezembro findo, trazendo, entre outros assumptos, relatorios e informações consulares dos nossos agentes diplomaticos na Africa Oriental Ingleza, Bordeus e Liverpool.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de hoteis e restaurantes—Para eleição da mesa e dos corpos gerentes e para apreciação das contas geraes, reune a assembléa geral ámanhã, ás 23,30 meia horas.

Proprietarios de confeitarias, pastelarias e industrias correlativas de Lisboa.—Para apresentação do relatorio e contas da direcção e nomeação d'uma commissão revisora de contas, reune a assembléa geral ámanhã, ás 20 horas, na rua da Barroca, 107, 1.º A receita durante o anno findo foi de 499$73 e a despeza de 35$89, havendo portanto um saldo de 463$84.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 1|2 horas, o seguinte programma:

«Luzitano», marcha, Antonio Eduardo; «Flauta encantada», ouverture, Mozart; «Divertissement», duo de flautas, F...; «Eva», selecção, Lehar; «Manon Lescaut», selecção, Puccini; «El Pollo Tejada», zarzuela, Serrano y Valverde; «Marcha militar», Fão.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 8.—Continuaram hoje tumultos no lyceu. Uma grande quantidade de alumnos entrou ali com o maior desrespeito, tentando continuar no que hontem havia praticado.

Teve de intervir infantaria da guarda republicana, policia e cavallaria, que teve de dar umas cargas, usando, comtudo, de grande benevolencia.

Na precipitação com que os estudantes fugiam houve algumas quedas, de que resultaram ferimentos leves.

Espera-se que as auctoridades tomem medidas energicas para que terminem estes lamentaveis desmandos.

de Demi-Lune e o bastião. Algumas tropas avançaram a direita para a cumiada do outeiro de Maisons de Champagne, passando á bayoneta sobre os seus canhões os artilheiros.

A região de Beauséjour com as suas fundas crateras foi atravessada até Bois Allongé na estrada de Maisons de Champagne. Ahi, os artilheiros inimigos comprehenderam o que se estava passando e tratavam de arreiar os cavallos e pôr em segurança as suas peças quando a infantaria franceza cahiu sobre elles. A linha ahi foi rota e a abertura alargava de hora a hora. Os exercitos da França estavam pizando terreno em que havia mais d'um anno não puzera pé um francez. Os canhões vinham, a galope, tomar parte na acção, da linha de trincheiras sobre as quaes durante mezes haviam feito fogo. A cavallaria, que durante os terriveis mezes de inverno estivera luctando nas trincheiras, como os seus camaradas de infantaria, era n'aquelle dia animada pela esperança de poder dar uma das suas brilhantes cargas. Mas essas esperanças desvaneceram-se, pois só em dois pontos ella poude fazer obra util.

N'esse sector, dois esquadrões de hussares, quando avançavam sob o fogo da artilharia allemã para as baterias a norte de Maisons de Champagne, foram recebidos pelo fogo das metralhadoras d'uma secção da linha allemã, que ainda ali se mantinha. Muitos cavallos foram mortos, pelo que os hussares desmontaram e á espada em punho avançaram em auxilio da infantaria. Devido a esse auxilio, os 600 allemães que ainda ali estavam resistindo renderam-se.

A extrema oriental da linha tinha de se defrontar com as posições tremendamente fortificadas do planalto de Massiges. Ahi, as tropas coloniaes, avançando em fila dupla, chegaram ao topo do planalto n'um quarto de hora.

O avanço foi detido n'esse dia pela tremenda concentração de metralhadoras do inimigo. Mas fizera-se o sufficiente para n'esse ponto, d'onde o inimigo dominava toda a linha, assegurar o terreno ganho ao longo do resto da frente.

As operações d'esse dia podem ser resumidas pelo communicado official de 26 de setembro, que dizia:

«Na Champagne houve lucta violenta ao longo de toda a frente.

Major-general inglez W. P. Braithwaite, chefe do estado maior nos Dardanellos

«As nossas tropas romperam as linhas allemãs n'uma frente de 25 kilometros e n'uma profundidade que varia de um a quatro kilometros e mantiveram durante a noite todas as posições conquistadas.

«O numero de prisioneiros feitos eleva-se a mais de 12.000».

Assim, os resultados da lucta do primeiro dia podem ser considerados com tendo obtido pleno exito. O ataque nos dois extremos da linha, em roda de Auberive e de Servon não poude conseguir apodarar-se da posição, mas com heroica tenacidade, sob o fogo convergente da artilharia e de violentos contra-ataques, os homens combateram e deixaram grandes forças inimigas na sua frente, obrigaram duas das suas alas a recuar e facilitaram a missão do centro.

Os «poilus» comportaram-se esplendidamente e o movimento d'avanço que teve de fazer-se foi o mesmo, mas sempre que qualquer obstaculos estava iniciado em alguns pontos

Moronvillers, a oeste da fronte atacada.

O primeiro assalto, porém, levou a onda dos francezes atravez das primeiras trincheiras dos allemães até uma trincheira de apoio, onde occultas as rêdes de arame farpado que não haviam sido destruidas pelo bombardeamento detiveram o avanço. Os allemães, mais á esquerda, aproveitando o facto d'aquella secção da linha não ter sido destruida, organisaram um contra-ataque que, partindo do oeste para leste e firmemente apoiado pelos canhões do planalto de Moronvillers, obrigou os francezes a recuar um pouco.

A direita franceza n'aquella pequena porção da fronte occupou todo o terreno ganho e nos dias seguintes avançou mais e mais no labyrintho de trincheiras, unindo-se aos seus camaradas da secção vizinha, onde as difficuldades que se oppunham aos assaltantes só eram egualadas pela corajosa tenacidade com que eram superadas.

Nas suas posições ahi, os allemães tinham amontoado grande porção de alcatrão e o trabalho dos seus pioneiros nos bosques e nas trincheiras tinha feito d'ellas uma das mais bem defendidas do centro allemão. Era tremenda a força d'essas defezas, que se compunham de triplices e n'alguns sitios quadruplas linhas de trincheiras e de innumeraveis «block-houses» de metralhadoras, reforçadas por grande numero de baterias d'artilharia em posições occultas nos bosques das encostas do lado de lá.

Ao longo d'essa parte, o avanço teve fortuna varia. De novo foi a esquerda local—o mesmo é que dizer as tropas que operavam com a sua esquerda no lado oriental da estrada St. Souplet-St. Hilaire—que teve de parar, depois de ter sido tomada a primeira linha de trincheiras, devido a metralhadoras occultas que causaram enorme numero de baixas entre os francezes.

Onde as difficuldades pareciam maiores, o avanço foi melhor succedido e a direita das tropas atacantes tomou quatro linhas de trincheiras, algumas d'ellas occultas nos bosques e, portanto, que difficilmente podiam servir de alvo á artilharia, e avançou quasi dois kilometros e meio na região, fazendo 900 prisioneiros, dos quaes 17 eram officiaes, e tomando dois canhões de campanha de 77 mm. e cinco de 105.

Mais a leste, a coberto d'uma dobra do terreno, os francezes puzeram pé nas trincheiras da primeira linha allemã n'uma extensão de cerca de 500 metros, mas o avanço foi detido, porque o inimigo concentrou rapidamente o fogo da sua artilharia sobre a brecha, á direita e á esquerda da qual metralhadoras despejavam uma torrente de balas.

Eis em breves palavras descriptos os resultados da offensiva do primeiro dia. Esses resultados, mostram o aspecto geral da batalha ao longo da linha e os principios que inspiraram tanto o ataque como a defeza. Esta havia formado um certo numero de centros de resistencia separados uns dos outros por um systema de trincheiras fortificadas, mais fracas, protegidas por bastiões formados pelos centros de resistencia.

Os francezes avançaram corajosamente para a linha mais fraca, ao mesmo tempo que chegavam ás posições mais fortes, arremessando bombas e fazendo fogo emquanto alguns cercavam os bastiões e os obrigavam a render-se ou a ligar-se ás suas guarnições.

A posição em Auberive-sur-Suippes foi um d'esses pontos de resistencia, o districto de cada lado da estrada St. Souplet-St. Hilaire uma das linhas mais fracas, ao passo que o saliente a leste da estrada se tornava mais formidavel.

Ainda a leste, na reintrancia semi-circular em roda de Souain, as defezas do inimigo eram mais fracas e n'esse sector o avanço foi mais notavel.

Ahi, as linhas francezas estavam quasi em contacto com as trincheiras allemãs no extremo occidental

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste
Serviço dos armazens Geraes

Annuncio

Venda da fragata n.º 2

Pelo presente annuncio se faz publico que no dia 19 pelas 13 horas perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde Rua de S. Mamede n.º 63 (Ao Caldas) Lisboa, se ha de proceder ao concurso publico para a adjudicação da venda da fragata n.º 2 (inutilisada).

A fragata póde ser examinada em qualquer dia util das 8 ás 17 horas durante o baixamar.

Para ser admittido á licitação deverá o concorrente mostrar que effectuou na Thezouraria dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste o deposito provisorio de 4$00.

As propostas devem ser feitas em papel sellado, ou selladas com um sello de 10 centavos devidamente inutilisado.

Se os preços não convierem, esta Direcção reserva-se o direito de não fazer a adjudicação. O concorrente a quem fôr feita a adjudicação deverá retirar a fragata do local onde se encontra no praso maximo de 10 dias a contar da data em que lhe seja communicada por escripto, esta adjudicação, sob pena de perda de deposito que reverterá a favor do Fundo Especial dos Caminhos de Ferro do Estado. O deposito previo de 4$00 será restituido aos concorrentes não preferidos depois de feita a adjudicação e o deposito do adjudicatario ser-lhe-ha restituido depois de retirar a fragata e ter satisfeito a sua importancia.

Barreiro, 6 de Fevereiro de 1916.

O engenheiro chefe do serviço dos Armazens Geraes (a) A. Ferreira Junior.

CONGRESSO DA REPUBLICA

Concurso para a Estatua da Republica

Perante a Commissão Administrativa do Congresso da Republica está aberto concurso, entre os estatuarios portuguezes, para a elaboração do modelo da estatua da Republica Portugueza para ser collocada na arcada central da parede do lado da Presidencia na sala das sessões da Camara dos Deputados, nas seguintes condições:

1.ª—A estatua terá 2,70 de alto. Assentará sobre uma base de 0,35 de alto, 1,05 de fundo maximo e de largura arbitraria. A altura total do modelo será, portanto de 3,05. A sua forma geral harmonisar-se-ha o mais possivel com o recinto a que se destina e do qual fica fazendo parte integrante.

2.ª—Os modelos apresentados no concurso serão em gêsso; representarão ao quarto das dimensões fixadas na condição 1.ª, e o mais detalhadamente possivel aquella estatua. Poderão ser acompanhados de memorias discriptivas.

3.ª—O jury de classificação d'este concurso será composto do Presidente da Camara dos Deputados, que será o seu presidente: de dois deputados eleitos pela Camara; de um artista indicado pelo Conselho Superior de Bellas Artes; de um artista eleito em Assembleia geral pela Sociedade Nacional de Bellas Artes do Porto; de um representante da Sociedade dos architectos Portuguezes e do architecto auctor do projecto do Palacio do Congresso da Republica.

Apresentará a sua classificação no praso maximo de um mez a contar da data da entrega dos modelos.

4.ª—O jury poderá conferir um premio de 500 escudos ao auctor do melhor modelo apresentado, pago no acto da assignatura do contracto pelo qual o esculptor auctor d'esse modelo se obriga a executar a estatua com as dimensões fixadas na condição 1.ª e em gêsso. Esta estatua será paga pelo preço de 1:500$00 e em duas prestações eguaes, sendo a primeira paga quando estiver executada em barro e approvada pelo jury e a segunda quando estiver concluida em gêsso, collocada pelo auctor no logar que lhe compete e approvada definitivamente pelo mesmo jury.

O jury poderá distribuir ainda premios a auctores de outros modelos até á quantia de 400$00 e attribuir menções honrosas.

5.ª—Para a execução da estatua em marmore será opportunamente feito contracto especial com o auctor do modelo para esse effeito premiado, ficando desde já estabelecido que esse trabalho não importará quantia superior a 2:000$00 não incluindo o custo do bloco de marmore posto n'uma officina em Lisboa.

6.ª—Os modelos, assignados pelos respectivos auctores, serão apresentados no Edificio do Congresso da Republica até ás 16 horas do dia 29 de abril do corrente anno. Aos apresentantes será passado pelo Fiel do Palacio do Congresso, recibo que servirá para poderem ser retirados os modelos que não obtiverem qualquer classificação.

7.ª—Depois de haverem terminado as operações do jury, serão expostos ao publico, pelo espaço de oito dias, os modelos que tenham obtido premios pecuniarios.

Serão tambem expostos os restantes modelos se a isso se não opozerem os respectivos auctores.

Sala das sessões da Commissão Administrativa do Congresso da Republica, em 4 de fevereiro de 1916.

O Secretario

(a) *Balthazar d'Almeida Teixeira*

deputado

o Moinho, e no extremo oriental da curva, o bosque Sabot. A linha franceza entre esses dois pontos era eliptica e a esquerda a cêrca de 1.00 metros da Terra de No Man's entre as trincheiras contrarias ao norte da aldeia de Souain.

Fóra n'esse sector da fronte que alguns dos trabalhos mais delicados e perigosos da offensiva foram executados. A experiencia ensinára que contra uma linha bem guarnecida de metralhadoras era necessario—a não ser que se sacrificasse grande numero de vidas—fazer chegar as tropas assaltantes a uns 200 ou 250 metros do seu immediato objectivo. Ao norte de Souain tinham chegado a cêrca de 800 metros antes da offensiva começar. Conseguira-se isso por trabalhos de sapa e de trincheiras parallelas e por vezes com avanços de noite sob a luz de reflectores.

Sob o fogo, os homens entrincheiravam-se onde paravam e aperfeiçoavam depois as trincheiras que deixavam para traz. D'esse modo, a distancia que separava as duas linhas foi reduzida, como dissemos, a uns 200 a 250 metros.

Foram tão intrincadas e tão pormenorisadas as operações ahi, que foi necessario subdividir o sector atacado em trez partes, correspondentes á direcção do ataque, que irradiou de Souain para oeste pelos bosques das cotas 174 e 167, para o centro ao longo da estrada Souain-Somme-Py e para leste ao longo da estrada Souain-Tahure.

Nas primeiras duas sub-divisões, nas encostas das cotas, a oeste da curva e no centro até ao norte o avanço foi extremamente rapido. Ahi, como ao longo do resto do campo de batalha, o ataque começou ás 9,15' da manhã; em menos d'uma hora as fortificações Palatinado e Magdeburgo haviam sido tomadas, a trincheira Von Kluck dominada e a trincheira de communicação Harem, a dois kilometros além da primeira trincheira allemã, alcançada.

Rapidos progressos foram tambem feitos ao norte e ás dez horas, trez quartos de hora depois da ordem de avançar, os francezes haviam tomado a cota, as trincheiras Eckmühl e Gretchen na direcção da herdade de Navarin, um pouco ao sul das estradas Ste. Marie e Somme-Py.

No lado oriental do semi-circulo as coisas não correram tão facilmente, devido a grande numero de metralhadoras ter escapado á destruição no bosque Sabot, na extremidade meridional da curva, e poucos progressos foram ahi realisados no primeiro dia da offensiva.

A região coberta de bosques entre Souain e Perthes foi a muitos respeitos a mais interessante do campo de batalha. Havia-se ahi pelejado violentamente em fevereiro e março, quando os francezes, apesar de esforços sobrehumanos, apenas conseguiram pôr um pé no bosque Sabot e fazer ligeiros progressos a oeste de Perthes na cota 200. As defezas allemãs entre esses dois pontos ahviam então offerecido a maior resistencia. Esse systema de defezas constituia um dos centros de resistencia mais solidamente organisados da linha allemã, com a sua fortificação Coblentz e as suas trincheiras Hungara, Rheno, Praga e Elba correndo de norte para sul, ligadas ao norte pelas trincheiras horizontaes de Dantzig e Hamburgo.

Ao norte d'esse systema corria o systema de defezas nos densos bosques da baixa de Bricot, que se estendia ao longo d'uma fronte de kilometro e meio e para norte por quatro kilometros.

A leste da baixa de Bricot a região era plana e facil. As suas defezas eram relativamente fracas. A primeira linha era formada por um triplice renque de trincheiras com cerca de 100 metros entre cada uma. Depois, a uma distancia de cerca de mil e duzentos metros, havia uma trincheira de apoio—a trincheira York—além da qual nada havia até á segunda posição allemã ser alcançada na elevação de Tahure.

O principal golpe foi ahi vibrado. A esquerda, que representava uma parte secundaria, recebera ordem

para se apoderar d'essas trincheiras e cooperar em seguida no envolvimento da baixa de Bricot, que as tropas que atacavam as encostas orientaes do semi-circulo de Souain deviam executar.

O ataque foi dado sem difficuldades. A primeira linha de ataque dos francezes e as linhas d'apoio tinham já passado as primeiras trincheiras allemãs quando a artilharia allemã deu pelo que se estava passando e abriu fogo para impedir o avanço.

A's 9,45' da manhã a columna convergente que atacou esse systema de trincheiras fez a sua juncção. Toda a posição fôra cercada e os defensores que ahi haviam ficado foram aprisionados.

No entretanto, o ataque á posição principal progredia. Quasi ao mesmo tempo que o systema a que nos referimos era cercado, o primeiro batalhão francez tinha posto pé na orla meridional dos bosques da baixa de Bricot. Emquanto a occupavam, outros batalhões que estavam avançando de norte para leste dos bosques obliquaram á esquerda, apoderaram-se das trincheiras de apoio e installaram-se nas trincheiras de communicação, emquanto outros batalhões que tinham avançado ao norte de Perthes seguiam para a orla oriental do bosque, onde tão rapido e tão surprehendente foi o seu impulso que encontraram alguns officiaes ainda na cama, tanto elles confiavam no poder de resistencia da «Barreira d'aço» das primeiras linhas.

A trincheira York foi occupada quasi sem se disparar um tiro, mas mais a leste o avanço foi detido durante algum tempo ao longo da estrada Perthes-Tahure, onde «blockhouses» oppuzeram desesperada resistencia. Uma metralhadora, protegida por uma armadura, fez grande devastação e só poude ser reduzida ao silencio trazendo artilharia para a bater. Um official de infantaria, com o auxilio d'um official inferior de artilharia, trouxe um canhão para 300 metros de distancia da obstinada metralhadora e destruiu-a.

Os francezes avançaram, porém. As ultimas ondas estavam luctando á granada de mão e á bayoneta antes de varrerem os massiços de bosques. Mas tambem ahi a sua chegada foi uma surpreza, sendo as baterias d'artilharia atacadas de flanco e pela retaguarda e os artilheiros passados á bayoneta na occasião em que iam fazer fogo.

No avanço effectuado ao norte de Perthes foram tomados 10 canhões pezados de 105 mm. e cinco de 150 mm. O mesmo se deu nos bosques a leste das estradas de Perthes-Souain-Tahure, onde um regimento percorreu quatro kilometros em duas horas, tomando doze canhões, cinco de 105 mm. e sete de 77.

Ao fim da tarde a estrada Souain-Tahure havia sido alcançada pelo primeiro regimento francez. O avanço era grande, mas as difficuldades para os atacantes haviam já começado. O incessante trasbordar das tropas tornava a obra da artilharia muito difficil, porque não fazia fogo sobre novos alvos e a observação era impossivel.

O avanço dera-se n'um terreno terrivelmente quebrado por trincheiras e minas e a ligação entre as differentes unidades rompera-se. Companhia surgia apoz companhia, regimento apoz regimento e apesar do fogo que augmentava de momento a momento, dos allemães, a linha avançou até ás encostas da cota 193 e á elevação de Tahure. Ahi, os homens entrincheiraram-se e esperaram pelo romper do dia e pela sua artilharia.

Foi no sector de Mesnil que o ataque do primeiro dia encontrou a mais seria resistencia. Ahi, tudo o que se fez foi deveras difficil. No decorrer do anterior inverno os francezes haviam conseguido occupar parte da cota 196. Os allemães ficaram na ravina de Kitchen; a leste d'essa ravina ficava a unica porção da linha que na offensiva do primeiro dia foi tomada.

Ao norte de Béauséjour os francezes foram mais afortunados. Quasi na primeira arremettida atravessaram os bosques de Fer de Lance e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1989—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Quinta-feira, 10 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 2 centavos

Hora grave

Estamos evidentemente em facto de um facto importante. Esse facto é o aproveitamento dos navios allemães.

Desde os primeiros dias da guerra que chamamos a attenção para esse facto. Quem não estivesse obcecado pela cegueira partidaria deveria reconhecer que um dia chegaria em que esses navios deixariam de estar immobilisados nas aguas de Portugal. A opinião publica assim o comprehendeu, e durante muito tempo se conservou na espectativa de um acto que correspondesse ás necessidades e á logica da situação.

Não nos quizeram ouvir. Contra nós levantou-se uma campanha accesa do mandarinato politico, herdado do monarchico ou d'elle feito servil copia. Pensou-se que por meio de sophismas de toda a especie, constituindo já uma rotina consagrada, se conseguiria illudir essa situação ou impedir os acontecimentos de marcharem. E como, á maneira que o abysmo chama o abysmo, os crimes se encadeiam uns nos outros, não houve manobra perfida e anti-patriotica que se não puzesse em jogo para tentar o impossivel, que impossivel seria evitar o inevitavel.

Ha uma cousa simples, e que todos são forçados a reconhecer. E' que somos alliados d'uma nação em guerra, e que temos por isso de correr a sorte da guerra devendo soffrer as suas desvantagens como das suas vantagens devemos aproveitar. Entretanto, reconhecida essa primicia, não se quer reconhecer as suas logicas conclusões. E d'ahi vem todo esse trabalho exhaustivo, praticado na sombra ou executado á luz do dia, trabalho destinado a um mallogro definitivo, mas que nem por isso tem deixado de ser extremamente prejudicial para o paiz.

Tudo, tudo se tem feito para desvirtuar a questão, para dar a uma situação clara e nitida todas as apparencias da confusão e do illogismo! Chegou-se até, por meio do chamado movimento das espadas, a estabelecer uma dictadura ignominosa e imbecil, que ia assassinando a Republica e destruindo a nacionalidade. Mas nem os estratagemas, nem os sophismas, nem as calumnias, nem os vituperios, nem os crimes á luz do dia, como o foi o da execravel dictadura, conseguiram evitar que as cousas sejam o que são, que a nossa attitude deixe de ser o que tem de ser, e que a nossa situação se defina, como os nossos compromissos internacionaes, os nossos interesses, a nossa honra e as nossas aspirações o indicam e impõem.

E' tempo de acabar com especulações que já não teem sequer a minima probabilidade do mais transitorio exito. A lama, arremessada ás instituições, cae no rosto d os que a arremessam. Acabaram todas as possibilidades de fantochadas ridiculas. O povo falou, com as armas na mão, e com o seu voto junto das urnas. A Republica encontra-se n'um periodo de absoluta normalidade legal. O seu credito está assegurado. A sua existencia garantida pela vontade do paiz. E' tempo de acabar com reluctancias que chegam a inspirar piedade de impotentes que são.

Portugal está n'uma hora gravissima da sua historia. Portugal segue os seus destinos, ao lado da sua velha alliada, com a qual ha longos seculos se irmanou, e de nações amigas cujas aspirações compartilha. Fez as suas affirmações e a essas já tem correspondido com actos, que bem claramente demonstram os seus sentimentos e os seus intuitos. Não pode alheiar-se do conflicto europeu. Não o quer fazer, nem que o quizesse isso seria possivel. Compenetrados d'esta ideia, urge que todos os patriotas, que constituem a grande, a enorme maioria da nação, da nação, que é pura, que é heroica, que estremece a liberdade e a patria, se unam em volta da bandeira nacional, promptos a honral-a por todas as formas e em toda a parte, sem se eximirem a nenhum sacrificio, e alimentando, viva, no coração, a esperança d'um futuro glorioso!

Abastecimento de carnes

A'manhã não haverá falta em Lisboa

Os lisboetas terão ámanhã abundancia de carne, pois que hoje, no Matadouro Municipal, foram abatidas 108 rezes, 12 vitellas e 25 carneiros, sendo a distribuição a seguinte:

Para os talhos municipaes, 8 rezes, 2 vitellas e 25 carneiros; talhos particulares, 100 rezes e 10 vitellas.

No domingo, porém, deve tornar-se a voltar ao regimen em que a cidade tem vivido, pois que por emquanto os marchantes não chegaram a accordo com os creadores.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Pelo telegrapho

A lucta no theatro occidental

PARIS, 9.—Communicação official das 23 horas.—Na Belgica a nossa artilharia pezada continuou o bombardeamento do fortim de Vauban e das trincheiras da região de Hoteas. Em Artois houve duello de artilharia bastante intenso entre a cota 119 e o caminho de Neuville a Thelus. O inimigo depois de ter feito explodir uma mina em frente das nossas trincheiras a sudoeste da cota 140, dirigiu sobre as nossas posições um ataque de infantaria que foi repellido. Entre Soissons e Reims ao sul da cidade de Ville-aux-Bois atacámos á granada um pequeno posto que o inimigo teve de evacuar. A sueste de Saint Mibiel, as nossas baterias causaram importantes estragos nos entrincheiramentos allemães. Na floresta de Apremont, hoje, entre as 17 h. 30' e 18 h. 40' o inimigo lançou sete granadas sobre Belfort e seus arredores.—(*Havas*).

LONDRES, 9.—Official. Na linha occidental ao sul do fosso n.º 8 depois da explosão de uma mina a respectiva excavação. Houve bombardeamento reciproco proximo da parte alta da cidade de Loos e ao norte de Ypres, onde avariamos as trincheiras inimigas.—(*Havas*).

Contra a Africa Oriental allemã

LONDRES, 9.—O ministro sul-africano Souts foi nomeado commandante em chefe da expedição á Africa oriental allemã.—(*Havas*).

Na frente austro-italiana

ROMA, 9.—Official. Houve numerosas acções do artilharia bastante intensas no Isonzo onde bombardeámos as posições e columnas de tropas da rectaguarda do inimigo.—(*Havas*).

UM VELHO ASSUMPTO

Entre os detractores de S. Thomé

existem criminosos de alta traição

S. Thomé tem sido por vezes alvo de crueis e insolitas aggressões. A celebre campanha do «cacau-escravo», com que alguns industriaes inglezes, sob a mascara hypocrita de um falso humanitarismo pretenderam indispôr contra nós a opinião britannica, está ainda na memoria de todos para que se torne necessario rememorar detalhadamente toda essa série de calumniosos manejos com que se quiz macular a florescente colonia do golpho da Guiné.

Apodaram os portuguezes de esclavagistas de algozes da raça negra, de executores sem brio nem dignidade. Inventaram-se inqueritos, falsificaram se datas, citaram-se phantasiosas atrocidades, tudo subordinado á intenção de desvalorisar a propriedade para lançar depois facilmente as garras avidas sobre o melhor producto do nosso esforço de colonisação. D'entre os nomes que tristemente se salientaram n'esses ataques, destacam-se alguns que actualmente acabam de obter não menos triste celebridade.

Lembre-se em primeiro logar o famoso «sir» Roger Casement, a cujas aventuras «A Capital» aludiu aida recentemente. «Sir» Roger, que em tempos foi consul britannico no Congo Belga, é um irlandez originario do Ulster, o que não obstou a que enfileirasse ao lado dos partidarios da autonomia da Irlanda. Um bello dia entrou para «Anti-Slavery Association» e foi por ella incumbido da missão de visitar o Putomayo, territorio contestado entre as republicas do Peru e do Equador, onde uma companhia anglo-hespanhola de exploração de borracha praticava contra os indios as mais infames atrocidades.

De regresso a Inglaterra, «Sir» Roger Casement preparava-se para se tornar, nas mãos da Anti-Slavery», instrumento de uma ignobil manobra. A sociedade insiou com o «Foreign Office» para que fosse mandado a S. Thomé e Principe, onde trataria de identificar os processos dos roceiros portuguezes com as selvagerias do Putomayo. E' claro que o governo inglez percebeu a manobra e recusou abertamente a proposta.

Pois este antigo consul passeia actualmente na Allemanha, onde tantos compatriotas seus vivem captivos por terem defendido a velha patria ingleza, e promove em Berlim conferencias de descredito contra a Inglaterra!

Um outro detractor de S. Thomé cujo nome vem a proposito recordar é o antigo membro da «Congo Reform League», E. D. Morel, que hoje faz parte da «Union of Democratic Control». O seu jornal, «The African Mail», tem intimas ligações com «Daily News», do famosa Cadbury, e com o celebre «Spectator», que tão accintosa propaganda tem feito contra nós.

Morel, que, segundo parece, é belga de origem, tem ainda com Cadbury parentesco por affinidade. Passa actualmente por ser na Grã Bretanha um dos poucos que desejam a paz a todo o custo, e ha tempos o «Morning Post» não hesitou em affirmar que Morel desempenha em Inglaterra o papel de representante de «Sir» Roger Casement!

Como se está vendo: uma «santa» familia! A nossa provincia de S. Thomé pode considerar-se vingada!

Hermano Neves

NA VESPERA DA PARTIDA...

OS AVIADORES MILITARES

Seguem para Inglaterra mais trez candidatos ao "brevet,,

Para Inglaterra, a bordo do «Frisia», partem ámanhã os srs. Antonio de Sousa Maia e Oscar Monteiro Torres, tenentes de cavallaria, e Antonio Lello Portella, alferes da mesma arma, os quaes vão habilitar-se como aviadores. Os distinctos officiaes reuniram-se hoje n'um almoço de despedida, que se effectuou no café Tavares, com os srs. tenente Florentino Martins, o unico official que entre nós subiu de aeroplano; capitão Pinto Garcia, capitão-tenente João Manuel de Carvalho, addido naval portuguez em Londres, e deputados Urbano Rodrigues e Vaz Guedes que no parlamento mostraram interessar-se pelo problema da aviação em Portugal.

Actualmente encontram-se no estrangeiro a fim de se habilitarem com a carta de aviador sete officiaes portuguezes, tendo alguns d'elles, segundo nos consta, se não todos, já realisado vôos nas escolas que frequentam. Na America do Norte estão os srs. capitão de cavallaria Cifka Duarte, tenente da mesma arma Francisco Aragão, alferes de infantaria Antonio Beja e alferes de cavallaria Barata Salgueiro. Em França acham-se os srs. tenente da armada Arthur de Saccadura Freire Cabral, guarda-marinha da administração naval Antonio Joaquim Caseiro e alferes de infantaria Santos Leite.

Dentro em pouco, os tres grupos de officiaes regressarão a Portugal devidamente habilitados não só como aviadores mas tambem como mechanicos, constituindo sem duvida uma excellente base para que a escola de aviação possa vir a ser alguma coisa de util...

Um facto muito interessante e que não passará decerto despercebido aos nossos leitores é que, sendo, por assim dizer, a engenharia a detentora da aerostação no nosso paiz, em nenhum dos tres grupos de militares cujos nomes inserimos figura um official d'essa arma ou da de artilharia, nem de qualquer arma com o curso do estado maior. Ora o regulamento da escola de aviação—elaborado pelas repartições competentes—apenas contou com engenheiros, artilheiros e officiaes com o curso do estado maior, precisamente os que não deram signal de vida ao tratar-se da indispensavel preparação de pessoal no estrangeiro!

Na nossa boa terra, as chamadas estações competentes assignalam-se amiude por manifestações que denotam a falta d'aquillo que devia justificar a sua instituição e o seu nome: a competencia. A maneira por que foi elaborado o regulamento da escola de aviação é uma prova do que asseveramos. Para que viesse a ter alguma utilidade pratica, tornou-se necessario modifical-o, o que o sr. ministro da guerra fez, introduzindo-lhe um artigo provisorio que estabelece poderem servir na escola officiaes habilitados de outras armas, emquanto os não houver das chamadas armas scientificas.

Segundo o regulamento, o commandante da escola é um coronel de engenharia, o secretario e o ajudante officiaes de engenharia, os quatro adjuntos serão um engenheiro, um artilheiro, um official do estado maior e outro de marinha. Ha ainda um chefe de aviação que pode pertencer a qualquer arma, habilitado, porém, com a carta de aviador militar; um chefe de aerostação egualmente habilitado com a carta respectiva e um chefe de serviço mechanico e de construcção, para o qual é possivel que vá o sr. capitão de engenharia Ribeiro de Almeida que se está habilitando na Suissa.

O culto da sciencia e da hierarchia reveste, por vezes, entre nós o curioso aspecto d'um fetichismo que se não compadece com as verdadeiras aspirações do progresso. E' um falso culto esse, prejudicial aos interesses do paiz e de que só as castas aproveitam... Vimol-o n'este caso da aviação militar com os seus exclusivismos que os proprios factos abertamente condemnaram. Confiou-se a escola a officiaes de certas armas, mas os que por ella, pela sua creação, pelo seu futuro mostraram seriamente interessar-se foram aquelles que houve como que o proposito de pôr de lado, e a cujas armas pertencem os que já partiram ou vão partir para o estrangeiro, excepção feita dos officiaes de marinha.

Com effeito, para se tripular com exito feliz um aeroplano, para se ser um aviador arrojado, não se faz mister que se seja engenheiro, artilheiro ou diplomado com o curso do estado maior. O que se torna indispensavel é possuir aptidões e coragem. Aviação no papel, aviação de gabinete e de cathedra, aviação theorica, armazenada em eruditas cabeças, tem muito merecimento mas está longe de ser bastante...

Eis porque saudamos com enthusiasmo os bravos officiaes que ámanhã partem para Inglaterra e que com os camaradas que os precederam, e cuja instrucção já vae muito adeantada na America do Norte e em França, hão de dentro em pouco vivificar essa escola que ainda não passa d'um bom desejo... No seu regresso devem trazer, segundo nos consta, alguns apparelhos de guerra e serão obrigados a servir durante dois annos. Como a sua educação ha de ser tão completa quanto possivel, habilitando-os quer a voar quer a exercer, com toda a competencia, as funcções mechanicas, os nossos aviadores militares não só prepararão outros aviadores, mas egualmente especialistas mechanicos, sendo de esperar que o ensino se desenvolva e intensifique de modo que os observadores militares tirem tambem a carta de aviação, circumstancia muito para apreciar e cujo valor julgamos desnecessario encarecer. Ouvimos que o sr. ministro da guerra pensa ainda em crear o ensino gratuito de civis que virão a constituir uma reserva da aviação militar.

Resta que se não insista em querer subordinar a aviação á aerostação, cuja importancia entre nós nunca decerto poderá attingir a que naturalmente virá um dia a caracterisar aquella. Pois não é verdade que em materia de aerostação propriamente dita continuaremos apenas a ser eximios no lançamento dos classicos e famigerados papagaios?

CHRONICA DE PARIS

Ainda os zeppelins

Uma visita aos locaes attingidos pelas bombas

Uma casa rachada de alto a baixo

Acabo de visitar, um a um, os logares onde os aeronautas teutões deixaram assignalada a sua passagem, malfazeja, cobarde e inexplicavel.

Porque isto de tripular um *kolossal* engenho a que não faltam condições de segurança e de offensiva, e, pela calada da noite, n'uma noite de mais negra cerração, e a uma altitude que quasi lhe sgarante a immunidade, vir semear a morte, ao acaso, numa meia duzia de lares onde acabam de adormecer, tranquillamente, mulheres, creanças e velhos, tudo isto é mais cruel, mais repugnante, mais inqualificavel do que a aggressão do sicario que, occulto n'um desvão, derruba á falsa-fé o adversario temido peito a peito.

Os allemães do seculo XX conseguiram crear uma especie abaixo de toda a escala anthropologica. O *boche* veiu collocar-se n'uma condição inquestionavelmente inferior ao proprio canibal—susceptivel de christianisar-se em menos tempo que a Allemanha gastou a converter-se ao dogma do *Deutchland über alles*.

E o parisiense, antes e melhor do que ninguem aprendeu a conhecel-o. Por isso é que se não surprehendeu nem atemorisou com a morte estupida d'essas pobres creaturas.

Vinte e tantas mortes o que são, comparadas ao numero dos que cahem para sempre, dia a dia, nos campos de batalha, d'onde virá a victoria?

So alguma coisa chocou a sensibilidade de Paris, foi, sobretudo, o constatar em que miseraveis condições este *raid* se realisára; se algum effeito elle produziu, foi decerto o orgulho de vêr a differença entre a bravura franceza e a cobarde aggressividade allemã.

Os proprios jornaes d'além-Rheno, tentando desculpar a crueldade d'este *raid*, allegam que elle foi a resposta ao bombardeamento de certas cidades allemãs pelos aviadores francezes, ha poucos dias.

Mas—*qui s'excuse s'accuse*—os ditos periodicos deixaram aos francezes a satisfação de comparar os factos e corrigir a informação.

Os aviadores francezes—uma numerosa esquadrilha—em pleno dia, por entre nuvens de de schrapnells chegaram até aos pontos designados, desceram a cerca de cincoenta metros do solo e, conscios do que que iam fazer, bombardearam depositos e fabricas de munições e entroncamentos de caminhos de ferro estrategicos.

Atacaram com fins eminentemente militares, audazmente, e voltaram—não todos—dando claras contas da sua missão, com as azas varadas por centenas de balas!

Os aeronautas *boches*, surrateiramente, logo que se vêem perseguidos, despejam no vacuo a carga dos explosivos incendiarios, os quaes veem cahir todos n'uma pequena area da capital, n'uma superficie de cem metros de um bairro operario, de casebres pobres...

* * *

Se em Potsdam o kaiser pede ao «Velho Deus Allemão» a collaboração contra os alliados, em nada espantará que os seus aeronautas, perseguidos nas alturas de Paris, endossem ao Deus Acaso o cuidado de dar qualquer destino ás arrobas de explosivos.

Era uma simples maneira de alijar lastro, para melhor fugir.

Mas o Acaso, velho deus pagão cego e surdo, fez o que poude e como soube.

Aqui, rematou a triste odyssea de uma pobre familia de refugiados das Ardennes, que, após o desterro e o captiveiro em Bochelandia, pudera voltar á Patria querida. Ali, fere gravemente um bravo soldado a quem dezoito mezes de guerra não causaram maior damno, e que chegou n'essa mesma noite, a gozar oito dias de descanço, sobejamente merecidos.

Além, em pleno boulevard, uma bomba abre um enorme buraco no tunel do *Metropolitano*;—muito barulho para nada.

Em duas humildes casinholas, depois das explosões, foram encontrados a dormir, imperturbavelmente, uma creancita de mezes, n'uma sala meio derruida, e um pobre diabo, ebrio, n'um resto de quarto em que ficára intacto o espaço da cama e o tecto que o abrigava!

Lá diz o nosso rifão: *Ao menino e ao borracho...*

José Bragança

Poeira da Arcada

A policia descobriu cento e vinte e quatro bombas em casa de um revolucionario chamado Bernardino dos Santos. Deviam ter rebentado no movimento que ha dias abortou. Esperavam ainda dias mais propicios para um pequeno regimen de terror. Agora, nas mãos da policia, passam á cathegoria de coisas inuteis, perdendo todo a significação anti-social. De perigosas só conservarão o nome. Se porventura as não destruirem, quando Lisboa tenha as suas turbas completamente domesticadas, ellas serão um documento historico para reconhecer a que ponto a paz de uma cidade depende da vulgarisação da chimica dos explosivos.

* * *

As costureiras dos Armazens do Chiado estão em gréve, por não quererem trabalhar de empreitada, mas sim a jornal. E' provavel que a sua attitude de resistencia seja justificada, visto que pedem simplesmente que as mantenham na sua antiga situação. Se o novo regimen de trabalho lhes fosse favoravel, ellas não o repelliriam. Cremos, porém, que perderão o seu tempo. Os Armazens facilmente encontram quem mais maciamente os sirva. E as grévistas, depois de baldados todos os protestos, hão de comprehender que o salariato se presta admiravelmente a proteger a razão dos mais fortes.

* * *

O castello de Leiria que Adelino Mendes, nas columnas d'este jornal, declarou ameaçado de ruina, já mereceu que dois deputados da maioria se interessassem por elle, pedindo ao sr. ministro da instrucção providencias para a sua salvaguarda. Ficarão sem effeito as suas palavras? Cremos que não. Aliás dir-se-hia que, em Portugal, o culto do passado com suas glorias e monumentos merece tão pouco disvelo ao Estado que este não lhe consagra umas dezenas de escudos, ao menos para se dar a apparencia honesta de que é susceptivel de sentimentos nobres.

GENTE DE LONGE...

O ORPHEON DE CONDEIXA

Faz, com grande exito, a sua apresentação no Republica

Succedeu o que era de esperar. Lisboa, que tantos delictos artisticos commette, rehabilitou-se hontem de todos quantos possam pesar na sua consciencia. O theatro da Republica encheu-se para ouvir o orpheon de Condeixa. Tanto basta para se ficar sabendo que Lisboa, a indifferente, a desconfiada, a timida, a hesitante, timbrou em dispensar a esse grupo de homens e de creanças que vinha de longe para cantar o que sabia, a mais calorosa, a mais bisarra, a mais acolhedora e fidalga de todas as recepções. No Republica esteve tudo quanto ama a Arte, onde quer que ella se manifeste, e estiveram tambem aquelles que, amando muito o seu paiz, desejam vel-o nobilitado e civilisado. Foi por isso uma grande noite de festa. Mais: foi uma inolvidavel noite de reconstrucção nacional, em que se provou que sempre que apparece uma grande vontade a pretender fazer milagres, esses milagres se realisam. A festa começou por uma conferencia de Affonso Lopes Vieira. Sabe-se o que costumam ser essas predicas apaixonadas em que vibra, do começo ao fim, da primeira á ultima palavra, a par do mais ardente amor pela terra portugueza, uma luminosa e honrada claridade que dignifica tudo, que purifica tudo, que abençoa tudo.

O poeta, hontem, foi, porém, felicissimo. Para elle, o canto coral é a maior força associativa de todas as sociedades. Só elle é capaz de tornar melhor os homens, unindo-os n'uma grande aspiração de Arte, irmanando-os n'um immenso, bemdito sonho de bondade. E, em Portugal, nunca se soube cantar. Os orpheons, como maravilhosos instrumentos de expressão de todo o sentimento da raça, não floriram nunca n'esta patria, cuja gente triste e retrahida, parece ter sido mais fadada para chorar do que para cantar. E a voz sonora do poeta, martellando bem as syllabas para que nem uma se perca, faz a largas pinceladas a historia do canto coral entre nós, dizendo que, quando lá fóra os córos eram coisa vulgar, em Lisboa se condemnavam celebridades como Damião de Goes, amigo de Alberto Dürer e de Erasmo, que adquirira na Flandres o habito de cantar, só porque em sua casa reunia alguns amigos, com os quaes matava o tempo entoando cantigas desconhecidas e tangendo orgão. Só o povo, atravez de todos os tempos e de todas as edades, ficou sendo sempre o grande cantor immortal...

Nas amuradas das naus, nos tempos das conquistas, quando alguma d'ellas se perdia, a ladainha subia ao céu em côro, implorando, em notas saturadas de tragedia, a misericordia divina. Mas esses eram córos que o espirito religioso creava n'esses supremos momentos d'angustia, porque os outros, os córos que se aprendem e se praticam por habito, não os sabiam os nossos marinheiros. Não existe em Portugal a tradição do coral, não existe, o que é peor, um hymno que como o *Canto dos maltrapilhos*, da Flandres, ou como o *Canto dos segadores*, da Catalunha, seja a préce sagrada das nossas almas, que nos enterneça até ás lagrimas e nos dê, nas suas notas doridas de angustia, toda a Patria... Só o povo canta e só elle sabe cantar! o seu cancioneiro é rico, e o seu genio musical, ao mesmo tempo religioso e lyrico, maravilha. Mas ninguem o orientou nunca. E' por isso que iniciativas como as do orpheon de Condeixa, tão bellas e tão educativas, merecem da gente que ama a sua terra, um applauso incondicional. Trata-se de um côro de opera? Não. Trata-se apenas de uma confraria de cantores cujo mestre, «aos effeitos theatraes, prefere a emoção e o estylo das interpretações sinceras, e interpreta com uma boa fé de padre d'aldeia—que é, sem o saber, um grande artista—as musicas que faz cantar».

As palavras de Affonso Lopes Vieira foram coroadas por uma enorme ovação. Depois, o orpheon cantou Beethoven, Bach, Palestrina e D. João IV. Como? Ha em Portugal um grande, um desconsolador defeito. Em geral, ninguem se contenta com o que humanamente se pode conseguir. Pretende-se o que ninguem alcança. Exige-se o que custa mais a adquirir de que custaria voltar o mundo de avesso. Eis porque não faltou quem julgasse deficiente a interpretação que o orpheon do dr. João Antunes deu aos trechos classicos do seu programma. A injustiça é flagrante, porque esses que assim pensaram esqueceram que tinham na sua frente um modesto grupo de pobre gente do campo, que não tinha nem de longe a pretenção de se apresentar como indiscutivel e deslumbradora celebridade. Não. No Orpheon de Condeixa ha que admirar incondicionalmente o que, com tão poucos elementos, o seu mestre conseguiu. Ha que louvar, ha que applaudir a esplendida iniciativa, o alcance educativo que ella representa, o valor social que ella possue. Pois não será, porventura, digno de fervoroso applauso que n'uma villa de Portugal se reunam, para cantar, algumas dezenas de creaturas, emquanto n'outras villas e n'outras cidades se reunem outras tantas ou mais para perturbar, para destruir, para indisciplinar? Sob este aspecto é que o orpheon deve ser considerado. E por esse lado elle é absolutamente inatacavel. Disse Affonso Lopes Vieira que em Portugal havia muitas Condeixas e que em todas ellas podia realisar-se obra parecida. N'esse dia, accrescentou, o problema nacional ficaria em sua maior parte, resolvido.

D'accordo. Apezar de tudo, não obstante as exigencias que crepitaram hontem no Republica, o publico, a gente que sabe dar ao esforço alheio todo o apreço que elle merece, applaudiu calorosamente o orpheon do dr. João Antunes. As ovações contaram-se por cada trecho que elle interpretou. Sobretudo na segunda e na terceira partes, onde havia trechos de mais facil execução que na primeira, os applausos foram verdadeiramente atroadores. Mas onde o orpheon attingiu toda a sua perfeição, revelando-se tal qual é, foi na interpretação maravilhosa das suas canções populares. A *Senhora do Livramento* e a *Senhora da Encarnação*... Digam-me: não merecia, por acaso, a pena vir de muito longe, arrostar com perigos e vencer empecilhos de toda a ordem só para as ouvir? Não seria, porventura, compensador passar por cima de todos os sacrificios para nos deleitármos com a ternura penetrante que se evola d'essas preciosidades que o povo creou e que a nós, os homens hipercivilisados, fartos de todas as sensações, gastos, cançados, descridos, nos impressionam até ás lagrimas? Eu cuido que sim. O orpheon podia não cantar mais nada, porque essas duas lindissimas e portuguezissimas cantigas bastariam para o impôr como um orgão surprehendente em que nenhum som desafina. Um homem que consegue que um grupo de homens cante assim é, positivamente, um heroe, para não lhe chamar um santo. Que todos os homens que em Portugal podem imitar o dr. João Antunes o imitem, porque não encontrarão meio mais benefico para contribuirem para a grandeza do seu paiz.

Na festa tomaram tambem parte as sr.ªs D. Alice e D. Amelia Rey Colaço. Uma deliciou o seu publico com as suas canções e os seus *lieds* formosissimos. Outra recitou com a mestria que só os verdadeiros artistas conhecem. Os acompanhamentos foram feitos pelo sr. Ruy Coelho, cujo *lied* inspirado no soneto de Antonio Nobre que começa «Oh! virgens que passaes ao sol poente», produziu a melhor impressão. A'manhã, o orpheon dá outro sarau. Mas d'isso não precisava para se affirmar definitivamente, tão grande foi o seu triumpho. Louvemo-nos por elle, tanto elle representa alguma coisa de intensamente impregnado d'essa belleza que, apaixonando os homens, basta, só por si, para os tornar melhores e mais perfeitos...

ADELINO MENDES

Conselho supremo de defeza nacional

Reuniu hoje em sessão, que durou quatro horas

Reuniu hoje, na antiga sala do conselho, no ministerio do interior, o Conselho supremo de defeza nacional sob a presidencia do chefe do governo e com assistencia dos srs. ministros da guerra e da marinha, major general da armada, quartel-mestre general do exercito, governador do campo entrincheirado, chefe do estado maior da armada, commandante da divisão naval, director das fabricas de material de guerra, subchefe de estado maior do exercito e contra-almirante director dos serviços de mobilisação da armada, servindo de secretario o capitão de mar e guerra sr. Moreno, chefe do estado maior da armada.

Foi a primeira vez que reuniu este conselho, desde que ha annos foi organisado. A sessão, que foi de caracter reservado, durou quatro horas.

Com o sr. ministro da guerra conferenciou o inspector da 3.ª divisão militar, sr. coronel Alexandre d'Almeida Oliveira, que amanhã parte para Coimbra.

A questão das subsistencias

Abastecimento de milho no Porto

PORTO, 10—O governador civil adquiriu 12 vagons de milho, dos quaes mandou dois para Rio Tinto e um para Gondomar, sendo os restantes para vender n'esta cidade ao preço de $85 os 20 litros. Os lavradores pedem por egual quantidade 1$20.

A medida tomada pelo chefe do districto tem sido muito louvada.

EM TORNO D'UMA TRAGEDIA

A princeza de Metternich

Aos 37 annos ainda influe na sociedade vienense — Recorda-se o que foi a vida de Paulina Sandor

Produziu-se um novo escandalo na côrte dos Habsburgos, mais uma serie d'elles parece interminavel: uma archiduqueza apaixonou-se por um tal Seilern, ha pouco ainda tenente na frente austro-russa e foi ter com elle disfarçada em enfermeira. Mas ha mais do que escandalo: Seilern, culpado por haver tido a ousadia de levantar os olhos para uma princeza de sangue imperial, foi assassinado n'um casa de Lucerna expressamente adquirida pela legação da Austria em Berne a fim de servir primeiro de armadilha e em seguida de logar de execução de esta tragedia. Um escandalo amoroso, uma morte violenta não são coisas que surprehendam quando se trata da familia dos Habsburgos.

Mas n'este caso recente encontra-se envolvida, com surpreza geral, certa mulher que já era celebre sessenta annos atraz e cuja figura de ha muito pertence á historia. A despeito do peso da edade, em vez de aguardar n'uma serena paz a hora final, essa creatura de quem se esqueceu a morte, prosegue na côrte da Austria uma existencia sempre fecunda em escandalos e intrigas.

Essa mulher é Paulina Sandor, viuva d'aquelle principe de Metternich que foi embaixador de Austria em Paris após 1859 e orna de celebre diplomata que presidiu ao Congresso de Vienna.

Natural de Vienna, onde nasceu no mez de fevereiro de 1829, era filha d'um magnate hungaro de caracter extravagante, o conde Sandor, que tinha uma unica paixão: os cavallos, e uma unica habilidade, a de ser um prodigioso cavaleiro. Havia dez annos que Paulina Sandor era o idolo da aristocracia vienense na qual triumphava pelo seu finissimo espirito, pela sua arguta intelligencia, pela sua indiscutivel elegancia, quando o principe Ricardo de Metternich pediu a sua mão. Era um casamento verdadeiramente auspicioso. O principe acabava de ser nomeado embaixador em Paris e Paulina de Metternich-Sandor possuia admiraveis dotes para secundar seu marido nas suas importantes funcções.

Chegaram a Paris em 1860, precedidos por uma chronica mundana que representava a joven princeza como o arbitro das elegancias vienenses e «enfant gâtée» da côrte austriaca.

Paulina de Metternich appareceu pela primeira vez na sociedade parisiense n'uma noite de «premiere» na Opera e no dia seguinte um dos mestres da chronica Jules Noriac, escrevia no seu jornal que a nova embaixatriz era a graça, o «charme», o espirito personificados. A conquista de Paris estava feita.

A princeza habituou-se depressa ao ambiente elegante e frivolo da sociedade parisiense do momento, creando-se á volta d'ella uma côrte de admiradores e de imitadoras. Ditou a moda. Repetiam-se os seus ditos de espirito, contavam-se as suas apreciações, copiavam-se as suas «toilettes», admiravam-se as suas equipagens. Muito activa, levava uma vida vertiginosa: o Bois, as visitas, as recepções, a prova de vestidos, as Tulherias, Compiègne... Não faltava a nenhuma reunião, não esquecia nenhum «rendez-vous». Sahindo d'um baile de madrugada via-se-na, ás nove horas da manhã, no bosque de Bolonha, a cavallo.

Era bonita? Nem por isso. Mas era esquisita com a sua bocca de labios muito accusados, a sua aureola de cabellos que o lisonjeiro pincel de Winterhalter, o pintor encantado das mulheres bonitas do segundo imperio, fez louros mas que na realidade eram ruivos.

Era uma grande dama nos salões da embaixada, rua de Vareanes, onde a musica se cultivava com enthusiasmo.

Foi ella que obteve da imperatriz que o «Tannhauser» fosse representado na Opera onde, no entanto, obteve da brilhante sociedade que enchia a sala, um acolhimento pouco favoravel. Foi mais feliz impondo á moda o «tailleur» Worth que acabava de se installar n'essa epoca em Paris. Graças a ella, esse alfayate não tardou que fosse o fornecedor de toda a sociedade elegante, da alta aristocracia da côrte.

Era recebida com grande favor nas Tulherias e em Compiègne, cujos famosos espectaculos organisava sem qualquer collaboração, para o que lhe valiam a sua grande cultura e paixão pelas coisas de arte.

Celebrisaram-se os seus ditos de espirito. Uma vez Napoleão III perguntou-lhe:

— Que é que faz para que seu marido lhe seja fiel, quando elle antes do casamento voava de amor em amor? Com certeza que tem um segredo...

— Tenho, sire. Corto-lhe uma aza todas as manhãs.

Um dia, n'um baile de mascaras, a princeza achou-se em presença de um boticario do tempo de Luiz XIV. Reconheceu sob o disfarce o conde de Gallifet que estava convalescente d'um grave e glorioso ferimento recebido no Mexico. Na mão brandia altiva e quasi marcialmente um d'esses instrumentos que, em Molière, põem em fuga o sr. de Fourceaugnac.

— Conheces este objecto, bella mascara? — perguntou o boticario.

— E a princeza, muito tranquillamente:

— Conheço. E' o canhão que feriu esse pobre Gallifet no Mexico.

O valente coronel não lhe ficou com rancor por causa d'esta resposta, visto que, alguns annos depois, no campo da honra vingar a senhora de Metternich dos insultos contidos n'um libello d'um sr. de Charnace.

Após a queda do imperio, tendo sahido de Paris, a princeza retomou em Vienna o sceptro da moda e do mundanismo que na sua ausencia passára para as mãos da uma princeza de Schwartzenberg. A sua casa tornou-se o centro da sociedade vienense. Os magnificos salões do palacio Metternich, no Renweg, que habitou até á morte de seu marido, acolheram não sómente a aristocracia de raça mas tambem a aristocracia da finança e do espirito. Continuou em Vienna a vida que levava em Paris, organisando festas, espectaculos, fazendo representar a comedia e lançando livros e os seus auctores.

A imprensa dos dois mundos occupou-se da bella «Exposição do theatro e da musica» organisada por ella na Rotunda de Vienna e falou-se em toda a Europa da phantastica festa nocturna que deu em favor de uma obra de beneficencia no Prater, em 1904.

A princeza, que tem hoje oitenta e sete annos, tinha então setenta e cinco e estava ainda na brecha sem se preocupar com a edade, ávida de vibrar, de viver, de se prodigalisar...

Hoje, oraculo na côrte de Vienna, não ha uma intriga em que não intervenha, um escandalo sobre o qual não seja ouvida, uma complicação que não procure aplanar. E' em Vienna a mulher prodigio, vontade viril e temperamento feminino por excellencia.

Paulina de Metternich era a protectora dos amores da archiduqueza com o tenente Seilern, assassinado n'uma villa de Lucerna...

"Os Vampiros,,

Repetem-se hoje no Cinema Condes

Decididamente, o Cinema Condes capricha por completo as sympathias do publico. *Os Vampiros*, que além de constituirem uma verdadeira obra d'arte, teem a recommendal-os a inextimavel vantagem de trazerem os disticos em lingua portugueza, teem obtido magnifico exito, que de resto previramos já antes de realisada a sua estreia. Hontem, houve quem não tivesse obtido logar para assistir a esse grandioso exhibição, motivo por que não é arrojado predizer novas enchentes no elegante cinematographo.

Accresce, além de tudo, que o programma do «cine» é completado pelos «filmes» de maior agrado n'estes ultimos dias, o é justo alludir egualmente aos novos programmas de exito, que contem numeros deliciosos.

Capitão Antonio Simas

O seu fallecimento

Num quarto particular do hospital de S. José, onde recolhera apos a queda que deu no Chiado, á esquina da rua Serpa Pinto, desastre a que na occasião fizemos larga referencia, falleceu o capitão sr. Antonio Simas, commandante do 3.º esquadrão de cavallaria da guarda republicana, aquartelado em Alcantara.

O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, da casa mortuaria do hospital de S. José para o cemiterio oriental.

Na Escola Academica

Sarau musical em honra do orpheon de Condeixa

A Escola Academica, que sempre tem sido protectora da escola industrial de Condeixa, realisa depois d'amanhã, as 21 e meia horas, uma festa em seu beneficio, a que cooperará o orpheon d'essa villa, que hontem, como n'outro logar largamente noticiamos, tão applaudido foi no theatro Republica.

O programma da festa é o seguinte:

1.ª parte — «Hymno da Escola», pela fanfarra da Escola Academica; pelo orpheon de Condeixa: «Hymno á noite», Beethoven; «Adoramus Te», Palestrina; «Coral», J. S. Bach; «Cantiga da Mofina Mendes», João de Badajoz.

2.ª parte — «Chanson du printemps», Mendelssohn, pela orchestra da Escola Academica; pelo orpheon: «Côro dos pastores de «Serrana», Keil; «Canção russa», «Canto do Natal» (Ribatejo), «Canção gallega».

3.ª parte — «Rapsodia portugueza», A. Eduardo Ferreira, pela orchestra da Escola; pelo orpheon: canções populares portuguezas: «Senhora do Livramento», «A moda da Ritta», «Senhora da Encarnação», «O lenço», «Rouxinol e Rosa», «Santo Antão», «Canção ciganas».

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

DE VIAGEM

Deu-nos hoje a honra da sua visita de despedida o nosso amigo sr. tenente de cavallaria Antonio de Sousa Maia que, como n'outro logar dizemos, parte amanhã para Londres. O distincto official apresentou-nos tambem as despedidas dos seus companheiros de viagem srs. Oscar Torres e Lello Portella.

Sport

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes) — A Associação marcou os seguintes desafios para o mez de fevereiro: Dia 6 — 1.ª cathegoria: Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 15,30 horas; 2.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra C. Quebrada, no Campo Grande, ás 13,30; Victoria contra Internacional, em Setubal, ás 14; 3.ª cathegoria: Victoria contra Imperio, em Palhavã, ás 13,30; Palmense contra Lisboa F. C., no Stadium, ás 13,30; 4.ª cathegoria: Athenas contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 11,30; Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande, ás 11,30. Dia 13 — 1.ª cathegoria: Internacional contra Imperio, nas Larangeiras, ás 15,30; Victoria contra Sporting, em Setubal, ás 14; 2.ª cathegoria: Cruz Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 13,30; Victoria contra Imperio, nas Larangeiras, ás 11,30; 3.ª cathegoria: Victoria contra Sacavanense, nas Larangeiras, ás 13,30; Imperio contra C. Quebrada, em Palhavã, ás 13,30; 4.ª cathegoria: Sporting contra Palmense, no Campo Grande, ás 13; Bemfica contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 11,30; Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande, ás 11; Sporting, no C. Grande, ás 15,30; 2.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Sporting, no C. Grande, ás 13,30; C. Quebrada contra Internacional, em Bemfica, ás 14; 3.ª cathegoria: Bemfica contra Sporting, em Sete Rios, ás 14; Victoria contra Imperio, em Palhavã, ás 13,30; Athenas contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 11,30; 4.ª cathegoria: Athenas contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 14; Palmense contra Bemfica, em Bemfica, ás 12. Dia 27 — 1.ª cathegoria: Internacional contra Bemfica, nas Larangeiras, ás 15,30; 2.ª cathegoria: Palmense contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 13,30; Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 13,30; 3.ª cathegoria: Imperio contra Sacavanense, nas Larangeiras, ás 13,30; Bemfica contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 11,30; 4.ª cathegoria: Sporting contra Bemfica, no Stadium, ás 13; Lisboa F. C. contra C. Quebrada, no Campo Grande, ás 11.

No Salão Foz

A estreia de Nelly-Nell

Um successo extraordinario a estreia de hontem no magnifico Salão Foz. Nelly-Nell a bailarina encantadora, agradou, mas agradou muito e nem outra coisa seria de esperar porque Nelly-Nell é incontestavelmente uma grande artista. Todas as suas danças caracteristicas são feitas com fatos apropriados e todos são de uma grande belleza. De todas as danças hontem executadas uma houve que causou um successo enorme; referimo-nos á dança persa, cheia de movimentos gracis e harmoniosos. Nelly-Nell para em tudo ser artista, escolheu uma forma de entreter o publico nas suas mudanças de factos falta de forma, que o publico assiste a essa transformação atravez de um transparente.

E' sem contestação um magnifico numero que vae chamar ao Salão Foz uma concorrencia extraordinaria.

O successo de Nelly-Nell de forma nenhuma vem offuscar o valor do sexteto lyrico Les Bergerades nem das 8 bailarinas hespanholas denominadas Les Papillons que todas as noites recebem fartos e bem justos applausos.

O carnaval no Republica

Teem sempre um encanto especial as festas do carnaval no theatro Republica, que sempre dá a nota elegante e alegre. Annunciam-se já cinco deslumbrantes bailes de mascaras e cinco magnificos espectaculos, o primeiro dos quaes são no domingo, 27, d'este mez.

E' já grande a animação e a procura de bilhetes, pois que os bailes de mascaras este anno no Republica prometem ser extraordinario brilhantismo, havendo especiaes illuminações na sala, no «foyer» e no jardim de inverno e a novidade da platéa em esplanada. Já algumas pessoas pediram por miter arranjar a sala para o baile em um quarto de hora.

Festival wagneriano no Republica

Nunca se organisou um programma tão notavel e tão extraordinario como o «Festival wagneriano», que em 5.º concerto da assignatura realisa, no proximo domingo, no theatro Republica, a Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, em que toma parte a distincta cantora Maria Judice da Costa, considerada a mais notavel interprete do repertorio wagneriano. A orchestra executa pela 1.ª vez a celebre «ouverture» de «Fausto», de Wagner e pela ultima vez a Marcha funebre de Siegfried» e a «Cavalgada das Walkirias». O programma compõe-se do seguinte:

Primeira parte — I. «Maestros cantores» «ouverture» — II. «Parsifald», preludio — III. «Siegfried-Murmurios da floresta» — IV. «Tannhauser», ouverture, Wagner.

Segunda parte — V. «Fausto, ouverture» (1.ª audição) — VI. «Maestros cantores», canto de Walter no concurso — VII. «Tristão e Isolda», morte de «Isolda», por Maria Judice da Costa e orchestra, Wagner.

Terceira parte — VIII. «Crepusculo dos Deuses», marcha funebre á morte de «Siegfried» — IX. «A Walkirias», «Cavalgada das Walkirias», Wagner.

Reclamações operarias

A direcção da Associação de Classe dos Estivadores do Porto de Lisboa esteve hoje conferenciando com o sr. governador civil sobre assumptos que dizem respeito á classe.

Tambem uma commissão de operarios da Companhia das Aguas procurou aquelle chefe do districto, a fim de lhe participar que a Companhia fez o augmento de 4 e 5 centavos aos seus operarios, augmento pequeno em virtude da carestia de vida. O sr. governador civil disse-lhes que se está pasando e o sr. dr. Costa Gonçalves disse-lhes que, sendo o pedido por escripto, pára poder tratar do assumpto.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos Deputados

Approvam-se diversos projectos de lei

O sr. Manuel Monteiro abre a sessão com 68 deputados. Está presente o sr. ministro da instrucção. Approvada a acta, o sr. Adriano Pimenta, em negocio urgente, requer que se discuta e approve o projecto que determina não ser applicavel aos funccionarios administrativos de Lisboa e Porto. O requerimento é o projecto são approvados. Tambem se approva, a pedido do ministro da instrucção, um outro projecto, regulando a applicação, ás escolas industriaes, de sobras na importancia de 11.000 escudos. A requerimento do sr. Lima Bastos, discute-se e approva-se tambem o parecer que manda considerar matricula ordinaria a dos alumnos do Instituto Superior de Agronomia que, no anno lectivo de 1915-1916, se tenham matriculado como alumnos voluntarios, não podendo, comtudo, nenhum d'esses alumnos ser admittido a exame de qualquer disciplina sem que, previamente tenha obtido approvação nas cadeiras de precedencia legal. O sr. Germano Martins manda para a mesa o seu annunciado projecto removendo dos serviços do registo civil, pedindo que elle seja discutido com outro que já se encontra na commissão. E' admittido com urgencia, lembrando o sr. Eduardo de Sousa a conveniencia d'elle se discutir juntamente com o que á Camara trouxe em tempos o sr. Ricardo Covões. O sr. Ribeiro de Carvalho chama a attenção do sr. ministro do interior para o estado anarchico em que se encontra a villa das Caldas da Rainha e pergunta quando é que a essa terra podem regressar aquelles que, por motivos politicos, tiveram de se affastar de lá. O sr. ministro do interior responde que o antigo administrador do concelho das Caldas já foi demittido, tendo tambem sido nomeado outro, o qual ainda não teve tempo para dar as suas provas. Ao governador civil recommendou que usasse de toda a energia para restabelecer a ordem na villa das Caldas. E está certo de que as suas ordens serão inteiramente cumpridas. O sr. Eduardo de Sousa queixa-se de não lhe terem sido ainda remettidos varios documentos que pediu pelo ministerio da guerra. O sr. Norton de Mattos promette empregar todos os esforços para que esses documentos sejam fornecidos quanto antes.

O sr. ministro do interior manda para a mesa duas propostas de lei — uma mandando abrir concurso para os logares vagos de sub-inspectores primarios, e outra regulando os serviços da hora legal. No ordem do dia, continua a discutir-se o projecto que augmenta o imposto de consumo sobre o vinho consumido na cidade do Porto. O sr. Jorge Nunes entende que, com o projecto, apenas se pretende illudir a lei, que obrigava a camara do Porto a recorrer ao referendum, se porventura encontrasse necessidade de lançar um novo imposto, que é, afinal, do que se trata. As disposições do codigo administrativo são bem claras, explicitas e terminantes. Trata-se de as sophismar e é contra isso que protesta veementemente. Depois, será justo que a camara do Porto pense-se em fazer abrir a avenida que vae da Praça Nova á Trindade de preferencia a reparar os pavimentos dos bairros immundos e a terminar as obras de esgoto, de que a cidade tanto necessita? Em seu parecer crê que não. O sr. Mesquita de Carvalho aprecia tambem largamente o projecto sob o aspecto juridico-constitucional.

O sr. ministro das finanças, admittida uma moção em que o sr. Mesquita de Carvalho declara inconstitucional o projecto, diz que a questão levantada por esse deputado não é propria do parlamento, sendo o que d'um assembléa scientifica. O parlamento é quem pode fazer interpretar as leis. E autonomia administrativa não quer dizer nunca separação.

O projecto é approvado na generalidade. A'manhã ha sessão.

NO SENADO

Ainda a mobilisação das industrias

Presidencia do sr. Sousa Fernandes. Presentes 30 senadores. Não tem discussão a acta. O expediente nada accusa de notavel.

Antes da ordem o sr. Pina Lopes pede documentos pelo ministerio das finanças e o sr. Antonio José Lourinho manda para a mesa uma nota pedindo a lista dos alumnos que em o ultimo, nos lyceus do continente e ilhas, requereram exame das 1.ª e 2.ª secções do curso complementar de sciencias ou lettras, com os respectivos resultados.

Entra-se na ordem do dia.

Sem discussão é approvado, na generalidade e especialidade, o projecto auctorisando o governo a ampliar por mais tres mezes o praso concedido aos professores particulares de instrucção secundaria para requererem o seu diploma e o praso de quatro mezes para o registo dos mesmos diplomas nas secretarias dos respectivos lyceus.

No mesmo modo o Senado approva o projecto permittindo a todos os individuos habilitados para o magisterio primario, que o curso das escolas normaes, a matricula no curso de habilitação do magisterio primario superior, mediante a approvação no respectivo exame de entrada.

E como não esteja presente o sr. ministro do fomento, para se entrar na discussão, na especialidade, do projecto da mobilisação das industrias, é a sessão interrompida.

Dez minutos não eram passados e o sr. Costa da Maia da Silva surge.

Reabre a sessão. Lê-se o artigo 1.º do projecto. Pede a palavra o sr. Pedro Martins. Não comprehende como tendo sido tratado o projecto á Camara pelos ministros da guerra e do fomento, o primeiro tenha desapparecido da discussão, como a circumstancia que elle não é necessario a defeza nacional, e só a figura intellectualmente subtil do sr. Antonio Maria da Silva fica a defender aquelle diploma, invocando phantasticos interesses de ordem interna. E' uma lei-ameaça, como tem se notado pelos proprios paizes em guerra, onde só se admitte uma identica, como medida de excepção.

Apresenta uma substituição ao artigo, pela qual o governo ficaria, quando os interesses da defeza nacional, da industria, da agricultura e do commercio o exigissem, auctorisado a mobilisar as industrias paralisadas. Falaram ainda os srs. Celestino de Almeida, Estevam de Vasconcellos e ministro do fomento, sendo, no fim, rejeitada a substituição e approvado o artigo.

Os mesmos oradores interveem na discussão do artigo 2.º, que determina que para o arrolamento dos empregados pelos proprietarios, que são pelo administrador do concelho ou bairro nomeado um perito.

O sr. Pedro Martins apresenta uma emenda a esse artigo, para que outro perito seja nomeado, por parte do industrial.

Quando se vae para votar o artigo, o sr. presidente verifica não haver numero. A campainha vibra, como a imploração da presença de mais alguns senadores. Continuos andam pelos corredores, pelos ditados salas, por todos os cantos, á busca de senadores.

Espera-se mais um boccado, e, por fim, o sr. presidente manda proceder á chamada. Respondem 32. Falta um. A sessão é encerrada e a seguinte marcada para amanhã, com a mesma ordem do dia.

A grande guerra

A campanha na Russia

PETROGRADO, 9. — Official. No flanco esquerdo do sector de Riga houve fogo animado; provocámos uma forte explosão na estrada de Baldon. Em Liwenhsarkani na região do Dwina houve canhoneio e fuzilaria intensos. Na Galicia occupámos Usiczko na margem occidental do Dniester. No Caucaso apoderámo-nos de uma serie de posições na região do rio Arkhave. — *(Havas)*.

Mais bombas sobre Inglaterra

LONDRES, 9. — Official. Esta tarde dois hidro-aviões allemães lançaram sete bombas sobre o litoral do condado de Kent, não tendo causado nenhuma victima nem estragos a não ser em trigos e em vidraças. — *(Havas)*.

Um desmentido do Vaticano

ROMA, 9. — O «Osservatore Romano» desmente a noticia dada por alguns jornaes de o nuncio de S. S. na Belgica fizera á Belgica propostas de paz isolada em nome da Allemanha. — *(Havas)*.

A aeronautica militar em França

PARIS, 9. — O coronel do artilharia sr. Regnier, director da Escola central de pyrotechnica militar, foi nomeado director de aeronautica militar do ministerio da guerra. — *(Havas)*.

Os acontecimentos

Investigações policiaes — Morre um dos feridos pela explosão de ante-hontem

Foi hoje grande o movimento nos corredores do governo civil, entrando e sahindo constantemente agentes e guardas seus auxiliares. O agente Ribeiro prendeu como supposto assaltante ás mercearias de Campo de Ourique e á do sr. Fonseca, na rua Maria Pia, Antonio Chrispim Affonso Alves, que veiu para o governo civil, de onde, depois de largamente interrogado, foi mandado em liberdade, visto tratar-se de uma denuncia falsa. O agente Pires tambem prendeu um outro individuo, cujo nome ignoramos, que é accusado de ter assaltado as mercearias em Alcantara. Parece que contra elle existem bastantes provas, constando que é enviado para o tribunal militar.

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, continuou hoje nas suas diligencias sobre o caso da apprehensão de bombas, armas e outros petrechos, feita na rua Damasceno Monteiro, onde foi preso Bernardino dos Santos.

Este continua incommunicavel e segundo consta declarou que tinha as bombas em seu poder unicamente para defeza da Republica, caso ella perigasse, e que as armas as possue desde o movimento de 14 de maio, em que tomou parte. O mesmo magistrado ouviu varias pessoas, entre as quaes um individuo de appellido Ribas, que esteve estabelecido com relojoaria na rua da Magdalena, filho de um barraqueiro das feiras com o mesmo appellido. O Bernardino dos Santos depois de interrogado foi photographado no posto antropometrico.

Pouco depois eram chamados ao gabinete do director da policia o agente Bernardino Luiz e os guardas que o acompanharam na busca e depois de terem recebido instrucções, seguiram em varias deligencias.

Por se ter provado que não passa de um maníaco, foi hoje mandado em paz o reformado da Companhia dos Tabacos Plinio Eduardo Cardoso, que ha dias, como noticiámos, se apresentou a um civico declarando-se o auctor do attentado contra a força da guarda republicana na rua do Jardim do Regedor.

No hospital de S. José falleceu o menor de 9 annos, Eugenio Ernesto dos Santos, filho de Maria Rosa dos Santos e de Ignacio dos Santos, moradores no largo do Outeirinho da Amendoeira, 13, um dos pequenitos feridos por occasião da explosão de uma bomba no mesmo largo, caso que largamente narrámos e de que resultou a morte no mesmo dia da pequena Beatriz dos Santos.

Situação da praça

CAMBIOS. — O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	37	36 7/8
Londres, 90 d/v	37 1/2	—
Paris, cheque	$89	$89,6
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$57,5	$58,5
Madrid, cheque	1$29	1$30
Suissa, cheque	$78	$78,6
Italia, cheque	—	—
New York	1$86	1$37,5
Rios/Londres	11 5/8	—
Libras	6$60	6$70
Agio do ouro	36 %	43 %

BOLSA. — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,25	38,95
» » 500$	—	39,15
» » 100$	—	39,50

Obrigações d'Estado: 4 1/2, 88-89, assent., 59$20; 4 1/2, 1905, coupon, 83$.

Externas, 1.ª serie, 74$70 e 3.ª, 76$70.

Acções: Ultramarino, assent. e coupon, 180$; Aguas, 92$50; Assucar, 46$; Cascaes, 1$35; Moçambique, 3$05; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro 4$80; Mosgem (nova) 60$50; Phosphoros, coupon, 57$50; Tabacos, coupon, 79$80, Cambaes, 1$80.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 90$50 e 5 0/0, 88$50; Ultramarino, hypothecarias, 91$; Lisbon, 83$00; Beira Alta, 2.º grau, 51$50; Panificação, 50$70; Classes Inactivas, 91$50; Companhia de Ferro de Benguella, tit. 70$7,50.

NAVIOS ALLEMÃES

36 no Tejo

29 nas colonias

prefazendo um total de mais de 160 mil toneladas

Ao que consta, nas esphoras officiaes, está-se procedendo aos trabalhos necessarios, para aproveitamento dos navios mercantes allemães detidos em portos portuguezes, satisfazendo as exigencias do commercio nacional.

No Tejo encontram-se fundeados 36 navios d'aquella nacionalidade, incluindo o «Santa Ursula», recentemente transferido para aqui, vindo do Porto, comboiado por um navio de guerra.

Esses barcos que representam 98.958 toneladas são os seguintes:

«Newa», vapor de carga, 163 toneladas e 22 homens de tripulação, commandante P. Heinz; «Jaffa», vapor de carga, 2:047 toneladas e 22 homens de tripulação, commandante H. Richelsen; «Mogador», vap. de carga, 1:271 ton., 18 homens de tripulação, commandante M. Niemeyer; «Lubecks», vap. de carga, 1:775 ton. e 18 homens de tripulação, commandante H. Alebje; «Ermenthers», vap. de carga, 2:168 ton. e 21 homens de tripulação, commandante A. Schmidt; «Achilles», vap. de carga, 943 ton. e 14 homens de tripulação, commandante D. Oltman; «Uckermarck», vap. de carga, 4:312 ton. e 56 homens de tripulação, commandante W. Rassau; «Girgenti», vap. de carga, 1:758 ton., 23 homens de tripulação, commandante F. Schlatzer; «Sophie-Rickmers», vap. de carga, 3:547 ton. e 18 homens de tripulação, commandante M. Sarerow; «Westernalds», vap. de carga, 3:900 ton. e 82 homens de tripulação, commandante C. Lucker; «Prinz Heinrich», paquete para carga e passageiros, 6:636 ton. e 180 homens de tripulação, commandante E. Zander; «Rhodos», vap. de carga, 1:924 ton. e 23 homens de tripulação, commandante P. Bacher; «Euripos», vap. de carga, 2:763 ton. e 23 homens de tripulação, commandante P. Borchert; «Picaders», vap. de carga, de 764 ton. e 14 homens de tripulação, commandante T. Boer; «Galata», vap. de carga, de 4:544 ton. e 31 homens de tripulação, commandante J. Kunzendorf; «Cheruskia», vap. de carga, 3:245 ton. e 46 homens de tripulação, commandante A. Brodmerkel; «Energie», vap. de carga, 740 ton. e 14 homens de tripulação, commandante T. Stalbohm; «Arkadia», vap. de carga, 1:781 ton. e 22 homens de tripulação, commandante P. Lagge; «Wurttemberg», vap. de carga, 7:375 ton. e 74 homens de tripulação, commandante L. Firstenburg; «Naxos», vap. de carga, de 2:400 ton. e 22 homens de tripulação, commandante E. Engel; «Encss», vap. de carga, 1:912 ton. e 25 homens de tripulação, commandante M. Holm; «Mantaress», vap. de carga, 2:511 ton. e 26 homens de tripulação, commandante C. Petersen; «Tayetes», vap. de carga, 2:980 ton. e 25 homens de tripulação, commandante F. Zamber; «Casablanca», vap. de carga, 1:650 ton. e 19 homens de tripulação, commandante J. Harde; «Milos», vap. de carga, 2:823 ton. e 23 homens de tripulação, commandante J. Rose; «Mimra», Schuldts, vap. de carga 992 ton. e 16 homens de tripulação, commandante H. Meyland; «Dresden», galera, 1:699 ton. e 25 homens de tripulação, commandante W. Tombrik; «Mailands», vap. de carga, 1:749 ton. e 23 homens de tripulação, commandante M. Braker; «Eilbeck», vap. de carga, 2:000 ton. e 22 homens de tripulação, commandante H. Hoyen; «Lubeck», vap. de carga, 1:738 ton. e 23 homens de tripulação, commandante Ublenbruck; «Phoenicia», vap. de carga, 3:555 ton. e 45 homens de tripulação, commandante H. Rebor; «Pluto», vap. de carga, 1:403 ton. e 18 homens de tripulação, commandante H. Kunst; «Rolandseck», vap. de carga, 1:663 ton. e 26 homens de tripulação, commandante G. Kloppenberg; «Electra», vap. de carga, 835 ton. e 15 homens de tripulação, commandante F. Bohrens; «Mozagan», vap. de carga, 1:714 ton. e 18 homens de tripulação, commandante A. Person.

Na costa occidental e oriental de Africa e no porto de Mormugão (India) encontram-se nas mesmas circumstancias 28 barcos allemães e um austriaco assim distribuidos: Em S. Vicente estes fundeados desde o inicio da hostilidades o «Wurzburg», 3:246 toneladas; «Heinburg», 2.673 toneladas; «Bergmeister», 3:670; «Santa Barbara», 2:347; «Togo», 2:55; Bota, 1391; «Horn», 188; «Theodora», 185.

Neste porto encontram-se ainda os vapores «Nachmann» e «Will», cuja tonelagem ainda não está averiguada, por existirem diversos barcos com essa designação.

Em Angola estão fundeados o «Adelaide», com 2315 toneladas, o «Ingrabaning com 2354 toneladas e o «Beat», cuja tonelagem ainda não foi averiguada.

Nos portos de Africa oriental, Lourenço Marques, Beira e Moçambique estão detidos os seguintes navios: «Kronprinz», de 3541; «Admiral» de 3695; «Essen», 58; «Lina Woerziten» de 4836 e «Sofon» e «Loutnant», cuja tonelagem não foi averiguada.

Os barcos que se encontram no porto indiano são: «Lichtenfels, 3528 toneladas; «Marienfels», 3905 toneladas; «Brisbane» 3.528 ton.; «Komodore» 3,849 ton.; «Numantia», 2,804 ton. e o austriaco «Woerwaerts» de 3,728 toneladas.

Os barcos retidos no ultramar representam 58.484 toneladas, não contando os cinco vapores a que falta a necessaria indicação.

Pelos dados que conseguimos obter no que respeita aos navios detidos em Lisboa e em portos do Ultramar, esses barcos representam mais de 160 mil toneladas.

Navios allemães em portos italianos

A proposito da questão dos navios mercantes allemães, convem lembrar que a Italia tomou conta de cêrca de vinte navios d'aquella nacionalidade que estavam nos seus portos, não tendo esse facto dado origem á belligerancia.

Esta informação deve tranquillisar o sr. José Maria de Alpoim e por isso nos apressamos a dar-lh'o...

Cinco divisões militares

Até dezembro e no campo de concentração militar de Tancos devem preparar-se cinco divisões militares.

A concentração, ao que nos consta, começará em maio.

Officiaes de marinha que pedem mudança de situação

Os srs. capitão de mar e guerra Miguel Evaristo Teixeira de Barros e capitão tenente Elisio Leitão Vieira dos Santos vão, a seu pedido, ser presentes á junta de saude naval para mudança de situação.

Noticias parlamentares

Reuniu hoje, sob a presidencia do sr. Lopes Cardoso, a commissão de administração publica. Occupou-se, principalmente, senão exclusivamente, da reforma da policia, distribuindo o respectivo projecto ao sr. dr. Carlos Olavo, a quem deu toda a liberdade para a elaboração do seu parecer, comprometendo-se ao mesmo tempo, a fazel-o chegar á Camara, quer concorde com elle, quer não.

Disse-se, logo no dia seguinte áquelle em que foi demittido o sr. Euzebio de Fonseca, que a direcção geral de fazenda das colonias ia ser extincta. Hoje, porém, no parlamento, affirmava-se que semelhante noticia não tinha sombra de fundamento, estando, o ministro na disposição de manter aquella secretaria, cujo director ainda não está escolhido. E, porém, de crêr que o sr. Manuel Fratel fique substituindo o funccionario demittido.

O sr. Mesquita de Carvalho mandou hoje para a mesa da Camara dos Deputados uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra sobre os processos que foram organisados contra os officiaes do exercito separados do serviço ou simplesmente apontados como suspeitos. E' uma nova trapalhada que se pretende fazer surgir, não obstante o sr. ministro da guerra ter feito já, sobre o assumpto, declarações cathegoricas.

As Caldas da Rainha, segundo hoje se affirmou na Camara, encontram-se em estado anarchico. Fogem-se d'ali como de sitio amaldiçoado. Pois chega a parecer inacreditavel, porque, se ha paraizos na terra, o das Caldas não é o peor de todos. O sr. ministro do interior prometteu acabar com a anarchia que alarmenta os caldenses. Que esperem por isso. E' que o sr. Ribeiro, onde põe o dedo, estraga. Não nos admiremos, pois, se qualquer dia nos disserem que as Caldas foram arrasadas a bombas de dynamite...

Vae brevemente entrar em discussão na Camara o parecer sobre o projecto das casas baratas. Ha que lembrar que assumpto ainda no dr. sem, todavia, ter alguma vez logrado fazer carreira facil através dos encapelados mares parlamentares. Irá agora? O sr. Costa Junior, á força de fazer o milagre? Bem é que se não se. Pois se o fizer, que tem ha alguem figure n'um nicho acolhedor. Na frente do cada predio que se construir, como o d'um Sant'Antoninho capaz de realisar impossiveis...

Hoje antes da ordem, discutiram-se varios requerimentos de varios deputados, varios projectos de lei. Tratar-se-ha apenas de despachar obra pendente ou de para ter obra definitiva sobre a maior altura? Em geral, os feixes de projectos vão só se votam á ultima hora, quando o parlamento tem alguns, poucos, dias de vida. Dar-se-ha o caso de S. Bento estar á dar a alma ao Creador?

O sr. Germano Martins cumpriu hoje a sua promessa, enviando para a mesa da sua Camara o projecto que altera os serviços de registo civil. Lá se vão, pelo menos, algumas das mais meticulosas cercaduras da burocracia portugueza, dirão os ingenuos. Talvez não. E' que, quando um bolo é grande, por mais que o partam, fica sempre succedendo. E o registo civil tem tanto succo que nem com uma prensa hidraulica seria possivel reduzir-lhe as custas em estrictamente necessarias e no rigorosamente justo.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro dos negocios estrangeiros deu hoje audiencia ao corpo diplomatico, comparecendo os srs. ministros da Inglaterra, França, Russia, Italia, Hespanha Hollanda e Austria e o encarregado de negocios da America.

— Com o sr. presidente do ministerio tiveram hoje demorada conferencia a direcção e administração do Banco de Portugal, com o ministro do commercio e conferenciaram os srs. Freire d'Andrade e dr. Sousa Junior, e com o do fomento os srs. dr. Barbosa de Magalhães, Pimenta d'Aguiar e Vasconcellos Dias, director da Manutenção Militar.

— O governador civil de Castello Branco solicitou do sr. ministro do fomento, que se iniciasse a construcção da estrada de Penamacor ao Sabugal, a fim de se atenuar a crise da falta de trabalho.

— Ao sr. ministro do fomento representaram a Camara Municipal, Syndicato Agricola e Commercio de S. Thiago de Cacem, pedindo a construcção do ramal de Sines.

— Uma commissão de conductores de obras publicas, com tirocinio, foi hoje solicitar do sr. ministro do fomento o despacho á petição que entregou ha tempos, relativa a distribuição de subsidios.

— O administrador do concelho de Oeiras teve hoje larga conferencia com o sr. governador civil.

O centenario d'um bispo illustre

O Congresso continúa a beneficiar os pobres

FARO, 10 — Apoz a missa celebrada pelo rev. bispo do Algarve, a que assistiu numerosa concorrencia, abriu a sessão do Congresso. No expediente figuram telegrammas e cartas, entre outros, da sr.ª condessa de Silves e dos srs. Pelido Garcia, Camara Saldanha, Francisco Cavaco, assistente de medicina da Universidade de Coimbra, e Bentes Castel Branco.

A 100 creanças foram distribuidos fatos, elevando-se assim a mais de 500 os pobres até agora soccorridos.

A conferencia de hoje sobre o decreto «Quam singulari», foi feita pelo rev. Rocha, de Ferragudo, que agradou. A documentação de citações mostrou conhecimentos de concilios, pastoraes sobre a communhão e applicação de methodos de ensino e cathecheses de seminaristas foi enorme.

Amanhã ha missa de pontifical. Os relatorios dos vigarios em numero de 12, excellentes e versando assumptos da organisação religiosa, serão publicados em volumes. O relatorio do Congresso sahirá ainda este ano.

Na cidade é elevado o numero de congressistas.

Notas de arte

Couro «repoussé» ou modelado

O couro repoussé, ou modelado, tanto em voga e apreciado, constitue o modo mais bello de ornamentar o couro.

Os artistas mesmo dedicam-lhe as suas horas de trabalho e as damas do bom tom estão dando a preferencia a este encantador passatempo, tão apreciado no estrangeiro, onde as exposições permanentes são um verdadeiro delirio e em que a obra mais cotada é aquella que mais novidade apresenta, ou pela factura, ou pela «patine» mais extraordinaria e, que constitue o «clou» de cada certamen.

O couro modelado é o processo mais completo que se conhece na arte do couro, e consiste em obter por relevo um determinado desenho, escolhido por composição, ou por copia, sobre uma superficie plana.

Quem principia um trabalho, deve sempre ter em vista a escolha facil do modelo, se quizer obter resultados satisfatorios.

Como se trabalha

Feito o desenho como ficou dito para a execução do couro gravado e do couro incisado, nas secções de arte anteriores, repassam-se os traços, molhando sempre com uma esponja, para ficarem mais vincados.

Modelam-se todas as pontas que devem ficar em relevo, voltando o trabalho pelo avesso, e alargando o desenho nos sitios que teem que receber a pasta.

Obtem-se este resultado com uns ferros de bola de varios tamanhos, conforme o que fôr preciso e molha-se constantemente o couro, figura 5.

Figura 5

Logo que o trabalho esteja secco, enchem-se as cavidades modeladas com uma pasta especial, maleavel, que se estende com a maior facilidade e que tem a grande vantagem de ser trabalhada sem o auxilio de calor algum.

Posso fornecel-a, mediante pagamento adeantado, sendo a unica que não mancha o couro.

Colloca-se em seguida um papel de seda sobre esta massa, para evitar que se pegue á meza de trabalho durante a modelação, que consiste em achar os diversos planos do modelo, abaixando os fundos e dando á flôr, ou ao ornato, as varias formas que lhe compete, para a sua estructura e relevo.

As linhas indicando troncos ou hastes, não devem ser tão modeladas como os primeiros planos.

Deve haver no todo uma harmonia perfeita e vida no assumpto.

Durante o trabalho da modelação, deve estar o couro sempre humido.

Para a execução d'esta parte emprega-se o modelador da figura 1.

pre longe do trabalho porque tem umas emanações imperceptiveis, que atacam os ferros e os enferrujam.

Estes productos vendem-se em frascos e empregam-se ou com pincel, ou com uma esponja, para grandes superficies.

Nem todos os couros servem para o trabalho de que nos temos occupado, nem recebem a «patine».

A carneira que se vende para a choreoplastia, não é a mesma que se encontra á venda nas lojas de couro. E' uma pelle grossa, sem nodoas, nem defeitos que dá bellos resultados na applicação das «patines».

Temos a vitella, que é flexivel, maleavel e de grande auxilio para os trabalhos de importancia, como pastas, classeurs, cadeiras, etc.

Quando a «patine» não adherir ao couro, ou qualquer das côres aconselhadas para o colorido, é necessario limpal-o com benzina para o desengordurar e depois de volatisada, veremos a pelle tomar toda a tinta que se desejar applicar.

Nunca se retira o papel de seda que é collocado sobre a cera ou pasta, pelo avesso.

A casa que se encarrega de armar o objecto é que poderá fazel-o ou não, conforme entender mais conveniente.

Luiza de Sousa

Consultorio de Arte

Muguete.—Com muito gosto responderei sempre ás perguntas que me forem feitas.

As consultas de arte, são apenas dadas por mim e sob a minha inteira responsabilidade. Teem sido muito concorridas tanto por senhoras, como pelo elemento masculino, o que prova o bom acolhimento que o publico lhe dispensou e a vantagem que ha n'esta iniciativa.

Amadora.—A cera ou pasta que v. ex.ª tem empregado é que produz esse circulo gorduroso em roda do trabalho em couro. A pasta que forneço é a unica d'inteira confiança. A longa pratica que tenho do assumpto leva-me a responsabilisar por este producto.

Myosotis.—A minha direcção é: Avenida Fontes Pereira de Mello, 7, onde terei immenso prazer de a ver para então a elucidar sobre esses insuccessos, visto que v. ex.ª tanto deseja as minhas lições.

Curiosa.—Nunca é curiosidade o desejo de se instruir. Tratarei muito breve do assumpto que tanto interessa v. ex.ª, a Photominiatura.

Existe de facto um tratado meu sobre o trabalho, tenho-o á sua disposição, quando me der o gosto de vir escolher as photominiaturas já preparadas e inalteraveis, de que sou a unica depositaria em Portugal.

Mignonette.—Sempre ao dispôr de v. ex.ª. As consultas que dou são ás segundas e quartas-feiras, ás 10 horas e meia na papelaria Progresso, rua do Ouro, 151, e ás 12 horas na papelaria Petit Peintre, rua de S. Nicolau, 104.

Joujou.—As consultas são particulares, não assistindo a ellas senão a consultante. Preço: 500 réis.

Anonyma. — E' melhor empregar a «patine» já preparada. Emquanto aos outros preparos poderei escolhel-os de muita boa vontade na occasião das minhas consultas, na papelaria que v. ex.ª preferir, sem contar como consulta.

Lisboeta.—Respondo sim a qualquer pergunta, mesmo não tratada ainda no jornal.

Louison.—Sim, minha senhora, as consultas são frequentadas por senhoras da melhor sociedade, recebendo eu cada consultante em particular. Pode á vontade confessar os seus erros, como lhe chama, sem receio da critica das outras pessoas.

Uma enthusiasta.—Tratarei do assumpto o mais breve que me fôr possivel. Os meus cursos são aqui em minha casa, na morada atraz indicada; muito breve inauguro outros na Baixa a convite do senhor Lacerda, professor das Bellas Artes, que me escolheu para dirigir a parte que diz respeito a «Arte applicada».

L. S.

Figura 6

Para dar um acabamento mais perfeito e para destacar os relevos, empregam-se os ferros de fundo da figura 6, pelo mesmo processo já descripto no capitulo do couro gravado e completa-se o todo com a applicação d'uma das «patines» indicadas no numero antecedente.

Conselhos diversos

Deve haver o maior cuidado em experimentar o grau de força de cada «patine».

O Potassium, é um producto muito corrosivo, que estraga as mãos e queima o couro se não fôr addicionado com bastante agua.

O Perchloreto de ferro e o sulfato de ferro, não queimam o couro, mas a côr obtida por estas duas «patines», sendo muito escura, convem diluil-as em agua para os diversos tons.

O acido chlorhydrico, queima tudo, couro, fato e pinceis. E' necessario tel-o sempre hermeticamente fechado e sem-

SPORT

Mais para os velhos, que para os novos...

Cartas a um velho amigo

E a saude mantem-se sempre n'aquella que mantem os habitos do exercicio physico

«Meu caro Cesar»:—Tens razão no que escreves. Ha absoluta necessidade de fazer a propaganda dos exercicios phisicos nos homens de avançada edade. Eu que tenho estudado durante vinte annos estes assumptos, derivando para elles a minha attenção de estudante e depois de medico, cheguei á conclusão, certificado por bastantes factos de experiencia, de que os homens de certa edade, para cima dos quarenta, tem mais necessidade dos exercicios phisicos do que as creanças e os adolescentes.

Tu e eu conhecemos muitos d'esses exemplos comprovativos. Tambem os phisiologistas o affirmam assim. O Lagrange que tantas vezes leste e que eu leio frequentemente, é, n'este ponto, um convicto e leva tão longe a convicção que, de argumento em argumento, chega a esquecer os que empregou, quando por instigações extranhas, quiz defender a gymnastica sueca como a melhor de todas. Elle por exemplo diz, n'uma carta que dirigiu a Brown-Sequard, que não «ha exercicio por si que seja melhor do que outros» mas que «os exercicios valem mais ou menos conforme a edade, o sexo, e o temperamento dos que os executam».

Mas deixemos o Lagrange e citemos os exemplos nossos, alguns que nos lembram velhos tempos de camaradagem no Gymnasio Club.

Lembraste do Nuno? Ia, invariavelmente, todas as tardes ao Gymnasio e julgo que ainda lá vae, fazer os seus exercicios methodicos, hygienicos, quasi sempre os mesmos, com alteres ligeiros, subindo e trepando escadas, passeiando na escada horisontal, trepando cordas, saltando paralellas... Pois está bom de saude e com boa apparencia. E' sempre o mesmo. Tem sempre a mesma figura e creio ainda que pratica os mesmos exercicios, á mesma hora e nos mesmos apparelhos...

E o Manuel da Silveira, nosso commum amigo, extraordinario athleta que os francezes viram executar «records» de força, até hoje não egualados? E' dos nossos tempos a sua extranha apparição no Gymnasio. Tinha vindo de S. Thomé, por onde gastara, em actividade commercial, felizmente productiva, doze annos de existencia continua. Tinha já 39 annos. Contava elle... lembraste ainda? que ao entrar no vapor que o devia transportar á metropole, o fizera ás costas de dois pretos! que a bordo, vinha do beliche tomar ar para o convez, amparado pelos creados!; que passava horas n'uma immobilidade absoluta, atormentado por dores horiveis. Era o rheumatico inquietante, atirando-o para uma velhice precoce, a elle, que fôra nos Açores, afamado como um rapaz vigoroso e resistente! O certo é que o Silveira iniciou os seus exercicios diarios, de gymnastica e de pesos e que mezes depois já se mechia tão bem como nós, tinha alegria communicativa e até «trincava» a luctar comigo greco-romana! E mais algum tempo depois, tornava-se um dos maiores hercules do mundo!

Além do Silveira, não te recordas do Francisco Loreto, o «pae Loreto» como amigavelmente lhe chamava a rapaziada de club? Tambem elle esteve entrevado dois annos com o maldito rheumatico e tambem, como o Silveira, o expulsou para sempre, voltando a fazer os seus exercicios predilectos de pesos.

Os exemplos podiam multiplicar-se, mas ficam para t'os lembrar n'outras cartas, onde te exporei que estou d'accordo com as tuas ideias de que os homens de edade, deviam, por conveniencia propria, praticar os exercicios phisicos.—Teu *J. P.*

Notas do dia

Intercambio peninsular

Fala-se de muitas provas sportivas a realisar em Lisboa e Porto, em Madrid e outras cidades, nas quaes tomam parte eleemntos preponderantes e de merecimento do sport hespanhol e portuguez. Já estão estabelecidos torneios de esgrima e torneios de «foot-ball». Vão tambem iniciar-se as combinações para a visita a Madrid d'um grupo de «tennistas» dos nossos «courts» de Santa Martha. E' uma arrojada e louvavel iniciativa, que honra o Club Portuguez de Lawn-Tennis, que vae estabelecer uma amistosa «entente» com o Real Club Puerta de Hierro. Devemos dizer que são os trabalhos iniciaes dos novos corpos gerentes do Club Portuguez hontem eleitos em assembleia geral.

Foot-ball internacionalisado

Agrada registar os agradecimentos dos «sportsmen» que nos visitam. Por isso publicamos a carta que segue. E' endereçada pelo capitão e presidente do club suisso do Montriond Sport, club que, pela analyse dos relatorios publicados nos jornaes suissos, está penhorado com as gentilezas dos portuguezes, que não tiveram termo de comparação, em mais affectuosidade, cavalheirismo e hospitalidade, com as dos hespanhoes.

Sr. presidente do Sport Lisboa e Bemfica:—De volta ao nosso paiz, o nosso primeiro sentimento é o d'um profundo reconhecimento de gratidão para com aquelles que tiveram a iniciativa, a coragem e a energia de organisar em tempos tão perturbados, um torneio de «foot-ball», convidando para n'elle tomar parte, os jogadores de Lausanne.

Trouxemos d'esta viagem, as lembranças mais agradaveis da vida sportiva do seu paiz, da hospitalidade tornada proverbial da vossa sociedade e das bellezas incomparaveis da cidade de Lisboa e dos seus arredores.

Os desafios, de que os senhores foram os organisadores, permittiram aos concorrentes crear novos laços de amizade e medir, proficuamente, a sua força, dando um novo impulso ao nosso sport tão são e tão nobre.

A recepção que nos fizeram, as delicadas attenções com que nos rodearam durante a nossa visita a Lisboa, tocaram os nossos corações e asseguraram, para sempre, a nossa gratidão.

Fazemos os votos mais sinceros pelas prosperidades do Sport Lisboa e Bemfica e pela felicidade de cada um dos seus associados e de todos os «sportsmen» portuguezes. Hipp! Hipp! Hurrah!—Pelo Montriond Sport, Rodolphe Stadler, presidente da commissão de foot-ball.

Algumas anecdotas

Como convenceram Tomm Burns...

Não sabemos se é «blague», mas se não é, deve-se acreditar que é interessante o facto.

Na America ha o odio repulsivo pelos negros. Esse odio reflecte-se no sport. O phenomenal Major Taylor não obteve maior popularidade porque era negro! Drew, o notavel «sprinter» pedestre não tem maior fama e não ganhou em Stockolmo, porque é negro!

Tambem por essa aversão se comprehende a guerra que motivaram a Jeffries para que elle nunca combatesse Johnson. E o mesmo fizeram com Tommy Burns, a quem disseram:

—Não combates contra elle...

—Porquê?

—E' um negro. E deprime'nte para um branco que mãos mascarradas caiam sobre a sua face...

—Mas elle leva luvas calçadas...

—Pois sim, mas as luvas quebram os ossos do nariz e fazem negras as faces...

—Bem sei, mas esse negro não é pegado pelas mãos d'elle, é negro da minha cara, que se cura com alvaiade. Ora para comprar este alvaiade chegam bem os 30 contos que me dão...

Os grandes récords

Os clubs que teem ganho a «Taça de Inglaterra»

Fóra dos campeonatos das varias categorias, a prova mais importante que existe na Inglaterra, no «foot-ball association», é o chamado torneio para a «Taça».

Temos conhecimento dos varios desafios da «Taça desde o anno de 1871 e em todos elles combateram todas as grandes «equipes» do Reino Unido. Os campeões designam-se desde esse anno até 1913 da seguinte maneira:

Wanderers, 5 vezes «finalista»; Blackburn Rovers 5 vezes; Aston Villa 5 vezes. E' preciso notar que os dois primeiros não conseguem a «Taça» desde 1893. Apenas os Wanderers foram segundos em 1893 e 1903. Em 1913 foi vencedor Aston Villa.

Depois d'estas tres grandes «equipes» foram «finalistas» da «Taça», os Old Etonians, West Albion, Scheffield United, Bury, Scheffield Wed, Wolverhampton 2 vezes; Oxford University, Royal Enginers, Clapham Rovers, Old Carthusiano, Blackburn Olympic, Preston North, Notts County, Notts Forest, Tottenham Hotopur's, Manchester City, Everton, Manchester United, Newcastle United, Bradford City, Baresley 1 vez.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Luzitano Club Ciclista

Reuniu a assembleia geral, sendo approvadas as contas e relatorios da direcção e parecer da commissão fiscal.

Foram eleitos os corpos gerentes para o corrente anno da seguinte forma: Meza da assembleia geral, presidente, Victor Alfredo Alves; secretarios, Florencio M. Marques e Julio Camello; commissão administrativa, Arthur Ramires d'Azevedo, José Militão Ferreira, Laureano Domingues; supplentes, Augusto Antonio Rodrigues e João Bastos; commissão de sport, Joaquim Delgado, Augusto Quintas, Eduardo Iglezias; supplentes, Eduardo Gerval Martins e José Augusto Monteiro; commissão fiscal, Alberto Peres, Bernardo Cames e Victor Bravo.

Foi approvado um voto de agradecimento á imprensa de Lisboa.

No dia 14 reunem as commissões para elaboração do programma sportivo e orçamento para 1916.

Sport Club Progresso Almirante Reis

Reuniu a direcção d'este grupo para tratar de varios assumptos e melhoramentos, e mais:

1.º, Procurar desde já uma casa para installação official do grupo.

2.º, Deliberar que seja imposta a joia de 10 centavos a todos os novos socios.

3.º, Prevenir o capitão geral de foot-ball para que no proximo domingo faça a escolha official de todos os jogadores que hão de constituir o 4.º «team» e o infantil.

4.º, Continuar activamente a propaganda do grupo.

5.º, Nomear desde já uma commissão de melhoramentos da qual devem fazer parte os srs. Raul Correia, José S. Silva, Julio Correia e Antonio Anselmo.

Foi resolvido em assembleia geral que a côr official da equipe seja amarello e encarnado, ás riscas horisontaes, calção branco.

—O capitão geral em face das observações feitas pela direcção, pede a comparencia de todos os jogadores em campo, no proximo domingo para a constituição official dos «teams».

Congresso de Educação Physica

A direcção do Gymnasio Club Portuguez, na sessão dos trabalhos do Congresso tomou conhecimento das adhesões dos srs. dr. Ardisson Ferreira, medico, Manoel Maria Coelho, official do exercito, Henrique Sant'Anna, director da Escola Normal do Porto, Desiderio Beça, official do exercito, Sociedade de Geographia, Alfredo Sá Cardoso, deputado, José Estevam Moraes Sarmento, general de divisão, Carvalho Araujo, deputado, 13.º Grupo dos Escoteiros de Portugal, Conselho Tutelar do Exercito de Terra e Mar, Asylo Maria Pia, Manoel Camanho, dr. Costa Saccadura, medico, Joaquim da Encarnação e Sousa, director da Escola Nacional, Agnello Portella, official da armada, etc.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Memoria descriptiva do reflector e do transferidor topographicos»

O coronel de infantaria, actualmente na reserva, sr. Luiz Guedes publicou em livro a descripção do apparelho por elle inventado e que serve para transformar os binoculos de campanha em goniómetros e em telémetro. Do valor d'esse apparelho dil-o melhor do que nós o poderiamos fazer, que não somos profissionaes, o parecer dos lentes da Escola de Guerra, para tal fim nomeados pelo ministerio da guerra, que entendem que o apparelho é simples e engenhoso e dará resultados praticos.

Ao sr. coronel Luiz Guedes, nome de ha muito conhecido como de entendedor e sabedor, os nossos agradecimentos pela offerta do seu livro.

Colyseu dos Recreios

Opera lyrica

Hontem, no Colyseu dos Recreios, cantou-se a opera *Tosca* para estreia do notavel soprano sr.ª Oubellini que interpretou com muita correcção a sua parte.

Hoje, é a segunda recita extraordinaria do baritono Battistini uma das maiores glorias da scena lyrica, que tem maravilhado os *dilettanti* pela frescura da sua voz e pela sua excellente escola.

Battistini, na opera *Ernani*, que esta noite se canta n'aquella casa de espectaculos, dá á figura de Carlos V uma tal interpretação que não encontra rival.

A sr.ª Maganna Lopez, o tenor Tincani e o baixo Mariaches, trez artistas de valor, tomaram a seu cargo as restantes partes principaes.

O *Othelo* repete-se ámanhã em recita de accionistas, o que garante novo exito á sr.ª Toschi, um soprano de excepcionaes recursos, ao tenor Arensen e ao barytono Zaffo.

Maria Galvany, uma das artistas lyricas mais queridas do nosso publico, apresenta-se na proxima quarta-feira na *Lucia de Lamermoor*.

O Carnaval no Conservatorio

As festas do carnaval promovidas pela Escola da Arte de Representar promettem ser concorridissimas, a avaliar pela procura de bilhetes.

No sabbado gordo, domingo e segunda-feira representar-se-ha a revista em 1 prologo e 2 actos *Custou, mas sahiu*, seguindo-se baile. Na terça-feira, baile, que começa ás 21 e meia horas.

Centro dr. Miguel Bombarda

Em favor da sua escola

No theatro Apollo realisa-se no dia 21 uma recita em favor da escola sustentada pelo Centro Escolar Republicano dr. Miguel Bombarda, escola que tem ultimamente tomado grande desenvolvimento e que a direcção tenciona tornar modelar.

A peça escolhida é uma das melhores do reportorio d'aquelle theatro, podendo os bilhetes para festa tão digna de auxilio ser procurados na séde do Centro, rua de S. Bento, 458, ou na mesma rua, 846.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Syndicato ferro-viario—Para dar conta das *démarches* effectuadas junto dos srs. ministro do fomento e director geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, a commissão nomeada em 23 de janeiro convoca a assembleia magna da classe para o proximo domingo pelas 13 horas.

Torneiros de metal e canalisadores—Reunem hoje, pelas 21 horas, os corpos gerentes, conjunctamente, para resolverem assumptos de grande interesse para a classe.

Tuna Commercial de Lisboa—No sarau-concerto que se realisa no proximo dia 29, a Tuna executará um magnifico reportorio, sob a regencia do maestro Ernesto Cyriaco. Trabalha-se com afan para as festas que se realisam nos tres dias de carnaval, havendo todos os domingos e dias feriados bailes infantis das 14 ás 16 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Participa-nos o sr. Abel da Cruz que deixou de exercer todo e qualquer cargo na Associação de classe do pessoal dos hospitaes civis portuguezes.

—O *Boletim* da Universidade Livre correspondente a dezembro findo e agora distribuido continua inserindo excerptos das conferencias do sr. José Simões Coelho sobre o Brazil.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 9.—No lyceu funccionaram já hoje algumas aulas, que foram pouco concorridas. Nas immediações estacionaram forças da guarda republicana e da policia. Foi nomeado reitor interino o sr. dr. Marcario da Silva.

Eduardo Ferreira Pinto Basto

MISSA

Os seus filhos mandam rezar uma missa suffragando a sua alma, ámanhã, 12 do corrente, ás 11,30 horas de manhã, na Egreja dos Paulistas, o que participam aos seus parentes e pessoas das suas relações.

Antonio Simas

Capitão da Guarda Nacional Republicana

O General Commandante Geral e officiaes da Guarda Nacional Republicana participam a todos os seus camaradas o fallecimento do capitão Antonio Simas, e que o seu funeral terá logar ámanhã, 11 do corrente, ás 15 horas, sahindo o prestito do hospital de S. José, para o cemiterio oriental.

THEATROS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Os redemptores da Illyria.

REPUBLICA — A's 21 — Concerto pelo orpheon de Condeixa.

TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.

GYMNASIO—A's 21—O manequim.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro Papá Cola-Tudo.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Othello.

Agenda da semana

A'MANHA — **Nacional** — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria*, peça de Ramada Curto.

Noticias

Entre nós

Dedicada ao nosso camarada na imprensa Manuel Neves, realisa-se no proximo dia 21, no theatro Polytheama, uma recita que por todos os titulos se recommenda ao publico habitual d'aquelle theatro. No programma, ainda não completamente confeccionado, entra um original, n'um acto, d'aquelle nosso intelligente collega, *Romantismo*, desempenhando o papel principal a formosa actriz Etelvina Serra, sem duvida uma das artistas de mais futuro da scena portugueza, e no desempenho da qual collaboram tambem Clemente Pinto e Joaquim de Oliveira. Um concerto por amadores distinctissimos, em um numero dirigido pelo maestro David de Sousa, deverá compôr a segunda parte.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

zados, 23 dos quaes foram tomados pelas tropas inglezas.

«Os allemães hoje tomaram a offensiva na Argonne, mas foram detidos.

«Por quatro vezes a sua infantaria tentou um ataque ás nossas posições em La Fille Morte, depois de terem sido bombardeadas com projecteis de todos os calibres e com granadas contendo gazes asphixiantes. O inimigo apenas conseguiu penetrar em alguns pontos da nossa primeira linha de trincheiras, mas foi ahi detido pelo fogo das nossas trincheiras de apoio e repellido em seguida de todos esses pontos com grandes perdas».

O communicado official das 23 horas dizia:

«Na Champagne a lucta prosegue com tenacidade em toda a fronte.

«Occupámos em muitos pontos, principalmente em Trou Bricot (a cêrca de cinco kilometros a nordeste de Souain), ao norte da herdade de Macques, algumas posições, além das quaes já haviamos passado, mas em que o inimigo ainda se mantinha.

«Aprisionámos 300 officiaes e não 200, como primeiro se disse».

O communicado de 29 de setembro era do seguinte theor:

«Na Champagne os allemães manteem a resistencia nas posições de reserva, protegidas por extensas e occultas vedações d'arame farpado.

«Fizemos alguns progressos na direcção da cota 185 (a oeste da herdade de Navarin) e na direcção de La Justice, ao norte de Massiges.

«Na Argonne, os reiterados ataques dados hontem pelo inimigo, com forças n'um total de seis a oito batalhões, contra a nossa primeira linha de trincheiras em La Fille Morte e em Bolante terminaram por uma grande derrota.

«Os contra-ataques que demos de noite permittiram-nos expulsar a infantaria allemã de quasi todos os pontos onde conseguira penetrar. O terreno em frente das nossas trincheiras está coberto de cadaveres do inimigo».

No dia 30 o communicado official era o seguinte:

«Os relatorios que estamos recebendo permittem-nos avaliar mais completamente, dia a dia, a importancia da victoria alcançada pela nossa offensiva na Champagne, combinada com a das tropas alliadas no Artois.

«Os allemães não só foram forçados a abandonar n'uma extensa fronte posições que estavam fortemente defendidas e nas quaes haviam recebido ordem para resistirem até á ultima, mas tiveram perdas cujo total em mortos, feridos e prisioneiros excede a força de trez corpos d'exercito.

«O numero total de prisioneiros excede já a 23.000 e o de canhões trazidos para a retaguarda é de 79. Dezesete mil e cincoenta e cinco prisioneiros e trezentos e dezeseis officiaes passaram por Châlons a caminho dos campos de internamento.

«Estamos procedendo á remoção de armamento de toda a especie e do material no campo de batalha, que o inimigo se viu obrigado a abandonar.

«Em Artois, os progressos que hontem noticiámos a leste de Souchez, continuam».

O communicado de 1 de outubro accrescentava:

«Na Champagne conseguimos apoderar-nos d'alguns pontos da segunda posição allemã a oeste de Butte de Tahure e da herdade de Navarin.

«N'este ultimo ponto algumas tropas nossas atravessaram a linha allemã e avançaram resolutamente para além d'ella, mas o seu progredimento não poude ser mantido devido ao fogo da artilharia e ao canhoneio violento de flanco.

«Os nossos homens estão occupando firmemente as posições conquistadas na segunda linha do inimigo.

«Ao sul de Ripont (a leste de Tahure, na estrada Souain-Tahure-Cernay) alargámos e completámos a

A noite passou-se em relativo socego. Os allemães pareciam ter ficado attonitos com o golpe que lhes fôra vibrado e contra-ataque algum ou qualquer bombardeamento veiu interromper os preparativos que estavam sendo feitos para as operações do dia seguinte.

Durante toda a noite, as estradas na retaguarda iam cheias de lés a lés de carros de abastecimento e de munições e de forças de reforço. A propria artilharia pezada poz-se em movimento a fim de auxiliar a continuação das operações tão felizmente iniciadas.

De oeste para leste, os francezes haviam parado no bosque que margina a estrada St. Hilaire-St. Souplet. Apoderaram-se d'elle no dia 27 de setembro e no mesmo dia tomaram a extensa tricheira Epine de Vedegrange, penetrando assim na segunda posição allemã.

Mas, ahi, o avanço foi detido pelas rêdes d'arame farpado que defendiam o bosque Chevron.

N'esse sector Vedegrange a lucta terminou depois de 28 de setembro, data em que o fim da offensiva era annunciada do seguinte modo pelo estado maior general francez: «Tomada de perto de dezeseis kilometros quadrados de terreno quasi todo fortificado, 44 canhões (sete de 105 e seis de 150 mm.) e mais de 5.000 prisioneiros».

No sector de Souain, só a 28 de setembro é que ao longo de toda a linha os francezes se puzeram em contacto com as segundas posições allemãs. As defezas allemãs do bosque Sabot, constando principalmente de metralhadoras, que tinham vindo para ali apoz o primeiro bombardeamento, tinham de ser envolvidas.

O cêrco foi estabelecido no dia 27, quando as tropas idas da estrada Souain-Tahure fizeram a sua juncção com as columnas que atacavam ao norte de Perthes. Uma pequena força de investimento foi deixada atraz e parlamentarios foram mandados aos allemães convidando-os a não offerecerem maior resistencia. Foram recebidos a tiro e á noite os desesperados e esfomeados defensores—tinham estado sem alimentação durante dias—fizeram um ultimo esforço para romperem o cêrco.

A maior parte d'elles foi morta e os restantes, convencidos de que era inutil resistirem, renderam-se.

Na fronte de Perthes, onde o avanço havia sido detido depois de meio dia pela violencia do fogo convergente da artilharia do inimigo, á noite houve muito que fazer e a artilharia foi trazida para além da trincheira York, para apoiar o movimento do dia seguinte.

A situação dos homens era tal que eram forçados ou a retirar ou a avançar; por isso, ao romper do dia, os regimentos, que haviam sido reorganisados, avançaram e puzeram-se immediatamente em contacto com a segunda linha allemã desde a elevação de Souain até á de Tahure. Apoderaram-se d'uma ou de duas partes avançadas d'aquella linha, mas ahi de novo foram detidos pelas vedações d'arame, que estavam intactas e que se estendiam pelos grandes campos na encosta contraria das elevações. Ficaram ahi, excavando trincheiras e aperfeiçoando sob o fogo dos canhões inimigos um systema completo de defezas até ao dia 6 de outubro.

A lucta mais violenta nos dias seguintes deu-se no sector de Mesnil. Ahi, mesmo a offensiva do primeiro dia nada pudera contra as vedações d'arame, e só seis dias depois é que o topo do norte da elevação de Mesnil foi tomado e cercado o Trapezio no topo do cume meridional.

A resistencia mais forte no dia 25 de setembro fôra encontrada no planalto de Massiges. Os allemães tinham uma certa esperança de que essa posição se manteria, por ser de grande força. Os trez outeiros que corriam em direcção sudoeste e os valles entre elles tinham a apparencia das costas dos primeiros trez dedos da mão.

Nos mappas essa semelhança é realçada pela representação de trincheiras que cobrem as alturas, que são tão juntas e complicadas como as linhas d'um dedo. Os francezes haviam deixado de avançar pelos

CONGRESSO DA REPUBLICA

Concurso para a Estatua da Republica

Perante a Commissão Administrativa do Congresso da Republica está aberto concurso, entre os estatuarios portuguezes, para a elaboração do modelo da estatua da Republica Portugueza para ser collocada na arcada central da parede do lado da Presidencia na sala das sessões da Camara dos Deputados, nas seguintes condições:

1.ª—A estatua terá 2,70 de alto. Assentará sobre uma base de 0,35 de alto, 1,05 de fundo maximo e de largura arbitraria. A altura total do modelo será, portanto de 3,05. A sua forma geral harmonisar-se-ha o mais possivel com o recinto a que se destina e do qual fica fazendo parte integrante.

2.ª—Os modelos apresentados no concurso serão em gêsso; representarão ao quarto das dimensões fixadas na condição 1.ª, e o mais detalhadamente possivel aquella estatua. Poderão ser acompanhados de memorias discriptivas.

3.ª—O jury de classificação d'este concurso será composto do Presidente da Camara dos Deputados, que será o seu presidente: de dois deputados eleitos pela Camara; de um artista indicado pelo Conselho Superior de Bellas Artes; de um artista eleito em Assembleia geral pela Sociedade Nacional de Bellas Artes do Porto; de um representante da Sociedade dos architectos Portuguezes e do architecto auctor do projecto do Palacio do Congresso da Republica.

Apresentará a sua classificação no praso maximo de um mez a contar da data da entrega dos modelos.

4.ª—O jury poderá conferir um premio de 500 escudos ao auctor do melhor modelo apresentado, pago no acto da assignatura do contracto pelo qual o esculptor auctor d'esse modelo se obriga a executar a estatua com as dimensões fixadas na condição 1.ª e em gêsso. Esta estatua será paga pelo preço de 1:500$00 e em duas prestações eguaes, sendo a primeira paga quando estiver executada em barro e approvada pelo jury e a segunda quando estiver concluida em gêsso, collocada pelo auctor no logar que lhe compete e approvada definitivamente pelo mesmo jury.

O jury poderá distribuir ainda premios a auctores de outros modelos até á quantia de 400$00 e attribuir menções honrosas.

5.ª—Para a execução da estatua em marmore será opportunamente feito contracto especial com o auctor do modelo para esse effeito premiado, ficando desde já estabelecido que esse trabalho não importará quantia superior a 2:000$00 não incluindo o custo do bloco de marmore posto n'uma officina em Lisboa.

6.ª—Os modelos, assignados pelos respectivos auctores, serão apresentados no Edificio do Congresso da Republica até ás 16 horas do dia 29 de abril do corrente anno. Aos apresentantes será passado pelo Fiel do Palacio do Congresso, recibo que servirá para poderem ser retirados os modelos que não obtiverem qualquer classificação.

7.ª—Depois de haverem terminado as operações do jury, serão expostos ao publico, pelo espaço de oito dias, os modelos que tenham obtido premios pecuniarios.

Serão tambem expostos os restantes modelos se a isso se não opozerem os respectivos auctores.

Sala das sessões da Commissão Administrativa do Congresso da Republica, em 4 de fevereiro de 1916.

O Secretario
(a) *Balthazar d'Almeida Teixeira*
deputado

Dr. Regis de Oliveira

Missa

A SOCIEDADE DE BENEFICENCIA BRAZILEIRA EM PORTUGAL e o CLUB BRAZILEIRO cumprem o honroso dever de convidar a todos os seus associados para as missas que mandam rezar na Egreja de S. Domingos, sabbado proximo, 12 DO CORRENTE, AS 11 HORAS da manhã, pelo descanço eterno do seu inolvidavel e querido amigo Ex.mo Sr. DR. REGIS DE OLIVEIRA, seu Presidente de Honra que, com tão excepcional relevo e fidalga distincção representou, como Embaixador, a grande Nação Brazileira em Portugal. Este convite é extensivo a todas as pessoas que foram amigas do saudoso e illustre Extincto.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1915.

Pela SOCIEDADE DE BENEFICENCIA BRAZILEIRA EM PORTUGAL
Arlindo da Costa Correia Leite—Presidente.
Pelo CLUB BRAZILEIRO
José Nogueira Pinto—Presidente.

valles abertos entre essas elevações, onde uma destruição certa os esperava, e estavam avançando para o planalto. Ahi a lucta tornou-se pessoal, á bayoneta e á granada de mão.

Uma interminavel cadeia humana se formára desde Massiges ao longo da qual as granadas passavam de mão em mão até aos granadeiros. A lucta seguiu com regularidade apoz

Major-general inglez sir A. J. Godley

um violento bombardeamento, regulado por signaes de bandeiras.

Da linha atacante veiu uma rapida avalanche de granadas, avançando os lança-bombas na companhia de forças que varriam á bayoneta o inimigo, conquistando o terreno palmo a palmo.

Uma narrativa semi-official diz a tal respeito:

«Tendo annunciado no seu communicado de 29 de setembro que os francezes haviam sido impotentes para tomar as alturas ao norte de Massiges, o estado maior general allemão annunciou no seu communicado do dia 30 que a cota 191 tinha sido evacuada pelo fogo da artilharia.

«De facto, alcançámos o cume d'essas alturas a 25 de setembro e nos dias seguintes completámos a sua conquista. O numero de prisioneiros que ahi fizemos, juntamente com o enorme numero de cadaveres allemães que enchiam as trincheiras na cota 191, mostram a violencia da lucta.

«Não se trata d'uma evacuação voluntaria ou d'uma retirada em boa ordem, mas d'uma resistencia que foi quebrada e d'uma grande derrota. Os nossos adversarios guarneciam um formidavel baluarte que assegurava, por fortificações de flanco, a defeza d'um grande tracto da sua fronte na Champagne. Suppunham esse baluarte inexpugnavel. Sabemos que era corrente entre elles o dizer-se: «A cota 191 pode ser defendida por duas lavadeiras e duas metralhadoras».

«A tomada d'essa fortaleza era indispensavel para o exito do nosso ataque, e a honra do assalto coube á infantaria colonial, que accrescentou uma nova pagina de heroismo á sua historia em Massiges. No nosso primeiro assalto a 25 de setembro alcançámos o cume do planalto. A nossa artilharia tinha por completo desmoronado as encostas e as ravinas e aberto brechas nas vedações d'arame farpado que o inimigo havia estendido na parte baixa.

«Os regimentos allemães que occupavam a cota 191 no momento do ataque, confiando na solidez da sua fortaleza, estavam desorganisados e desmoralisados pela rapidez do nosso primeiro impulso. As suas metralhadoras permitiram-lhes prolongar a resistencia, mas sob o pezo da nossa artilharia e do fogo das granadas recuaram pouco a pouco.

«Reforços escolhidos das melhores tropas do exercito do kronprinz vieram apoial-os. Esses recem-chegados justificaram a sua reputação. Varridos pelas nossas granadas de mão e pelas da artilharia, não abandonavam as suas trincheiras. «Rendam-se!» clamou em allemão o coronel d'um dos regimentos coloniaes, que avançava com os seus granadeiros e chegára a trinta metros de distancia do inimigo. Um tenente allemão fez fogo sobre elle, mas errou-o. Nem um unico dos seus homens escapou.

«Havia tantos cadaveres nas trincheiras da cota 191 que em alguns pontos do planalto enchiam por com-

pleto as trincheiras e quem passasse sobre ellas expunha-se ao fogo do inimigo.

«O nosso avanço continuou methodicamente de 25 a 30 de setembro. Quando as trincheiras eram tomadas, os allemães, cercados nas trincheiras de communicação intermediarias, levantavam as mãos como signal de rendição. Fizemos prisioneiros por grupos de cêrca de mil, entre os quaes havia muitos officiaes. Um d'esses officiaes disse dos seus homens: «Só os posso fazer avançar a chicote ou a revolver».

«Quando percebeu que a posse das alturas lhe estava fugindo, o estado maior general allemão tentou um contra-ataque, que veiu de nordeste, mas as tropas atacantes, á medida que se desdobravam, ficavam expostas ao fogo da nossa artilharia e das nossas metralhadoras e eram varridas em poucos momentos.

«Os que escapavam fugiam desordenadamente. As nossas tropas ao verem o inimigo fugir continuavam a luctar com alegre ardor. «Não encontro homens para fazer prisioneiros pela retaguarda», disse um official».

Esta narrativa da lucta põe em relevo o valor das tropas coloniaes. O numero de allemães mortos que enchia as trincheiras só de per si testemunha a vigorosa resistencia que os francezes tiveram de vencer e um official que tomou parte na lucta declarou que «o inimigo combateu com indomavel coragem contra um ataque ainda mais indomavel. As metralhadoras inimigas só eram postas fóra d'acção quando os que as guarneciam eram passados á bayoneta nos seus postos. Os granadeiros pelejavam com desespero e a lucta era tão proxima que muitos d'elles eram mortos ou feridos pela explosão das suas proprias granadas».

A posse d'essas alturas habilitou os francezes a tomarem por meio de ataques de flanco as trincheiras a leste da posição, as quaes resistiam ao ataque de frente. A narrativa official da lucta contem-se nas seguintes passagens do communicado official do ministerio da guerra francez, no dia 26 de setembro, á noite:

«Na Champagne as nossas tropas continuaram a ganhar terreno. Depois de transporem em quasi toda a fronte comprehendida entre Auberive e Ville-sur-Tourbe a poderosa rêde de trincheiras e fortes estabelecidos e aperfeiçoadas pelo inimigo durante muitos mezes, avançaram para o norte, obrigando as tropas allemãs a recuar para as trincheiras da segunda linha, trez ou quatro kilometros á retaguarda.

«A lucta continua em toda a fronte. Chegámos a Epine de Vedegrange, passámos além do casebre na estrada de Souain a Somme-Py e da cabana na de Souain a Tahure. Mais a leste occupámos a herdade de Maisons de Champagne.

«O inimigo teve perdas consideraveis causadas pelo nosso fogo e pela lucta corpo a corpo. Deixou nas obras que abandonou grande quantidade de material de guerra que não poude levar.

«Até agora foram tomados 24 canhões de campanha.

«O numero de prisioneiros augmenta constantemente, excedendo actualmente a 16.000 homens não feridos, incluindo pelo menos 200 officiaes.

«Em toda a fronte, as tropas alliadas tomaram em dois dias numero superior a 20.000 prisioneiros».

O communicado do dia 28 dizia:

«Na Champagne a lucta continua ininterruptamente.

«As nossas tropas estão agora em uma vasta fronte em frente da segunda linha das defezas allemãs—entre a cota 185 (a leste de estrada Somme-Py-Tahure) ao oeste da herdade de Navarin (na estrada Souain-Somme-Py, a meio caminho entre as duas localidades), a elevação da estrada Souain-Tahure e a aldeia e elevação de Tahure.

«O numero de canhões tomados ao inimigo não pode ser avaliado no momento actual, mas é superior a 70 peças de campanha e canhões pe-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1981—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5,1.º. Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71. Preço 2 centavos

Medidas necessarias

Pensar que pelo facto de preconisar o aproveitamento dos navios allemães ancorados nas aguas portuguezas nós estamos advogando uma immediata participação na guerra, ou que isso representa iniludivelmente um identico proposito do governo, é muito natural no estado de obsessão em que se encontram o sr. José de Alpoim e o sr. Brito Camacho, para os quaes semelhante intervenção se tornou positivamente um pesadelo, mas não é licito prever-se de qualquer espirito desapaixonado, e vendo os factos á luz do mais vulgar bom senso.

O aproveitamento dos navios allemães impõe-se como uma necessidade de economia. E não só nossa, como dos paizes alliados e tambem das nações neutras. Perto de setenta navios postos a navegar, servindo o intercambio commercial das nações, ou trazendo das nossas colonias para a metropole, os generos de primeira necessidade que lá existem, e que tão precisos nos são, não representam uma quantidade a desprezar. A resistencia economica das nações que se debatem em graves crises augmenta d'uma maneira sensivel assegurando-se esses elementos de valor em materia de transporte. Foi o que pensou a Italia, tomando uma resolução analoga á que consta ir ser executada em Portugal. E' no que pensa a Hespanha que nas suas aguas tem egualmente immobilisados navios dos imperios centraes, e que sente egualmente necessidade de aproveital-os.

Hontem, a «Capital» dava algumas informações que é possivel tenham produzido n'essas altas capacidades politicas, cheias de intelligencia e ponderação, afflictivas ansiedades. E todavia nada menos susceptivel de causar tamanhos sobresaltos.

Uma d'essas informações era a de que o Conselho Supremo de Defeza Nacional reunira. De espantar seria que elle não reunisse. Esse conselho ainda não realisára a sua primeira reunião. Não era natural que entrasse no exercicio da sua actividade? Os governos, é essa a sua obrigação, tem de tirar dos orgãos officiaes as funcções que lhes são proprias. Porventura alguem pensa que temos tudo feito em materia de organisação militar? Que recebemos da monarchia essa organisação perfeita? Os primeiros que dizem que não temos nada, que não valemos nada, são os que se alarmam constantemente com os esforços para que alguma coisa se faça, para que venhamos a possuir algum valor. A verdade é que precisamos organisar devidamente o nosso exercito. Ninguem o néga. Nem o exercito illude ninguem. São mesmo os seus officiaes que muitas vezes teem reclamado a preparação necessaria. Que admira pois que o Conselho Supremo de Defeza Nacional se reuna e exerça as suas funcções?

A segunda informação era relativa ao valor dos navios allemães. Porventura isso pode ser considerado um segredo de Estado? Porventura ha algum inconveniente em que se saiba o que todos podem ver e averiguar, isto é, que estão em aguas portuguezas 65 navios allemães, que elles teem ao todo 160.000 toneladas e que a sua carga é importante? Acaso alguem pode surprehender-se com uma informação que nada revela de secreto?

Outra informação era a de que, até dezembro, no polygono de Tancos, devem preparar-se cinco divisões militares. Que ha n'isso de extranhavel? Essa preparação far-se-ha successivamente, por divisões de 20.000 homens. Trata-se de dar execução á reforma militar, que é uma das mais importantes obras da Republica, e que se diria, sabendo-se que o paiz está gastando grandes sommas para armar e equipar o exercito, se não se visse o resultado d'esses sacrificios?

Finalmente, a «Capital» informava que dois officiaes da armada tinham requerido para ir á junta medica, para mudança de situação. Nada nos auctorisa a suppôr que se não trate d'um caso vulgar, que em nada tenha relação com o annunciado chamamento de officiaes de armada para commandarem os navios que o governo resolva aproveitar para serviços, que são de urgente necessidade nacional.

Socéguem, pois, esclarecidos espiritos que se encontram dominados pela obsessão da guerra. O que se está passando nada significa que os apavore. Não é preciso chorar mais, sr. Alpoim! Não é preciso retorcer mais as idéas e os factos, sr. Camacho!

Castello de Leiria

Um voto de louvor ao nosso collega Adelino Mendes

Como é sabido, constituiu-se em Leiria uma collectividade que, com o nome de «Liga dos Amigos do Castello», tem por fim procurar, por todos os meios, conservar as bellas ruinas d'esse monumento e evitar que ellas desappareçam, por falta dos cuidados que lhe são devidos. São já notaveis os serviços que essa aggremiação tem prestado e é claro que está indicada para tomar conta de todas as obras que o Castello exija para continuar de pé, porque não lhe falta competencia para isso. Quiz, porém, a Liga ser para com *A Capital* d'uma gentileza a mais captivante, lançando na acta das reuniões da sua direcção um voto de louvor a este jornal e ao nosso collega Adelino Mendes, pelos artigos aqui publicados em favor do Castello. Não temos mais de que agradecer uma tal prova de gratidão, ao mesmo tempo que, com o maior prazer, affirmamos de novo aos Amigos do Castello de Leiria que essa raridade architectonica medieval continuará a merecer todas as nossas sympathias, não soffrendo quebra o nosso esforço no sentido de que o Estado olhe, como deve, para essa maravilha que o tempo vae arrasando a pouco e pouco, ameaçando fazel-a desapparecer.

Um acto de justiça

A viuva e os filhos d'um sargento postos ao abrigo da miseria

No nosso numero de 18 do mez findo chamámos a attenção do sr. ministro da guerra para o que se estava passando com a viuva e dois filhinhos do 2.º sargento Sebastião José Cachudo, morto, sob os escombros do desmoronamento de parte do quartel de infantaria 22, em Portalegre.

O sargento Cachudo fôra sempre um leal e devotado republicano e a sua morte, viera lançar os seus na miseria. O sr. Norton de Mattos, praticando um acto de justiça, pelo qual o louvamos, mandou averiguar das circumstancias em que se encontrava a familia do desventurado militar e verificando ser verdadeiro o que diziamos, providenciou de modo a que se assegurasse o futuro da pobre viuva e de seus filhos.

Assim, irá já amanhã á assignatura, pela pasta do ministerio das finanças, um decreto concedendo-lhes uma pensão.

Rejubilamos com o acto praticado pelo sr. ministro da guerra, acto que muito o honra.

Os "pro-germanicos" inglezes

e a propaganda contra a nossa obra colonial

Referimo-nos hontem á cathegoria moral de alguns dos mais acerrimos detractores de S. Thomé, que, sendo inglezes, contrariam n'este momento o admiravel esforço da sua propria patria na gigantesca lucta em que se encontra empenhada. Deviamos no emtanto ter accrescentado que, embora menos ostensivamente, os seus perfidos manejos contra a nossa obra colonial proseguem ainda. A «Union of Democratic Control» é o typo d'essas aggremiações de intriguistas que, sob o pretexto de sentimentos philantropicos, pretendem ennegrecer a reputação de Portugal e da Belgica, favorecendo ao mesmo tempo as ambições germanicas. E. D. Morel, a quem hontem nos referimos, o rev. J. Harris e o director do *Spectactor*, são nomes que constantemente andam ligados a essa especie de intrigas.

Uma das teclas que mais feriram foi a da doença do somno na ilha do Principe. Estabelecendo propositada confusão entre esta ilha e a de S. Thomé, *onde nunca se registou um só caso de tripanosomiase*, esses profissionaes do humanitarismo clamaram que a existencia da nossa rica colonia agricola constituia um perigo para toda a Africa, e reclamaram que, por uma fórma absoluta, fosse interdita a importação de mão de obra pelos agricultores de S. Thomé e Principe.

Felizmente, o sr. coronel Wyllie, a quem tantos serviços deve já Portugal na defeza constante e vigorosa que tem tomado dos nossos legitimos direitos, anniquilou de vez essa nova campanha com a traducção ingleza que elaborou do magnifico relatorio do sr. dr. Bruto da Costa ácerca da doença do somno na ilha do Principe, trabalho este a que já largamente tivemos occasião de nos referir. Conseguiu além d'isso o sr. coronel Wyllie que Mr. Carrié, deputado de Leith (Escocia) fizesse no parlamento britannico uma interpellação sobre a questão do trabalho indigena em S. Thomé. Logo que esse facto se produziu, o *Daily Chronicle* e o *Globe* noticiaram falsamente que *sir* Edward Grey tinha affirmado, em resposta, *não* serem satisfatorias as condições de trabalho n'essas colonias, quando a verdade é que ao proprio sr. coronel Wyllie foi, pelo secretario de *sir* Edward Grey enviada uma carta em que se dizia exactamente o contrario, annunciando-se para breve uma declaração parlamentar do proprio ministro inglez declarando *satisfatorias* essas condições.

São portanto inuteis os criminosos esforços dos «pró-germanicos», mas não deixa de ser conveniente irem-se registando estas coisas.

Usem a agua do Monchão da Povoa no tratamento das doenças de pelle.

EM TORNO D'UNS CABELLOS BRANCOS

O livro do dictador e os officiaes de Conceiro

Das homenagens do «Dia» ao emprazamento do sr. Saturio Pires

Quando foi da aprehensão do livro do general Pimenta de Castro, o *Dia* protestou energicamente contra o facto, affirmando que elle revoltava todas as consciencias «em que se não tenham apagado as mais sagradas noções de justiça», porque «o sr. Pimenta de Castro é um homem de bem, um general portuguez, alguem que sempre serviu com abnegação e com honra a sua patria». E, com vehementes protestos pelos aggravos recebidos, o *Dia* enviava ao dictador as homenagens devidas «aos seus cabellos brancos», lamentava que o tivessem abandonado os camaradas e perguntava se elle ainda seria republicano. Parece que o orgão monarchico registaria n'aquelle momento com profundo prazer a adhesão do ex-presidente do governo ao derrubado throno do sr. D. Manuel de Bragança...

Passava-se isto a 22 de janeiro. A 4 do corrente, o *Dia* voltava a alludir ao general Pimenta de Castro, lamentando que contra a sua separação do exercito não houvesse um reparo d'entre os 800 officiaes que mezes antes tinham ido dar-lhe o seu apoio e confiança...

O silencio quebrava-o no dia seguinte o sr. Saturio Pires, antigo official, que tomou parte nas incursões monarchicas e cuja attenção fôra solicitada para o livro de Pimenta de Castro pelo sr. Fiel Barbosa, camarada e amigo do sr. Saturio Pires.

Que passagem do opusculo do dictador encheu de indignação o sr. Fiel Barbosa?

A que se refere a ser sabido de toda a gente que «um commandante de pelotão de Couceiro era pago pelo governo, ao qual informava de tudo quanto se passava na columna da Galliza».

O sr. Saturio Pires emprazá o general tão encomiado pelo *Dia* a declarar quem era esse official da columna da Galliza e assegura que adoptará a resolução que porventura tomem os officiaes visados cuja lista reproduz e é a seguinte:

«Tenente conde de Mangualde, tenente Victor Alberto Ribeiro de Menezes (residente em Madrid), 1.º tenente da armada real Carlos Martins de Carvalho (residente no Brazil), tenente Julio de Ornellas e Vasconcellos (morto em combate, commandando a extrema avançada, em Chaves no dia 7 de julho de 1915), tenente José Augusto Rebello, tenente Jaymé Segurado Ferreira Caio, alferes Fiel Barbosa e Alberto Braz, o signatario d'esta carta, e tenente Manuel Valente, que desertou da columna nos primeiros mezes de 1912».

Accrescenta ainda o sr. Saturio Pires que «certamente o sr. general virá esclarecer o caso indicando o nome do traidor», porque «deixar imprecisa uma tão séria accusação, lançar de animo leve uma tão repellente suspeita sobre antigos officiaes do exercito portuguez—hoje sem galões e sem espada, por muito prezarem a dignidade da sua farda—não seria proprio nem do seu caracter, nem das suas estrellas de general, nem dos seus veneraveis cabellos brancos».

O primeiro dos officiaes de Couceiro que acudiu ao appello do sr. Saturio Pires foi o sr. conde de Mangualde (Fernando). No *Dia*, que lamentou o abandono em que 800 officiaes deixaram o sr. Pimenta de Castro e que prestou homenagem ao seu caracter, á sua abnegação, aos seus cabellos brancos, lá vinha hontem uma carta d'esse antigo official monarchico que classifica de absurda a accusação do dictador e que diz abster se de apreciar o procedimento do general por attenção aos seus cabellos brancos, «symbolo da experiencia e de muitas coisas mais...»

Depois da attitude dos srs. Fiel Barbosa, Saturio Pires e conde de Mangualde continuará o *Dia* a prestar homenagem ao famoso general e a sentir a consciencia revoltada perante a apprehensão do seu livro?

Taxas postaes

Foi avultado o numero de desenhos apresentados ao concurso

Terminou hoje, ás 16 horas, o praso para apresentação dos desenhos das taxes de franquia postal, aberto na 3.ª direcção da administração geral dos correios. Ali fomos, em cata de impressões. Recebidos amavelmente pelos funccionarios superiores d'aquella direcção, srs. Mousinho d'Albuquerque e João Pizarro, conseguimos saber que o numero de propostas apresentadas é grande, muito maior do que o concurso anterior, não podendo, comtudo, á hora que ali estivemos, fixar-se ainda a quantidade. Tanto mais que póde dar-se o caso—pouco provavel aliás, mas que cai todo o caso póde dar-se—de vir ainda alguma proposta que tenha sido apresentada fóra de Lisboa.

Quanto a ser acceite ou não qualquer proposta n'essas condições, só poderá resolver o jury, que é composto, como se sabe, pelos srs. administrador geral dos correios, dr. Santos Lucas, director da Casa da Moeda, e os illustres artistas Columbano Bordallo Pinheiro, Luciano Freire e Costa Motta.

O motivo da maior concorrencia deve-se talvez ao facto dos premios terem sido elevados, pois que ao passo que no concurso anterior o primeiro desenho classificado obtinha 200$00 e o segundo 100$00, no presente os classificados em primeiro e segundo logar obterão, respectivamente, 400$00 e 200$.

Ha uma nota curiosa a accentuar. A 3.ª direcção geral entendeu que devia ser discriminada a receita produzida pelo serviço de encommendas postaes, visto que póde e deve ser considerado tal serviço como propriamente de mercadorias, da receita produzida pelo ramo propriamente postal e, por isso os concorrentes devem ter apresentado um desenho especial para o sello destinado a taes encommendas. E' assim que se pratica nos Estados Unidos e na Italia.

Quanto á impressão, que póde por ora colher-se, ao que disse um dos distinctos funccionarios com quem falámos, é de que ao concurso foram alguns dos nossos melhores artistas.

Querem lanchar bem e cear melhor? *Vão á Argentina. Rua 1.º Dezembro.*

O preço da libra

De ha quatro dias a esta parte, desde que se tornou conhecida a noticia da operação financeira feita pelo governo na praça de Londres, o cambio melhorou mais de dois pontos, o que representa um beneficio importante. Assim, estando o cambio a 34, ou seja a libra a 7$05,8, hoje o cambio fechou a 36 13/16, o que quer dizer que a libra custava hoje 6$51,8, e com tendencia para embaratecer.

A carestia do assucar

Na Bolsa são vendidos 94.380 kilos

Na Bolsa de Lisboa foram ante-hontem vendidas duas partidas de assucar, uma composta de 973 saccas, outra de 600, o que quer dizer que foram ao todo vendidos 94.380 kilos, sabido como é que cada sacca tem 4 arrobas, ou sejam 60 kilos.

A primeira partida foi vendida a 3$60,5 a sacca, a segunda a 3$60, ou seja pela importancia total de 5.673$66,5.

Como se vê, foi relativamente barato o preço do kilo, pois a sacca foi paga a $06,1. Mas tem que se accrescentar a cada sacca 6$40, pois que cada 15 kilos pagam de direitos 1$20 e de despesas de refinação $40. D'ahi, em parte, a carestia actual.

Cartas na meza

O bello sexo na Invicta

Porto, 10

Quando me succedia enfiar por aquelle bemdito corredor do Louvre para me perder, lá ao fundo, na contemplação da Venus de Milo, sempre me lembrava de quanto deviam ser felizes os velhos homens da velha Grecia, orgulhosos da posse da belleza simples, na mais encantadora metade da nossa especie. Nem espartilhos, nem *maquillages*, nem chumaços, nem aguas oxigenadas, mas tudo ao natural,—tal qualmente como as ostras e a chuva do *Homem das mangas*. E não sei porquê, mas verifico que quanto um homem mais vae para velho, tanto mais se prende á linda mulher em quem é grato embebedar os olhos.

Pela parte que me diz respeito, o meu fraco não o occulto. Posso ter um grande sentimento de paysagista, como o velho Jacque ou Paulo Rotter, Ruysdael ou Claudo Lorrain; embriagar todos os meus sentidos na contemplação dos milheiraes, nas planicies de papoilas, vermelhas como beijos, na pompa dos arvoredos e na musica dos ninhos, na alegria silenica das vinhas ou na paz parnasiana dos vallados, que, em vendo uma mulher bonita, não ha paysagem que me detenha e os meus olhos seguem-na como o *Fiel* do Junqueiro seguia o dono, e o excellente Urbano Rodrigues segue o dr. Affonso Costa. Porque o faço, se o aspirar não é comer e o extase não alimenta? Não sei, mas não está mais na minha mão, e cada vez reconheço mais que o homem não é de pedra.

Onde é, entretanto, que temos mulheres bonitas? Aqui está o que me perturba, porque me estão merecendo muito pouca confiança. O Porto foi uma terra maravilhosa de lindissimas mulheres (já se vê, não desfazendo), e houve dias em que o tripeiro raro tinha mãos a medir. Era o tempo das *midinettes* de tamanquinhas e das meninas acompanhadas, que hoje de todo desappareceram. As ruas enchem-se, é certo, de um bello sexo capitoso, abundante e variado, mulheres amplas como baleias, flexiveis como juncaes, irrequietas como borboletas;—mas quem sabe de quantas fraudes a civilisação as mascarou?

Desconfio já do quasi todas. Acontece-me com inaudita frequencia vêr hoje uma bella mulher, de cabellos luzidios e negros como sotainas de reverendos, e encontral-a amanhã tão loira como um trigal maduro. Algumas velhas do meu conhecimento apparecem-me remoçadas, quasi gentis, o andar ligeiro, a face lisa, o ar *coquette*, e bustos que eu conheci de tão exiguo relevo como uma peça originial destinada ao D. Maria, surgem-me de um momento para o outro tão vastos e opulentos como o ventre do Chaby ou a cupula da Estrella. O que é isto? Evidentemente progresso, arte, civilisação, mas digamos tambem fraude, e se assim é possivel falsificar mulheres, não admira que se falsifiquem tão facilmente as notas do Banco de Portugal.

Está claro que os processos adoptados pelas mulheres são em muitas circumstancias adoptados pelos homens, e é muito desagradavel defrontarmo-nos com estufidos de bigodeiras pretas que sempre conhecemos veneraveis e brancos de consciencia e barbas, como as estatuas dos rios, Moysés, ou o rei Lear. Esses não podem certamente ter ingresso na Posteridade, nem ainda velhos, nem depois de novos, mas tambem me não interessa que assim lhes aconteça, ao contrario das mulheres, porque essas só as comprehendo como comprehendo Venus, e até se fosse possivel—com o mesmo trajo.

GUEDES D'OLIVEIRA

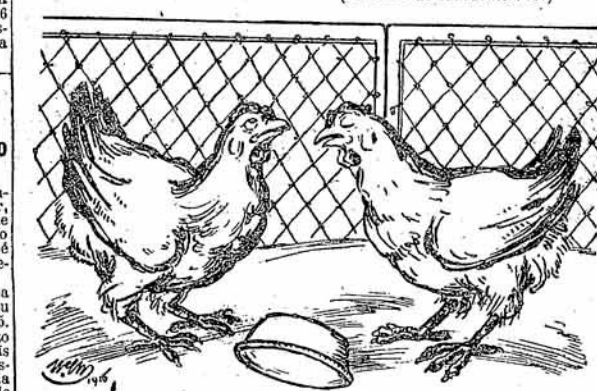
Pelo telegrapho

A campanha na Russia

PETROGRADO, 10.—Official. Desalojámos o adversario d'uma escavação a sudoeste de Zamouseline. No Mar Negro os nossos torpedeiros canhonearam as posições inimigas da região do litoral, e nas costas orientaes da Anatolia foram destruidos sete navios de vela. No Caucaso continuamos a progredir. Na Persia, ao sul de Hamadah, derrotámos importantes forças inimigas, que defendiam as posições da região e da cidade de Nehovend.—(*Havas*).

PETROGRADO, 10. — Official. Com o nosso fogo de artilharia entravamos os trabalhos allemães na linha do Riga e nas margens do Dvina. A leste de Tchemertno apoderámo-nos da altura e repellimos um contra-ataque. A sudoeste de Tesbroff tomamos uma altura á bayoneta e repellimos um contra-ataque austriaco. — (*Havas*).

A carestia do milho

(*Desenho de M. Monterroso*)

—Já nem se póde ser gallinha n'este paiz!

Folhetim d'A CAPITAL 11-2-1916

Os aguadeiros

Como n'essa manhã o bom rei D. Miguel estava melhor, vendeu-se muito pouca agua em Lisboa. Foi em abril de 1829. As caseiras d'Alfama, durante todo esse mez, vociferaram em torno do chafariz de Dentro, todo o Bairro-Alto se precipitou para as trez bicas da rua Formosa. Em volta, agachados sobre os barris, os gallegos inertes, que tinham carpido a doença do senhor rei, saudavam-lhe, agora, as melhoras. Companhias inteiras d'aguadeiros erguiam os braços ameaçadores ao mais simples pedido d'uma penna d'agua; um capataz do chafariz do Caes do Tojo, condoido, vendeu um barril por entre gangrena de grita que o tratava de vendido. Os trinta mil gallegos de Lisboa apenas se interessavam, apenas viviam pela saude do rei.

Era quanto restava dos seus tempos de explendor. Quando vieram elles para Lisboa? Talvez nos principios do seculo XVIII, talvez dos seculos de depois, por esse tempo que a sua emigração se tornou mais intensa. Fervilhavam pela margem do Tejo, dormiam ao sol, em todos os recantos da Ribeira. Nas «Grandezas de Lisboa», Frei Nicolau d'Oliveira falla de meio milheiro de pastifes que vadiavam e andavam ás cargas. Não explica, porém, se eram gallegos. A venda da agua, por esse tempo, ainda estava na mão dos «riboirinhos», mestiços, pretos e pretas, horrivelmente sujos, levando a mercadoria em grandes quartas de barro d'Extremoz. Mas tudo leva a crer que a gente de cór foi absorvida n'esse serviço por aquelles pacientes e laboriosos «machinas de suor», segundo a pittoresca expressão de Coelho de Figueiredo. Eram então formidaveis. O auctor da «Voyage en Lisbonne», em 1796, exhala o seu desespero. Peores do que os «lazzaroni» de Napoles, infinitamente peores do que os guias de Milão ou de Florença, arripiantes como os mendigos da Andaluzia, assaltavam, devoravam o viajante que desembarcava, inundavam-no de serviços, desembaraçavam-no de todas as bagagens. Não se podia resistir. Por essa occasião, haveria talvez quarenta mil que, não mercadejando ainda a agua, catavam publicamente a vermina uns aos outros, na soleira das portas ou na sombra dos pateos. Posto que a opinião geral lhes désse fóros de honradez e de probidade eram antipathicos por excesso de servilismo. Toda a gente os repellia; Nicolau Tolentino não se cançou nunca de os guerrear na satyra, Barbosa du Bocage fazia-os heroes facetos das suas incomparaveis phantasias, o proprio Agostinho de Macedo representava o gallego como um symbolo de parvoice aliada á estupidez.

Debalde. Foram crescendo. Honestos, economicos, fazendo uma vida á parte, comendo com a parcimonia de spartanos, eram já no tempo de D. Miguel, quasi que os unicos carregadores d'agua da cidade. Antes da Regeneração a Camara organisou-os. Havia então em Lisboa (1840) vinte e seis chafarizes, com variado numero de bicas, sem contar quinze outras bicas isoladas, algumas celebres como a da Carreirinha do Soccorro ou a da Boa Vista (dos Olhos), e o cronista popular encontrava vestigios. Cada trinta e trez gallegos formavam uma companhia d'aguadeiros sob o commando de um capataz ou de um cabo; o numero de companhias, em cada chafariz, era egual ao dos tubos de correr agua. As bicas tinham a mesma organisação. Só no chafariz do Rei, o mais reputado de todos, os tubos eram nove sendo, todavia, dez as companhias; primitivamente tinha tido apenas seis, mas passando a nove, contou-se um serviço trezentos e trinta marlolos muito ufanos do seu chafariz, muito quesilentos e especialmente altivos da sua hierarchia; para elles, ser gallego do chafariz do Rei era como ser duque e par d'Inglaterra no tempo de Carlos II; e eram perto de trez mil e quinhentos, com o numero da Camara, sempre descontentes, sustentando com avidez propria da sua raça, uma questão que se arrastou trinta annos a proposito d'uma parte da cidade que dispensava os seus bons officios por ser directamente abastecida pelos Arcos das Aguas Livres. Com effeito, era incalculavel o numero de pessoas que tinham, como particulares, aguas do Aqueducto, ou porque pertenciam a edificios que o Estado havia vendido ou mesmo porque o Estado os alugava, praticando a avença.

Foi tambem durante esses trinta annos que se conservou suspensa sobre os aguadeiros a velha espada de Damocles. Tratava-se da canalisação das aguas de Lisboa. Em 1823, Francisco Soiré apresentou um projecto mas era de tal fórma phantastico que nem amedrontou os gallegos. Propunha a collocação, em cada chafariz, de oito carros de bois com trinta pipas cada um para a distribuição da agua e mais dois carros para serviço d'incendios. Havia, n'esse anno vinte e quatro chafarizes na cidade; eram duzentos e quarenta carros, quatrocentos e oitenta bois que se puchassem, um numero indefinido de homens para os guiarem. Sodré abafou n'um tumulto de risota, os aguadeiros triumpharam. Grande pausa de vinte e dois annos até 1845 em que o general Antonio Bacon apresenta novo projecto de canalisação, cahindo a fundo sobre os gallegos na mais limpida de todas as catilinarias, accusando-os de só viverem para a ruina de Portugal arranjar o seu pé de meia. Era a mesma coisa que elle, Bacon, ca viera fazer. O projecto ficou em nada. Em 1847 Francisco Martins trouxe outra proposta; ainda n'esse anno Duarte Cardoso de Sá tentou fazer approvar uma outra, muito parecida com a de Bacon. A Camara rejeitou ambas e só mais tarde, oito annos depois, a terra tremeu, cedeu e começou o fim do imperio dos aguadeiros.

No entanto, elles juntavam o pé de meia que Bacon tanto havia reprovado. Placidamente iam vendendo incontaveis mantilhas d'agua (dezeseis anneis, cada annel quatro pennas). Faziam tambem o recado que o lisboeta tanto apreciou sempre; já então levavam a carta de namoro mas não usavam ainda o certo d'uma forma commum. Iam ás compras, pousavam sem cessar na estalagem dos Andrades, um immenso antro proximo das Olarias, onde as confrarias da provincia se reuniam. Como hoje, guardaram sempre a sua lingua, a sua attitude favorita, escarranchados nos barris pintados de verde, em volta das aguas cantantes, ouvindo e contando interminaveis historias no seu dialecto imutavel. Esse typo moderno do «Zé» popular, vagamente titmido, de beiços rapados, largas suissas, provém talvez d'elles, dos gallegos de 40. A face larga, serviçal era rigorosamente rebarbativa. Vasta camisa, ferramente decotada, sem gravata, jaqueta em bombazina de lã grosseira, debruada nos punhos e na cintura com pelles ordinarias de coelho, cinco ou seis botões enormes, de madreperola, em cada lado. Era um pouco a jaqueta do campino. Nem o debaixo o collete, meio desabotoado a camisa surgia na mesma dobra habitual nas ovarinas, com a tradicional cinta vermelha, cahindo com uma negligencia puramente gallega e que elles repuchavam constantemente para melhor segurarem os calções de briche côr de garrafa verde-negra, terminados por debaixo dos joelhos com dois folhos muito curtos e muito brancos. Por debaixo, ceroulas de briche ou meia de lã cobrindo-lhes as pernas; nos pés, a rude manufactura dos sapateiros d'Alfama mas onde ás vezes se via a larga fivella de metal branco, sobretudo nos dias de festa, quando se juntavam abandonando o chafariz, ao pé da velha cancella verde do passeio, nos degraus do largo de S. Domingos ou então vadiando regaladamente pela Ribeira ou pelo Terreiro do Paço.

Foi então, durante as luctas liberaes e absolutistas que todos os gallegos de Lisboa se tornaram de extranho amor por D. Miguel. Eram todos ferrenhos admiradores de S. Miguel Archanjo. Quando elle adoecia havia prantos em todos os chafarizes; ao melhorar, agaves sem limite. Foi por isso que n'uma d'essas ultimas manhãs d'abril, na franca convalescença do rei, resolveram uma festa religiosa na ermidinha dos Terramotos, galante até ás unhas. Uma commissão do aristocratico chafariz do Rei organisou a homenagem e a festa foi, realmente, magnifica: muita alegria estrondosa, foguetes, urros, sermão, missa cantada. Foi em 29 d'esse tépido abril que, por esse motivo de peso, Lisboa não teve agua; até mesmo a fidalguia, essa fidalguia tão grata aos lisboetas, soffreu um eclipse momentaneo. Não houve freitos. Apesar dos avisos, as donas de casa, pouco ao facto da fé politica dos aguadeiros, não tinham prevenido de vespera. Não houve sedições, mas os pedidos ferveram. Um barril d'agua valeu, n'aquellas horas bemditas, muito perto d'um cruzado; os marialvas, porém, foram incorruptiveis. Um barril. Não? Nem um annel, nem mesmo uma penna. Como era possivel vender uma gôta d'agua, se quer, n'aquelle dia excelso em que se celebravam as melhoras de tão formoso rei! Ali estavam, por exemplo, quatro patifes do chafariz da Esperança, pensativamente empoleirados sobre os seus barris verdes, tratando de arear com rapidez os botões de metal de quatro inconfessaveis jalecas. E no entanto, nenhum d'esses vandalos subiria uma escada n'esse momento solemne. Era assim.

Já estralejavam foguetes junto á ermidinha dos Terramotos; um grande magote reuniu-se perto, no chafariz das Janellas-Verdes, defronte do palacio que foi depois, o da Imperatriz-duqueza; pelo convento dos Marianos, a Alcantara, passavam festivamente ás duzias, aos bandos, divorciados do barril, muito lépidos, com os bordados brancos brilhando nos folhos frias, enrolados como cordas ao longo das costas aliviadas. Ao voltar das esquinas um grupo chocava outro, dois chafarizes encontravam-se. As companhias fraternisavam em magna copia d'alarido, perante Lisboa sequiosa, embasbacada, julgando incrivel aquillo tudo. Outro grupo, maior, passou, levando á frente uma pobre velha mentecapta, quasi hemiplegica, a «velha do passarinho do atirador», um typo popularissimo da rua, andrajosa, hedionda de lixo, um pobre diabo, mas com a crista tão feroz, uma tal expressão diabolica que lembrava aquelles monstros de face humana que, nas ruas de Paris conspurcaram o cadaver da princeza de Lamballe. Tinham-n'a ido buscar a um antro da rua do Machadinho onde a visinhança a vigiava d'ello. E foi tambem para os Terramotos com os seus bons amigos aguadeiros, já prodigiosamente embriagada ás dez horas da manhã, talvez sem ainda ter mettido na bocca um pedaço de pão.

A bica da Ribeira das Naus, na sua maxima força, trepou, em seguida, pela encosta da Fonte Santa. Esses teimaram em levar os barris mas, ao longo das adufas, ornamentaram-n'os com toda a especie de flores campestres, malmequeres, papoulas e muita herva da-fortuna roubada pelos quintaes, aqui e acolá. Os barris iam cheios—mas de vinho, o que deu logo uma rija animação áquelles solitarios ermos do alto dos Sete Moinhos. Dez mil gallegos rodearam a ermida, ululáram festejando o rei com libações desmesuradas. Um padre expediu celeremente uma missa—mas na capela só tinha penetrado a commissão promotora: um capataz e trinta e trez gallegos do chafariz do Rei. A multidão, resmungando assistiu fóra. A funcção religiosa descaíu em funcção bacchica, volveu-se n'uma merenda animada. Perto do meio dia, irrompeu d'improviso a força publica; a companhia da Ribeira das Naus conservava ainda os seus barris—mas vasios, de forma que a agitação cresceu, rumurejou, transformou-se em desordem, uma Babel de gritos ferozes, de ameaças inconcebiveis. E os senhores aguadeiros foram surrados com pancadaria por ordem do regedor do bairro da Madragôa. Tão placida demonstração acabou n'um tumulto de desastre; aquella extraordinaria festa custára aos gallegos uma sova e duzentos e tantos n'elles mil réis. Nessa m'esma noite, em virtude da orgia matinal, a velha do passarinho do atirador, fundamente paralytica, completou a sua hemiplegia. Regressou á rua do Machadinho, tolhida de todo e Lisboa deixou de a vêr á porta da Loja do Hespanhol, no largo do Camões, seu poiso habitual.

(Do livro em preparo «Lisboa antes da Regeneração».)

Mario d'Almeida

Migalhas

O plano

Encontrei hoje o nosso Praxedes amarello como uma cidra. Attribuí o caso á commoção causada n'esse Lusiada por se ver subitamente provido de uma marinha mercante de tão avantajado numero de toneladas.

Mas elle explicou-me tudo. Ainda não estava reposto da impressão que lhe fizera o ler nas gazetas da manhã o plano dos que pretendiam estabelecer em Lisboa a communa.

—Pois será possivel que n'uma cidade como esta, tão apparentemente pacata, se organisem programmas d'aquelles? Pois será possivel que entre esta gente que eu encontro todos os dias, mourejando com um ar inoffensivo, existam espiritos capazes de gisar aquelle plano de horrores, de alliciar os seus executantes, de fixar os seus detalhes de saque e de morte, como quem organisa o articulado de um programma de festejos?

—Tanto existem que elles apparecem. Esta cidade como todas as outras é um mysterio. Tem uma face e uma alma. Pode sorrir no seu aspecto e occultar no seu fundo tragedias apavorantes. Não ha nada mais enganador do que os nossos olhos e, por nosso mal, nem as paredes são de vidro, nem temos, como o Diabo coxo, poder para levantar os telhados e espreitar o que se passa no silencio das mansardas. Nunca lhe succedeu chegar a um alto, espraiar os olhos pela infinidade de casas da encosta fronteira e perguntar a si proprio o que se estará passando em cada uma d'essas habitações? Pois, por muito grande que fosse a sua imaginação, ficaria muito áquem da verdade o que a sua phantasia lhe suggerisse. Não tem limites as modalidades dos sentimentos humanos e, nos tempos que vão correndo, os maus sobrelevam os bons. E depois —coisa inacreditavel para os que jantam todos os dias — ha fome, ha muita fome em Lisboa. Isso não é preciso phantasial-o ou adivinhal-o. Vê-se só com os olhos. E que quer que façam os que teem fome senão scismar em comer? Comprehendo que a leitura d'esse plano terrivel o puzesse amarello; mas se elle o atemorisa, não deve extranhal-o. Elle é mais uma expressão concreta, raciocinada do que muitos milhares de séres teem sentido e sentem por esse mundo sem se atreverem a pensal-o. E' uma miragem baseada na mais positiva de todas as realidades. E' o problema que tem uma equação sem ter resolução e uma ameaça que ha de durar tanto como os seculos e que nós, felizmente, só vemos de quando em quando.

André Brun

O grandioso festival wagneriano no Republica

Maria Judice da Costa e Pedro Blanch

O 5.º concerto de assignatura da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo no theatro Republica, é dedicado ao grande Ricardo Wagner, commemorando o anniversario da sua morte. E' um concerto assombroso, pois que, alem de reunir as mais notaveis composições wagnerianas, algumas em 1.ª audição e novas para nós, conta com a collaboração da distincta cantora Maria Judice da Costa, a illustre interprete wagneriana, que cantará uma das mais bellas paginas do grande mestre, a «Morte de Isoldas».

A orchestra entre outras obras executa pela ultima vez a formosa «Marcha funebre de Siegfried» e a brilhantissima «Cavalgada das Walkyrias», os dois extraordinarios successos da orchestra Blanch.

Os preços não são alterados, sendo os habituaes dos outros concertos symphonicos.

O brilhantissimo Carnaval no Republica

Se a nota alegre, a nota elegante, foi sempre dada pelas festas de Carnaval no antigo theatro da Republica, este anno essas festas attingirão um grande brilhantismo, pois que o novo theatro se presta como nenhum outro, com a sua linda sala, o «foyer», o jardim de inverno, tudo com artisticas illuminações electricas á côres, para os bailes, que hão de dar brado este anno. São cinco espectaculos alegres e cinco bailes de mascaras os de este anno, como é costume, no theatro da Republica, e serão, sem duvida, o ponto de reunião elegante de toda a Lisboa que se diverte. A plateia é giratoria com as cadeiras, o que permitte arranjar a sala para o baile em um quarto de hora.

Uma artista discutida

Hontem perto das 6 horas da tarde, ou das 18 horas, como agora se diz, descia eu pachorrentamente a calçada da Gloria, quando, quasi ao fim, vejo uma enorme multidão que sahia de duas largas portas. De um amigo, que o acaso me fez encontrar, inquiri d'onde vinham tantas senhoras pois que o elemento feminino se fazia representar em larga escala, n'essa enorme massa e soube que sahiam d'uma das «matinées» que o Salão Foz costuma offerecer todos os quinze dias aos frequentadores da sua casa de espectaculos. Dois dedos de conversa ao amigo, a apreciação sobre uma ou outra cara bonita que apparecia e ahi vou seguindo o meu caminho atravessando uma multidão compacta.

Não sou curioso, mas ás vezes, interessam-me as conversas das senhoras e eis porque prestei toda a minha attenção a um dialogo travado entre duas senhoras que me pareceram mãe e filha.

A primeira, com um ar um pouco severo, dizia: «Não, não acho correcto; é uma artista bem o sei, mas o decôro devia-a obrigar a não se apresentar assim».

Era das taes conversas que me interessavam e, até com uma certa imprudencia, approximei-me mais; não queria perder uma palavra do que essa cara linda, porque o era, diria em resposta á que eu julgo ser sua mamã. Não perdi o meu tempo porque a resposta foi em cheio:

«—Não acho correcto, dizia a nossa cara gentil, um pouco afogueada, porque a contrariavam nas suas ideias, mas esquece-se de que é uma artista que executa danças regionaes e que para bem as executar tem que trazer os seus trajes caracteristicos. E, depois, em que acha falta de decoro? Em vir descalça não; se é por vir tão decotada não é de estranhar. Em todos os theatros se vê o mesmo coisa entre artistas e espectadores.»

Não pude ouvir mais porque a minha presença tinha sido já notada. Affasteime sorrateiramente com a tenção formada de ir á noite ao Salão Foz ver essa artista que tinha occasionado a discussão.

Como me «cheirava» a coisa, fui para as primeiras filas. Mais de perto melhor se poderia apreciar. Passados os «films» appareceram-me 8 bailarinas interessantes, todas vestidas de branco e que executaram com uma certa correcção e com bastante graça o bailado das horas da Gioconda. Depois um duetto em que elle cantou o «Barbeiro de Sevilha» e ella o «Rigoletto»; devia ter sido bem cantado, porque as palmas foram muitas. Por fim veiu a tal bailarina, que o programma que á porta me entregaram, dizia chamar-se Nelly-Nell, apresentando-se como bailarina excentrica.

Na verdade assim é: excentrica nas suas danças, nas suas canções e na sua forma de vestir; mas de uma excentricidade agradavel; as suas danças são cheias de rithmo; as suas canções são ditas com immensa graça. Para a fórma de vestir é que eu mais reparei, e nada vi que podesse ter occasionado os taes protestos que de tarde tinha ouvido. Não ha duvida nenhuma minha senhora de cara linda. V. ex.ª tinha muita razão; nada ha de censuravel n'essa Nelly-Nell. O veu com que se exibe vê-se em todas as nossas revistas com a grande vantagem de não se ouvir o que n'estas se ouve.—J.

A sorte grande

A sorte grande de hoje coube ao n.º 5080. O Bilhete foi todo vendido no Travassos, rua dos Poyaes de S. Bento, 57-59.

Reclamações operarias

Uma commissão de operarios da Companhia das Aguas de Lisboa e outra dos fragateiros de Villa Franca de Xira voltaram hoje a procurar o sr. governador civil, a fim de tratarem da melhoria de salarios para as suas classes, ficando o chefe do districto de estudar o assumpto

Capitão Antonio Simas

O seu funeral

Como noticiámos, realisou-se hoje o funeral do capitão commandante do 3.º esquadrão de cavallaria da guarde republicana, aquartelado em Alcantara, sr. Antonio Simas, que ante-hontem falleceu n'um quarto do hospital de S. José, em resultado das lesões que recebeu por occasião do seu cavallo ter tomado o freio nos dentes quando passava pelo Calhariz. O funeral foi uma sentida manifestação de pesar. O exercito e a armada fizeram-se representar largamente. O caixão, de velludo, estava deposto sobre uma eça e coberto com a bandeira nacional, vendo-se sobre elle as seguintes corôas:

Grande fila de trens com os convidados; uma fila aberta de soldados da guarda republicana, armão com as corôas e o caixão, o cavallo do extincto coberto de crepes e conduzido por um soldado, soldados, cabos, sargentos e musicos de todos os corpos da guarnição e da armada, civis, etc e por ultimo todo o esquadrão de cavallaria a que o finado pertencia e uma força de infantaria fazendo a guarda de honra. Entre a numerosa assistencia vimos os srs.:

General Carvalhal, commandante das guardas Republicanas e seu ajudante, 2.º tenente Almeida Ribeiro, representando o commandante do corpo de marinheiros, tenente Ochôa, representando o sr. commandante da policia, capitão Costa Santos, representando o general commandante da 1.ª divisão militar, senador Mello e Simas, tenente coronel Paulino Andrade, tenentes José Albuquerque, Ernesto Joaquim Feio, Barbudo, Paula Pacheco, Amorim e Fão, capitães José da Costa, Gomes da Silva, Carrão d'Oliveira, Sousa Sarmento, Nunes de Carvalho, coronel Pedroso de Lima, alferes Moreira Vidal e Manso Preto, etc.

O capacete e a espada do extincto eram levados pelo tenente sr. Sangremman Henriques.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

5080.....	12:000$
498.....	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
8116	400$	2465	100$
301	200$	2578	100$
4877	200$	4117	100$
16	100$	5044	100$
102	100$	6211	100$
838	10 $	6977	100$
1526	100$	8293	100$
2345	100$		

Exposição Sousa Pinto

O chefe do Estado faz ali uma nova visita

Cerca das 16 horas, o sr. dr. Bernardino Machado, que se fazia acompanhar pelos dois secretarios, visitou novamente a exposição de pintura do sr. Sousa Pinto. A' entrada da Sociedade Nacional de Bellas Artes, aguardavam o chefe do Estado, alem do expositor e seu filho, que é tambem um artista de grande merecimento, os srs. Rozendo Carvalheira, Adães Bermudes e Costa Motta Sobrinho.

Pela segunda vez o sr. dr. Bernardino Machado admirou detidamente todos os trabalhos expostos, adquirindo o quadro 173, *A' espera da mãe*, um delicioso pastel que tem merecido as attenções de todos os visitantes, quer pela admiravel execução, quer pelo encanto do motivo artistico.

Tambem visitou a exposição a esposa do chefe do Estado, acompanhada por sua gentilissima filha D. Jeronyma e seu filho Domingos Machado.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

MARIO DE ALMEIDA

Este distincto academico hespanhol teve a gentileza de com os seus affectuosos cumprimentos nos enviar os exemplares da sua conferencia «Impressiones de Portugal» na Real Academia de Jurisprudencia e a dedicada á União Internacional do Seguro, no Instituto de Coimbra. O trabalho do illustre academico sahiu em edição hespanhola e n'outra franceza e do seu valor ocioso seria falar, pois que já a elle se fez larga referencia.

Resta-nos apenas agradecer a gentileza do auctor.

D. JOSE MALUQUER Y SALVADOR

Este distincto official do exercito e nosso prezado collaborador, a quem uma impertinente doença forçára a afastar-se não só do serviço, mas de todos os seus trabalhos litterarios, encontra-se quasi que por completo restabelecido, voltando já hoje a honrar-nos com a sua collaboração. Folgamos com as melhoras do illustre official.

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel de Inglaterra, assistiram: mesdames Mimoso Guedes Brandão de Mello, Cats, D. Isabel de Queiroz Guedes, Brito e Vasconcellos, Briant, Rochet e filhas, Elise Thumann Vilma, D. Elvira Lopes Coelho, D. Maria Mathilde Cepeda, D. Ermelinda Cepeda, Fuld, James, Cunha de Mattos, D. Laura Castro, Fernandes, D. Helene Nery, Albagli, Marie Laplasset e filha, Torres, Firth, D. Maria Irene, D. Maria das Neves, Couceiro Bastos, Betbeder, Goodal, Almeida Pinto, D. Sarah da Silva, e os srs. Virgilio Dias Rebello, Léon Appert, Victor d'Almeida, Pinto, José Maria dos Santos Elvas, Antonio Augusto dos Santos, Edouard Cochat, Augustin Briant, L. Rochet, Chastenet, Francisco Ribeiro Cepeda, Felisberto Cepeda, Hawkins, Epiphanio Fernandes de Sousa, Walther Fuld, Armindo Augusto dos Santos, José Sequeira, James, José da Cunha Mattos, José de Castro, José Fernandes, Albagli, dr. Jeronimo Rosado, Herberth Birket, Guelder, dr. Alfredo Torres, Maurice Kats, Couto dos Santos, dr. Barradas dos Reis, John Firth, Salomon Kats, Ricardo Garnier, Charles Goodall, Elisio da Rocha Romariz, Felemann Legendre, Henrique Pinto, Fito Carrière, Almeida Brandão, Mather, Frank Bulton, Manuel Paes do Couto e dr. Celorico Gil.

DE VIAGEM

Só amanhã chega ao Tejo o paquete «Frisia», onde embarcam para Inglaterra os officiaes do exercito srs. Oscar Monteiro Torres, Antonio de Sousa Maia e Lello Portella, que vão para Falmouth tirar o «brevet» de aviador. O sr. Oscar Monteiro Torres apresentou hoje as suas despedidas a todos os membros do governo.

O ORFEON DE CONDEIXA

E', como dissemos, ámanhã, que, pelas 21 horas, no vasto pavilhão escolar da Escola Academica, se realisa um serão constituido por numeros do orpheon de Condeixa, e com o concurso da orchestra da Escola Academica, dirigida pelo illustre professor sr. A. Eduardo Ferreira.

A Escola Academica ha muito que protege a pequena Escola Industrial de Condeixa, para quem reverte todo o producto da festa, cujos bilhetes de entrada podem ser pedidos na séde da Escola durante o dia de ámanhã.

A direcção da Escola Academica com esta festa de beneficencia, dá mais um exemplo dos principios altamente educativos e generosos que constituem toda a sua bella tradição de educadora moderna.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 3/4	36 5/8
Londres, 90 d/v.	37 1/4	—
Paris, cheque	$69,5	$70
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$57	$58
Madrid, cheque	1$29,5	1$31,5
Suissa, cheque	$78,5	$79,5
Italia, cheque	$60	$63
New York	1$36,5	1$37,5
Rios/Londres	11 3/4	—
Libras	6$60	6$70
Agio do ouro	36 %	43 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	—	38,95
» » 500$	—	39,15
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0, 9$50; 4 0/0 1888, 22$70.

Externas: 1.ª serie 74$60 e 3.ª 76$70 Divida de Angola 57$.

Acções: Aguas 92$80; Assucar 46$; Ilha do Principe 219$; Phosphoros, coup. 57$50.

Obrigações: Ambacas 96$30; Caminho de Ferro de Benguella tit. 1, 81$80 e tit. 5, 79$70.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o projecto sobre o imposto de consumo no Porto

A acta só é approvada ás 15,25. Do governo está presente o sr. Azevedo Coutinho. O presidente que é o sr. Godinho, propõe que na acta se lance um voto de sentimento pela morte do pae do sr. Godinho do Amaral. E' approvado. O sr. Vasco de Vasconcellos insta para que se marque o dia em que ha de realisar-se uma sua interpelação, annunciada ao sr. ministro do interior. O sr. Eduardo de Sousa, em negocio urgente, quer occupar-se do abalroamento, no Tejo, entre o «Vasco da Gama» e um vapor de carga. A Camara não reconhece a urgencia. O sr. Ribeira Brava manda para a meza um projecto de lei concedendo certas garantias aos arrendatarios de predios rusticos na Ilha da Madeira. O sr. Eduardo de Sousa, que obtem, emfim, a palavra, occupa-se do caso do abalroamento já citado e trata da situação do sr. Leotte do Rego, como commandante da divisão naval, considerando-a illegalissima O sr. ministro da marinha responde que o sr. Leotte do Rego é commandante da divisão naval por ser o official commandante dos navios que a compõem mais antigo. Quanto ao caso do abalroamento, informa a Camara de que na Capitania está a levantar-se um auto, pelo qual, ao que lhe consta, se averiguará, que do facto alludido não pertencem ao sr. Leotte do Rego responsabilidades de nenhuma especie. O sr. Eduardo de Sousa replica lendo varios documentos referentes á situação do sr. Leotte do Rego, figurando entre elles um pedido de demissão, dirigido ao sr. José de Castro, que o deferiu, não tendo sido ainda annulado esse despacho. Alude ainda ao caso do sr. Leotte do Rego fazer frequentes conferencias publicas, e pergunta se lhe assiste o direito de as fazer. O sr. ministro da marinha volta a responder que, pelo que respeita aos documentos officiaes lidos pelo sr. Eduardo de Sousa, nada tem com elles, por serem da auctoria do sr. dr. José de Castro, e quanto ás conferencias, acha que o commandante da divisão naval tem, como deputado, todo o direito de as fazer. Aproveita a occasião para fazer ao sr. Leotte do Rego um caloroso elogio, visto esse official ser dos mais conhecedores e distinctos da armada portugueza.

Na ordem do dia, continua a discussão sobre o imposto de consumo no Porto. O sr. Angelo Vaz defende o projecto. O sr. João Gonçalves ataca-o.

Os srs. Azeredo Antas e Carvalho Mourão atacam o projecto por elle ir prejudicar profundamente a viticultura do Douro.

NO SENADO

Approva-se o projecto da mobilisação das industrias

A's 14,30, o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada. Estão presentes 27 senadores. Approva-se a acta, lê-se o expediente, abre-se a inscripção para antes da ordem do dia.

O sr. Lima Duque, referindo-se ao livro do sr. Fraga Pery de Linde, recentemente publicado sobre bibliographia tachigraphica, manda para a meza uma proposta para que d'essa obra sejam adquiridos alguns exemplares para os alumnos da escola official de tachigraphia parlamentar, pois se trata d'uma obra notavel no seu genero.

O sr. Vicente Ramos insta por documentos que requereu ao ministerio da guerra. Por documentos pedidos clamam tambem os srs. Teixeira Rebello e José Maria Pereira.

O sr. Paes Abranches trata das más condições da aula de tachigraphia e propõe a sua mudança para uma sala melhor Depois, mais uma vez pede agua fervida para os senadores, respondendo o sr. presidente que a commissão administrativa já mandou ferver a agua.

O sr. presidente communica que o sr. Paes Gomes, ausente, tem duvidas sobre a ultima redacção do projecto dos quadros dos governos civis, pois não sabe se o seu artigo 8.º foi approvado ou substituido. Consulta a Camara sobre se confirma a approvação d'esse artigo do projecto.

A Camara confirma.

O sr. Teixeira Rebello pede providencias para a carestia dos generos no districto de Villa Real, onde o milho falta e o bacalhau está pela hora da morte. Pede que se mande para lá uma certa especie de peixe, de Mossamedes, que confessa ser mais saboroso do que o bacalhau. Os animos estão muito exaltados, porque a fome não tem lei. E preciso acudir aos povos do districto de Villa Real.

O sr. ministro diz que conhece a crise de subsistencias nos concelhos de aquelle districto. Tem sido difficil abastecel-os, mas o governo está resolvido a tomar todas as medidas para o conseguir, com as faculdades de que está armado pelo parlamento.

Passa-se á ordem do dia: o projecto da mobilisação das industrias.

O artigo 2.º, que hontem ficára por votar, é approvado como está no projecto.

O artigo 3.º diz que a indemnisação será paga ao proprietario, pelo prejuizo soffrido em cada anno.

E' approvado com uma emenda do dr. Pedro Martins esclarecendo que esse pagamento será feito ao proprietario, ou ao industrial.

O mesmo senador analisa largamente o artigo 4.º, sobre a forma de constituir a commissão encarregada de fixar a indemnisação, atacando-o, porque elle não diz quaes serão os criterios para tal fixação.

O sr. Antonio Arez apresenta uma proposta com respeito á constituição das commissões nas provincias ultramarinas, respondendo o sr. ministro do fomento que o governo não tenciona applicar esta lei ás colonias. Foi depois approvado o artigo com uma emenda ligeira do sr. Simão José, sobre a entidade encarregada de nomear a commissão, que será o presidente do Tribunal do Commercio de Lisboa ou Porto.

O artigo 5.º teve uma pequena emenda; os 6.º e 7.º foram approvados sem emendas; approvou-se um artigo novo, do sr. Pedro Martins, dizendo que esta lei não é extensiva ás colonias; uma emenda elevando a 5 os membros da commissão de fiscalisação das industrias mobilisadas, e, por fim, ficou o projecto approvado.

Approva-se depois sem discussão um projecto concedendo pensões de sangue ás victimas da aviação militar.

A proxima sessão é na segunda-feira.

THEATROS

Na bilheteira do theatro Nacional já está aberta a assignatura e começou a venda avulso para as quatro esplendidas recitas, seguidas de deslumbrantes bailes que vão effectuar-se nas noites de 4, 5, 6 e 7 de março, os quaes devem exceder, em brilhantismo, quantas festas carnavalescas se teem effectuado em Lisboa, pelas suas numerosas e valiosas attracções.

NOTA POLITICA

A sessão da Camara

Umas perguntas do sr. dr. Eduardo de Sousa e a resposta do sr. ministro da marinha

O sr. dr. Eduardo de Sousa manifestou ha dias na Camara um grande empenho em conhecer pormenores sobre o incidente do vapor norueguez que tocou no «Vasco da Gama». Estava presente o sr. ministro das colonias que prometteu transmittir o desejo d'aquelle deputado ao seu collega da pasta da marinha, accrescentando que não lhe constava que se tivesse passado algum acontecimento importante com aquelle couraçado. Hontem, o sr. dr. Eduardo de Sousa, antes de se encerrar a sessão pediu ao sr. ministro da marinha que comparecesse na sessão de hoje, antes da ordem do dia, para novamente se occupar do assumpto.

De facto, hoje, na presença do sr. Azevedo Coutinho, o sr. dr. Eduardo de Sousa voltou a repetir a pergunta que já tinha formulado dias antes, rodeando-a de certas considerações que julgou apropriadas. O que tinha acontecido com o «Vasco da Gama», que era feito do vapor norueguez, como tinha decorrido o incidente, que incidente tinha havido, se fôra o «Vasco da Gama» que tocára no vapor norueguez, se fôra o vapor norueguez que tocára no «Vasco da Gama, etc., etc.

Tudo isso pelo grande interesse que o sr. dr. Eduardo de Sousa consagra á marinha portugueza e em especial ao «Vasco da Gama», onde esteve preso depois da revolta de 31 de janeiro, pertencendo ao tempo o sr. Leotte do Rego á officialidade da guarnição d'esse navio. Pode o leitor estranhar que o sr. dr. Eduardo de Sousa, com todo o seu amor pela marinha portugueza, queira saber o que aconteceu com o «Vasco da Gama» e o vapor norueguez, quando toda a gente sabe, porque os jornaes o noticiaram, que *nada aconteceu ao «Vasco da Gama»* e nunca manifestasse o mesmo sobresaltado desejo em saber o que tinha acontecido ao cruzador «Republica» quando chegaram as noticias do seu encalhe.

Mas o sr. dr. Eduardo de Sousa não se occupou só d'esse facto. Quiz tambem saber como se explicava a situação do sr. Leotte do Rego no commando da divisão naval, classificando-a de manifesta illegalidade. O sr. ministro da marinha, em poucas palavras, satisfez completamente os desejos d'aquelle deputado, fornecendo-lhe as elucidações de que elle carecia. Quanto ao incidente com o vapor norueguez, não tinha recebido ainda informações officiaes. Extra-officialmente, estava informado de que nenhuma responsabilidade cabia ao commandante do «Vasco da Gama». Sobre a sua situação de commandante interino da divisão naval, o sr. ministro da marinha lembrou ao sr. dr. Eduardo de Sousa que as situações interinas não são illegaes. Dão-se com frequencia tanto na marinha como no exercito. O sr. major general da armada, é interino; o sr. commandante do corpo de marinheiros é interino; o sr. segundo commandante do corpo de marinheiros é interino. Já via o sr. deputado Eduardo de Sousa que a situação do sr. Leotte do Rego não era excepcional. Fôra nomeado por um decreto commandante do «Vasco da Gama». Mais tarde, uma portaria creou a divisão naval e estabeleceu que o seu commandante interino fosse o commandante mais antigo dos navios de guerra incorporados na divisão. Era o sr. Leotte do Rego, que, por isso, assumiu aquelle commando.

Foram essas as decisivas razões que o sr. ministro da marinha apresentou, em resposta ao sr. dr. Eduardo de Sousa. Ha, porém, uma phrase d'esse deputado que não deve passar sem commentario. E' aquella em que o sr. dr. Eduardo de Sousa queria que o sr. Leotte do Rego fôsse á Camara «responder pelos seus actos». Essa estranha pretensão só póde derivar d'um equivoco ou d'um criterio errado. O sr. Leotte do Rego, official da armada, responde pelos seus actos perante os seus superiores. Não tem que dar ao sr. dr. Eduardo de Sousa nenhuma especie de satisfações. Pode, *se quizer*, expôr ou explicar os seus actos officiaes. Mas, *como obrigação*, só os ministros teem de responder ás perguntas ou ás considerações dos deputados. E o sr. Leotte do Rego, na Camara, não é commandante da divisão naval: é deputado. Exactamente como o sr. dr. Malva do Valle ou o sr. dr. Fernandes Costa, ali dentro, quando usam da palavra não o fazem, o primeiro, como commissario do Banco Ultramarino, nem o segundo como presidente da Junta do Credito Publico. Falam como membros da Camara, defendendo os legitimos interesses do paiz.

Noticias parlamentares

Queixou-se alguem por, na noite d'ante-hontem, estando a sessão prorogada e havendo tumulto, ter havido quem, da tribuna dos jornalistas, na Camara dos Deputados, se associasse aos mesmos tumultos, dando forte pateada. O facto é verdadeiro. Simplesmente aquelle que assim procedeu nem é jornalista nem frequenta habitualmente a galeria dos jornalistas. Vae para ali porque a presidencia lhe fez presente d'um cartão que lhe dá esse direito. Mais nada. Quem fez, pois, a tolice, que a remedeie, se lhe aprouver.

* * *

O caso do dia, o grande caso politico de S. Bento, foi o convite que os deputados da maioria receberam para não faltarem a uma reunião que hoje á noite se realisa na séde do directorio, e á qual devem assistir todos os que fazem parte do grupo Parlamentar Democratico. Esse convite era feito em cartões de visita do sr. presidente do ministerio e pelo proprio punho do sr. Affonso Costa redigidos. Segundo os convites diziam, na reunião deve tratar-se «d'um assumpto da mais alta importancia».

* * *

O regimento da Camara é expresso. Mas ninguem faz caso d'elle. A primeira chamada deve fazer-se ás duas horas. Uma hora depois, proceder-se-ha á segunda, e se não houver numero, não haverá sessão. Pois isto, que é claro, é tambem lettra morta, sobretudo, quando o sr. Godinho, com a sua immensa competencia, preside. Hoje, quando se fez a segunda chamada eram trez e um quarto. Foi o que valeu para que a confraria de legisladores, a quem o paiz paga em dia, conseguisse fingir que se occupava dos interesses d'esse mesmo paiz.

* * *

O projecto da geropiga, como já se lhe chama por S. Bento, emperrou. Já lá vão quatro sessões, que lhe foram retumbantemente congraçadas, e nada. Farta de geropiga e de verdasco, a Camara está na disposição de recorrer a meios extremos para lhe acabar com a raça. E assim, se a sessão não fôr, para isso, prorogada hoje, sel-o-ha na proxima segunda-feira, que é quando a embriaguez... de oratoria sublimada em honra do Porto, terminará...

* * *

Em o sr. Godinho presidindo é seguro!—não se percebe nem meia palavra do que se passa na meza. E' que sua senhoria fala com tal velocidade, confunde por tal maneira os sons ligeiramente articulados que lhe irrompem das cordas vocaes, que ficam todos ás aranhas, sem perceberem patavina. Hoje bradaram-lhe cá do baixo: «Mais de vagar, mais de vagar!» Mas em vão. O sr. Godinho continuou e a luz não se fez. Foi talvez por isso que antes da ordem, apezar das longas falas do sr. Eduardo de Sousa, tudo decorreu na santa paz do Senhor...

* * *

Os diplomados e alumnos da Escola Colonial fizeram distribuir por todos os membros do Parlamento uma reclamação, pedindo que antes de serem promulgadas as cartas organicas das provincias ultramarinas, sejam n'ellas garantidos todos os direitos que os cursos da mesma escola lhes concedem. A lei manda preferir para o provimento de certos cargos nas colonias, os diplomados com esses cursos. E' justo que essa regalia seja respeitada.

* * *

A commissão de administração publica, distribuindo o projecto de reforma da policia ao sr. Carlos Olavo, não abdicou, como se podia suppor, das suas attribuições. Quiz apenas escolher um relator competente, visto o sr. Adriano Pimenta, que foi o primeiro relator da mesma reforma, não poder, d'esta feita, desempenhar-se d'essa ardua incumbencia. Segundo consta serão muitas e profundas as alterações que o novo relator introduzirá no projecto que lhe foi confiado.

Officiaes de marinha que pedem mudança de situação

Já hontem noticiámos que os srs. capitão de mar e guerra Miguel Evaristo Teixeira de Barros e capitão-tenente Elisio Leitão Vieira dos Santos vão ser presentes á junta de saude naval, a seu pedido, para mudança de situação. Podemos accrescentar hoje que fez identico pedido, para o mesmo fim, o sr. capitão-tenente José da Cunha Rola Pereira. Os primeiros tenentes srs. Pedro de Gusmão e Judice de Vasconcellos apresentaram o seu pedido de demissão do serviço da armada.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje demoradamente o sr. ministro do fomento.

O commissario de policia do Porto conferenciou hoje com o sr. ministro do interior.

O sr. Caldeira Scevola, seguiu para aquella cidade no rapido da tarde.

Os acontecimentos

Effectuam-se mais tres prisões

Proseguiram hoje as diligencias policiaes acêrca do movimento a que ha dias nos vimos referindo.

Hoje de manhã foi presa a amante do Bernardino dos Santos, de nome Alice, moradora na rua Damasceno Monteiro, em casa de quem foi encontrado grande numero de bombas, armamento e outros objectos. Os dois foram mais tarde acareados um com o outro e depois com mais dois individuos. Bernardino dos Santos, embora lhe fosse levantada a incommunicabilidade no governo civil, recolheu á esquadra da travessa das Mercês, incommunicavel, e a Alice á do Pateo de D. Fradique, com ordem da mais rigorosa incommunicabilidade. De tarde o sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, esteve ouvindo o ex-relojoeiro Ribbas e pouco depois chamou o agente Bernardino Luiz a quem deu instrucções, sahindo este com alguns guardas.

Hoje foram presos José Borges e Manuel Perdigão, os quaes depois de pouca permanencia no governo civil foram mettidos no «camion» da policia com destino desconhecido. Hoje appareceu nos corredores uma ordem-aviso participando que só por ali podem transitar as pessoas em serviço.

A questão das carnes

Alguns talhos continuaram sem poder servir os clientes—Uma reunião de negociantes de gado lanigero

Foram hoje abatidas no Matadouro para o consumo dos talhos municipaes 10 rezes e 26 carneiros.

A'manhã já se deve sentir novamente a falta de carne visto os talhos terem hoje ficado completamente limpos.

Em virtude dos creadores não terem aceitado as propostas dos marchantes, esta situação deve manter-se por algum tempo, aguardando os marchantes nova remessa de gado dos Açores para fornecerem os seus talhos, visto o gado das ilhas lhes não dar tantos prejuizos.

A nova remessa deve chegar a Lisboa depois de 24 do corrente.

N'alguns talhos, logo ás primeiras horas da manhã a carne havia desapparecido, havendo freguezes que se forneceram para dois e tres dias. Alguns talhos, porém, não vendiam senão uma certa quantidade a cada freguez.

De A. S. Ligo; dos cabos e soldados do 3.º esquadrão de cavallaria da guarda republicana; dos seus amigos Serrão de Carvalho e José de Serpa; dos seus desolados paes e queridos filhos; dos officiaes da guarda nacional republicana; dos sargentos e e ... da mesma guarda e ramos de flores naturaes. Pouco depois das 15 horas, quando a assistencia era já bastante numerosa, organisou-se o cortejo funebre, que, sahindo da capella, atravessou os corredores e o jardim até á porta principal onde estava o armão a duas parelhas com as corôas e ramos. Seguidamente o cortejo funebre seguiu para o cemiterio, organisado da seguinte fórma:

Os negociantes de gado lanigero reuniram hoje, a fim de apreciarem a questão, pois que os marchantes de ferros tentam organisar um monopolio obrigando-os a entregar-lhes o gado que possuimos e que comprarem de futuro, para ser dividido por uma commissão que os marchantes organisaram.

Sobre o assumpto falaram varios negociantes, resolvendo irem até aos poderes publicos a fim de que essa commissão não seja possuidora do gado e poder haver a liberdade, como até aqui, dos carneiros serem abatidos no matadouro dos concelhos de Loures, Oeiras, etc.

Foi votada uma moção de protesto, pela forma como alguns marchantes nas suas reuniões teem tratado a classe, assim como pelo pouco escrupulo que dizem que alguns *chanfaneiros* teem tido, o que representa uma afronta ás proprias auctoridades da fiscalisação. Foi resolvido não trem ao mercado de gados entregar o gado em quanto não existir a liberdade de commercio como até agora.

A grande guerra

A Allemanha e os navios mercantes armados

LONDRES, 11—O «Daily Mail» diz que a Allemanha dirigiu uma nota aos Estados Unidos annunciando-lhes que a partir de 1 de março proximo, considerará os navios mercantes portadores de canhões, como navios belligerantes, e que procederá para com elles n'essa conformidade. —*(Havas)*.

O ministro da guerra americano demitte-se

WASHINGTON, 11.—O sr. Garrison, ministro da guerra deu a sua demissão em consequencia da opposição de uma grande parte da maioria das duas camaras á creação de um exercito similar ao do continente. O presidente Wilson acceitou-lhe a demissão.—*(Havas)*.

Na frente italo-austriaca

ROMA, 10—Official. Repellimos um pequeno ataque ao norte de Mori e a tentativa de escalada do primeiro cume do massiço de Tolana; um destacamento inimigo cahiu no precipicio.—*(Havas)*.

A lucta no theatro occidental

PARIS, 11. — Communicação official das 15 horas:

Durante a noite não se deu facto algum digno de menção.—*(Havas)*.

Inglaterra e Portugal

O sr. Asquith offereceu um almoço ao sr. Teixeira Gomes

LONDRES, 11.—O primeiro ministro sr. Asquith, offereceu hoje um almoço em honra do ministro de Portugal sr. Manuel Teixeira Gomes com quem conversou demoradamente.—*(Corresp.)*

Pierpont Morgan

LONDRES, 11.—Chegou o sr. Pierpont Morgan.—*(Havas)*.

O centenario d'um bispo illustre

Encerra-se hoje o Congresso catholico do Algarve

FARO, 11.—As sessões realisadas hontem á tarde e á noite foram imponentes. Hoje houve missa pontifical, commemorativa da apparição de Lourdes. De manhã houve communhão a mais de 2.000 pessoas, prégando o rev. conego dr. Correia da Silva, do Porto.

Ao Evangelho, da missa pontifical, prégou o rev. conego de Lisboa dr. Joaquim Pontes.

Os actos religiosos terminaram pelas 15 horas, seguindo-se um almoço offerecido pelo bispo do Algarve ao clero e representantes da imprensa catholica. O Congresso termina hoje de tarde com novas solemnidades religiosas. A concorrencia foi de cêrca de 3.000 pessoas.

SPORT

Homens d'edade, façam gymnastica...

(Cartas a um velho amigo)

Não se preoccupem com o exemplo de certos athletas que morrem cedo...

Meu caro Cesar.—Volto ao assumpto de hontem. E' preciso que os homens de certa edade, os de mais de 40 annos, pratiquem os exercicios physicos. Ganham vigor physico, mantem energia e guardem a saude.

Alguem que leu a minha carta de hontem, veio contradital-a em parte, dizendo que o exercicio physico não era tão maravilhoso que não désse terriveis consequencias. Citou-me os tristes casos das mortes prematuras dos phenomenos hercules John Grüm e Luiz Cyvo este, talvez, o homem mais forte que appareceu no mundo nos ultimos 50 annos. As citações d'esses dois hercules lembram que elle as leu em revistas athleticas. Mas, certamente, se leu devia tambem ler as considerações que justificavam as mortes. Um morreu porque era um alcoolico, outro morreu porque era um «renal». Ambos faziam esforços violentos, incompativeis com a força humana.

Faziam esses esforços quasi todos os dias, sempre com pesos maximos. Ambos eram vaidosos da sua força muscular. Gastaram-se, cançaram-se e mataram o seu organismo.

Mas, contrariando estes exemplos, não temos outros e magnificos de extraordinaria longevidade athletica? Sim. Cito o d'um homem que tanto como os dois hercules, alcançou notoriedade mundial. Refiro-me ao inglez Donald Dinnie. Com 81 annos, é ainda um robusto athleta e um homem saudavel. Praticou desde creança todos os «sports» mas nunca se esforçou para se «especialisar», embora com esse methodo realisasse «performances» de que poucos são capazes. Tu e eu tambem conhecemos magnificos exemplos portuguezes. Lembras-te do respeitavel socio do Gymnasio, o sr. Eugenio Pirès? Tem 70 annos e uma bella musculatura. Tem tambem esplendida saude. Todos os annos me presenteia com um excellente retrato em que se desenham o vigor e as imponentes linhas musculares do seu braço direito. Continua trabalhando agora como trabalhava ha 30 annos! Serve-se d'uma regua e d'um alter pequeno para manter o volume dos seus biceps e triceps. Como elle, o coronel Avelar Telles, o athleta Francisco Loreto, são ainda rijos, energicos e saudaveis.

Não resta duvida, que os cuidados de hygiene e os exercicios physicos metodicos e não excessivos são excellentes para os homens de certa edade.

Quando cooperei na organisação do primeiro campeonato internacional de lucta, fiquei admirado que Paul Pons mal terminava os seus combates se fizesse «massar» pelo velho Limousin, sobre uma mesa comprida que havia no palco do Colyseu. O trabalho durava, em geral, doze minutos. Uma vez, perguntei-lhe:

– Porque é que você, ó Pons, faz esta massagem?

– Para prolongar a vida mais alguns annos.

Assim devia ser. O velho campeão do mundo, embora n'esse tempo annunciasse nos cartazes que tinha só 45 annos já passava, em verdade, dos 58 annos! E era forte, extraordinariamente vigoroso, ainda capaz de sustentar um desafio «á la bourre» contra qualquer luctador mais novo. Com elle vinha o velho Limousin e n'essa epocha estava em Lisboa o celebre Gambier, e o qualquer d'elles, podiam fazer-se as mesmas considerações. Eram velhos que valiam mais, mesmo muito mais, que os novos. E mantinham o seu vigor physico, porque se exercitavam muscularmente, sem cahir em exaggeros, sem desregramentos de hygiene. Não são estes exemplos bem comprovativos? São. E foram os que apresentei ao amigo que pretendeu contradictar-me.—*I. P.*

Notas do dia

O incidente no «foot-ball»

Havia curiosidade em saber o que hontem resolvia a direcção da Associação de Foot-ball. A curiosidade justificava-se porque se solucionava o incidente tão discutido nos ultimos tempos que levou o Sporting a abandonar o campeonato de Lisboa e o Imperio e o Internacional a solidarisar-se com elles.

Ainda não temos em nosso poder o «communicado official», mas já conhecemos o esboço, que é sufficiente para informar que os directores da Associação de Foot-ball resolveram:

—Approvar uma moção que apreciava e lamentava o incidente.

—Accusar a recepção do officio de renuncia do Sporting Club de Portugal, de resto desnecessario para a acção geral d'expediente» porque toda a direcção do club, tinha na quasi totalidade dos seus membros, declarado a desistencia em reunião da Associação.

—Continuar os campeonatos como até aqui em todas as cathegorias e continuar á frente da Associação.

—Ir preparando os desafios da «Taça de Honra» e campeonato escolar.

Sendo assim...

Como os trez clubs mantém a sua desistencia, o campeonato de Lisboa póde considerar-se terminado, com a victoria do Sport Lisboa e Bemfica, occupando o logar de segundo o Lisboa Foot-ball Club, coisa que ninguem futurava.

O «sport» ganhou?

Não, evidentemente, embora o Sport Lisboa e Bemfica tenha o proposito de preencher os domingos em que devia jogar com desafios contra estrangeiros, facto louvavel, que terá imitação d'outros clubs mesmo d'aquelles que desistiram do campeonato. Mas a verdade é que o torneio nacional falhou e tristemente...

Diz a Associação que ha indisciplina e que se torna necessario que os regulamentos estatuaes sejam respeitados. Uma e outra affirmativa são verdadeiras mas no caso presente, teem pequenissima «base» porque se houve indisciplina, garantem os delegados dos clubs que foi «sem má fé» e «sem proposito formado de desrespeitar a Associação e os regulamentos», a que sempre se submetteram.

· · ·

Um programma de excepcional arrojo d'um club de foot-ball

Leiam e admirem-se.

A direcção do Sport Lisboa e Bemfica, no desejo de effectuar desafios internacionaes de «foot-ball» em todos os domingos disponiveis, perante o facto da desistencia de varios clubs ao campeonato de Lisboa, convidou varios grupos extrangeiros a visitar-nos.

Independentemente, do Fortuna de Vigo, campeão da região gallega que jogara no campo de Sete Rios, em 26 e 27 d'este mez, está arranjando a visita para os proximos dias 19 e 20 do «team» do Racing Club de Madrid, que tão boa impressão deixou por occasião do «torneio das 4 cidades».

A mesma direcção do Bemfica antes da vinda dos dinamarquezes deve trazer a Lisboa os grupos do Madrid Foot-ball Club, da Real Sociedade de S. Sebastian, da Real Sociedade de Irun, uma seleção catalã e um «team» francez, vindo talvez da frente da batalha, para o que se iniciaram os trabalhos diplomaticos.

E' um arrojo, mas uma rasgada iniciativa que se deve louvar.

A transformação do Stadium

A reabertura do Stadium deve fazer-se na ultima semana ou primeira semana d'abril, com grandes espectaculos que se continuarão por mez e meio.

A reabertura vae coincidir com a exposição das obras que se estão activando no bello parque, que o sr. José Holtreman Roquete (Alvalade), continua desejando que seja uma bella escola de cultura physica, á semelhança do Collegio de Athletas de Reims.

E quem fôr á festa inaugural já verá uma rua larga de 8 metros com um passeio de 2,5 m., com trez portões de ferro para a estrada do Lumiar; a tribuna completamente pintada e arranjada, «toilettes» para senhoras, «water-closets», um «bufete» e talvez os «relevés» modificados de maneira que só n'elles se aguentem as motocicletas de força.

Algumas anecdotas

Emile Deriaz n'um «balneario de sol», na Allemanha

Em 1910, Emile Deriaz foi n'uma «tournée» de lucta para a Allemanha. Mal chegou uma manhã a Magdeburgo foi visitar um dos «balnearios de sol» em que tanto lhe haviam falado e onde, dizia-se, o unico tratamento consiste em passear nú. Ora o erro era manifesto. N'esses estabelecimentos, a cura não consiste apenas em se passear nú, mas em trabalhar nos muitos gymnasios que possuem, em jogos diversos, com alteres, etc.

No balneario que Deriaz visitou, havia como em todos os outros, toda a especie de pesos e alteres. E, naturalmente havia um homem forte, o «gallo» do balneario, que todos os dias maravilhava os companheiros, levantando uma barra de 95 kilos com as duas mãos.

Quando Deriaz sahiu da cabiné, o corpo nú, os primeiros amadores que viram a sua imponente musculatura ficaram estupefactos e seguiram-n'o, dando vigorosos:

– Kolossal! Sehr Schoen! Sehr Kraf!

O hercules approximou-se dos pesos e dos athletas. Viu o homem da barra e perguntou-lhe quanto pesava?

O «valentão» olhou-o de «travez» e disse-lhe:

– Experimente... Ella ahi está... O que me parece é que é pesada... Está carregada com o meu maximo, que é 95 kilos!...

Deriaz sorriu e tornou a perguntar:

—E como a levanta? Com os dois braços?

– Sim... Então como devia ser?

Olhe, assim... Assim como eu faço...»

E com o arranco d'um só braço ao «jeté» ergueu a barra «kolossal»!

Os grandes récords

Os de patinagem, que são «records» do mundo

Não resta duvida que a patinagem é dos «sports» mais popularisados em Lisboa. Desde as «tardes elegantes» na galeria da Sociedade Portugueza de Automoveis até ás sessões animadissimas dos Recreios Desportivos da Amadora, milhares de pessoas se teem entregado á pratica de rolar sobre patins. Como tal é interessante exarar os maximos n'este «sport», considerados como «records» do mundo:

500 metros, em 44'', em 1912, por O. Mathiesen; 1.000 metros, em 1'31''4/5, em 1909, por O. Mathiesen; 1.500 metros, em 2'20''3/5, em 1910, por O. Mathiesen; 5.000 metros, em 8'37''3/5, em 1894 por J. J. Eden; 10.000 metros, em 17'22''2/5, em 1913, por O. Mathiesen.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Pena Foot-ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia de todos os seus jogadores no proximo domingo, pelas 15 horas, no campo de Belem para jogar em desafio contra o Sporting Club Marquez de Pombal.

Occidental Sport Club

Este club realisa, no proximo domingo, 13, as festas commemorativas do 4.º anniversario da sua fundação, sendo o programma o seguinte: A's 8 horas: Alvorada, annunciada por uma salva de 21 morteiros; A's 9 horas: corrida pedestre de 100 metros para disputa de dois premios; ás 10 horas: corrida pedestre de 1500 metros para disputa de 3 premios; ás 11 horas: Lucta de tracção á corda por 2 equipes, capitaneadas por: Antonio Ribeiro da Costa e Jayme Marques Barreiros, sendo disputado um premio; ás 15 horas: desafio de «foot-ball» entre o 1.º «team» d'este club e o 1.º «team» do Sport Bom Successo, no campo d'Alcantara; ás 17 horas: recepção ás direcções dos clubs convidados; ás 19 horas: distribuição de premios aos vencedores das provas sportivas, seguindo-se uma sessão solemne, usando da palavra os seguintes srs. Adolpho Elias Martins, Jayme Marques Barreiros e Alberto de Sousa Lino.

Club Portuguez de Lawn-tennis

Foram eleitos os corpos gerentes d'este club. Ficaram assim constituidos: Assembleia geral: Presidente, Manuel Bello; vice presidente, dr. Eduardo Burnay; 1.º secretario, Augusto Berneaud Alves; 2.º secretario, Boaventura Bello. Conselho fiscal: Henrique Anjos, Ernesto Ryder e Cecil Wickyo. Direcção: Presidente, Armando Aguiar; secretario, Placido Duro; thesoureiro, João Sassetti; vogaes, A. Pinto Coelho e F. Macedo Santos; supplentes, José Verda e Farnando Bello.

Instituto Superior de Commercio

Na séde d'este Instituto, rua do Quelhas, 6 A, realisa-se ámanhã, ás 21 horas, uma conferencia das da serie promovida pela *Revista de Commercio*, orgão da Associação Academica d'aquelle estabelecimento d'ensino.

Será conferente o professor sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira, que versará o thema «Uma nova concepção da historia» e á conferencia assistirá o sr. presidente da Republica.

Festas associativas

Tuna Commercial de Lisboa.—Ha depois d'ámanhã, ás 21 horas, baile, sob a direcção do professor de dança sr. Raul da Gama Berquó.

Centro Democratico Español.—Na festa de depois d'ámanhã toma parte o grupo dramatico portuguez, subindo á scena a comedia «Nove mil reis d'alviçaras» e o drama «Amor fatal», havendo um acto de variedades e, terminado o espectaculo, baile.

Grupo dramatico Lisbonense.—Na recita de depois d'ámanhã, promovida pela commissão de propaganda, sóbem á scena as comedias «Um calculo errado» e «A hospedaria do tio Anastacio». Em seguida, ha baile. Os bilhetes, passados por malevolencia, como sendo para um beneficio, não teem validade, porque n'este grupo não ha recitas pagas.

Na Amadora

Projectam-se lindas festas

No sabbado 26 d'este mez realisa-se na irrequieta e progressiva povoação da Amadora uma bella festa no magnifico Salão dos Recreios Desportivos. Faz-se em beneficio do cofre da prestante associação local da «Solidariedade com os pobres». Representa-se uma peça burlesca, em 2 actos e 4 quadros, original do sr. Nunes da Silva, escripta expressamente para esta festa, com musica dos maestros Vasco Macedo, Juca Martins e Fortée Rebello.

No proximo domingo, effectuam-se sessões de patinagem e á noite realisa-se um grande espectaculo cinematographico.

No Salão de Festas, continuam os ensaios de dança, canto coral e musica para o sarau de carnaval e para os trez espectaculos das trez noites de entrudo.

Industria hoteleira

O conselho de turismo formula a base do congresso a effectuar em maio

Conforme noticiamos, o conselho de turismo, que se teem occupado dos trabalhos de organisação d'um congresso hoteleiro a effectuar em Lisboa, no principio de maio proximo, reune na segunda feira, para ultimar o seu projecto, discutindo, em ultima analyse, o programma d'essa reunião de hoteleiros, que é redigido nos seguintes termos:

Art. I—Com o objectivo de estudar e discutir os assumptos que mais directamente interessam á industria hoteleira do paiz, promove o Conselho de Turismo, a realisação de um Congresso Hoteleiro, o qual deverá ter logar em maio do corrente anno, em dias opportunamente designados.

Art. II—O Congresso dividir-se-ha em duas partes, sendo a primeira parte destinada exclusivamente a apreciar e discutir as theses que serão apresentadas por relatores especiaes nomeados pela Commissão Organisadora, e a segunda a tratar de assumptos de caracter geral, ou mesmo particular, que se prendam com os fins do Congresso, e de que os Congressistas se poderão occupar, mediante o consentimento da mesa.

Art. III—Todas as theses nos termos do artigo antecedente serão precedidas d'um pequeno relatorio.

§ unico—Tanto estas theses como os relatorios serão impressas pela Commissão Organisadora que os distribuirá pelos Congressistas com a devida antecipação e deverão fazer parte do Relatorio Geral do Congresso.

Art. IV—Além d'estas theses a Commissão Organisadora recebe quaesquer memorias ou pareceres que lhe sejam enviados até ao fim do mez de março, trabalhos estes que tambem poderão ser impressos e apensos ao Relatorio Geral.

Art. V—As condições de admissão ao Congresso e as disposições referentes ao andamento dos trabalhos constam d'um regulamento especial.

O congresso durará pelo menos trez dias, sendo seu presidente honorario o ministro do fomento. A commissão organisadora é composta pelos membros do conselho do turismo, cujo presidente é o presidente effectivo no congresso, um representante da Associação dos Proprietarios e arrendatarios de aguas mineraes, um representante da associação dos proprietarios de hoteis e restaurantes e tres proprietarios de hoteis.

Teem entrada no congresso, sendo a inscripção gratuita, as seguintes individualidades:

Os hoteleiros, os proprietarios de restaurantes, os proprietarios e arrendatarios de aguas mineraes, os membros da direcção e das varias commissões da Sociedade de Propaganda de Portugal, os membros da direcção da sociedade de defeza e propaganda e de quaesquer syndicatos de iniciativa local ou regional.

THEATROS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Os redemptores da Ilyria.
REPUBLICA—A's 21—A ceia dos cardeaes—D. Cesar de Bazan.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro Papá Cola-Tudo.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Rigoleto.

Agenda da semana

A'MANHA — **Nacional** — Primeira representação de *Os redemptores da Ilyria*, peça de Ramada Curto.

Boatos e informações

A peça de Vasco Mendonça Alves sóbe á scena no Republica na proxima terça-feira. Na segunda-feira entra em ensaios no mesmo theatro para 4.ª recita de assignatura a comedia em trez actos de André Brun *A maluquinha de Arroyos*. A distribuição é a seguinte: *Balthazar Esteves*, Chaby Pinheiro; *Jeronymo Martins*, Ferreira da Silva; *Arthur*, Carlos de Oliveira; *Chico*, Raphael Marques; *O sr. Abranches*, Thomaz Vieira; *Joaquim*, Manuel Pina; *D. Perpetua Rodrigues*, Angela Pinto; *D. Alaira de Menezes*, Emilia de Oliveira; *D. Capitolina Esteves*, Jesuina Saraiva; *D. Eulalia Martins*, Barbara Wolkart; *Luiza*, Luz Velloso; *Conceição*, Laura Hirsch; *Natividade*, Paz Rodrigues. O actor Brazão desempenha uma rabula no 3.º acto, *O Borboleta*. O scenario é novo, sendo o 2.º acto pintado por Julio Machado.

● A peça de Marcellino Mesquita *D. Pedro, o Cruel* será representada na proxima epoca no theatro Nacional.

● O scenario do 2.º e 3.º actos da peça de Schwalbach *Poema de amor*, que se representará no Republica depois do Carnaval, será pintado pelo scenographo Marin.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Cinema Condes, Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Calado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Corretores de hoteis

Realisam-se no proximo dia 18 na Repartição de Turismo, travessa da Espera, 7, 1.º, pelas 12 horas os exames de corretores de hoteis e hospedarias.

Colyseu dos Recreios

As recitas de Battistini

Como se previa, a noite de hontem no Colyseu dos Recreios foi um esplendido serão de arte. Na sala completamente cheia encontrava-se tudo quanto de melhor no mundo intellectual e elegante.

No «Ernani», Battistini foi assombroso, sobretudo nos 2.º e 3.º actos em que cantou a sua parte com aquella mestria e absoluta correcção de que só é capaz um artista da sua envergadura. Desde a caracterisação que nos reproduzia exactamente a physionomia de *Carlos V*, até ao minimo detalhe, tudo n'elle respirava grandeza e soberania. As duas entradas que fez n'aquelles actos impressionaram profundamente o publico, e o «duo» com o soprano no 2.º acto cantou-o com tanta arte, que ainda não tinha terminado e já rebentava na sala uma imponente ovação e enthusiasticas exclamações, que o levaram a bisal-o.

No final de cada acto, Battistini teve chamadas especiaes.

A sr.ª Magama Lopez foi a correctissima artista de sempre e o tenor Tincani manteve com muito acerto os seus creditos. O baixo Mariaches esteve muito feliz em toda a opera, principalmente no 1.º acto em que recebeu calorosos applausos.

Os coros e a orchestra bem afinados.

Hoje, em recita de accionistas, canta-se o «Othello», que tem uma interpretação muito completa.

A'manhã, realisa-se a 9.ª recita de assignatura e a penultima extraordinaria de Battistini que cantará o «Rigoletto». A bella opera de Verdi tem n'elle um dos artistas que melhor comprehenderam a parte de protagonista e que, com mais elevação a podem traduzir. Battistini estudou cuidadosamente a personagem e reprodul-a com uma perfeição de que só elle é capaz.

Federação Academica

Por motivo de força maior, a reunião da assembleia geral, convocada para amanhã, na Faculdade de Direito, fica transferida para segunda-feira, á mesma hora e no mesmo local.

Visitas de estudo

Academia de Estudos Livres

Depois de ámanhã, ás 18 horas, realisa-se a visita á exposição do illustre pintor sr. Sousa Pinto, installada no palacio da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na rua Barata Salgueiro.

Pódem tomar parte os socios, subscriptores e alumnos, sendo o ponto de reunião no edificio da Sociedade, um quarto de hora antes da marcada.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Inscriptos maritimos.—Este syndicato convida todo o pessoal desembarcado, quer de camara, quer de convez, a ir o mais depressa possivel dar os nomes, das 14 ás 16 horas, na séde, rua de S. Paulo, 121, 2.º, D.

Associação de propaganda feminista.—Para apresentação de contas e eleição de corpos gerentes, reune a assembléa geral no dia 15, ás 17 horas, na séde, rua do Arco do Limoeiro, 17, 2.º

Vendedores do mercado da Praça da Figueira.—Para discussão do relatorio e eleição de corpos gerentes, reune a assembléa geral no dia 14, ás 20 horas.

MUSICA

Concerto de D. Laura Wake Marques e D. Felicidade Pereira de Carvalho

Realisou-se hontem, no salão nobre da Liga Naval, o concerto de ha muito annunciado e varias vezes adiado, da pianista D. Felicidade Pereira de Carvalho.

Depois de a ouvirmos, lamentámos os adiamentos do concerto, pois ha mais tempo desejariamos ter admirado a distincta pianista, temperamento de artista raro, d'uma profunda vibratilidade, delicadissima de «touche» sem de modo algum ser acanhada, antes phraseando com largo á-vontade.

Dos trez autores interpretados, Beethoven, Schumann e Chopin, foi este ultimo aquelle em que melhor se patentearam as qualidades da executante, que se nos revelou como um dos melhores, se não o melhor, interprete de Chopin que até hoje nos tem sido dado apreciar.

O «Nocturno em si maior» foi executado com toda a delicada sentimentalidade, tão romantica e mórbida que caracterisa a obra do nostálgico polaco, dando a pianista toda a intenção a cada phrase, a cada nota; ao «Estudo em sol bemol» nada faltou de technica, para que sahisse precioso, rendilhado, como a imagem do futil e desgraçado autor. Entre a interprete e a obra ha a intima comunhão de sentimento, de que resulta a clareza e intelligencia da execução, e sem a qual não ha, nem póde haver, executante digno do nome de artista.

D. Felicidade Pereira de Carvalho honra o mestre que a ensinou e a Arte que cultiva; e tem a obrigação, o dever de se fazer ouvir e applaudir com frequencia.

A sr.ª D. Laura Wake Marques, cuja voz rigorosamente afinada, está educada n'uma optima escola, cantou quatro «lieder» classicas, de que destacaremos «Le violette» de Scarlatti, dita com toda a graça ingenua da época, e cinco modernos, entre os quaes «Dans la jetée d'Alexandrie», de Ruy Coelho, «lied» deveras interessante sob o ponto de vista musical, ressentindo-se comtudo de uma imperfeita adaptação da musica á letra.

A assistencia, selecta e numerosa, fez ás duas concertistas uma sympathica e calorosa ovação.

H. de A.

Concertos David de Sousa

São doze os trechos cuidadosamente escolhidos das melhores obras de Wagner os que constituem o soberbo programma do concerto de depois d'ámanhã no Polytheama, commemorando o 33.º anniversario da morte do genial compositor. Augmentada consideravelmente a orchestra, segundo as exigencias das partituras, este concerto deve marcar uma superior nota de arte no meio musical, sendo tão grande a anciedade do publico por esta notavel audição que quasi já estão exgottados os bilhetes, vendo-se a empreza em sérios embaraços para attender os constantes pedidos para a reserva de logares.

Movimento maritimo

Amsterdam e escalas, «Frisia» (Braz.) 12
New-York, via Açores, «Roma» (Gib.) 12
Pern., Maceió, etc., «Spectator» (Liv.) 13
Bissau, Bolama e R. Burca, «Bolama» 14
Liverpool, «Anselm» (Pará) 14
Pará e Manaos, «Antony» (Liverpool) 15

Eduardo Ferreira Pinto Basto

Missa

Os seus filhos mandam rezar uma missa suffragando a sua alma, ámanhã, 12 do corrente, ás 11,30 horas de manhã, na Egreja dos Paulistas, o que participam aos seus parentes e pessoas das suas relacões.

Souain e um batalhão do 79.º a leste da elevação de Tahure.

Tão grande era a confusão feita pelo estado maior general allemão ao trazer os reforços que no pequeno tracto da fronte entre Maisons de Champagne e a cota 189 havia a 2 d'outubro nada menos de 32 batalhões pertencentes a nada menos de vinte e um regimentos differentes. Esses homens estavam combatendo n'essa batalha infernal, mal alimentados, mal equipados e luctando com falta de munições; foram impellidos para uma fronte de que os seus officiaes não tinham conhecimento pessoal, sem qualquer plano definitivo a não ser o de deter o avanço francez onde quer que as duas linhas viessem ás mãos, e sem meios alguns de estabelecerem ligação com os batalhões proximos.

A pressa com que esses homens foram trazidos para a acção para posições já completamente varridas pelo fogo francez e que eram já quasi dominadas pela infantaria franceza explica em parte as grandes perds soffridas pelos allemães.

Os reforços trazidos pelos allemães não fizeram mais do que substituir as suas perdas e no primeiro dia da offensiva foram elles completamente incapazes de séria resistencia, mesmo apoiados pela artilharia.

Foi, na realidade, um dos factos mais dignos de ser notado que no primeiro dia de lucta a artilharia allemã não só foi mal servida, mas estava mal municiada e chegou sempre tarde. Os tiros de impedimento, que são quasi a primeira linha de protecção contra um ataque, eram dados em quasi todos os sectores da fronte depois de ondas e ondas da infantaria franceza terem passado além da zona d'esses tiros.

O mais que o inimigo podia fazer era esboçar um contra-ataque sobre as posições especialmente ameaçadas e mesmo esses ataques eram apenas dados em frontes muito restrictas.

Foram organisados á pressa e mal planeados, d'onde resultou, como succedeu ao ataque dado contra os francezes nas elevações de Massiges, o terem grandes perdas. O inimigo mandára para ahi batalhões isolados dos regimentos do activo 123.º, 124.º e 30.º e do regimento 2.º da ersatz do 16.º corpo. As perdas por elles soffridas, apoz o ataque ser quebrado pelos francezes, foram enormes.

A experiencia d'esse e d'outros eguaes contra-ataques ao longo da fronte provou serem verdadeiras as

Dando de beber a um turco ferido

impressões do general von Dilfurth, transmittidas ás suas tropas n'uma ordem de exercito em que dizia: «Tenho a impressão de que a nossa infantaria em alguns pontos limita a sua acção apenas á defensiva... Não posso deixar de protestar energicamente contra tal modo de proceder, do que resulta necessariamente a morte do espirito de offensiva entre os nossos proprios homens, fortalecendo o sentimento de superioridade entre os nossos inimigos. O inimigo tem plena liberdade de acção e a nossa acção está subordinada á vontade do inimigo».

Nunca, até então, o estado maior general allemão dera provas de semelhante incapacidade. Se na reali-

conquista da primeira posição allemã tomando parte da importante obra de apoio conhecida pela designação de «Obras da Derrota».

O communicado do dia 2 dizia:

«Na Champagne detivemos com o nosso fogo um contra-ataque na região de Maisons de Champagne.

«O numero de prisioneiros feitos hontem á tarde, durante o nosso avanço ao norte de Massiges, foi de 280, incluindo seis officiaes.

«Na Champagne, um golpe de mão entre Auberive e Epine de Vedegrange fez com que pudessemos tomar ao inimigo mais metralhadoras e uns 30 prisioneiros».

O communicado de 4 d'outubro accrescentava:

«Na Champagne, os allemães bombardearam, durante a noite, as nossas novas linhas em Epine de Vedegrange e a leste da herdade de Navarin. As nossas tropas conquistaram uma porção consideravel das posições do inimigo que formavam um saliente da actual linha ao norte de Mesnil.

«Na Lorena, patrulhas de exploradores allemães atacaram dois dos nossos postos proximo de Moncel e de Sorneville. Foram repellidas e perseguidas, tendo de voltar ás suas linhas.

«A noite decorreu tranquilla no esto da linha.

«As nossas esquadrilhas aereas arremeçaram grande numero de projecteis sobre as estações de caminho de ferro e as linhas para além da fronte do inimigo».

A este relato official podemos accrescentar o texto dos telegrammas enviados ao presidente da Republica Franceza pelo imperador da Russia e pelo rei de Inglaterra. O primeiro era concebido nos seguintes termos:

«Tendo recebido a noticia da grande victoria alcançada pelo glorioso exercito francez, aproveito com prazer esta feliz occasião para lhe expressar e ao valente exercito as minhas mais calorosas congratulações e os meus mais sinceros desejos pela futura e immutavel prosperidade da França.—*Nicolau.*

O telegramma de Jorge V dizia:

«Segui com admiração as magnificas façanhas do exercito francez e aproveito a opportunidade para me congratular com v. ex.ª, senhor presidente, com o general Joffre e com toda a nação franceza pela grande victoria alcançada pelas valentes tropas francezas desde o começo da nossa offensiva commum.—*Jorge, R. I.*».

As congratulações do presidente da Republica ao exercito foram expressas na seguinte carta a Millerand, ministro da guerra:

Meu caro ministro—Os esplendidos resultados produzidos pelas nossas operações no Artois e na Champagne levaram-nos a avaliar no seu verdadeiro valor a victoria que os exercitos alliados acabam de alcançar. As nossas admiraveis tropas deram n'est lucta novas provas do seu incomparavel ardor, do seu espirito de sacrificio e da sua sublime dedicação á Patria. Affirmaram d'um modo definitivo a sua superioridade sobre o inimigo.

«Peço-lhe que transmitta ao general em chefe, aos generaes commandantes de exercitos e aos de exercitos e a todos os generaes, officiaes, officiaes inferiores e soldados as minhas mais calorosas e cordeaes congratulações.

«Creia, meu caro ministro, nos meus mais dedicados sentimentos.—(Assignado) *R. Poincaré*».

As tropas francezas obraram prodigios de valor n'essa batalha e todos os elogios que lhes sejam feitos são poucos.

O general Castelnau havia dito antes de começar a offensiva que o bombardeamento devia ser tão terrivel que os seus homens pudessem avançar para o ataque da linha de trincheiras inimigas de arma ao hombro. Pertencia a Albert Thomas, sub-secretario das munições pronun-

diar-se sobre se a realisação d'esse desejo era possivel.

O ministro Albert Thomas foi um dos poucos estadistas que n'esse periodo da guerra se mostrou á altura das circumstancias. Conhecido antes do rompimento da guerra pelos seus amigos politicos e pelos seus adversarios pela alcunha do Homem-Cão, por causa do desmedido comprimento da barba e do cabello, era considerado como um dos sustentaculos do socialismo internacional, como um escriptor economico entre os jornalistas do diario *L'Information*, mais do que como grande «organisador da victoria», como os seus amigos não hesitaram em o denominar em 1915.

Durante muito tempo trabalhou elle na sombra e só algum tempo depois da batalha do Marne ter feito recuar o inimigo para longe de Paris é que a França soube que em tudo o que dizia respeito ao fornecimento de artilharia e de granadas, Milerand, o ministro da guerra, tinha tido como cooperador Albert Thomas.

A sua posição foi officialmente reconhecida pela sua nomeação para sub-secretario de Estado das munições, pouco depois de Lloyd George ter sido nomeado em Inglaterra ministro d'essa pasta. Fez em França o que Lloyd George fez na Gran-Bretanha e o trabalho de ambos é digno do maior louvor. Venceu todas as difficuldades que se lhe antepunham e póde dizer-se que se lhe deve o exito da offensiva da Champagne.

O bombardeamento que precedeu a offensiva franceza na Champagne teve um effeito tanto moral como material. Quando as trincheiras estavam envoltas por uma nuvem de fumo e toda a barreira d'aço começava a desmoronar-se, o espirito moral e combativo dos homens que ahi se encontravam começava a sentir-se abatido pela fadiga physica derivada da privação de somno e de alimentação, pelo sentimento de isolamento causado pelo rompimento completo de communicações não só com a retaguarda e com o commando supremo, mas ainda com os defensores das trincheiras proximas.

Não ha contraste mais frizante do que o offerecido pelos francezes victoriosos e pelos allemães derrotados n'esta batalha.

Os allemães não podem allegar que a offensiva foi para elles uma surpreza completa. As operações exigidas por um bombardeamento incessante de algumas semanas, que tem de ser preparado durante mezes, não podem ser conservadas absolutamente em segredo, especialmente quando o inimigo dispõe de aeroplanos e de apparelhos de photographia aperfeiçoados como os de que o estado maior allemão dispõe.

Semanas antes da tormenta rebentar, a offensiva franceza havia sido adivinhada pelo inimigo. Dia apoz dia grandes lettreiros haviam sido arvorados nas trincheiras allemãs dizendo aos francezes em termos mais ou menos provocadores que os allemães sabiam que elles se preparavam para os atacar e perguntando-lhes se se sentiam com coragem para tal. Aeroplanos haviam egualmente, na Argonne, arvorado lettreiros fazendo a mesma pergunta..

Já a 15 d'agosto o general von Ditfurth n'uma ordem do exercito avisava os seus homens de que «se previa a possibilidade d'uma grande offensiva franceza». A 22 de setembro, o general von Fleck, que commandava parte do exercito allemão na Champagne, publicára a seguinte ordem ás suas tropas:

«Armeegruppe Fleck, 1 A N R 21845—Armeegruppenbefehl— Camaradas: Juremos n'esta hora solemne que cada um de nós, esteja onde estiver, nas trincheiras, nas baterias ou nas posições de commando, cumprirá o seu dever até ao fim. Seja onde fôr que o inimigo se precipite ao ataque recebel-o-hemos com um fogo bem dirigido e se elle chegar ás nossas posições repellil-o-hemos á ponta da bayoneta e despedaçal-o-hemos á granada de mão.

«Se estivermos resolvidos a proceder assim e se estivermos resolvidos a affrontar a morte, todo o ataque inimigo será por nós quebrado e a Patria póde confiar n'eta muralha de aço construida pelos seus filhos».

Uma surpreza completa era, talvez, impossivel obter, mas nos limites do possivel os francezes conseguiram enganar o inimigo, que, conhecendo a linha geral que estava prestes a ser atacada, nem durante um momento previra a tremenda força que havia sido concentrada por detraz das linhas francezas para o ataque e se enganára completamente com respeito aos meios de victoria que os francezes tinham fabricado nos seus arsenaes, além do incomparavel valor do soldado francez.

A ignorancia do estado maior general allemão ácêrca da magnitude do golpe que estava prestes a ser descarregado na fronte occidental é claramente demonstrada pelas medidas tomadas para se lhe oppôrem porque durante a preparação da artilharia apenas reforçaram a sua fronte na Champagne com a 183.ª brigada, a 5.ª divisão do 3.° corpo e metade da 43.ª diviãso de reserva, ou, por outras palavras, vinte e nove batalhões.

Esse como que arrogante desprezo do estado maior general allemão pela capacidade offensiva do seu inimigo reflectia-se em toda a hierarchia militar e foi claramente demonstrado ao serem aprisionados alguns officiaes allemães na segunda linha, tanto na baixa de Bricot, como em Epine de Vedegrange.

Esses officiaes, embora tivessem sido informados de que se esperava uma offensiva franceza geral, confiavam de tal modo na força de resistencia da sua primeira linha que mesmo depois das communicações de toda a especie terem sido cortadas entre a primeira e a segunda linha não se proccuparam e foram aprisionados pela victoriosa infantaria franceza, como já dissémos, estando ainda na cama.

Tudo tendia a mostrar que a rapidez com que a primeira linha havia sido tomada constituia esse elemento de surpreza que na guerra é um dos elementos essenciaes de exito.

Essa surpreza lançou a confusão em toda a obra do estado maior do exercito allemão. As reservas locaes que haviam sido formadas para se oppôrem á esperada offensiva eram completamente inadequadas e para tomarem parte na lucta foram mandados vir não só o 10.° corpo da Russia, mas as proprias reservas locaes da fronte em roda de Soissons na Argonne, no Woevre e na Alsacia.

No manejar d'essas reservas, no modo como foram trazidas para a linha de fogo, havia completa ausencia d'esse espirito de methodo que era a força da obra do estado maior allemão. Os homens foram tirados dos acantonamentos batalhão por batalhão logo que estiveram promptos para se pôr em movimento e tão urgente era a necessidade que foram mandados avançar em destacamentos de duas companhias.

Chegaram á fronte onde e como puderam, como o demonstra uma carta encontrada n'um soldado pertencente ao 18.° regimento, em que dizia:

«Fomos transportados em camions por Vouziers para Tahure. Ahi houve duas horas em que a chuva cessou e então avançámos para as nossas posições. Fomos no percurso de tal modo recebidos pelas granadas do inimigo que só 224 dos 280 homens da segunda companhia chegaram ás trincheiras a são e salvo. Essas trincheiras haviam sido excavadas de fresco e tinham de profundidade apenas quatro ou cinco pollegadas. As minas e as granadas explodiam constantemente em roda de nós, e tinhamos de occupar essas trincheiras, o que fizemos durante 118 horas, não tendo nada quente para comer. Não póde ser peor no inferno. Em cinco dias as nossas perdas foram enormes».

As unidades chegaram confundidas, demonstrando-se essa desordem pelo facto de que dos regimentos da 5.ª divisão do 3.° corpo o 81.° estava proximo de Massiges, ao passo que um batalhão do 12.° estava em Tahure e um batalhão do 32.° na baixa de Bricot. Os regimentos da 56.ª divisão estavam combatendo ao longo da fronte na mesma confusão, o 88.° e o 35.° em Massiges, o 91.° em

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1982—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 12 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Deveres militares

A'cêrca da fórma como se organisará a lista dos officiaes da armada que devem ir guarnecer os navios allemães vemos já noticiado que se nomearão de preferencia os que se offerecerem para o desempenho d'essa commissão de serviço, ou seja os chamados voluntarios.

E por que dizemos os chamados voluntarios? Dizemol-o porque os officiaes que se apresentam n'essas condições não são impellidos, realmente, pela sua expontanea vontade, mas sim levados por pesadas circumstancias da vida.

Os voluntarios são aquelles que, com effeito, pelos encargos d'uma numerosa familia ou outras difficuldade da existencia, se sacrificam a duros labores, teem que deixar a sua familia, ou muitas vezes se decidem a affrontar climas e trabalhos que a sua compleição phisica não consente, que as suas forças não comportam. E emquanto elles, positivamente obrigados, mais ainda: forçados, que não voluntarios, se sujeitam a esse serviços, os que estão em pleno vigor da existencia, os que teem recursos proprios, os que se empregam em outras occupações mais ou menos rendosas, não tendo da sua profissão militar mais do que o nome e os galões, ficam muito descançados, gosando a vida, sem perigos nem incommodos, embora pela sua cathegoria, pela sua altura nas escalas, lhes competissem esses serviços.

Ha officiae que são ricos? Ha officiaes que dedicam o seu tempo ao commercio ou á industria? Ha officiaes que estão empregados em emprezas particulares, auferindo bons lucros? De fórma alguma essas considerações podem influir no animo do sr. ministro da marinha, por mais bondoso que elle seja, para que sejam eximidos aos serviços da nobre profissão, em que teem feito e continuam a fazer a sua carreira.

Ainda não ha muito, no exercito, se manifestou briosamente o criterio de que não se devia recorrer ao voluntariado para serviços á Patria, necessarios e honrosos, embora arriscados. Esse criterio é o unico que deve prevalecer em todas as situações. Quem segue a carreira das armas desde o primeiro momento aquilatou as eventualidades do seu futuro. Os officiaes da armada, como os officiaes de terra, generaes e almirantes como simples soldados e marinheiros, não se pertencem. Pertencem á Patria. A todas as horas, a cada instante, devem estar preparados para assumir o seu logar, onde elle lhe fôr superiormente indicado, ainda que se trate do posto mais perigoso, que por isso mesmo será o de maior honra para quem veste uma farda portugueza.

A Republica tem de fazer um saneamento moral nos velhos costumes, que uma monarchia degradada deixou florescer entre nós. E' necessario robustecer a fé patriotica, é necessario vincar em todas as consciencias a noção imperativa dos deveres nacionaes. O dever militar é porventura o mais rigoroso de todos. A Republica honra o exercito, honra a armada; vê no exercito e na armada as corporações intrepidas e generosas a que está confiada a segurança da Patria. As instituições militares, que no tempo da monarchia se chegou a julgar animadas d'um simples espirito pretoriano, são hoje consideradas pelo paiz os grandes sustentaculos nacionaes. Se se reconhecesse que ainda estavam inquinadas pelo veneno dos velhos processos, ellas perderiam o seu prestigio e a Patria soffreria a mais cruel das decepções.

A CIDADE ANTIGA

A explanada de Santa Luzia

E' preciso salval-a para não se perder uma das mais bellas sacadas que deitam sobre o Tejo

Encontrei ha pouco, na rua do Ouro, um dos melhores amigos meus, que é ao mesmo tempo um dos mais illustres artistas da nossa terra. Sob a caricia de sol primaveril, d'este sol que tem o condão de afogar todas as fealdades e de diluir todas as tristezas, travámos do braço, seguimos rua abaixo e conversamos e falamos de tudo e de nada. Do tempo, vagamente da politica e um pouco das mulheres bonitas que passavam, ligeiras nos seus vestidos curtos, deixando vêr a perna muito para além do tornozello. De repente o meu amigo estaca e diz-me de chofre:

— Conhece a explanada de Santa Luzia?

—Da egreja?

—Sim, da egreja.

—Não.

— Venha, n'esso caso, commigo. Vae vêr uma das mais bellas coisas que ha para vêr em Lisboa.

E partimos em direcção ao bairro tortuoso de Alfama. Santa Luzia fica ao cimo da rua do Arco do Limoeiro. A egreja pertence ao Estado, que d'ella tomou conta depois da proclamação da Republica. E' pequena e banal. Não tem nada que a recommende. O ministerio das finanças vae aproveital-a para installar ali um dos seus archivos. Mas junto da egreja, que assenta sobre as antigas muralhas da cidade, as quaes, pelo nascente e pelo sul, se cortam ainda a pique, n'uma altura d'uns poucos de metros, ha um quintal, que está transformado em horta, e um pateo com uma casa abarracada ao fundo. E' isso o que tem de ser aproveitado.

— A camara, diz o distinctissimo artista que me acompanha, já em tempos deliberou tomar conta d'isto e fazer de todo este espaço uma maravilhosa «sacada» debruçada para o Tejo. Tomou essa resolução d'harmonia com indicações que lhe foram feitas pela commissão de monumentos e pela commissão de esthetica. Ao parlamento foi até levado um projecto de lei, que ainda não foi discutido, auctorisando-a a proceder ás obras necessarias para a desobstrução d'este magnifico terreiro. Mas o projecto não foi ainda discutido e isto para aqui está como vê—desaproveitado, abandonado, esquecido...

E está. O quintal, que deve ter sido, n'outros tempos, jardim, encontra-se vedado por fortes redes de arame, que tambem impedem o acesso ao muro que deita para a velha Alfama das febres e das doenças infecciosas. Ao fundo, um rafeiro, preso a uma corrente, ladra desabaladamente. Uma mulhersita, que acode, aplaca-lhe as iras. O «Mondego» permitte-nos, então, que nos approximemos. Abeiro-me da muralha e fico deslumbrado. A casaria antiga acocora-se a meus pés, muito chegada, de fórmas muito bizarras, com os velhos e placidos telhados mouriscos alagados de sol. As torres de duas egrejas parece que dominam todo o bairro. Além, o Tejo, levemente arripiado, ardendo em fulgurações intensas, transformando-se, aqui e além, n'uma immensa toalha de pratica liquida. O Barreiro, a Outra Banda esfumam-se na neblina. Dir-se-hia que o horisonte tem, a delimital-o, uma quasi impalpavel cortina de gase cinzento-clara.

—Não ha nada, em Lisboa, que se pareça com isto, diz-me o meu amigo. E' d'aqui que se disfructa a mais intima vista que existe sobre o rio.

E vem n'esta altura a historia da explanada de Santa Luzia. Parece que o Estado contraria a resolução da camara. Tanto assim, que n'uma dependencia da antiga egreja, anda a construir uma «garage» para automovel. E' a furia. Poder-se-ha evitar que ella destrua tudo isto? E, todavia, é necessario que não se vá mais longe. Faça-se muito embora a «garage», mas limpe-se o resto do terreiro, como a camara já resolveu, arraze-se o casebre que o peja e faça-se do espaço que assim ficará livre uma varanda ampla, da qual, quem quizer, portuguez ou estrangeiro, possa admirar o panorama encantador que d'ella se disfructa.

Será isto difficil? Não é. Basta, para o conseguir, boa vontade, dedicação, senso esthetico, amor pelas coisas bellas que a cidade ainda possue. E já que os monumentos, erguidos pela fé dos homens, são tão poucos, que se respeitem ao menos aquelles que a natureza creou por si e que ninguem tem o direito de inutilisar.

Santa Luzia fica junto da linha dos electricos da Graça. E' por ali que passam todos os estrangeiros que visitam S. Vicente. Pois se elles soubessem que, ao realisarem a classica romaria ao Pantheon, roçavam tão de perto por um dos sitios mais cheios de encanto, não só de Lisboa, mas de todo o mundo, certamente nem um só deixaria de se apear para, por alguns minutos, embeber soffregamente a vista na casaria bizarra que se espreguiça desde o alto até ao rio e na agua profunda do Tejo, parada, coalhada de navios, cortada de velas brancas...

O que é preciso é limpar esse varandim de maravilha. Quer a camara tratar, quanto antes, d'isso? Está a doce burocracia da nossa terra disposta a não perturbar a acção da camara? Assim o esperam todos aquelles para quem as coisas bellas vallem bem mais de que todas as outras, por ellas constituirem, a final, a unica riqueza que é de todos...

ADELINO MENDES

Orpheon de Condeixa

O seu segundo concerto excedeu toda a espectativa

O magnifico instrumento de som, que é o Orfeon de Condeixa, revelou-se hontem no palco do Republica. Foi um grande, um inolvidavel consolo espiritual esse para todos quantos, tendo pelo orfeon uma entranhada e viva sympathia, desejavam que Lisboa o ficasse conhecendo e pudesse avalial-o, como elle merece, como perfeito interpretador dos mais difficeis trechos classicos, dos coraes de Bach e de Palestrina e de tantas obras immortaes, que raras vezes se escutam, por falta de quem as execute com uncção e com delicadeza. A primeira parte do concerto, consagrada aos grandes mestres de canto coral, obteve um exito inexcedivel. O publico applaudiu com verdadeiro enthusiasmo, fazendo repetir, após uma ovação imemsna, o «Coral da Paixão», de Bach, que o orfeon traduziu com um sentimento ao mesmo tempo empolgante e enternecedor. Nos pianissimos, os cantores do dr. João Antunes são preciosos, não lhes escapando a menor delicadeza dos textos que interpretam, adivinhando-lhes as delicadezas com um instincto artistico surprehendente. Na segunda parte, e sem falar da «Canção de Mofina Mendes», que a sr.ª D. Amelia Rey Colaço interpretou e cantou com inexcedivel graça, tendo de a bisar, mereceu tambem as honras da repetição a «Canção Gallega», que é um dos trechos que o orfeon melhor canta. A terceira parte era inteiramente consagrada a cantos populares portuguezes. Não se póde ir além da maravilhosa perfeição com que o orfeon nos deu esse feixe de pequeninas obras primas, que constituiam essa parte do programma. «A Senhora do Livramento» e a «Senhora da Encarnação» voltaram a enthusiasmar o publico, que no final do concerto, de pé, acenando com lenços e dando palmas, fez ao dr. João Antunes e aos seus cantores, uma das mais quentes e extraordinarias ovações, que em qualquer parte, qualquer artista, por mais illustre, tenha recebido. A sr.ª D. Alice Rey Colaço e o sr. Ruy Coelho tornaram a collaborar com o orfeon, illustrando brilhantemente, com os seus talentos, o espectaculo, que ficará para sempre bem vivo na lembrança enternecida de todos os que a elle assistiram. O orfeon de Condeixa canta esta noite na Escola Academica. A'manhã, vae ao Sanatorio da Parede dar uma audição para as creanças escrufulosas e velhos cancerosos que se albergam n'essa modelar casa de caridade.

Falta de carne

Talhos que não abrem

No Matadouro Municipal foram hoje abatidas para os talhos da camara 15 rezes com o pezo de 4.178 kilos e 1 vitella com o de 23.

Em virtude da falta de carne de vacca, tem augmentado a matança das rezes suinas, sendo abatidas, por dia, 250 em média.

Como alguns talhos se encontram completamente limpos, resolveram não abrir ámanhã.

MARAVILHAS DO CINEMA

"A CHAVE MESTRA,,

Este esplendido «film» exhibir-se-ha no Olympia e publicar-se-ha em folhetins d'«A Capital»

Dia a dia, o cinema reserva-nos maiores e mais deslumbradoras maravilhas. A arte do «film» aperfeçôa-se constantemente e procura não só realisar verdadeiros prodigios de technica photographica, como pôr no «écran» obras d'uma emoção e d'uma concepção tão audaciosa, que deslumbram. Os grandes romances d'aventuras são os que mais se prestam para que a arte cinematographica attinja o seu maximo grau de seducção. Bem aproveitadas, as situações imprevistas d'esses prodigios de imaginação, fornecem ao cinema episodios que exercem sobre o publico uma influencia decisiva. E não se lhe chame uma coisa inferior. Elle dá vida áquillo que de toda a vida precisa para se impôr. Elle transforma os frios entrechos de romances ém galerias magnificas de typos, que se agitam e que se apaixonam, como num palco, para nos darem a illusão da realidade. Ora, d'entre os grandes «films» modernos «A chave mestra» é o que mais impressiona e seduz. O seu entrecho é uma maravilha de inventiva. Passa-se na California, nas minas d'oiro. Agita-o a ambição e a cubiça. Todas as paixões e todas as audacias estalam n'essa fita que leva um mez a exhibir. O Olimpia é o salão que a obteve, para a projectar no seu «écran». E ao mesmo tempo que esse cinematographo, que é o mais distincto de Lisboa, fizer correr esse assombroso «film», a «Capital» publical-o-ha em folhetins, acompanhando as scenas da fita a par e passo. E' esta a primeira vez que se faz isto em Portugal, e parece-nos que não é para desprezar o serviço que, com essa inovação, este jornal presta ao publico.

Engenheiro Sequeira

Partiu hoje para Spezia, onde vae assistir á construcção dos nossos submarinos encomemndados pelo governo portuguez, o engenheiro naval Francisco Antonio de Sequeira que é, entre os officiaes da sua classe, um dos mais talentosos e competentes. A esse nosso amigo, que veio apresentar-nos as suas despedidas, desejamos uma optima viagem.

Poeira da Arcada

A policia descobriu o plano gisado pelos promotores do ultimo movimento e entregou-o aos jornaes. Estes, claro está, publicaram-no no integra. E todos nós agora sabemos que Lisboa esteve em risco de vêr proclamada a communa revolucionaria. Tal publicação, que muito abona a intelligencia policial, mostra que as bombas que estalaram por essas ruas e outras que se ficaram em mysteriosos esconderijos tinham em vista resolver o problema das subsistencias com alguma philosophia. Sempre é bom saber-se que as ideias geraes seguem o seu caminho, embora desarranjando a digestão pacifica dos que, entre nós, mandibulam com mais proveito.

* * *

Morreu mais uma das creanças attingidas pelos estilhaços da bomba que ha trez dias rebentou, no largo do Outeirinho da Amendoeira.

A Sociedade Voz do Operario resolvou fazer-lhes o enterro por sua conta. Como os innocentes pagam culpas que a outros pertencem, tal resolução visa a compensar um pouco a esparsa maldade que, n'estes tempos de odios torvos e ciladas, se derrama pelos ares, como uma exhaltação maligna de desesperos e coleras anonymas mas tenazes.

* * *

O homem contradiz-se facilmente ondulando de opinião para opinião, da duvida para a crença e vice-versa, quasi sem dar por isso.

Se os pelintras, que o idealismo leva a adoptarem maneiras de pensar bohemias e irregulares, alguma vez dão com a fortuna, logo renegam o seu passado, integrando-se no patrimonio de sentimentos que estabilisam a propriedade. Fumam charutos conservadores e vestem-se em alfaiates que não toleram nos seus ateliers academias cubistas ou outras parecidas. E entre o despreso do que foram e o amor cego pelo que são, o seu caracter dá-nos a impressão de um fructo apparentemente appetitoso, mas pôdre por dentro.

Quando falamos com elles, receamos sempre que se destape o que occultam com tanto cuidado.

O centenario d'um bispo illustre

Retiram de Faro os primeiros congressistas

FARO, 12.—Hontem á noite realisou-se o jantar offerecido pelo bispo ao clero e aos representantes da imprensa catholica. Ao «toast», ergueram-se brindes ao prelado, a Sua Santidade, ao cardeal patriarcha na pessoa do dr. Joaquim Pontes e ao bispo do Porto na pessoa do conego Correia, ao metropolita ao conego Moita, da «Revista Catholica», ao padre Gonçalves, da «Liberdade», e a João Paulo Freire, da «Ordem», agradecendo todos elles em phrases enternecidas.

Houve depois sarau litterario-musical pelos seminaristas. Hoje sahiram já bastantes congressistas, indo o bispo despedir-se d'elles á estação. No percurso o illustre prelado foi muito ovaccionado. Ao paço episcopal tem ido muita gente apresentar-lhe os seus cumprimentos e felicital-o.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

EM TORNO DA GUERRA

Os russos refeitos para a lucta

Dispõem já das munições necessarias e de 1.500:000 homens de reserva

Paris, 8 de fevereiro

Entrevistado pelo enviado especial do *Journal* em Petrogrado, o general Polivanoff, ministro russo da guerra, fez as seguintes declarações:

«Ha um anno, a crise das munições attingia o seu estado agudo. Fizera-se sobretudo sentir desde fins de 1914, por occasião das minhas visitas a diversos pontos da frente. Convenci-me de que a penuria já então era em extremo afflictiva. Nos mezes de maio e de junho de 1915, a situação era mais que afflictiva, era tragica e o nosso exercito encontrava-se absolutamente constrangido a uma retirada apenas motivada na falta de projecteis.

Esta situação era tanto mais pungente quanto, quer sob o ponto de vista da bravura dos homens, quer sob o ponto de vista dos methodos de combate empregados no inicio das hostilidades, tudo entre nós era digno da victoria e foi assim que alcançámos os nossos primeiros triumphos. A falta de munições veiu paralisar-nos e obrigar-nos a ceder terreno ao inimigo, mas não lhe cedemos a victoria e, batendo lentamente em retirada, apenas ganhámos o tempo de preparar-nos para novos e decisivos esforços.

Hoje, declaro-lh'o categoricamente, a crise das munições já não existe. E' uma coisa do passado, uma recordação sinistra, mas só uma recordação. Já em setembro de 1915 se tinham tornado sensiveis os primeiros resultados dos nossos labores e as nossas baterias começavam a fazer sentir a sua acção a um inimigo que, por assim dizer, já se habituára a não contar com ellas. Mas não devemos occultal-o! Para isso foi necessario empregar esforços immensos e um conjuncto de medidas rigorosas, inflexiveis. Tudo, com effeito, ou quasi tudo, estava por criar. Haviamo-nos, infelizmente, acostumado a receber do estrangeiro e em particular da Allemanha toda a especie de objectos de armamento, de productos chimicos e metallurgicos. Antes de fabricar granadas em grande quantidade, tornou-se preciso improvisar as fabricas de productos indispensaveis para a creação de explosivos. Pois já o conseguimos. Foi uma verdadeira revolução que se produziu silenciosamente nas diversas regiões do imperio, uma verdadeira transformação da nossa actividade industrial e poder-se-hia quasi dizer dos nossos costumes».

O ministro poz sob os olhos do enviado especial do *Journal* duas cartas indicando a situação dos centros industriaes russos que fornecem o exercito e mostrando a multiplicação prodigiosa do numero de installações consagradas ás necessidades da guerra.

«Se—accrescentou o ministro— a par dos resultados enormes obtidos por meio d'estas creações, que diriamos espontaneas, se considerarem tambem os formidaveis fornecimentos que a Russia recebeu da industria estrangeira, o senhor não se admirará de que possamos, sob o ponto de vista do consumo de munições, encarar o futuro com confiança. A importancia da artilharia russa far-se-ha sentir cada vez mais. E' tristemente verdade que n'um dado momento faltaram muitas coisas, mas d'ora ávante as mais graves lacunas estão preenchidas e tudo se alcançou com bastante rapidez...

«O nosos caminho de ferro de Arkhangel a Vologda, que era de via estreita, foi transformado e reconstruido passando a ser de via larga. O gelo obstrue actualmente o mar Branco, mas esperamos vencer pouco a pouco esse obstaculo.

«Quanto aos soldados, ocioso será dizer que o seu moral é excellente. Graças a uma mobilisação em grande massa, que foi ordenada ha alguns mezes, e á duplicação do numero de depositos, temos agora uma reserva permanente de um milhão e meio de recrutas novos, o que nos permitte accudir ás exigencias das diversas unidades sem que seja mister enviar para a frente homens com uma insufficiente preparação militar. E' d'uma capital importancia este immenso reservatorio em que se renovam as unidades de frente, agora bem completas.

«N'uma palavra, á medida que a guerra se prolonga, as forças dos alliados augmentam e as das potencias centraes diminuem. E' um facto a que nada ha a oppôr. Os nossos adversarios, na hora actual, são ainda energicos. Os allemães, admittamol-o, poderão talvez inventar algum novo apparelho, mas taes expedientes não conseguem modificar o destino, que é fatal. Por detraz dos alliados ha os recursos naturaes do universo inteiro. Por detraz dos exercitos das potencias centraes o solo exgota-se. Apenas ha uma phrase para exprimir a certeza do exito final: a guerra continua!»

A Allemanha e a paz separada com a Belgica

Paris, 9 de fevereiro

De Roma recebeu-se hoje n'esta capital um telegramma concebido nos termos seguintes:

«O Giornale d'Italia» soube de fonte segura que a Allemanha fez recentemente á Belgica propostas de paz separada, com estas bases: restauração do reino, como era antes da guerra; regresso do rei Alberto ao throno; indemnisação dos prejuizos causados durante a occupação; tratado de comercio favoravel na apparencia á Belgica, mas na realidade á Allemanha, pois que os portos de Antuerpia e Ostende ficariam quasi germanisados.

Salvo os tratados de commercio, a Allemanha parecia resolvida a mais largas concessões.

«As conversações, por intermedio do nuncio em Bruxellas mgr. Tacchi, nunca revestiram qualquer caracter official. E' provavel que o representante do Vaticano não haja sido auctorisado a servir de intermediario, a não ser no caso em que as propostas allemãs tivessem obtido um acolhimento favoravel junto das auctoridades belgas.

«O rei Alberto e o seu governo, pelo contrario, oppuzeram uma recusa cathegorica a taes offerecimentos, allegando que nenhuma paz separada é possivel e que taes discussões apenas podem effectuar-se com a Quadrupla «Entente» e só quando a Allemanha fôr vencida».

O «Temps», commentando este telegramma, escreve:

Os allemães deveriam saber que toda a tentativa para obter uma paz separada com a Belgica, como com qualquer outra potencia, que faça parte do grupo dos alliados, está antecipadamente condemnada a um cheque certo.

«A Belgica nunca poderia admittir qualquer discussão antes da inteira

A vêr navios

Desenho de M. Monterroso

—Estás aqui, estás a vêl-os por um occulo!

Folhetim d'A CAPITAL 12-2-1916

CHRONICA MUSICAL

Ricardo Wagner

A 5 de janeiro de 1913, na noticia critica que n'esse dia aqui publiquei do concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, aventava a ideia de se organisar um concerto exclusivamente wagneriano, commemorando o 30.º anniversario da morte de Wagner, que passava no mez seguinte.

Isso se fez, e o exito d'esse concerto foi tal que todos os annos n'esse mez se repetiu o Festival Wagneriano; ámanhã, justamente o dia 13, dia que em que em Veneza succumbiu o genial reformador, realisa-se no theatro Republica o quarto festival; para quem conhece as qualidades que já hoje tem a orchestra—digo a orchestra e não o agrupamento de musicos, pois são coisas totalmente differentes—e os talentos do seu eminente director, a cujo esforço se deve o termos concertos symphonicos, não restam duvidas de que esse festival honrará tanto os que o promovem como os que a elle assistirem.

* * *

Acerca da estranha e extraordinaria personalidade de Ricardo Wagner está dito tudo o que era possivel, e até o que parecia impossivel que se dissesse. Não serei eu quem agora venha dar novidades ás pessoas cultas, que todas mais ou menos teem conhecimento da obra do genial saxão e do fim que elle tinha em vista.

Falarei por isso de um ponto menos vulgarisado, embora de capital importancia para o conhecimento da psicologia do creador do *drama allemão*: a sua adopção dos principios de Schopenhauer e da philosophia pessimista.

Wagner viveu em Paris de 1839 a 1842, e, n'estes trez annos, soffreu todas as decepções e todas as amarguras: desde as enormes difficuldades para arranjar uma casa onde estivesse ao abrigo do «tirano invisivel que por toda a parte se embusca atraz de cada porta, em cada andar, atacando a sua victima sem tréguas nem misericordia», o infernal piano—e ainda n'esse tempo não existia o instrumento horrivel de supplicio que é o gramophone—, até as mais extremas necessidades materiaes, tudo Wagner soffreu; para o pão de cada dia, sujeitou-se aos trabalhos mais degradantes para a sua alma de artista: escreveu quadrilhas, polkas, e até reducções de operas para flauta e cornetim; ha uma partitura da *Favorita*, reduzida para piano por Ricardo Wagner!

De tudo triumphou a sua vontade indomavel: Wagner era, fundamentalmente, um *homem de vontade*.

Esta vida tormentosa terminou pelo convite que lhe foi dirigido para dirigir a Opera de Dresde; nomeado mestre da capella real, logar que Weber tinha occupado, Wagner gosava as delicias para elle desconhecidas d'uma vida tranquilla, quando a revolução de 1848 estalou em França e depois na Allemanha. Julgou que devia ás suas ideias republicanas o sacrificio das suas sympathias, interesses e posição, e lançou-se no movimento; a revolução foi suffocada, Wagner fugiu para a Suissa, estabelecendo-se em Zurich.

De ha muito que em volta de Waguer e da sua inovação se levantara celeuma: é discutido, combatido com colera e encarniçamento, emquanto um pequeno numero o defende, exalta e proclama chefe de escola. Elle assiste a estas luctas em silencio: só o artista se mostra, emquanto o critico e o philosopho se forma pouco a pouco, em recolhimento. Para quem pretende levar a cabo uma seria reforma da arte, a liberdade é mais que tudo necessaria: por isso Wagner entrara na revolução republicana, de que esperava o regimen de liberdade de que carecia. A subita decepção de tão alta esperança lançou-o num grande acabrunhamento, ou, segundo a sua propria expressão, «n'uma situação enygmatica e dolorosa».

As suas ideias moraes, philosophicas e religiosas ainda não se tinham definido; a Allemanha estava imbuida da philosophia de Hegel, e a Hegel tinha Wagner ido beber o pantheismo, como se vê claramente no *Tannhauser*, e a ideia *mater* do professor de Iena: o progresso incessante, na natureza, no homem, nas civilisações, nos costumes, na arte.

O optimismo hegeliano não era, n'este momento de grave crise, em que o artista duvida de tudo, dos homens, das coisas, dos acontecimentos, e até da sua propria arte, a base philosophica em que podia assentar o seu espirito; é justamente então que Wagner toma conhecimento da obra de Schopenhauer.

Wagner teve sempre uma grande inclinação pela França e pelo espirito francez; por isso foi desde logo seduzido pelo estylo do philosopho, espirituoso, elegante e claro, allemão de nascimento, latino de educação e temperamento. Um homem como Wagner não podia deixar de se sentir atrahido para um philosopho que abria uma das suas obras por esta phrase: «Escrevo para ser comprehendido», e que n'outra parte escrevia: «Quereis saber a receita infallivel e homoeopatica para compor um volume de philosophia hegeliana? Diluí um *minimum* de pensamento em quinhentas paginas de phraseologia nauseabunda, e abandonai isso á paciencia bem allemã do leitor».

Wagner encontrou finalmente um homem que põe a nú os miseraveis artificios dos *satisfeitos* de toda a especie, que os troça e ridicularisa. A's loucuras do optimismo; oppõe Schopenhauer um enthusiasmo pessimista, repelle a perfectibilidade tanto na especie como nas sociedades; e «só tem desdem pelos sonhos democraticos, soando-lhe as palavras: triumpho da democracia, futuro irrisistivel da democracia, como um terrivel barbarismo».

No estado de cruel desengano em que Wagner se encontra, estas ideias calam fundo: por isso elle se entrega a este vigoroso demolidor.

Mas Wagner é uma natureza mascula, a quem o vacuo e a abstracção repugnam; se Schopenhauer fosse apenas o critico demolidor, em breve elle o teria abandonado; mas o philosopho vae construir depois de ter destruido tudo; no deserto criado pela sua alta especulação, ergue-se uma montanha: *a vontade*. Ella é a unica força; superior a ella, no dizer ao philosopho, só existe a belleza: «Quando a belleza se revela á alma, a vontade adormece».

Schopenhauer é, pois, o homem de Wagner, o seu amigo e conselheiro: o luctador, derrotado aos trinta e cinco annos, encontrava, já organisada e compendiada, uma nova força, aquella justamente que até ahi o tinha sustentado. O philosopho e o critico formaram-se dentro do artista; assim armado, entra na liça a combater ao lado dos poucos que o defendem; então apparecem as suas primeiras obras de combate: *A Arte e a Revolução*, *A Obra de Arte do Futuro*, *Opera e Drama*.

Mas Wagner tinha já escripto o seu poema dos Nibelungen; era necessario adaptal-o á nova philosophia, e é então que elle modifica o desfecho, traduzindo á pressa, como ironicamente diz Nietzsche, a sua obra para pessimista.

Tal foi a gênese do pessimismo wagneriano, que tão profundamente marca a sua obra; uma coisa havia, porém, que ficava fóra do pessimismo e oposta ás ideias de Schopenhauer: a base democratica de toda a obra de Wagner, inspirada nos sentimentos intimos do povo e dirigida directamente ás multidões.

Humberto de Avellar

reparação do direito violado em seu detrimento e ella só aguarda essa reparação da victoria dos alliados. Se não adheriu officialmente ao acto de Londres, a sua attitude não é por isso menos clara. Assim como as potencias da «Entente» lhe devem garantir uma participação digna d'ella, na plenitude da sua independencia e da sua soberania, nas eventuaes negociações da paz, a fim de que ahi possa ella propria defender, com toda a auctoridade moral que se liga á sua palavra, os seus direitos e os seus interesses, assim tambem a Belgica, consciente do seu papel, affasta qualquer eventualidade de paz separada...

«E', todavia, licito conservarmonos scepticos perante o que respeita ás pretensas condições que offereceria a Allemanha, quando se conhecem as exigencias de certos meios allemães muito influentes pelo que toca ás garantias militares e economicas a tomar na Belgica sob o pretexto de assegurar a prosperidade e a segurança da Allemanha no futuro».

O futuro commercial da Allemanha

Paris, 9 de janeiro

A Allemanha preocupa-se já com o que ha de succeder depois da guerra e com as providencias a tomar para levar a cabo o que ella denomina a «desmobilisação economica». O *Berliner Tageblatt* dá conta de uma reunião que durou dois dias, sexta e sabbado ultimos, em Berlim, e na qual se juntaram todos os commerciantes e industriaes da grande liga economica o Hansabund que, como o nome o indica, é a mais importante organisação do commercio allemão de além-mar. Tomaram-se deliberações sobre o modo de, finda a guerra, passar do estado de mobilisação economica actual para o estado de paz. Tendo falado varios oradores, o dr. Ruesser, presidente do Hansabund, annunciou que a Liga propoz ao governo a creação d'um estado maior economico ao qual incumbirá a tarefa de utilisar as lições economicas da presente guerra, logo que seja assignada a paz, no desenvolvimento das relações economicas do tempo de paz. «Cumpre que comecemos já amanhã—concluiu o orador—a fazer preparativos».

Ao chanceller foi enviado um relatorio sob o que occorreu na reunião.

A invasão allemã no Canadá

Londres, 8 de fevereiro

De New-York telegrapham ao *Times* o seguinte:

«Segundo o *New-York-Herald*, o governo do Canadá recebeu dos seus agentes secretos em New-York um relatorio em que se chega a estas conclusões:

1.º—Que duzentas mil espingardas Mauser, compradas secretamente pelos agentes allemães, foram enviadas para certos pontos da fronteira do Canadá;

2.º—Que numerosos officiaes do exercito allemão chegaram recentemente dos Estados Unidos, procedentes de portos neutros europeus e apresentando-se como refugiados belgas. A sua missão consistiria em assumir o commando d'uma força armada destinada á invasão do Canadá;

3.º—Que o principal objectivo d'este movimento é a destruição do canal de Welland, a fim de paralisar todo o commercio com os alliados;

4.º—Que um terço da producção das fabricas de munições americanas foi comprado por agentes allemães que se dizem ao serviço dos governos alliados. Essas compras, que consistem sobretudo em espingardas, são depositadas em logares que se conservam secretos.

5.º—Que a destruição do palacio do parlamento do Canadá em Ottawa e a tentativa de destruição d'uma fabrica de munições na mesma cidade são obra dos germanophilos.

«O *New-York-Herald* assegura que a policia secreta dos Estados coopera com os agentes alliados para procurar prender os chefes do *complot* e da invasão allemã».

Batalhão de marinha expedicionario

O sr. José Gomes Loureiro pede-nos a publicação do seguinte:

«Convidam-se as praças de marinha que fizeram parte do batalhão ao sul d'Angola, tanto as que tiveram baixa, como as que estão no effectivo, a reunir depois d'amanhã, ás 14 horas, em frente do parlamento, para se nomear uma commissão que vá fallar com os srs. presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, a pedir-lhes que se interessem junto do governo para serem pagos a essas praças os vencimentos que lhes pertencem ao abrigo do decreto n.º 91, n.º 2 do artigo 2.º da lei de 10 de junho de 1912.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Lojistas barbeiros.—Para se reclamar contra a nova contribuição que foi lançada e de que estão isentos pelo decreto de 26 de novembro de 1887 (artigo 271 das posturas municipaes) são convidados todos os lojistas prejudicados a reunir depois d'amanhã, ás 13 horas, á porta dos paços do concelho, a fim de reclamarem contra essa contribuição.

Operarios do municipio de Lisboa.—Reune em sessão magna amanhã, ás 7 horas, para tratar das ultimas reclamações do pessoal de limpeza e rega.

Centro 27 d'Abril.—Para assumpto urgente e inadiavel, reune a assembléa geral amanhã, ás 14 horas.

Conductores de carroças.—Reune amanhã, ás 12 horas, a assembléa geral com a seguinte ordem de trabalhos: Para a commissão eleita na ultima assembléa, dar contas dos seus trabalhos; tomar deliberações sob o caminho a seguir, para o bom exito que elles visam; sessão de propaganda conjunctamente com a Federação de Transportes.

Sociedade da Cruz Vermelha.—Para preenchimento de vagas nos corpos gerentes reune a assembléa geral depois de amanhã, ás 21 horas precisas.

OUVINDO UMA GRANDE ARTISTA

A proposito do concerto de ámanhã no Republica

O reapparecimento de Maria Judice da Costa

Eu devo ao convivio com artistas alguns dos inesqueciveis momentos de prazer espiritual que me tem sido dado experimentar na minha vida de jornalista. E creio firmemente que, como eu, tambem os meus collegas pensam assim. E' que a existencia d'aquelles que labutam no ingrato mister das lettras tem de tal modo affinidades, pontos de semelhança, com a intensa e agitada carreira dos artistas que bastam elles para nos approximarem e fazerem comprehender.

Phases de triumpho e interminaveis dias de tristeza e de descrença, o fanatismo das multidões em um momento e as suas injustiças, as suas ingratidões em outro, quem, como nós, conhece melhor tudo isso á mistura com o feroz egoismo, franco ou dissimulado, d'aquelles que são os nossos emprezarios, os nossos editores, os nossos senhores? Depois, quando os annos avançam, quando o oiro estuante da mocidade se vae esvaecendo aos poucos derretido pelas primeiras neves de um inverno que só se transforma em morte—jornalistas portuguezes, artistas portuguezes—somos nós ainda irmãos no rigido esquecimento a que nos vota o publico que estremecemos, somos nós ainda, sem hora presente, que vivemos da visão do passado dispersivo, quasi immaterial, onde, vertiginosamente, febrilmente, consumimos a nossa vibratilidade, toda a nossa energia physica e moral...

... E foi embrenhando-me n'esta corrente de pensamentos que, pelo entardecer de um d'estes ultimos dias de bruma e de nostalgia, me dirigi para a Avenida do Duque de Loulé, onde era chamada pelo gracioso convite para jantar de uma artista a que de ha muito tempo me ligam gratos laços de admiração e de amisade. E eu não sei francamente de artista portugueza que melhor os mereça e saiba intensificar a cada momento que decorre, no seu convivio. Recordo-me que em uma das ultimas vezes que falei com Paulo Barreto no Rio de Janeiro, o escriptor primoroso da *Alma encantadora das ruas* me dizia com aquelle enthusiasmo cheio de alma que elle põe em todos os factos e em todas as pessoas que o prendem:—Que adoravel patricia que tu tens em Judice da Costa. Artista pelo seu singular temperamento e pela escola que o cultivou, admiro-a como uma das maiores glorias lyricas de Portugal; como mulher, que nunca deixa de ser senhora, cada phrase sua é um delicioso detalhe de observação, irradiação seductora de uma gentileza de espirito que não encontra excedente.»

Pelas oito horas da noite, no encantador «home» da illustre cantora—onde cada objecto parece ser, pelo seu primor e pela sua delicadeza, uma particula das ondas de perfume que envolvem as almas dos verdadeiros artistas—começou o jantar, entre um grupo de jornalistas, camaradas amigos e de talento. As horas decorrem rapidamente n'uma conversação interessantissima, esmaltada de ditos de espirito, de pormenores sobre arte, e sempre dominada pela voz de suave, de arrebatador timbre de Judice da Costa... Ora ella nos fala das suas «tournées» artisticas atravez da Russia, da Italia, da Allemanha, de toda a America do Sul, evocando aspectos de paysagem, impressões de arte, episodios pessoaes, ora com a gravidade de quem muito bem conhece a vida social do nosso paiz, aponta erros de educação, insupportaveis defeitos da rotina que constituem o nosso mais invencivel inimigo, o nosso maior pesadelo.

O oiro do champagne esfusia já nas taças de crystal e alguem lembra-se de saudar os futuros triumphos da eminente artista.

A proposito, pergunto, após alguns momentos:

—Qual é presentemente o seu programma artistico?

Judice da Costa sorri-se, com um sorriso indefinivel e volve:

—Programma... programma não tenho, porque para o ter seria necessario contar com dados positivos, com pontos concretos. Tenho tido um ideal, mas falta-me emprezario que m'o ajude a realisar.

—E é?—inquiri com irrequieta curiosidade.

—Organisar uma serie de concertos wagnerianos, com a collaboração d'esses dois grandes maestros, glorias legitimas da arte portugueza que são Pedro Blanch e David de Sousa. Mas... para chegar até lá quantas difficuldades postas pelo meio me não tolhem o caminho...

Causou-me magua o pessimismo da distincta cantora e não o partilhei.

A nossa palestra resvala agora para Wagner cuja arte vigorosa e estranha tem em Judice da Costa uma das suas mais gloriosas interpretes. O nosso espirito ajoelha dentro do templo de emoções fortes e de processos ineditos que nos construiu esse propheta athletico de uma esthetica nova que mesmo n'esta rubra hora para a historia universal consegue derruir fronteiras e irmanar almas.

Penso carinhosamente, ardentemente na possibilidade de Judice da Costa nos fazer sentir com o seu extraordinario talento, a sua soberba voz de soprano, a tetralogia, um dos mais caracteristicos e maravilhosos documentos do genio wagneriano.

Finalisára o jantar com esta captivante nota... E eis que, decorridos dias sobre essas horas de delicado prazer, de um encantamento que nunca mais se esquece, os jornaes e os cartazes me dizem que a cantora Maria Judice da Costa vae fazer-se ouvir ámanhã, no theatro da Republica, na «Isolda», com a orchestra de Pedro Blanch.

Depois d'isto e não obstante todas as desillusões, todos os espinhos, todos os sombrios momentos que povoam a vida dos artistas e dos jornalistas—eu não tenho o direito de duvidar de que effectivamente ha ainda um Deus que nos protege, d'esta vez revelado para a grande artista em ir cantar ámanhã Wagner, como preludio naturalmente da serie de concertos em que me falou, e para mim em a ir ouvir e prestar homenagem a uma interpretação que não póde deixar de ser digna da gloria mundial que aureola o nome de Maria Judice da Costa.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NO CONSERVATORIO

A'manhã, pelas 14 horas, realisa-se no salão nobre do Conservatorio a segunda audição publica gratuita dos alumnos da Escola da Arte de Representar. O interessantissimo programma é o seguinte:

Aristophanes e Gil Vicente, «Mordomo»; Jorge Beltram.

I—Dialogo do Justo e do Injusto, da comedia «As Nuvens», de Aristophanes: «O Justo», Vital dos Santos; «O Injusto», Armando Baptista; «Philippide», D. Maria Amelia de Carvalho.

II—Cananéa, de Gil Vicente, «Cananéa» D. Emma Videira.

III—Côro e danças da «Lysistrata», de Aristophanes, musica do professor Herminio Nascimento. Coros: D. Alice Ribeiro, D. Alice Machado, D. Cathalina Giménes, D. Carolina Baptista, D. Cremilda Torres, D. Eva Fernandes, D. Fernanda Fernandes, D. Hortense da Luz, D. Ilda Ralão, D. Isaura Rocha, D. Lilia Lopes, D. Maria Emilia Leitão, D. Ophelia Brochado, D. Rosalina Pereira, D. Silvina Oliveira e D. Zulmira Vargas. Danças gregas pelas alumnas do curso de bailarinas da Escola, D. Maria Amelia de Carvalho e D. Thereza Lloriente.

IV—Assembleia das Mulheres, de Aristophanes (dialogo de Blépyro e de Praxágora). «Blépyro», Salvador Costa; «Praxágora», D. Irene Neves.

VI—Todo o mundo e ninguem, episodio do «Auto da Lusitania», de Gil Vicente. «Belzebuth», Armando Baptista; «Todo o mundo», Seixas Pereira; «Ninguem», Vitor Moraes; «Dinato», Vasco Camélier.

VII—Folia do «Auto da Feira», de Gil Vicente, musica do professor Herminio Nascimento. (Segue-se immediatamente ao episodio «Todo o Mundo e Ninguem»).

DE VIAGEM

Só ámanhã, ás 11 horas, embarcam no «Frisia» os officiaes srs. Oscar Monteiro Torres, Antonio de Sousa Maia e Lello Portella, que vão, como temos noticiado, tirar o «brevet» d'aviador em Inglaterra. O primeiro d'esses officiaes teve a gentileza de vir hoje apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida.

LAS PALMAS, 12.—(Radio de bordo do vapor «Loanda»).—Os passageiros de 1.ª classe do vapor «Loanda» estão de boa saude e cumprimentam suas familias. (aa) Pena, Bento, Flavio Varella, Silva, Albuquerque, Lucas, Salgado, Barbosa, Elisiario, Margarida Moraes Pinto.—(Havas).

EXPOSIÇÃO D'ARTE

Inaugura-se ámanhã no salão da «Illustração Portugueza», e exclusivamente para a imprensa a exposição annual de quadros a oleo do sr. Hygino de Mendonça.

RAUL FREIRE

Parte depois d'ámanhã para Madrid, onde vae «de visu» assistir á exhibição de alguns numeros que tenciona apresentar na sua casa de espectaculos, o sr. Raul Freire, um dos proprietarios do Salão Foz.

NOTAS MUNDANAS

Regressou hontem de Paris M.me Carlos Olavo, que seguiu hontem mesmo para o Estoril, com seu marido.

SUFFRAGIOS

Suffragando a alma do sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto realisou-se hoje na egreja dos Paulistas uma missa mandada dizer por seus filhos, sendo celebrante o rev. prior Bento dos Santos Nogueira. Entre a numerosa assistencia, na qual se viam muitas senhoras, tomámos nota dos seguintes srs.:

Marquez de Pombal, condes de Sabugosa, de Sant'Iago, de Oeiras, de Redondo e Vimioso e de Seixal, viscondes de Mairos e do Marco, almirante Nandim de Carvalho, coroneis Antonio Costa e Antonio Augusto Monteiro, D. José Luiz de Sousa Coutinho, D. Fernando de Sousa Coutinho, Alvaro Costa, Luiz Gama, Antonio Jacintho Ramos, Joaquim José d'Almeida, Alfredo Costa, Mello Lorena, Walter Constante, Cabral Metello, José Sassetti, José d'Azevedo Castello Branco, padre Amaro, actor Chaves, Miguel Antonio Neves Junior, Fernando de Sousa, Jorge O'Neill, Antonio da Cunha Lamas, D. Fernando de Mello, José de Freitas Driessel Schroeter, Polycarpo de Azevedo, Francisco Ribeiro da Cunha, Edgar Prestage, Ruy de Mesquita, João Fletcher, etc. Fizeram-se representar a Sociedade Protectora dos Animaes e Bombeiros Voluntarios Lisbonenses.

Salão Foz

Quando os numeros são bons e se impõem, as enchentes succedem-se. E' o que tem succedido no Salão Foz. Como reuniu uma pleiade da artistas magnificos, a concorrencia é enorme todas as noites.

Nelly-Nell a bailarina excentrica, desperta, com os seus bailados com trajes caracteristicos e com as suas canções enorme successo, successo justificado porque todo o trabalho d'essa bailarina excentrica prende a attenção.

Bela Mora, coupletista hespanhola que hontem se estreiou, tem voz e tem graça e as palmas com que a premiaram attestam o seu valor. Les Papillons continuam em pleno exito. Todos graciosos executam os seus bailados com esmero recebendo por isso em todas as suas apresentações fartos applausos.

Emfim o Salão Foz está a casa de espectaculos preferida do publico.

A questão albaneza

Genebra, 10 de fevereiro

O critico militar da «New Freie Presse», occupando-se da questão albaneza, escreve:

«A nossa offensiva na Albania, dirigida pelo general Kœwes, prosegue, a despeito das grandes difficuldades que apresenta o terreno, quer quanto ao avanço, quer quanto ao aprovisionamento. Segundo as ultimas informações, as nossas tropas encontram-se a um dia de Tirana. Em Scutari as auctoridades austriacas deram ordem para que lhes fossem entregues todas as armas. A partir das 19 horas, a ninguem é permittido permanecer nas ruas. Aos commerciantes foi prohibido abandonar a cidade.»

Festas associativas

Carpinteiros navaes. — Realisam-se ámanhã as festas commemorativas do 24.º aniversario, sendo o programma o seguinte: ás 13 e meia horas, descerramento dos quadros de honra dos fundadores d'esta associação, usando da palavra diversos oradores; ás 14 e meia, sessão solemne; ás 16, sessão de propaganda social educativa.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite; Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

O grandioso Festival Wagneriano no Republica

Nunca se organisou um programma tão notavel e tão extraordinario como o «Festival wagneriano», que em 5.º concerto de assignatura realisa, no proximo domingo, no theatro Republica, a Orchestra Symphonica Portugeza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, e em que toma parte a distincta cantora Maria Judice da Costa, considerada a mais notavel interprete do reportorio wagneriano. A orchestra executará pela 1.ª vez a celebre «ouverture» do «Fausto», de Wagner e pela ultima vez a «Marcha funebre de Siegfried» e a «Cavalgada das Walkirias». O programma completo é o seguinte:

Primeira parte—I. «Maestros cantores», «ouverture»—II. «Parsifald», preludio—III. «Siegfried-Murmurios da floresta»—IV. «Tannhauser», «ouverture», Wagner.

Segunda parte—V. «Fausto», «ouverture» (1.ª audição)—VI. «Maestros cantores», canto de Walter no concurso—VII «Tristão e Isolda», morte de «Isolda». por Maria Judice da Costa e orchestra, Wagner.

Terceira parte—VIII. «Crepusculo dos Deuses», marcha funebre á morte de «Siegfried»—IX. «A Walkiria», «Cavalgada das Walkirias», Wagner.

Dr. Regis d'Oliveira

Missas de suffragio

A Sociedade de Beneficencia Brazileira e o Club Brazileiro mandaram rezar hoje, ás 11 horas, missas em todos os altares da egreja de Santa Justa e Rufina, por alma do saudoso embaixador do Brazil sr. dr. Regis d'Oliveira, sendo convidados a assistir aos actos a familia enlutada, pessoal da embaixada e consulado e toda a colonia brazileira residente em Lisboa. O vasto templo encheu-se por completo, executando alguns trechos musicaes apropriados ao tacto o sextetto Moraes Palmeiro. A missa no altar-mór foi dita pelo prior da freguezia sr. Damasceno Fiadeiro; a do altar do Santissimo pelo conego Diogo da Piedade Costa; no do Coração de Jesus pelo rev. Venancio Bonifacio; no da Nossa Senhora da Conceição pelo rev. Francisco Domingos Paixão; no do Senhor dos Passos pelo rev. Luiz Salvador do Rosario Sousa; no da Senhora das Dôres pelo rev. Parinha Beirão; no de S. Sebastião pelo prior de Carnide; no de Santo Antonio pelo rev. Rolão; no de Santo André pelo rev. Sousa; no de S. José pelo rev. Valente, e no da Senhora do Rosario pelo prior de S. Christovam.

Entre a numerosa assistencia viam-se:

Madame Ramos Monteiro e filhas, madame Goyall, madame Belfort Ramos, marquezas de Lavradio, de Castello Melhor e filhas, condessas da Foz, das Alcaçovas e de Restello, viscondessas de Silvares e de Serndihe, D. Maria Amalia de Martens Ferrão de Mello e Castro (Galveias), D. Maria Luiza Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Maria dos Santos Silva Roque de Pinho (Alto Mearim).

D. Emilia Rotbold de Carvalho Nogueira Pinto, D. Mathilde Aguiar de Andrade Santos Silva, D. Margarida de Almeida Ortigão, D. Maria Isabel de Mello de Barros, D. Maria de Mello, D. Henriqueta de Terra Vianna, D. Clementina Dias Costa e filhas, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Maria Ritta Pires de Lima, D. Beatriz Benjamim Pinto, D. Edeltrudes da Camara Rodrigues e filha, D. Herminia Motta de Mello e Abreu, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Eulalia de Campos Neves, D. Maria Joanna de Almeida Vianna e filhas, D. Cila de Almeida, D. Halia Correia Leite, D. Anna Cesarina da Silva de Almeida, D. Joanna Maria Salgueiro de Almeida, D. Leopoldina A. Rebello da Gama Guimarães, D. Odilia Augusta Pedreira, D. Laura Palmira de Sousa da Costa Pinheiro, D. Maria Emilia Teixeira Berneaud, madame A. B. de Queiroz, D. Maria Natividade da Cruz, D. Noemia de Moraes, D. Rosa de Figueiredo Maia, D. Candida Gonçalves Baltar.

Madame O'Connor Martins, D. Alice Felix da Costa Monteiro, madame Martins d'Oliveira, D. Palmira Pitta Brandão, madame Alvim Meuge, D. Ludovina Alves Pinto, madame Moysés Marcondes e filha, D. Maria Adelaide e D. Maria Amalia Cabral, madame Pereira d'Eça, D. Beatriz Pereira da Motta Brandão, D. Laura Pancada, D. Elvira Carvalho, D. Ignez e D. Rosa Godinho, mesdemoiselles Silva Pinho, etc., etc.

E os srs.:

Dr. Velloso Rebello, encarregado dos negocios do Brazil, D. Dionisio Ramos Monteiro encarregado de negocios do Uruguay, Alexandre de Vasconcellos, encarregado de negocios do Paraguay, Eduardo Lisboa, antigo ministro do Brazil.

Dr. Belfort Ramos e dr. Sousa Bandeira, primeiro e segundo secretarios da Embaixada, conselheiro Sousa Dantas, consul geral do Brazil.

D. Carlos da Camara de Noronha (Paraty), Henrique de Hollanda, Joaquim Clinton, Raul Galo, funccionario do consulado brazileiro, marquezes de Lavradio e de Castello Melhor, condes de Sabugosa, de Bertiandos, das Alcaçovas, de Paço Lumiar, e de Restello, viscondes de Marco, de Alvellos e de Sorraia.

G. S. Spratley, consul geral do Salvador, Carlos Ferreira dos Santos Silva, D. Pedro de Almeida Mello de Castro (Galveias), dr. Manuel de Oliveira Monteiro, Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim), A. de Oliveira Soares, D. José de Mendoça, J. A. Moreira d'Almeida, por si e pelo sr. conselheiro João de Azevedo Coutinho, João Bregaro, Lourenço Carinello Melleiro, Manuel Terra Vianna, Adolpho Talone da Costa e Silva, etc.

Ao acto assistiu no altar-mór toda a familia do extincto, vendo-se do lado esquerdo a bandeira brazileira envolta em crepes.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 12. — Communicação official das 15 horas:

Segundo novas informações o ataque á granada que executámos hontem de tarde em Champagne, na região ao norte do macisso de Mesnil poz-nos em seguida á acção da artilharia, de posse decerca de trezentos metros de trincheiras inimigas. O contra-ataque effectuado pelo inimigo durante a noite foi completamente repellido e fizemos 65 prisioneiros, entre os quaes um official. A noite decorreu calma no resto da linha.—(Havas).

Os inglezes na Mesopotamia

LONDRES, 12.—Official.—Na Mesopotamia um destacamento em reconhecimento que havia partido de Mesryiah quando regressava ao ponto de partida foi atacado pelos arabes que tiveram mais de 300 mortos. As perdas britannicas conhecidas elevam-se a 375. Uma columna de soccorro surprehendeu completamente os arabes destruindo-lhes quatro das suas aldeias perdendo apenas seis homens.—(*Havas*).

A producção de material de guerra em França

MADRID, 11.—O sr. Albert Thomas, sub-secretario das munições de França, declarou a um jornalista italiano, redactor do *Secolo* de Milão, que nas fabricas francezas de material de guerra trabalham hoje 750:000 operarios e 120:000 mulheres. Disse mais que em Paris tem a Italia uma commissão militar para o material de guerra e que a França tem egualmente em Roma uma commissão militar, existindo um começo de intercambio entre italianos e francezes. Estes fornecem á Italia projecteis; a Italia fornece aos francezes camiões automoveis. O ministro accrescentou: «A enviatura de projecteis de França para Italia e para outros paizes é possivel, porque conseguimos a unidade de calibre; agora só falta conseguir a unidade de direcção e de esforços».—(*Corresp.*)

Agentes consulares allemães nos Estados Unidos

MADRID, 11 — Communicam de Inglaterra que nos Estados Unidos já foram processados trinta e nove agentes consulares allemães como envolvidos em casos de gréves, disturbios e attentados varios no sentido de favorecer os imperios centraes contra os alliados.—(*Corresp.*).

A marinha norte-americana

MADRID, 11.—O senado norte-americano elevou a trezentos o numero de alumnos da Escola Naval e resolveu crear um novo arsenal na California.—(*Corresp.*)

Miss Cavell servindo a patria

MADRID, 11.—N'um museu de Londres foi exposta a figura de cera de miss Cavell, que os allemães martirisaram na Belgica. *A Gazeta de Colonia*, referindo o facto, accrescenta indignada, que os inglezes fazem desfilar os seus recrutas perante essa figura, para n'elles excitar ainda mais o odio contra a Allemanha.—(*Corresp.*)

Os acontecimentos

Attentados para privar Lisboa de agua? O funeral d'uma das victimas do largo do Outeirinho da Amendoeira

As auctoridades tiveram conhecimento de que certos elementos pensavam impedir o abastecimento da agua na cidade fazendo ir pelos ares por meio de dynamite, os diversos depositos e reservatorios.

Por esse motivo, foram tomadas todas as providencias, sendo esses depositos guardados por forças da guarda republicana e da policia. A ponte syphão de Sacavem e todos os sitios por onde passam as aguas do Alviela tambem teem estado vigiados por forças de diversas armas.

Hoje de tarde esteve no governo civil uma commissão de operarios da Companhia das Aguas, assegurando que desconheciam os motivos das precauções junto dos depositos, reservatorios e officinas e pedindo que as forças fossem mandadas retirar, porque elles são sufficientes para a defeza d'esses locaes, caso fossem atacados.

Hoje não se fizeram diligencias algumas sobre os acontecimentos.

A'manhã, pelas 15 horas, realisa-se o funeral da pequenita Beatriz da Conceição, uma das victimas da explosão da bomba no largo do Outeirinho da Amendoeira. A benemerita Sociedade A Voz do Operario, que faz o funeral a expensas suas, convida todos os seus consocios a encorporarem-se no prestito que sahirá de S. José em direcção ao cemiterio oriental. As creanças que frequentam as escolas, em numero de 800, tomam parte no cortejo.

Na proxima quinta feira realisa-se o funeral da outra victima da explosão, o menor Eugenio dos Santos, alumno da escola n.º 1 da Voz do Operario, que tambem lhe faz o funeral.

UMA PEÇA EM FOCO

Redemptores... da Illyria

Em que se fa'a do general... Ivankof, do... rei Nicolau, da intervenção da... Etruria, etc., etc.

(Dialogo ouvido hoje, á porta d'um café).

1.º PERSONAGEM—Sim, já ouvi dizer...

2.º PERSONAGEM—Que é uma «charge» politica?

1.º PERSONAGEM — Evidentemente. Toda a gente comprehende, de resto, que elle não ia localisar a peça na Illyria sem um duplo sentido. E ver-se-ha. Apparecem figuras que todos nós conhecemos, politicos, revolucionarios, gente do povo. E' tão transparente o véu que as encobre!... Só não decifra a charada quem andar inteiramente alheado das coisas d'este mundo. E mesmo esses...

3.º PERSONAGEM — Garantiram-me hoje que a acção decorre no fim do reinado de D. Manuel. Os redemptores são os republicanos, que empregam o supremo esforço para salvar a Patria do abysmo para onde a empurravam os erros e os crimes dos monarchicos. Será assim?

1.º PERSONAGEM—Não é.

4.º PERSONAGEM—Não, a acção passa-se já no tempo da Republica. E' a invasão das tropas couceiristas, pondo-se bem em destaque a sua organisação em terra estrangeira. Ha uma figura, a do chefe Radi, que symbolisa a victoria do espirito republicano, ardentemente revolucionario, sobre o inimigo monarchico e sobre os republicanos que viviam mergulhados na apagada e vil tristeza de que o poeta fala.

1.º PERSONAGEM—Não é bem isso o que eu ouvi dizer... As allusões da peça visam acontecimentos politicos mais recentes. E' o governo Azevedo Coutinho, é o movimento das espadas, é a dictadura. Por fim, surge o glorioso esforço do povo na madrugada heroica de 14 de maio. O rei Nicolau não é um rei. O general Ivankof—vocês adivinham quem é...

3.º PERSONAGEM—Mas se elle proprio, o auctor, afifrmou que o entrecho se baseava na revolução de 5 de outubro? Não queria praticar uma inconfidencia—mas lá vae. Eu appareço na peça!

2.º PERSONAGEM—Tu?

3.º PERSONAGEM—Sim, eu. Disse-m'o elle. E todos sabem que entrei no 5 de outubro e não tive nada com o 14 de maio.

2.º PERSONAGEM—Disse-te isso para brincar comtigo, para te lisongear. Não conheces o seu feitio «blagueur»? D'um outro sei eu, authentico revolucionario de 14 de maio, a quem elle tambem garantiu—que entrava na peça!

1.º PERSONAGEM—Tudo isso, meus caros, é phantasia. Só eu estou dentro da verdade. Emfim, lá iremos logo todos. E vocês me dirão, quando o Boris entrar no gabinete, a annunciar que está em marcha o movimento revolucionario—vocês me dirão quem é o Boris.

4.º PERSONAGEM—Não... Continuo na minha. A propria intriga amorosa da peça démonstra que a acção decorre no periodo duma' invasão couceirista. E a intervenção da Etruria? E' uma consequencia fatal do inimigo se ter organisado em terra estrangeira. Tenho mesmo a vaga ideia de que se faz uma allusão ao combate de Chaves.

1.º PERSONAGEM—Mas como explicas tu, n'esse caso, que o rei Nicolau, (que não é rei...), apavorado com a revolta dos officiaes entregasse a chefia do governo ao general... Ivankof?

4.º PERSONAGEM—Desconhecia esse pormenor. Talvez seja um «détour» da verdadeira allusão, um pouco de phantasia para desnortear.

1.º PERSONAGEM—Ora! Vocês me dirão logo. E' uma «charge» politica moldada nas intenções que eu apontei. Pois se até se diz na peça que o general Ivankof é de nobre estirpe e que se fez liberal magoado porque o antecessor de Nicolau nunca o chamou ao paço...

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de janeiro findo foi de 9:813.707$13 na totalidade, sendo 5:296.574$04 de entradas e 4:517.133$09 de sahidas, de que resulta um saldo positivo de 779.440$95 que, addicionado ao do mez anterior, perfaz o de 22:068.985$31.

PELA ALTA FINANÇA

NA CASA BURNAY

A sahida do sr. Eduardo John—Os seus motivos—A entrada do sr. Balthazar Cabral

A firma Henry Burnay & C.ª, celebrou hoje uma escriptura de modificação do pacto social, originada pela sahida do socio sr. Eduardo John e entrada do sr. dr. Balthazar Cabral, uma das personalidades mais distinctas não só da alta finança, como da sociedade portugueza, pela sua esclarecida intelligencia e pelos primores da sua finissima educação.

O capital da firma ficou inalterado, pois a sr.ª condessa de Burnay tomou metade da quota do sr. Eduardo John e o sr. dr. Balthazar Cabral a metade restante.

As razões da sahida do sr. Eduardo John, que entrou para a dita firma ha quarenta e dois annos, são explicadas na escriptura nos seguintes termos:

«O socio sr. Eduardo John não deseja continuar associado, porque, sendo subdito allemão, julga conveniente aos interesses dos seus socios, e aos seus proprios interesses, desligar-se por completo da sociedade, para assim esta poder livremente exercer o seu giro commercial, sem receio de complicações, que por ventura possam resultar da sua nacionalidade, e, por outro lado, para elle mesmo sr. Eduardo John não ter nenhumas responsabilidades, nem sequer de ordem moral, em quaesquer actos que, porventura, sejam praticados pela firma social ou por estabelecimentos em que seja interessada, actos que não poderia evitar, se continuasse na sociedade, em que está interessado por quantia relativamente pequena, mas que lhe poderiam ser desagradaveis».

Caixa de Soccorros do theatro da Trindade

Dedicado aos socios e suas familias offerece a direcção um sensacional «Baile carnavalesco» no palco do theatro, na madrugada de 27 do corrente.

Consta-nos que se preparam grandes surprezas e diversos attractivos, os quaes concorrerão para se passar uma noite agradavel.

A entrada é por convites especiaes, tendo-se os socios visto em difficuldades para satisfazer os pedidos, tal o empenho em assistir a esse baile.

Recolhendo ao hospital

Suicidio—Queda e desastres no trabalho—Ferido com um tiro

Laura Augusta de Jesus Casimira, de 24 annos, casada, moradora na rua de S. Bernardo, 116, 4.º, precipitou-se da janella á rua. Conduzida ao hospital da Estrella, o medico ali de serviço mandou-a recolher ao de S. José, onde falleceu momentos depois d'ali dar entrada, pelo que o cadaver foi removido para a casa mortuaria.

Na enfermaria de S. Francisco, do hospital de S. José, deram entrada Bernardino Gonçalves, maritimo, residente na travessa do Faustino, 7, que cahiu pela escada da sua residencia fracturando a perna direita, e Luiz Dias, ajudante de fundidor e residente na «Ilha» do Grillo, 51, rez do chão, que n'uma fabrica da rua da Bica do Sapato foi attingido por uma porção de ferro derretido, ficando muito ferido n'uma das pernas.

O carroceiro da camara municipal José Francisco, residente na rua da Boa Vista, foi atropelado por um electrico, ficando ferido na cabeça e com commoção cerebral. Recolheu á enfermaria de S. José.

Na enfermaria de Santa Joanna ficou Elisa Veiga, casada, moradora na calçada Duque de Lafões, 31, 1.º, que estando a trabalhar n'uma fabrica de cortiça em Cabo Ruivo, cahiu a um tanque d'agua a ferver, ficando muito queimada em todo o corpo.

Finalmente, na enfermaria n.º 4 deu entrada José Maria Gonçalves, morador no largo Silva e Albuquerque, 27, loja, que ali foi aggredido com um tiro na perna direita.

NOTA DIVERSAS

A assignatura presidencial realisou-se pelas 16 horas, no palacio de Belem. Em seguida o chefe do Estado conferenciou com o governo.

O governo esteve hoje reunido em conselho, no ministerio das finanças, desde as 9 ás 15 horas.

—O deputado sr. José Bessa de Carvalho, acompanhado do presidente da Camara municipal de Amarante, sr. dr. Annonio Lopes Cerqueira, esteve hoje nos ministerios da justiça, instrucção, fomento, finanças e guerra tratando de assumptos d'aquelle circulo.

—Andaram hoje cruzando a costa os torpedeiros n.os 2 e 3.

Na Junta do Credito Publico as novas folhas de coupons para titulos de 100$ e 500$ são entregues de 16 a 19 do corrente, sendo as das de 100$ pela seguinte ordem: dia 16, de n.os 15 a 28:043; 17, de 28:045 a 58:000; 18, de 58:003 a 93:394. As dos titulos de 500$ são entregues no dia 19.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 7/8	36 1/4
Londres, 90 d/v.	37 3/8	—
Paris, cheque	$69,4	$70
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$57,5	$58,5
Madrid, cheque	1$29	1$30
Suissa, cheque	—	—
Italia, cheque	—	—
New York	1$86	1$87,5
Rios/Londres	11 3/16	—
Libras	6$60	6$70
Agio do ouro	36 °/o	48 °/o

BOLSA — As inscripções effectnaram se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,25	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	39,00

Externas: 1.ª serie; 74$20.

Acções: Banco de Portugal, 187$20; Assucar, 46$; Phosphoros, coup., 57$50; Tabacos, coup., 78$80.

Obrigações: Banco de Portugal, assent., 82$50; Ultramarino, hypothecarias, 91$; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 81$, e tit. 5, 79$50; Assucar, 41$90.

SPORT

Guerreiros velhos, valentes e vigorosos

(Cartas a um velho amigo)

O exercicio physico é uma necessidade para o homem em todas as edades

Meu caro Cesar.—Não faz mal insistir na propaganda de que os exercicios physicos devem ser aconselhados tanto aos homens validos e viris, como aos velhos. E fazendo-se essa propaganda intensa, pelos jornaes, ha de conseguir-se qualquer coisa. E' preciso destruir a opinião que muitos ainda teem de que a gymnastica é coisa para acrobatas de circo, toleravel de certa maneira para as creanças mas impropria para homens de certa edade.

O nosso trabalho só beneficia aquelles que nos lerem. E' que, fazendo a «sua» gymnastica, esses homens e esses velhos, hão de manter a sua saude e a sua energia.

Como a maioria das pessoas apenas se convence com o testemunho das «auctoridades», cujo nome passou atravez da historia, vou, uma vez por outra, citando um d'esses celebres. Assim tambem a prosa verá amenizada a sua aridez...

Aristoteles queria na sua «Politica», que o homem adulto fosse submettido aos mais rudes trabalhos do gymnasio.

Segundo Pentarco, Pompeu, aos 55 annos, luctava, lançava a barra tão bem ou melhor que os mais aguerridos soldados do seu exercito.

Socrates, aos 60 annos, na guerra do Peloponeso, carregado com armas pesadissimas, contribuiu para salvar o exercito atheniense d'uma destruição completa.

Os guerreiros de Napoleão, que tinham combatido com elle nas guerras de Italia, envelhecendo nas rudes contingencias das luctas de conquista, sempre mostraram uma resistencia extraordinaria! E na Polonia, na Russia, nos annos terriveis de 1813 e 1814, alguns já com 45 e mais de 50 annos, affirmavam o mesmo vigor que os mais novos dos soldados!

Estes exemplos podiam citar-se aos milhares. Tu, porém, conhecel-os como eu. Sabes tambem que muitos athletas e muitos hercules se manteem extraordinarios de força e de energia, mesmo depois dos 50 annos. Recordei-te o caso de *Pons*, de *Gambier* e de *Limousin*. Podia recordar-te o de Apolon, que ao apresentar-se em Lisboa, pela primeira vez, já com 56 annos, maravilhou os frequentadores das luctas do Colyseu, que o julgaram capaz de vencer todos os outros concorrentes! Tão longe levaram a sua convicção que destruiram centenas de cadeiras do circo, protestando contra a maneira como decorreu o «match» contra Paul Pons!...

Ha, porém, grande numero de medicos que consideram a velhice como uma convalescença prolongada. Sendo assim, todos os exercicios que se lhe devem aconselhar são os mais ligeiros. Isso de luctas, de pesos, de exaggeros, só para os homens de natural e previlegiada resistencia e corpulencia physica. Não podemos dizer a todo o homem de edade que pratique os mesmos trabalhos que se podem permittir ao nosso Manuel da Silveira. Já os antigos tinham as mesmas precauções. E' ainda Aristoteles que o diz. Prescreviam-se os exercicios gymnasticos suaves. Recommendava-se aos velhos passeios e «jogos tranquillos».

Assim está bem. Quero dizer que se devem aconselhar certos exercicios. Agora o que não póde permittir é que corra mundo, como sentença justificada, que a «velhice é a edade do repouso». Constitue tal sentença um grave erro hygienico. O professor Bouchardat, que dirigia os cursos de hygiene da faculdade de Paris, declarou que o exercicio geral e regular de todos os orgãos da vida de nutrição e de locomoção é uma necessidade para o homem em todas as edades. Lembras-te de lêr isto? Lembras, certamente. Perdoa que t'o recorde o *J. P.*

Notas do dia

Uma «matinée» no Gymnasio Club

A'manhã, no Gymnasio Club Portuguez realisa-se uma bella «matinée», promovida pela direcção do club para apresentação das suas classes infantis de dança e de gymnastica, respectivamente dirigidas pelos professores Magalhães Pedroso e Arthur dos Santos. Começa ás 14 horas. A assistencia deve interessar-se pelo que vão fazer os pequenitos, que deve ser coisa de geito, agradavel á vista, documentador d'aproveitamento realisado na frequencia das classes. E' que Arthur dos Santos é um mestre, consciencioso do que faz e que sabe trabalhar. E' tambem um excellente educador. Como tal todas as festas em que collabora, são sempre bellas festas.

A «matinée» termina com um baile.

Um grupo de escoteiros

Existe na Amadora o grupo n.º 13 de escoteiros. Mudou de dirigentes ha dias e estes estão empenhados em que o grupo corersponda, em trabalho util e em commetimentos de importancia, a tudo quanto se faz na povoação, e que é de tendencia para um progresso immediato e visivel.

Já conseguiram a cooperação dos srs. Santos Mattos e Antonio Rodrigues Correia, que são os primaciaes impulsores dos melhoramentos da terra. Na proxima quinta-feira realisam no lindo Salão de Festas dos Recreios Desportivos uma assembleia geral para discussão dos seus estatutos e regulamento interno E, para propaganda do escotismo, effectua o nosso collega de redacção dr. José Pontes uma conferencia, nos Recreios, marcada para a tarde de domingo, 20, ás 2 horas da tarde.

Algumas anecdotas

Vocações... e exclusivismos

Falava-se ante-hontem á noite de bellas qualidades de trabalhos d'algns homens que andam em effectividade n'alguns clubs e aos quaes os clubs devem parte da sua prosperidade. E na conversa houve as seguintes phrases:

—... E o Francisco Vieira?
—«Esse é todo do Sporting...
—... E o Henrique de Sousa?
—«Esse é todo do Bemfica.
—... E o Calejo?
—«Esse é commum dos dois!...

Os grandes récords

O das receitas em «foot-ball» «rubgby»

Não tem o mesmo interesse que o «foot-ball association» mas ainda assim o «rugby» já conseguiu attrahir espectadores para dar o seguinte rendimento n'alguns desafios:

3.209 libras, no «match» de Inglaterra contra o Paiz de Galles, em Twickenham, em 1912.

2.814 libras, no «match» da Irlanda contra o Paiz de Galles, em Cardiff, em 1911.

2.651 libras e 15 schilings, no «match» [illegible]anos contra o Paiz de Galles, em Swanzea em 1906.

£.561 libras e 15 schilings, no «match» dos neo-zelandezes contra o Paiz de Galles, em Cardiff, em 1905.

1.834 libras, 8 schilings e 6 pence, do grupo Halifax contra Salford, em Headbrigley, em 1903.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Tiro aos pombos

Estão proseguindo com toda a actividade os treinos para a grande sessão de tiro aos pombos que se realisará no Stand de Palhavã no proximo mez, nos dias 11 e 12, para a disputa da «Taça Lisboa». O programma é exactamente egual ao dos annos anteriores, cabendo ao 1.º classificado além da inscripção do seu nome na Taça, que ficará sua propriedade se a ganhar tres vezes, o premio de 100$00 e uma artistica medalha de ouro.

E' pois de prever que a sessão de ámanhã seja bastante concorrida de atiradores, muito mais sabendo-se que a provincia terá uma boa representação e que das duas vezes que a Taça já foi disputada Lisboa não conseguiu inscrever o seu nome.

União dos Escoteiros Lusos

Os Escoteiros da União Lusos realisaram no ultimo domingo um passeio de estudo ao Porto Brandão tendo os escoteiros armado tendas junto ao posto de desinfecção. Feito o almoço os escoteiros visitaram as quarentenas e o dito posto. Em seguida fizeram-se signaes com bandeiras e de alpinismo. Armou-se uma ponte sendo os escoteiros muito elogiados pelas pessoas que estavam assistindo a estas demonstrações. Levantado o acampamento pelas 16 horas, seguindo os escoteiros em direcção ao Monte de Caparica, Torre, Pragal, Almada, Cacilhas, chegavam a Lisboa pelas 18 horas.

Pelos «rinks» de patinagem

A Escola de Educação Phisica tem ámanhã aberto todo o dia o seu «rink» de patinagem, que é o unico «rink» coberto que ha no nosso meio sportivo. A' noite, são as horas reservadas para a habitual reunião elegante, que sempre attrahe, o que ha de mais distincto entre os nossos amadores de patinagem.

—Tambem nos Desportos de Bemfica deve haver animação ámanhã. Como o «rink» é vastissimo e o tempo corre propicio para reuniões ao ar livre, devem accorrer ao esplendido recinto da Avenida Gomes Pereira muitos amadores do agradavel exercicio que é a patinagem.

—Nos Recreios Desportivos da Amadora realisam-se ámanhã, no seu bello «rink» que é o melhor acondicionado do paiz, sessões permanentes de patinagem, que costumam ser frequentadas por centenas de senhoras.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes). — Na sua reunião de ante-hontem a direcção da Associação approvou a seguinte moção: «A direcção da Associação de Foot-ball de Lisbo alastimando a attitude tomada por alguns dos clubs seus filiados, e tendo analisado, serena e detidamente, os factos que com essa attitude se relacionam, os quaes são devidos ao estado de indisciplina do nosso meio sportivo e falta de acatamento das leis e estatutos que o regem; considerando que até agora não foi a mesma direcção impellida, pelos meios e formas legaes, a dar conta de quaesquer actos seus, tendo sido tão somente attrabiliaria e irregularmente apreciada; considerando que julga do seu dever, para bem do sport em geral e do «foot-ball» em particular, continuar a dedicar-lhes a sua attenção;

Resolve, a despeito dos sacrificios que facilmente comporta esta resolução continuar á frente dos trabalhos d'esta associação e seguindo a orientação já encetada effectuar o campeonato escolar de «foot-ball», o campeonato militar de «foot-ball», a «Taça de Honra» sob o alto patrocinio do sr. presidente da Republica, o desafio Lisboa-Porto, o desafio Madrid-Lisboa, o desafio Faro-Lisboa, etc.

—Jogadores inscriptos durante a semana: Na 1.ª cathegoria: Pelo Imperio:—João dos Santos. Na 2.ª cathegoria: Pelo Imperio: — Espulidario Paulo. Na 3.ª cathegoria: — Pelo Victoria F. C. — Eduardo Cesar Netto, Salustiano Gargalo e Guilherme Gomes. Na 2.ª cathegoria escolar: Pela Casa Pia: — Manuel Laça. Na 3.ª cathegoria escolar:—Pela Escola Rodrigues Sampaio:—Eduardo Saragga Seabra. Pelo Academico Sport Club:—Nuno da Camara e José Avillez.

—Desafios para domingo: 1.ª cathegoria: —Internacional contra Imperio, nas Larangeiras, ás 15,30 horas; juiz o sr. Luiz Placido de Sousa; 2.ª cathegoria:—C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 13,30 horas; juiz o sr. Jorge Vieira; Victoria contra Imperio, nas Larangeiras, ás 11,30 horas; juiz o sr. Mario Montiero; 3.ª cathegoria:—Victoria contra Sacavenense, nas Larangeiras, ás 11,30 horas; juiz o sr. Domingos Pinto; Imperio contra C. Quebrada, em Palhavã, ás 11,30 horas; juiz o sr. Raul Elbing; 4.ª cathegoria:—Palmense, marca 2 pontos por Sporting ter desistido; Bemfica contra C. Quebrada, em Sete Rios, ás 14 horas; juiz o sr. Julio Benamor.

Reclamações operarias

Uma commissão da Associação de Classe dos Dsecarregadores de Mar e Terra esteve hoje no governo civil queixando-se da Nova Companhia Nacional de Moagens mandar o seu pessoal para os caes fazer a carga e descarga de saccaria, prejudicando assim a classe.

O chefe do districto prometteu tomar a reclamação em consideração e estudar o assumpto.

Touradas

Na propriedade do Malha Pão, em Meleças, realisa-se ámanhã a festa taurina organisada pelo emprezario do Campo Pequeno sr. J. J. Segurado e por elle dedicada aos seus amigos e aficionados tauromachicos.

Festas associativas

Sociedade Guilherme Cossoul.—Em homenagem ao grupo Actor Caiazans ha ámanhã recita com a representação da peça «A mão do finado», desempenhada pelo grupo Jorge da Silva, seguindo-se baile.

Acad. Inst. do Pessoal dos Cam. de Ferro do Norte e Leste.—Em consequencia de não estarem concluidas as obras, a abertura da nova séde, na Costa do Castello, 47, ficou adiada para o proximo dia 19, com o Auto de apresentação por todos os amadores e alguns dos nossos mais distinctos artistas, havendo no dia 20 espectaculo com o drama de Almeida Garrett «Frei Luiz de Sousa».

THEATROS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 14 — Frei Luiz de Sousa—A's 21—Os redemptores da Illyria.
REPUBLICA — A's 15—Concerto—A's 21—O bibliothecario.
TRINDADE — A's 14 — Matinée—A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 15—Concerto—A's 21 — O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro Papa Cola-Tudo.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Manon.

Agenda da semana

HOJE — Nacional — Primeira representação de *Os redemptores da Illyria*, peça de Ramada Curto.

Boatos e informações

Entre nós

De anno para anno mais se vem affirmando e consolidando os creditos das diversões carnavalescas, no theatro nacional, que é sempre o preferido pela nossa melhor sociedade. Querendo manter, o até augmentar a sua reputação, a gerencia actual fez preparar, para este anno, sensacionaes attracções, melhorando consideravelmente toda a illuminação da sala e do salão nobre, e organisando para as 4 noites de Entrudo esplendidos espectaculos que serão seguidos de deslumbrantissimos bailes, os quaes serão iniciados no salão nobre. Quem não tiver frisas ou camarotes poderá assistir a tão alegres diversões comprando bilhete de galeria do salão, presenciando, assim, e tomando parte n'elles, querendo, dois bailes em cada noite. Para as quatro noites de Carnaval d'este anno tanto os camarotes como as frisas foram quasi totalmente tomados pela *elite* da nossa sociedade, que ali dá *rendez-vous* na tarde de segunda feira gorda, no baile infantil, sendo n'essa occasião distribuidos lindos brindes pelas creanças que se apresentarem mais distincta e graciosamente mascaradas.

● No Colyseu dos Recreios, hoje, o *Rigoletto*, com Battistini, o que quer dizer uma enchente colossal. A'manhã, repete-se a *Manon*, em que a sr.ª Toschi tem um trabalho magnifico, e na segunda feira, em recita da moda, a estreia, n'esta epocha, da bella opera *Fédora*.

● No Polytheama, na epocha carnavalesca, será representada a revista em 1 acto e 5 quadros *Chá-Tango*, juntamente com *O cão do commissario*, peça que todos os dias obtem os maiores applausos.

Bancos e Companhias

Companhia de seguros Tagus—Do relatorio agora publicado vê-se que a receita total de 1915 foi de 129.287$52 e a despeza de 101.067$99, havendo portanto um saldo de 28.219$53, a que a direcção propoz a seguinte applicação: para dividendo, 25.000$00; para fundo de reserva, 2.857$79,5; para fundo de reserva variavel, 361$73,5.

Brindes e calendarios

A Empreza Industrial Portugueza distribuiu pelos seus clientes e amigos um calendario de escriptorio com uma figura allegorica aos trabalhos por essa Empreza executados.

A joalheria Miranda & Filhos, o elegante estabelecimento do Chiado, offereceu-nos um exemplar do seu artistico calendario-carteira para o anno corrente, que é realmente um brinde de muito bom gosto.

Concertos David de Sousa

Teem sido tantos os pedidos de bilhetes para o concerto de ámanhã no Politheama, commemorativo da morte de Wagner, que a empreza tomou a resolução de só respeitar até hoje ás 8 horas as marcações e preferencias. E' a unica maneira de ainda ficarem alguns bilhetes para a venda avulso. O programma do sensacional concerto é verdadeiramente soberbo, comprehendendo nada menos de doze trechos das obras-primas do grande compositor, todos elles executados segundo as exigencias das partituras, para o que a orchestra foi muito augmentada nos seus diversos naipes.

PEQUENAS NOTICIAS

A conceituada casa Alfredo Moreira da Silva & Filhos, do Porto, acaba de editar o seu catalogo de chrisanthemos, dhalias e sementes de flôres, d'onde se vê a immensa variedade que esses horticultores teem nos seus viveiros.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Miau!—O numero 4 sahiu hontem, que o mesmo é dizer que os amadores de boa leitura desopilante tiveram hontem um dia cheio. Soberbo, como do costume, o presente numero.

Alma Nova—D'esta bem redigida revista mensal, que conta já dois annos e para a qual acaba de entrar o distincto artista Saavedra Machado, sahiu o numero 14, que apresenta grandes melhoramentos. Collaboração escolhida e trez magnificos desenhos, de Martinho da Fonseca, de Saavedra Machado e de Alberto de Lacerda recommendam a *Alma Nova*.

Encyclopedia das familias — Sahiu o numero correspondente ao mez findo, o primeiro do 30.º anno d'esta revista illustrada de instrucção e recreio. Variada como sempre e com secções diversas uteis, a *Encyclopedia das familias* tem de ha muito marcado um logar de destaque entre as nossas publicações populares.

Germinal—Assim se intitula um mensario dedicado aos trabalhadores, em fórma de opusculo com 32 paginas e do que acaba de sahir o primeiro numero, illustrado com um retrato de Bakunine. E' seu director Emilio Costa, nome de sobejo conhecido no mundo das lettras para haver a certeza de que a feitura do novo mensario nada deixará a desejar.

Revista de Commercio—O numero correspondente a 15 de janeiro traz collaboração dos professores Veiga Beirão, Carneiro de Moura e Mattozo Santos, além de um estudo do sr. Moyses Bensabat Amzalak, o que quer dizer que é um numero magnifico. A *Revista de Commercio* é publicada pela Associação Academica do Instituto Superior de Commercio.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 11.—Os gatunos tentaram entrar a noite passada no estabelecimento de mercearia do sr. Augusto Paes Martins dos Santos, em Cellas, tendo feito com uma broca alguns buracos em uma das portas, por onde meteram a mão e correram um dos fechos. Presentidos pelo dono do estabelecimento, que veio a uma janella, fugiram precipitadamente não podendo ser conhecidos.

A policia investiga.

—A direcção do Orpheon Academico solicitou do sr. ministro do fomento reducção de 50 0/0 no preço dos bilhetes da linha ferrea do Estado, para a excursão que em breve vae realisar a Braga e Famalicão.

—Tem melhorado consideravelmente da grave doença de que foi atacado o sr. dr. Marnoco e Sousa, professor da Universidade.

Movimento maritimo

Pern., Maceió, etc., «Spectator» (Liv.) 13
Bissau, Bolama e R. Barca, «Bolama» 14
Liverpool, «Anselm» (Pará) 14
Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool) 16

franceza na Champagne era a primeira advertencia de que a iniciativa na fronte occidental passára das mãos dos allemães para as dos alliados.

Um ataque a uma primeira linha é muito differente de um ataque simultaneo a uma primeira e segunda linhas. Na Champagne mezes de guerra estacionaria havia dado aos francezes tempo de conhecerem com exactidão cada posição da primeira linha e quando a sua artilharia se poz em movimento o alcance do seu novo alvo tornou-se uma necessidade, tendo de se proceder a novos estudos e reconhecimentos.

Quando os francezes chegaram á segunda linha allemã, conheceram pela primeira vez a formidavel natureza da sua defeza e o maior obstaculo do conseguimento por completo da offensiva franceza foi talvez o systema que os allemães haviam adoptado de defenderem a sua segunda linha ao longo da cumiada do outeiro que corria parallelamente ao caminho de ferro Challerange-Bazancourt.

Nas encostas sudoeste que podiam ser observadas de terra não havia signaes de preparativos de defeza. Aqui e ali, na frente d'um outeiro viam-se um ou outro montão de pedras, de plataformas que denunciavam o logar d'uma secção de metralhadoras ou um posto de observação. Essas posições, como os francezes viram depois de ser iniciada a offensiva, eram as obras exteriores das principaes defezas. No «outro lado do outeiro», para nos servirmos da expressão de Napoleão, estava a surpreza preparada pelos allemães.

Consistia em grandes campos cobertos de rêdes de arame farpado, invisiveis do ar e completamente occultos pela cumiada do outeiro aos observadores francezes das trincheiras avançadas, por detraz dos quaes havia um systema completo de fortificação, em que cada outeiro era um baluarte e varria com um fogo de enfiada de metralhadoras e de canhões a zona que o separava de baluartes eguaes á direita e á esquerda. O posto no lado do outeiro que se avistava estava em communicação por meio de galerias subterraneas com essas fortificações.

A linha de defeza não fôra, relativamente, quebrada pelo bombardeamento da artilharia e os francezes iam pouco a pouco apoderando-se d'ella.

Em resumo, a offensiva na Champagne foi uma lucta de força que sob certos pontos de vista se póde comparar com as victorias de Austerlitz e Jena, embora os resultados obtidos não fôssem tão importantes. Foi, porém, uma victoria indiscutivel dos alliados e constitue uma das mais brilhantes paginas da historia militar da França.

dade dera provas de uma organisação soberba, mas préviamente preparada, via-se que ao encontrar na sua frente um adversario egualmente bem preparado, se desnorteava. A confusão, talvez mesmo o panico apoderaram-se d'aquelles que até ahi se julgavam já dominadores irresistiveis.

Outro signal da decadencia moral do inimigo vê-se pelo numero de prisioneiros allemães, pelo modo como se renderam e pelo que disseram depois de aprisionados.

O correspondente do «Times» em Paris, n'um telegramma ácêrca da batalha de 30 de setembro, descreve assim a impressão geral produzida pelos prisioneiros, frisando o contraste entre a atitude dos que haviam sido aprisionados então, especialmente os officiaes, e a dos prisioneiros apoz a batalha do Marne:

«Em toda a parte grandes corpos de allemães deixados para traz na retirada renderam-se. N'essa obra a impetuosa cavallaria africana prestou excellente serviço... Na maior parte os prisioneiros deixaram boa impressão. Aqui e ali, homens que durante dias e dias tinham tido as communicações cortadas com as bases de alimentação estavam exhaustos e esfomeados, mas a maioria, embora atordoados pela violencia do bombardeamento, estavam bem dispostos.

....

«Os officiaes mostravam-se pezarosos e surprehendidos. Accusavam a artilharia franceza, como já haviam feito, de «deshumanidade», mas no conjuncto mostravam-se menos arrogantes e mais delicados do que depois da batalha do Marne».

As perdas infligidas pelo fogo da artilharia e a tensão nervosa de viver n'um inferno de explodir de granadas, de minas e de torpedos representaram um papel importante na lucta. Um tenente, que só ao sexto dia foi aprisionado, depois de ter terminado a chuva torrencial, escreveu na sua carteira:

«Voltou o bom tempo. Se ao menos começasse a chover de novo ou se ao menos viesse o nevoeiro! Mas agora virão os aviadores e de novo vamos ter o fogo dos torpedos e o de flanco sobre as trincheiras. Este estupido mau tempo! Nevoeiro, nevoeiro, vem em nosso auxilio».

E' muito difficil avaliar com exactidão as perdas allemãs na batalha, mas pelas declarações dos prisioneiros os francezes podiam avalial-as mais ou menos approximadamente. Sabia-se que o inimigo tinha, no principio de setembro, uns setenta batalhões na fronte da Champagne. Prevendo a offensiva franceza, tinham trazido mais vinte e nove batalhões, de modo que, quando a tempestade rebentou, elles tinham, tomando em conta a parte normal de artilharia e de engenharia, 115.0000 homens empenhados na acção.

Entre 25 de setembro e 15 d'outubro foram tão elevadas as perdas dos allemães, devido quer ao bombardeamento preliminar, quer aos infructiferos contra-ataques, que todos os batalhões tinham deixado de existir e o estado maior general allemão foi forçado a substituir quasi por completo os 115.000 homens que haviam tomado parte nos primeiros dias de lucta e trouxe para ali nada menos de noventa e tres novos batalhões.

Um homem do 3.º batalhão do 153.º regimento, que tomou parte no combate de 26 de setembro, declarou que eram tão grandes as perdas d'esse rgimento que depois de ter combatido apenas durante dois dias — quer dizer, depois de ter soffrido um dia um incessante bombardeamento e no outro um ataque da infantaria — teve de retirar da linha de combate, porque não era já um regimento: era apenas um punhado de homens.

A mesma sorte tiveram outras unidades, como o 27.º regimento de reserva e o 52.º do activo ao fim de um dia de combate; na tarde de 25 de setembro os francezes tinham aprisionado 13 officiaes e 933 homens de um d'elles e 21 officiaes e 927 homens do outro.

As perdas foram indubitavelmente

maiores do lado allemão nos primeiros dois dias de lucta e póde razoavelmente suppôr-se que dos 115.000 homens que os francezes tinham contra si, 50 ou 60 por cento estavam mortos, feridos ou aprisionados. O apoio fornecido pelos novos batalhões trazidos e impellidos para a frente sob um violento fogo teve cêrca de 50 por cento de perdas.

Soldados inglezes voltando das trincheiras

Houve uma outra causa que fez augmentar as perdas allemãs. Em todos os paizes, os progressos dos serviços medicos haviam reduzido o numero dos homens feridos dados como incapazes para sempre e se a batalha tivesse sido normal, os allemães teriam podido indubitavelmente salvar grande numero dos seus feridos, que voltariam para a frente ao cabo de algumas semanas no hospital.

Na Champagne a evacuação dos feridos para a retaguarda era impossivel e não é exagero dizer que quasi toda a força que defendia a primeira linha allemã foi perdida, porque a accrescentar aos 20.000 prisioneiros que não estavam feridos ha a accrescentar todos os feridos que, em circumstancias normaes, teriam sido levados para a retaguarda.

Apoz uma cuidadosa investigação, o estado maior general francez avaliou as perdas allemãs em não menos de 140.000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

O soldado francez mostrou na batalha da Champagne o seu heroismo. Entre dezenas de factos comprovativos, vamos citar alguns.

Um official que procedia a um reconhecimento foi ferido mortalmente. Voltou-se para o seu immediato e disse-lhe: «Obedeça-me pela ultima vez. Continue o reconhecimento e deixe-me morrer. Vencemos. Morro feliz».

Um tenente que fôra ferido pela primeira vez na batalha do Marne e que de novo voltára para a frente a seu pedido, passou com os seus homens por entre um violento bombardeamento de fogo de impedimento e foi morto sobre o parapeito da trinchira que tomára. Ao sentir-se ferido, exclamou: «Bravo, rapazes! Os «boches» fogem. Para a frente! Viva a França!»

Um tenente-coronel, que fizera avançar o seu batalhão durante dois kilometros e meio sem parar, foi mortalmente ferido e ao cahir exclamou: «Para a frente! Só posso morrer uma vez».

Innumeros são os casos em que officiaes feridos e homens que cahiam nas trincheiras e nos tunneis de communicação pediam aos seus camaradas que os deitassem para fóra das trincheiras, para os campos varridos pelo fogo das metralhadoras, onde não estorvassem o avanço.

Um capitão, que havia sido ferido gravemente no rosto pelo estilhaço d'uma granada recusou-se a ir receber curativo á ambulancia, dizendo: «Hoje não posso parar por causa de um pequeno ferimento; a morte é a unica coisa que me póde deter!» Ficou na sua trincheira e combateu durante cinco dias até cahir morto.

Essa rajada de heroismo soprou sobre todo o exercito e nunca a democracia em França se manifestou tão exuberantemente. Impedidos de

officiaes acompanharam seus amos, embora não tivessem obrigação de o fazer, e quando o campo de batalha foi limpo foram encontrados muitos d'esses dedicados servidores jazendo em frente ou ao lado dos seus officiaes, mortos pela mesma bala de canhão ou pela mesma granada.

Talvez que a mais extraordinaria manifestação d'essa dedicação dos homens pelos seus officiaes se encontre no que se passou com a morte d'um capitão de artilharia colonial. Quando chegou á segunda trincheira allemã, esse official foi morto á queima roupa por um allemão que subira ao parapeito. Os soldados saltaram immediatamente para a trincheira e passaram á bayoneta o pequeno grupo de soldados do 30.º regimento de infantaria prussiana que a defendiam. Entre os mortos reconheceram o homem que havia morto o seu capitão. Pegaram no cadaver e embora o fogo da fuzilaria e das metralhadoras encostaram-no ao parapeito, depois um dos soldados tirou um pequeno kodack da sua mochila e tirou um cliché, dizendo: «Mandal-o-hemos á mãe do nosso capitão. Ao menos mostrar-lhe-hemos que vingámos seu filho».

Mas não só os novos morreram gloriosamente. Os velhos tambem tiveram a sua pagina de gloria. Um tenente, de 62 annos d'edade, que se alistára ao rebentar a guerra, tomou parte no primeiro ataque e foi morto quando dizia aos seus homens:

«Agora, passo de parada; levantem bem alto a cabeça. Hoje temos grande baile». Um cabo d'esquadra que havia sido ferido voltou-se para o sargento, que jazia tambem ferido a seu lado e disse-lhe: «Conheço que vou morrer, mas que importa, se morro pela França?»

A iniciativa do soldado francez contribuiu em muito para lançar a confusão nas linhas allemãs. Homens que haviam perdido todos os seus officiaes pareciam ter uma percepção nitida do que deviam fazer e continuavam a avançar sob a direcção d'um qualquer d'elles que assumia o commando. Assim, 300 homens que haviam perdido todos os seus officiaes na tarde de 25 de setembro tomaram uma trincheira allemã. Vendo que tinham avançado de mais e não eram apoiados evacuaram a trincheira de noite e na manhã seguinte, ainda sem officiaes e sem terem recebido quaesquer ordens, avançaram de novo, tornaram a tomal-a e continuaram a avançar.

E' impossivel dizer se foram os officiaes que inspiraram os seus homens, se foram estes que inspiraram os officiaes para que actos de grande heroismo fossem praticados. Dos soldados acabamos de citar factos que os honram. Citemos agora o que se passou com o general Marchand.

De manhã cedo, no dia 25 de setembro, o general estava na linha avançada que durante a noite se approximára das trincheiras allemãs, contra as quaes seria a primeira a investir. Da primeira onda do ataque, duas correntes, uma pela direita, outra pela esquerda, avançaram sem difficuldade para a herdade de Navarin.

O centro allemão era apoiado por quatro metralhadoras que haviam escapado á destruição causada pelo fogo da artilharia; officiaes e homens estavam cahindo uns apoz outros. Houve o movimento inevitavel de recuo.

Então o general Marchand, com o seu cachimbo na bocca, um pequeno chicote na mão, avançou e collocou-se á frente dos seus homens, começando a caminhar tranquillamente. Cahiu, ferido por uma bala no abdomen. Os seus officiaes ás ordens correram para elle e desobedecendo á ordem que lhes deu para o deixarem só, trouxeram-no para traz. Mas os soldados, enthusiasmados pelo exemplo que lhes havia sido dado e com o ardente desejo de fazerem pagar caro aos allemães a ferida do seu general avançaram n'um impulso irresistivel e romperam o centro allemão.

Os resultados de todo esse heroismo, d'esse trabalho dos arsenaes da França, de toda a vasta obra de preparação que levára cinco mezes a fazer sem interrupção, foram extremamente importante, porque a victoria

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1983—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 13 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Os transportes maritimos

Já ha dias nos referimos á attitude que o governo hespanhol pensa tomar em relação aos navios allemães que se encontram nos seus portos. Alludimos, para esse fim, a um telegramma publicado no «Diario de Noticias», e segundo o qual o sr. Romanones declarava que esperava sahisse das conferencias que se estavam realisando com os armadores uma solução da questão dos transportes, accrescentando que em caso contrario tomaria medidas radicaes.

Com effeito, a questão dos transportes está assumindo para o paiz visinho uma importancia que a ninguem é licito desconhecer, e por isso mesmo o aproveitamento dos navios allemães que estão na suas aguas não deve necessariamente demorar.

Quem tem feito os serviços da navegação, sobretudo, desde que a guerra estalou, tem sido a Inglaterra. Teem sido os navios inglezes os principaes conductores dos generos e mercadorias para as nações que d'elles carecem. Mas por muito grande que seja a frota mercante da Inglaterra ella não pode occorrer a todas as necessidades. Dois terços dos seus navios estão empregados nos serviços militares, e é conveniente não esquecer que a terrivel caça que fazem aos seus barcos os submarinos allemães a tem privado de muitas das suas unidades.

A Inglaterra, como é logico e justo, tem primeiro do que tudo de attender aos seus serviços nacionaes. Depois tem de prestar os seus serviços de transportes aos alliados. Tambem aos neutros os tem prestado, mas não será injustificado suppôr que não possa continuar prestando-os em tão larga escala.

Os primeiros que podem ver-se privados do concurso maritimo, em materia de transportes, serão sem duvida os paizes neutros. Por isso a situação d'esses paizes, sob o ponto de vista da navegação, bem pode d'um momento para o outro tornar-se extremamente critica. E os proprios paizes alliados, embora mais tarde, não deixam de estar sujeitos a eventualidades que deve pensar-se em conjurar.

A Inglaterra tem artigos para exportação, generos, materias primas? Sem duvida, os collocará ao dispôr das nações que os queiram adquirir, mas nada mais poderá fazer. Venham-os buscar,—dirá a Inglaterra—porque não temos meios de transporte disponiveis para os enviar.

Evidentemente, os paizes, em cujas aguas estejam immobilisados quaesquer navios, ver-se-hão forçados, pelo imperio das circumstancias, a utilisal-os. Os paizes neutros serão os que primeiro se verão naturalmente desprovidos do recurso dos navios inglezes. A Hespanha é um d'esses paizes, e d'ahi a necessidade imperativa que o sr. conde de Romanones deixou transparecer nas suas declarações.

Não tem, com effeito, a Hespanha, que para mais tão notavelmente augmentou a sua exportação, depois de declarada a guerra, uma marinha mercante propria que seja sufficiente para o movimento maritimo que se lhe observa. Mesmo em tempo de paz o seu intercambio commercial por mar não era feito exclusivamente por ella.

Navios extrangeiros occorriam ás suas necessidades. Agora que essa exportação é maior, maior precisão tem de aproveitar todos os meios de transporte a que possa recorrer.

Tudo isto demonstra que a Hespanha tem de reconhecer a urgencia d'uma decisão acerca dos navios allemães, decisão que poderá ir até ás medidas radicaes a que o chefe do governo hespanhol alludio. Para ella a questão é ainda mais instante do que para nós. Nós estamos dentro da esphera dos alliados. A Hespanha é neutra.

Precisamente porque o nosso caso é simples elle resolver-se-ha com toda a simplicidade. O caso da Hespanha é que não é simples, e se alguma complicação politica é possivel ella dar-se-ha no exclusivo ponto de vista dos seus interesses internos, de que derivam, embora, contingencias internacionaes cujo alcance não é facil de prever.

O momento que passa é perturbador para as nações neutras, por estas e outras considerações cuja importancia é desnecessario frisar. Ha hoje mesmo mais difficuldades para os neutros do que para os paizes collocados na zona dos interesses da guerra. Esses que já definiram o seu campo sabem para onde vão, teem já uma orientação segura. Os outros estão á mercê de todas as contingencias do presente e do futuro.

Poeira da Arcada

O governador civil de Villa Real tomou a iniciativa de um congresso regional que se deve reunir, na sede do seu districto, em meados de junho, a fim de que n'elle se discuta tudo o que possa concorrer para despertar a vida da provincia de Traz-os-Montes que, na terra portugueza, tanto vale pelo esforço e intelligencia dos seus filhos, a riqueza do seu solo e subsolo e pelas suas paisagens de belleza altiva e brava. Quer-nos parecer que um exito completo coroará esta obra que se inspira n'um pensamento fecundo de beneficios, se o não preverter o esteril optimismo que em geral resulta da parolagem sonora dos espectaculos rhetoricos. Nós não conhecemos o paiz, a não ser para o effeito de o desprezarmos.

Estamos tão habituados a admirar o que se passa além-frnteira que raramente nos demoramos no estudo e cultivo do que é nosso. O portuguez que se reputa culto, fino e desempoeirado adopta em relação á patria um commodo scepticismo que lhe permitte desinteressar-se d'ella como qualquer coisa de incompativel com o espirito e o prazer de uma sensibilidade moderna.

Ora acontece que Portugal, apezar d'este flagelo dos seus naturaes, continua, como no tempo de Camões, Diogo Bernardes ou Rodrigues Lobo, ostentando o seu velo idilico e bucolico, sempre á espera de olhos luziadas que lhe comprehendam os variados scenarios das suas estações.

Traz-os-Montes offerece á curiosidade errante dos turistas arrojos unicos de improvisações, no pittoresco dos seus rios adormentados que, lá no fundo dos valles que o tempo cavou para n'elles entreter as suas furias ciclopicas, rememoram velhas estancias de um poema que os elementos compuzeram quando o orbe se educava para os ritmos iniciaes.

O Douro, o Tamega, o Corgo e o Tua são linguas, rutilas de barbarismo e poesia religiosa, que traduzem a esparsa alma de uma provincia em que as grandes dôres da creação ficaram gravadas em granitos rijos como a substancia dos seculos. Entre a Regoa e Chaves, alongando-se a vista para a direita e para a esquerda do caminho de ferro, que ignotas maravilhas, umas subindo-se para os ceus como escaladas de gigantes; outras descendo-se por encostas em que as vertigens rolam pavores abissaes, não surgem, lembrando aos pallidos viajantes que desabelham das cidades que, onde a natureza conserva a sua energia indomita, rebelde á degenerescencia das idades, os homens são tambem rudes, fortes, liberaes e intelligentes.

NOS BASTIDORES DA POLITICA

Uma importante reunião do grupo democratico

O sr. dr. João Luiz Ricardo, em nome do Directorio, fala em germens de indisciplina que é preciso combater—O sr. dr. Affonso Costa critica largamente a acção do Congresso, indicando os seus erros e as suas faltas.

A reunião do grupo parlamentar democratico, realisada ante-hontem, teve uma excepcional importancia. Ella deve marcar na historia do partido como uma affirmação solemne de principios, como o cathegorico desejo, expresso com indiscutivel sinceridade, de emendar erros e de corrigir faltas. Esses erros, essas faltas foram expostas pelos sr. dr. João Luiz Ricardo, que falou em nome do Directorio, e pelo sr. dr. Affonso Costa, que a ellas alludiu n'um longo discurso, commentando principalmente a acção exercida no Congresso pelos parlamentares do seu partido.

O sr. dr. João Luiz Ricardo proclamou a necessidade de combater os germens de indisciplina que ameaçam alastrar. Só são fortes os partidos disciplinados, que vivem pela observancia dos principios, movendo-se rigorosamente dentro das normas do seu programma. O partido democratico, precisamente porque é um partido grande, espalhado por todo o paiz, com fundas ramificações na alma popular, tem-se manifestado com tendencias a escapar ás regras da disciplina. D'ahi, a difficuldade do Directorio em exerçer a sua missão. Como, se as suas indicações nem sempre eram acatadas, se os seus conselhos tantas vezes se desprezavam? E isso não acontece apenas com as corporações locaes, que teem a sua acção adstricta a um ambito limitado. Os proprios corpos dirigentes não escapavam á lamentavel regra. Convocavam-se reuniões que se não realisavam porque... quasi ninguem apparecia. O grupo parlamentar devia reunir uma vez por semana, para discutir a marcha dos trabalhos do Congresso, fixar planos, pronunciar-se sobre projectos de lei antes dos correligionarios os levarem á Camara ou ao Senado. Porque não se fazia isso? E o sr. dr. João Luiz Ricardo, dentro d'esta ordem de idéas, amargamente se queixou, fazendo ver que a acção do Directorio não podia ser mais proficua e que os resentimentos de muitos correligionarios contra o mais alto corpo dirigente do partido era principalmente motivado pelo desconhecimento das circumstancias que elle apontava.

Falou a seguir o sr. dr. Gastão Correia Mendes, que discordou do pessimismo que transparecia das palavras do sr. dr. João Luiz Ricardo, exaltando a figura do sr. dr. Affonso Costa, pondo em destaque os extraordinarios serviços que elle tem prestado á Republica e concluindo que o seu talento e a sua obra eram garantia bastante da vitalidade do partido.

O sr. dr. Arthur Leitão indicou um meio de corrigir a indisciplina:—era a dissolução de todas as commissões politicas, tanto mais que ellas tinham sido eleitas n'um periodo em que as circumstancias eram bem diversas das actuaes. Falaram ainda os srs. Faustino da Fonseca e drs. Alexandre Braga e Antonio da Fonseca.

Por fim, usou da palavra o sr. dr. Affonso Costa. Não concordava com o alvitre apontado pelo sr. dr. Arthur Leitão. Bem ao contrario, era necessario dar força ás commissões politicas, prestigial-as, respeitar os seus direitos estabelecidos na lei organica. Nem se comprehenderia que outro fosse o procedimento d'um partido inspirado em principios verdadeiramente democraticos. Para a pratica constante d'esses principios chamava elle a attenção de todos os seus correligionarios, porque a todos competia, na medida das suas forças, auxiliar o governo a vencer as graves difficuldades da hora presente. O partido tinha de affirmar-se definitivamente como um partido de governo, realisando uma obra de maior proveito para a Republica e para a Patria. Era o seu dever, abstrahindo-se de questiunculas estereis, não se deixando levar na corrente de impulsividades prejudiciaes. Tinha de trabalhar, emfim, correspondendo ás esperanças que o paiz n'elle deposita, honrando os compromissos que tomou ao acceitar o encargo de governar.

O sr. dr. Affonso Costa apreciou depois a acção do Congresso, reputando-a inferior em relação ás responsabilidades do momento. Dir-se-hia que os senhores deputados tinham uma unica preoccupação: entrar na Camara mais tarde e sahir mais cedo. Não era bastante. No tempo da monarchia, os discursos dos deputados republicanos correspondiam a trabalhos que podiam circular em todo o paiz, como obra de efficaz propaganda. E hoje? Ninguem podia dizer, em verdade, que assim fosse. Os trabalhos parlamentares que decorreram desde fins de junho a principios de setembro não deixaram boa impressão no paiz. Era preciso que não se repetissem os mesmos incidentes, que não se puzesse o mesmo apaixonado e quasi exclusivo enthusiasmo em assumptos que não eram de interesse geral. Estas affirmações traduziam o desejo de uma selecção util, com a qual só lucrariam a Republica e o prestigio do Parlamento. O trabalho das commissões devia ser feito muito criteriosamente, com estudo, com verdadeira dedicação. Ahi se revelavam as competencias. As opposições não abandonavam o seu proposito de politica esteril, negativista, procurando apenas embaraçar a acção do poder executivo, lançando suspeições injustas e revoltantes? Mais uma razão, essa, para que o partido republicano portuguez se affirmasse com brilho n'esta phase constructiva, realisando uma obra que se impuzesse á consideração do paiz.

Apreciou depois o sr. dr. Affonso Costa o problema da revisão constitucional, dizendo que o proximo congresso do partido, em abril, tinha de pronunciar-se sobre esse importantissimo aspecto da nossa vida politica. A mais grave de todas as alterações que podem ser introduzidas na Constituição é a da faculdade da dissolução do Congresso concedida ao chefe do Estado. Tinha o partido de pronunciar-se sobre esse ponto, encarando bem de frente as circumstancias politicas que rodeiam a Republica. Se ellas aconselhassem aquella alteração constitucional, embora votada a titulo provisorio, que isso se fizesse depois d'um consciencioso estudo do problema. O partido, reunido no seu congresso, decidirá.

Por esse resumido extracto das considerações proferidas pelo sr. dr. Affonso Costa pode o leitor avaliar da justa impressão que ellas causaram. Com energia, com desassombro, o chefe do governo apontou faltas e indicou a necessidade de serem corrigidas. Quem ousará negar que elle procedeu como um verdadeiro homem de Estado, que possue a consciencia das suas responsabilidades e das suas obrigações?

NO OLYMPIA

"A chave mestra"

E' no Olympia, o elegantissimo cinema, que, como dissémos, vae ser exhibida uma das mais extraordinarias fitas modernas, «A chave mestra», cujo entrecho será narrado nas columnas da «Capital», em folhetins, á medida que fôr sendo projectada no «écran» essa maravilha de invenção e de audacia a que nos referimos hontem.

O assumpto de «A chave mestra» decorre nas minas de oiro da California e a projecção que constituirá o mais assombroso acontecimento cinematographico de Lisboa nos ultimos tempos, far-se-ha durante um mez.

Os leitores da «Capital» e os frequentadores do Olympia hão de, decerto, felicitar a empreza do magnifico cinema pela obra-prima cuja apreciação ella lhes faculta e que, cremos bem, não tem entre nós precedentes.

OPERA LYRICA

Battistini no «Rigoleto»

O Colyseu dos Recreios está-nos dando uma epocha lyrica como ha muito não havia em Lisboa. A recita de hontem, com Battistini no *Rigoletto*, foi assombrosa. A sala, completamente cheia, ovacionou o genial artista com delirio.

Battistini foi colossal. A sua voz, o seu modo de representar, foram inimitaveis, attingindo a culminancia no duetto final do 3.º acto.

O illustre cantor foi alvo de grandes ovações, tendo tido innumeras chamadas.

As sr.as Tagelli e Camozzi, o tenor Marescotti e os baixos Mariaches e Fiore formaram um conjuncto muito agradavel.

Hoje, canta-se a *Manon*. A'manhã, em recita da moda, realisa-se a primeira representação da *Fedora*, que será desempenhada pela sr.ª Orbellini, tenor Tincani, baritono Zuffo e baixos Mariaches e Fiore.

Na terça feira, 10.ª recita de assignatura e despedida de Battistini que cantará o prologo dos *Palhaços* e a *Traviata*.

Na quarta feira, estreia do soprano ligeiro Maria Galvany, a distincta artista a quem agradecemos a gentileza dos seus cumprimentos.

O «POVO»

Suspendeu a sua publicação, em virtude da crise do papel que estamos atravessando, este nosso presado collega da noite.

A falta de carne

Parte da cidade não poude abastecer-se

Tiveram hoje grande concorrencia os talhos municipaes, havendo alguns onde ás 7 da manhã já não havia carne.

O talho municipal situado no edificio do Matadouro foi o que maior concorrencia teve, tendo sido fechado um dos portões do Matadouro que communica com o talho, afim do povo o não invadir, sendo a multidão contida por alguns guardas civicos e municipaes que só permittiam a entrada a pequenos grupos, a fim do serviço correr com a devida ordem. Ha muito tempo que não se notava tão grande movimento n'esse talho. A's 10 horas não havia ahi já carne alguma. A matança de hoje foi só para os talhos municipaes, tendo sido abatidas 9 rezes com 3075 kilos e 25 carneiros com 257. As 9 rezes que a camara mandou abater não são só para o fornecimento do publico, mas ainda para o Arsenal, Misericordia e algumas casas de caridade.

Grande numero de talhos particulares tiveram hoje as portas fechadas.

O PROBLEMA DAS SUBSISTENCIAS

HA MILHO SUFFICIENTE NO NORTE

Tome o governo medidas energicas e obrigue os detentores a vendel-o por um preço razoavel

Porto, 12.

O problema que n'este momento, mais agita as classes trabalhadoras, não só d'esta cidade, mas de todo o norte, é a falta de milho, ou melhor, não a sua falta, mas o elevado preço a que subiu.

Um importante negociante disse-nos hontem a este proposito o seguinte:

—Verdadeiramente, não póde dizer-se que haja falta de milho. No Porto ainda ha muito d'esse cereal. O que acontece é que está armazenado, escondido, com o proposito ganancioso de, por não apparecer em abundancia no mercado, o seu preço se elevar exorbitantemente, como se tem elevado, vendendo-se a 1$00 e 1$20 a medida de 20 litros, o que é, na verdade, um abuso, uma calamidade para os pobres.

«Sabido como é que as classes trabalhadoras da cidade e das aldeias do norte não teem outro pão senão a broa de milho, com leve mistura de centeio, como é que poderão comprar a este preço?

«Nas aldeias, para uma familia de seis pessoas, é indispensavel, pelo menos, uma fornada de duas rasas por semana. Não falando na «mistura», não contando o gasto da lenha para o forno, não mettendo em conta a «maquia» para os moleiros, esta familia tem uma despesa forçada de 2$40 *só para pão*. Para o caldo, por mais modesto, por mais magro que seja, é preciso,—trez tigelas por dia para cada pessoa—126 por semana—a um centavo cada uma—1$26. Total da despesa só em pão e caldo, 3$66.

«Ora, n'esta familia, ainda que o chefe ganhe 12 centavos por dia—que é a media dos trabalhadores do campo, e tenha dois filhos, aprendizes de qualquer arte de construcção civil, ganhem 12 centavos cada um, contando mesmo toda a semana de trabalho, sem dias de chuva e sem faltas de trabalho, dá apenas a receita seguinte: chefe, $72; filhos, $72—Total, 1$44. Ha, portanto, um *deficit* de 2$22.

«Quer dizer: é a fome, a miseria mais negra e mais tragica.

Continuando, o illustrado negociante accrescentou:

—O que se dá com esta familia de aldeia, dá-se com pequenissimas differenças nas familias dos operarios da cidade, tanto de fabricas, como de obras e officinas. E' certo que os salarios, na cidade, são mais elevados. Mas ha a notar que o trabalhador da cidade não é tão sobrio como o dos campos. Não se alimenta só de pão e caldo. Quer, de manhã, o seu café com leite e uma sêmea, quer o seu copo de vinho, conducto ao jantar, paga maior renda de casa, etc.

—Afinal...

—Afinal, se a situação dos trabalhadores ruraes é má e desgraçada, a dos trabalhadores urbanos não é melhor.

—E que medidas entende que devem tomar-se immediatamente?

—Eu entendo que, para grandes males, grandes remedios. São necessarias medidas excepcionaes? Tome-as o governo, tomem-nas as auctoridades immediatamente, e sem tergiversar. O milho é indispensavel. Muito bem: que quem o tem, açambarcado, guardado escondido, ou como melhor queiram, seja intimado e obrigado a pôl-o á venda, porque não pode consentir-se que, para que duas duzias, cem, duzentos negociantes ou lavradores enriqueçam, milhares e milhares de operarios, milhares e milhares de familias morram á fome.

«No Porto, pelo norte ha ainda muito milho. Que venha para os mercados e que ahi seja vendido a um preço rasoavel, taxativamente marcado pelas auctoridades. Sabe-se que o lavrador proprietario lucra na venda do milho desde que os 20 litros attinjam $60.

«Sendo assim, dando-lhe mais $10,—para o resarcir da carestia dos generos de consumo que elle tambem compra, o milho não deveria vender-se a muito mais de $70. O sr. governador civil ainda ante-hontem adquiriu—por compra—e não por o ter apprehendido como alguns jornaes disseram, 12 vagons de milho a $82. E ao mesmo preço já adquiriu e tem negociações entaboladas para adquirir grandes quantidades d'esse cereal, para — sem lucro—ser vendido ao povo nas povoações do districto onde a sua falta se faz mais sentir.

«Em Gaya já o administrador tomou medidas dignas de registo, obrigando os detentores de milho a vendêl-o por um preço razoavel.

Terminando, diz-nos:

—E' necessario energia. E' preciso que,—á sombra da «falta de milho»—se não façam especulações politicas.

«A attitude de alguns lavradores do concelho de Villa do Conde que, n'uma reunião realisada, protestaram contra o arrolamento que os famintos andam fazendo, declarando que *não semeariam* este anno, se as auctoridades os não garantissem, é muito significativa. E' bom que o governo seja energico, e não consinta em explorações.

«O povo não pode morrer á fome.

Orpheon de Condeixa

O concerto da Escola Academica

De ha muito que a Escola Academica é protectora desvelada da Escola Industrial que o Orfeon de Condeixa fundou e mantem n'aquella villa. Não admira, por isso que aquelle magnifico e modelar estabelecimento de educação e instrucção aproveitasse a vinda a Lisboa dos cantores do dr. João Antunes para lhe offerecer uma festa brilhantissima, cujo producto revertesse em beneficio do cofre da sua escola, ainda bem modesta, mas que, de futuro, póde vir a prestar aos habitantes de Condeixa os mais relevantes serviços. E essa festa, realisada hontem á noite, foi magnifica, tendo-se enchido por completo o vastissimo «hall» da Escola Academica, no qual cabem cerca de trez mil pessoas. Ali se via tudo o que em Lisboa ha de mais distincto e illustre, tendo tido a festa, sobretudo pela alegria que a revestiu, o aspecto d'uma verdadeira consagração ao dr. João Antunes e aos seus orfeonistas. O concerto teve a collaboração da fanfarra e da orchestra da Escola, executando esta, primorosamente, uma interessantissima «rapsodia» de cantos populares portuguezes, que foi applaudidissima. O orfeon, por sua vez, mais e mais senhor de si, executou primorosamente o seu já conhecido programma, tendo de ser bisados, na primeira parte, o «Coral da Paixão», de Bach, e a «Cantiga de Mofina Mendes», que é, como muito bem disse já um alto espirito, o verdadeiro hymno da saudade portugueza. Na segunda parte, maravilharam pela interpretação deliciosa a «Canção russa» e a «Canção gallega». Esta foi bisada. A terceira parte, toda consagrada a cantos populares portuguezes, enthusiasmou ao maximo o publico, que fez repetir, entre estrondosas ovações, a «Senhora do Livramento», a «Senhora da Encarnação» e «O Lenço», cantando ainda o orfeon, duas vezes, para fecho do esplendido sarau, um trecho classico, que foi applaudido com enorme calor. O espectaculo terminou cerca da meia noite, e a Escola Academica bem póde inscrever a noite d'hontem entre as melhores de todas quantas figurem no seu livro d'oiro...

Folhetim d'A CAPITAL 13-2-1916

A lei de 13 de fevereiro

A data que hoje passa marca o inicio d'uma epocha angustiosa para o pensamento em Portugal. Ha vinte annos dia por dia, publicava o «Diario do Governo» uma lei que a consciencia publica logo apelidou de scelerada. Refiro-me á lei de 13 de fevereiro de 1896, cuja responsabilidade pertenceu ao ministro da monarchia João Franco Castello Branco, que então se empenhava em fazer triumphar a politica do engrandecimento do poder real.

Interessante epocha, essa, cuja historia não está realmente feita, e cuja philosophia imprecisamente tem transparecido. A politica do engrandecimento do poder real teve origem n'um artigo de Oliveira Martins, dedicado ao rei D. Carlos, mas por seu turno ella vinha d'uma phrase de Rodrigues Sampaio, que amiudadamente se citava. Essa phrase era a seguinte: «N'este paiz só tem força o rei.» Paradoxal affirmação completada por uma theoria que as contingencias do futuro converteram n'uma sangrenta irrisão. Ella significava, com effeito, em principio, que o regimen fallira, e, com effeito, o seu fim rigorosamente o comprovou.

Não podia existir um regimen, da sua natureza representativo, não podia manter-se uma monarchia constitucional, em que a unica força fosse o rei. A formula basilar d'essa monarchia o demonstrava. «O rei reina, mas não governa.» Desde o momento em que se pretendia que só o rei podia governar, a condemnação do regimen era implicita.

Na realidade, pensava-se em regressar, disfarçadamente, embora, ao absolutismo dynastico. O constitucionalismo era uma ficção. Só a força do rei existia. E appellava-se para ella, o que mesmo é dizer que se renegava a conquista liberal. Não escrevia Rodrigues Sampaio a sua celebre phrase com intenção de exprimir uma magoa ou uma revolta. Elle acceitava-a como um facto, quando não a advogasse como uma necessidade. E era esse mesmo homem que, nos tempos da Patuleia, perseguido, homisiado, victima do poder pessoal que a rainha D. Maria II se arrogava, para ella reclamava o fim de Luiz XVI! Por sua vez, Oliveira Martins fazia a apologia d'esse poder pessoal, preconisando o engrandecimento do poder regio, elle, o companheiro de José Fontana e Anthero de Quental, o socialista, o commendador severo dos Braganças, cujas taras implacavelmente desvendára, cujas baixezas, tyrannias, fraudes e desmandos assignalára com o ferreo estylete da Historia. Havia aqui mais alguma coisa do que as capitulações das consciencias; havia a evidenciação d'um vento de insania que perturbára as intelligencias mais claras e os espiritos mais firmes.

* * *

A obra do engrandecimento do poder real fez-se, e o seu executor foi João Franco. Fez-se com toda a segurança; fez-se com todo o exito,—e matou o poder real. Hoje, o observador attento dos factos da nossa historia quasi se felicita pela resignação popular que permittiu a victoria d'esse execrando esforço. Foi bem que elle se fizesse; foi bom que nenhumas resistencias energicas encontrasse; foi bom que a ideia monarchica em Portugal jogasse essa cartada decisiva, e a perdesse, sem que ninguem a contrariasse poderosamente, para nos dar a consolação infinita de reconhecer que a monarchia morreu de morte natural, corroida nos seus fundamentos, apodrecida, exhausta, gasta, fulminada pelos seus vicios que a minaram e pela velhice que não perdôa.

Em face da monarchia, que pretendia robustecer-se pelo engrandecimento do poder real, vimos o espectaculo da mais espantosa passividade que se tem observado em povos naturalmente dignos e ciosos da sua liberdade. José Falcão dizia alguns annos antes: «Se a monarchia nos póde salvar, que nos salve!» O povo portuguez dizia agora á monarchia tentando a aventura do engrandecimento do poder real: «Se a monarchia póde salvar-se com tal processo, que se salve!» Não nos salvou, nem se salvou.

Foi n'essa epocha que ella se perdeu. Reduzidos a meras ficções os partidos do regimen, que tal politica desapossára da sua funcção constitucional, tornada a propria Constituição um farrapo de papel sem valor, com um parlamento que só nominalmente era uma representação popular, sem fiscalisação nem por parte d'esse parlamento, reduzido a uma camarilha de aulicos; nem da imprensa, estrangulada pelo absolutismo dominante; nem da tribuna popular, impedida de fazer ouvir a sua voz; com o direito de associação eliminado, porque todos os «clubs» politicos tinham sido dissolvidos, a monarchia fez á vontade, tudo quanto quiz. O poder real estava engrandecido. Só mandava o rei. Os chefes dos partidos monarchicos, de mãos postas, pediam-lhe o simulacro do poder. O parlamento, reduzido a uma situação ignobil, era conhecido pelo «Solar dos Barrigas», e ainda assim o rei, fazendo um uso, mais constante do que nunca, da faculdade da dissolução, despedia-o, como se despede uma creadagem. O engrandecimento real era um facto. O absolutismo, no aspecto do poder pessoal, reinava no nosso paiz. Nenhuma resistencia, nenhum embargo. Epocha florescente! N'essa epocha os alicerces do throno foram mais abalados do que em sete seculos de historia.

* * *

Esse poder só servio á realeza para corromper e corromper-se. Foi durante a epocha em que elle se manifestou que se fizeram os celebres adeantamentos á Casa Real, que mais tarde haviam de ser aproveitados para o formidavel libello do povo. Durante elle, fizeram-se emprestimos de milhares de contos que desappareceram sem deixar vestigios. Se os partidos eram uma ficção, a florescencia dos aventureiros é que o não era. A obra do engrandecimento do poder real apressou mais a ruina da realeza do que um seculo de propaganda republicana. Quando a luz se fez, quando a propria monarchia confessou a sua fraqueza, recorrendo ás mais hybridas combinações governativas, quando a nação, que dera todo o praso necessario á execução d'essa obra reagiu por fim,—o que nós, republicanos, encontrámos na nossa frente era já um cadaver.

Essa obra,—e a evocação d'uma data a estas considerações me levou,—foi concretisada n'uma lei. Essa lei era a de 13 de fevereiro. Promulgada contra o anarchismo, que de facto não existia, de maneira a tornar-se assustador, sob uma forma militante, visava a expressão do pensamento critico e rebelde. Ella destinava-se a evitar todo o protesto mental. O anarchismo, na sua fórma doutrinaria, constitue a philosophia libertaria. A lei de 13 de fevereiro proscrevia as proprias palavras. Não se podia escrever este vocabulo: anarchismo. Não se podiam noticiar os factos de caracter anarchista, nem mesmo os passados fóra do paiz, e communicados na linguagem laconica do telegrapho. Nem mesmo se podia combater esse systema! Nos julgamentos que por essa lei se realisassem, não havia o direito de fazer uma reportagem jornalistica. Nem noticiar as condemnações. Nem transcrever as sentenças! Os jornaes que o fizessem eram supprimidos. Foram assim extinctos alguns jornaes monarchicos, os quaes não podiam reapparecer com os seus titulos integros. Foi então que se assistiu á campanha picaresca dos «A A» e dos «C O». Esses jornaes eliminavam esses artigos dos titulos com que se haviam publicado e só assim podiam reapparecer. Foi tambem n'essa occasião que um grande jornalista monarchico para poder fazer allusão, embora velada, a anarchistas, os chrismou em «perdigões».

* * *

Tudo isto póde afigurar-se burlesco, ridiculo, absurdo, mas o seu fim era terrivel. A lei não estabelecia só a perseguição aos anarchistas, doutrinarios ou militantes. Qualquer expressão verbal que podesse significar a exposição ou a defeza de principios e actos que pelo seu caracter radical equivalessem a um pensamento de rebeldia, eram equiparados á doutrinação anarchista. E então todos os adversarios do regimen foram colhidos nas suas redes. Os jornalistas republicanos, estupefactos, viam-se accusados como anarchistas. O mais pequeno gesto, o mais debil grito eram considerados crimes de anarchismo. França Borges esteve preso por ter dito, a proposito d'um incidente entre o dr. João de Freitas e o presidente do conselho, José Luciano, que um cidadão, aggravado pessoalmente por um ministro, tinha o direito de pessoalmente se desaffrontar. Mais tarde, um portuense, o sr. Vieira Mendes, como anarchista foi considerado, porque ameaçou um politico, que já não era ministro, de que se desforçaria de aggravos de que se reputava victima por parte d'elle.

Para a obra do engrandecimento do poder real, este estrangulamento da consciencia publica era absolutamente necessario. Durante largos annos, até á implantação da Republica, a lei de 13 de fevereiro esteve suspensa como uma espada de Damocles sobre o pensamento livre e austero. Todos, socialistas, anarchistas, republicanos, os proprios monarchicos insubmissos, se encontravam sob o gume d'esse gladio. E era o pensamento o attingido, era a sua liberdade que se estrangulava, porque ella estava garantida na propria Carta Constitucional; para os actos de violencia tinha o Codigo Penal castigo prescripto. A lei de 13 de fevereiro era a arma de que o poder real, engrandecido, se munira contra toda a critica dos seus actos, contra toda a fiscalisação dos seus crimes, contra todo o ataque á sua theoria execravel.

Ha vinte annos que essa lei manchou a legislação portugueza. Só ha cinco a Republica, no primeiro dia do seu triumpho, a supprimiu. Quinze annos ella pezou sobre uma nação vilipendiada e opprimida. Parece que esqueceu esta ignominia. Já o disse, e repito: era da monarchia, está santificada. Porque ha hoje o desplante inconcebivel de proclamar que a monarchia dos adeantamentos é que era o regimen da moralidade; que a monarchia da lei de 13 de fevereiro é que era o regimen da liberdade!

MAYER GARÇÃO

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Os redemptores da Illyria.
REPUBLICA—Não ha espectaculo.
TRINDADE—A's 21—El rei damnado.
POLYTEAMA—A's 21—O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro, com o novo quadro Papa Cola-Tudo.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Recita da moda—Fedora.

Primeiras representações

NACIONAL. — «Os Redemptores da Illiria», 4 actos de Ramada Curto.

Por se dizer que era uma satyra politica de factos e personagens conhecidos, a peça do sr. Ramada Curto estava despertando vivissima curiosidade, sobretudo entre os correligionarios do *joven dramaturgo que quasi* enchiam hontem o theatro Nacional dispostos, sem duvida, a exalçal-o se o seu trabalho lograsse por qualquer titulo impôr-se. Infelizmente, não succedeu assim. Quando o panno desceu sobre o ultimo acto, os applausos foram frouxos, como que dados por mera cortezia, a despeito da claque, sempre a postos nas nossas casas de espectaculos, ter cumprido o melhor possivel a sua obrigação.

A' Illiria do sr. Ramada Curto já n'outros tempos, lhe chamaram Parvonia e, recentemente, na sua ultima revista, Eduardo Schwalbach crismou-a de Pistolandia... Com o advento ao throno do velho Nicolau II, após uma revolução que depoz seu sobrinho, os radicaes, os amigos do povo, encontram-se no poder, sendo primeiro ministro Raditchef, contra quem os palatinos tramam. Esse politico, incarnação de todas as virtudes civicas, modelo de *patriotas, que os aristocratas e os opulentos* odeiam porque destruiu privilegios e lançou contribuições, tem as mais fervorosas sympathias populares que vão até o fanatismo. Os seus adversarios procuram aniquilal-o, conspiram contra elle, preparam um attentado que se frustra no proprio momento em que em palacio ha uma festa nocturna, a que assistem alguns dos conspiradores e na qual Nicolau II se lamenta da falta de casa civil e de casa militar e um dos seus amigos considera poucas e feias as mulheres do novo regimen,—havendo até entre ellas quem tenha bigode! Raditchef, que chega incolume junto do rei, com manifesto desprazer dos aulicos, é acclamado pelo povo que o força a apparecer a uma janella do palacio e que, victoriando a patria e o monarcha, sauda com um particular carinho o primeiro ministro...

Os inimigos do grande homem de Estado não repousam. A' conspiração prosegue. Mas Raditchef tem dedicados cooperadores que velam pela sua vida e pela liberdade ameaçada. Com as luctas internas parece que se accumulam complicações, perigos externos. Na hora em que um golpe de Estado vae produzir-se, os conspiradores são, porém, colhidos em flagrante n'uma festa nocturna dada por um seu rico patrono nos suburbios da capital. Movendo-se ao sabor dos que detestam a democracia e desprezando o parlamento, o rei, que a revolução puzera no throno, encarrega do governo certo general da sua estima e confiança, para que persiga os democratas. Raditchef, que podia deitar-lhe a mão e impedil-o de assumir o poder, consente que elle parta e a sua generosidade vae ao ponto de lhe offerecer a mesma escolta que o acompanhou ao local da conspiração...

Nos trez primeiros actos da peça cinematographica do sr. Ramada Curto ha, além do que deixamos perfunctoriamente dito, um secretario da legação franceza, muito amigo de Illiria e muito mettido na sua vida e na sua politica, pessoa sympathica a quem todos louvam a França, e uma dama conspiradora que, fingindo-se amante do secretario de Raditchef, tem artes de lhe apanhar um famoso «documento azul» que, se bem percebemos, possue uma singular importancia no caso das relações com o paiz visinho cujos olhos cubiçosos estão cravados na Illiria. Ainda no primeiro acto, como no terceiro, ouvimos algumas lentas valsas, sabemos que se dança n'outros salões e assistimos ao deambular de varios figurões e figuronas, sem offensa para os artistas que se mascararam de officiaes, de popes barbudos e de senhoras da côrte que nos deram todos a impressão de muito desajeitados e comprometidos nos seus uniformes, nos seus habitos e nos seus vestidos de «grande tenue». Uma excepção cumpre fazer para a «toilette» da sr.ª Laura Cruz, que é afinal a unica personagem feminina de relevo na côrte de Nicolau II,—a dama conspiradora que se prostitue para servir a causa da reacção.... E que mais se contém nos trez actos? Nem sequer as qualidades que o sr. Ramada Curto revelou nos seus precedentes trabalhos dramaticos, onde por vezes o dialogo é natural, vivo, apaixonado, conceituoso, scintillante. Não ha uma phrase que vibre, uma idéa que fulgure, um commentario que se imponha. E' que o auctor não creou almas, pretendeu copial-as e as da sua peça não seduzem ainda mesmo quando inspiradas e movidas por nobres e abnegados sentimentos. D'aquellas boccas, nos instantes mais sublimes, apenas sahe uma rhetorica banal, feita de estafados logares communs. Nem o assobio do sr. Ignacio Peixoto nem as pistolas apertadas dos companheiras d'esse que tem a alcunha do «Silencioso» logram causar o «frisson» que o auctor talvez imaginasse conseguir de scenas em que Sardou não teve imitadores capazes...

Mas ha um quarto acto e ahi «Os redemptores da Illiria» sossobraram. Estalou a guerra. As salas do palacio de Nicolau II estão transformadas em hospital de sangue. Trôa o canhão, succedem-se as descargas de fuzilaria, entram feridos transportados por maqueiros. Damas da Cruz Vermelha, irmãs da congregação de S. Vicente de Paulo, medicos, enfermeiros prestam dedicadamente os seus serviços. Os toques de corneta alternam com os choros das pobres senhoras que teem os seus na linha de fogo; ha uma que, no meio d'aquella confusão lancinante, ainda tem tempo para se lastimar da alcunha que lhe puzeram: a «estouvada»... O secretario da legação de França, que já é ministro, trata de coadjuvar a Illiria aproveitando-se das suas immunidades diplomaticas. Está em perigo imminente a independencia da patria: Raditchef, patriota extreme, corre com os seus amigos ao ponto onde a lucta é mais accesa. Não tarda que o tragam morto ao hospital de sangue. E o seu secretario, patriota da sua escola, coberto de sangue e de pó, e que se bateu como elle com toda a bravura, acompanha-o e profere junto do cadaver do apostolo e do martyr uma inflammada e sentida oração funebre. Vae raiar o dia: a esposa do secretario, que faz parte da Cruz Vermelha, rejubila com o regresso do marido e passa-lhe para os braços o filhinho amado, a quem elle mostra a bandeira que se arvora ao longe beijada pelo sol nascente...

Tem carapuças a peça? Tem symbolismo? Tem audaciosos intuitos de previsão prophetica? Terá tudo isso, mas falta-lhe o essencial para que conquiste o agrado das platéas: arte scenica. E, como as carapuças escapam ao grande publico e «Os redemptores da Illiria», como symbolo, estão longe de ser um delgado sendal e sob o ponto de vista da arte scenica uma obra notavel, os seus dias serão breves e não deixarão decerto grata memoria para o auctor. O sr. Ramada Curto, que é um moço de talento, ha de dar-nos ainda trabalhos theatraes que o absolvam do peccado que commetteu, fazendo representar «Os redemptores» cujo desempenho tambem não honra o theatro Nacional. Os applausos verdadeiramente justos que hontem se ouviram no velho theatro do Estado foram os dirigidos aos scenographos Augusto Pina e José Mergulhão que, sobretudo este ultimo, affirmaram mais uma vez os seus merecimentos.

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

No proximo domingo, 27, realisa-se no theatro da Trindade uma «matinée» em homenagem ao ex-actor Cesar Marques, subindo á scena em espectaculo unido a peça brazileira em 3 actos, original de Arthur d'Azevedo, «O Dote», havendo tambem varios numeros pelas mais brilhantes figuras da antiga scena portugueza.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrassé, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

SPORT

Marinheiros que morrem de frio e marinheiros que não sentem frio

(Cartas a um velho amigo)

O exercicio physico mantem o equilibrio e regularidade das funcções animaes

Cesar.—Tem-se dito centenas de vezes que o exercicio physico constitue uma necessidade do organismo humano. Assim é. Quem não trabalha envelhece rapidamente. Todas as suas funcções vitaes perdem de intensidade, e, consequentemente, não produzem rendimento util.

Ao pé de nós chegam todos os dias creaturas conhecidas que se queixam de dôres articulares, de cansaço, que «têm assucar nas urinas», que padecem de rheumatismo, que dormem mal. São, na maioria, pessoas que não mechem um braço, que procuram na commodidade d'uma fôfa cadeira o alivio para as suas dôres! São dos que teem medo de se movimentar para não avivar essas dôres! Que engano!...

Não teem apetite! Teem preguiça de comer! Vê tu a differença com o que succede com os gymnastas que trabalham sem chegar ao exaggero. Lembras-te dos tempos em que começámos a trabalhar no Gymnasio Club? Eram os tempos em que todas as tardes nos reuniamos, para saltar, trepar cordas, jogar o pau, ensaiar lucta, mecher em pesos pequenos, trabalhar com «massas indianas», «passar» escadas com o dr. Moura Pinheiro, o dr. Estevam Godinho, o Sá da Bandeira, o João Roubeaud, o Arthur dos Santos, o Ressano Garcia, Carlos Gonçalves, Armas da Silveira, Walter Awata e tantos outros. Lembras-te tambem como se comia... Chegava-se ao exaggero! O Frederico Hopfer, o Francisco Loreto, o João Roubeaud, mesmo o Arthur dos Santos, pareciam «recordmen»!...

Não succede o mesmo com certos homens e rapazes de agora. Coitados! Não percebem que a anorexia póde attingir taes limites que constitue uma verdadeira doença.

Laure affirma que a enfermidade de coração dos negros de Cayena, que constitue um exemplo typico, é resultado d'esta indolencia perniciosa, porque se esquecem, por assim dizer, da comida e a sua felicidade suprema consiste em passar a vida no somno e no repouso. Morrem todos novos.

Mas a pathologia dá-nos frequentes exemplos, nos obesos, nos «renaes», nos arthriticos. Todas as excreções se modificam ou diminuem sob a influencia da preguiça corporea. Os musculos que não trabalham diminuem de volume, arrastando consequentemente diminuição do peso do corpo.

Onde a falta de exercicio se faz sentir bastante é na calorificação. Todos nós sabemos que os gymnastas resistem ao frio. Essa verdade é do dominio de todos os que fazem «sport». Só não a conhecem os que nunca fizeram athletismo. Uma vez, no campo de Bemfica, vi uma senhora deplorar, condoidamente que os rapazes continuassem a jogar o «foot-ball», debaixo de chuva.

—«Isto deve fazer-lhes mal. Os pobresinhos só teem a camisola em cima da pelle...

—«Não, minha senhora, não lhes faz mal, nem sentem frio, porque estão costumados»—respondeu-lhe o nosso infeliz amigo Armando Machado que estava perto e a ouviu.

Teem frio, apenas, os que se condemnam á immobilidade. As senhoras ricas sentem-n'o se abandonam por momentos as «fourrures» e as pelles... O preguiçoso, aquelle que pede licença a um pé para mecher o outro, esse, na verdade, resfria facilmente e só aquece com artificios. Os hygienistas garantem que o resfriamento continuo da periferia, determinado pela preguiça corporea é uma das causas do escrobuto. Citam-se os dois exemplos comprovativos com que termino esta carta de hoje:

«Em 1863, a companhia hollandeza da Groenlandia, deixou n'este paiz sete bravos marinheiros, com o proposito de fazer operações sobre o clima.

Os navios deixaram-lhes abundantes provisões de toda a especie. Nada lhes faltava pelo lado da alimentação. Não souberam, porém, que inativos pela necessidade dos estudos, tinham de se defender da continua acção do frio. *Morreram todos de escrobuto.*

Differentemente se passou com 8 inglezes que foram abandonados no mesmo paiz de gelos, em 1630, victimas de um accidente maritimo. Desprovidos desde o mez de julho até maio do anno seguinte, de toda a subsistencia, que não fosse aquella que procuravam, resistiram ao escrobuto e sobreviveram todos ao seu desastre. Estes inglezes não tinham pão nem bolachas; não tinham vegetaes nem licôres espirituosos; só bebiam agua; comiam a carne de ursos e d'outros animaes que matavam. Para viver, para comer, estavam sempre em movimento».

Os hollandezes morreram porque estiveram inativos; os inglezes viveram porque se movimentaram. Não são dois exemplos excellentes?—*J. P.*

Nota do dia

A «matinée» no Gymnasio Club

Bastante concorrida, teve apenas dois numeros o programma da «matinée» de hoje no Gymnasio Club Portuguez, os de apresentação das classes de gymnastica e de dança. Equivaleram, porém, ao melhor programma, ao mais completo e mais valioso. As pequeninas do club, dirigidas pelo seu mestre Magalhães Pedroso, dançaram com inexcedivel graça e desenvoltura. Os alumnos de gymnastica do professor Arthur dos Santos foram inegualaveis de correcção de precisão de movimentos e de execução dos exercicios. Não se póde apresentar melhor. As palmas que teve o mestre significaram o enthusiasmo da assistencia vendo a classe, que denotou ordem, homogeneidade e conhecimento do que é gymnastica.

A «matinée» terminou com um baile, que esteve animadissimo.

Algumas anecdotas

Era um negocio vantajoso...

Um proprietario d'um automovel de 12-16 H. P., atrapalhado com uma momentanea falta de dinheiro, foi a uma casa que empresta sobre carros.

O commerciante:—Empresto-lhe 2.000 francos, sobre o automovel. Tiro para mim 5 por cento de lucros por mez. Ora, como você pede dinheiro por um anno, vou-lhe dar 800 francos.

O automobilista:—Que pena!... Mas, que pena!...

O commerciante:—Pena de que?

O automobilista:—Que não tivesse pedido o dinheiro por dois annos!... Então era eu que ainda lhe dava a você, 400 francos!...

Os grandes records

O da duração em combates de «box»

Nos meiados do seculo passado effectuou-se um combate de socco, que ficou celebre e que tem sido aproveitado pelos fisiologistas para exemplo do que póde a energia e a resistencia humanas. Os «boxeurs» Maffey e Maccarthy combateram-se durante 4 horas e 45 minutos. Um d'elles durante essa memoravel batalha cahiu sem sentidos 196 vezes!

Nos ultimos tempos, o combate mais demorado foi o que se sustentou entre o negro Jack Johnson e Jess Williard e em que este ganhou o titulo de campeão do mundo. Durou 41 «rounds»!

Exposição Souza Pinto

A visita da Academia de Estudos Livres

Effectuou-se hoje a visita da Academia de Estudos Livres á exposição de pintura do sr. Souza Pinto, installada na Sociedade Nacional de Bellas Artes. Acompanhando a direcção d'esta prestimosa collectividade, cêrca de quatrocentas pessoas estiveram admirando as producções d'aquelle illustre artista, que, por gentileza especial, quiz elle proprio dar as necessarias explicações aos visitantes.

Durante o dia, além d'aquelles, mais cem pessoas visitaram a notabilissima exposição, vendendo-se mais dois quadros.

As feiras de Santos e do Parque Eduardo VII

No Salão dos Anjos reuniu hoje a classe dos feirantes, tendo ali accorrido grande numero de barraqueiros. Constituida a meza e apoz larga discussão foi aprovado que a classe vá na proxima terça-feira entregar ao sr. presidente da commissão executiva do senado municipal uma representação em que pedem que as feiras d'este anno se realisem: a primeira no terreno onde costuma fazer-se em Santos, a principiar em 29 de abril e findar em 2 de junho; e a segunda nos terrenos do Parque Eduardo VII, onde em annos anteriores se fez, mas só na parte baixa, visto que o terreno é sufficiente só n'essa parte, porque depois das obras feitas ficou muito maior, e não prejudica os trabalhos encetados, principiando esta em 29 de julho e findando em 15 de outubro futuro.

Os feirantes pedem tambem, mais uma vez que a feira se realise n'este terreno, para assim poderem atenuar os grandes prejuizos que tiveram o anno passado no local onde se fez e em virtude de lhes parecer que isso em nada prejudica a Camara, pois os trabalhos estão quasi paralisados.

Os acontecimentos

O funeral de Beatriz dos Santos —Interrogatorios—Busca sem resultado

A expensas da Sociedade de Instrucção e Beneficencia A Voz do Operario realisou-se hoje, como hontem noticiámos, o funeral da pequenita Beatriz da Conceição Santos, uma das victimas da explosão de uma bomba, no dia 8 do corrente, no largo do Outeirinho da Amendoeira.

A manifestação organisada pela Voz do Operario revestiu grande imponencia, sendo o seu gesto digno de todos os louvores. Estava o sahimento funebre marcado para as 15 horas, mas muito antes em frente do edificio do Instituto Medico Legal se viam já muitas pessoas aguardando a sahida do feretro. N'uma das sallas d'aquelle edificio via-se o pequeno caixão coberto de flores que mãos piedosas ali tinham deposto e muitos ramos offerecidos pelos paes e pessoas amigas. Junto do caixão estavam o pae da finada e seu cunhado o sr. José Rodrigues Caria.

No largo viam-se varias escolas da Voz do Operario com os seus estandartes e cerca de 500 creanças, além de muitas do bairro de Alfama.

Poucos minutos depois das 15 horas o caixão foi transportado para a carreta vermelha e coberto com um panno da mesma côr, bordado a ouro, sendo collocados no tejadilho os differentes ramos. Para as borlas organisaram-se varios turnos e aos cordões creanças de ambos os sexos, muitas das quaes empunhando ramos de flores.

A' frente iam as creanças das escolas e atraz da carreta o pae e cunhado da pequena Beatriz e enorme multidão de populares dos bairros de Alfama e Santa Clara. O cortejo foi dirigido pelos srs. Francisco Antonio d'Oliveira, presidente da Voz do Operario, e seus collegas Antonio da Cunha, Abilio Gameiro, Joaquim do Nascimento e Henrique Cabral da Fonseca.

Descendo a rampa da calçada do Desterro, o cortejo metteu á travessa do mesmo nome, largo do Instituto, Avenida Almirante Reis e rua Moraes Soares em direcção ao cemiterio, vendo-se por todas as ruas do trajecto muitas pessoas, que se descobriam á passagem do feretro. Junto do coval, que ficou juncado de flores, usou da palavra o sr. Abilio Gameiro, que durante largo tempo se referiu á beneficencia official, que não existe entre nós.

Na proxima quinta feira, realisa-se o funeral do pequeno Eugenio dos Santos, outra victima da explosão, incorporando-se todos os alumnos das escolas da Voz do Operario, a expensas de quem é feito o funeral.

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, esteve hoje interrogando no seu gabinete do governo civil a presa Alice Soeiro, amante de Bernardino dos Santos, moradores na rua Damasceno Monteiro, lettras C. S. N., 2.º, onde foram encontradas as bombas, armas, metralha e outros objectos, sendo as suas declarações reduzidas a auto por um agente. Os dois presos devem seguir amanhã para o tribunal militar.

A policia judiciaria teve denuncia de que na rua de Santo Antonio, á Estrella, residia um individuo com ideias avançadas e tinha em casa bombas. Alguns agentes seguiram para ali e passaram uma minuciosa busca, que não deu resultado. Hoje não se fez mais nenhuma deligencia.

O crime da rua da Betesga

O funeral da victima

Do Instituto de Medicina Legal sahiu hoje, pelas 14 horas e meia, o funeral de Maria da Conceição, a «Maria Sopeira», que, na madrugada de 7 do corrente, na rua da Betesga, foi assassinada a tiros de revolver pelo seu amante Francisco Augusto de Figueiredo. O caixão foi transportado n'uma carreta e sobre elle deposto grande numero de ramos de flores naturaes offerecidas pelas collegas da victima, seguindo na rectaguarda do prestito um grupo musical que durante o trajecto executou varias marchas funebres. O cortejo foi passar á Mouraria e em frente do local onde se deu o crime, seguindo em direcção ao cemiterio oriental pela avenida Almirante Reis. O acompanhamento era numeroso.

"CABIRIA"

Extraordinario «film» esse, que em toda a parte acaba de conquistar um colossal successo, com assumpto tratado pelo poeta de fama universal Gabriel d'Annunzio.

Em quadros preciosos pela composição, fausto e caracter da epocha, Gabriel d'Annunzio resuscita para os olhos da actualidade a vida de personagens e povos de ha trez seculos antes de Christo. «Cabiria» entrou por direito proprio nos dominios da fama, porque a considerâmos um sol sem mancha, uma producção sem comparação possivel na arte cinematographica.

D'Annunzio imaginou erupções de vulcões, derrubamento de cidades, incendio de cidades, de esquadras, assaltos de fortalezas, batalhas em campo razo, corpo a corpo, interiores de templos onde mulheres formosas teem pantheras por gatos e sobre perspectivas sicilianas dos Alpes, de Cartago e do deserto africano passam soberanos como Sifax, Sofonisba, heroes como Asdrubal, Annibal, Scipião, o sabio Archimedes, cem personagens mais, milhares de guerreiros, elephantes, cavallos, camellos, o mar de agua, o mar de areia, e tambem essa visão distante mostra o exemplo de Sofonisba, rainha que prefere morrer a ser escrava.

«Cabiria» é a alma delicada de um grande poeta, a obra augusta da arte moderna, que tem vinculado a si o nome de D'Annunzio, que nos dá uma apotheose como jámais se viu, como não podia sonhar-se que se fizesse, e que em breve no Salão Cenral passará ante os olhos attonitos de um numeroso publico, com visos de realidade, de maravilha, de grandeza.

Pela instrucção

Visita de estudo e conferencia

Na Escola Racionalista «A Florescente» continuaram hoje os festejos, havendo ás 10 horas visita de estudo das creanças ao Jardim Botanico, para onde foram acompanhadas das professoras, direcção e convidados.

Durante largo tempo as creanças visitaram detidamente todo o jardim, findo o que lhes foi fornecido um pequeno *lunch*. De volta á séde, na rua do Infante D. Henrique, e quando todas as salas já estavam repletas, o sr. dr. Carneiro de Moura fez uma conferencia subordinada ao thema «A Educação popular e as leis economicas», sendo no final muito applaudido. Seguidamente realisou-se um sarau musical pela Tuna Tondelense e á noite haverá sarau dramatico pelo grupo infantil e grupo dramatico das Juventudes Syndicalistas.

A concorrencia foi grande.

ULTIMA HORA

RECLAMAÇÕES OPERARIAS

Pessoal ferro-viario

Dá-se um voto de confiança á commissão que trata do augmento de salario

A fim de apreciar os trabalhos das commissões eleitas em 6 de setembro de 1915 e 23 de janeiro do corrente anno, reuniu hoje, em sessão magna, na séde do seu syndicato, o pessoal ferro-viario.

Presidiu o sr. Conceição Vasques, secretariado pelos srs. Pedro Nunes e José Martins. O presidente, abrindo a sessão, aconselhou cordura aos assistentes, bem como a maxima solidariedade a toda a classe, salientando o papel que os ferroviarios desempenham na economia da nação.

Seguidamente deu a palavra ao sr. Carlos Santos, que, por parte das commissões eleitas em 6 de setembro e 23 de janeiro, diz que essas commissões não concluiram ainda os seus trabalhos e convocavam esta reunião magna apenas para desfazer certos boatos que se espalharam pela linha, dizendo que a commissão nada fazia.

Historiou depois as *démarches* junto dos srs. Ferreira de Mesquita e Mello e Sousa, bem como do sr. ministro do fomento.

A commissão nada pode dizer ainda a respeito da ordem n.º 110, e quanto ao augmento de salario que se reclama, de 100 réis, o sr. ministro do fomento não terá duvida em auxiliar a classe n'essa reclamação, pois que, tendo a Companhia pedido o augmento do preço das actuaes tarifas, esse ministro está disposto a conceder esse augmento—com certas restricções—se a Companhia augmentar o salario ao pessoal. Terminando, aconselha ordem, serenidade e cordura, pois, se a classe se comportar como até agora, a victoria será certa.

E' enviada para a mesa uma proposta em nome do pessoal de trens, dando um voto de confiança á commissão.

O sr. Jayme Neves, como membro da commissão, agradece o voto de confiança do pessoal dos trens.

O sr. Conceição Vasques, presidente, critica a ordem do serviço n.º 110, com que a Companhia quiz beneficiar a calsse, demonstrando, com numeros, que esses beneficios são inteiramente illusorios. Segundo esses numeros, ha empregados que recebem, por essa «ordem» 125 réis por mez, e outros que ainda teriam de dar dinheiro á Companhia, affirmação esta que produz enorme sensação.

Apresenta depois uma moção concluindo por dar toda a força moral á commissão para tratar do augmento do salario junto do conselho de administração da Companhia, até ser attendida e se a resposta não fôr favoravel, procurar de novo o sr. ministro do fomento para que elle, em nome do governo, se interesse pelo deferimento de tão justo pedido junto do conselho de administração.

Discute depois a questão, que se tem suscitado sobre se deve ou não ser mantida o aceite a ordem n.º 110. Já demonstrou o que ella vale. Por isso entende que se deve reclamar com toda a energia o augmento, porque depois d'elle alcançado nem sequer se discutirá semelhante documento.

O sr. Julio de Mattos elogia a commissão, combate as calumnias de que ella tem sido aivo, e envia para a meza um additamento á proposta do sr. Vasques, para que seja dado conhecimento a todo o pessoal do estado da questão.

Faltam ainda os srs. Pedro Nunes, José Antunes e Carlos Santos, que applaudem a proposta do sr. Vasques, e, alludindo á questão dos passes, dizem que essa questão, para não baralhar as reclamações, como á Companhia talvez conviesse só deve ser tratada depois de solucionada a questão do augmento de 100 reis para todo o pessoal, o que está dependente da reunião do conselho de administração da Companhia e do Conselho de tarifas.

A sessão, que foi muito concorrida, decorreu na melhor ordem e no meio de grande enthusiasmo, sendo approvada por acclamação a moção de confiança á commissão.

VIDA MILITAR

A Cruz Vermelha e o serviço de saude

Na parada de infantaria 16 effectuam-se os exercicios de maqueiros e enfermeiros

A Sociedade da Cruz Vermelha fez hoje uma demonstração perante o chefe dos serviços militares de saude, na parada do antigo quartel de infantaria 16, actualmente sede da 3.ª companhia dos serviços sanitarios do exercito. No local compareceram muitos officiaes medicos e populares a fim de assistirem aos interessantes exercicios, que foram tambem presenceados por todas as familias residentes na rua Ferreira Borges, defrontando com a parada.

Pouco depois das 14 horas começaram as provas, tendo-se reunido ali o material necessario ás experiencias e o respectivo pessoal. A meio da parada construiu-se rapidamente a tenda, em que funccionava a enfermaria de cirurgia, sobre a qual tremulava a bandeira da Cruz Vermelha. Do automovel foram transportadas para ali as caixas da ambulancia com os instrumentos cirurgicos, os pensos e os medicamentos indicados ás necessidades de campanha. No pavilhão enfermaria collocaram-se oito enfermeiros, dirigidos pelos medicos Correia Ribeiro e Arthur Machado, dispostos, ao primeiro signal, a prestarem os seus serviços. A' esquerda da tenda, a curta distancia, formava o pelotão de maqueiros, munidos do seu material de soccorro, treze maças, que, á primeira vista, offerecem o volume e a configuração d'um guarda-chuva provinciano. Ao lado do pelotão vê-se uma maca de rodado, de recente modelo.

Ao signal dado, começam as manobras dos maqueiros, preparando-se com extraordinaria presteza o transporte dos feridos. A maca de que estão providos é semelhante á que os alliados usam na conflagração europeia. São modelos suissos e, dizem-nos lá, offerecendo vantagens sobre quaesquer outros systemas conhecidos.

Um grupo de praças do serviço de saude simulam os feridos. Logo que as manobras principiam, correm a occupar situações, trepando pelas escarpas do extremo da parada, trepando ás iminencias e um até vae fingir de ferido no alto d'uma arvore, dizendo que tambem, n'aquelles pontos, em serviço militar, se pode ser contemplado com uma bala.

Depois de varias evoluções tendentes a demonstrar a mais completa ordem e disciplina dos maqueiros, procede-se ao transporte dos feridos que, de papo para o ar, esperam o simulado curativo.

A' enfermaria chega a primeira «victima». E' um latagão mais solido que o mosteiro de Mafra. Conduzido ao interior da enfermaria é-lhe feito o penso, como se houvesse fractura de clavicula. Terminada a operação é de novo conduzido na maca e, envolvido em ligaduras, fica dormindo o somno dos justos, á torreira do sol, emquanto lá dentro se fazem outros curativos. Entretanto, os maqueiros correm a descobrir os novos feridos e a transportal-os para a improvisada enfermaria, prestando a cada um d'elles os soccorros de que necessitam. Em todo o exercicio destacam-se trez transportes especiaes: a descida do ferido que se encontra na arvore, o levantamento d'um outro ferido, que se colloca no alto extremo d'uma ribanceira e a transposição do muro do quartel para a rua Ferreira Borges, com a maca carregada.

Todo o exercicio decorreu com extraordinaria precisão, causando a melhor impressão em todos os assistentes.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 13.—Communicação official das 15 horas:

Ao norte de Vic-sur-Aisne a nossa artilharia dispersou algumas fracções inimigas que tinham avançado até aos nossos fios de arame. A nordeste de Soissons, em seguida a um bombardeamento, os allemães puderam alcançar a nossa trincheira nos arredores da estrada de Crouy. Um contra-ataque repelliu-os immediatamente, deixando o inimigo alguns mortos no campo e fazendo nós alguns prisioneiros, entre os quaes um official.

Na Champagne, na região ao norte do massiço de Mesnil, os allemães dirigiram cinco contra-ataques successivos hontem ao fim da tarde e durante a noite contra as trincheiras conquistadadas anteriormente por nós. Todas essas tentativas feram repellidas.

Na Lorena, actividade das duas artilharias no sector de Reillon e da floresta de Parroy. Na mesma região foram detidos pelo nosso fogo varios reconhecimentos inimigos.—(*Havas*).

No Conservatorio

A segunda audição dos alumnos da Escola da Arte de Representar

Foi muito brilhante a segunda audição publica gratuita dos alumnos da Escola da Arte de Representar hoje de tarde realisada no salão nobre do Conservatorio. Cumpriu-se á risca o programma que hontem publicámos e que agradou extraordinariamente aos numerosissimos espectadores, que para obterem logar formavam, desde muito cedo, bicha á porta do edificio dos Caetanos.

O alumno Jorge Beltram leu o seguinte delicioso prologo, pelo qual se pode avaliar todo o encanto da audição de hoje e em que se faz, por assim dizer, a sua critica:

«Senhoras, senhores.—Como o antigo «Mordomo» do auto de Camões,—venho pedir-vos silencio. Os meus camaradas vão representar algumas scenas de Aristophânes e de Gil Vicente. O mestre da comedia grega do V seculo e o mestre da farça portugueza do seculo XVI, confundem hoje, no mesmo clarão de gloria, a sua mascara de argilla e o seu thyrso d'oiro. Vereis como, a dois mil annos de distancia, elles são irmãos pela irreverencia e pelo genio. Vereis como, n'um e n'outro, a mesma alma immortal palpita e resplandece. Ambos veem trazer-nos, em paginas eternas, a lição da eterna belleza.—Vão representar-se, de Aristophanes, o «Diálogo do Justo e do Injusto», arrancado á admiravel satyra das «Nuvens», contra os sophistas e contra Sócrates; a scena entre Blépyro e Praxágora, na «Assembléa das Mulheres», onde o poeta ri das theorias de Platão sobre a communidade dos bens, das mulheres e dos filhos; e o ultimo «stásimon» do côro cómico da «Lysistrata», libelo formidavel contra a guerra, entoado pelas mulheres de Athenas e de Sparta, emquanto dyonisides nuas dançam ao som de flautas tyrrhénias e de cymbalos de prata. De Gil Vicente, do grande Gil que, como elle proprio diz «não tinha nem ceitil e fazia os aitos a el-rei», evocar-se-ha a supplica dolorosa da «Cananéa»; a figura risonha do frade da «Náu d'Amores», franciscano que endoideceu por uma mulher; o episódio immortal de «Todo o Mundo e Ninguem», illuminado d'uma tão nobre philosophia christã,—e tudo acabará pela folia vicentina do «Auto da Feira», cantada e dançada em louvor da Virgem, no rythmo vivo das telhinhas de barro e dos adufes beirões.—Senhoras e senhores: as obras são grandes; perdoae-se os actores forem pequenos».

Na audição convem distinguir os alumnos Vital dos Santos, Armando Baptista, Irene Neves, Emma Videira, Maria Amelia de Carvalho, Salvador Costa e Thereza Llorionte.

MUSICA

Wagner no Polyteama

O concerto de hoje de David de Souza

Este dia 13 de fevereiro é, na realidade, um dia exquisito!

Ha 30 annos morreu Wagner deixando um luminoso traço de Belleza a assignalar-lhe a existencia; faz hoje 32 annos que eu nasci e olho para traz e vejo um rasto de sangue a marcar-me o caminho de tristeza...

E' como que dizer que dois annos depois de nascer a Malaventura, feneceu para sempre a suprema gloria d'aquelle seculo,—um seculo antipathico de surprezas.

Mas ainda bem que a morte do Musico, Deus Maior do Novo Olympo, serve para apagar com os divinos accórdes da Harmonia, a impressão magoada d'essa nodoa negra do meu nascimento... e do da lei de 13 de fevereiro, a primeira que me condemnou.

A orchestra do Polytheama foi hoje soberba, na esplendida execução que deu ás maravilhosas obras-primas do Genio de Bayreuth.

E foi assim, porque as interpretou com carinhosos extremos de zêlo e de devoção, a que a batuta de David communicou a chispa do seu enthusiasmo de grande sacerdote da Arte magna, essa que domina as serpentes e adormeceu Saul.

Na primeira parte, *Tannhauser* (abertura), *Parsifal* (no jardim de Klinjsor), *Crepusculo dos Deuses* (marcha funebre) e a Cavalgada das Walkirias. Foi o penultimo numero revestido d'uma tão admiravel perfeição que quasi se antepôz ao ultimo que é, de ha muito, uma das *corôas*, como se dizia antigamente, da orchestra do Polytheama.

Na 2.ª parte, o Preludio do 3.º acto do *Tannhauser*, os murmurios da floresta do *Sigfried*, com uma execução creio que inexcedivel, e *Mestres Cantores*, merecendo todos os applausos.

Na 3.ª parte, a scena orchestral do 3.º acto de *Lohengrin* e (aquillo que me orgulha e me domina) o Encanto de Sexta feira Santa do *Parsifal*, que me dá a impressão de ser uma como narrativa do pouco de consolador do meu Passado—todo o bom de uma vida.

Depois, o idylio de *Sigfried*, muito bem, e, magnificamente, a abertura do *Rienzi*, fazendo jús á authentica ovação que orchestra e maestro colheram.

Explendido presente de annos!

Silva-Passos

VIDA ARTISTICA

Exposição Hygino de Mendonça

Realisou-se hoje a visita da imprensa a esta exposição que se inaugura amanhã para o publico e que representa uma apreciavel documentação dos grandes progressos que na pintura assignala a obra d'aquelle nosso antigo e distincto collega na imprensa.

Um assalto á Manutenção Militar?

Effectuam-se nove prisões

Um amigo que nos encontrou no Rocio perguntou-nos se acaso sabiamos do que se havia passado para os lados do Beato. Respondemos que não.

—Pois olhe que a noite passada tentaram assaltar a Manutenção Militar e fizeram-se nove prisões.

Agradecemos a informação. No governo civil perguntámos a toda a gente e ninguem sabia do que se tratava. A custo apurámos o seguinte:

Pelas 3 horas da madrugada passava em direcção a Xabregas um numeroso grupo de individuos um tanto embriagados. Quando chegaram em frente da Manutenção Militar fizeram alto e pouco depois de um ligeiro descanso, parece que combinaram um assalto aos armazens de cereaes d'aquelles estabelecimnto do Estado. Pouco depois os vidros voavam feitos em estilhaços. Da Manutenção requisitou-se o auxilio da policia da esquadra do Beato, que não tardou a comparecer mas que foi recebida com apupos e pedradas. Dada caça aos assaltantes, muitos conseguiram pôr-se em fuga, sendo, porém, presos e levados para a esquadra Manuel da Cunha, Joaquim Moreira, Eduardo e Manuel Rodrigues, José Augusto Alves Ferreira, Diamantino Coelho, Agostinho Almeida, José Oliveira e Bernardo Joaquim da Costa. Interrogados, declararam que não tinham tensão de assaltar a Manutenção e que só atiraram pedras por se verem atacados pela policia. Mettidos no «camion» vieram mais tarde para o governo civil onde aguardam as investigações a que a policia procede.

NA AMADORA

Um bello gesto patriotico

Da Amadora, a encantadora povoação que tanto se tem affirmado pela rasgada iniciativa dos seus habitantes, sahiu agora um bello gesto patriotico, que é justo consignar com o devido louvor.

Uma commissão constituida pela direcção dos Recreios Desportivos e por alguns representantes da Liga dos Melhoramentos participou ao novo director do Deposito Central de Fardamentos que estavam á disposição do Estado, na Amadora, para a construcção do novo Deposito, 40.000 metros quadrados de terreno, no campo fronteiro ao Parque, junto da estrada militar. O novo edificio, ali construido, ficaria n'uma explendida situação. Offereciam além d'isso, o saibro e a pedra que fossem necessarios.

O director do Deposito agradeceu o captivante offerecimento, ficando de o communicar ao sr. ministro da guerra.

Aquelle terreno pertence ao sr. conde Castro Guimarães, que o cedeu, para aquelle offerecimento, á Liga dos Melhoramentos da Amadora, á qual já tinha dado tambem 10.000 metros quadrados, para o parque e jardins. Esses terrenos, vendem-se em geral, a 1$20, 1$50 e 1$80 o metro quadrado, e só por esta referencia pode o leitor avaliar a importancia do offerecimento agora feito ao Estado.

PEQUENAS NOTICIAS

No banco do hospital recebeu curativo Manuel Faria, morador em Gamarate que ali foi aggredido com quatro facadas por Henrique Francisco Balisa, ficando ferido no pescoço e no rosto.

—Na enfermaria n.º 8 do hospital de S. José falleceram José Nunes d'Oliveira que hontem, na praça da Figueira, disparou um tiro n'um ouvido, e José Francisco, ha dias atropellado na rua 24 de Julho.

—Vindo de Sacavem, deu entrada na Morgue o cadaver de um individuo que falleceu sem assistencia medica.

—Por mandados das auctoridades de Santarem, onde praticou um roubo importante, foi hoje preso Henrique Alberto do Rego, que recolheu ao governo civil.

Notas de arte

A PREGARIA

A sua historia

Figura 7

Antes de passarmos ao trabalho dos metaes, chamado «Metaloplastia» fallarei n'um genero de decoração mais facil e que tem a vantagem de poder ser combinado com o couro, ou com os metaes.

A pregaria é a arte de ornamentar com pregos de varios feitios qualquer objecto em madeira, sobre fundo de couro, velludo, metaes, etc.

Este processo, que mereceu as honras de ser englobado nas manufacturas de Arte, teve a sua origem em trabalhos de decoração nos tempos feudaes, em que os cofres eram assim ornamentados, mas foi no seculo XIII que obtiveram a classificação de objectos de Arte.

Saberemos o grau de importancia que se ligava á fabricação dos pregos de cabeça cinzelada, não só na Edade Media como do seculo XVI até ao seculo XVIII, se lermos um pouco da historia

Figura 8

da Arte, tão interessante e que devia figurar em todas as bibliothecas particulares.

Os moveis, as armaduras, os cinturões, os boldriés e escarcellas, (peça de armadura antiga, desde a cintura até ao joelho), eram assim ornamentadas, havendo ainda hoje obras d'essas que constituem reliquias de grande valor artistico.

A tradição dos pregos executados pelos hespanhoes e pelos portuguezes, é conservada ainda no Oriente, sobre tudo em diversas partes da Arabia, onde existem portas ornamentadas d'este modo, que são verdadeiras obras d'arte e os objectos de pregaria, que se admi-

Figura 9

ram na India attestam o grau de desenvolvimento que esta arte attingiu, produzida na maioria por portuguezes.

Temos ainda no Muzeu dos Coches, em Belem, o coche de Filippe II, todo forrado externamente de couro com grande e pequena pregaria metallica.

E' d'este genero de trabalho que vou occupar-me, resuscitando o passado e juntando-lhe os aperfeiçoamentos da Arte moderna.

Conseguiremos assim imprimir um novo cunho á pregaria, sem abandonar o estylo primitivo, que lhe dá um «cachet» particular e artistico.

Como se trabalha

A technica da pregaria é d'uma simplicidade infantil, tanto assim que é executada com grande perfeição nos meus «cursos infantis» de alumnas de 8 a 10 annos.

Exige apenas enorme paciencia, que constitue a unica difficuldade do trabalho.

Traça-se um desenho, em que as linhas são formadas por uma serie de pontos metalicos, produzidos pelas cabeças dos pregos, de grossura e fórmas que podem variar extraordinariamente, prestando-se d'este modo a varias combinações.

Convem notar que sendo o prego apenas um ponto da linha traçada, deve evitar-se de lhe dar uma importancia pessoal, fugindo ao emprega de muitas fórmas variadas.

Os mais simples são os que melhores resultados dão, por isso poremos de parte os pregos representando florões, estrellas, etc., empregando-os apenas

Figura 10

em cantos, com parcimonia, visto que a sua multiplicidade tornaria a obra «gauche».

Temol-os á nossa disposição em varias côres metalicas, douradas, prateadas, oxydadas, cobreadas, em ferro, aço, etc.; a prudencia impõe-nos a maior moderação na sua escolha. A figura 7 mostra a diversidade que existe no mercado.

Os desenhos serão simples. Convem estudar os estylos e epochas. O genero egypcio dá optimos resultados.

O desenho será executado sobre papel fino, que se adapta ao objecto que vae ser ornamentado.

Com um furador proprio, figura 8, iremos picando os contornos a um terço do cumprimento do prego, que em geral é microscopico.

Feito isto, tiraremos o papel, ficando apenas os pontos onde introduziremos os pregos, martelando-os com cuidado, com martelo de cinzelador, figura 9. Recommendo este instrumento para evitar magoar os dedos com as pancadas tão frequentes e perigosas, visto que em geral o martello pequeno, que convem empregar tem a face muito acanhada.

Existem umas pinças especiaes que seguram o prego, para o guiar bem verticalmente, figura 10. Se quizermos trabalhar sobre couro ou fazenda, sem ser armado sobre madeira, devemos cravar o prego pelo avesso. Collocado no sitio competente, o prego recebe uma anilha especial, chamada «contre rivure», que faz as vezes de rebite; corta-se o excedente do bico rente á anilha, figura 11.

Com um instrumento proprio, segura-se o prego, dando-lhe uma martelada certa, ficando cravado, com a maxima perfeição.

Executam-se com a pregaria cofres, cadeiras, bancos, triptycos, biombos, columnas, armarios, caixas, cintos, molduras, pastas, etc.

Com este trabalho, o engenho e o bom gosto do artista, ou do amador, pódem produzir obras de grande merecimento, desenvolvendo cada vez mais esta arte tão bella e tão simples.

"Patine" antiga

E' importante dar ao trabalho assim executado o seu cunho antigo.

Para isso emprega-se a «patine» sobre o couro decorado com pregaria, em tonalidades sobrias e sombrias e d'este modo o acido de encontro aos metaes dos pregos, produz a oxydação, que dará o aspecto d'um objecto antigo.

O sulfato de ferro, mais ou menos addicionado de agua, segundo o tom que se deseja obter, dá uma interessante «patine».

E d'este modo teremos moveis com todo o aspecto de antiquissimos, verdadeira illusão de reliquias seculares.

Luiza de Sousa

Consultorio de arte

As vantagens importantes que a nova secção de Arte traz aos leitores e leitoras d'este jornal, são comprovadas sobejamente pelas innumeras perguntas que me são endereçadas desde a publicação do segundo artigo, quer por correspondencia particular, quer por este meio; por isso espero que o publico, que sempre tem recebido com applauso as minhas exposições de arte applicada, comprehenderá o grande desejo que tenho de divulgar esta arte, tornando-a accessivel ao rico e ao menos abastado, pondo os meus conselhos á

Figura 11

disposição de todos que, tendo qualquer duvida sobre assumptos d'estes, desejem ser conscienciosamente elucidados.

«Daisy». Sou da mesma opinião de v. ex.ª, mas agora que a «Capital», estabeleceu estas «Notas de Arte» para beneficiar o publico, já mais facilmente a lacuna fica preenchida. Estarei ao seu dispôr na Papelaria Progresso, rua do Ouro, 151, das 10 e meia ás 11 e meia, ou na papelaria Petit Peintre, rua de S. Nicolau, 104, das 12 ás 13 horas, ás segundas e quartas.

«Forasteira». — A «Arte Feminina» continua tendo sempre grande venda. Traz todos os trabalhos modernos até hoje mais conhecidos. E' apenas requisitar os numeros ou para a redacção d'este jornal, ou para minha casa, avenida Fontes Pereira de Mello, 7.

«Espiègle».—Ha varias soluções, mas só vendo o trabalho é que puderei decidir sobre o remedio a applicar para o salvar.

«Bebé».—Estou publicando um tratado de pintura á penna «Pen-Paiting» tão falada agora, mas a minha opinião é que apenas devem ser escolhidos desenhos do verdadeiro estylo «Rococó».

«Julia».—E' trabalho já fóra de moda. V. ex.ª tiraria mais partido cultivando algum systema moderno; é só escolher o genero e terei muito gosto em a elucidar.

L. S

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Trabalhadores adv. d'alfandega de Lisboa.—Reune ámanhã, ás 20 horas, a assembléa geral.

Centro Eleitoral dos Defensores da Republica.—Para apresentação do relatorio e contas e nomeação d'uma commissão revisora, reune a assembléa geral ámanhã, ás 21 horas.

Recenseamento eleitoral

A junta de parochia, de S. Vicente, previne os interessados de que o expediente, relativo ao recenseamento eleitoral é despachado na séde do Centro Alexandre Braga, rua das Escolas Geraes, 63, 1.º ás segundas, terças e quintas feiras, das 21 e meia horas ás 23 e meia horas. A junta convida os eleitores a participarem-lhe a mudança de suas residencias bem como a enviarem-lhe quaesquer esclarecimentos que possam fornecer-lhe para aperfeiçoar o recenseamento em revisão.

A commissão do recenseamento eleitoral do Centro dos Defensores da Republica convida todos os socios que ainda não estejam inscriptos a inscreverem-se, para o que se prestam todos os esclarecimentos na séde, rua Alves Correia, 85, s|loja, das 21 ás 23 horas.

Morta por uma carroça

Na rua do Telhal, ao Poço do Bispo, andavam hoje brincando varios menores entre os quaes Ritta da Cruz Pereira da Silva, de 2 annos, filha de Domingos Pereira da Silva e de Emilia da Cruz, moradores na referida rua, n.º 21. Uma carroça guiada por Antonio Ferreira, residente na quinta dos Marcos, em Moscavide passou sobre o corpo da creança, que teve morte instantanea, sendo o cadaver entregue aos paes.

O carroceiro foi preso.

PEQUENAS NOTICIAS

Joaquim Pereira e Antonio da Costa Gonçalves, moradores na travessa do Mastro, 9, 4.º, queixaram-se de que os gatunos entraram por meio de arrombamento na sua residencia e furtaram varios objectos de ouro e prata no valor de 117$70.

—Joaquim Jayme Simões Carreira, de 10 annos, filho de José Maria Carreira, morador na rua Maria Pia, 143, cave, foi atropellado na praça do Brazil por uma carroça de que era conductor um soldado de artilharia n.º 1, ficando bastante ferido n'um pé. Depois de receber curativo no posto da Misericordia, seguiu para casa.

Trabalhadores da Imprensa

Uma festa no Eden-Theatro a favor do seu cofre

A empreza do Eden-Theatro, sempre prompta a auxiliar collectividades de beneficencia, resolveu effectuar no dia 29 uma festa cujo producto reverte em favor do cofre de beneficencia da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa, que soccorre viuvas e orphãos e dá subsidios na doença.

A organisação do espectaculo está a cargo de uma commissão composta dos srs. Augusto de Castro, Oldemiro Cesar, Eduardo Coelho, João Bastos, dr. José Pontes, Nascimento Fernandes, Alvaro Cabral, Motta de Carvalho, José Joaquim de Almeida, Julio de Almeida e Balato Quadrio.

No programma, além d'uma das revistas de maior successo, figuram producções escriptas expressamente para esta festa pelos srs. dr. Augusto de Castro, Accacio de Paiva, dr. Antonio Vianna, Oldemiro Cesar, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos, Napoleão Gonçalves e outros, que serão desempenhados pelos artistas Nascimento Fernandes, Henrique Alves, Estevão Amarante, João Silva, Amelia Ferreira e discipula Jalsira de Sousa, com o concurso do maestro Bernardo Ferreira. A commissão conta ainda com a adhesão da notavel actriz Virginia e do actor Joaquim Costa. Eduardo Fernandes (Esculapio) desempenhará uma engraçada producção da sua lavra, havendo ainda outros attractivos.

Movimento academico

Os alumnos da Escola Ferreira Borges reuniram hoje na Associação dos Caixeiros, dando a commissão conta dos seus trabalhos respeitantes ao ultimo movimento grévista e sendo nomeada uma commissão para estudar a remodelação do curso da escola. Essa commissão dará conta dos seus trabalhos a uma nova assembléa, afim de se assentar na representação a entregar ao governo.

pouco depois das 3 horas da tarde foi ordenada a retirada geral. Fez-se em boa ordem e um dique que corria a direito em frente da antiga linha foi occupado.

No sector de Neuve Chapelle tambem foi feito um esforço por um batalhão do Black Watch, com o segundo de Leicesters n'um flanco e os batalhões da divisão Meerut do corpo expedicionario indio n'outro, para romper a linha allemã no Moinho du Piétre.

Os Leicesters e os indios foram detidos pelas vedações d'arame far-

Levando um ferido francez para fóra das trincheiras

pado que, como na batalha da elevação d'Aubers, a artilharia não conseguira destruir. Comtudo, os Black Watch tomaram as trincheiras allemãs de primeira linha, bombardearam mais quatro linhas de trincheiras e avançando uns 600 metros em terreno aberto chegaram a contacto com a linha de reserva do inimigo proximo do Moinho du Piétre.

Mas, como tanto a sua direita como a esquerda estivessem expostas a contra-ataques e a um fogo de enfiada os escocezes tiveram de recuar.

Os ataques proximo de Bois Grenier e de Neuve Chapelle demonstraram que uma offensiva a valer podia ter exito se fôsse dada contra o lado norte, e não contra o lado sul do saliente de La Bassée. Nas batalhas de Neuve Chapelle, da elevação de Aubers e de Festubert, o objectivo dos inglezes tinha sido repellir os allemães em roda de La Bassée, desde Lille, por um avanço sobre as elevações ao norte do canal La Bassée-Lille.

Para illudir o inimigo acêrca das verdadeiros intuitos dos alliados, sir Douglas Haig, no dia 25, com parte do primeiro corpo, atacou as trincheiras allemãs proximo de Festubert e de Givenchy, como se tentasse dar um ataque directo ao ponto do saliente. N'esse ataque simulado, o tenente S. S. John, do 9.º regimento Cheshire, no final, conseguiu salvar um official ferido e uns vinte homens.

Os grandes esforços feitos desde Nieuport até Belfort, acompanhados do bombardeamento de toda a linha inimiga, tornaram difficil para os allemães o saber onde se projectava vibrar o grande golpe, embora em combates estacionarios como os da actual guerra seja quasi impossivel conservar completamente secretos quaesquer planos.

Os aeroplanos observam tudo, ou quasi tudo, e principalmente quando se trate da concentração de homens e de canhões. Os espiões não podem ser eliminados de todo, embora seja possivel algumas vezes enganal-os por ordens falsas dadas de proposito por causa d'elles.

Mas os observadores aereos allemães n'aquella occasião pouco haviam podido fazer, porque os aviadores inglezes eram-lhes superiores e perseguiam immediatamente qualquer machina inimiga que tentava fazer reconhecimentos.

Durante todo o verão, a obra do Real Corpo d'Aviação fizera grandes progressos, mesmo com tempo desfavoravel. As posições do inimigo haviam sido photographadas, de ma-

CAPITULO IV

A batalha de Loos

A grande offensiva franceza na Champagne Pouilleuse, que descrevemos no capitulo anterior, coincidiu com as batalhas de Loos e de Vimy, que foram na realidade uma renovação em mais gigantesca escala da batalha de Artois, da da elevação de Aubers e da de Festubert dadas pelos generaes Foch, d'Urbal e sir John French em maio de 1915.

Esses mesmos generaes iam agora renovar os seus esforços para abrirem caminho pela planicie do Scheldt entre o saliente de La Bassée e o Scarpe, emquanto o general de Castelnan entre Reims e a Argonne se esforçava por repellir os allemães que tinha na sua frente para as margens do Aisne.

Na terceira semana de setembro de 1915, mercê da torrente de reforços idos da Inglaterra, o exercito inglez havia estendido a sua ala direita até Grenay em frente de Loos e de Lens, substituindo os francezes nas trincheiras que corriam ao sul desde o canal Béthune-La Bassée até á elevação e ao planalto de Notre Dame de Lorette. Essas trincheiras foram por elles consolidadas e alargadas e o numero de inglezes que ahi havia era sufficiente para a batalha que estava imminente.

Não só em numero fôra fortalecido o exercito inglez. As tropas enviadas para França iam devidamente municiadas e acompanhadas de artilharia na devida proporção, além de ter sido enviado tambem um grande numero de canhões e de artilharia pezada, fornecidos com mais material do que se esperava, o que produziu os maiores effeitos moraes e physicos sobre os allemães.

Os ataques dos francezes e dos inglezes tinham de ser forçosamente de frente, porque a linha allemã era ininterrupta até ao mar. Em taes circumstancias, ataque algum póde ter exito a não ser que seja bem preparado pelo fogo da artilharia. E' necessario arranjar um ponto onde a infantaria possa penetrar. Para tal fim, não só as defezas do inimigo teem de ser derrubadas, mas os obstaculos na fronte devem ser varridos antes, para um assalto ser coroado de exito.

Destruir fortificações de caracter meio permanente como as que os allemães haviam levantado, arrazar

parapeitos, arruinar trincheiras e os abrigos de cimento armado e de ferro n'ellas construidos exigia granadas de grande tamanho, carregadas com altos explosivos.

Na occasião em que se deliberou fazer o avanço, o numero de canhões e de artilharia pezada era sufficiente. Os canhões que as divisões possuiam estavam promptos a tomar parte na destruição das rêdes d'arame farpado que cobriam a fronte da linha allemã. Embora essas tropas pudessem abrigar a esperança de, pela sua valentia, penetrar n'essas trincheiras, era preciso contar com que os que n'ellas estavam podiam concentrar o fogo de numerosas metralhadoras e espingardas sobre os assaltantes.

Para obter victorias decisivas no Artois e na Champagne não era bastante apenas o concentrar ahi homens, artilharia e munições. Se soubessem antecipadamente onde os grandes golpes de Joffre e de French dviam ser feridos, os commandantes allemães podiam, por meio dos seus caminhos de ferro e dos seus «camions» accumular na Champagne Pouilleuse e no Artois artilharia e tropas sufficientes para tornarem inuteis todos os esforços dos alliados.

As reservas allemãs tinham de ser attrahidas para outros pontos da longa linha de batalha, que tinha de extensão mais de seiscentos kilometros. Para conseguir esse fim, ataques simulados foram organisados. Resolveu-se que emquanto o general de Castelnau daria o principal ataque francez na Champagne Pouilleuse, ataque que descrevemos anteriormente, o general Dubail, que se havia apoderado de algumas das portas—chamemos-lhe assim—da Alsacia, faria uma demonstração, como que pretendendo descer dos Vosges para as margens do alto Rheno.

Na extremidade da ala esquerda dos alliados eguaes demonstrações se fizeram. Na tarde de 24 de setembro, o vice-almirante Bacon ordenou que dois monitores e outros navios mais pequenos—a «poeira naval»—bombardeassem no dia seguinte Knocke, Heyst, Zeebrugge e Blankenberghe, emquanto com outros navios um ataque era feito contra as posições fortificadas a oeste de Ostende.

Ambos esses ataques causaram grandes estragos nas obras inimigas.

A 26 e 27 de setembro e depois no dia 30 outros ataques se fizeram contra as varias baterias e fortes posições em Middelkerke e Westende. Desde 22 d'agosto, de facto, o almirante inglez com os setenta e nove navios que tinha ao seu dispôr havia por intervallos bombardeado a linha da costa belga desde a foz do Yser em Nieuport até á fronteira hollandeza.

Esse bombardeamento, que foi especialmente violento a 19 e a 25 de setembro, podia significar aos olhos dos allemães a intenção de desembarcar uma força consideravel em Zeebrugge ou n'outro qualquer ponto.

Durante algum tempo, antes das batalhas de Loos e de Vimy, as communicações telegraphicas e postaes entre a Gran-Bretanha e o resto do mundo foram suspensas e os commandantes allemães, depois da extraordinaria audacia dos desembarques na peninsula de Gallipoli, não podiam deixar de pensar na possibilidade d'um desembarque inglez nas vizinhnças de Ostende, além do extremo da sua ala direita.

Como um desembarque na costa belga seria quasi que com certeza acompanhado por uma tentativa dos alliados no saliente de Ypres para romper as linhas inimigas e d'um avanço pela margem norte do Lys sobre Ghent contra as communicações do exercito do duque de Wurtemberg, a oeste de Ghent, ao que parece foram dadas ordens ao general Hey d'Oissel, que commandava as tropas francezas que estavam entre o exercito belga no Yser e Bixschoote, assim como ao general sir Herbert Plumer para ameaçarem o duque de Wurtemberg com uma offensiva. Essa ameaça foi acompanhada a 25 de setembro por quatro violentos ataques.

No dia 25, as posições allemãs no saliente de Ypres e a sudoeste para La Bassée foram alvo d'um terrivel fogo d'artilharia e quatro ataques

foram dados pelos inglezes. O primeiro foi dirigido contra as trincheiras allemãs a leste do canal Ypres-Comines, o segundo contra as que ficavam ao sul de Armentières na região de Bois Grenier, o terceiro de Neuve Chapelle contra o Moinho du Piétre e o quarto exactamente ao norte do canal Béthune-La Bassée proximo de Givenchy.

O objectivo d'esses ataques era deter as reservas allemãs longe das batalhas de Loos e de Valmy. Foi completamente conseguido.

No primeiro d'esses recontros, um ataque pela 3.ª e 14.ª divisões do 5.º corpo, fazendo parte do segundo exercito sob o commando de sir Herbert Plumer, foi dado ao longo d'uma fronte de cêrca de 500 metros entre a estrada Ypres-Menin e o caminho de ferro Ypres-Roulers. Depois d'um violento bombardeamento, que durou desde as 3.50' até ás 4.20' da manhã, os inglezes fizeram explodir uma mina ao norte da herdade de Bellewaarde e as columnas de fumo causado pela explosão estavam ainda sahindo da excavação, que media 30 metros de comprimento por 30 de profundidade, quando os inglezes sahiram das trincheiras.

Um batalhão da brigada de Fuzileiros estava á esquerda, um do Oxford e Bucks no centro e uma do Shropshires na direita. De reserva, estava um batalhão dos Fuzileiros Reaes e um outro do Somerset estava tambem preparado para intervir, se necessario fôsse. O Shropshires tinha de atacar um ponto extraordinariamente forte ao sul da herdade de Bellewaarde, poderosamente defendido com metralhadoras, mas apezar d'isso conseguiu abrir caminho por entre as linhas allemãs, distinguindo-se especialmente os granadeiros.

A columna da direita, de Oxford e Bucks, pôz uma metralhadora fóra d'acção, penetrou nas posições do inimigo, varreu os allemães dos seus abrigos e destruiu outra metralhadora.

A columna da esquerda não poude, porém, penetrar nas trincheiras allemãs. Logo que as tropas que a compunham sahiram das suas linhas, foram recebidas por um fogo terrivel das metralhadoras allemãs e o seu insuccesso obstou ao avanço geral. Resultou d'ahi não se poder manter o terreno ganho e pelas 8 horas da manhã os inglezes, trazendo 15 prisioneiros, tiveram de recuar para as suas posições anteriores.

Durante o dia os allemães deram diversos contra-ataques, infructiferos, vindos do bosque de Bellewaarde, e canhonearam violentamente as trincheiras inglezas, havendo cahido só n'uma pequena porção da linha 300 granadas de 6 pollegadas.

Na acção de Bois Grenier entraram, do lado dos inglezes, a brigada de Fuzileiros e os regimentos de Lincolns e dos Reaes Berkshires. Os ataques na esquerda e na direita foram coroados de exito, mas o do centro foi detido. A linha ingleza formava ahi uma reintrancia.

O avanço estava determinado para as 4 horas e meia da manhã. Os Lincolns, postados á esquerda, tinham a difficil tarefa de tomar um poderoso fortim em Le Bridoux, o que fizeram, matando muitos allemães e aprisionando 80 dos 106 homens que foram aprisionados n'aquelle sector.

No centro, os Berkshires, cuja presença foi denunciada por um reflector allemão, tinham de atacar um reducto conhecido pelo nome de «Lozango», onde as trincheiras e os abrigos exteriores eram extremamente fortes. Apezar da valentia dos inglezes, os allemães conseguiram mante a sua posição, do que resultou que os homens da brigada de Fuzileiros, á direita, que haviam dado o ataque com tal rapidez que apanharam muitos dos allemães sem armas e equipamentos, e haviam pelas 6 horas chegado á segunda linha de trincheiros, não puderam pôr-se em contacto com elles á esquerda.

Por isso, antes das 10 horas recuaram para a primeira linha de trincheiras allemãs. Entetanto, os allemães concentravam rapidamente as suas reservas na baixa de Bois Grenier.

Como o principal objectivo do ataque dos inglezes havia sido obtido,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1984—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 14 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71 — Preço 2 centavos

O Congresso do Algarve

Acaba de reunir um congresso catholico no Algarve. Esse congresso, a que assistiram dezenas de sacerdotes, muitas senhoras e grande numero de fieis, decorreu na maxima ordem, sem que nenhum incidente o perturbasse. Foi em Faro que o congresso se realisou, cidade em que, dias antes, se tinham dado alguns tumultos, por causa da questão das subsistencias; em Faro, onde existe uma grande corrente radical, onde ha importantes elementos do proletariado, que sem duvida, na sua grande maioria, senão na totalidade, não commungam no credo catholico. Todavia, o congresso effectuou todas as suas sessões em plena paz; houve missas, procissões, novenas, ladainhas, sermões, banquetes, n'uma palavra, realisaram-se sem o minimo embaraço ou aggravo todas as ceremonias religiosas que os catholicos quizeram fazer. Haverá eloquencia maior do que a que se extrahe d'este facto para demonstrar que o regimen existente da separação da Egreja e do Estado de fórma alguma é um regimen hostil á religião?

O congresso do Algarve decorreu com uma tranquillidade, uma dignidade e um respeito maiores do que se observava nos tempos da monarchia. Então é que era raro assistir a uma manifestação catholica que não se assignalasse por desagradaveis incidentes. Quem esqueceu, acaso, o centenario de Santo Antonio, de que a religião catholica sahiu vilipendiada, quando precisamente a procuravam revigorar com as seivas do ultramontanismo?

E não é só no Algarve que se reconhece a normalidade d'uma situação que sendo digna para o Estado não o é menos para a Egreja. Em Lisboa, que se aponte como o foco d'uma demagogia infrene, que constantemente se procura apresentar como entregue a todo o excesso das violencias jacobinas, os templos estão abertos, e ás ceremonias religiosas assistem centenas e milhares de fieis que de fórma alguma são incommodados ou desrespeitados no exercicio do seu culto. E momentos tem havido de agitação, muitas vezes provocada pelos mesmos que se dizem adeptos fervorosos d'essa religião, que é de bondade e paz, de resignação e caridade. Mas nunca os templos são alvo das coleras vingadoras do povo, que sabe distinguir entre a liberdade espiritual que a democracia respeita e garante, e os odios dos que se dizem religiosos como se não bastasse esse odio para os fazer perder essa qualidade.

A separação da Egreja e do Estado não é só logica e necessaria para o Estado como é logica e necessaria para a Egreja. Não se concebe a imposição official d'uma religião a toda uma sociedade, da qual muitos elementos essa religião não professem. Por outro lado, a independencia, a liberdade da Egreja são-lhes precisas para sua dignidade e para sem dependencias do Estado ella poder exercer o seu apostolado.

Se nas leis que regulam esse regimen dignificador para ambas as partes ha uma ou outra disposição que se possa julgar inutil, arbitraria, e prejudicial, o que ha a fazer é serenamente, pacificamente, como cumpre a homens de paz, procurar demonstrar o seu aggravo ou inefficacia, e não fazer d'essa reclamação um programma de guerra ao proprio espirito da lei.

Os catholicos sinceros já comprehenderam que nunca a Republica pensou em acabar com a religião. Nem que o quizesse o poderia fazer. Ninguem domina no inviolavel santuario das consciencias. As perseguições é que fizeram o catholicismo, como fizeram o protestantismo. Para que uma religião caia, é necessario que ella seja abandonada pelas almas.

O que era preciso era acabar com a influencia da Egreja na esphera temporal. As invasões d'essa influencia espiritual em terreno que lhe deve ser vedado é que promoveram a reacção dos Estados. Não foi só em Portugal, foi em toda a parte. E assim devia ser. Christo disse: «o meu reino não é d'este mundo» e durante muito tempo os seus sacerdotes só pensaram em dominar o mundo.

Desde o momento em que a crença religiosa se observe, no seu culto, sem infringir as leis do Estado, que de resto a respeitam, não ha conflicto possivel, e as sociedades podem marchar em paz, conseguindo esquecer os seculos dolorosos em que esse conflicto se estabeleceu.

Os catholicos portuguezes teem a liberdade do seu culto. Por vezes teem-se esfalfado a dizer que não. Os seus proprios actos, como o congresso do Algarve, agora realisado, proclamam abertamente que sim.

A acção militar belga em Africa

Londres, 11 de fevereiro

Uma nota communicada aos jornaes pela agencia Reuter diz que o laconismo dos telegrammas publicados pela imprensa dos alliados não tornão conhecido quanto seria para desejar o esforço belga em Africa.

Nos Camarões, por onde o Congo belga podia d'um momento para o outro ser invadido, foi pedida a cooperação dos belgas, tendo as canhoneiras belgas percorrido o Shangha e o Ubanghi e, no decurso das duas acções decisivas, bombardearam o flanco das trincheiras allemãs.

Um destacamento de quinhentos belgas, com artilharia, entrou com tropas francezas e britannicas em varias escaramuças e outras operações.

Annuncia-se tambem que trez columnas, uma do Congo belga, outra do francez e uma terceira da Nigeria britannica, estão concentradas na antiga capital allemã dos Camarões, onde fluctuam as bandeiras das trez nações alliadas.

No Este africano allemão, os belgas defendem uma fronteira de muitas centenas de milhas, a qual se estende do sul de Tanganyika ao norte do lago Kivu. Os allemães, muito bem preparados e equipados, providos de vapores e de metralhadoras, atacaram em varios pontos os belgas, que os repelliram, infligido-lhes grossas perdas. Travaram-se umas dez acções que tiveram o mesmo resultado para os allemães e, actualmente, importantes contingentes belgas invadem a colonia allemã do Este africano e estão em lucta com os allemães.

Ao sul do lago Tanganyika, um vapor belga tomou parte com os vapores britannicos na captura do vapor allemão «Kingani», o qual, junto agora aos vapores belgas e britannicos, percorre o lago onde outros os alliados esperam ter dentro em breve.

ALEGRIA AOS TISICOS...

No Sanatorio de Parede

O Orpheon de Condeixa realisa o seu ultimo concerto

Não ha muita gente em Lisboa que saiba o que é o Sanatorio da Parede. E é pena. E' que se devia ir a essa verdadeira cathedral dos que soffrem como quem vae, com a alma alvoroçada, em romaria piedosa aos grandes monumentos que por esse mundo de Christo o homem tem deixado, a attestar o seu genio, a sua piedade e a sua bondade. O Sanatorio da Parede é a unica grande fundação beneficente que a iniciativa particular tem creado em Portugal. E', ao mesmo tempo, um templo e uma casa de cura. Ali se teem feito resurreições. N'aquella mansão de paz, de recolhimento, de inexcedivel conforto, os milagres repetem-se a cada instante. O mar é o grande medico dos doentes que o sanatorio alberga. Os disvelos com que elles são tratados fazem o resto. Foi uma grande benemerita, a sr.ª D. Claudina Chamiço, quem levou a cabo essa obra grandiosa. O seu nome e a sua memoria devem andar cercados de bençãos. E bem os merecem, na verdade...

Foi no Sanatorio da Parede que o Orfeon de Condeixa quiz realisar o seu ultimo concerto, hontem de tarde. Para a campanha artistica que essa confraria modestissima de cantores effectuou em Lisboa não podia o dr. João Antunes encontrar fecho melhor. Lá foi hontem com o sympathico grupo de artistas, que tão enthusiastico acolhimento alcançou na capital. O dia estava deslumbrador. Um grande domingo de sol, a annunciar a primavera que se approxima, exuberante de luz e de perfumes. Muitas senhoras. Artistas, litteratos, amigos do Sanatorio e do Orfeon. O dr. Rompana é o nosso «cicerone» infatigavel. O dr. Almeida Ribeiro acolhe os seus convidados com uma fidalguia inexcedivel...

Quando chegamos, os doentes estão já no grande salão central do jardim d'inverno. Na outra que se lhe segue, cantará o Orfeon. Os visitantes tomam logar no acaso, acommodando-se o melhor que podem onde que lhes seja dado ouvir os orfeonistas. Affonso Lopes Vieira, o grande amigo do Orfeon, não descança um instante. Todo elle é nervos, todo elle se deixa dominar pelo desejo intensissimo de que o Orfeon cante cada vez melhor. Os velhos cancerosos e os pequenos, que podem andar de pé, tomam logar nas primeiras filas. Os outros, os doentinhos que teem de manter-se n'uma permanente posição de repouso, assistem dos seus pequeninos leitos de rodas, collocados a um dos lados da galeria. Paira no recinto uma encantadora ternura. Não me hão de esquecer nunca as mãositas delgadas, finas, lindas de uma pequenita escrofulosa, para junto da qual o destino me levou, para me fazer assistir, enbevecido, a um dos maiores dramas de resignação que deante de meus olhos tem passado.

O Orfeon canta o «Hymno á noite». E' aqui, n'esta doce atmosphera de intimidade, onde só ha amigos, que a confraria de Padre Antunes se revela em toda a sua deliciosa sonoridade. A impressão que o Orfeon causa é grande. Os pobres doentinhos riem de felicidade. As enrugadas faces dos cancerosos, tocadas pela alegria que se apodera de todos, distendem-se também e deixam-se illuminar por um vago sorriso que se parece com o ultimo luar d'uma luz que se extingue. E a festa continua. Canta-se Bach e o seu «Coral» traz-nos á recordação toda a grandeza eterna das cathedraes da Média Edade. Os pequenitos erguem-se mais nos cotovelos fracos, para verem melhor aquelles que de longe foram levar á sua melancolia um pouco de amorosa claridade. Uma rapariguita, lá, como se fosse um livro d'horas, o programma do concerto, não perdendo nem uma unica nota d'esta ternissima musica que enche o Sanatorio como se fosse um doce e penetrante murmurio.

E o concerto vae até ao fim. Ouvem-se a «Canção russa» que dá, n'um murmurio, toda a extensão da «steppe» desolada; a «Canção Gallega» encantadora, mais do que nunca, com a sua toada ao mesmo tempo melancolica e exuberante. Os «Cantos populares» terminam a audição, á qual a «Canção Cigana» como um hymno á vida airada e nomada das estradas, põe um magnifico fecho de liberdade e de luz. Depois, toda a gente se abeira dos pequenitos, que sorriem encantados e partem para as varandas longas que dão para o mar, a banhar-se nos ultimos raios de sol que caminha lentamente para o abysmo sem fim das aguas verdes.

A visita ao Sanatorio faz-se rapidamente. Percorrem-se todas as dependencias da esplendida cathedral. Na capella, admiram-se as esculpturas de Costa Motta e os altos relevos de Teixeira Lopes. Depois o «lunch» servido a todos os convidados, ao Orfeon e aos cegos do Instituto Branco Rodrigues, que tambem assistiram á festa. A Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro só por difficuldades burocraticas não transportou de graça, de Lisboa a Parede, o Orfeon.

Faz-se noite. E' preciso regressar. O sol, agora, parece uma laranja enorme e rubra, rolando, na curva distante do horisonte, para o oceano que se alonga na nossa frente sereno e adormecido. Foi assim a tarde d'hontem, passada no Sanatorio da Parede. Devo confessar que de ha muito não vivia outra parecida. O Orfeon partiu hoje de manhã para Condeixa.

ADELINO MENDES

Os officiaes de marinha mercante

Um documento que honra essa corporação

Agora, que tanto se discute o caso da utilisação dos navios allemães, é inteiramente opportuno recordar uma mensagem que a Liga dos officiaes da marinha mercante resolveu dirigir ao ministro da marinha em assembléa geral realisada a 15 de agosto:

Senhor ministro da marinha.—Os officiaes de marinha mercante teem, desde remotas eras, affirmado por innumeros feitos o seu acrisolado amor pela Patria, e embora a sua missão seja toda de paz e de estreitamento de relações entre os povos distantes, nunca faltaram ao cumprimento dos seus deveres de bons e leaes portuguezes, offerecendo vidas e haveres na defeza da Patria, tantas vezes distante mas sempre estremecida.

Os votos d'esta collectividade são que o nosso Paiz não seja envolvido na grande contenda e que não soffra os horrores horrores das carnificinas com que os povos, ainda hoje, infelizmente, acreditam os seus pleitos; mas, se tal fatalidade cahir sobre Portugal, encontrarão os seus dirigentes, nos officiaes de marinha mercante, todo o patriotismo e valentia necessarios á sua defeza.

A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante vem, pois, modestamente, offerecer ao governo o seu prestimo e o seu esforço, a sua coragem e a sua pratica tantas vezes experimentadas em luctas grandiosas e ignoradas, dirigidas e vencidas com serena decisão e reflectida bravura, e ao mesmo tempo dizer-lhe que estarão promptos a desempenhar os serviços que para defeza da Patria, o governo julgue dever encarregal-os, sejam elles quaes forem, notando que quanto mais difficeis e arriscados com mais prazer serão cumpridos.

Os homens que fazem esta declaração não vão atraz de enthusiasmos faceis e pouco duradouros. As suas resoluções foram tomadas a sangue frio, como é proprio d'aquelles que teem arrostado a morte muitas vezes, sempre promptos a sacrificar a sua vida pela alheia.

A séde da nossa Associação fica tambem ao dispôr do governo para quando d'ella precisar e se for julgado necessario podermos, á nossa custa, transformal-a n'um hospital de sangue, fornecendo-a com material e medicamentos.

O nosso offerecimento está feito!

O nosso dever está cumprido!

Que o utilise o governo quando julgar conveniente.

Lisboa, 15 de agosto de 1914.—*A Direcção, Francisco H. Brito do Rio, José Casimiro do Rosario, Caetano Moniz de Vasconcellos.*

Esse documento, honroso em tão alto grau para a corporação dos officiaes de marinha mercante, que assim se manifestava a poucos dias de declarada a guerra, merece bem a admiração de quantos amam a sua Patria e desejam vel-a affirmar-se com a mesma energia e grandeza de antigos tempos.

OS GRANDES «FILMS»

"A Chave Mestra"

Hoje, no "ecran" do Olympia e em folhetins de "A Capital"

Lisboa vae assistir á exhibição de um dos mais curiosos *films* que nos ultimos tempos lhe tem sido dado apreciar. *A Chave Mestra* é, na verdade, um prodigio de cinematographia. Nenhum dos grandes films *á frisson*, que até agora se teem estreiado em Lisboa se parece, levemente sequer, com esse. O seu entrecho é curiosissimo. A sua acção commove e impressiona profundamente. *A Chave Mestra* decorre, em grande parte, na California, na região das minas do oiro, n'esse El-dorado onde se entrechocam as maiores ambições que podem devorar o homem moderno. Como drama de amor, é riquissimo de situações. Como obra de arte, não tem outra que a egualle. E é ainda, além de mais, essa fita rara de uma tão cuidada execução technica que nenhum detalhe, por mais insignificante, foi descurado.

A apresentação dos personagens faz-se por um processo inteiramente novo, e logo nas primeiras scenas são tantos os episodios surprehendentes que o espectador não póde furtar-se a um grande interesse por um tão excepcional trabalho de cinematographia. *A Chave Mestra* exhibir-se-á no Olympia. Essa exhibição começará hoje. Mas, ao mesmo tempo, *A Capital* publicará um folhetim feito sobre essa mesma fita, na qual as situações do cinema são dramatisadas intensamente. E' essa a primeira vez que tal se faz em Portugal. O publico ha de, decerto, avaliar bem o esforço que isso representa, como não deixará, certamente, de admirar, encantado, *A Chave Mestra*, que é uma verdadeira e authentica obra prima cinematographica.

Poeira da Arcada

Muitas familias operarias, antes da guerra, viviam com um orçamento que lhes dava, para cada mez, vinte a trinta mil reis. As subsistencias subiram de preço e o dinheiro não seguiu o mesmo movimento. De sorte que, em muitos lares pobres, uma amarga resignação, e ás vezes o desespero, assiste hoje a todas as refeições. Como a ordem publica é um producto dos sentimentos alegres e salubres, digam-nos se entre nós não se dá diariamente o milagre da tranquillidade.

* *

Mostraram-nos hontem uma coisa terrosa, escura e grumosa que por ahi se vende com o nome de assucar. Deita-se nas chavenas e, por mais que se agite, não se dissolve. D'onde vem tal porcaria? Não ha por ahi uma fiscalisação de generos que ponha a claro as virtudes inclitas do fabricante e traficante?

* *

No seu ultimo livro—*Enseignements psychologiques de la guerre Européenne*—Gustavo Le Bon, estudando as causas da lucta que hoje despedaça as nações chega a esta conclusão: «o inconsciente é a força mysteriosa que obedece a historia humana. Contra ella nada pode a razão, a prudencia ou o esforço dos sabios. As epopeias das raças surgem como as tormentas ou as grandes epidemias. Em dados momentos, a animalidade dormente sacode a credulidade rosea em que se embala o pacifismo, e eis a tragedia! As gerações cahem nos campos de batalha, dando á terra um sangue generoso o qual esquecia tanto sonho bello. E morrem para quê? A's vezes para demonstrarem que o homem é tão infeliz que não póde escapar aos enygmas da razão, a não ser entregando-se ás brutalidades do instincto.

Cartas na meza

A Avenida da cidade

N'uma das sessões da camara dos deputados, em que se discutiu o já immortal projecto de augmento no imposto do vinho, o sr. Jorge Nunes, combatendo-o, combateu tambem por tabella a abertura da Avenida, apresentando o cançado argumento de que a essa obra devia preferir-se, entre outras, a do saneamento dos bairros insalubres.

Sem o minimo intuito de melindrar o illustre deputado, e julgando pelos extractos das sessões da camara estampados nos jornaes, eu penso que s. ex.ª discutiu nas nuvens. Toda a opposição á abertura da Avenida redunda em opposição aos progressos do Porto. O sr. Jorge Nunes conhece certamente esta cidade mal, e eu já tive occasião de esclarecer que o argumento dos bairros insalubres é um logar commum improprio de quem discute. Não foi preciso um esforço mental de conduzir á meningite para demonstrar que sem uma grande obra inicial coisa nenhuma se faria. A transformação de Lisboa começou com a Avenida. D'ella derivaram todas as avenidas novas, os seus palacios e o seu desenvolvimento. E havendo ali bem pessimos bairros, Alcantara, Mouraria, Alfama, ninguem pensou em removel-os e as novas edificações procuraram outros locaes, emquanto esses bairros continuavam com todo o seu pittoresco mas tambem toda a sua insalubridade. Paris, que como diz o velho Garrido, é uma cidade onde se póde viver regularmente, não se dispensa dos seus «impasses», dos seus «culs-de-sac», das viellas, onde os gatos se dão diurno «rendez-vous», em pleno liberdade de costumes e sem escrupulos de hygiene. Francfort é uma cidade do raro paiz da Europa em que o culto da limpeza é quasi uma doença, e todavia a cidade velha está cheia de logares sordidos. E Napoles? E Roma? E Londres, mesmo?

Tudo isto está demonstrado e é quasi deprimente repetil-o. Mas até mesmo em satisfação á hygiene a Avenida da cidade se impõe como obra immediata. Ninguem dirá que os Lavadouros, o Laranjal, a Viella do Cyrne, tudo isso constitua paraizos de salubridade activa e de virtude militante. Ao contrario, são verdadeiro coração do povoado, esses locaes são o que de mais repugnante póde ter uma cidade em hygiene e maus costumes. Evidentemente, a obra de saneamento que a Avenida determina não impede que as outras se executem. Mas tem de começar-se por uma d'ellas, e se a demolição do Barredo, de Miragaya, e dos monstros restantes com que se anda a assustar as gentes é uma obra inadiavel, a Avenida não o é menos e todas as razões a indicam.

Não sei nada de politica, no sentido partidario, mas creio que para se fazer opposição a uma iniciativa basta que ella seja governamental, para tornar o combate legitimo não me parece indispensavel combater outras iniciativas com as quaes essa politica nada deve ter que ver. Que o sr. Jorge Nunes combatesse o augmento do imposto sobre o vinho, estaria bem. Em materia de opposição a impostos, sejam elles quaes forem quando excessivos como nós os temos, eu estarei sempre a seu lado, como quem tem amor á pelle e já não sabe se ella é sua se dos cofres da fazenda. Quanto á Avenida não estamos de accordo, e o Porto só deve julgar-se contente em ter homens decididos, tanto no governo como no municipio, para a tornarem uma realidade. Cançados de empatas já o estamos desde longe. Cançados de homens do immenso talento que tudo discutem e nada fazem tambem não o estamos menos. Deixem-nos portanto com os ilustres politicos, que, sabendo-se incapazes de pairar onde só as aguias chegam, se limitam a produzir alguma coisa util, cá em baixo, nos mesmos sitios onde andam os párias, mas onde podem abrir-se avenidas.

Guedes de Oliveira

Pelo telegrapho

A campanha na Russia e na Persia

PETROGRADO, 13. — Official. — Repellimos um ataque a oeste de Lievanhoff e uma tentativa de envolvimento da aldeia de Carbunova, que acabavamos de tomar. Continuámos a progredir nas regiões de Erzeroum, forçando desfiladeiros inacessiveis; aprisionámos 10 officiaes e 700 askaris e tomámos 7 canhões. Na frente de Erzeroum o nosso bombardeamento produziu uma explosão. Desalojámos os turcos da região de Kayes e occupámos a cidade de Khop. Na Persia occupámos a cidade de Dulotabad.—(*Havas*).

PETROGRADO, 9.—A esquadra do mar Negro continuou a bombardear as posições turcas de Vitze, entre os cabos de Loros e Nironit e reduziu as baterias ottomanas ao silencio. No dia 9 do corrente a esquadra apresou um veleiro turco com 25 tripulantes.—(*Havas*).

A perda d'um cruzador francez

PARIS, 14.—A perda do cruzador «Amiral Charner» está confirmada, tendo-se encontrado no largo das costas da Syria uma jangada conduzindo 15 marinheiros, estando apenas um vivo, o qual declarou que o torpedeamento foi feito no dia 8, ás sete horas da manhã; o cruzador afundára-se em alguns minutos, sem ter podido lançar as embarcações ao mar. O ministro da marinha annuncia que informará as familias dos marinheiros desapparecidos logo que haja informações exactas.—(*Havas*).

O sr. Briand visita o rei de Italia

ROMA, 13.—O sr. Briand e a missão franceza chegaram ao quartel general, onde almoçaram, depois d'uma conferencia que tiveram com o rei. Depois de uma visita á linha de Isonzo e á zona da Carnia, a missão franceza tornou a partir, sendo muito acclamada.—(*Havas*).

Afunda-se uma canhoneira allemã

HAVRE, 13.—Official.—A canhoneira allemã *Hedwig von Wissmann* foi afundada ao largo do Toa Albertville, morrendo dois allemães e ficando o resto da tripulação prisioneira. Nas flotilhas ang o-belgas não houve perda alguma.—(*Havas*).

Na frente austro-allemã

ROMA, 13. — Official. — Bombardeámos efficazmente varios pontos no valle de Lagarina, em Aetico e em Sugana e columnas e grupos de tropas inimigas. Ao romper da aurora do dia 12, em seguida a uma surpreza, o inimigo penetrou em um dos nossos entrincheiramentos na zona de Rombon. No sector de Gorizia reduzimos ao silencio as baterias que atiravam contra as posições de Podgera.—(*Havas*).

Folhetim d'A CAPITAL 14-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A' cata do oiro

Ha, na California, uma região privilegiada. E' aquella onde o oiro existe em grandes e inexgotaveis filões, a attrahir, como n'um sonho deslumbrante, os aventureiros e os ambiciosos de todo o mundo. O precioso metal, fulvo e vivo, jaz nas entranhas da terra, á espera que mãos rudes e fortes vão lá arrancal-o. Ali se purifica e ali se guarda, na immobilidade dos thezouros em que ninguem toca, o oiro ardente que é a tentação maxima da humanidade e por via do qual tantos dramas, tantas angustias e tantas dôres dilacerantes o homem supporta e curte. A California, para descobrir minas auriferas d'onde a riqueza escorra abundantemente, vae todos os annos um exercito enorme de vagabundos e de audaciosos que, desconhecendo o medo, não recuam deante de nenhum obstaculo que possa refrear-lhes a ambição. Assim como as aguias, voando pelas alturas, fitam o sol sem fechar os olhos, assim os pesquizadores d'oiro, luctando, trabalhando, teimando, sem olhar de frente, impavidos e corajosos, os maiores perigos e as mais agudas adversidades.

Ha-os de todas as categorias e de todas as classes sociaes. Os seus feitos, n'esse pedaço da terra americana, tão opulenta e tão bella, andam de bocca em bocca. Contam-se, por toda a parte, episodios estupendos, em que o roubo e o assassinio põem manchas sombrias de crime e de sangue. Ha nomes que não esquecem, que não esquecem nunca. São os dos que triumpharam e são aquelles que em terras de S. Francisco, na zona aurifera cubiçadissima, alguem dia lograram marcar a sua individualidade por um grande acto de audacia que só por si basta para fazer d'um homem um semideus...

Ora, em 1906 chegavam á California, indo immediatamente fixar-se na zona das minas d'oiro, dois desconhecidos com todo o tipo do aventureiro sem escrupulos que, para alcançar determinados fins, não hesitará em recorrer a todos os meios, ainda os peores. Eram mais dois pesquizadores d'oiro. Um tinha o aspecto dos homens impetuosos, capazes de arriscar a vida por uma ninharia. Chamava-se Tomaz Gallon. Outro, mais retrahido, menos vivo, de gestos e palavras mais cautelosas, como que se deixava dominar por aquelle e quasi deixava de ter iniciativa para confiar na iniciativa do companheiro. Dois genios differentes como eram, só difficilmente podiam entender-se. E não se entendiam.

Gallon, infatigavel, cheio de fé, possuindo uma enorme confiança em si, não tardou em ver os seus esforços coroados d'exito. Triumphára. Tocára, em fim, no thezouro maravilhoso, que o levára a esse paiz riquissimo e hostil. Tinha, uma mina. Havia de guardal-a, porque era sua e bem sua...

—E Wilkerson?—era esse o nome do seu companheiro de aventura—como hei-de enganal-o?—perguntava de si para si. Como? Não lhe diziado nada, guardando bem para mim o meu esplendido segredo.

A cubiça desvairava-o. Elle que era naturalmente bom, sentia-se inclinado para a ferocidade. Era preciso matar? Mataria. O seu filão era d'elle e não permittiria que outrem d'elle se apossasse. Nem por sombras queria que que nem iria cahir nas mãos d'outro nem por outrem seria contemplado. A sorte é para aquelles a quem essa deusa traiçoeira sorri. Os outros, que procurem capital-a, e se conseguirem saberão então como os seus esforços são de vencedores e embusteiros.

—Sim, não revelarei o meu segredo, dizia Gallon. E' meu e bem meu. O que é preciso é assegural-o. Urge tomar todas as precauções.

Entretanto, Wilkerson suspeita do amigo. A sua actividade decrescera. Gallon já não põe nas suas pesquizas aquelle amor e aquella paixão que d'antes punha. O mysterio começa a adensar-se sobre os dois companheiros d'aventura os suas azas sinistras. Approxima-se o momento fatal. Wilkerson tem sede. Pega n'um grande copo d'agua e bebe-o d'um trago. Cinco minutos depois, adormece profundamente.

—Mãos á obra!—diz, de si para si Gallon. Não ha tempo a perder.

E puxando de papel e lapis, no tranquilo silencio da tarde que corria serena e densa, Gallon começou a desenhar o plano da mina que, dias antes, encontrára. O seu trabalho absorve-o inteiramente. Tudo o que o rodeia é como se não existisse. Entretanto. Wilkerson acorda, sob a impressão esmagadora de que o ameaça um grande infortunio. Onde está Gallon? Ali perto, trabalhando. Mordeo-o uma terrivel suspeita. Dirige-se para elle, arrastando-se cautelosamente. Eil-o hombro a hombro com o adversario. Wilkerson adivinha tudo. O que elle está desenhando é o plano d'uma mina. Dão-lhe ancias apaixonadamente, nervosamente, é o plano d'uma mina. Dão-lhe ancias de o estrangular. Domina-o o desespero.

—Bandido, que me trahiste!—grita-lhe enraivecido.

E os dois precipitam-se um para o outro. Ha lucta feroz, lucta encarniçada e tremenda. Cada um põe em jogo toda a sua força, toda a sua energia, toda a resistencia dos seus musculos d'aço. Por fim Gallon, desenvencilhando-se do adversario, consegue arremessal-o de encontro a uma surriba. Wilkerson, porém, não se dá por vencido, espuma de raiva e odio e investe de novo.

Cego, fóra de si, luctando já mais por instincto de defeza do que por qual quer outra causa, Gallon puxa d'um revolver e dispara. Wilkerson cahe como que fulminado. Estava, evidentemente, morto...

—E agora?—pergunta Gallon a si proprio—que fazer? Deixar-me prender? Não, seria tolice. Fugir? Peor ainda. Todos ficariam sabendo quem matou Wilkerson...

Era, no entanto, necessario tomar uma resolução e tomou-a. Extenuado, exhausto por aquella lucta violenta, que sustentára até ao fim para não ser esmagado, tendo sido forçado a matar para não ser morto, Gallon abala, correndo sem descanço, desgrenhado e transtornado, em direcção ao primeiro povoado. Tinha o seu plano. Sabel-o por em pratica era a salvação e hesitar era comprometter-se irremediavelmente. Chegou. Cercam-no gentes intrigadas e afflictas. E' que o seu aspecto transfigurado inspira verdadeira compaixão.

O «sherif» apparece. Informa-se. E' uma creatura alta, secca, decidida. Todo elle respira audacia e decisão. Vê-se, logo á primeira vista, que está ali um homem. Todos o saudam respeitosamente.

—O que é, de que se trata?—pergunta a primeira auctoridade d'aquelle povoado de mineiros.

—Este desconhecido, respondem umas poucas de vozes ao mesmo tempo. Chegou agora. Parece que lhe aconteceu uma tremenda desgraça.

Gallon cobra animo e fala. Foi lá em baixo, no «Valle Silencioso»...

—Eu e o meu companheiro fômos assaltados por uma quadrilha de bandidos, explica. Eu consegui fugir. Elle foi morto com um tiro. Os salteadores devem andar ainda por aquelles sitios.

O «sherif» faz reunir os seus homens e d'ahi a pouco, guiados por Gallon, partem todos a caminho do sitio onde Wilkerson cahira ferido. Inicia-se assim a perseguição dos suppostos bandoleiros. A galopada é desenfreada e heroica. Um rapaz, meio ebrio que, na hora da partida, saltára agilmente para um cavallo, gritando que tambem ia, que queria, por força, ir, é quem dá o exemplo do impeto e da coragem destemida. Mas os bandoleiros se appareceram, seriam feitos em postas. Simplesmente, esses bandidos não existiam.

E Wilkerson? Não morrera. Voltando a si, recuperando os sentidos, averiguando que os ferimentos recebidos não eram mortaes, conseguiu, a custo e temendo uma nova aggressão, affastar-se d'aquelles logares malditos. A fuga tortura-o. Com que difficuldade consegue transpor a caminhada rede que os arbustos tecem á sua roda, impedindo-lhe a passagem! Logra, porém, chegar junto d'um regato. A visão da agua fresca incute-lhe novas energias. Atira-se para a corrente que o seduz, como se ella fôsse a vida a attrahil-o e a fugir-lhe. Bebe soffregamente, anciosamente. Refaz-se das forças perdidas, e parte, agora, com a alma despedaçada pela ira e pela amargura, prosegue a sua jornada, perdendo-se no intrincado matagal d'quella região selvagem e desconhecida.

O «sherif», com a sua gente, continua a galopar em direcção ao ponto onde Gallon suppunha ter morto o companheiro. Os cavallos levantam, no caminho arenoso, nuvens de poeira. Passa-se um bosque frondoso. O valle silencioso está á vista.

(*Continua ámanhã, ao alto da terceira pagina*).

"A CHAVE MESTRA,, principia a exhibir-se hoje no Olympia

PORTUGAL E BRAZIL

"ATLANTIDA"

Publica-se amanhã o quarto numero do brilhantissimo mensario, primorosamente collaborado

E' amanhã posto á venda o quarto numero de «Atlantida», a magnifica revista luso-brazileira dirigida por João de Barros e Paulo Barreto. De numero para numero accentuam-se os merecimentos da primorosa publicação que não tem entre nós precedentes e á qual está, decerto, destinado um extraordinario papel na obra da approximação ainda mais intima dos dois povos.

O quarto numero de «Atlantida», que vem illustrado com reproducções de soberbos trabalhos do grande pintor Sousa Pinto e das escolas João de Deus em Lisboa, abre com um estudo de Heliodoro Salgado sobre a guerra maritima e a lição do Brazil.

Seguem-se valiosos lavores litterarios firmados por Teixeira de Queiroz, João Luso, Eugenio de Castro, Mario de Artagão, Raul Lino, Julio Brandão, Alfredo Mesquita, Mario de Alencar, Costa Ferreira e João do Rio.

A revista do mez, sobre musica, exposições de pintura, theatros, publicações, etc., é firmada por Joaquim Manso, Humberto de Avellar, José de Figueiredo, Abadie, Avelino de Almeida e Francisco Pinto.

Com este numero termina o primeiro volume de «Atlantida», para o qual Raul Lino já está desenhando a capa.

O carnaval no Republica

Teem sempre um encanto especial as festas do carnaval no theatro Republica, que sempre dá a nota elegante e alegre.

Annunciam-se já cinco deslumbrantes bailes de mascaras e cinco magnificos espectaculos, os primeiros dos quaes são no domingo, 27, d'este mez.

E' já grande a animação e a procura de bilhetes, pois que os bailes de mascaras este anno no Republica revestem um extraordinario brilhantismo, havendo especiaes illuminações na sala, no «foyer» e no jardim de inverno, e a novidade da plateia giratoria com as cadeiras, que permitte arranjar a sala para o baile em um quarto de hora.

Conflicto academico

Alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra

A Lisboa chegou uma commissão de alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra que veiu conferenciar com o sr. ministro da instrucção, a fim de o pôr ao facto dos acontecimentos occorridos no dia 11 na aula de historia da pedagogia, de que é professor o sr. dr. Luciano Pereira da Silva.

Já «A Capital» se referiu ao incidente, que ameaça tomar uma certa gravidade, visto que, ao que nos consta, as universidades de Lisboa e Porto se vão solidarisar com os seus collegas de Coimbra.

Hoje devia reunir, pelas 13 horas, o conselho disciplinar em Coimbra, para apreciar o conflicto. Ao que nos disse a commissão, que esteve na nossa redacção, os alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra estão dispostos a ir até onde preciso fôr se a alguns dos seus collegas fôr imposta qualquer pena.

A commissão esteve, pelas 14 horas, com o sr. ministro da instrucção, a quem expôz pormenorisadamente o que se tem passado. O ministro, depois de ouvir os academicos attentamente, respondeu que ia estudar o assumpto e tratar de o resolver.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

A livraria Guimarães & C.ª, editores, da rua do Mundo, trouxe a lume o tomo quinto da *Historia Illustrada da Grande Guerra*, trabalho do nosso camarada Garibaldi Falcão, illustrado com numerosas gravuras. Como obra de vulgarisação é a mais interessante que sobre o assumpto se está publicando entre nós.

"Noite de Santo Antonio"

A'manhã não ha espectaculo no theatro Republica para se fazer o ensaio geral da nova peça em 4 actos, original de Vasco de Mendonça Alves *Noite de Santo Antonio*, que depois d'ámanhã, quarta feira, sobe á scena em 3.ª recita d'assignatura.

Um artista que vae revolucionar Lisboa

O que sobre Alfaro que se estreia na quarta feira no Salão Foz, disse a imprensa do Porto

Na proxima quarta-feira estreia-se no Salão Foz o extraordinario ventriloquo Alfaro. Sobre este artista de verdadeiro merecimento escrevia o «Primeiro de Janeiro» o seguinte:

«Ventriloquos ha muitos por esse mundo além, mas o que é certo é que a maior parte d'elles dão vontade de rir. Não ha illusão, não ha verdade, não ha o mais pequeno detalhe que revelle o artista. A grande arte do ventriloquo está em falar sem que os seus labios se mexam, está em dirigir e graduar os sons sem que o espectador não diga que esse som provem da bocca do artista. E' claro que tudo isto é difficil, multissimo difficil, e quando na verdade apparece um ventriloquo, esse homem é considerado como um phenomeno.

A maior parte dos ventriloquos trazem uma collecção de bonecos, e conseguem pela mechanica pôl-os em movimento, dando-nos tambem a impressão de que falam. Alliando o gesto á palavra o manequim é, por assim dizer, um ser vivo.

Seja, porém, como fôr, até hoje ainda nos não tinha sido permittido admirar um ventriloquo completo. Os que vimos, para nós, deixavam muito a desejar. As vozes, embora de diversas entonações não traduziam em absoluto o personagem. A imitação era má, e senão má desviava em absoluto a illusão do publico.

Quizera o acaso que não morressemos sem vêr a assombrosa ventriloquia no seu maximo grau.

E foi por isso que appareceu «Mario Alfaro», artista desconhecido em Portugal, artista que excede todos os que seguem a mesma arte e d'uma maneira phantastica, arrebatadora.

Apresentando-se modestamente Alfaro é comtudo o typo do verdadeiro ventriloquo. Não traz bonecos, não traz processos modernos para enganar o publico. Toda a sua arte está na sua linda voz. D'ella faz tudo o que quer, tira todos os resultados de que necessita. E' o sufficiente.

Artista consciencioso e distincto, Alfaro sabe impôr-se pelas suas excellentes qualidades de trabalho.

Quem o vir tem fatalmente uma discussão.

Poucos acreditam que é Alfaro e só Alfaro que está só em scena! Vestido de mulher arrebata o coração mais forte e mais cruel! Quando canta parece que se abrem as portas do Paraiso.... A sua fresca voz eleva-se á maior suavidade e harmonia.

MUSICA

O festival Wagneriano no Theatro Republica

Moveram-se as multidões para assistir á commemoração do 33.º anniversario da morte de Ricardo Wagner, que hontem celebrou a Orchestra Simphonica Portugueza, e o theatro encheu-se literalmente, formidavelmente, contando-se por centenas as pessoas que se retiraram por falta de bilhetes. Mas ai de nós! não era a alta comprehensão da homenagem que se prestava á maior cerebração do seculo XIX o que assim deslocou a massa dos lisboetas, nem tão pouco o desejo de gosar sublimes commoções estheticas; se tal se desse, essas multidões acorreriam pressurosas aos concertos em que se executa Beethoven. O que os atrahia era a esperança de ouvir composições ruidosissimas, com um largo emprego de metaes, pois d'aqui não passa ainda a educação artistica das camadas profundas dos portuguezes. D'ahi as estranhas aberrações que levam plateias inteiras a applaudir o que é vergonhoso e feio e a ficar indifferentes e impassiveis perante as maiores obras de arte e as interpretações honestas. Se o mal de muitos é consolação para o nosso, consolemo-nos constatando que, embora em menor grau, o mesmo se dá em toda a parte.

O programma do festival peccava por excesso, tão grande excesso mesmo, que logo resolvêmos encurtál-o, receando ter de sahir do concerto em maca, destrambelhados os nervos por nove numeros de musica wagneriana, arrancados ás mais diversas obras, n'uma constante variedade de situações psicologicas; por isso entrámos depois do primeiro trecho, para que a primeira pagina fosse justamente a mais bella do programma: o preludio e *Parsifal*.

Infelizmente, muito faltou para que o preludio da *maravilha das maravilhas* fosse aquillo que o seu auctor queria: a extraordinaria phrase por que o preludio abre, o motivo capital do drama, o motivo da *ceia*, sahiu frouxa e apressada; a expressão de arroubamento mistico, do divino extase, de religiosidade doentia, ultra-romantica, hipersevrotica, que faz do *Parsifal* uma das obras simultaneamente mais bellas e mais immoraes—no sentido de atrofiadora da energia, de negação da acção, do esforço, da propria vida—, essa expressão faltou á exposição da grandiosa phrase, que tem de ser lentissima com o seu primeiro *lá bemol* bem demorado, profundo, envolvente, erguendo-se depois o motivo largamente, e *muito cheio de expressão (sehr ausdrucksvoll)*; todo o preludio se desenvolve n'este mesmo espirito, n'uma vaga suavidade mistica, musica estranha á terra, só propria de anjos e dos puros cavalleiros de Monsalvato. Podia a orchestra dar isto? Decerto que não, e exigi-lo seria querer o impossivel. Mas a interpretação podia bem ser superior ao que foi, que para isso tem ella á sua frente um regente que é Alguem.

Abrindo a segunda parte, figurava em primeira audição, cremos que em Portugal, a abertura para o *Fausto*. Obra dos 26 annos, esta abertura mostra-nos um Wagner embrionario, em que se adivinha o futuro reformador ainda *in herbis*; a execução foi correcta e clara. Seguiu-se a paraphrase para violino do canto de Walther no concurso dos *Mestres-Cantores*, em que Ivo da Cunha e Silva foi d'uma grande sobriedade e pureza de som, fechando a parte a *Morte de Isolda*, cantada por Judice da Costa.

Para o papel de Isolda requerem-se tantas e tão complexas qualidades de cantora e comediante, que Wagner só encontrou, em toda a Allemanha e Austria, uma pessoa capaz de o interpretar, como só encontrou um tenor com as condições necessarias para fazer Tristão; por uma curiosa coincidencia eram justamente marido e mulher: o casal Schnorr.

E' certo que em concerto as difficuldades diminuem sob um ponto de vista, visto não ser necessario representar; mas subsistem todas as que esmagam a cantora. A pagina final do drama, sua sinthese suprema, hymno formidavel á morte e ao anniquilamento, notação musical dos principios de Schopenhauer, que apaixonaram Wagner nas circumstancias que aqui apontámos na chronica de ante-hontem, requer uma grande voz, potente e energica, altamente dramatica e uma perfeita intelligencia da personagem e da situação o que pressupõe uma vasta cultura.

A voz de Maria Judice é poderosa e energica, e sobe facilmente; apaga-se, porém, no registo grave, e á interpretação falta a necessario e justa expressão: d'este modo, a execução puramente orchestral é muito mais impressionante, tanto mais que Blanch conta esta pagina como uma das melhores do seu repertorio.

O resto do programma era constituido por trechos recentemente executados, cuja apreciação está feita.

Tal foi o quarto Festival Wagneriano, que teve o condão de levar ao concerto Blanch muitas centenas de pessoas, que normalmente satisfazem as suas necessidades musicaes com ... o gramophone.

H. de A.

Notas d'arte

As lições de D. Luiza de Sousa sobre lavores femininos

Tem despertado o maior interesse, por parte dos leitores da «Capital», a secção «Notas d'arte», firmada pela distincta professora de lavores femininos sr.ª D. Luiza de Sousa. E' que o sentimento artistico, o temperamento delicado da mulher portugueza, tornam indispensaveis esses conhecimentos technicos, que a illustre professora vem desenvolvendo em curiosos artigos, ás quintas-feiras e domingos n'este jornal.

Esses interessantes artigos são verdadeiras lições, de que muito aproveitam as nossas gentis leitoras. A' curiosa arte decorativa do couro, tão profissionalmente versada pela sr.ª D. Luiza de Sousa, vão seguir-se outros, tendo por fim pôr ao alcance das senhoras, que lêem «A Capital», os diversos processos de outros delicados e femininos lavores, que hoje constituem um aspecto dos mais interessantes da educação da mulher.

PEQUENAS NOTICIAS

—Grande numero de donos de lojas de barbeiro que não vendem perfumarias esteve hoje nos Paços do Concelho, a fim de entregar uma representação em que pedem isenção do pagamento da licença municipal. Foram recebidos pelos vereadores srs. Magalhães Peixoto e Lima Bayard que lhes prometteram entregar a representação ao sr. presidente da camara, para esta resolver.

ULTIMAS NOTICIAS

PELA POLITICA

A reunião do grupo democratico

Palestra com o sr. dr. Arthur Leitão sobre o alcance da sua proposta, que visava a extinguir as commissões

A's quatro horas da tarde, nos Passos Perdidos. A sala apresenta um admiravel concorrencia. A luz, coada lá de cima pelos vidros fôscos, bate em tonalidades mortiças no rosto dos frequentadores, que gastam o tempo a fazer má lingua, a debicar larachas sobre o ultimo boato ou a pedir cartas de recommendação. Estamos n'um grupo onde se discute a noticia publicada hontem na «Capital» sobre a ultima reunião do grupo parlamentar democratico. As opiniões divergem quanto á rigorosa exactidão de todos os seus detalhes. O sr. dr. Arthur Leitão approxima-se e elucida-nos:

—Pela minha parte, não foi a dissolução das commissões politicas que eu propuz. Foi a sua extincção. E' differente, como vê...

—Mas porque não ha de o doutor expôr-nos todo o seu pensamento, a intenção politica, o alcance da proposta?

—Da melhor vontade.

E, já um pouco afastados do bulicio da sala, o rijo combatente, vigoroso jornalista que é o dr. Arthur Leitão, expoz-nos d'esta forma a ideia que levára outro dia até aos seus correligionarios do grupo parlamentar:

—A organisação do partido republicano portuguez está muito longe de corresponder ás necessidades do momento. Comprehendia-se no tempo da propaganda, quando todos os republicanos, unidos, precisavam defrontar-se com o inimigo commum. As commissões municipaes, n'essa organisação antiga, eram postas lado a lado das camaras, quasi todas nas mãos dos monarchicos, como as commissões parochiaes do partido equivaliam ás juntas de parochia. Proclamada a Republica, o governo provisorio entregou em quasi toda a parte as camaras e as juntas de parochia á administração e á guarda dos mesmos elementos que constituiam as nossas commissões politicas. Desde esse momento, ellas tinham perdido a sua razão de ser.

«Essa experiencia—eu tenho a coragem de o proclamar—não deu resultados beneficos. A'parte Lisboa, Porto, Coimbra e qualquer outro grande centro do paiz, as commissões do antigo partido republicano não eram compostas por individualidades competentes, que pudessem impôr-se no meio pela sua educação e cultura. Muito longe d'isso; e como a dedicação republicana, que existia de sobejo em muitas d'ellas, não suppria a sua falta de conhecimentos, succedeu que a experiencia, em muitas terras, foi desastrada, anarchisando-se os serviços administrativos por um modo verdadeiramente deploravel.

«Esse erro corrigiu-se—mas as commissões ficaram, sem haver o cuidado de se rever a lei organica para resolver a sua extincção ou para lhes ser attribuido um papel que se harmonisasse com as novas circumstancias em que ellas tinham de exercer a sua acção politica. Verdadeiramente, ellas não tinham funcção alguma a desempenhar, e eu não comprehendo a existencia de quaesquer orgãos sem uma funcção marcada. Como medico, posso citar-lhe o exemplo do appendice. Ninguem sabe para que elle existe no organismo humano, apenas vagamente se apontando a possibilidade d'elle exercer uma funcção lubrificadora. Mas, ao certo, ao certo, o que se sabe é que ha pessoas que morrem da appendicite...

«Ha muitas terras onde as commissões servem—sabe para que?—para tratar dos interesses pessoaes dos amigos, sem cuidarem por fórma alguma do desenvolvimento do partido, da sua expansão, que até muitas vezes entravam. Teem sempre, para se impôrem, um grande argumento falso: é o de que representam o partido, o de que traduzem a sua vontade. Comprehende-se quanto isso é pouco exacto desde que se saiba esta verdade: as commissões politicas são eleitas sempre por uma reduzida minoria. A grande massa do partido desinteressa-se sempre da sua eleição.

«Mas deixe-me v. dizer-lhe que eu não desconheço nem contesto os altos serviços que as commissões prestaram no tempo da propaganda, principalmente nas cidades que lhe apontei. Sou dos primeiros a prestar justiça ao seu sentimento republicano, que ainda no periodo da dictadura se affirmou com tanta tenacidade. Simplesmente, dentro da organisação antiga, ellas não teem uma acção logica a desempenhar, servindo em muitos pontos do paiz para crear conflictos que difficultam o desenvolvimento do partido. Faça-se a revisão da lei organica. Se se reconhecer a necessidade da sua existencia, determine-se-lhes então um papel de propaganda e de educação civica, havendo para isso todo o cuidado na escolha dos elementos que as devem constituir.

A grande guerra

A lucta na frente occidental

PARIS, 13.—(Communicação official de hoje).—Em Artois o dia foi assignalado por uma serie de ataques allemães, desde a cota 140 até ao caminho de Neuville a Folie. De manhã realisou-se a primeira tentativa, sem resultado, a oeste da cota 140. De tarde, depois de um bombardeamento violento ás nossas posições, o inimigo atacou em quatro pontos differentes a nossa linha. Tres d'estes ataques foram immediatamente detidos pelos nossos tiros de enfiada e pelo nosso fogo de infantaria. Durante o quarto o inimigo conseguiu penetrar na nossa trincheira da primeira linha, a oeste da cota 140, mas foi expulso d'ali por um contra-ataque immediato, que lhe infligiu perdas sensiveis em mortos e feridos.

Um avião allemão, canhoneado pelas nossas baterias, cahiu, incendiado, a lêste de Givenchy.

Ao sul de Paris malogrou-se um ataque a granada ás nossas fortificações. A leste de Oise bombardeámos as organisações inimigas em frente de Fontenoy.

Entre Soissons e Reims a artilharia allemã esteve particularmente activa nos sectores de Soissons, Chassemy e Pompelle; os nossos tiros de enfiada fizeram abortar as acções da infantaria, que estavam em preparação.

Na Champagne, durante uma acção de detalhe entre a estrada de Navarin e a de Saint Souplet, fizemos alguns prisioneiros. A lêste da estrada de Tahure a Somme-Py o inimigo estabeleceu-se em alguns dos elementos das trincheiras avançadas.

Na Argonne tiro de destruição sobre as organisações adversas ao norte de Four de Paris.

Na alta Alsacia um ataque do inimigo, a lêste de Seppos, foi entravado pelos nossos tiros da artilharia.—(*Havas.*)

LONDRES, 13.—(Official).—Occupámos proximo de Hulluch a excavação de uma mina que tinha explodido. Houve grande actividade nas duas artilharias. A actividade dos aviões foi consideravel proximo de Ypres.—(*Havas*).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem no Grande Hotel de Inglaterra assistiram:

Mesdames Mimoso Guedes Brandão de Mello, Cats, D. Isabel de Queiroz Guedes, Brito e Vasconcellos, Briant, Rochet e filhas, Elise Thumann Vilna, D. Elvira Lopes Coelho, D. Maria Mathilde Cepeda, D. Ermelinda Cepeda, Helene Nery, Albagli, D. Marie Laplasset, Torres, Firth, D. Maria Irene, D. Maria das Neves, Couceiro Bastos, Betbeder, Goodal, Almeida Pinto, D. Sarah da Silva, Barros, Pereira Leite e filhas e madame Alvaro Ferreira; e os srs.: almirante Alvaro Ferreira, Virgilio Dias Rebello, Leon Appet, Victor d'Almeida, Pinto, José Maria dos Santos Elvas, Antonio Augusto dos Santos, Edouard Cochat, Augustin Briant, L. Rochet, Chastenet, Francisco Ribeiro Cepeda, Felisberto Cepeda, Hawkins, Epiphanio Fernandes de Sousa, Walther Fuld, Armindo Augusto dos Santos, José Sequeira, James, José da Cunha Mattos, José de Castro, José Fernandes, Albagli, dr. Jeronimo Rosado, Herberth Birket, Gueider, dr. Alfredo Torres, Maurice Kats, Couto dos Santos, dr. Barradas dos Reis, John Firth, Salomon Kats, Ricardo Garnier, Charles Goodall, Elisio da Rocha, Romariz, Felemann Legendre, Henrique Pinto, Fito Carrière, Almeida Brandão, Mather, Frank Bulton, Manuel Paes do Couto, dr. Celorico Gil, Cruces e Barros e Pereira Leite.

A ida dos marinheiros ao Congresso

Ante-hontem publicámos na «Capital» o seguinte convite:

O sr. José Gomes Loureiro pede-nos a publicação do seguinte:

Convidam-se as praças de marinha que fizeram parte do batalhão ao Sul de Angola, tanto as que tiveram baixa, como as que estão no effectivo, a reunir depois d'ámanhã, ás 14 horas, em frente do parlamento, para se nomear uma commissão que vá falar com os srs. presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, a pedir-lhes que se interessem junto do governo para serem pagos a essas praças os vencimentos que lhes pertencem ao abrigo do decreto n.º 991, n.º 2 do artigo 2.º da lei de 10 de julho de 1912.

De facto, e em obediencia a esse convite, compareceram hoje bastantes marinheiros em frente do edificio do Congresso. A policia, avisada do caso e não sabendo como explical-o, telephonou para o Quartel de Marinheiros pedindo uma força, que ali compareceu, pouco depois, commandada por um sargento. Mais tarde, as estações superiores de marinha foram informadas do que se passava e ordenaram á força que retirasse. Assim succedeu, dispersando tambem os outros marinheiros, logo que realisaram a missão que os tinha levado ao Congresso.

E ahi está em poucas palavras a «terrivel» historia que tanto parece ter impressionado espiritos ingenuos.

NO INSTITUTO BACTERIOLOGICO

Conflicto com um professor

No Instituto Bacteriologico, quando no seu laboratorio estava procedendo a varias analyses o sr. dr. Ribeiro, de repente alguns alumnos da faculdade de medicina quizeram ali entrar á força, partindo tabellas e outros apetrechos. O sr. dr. Ribeiro puxou de um revolver e com elle ameaçou os rapazes. A balburdia que se seguiu foi medonha. Comparecendo a policia e juntando-se muito povo, os estudantes queriam á viva força que fosse preso o professor.

Como o caso se complicasse, sahiu do governo civil o *camion* com 7 guardas e o capitão Esmeraldo, o qual se viu em serios embaraços para restabelecer a ordem, retirando os estudantes pouco depois d'aquella auctoridade ter pedido a maxima cordura.

Junto do edificio ficaram alguns guardas.

Tribunaes

Boa-Hora

Em 2 annos de prisão maior cellular ou em alternativa de 3 de degredo foi hoje condemnado Francisco da Silva ou Francisco Rodrigues da Silva, solteiro, de 22 annos, que em 1 de novembro findo tentou furtar um acarteira com 170 escudos ao coronel de engenharia sr. Antonio Correia Pereira.

Na Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o projecto que augmenta o imposto sobre o vinho no Porto

Só com grande difficuldade se reune o numero preciso para a camara funccionar. A acta é por esse motivo approvada só ás 3,20, o que faz com que o sr. Jorge Nunes exclame:

—Não teem emenda, sr. presidente. Continuam a chegar tarde e a sair cedo.

Sobre a acta trocam explicações os srs. Fernandes Rego e Eduardo de Sousa. O sr. Jorge Nunes insiste por que lhe remettam os documentos que pediu pelo ministerio da guerra sobre os artigos que existiam no Deposito Central de Fardamentos á data do incendio. O sr. Marques Guedes apresenta tres projectos de lei: um auctorisando a construcção, no Porto, do Palacio de Justiça; outro regulando a posse de bens usufruidos por outros, e um terceiro auctorisando a promoção de um trabalhador da alfandega do Porto, a guarda, por ter retirado da linha ferrea algumas bombas explosivas, collocadas na mesma linha por occasião da visita do chefe do governo á capital do norte. O sr. Cabral e Castro chama a attenção do sr. ministro da justiça para o facto de n'uma syndicancia que está a ser feita ao juiz da Covilhã estarem depondo testemunhas que já foram condemnadas por esse magistrado. O sr. ministro da justiça responde que não sabe o que se passa, mas que intervirá a seu tempo, para evitar que a justiça soffra atropellos. O sr. Constancio d'Oliveira reclama contra varios abusos praticados pelo administrador do concelho de Cascaes, o qual, sem pretexto de nenhuma especie, está capturando inimigos politicos seus, sujeitando-os a violencias varias. O sr. ministro responde que ha exagero na queixa, affirmando cathegoricamente e sem receio de ser desmentido que aquella auctoridade tem sempre cumprido a lei.

Na ordem do dia, o sr. Carvalho Mourão conclue o seu discurso sobre o projecto que augmenta o imposto do consumo sobre o vinho consumido no Porto. O orador considera o novo imposto iniquo e contraproducente. O sr. Germano Martins defende o projecto, e põe em destaque a obra da camara do Porto, citando varios numeros, para demonstrar quanto ella tem sido grandiosa e intensa. O sr. Alfredo de Magalhães lamenta que a politica tenha entrado n'este debate, como lamenta que certas camaras, pondo de lado os principios administrativos, se tenham transformando em camaras politicas, com prejuizo evidente para os municipes. Accusa a camara do Porto de ter augmentado consideravelmente as suas despezas burocraticas em cerca de quarenta contos, e quanto a questões de instrucção, entende que no municipio do norte se seguem ainda orientações antiquadas, que não podem manter-se.

Elogia a obra que n'esse municipio levaram a cabo Duarte Leite, Xavier Esteves e Silva Cunha, os quaes, no plano que formularam, partiram do principio de que a transformação do Porto se faria sem novos impostos nem ágravamento dos existentes. Bastaria a valorisação dos terrenos marginaes para se realisar um emprestimo que permittisse levar a cabo as obras a realisar. A cidade do Porto tem de transformar-se. Por si apenas diverge da opportunidade escolhida por se aggravar o imposto de consumo. Mais nada. Alem d'isso, é preciso salvaguardar os interesses dos vinhateiros do norte que são bem diversos dos do sul.

A sessão foi prorogada até se approvar o projecto.

NO SENADO

Discutem-se varios projectos

A' hora marcada 35 senadores respondem á chamada e approvam a acta.

Na presidencia o sr. Correia Barreto e a secretarial-o os srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro. Expediente ao seu destino sem reparos.

Não pedindo ninguem a palavra antes da ordem do dia, entra-se na discussão dos projectos dados para a ordem.

O primeiro é o que trata de alterações ao regulamento da administração dos serviços fabris para ingresso de operarios extraordinarios nas officinas do Arsenal de Marinha.

O sr. Camara Leme explica as emendas da commissão de marinha.

O sr. Estevam de Vasconcellos entende que o projecto deve ser approvado sem essas emendas, que implicam augmento de despesa.

O sr. Vicente Ramos invoca a lei travão, pela qual este projecto não póde ser approvado.

O sr. Daniel Rodrigues diz da sua justiça e o projecto é approvado.

Entra em discussão o projecto de lei do sr. Vicente Ramos, determinando que a todos os funccionarios do Estado com direito á aposentação, seja contado, para este effeito, o tempo que tiverem de assentamento de praça no exercito ou na armada.

Este projecto tem parecer desfavoravel da commissão de finanças, por envolver augmento de despesa. O sr. Alberto da Silveira defende o projecto. E' inadmissivel a applicação da lei travão a este projecto, que a commissão de finanças acha que deveria ser approvado, mas que tal se não póde dar, por estar a discutir o orçamento. Não: o orçamento não está em discussão, e o que a commissão devia dizer era se o momento é ou não opportuno para a sua approvação. Assim, é mais uma abdicação do parlamento.

O sr. Calça e Pina, relator, manifesta o seu respeito pela lei travão.

O sr. Estevam de Vasconcellos tambem defende a lei travão.

O sr. Celestino de Almeida explica que a commissão de finanças esteve de accordo, em principio, com este projecto.

O sr. Herculano Galhardo, presidente d'essa commissão, corrobora estas palavras, e diz que só se deve considerar se o orçamento está ou não em discussão.

O sr. Alberto da Silveira regista a doutrina da maioria, de que do dia 15 de janeiro em deante não podessem ser approvados projectos que contenham augmento de despesa. A seu tempo lembrará o facto á maioria.

Em seguida approva-se o parecer da commissão de finanças, rejeitando o projecto.

Sem discussão, approva-se o projecto reconhecendo como revolucionario civil o cidadão Alberto Lopes Correia, que assim fica para ser funccionario publico.

Foi rejeitado, tambem sem discussão, o projecto regulando os vencimentos dos funccionarios no goso de licença da Junta de Saude, por mais de 30 dias.

Entra em discussão o projecto de lei que regula a inscripção de professores primarios de ensino livre.

O sr. Leão Azedo analysa o projecto em todos os seus artigos e disposições, concluindo por negar-lhe o seu voto e propondo que elle volte á commissão, para ser melhor estudado.

O sr. Silva Barreto, defende o projecto, e outra coisa não era logico fazer, visto que elle é da sua lavra.

O sr. Lino Sêrro, que assignára o parecer da commissão de instrucção com declarações, explica que concorda com a opportunidade do projecto, mas não com as suas disposições.

O sr. Thomaz da Fonseca, que é o relator, reconhece a necessidade da approvação immediata do projecto, mas, ao mesmo tempo, reconhece que seria util que elle voltasse á commissão, no caso de que se não demorasse lá muito.

O sr. Estevam de Vasconcellos observa que o sr. Fonseca, como pertencendo á commissão, é que póde declarar se esta o demora muito ou não.

O sr. Herculano Galhardo entende que é util o projecto voltar á commissão, sendo de opinião contraria o sr. Machado de Serpa.

A discussão arrasta-se, fastidienta, provocando somno. Os oradores repisam, duas, trez, quatro vezes as suas cansadas opiniões sobre ensino laico e ensino neutro. E o tempo passa, na imperturbavel affirmativa de que em Portugal, em materia de ensino, se fala muito e não se faz nada.

Por fim, o projecto é approvado na generalidade.

A's 18 horas entra-se na especialidade.

O artigo 1.º é approvado sem discussão.

O sr. Leão Azedo propõe a eliminação do artigo 2.º, que é rejeitada.

O sr. Leão Azedo, notando que o sr. Agostinho Fortes approvára a rejeição do artigo, como rejeitára a generalidade do projecto, felicita-o por isso.

O sr. Agostinho Fortes:—Fiz o que devia, e as razões não as posso explicar agora, porque estou doente. E' uma vergonha o que a maioria está fazendo, votando com a maior das inconsciencias.

Passando-se ao artigo 3.º, o sr. Leão Azedo diz que se dispensa de tomar parte na discussão, porque todas as razões que apresentasse, por mais excellentes que fossem, se quebrariam de encontro á muralha da maioria.

O sr. Agostinho Fortes, pegando na carteira e no chapeu, sahe da sala.

Seguem-no os srs. Leão Azedo, Celestino de Almeida, Silva Gouveia e outros senadores das direitas, onde só ficam trez até final.

O sr. Daniel Rodrigues:—Porque sahiu o sr. Agostinho Fortes?

O sr. Herculano Galhardo, que tambem se manifestára contra o projecto:

—Porque entende, e com razão, que elle não devia ser approvado. Ha na commissão trez membros a favor e trez contra o projecto.

O artigo 3.º é approvado e para o 4.º não chega o numero.

A's 18,35 encerra-se a sessão.

A'manhã, antes da ordem, realisa-se a interpelação do sr. Antonio de Campos ao sr. ministro da guerra.

Noticias parlamentares

Depois da reunião de sexta feira á noite, no directorio do partido democratico, parecia que os costumes politicos iam soffrer grande modificação e que todos os parlamentares deixariam de ter por ideal unico «entrar tarde e sahir cedo» das respectivas camaras. Puro engano, e tão grande que já hoje, para haver sessão, foi necessario esperar qu si até ás tres e meia, depois de se ter effectuado uma segunda chamada. E' caso para dizer que foi peor a emenda que o soneto...

* * *

Portugal é o paiz das coisas pittorescas. E' tudo pittoresco n'esta terra, desde a paysagem, que não a ha melhor, até ao sr. Arthur Costa, que chega a ser o prolongamento das penedias da sua terra. E a mania do exhibismo invade tudo. Tens ouvido falar, leitor, d'aquella complicada discussão que se ergueu para se saber se a linha de Vidago a Chaves deve seguir pela margem direita ou pela margem esquerda, do Tamega? Pois ainda não se chegou a accordo, tendo o sr. Fernandes Costa enviado hoje ao ministro do fomento uma nota de interpellação sobre o assumpto. Quer dizer, agora é que fica tudo na mesma...

* * *

Os povos de Ponta Delgada são afinal menos exigentes que os de Lisboa. Estes; fincados na sua orthodoxia, impediram a candidatura do sr. Ferreira da Silva, exministro do interior, nas ultimas eleições supplementares. Aquelles foram bem menos exigentes, e acceitando o candidato que lhe indicavam, deram os seus votos e passaram-lhe guia de marcha para S. Bento. Assim, por telegramma hoje recebido, soube se que o sr. Ferreira da Silva fôra eleito por 2017 votos. Para começar já não é mau de todo...

* * *

Mais geropiga, mais vinhaça, mais alcool sob varios aspectos e preparado de mistura com varios liquidos. Quando acabará esta embriaguez? Como o projecto interessa a todo o paiz, é de crêr que a parola continue a escorrer em torrentes para nos esmagar a todos, até á consummação dos seculos. Teem d'estas exigencias a caça ao voto e a cultura acrisolada do eleitor. Se não fôsse isso, havia deputado que não abria bico, por mais que o desafiassem e ainda que a patria corresse risco de se perder irremediavelmente.

* * *

E' assim concebido o parecer sobre a questão do papel: «a vossa commissão de finanças, tendo-lhe sido presente a proposta de lei n.º 241 N, da iniciativa do sr. ministro do fomento, é de opinião que, apesar de importar diminuição nas receitas do Estado pela redacção de direitos pautaes, attendendo ás excepcionaes circumstancias que actualmente se verificam, ella é digna da vossa approvação, com as alterações propostas pela commissão de minas, commercio e industrias». Levou quasi um mez a redigir este importante documento, que foi hoje revelado na Camara dos deputados.

* * *

Quem salvou hoje a honra do convento, na Camara, foram os unionistas. O sr. Godinho—o de Almeirim—estava atrapalhadissimo e mais rubicundo do que nunca. Eram mais de trez e um quarto, e a respeito de numero, era uma vez os setenta e seis necessarios para haver funcção legislativa. E, á baixa, ha já timidos sussurros oposicionistas. O sr. Godinho irrita-se e pretende aguentar o barco. Mas de repente entram trez amigos do sr. Brito Camacho. Prompto. Ha numero. A sessão principia. A alegria do sr. Godinho, por não ter naufragado de encontro á indifferença dos seus correligionarios. Ha até quem jure que o viu lamber os beiços de contente...

* * *

O castello de Leiria, segundo se affirma, não será de todo abandonado ao seu destino. Segundo consta, o sr. ministro do fomento vae dotal-o com alguns milhares de escudos, para que se realisem o mais breve possivel as obras de consolidação reputadas indispensaveis. Ha por ahi quem, desde as secretarias do Estado ao Parlamento, opine pela reconstrucção das bellissimas ruinas. Oh! inconsciencia dos homens, a quanto obrigas! Sabem elles, porventura, que para reconstruir a preciosa alcaçova de D. Diniz seria preciso fazer tudo de novo? Pois se o não sabem que meditem n'isso, para medirem bem o alcance do seu inconcebivel disparato...

Vida elegante

O chefe do Estado assiste á «matinée» offerecida pelo ministro da Russia

Nos sumptuosos e artisticos salões da legação da Russia effectuou-se hoje a «matinée-tea», offerecida pelo illustre diplomata e sua esposa ao chefe de Estado e á sr.ª D. Elzira Machado.

Além do sr. presidente da Republica, esposa e filhas, assistiram á encantadora festa, em que tomaram parte os artistas lyricos de nacionalidade russa, actualmente figurando no «elenco» do Colyseu dos Recreios, os srs. dr. Affonso Costa, presidente do ministerio, ministro dos estrangeiros, sr. Augusto Soares. Lambertini Pinto, Ferreira Martins, dr. Antonio Maceira e esposa e os ministros de Inglaterra, França, Italia, Hollanda, Hespanha e China, acompanhados pelos respectivos secretarios e addidos militares, bem como os consules da Russia e da Inglaterra.

Acompanharam o chefe de Estado o secretario da presidencia sr. Maia Pinto e o official de secretaria, sr. Luiz Barreto da Cruz.

Os artistas lyricos foram acompanhados ao piano pelo primeiro secretario da legação russa, distincto «virtuose».

Além d'esses artistas, o illustre barytono Battistini cantou quatro «romanzas», duas em italiano, uma em francez e outra em hespanhol.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. dr. Duarte Leite, nosso embaixador no Brazil.

—A commissão de «Amigos do Castello de Leiria» com os representantes da camara municipal, governador civil, deputados, senadores, director das obras publicas e engenheiro Korrodi foi hontem recebida pelo sr. ministro do fomento, de quem sollicitou dotação para a conservação e reparação da'quelle castello. O sr. Antonio Maria da Silva prometteu conceder a verba necessaria para as primeiras reparações e que dentro do orçamento faria o possivel por conservar aquelle monumento.

—Os srs. drs. José Bessa de Carvalho, deputado, e Lagos Cerqueira, presidente da camara municipal de Amarante, estiveram hoje conferenciando com o sr. ministro da guerra sobre a ampliação do novo quartel de artilharia 4, n'aquella villa. O sr. Norton de Mattos deu ordem para que se active o processo de acquisição de terrenos para tal fim.

—Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura, entre outros, os decretos: passando á situação de reforma os generaes Antonio Vicente Ferreira Montalvão e Vicente Ferreira dos Santos e o coronel de infantaria Manuel da Costa e Sousa; á de reserva o coronel de engenharia, graduado, Eduardo Augusto Xavier da Cunha; á de inactividade o major de infantaria Arnaldo Augusto Rebello da Silva e á de supranumerario o major de infantaria Adriano Mendes Strecht de Vasconcellos; arregimentando o major de artilharia José Maria Rebello Valente de Carvalho.

—Entrou hoje a barra um contra-torpedeiro francez.

Uma carta

sobre a nova gerencia da casa Burnay

Recebemos da casa H. Burnay & C.ª, a seguinte circular que esta casa dirige aos seus correspondentes:

Temos a honra de informar v. ex.ª de que, por escriptura lavrada n'esta data nas notas do tabellião Tavares de Carvalho, o nosso amigo e socio sr. Eduardo John, que fazia parte da nossa casa desde 1874, por motivos de caracter pessoal, se retira, com grande pezar nosso, d'esta firma, e que o nosso collaborador, sr. dr. Balthazar Freire Cabral, que era portador até esta data da nossa procuração geral, entrou hoje para a nossa sociedade, como socio gerente.

Estes factos não determinaram nenhuma alteração na existencia da nossa casa que, nos termos do contracto de sociedade, continua subsistindo com os outros socios, a viuva e os filhos do fallecido sr. Conde de Burnay e os filhos do fallecido sr. Ernesto Empis, sob a mesma razão social, com o mesmo capital e gerida pelos socios Conde de Burnay, Roberto Burnay e Balthazar Freire Cabral.

As procurações dadas aos srs. dr. Balthazar Freire Cabral e Eduardo Merck cessam os seus effeitos desde a presente data ao passo que as dos srs. José Manuel Morales de los Rios, João Sequeira Nunes e Raul Empis continuam em vigor.

Conferimos ainda a nossa procuração geral collectiva ao chefe da nossa contabilidade sr. Louis A. Chatelanaz que assignará juntamente com qualquer dos tres procuradores acima indicados.

Junto encontrará v. ex.ª o «fac-simile» das assignaturas que obrigam a nossa casa a partir d'esta data.

Somos, com toda a consideração e estima —De v. ex.ª—Mt.º Att.tos Ven.res—Henry Burnay & C.ª.

Seguem as assignaturas dos srs. socios gerentes: conde Burnay, Roberto Burnay e dr. Balthasar Cabral, e as dos procuradores: José Manuel Morales de los Rios, João Sequeira Nunes, Raul Empis e Luiz A. Chatelanaz.

Como se vê o sr. dr. Balthasar Cabral, que é uma das figuras que mais brilhantemente se destacam no nosso meio, entrou para aquella casa na mesma cathegoria em que de ha muito alli exerciam o mesmo cargo de gerentes os srs. conde Burnay, Roberto Burnay, e Eduardo John, o qual pela nova escriptura deixou a sociedade.

THEATROS

Entre nós

No theatro do Gymnasio realisa-se ámanhã a recita do actor Mario Duarte, representando-se a peça *La donna é mobile* e dizendo o festejado versos de poetas novos e ainda incognitos. Mario Duarte um novo, que em pouco tempo soube conquistar um logar de destaque no theatro, vae ámanhã ter a prova de quanto são apreciados o seu talento e o primoroso caracter.

SPORT

Velhos athletas de Portugal, sempre rijos...

(Cartas a um velho amigo)

O que ouvi e soube hontem na "matinée,, do Gymnasio Club

Cesar—Fui hontem ao Gymnasio Club. *Havia lá uma «matinée» para apresentação d'uma classe infantil de gymnastica.* O Arthur dos Santos apresentou-a com intelligencia, porque não descurou os exercicios, que reunidos, podem formar o programma completo d'uma lição e soube compôl-os com artistico «mise-en-scene», que se tornou absolutamente necessario para as festas presenciadas por muita gente.

Encontrei lá muitos amigos antigos, que começaram de amena e futil «cavaqueira» e terminaram por discutir, «a serio», assumptos de gymnastica e de programmas de ensino. Soube coisas curiosas, de que te hei-de falar nas mais proximas cartas sobre projectos governamentaes. Disseram-me que, no ministerio da instrucção, trabalhava uma commissão para regulamentar a gymnastica e para estabelecer as bases d'uma escola normal e que d'essa commissão faziam parte cinco collegas meus, cinco medicos. Indicaram-me o nome de dois, os drs. Saccadura e Pinto de Miranda. Estes, pelo menos, devem ter facilitada a tarefa em questão de projectos porque fizeram parte da Sociedade Promotora de Educação Physica que durante certo tempo teve uma «febril actividade de gabinete», formando relatorios, estabelecendo normas de programmas e até definindo orçamentos para futuros professores da Escola Normal!...

Soube d'um caso d'um professor «official» que manteve um dos ultimos dias, no seu curso, a disciplina, á bengalada sobre um alumno, chegando a partir a bengala! Ouvi-o dizer, mas custou-me a acreditar. Emfim, é possivel, porque o «homensinho» é capaz de tudo. Não resta duvida que é um «tarado»... Adivinhaste quem é?

Mas deixemos estes casos, que ainda hei-de promenorisar nas proximas cartas e vamos ao assumpto que me propuz esclarecer e que é o da gymnastica no homem adulto e no homem velho. Pois sobre este assumpto, ouvi coisas interessantissimas. Por exemplo, o coronel Avelar Telles, criticando as minhas ultimas cartas, lembrou-se de me dizer a sua edade. Tem 70 annos. Pois ainda anda aprumado, alegre e saudavel. Ainda se sente capaz de fazer uma «simultanea a tempo» nas argolas. Ainda faz, diariamente, os seus passeios a cavallo. Ainda se sente desejoso de «ensinar» um cavallo insubmisso. E confiou-nos que, frequentes vezes, para não esperar os electricos faz alguns kilometros a pé, para visitar um irmão que tem no Arieiro! Apresenta tambem aquella clara lucidez de espirito que o tornaram no Gymnasio, afamado pela fina conversação, sempre intelligente e sempre com primores de vasta illustração.

Como conseguiu este authentico athleta, meudo de corpo mas rijo de musculos, esta «mocidade eterna»? Não foi, podem estar convencidos, com a gymnastica hygienica, «forçada» e servilmente traduzida que por ahi anda. Foi sim com cuidados de hygiene, com doseamento de trabalho muscular e com conselhos do «velho» Luiz Monteiro, que soube tirar do Schraeber, do Amoros, de Pestalozzi, do Chassaigne, do Daly, o bom que elles tinham nos seus livros para fazer um methodo seu que não era nada mau...

Mas exemplos como o do coronel Avelar Telles ha muitos. Disse-me o Arthur dos Santos que ha dias ficou maravilhado de ver o general Arbués Moreira, trepar n'uma bicicleta a rampa da Ajuda, chegando ao topo menos cançado e com menos esforço que o mais lepido dos ciclistas de hoje...

Tudo isto o que quer dizer? O que significam estes exemplos, juntos aos que conhecemos sobre authenticos campeões do mundo, como aquelle celebre Bob Fitzsimmons, que aos 50 annos ainda se atreve a combater o feroz negralhão do Jack Johnson?

Simplesmente o seguinte: que os exercicios *physicos pódem e devem ser praticados em todas as edades e que o homem adulto que os pratica, com methodo e sem exaggeros*, mantem a sua energia e conserva a sua saude.

Mas que exercicios se devem praticar, de preferencia, n'estas edades? Ainda hei de dizer o que o meu estudo transformou n'uma convicção. Por hoje basta affirmar que o dr. Lagrange, mestre n'estes trabalhos de medicina pelo movimento, preconisava certos exercicios que aos novos prohibia! E' que isto de gymnastica não é «droga» que se possa dar a toda a gente, egual e em todas as edades. Hei-de dizer porque.—*J. P.*

Notas do dia

Esgrima internacional

O intelligente jornalista madrileno Ricardo Ruiz Ferry annuncia-nos que já está constituida a «equipe» de amadores de esgrima de espada que acompanhará a Lisboa o professor hespanhol Angel Lancho e que, na nossa cidade, se baterá com uma «equipe» de sete dos nossos amadores capitaneada pelo professor Carlos Gonçalves.

As informações completam-se dizendo que os nossos visitantes sahem de Madrid na tarde do dia 16 de março.

O torneio realisa-se no dia 18 e será organisado pela Sala d'armas Carlos Gonçalves.

* * *

No Centro Escolar dr. Magalhães Lima

Hoje, á noite, reunem os corpos dirigentes do Centro Escolar Dr. Magalhães Lima, que está desenvolvendo uma benemerita e educativa acção no bairro de Alfama, para discutir os seus estatutos e o seu *regulamento interno*. N'aquelles e n'este fazem-se referencias *a aulas de educação physica e de canto coral*. Quer dizer que a creançada do povo, já tem quem olhe pelo seu desenvolvimento corporeo. Ainda bem. Mas, o Centro Escolar, pelo desejo do seu venerando patrono e pelos patrioticos e benemeritos intuitos de Pedro Botto Machado, D. Maria Clara Correia Alves, dr. Adelino Furtado, Tavares de Mello e Rozendo Carvalheira, quer levar mais longe essa excellente educação. Projecta-se excursões com os seus pequenitos que já são ás centenas, para os arredores, para o campo e para as bandas do mar. E' que é necessario que os seus pequeninos pulmões recebam a boa oxygenação...

Desafios internacionaes de «foot-ball»

O Sport Lisboa e Bemfica aguarda hoje a recepção d'um telegramma, confirmando a visita dos jogadores hespanhoes de «foot-ball» do Racing Club de Madrid para jogarem em Lisboa, nas tardes dos proximos dias 19 e 20.

A visita dos hespanhoes que ainda ha um mez estiveram em Lisboa justifica-se dizendo que os «players» do Racing deixaram uma bella impressão do seu valor athletico.

Algumas anecdotas

Estava collocado entre os dois...

Um medico de aldeia, o sr. dr. J. M., —*segundo nos informam*—chegou a um hotel de provincia e deixou á porta o seu velho automovel, dos tempos do pae Adão, mas que ainda presta serviços na sua clinica. Entrou para a casa de jantar, enroupado com um fato velho, talvez da mesma edade do seu automovel e foi collocar-se á meza, entre dois elegantes automobilistas, de ricos trajes de «chauffeurs». Os dois chics automobilistas riram muito da estranha apparição do medico. A troça foi terrivel! O clinico, muito serenamente, disse-lhes:

«Os senhores riem-se de mim, porque não estou vestido como os senhores, á ultima moda. Mas podem ter a certeza de que não sou nem um burro nem um imbecil...

—«Mas póde estar collocado entre um e outro,—disse em tom ironico um dos elegantes.

—«Tem razão, tem razão... E' uma verdade o que o senhor diz...»

Os grandes récords

De força em Portugal

No quadro dos «records» do mundo de força figuram alguns que pertencem ao hercules athleta portuguez Manuel da Silveira. E aida até hoje não tiveram quem os egualasse ou excedesse!... E' o que se percebe vendo a lista d'esses «records» authenticada pelo Halterophile Club de France.

Manuel da Silveira figura ali com os exercicios de 53 kilos ao «developpé» no braço esquerdo e 186,500 kilos da flexão completa sobre as cóxas, seguida de extensão tendo o peso sobre os *hombros!*

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Campo de «foot-ball» na Amadora

Está completa a terraplanagem do terreno que vae servir para o campo de «foot-ball» dos Recreios Desportivos da Amadora. Agora segue-se a vedação e a esta seguir-se-ha a construcção da barraca com vestiarios, balnearios, etc.

A inauguração deve fazer-se no fim do mez de março.

OPERA LYRICA

A recita de despedida de Battistini

A avaliar pela enorme procura de bilhetes a recita da moda de hoje, no *Colyseu dos Recreios*, corresponderá a uma das mais bellas enchentes que tem tido esta casa de espectaculos na actual epo-

ca. Canta-se a *Fedora*, tendo-se encarregado da parte de protagonista a soprano sr.ª Orbellini que terá como collaboradores o tenor Tincani, o baritono Zuffo e os baixos Mariaches e Fiore.

A recita mais sensacional de toda a temporada será a de ámanhã, em que se despede do publico de Lisboa o baritono Battistini que cantará, além do prologo dos *Palhaços*, a opera *Traviata*. Os inenarraveis exitos alcançados em toda a parte do mundo pelo extraordinario artista e ainda ha pouco em Barcelona, n'estas duas interpretações, fazem prever o enthusiasmo e delirio com que será saudado ámanhã o genial representante da velha escola de canto.

Na quarta-feira, estreia-se a sr.ª Maria Galvany, uma das artistas liricas que maiores triumphos tem obtido no Colyseu.

EM TORNO DA GUERRA

Methodos allemães de expansão commercial

O sr. Henri Hauser, professor da Universidade de Dijon e correspondente do Instituto de França, acaba de publicar com esse titulo um livro que se dirige sobretudo aos commerciantes francezes, mas que poderá ser lido com proveito no estrangeiro, por *todo* aquelles que queiram saber de uma maneira exacta, os processos pelos quaes a Allemanha tem desenvolvido de uma maneira prodigiosa, o seu commercio exterior, n'estes ultimos trinta annos.

Ninguem contesta que os allemães devem em grande parte os seus successos na lucta economica ás suas qualidades de trabalho, de methodo, d'espirito directivo e de disciplina.

Mas as relações commerciaes entre os estados são, como as fronteiras politicas, a maior parte das vezes fixadas por tratados. E esses tratados de commercio, resultado de negociações onde cada qual procura pôr em evidencia os seus interesses, são um compromisso entre interesses oppostos. Um accordo acaba por se estabelecer por uma serie de concessões reciprocas, quando succede que um dos partenarios, depois de uma guerra victoriosa, por exemplo, não possa mais impôr a outro estado condicções terriveis, submettendo-o a uma escravidão economica. Assignado o tratado, poderemos affirmar que cada estado a elle se conformará lealmente? A concorrencia que é o melhor estimulante das energias *é completamente legitima*, mas nos limites permittidos pelo tratado. Noutros termos, ha uma moral do commercio acceitavel para o mercado exterior como para o mercado interior. Vejamos como a Allemanha a isso se conformou.

Sabe-se em que consistem esses agrupamentos creados para luctar contra a concorrencia que entre ellas fazem as industrias rivaes e que se chamam *cartels*. Em parte alguma são mais numerosos do que na Allemanha. O *cartel* limita a producção de cada um dos syndicados para evitar a plethora e mantem os preços da venda a uma taxa remuneradora. Que esse systema apenas applicavel a um paiz protegido por uma barreira de alfandegas seja ou não favoravel aos interesses economicos, é uma questão que só diz respeito ao paiz onde esse systema funcciona.

Mas os industriaes syndicados trabalham tambem para o estrangeiro. Ora quem os impede de, no exterior, vender com um pequeno beneficio, a fim de se assegurar d'esses mercados, encontrando de outra parte, no mercado interior uma larga compensação? Quem os impede de vender mesmo com perda, de maneira a arruinar toda a concorrencia e a luctar victoriosamente contra os proprios interesses nacionaes? E' o systema que muitas vezes adoptam os *cartels* allemães.

Querem um exemplo? As travessas d'aço cujo preço do custo oscilla entre 85 a 95 marcos a tonelada e que valem 130 marcos na Allemanha, vendiam-se antes da guerra, entre 120 a 125 marcos na Suissa, 103 a 110 marcos em Inglaterra e 75 marcos sómente na Italia. Como se poderá, n'estas condições, luctar, por exemplo, no mercado italiano?

Mas, podem-nos dizer, o estrangeiro ganha com isso. Decerto. Acha mesmo muito vantajoso o ser assim fornecido a baixo preço. Mas as industrias nacionaes paralysam-se e muitas arruinam-se. Quem não vê as consequencias desastrosas d'um semelhante systema quando é applicado ás industrias necessarias para a defeza do territorio? E a Allemanha praticava-o em grande escala.

E praticava-o mesmo com o apoio do Estado para os productos agricolas, porque era necessario agradar aos agrarios das provincias de Este, cujos interesses tinham sido sacrificados aos dos industriaes do Rheno e da Silesia. Chegou-se a esse resultado pelo engenhoso systema *do bon* d'importação (*Einfuhrschein*), graça ao qual, verdadeiro paradoxo, a Allemanha que não produz os cereaes necessarios para o seu proprio consumo, fornecia centeio, mesmo a um paiz productor como a Russia.

O exportador de cereaes ou de farinha recebia um *bon* d'importação, permittindo-lhe importar uma quantidade equivalente de cereaes ou de farinha. Mas podia substituir um cereal por outro e podia mesmo substituir os cereaes por outros productos. madeiras de construcção, chá, café, etc. Podia emfim negociar na Bolsa o seu *bon*-d'importação. Por exemplo: o centeio pagava direitos d'entrada na Allemanha, 50 marcos por tonelada. Supponhamos que valha 110 marcos a tonelada no mercado mundial e 150 marcos na Allemanha. O allemão que venderá o seu centeio a 110 marcos no extrangeiro, receberá um *bon*-d'importação valendo na Bolsa 50 marcos (preço egual ao direito d'alfandega) e receberá 160 marcos, isto é, 10 marcos a mais se elle o tivesse vendido na Allemanha.

Foi assim que os moageiros allemães estabelecidos e installados em Polonia, moiam o centeio allemão, fornecendo de farinha a Polonia ou a Finlandia e reenviando ás herdades allemães o farello que não pagava direitos. O que é em realidade esse direito d'importação senão um premio para a sahida? Assim se falsificaram pela Allemanha e em seu proveito as clausulas do tratado de commercio que a ligava á Russia.

Isso não podo durar sempre e a Allemanha viu bem isso a tempo. Sabia que não poderia mais encontrar nos russos, quando se tratasse do renovar o tratado de commercio que acabava em 1917, as facilidades que obtivera em plena guerra russo-japoneza. Sabia que a Russia, recusando passaportes a centenas de milhares d'operarios que todos os annos passavam a fronteira para ir cultivar as propriedades agrarias d'Este, ou trabalhar nas officinas da Ruhr, podia prival-a d'uma mão d'obra que lhe era indispensavel.

Já haviam começado as legitimas represalias. O Canadá inundado de productos allemães decidira impôr uma sub-carga de direitos de alfandega egual á differença entre o preço da venda na Allemanha e sobre o seu proprio territorio. E outros povos iam seguir este exemplo.

Foi para sahir d'essas difficuldades que a Allemanha tentou pela força, uma decisão. E eis a razão da guerra.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Os redemptores da Illyria.

REPUBLICA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA—A's 21—O cão do commissario.

GYMNASIO—A's 21—O manequim.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Prologo dos Palhaços—Traviata.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA DE OUREM, 11.—Foi concorridissima a reunião hontem realisada na séde do Centro Republicano de Villa Nova de Ourem, a convite do administrador do concelho, sr. Arthur de Oliveira Santos. Compareceram as commissões parochiaes de todas as freguezias do concelho, tendo apenas a de Freixianda communicado não poder assistir, mas dando todo o seu apoio ás resoluções tomadas.

Foram reclamados aos deputados pelo circulo melhoramentos que são indispensaveis e a que este concelho tem jus, e que a serem satisfeitos, como é de justiça, virão abrir novas fontes de riqueza e de trabalho.

Não é indiscreção tornar do dominio publico assumptos que interessam sobremaneira o concelho de Ourem e até alguns limitrophes, e que na reunião de hontem foram tratados.

Referimo-nos á construcção de um ramal que partindo da estrada n.º 121 conduza ás importantes aguas do Agroal, onde milhares de pessoas concorrem todos os annos, e de que se dizem maravilhas, pois que algumas pessoas veem d'ali completamente curadas; o caminho de ferro de Thomar á Nazareth, da creação de uma estação telegrapho postal na Freixianda, onde as transacções commerciaes são importantes e que possue mercados e feiras que bem se podem classificar como dos primeiros do districto.

A reunião, que principiou ás 14 horas e terminou ás 16, correu animadissima, sendo no final levantados calorosos vivas á familia republicana, á Patria, á Republica, ao dr. Affonso Costa, etc.

BARREIRO, 13.—Tocou hoje n'um coreto seu, armado n'um jardim junto ao cemiterio velho, a banda da Sociedade Democratica União Barreirense, que foi muito applaudida.

—Seria muito conveniente que a commissão dos festejos da Senhora do Rosario, em vista de, segundo nos consta, já não realisar a festa, cedesse á camara, para serem collocados em duas praças da villa, os dois coretos que existem em seu poder, para que as trez sociedades da terra tocassem alternadamente alguns domingos. Tanto mais justo é isto, que os coretos foram feitos com o dinheiro do povo d'esta villa.

Aqui fica o alvitre.

Movimento maritimo

Pará e Manaus, «Antony» (Liverpool) 1[illegible]

surgia dos seus refugios subterraneos.

No valle, abaixo das alturas de Souchez, o seu cemiterio, o «Cabaret Rouge» e o castello de Carleul, que ficava proximo, haviam sido fortificados com todos os engenhos de destruição conhecidos pela engenharia allemã.

A aldeia podia ser alcançada, do sul e do norte, pela estrada de Arras-Béthune, de sudoeste e oeste, pelos valles dos riachos Carency e Nazaire, que se juntam para formar a torrente de Souchez. No cimo d'esses valles ficavam as ruinas de Carency e Ablain St. Nazaire. Fazendo diques nos dois riachos, os allemães tinham creado um pantano que se não podia atravessar e que obrigava as columnas francezas assaltantes a dividirem-se em duas.

Contra o lado norte de Souchez era impossivel um ataque emquanto os allemães occupassem as suas trincheiras nas encostas orientaes do planalto de Notre Dame de Lorette e em Bois-en-Hache. Desalojal-os do bosque e das trincheiras era difficil, porque a infantaria que avançasse ficaria exposta ao fogo de enfiada da artilharia allemã que estava em Liévin, Angres e Givenchy-en Gohelles.

Como o generalissimo inglez sir John French observou, o 10.º exercito francez, sob o commando do general d'Urbal, tinha de atacar «posições fortificadas de immensa força, em que mezes de trabalho haviam sido dispendidos e que se estendiam por muitos kilometros».

A tarefa de sir Douglas Haig, que commandava o quinto exercito inglez, cuja ala direita se havia em setembro estendido para a região de Grenary, a uns cinco kilometros ao norte do planalto de Notre Dame de Lorette e a uns seis kilometros e meio a oeste de Lens, parecia á primeira vista mais facil, porque as alturas de Loos-Hulluch-Haisnes tinham apenas metade da altitude das de Vimy.

Não havia a minima indicação das difficuldades que o commando inglez ia ter de vencer. A planicie cavada por essas alturas estava cheia de aldeias, fabricas e poços de minas interceptados por trincheiras. Annos antes da guerra as industrias haviam cavado poços e tunneis por baixo d'ella; durante doze mezes quasi, os allemães e os seus escravisados prisioneiros haviam excavado trincheiras nas elevações, de modo que o terreno que não era coberto por edificações ou minas assemelhava-se ás excavações que se fazem para os alicerces d'uma poderosa cidade.

O gradeamento das trincheiras allemãs—de 8 ou 9 pés de profundidade, a maior parte tendo plataformas de madeira para as metralhadoras—entre Lens e Loos, Loos e Hulluch, Hulluch e Aisnes e Haisnes e La Bassée, era completado por reductos e postos de observação.

Em frente de Grenay e a oeste de Loos havia dois grupos de metralhadoras. Mais proximo de Loos o cemiterio e grandes fossas formavam uma poderosa barreira. Por detraz das suas paredes estavam assentes numerosas metralhadoras. N'uma eminencia que havia de Vermelles para Loos ao longo da cumiada das biaxas havia um reducto allemão, com 500 metros de diametro, d'onde se avistava Loos, além d'este a «cota 70» e os suburbios de Lens, emquanto ao norte Hulluch e as suas pedreiras, o casal de St. Elie e a aldeia de Haisnes, em frente da qual ficavam a fossa designada pelo numero 8 e e reducto «Hohenzollern» eram visiveis.

A propria Loos, uma cidade que antes da guerra tinha 12.000 habitantes, dos quaes ninguem, a não ser a heroina Emilienne Moreau e algumas mulheres e creanças, ali ficára, era um agglomerado de ruinas. A principal rua que corria de oeste para leste e que antes do bombardeamento era constituida por estabelecimentos e cafés, apresentava o aspecto da desolação. A egreja, um montão de ruinas, testemunhava a antiguidade da cidade.

Além de Loos e a sudeste, na entrada para Lens, ficava a fossa 12

do que os planos das suas trincheiras haviam sido reproduzidos e as posições da sua artilharia eram conhecidas dos artilheiros inglezes.

Tal tarefa era deveras exhaustiva e arriscada, porque os aviadores tinham de permanecer durante muito tempo ao alcance da artilharia inimiga. Esse perigo poderá ser melhor avaliado quando dissemos que, por exemplo, uma machina foi alvejada por nada menos de trezentos tiros logo que atravessou as linhas alle-

Trazendo feridos turcos para as linhas inglezas

mãs, conseguindo comtudo o observador levar a cabo o seu trabalho.

Factos de tal natureza demonstram a maior coragem e dizendo-se que quasi todos os dias se davam é o sufficiente para mostrar o grande valor do corpo d'aviadores inglezes. E, a accrescentar a isso, havia ainda a lucta que se tinha de sustentar com os aviadores inimigos. D'uma vez, por exemplo, um aviador inglez teve de se bater com quatro machinas allemãs. Conseguiu pôl-as em fuga e fazer o reconhecimento de que fôra incumbido.

D'outra vez, dois officiaes tiveram de se bater com seis «taubes», conseguindo avariar pelo menos um d'elles.

As notas e as photographias tiradas pelos aviadores eram completadas tanto quanto possivel pelas observações feitas á superficie da terra. Antes e durante a batalha de Loos muitos audaciosos e arriscados feitos foram levados a cabo por officiaes inglezes e homens que iam examinar a altura e a profundidade dos obstaculos e as posições que tinham sido avistadas pelos aviadores ou que tinham sido reveladas pelas negativas das photographias por estes tiradas.

A occupação das estações de observação das quaes se telephonava para as baterias o effeito do tiro era tambem muito arriscada, pois tinha, como é obvio, de ser feita no campo de batalha. Tinha de se andar milhas e milhas para encontrar um posto adequado na cumiada d'uma trincheira e muitas vezes apenas se podia recorrer aos periscopios, o que era um rude trabalho. E esse instrumento em muitos casos não servia, porque eram incompletas as informações que por seu intermedio se obtinham, tendo de se recorrer ás «de visu».

Citaremos apenas os nomes d'alguns officiaes que foram feridos ao procederem a observações, para demonstrar a difficuldade de tal trabalho. Nas noites de 12 para 13 de setembro e de 23 para 24, o segundo tenente M. H. Gilks, do 1.º de Fuzileiros de Surrey, cahiu sobre os arames farpados allemães proximo de Marrocos. No decurso do seu segundo reconhecimento, recebeu dois ferimentos. Ao segundo tenente do mesmo regimento C. H. H. Roberts o mesmo succedeu. O segundo tenente N. R. Colville, do 10.º de Highlanders de Argyll e Sutherland, á 7 d'agosto e nos dias 8 e 9 de setembro, arriscou a vida para observar as posições do reducto «Hohenzollern», sendo tambem ferido, embora não gravemente.

Além dos reconhecimentos e dos combates que tiveram que sustentar, os aviadores inglezes fizeram excellente serviço bombardeando as com-

municações allemãs. Durante as operações do fim de setembro, quasi seis toneladas de explosivos foram arremessadas sobre diversos locaes, campos de concentração, estações de caminhos de ferro, depositos de munições, etc. O corpo de aviação tornara-se realmente a quinta arma.

Das façanhas individuaes executadas pelos aviadores vamos dar alguns exemplos. No dia 21 de setembro, quatro dias antes da batalha de Loos, o capitão L. W. B. Rees, acompanhado do sargento Hargreaves, viu um grande biplano allemão armado de 2 metralhadoras, a uns 2.000 pés abaixo d'elle. Embora o seu apparelho apenas tivesse uma metralhadora, não hesitou em descer e atacar o inimigo. Este, cuja machina era mais pezada, manobrou de modo a apanhar o apparelho inglez de travez e abrir fogo sobre elle. Mas o capitão Rees precipitou o ataque e conseguiu attingir o biplano allemão, que cahiu dentro das linhas germanicas. O aviador inglez tinha tido préviamente dois duellos no ar.

O segundo tenente S. H. Long, da Infantaria Ligeira de Durham e do corpo d'aviação, no dia 10 de setembro poz, com bombas, fóra d'acção uma bateria contra os aviões e tinha destruido um balão captivo. A 23 de setembro atacou por duas vezes comboios allemães da altura apenas de 500 pés. Durante a batalha de Loos, bombardeou um comboio sob um violento fogo de fuzilaria e causou sérios estragos na linha. N'esse mesmo dia, apezar da escuridão e do mau tempo, esforçou-se por destruir outros comboios.

A chuva violenta impediu que o conseguisse. No emtanto, atacou a estação do caminho de ferro de Péronne, que foi salva pela bateria contra aviões que havia na vizinhança. Não podendo conseguir o seu objectivo, Long desceu a 1.500 pés e reduziu ao silencio uma bateria «Rocket».

Como dizemos, alguns comboios foram atacados pelos aviadores inglezes. A 26 de setembro, o segundo tenente D. A. C. Symington, do Real Corpo d'Avaição, destruiu parte de um comboio que seguia para St. Amand. Um outro official, o tenente G. A. K. Lawrence, a 21 de setembro procedeu a um reconhecimento em noventa e seis kilometros a dentro das linhas allemãs, sendo repetidas vezes atacado por um apparelho inimigo.

Durante o primeiro dia da batalha de Loos desceu a 600 pés da terra e attingiu um comboio em movimento proximo de Lille. No dia seguinte, repelliu um aeroplano allemão que estava atacando os apparelhos empregados no bombardeamento. Finalmente, a 30 de setembro, andou em reconhecimento durante tres horas, com muito mau tempo. O seu aeroplano foi attingido em setenta sitios pelos canhões contra aviões quando atravessava as linhas allemãs.

Um ultimo exemplo da audacia mostrada pelos aviadores: o tenente C. E. C. Rabagliati, da Infantaria Ligeira de York e do Real Corpo d'Aviação, e o segundo tenente A. M. Vaucour, da Real Artilharia de Campanha e do Corpo d'Aviação, a 28 de setembro fizeram um reconhecimento sobre Valenciennes e Douai. Tiveram de voar no meio d'um denso nevoeiro durante quasi todo o percurso. Os dois valentes officiaes, sob um violento fogo, executaram a sua perigosa tarefa.

Os artilheiros dos canhões contra aviões tambem fizeram magnifico trabalho. Um canadiano só por sua parte abateu oito aeroplanos no espaço de tres mezes, facto digno de menção.

Já nos referimos aos ataques simulados para illudir o alto commando allemão. Os serviços prestados pelos aviadores inglezes, impedindo que as principaes forças alliadas de homens e material ao norte de Compiègne que estavam sendo concentradas entre Arras e Béthune fôssem vistas pelos observadores aereos allemães, assim como os seus reconhecimentos e o bombardeamento por elles levado a cabo, foram dignos de louvor.

Falta-nos descrever as posições allemãs que French, Foch e d'Urbal tinham resolvido atacar a 25 de setembro e nos dias seguintes.

Em maio e em junho, na batalha de Artois, o general d'Urbal, com o 10.º exercito francez, havia, sob as vistas dos generaes Joffre e French, repellido os allemães do planalto de Notre Dame de Lorette, tomado as aldeias de Ablain St. Nazaire e Carency, as «Obras Brancas» que ligavam Carency com o casal de La Targette, a aldeia de Neuville St. Vaast, e a formidavel fortaleza subterranea dnominada «O Labyrintho», construida na estrada Arras-Lens.

Abaixo da ravina no valle que ia de Ablain St. Nazaire para Souchez na estrada Arras-Béthune haviam em junho aberto gradualmente caminho, apoderando-se da refinação d'assucar e do grupo de tres casas conhecidas pelo nome de «Moinho Malon». A 17 de junho, o cemiterio de Souchez foi tomado, mas os allemães, auxiliados por nuvens de gazes asphyxiantes, retomaram-no tres semanas depois.

A importancia das posições tomadas pelos francezes era grande, mas os allemães, ao norte de Souchez, occupavam ainda as encostas orientaes do planalto de Notre Dame de Lorette e o Bois-en-Hache, e a sua linha estendia-se ao norte de Angres e Liévin em frente das baixas elevações de Loos-Hulluch-Haisnes até ao canal Béthune-La Bassée-Lille na vizinhança de La Bassée. Ao sul de Souchez, obliquava para leste da estrada que corre de Béthune por Souchez e La Targette para Arras e atravessava o Scarpe nas cercanias d'aquella bombardeada cidade.

Entre os francezes e a planicie que se estende do Scarpe abaixo d Arras até ao canal La Bassée-Lille ficam as alturas de Vimy. A cidade de Lens fica no baixo terreno a leste de Liévin e sudeste de Loos. A tomada das elevações de Loos-Hulluch-Haisnes ou das de Vimy obrigaria os allemães a evacuar Lens.

O ponto mais baixo no planalto de Notre Dame de Lorette fica a 540 pés d'altura, mas o planalto em si mesmo não é sufficientemente elevado para dominar as alturas de Vimy. O ponto culminante n'estas alturas fica a 460 pés cima do nivel do mar e para além de Souchez a altitude é de 390 pés.

A nordeste de Neuville St. Vaast a cumiada das elevações era coroada pelo denso bosque de La Folie, que os allemães occupavam.

Estes estavam tambem entrincheirados em Thelus, Farbus, Petit Vimy e Vimy. De La Targette, a estrada Arras-Béthune desce para a aldeia de Souchez, que fica n'uma baixa. Antes de se chegar a Souchez, encontrava-se o «Cabaret Rouge». Para além, á esquerda da estrada, ficava o cemiterio e a uns cem metros de distancia ficavam as primeiras casas da aldeia. A leste da estrada, o terreno, interceptado por sebes e com uma arvore aqui e ali, erguia-se suavemente em direcção á escura massa do bosque de La Folie, e, ao norte d'este, para a cota 140. Nas alturas além de Souchez e a leste d'esta aldeia ficam a cota 119 e a aldeia e o bosque de Givenchy-en-Gohelles.

Ao longo das elevações desde a cota 119 até á cota 140 havia linhas de trincheiras allemãs ligadas por tunneis, estando as reservas e a artilharia pezada além da cumiada. As alturas de Vimy cahiam abruptamente para a planicie, o que fazia com que as tropas e os canhões que estavam abaixo da cumiada se encontrassem relativamente resguardadas da artilharia franceza, ao passo que as vedações d'arame farpado não podiam ahi ser destruidas pelos shrapnels.

Mais proxima dos francezes e a meio caminho da encosta havia uma funda estrada que corria parallelamente á cumiada.

A sua margem mais baixa, d'uns 15 pés d'altura, tinha sido posta em estado de defeza por meio d'um parapeito; comtudo, os allemães tinham feito um tunnel abaixo da estrada e construido no lado francez grandes subterraneos, cada um dos quaes tinha capacidade para conter meia companhia. O accesso aos subterraneos fazia-se por escadas a coberto da vista dos francezes, de modo que quando as suas tropas avançavam e desciam para a estrada podiam ser atacadas pelo inimigo que

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1985—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 15 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Factos

A «Capital» refere-se hoje a dois factos cuja approximação se torna necessaria, porque ella fará comprehender uma situação que obstinadamente se procura tornar absolutamente confusa.

Ha mezes, no Mar do Norte, um submarino allemão encontrou o vapor portuguez «Cysne», que com um carregamento de pinheiros se dirigia a Newport. O vapor foi mandado parar, e o seu commandante recebeu ordem para mandar sahir a tripulação do seu navio, porque elle ia ser mettido ao fundo, como realmente foi depois de os allemães terem saqueiado todos os metaes e mantimentos que havia a bordo. Pouco depois os tripulantes portuguezes que foram abandonados á sorte em baleeiras viram que os allemães faziam o mesmo a outro navio estrangeiro, que de repente por elles fôra avistado. Apoz bastantes horas de andarem no mar, uma chalupa franceza, que já recolhera os tripulantes do outro vapor, recolhia tambem os portuguezes.

A outra noticia que hoje a «Capital» publica é a dos trabalhos que estão sendo executados pela Empreza Industrial Portugueza, em serviço dos alliados. Essa casa tem encommendas de material de guerra, tanto para a França como para a Belgica. Em breve serão enviadas as primeiras remessas, que constam de muitos milhares de granadas, para esses dois paizes que combatem a Allemanha. E cabe ainda dizer que a França tem um seu delegado technico nas officinas em que se está preparando esse material de guerra, como não é menos certo que a mina de volfram da Borralha cujo director é um francez, que se considera mobilisado, e que envia para o seu paiz os seus productos para ahi serem aproveitados na fabricação de peças Canet.

Approximados, n'esta simples exposição, estes dois factos, elles comprovam bem a situação real existente entre os dois paizes. O afundamento do «Cysne» é um acto brutal, mas que se comprehende. A Allemanha trata-nos como inimigos. E em Portugal a Allemanha não pode ser tratada senão como inimiga.

Agora mesmo foi tornado publico um acontecimento que causou certa sensação no nosso meio financeiro. Pertencia ha mais de quarenta annos á casa Burnay um allemão, o sr. Eduardo John. Evidentemente, a presença d'um allemão n'essa casa a que pertence a Empreza Industrial Portugueza, que está fabricando material de guerra para os alliados, não podia ser vista com bons olhos pelos allemães. Ao mesmo tempo, os allemães que ficaram em Portugal não são menos combativos, dentro da esphera dos seus sentimentos, do que os allemães que combatem nas linhas de fogo. Elles não perdoavam ao sr. John os serviços que está prestando aos alliados a casa Burnay, de que fazia parte. A situação tornou-se insustentavel, e o sr. John teve de sahir.

O que é curioso é que, quando já no dominio dos interesses particulares, não é possivel manter uma situação ambigua, quando já é necessario absolutamente adoptar, de maneira decisiva, uma attitude, pró ou contra os alliados, o Estado que representa o paiz, o paiz cujas aspirações são conhecidas, o paiz que viu os allemães derramarem o sangue dos seus filhos, o paiz que se vê ultrajado e aggredido, não reconheça que não é possivel manter por mais tempo uma situação convencional, dubia, humilhante, e que nem sequer pode eximil-o a responsabilidades de que derivam tremendas eventualidades futuras!

Portugal declarou officialmente que estava ao lado da Inglaterra, e portanto dos alliados; Portugal forneceu á Inglaterra peças e espingardas; Portugal bateu-se com os allemães em Africa; Portugal está-se tornando uma fabrica de munições para os alliados. Individuos e emprezas, simples cidadãos e collectividades de varia especie, definem a sua attitude, de manifesta hostilidade á Allemanha. Os allemães já não podem estar junto de portuguezes, e vêem-se obrigados á deixar as suas situações em emprezas portuguezas. Na realidade, só ha um allemão que pode estar em Portugal, que é o sr. Rosen, como só ha um portuguez que pode estar na Allemanha, que é o sr. Sidonio Paes.

Clama-se que nós sômos pela guerra. O que nós sômos é pela verdade, é pela logica, é pelo brio de Portugal. Evidentemente esta verdade não convence os que não querem ser convencidos. Não convence o sr. Alpoim, que chora, nem o sr. Camacho, que sophisma. Mas a verdade tem um poder supremo, e segue o seu caminho sem que a façam parar os manejos da mentira.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Flôr da lama,,

por Eugenio Vieira

Um livro de contos. Quatro são elles apenas, mas o sufficiente para bem se poder avaliar do que Eugenio Vieira é capaz. Um pouco de scepticismo, talvez; mas magnifico o poder descriptivo, principalmente no conto que fecha a serie, «José Pancadáres». Quem conheça a vida dos maltezes do Alemtejo e a arida e desolada paisagem de leguas e leguas de terreno d'essa esteril e ao mesmo tempo tão rica provincia encontrará ali reproduzidas fielmente algumas passagens da vida quotidiana, que a muitos passa despercebida.

A producção de Eugenio Vieira, edição da livraria Classica Editora, firma os creditos de que o escriptor ha muito gosa.

Os nossos collaboradores e as novas secções d'"A Capital"

Teem obtido um exito, que muito nos lisongeia as novas secções d'*A Capital*, firmadas pelos nossos collaboradores sr.ª D. Luiza de Sousa e srs. Guedes de Oliveira e dr. Manuel Monterroso.

As *Notas d'Arte*, da sr.ª D. Luiza de Sousa, são conselhos praticos, uteis, com que muito teem a lucrar todas as senhoras, pois que a distincta professora dá n'um estylo claro, comprehensivel, todas as explicações necessarias para bem se executar o trabalho. Assim se vê das suas chronicas sobre o trabalho em couro e sobre o da pregaria. Nada falta n'ellas, nem mesmo a reproducção dos apparelhos que devem ser empregados. As *Notas d'Arte* continuarão a sahir ás quintas feiras e domingo.

Da secção *Cartas na meza*, firmada por Guedes de Oliveira, desnecessario é falar. O nosso presado amigo e collaborador confirma n'ella, mais uma vez os seus brilhantes dotes de jornalista, que lhe deram um logar de destaque na imprensa portugueza.

Quanto ás caricaturas do dr. Manuel Monterroso, as até hoje publicadas dirão, melhor do que nós o poderiamos fazer do valor de ha muito consagrado, do illustre artista.

Procura assim *A Capital*, embora com sacrificio, corresponder ás exigencias d'um jornal moderno em tôda a acepção da palavra.

UMA INDUSTRIA NOVA

O fabrico de granadas

nas officinas da Empreza Industrial Portugueza

Fabricam-se granadas em Lisboa. Pela primiera vez, a industria particular em Portugal occupa-se da producção do moderno material d'artilharia.

E' superfluo accrescentarmos que as granadas cujo fabrico foi iniciado nas officinas da Empreza Industrial Portugueza se destinam aos alliados: para a Belgica está-se executando uma encommenda de 50.000 obuzes de 155 milimetros de calibre; para a França, prepara-se um fornecimento de 200.000 granadas.

Mas não param aqui as possibilidades d'esta nova industria. A capacidade do fabrico vae ser augmentada por forma que, dentro em breve, operarios portuguezes produzirão quantidades ainda maiores de material de 240 millimetros, no que serão porventura interessadas muitas outras officinas de metallurgia. Todas estas granadas são de ferro fundido acerado, metal este cuja fabricação, dadas as exigencias das condições de ruptura ao choque e á tracção, constitue uma especialidade na industria do ferro fundido.

Como nota extremamente interessante, diremos ainda que todas as machinas, tornos, etc., que são empregados no fabrico das munições de artilharia foram executados na industria nacional, demonstrando-se assim á evidencia as magnificas aptidões dos nossos operarios e dos engenheiros que os dirigem. Em todo o caso, como se trata de trabalhos de especialidade que pela primeira vez se executam entre nós, a Empreza Industrial pediu e obteve do governo francez que fosse concedida uma licença ao director technico das suas officinas, o sr. Maurice Tabar, o qual, apenas a guerra foi declarada, correra a occupar o seu posto de honra no exercito francez onde era actualmente tenente de artilharia.

Para coadjuvar a direcção dos trabalhos durante a execução d'estas importantes encommendas e ainda em virtude de certas particularidades technicas, encontra-se transitoriamente ao serviço da Empreza o illustre engenheiro francez mr. Charles Raynaud, da casa Schneider & C.ª, que é, como se sabe, proprietaria das importantes fabricas de Creusot, de que o referido engenheiro instalou varias succursaes.

Resta accrescentarmos que, segundo informações dignas do maior credito, a fabricação corrente e entrega de granadas acabadas começa a realisar-se no proximo mez de março, devendo a producção dos obuzes attingir alguns milhares por dia.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias

OS SALTEADORES DO MAR

A tragedia do "Cysne,,

Como foi afundado por um submarino germanico um vapor portuguez ao largo de Ouessant

—... Foi a 28 de maio do anno passado. Navegavamos para Newport, com tóros de pinheiro, e deviamo-nos encontrar ao largo da costa franceza, proximo do mar da Mancha. Desde o Porto, de onde tinhamos largado a 26, a viagem occorrera sem o menor incidente. E porque havia de succeder-nos mal? O tempo corria admiravel, a carga que transportavamos nada tinha de suspeito...

E' um tripulante do «Cysne» que me fala. Os leitores lembram-se d'aquelle minusculo vapor portuguez que ha perto de um anno foi mettido no fundo pelos allemães, com gloria egual á de um gigante que esmagasse de um soco uma creança de mezes. Fala-me da catastrophe ainda com mal disfarçada commoção. Escuto-o em silencio, sem uma pergunta sem um gesto que perturbe o evocar da tragica reminiscencia.

—Tóros de pinheiro, prosegue convictamente o velho lobo do mar que me vae narrar a historia. Nada mais que tóros de pinheiro. Posso-lhe garantir, e jurar até, se fôr preciso, que o vapor não levava sombra de contrabando de guerra... Mas adeante. N'esse dia, pelas 22 horas, appareceu-nos uma coisa qualquer boiando pela alheia, a fazer signaes. Era um submarino! As bandeiras do codigo que içava no mastaréu obrigavam-nos a parar immediatamente, sob pena de sermos logo alvejados pelas granadas de bordo. Ah, que se o nosso «Cysne» tivesse ao menos uma peçasita de artilharia...

E a face do narrador toda se contrahe n'uma expressão de odio. E' a raiva natural da impotencia. Depois, um gesto de resignado desanimo, descreve:

—O pirata allemão approximou-se até coisa de duas amarras, e apenas cumprimos a ordem de atravessar, chegou-se mais ainda. O nosso commandante foi então convidado a ir a bordo, e lá recebeu intimação de abandonar o navio com todos os tripulantes, porque diziam—os mariolas!—que transportavamos contrabando de guerra... O commandante protestou, mas tudo foi inutil. Quando voltou para bordo, vinha já acompanhado por dois allemães; um official e uma praça. Não havia remedio. Deitaram-se ao mar as baleeiras, a tripulação do «Cysne» embarcou sem ao menos lhe terem permittido que levassem comsigo alguma roupa e recebemos ordem de nos fazermos ao largo. O nosso commandante foi o ultimo a desatracar. Lembra-me que n'esta altura, como não sabiamos o que ia ser de nós no meio do mar, dentro das baleeiras, o commandante pediu aos allemães que o deixassem ainda ir buscar um chronometro. Negaram. Mas o contramestre do «Cysne», que não tinha embarcado ainda, é que não esteve com meias medidas. Deitou a correr até á casa de navegação e trouxe o chronometro comsigo. Por signal que os allemães fizeram um alarido medonho e chegaram a metter-lhe os revolvers á cara... Malandros!

«Largámos. Tudo quanto nos pertencia, excepto a roupa que traziamos vestida, lá ficava. Mas o peor é que não tinhamos agua comnosco, tal fôra a precipitação de toda esta scena. Tentámos approximar-nos de novo do «Cysne», onde os allemães tinham começado o saque, mas o official que lá estava ameaçou-nos grosseiramente se não nos afastassemos sem demora. Aquillo fazia raiva e dó, só de ver! O sino, os metaes amarellos, os mantimentos, tudo isso era baldeado para bordo do submarino, como se fossem authenticos piratas. N'esta altura appareceu no horizonte um grande vapor. Os allemães largaram a faina e dirigiram-se para lá. Ouvimos trez tiros de peça, depois ume grande explosão. O vapor desapparecera. D'ahi a pouco voltaram para junto do «Cysne», a terminar a obra. O nosso navio, o nosso innocente naviosinho envolveu-se em turbilhões de fumo, e as chamas rompiam aqui e além, como n'um inferno. Assistimos a tudo isso, mudos de espanto e de emoção. De repente, a dinamite que tinham collocado á prôa fez o seu papel, e o «Cysne» desappareceu tambem para sempre no fundo do mar!

«Andámos nas baleeiras, acabrunhados, durante muitas horas. Que noite aquella! O vento refrescava, um ordeste de regelar, que nos fazia tremer os ossos. A 29, pelas 8 e meia, avistámos uma chalupa franceza, a «Dixi», que nos recolheu piedosamente. Já lá estavam 38 sobreviventes do vapor inglez que tinhamos visto afundar na vespera e de um terceiro vapor que o submarino destruira tambem nas proximidades.

«A «Dixi» transportava a mesma carga fatal: tóros de pinheiro, e levava o rumo de Inglaterra. Mas como o vento soprava ponteiro, e os naufragos recolhidos eram muitos, o capitão aproou a Ouessant, de onde um torpedeiro francez nos levou a Brest. Aqui tem. E' escusado accrescentar que o torpedeiro não teve nenhum mau encontro. Que os submarinos allemães só se mettem nas suas proezas pelo seguro, como no caso do nosso pobre «Cysne» que lá ficou, morto sem a consolação de poder ao menos entoar o seu canto de agonia pelas guelas de uma peça...»

E o narrador, que é um distincto official da nossa marinha mercante, terminou aqui a commovente historia da sua extranha aventura.

Hermano Neves

A publicidade

(Sciencia e arte)

No nosso tempo o papel do acaso, da inspiração, do improviso é cada vez mais restricto. O homem moderno fiel a este preceito—o maximo de utilidade com o minimo de esforço, trata de crear instrumentos de previsão e dominio seguro. As experiencias somam-se, os factos comparam-se, as hypotheses surgem, os methodos disciplinam-se e as sciencias constituem-se. Da confusão e da duvida nasce a certesa. Das observações parcellares e das intuições fulgurantes a razão parte a fim de construir um novo edificio para o saber humano. A Publicidade que, durante larguissimos annos, se mostrou refractaria a deducções e a ordenações doutrinarias, parecendo mesmo destinada a permanecer capriciosa e deslisante como uma ondina, assenta hoje sobre um conjuncto de leis e factos indiscutiveis que fazem d'ella uma sciencia professada em Institutos de Commercio e estudada por mestres que lhe determinam o seu objecto, lhe imprimem a gravidade de uma exposição em que os capitulos dia a dia alargam o seu texto, fartamente didatico. Nos Estados Unidos, na Allemanha, na Belgica e na propria França ha toda uma litteratura seria, pensada e proveitosa que serve para dar preparação technica escolar aos jovens commercialistas e ao mesmo tempo para orientar industriaes, commerciantes, lojistas e o publico em geral sobre as vantagens incalculaveis da Publicidade, a qual Emile Gautier define:—«O conjuncto de meios de todas as especies proprios para tornar conhecidos os productos do commercio e da industria ao maior numero possivel de pessoas, suggerindo-lhes o desejo de os adquirirem, mediante um sacrificio de dinheiro».

Esta definição refere-se á Publicidade antes como arte do que como sciencia. E', portanto, incompleta. Primeiro que alguem pense em propôr ao publico um producto qualquer, deve ter bem presentes ao seu espirito os principios formaes e organicos que lhe permittam, no jogo de probabilidades que a operação encerra, prever o successo com um minimo de risco.

Porque é que em Portugal tantas tentativas d'este genero teem dado estrondosos fracassos?

Pela clarissima razão de terem sido imaginadas e lançadas ao acaso, sem um plano previamente esboçado, estudado e fixado que lhes garanta senão um exito mathematico, pelo menos um resultado fructuoso.

O publico representa uma «variavel» e uma «constante» de necessidades, de desejos, de apetites e de gostos. O industrial, o commerciante e o vendedor teem que activar uma ou outra ou as duas ao mesmo tempo. Supponhamos que se trata de uma marca nova de chocolate. O fabricante deseja collocar o seu producto. Que tem a fazer? Crear-lhe um logar entre as marcas já existentes, assegurando-lhe um consumo assaz compensador. Depois d'este esforço de adaptação, resta-lhe um outro porventura mais difficil e melindroso. Provocar na «variavel» que o publico representa um movimento a seu favor equivale muitas vezes a dar com a fortuna.

Muito importa, pois, deslocar o consumidor actual, levando-o a comprar a nova marca, mas augmentar o numero de consumidores, dispertando as cubiças latentes—eis o nó gordio da difficuldade. Quantos e quantos fiascos se não teem visto entre nós e nos paizes estrangeiros, porque se não distinguiu claramente a clientela já creada da creanda! Ora, para escapar a estas terriveis contingencias é que a Publicidade surdiu do Limbo, como as suas leis, as suas deducções, as suas proposições demonstraveis, os seus calculos e as suas previsões. Quem lhe aproveitar os ensinamentos, fica habilitado a raciocinar com segurança dentro de uma materia, em que as inexperiencias conduzem a desastres ás vezes irremediaveis. Assim, todo o annunciante ha de partir do principio que ninguem pode «ex nihilo» dobrar, triplicar ou augmentar indefinidamente as necessidades do comprador. Este emprega verbas quasi fixas para alimentação, vestuario, conforto, hygiene, instalação, etc. Raramente, a não ser em casos muito reduzidos, se decide a excedel-as. Portanto, é de boa prudencia não perder de vista esta utilissima noção. Para vencer a resistencia desconfiada do mercado, devem-se conhecer os sentimentos essenciaes sobre que se apoia o seu dinamismo. A psicologia intervem n'este acto de sondagem e investigação, auxiliando efficazmente o annunciador para saber as teclas que lhe convem ferir. Hemet, professor de Publicidade e Psichologia Commercial no Instituto Economico de Paris, a este respeito escreve o seguinte, tão digno de gravar-se na memoria:—«Admittamos previamente que a Publicidade não se acha sujeita á influencia do que vulgarmente se chama sentimentos nobres, como a dedicação, a abnegação, o espirito de sacrificio, a fé religiosa, o amor ou o desinteresse. Estes differentes movimentos da alma não podem ser tocados, modificados ou alterados pela Publicidade».—São os sentimentos utilitarios que o annuncio hade attingir, e tanto mais certeiramente quanto maior fôr a sciencia de os dominar.

Pela ordem da sua importancia aqui os enumeramos: curiosidade, interesse, propriedade, vaidade, confiança, credulidade, pusilanimidade e cubiça. Quem souber agitar um ou alguns, por meio d reclamo intelligentemente feito, revela uma indiscutivel competencia para o assumpto. O conhecimento do que os tratadistas denominam «as maiorias relativas» tambem é de capital importancia. O annunciante que utilisa um diario para attrahir a turba dos compradores de um producto ou marca não julgue que os vae captar todos. De cem mil compradores theoricos é necessario descontar: os que não comprarão por já terem um objecto egual, equivalente ou concorrente;—os que não sabem ler;—os que descreem da publicidade;—os que nunca lerão o annuncio, embora este se lhes dirija, por assignarem um outro jornal, etc.

Unicamente um grupo bem reduzido prestará attenção ás palavras ou imagens do annuncio. Como diz Hemet, a quem vamos seguindo de perto, é com este residuo de compradores que o annunciante procurará organisar o seu plano de publicidade, se não quizer lançar-se n'uma aventura cheia de perigos e surprezas. As illusões são funestas a quem n'ellas confia demasiadamente. O comprador é instinctivamente desconfiado, sendo inutil tental-o com promessas grandiloquentes. O annunciante procurará sempre determinar o interesse dos compradores que deseja impressionar e a urgencia da necessidade que pretende estimular em seu proveito. Isto technicamente chama-se o «potencial de interesse» ou de «receptividade, em relação á «maioria relativa» dos leitores do annuncio.

A's vezes o «potencial de interesse» proporciona-se á «maioria relativa», mas em dadas circumstancias aquelle é forte e esta fraca ou o inverso. Ha productos que, por existirem outros eguaes, encontra uma abundante maioria relativa; mas uma reduzida «receptividade». Com as especialidades pharmaceuticas dá-se o contrario. A acção da publicidade sobre a offerta e a procura apresenta-se cheia de interesse. São profundamente illustrativos os meios engenhosos que ella emprega para illudir os effeitos d'esta celeberrima lei economica.

Delta

"A Capital,, em Hespanha

Cartas de Hermano Neves

Informar com segurança o publico ácerca de tudo quanto no estrangeiro pode revestir para nós algum interesse constitue um dos pontos do programma da «Capital», que temos procurado cumprir escrupulosamente.

N'esse proposito, vae dentro em pouco Hermano Neves enviar-nos de Hespanha uma série de cartas cuja singular opportunidade os nossos leitores terão ensejo de apreciar.

A Hespanha interessa-nos sob multiplos aspectos e alguns d'elles expôl-os-ha, analysando-os, o nosso querido camarada de cujos altos dotes jornalisticos as columnas da «Capital» teem dado, em tanta occasiões, eloquente e imperecivel testemunho.

A sua visão segura e nitida, o escrupulo com que recolhe e transmitte as impressões proprias e as ideias alheias, a fórma brilhantissima, perfeitamente moderna, muito pessoal, que distingue a sua penna, bastariam a impôr as proximas cartas de Hespanha á attenção dos leitores da «Capital», se os assumptos que Hermano Neves se propõe versar não se caracterisassem por uma actualidade flagrante e não possuissem uma especial significação n'este momento e uma transcendente importancia pelo que respeita ás relações dos dois povos visinhos.

O commercio exterior da Hespanha em 1915

MADRID, 14.—A folha official insero interessantissimos numeros sobre o commercio externo da Hespanha em 1915. O saldo da balança economica, que era desfavoravel em 248 milhões de pesetas no anno de 1913 e em 154 no anno seguinte, converte-se em favoravel no anno de 1915, attingindo 278 milhões, sem ter em conta os metaes preciosos, mas apenas as materias primas, os artigos fabricados, as substancias alimenticias e os animaes vivos.

Considerando ainda a importação em 1915 dos 220 milhões em ouro, em pasta e moeda, que principalmente vieram destinados ao Banco de Hespanha, ha um saldo favoravel de 54 milhões. Comparando as cifras totaes, observa-se que na importação as materias primas sobem de 451 a 536 milhões e na exportação baixam de 255 a 234; que os artigos fabricados descem, quanto á importação, de 311 a 208 e elevam-se, quanto á exportação, de 249 a 608 e que as substancias alimenticias retrocedem de 251 a 222 e nas sahidas sobem de 355 a 402.—*(Corresp.)*.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e na 4.ª paginas.

Um novo canal inter-oceanico

O tratado entre os Estados-Unidos e a Nicaragua—O offerecimento da Allemanha

WASINGTON, 15.—O Senado declarou necessaria a ratificação do trabalho entre os Estados Unidos e a Nicaragua, visto que a Allemanha offereceu mais que os Estados Unidos para ter a preferencia no caso da construcção do novo canal inter-oceanico que deverá passar pela Nicaragua.—*(Havas)*.

EM TORNO DA GUERRA

Os allemães em Hespanha

O que diz Pierre Lalo—Como lá se concentraram e o que fazem—Varios processos de espionagem

Ha hespanhoes germanophilos. Mas os primeiros germanophilos de Hespanha são os allemães. Ora aqui está uma verdade em que ainda se não reparou sufficientemente. Em nenhum paiz neutro, exceptuando a America do Norte, os allemães são tão numerosos como em Hespanha: bastante numerosos, bastante ricos, bastante fortes para fazer alastrar sobre todo o paiz a sua acção organisada para estabelecerem em certas villas como que colonias germanicas, para constituirem de algum modo um Estado no Estado. A sua accumulação insolita data das primeiras semanas da guerra. Anteriormente encontravam-se ali, exercendo os seus officios, allemães em grande numero, mas sem nenhuma proporção com a multidão de hoje, em que, de resto, os antigos residentes entram n'uma quantidade tanto mais pequena quanto é certo que, advertidos a tempo das hostilidades proximas, muitos d'elles puderam regressar á Allemanha. Essa multidão é formada por outros: por aquelles que, começada a guerra, affluiram de todos os lados á Hespanha como ao ponto que mais segura passagem offerecia para o regresso á sua patria.

Procediam elles do sul da França, de Marrocos, das duas Americas, sobretudo da do sul; aquelles, sabendo que as esquadras alliadas vigiavam a Mancha, pensavam poder fazer caminho pelo Mediterraneo e pela Italia. Os paquetes conduziam-nos por milhares; em poucos dias eram, com effeito, multidão. Mas os seus calculos falharam; fez-se o desembarque nas costas hespanholas, mas não puderam largal-as: No Mediterraneo a vigilancia não era menor que na Mancha, e Napoles e Genova eram para elles tão inabordaveis como Hamburgo. Foram obrigados a ficar onde estavam e a aguardar melhores tempos e mares mais livres. Ficaram; agruparam-se; puzeram mãos á obra, segundo o caracter e a disciplina do seu povo: e eis como o solo de Hespanha encerra hoje tantos formigueiros allemães.

Quantos são elles? Não é possivel sabel-o com precisão. Se se fizesse uma carta dos allemães em Hespanha, em que se representassem as suas agglomerações por manchas mais ou menos extensas, as mais largas d'essas manchas assignalariam Madrid, Barcelona e Malaga: a sua embaixada e os seus mais importantes consulados, em torno dos quaes se juntaram em massas compactas, impellidos por esse instincto de rebanho e tambem por aquelle sentido de subordinação proprios da sua raça. Formaram ahi verdadeiras populações, sobretudo em Barcelona, onde os attrahiam ainda outras razões: a facilidade que ahi suppunham deparar para o embarque em direcção á Italia e os recursos que uma grande cidade industrial e maritima offerece a individuos que procuram trabalho.

As avaliações moderadas elevam o seu numero a vinte mil; outros calculos dão o dobro e o triplo. O certo é que habitam toda uma parte dos *faubourgs* e dos arrabaldes, onde foi necessario ceder-lhes locaes e construir-lhes habitações especiaes, especie de campos de concentração em territorio neutro. Menos numerosos em Malaga e em Madrid, pullulam, no emtanto, em ambas as cidades e encontram-se, além d'isso, por toda a parte. Não ha uma cidade importante, um centro industrial ou commercial, um porto que não tenha os seus allemães, muito approximados, submettidos á mesma palavra de ordem, consagrando-se, ás claras, a occupações diversas, com que encobrem a mesma actividade subterranea. Vemol-os em Bilbao, capital metalurgica do norte, onde vigiam a producção do ferro; vemol-os no sul, em Cadiz e em Huelva, onde espiam, simultaneamente, a região do cobre e o estreito de Gibraltar. Encontramol-os em Valencia e em Murcia, regiões de riqueza agricola, jardins da terra da Promissão, percorrendo os campos, insinuando-se junto dos negociantes e dos cultivadores. Em todos os portos vêem-se os seus navios e os seus marinheiros, refugiados e bloqueados desde o começo da guerra. Uma estatistica official tornou recentemente conhecido o numero d'esses navios: são 42, cuja tonelagem varia entre 1.000 e 8.000 toneladas e o acaso patrocinou tão venturosamente a sua fuga que estão quasi por egual distribuidos entre os varios portos dos dois mares que banham a Hespanha.

Ha barcos allemães em Bilbao, em Santander, em Avilés, no Ferrol, na Corunha, em Cadiz, em Cartago, em Valencia, em Mahon, em Palma. Entre os de Bilbao, dois ha que merecem uma particular menção. Esses dois, em julho de 1914, iam do Arkhangel para Bordeus com carregamento de madeira. Chegados a 27 á vista da Gironda, receberam ahi ordem do seu armador de Bremo para que não entrassem em Bordeus e partissem logo para Bilbao; obedeceram e chegaram a esta ultima cidade a 28, não tornando a sahir de lá. Mais uma prova, além de tantas outras, da premeditação aggressiva da Allemanha e da sua vontade de fazer a guerra. Finalmente, junto da fronteira, nos dois extremos dos Pyreneus, enxames de allemães agitam-se e zumbem, espalhando falsos boatos e noticias mentirosas, ou communicando com os cumplices mysteriosos que ainda teem em França. San-Sebastian está cheia d'elles, sobretudo nos mezes do estio, em que a presença da côrte, dos ministros, das embaixadas a tornam a capital do reino durante o verão; e Fuentarabia que, ao fundo do seu golfo azul, ergue, tão linda, «a silhueta das suas muralhas de oiro e do seu esguio campanario», é um ninho d'esses zangãos.

De que tratam? De espionagem, de propaganda, de negocios. De uma d'estas coisas, de duas ao mesmo tempo, ou de todas conjunctamente. Cada um d'elles segundo as suas faculdades, os seus talentos, as suas aptidões para determinado emprego, o seu conhecimento particular de tal logar, n'uma palavra, segundo as necessidades da causa, tem o seu papel e o seu posto n'esta mobilisação especial tão minuciosamente regulada como a mobilisação de guerra.

Espionagem fazem quasi todos. Teem a espionagem na massa do sangue; são espiões como são allemães e porque são allemães; parece-lhes natural e honroso escutar ás portas, espreitar pelas frestas, usar nomes falsos e caras postiças, vestir disfarces e illudir confianças para apanhar uma palavra e furtar um segredo. Esta virtude nacional praticam-na em toda a Hespanha, em qualquer occasião e por todos os meios. A sua primeira occupação consiste em espiar tudo o que se diz ou se murmura á sua volta, as conversas da rua, da officina ou da taberna: entre as innumeras palavras inuteis pode haver a sorte de se colher uma util informação. Forma elementar da espionagem, mas tão espalhada em Hespanha que, quando se fala, nunca se tem a certeza de que por detraz de nós não esteja um allemão.

Em certas cidades distribuiram-se em bandos que andam todas as noites, ora por um café ora por outro, de ouvido á escuta. Como, por vezes, a sua habilidade é um tanto pesada e o seu zelo um pouco indiscreto, acontece que mostram a ponta da orelha, quando ella não apparece toda: eis porque ainda recentemente, nas vidraças d'um estabelecimento de Santander appareceram cartazes que recommendavam aos consumidores silencio, ou pelo menos, prudencia. Mas não se limitam a frequentar os cafés: chegam a fazer n'elles serviço. Moços de restaurante, creados de hotel: profissões sempre exercidas, são hoje os logares mais commodos para apanhar as palavras trocadas durante uma refeição ou para decifrar uma carta esquecida sobre uma meza. E a sua honesta vigilancia vae talvez mais longe: é opinião muitissimo commum que teem gente por sua conta nos telephones, devendo haver toda a cautella em nada dizer ao apparelho que para elles possua algum valor. Não é facil verificar se esta opinião é exacta, mas o facto de tantos hespanhoes a exprimirem e tomarem precauções contra surprezas possiveis, convidando-vos tambem a tomar as vossas, é um signal que mostra como vivamente sentem, invisivel e agindo á volta d'elles, a presença da espionagem allemã.

No Senado municipal portuense

Desenho de M. Monterroso

O sr. *presidente*—Meus senhores! O assumpto está exgotado!
O consumidor—Que espiga! E não fui eu que o exgotei!

Conflictos academicos

O da Escola Normal Superior de Coimbra

A commissão de alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra, que, como hontem noticiámos, veiu a Lisboa expôr ao ministro da instrucção o que ali se passára, avistou-se hoje com alguns deputados e senadores, devendo retirar no comboio da noite.

O conflicto tende a aggravar-se, pois que os estudantes da Universidade de Coimbra, hontem reunidos em assembleia geral, resolveram dar a sua adhesão ao movimento, declarando-se em grève se fôr expulso algum alumno ou se a escola fôr encerrada.

Pretendem os academicos que se chegue a uma solução conciliatoria, com honra para ambas as partes. Não seria possivel conseguil-a?

"CABIRIA" de d'Annunzio

Banho sagrado da Cabiria, assim escreveu um escriptor hespanhol em 30 de novembro, quando o «film» poderosamente bello de d'Annunzio surgiu em Hespanha como uma concepção maravilhosa de arte, de verdade historica, e magnificencia deslumbradora.

A realidade e a precisão da casa editora não podem ser imitados, nem podiam ser mais rectas, nem tão pouco exaltar mais os moldes da verdade historica, e os da da circumspecção mercantil para levar á scena um assumpto que envolvia a nebilina das edades, demonstrarando-nos os seus rasgos mais epicos e as passagens mais bellas.

Tudo o que se disser é pouco. O publico poderá e deverá comprehender tamanhas obras de arte, e toda a magnificencia d'aquella epocha de Roma e de Carthago em que o mar mediterraneo florescia em brancas gaivotas que de um extremo ao outro do continente desde Helesponto até Abila, levavam as correntes da civilisação e os phenomenos mais sãos d'uma raça heroica e sublime.

D'Annunzio fez um poema para quem seja capaz de levantar um pendão em honra das musas. Cabiria no cinematographo triumphou graças á boa combinação que o director do «film conseguiu. Quanto ao assumpto historico, que a maioria ignora hoje, resuscitou desde o sabio Siracusano até ao grande Annibal, Massinissa, e Asdrubal. Surge tambem Macisto, o gigante, o homem de força, o symbolo de uma raça que se acabou. O publico terá n'elle a dedicação e a vontade. Nos outros personagens, pedaços arrancados pelo poeta á historia da Roma antiga, que o Salão Central reproduzirá em breve no seu «ecran».

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

AUDIÇÃO DE PIANO

No salão do Conservatorio, realisa-se no domingo, ás 21 horas, uma audição de piano por mademoiselle Maria Antonina Moreira, discipula do professor Timotheo da Silveira, com o concurso da amadora de canto sr.ª D. Maria Amelia Cid. O programma é o seguinte:

«Toccata», Schumann, e «Chaconne», Bach-Busoni, piano por mlle. Maria Antonina Moreira; «Mon coeur tu frémis, L'Hidalgo», Schumann, canto, pela sr.ª D. Maria Amelia Cid; «Sonata op. 58», Chopin, Allegro, maestoso, scherzo, largo, presto, piano, por mlle. Maria Antonina Moreira; «Mandoline» Debussy, e «Sérénade inutile», Brahms, canto, pela sr.ª D. Maria Amelia Cid, estudos de Rubinstein, Chopin, Huselt, Liszt e Godard, piano, por mlle. Maria Antonina Moreira.

UM ALMOÇO

Em Ribamar realisou-se hoje um almoço offerecido ao sr. Antonio da Costa, commerciante no Porto. Foram convivas os srs. dr. Germano Martins, Arthur Costa, Cezar Diniz, Alfredo Pinto, Urbano Rodrigues, dr. Arthur Leitão, Adriano Pimenta, Sequeira do Lago, Sequeira Lopes, Julio Macedo, Abilio Marçal, e outros. No final trocaram-se brindes muito affectuosos sendo expedido um telegramma ao sr. Elysio de Mello, vice-presidente da camara do Porto.

O concerto Blanch de domingo no Republica

A Orchestra Symphonica Portugueza, sob a direcção do notavel maestro Pedro Blanch, realisa o seu 6.º concerto, no Republica, com um programma dos mais brilhantes e attrahentes. Executa-se a «6.ª symphonia», de Beethoven, «Pastoral», «L'apprenti Sorcier», o ultimo successo d'esta orchestra, as duas famosas «Danças hungaras», de Brahms, sendo a terceira parte toda consagrada ao grande Wagner, com a «Walkyria», a «Despedida de Wotan», o «Encanto do fogo» e a brilhantissima «ouverture» do «Rienzi», começando este bello concerto com a «ouverture» do «Euryanthe», de Weber, que se executa pela primeira vez n'esta temporada.

PEQUENAS NOTICIAS

Na quinta-feira, realisa na séde da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, o sr. Saldaha Carreira uma conferencia sobre «O Esperanto e a Cruz Vermelha».

—José da Cruz e Antonio Duarte, ambos hospedados no hotel Lisboa, queixaram-se de que duas mulheres residentes na rua do Arco do Marquez de Alegrete, 58, 1.º, lhes furtaram a quantia de 236$00.

—Na enfermaria 4. do hospital de S. José deu entrada Manuel Gomes, morador na rua do Grillo, 38, alli aggredido á cacetada e ferido na cabeça por Francisco dos Santos.

O Carnaval no Republica

Como era de esperar e todos os annos succede, logo que se abriu a folha para os cinco bailes de mascaras, magnificos e alegres espectaculos com que se festeja o Carnaval no theatro Republica, teem todos occorrido a marcar logares. Já começaram as novas installações para as illuminações electricas a côres, que produzirão effeito phantastico. As festas do Carnaval no Republica vão este anno dar a nota elegante, alegre e enthusiastica.

Esfaqueando a amante

Cêrca das 18 horas, no Campo de Santa Clara, onde hoje se realisava a «Feira da ladra», Miguel Rodrigues Morgado, residente na rua do Arco da Graça, 31, encontrando a sua amante, Carmen de Jesus, moradora na rua da Amendoeira, 34, aggrediu-a com quatro facadas, tentando em seguida pôr-se em fuga. Perseguido por muitos populares e pela policia, foi preso, emquanto a esfaqueada era conduzida ao hospital da Marinha, de onde, depois do primeiro curativo, seguiu para o de S. José, ficando alli em estado pouco satisfatorio.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Cidades italianas bombardeadas por aeroplanos austriacos

ROMA, 14.—Seis aeroplanos bombardearam Monza, matando um homem e ferindo seis, e Bergamo. Appareceram tambem em Brescia, mas a artilharia não os deixou approximar. Em seguida afastaram-se para além da fronteira.—(*Havas.*)

MILÃO, 14.—Segundo dizem os jornaes, esta cidade foi tambem bombardeada pelos aeroplanos inimigos, havendo oito mortos e uns sessenta feridos, alguns d'elles gravemente.—(*Havas.*)

A lucta na frente occidental

LONDRES, 15.—Travaram-se hontem 17 combates aereos no decurso dos quaes obrigámos um grande aeroplano allemão a descer nas suas linhas.

Ao sul do canal de La Bassée os allemães fizeram explodir sete minas em 24 horas.—(*Havas*).

PARIS, 15.—Communicação official das 15 horas.—Na Champagne retomámos uma parte dos elementos avançados que tinham sido occupados ante-hontem pelo inimigo a léste da estrada de Tahure e Somme-Py.

Na Lorena houve alguns contactos entre as patrulhas no sector de Reillon. No resto da linha a noite decorreu calma.—(*Havas*).

A missão franceza em Italia

GENOVA, 14.—O sr. Albert Thomas e os generaes Dumezil e Dallolio chegaram esta manhã e visitaram algumas das fabricas de munições. Em seguida tornaram a partir, tomando a direcção da Turquia.—(*Havas.*)

A campanha na Russia

PETROGRADO, 14. — Official. — Entre Olay e a ilha de Dalenn fogo efficaz da artilharia. Depois da explosão que se deu em um dos fortes de Erzeroum, tomámos esse forte. Perseguindo os turcos, fizemos prisioneiros e tomámos seis canhões.—(*Havas.*)

Inglezes capturados, desapparecidos e mortos

LONDRES, 15.—Official. Um radiogramma allemão annuncia a prisão de 40 inglezes. No combate de Pilkem tivemos 11 desappaecidos, oito dos quaes se crê terem sido mortos.—(*Havas*).

A lucta na frente austro-italiana

ROMA, 14—Official.—Acções de artilharia, particularmente intensas no alto Isonzo.—(*Havas.*)

Um gesto patriotico

O offerecimento de terreno para o edificio do Deposito Central de Fardamentos

Referimo-nos ha dias, em ligeiras linhas, que a Liga de Melhoramentos da Amadora, com o consentimento do sr. conde de Castro Guimarães, offerecera ao ministerio da guerra 40.000 metros quadrados de terreno para ahi ser construido o novo edificio do Deposito Central de Fardamentos. Para avaliar o que é e o que vale esse offerecimento, basta dizer que na Amadora, a linda povoação que tão brilhantemente se tem affirmado como uma terra progressiva, o terreno é vendido actualmente entre 1$000 e 1$500 o metro quadrado.

E não mede apenas 40.000 metros quadros esse terreno, mas sim quasi 50.000, como hoje se verificou, o que ainda dá maior valor á offerta do sr. conde de Castro Guimarães, seu proprietario.

O ministerio da guerra, tomando em consideração o valioso offerecimento, mandou hoje á Amadora uma commissão composta dos srs. coronel Lobo, inspector geral dos serviços de administração militar, tenente-coronel Zilhão, novo director do Deposito Central de Fardamentos, tenente A. José Rodrigues, adjuncto do ministerio da guerra, e o capitão de engenharia Sousa. Eram os commissionados esperados pelos srs. José Santos Mattos e Antonio Rodrigues Corrsia, directores dos Recreios Desportivos, Guilherme Gomes, dr. José Pontes, A. Paredes, presidente da Camara de Oeiras e Dupuy representante do sr. conde de Castro Guimarães.

Trocados os cumprimentos, os representantes do ministerio da guerra dirigiram-se, acompanhados pelos representantes da Liga de Melhoramentos da Amadora, a quem se deve a iniciativa do patriotico offerecimento, tão brilhantemente secundada pelo sr. conde, para os terrenos de que se trata e que são magnificos, ficando perto da estação do caminho de ferro e correndo junto á estrada militar. Ahi se procedeu a diversas medições, mostrando-se os officiaes encantados e expressando a gratidão do ministro.

Mas não só foi feito o offerecimento do terreno. Foi elle hoje ampliado, offerecendo toda a pedra necessaria para os cabouços e para os muros de vedação, o que representa uma quantia importante.

Falta-nos accrescentar que, ao que nos consta, a Liga de Melhoramentos e a direcção dos Recreios Desportivos vão vêr se conseguem ainda a cedencia de mais 20.000 metros quadrados para egualmente os offerecer ao ministerio da guerra.

N'um tempo em que impera o egoismo e em que quando se trata do Estado todos entendem que o devem explorar, é consolador vêr que ainda ha quem tenha gestos como o que acabamos de narrar e que o patriotismo não é uma palavra vã. Actos como o que acaba de ser praticado honram o nome de quem os pratica e a terra portugueza.

Noticias parlamentares

Hojo, na ordem do dia da Camara, figuravam nada menos de sete projectos de lei. Uma farturinha! Dir-se-ha que o facto revela apenas, de parte do poder legislativo, uma evidente vontade de ser util, o mais possivel, ao paiz. Puro engano. E' que, n'esses projectos, salvo erro, não havia nenhum de interesse geral. Todos elles, mais ou menos, diziam respeito a particulares, não faltando até, entre elles, um que reconhecia mais um revolucionario civil. Um encanto, como se vê, e tão grande, que fica a gente a julgar se não haverá mais nada que fazer no Parlamento portuguez, que não seja multiplicar até ao infinito a lista dos heroes nacionaes.

* * *

Disse hoje na Camara o sr. Azeredo Antas que, na sua recente viagem á Africa, vira em Mossamedes, apodrecendo ao sol e á chuva, muitas toneladas de generos e artigos de toda a ordem, dos que haviam feito parte do abastecimento das columnas expedicionarias e não chegaram a ser aproveitados. Sendo verdadeiro—e se o não fosse não o affirmaria o sr. Azeredo Antas—o facto é gravissimo. Assim o reconheceu, de resto, o sr. ministro das colonias, o qual prometteu informar-se devidamente e castigar quem tiver responsabilidades n'esses enormes desperdicios. Nem outro caminho ha a seguir, parece-nos.

* * *

Voltou a ver-se novamente grego o sr. Godinho — o d'Almeirim. Por que carga d'agua terá este procere illustre em... vinicultura, sido elevado á alta situação de vice-presidente da Camara? Caprichos estranhos do destino, partidas que os amigos pregam á gente, para nos darem cabo de todo o prestigio. O certo é que o sr. Godinho não se aguenta no balanço. Parece uma barcaça velha a metter agua por todos os lados, quando as tempestades parlamentares o colhem de surpreza. Hoje, o eminente filho d'Almeirim até se irritou. Pois fez mal, porque esteve quasi a deixar de ser grotesco. E o sr. Godinho só é interessante ao natural...

* * *

O projecto da geropiga lá deu hoje a alma ao creador. Que se vistam de luto os beberrões portuenses, condemnados d'ora ávante, a pagar por bom preço os seus benevolos pifões! O vinho, na cidade invicta, vae ficar pela hora da morte, augmentando de preço, como se fosse uma droga, que se tornasse rara com a guerra. E assim, um dia virá em que o Porto seja uma cidade modelo, na qual o vinho haja sido trocado pela agua pura, geradora de febres e de hydropisias. Que medidas tomará então o Parlamento para reduzir o consumo da agua? Seria curioso conhecel-as...

* * *

No Senado, o sr. senador Campos voltou a falar. Para pôr em pratos limpos as suas accusações? Para reduzir a pó o governo e os seus defensores? Qual historia! Para se enredar n'uma teia de coisas vagas, tão densa e tão emaranhada, que jámais será capaz de sahir d'ella. Quer dizer: o sr. senador Campos foi o seu proprio carrasco, apertando por suas proprias mãos a corda que lançou ao pescoço. Não ha, na politica dos ultimos annos, maior exemplo d'uma auto-execução. O sr. senador Campos fica sendo, positivamente, immortal. Não ha, porém, motivo para lhe invejar a immortalidade.

* * *

Foi hoje, na Camara, o dia das chamadas, das votações complicadas e das contagens repetidas. O sr. Godinho viu-se e desejou-se, dando por vezes a impressão de que se esquecera do que lhe ensinaram na escola primaria, com tanta difficuldade elle sommava os que approvavam ou regeitavam e tanto empenho elle punha em fazer, atravez do tudo a sua politica transcendente. Na bibliotheca do Congresso falta, evidentemente, um livro utilissimo. Porque não adquirem para lá uma taboa de logarithmos? Com ella talvez o sr. Godinho aprendesse depressa a fazer em tempo competente e sem necessidade de prova dos nove, as contagens que o regimento manda...

"A chave mestra"
Vêr no alto da 3.ª pagina a continuação d'este folhetim.

A fome no Douro

Trabalhadores ruraes em grève

Os deputados pelo Douro receberam hoje, assignado por «Um grupo de lavradores, o seguinte telegramma:

SANFINS, 14.—Os trabalhadores ruraes amotinaram-se aos gritos de «Temos fome!», tocando os sinos a rebate, e não pegaram no trabalho. Continuam reunidos, exigindo pão barato ou augmento de salarios, que os proprietarios não podem pagar.

Pedimos providencias. Que os representantes d'esta região instem junto do governo afim de que medidas promptas sejam tomadas, porque o estado actual trará consequencias gravissimas.

Onde se prova como o boato começou a invadir o partido evolucionista

...Encontramol-o ha pouco, a caminho do parlamento. Porque é bom dizer-se que elle tem tempo para tudo:—até para ser deputado e só raras vezes faltar ás sessões da Camara. Duas banalidades sobre o tempo, o lindo tempo que esteve hoje, e eis que a politica surge na palestra, em phrases sacudidas, rapidas, como as chronicas rezam que é uso e costume do nosso interlocutor. Eis um pouco do dialogo:

—A «Capital», que disse o que se passou na reunião do grupo democratico, porque não diz tambem o que se passa nos bastidores do partido evolucionista?

—Mas se não sabemos nada...

—Ora!

—Garanto-lhe: nada!

—Então não sabem que o dr. Fernandes Costa vae formar um partido?

— ?

—Sim, um partido.

—Porque e para quê?

—Sei lá!

—Blagues...

—E' o que se diz. A «Opinião», o novo jornal que vae sahir, não é a «Opinião». São as opiniões... do dr. Fernandes Costa.

—Não deve ser verdade.

—Repito-lhe: é o que se diz. A historia vem de longe. Já existia latente, nos parlamentares evolucionistas, uma certa má vontade contra o dr. Fernandes Costa. Deu-se o incidente do projecto do Banco de Portugal—e a coisa rebentou.

—Incidente?

—Sim, incidente. O dr. Malva do Valle atacou o projecto, reclamando tempo para o estudar, e o dr. Fernandes Costa defendeu-o, julgando-se habilitado a approval-o. D'ahi, a celebre declaração de voto dos parlamentares evolucionistas, que era, nada mais, nada menos, que um grito de guerra contra o dr. Fernandes Costa.

—Mas isso solucionou-se.

—Qual! Aggravou-se, é o que v. devia dizer. Surgiu esta questão:—quem exerceria o papel de «leader» do partido na Camara? O deputado que possuia mais cathegoria era precisamente o dr. Fernandes Costa. Já tinha sido ministro e é presidente da Junta do Credito Publico. Mas não podia ser, por causa do incidente. Pensou-se em dois nomes: drs. Mesquita de Carvalho e Julio Martins. O primeiro indicado pelas suas qualidade de argumentador, com uma solida educação juridica, o que é importante para os debates parlamentares; o segundo pela sua vivacidade e eloquencia, que principalmente se affirma nas questões politicas. Escolher qualquer d'elles seria um aggravo ao dr. Fernandes Costa. Surgiu então a figura do coronel Simas Machado, como capaz de se impôr ao respeito de todos os correligionarios. E assim foi.

—Quer isso dizer que...

—...que a scisão continuou latente, nada se tendo solucionado, ao contrario do que v. suppunha.

—E com que elementos espera o dr. Fernandes Costa formar partido?

—Com os conservadores, partindo do principio de que elles não se integraram, até hoje, nem no evolucionismo, nem na União Republicana. E' claro que a sua ideia representa, por emquanto, uma simples tentativa.

—Que não irá por deante.

—Isso depende. A politica, meu caro, é tudo o que de mais imprevisto existe n'este mundo!

—Mas depende de quê?

—Nem eu sei, nem ninguem sabe. Se eu lhe disser que a fusão não foi ainda completamente posta de parte...

—Isso excede o cumulo da «blague»!

—Creia o que eu lhe digo e faça como o sr. ministro do interior: registe para os devidos effeitos. Os mais accerrimos partidarios da fusão nunca deixaram de pensar n'ella, supponde-a mais uma funcção do destino do que o provavel resultado do trabalho dos homens. Todos os dias, no parlamento, unionistas e evolucionistas se approximam no seu papel de opposição ao governo. Teem entendimentos, combinam planos de ataque, esboçam a tactica da defeza mutua. Veja v. o que se deu com o caso do inquerito. Pode ser que um dia, quando menos se precatem uns e outros, reparem todos que estão fundidos. E estará feito então o grande partido conservador, de nada valendo a tentativa do dr. Fernandes Costa.

—V. desculpe, que não vae n'isto quebra da muita consideração que lhe devo:—não acredito uma só palavra de tudo quanto v. disse!

—Mas registe.

—Passe v. muito bem.

Na Camara dos deputados

Approva-se o projecto que augmenta o imposto de consumo no Porto

Preside o sr. Godinho, que abre a sessão, pouco depois das trez horas, com 79 deputados. Está presente o sr. ministro da justiça. Approvada a acta, o sr. Adriano Pimenta manda para a mesa um projecto de lei alterando o quadro dos primeiros bibliothecarios da Bibliotheca de Lisboa, para que continue sendo de seis, ao contrario do que dispõe a ultima lei orçamental. O sr. Vieira da Rocha chama a attenção do sr. ministro da justiça para o facto de haver escrivães de direito substitutos que estão exercendo indevidamente o notariado. O sr. Hermano de Medeiros refere-se ao conflicto da Escola Medica, entre alumnos e professores, e pergunta porque motivo não cuidou o director da Escola de o evitar a tempo, antes o fomentando, desrespeitando decisões do Congresso. O sr. ministro da instrucção responde que o conselho da Escola Medica está estudando o meio de pôr em execução a lei que, sobre o assumpto, o Parlamento votou. O sr. Hermano Medeiros volta ainda a falar, requerendo a generalidade do debate. Como a votação fique empatada, o requerimento fica para ser votado na proxima sessão. O sr. Carvalho Mourão refere-se ao facto de estar fechada a escola de Villa Nova de Gaya, em virtude de ordens dadas pelo vereador do pelouro da instrucção, o qual, por ter tido um conflicto com o professor, tomou aquella resolução.

O sr. ministro da instrucção responde que vae fazer reabrir quanto antes a referida escola. O sr. Azeredo Antas chama a attenção do sr. ministro das colonias para o que se tem dado em Mossamedes com os fornecimentos para as expedições militares. Nas ruas ao ar livre, ao sol e á chuva, sem o menor resguardo, encontram-se muitas toneladas dos generos mais diversos, os quaes estão completamente deteriorados e incapazes de ser aproveitados. Refere-se aos serviços do preto e aos contractos dos serviçaes, condemna-estes e declara que não quer referir-se ao que em Mossamedes se diz a respeito do fornecimentos, e que é tremendo. Os factos que aponta viu-os elle com os seus olhos, na sua recente viagem á Africa. Tem-o sr. ministro das colonias tambem conhecimento d'elles? E se tem, que providencias adoptou já? O sr. ministro das colonias responde que é a primeira vez que ouve falar em tal assumpto e promette informar-se devidamente, para informar, por sua vez a Camara.

Entra-se na ordem do dia. E, ainda o projecto sobre o imposto de consumo, no Porto. Vota-se uma moção do sr. Marques Guedes. Quando se trata de votar o projecto na generalidade, o sr. Jorge Nunes requer votação. E' rejeitado em prova e contra-prova. Approvado o projecto na generalidade, o sr. Germano Martins, na especialidade propõe que se elimine do artigo primeiro a palavra geropiga. O sr. Jorge Nunes propõe emendas ao artigo primeiro que são respeitadas. O artigo primeiro é approvado em votação nominal, que se faz a requerimento do sr. José Barbosa. O imposto fica sendo de dez centavos. A emenda do sr. Germano Martins é approvada. O sr. Costa Junior, a proposito do artigo segundo, propõe mais dois artigos. São rejeitados. Approvam-se os artigos segundo e terceiro e com elles liquida-se esta parte da ordem do dia.

Na segunda parte da ordem, principia a discutir-se o projecto que introduz varias alterações nas bases 19.ª e 20.ª e 21.ª das cartas organicas das provincias ultramarinas.

O sr. Cruz e Sousa combate o projecto e muito principalmente a creação dos logares de auditores fiscaes, por absolutamente inuteis. O sr. José Barbosa condemnando os auditores districtaes; declara tambem não concordar com auditores para mais d'uma colonia, parecendo-lhe que, desde que se criam esses funccionarios, deve haver um para cada colonia, collocado em condições de exercer as suas funcções livres de toda a influencia dos governadores.

Lê-se um officio da commissão de inquerito aos fornecimentos militares, dizendo que, em vista das opposições terem abandonado essa commissão se tornava necessario nomear ou eleger os vogaes que resignaram os seus mandatos.

O sr. Costa Dias pretende explicar os factos referidos pelo sr. Azeredo Antas, dizendo que não foi possivel preservar da acção do tempo todos os generos e artigos enviados da metropole para Mossamedes.

O sr. Azeredo Antas dá explicações. O sr. João Camoezas fala sobre o caso da Escola Medica. Amanhã ha sessão.

NO SENADO

Na sua interpellação, o sr. dr. Antonio Campos fala de vagas illegalidades—Quanto ao incendio de Santa Clara, as suas palavras foram deturpadas, diz o orador

Preside o sr. Correia Barreto e secretariam os srs. Lourenço Serro e Paes Abranches. A' chamada respondem 35 senadores. Galerias concorridas. Acta approvada e expediente ao seu destino. Na bancada do governo o sr. ministro da guerra.

Antes da ordem o sr. Estevam de Vasconcellos lê um extracto da ultima sessão da direcção da Associação Industrial no qual se protesta contra a lei da mobilisação das industrias, declarando-se que essa collectividade apresentará alvitres para a sua justa execução. Esta affirmação não é exacta como aliás se deduz da proria representação da Associação Industrial lida no Senado.

O sr. Agostinho Fortes explica o motivo porque hontem sahiu do Senado quando se discutia o projecto sobre instrucção primaria.

Não o fez por menos consideração para com a maioria ou para com a minoria. O seu passado de republicano é garantia do seu presente. Sahiu mal comsigo mesmo por não poder pelo seu esforço obstar que o projecto em discussão se votasse, porque esse projecto é inopportuno e a sua approvação se se der representará uma macula para esta camara, mais uma macula para a Republica. Elle orador que foi sempre um republicano que aos seus principios sacrificou a sua vida e o seu futuro, sendo até prejudicado um dia por não ter ido tomar chá a casa de Hintze Ribeiro, sahiu portanto da sala porque o projecto é uma vergonha inacceitavel que não póde nem deve nem ha de passar pelo menos sem o seu protesto.

A instrucção não é campo onde se façam habilidades de momento, tão magno é esse problema nacional. E' a negação absoluta de tudo quanto os grandes cerebros teem produzido a tal respeito. E' uma miseria e uma vergonha intellectual, repete, sem harmonia, sem equilibrio e sem grandeza.

O sr. Estevam de Vasconcellos assombra-se com as palavras do sr. Agostinho Fortes e porque, considera muito s. ex.ª pede á mesa para o Senado retire o projecto da discussão até que a saude do sr. Agostinho Fortes lhe permitta apresentar á camara as razões das suas affirmativas.

O sr. Faustino da Fonseca aproveita o ensejo para chamar a attenção do sr. ministro da instrucção para o compendio dos lyceus e para a urgencia de se construir a sala de leitura. O povo quer instruir-se e não se lhe proporciona a leitura publica, que é a regra geral das nações civilisadas.

O sr. Silva Barreto repelle as palavras do sr. Agostinho Fortes e diz que em dedicação á Republica não acceita lições a ninguem.

Por ultimo o sr. ministro da instrucção explica os motivos porque hontem não compareceu no Senado e declara-se de accordo quanto ao projecto com o pedido do sr. Estevam de Vasconcellos.

Seguidamente é dada a palavra ao sr. Antonio Campos para a sua interpelação ao sr. ministro da guerra sobre a Administração da justiça militar e funccionamento dos respectivos tribunaes.

O sr. Antonio Campos n'uma voz que quasi se não percebe, tão coada chega até nós, começa a sua interpelação. Entende que é preciso conseguir o bom e regular funccionamento dos tribunaes militares. Foi isto o que pretendeu dizer embora as suas palavras não fosse dada a devida interpretação. Os seus fins são dois: apresentar o aspecto geral do estado da administração da justiça, e dizer como desde junho os tribunaes de Lisboa estavam funccionando d'uma fórma illegal.

Ha uma difficuldade enorme em ouvir o sr. Antonio Campos. Diz, repete; desdiz, volta a repetir, e não ha maneira de perceber coisa alguma.

Em julho, diz, deram-se duas vagas nos tribunaes militares de Lisboa: uma de promotor e outra de defensor. Para essas vagas fizeram-se nomeações interinas. Isto não é legal pela accumulação de funcções. Houve depois concurso e os nomeados para esses cargos foram-no illegalmente sem as formalidades e exigencias da lei. Cita ainda o facto de existir um processo importante adiado até janeiro apesar de já ha muito ter sido estudado pelo promotor que depois foi exonerado. Veiu depois um official moderno que não percebia nada do assumpto e que foi substituido por um major que pediu novo addiamento para estudar o processo.

Fala depois no incendio de Santa Clara cujos prejuizos lhe transtornaram a razão deixando-o perplexo e levando-o a approximar os factos por vêr n'isso uma consequencia do mau funccionamento dos tribunaes. Foi por isso que resolveu chamar a attenção do sr. ministro da guerra para o facto. Mas as suas palavras foram deturpadas. Os fornecimentos em que falou não eram para o deposito mas eram para as unidades. Trata em seguida, larga e confusamente, do caso já conhecido e julgado da falsificação de recibos durante 33 mezes. Como se faz isto? Como é possivel tal facto?

O sr. ministro da guerra responde. A primeira parte da interpelação é uma explicação pessoal com que nada tem. Referiu-se depois ao funccionamento de tribunaes e pronunciou a palavra illegal. Elle, ministro apenas tem a declarar que foi tudo legal, mediante concurso e, respeitando-se a lei. O sr. Campos falou ainda n'um crime banal e vulgar pendente de nova sentença. Em seu entender o sr. Campos procedeu com pouco criterio attenta á sua qualidade de magistrado. Mas o sr. Antonio Campos fez ainda insinuações vagas sobre nomeações de auditores. Não conhece facto algum que as justifique e por isso mandará averiguar e o primeiro a ser ouvido será o interpelante. Se tiver havido culpados elles serão castigados, porque todos os responsaveis serão chamados e é possivel mesmo que o sr. Antonio Campos seja um d'elles.

O sr. Pina Lopes requer a generalisação do debate. Approvado em prova e contra-prova.

O sr. Antonio Campos volta a falar e a repetir o que já dissera para depois se desdizer e declarar que não fez insinuações e que até elogia todos os funccionarios das repartições dos tribunaes militares.

(Ha rumores na esquerda da Camara).

O sr. Pina Lopes diz que o sr. Campos diz e desdiz de maneira a não se comprehender. Attribue por exemplo o augmento da criminalidade de 1911 á organisação miliciana quando esta data de 1908.

E entra-se na segunda parte da ordem do dia, projecto de lei sobre instrucção primaria.

O sr. Estevam de Vasconcellos requer que a discussão do projecto seja addiada de accordo com as suas ulteriores declarações.

O sr. Silva Barreto requer por sua vez a presença do sr. ministro da instrucção que se encontra na outra camara e é chamado á pressa.

O sr. Silva Barreto defende o seu projecto e combate a proposta de adiamento.

O sr. ministro da instrucção concorda com a proposta. O projecto é mau embora tenha alguma coisa de bom. O sr. Estevam de Vasconcellos explica a razão da sua proposta baseada nas declarações do sr. Agostinho Fortes.

O sr. Silva Barreto mantem a sua resolução. O facto d'um senador estar doente não é razão para se adiar a discussão d'um projecto de lei.

O sr. Leão Azedo:—Apoiado.

Posta á votação a proposta do sr. Estevam de Vasconcellos fica approvada.

A proxima sessão é amanhã.

A reunião democratica

Do sr. Alvaro Sousa recebemos uma carta a proposito da entrevista com o sr. dr. Arthur Leitão, publicada na *Capital* d'hontem. Discorda da ideia de se extinguirem as commissões politicas do partido republicano portuguez, dizendo que o caso será tratado no proximo congresso de Coimbra.

Os acontecimentos

Para o Limoeiro seguiu hoje, depois de lhe ter sido levantada a incommunicabilidade, Bernardino dos Santos, preso na rua Damasceno Monteiro, onde foi encontrada grande quantidade de bombas e outros objectos. A sua amante Alice Soeiro recolheu ao Aljube, ingressando elle no grupo D. No governo civil compareceram hoje muitos amigos do preso a fim de o visitarem, mas á hora da visita foi mettido no gabinete do sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação. Os dois presos seguiram no *camion* acompanhados de dois guardas á paisana.

O agente Belem passou hoje uma busca para os lados da Estrella, mas sem resultado.

Navios allemães

Attitudes attribuidas aos ministros da Inglaterra e da Allemanha

Tem impressionado muita gente o facto de os navios allemães se conservarem toda a noite de bandeira içada e com um pequeno farol acceso. Dos boatos que corriam hoje, a tal proposito, mencionaremos os seguintes:

Que o sr. ministro da Inglaterra se mostra d'uma extrema reserva, não dizendo uma palavra ácerca das instrucções, que possue do seu governo;

que o sr. ministro da Allemanha, abordado um dia d'estes sobre o caso da utilisação dos navios pelo governo portuguez, respondera que, pela sua parte, consideraria essa medida como um acto de belligerancia, mas que aguardava indicações do seu governo;

que só seriam utilisados agora seis navios para transportes de generos indispensaveis á economia nacional, ficando para mais tarde a solução definitiva do assumpto.

Procurando informações sobre o caso, apurámos que elle se encontra nos mesmos termos que «A Capital» foi o primeiro jornal a indicar como os mais convenientes para os interesses do paiz, nada se tendo passado que alterasse o aspecto da questão.

Com um tiro no ventre

No Casal das Parreiras, concelho de Alemquer, por motivo de umas partilhas, envolveram-se em desordem Julio Franco, de 28 annos, moleiro, e seu cunhado Antonio da Costa. Este disparou um tiro contra o cunhado, ferindo-o no ventre.

Trazido para Lisboa, deu entrada, em estado grave no hospital de S. José, na enfermaria n.º 4.

NOTAS DIVERSAS

—O deputado sr. João Luiz Ricardo apresentou hoje ao sr. ministro do fomento a camara municipal de Extremoz que veiu tratar da expropriação de terrenos para construcção d'uma rua e do edificio para a escola central.

—O sr. dr. João Salema, governador civil de Leiria, voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro do fomento sobre a dotação para as obras do castello d'aquella cidade. A portaria concedendo a verba necessaria para já deve ser publicada brevemente.

—Sahiu hoje o contra-torpedeiro francez «Lausquenet», que hontem entrára no Tejo para se abastecer de carvão, agua e mantimentos.

—Foi nomeada uma commissão composta dos srs. Ernesto de Vasconcellos, Gago Coutinho, Soares Branco, Correia da Silva e Moura Braz, para elaborar um plano para a montagem da telegraphia sem fios nas colonias.

—O governador civil de Lisboa teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro do fomento sobre a reclamação que ha dias lhe foi feita pelos operarios da Companhia das Aguas.

—Foi hoje assignado pelo sr. presidente da Republica o decreto regulando a cultura do arroz. Deve ser publicado no «Diario do Governo» de ámanhã.

A questão das subsistencias

Uma commissão de industriaes de padarias do concelho de Oeiras procurou hoje o sr. governador civil a fim de lhe declarar que não podem vender o pão pelo preço da tabella visto que compram o trigo por preço elevadissimo e que a maior parte do trigo que ali a; parece é de 1.ª classe, quando o povo não o póde pagar. O chefe do districto prometteu providenciar.

Uma commissão de exportadores de peixe, do mercado de Santos, vae representar ao governo contra o facto de ser grande a exportação de peixe para Hespanha, sendo por isso muito prejudicada tanto a venda em Lisboa, como a exportação de peixe para as provincias. Querem os commissionados, que caso não seja prohibida por completo, se determine um certo limite para essa exportação. Recentemente todo o peixe grosso que tem apparecido no mercado de Santos, vae para o estrangeiro, ficando apenas em Lisboa peixe meudo e em quantidades inferiores para o consumo nacional.

A Junta de Credito Agricola, na sua sessão de hontem, attendendo ás extremas difficuldades com que lucta a lavoura nacional, mercê da alta excessiva de todos os materiaes empregados na exploração agricola, e no intuito de facilitar, tanto quanto possivel o desenvolvimento cultural tão intimamente ligado á producção das nossas principaes subsistencias, deliberou, por unanimidade, que se baixasse a taxa nos emprestimos ás caixas de credito agricola mutuo, destinados a beneficiarem o capital de exploração, sendo essa taxa de 3 por cento ao anno, e 2 e um quarto para os emprestimos prorogados nas expressas condições da lei.

Interesses anglo-hispano

MADRID, 14.—O «Daily Mail» publicou a seguinte informação:

«O embaixador de Hespanha, que presidiu á assembléa annual da camara do commercio hespanhola no Great Hotel, manifestou o desejo de que essa entidade hespanhola continue os seus esforços em favor do desenvolvimento do trafico entre Hespanha e Inglaterra e que n'este momento trate principalmente de neutralisar o prejudicial influxo da guerra sobre o negocio de fructas hespanholas, seriamente ameaçado.

A informação annual demonstra que em 1914 as transacções hispano-inglezas soffreram uma baixa de 2,110.686 libras esterlinas com relação ao exercicio de 1913.

«Discutiu-se a extraordinaria importancia que encerra a suspensão temporaria da venda de navios hespanhoes ao estrangeiro com o fim de evitar serias difficuldades á exportação de productos hespanhoes.»—(Corresp.).

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 1/2	36 1/4
Londres, 90 d/v.	37	—
Paris, cheque	$70,4	$71
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58	$60
Madrid, cheque	1$31	1$32
Suissa, cheque	$79	$80
Italia, cheque	—	—
New York	1$35	1$39
Rios/Londres	11 11/16	
Libras	6$65	6$75
Agio do ouro	44 %	48 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,25	38,95
» » 500$	39,25	39,15
» » 100$	—	39,60

Obrigações: 3 0/0 1905, 9$50; 4 0/0 1888, 22$60.

Externas: 1.ª serie, 74$80 e 3.ª, 76$60.

Divida da provincia de Angola, 60$.

Acções: Lisboa & Açores, 122$; Ultramarino, coup., 130$; Ilha do Principe, 221$; Phosphoros, coup., 57$50; Tabacos, coup., 78$80; Empreza Agricola Principe, 5$50.

Obrigações: Aguas, assent., 81$50, e coup., 83$40; Prediaes, 6 0/0, 81$50, e 5 0/0, 88$50. Municipaes ou Districtaes, 6 0/0 79$50; Municipaes, 84$ e 84$15; Ambacas, 93$50; Caminho de Ferro de Benguella, t. 5, 79$60.

Folhetim d'A CAPITAL 15-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A' cata do oiro

—Foi ali!—indica Gallon, apontando para um abandonado acampamento, onde se viam cahidos pelo chão os mais diversos objectos. Ali é que mataram Wilkerson!

E precipitando-se para a frente, Gallon, de braços estendidos, como que faz menção de erguer da terra um corpo que sobre ella repoise inanimado. O espanto, porém, surprehende-o e a sua surpreza não tem limites. Wilkerson desapparecera.

—Onde está o teu companheiro?—pergunta-lhe o «sherif».

—Deve estar aqui! Não sei, responde-lhe Gallon, tremendo.

E o terror começa a dominal-o. O seu ardil revela-se então claramente. Ha suspeitas. O «sherif» entrevê, n'um instante, toda a tragica verdade. E, pondo a mão no hombro de Gallon, diz-lhe:

—Tu é que és o bandido, tu é que pretendeste matar Wilkerson. Estás preso.

Amarrado, de mãos atraz das costas, Gallon que mal esboçára um frio gesto de resistencia, deixa que façam d'elle o que lhes aprouver. O crime pesa sobre elle, esmagando-o. Entretanto, a noite cae, estendendo serenamente, sobre o acampamento o seu pesado manto de sombra. Gallon é entregue á vigilancia d'um «cowboy». Accende-se uma grande fogueira, em torno da qual todos se deitam. O calor entorpece. O guarda de Gallon, sob a noite estrellada, esquece o prisioneiro e adormece como os outros. Só Gallon está acordado e de posse de toda a sua coragem e de toda a sua astucia.

—E' agora!—diz elle com firmeza. Não ha tempo a perder!

As chammas da fogueira sobem alto, espalhando por aquelle recanto do bosque um clarão amarello e lugubre. Gallon não hesita. Approxima-se das labaredas, mergulha n'ellas as mãos fortemente amarradas por cordas e espera. O fogo realisa a sua obra. As cordas estalam e Gallon vê-se livre. Silenciosamente, cautelosamente, sae do acampamento. A meia duzia de passos, os cavallos descançam tambem. Gallon apodera-se d'um, monta-o, chicoteia-o, obriga-o a galopar, pela calada da noite, atravez d'aquella terra desconhecida, cortada de precipicios, com a segurança de quem foge á morte certa, á morte implacavel e inevitavel.

E emquanto Gallon foge, o «cowboy» imprevidente, dando por falta do seu preso, acorda os companheiros e brada-lhes:

—Gallon fugiu!

N'um abrir e fechar d'olhos, a perseguição começa. Gallon, porém, já vae longe, galgando clareiras, atravessando florestas, deixando atraz de si um grande penacho branco de poeira que servia de orientador áquelles que o perseguiam. O cavallo cansa-se-lhe. Tem de o abandonar. Mas como? Ao longe, no espinhaço d'um monticulo, o «sherif» e a gente que o acompanha surgem, galopando á desfilada. E' preciso não se deixar vencer pelo desalento. Urge tomar uma resolução salvadora.

A certa altura, o caminho faz uma apertada curva. O «sherif», n'esse instante transpõe velozmente um valle pouco profundo. O ensejo não pode ser melhor.

E apeando-se rapidamente, Gallon occulta-se por detraz d'um tufo alto de verdura, tendo préviamente obrigado o cavallo a partir á desfilada, sem cavalleiro. Os homens do «sherif» chegam, mergulhados n'uma densissima poeirada, que quasi os occulta. N'aquelle ponto, a estrada ramifica-se em varios sentidos. Que caminho tomar?

—Safou-se!—exclama, furioso, o chefe do bando. E para onde?

E os perseguidores de Gallon realisam á pressa, n'aquelle cotovello da estrada, sob o luar magnifico que desenha todos os contornos do terreno e do arvoredo, um rapido, um agitado conciliabulo.

—Persigamol-o! — brada aquelle que deixára fugir o aventureiro.

—Como? Quem sabe onde elle foi parar?

—Não póde estar longe. O cavallo vae além, sem cavalleiro. O bandido lançou, com certeza, mão d'alguma habilidade audaciosa para ... nos escapar. Ia jural-o.

E aquelle que falava assim, mordendo os beiços, de raiva, esporeava o cavallo e fazia menção de se atirar para o mato que, em seu entender, devia servir de esconderijo a Gallon.

—Para traz!—grita então o «sherif». Não temos aqui nada que fazer. O miseravel deve, a estas horas, estar longe e bem longe.

Gallon, entretanto, está ali, bem perto, do outro lado d'uma densa sébe, ouvindo tudo quanto se diz. A sua anciedade não tem limites. O receio de que o descubram quasi lhe faz parar a respiração. Soffre horrivelmente. E' a sua liberdade que está em perigo, é a sua fortuna, é o seu futuro, que tantas vezes, nas horas de febre e de allucinação, sonhou brilhante, que ameaça ruir, desmoronar-se para sempre. Ao longe, na lombada da serra, na curva da charneca arida e desolada, os seus perseguidores somem-se, regressando socegadamente ao ponto de partida. Gallon vê, pela ultima vez aquelles que estiveram a ponto de o esmagar. Sae então do seu esconderijo e respira livremente.

Então, n'aquelle silencio tragico da floresta, tão cheio de grandeza e tão propicio ao terror, Gallon concentra-se e medita. Foram bem agitadas aquellas horas que acabava de viver. A bocca sabia-lhe a fel. Só a sua energia podia tel-o salvo. Mas de tudo o que passára e soffrera, alguma coisa lhe restava. Ficára-lhe o plano da sua mina. Ficára-lhe o seu thezouro, a sua fortuna, a sua riqueza. Tinha ali o plano que traçára a occultas. Não o abandonaria nunca, como não se separaria jámais do retrato de sua filha Rosa, que trazia sempre bem junto do coração. E tirando a photographia querida, Gallon, deitado sobre a terra calida, murmura:

—Filha, minha adorada filha, como te quero! E' por ti que soffro todas estas amarguras, que lucto tanto, que trabalho tanto, que me sinto capaz de todos os heroismos e de todos os crimes. Hei de fazer-te rica, porque quero ser feliz.

E d'ahi a pouco, Gallon, o aventureiro, o vagabundo, o ambicioso, deixa-se dormir, dizendo:

—Sim, hei de salvar a mina para a minha Rosinha!

O somno do aventureiro foi profundo, tranquillo, pesado, como o somno de todas as creaturas extenuadas. Acordou quando o sol rompia, alagando de luz a immensa vastidão da floresta. A indecisão apoderou-se d'elle. Que fazer, para onde ir? Para o acampamento onde matára Wilkerson? Não. Era impossivel. Só tinha uma resolução a adoptar: partir para São Francisco, para regressar á casa. A visão do seu crime, porém, perturba-o, não o deixando vêr claro. Ao mesmo tempo, o passado que lhe acode á mente, opprime-lhe insupportavelmente a consciencia.

Pouco depois, Gallon mette-se a bordo d'um navio, e ali, o seu desejo de occultar o plano da mina leva-o a escondel-o na cabeça d'um manipanço budista que encontra dentro de uma velha arca. O capitão do navio é, porém, uma creatura violenta. A tripulação subleva-se. A bordo estala um incendio. Ha uma verdadeira batalha em pleno mar, o navio afunda-se e Gallon é arrojado a uma praia desconhecida. E é então que o aventureiro, para se orientar um dia, se fôr preciso, grava na chave do cofre, que traz comsigo, uma indicação que lhe permittirá descobrir o sitio onde o navio naufragou.

Passaram cinco annos. Gallon volta ao sitio onde descobriu a mina e começa a exproral-a. A esse tempo, porém, já o domina a mania de escrever o seu «diario», no qual grava tudo o que lhe acontece digno de menção. Como precise d'um engenheiro, pede-o a um banqueiro de Nova York, que lhe manda Juan Dore, um engenheiro de minas que acabava de concluir brilhantemente o seu curso.

Dore apresenta-se a Gallon, que vive com Rosinha, no valle silencioso, entregue aos seus trabalhos e ás suas apprehensões. Os dois jovens sentem-se, desde o primeiro momento, attrahidos um para o outro. Nasceram para se amar. Amam-se. Rosinha é a unica mulher que ha no acampamento. A sua casa é um adoravel Paraizo, onde os dias parecem mais suaves, e onde o aceio e o bom gosto reinam. Dore ajuda-a a enfeital-a, presenteando-a com quantos objectos curiosos traz das suas correrias pelas mattas que cercam a mina.

E emquanto os dois se amam cada vez mais, Gallon, um dia, debruçado sobre a sua secretaria e tendo na sua mão o livro das suas memorias, escreve n'elle estas palavras sombrias: «O dia d'hoje foi a repetição de todos os dos ultimos cinco annos. Continuo procurando o segredo do plano que perdi. Mas em vão...»

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

SPORT

Neurasthenicos curem-se com exercicio...

(Cartas a um velho amigo)

Como o celebre medico e philosopho Cabanis curou um doente seu

Cesar.—Tenho na redacção um collega que é um espirito culto e um jornalista de valor mas um doente. Quando entra, queixa-se sempre de dôres, de que dorme mal, de que anda aborrecido, que o cança só a idéia de ir ao theatro, que nem sempre aproveita os bilhetes d'espectaculos porque depois de jantar o assalta um desanimo extraordinario... Eu respondo-lhe invariavelmente:

—Homem, trabalha. Não fazes nada. Amarras-te á carteira um dia inteiro e não te meches. Arranjas uma obesidade que te incommoda e que te martyrisa e deixas o campo livre ao teu rheumatico...»

Elle convence-se. Diz que tenho razão e n'esses momentos de expansiva sinceridade, demonstra a sua impressão admirativa pelos rapazes fortes, que vem frequentemente visitar-me, como o H. Caldas, que é da sua terra, seu amigo e a quem viu crescer, o J. Vital que está robusto, o Dario Cannas, o Arthur dos Santos e tantos outros.

Eu volto e insisto:—Mas todos elles são rapazes que continuam a trabalhar o seu corpo com o exercicio methodico, feito como a mais regular e hygienica das gymnasticas». Para reagir contra esta imposição de tratamento, desculpa-se:—Sim, amigo, mas já tenho mais de 45 annos». Eu, então, reedito os varios argumentos para provar que os exercicios physicos são tão necessarios ao homem adulto como são para a creança. Cito para confirmar as minhas opiniões, as que estudei no dr. Lagrange, no Dally, no dr. Wide, no professor Mosso, com Hebert, Mac-Fadden e Lableé. A convicção faz-se tardiamente. E... no fim, é o mais que consigo!

Foi sempre assim, nos que soffrem de «surmenage» intellectual. Falha n'elles, a menor força de vontade para executarem o mais pequeno exercicio physico!

E' tambem assim nos neurastenicos. Ora elles tinham na gymnastica e na pratica dos «sports», o remedio soberano para se curarem. Isto pela lei que conheces como eu de que o «esforço dos musculos não se póde produzir sem um esforço da vontade». Ora, se o neurastenico «reagisse», curava-se.

Conheces o caso do celebre medico e philosopho Cabanis? Talvez, mas se o não recordas, vou avivar-te a memoria. Foi um dia chamado para ver um doente. Era um depressivo de vontade, um nevropatha dominado por sensações, triste com a sua doença, triste com a sua fraqueza, triste com a sua miseria physica que lhe fazia medo de um passeio de meio kilometro.

Cabanis experimentou muitos tratamentos e nenhum deu resultado. O doente continuava cada vez mais triste, mais fraco e mais aborrecido!

Apesar da influencia suggestiva do medico sobre elle, a cura parecia impossivel!

Cabanis pensou então n'um tratamento bizarro e extravagante. Ao entrar no portão da quinta do seu doente, reparou n'um monte de pedras que obstruiam a passagem para a direita. Aproveitou a circumstancia.

—«Meu amigo, vou cural-o. Hoje vae mudar-me aquellas pedras que estão á direita para o lado esquerdo». O doente ouviu e resolveu sujeitar-se. No dia seguinte, o medico encontrou-o extenuado e irrascivel. Ficou contentissimo!...

—«Olhe, meu amigo, hoje vae fazer o contrario. Vae collocar as pedras no primitivo logar! O pobre enfermo sujeitou-se outra vez. E assim se passaram sete ou oito dias, mudando pedras d'um lado para o outro! O caso é que o doente fazia trabalhar os seus musculos. O trabalho foi-se tornando, de cada vez mais leve! Não sentia fadiga. Veio o somno calmo. Veio a tranquilidade dos nervos!... O celebre medico tinha encontrado um processo novo d'uma therapeutica velha. O homem praticou depois o «sport» e curou-se...

O caso não é unico e não tem applicação apenas no homem adulto. Não te recordas do tempo em que o José Alvalade andava doente e neurasthenico? Ainda se não passaram muitos mezes. Pois a vida activa que lhe trouxe a empreza do Stadium curou-o em parte. Está outro. Ainda ha pouco me affirmou que se sentia esplendido para promover espectaculos brilhantes para a proxima primavera. Dizendo-te que elle se sente com saude dou-te esta novidade.—*J. P.*

tian. A sua organisação pertence a um grande jornal hespanhol.

Os amadores e professores portuguezes vão menos favorecidos, n'esta viagem, do que costumam ir os jogadores de «foot-ball» que se deslocam de Lisboa. Tem apenas garantida a viagem de ida e volta e a hospedagem, sem o menor auxilio para extraordinarios, sejam elles quaes forem. São, de resto, as mesmas condições em que ha trez annos os gymnastas portuguezes foram a Coimbra realisar um sarau em beneficio das Escolas Moveis João de Deus.

Notas do dia

Grandes festas em Hespanha

Está absolutamente garantida a visita de athletas e gymnastas portuguezes a terras de Hespanha, onde comporão o programma de espectaculos de beneficencia nas terras por onde passarem.

O primeiro d'esses grandes saraus, que serão mais uma excellente forma de fomentar o intercambio sportivo peninsular, realisa-se na cidade de S. Sebastian. A sua organisação pertence a um grande jornal hespanhol.

Echos do campeanato de lucta de Coimbra

Hontem, effectuou-se em Coimbra, na sede do Sport Club Conimbricense, a ceremonia de distribuição de premios aos vencedores do ultimo campeonato districtal de lucta. Todos os campeões receberam as suas medalhas, excepto o dr. Cesar de Mello, que declarou o seguinte: «Desejo que seja novamente disputada entre luctadores de peso «medio», juntamente com o titulo».

Esta louvavel attitude justifica-se dizendo que no campeonato, o dr. Cesar de Mello, apenas tomou parte por lealdade com a academia de Coimbra. Não o seduzia um titulo de «campeão regional», a elle que possuiu o titulo de campeão de Portugal e gosa da fama de que nunca teve um vencedor, nem athleta que o egualasse...

Quem disputará então o campeonato?

Algumas anecdotas

Não sei como os senhores lhe deram algumas dentadas...

Foi nos tempos das primeiras bicicletas.

Mario Duarte, o magnifico «sportsman», José d'Orey e mais dois amigos foram realisar um passeio pelas estradas do districto de Coimbra.

Chegados a uma terra,—Montemor-o-Velho segundo nos disseram—entraram n'uma casa para comer. Serviram-lhes varias coisas, entre ellas carne cosida, que não poderam tragar!

—«Olá, ó mulhersinha, disse Mario Duarte, no final da refeição. Não metta na conta a carne cosida, porque a deixámos quasi toda...

—«Parecia pedra!—continuou d'Orey. Com certeza que não foi cosida...

—«Tem razão... Tem razão... Nós bem o dissemos cá na cosinha. Tanto assim, que para nós, cá para a gente da casa a tornámos a cozer!... Eu nem sei como os senhores ainda lhe deram algumas dentadas!...»

Os grandes récords

De coisas bizarras e excentricas

Em Gondon, habitava ha seis annos o sr. Dupont, que foi o primeiro quebrador de nozes do mundo. Quebrou 2.884 em 60 minutos!

Em Londres, em 1910, o sr. Clooks bateu o «record» dos descarregadores de batatas. Descascou 14 kilos em 7 minutos!

Lardwig Wolging, em Berlim, fumou 19 charutos em 2 horas, sem beber coisa alguma, nem sequer cuspir.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Tiro aos pombos

A concorrencia á ultima sessão foi muito diminuta, devida sem duvida a ser o ultimo domingo em que se podia caçar. Unicamente se fizeram «matchs» a 3, sendo o primeiro a 10 pombos, ganho pelo sr. José Martinho Alves do Rio, que matou 8 pombos em 10 atirados.

O segundo «match» a 10 pombos foi ganho pelo Sr. Luiz Oliva Junior, que matou 14 pombos em 16 atirados.

O terceiro «match» a 5 pombos foi ganho pelo sr. conde de Almeida Araujo, que matou 7 pombos em 9 atirados.

O ultimo «match» a 1 pombo foi ganho pelo sr. conde de Almeida Araujo com 6 pombos.

Desafio de bilhar

Decorreu muito animado o desafio de bilhar ante-hontem realisado no Café Madrid, entre o profissional sr. Antonio de Sousa, e o amador sr. Angelo dos Santos, ás 500 carambolas. Ficou vencedor, por 96 pontos, o sr. Angelo dos Santos.

Na quinta-feira, ás 10 e meia horas, realisa-se um outro desafio, entre amadores.

Escoteiros de Portugal

Os escoteiros do grupo n. 9 carregados com todo o equipamento individual incluindo o panno de tenda, refeição fria, duas estações receptoras e transmissoras de telegraphia Morse, accumuladores e quatrocentos metros de fio, sahiram hontem da Rotunda ao fim da parada de artilharia 1, junto á Penitenciaria. A marcha foi feita a direito subindo e descendo aquellas ribeiros ve zalguma se-

banceiras quasi a prumo sem que os escoteiros vez alguma se temessem, quer nas subidas quer nas descidas.

A ribeira de Alcantara junto ao arco grande das Aguas Livres foi passada por sobre uma ponte feita unicamente com as varas dos escoteiros.

O dia foi passado a installar no terreno, em diversos locaes, estações telegraphicas.

O grupo 15 foi-se encontrar com o 9, indo todos os escoteiros dispersos desde a séde, seguindo a pista deixada pelos companheiros que os precediam.

Junto aos arcos estabeleceram as cozinhas e fizeram o café.

O resto do dia foi passado por este grupo em exercicios de parada.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

A estreia da *Fedora* hontem, em recita da moda, no Colyseu dos Recreios, foi saudada com brilhantes applausos.

A emocionante opera de Giordano teve, com effeito, uma superior interpretação por parte da sr.ª Orbellini, que representou com notavel propriedade e cantou com muito acerto.

O tenor Tincani foi correctissimo, bem como o baritono Zuffo, que marcou com notavel distincção a sua parte, e os baixos

Mariaches e Fiore que foram conscienciosos. A orchestra muito bem.

Todos os artistas receberam enthusiasticos applausos.

Hoje, despede-se do publico, em ultima recita extraordinaria, o notavel baritono Battistini, que cantará a *Traviata* e o prologo dos *Palhaços* em que é inimitavel. Por certo que a recita de hoje deixará saudosas recordações, tanto ao genial artista como ao publico.

A estreia do eminente soprano ligeiro Maria Galvany amanhã, tem despertado interesse extraordinario a julgar pela concorrencia á bilheteira. Não ha de que nos admirarmos visto que Maria Galvany é das artistas que mais sympathias contam entre nós cantará a *Lucia de Lamermoor*, uma das suas melhores coroas.

Galvany vem dar apenas seis recitas.

Concertos David de Sousa

O 12.º concerto da orchestra do Polytheama, que no proximo domingo se realisa, tem, como os anteriores, um magnifico programma seleccionado com o maior escrupulo e o mais elevado sentimento artistico. Toda a primeira parte, consagrada a Wagner, encerra tres obras-primas, do grande compositor. Na segunda parte, além da abertura do «Carnaval Romano», de Berlioz, figura pela primeira vez em Portugal a «suite» de Ravel «Ma Mère l'Oije» de que se diz maravilhas, e por ultimo na terceira parte, notam-se os nomes consagrados de Borodine, Beethoven e Tschaykowsky, este ultimo subscrevendo a celebre «Abertura Solemne, 1812».

A Allemanha vae violar a neutralidade da Suissa?

Paris, 11 de fevereiro

Diversos escriptores militares, entre os quaes o coronel Rousset, consideraram n'estes ultimos dias a hypothese da violação do territorio suisso pela Allemanha.

O commandante de Civrieux escreve a este respeito no «Matin»: «A extrema ala direita da frente occidental, depois de haver enquadrado, na Alta Alsacia, as avançadas do campo entrincheirado de Belfort, apoia-se no territorio neutro da Suissa. A queda recente, n'este sector, de algumas grossas granadas allemãs disparadas a grande distancia, chama a attenção para os acontecimentos que ali poderiam produzir-se. A «trouée» aberta entre os Vosges e os contrafortes do monte Terrivel, do valle do Rheno ao do Saône, é e deve continuar a ser intangivel em razão da accumulação das nossas defezas, motivo porque vem naturalmente ao espirito a idéa de que os allemães um dia serão tentados a violar a neutralidade helvetica. Desde que não resta duvida de que os escrupulos dos nossos adversarios não entram em linha de conta, a questão resume-se em ponderar as vantagens e os inconvenientes que uma nova violação traria á sua causa. Os inconvenientes seriam para elles: d'um lado, o prolongamento da sua frente; do outro, a entrada em acção, sobre o seu flanco esquerdo, de 300.000 montanhezes, notavelmente apetrechados, aos quaes deviam ser oppostos effectivos eguaes. As unicas vantagens estrategicas só poderiam obter-se pela surpreza proveniente da apparição imprevista d'um exercito allemão nos declives do Lomont, desprovidos de defensores. Ora sem querer insistir nas disposições tomadas, a surpreza é, sob todos os pontos de vista, irrealisavel.»

Tuna Academica de Lisboa

Jantar de confraternisação

Solemnisando a data do anniversario da sua fundação realisa-se depois de amanhã um jantar no café Montanha, promovido pelos fundadores e antigos socios. Esta festa, que vae dar ensejo a confraternisarem varias gerações que tiveram um mesmo ideal e que viveram uma mesma mocidade, está despertando o maximo interesse, sendo já grande o numero de inscripções, contando-se entre ellas os nomes de muitos medicos, engenheiros, professores, industriaes, empregados de commercio, empregados publicos, senadores, deputados, artistas, actores, etc., que, tendo pertencido áquella interessante associação academica, aproveitam o ensejo de se encontrar e esquecendo o presente relembraren o passado, tão cheio de episodios proprios de gente nova que sabia gosar a vida, sem precocidades nem snobismos improprios de gente moça.

A inscripção está aberta no café Montanha.

Vêr noticiario na 4.ª pagina.

reforços — iam cheias, de homens, canhões e munições.

A's 4 horas da manhã de 25 de setembro tudo estava preparado para o ataque. O vento havia rondado para sudoeste, o que não favorecia o emprego dos gazes e das columnas de fumo. Como na vespera á tarde, a chuva cahia e o nevoeiro encobriu as encostas pelas quaes os inglezes e francezes na direita tinham de abrir caminho.

A's 4.25' começou o bombardeamento com a maior intensidade.

Australiano disparando um morteiro de artilharia

O ruido produzido era tão terrivel que os que o ouviam a cincoenta e sessenta kilometros ficavam como que atordoados. Esse bombardeamento, unico na historia ingleza, póde ter sido egualado, mas com certeza que não foi excedido pelo dos allemães na fronte oriental no seu avanço na Galicia e na Polonia. Egualmente violento foi o fogo que n'aquelle dia choveu sobre as alturas de Vimy e as posições allemãs na Champagne. A sciencia franceza e ingleza tinham combinado pôr á disposição dos exercitos alliados armasa superiores ás forjads nos arsenaes allemães.

No espaço de tempo que precede o raiar da aurora—ás 5 horas e meia da manhã—nuvens de gazes e de fumo sahiram das trincheiras inglezas. Infelizmente, o vento parece ter levado essas nuvens para além da «fossa 8», do reducto «Hohenzollern» e das pedreiras de Hulluch. Comtudo, o effeito psychologico dos gazes deve ter sido consideravel. Não sabiam se os gazes eram venenosos e atraz do fumo iam os inimigos que os atacavam á bayoneta, a arma que elles mais receiavam.

Emquanto os visiveis e invisiveis vapores eram levados pelo vento em direcção a Loos e Liévin, os inglezes esperavam com impaciencia nas suas trincheiras, preparados com os seus capacetes contra os gazes.

A leste o terreno subia para a estrada St. Elie-La Bassée e para uma elevação denominada «Cota 70». No lado nordeste d'essa cota havia um grande reducto. Um pouco ao norte estava a mina de carvão «14 bis», poderosamente fortificada.

A leste da cota 70 o terreno descia e na proxima elevação ficava a aldeia de Cité St. Auguste.

A tres kilometros ao norte de Loos ficavam as casas de Hulluch que se estendiam ao longo d'uma pequena torrente. A noroeste de Hulluch as pedreiras estavam convertidas n'uma fortaleza, semelhante á que a oeste de Carency havia no dia 11 de maio detido o avanço francez n'aquella aldeia. Por detraz das pedreiras estava a aldeia mineira de Cité St. Elie na estrada Lens-La Bassée.

A uns oitocentos metros a noroeste das pedreiras e a quinhentos na frente das trincheiras allemãs havia o reducto «Hohenzollern». Este era ligado com a sua linha de fronte por tres trincheiras de communicação ligadas com as defezas da «fossa 8», uma mina de carvão com grandes fortificações a um kilometro ao sul de Auchy, aldeia quasi a kilometro e meio das margens do canal Béthune-La Bassée-Lille.

As aldeias de Haisnes e de Douvrin, a leste do caminho de ferro Cuinchy-Pont-à-Vendin-Lens, que passa entre ellas, offereciam pontos de concentração ao inimigo, se elle fôsse repellido da «fossa 8», do reducto «Hohenzollern» e das pedreiras de Hulluch.

De oeste para leste, a posição allemã era atravessada pela estrada Béthune-Beuvry-Annequin-Auchy-La Bassée, na qual entroncava uma outra que por Haisnes e Douvrin cortava a que ia de La Bassée a Lens; em seguida por uma estrada de Vermelles por Hulluch a Pont-à-Vendin; depois, diagonalmente, pela estrada Béthune-Lens e por ultimo pelo caminho de ferro Béthune-Grenay-Lens.

Para além das trincheiras inglezas seguia ao sul de Auchy a estrada La Bassée-Vermelles-Grenay e na baixa estava parte da calçada de Béthune-Nœux-les-Mines-Aix Noulette-Souchez-Arras.

Um caminho de ferro a uns duzentos metros a oeste de Grenay ligava a linha Béthune-Lens com La Bassée. Exactamente a oeste um montão de ruinas vermelhas e brancas entre os verdes campos indicava Vermelles, que fôra theatro d'uma sangrenta lucta nos mezes de inverno.

A distancia entre as trincheiras inglezas e allemãs variava de 100 a 500 metros. Corriam parallelas ao sul do canal sobre uma quasi imperceptivel elevação para sudoeste. Entre as estradas Vermelles-Hulluch-Pont-à-Vendin e Béthune-Lens o terreno erguia-se do lado dos allemães. Ao sul da estrada Béthune-Lens, onde as trincheiras faziam um contraforte, ficavam as trincheiras allemãs, deante das quaes havia tres rêdes de arame farpado separadas umas das outras.

A primeira linha de trincheiras estava a oeste de Loos, a segunda correndo n'uma ligeira depressão cobria parte da cidade e obliquava abruptamente para leste e corria pelo meio de Loos. Além de Loos ficava a terceira linha. Uma poderosa estação geradora fornecia luz electrica ás trincheiras e aos postos de dormir e um magnifico systema telephonico habilitava os commandantes allemães a apoiar qualquer ponto com infantaria e o fogo dos canhões.

Postos de observação construidos de cimento armado e cobertos com cupulas d'aço, plataformas de metralhadoras e dormitorios de 15 a 30 pés de profundidade abundavam. Descrevamos um «dormitorio». A pronfundidade de 20 pés uma especie de poço fôra cavado. Por meio d'uma roldana, uma metralhadora podia subir ou descer n'esse poço conforme era necessario, e por uma escada os que o occupavam desciam para uma sala tendo de altura uns seis pés. Essa sala tinha uma meza, cadeiras e quatro bancos para dormir. Fóra, uma funda escadaria dava para outra trincheira.

Alguns d'esses quartos de cama subterraneos tinham paredes caiadas

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Os redemptores da Illyria.
REPUBLICA—A's 21—Noite de Santo Antonio.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—O cão do commissario.
GYMNASIO—A's 21—O manequim.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Mané de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Lucia de Lamermoor.

Agenda da semana

AMANHÃ—Republica—Primeira representação da peça em 4 actos, de Vasco de Mendonça Alves, *Noite de Santo Antonio*.

SABBADO—Gymnasio—Primeira representação da comedia em 3 actos, de Chagas Roquette, *O Senhor roubado*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Universidade de Lisboa

A Federação Academica convida todos os alumnos d'esta Universidade a comparecerem amanhã, ás 14 horas e meia, na Faculdade de Sciencias, para eleição do seu delegado ao Senado Universitario. Pede-se a todos que vão munidos do bilhete de identidade da Universidade ou das associações das respectivas escolas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de escriptorio.—Reune a assembléa geral no dia 19, ás 20 e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal e suas conclusões; eleição dos corpos gerentes; apreciação do relatorio da syndicancia requerida pelo socio n.º 1135 e apresentação de dois projectos de fusão das associações de empregados commerciaes.

Officiaes de ourives e artes annexas.—A commissão nomeada para tratar do augmento de salarios reune amanhã, pelas 21 horas, no Poço do Borratem, 33, 1.º, para tratar de analysar as respostas recebidas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Commercio do Porto, mensal»

O nosso collega *O Commercio do Porto* acaba de lançar no mercado, a exemplo do que fazem os grandes jornaes inglezes, como o *Times* por exemplo, um numero especial, mensal, para os que não teem tempo de ler todos os dias. E' um resumo do que durante o mez occorreu de mais notavel, pondo assim, rapidamente, o leitor ao facto da vida commercial, industrial e politica do paiz. O numero que acabamos de receber é o correspondente a janeiro.

Etourderie—Assim se intitula um *Two-steps* para piano, original de uma distincta compositora de musica, que occulta o seu verdadeiro nome sob o nome de H. Effrena. Composição graciosa, a que não falta nenhum dos predicados requeridos, illustrada com uma linda capa, deve encontrar a maior acceitação.

«As tres princezas mortas n'um palacio em ruinas»

Uma pequena *planchette* com sonetos de João Cabral do Nascimento, em que ha inspiração. Não sabemos se é estreia. Se assim succede, é promettedora, devendo, porém, o poeta pôr de lado a nota pessimista, de descrença. A vida é larga, ampla, e aos novos compete encaral-a com esperança.

Movimento maritimo

R. J., Sant. e R. Pr. «Dresna» (de Liv.)	16
Afr. Or. via Cabo, «Sabine» (de Liv.)	16
Gran Bretanha «Demerara» do Braz.)	18
Bahia, Rio de Janeiro «Rynland»	19
Br. e R. Pr., «Drechterland» (de Ams.)	19
Madeira e Açores, «San Miguel»	20
R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (de Amst.)	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)	22
Africa Occidental, «Peninsular»	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.)	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

Monte-pio Nacional

Associação de Soccorros Mutuos
Rua Correeiros, 70—LISBOA

Assembleia geral
AVISO

Em conformidade com os paragraphos 1.º e 2.º do artigo 38.º dos estatutos e tendo ouvido os corpos gerentes, convoco a assembléa geral d'este Montepio a reunir no proximo dia 29 do corrente, pelas vinte e meia horas, na séde da associação, a fim de discutir e votar:

1.º—Os relatorios e contas da gerencia de 1915 e respectivos pareceres do conselho fiscal;

2.º—O regulamento da assembléa geral.

Os livros e mais documentos relativos á mesma gerencia estão patentes até esse dia na séde da associação, das 10 ás 17 horas.

Não comparecendo á reunião a vigesima parte dos socios, conforme determina o artigo 36.º dos estatutos, fica desde já feita a segunda convocação para o dia 10 de março, no mesmo local e hora e com a mesma ordem de trabalhos, podendo n'esta reunião a assembléa funccionar com qualquer numero de socios presentes.

Lisboa, 14 de fevereiro de 1916.

O presidente da assembléa geral
João Eduardo Pessoa Lopes

e eram illuminados por candeeiros e ornamentados com pinturas.

A 24 de setembro, os preparativos para a grande offensiva no Artois assim como na Champagne estavam completos. Para atravessar a planicie do Scheldt e surprehender os allemães nas formidaveis fortificações desde La Bassée por Loos e Lens até Vimy, era necessario não só fazer ataques simulados contra a linha do inimigo entre Ypres e La Bassée, mas ter as reservas francezas e inglezas em locaes que o seu emprego na fronte parecesse não ser evidente.

Os generaes Foch e d'Urbal concentraram as suas reservas na região d'Arras. O corpo de cavallaria indio, sob o commando do general Rimington, poz-se em movimento para Doullens, a meio caminho entre Arras e Amiens e a vinte e sete kilometros a noroeste de Albert.

Ahi, devemos recordal-o, Foch e French, a 8 d'outubro de 1914, tinham combinado os seus planos para o avanço inglez sobre La Bassée, Lille e Ypres. A presença d'essas tropas em Doullens, se fôsse conhecida do principe real da Baviera, leval-o-hia a crêr que a offensiva seria tomada ao sul d'Arras nas proximidades de Hébuterne e Albert.

A trinta e dois kilometros a noroeste de Arras, nos districtos de St. Pol e Bailleul-les-Pernes, estava o corpo de cavallaria inglez, então sob o commando do general Fanshawe. A 3.ª divisão de cavallaria, que antes e durante a primeira batalha de Ypres havia sido addida ao quarto corpo d'exercito, fôra trazida, com excepção d'uma brigada, de 21 para 22 de setembro, para a area que ficava para além d'esse corpo, que formava a ala direita dos inglezes na batalha, que estava imminente.

Embora se soubesse que parte da 3.ª divisão de cavallaria estava de novo sob o commando de sir Henry Rawlinson, commandante do quarto corpo, isso não levantaria suspeitas no quartel general allemão.

Mesmo o facto do grosso da cavallaria ingleza estar ao sul da linha Béthune-La Bassée não era indicação segura da intenção dos generaes alliados. Estava, porém, tanto á mão que se a linha allemã fôsse rompida, massas de cavallaria franceza e ingleza poderiam passar pela abertura para a planicie para além das alturas Hulluch-Loos-Vimy, concorrendo para acabar de derrotar o inimigo.

O decimo primeiro corpo d'exercito inglez formava a principal reserva de infantaria. Comprehendia a divisão de Guardas sob o commando de lord Cavan, composta dos Granadeiros, Coldstream, Escocezes, Irlandezes e os recem-alistados Guardas de Galles, a 21.ª e 24.ª divisões do novo exercito. A 28.ª divisão tambem temporariamente fôra retirada do segundo exercito em Ypres, do commando de sir Herbert Plumer.

Os Guardas bivacaram na região de Lillers, a dezeseis kilometros a noroeste de Béthune. A 21.ª e 24.ª divisões estavam entre Beuvry e Nœux-les-Mines. A 28.ª divisão retirára do saliente de Ypres para Bailleul, a noroeste de Armentières no Lys. D'uma posição central como Bailleul podia ser levada para qualquer ponto ao norte ou ao sul do canal La Bassée.

Admittindo mesmo que essa disposição de tropas fôsse conhecida, por acaso ou por traição, pelo principe real da Baviera, pouco lhe poderia ella indicar.

As tropas inglezas que sir Douglas Haig estava proximo a lançar ao ataque eram o segundo e o terceiro corpos. O primeiro corpo, com excepção das fracções destacadas para ataques simulados em Givenchy e em Festubert, estava occulto nas trincheiras desde o canal Béthune-La Bassée até á estrada Vermelles-Hulluch.

Esse corpo estava sob as ordens do logar-tenente general Hubert Gough. A sua ala esquerda operando a leste ao longo do canal devia atacar Auchy onde estavam postados os canhões pezados allemães, apoderar-se de Haisnes e tomar pela retaguarda a «fossa 8» e o reducto «Hohenzollern».

A 9.ª divisão, no centro, devia to-

mar o reducto «Hohenzollern» e d'ahi seguir para a «fossa 8». A' sua direita, o logar-tenente general Gough dirigia a gloriosa 7.ª divisão nas pedreiras de Hulluch e na aldeia de St. Elie.

Ao sul da estrada Vermelles-Hulluch estava sir Henry Rawlinson com o quarto corpo d'exercito. A 1.ª divisão, a 15.ª divisão Highland — parte dos novos exercitos — e o 47.º regimento da divisão territorial de Londres deviam alcançar as alturas entre Hulluch e Lens, tomar o reducto na elevação Vermelles-Loos, a cidade de Loos, a «fossa 14 bis», o reducto no recanto nordeste da cota 70, o cume d'essa elevação e a aldeia de Cité St. Auguste.

Se Gough conseguisse o seu objectivo, o saliente de La Bassée seria torneado pelo sul; se Rawlinson obtivesse bom resultado, a cidade de Lens, as tropas e os canhões allemães em Liévin e Angres e a extrema norte das alturas de Vimy poderiam ser tomadas.

Os alliados, quer os francezes conseguissem ou não apoderar-se d'essas alturas, teriam pelo menos obtido chegar á planicie do Scheldt e uma batalha em que a superioridade moral das forças alliadas se confirmaria se seguiria immediatamente.

Tal era o plano dos commandantes dos alliados. Para o executarem tinham elles ao seu dispôr, além de uma gigantesca artilharia, duas novas armas—retortas para arrojarem um gaz que atordoava, mas não envenenava, e apparelhos para lançarem columnas de fumo. Se o vento soprasse do oeste e fôsse sufficientemente forte para levar os gazes e o fumo, mas não com tanta força que dissipasse as nuvens de vapor, tudo seria contra os allemães. Vendo que o inimigo ficava nos seus entrincheiramentos para contrabalançar as superiores qualidades combativas dos inglezes e dos francezes, tinha sido um erro da sua parte o empregar gazes venenosos.

Os alliados, sendo civilisados, como o são, não podiam pagar ao kaiser na mesma moeda; a sua resposta era tambem efficaz, mas sem os elementos de crueldade diabolica de que o inimigo lançava mão. Allemão algum soffreu os horrores da suffocação ou expirou n'uma angustiosa agonia apoz dias de horrivel soffrimento em resultado dos gazes empregados pelos inglezes.

Durante os primeiros dias da semana que precedeu a batalha o tempo esteve bom, mas o vento soprava de leste e, por isso, os gazes e o fumo podiam ser arrastados para o lado dos inglezes. No dia 24 de setembro, o vento rondou para oeste. Vindo do Canal Inglez, era acompanhado de fina chuva e de nevoeiro. Estradas, campos e trincheiras ensopavam-se e tornavam-se verdadeiros lodaçaes.

Se o vento não mudasse, as condições no dia seguinte para o emprego de gazes e de fumo seriam propicias, mas se assim não fôsse seria mau tanto para a infantaria que désse o ataque, como para as reservas, que tinham de percorrer longas distancias.

Durante todo o dia 24, a artilharia franceza e a ingleza fizeram fogo contra as vedações d'arame farpado do inimigo, os parapeitos das trincheiras, as pedreiras, as fossas, as cupulas d'aço, os massiços de arvores, as obras de minas, as aldeias e as cidades que formavam a posição do inimigo. As baterias allemãs ripostaram, mas o seu fogo foi menos efficaz.

Ao cahir da noite, os aeroplanos francezes e inglezes ergueram vôo e entre saraivadas de shrapnels que explodiam passaram sobre a linha allemã. N'um ponto dois «aviatiks» subiram ao seu encontro, mas, fugindo ao combate, foram vistos desapparecer no longinquo horizonte.

Para impedir que o inimigo reparasse as brechas feitas nas suas vedações d'arame farpado e nos parapeitos a coberto da escuridão, shrapnels e metralhadoras estiveram constantemente em acção contra a primeira linha allemã. Atraz da fronte ingleza as estradas e as trincheiras de communicação — grande numero das quaes haviam sido pouco antes feitas para facilitar á vinda de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1986—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 16 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

A EVIDENCIA

Dos boatos que estão correndo sobre o caso dos navios allemães infere-se a existencia de duas correntes, que em principio se afiguram inteiramente antagonicas, mas que chegam nas suas conclusões, por um d'esses paradoxos tão frequentes na nossa politica actual, a conclusões manifestamente identicas.

A primeira corrente é a dos que querem a paz, e para essa corrente todo o empenho consiste em considerar os actos de guerra como actos de paz. A segunda corrente é a dos que querem a guerra, e,—caso ainda mais original!—para ella tambem todos os actos de guerra devem ser considerados actos de paz.

Nem d'um nem d'outro lado, se nota a firmeza e a dignidade d'uma attitude franca e desassombrada nos seus propositos. Tanto uma como a outra negam a evidencia, e continuam a degladiar-se simplesmente porque os seus intimos sentimentos se não conciliam.

Os que querem a paz a todo o custo negam a evidencia porque ha actos de guerra já praticados ou a praticar. O que seria logico, o que seria natural, seria que elles protestassem contra os actos da guerra, considerando-os de guerra, como elles realmente são. Mas pelo contrario pretendem metter-nos os dedos pelos olhos dentro, afirmando que esses actos de guerra não o são na realidade, e nada affectam a nossa situação internacional. Para esses mystificadores a nossa lucta com os allemães foi um acto de paz, como é um acto de paz o afundamento do «Cysne» pelos allemães, como são actos de paz o fornecimento de peças espingardas e munições portuguezas aos inimigos da Allemanha.

Por outro lado, os que querem a guerra, tambem não querem que os actos de guerra que praticamos sejam considerados como taes. A pretensão não é menos singular e pueril. Dir-se-hia que a ideia dominante d'esses partidarios da guerra é fazer a guerra á Allemanha, mas sómente de accordo com ella!

Não necessita o leitor ser dotado de uma sublimada intellectualidade para comprehender quanto os propositos d'estas duas correntes não correspondem, na realidade, senão a castellos de cartas laboriosamente architectados. Por maior que seja a habilidade com que se procure susental-os contra o mais leve sopro da verdade, elles desabam miseramente por terra. Faça-se o que se fizer, as coisas são o que são, e não aquillo que se queria fazer acreditar que são. Se amanhã se começar a gritar que é noite quando o sol do meio dia esclarece a terra, nem por isso se modificarão as leis da natureza.

D'esta pretensão inaudita é que deriva a confusão esteril em que essas correntes se debatem, quando effectivamente lançam, não de identicos processos para fazer vingar designios diversos. D'esta obra de sophisma, de desfiguração dos factos, de dissimulação do pensamento, não podem resultar senão os abortos da politica.

Por isso mesmo não ha acção, e a politica viavel, solida, forte, tonificante, regenerativa e progressiva, não se póde fazer com sophismas, com «qui-pro-quos», com embrulhadas jesuiticas. As sociedades requerem, para serem regidas, uma orientação clara, a que é á acção politica as concretas realisações que a justifiquem e effectivem. Em Portugal não passamos do regimen d'uma burundanga dialectica, onde os argumentos, laboriosamente exprimidos dos cerebros, soam falso como moedas de latão fingindo oiro.

Mas fóra d'isto ha o paiz. O paiz que não quer que o nome de Portugal se avilte em situações deshonrosas; o paiz que pensa nas glorias do passado, nas necessidades do presente e nas aspirações do futuro; o paiz que quer ser tomado a sério, que tem a posse inquestionavel direito e, que se o não fôr, saberá impôr a observancia d'esse direito. E' esse paiz, cujos sentimentos se reflectem na opinião publica, que pede actos,—e em vez d'esses actos dão-lhe formulas, qual d'ellas mais vaga, mais retorcida, mais mesquinha e mais falsa.

Continue no mesmo esteril empenho a audacia cynica d'uns e a fraqueza lamentavel de outros. Isso não evitará que a logica dos factos obrigue a seguir o caminho cuja indicação corresponde aos grandes interesses e ao indispensavel prestigio da nação. Isso não impedirá que a evidencia triumphe.

Os officiaes da Marinha mercante

O seu elevado patriotismo—Ratificação do offerecimento de agosto de 1914

Na Liga dos Officiaes da Marinha Mercante realisou-se hontem uma importante reunião em que se tomaram resoluções de caracter secreto mas que, segundo nos consta, obedecem ao elevado patriotismo d'essa prestigiosa classe. Cremos poder affirmar que o offerecimento de 14 d'agosto de 1914, e que ha dias publicámos, foi unanimemente ratificado com aquelle cunho de leal sinceridade que caracterisa sempre os actos dos homens do mar.

O mar é, com effeito, uma excellente escola de coragem, de perseverança, de arrojo, de abnegação. As energias retemperam-se no seu convivio, a serenidade perante o perigo adquire-se arrostando as suas surprezas; não ha um homem do mar que seja irreflectido, precipitado ou pusilanime. Ninguem ignora que, tendo estalado a conflagração os navios mercantes nacionaes não deixaram de navegar nas zonas declaradas de guerra, e nem um só tripulante pediu por esse motivo augmento de salario ou pensão de sangue que puzesse suas familias a coberto de consequencias de qualquer fatalidade. Da sua valentia deu-nos testemunho o caso do commandante do «Cysne» torpedeado pelos allemães. Esse honrado marinheiro, que apenas salvou o que tinha no corpo, não hesitará em ir para o mar com outros navios e outras zonas de guerra, quando os seus armadores o determinarem,—elle que tudo perdeu... Fizeram-se as expedições á Africa e mais tarde, quando os submarinos allemães vieram até ao Atlantico, não modificou a navegação portugueza por esse motivo as suas derrotas, tal era o nenhum temor, que esse facto offerecia ás tripulações, e algumas, sabemol-o, tiveram occasião de observar esses submarinos abastecendo-se.

Os officiaes da marinha mercante impõem-se, pela sua attitude, á admiração e ao reconhecimento de todos os que sabem avaliar a grandeza do seu patriotismo, a indifferença com que elles encaram os riscos que podem correr no serviço do paiz para que tão generosamente se offerecem.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e na 4.ª paginas.

A guerra no mar

A legação de Portugal, em Vienna d'Austria communicou que o governo austriaco ordenou ás forças navaes austro-hungaras que considerem como belligerantes todos os paquetes ou navios mercantes inimigos armados com peças de artilharia, o que começará a ter efeito em 29 do corrente, em attenção aos interesses das potencias neutraes para que estas avisem os seus subditos que já se achem a bordo do perigo de embarcar em navios inimigos armados.

Noticias parlamentares

A doença não tem cura. Os srs. deputados da maioria continuam a ter como ideal supremo «entrar cada vez mais tarde e sahir cada vez mais cedo» sem se importarem para nada com os seus mandatos, que não lhes foram conferidos a titulo honorifico. Mas lá por do que isto. E' que as minorias sanccionam benevolamente a cabulice da esquerda, permittindo, sem protestos, que a sessão abra tarde e a más horas, para que os retardatarios não percam o subsidiosinho. Com semelhantes opposições, que nada fiscalisam, admira, porventura, que os legisladores democraticos appareçam em S. Bento, não quando o regimento manda, mas quando muito bem lhes apraz e lhes apetece? Os moralistas que pregam, mettendo bem as mãos na consciencia, para não mentirem a si proprios, como tanta vez acontece...

De vez em quando, a galeria da imprensa da camara dos deputados é invadida por um ou outro jornalista amador, que alli consegue imiscuir-se em virtude de benevolas complacencias da presidencia, para conversar mais commodamente com os deputados seus amigos e para perturbar, sem nenhuma especie de compaixão, quem, na referida tribuna se encontra apenas para trabalhar. Chega a attingir as proporções d'um verdadeiro escandalo este atropello aos direitos dos verdadeiros jornalistas e por isso mais uma vez se chama para elle a attenção das estações competentes. Porque se se póde consentir que um jornalista authentico, que não trabalha na camara, alli vá, quando lhe aprouver, consentir que o sr. Raymundo Alves, por exemplo, ali poise, chega a ser inconcebivel. O seu a seu dono; e a verdade é que ainda ninguem disse que a galeria da imprensa da camara serve para albergar todo o bicho careta que como jornalista queira fazer-se passar n'esta doce terra de Portugal...

O projecto reorganisando os quadros dos funccionarios dos governos civis reappareceu hoje na camara, vindo, com diversas alterações, do Senado. Uma d'essas alterações consistia em resuscitar uma disposição primitiva, pela qual podiam ser nomeados secretarios dos governos civis individuos sem o necessario concurso. A camara rejeitou essa porta falsa, por onde a incompetencia pretendia infiltrar-se. O congresso é que resolverá sobre ella em ultima instancia. Mas não será, porventura curioso que n'um parlamento se defendam determinações d'esta natureza, que não tendo nada de moralisadoras, só servem para fazer diminuir o prestigio do regimen? Quando serão os interesses geraes, portas a dentro de S. Bento, antepostos a todos os outros que só se destinam a fazer sangrar dolorosamente os cofres publicos?

Disse hoje na camara o sr. Almeida Ribeiro, em resposta ao sr. Mesquita de Carvalho, que o sr. general commandante da guarda republicana não seria demittido, como requereu, por não haver outro general capaz de o substituil-o. Ora ahi está uma crise que não se conhece, até agora, manifestação. E' é preciso que, quando não se torne necessario fazer sentar de novo praça a todos os generaes reformados que abundam por esse paiz, para alcançar a reforma é a grande aspiração de quantos, um dia, se viram tranquillamente aninhados junto da lauta meza do orçamento. Depois, se a crise continuar, ha pouco que que o sr. Arthur Costa tenha de ser chamado a resolvel-a, o que seria um desastre. E' que é farda de marechal havia de ficar-lhe, com certeza, mesmo a matar...

PRAIAS PORTUGUEZAS

S. Martinho do Porto

Podia ser uma das melhores estações de recreio e de repouso da nossa costa maritima

A Extremadura é, de todas as provincias portuguezas, a mais rica de monumentos e de paisagens. Tem os mosteiros d'Alcobaça, da Batalha e de Thomar; tem os castellos d'Obidos, de Leiria e de Porto de Moz; tem Aljubarrota onde o sangue luso cimentou a independencia de Portugal, e tem o pinhal de Leiria, d'onde sahiu toda a madeira das náus. Mas possue ainda uma costa maritima riquissima em praias, que se prestam maravilhosamente a estações de verão e a estações de inverno e que, devidamente aproveitadas constituiriam verdadeiras, authenticas e inexgotaveis minas d'oiro. S. Martinho do Porto é, entre essas praias, uma das mais interessantes. Não conheço, á beira da linha ferrea de oeste, que vae de Lisboa á Figueira cortando pinhaes, retalhando campos e galgando rios, povoação mais sympathica, mais alegre, mais sorridente...

Quando a gente a vê do comboio, n'uma illuminada manhã de verão, rindo na sua alvura immaculada, emergindo das dunas levemente doiradas, tem-se a impressão de que acaba de pousar alli, a descançar d'um largo e agitado vôo, um bando enorme de pombas mansas. Depois, o comboio avança mais, as manchas claras desenham-se com mais rigor e a casaria da villa pequenissima, muito lavada, muito caiada, quasi se inclina para nós a dizer-nos adeus e a pedir-nos, enternecida, que a visitemos. Do lado de lá fica a bahia, uma formosissima bahia com centenas de metros de extensão, a que já alguem chamou, com propriedade absoluta, «uma concha captivante de agua salgada». Ao fundo o mar, sempre vivo, sempre agitado, azul e revolto. Um canal de duzentos metros liga-o com a enseada deliciosa, onde podem nadar os cisnes...

Se ha, no littoral portuguez, coisas que mereçam dos homens attenções e cuidados, S. Martinho do Porto presta-se admiravelmente para que alli fructifique qualquer iniciativa que pretenda aproveital-a. Aquella região é privilegiada. Nem grandes calores nem frios que mereçam esse nome. Clima temperadissimo, quer de verão quer de inverno. A praia circular parece que foi fadada para constituir um admiravel campo de recreio para creanças. A areia é fina e compacta. Póde andar-se sobre ella de trem, sem que as rodas abram sulcos profundos. Na bahia, todos os «sports» nauticos podem cultivar-se. Não ha vagas. Não ha ondas. A agua é quasi sempre limpida e serena como a d'um lago. S. Martinho dista de Lisboa trez horas e meia. As Caldas ficam-lhe a vinte minutos...

Entretanto, até agora, esse delicioso recanto da costa portugueza tem permanecido por aproveitar. Conhecem-no apenas meia duzia de familias que ali vão, todos os annos, e ha muitos annos, passar a estação calmosa. Tem-no visitado os banhistas que ás aguas das Caldas vão procurar alivios para o seu arthritismo e que aos parques magnificos d'essa rica estação termal não duvidam ir solicitar, quando o calor aperta, um pouco de abrigo e de benevola frescura. Disseram-me, comtudo, ha dias, que para S. Martinho ia nascer uma era cheia de prosperidades. Affirmaram-me que ia construir-se lá um hotel. Oxalá.

Entre os banhistas que habitualmente frequentam S. Martinho do Porto, conta-se o engenheiro Perfeito de Magalhães. Ha vinte e tantos annos que essa praia é a sua eleita. Tem-lhe, por isso, amor. Ouçer-lhe como se ali, tivesse nascido, como se S. Martinho fosse a sua terra. E' que lhe deve um pouco da sua saude. E' que nas areias que circundam a bahia lhe teem crescido e se teem fortalecido os filhos. Pois foi o sr. Perfeito de Magalhães quem tomou a iniciativa de transformar S. Martinho, de attrahir para ali forasteiros, de o tornar conhecido e, principalmente, de dotar com os elementos de hospitalidade precisos e indispensaveis essa praia que tanto merecem que olhem para ella. E assim, o hotel de que S. Martinho necessita tem já o seu plano elaborado. Disporá de 42 quartos, com todas as installações hygienicas e todos os confortos aconselhados em estabelecimentos d'esta natureza. Na sala de jantar, caberão 80 hospedes. No grande terraço contiguo, que dá para o mar, poderão instalar-se mezas para mais 40 pessoas. O edificio tem uma bella linha artistica a impôl-o. O sr. Perfeito de Magalhães não quiz fazer obra rica. Mas pretendeu dotar o seu projecto com certos elementos classicos das construcções portuguezas, que muito o enfeitam e lhe dão um aspecto dos mais attrahentes. O terreno para o hotel está já comprado. As obras de construcção devem principiar muito brevemente.

S. Martinho do Porto, a linda praia extremenha, tão rica de coisas bellas, cercada de maravilhosos pedaços de paisagem, collocada em situação privilegiada, vae, pois, entrar n'um periodo intenso de transformação radical. E' uma iniciativa essa que merece todos os applausos e cujos resultados serão, fatalmente, compensadores. Ha, de certo, o dever de a auxiliar. E' o que, por mim, acabo de fazer, tornando-a conhecida. O espirito dos que, pelas grandes cidades, arrastam uma vida de labuta e de intensissimas canceiras, precisa de refugios tranquillos, onde o ar seja puro e o socego lhe restitua o perdido equilibrio, pelo menos tanto como os corpos roidos pela doença necessitam de hospitaes e sanatorios que os relembrem e lhes restituam as perdidas energias. O hotel de S. Martinho póde vir a ser um d'esses refugios preciosos e beneficos. Tomára, por isso, vêl-o, quanto antes, construido...

ADELINO MENDES

UM NOVO LIVRO DE JULIO DANTAS

"O AMOR EM PORTUGAL NO SECULO XVIII"

E' ámanhã posto á venda, n'uma esplendida edição de Lelo & Irmão, com illustrações de Alberto Sousa

Lelo & Irmão, os grandes editores portuenses, herdeiros das tradições de Chardron e vulgarisadores das obras de alguns dos mais notaveis vultos das letras patrias, acabam de trazer a lume, n'uma edição primorosissima, *O amor em Portugal no seculo XVIII*, de Julio Dantas, admiravel trabalho de resurreição historica expressamente escripto pelo insigne academico para sahir em folhetins nas columnas d'*A Capital*.

Está na memoria dos nossos leitores o exito extraordinario que obteve a serie de quadros deliciosos que sobre um dos mais pittorescos aspectos da sociedade e da côrte de ha dois seculos traçou Julio Dantas, depois de affirmar o seu raro poder de evocação e o esplendor da sua forma litteraria n'essas soberbas pinturas murses que são os capitulos da *Patria Portugueza*, em que tantas vezes perpassa um commovente sopro epico...

Ante os nossos olhos encantados e surprezos, o eminente escriptor fez desfilar, com as suas graças, os seus exageros, as suas elegancias e os seus ridiculos, o faceira, a bandarra; o freiratico, o casquilho, o peralta, contou-nos com a arte maravilhosa de que tem o segredo e sem que o conhecimento profundo que possue dos typos e dos costumes alguma vez revista o ar d'uma erudição impertinente, o que era o namoro nas suas varias modalidades que hoje nos fazem rir de tão caricatas; como se amava na côrte e no claustro; em que consistiam os jogos de prendas, os mimentos brejeiros, as desceidas do coche, os serenins de Queluz; o que foi o Passeio Publico e o namoro dos engeitados; fez-nos travar relações com as melheres-damas, as senhoritas de comedia, as comicas italianas; disse-nos como se redigiam as cartas de amor; referiu-nos os episodios do casamento e das visitas de parida; descreveu-nos o menino de sebecento e as solicitudes de que o cercavam e as torturas que lhe infligiam; apontou-nos os maridos cucos; levou-nos atravez das ruas sujas e, tendo accentuado o papel do beliscão, dos mantinhos, dos quitós, revelou-nos, em paginas d'um desenho, d'um colorido e d'um movimento em que as singulares faculdades litterarias de Julio Dantas se estadeiam em toda a sua pujança, os mysterios das dobras de duas caras e dos bruxedos d'amor, os sortilegios da essencia de ambar, o typo inconfundivel de Frei Medronho.

O magnifico trabalho do poeta celebre da *Ceia dos Cardeaes* acha-se publicado em volume. Não devia ella sujeitar-se á vida ephemera do jornal onde alias, cuidadosamente, muitos admiradores de Julio Dantas se recortaram para collecionar os seus capitulos. A edição está á altura da obra. O lapis, já hoje consagrado, de Alberto Sousa illustrou-a com delicados e expressivos desenhos, em que o artista e o erudito patenteiam o seu muito valor.

O Amor em Portugal no Seculo XVIII é ámanhã posto á venda. A Julio Dantas agradecemos a gentileza dos exemplares que nos enviou.

O "Espadarte"

Como a bordo do nosso submersivel, se estão adestrando novas tripulações

Entrou hontem na doca de Belem o submersivel *Espadarte*, apoz uma serie de exercicios para instrucção de pessoal novo, exercicios esse primeira serie occupou uma semana.

O *Espadarte*, actualmente commandado pelo distincto official e nosso illustre collaborador sr. Fernando Branco, acha-se, por assim dizer, transformado em navio-escola da especialidade e n'elle se dá agora instrucção a uma grande parte do pessoal que ha de guarnecer, dentro em breve, os submersiveis em construcção na Italia.

A necessidade de intensificar a instrucção explica o facto de a bordo do *Espadarte* estarem em instrucção 26 homens dos quaes quatro officiaes, faltando ainda admittir mais oito, total este ainda superior ao da guarnição do navio, propriamente dita.

Nas marinhas em que ha esquadrilhas de submersiveis, como dentro em pouco verêmos na nossa, essa instrucção torna-se sempre muito mais facil para o pessoal instructor, porque é feita por turnos de quatro ou seis homens em cada barco.

O pessoal instructor da especialidade é constituido pelos officiaes do *Espadarte* auxiliados pelas praças da sua guarnição já especialisadas.

Dentro de poucos dias recomeçará novamente a serie de exercicios combinados, de navegação á superficie e em imersão, em varias circumstancias e obedecendo a varios themas e hipoteses, cumprindo assim o programma de exercicios que a lei marca, para cada official ou praça de uma guarnição poder ser considerado especialisado.

Brevemente far-se-ha tambem, dentro da doca de Belem, uma imersão de doze horas para prova de habitabilidade, á qual assistirá um medico naval, que procederá durante esse tempo a todas as observações necessarias aos estudos da sua especialidade. N'esse exercicio funccionarão simultaneamente todos os orgãos do submersivel, e far-se-hão experiencias de signaes submarinos.

O Orpheon de Condeixa

A distribuição da quantia que nos enviou para os nossos pobres

O sr. dr. João Antunes, director do Orpheon de Condeixa, que tão inolvidaveis recordações deixou no publico de Lisboa, ao retirar-se teve ante-hontem a gentileza de nos enviar a seguinte carta:

«Sr. director de *A Capital*.—Da quantia de cincoenta escudos que o Orpheon de Condeixa decidiu distribuir pelos pobres de Lisboa, por intermedio de cinco jornaes, envio a v. dez escudos que peço sejam pelos bons cuidados de v. entregues a dez viuvas que tenham filhos pequenos. Agradecendo desde já este favor, aproveito a occasião para exprimir a infinita gratidão do Orpheon e do seu director por todos os encantadores obsequios que em Lisboa lhes foram dispensados, desde as preciosas collaborações que deram valor aos concertos, desde a extremada gentileza da empreza Braga & C.ª e aos multos favores da imprensa, até ao penhorante convite da Escola Academica. No primeiro concerto no theatro Republica, por motivo da fadiga resultante da viagem feita de noite, que cansou a todos e sobretudo ás creanças, cantámos de modo que em minha consciencia entendo dever attribuir á bondade do publico os applausos que nos dispensou, fazendo-nos até bisar trez peças.

No nosso segundo concerto no mesmo theatro, espero que resgatassemos um pouco as nossas faltas. O meu maior desejo é que o publico de Lisboa guarde do Orpheon de Condeixa uma impressão menos agradavel. E com este pensamento me despeço de Lisboa, agradecendo do coração a todos os que por tanto captaram á modesta obra a que me dedico na minha terra.—De v., etc.—*João Antunes.*»

Metade da quantia que nos fôra enviada mandámol-a á Misericordia de Lisboa, como o diz o seguinte documento:

«No cofre da Santa Casa da Misericordia de Lisboa entregou o jornal d'esta cidade «A Capital» a quantia de cinco escudos que, na presente data fica lançada no livro competente, sob o n.º 108, importancia esta que o Orpheon de Condeixa offereceu para os pobres de «A Capital» para serem distribuidos por dez viuvas pobres e com filhos, o que tendo cumprido este jornal com relação a cinco escudos resolveu entregar o restante a esta Santa Casa para egual fim. E de que se lhe passou o presente recibo. E de como recebeu o thesoureiro das rendas da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, assignou commigo official maior da contadoria da mesma Santa Casa, este recibo.—Lisboa, 16 de fevereiro de 1916.—O official maior da contadoria, *Antonio Victor de Sousa Peres Murinello*; o thesoureiro, *L. A. de Avellar Telles.*»

A outra metade distribuimol-a pelos seguintes pobres, que contemplámos com um scudo cada um:

Elisa Rosa, becco do Pragal; Isabel Horta, rua da Rosa, 188, 4.º, E.; Palmira Fernandes, r. Diario de Noticias, 61, 3.º; Silveria da Conceição, calçada de Arroyos, pateo Dias, e Palmira da Conceição, rua José Estevão, 76, pateo n.º 7.

Ao sr. dr. João Antunes, em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

A questão das subsistencias

TONDELLA, 15.—Hontem, o povo de Molelos, reunido ao toque dos sinos, dirigiu-se a casa do proprietario sr. Antonio Vieira exigindo a venda do milho. Como elle não estivesse, o feitor telegraphou-lhe, tendo o sr. Antonio Vieira respondido que o povo pacatamente concordou, não se sabendo ainda a esta hora a sua resposta. Para aproveitar o tempo, o povo seguiu para o Bolelho, a casa do sr. Manuel Antunes, mas ahi nada conseguiu, por elle o ter ainda em espigas.

A camara municipal tem empregado todos os esforços para conseguir milho, mas baldadamente, porque uns negam-n'o, outros pedem preços exagerados. Apenas ha batata, que já está a venda.

COIMBRA, 15.—O vinho, que n'esta região se estava já vendendo a 18$ e 18$60, baixou $20 em cada cantaro de 20 litros, tendo diminuido a procura.

O azeite subiu de preço, vendendo-se nas mercearias a $38 e $40 o litro.

Cartas na meza

Sobre a caça

Porto, 15.

Um leitor de Guimarães escreve-me a informar-me de que um operario da sua terra fôra preso por caçar. Como no caso do Jean Valgean, este primeiro delicto foi o inicio de uma serie de desditas, entre as quaes avultou logo a da miseria angustiosa. Da cadeia, como da politica, difficilmente se sahe limpo. Os contagios da cadeia, como os contactos do fogo, deixam marcas indeleveis. Este homem foi caçador por necessidade; e ao sem «civel» de lebre solicita um absoluto, muito mais tenta a quem tem fome. Ora aqui, em vez da lebre para a caçarola, foi o caçador para a cadeia. De lá sahiu conspurcado; o trabalho difficultou-se-lhe, e com a falta de trabalho vieram todos os horrores da luz.

E' então um delicto punivel atirar a uma lebre? Mas porque foi preso este caçador se os outros caçam livremente? Elle esclareceu: não tinha licença. A licença custa uma ruina. Com o dinheiro que ella lhe custaria não precisava de caçar em quinze dias pelo menos. E descriminou: licença de uso e porte de armas, cerca de 4$000 réis; outra licença para caçar, 1$100; outra para o cão, 1$800 réis, e ainda outra para o furão, 1$000. Em miudos: para matar uma perdiz é preciso contrahir um emprestimo em Londres e consignar-lhe as receitas das alfandegas.

Meu caro Germano Martins: será isto bem assim? Com licenças por tão alto dinheirama, poderá o pobre deixar de atirar ao similhante para atirar ás codornizes? Não lhe ficará mais barato matar um homem do que matar um coelho? Eu creio, caro amigo, que as perdizes, como o sol, quando nascem são para todos,—sem esquecer os operarios de Guimarães. O que hoje, ao certo, se dá é que as licenças são uma tela democratica de homens e caça. Se nos é preciso tomar um «bock» para a acalmar, precisamos egualmente de impedir que a caça seja privativa dos ricos, dos que podem pagar licenças pelo preço de bailarinas. Esses, não é inutil lembral-o, caçam pelo prazer de caçar. Porque ao contrario do que se dá com os caçadores pobres, podem adquirir a caça feita, como os gabões do Clemente ou as candidaturas governamentaes. Os preços altos nas licenças aristocratisam a caça e transformam-n'a em privilegio. Um caçador, como um nobre, attinge o uso do brazão de armas, e é a licença que lh'o confere. Não póde ser. O rei D. Fernando, lembras-te? Tivera quando caçava um lacaio que lhe carregava a espingarda, outro que lh'a passava ás mãos, e creio que outro que lhe piscava o olho e um ultimo que lhe dava ao gatilho. O que é que originou esta deprimente ascendencia de um homem sobre outros homens? O privilegio, meu bom Germano! O privilegio! Parece-te bem que elle persista n'um regimen como o nosso, dignificador e livre? Eu sei o que vaes dizer-me.

O cidadão livre de um paiz livre póde fazer tudo com licença. A concessão de uma licença é uma alforria a retalho. Quer o cidadão estabelecer-se com um estanco? Ninguem lh'o impede, pagando 48$000 réis de licença. Quer abrir um botequim? Tem licença por 6$000 réis. Convem-lhe tel-o aberto fóra de horas? Mais vinte e quatro mil réis para a corda do sino. Mas não lhe convem estes negocios e pretende pôr uma agencia de leilões; o que tem a fazer? Requer licença por 18$000 réis e póde logo fazer preço ao contador de qualquer preço. Mas mais ainda: é-lhe grato abrir uma loja de barbeiro; paga 2$400. Ou não quer até abrir coisa nenhuma e fazer negocio ao ar livre; facilimo! Seis modestos tostões e n'um proximo fica aviado.

O cidadão tem portanto licença para tudo, até para organizar um cortejo civico, que lhe custa 5$000 réis e não deixa seja barato. Mas $800 de direito de lhe carregar no civismo até lhe tocar com o dedo, sem augmento de preço. Vejamos porém: em tudo isto ha niilismo ou menos um interesse, enquanto na caça não o ha. A caça é uma necessidade, como a de coçar uma frieira ou almoçar e jantar. A essa necessidade se não furtam os ricos e tanto que o João Franco, que é riquissimo, quiz caçar no nosso terreno. E porquê? Porque sabia onde lhe comia. N'estes termos, Germano! levar as licenças da caça a preços inacessiveis, é um erro sem perdão. N'um paiz livre como o nosso—decidida!—ou atiram todos ou é preciso haver um exemplo de moralidade! Reforme lá isso.

GUEDES D'OLIVEIRA.

NOS BASTIDORES POLITICOS

Vota-se a dissolução?

O sr. dr. Antonio José de Almeida chamado ao poder no interregno parlamentar do anno proximo

O caso politico do dia é a dissolução. Vota-se? Regeita-se? O sr. dr. Affonso Costa, na ultima reunião do grupo democratico, não se pronunciou claramente sobre o assumpto. Com um parlamentar d'esse partido travámos hoje esta curiosa palestra:

—Mas v. não é partidario da dissolução?

—Considero-a um perigo, uma arma terrivel contra a liberdade do eleitorado.

—Não será, pelo contrario, uma garantia d'essa liberdade? V. não comprehende que se estabeleça um conflicto, a certa altura d'uma sessão legislativa, entre a opinião nacional e a dos seus representantes no Congresso?

—Não. Comprehendo muito mais facilmente a probabilidade de se inventar esse conflicto. Bastará que os elementos opposicionistas provoquem no paiz uma agitação meramente artificial—e prompto. Ahi estará o pretexto para a dissolução. Depois, em havendo as eleições se façam n'um prazo curto, a propria circumstancia do parlamento ter sido dissolvido representará sempre uma energica pressão sobre o eleitorado, que se reflectirá em proveito dos que estavam lá dentro em minoria. E' isto o que eu comprehendo.

—E a grande massa dos seus correligionarios?

—Pensam como eu.

—Não será então concedida essa faculdade ao chefe do Estado, na proxima revisão constitucional?

—E' difficil responder a essa pergunta. Eu proprio, que sou em absoluto contra a dissolução, não sei se a votarei.

—Porque?

—Porque, em politica é preciso muitas vezes transigir, ceder terreno aos adversarios. Considerada a questão sob esse aspecto, ainda não tenho opinião formada. Isto parece uma incoherencia—mas não é.

—Ceder terreno aos adversarios...

—Sim, em beneficio da Republica. Temos de estudar cautellosamente a experiencia d'estes cinco annos de accidentada vida politica. Diga-se a verdade: ha só um partido organisado dentro da Republica. E' o democratico. O evolucionismo e a União Republicana são tentativas de organisações partidarias, que não correspondem, principalmente o segundo, a nenhuma corrente forte de opinião publica. Mas concluir d'aqui que a totalidade da nação se encontra ao lado do partido democratico seria um erro. As coisas são o que são; e ellas demonstram que as chamadas correntes conservadoras não se organisam politicamente por iniciativa propria, não praticam espontaneamente o gesto de se filiarem n'este ou n'aquelle partido. D'ahi a inconsistencia das duas organisações partidarias que pretendem traduzir dentro da Republica o espirito conservador. No nosso paiz, como em quasi todos, os partidos fazem-se no governo, da pela concessão de favores, dos legitimos favores que dependem das secretarias de Estado, ou pela affirmação de competencias, ou por ambas as coisas. Mas fazem-se no governo. Hoje, a acção da propaganda já não conseguirá deslocar a massa dos indifferentes. E eu, que sou contra a dissolução, faço á minha consciencia de republicano esta pergunta: não precisa a Republica, para o seu perfeito equilibrio politico, de que um outro partido se organise, capaz de se defrontar com o partido a que pertence?

«Governar é descontentar» escreveu Anatole France. Ora, não se reflectirão sobre o regimen os descontentamentos provocados por um governo, desde que os descontentes não vejam no horizonte a possibilidade da sua substituição? E essa possibilidade é tão vaga desde que a dissolução se não vote... O partido democratico, para ganhar as proximas eleições, em 1918, não precisará praticar a minima violencia nem exercer a menor coacção sobre o eleitorado. Ganhará porque tem votos, porque lhe pertence a grande massa do eleitorado que concorre ás urnas. Mas a outra parte, a que se não dá ao trabalho de votar uma lista, nem por isso deixa de perturbar, de embaraçar, de causar complicações, creando principalmente uma atmosphera de desconfiança, ou de desconfiança pouco favoravel para o desenvolvimento das energias nacionaes.

—Então vota a dissolução?

—Repito-lhe: não sei. Ainda não fiz o balanço das suas desvantagens, ou dos seus perigos, em relação ás possiveis necessidades da hora presente. Não sei. Temos ainda de considerar outra hypothese: a dos resultados immediatos da rejeição d'esse principio. Evolucionistas e unionistas entender-se-hão para um ataque violento contra o governo e contra o partido democratico. Abandonam o parlamento? Talvez. N'esse caso, darse-ha a immediata absorpção das hostes evolucionistas pelos dirigentes da União Republicana—ou com o nome de fusão, ou mesmo sem nome algum. E o *gâchis* augmentará, porque eu estou convencido de que no evolucionismo, sem mistura unionista, é que está o futuro partido conservador da Republica. A União Republicana será o partido opportunista, destinado a governar se o evolucionismo não tiver uma situação estavel nas cadeiras do poder, ou no caso contrario, devendo resignar-se

, uma acção meramente fiscalisadora sobre todos os governos.

—Mas, afinal, que ha de positivo sobre a dissolução?

—Nada. O proximo congresso de Coimbra é que ha de decidir, parecendo que o sr. dr. Affonso Costa fará d'essa questão uma questão aberta. O que posso garantir-lhe é que a revisão constitucional não será feita em agosto, em sessão extraordinaria, como muita gente imagina. Fica para a proxima sessão legislativa. E se a dissolução se votar...

—Temos o Congresso dissolvido no interregno parlamentar do anno de 1917 e será o sr. Antonio José de Almeida chamado ao poder.

—Nem mais.

O concerto Blanch de domingo proximo no theatro da Republica

No domingo realisa a Orchestra Symphonica Portugueza no theatro da Republica, o sexto concerto de assignatura e para elle o illustre maestro Pedro Blanch organisou um extraordinario programma em que figura a celebre *6.ª Symphonia pastoral* de Beethowen, *L'aprenti sorcier* de Dukas, as duas *Dansas hungaras* de Brahms, a *ouverture* do *Eryanthe* de Werber, sendo a 3.ª parte consagrada toda a Wagner, com *A Walkyria*, a *Despedida de Wotan*, o *Encanto do fogo* e a famosa *ouverture* do *Rienzi*. Logo que foi conhecido o programma a procura de bilhetes tem sido enorme, pois todos querem de antemão assegurar o logar para não acontecer como nos anteriores concertos.

O carnaval na Amadora

Este anno o carnaval na Amadora vae ser brilhante, alegre e animado. Para isso concorre o amplo Salão de Festas dos Recreios Desportivos, onde se vão realisar os trez grandes bailes de mascaras, abrilhantados pela banda dos marinheiros.

As decorações e illuminação do amplo salão e do *rink* vão ser surprehendentes e devem causar sensação pela originalidade.

As festas de carnaval começam no sabbado magro com a representação de uma peça burlesca, original dos srs. Nunes da Silva e Raul de Campos, com musica de Fortéo Rebello e Juca Martins e desempenhada por amadores. Os auctores, maestros e amadores são todos da Amadora.

A seguir ha festa do corpo coral dos Recreios, em que tomam parte 100 cavalheiros, senhoras e creanças, desempenhando papeis que devem causar hilariedade.

A musica para esta festa é do director do corpo coral sr. Fortéo Rebello.

No Salão de Festas realisam-se os bailes do domingo, segunda e terça feira de carnaval e no Cinema da Amadora realisam-se nos mesmos dias trez sessões de animatographo, com pelliculas comicas.

NO COLYSEU

OPERA LYRICA

Battistini dará ainda ámanhã uma recita com a «Traviata»

A recita extraordinaria de Battistini no Colyseu dos Recreios, hontem, foi um verdadeiro assombro, mal se podendo dizer quanta expressão, quanta alma deu o genial artista á parte de *Jorge Germont* na *Traviata*. A sua bella voz, a sua arte unica e o seu talento theatral desenharam a personagem com tanta precisão que não era Battistini que estava em scena, mas sim *Jorge Germont*. A *romanza* do 2.º acto, sobretudo, foi acclamada com delirio, tendo o extraordinario artista de a repetir no meio de ovações delirantes.

N'um dos intervallos, cantou o prologo dos *Palhaços*, que jámais ouvimos com egual mestria. A sala acclamou-o freneticamente, tendo Battistini de repetir a parte final d'aquelle trecho.

A sr.ª Gina de Martini que desempenhou a parte de *Violetta*, revelou-se uma artista com muito sentimento, tendo cantado toda a opera com apreciavel correcção. A sr.ª Martini e os restantes artistas que já tinhamos ouvido n'esta opera foram muito correctos.

Accedendo ás instancias da empreza, Battistini dará ámanhã mais uma recita, repetindo a *Traviata*.

Com esta recita teve-se apenas em vista que todos pudessem admirar um dos mais assombrosos artistas da actualidade e, assim, estabeleceram-se preços reduzidos. Não é necessario accrescentar-se que d'este modo o Colyseu terá ámanhã a mais bella enchente da temporada.

Novas taxas postaes

O jury vai reunir para apreciar as provas do concurso

A convite da administração geral dos correios deve reunir no proximo sabbado o jury incumbido de classificar os projectos remettidos ao concurso para as novas taxas postaes.

Segundo as bases desse concurso, os futuros sellos portuguezes serão diferentes no formato, creando-se, além do augmento das proporções, um novo selo, destinado ás encommendas postaes, no genero dos que outros paizes adoptam. Os primeiros passam a ter 22 por 18 milimetros e os segundos medem 22 por 34 milimetros.

Ao concurso apresentaram-se 30 concorrentes, enviando desenhos para os dois selos.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Os redemptores da Illyria.

REPUBLICA — A's 21 — Noite de Santo Antonio.

TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario. — O sonho de Marianne.

GYMNASIO — A's 21 — O manequim.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.

PHANTASTICO — A's 20,30 e 22,30 — Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Traviata — Prologo dos Palhaços.

Agenda da semana

HOJE. — **Republica** — Primeira representação da peça em 4 actos, de Vasco de Mendonça Alves, *Noite de Santo Antonio*.

SABBADO — **Gymnasio** — Primeira representação da comedia em 3 actos, de Chagas Roquette, *O Senhor roubado*.

Boatos e informações

Entre nós

No Politheama vão muito adeantados os ensaios da nova revista *Chá-Tango*, em 1 acto e 5 quadros que deve representar-se no dia 29, em festa de homenagem a José Figueirôa, secretario da empresa. Em breves dias realisa-se a *première* do *Anjo do lar*, deliciosa comedia de Flers e Caillvet.

Circos & Music-halls

So Salão Lisboa realisa-se ámanhã a segunda *matinée* dedicada pela empresa á Sociedade da Voz do Operario. Devem assistir 500 creanças das escolas d'aquella Sociedade.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES — Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Mario Alfaro

E' hoje que se estreia no Salão Foz Mario Alfaro, o mais extraordinario ventriloquo que tem visitado Lisboa. Alfaro que além de ser uma maravilha na ventriloquia é um cantor consummado, tem colhido em todos os palcos em que se tem exhibido os mais fartos applausos, bem merecidos e bem justos porque o seu trabalho é dos que agrada sempre. Alfaro, que foi contractado para poucos espectaculos em face dos seus muitos contractos, tem um programma variadissimo.

Com Mario Alfaro, exhibem-se no Salão Foz, Nelly-Nell, a bailarina excentrica, que tantas e tantas palmas tem colhido com as suas danças interessantes e variadas. Hontem estrearam-se os gymnastas Les Mascottes, troupe formada por 3 homens e 3 damas argolistas, e bons saltadores, que agradaram extraordinariamente.

Tanto Nelly-Nell como Les Mascottes apresentam hoje novos trabalhos.

PEQUENAS NOTICIAS

Na parada do quartel do Carmo executa amanhã, das 13 ás 14 e meia horas, a banda da guarda nacional republicana o seguinte programma: «Phedre», ouverture, Massenet; «Scenes de ballet», G. Parés; «Tasso», «Lamento e triumpho», «Poema symphonico», Liszt; «L'apprenti sorcier», scherzo, Paul Dukas; «Rosamunde», suite, 1, «Introduction et andante»; 2, «Entr'acte»; 3, «Air de ballet», Schubert; «Las Walkyrias», cavalgada, Wagner.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletim da administração militar.—Temos presente o primeiro numero de este Boletim, a que metteram hombros alguns officiaes da administração militar, com o fim principalmente de fomentar a permuta de idéas e a vulgarisação dos conhecimentos technicos indispensaveis não só a esses officiaes, mas aos que incidentalmente ou por dever de cargo tenham que desempenhar no exercito funcções administrativas. Apresenta-se com variada e util collaboração.

GENTE DA AMADORA...

Um gesto patriotico

O sr. ministro da guerra agradeceu e aceitou a offerta de terrenos para construir o edificio do Deposito Geral de Fardamentos

A commissão delegada dos Recreios Desportivos e da Liga dos Melhoramentos da Amadora, foi hoje ao ministerio da guerra, offerecer directamente ao sr. Norton de Mattos os terrenos que obteve do sr. conde de Castro Guimarães e que offerece para n'elles se construir o Deposito Central de Fardamentos.

O sr. ministro da guerra recebeu esses commissionados que eram os srs. Antonio Rodrigues Correia, Guilherme Gomes e dr. José Pontes, que iam acompanhados pelo deputado pelo circulo sr. Annibal Lucio de Azevedo. Agradeceu-lhes em seu nome e no do exercito portuguez a generosa e patriotica offerta, tanto mais para apreciar quanto é certo que elle conhecia os progressos da localidade e sabia que os terrenos iam soffrendo successiva e quantiosa valorisação. Era um gesto que nobilitava portuguezes. Declarou-lhes que acceitava, e que alguma coisa se iria fazer. Depois indagou minuciosamente da apropriação d'esses terrenos, ouvindo o capitão de engenharia Sousa, coronel Lobo, inspector geral dos serviços de administração do exercito, tenente-coronel Zilhão, novo director do Deposito de Fardamentos, que foram hontem vêr e estudar os terrenos offerecidos. Ponderou as informações de que a construcção era mais barata pela diminuição do custo de materiaes, feitos pelos commissionados. Agradeceu ainda a offerta que a Amadora fazia da pedra para muros de vedação e para caboucos do edificio e terminou por ordenar immediatos estudos e formação dos projectos. Estes vão mais longe que a simples construcção do Deposito Central de Fardamentos, que assim ficaria em sitio isolado, de facil vigilancia, em construcção apropriada, com officinas independentes e depositos separados. O sr. ministro da guerra deseja estabelecer uma Escola de Applicação para os serviços de administração militar, que é uma iniciativa utilissima e de evidente necessidade. Ora para essa Escola não havia melhor que a proximidade do Deposito, que pertence aos mesmos serviços do exercito.

Restava, porém, verificar se os terrenos chegariam. O mal remediou-se de prompto, porque os delegados da gente da Amadora, indicaram a provavel ampliação dos 50.000 metros quadrados de terreno a 70 mil ou mais...

Chama-se a isto patriotismo e justifica-se o interesse da Amadora, porque os seus habitantes pensam unicamente no engrandecimento da localidade, que em dez annos se transformou d'um burgo de 600 pessoas n'uma villa de mais de 4.000 já com tendencias modernas. Será bom dizer que estes benemeritos obreiros do progresso d'uma terra portugueza, nenhum nasceu ali...

Mas pensam engrandecer essa terra, sem onerar o Estado, antes cooperando com este nas suas melhores, mais uteis e mais patrioticas iniciativas.

CORREIOS E TELEGRAPHOS

As fraudes

Teem diminuido nos ultimos annos

Uma noticia, trazida á publicidade pelo orgão da grande informação, ácerca da falsificação de selos, levou-nos hoje a procurar, na repartição competente, alguem que, sobre o assumpto, nos pudesse dar informações, menos vagas, do que essas que o referido jornal nos fornecia.

E' o sr. Henrique Mousinho d'Albuquerque, director da repartição postal, que nos elucida, pondo a questão nos seus devidos termos.

Falsificação de selos, propriamente dita, esclarece o nosso amavel informador, só me recordo de se ter averiguado no caso do celebre «Pera de Satanaz», ainda em tempo de D. Luiz, que se aproveitou de algumas chapas da Casa da Moeda, com as quaes falsificou selos que pôz em circulação. Essa falsificação, que o é, por terem os selos sido feitos, fóra da Casa da Moeda, foi descoberta porque o picotado dos selos era feito á machina de costura, naturalmente mais imperfeito do que com a machina propria das officinas do Estado.

Ha tempos, e não recentemente, verificou-se que, com os selos da correspondencia, se praticava uma fraude, prevista nos codigos. Appareciam nos correios, cartas com selos, cujos traçados do carimbo inutilisador, tinham sido apagados, por diversos processos, mais ou menos rudimentares, mas por vezes em estado que aos mais experientes deixam duvidas.

Em 1913, exercendo-se uma vigilancia mais aturada, os correios levantaram 70 autos e os auctores da fraude soffreram os consequentes incommodos do seu acto. No anno seguinte apenas se levantou um auto d'esse genero e o anno passado registaram-se cinco fraudes d'essa natureza.

O que agora se fez, accrescenta o funccionario que nos elucida, foi aconselhar o nosso pessoal a redobrar de vigilancia a fim de punir os «trucs» de que varias pessoas, menos escrupulosas se servem para lesar o Estado.

Ha fraudes, que só o mero acaso denuncia. Foi assim, por exemplo, que não ha muito tempo se descobriu que alguem de Lisboa mandou para o estrangeiro um relogio d'ouro em uma cavidade aberta nas folhas de uma Biblia!

A administração dos correios, contando já com o engenho e a phantasia dos defraudadores, inscreveu nas suas receitas uma verba especial que lhes diz respeito. Para que a realidade não a exceda é que o pessoal tem ordem de exercer a maxima vigilancia sobre toda a correspondencia postal, no sentido de obstar ao alastramento das fraudes.

Reclamações operarias

Uma commissão de conductores de carroças procurou hoje o sr. governador civil afim de lhe participar que entre a sua classe e os proprietarios de carroças está latente um conflicto que poderá ir até á gréve.

O sr. governador civil prometteu mandar chamar os proprietarios afim de se tratar do assumpto com honra para ambas as partes.

ULTIMAS NOTICIAS

Pelo telegrapho

Declarações do sr. Asquit na camara dos communs

LONDRES, 16. — O sr. Asquith deu conta na Camara dos Communs de uma ligeira recrudescencia dos dois lados dos alliados, que manteem firmemente as suas posições.

Graças ao prompto auxilio dos italianos o exercito servio, que se encontrava em situação precaria, poude fazer a sua retirada e virá a ser um factor importante n'esta guerra. O sr. Asquith consignou tambem o successo dos franco-inglezes nos Camarões, e espera que o general Smut obtenha na Africa Oriental allemã os mesmos successos que o general Botha conseguiu na Africa Occidental.

Na Mesopotamia a situação melhorou consideravelmente.

A principal modificação na situação europeia foi a consolidação das relações entre os alliados tendentes á unidade de fiscalisação e direcção da guerra, diplomatica e estrategicamente. O primeiro ministro falou ainda ácerca do papel desempenhado pela armada e accrescenta que os effectivos inglezes em campanha excedem dez vezes os do primeiro corpo expedicionario. Terminou affirmando o seu optismo inquebrantavel.—(*Havas.*)

A campanha na Russia

PETROGRADO, 16. — Os aviões inimigos appareceram no sector de Riga. No sector de Dwinsky occupámos um excavação depois de intensa lucta. Na região de Erzetzy anniquillámos um posto austriaco. No Strypa médio abatemos um avião. No Caucaso tomámos de assalto o forte e a praça de Erzerôum, tomámos vinte canhões e munições e fizemos alguns prisioneiros.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia **Ultramarina**, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

A questão das subsistencias

PORTO, 16.—Em Gaya tem havido durante o dia socego absoluto. N'um dos bairros da cidade houve um incidente com alguns padeiros, pretendendo os moradores do local que não fosse vendido o pão de milho fóra da freguezia. Mas tudo foi promptamente resolvido a contento geral. O governador civil conseguiu d'um commerciante a venda de bacalhau desde 27 a 32 centavos o kilo.

Na Camara dos Deputados

Discute-se a situação do general Carvalhal

Com 74 deputados, o sr. Simas Machado declara a acta approvada. Estão presentes os srs. ministros do interior e da justiça. A requerimento do sr. Alfredo de Sousa, votam-se as emendas ao projecto que remodela os quadros dos governos civis. O sr. Costa Junior diz que essas emendas são tantas que não póde tomar conta d'ellas, por uma simples leitura. Abstem-se, por isso, de votar. O parecer da commissão de legislação publica, sobre essas emendas, é approvado. O sr. Mesquita de Carvalho realisa a sua interpelação ao sr. ministro do interior sobre a conservação do sr. general Carvalhal á frente da guarda republicana. Para demonstrar que a situação d'esse official é absolutamente ilegal, o orador faz varias considerações, allude a varias disposições da lei, e affirma que conservar o sr. Carvalhal no seu logar constitue um verdadeiro escandalo. O sr. ministro do interior tem opinião contraria. O sr. general Carvalhal, quando foi reformado, foi o primeiro a requerer a sua demissão. Mas não lh'a deu por varios motivos e muito principalmente por não ter á mão um general que pudesse substituil-o. O sr. Mesquita de Carvalho, tornando a usar da palavra, reedita parte dos seus primitivos argumentos, pondo de novo em evidencia a illegalidade que representa a manutenção do sr. general Carvalhal no cargo que elle occupa. Esse general é um reformado e por isso mesmo é alguem que está mais dentro da classe civil do que da classe militar. Logo, a sua conservação no commando da guarda republicana é, pelo menos, tão escandalosa como se fosse um paisano quem occupasse esse cargo. O sr. Almeida Ribeiro fez declarações verdadeiramente espantosas, tendo lavrado com ellas a sua sentença. Elle não póde continuar nem por um instante mais no seu logar, tantas barbaridades juridicas proferiu e tão grandes ilegalidades elle defendeu. Termina enviando para a meza uma moção d'ordem, na qual diz que o sr. general Carvalhal não póde continuar no seu cargo, devendo, por isso, ser demittido. Invoca-se o regimento para a generalisação do debate. A camara não concorda. O sr. ministro do interior rebate uma vez mais os argumentos do sr. Mesquita de Carvalho e declara que não tem a menor responsabilidade na nomeação do sr. general Carvalhal. Quanto a abandonar o poder, só depende isso da camara. Ella que lhe retire a sua confiança, e nem por um momento continuará a ser ministro. A moção do sr. Mesquita de Carvalho é rejeitada.

NO SENADO

Approvam-se dois pequenos projectos

A sessão abre ás 14,45' estando presentes 38 senadores sob a presidencia do sr. Sousa Fernandes. Approvada a acta e lido o expediente, o sr. Vasco Gonçalves Marques occupa-se da inconveniencia da disposição do Codigo Administrativo que obriga as commissões administrativas a prestar contas ás respectivas camaras na primeira sessão de fevereiro. Esta determinação cria difficuldades ás commissões e por isso elle orador manda para a meza uma proposta remediando esse inconveniente.

E como ninguem peça a palavra, entra-se na ordem do dia com o projecto regulando as percentagens com que as camaras devem concorrer para o internamento de alienados.

O sr. Teixeira Rebello, seu auctor, defende-o acaloradamente justificando a necessidade da sua approvação para que não continue o tristissimo espectaculo do abandono de alienados. O sr. Lima Duque apoia o projecto. O sr. Affonso de Lemos dá tambem o seu voto ao projecto, mas como na outra Camara existe um projecto de lei com eguaes intuitos, acha melhor que se aguarde a sua vinda ao Senado para que ambos se discutam ao mesmo tempo.

O sr. Antonio José Lourinho, propõe que o projecto seja enviado ás commissões de administração publica e finanças visto implicar com as camaras municipaes e trazer augmento de despeza. Os srs. Machado de Serpa e Estevam de Vasconcellos concordam com esta proposta. O mesmo diz o sr. Affonso de Lemos, sendo a proposta do sr. Lourinho immediatamente approvada.

Segue-se o projecto de lei isentando de sello e emolumentos todos os documentos de habilitações a pensões pela Caixa de pensões a pescadores invalidos, creada pela lei n.º 409 de 31 de agosto de 1915.

O sr. Herculano Galhardo manda para a mesa uma substituição ao artigo 1.º pela qual as suas disposições se tornam extensivas aos documentos relativos a pensões de sangue a praças de pret que provem a sua extrema pobreza. O sr. Machado de Serpa discorda em absoluto de tal proposta que o sr. Galhardo defende declarando que com ella estão de accordo o sr. ministro das finanças e a commissão respectiva. O projecto fica depois approvado com a substituição apresentada pelo sr. Galhardo, com dispensa de ultima leitura.

A proxima sessão é na 2.ª feira á hora regimental.

Conflicto academico

O da Escola Medica de Lisboa

Por causa do conflicto ha dias levantado entre os estudantes e o professor da Escola Medica sr. dr. Silvio Rebello, reuniu hoje o conselho escolar, sendo as suas resoluções secretas. Pelo mesmo motivo as aulas não funccionaram, tendo comparecido em frente da escola uma força da guarda republicana sob o commando de um alferes, outra de infantaria ás ordens de um sargento e o sr. capitão Esmeraldo, da policia, com alguns guardas, nada se passando digno de nota. Os alumnos reuniram mais tarde na Faculdade de Sciencias para tratarem da sua situação e a do caminho a seguir.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

MADAME REGIS D'OLIVEIRA

No rapido de Madrid, que parte da *gare* do Rocio ás 16 e 35, seguiu hoje em direcção á Italia madame Regis d'Oliveira, ex-embaixatriz do Brazil.

Acompanhavam madame Regis d'Oliveira, que sahiu do palacio da embaixada pouco depois das 16 horas, seu filho o sr. Regis d'Oliveira, ministro do Brazil em Buenos-Ayres, sua nora e neto, além do pessoal menor. Na estação compareceu a apresentar as despedidas toda a colonia brazileira residente em Lisboa, representantes do Club e Sociedade de Beneficencia Brazileira, pessoal da embaixada e consulado, ministro de Hespanha e secretarios, ministros de Italia e Russia, secretarios da legação de França, encarregado da embaixada dr. Velloso Rebello, 1.º secretario Belford Ramos, 2.º secretario Sousa Bandeira e esposa, general Pereira d'Eça, Santos Tavares, representando o sr. ministro dos extrangeiros, ministro da guerra, Mario d'Artagão, pintor Sousa Pinto, ministro da Austria, Urbano Rodrigues, que apresentou as suas despedidas a madame Regis d'Oliveira, em nome do sr. presidente do ministerio, que não poude comparecer, além de muitas outras pessoas.

CONCERTO RUY COELHO

Como já dissémos, realisa-se no proximo dia 24, na Liga Naval, um concerto promovido pelo sr. Ruy Coelho, no qual serão executadas em primeira audição as mais importantes obras da litteratura do piano, assim como novos originaes de Ruy Coelho. Como pianista interpretará o promotor do concerto o *S. Francisco de Paula*, de Liszt, e as celebres *Variações* de Brahms sobre um motivo de Haendel, que acabam com uma fuga de seis paginas.

Mademoiselle Laura Wague Marques far-se-ha ouvir n'uma serie de Lieder modernos, de Straus, Debussy, Ruy Coelho, A sr.ª D. Alice Rey Colaço, fará ouvir em primeira audição a *Triologia Camoneana* de Ruy Coelho: «Na cathedral do Amor e da Paysagem». I — Soneto de Camões («Aquella triste e leda madrugada»); II — Na Fonte dos Amores; III — Cantar de Dona Ignez.

Além d'isso tambem se fará a primeira audição do *Trio Op 3*. N.º 1 de Ruy Coelho, que será executada pelos srs. João Passos, Thomaz de Lima e pelo compositor.

NA LIGA NAVAL

Ao tea-concerto de hoje assistiram as sr.ªs: viscondessa de Silvares, D. Isabel Mello e Sousa, D. Maria Lucia Vasconcellos e Sá Guerreiro Nuno, D. Dallila Pereira Severim de Azevedo, D. Maria Wadington e filha, D. Anna de Carvalho (Ribeira Grande) D. Palmyra Vianna Bastos e filha, D. Emilia Reis e Silva, madame Correia d'Oliveira, D. Aida Mourão Ayres de Magalhães, madame Hogan e filha, D. Eugenia Borges d'Oliveira, D. Maria Camello Lampreia, D. Maria Trigueiros Martel, D. Magdalena Martel Patricio, condessa da Foz, etc.

E os srs.: dr. Camillo Castello Branco, Antonio e João Correia d'Oliveira, D. Luiz Lencastre (Alcaçovas), Francisco Perry Vidal, Victor Rolin Santos, dr. Faancisco Patricio, conselheiro Serpa Pimentel, dr. Camossa, conde d'Arrochella, dr. Beirão, etc.

CONFERENCIA

A conferencia sobre Esperanto que o sr. Saldanha Carreira devia realisar amanhã na séde da Cruz Vermelha ficou transferida para depois d'ámanhã, ás 21 horas.

DR. ALEXANDRE BRAGA

E' amanhã que se realisa o jantar de homenagem ao sr. dr. Alexandre Braga, no Hotel Central, pelas 20 horas.

Movimento associativo

Proprietarios de confeitarias e pastelarias—Em segunda convocação, reune amanhã, ás 20 horas, na rua da Barroca, 107, 1.º, a assembleia geral, para apresentação do relatorio e contas da direcção e nomeação de uma commissão revisora. Funccionará com qualquer numero.

Centro Dr. Bernardino Machado—Para apresentação e discussão de contas, reune a assembleia geral depois d'amanhã, ás 21 horas.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje no palacio de Belem os srs. drs. José Bessa de Carvalho, deputado, e Lagos Cerqueira, presidente da camara municipal de Amarante.

—O sr. Carnegie, ministro da Inglaterra, conferenciou hoje com o sr. ministro dos negocios estrangeiros, o qual, por seu turno, conferenciou com o sr. presidente do ministerio.

—Os deputados do circulo de Barcellos instaram junto do ministro do interior para que seja concedido um subsidio para as obras do hospital de Espozende.

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou o sr. dr. Antonio Macieira e com o sr. ministro dos negocios estrangeiros o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Brasil.

—Chegou hoje a Lisboa o sr. Silva Cunha, que vem tratar com o sr. ministro dos negocios estrangeiros de assumptos relativos aos tratados de commercio com a Inglaterra e a Hespanha.

—Uma commissão delegada do pessoal dos caminhos de ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro procurou hoje o sr. ministro do fomento, para tratar de assumptos de interesse para a classe.

—Teve hoje alta do hospital de marinha, o capitão tenente sr. Elyseu Leitão Vieira dos Santos que se apresentou no seu ministerio, devendo ser presente á Junta de Saude Naval na sua proxima sessão.

Os acontecimentos

Continuaram hoje as diligencias a proposito dos acontecimentos occorridos o mez passado. A direcção da Escola Racionalista A Florescente, com séde na rua do Infante D. Henrique, 14, voltou a procurar o director da policia de investigação, afim de lhe solicitar a entrega de todos os livros ali aprehendidos. O sr. dr. Adolfo Coutinho satisfez o pedido.

Como hoje fosse dia de visita aos presos do Limoeiro compareceram ali muitos amigos de Bernardino dos Santes para o visitarem. O seu desejo não foi satisfeito, visto estar prohibido pelo director de receber visitas.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Foot-ball Operario Beatense

Fundou-se no Beato Antonio, um grupo de «foot-ball», com o titulo de «Foot-ball Operario Beatense», ficando a direcção assim constituida: presidente, Francisco Mauricio; secretario, Domingos Alves; thesoureiro, José Fernandes, e capitão do grupo, Jayme Pereira da Costa.

O «team» de «foot-ball» é assim constituido: José Fernandes, Francisco Mauricio, Jayme Pereira da Costa, Albertino Sol, Antonio Joaquim Pinto, Americo Pereira, José Antunes, Domingos Alves, Antonio da Costa, José d'Oliveira Brilhante e Magno Fernandes.

Congresso de Educação Physica

Affluem as adhesões a este Congresso da iniciativa do Gymnasio Club Portuguez que se realisará em junho proximo. As companhias dos caminhos de ferro no desejo de auxiliar este Congresso concederam grandes reducções nos preços das passagens para os congressistas; certamente á este auxilio outros se seguirão com o que muito tem a lucrar este Congresso.

A direcção está enviando os boletins de inscripção e regulamento do Congresso e todas as pessoas que desejem concorrer podem requisital-os á secretaria do Congresso, no Gymnasio Club Portuguez, rua Serpa Pinto, 4.

Uma reunião hypica

Promove-se para o proximo domingo uma nova reunião hypica no seu hypodromo de Palhavã.

A concorrencia á ultima reunião que ali se effectuou no domingo, 30 de janeiro, foi bastante numerosa e composta do que mais elegante conta a nossa sociedade. Tudo faz prever, pois, que a proxima reunião em nada seja inferior.

N'esta reunião far-se-ha, como nas duas anteriores poules, o leilão de cavallos.

Brevemente serão publicados os obstaculos de que se compõem as duas provas, que constituirão o programma e que augmentarão de difficuldade em relação ás que já se fizeram.

Veda da caça

Começa hoje o defeso da caça e achando-se, por determinação do Parlamento, em vigor a lei n.º 15, de 7 de julho de 1913, é expressamente prohibido, pelo artigo 31.º, além do dia 20 do corrente mez, ter caça exposta á venda, quando esta se não ache legalmente selada, incorrendo os transgressores na pena estabelecida no artigo 33.º da mesma lei. O transito e o transporte são egualmente prohibidos, excepto para as especies aquaticas até 31 de março.

O concurso hippico internacional

Está marcado para maio o grande Concurso Hippico Internacional de Lisboa. A proximidade do concurso faz activar por toda a parte os treinos. Nos nossos centros hippicos trabalha-se com animação. A Escola de Educação Physica terá este anno mais larga inscripção. Além dos seus directores, srs. Silveira Ramos e Carlos Velozo, conhecidos e laureados concorrentes, irão de lá alguns discipulos e frequentadores do picadeiro, e ainda Silva Carvalho, o picador-ajudante da Escola, que nos concursos de 1915 muito se evidenciou.

O carnaval nos clubs

Os nossos clubs de sport aproveitam sempre a quadra carnavalesca para festas apropriadas, mas que não perdem o cunho sportivo, e muitas vezes teem, sob o seu aspecto comico, verdadeira valia artistica. Tradiccional é n'esse genero o sarau de segunda feira gorda no Gymnasio Club, ao qual vae seguir as pisadas a importante aggremiação Desportos de Bemfica, que para este anno está organisando, com um programma soberbo, as suas primeiras festas de carnaval.

Noticias parlamentares

A commissão de administração publica da camara deu já o seu parecer sobre os projectos que lhe foram entregues revogando a lei do afastamento dos funccionarios. Ao que nos consta, esse parecer é contrario aos referidos projectos, com o fundamento de que convem esperar que ao parlamento sejam presentes os recursos dos funccionarios afastados, parte dos quaes já está elaborada. Alguns d'esses recursos tiveram já provimento por parte do conselho de ministros, sendo essa uma das razões que levou a commissão a não concordar com os projectos que foram submettidos ao seu estudo. O sr. Pereira Victorino, a quem tanto estão demorando a rehabilitação, vae ter, com certeza, uma apoplexia.

* * *

As opposições, ao que parece, estão dispostas a empregar todos os esforços para obrigarem o sr. ministro do interior a dar o trambulhão fatal. Ingenuas illusões da mocidade!—como diria o poeta. Pois não perceberam ainda os parlamentares da direita que o sr. Almeida Ribeiro é inamovivel e indestructivel e que, por mais que o ataquem com os arietes dos seus trópos indignados, só conseguirão consolidal-o? A pretender deital-o abaixo anda a maioria ha que tempos. E até hoje, é o que se tem visto. O sr. Ribeiro, ajudado pelo sr. Costa, que o pôz assim, nem sequer oscila. Feito d'um bloco só, resiste a tudo. Deixem-n'o pois, em paz, a não ser que prefiram pôr-lhe no alto da cabeça um pára-raios. E' que ás vezes esses instrumentos falham...

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 15.—Foi imponente a recepção que o povo d'esta villa fez ao seu Orpheon no seu regresso d'essa cidade. Na estação de Soure aguardaram a chegada do dr. João Antunes e os orpheonistas uma commissão que aqui se constituiu para tal fim e a philarmonica «União Condeixense».

A' entrada de Condeixa, foi o orpheon aguardado pelas pessoas mais distinctas n'este meio, e por muito povo, formando-se um cortejo civico que se dirigiu para a quinta da Lapa—séde do Orpheon—no qual se encorporaram o dr. João Antunes e orpheonistas. Uma vez ali, o dr. Antunes agradeceu em nome do orpheon a manifestação carinhosa que os seus amigos lhe haviam prestado, dizendo que o seu triumpho o deve, em parte ao protector desvelado do Orpheon, dr. Affonso Lopes Vieira ao qual levantou vivas, que foram calorosamente correspondidos, e á maneira benevola como o povo da capital acolheu a sua humilde obra. Fallaram elogiando o dr. Antunes, os srs. drs. juiz da comarca, Antonio Lopes, e Francisco de Mesquita.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36	35 3/4
Londres, 90 d/v.	36 3/4	—
Paris, cheque	$70,7	$72
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$32,5	1$34
Suissa, cheque	$80,5	$81,5
Italia, cheque	—	—
New York	1$39	1$40
Rios/Londres	12 1/8	—
Libras	6$70	6$80
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	38,95
» » 500$	—	39,20
» » 100$	39,30	39,60

Certificados de 50$00, 40$30 0/0.

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$50; 4 1/2 88-89, coup. 59$40; 4 1/2 1912, ouro, 98$50.

Externas: 1.ª serie 74$30 e 3.ª 76$60.

Acções: Lisboa e Açores 122$; Assucar 46$; Credito Predial 11$50; Ilha do Principe 222$; Phosphoros, coup. 57$30 e assent. 57$; Tabacos, coup. 78$80; Zambezia 1$80.

Obrigações: Prediaes 5 0/0, 88$50; Municipaes 5 0/0, 84$; Ambacas 93$50, C. Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie 77$50; Norte e Leste, 2.º grau, 35$10; Panificação 50$70; C. de Ferro de Benguella, tit. 1, 81$20 e tit. 5, 79$60.

Folhetim d'A CAPITAL 16-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O espectro do passado

Thomaz Gallon é, sobretudo, um taciturno. O seu cerebro nunca deixa de estar povoado de apprehensões. E um condemnado a misanthropia. Só na redacção do seu *Diario* encontra certo alivio. E' então que desabafa. Ha ali phrases tragicas, paginas que resumem espantosas tragedias.

—Sou um desgraçado que nem sequer acredito em Deus! — diz elle de si para si frequentemente. O meu Deus é a minha filha! Só tenho um sentimento—o da paternidade.

A imaginação povoa-se-lhe de visões. A esposa morta, n'um leito todo branco, não se lhe afasta da mente. Ao lado uma creança chora. O medico, que não pudera dar vida á moribunda, abala com os olhos razos de agua. Depois, revê o collegio onde foi levar a filha, a seguir a tragedia, o ultimo abraço que lhe deu antes de partir para a aventura, os tormentos que passou e a incerteza pelo dia que ha de vir, que o tortura até á obcessão.

Wilkerson recorda-lhe tambem. A sua vontade forte fraqueja. Aquelle espectro maldito não o abandona. E' um infernal martyrio. Elle surge a cada passo na sua frente para o ameaçar, para o amaldiçoar, para o esmagar sem piedade.

—Oh! que se pudesse estrangulal-o! —exclama Gallon.

E erguendo-se, d'olhos esbugalhados e mãos enclavinhadas, o aventureiro começa a luctar com uma sombra, que acaba por se desvanecer e por o deixar rendido de fadiga.

—Não está morto, o maldito, pensa Gallon. Se o meu tiro tivesse sido mortal, não andaria a perseguir-me constantemente este receio, que me queima, de o ver, a cada passo, surgir deante de mim, vivo e são, para se vingar. E se assim acontecer, quem me salvará? Quem salvará minha pobre filha?

E' então, nesses momentos de tragica angustia, que lhe apparece a imagem do engenheiro. João Dore é um rapaz novo e forte. E' serio e quasi austero. Todavia não deu ainda grandes provas da sua competencia. E isso alanceia-lhe a alma, tortura-o, enche-o de amargura.

—Como pode elle servir de amparo a Rosinha, se não é o homem capaz de dirigir uma mina, de levar a bom porto a sua exploração incipiente, pergunta Gallon. Não, Doré não pode vir a constituir para a pequena o baluarte inamovivel que para ella sonhei. E tenho profunda pena.

Entre Dore e Gallon ha, por vezes, attrictos mais ou menos graves. Um dia, os dois homens encontram-se junto da pequena linha ferrea que liga a mina com o exterior. De repente, lá em cima, apparece uma vagoneta rolando com incrivel rapidez: Dentro vem um mineiro, que caminha para a morte certa. Como salval-o? Dore não hesita. A' passagem da vagoneta, precipita-se paaa ella, consegue fazer funccionar os freios e salva o pobre operario.

—Vê objecta elle a Gallon, se não trata de mandar reparar os freios das vagonetas não sei quantas desgraças se darão.

—Hei de pensar n'isso.

—Pois olhe que não ha tempo a perder...

E os dois homens, mal humorados, separam-se cada um para seu lado, quasi sem se saudarem. E o oiro? Não apparecia, continuava occulto, mal se mostrando em luzidias palhetas nos blocos denegridos que os mineiros arrancavam do interior mysterioso da montanha. O «Valle silencioso» estava sendo para Gallon um perfeito cemiterio de illusões. De resto, o aventureiro de outros tempos quasi desappacera para dar logar a um pobre diabo cheio de apprehensões, incapaz de um grande acto de audacia ou de um gesto de heroismo. Gallon n'aquella epocha não passava de uma sombra do que fora annos antes.

Entretanto, o destino apressou-se a desmentir o conceito que de João Dore formava Galon. E a prova foi terrivel. E' que uma tarde, Rosinha, pensando que o pae estava no interior da mina, resolveu ir levar-lhe a merenda. Pelo caminho, os mineiros saudavam-na cheios de respeito. A todos perguntava pelo pae.

—Onde está? Viram-no?

Que não, respondiam todos. E Rosinha, ligeira como uma garça real, embrenhou-se no tunel da mina, caminhando cada vez mais depressa, para se encontrar com o pae o mais cedo possivel. A meio do caminho, porém, um mineiro, que arrasta uma vagoneta, diz-lhe que o pae não estava nas excavações.

—Sahiu ha pouco, menina.

—Para onde?

—Ignoro-o. Talvez lá para baixo, para os depositos de minerio...

—E vaes para lá?

—Immediatamente. Se não tem mêdo...

—De quê?

—De cahir. Levo-a na vagoneta.

Rosinha acceita o offerecimento com enorme alvoroço. E d'ahi a pouco, a vagoneta, rolando pela linha levemente inclinada, dirige-se, veloz, para fóra da mina, arrastando comsigo Rosinha e o mineiro que timonava o minusculo vehiculo. N'um dado instante, porém, dá-se a explosão prematura de uma trincheira. O mineiro que guiava a vagoneta é morto e cae desamparadamente sobre a linha. A vagoneta, por sua vez, continúa deslisando vertiginosamente para o abysmo.

Os gritos de Rosinha enchem o espoço. Os seus dias parece estarem contados. A linha vae terminar n'um precipicio. E' n'esse precipicio que a filha de Gallon vae encontrar morte certa. João Dore, porém, anda, n'aquelle momento, inspecionando os cabos aereos, para se certificar do seu funccionamento. Mettido n'um balde de ferro, o engenheiro balança-se a grande altura, ora avançando ora recuando, conforme as exigencias da tarefa que anda realisando. Em baixo, um operario ebrio, dirige o motor. Os gritos de Rosinha chamam a attenção de João Dore, o qual vendo o perigo que ameaça a pobresita, não perde o sangue frio, procurando salval-a.

—Larga!—brada elle para o homem do motor.

E a barquinha aerea desvia vertiginosamente para a linha ferrea pela qual a wagoneta, com Rosinha, continua rodando com espantosa velocidade. Os mineiros que se encontram junto da linha affastam-se, aterrados, para não serem colhidos e mortos. Rosinha é o idolo de todos elles. O perigo que ella corre enche os de desespero.

O cabo aereo cruza, todavia, com a linha ferrea. A barquinha de João Doré, chegando ao ponto onde se dá esse cruzamento estaca. A wagoneta está a alguns metros de distancia. O engenheiro debruça-se, estende os braços, dá as mãos a Rosinha e segurando-a com força, obriga-a a suspender-se no ar, emquanto a wagoneta, continuando na sua carreira, vae despenhar-se lá em baixo, no fundo do abysmo, fazendo-se em estilhas. Depois, a barquinha desce e João Doré entrega a filha de Gallon ao pae, o qual fôra testemunha d'aquelle intenso drama de angustia que acabava de denegrir, por alguns momentos horriveis, as almas de quantos trabalhavam no «Valle Silencioso». Gallon, abraçando o engenheiro, não logra disfarçar a sua commoção.

—Obrigado—diz-lhe, por ter salvo minha filha!

—Cumpri o meu dever!

—Não. Fez mais. Sacrificou a sua propria vida.

N'aquella tarde, os olhares que os dois jovens trocavam habitualmente entre si foram já mais ardentes. Conversaram com mais intimidade, parecendo que o episodio emocionante da mina servira para os attrahir mais intensamente um para o outro. Gallon reparou n'isso e quasi se sentiu tranquillo e feliz. Effectivamente, se tinha junto de si aquelle rapaz forte e decidido, que não recuava deante de nenhum perigo, para que temer por si, pela sorte da mina e pelo futuro do filho? A velhice tem, além d'outros, um grande dever—confiar nos novos. E a verdade é que já se ia sentindo velho. A sua forte energia d'outrora abandonava-o. A alma tornava-se-lhe menos confiada. Vivia sob a pressão d'uma espantosa tortura moral que dava cabo d'elle. Não. Era-lhe impossivel resistir por muito tempo. Só tinha um caminho a seguir arrimar-se a alguem, confiar em alguem. Porque não havia de entregar-se completamente a João Dore? Quem, melhor do que elle, podia ser o seu braço direito, o seu successor? E foi pensando assim que, n'essa noite se deixou dormir livre, pela primeira vez, dos pesadellos horriveis que ininterruptamente o agitavam.

(Continua).

No «ecran» do OLYMPIA

EM TORNO DA GUERRA

Os allemães em Hespanha

O que sobre a obra de espionagem ainda averiguou Pierre Lalo

A espionagem dos allemães em Hespanha tem objectivos mais definidos do que ouvir o que se diz. A grande preoccupação dos allemães é saber o que o paiz produz, fabrica e exporta. Para o averiguar, para o descobrir andam á escuta e á espreita, rondam constantemente em torno das fabricas, das gares e dos caes. Entre cem factos semelhantes, apenas referirei um que me contou um dos principaes metallurgicos da Biscaia. Quando rebentou a guerra, tinha na sua fabrcia dois desenhadores allemães que partiram logo para Barcelona. Um mez depois, viu-os voltar, pedindo-lhe que os readmittisse... Não o fez; o seu logar estava occupado por outros; além d'isso, sendo amigo da França, preferia não ter mais allemães ao seu serviço. Os dois desenhadores nem por isso sahiram da Biscaia. Estabeleceram residencia n'um burgo visinho, onde viveram á larga, dando de beber aos operarios, aos empregados do caminho de ferro, jogando com elles as cartas e sabendo perder quanto convinha, embora se lhes não conhecessem outros recursos além do seu salario e estivessem desempregados. Sem emprego é modo de dizer, porque tinham um: o de conversar, ir á estação, observar os embarques, inspeccionar os comboios de mercadorias, vigiar as expedições feitas pela fabrica, saber qual a sua quantidade e o esu destino, —e era esse trabalho que lhes pagavam. Em setembro de 1914 encontravam-se ali e ainda lá estão agora... Nos portos, os marinheiros dos navios allemães internados teem as mesmas curiosidades e prestam os mesmos serviços; não ha um barco alliado ou neutro, amarrado a um caes hespanhol, que elles não saibam o que leva, quando parte e para onde vae; conhecimentos preciosos, que ora fornecem argumentos ás reclamações da embaixada, ora indicações para a obra sinistra dos submarinos. Uma extraordinaria «démarche» do embaixador allemão junto do governo de Hespanha acaba de o demonstrar d'um modo flagrante.

Essa personagem, o principe de Ratibor, ousou declarar que todo o navio carregado de chumbo que sahisse d'um porto hespanhol se expunha a ser implacavelmente mettido a pique. Só pelos espiões que sustenta a embaixada póde ser informada do movimento dos portos, do carregamento e da partida dos navios; e são essas informações da espionagem que ella por sua vez transmitte, por vias desconhecidas, aos submarinos cuja tarefa dirige. O principe de Ratibor é o digno collega do conde Bernstorff, cumplice dos assassinos do «Lusitania». Assim se comporta actualmente a espionagem germanica em Hespanha. Mas não foi só a partir da guerra que ella ahi tem exercido a sua actividade. A Hespanha achava-se tambem envolvida na immensa e tenebrosa rêde que a Allemanha estendera sobre o mundo. No inverno de 1914, o chefe d'uma poderosa casa de Malaga contractára para o seu automovel um mechanico estrangeiro. Fazia-se conduzir muitas vezes a Gibraltar onde mantinha com os inglezes intimas relações de amisade e negocios. O mechanico, para quem a qualidade do seu patrão era uma garantia, introduzia-se por toda a parte atraz d'elle, via e ouvia tudo. Desappareceu nos ultimos dias de julho, deixando uma carta em que agradecia ao hespanhol o ter-lhe procurado tantas facilidades para cumprir a sua missão: era um official da marinha germanica.

Se todos os allemães de Hespanha fazem espionagem, quasi todos fazem propaganda. Fazem-na desde o principio da guerra; e n'esta ordem de coisas, como na ordem militar, a sua organisação revelou-se immediatamente completa, preparada de longa data no conjuncto e no detalhe, machina occulta, mas montada e prompta para marchar ao signal dado e derramar sobre a terra hespanhola a torrente de mentiras allemãs. No começo foi uma inundação a que ninguem poude resistir. Os nossos alliados e nós, que não queriamos a guerra nem a premeditámos, não tinhamos meio algum de combater essa inundação, de lhe oppôr outra contraria, de a deter, de a fazer recuar. Em França ainda se não esqueceu o que foi a raridade e a pobreza de noticias nos primeiros tempos das hostilidades. Se, mesmo em França, tão pouco se conhecia o lado francez da guerra, o que poderiam saber os hespanhoes? Não satisfaziamos de modo algum a sua impaciencia de saber, a sua ancia de curiosidade. Semelhante alimento só lh'o forneciam os allemães, e com que abundancia, e com que liberalidade! A illustre agencia Wolff multiplicava as suas invenções sensacionaes. Um habil serviço de propaganda offerecia gratuitamente aos jornaes de Hespanha um grande numero de noticias de toda a especie, muitas descripções de batalhas, considerações estrategicas e revelações diplomaticas para que todos os dias enchessem as suas columnas; e os jornaes de Hespanha achavam-se obrigados a haurir informações entre os nossos inimigos, visto que não lh'as forneciamos, para saciar a fome do seu publico. Naturalmente, tudo isso proclamava a grandeza da Allemanha, a força da Allemanha, a generosidade da Allemanha, a gloria da Allemanha, o triumpho da Allemanha. Para dar credito a taes louvores e a taes profecias, accumulavam-se os maus argumentos, amontoavam-se mentiras, toda a casta de mentiras, desde a furtiva alteração da verdade até á impostura mais espantosa. As calumnias eram sem tomar folego. Em parte alguma com mais audacia e tenacidade do que em Hespanha, a Allemanha trabalhou para se retratar como a innocente victima d'uma aggressão, para representar a guerra como a obra da perfidia da Inglaterra ou do rancor da França ou da ambição da Russia; em parte alguma ella accusou, com mais insolentes falsificações de textos e de factos, a Belgica de ter violado a sua propria neutralidade, os homens belgas de haver feito aos generosos exercitos prussianos uma guerra selvagem de francos-atiradores e as mulheres e as creanças de terem assassinado traiçoeiramente os bons, os magnanimos soldados do kaiser, incapazes de fazerem mal a uma mosca. Não resta duvida de que affirmações tão impudentes não obtiveram pleno credito. Mas Bazilio dizia: «Calumniae, calumniae, que da calumnia sempre ficará alguma coisa.» Viu-se bem: tantas calumnias repetidas com tanta insistencia e a principio refutadas com demasiada fraqueza, perturbaram durante muito tempo a opinião, que hoje mal começa a esclarecer-se. Bazilio é um grande mestre; mas Beaumarchais errou quando o não fez allemão!

Professores de ensino livre

Uma reunião

Pedem-nos a publicação do seguinte:

São convidados a reunirem ámanhã, 17 do corrente, pelas 20 horas e meia, na rua dos Poyaes de S. Bento, 75, 1.º, os professores do ensino livre domiciliados em Lisboa, a fim de elegerem uma commissão entre si e um representante ao Conselho de Instrucção Publica, como é de lei, para pugnar pelos interesses do mesmo ensino.

Assistencia pelo trabalho

N'esta secção da Provedoria da Assistencia de Lisboa encontram-se inscriptos pedindo colocação, alem de grande numero de operarios de todas as profissões, muitos empregados no commercio e de escriptorio, costureiras de roupa branca, professores, etc.

Todos os industriaes, commerciantes e quesquer entidades que necessitem de empregados teem toda a conveniencia em recorrer a esta secção que lhes offerece todas as garantias de seriedade.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil—Reune hoje pelas 21 horas, a commissão de propaganda, conjuntamente com os delegados dos corpos gerentes a fim de se discutir o projecto do programma da festa a realisar em 20 d'abril, commemorativa do 5.º anniversario da separação do Estado da egreja.

Gremio Educação do Povo—A direcção pede aos socios a sua comparencia na rua dos Douradores, 72, 2.º D., ámanhã, das 21 ás 24 horas.

SPORT

Velhos de 70 annos capazes de esmurrar rapazes de 20 annos

(Cartas a um velho amigo)

No estrangeiro são frequentes as corridas e concursos entre veteranos...

Cesar.—Ha perto de dois mezes, na secção da «Capital» referi-me ás ideias de Henri Hœnig sobre a gymnastica dos homens adultos. Sabes quem é este Hœnig? E' um dos homens que mais tem estudado estes assumptos de educação physica e que foi um dos laureados nos cursos que manteem os professores Racine, Philipe e Demeny. Dizia elle que os velhos quando praticarem o athletismo devem fazel-o com extraordinarias precauções. Tem razão. Mas, apezar de lhes metter medo se exaggerarem ou se quizerem fazer mais do que devem ou do que podem, aconselha-os a que nunca deixem de fazer a «sua gymnastica» e a que mantenham os seus cuidados de hygiene.

Tu dirás que ha uma ligeira contradição com o que tenho escripto antes. Não é assim. Cito Hœnig para dizer que ha necessidade de não abusar da gymnastica e ter sempre de memoria aquella sentença physiologica de que o «homem tem a edade das suas arterias».

Ha, porem, velhos que valem mais do que os novos. Tens razão. San-Malato, pae, o terrivel esgrimista italiano, já com 50 annos sentia-se capaz de «furar» no terreno ou dominar na «prancha» qualquer espadachim de metade da sua edade!

Conheci um alumno de 70 annos que o Arthur dos Santos tinha n'um curso na rua da Emenda que me garantiu, um dia, em conversa, que não tinha duvida de esmurrar um rapaz de 20 annos, que se «atrevesse»!

Na Allemanha são frequentes as corridas e os certamens gymnasticos entre «veteranos». No ultimo realisado em Munich, ha 6 annos, appareceram 87 concorrentes n'uma prova de parallelas, o mais novo com 71 annos e o mais velho com 82 annos e meio!

Os francezes tambem exploram esses espectaculos com os velhos athletas. São frequentes os «cross-country». N'um dos ultimos, foi vencedor, o notavel jornalista, já homem de quasi 50 annos, Henri Desgrange, director do «Auto». Na mesma corrida entrou Leon Manaud, que conhecemos em Lisboa, quando aqui veio com o pugilista Geo Max. Tu bem o viste. E' já um «quarentão» muito adeantado...

Mas todos estes homens praticaram exercicios quando novos de edade. Portanto para estes os cuidados de Hœnig são de menor importancia. E' que conservaram a facilidade de praticar os trabalhos gymnasticos. Mantiveram, embora com menos intensidade, o seu treino athletico.

Desappareceu ou não a pequena contradicção, que me apontavam? Como vês, são factos e aspectos differentes.—*J. P.*

Notas do dia

Desafios internacionaes de foot-ball

Confirma-se a noticia.

No proximo sabbado e domingo, realisam-se desafios internacionaes de «foot-ball», collocando-se em frente do grupo mais popular de Lisboa o grupo estrangeiro que melhor e maior impressão nos deixou quando da sua primeira visita. Referimo-nos ao Sport Lisboa e Bemfica e ao Racing Club de Madrid.

O primeiro desafio é anciosamente esperado. Todos perguntam:—Vencerá d'esta vez o Racing? A pergunta justifica-se pelas victorias que esse «team» madrileno tem obtido desde que esteve em Lisboa. Accresce a circumstancia de que os hespanhoes se apresentam em campo, repousados da viagem porque chegam na sexta-feira de tarde e porque já conhecem o jogo dos amadores portuguezes.

Qualquer dos «matches», effectua-se no campo de Sete Rios, propriedade do Sport Lisboa e Bemfica.

Festas de sport em Hespanha

Tem aspecto de «tournée» de propaganda a serie de festas sportivas que se projectam para o fim da primavera em varias cidades de Hespanha e nas quaes tomam parte elementos portuguezes.

O primeiro d'esses saraus realisa-se em San Sebastian e será organisado por um importante jornal d'aquella cidade. N'esse sarau devem tomar parte alguns dos mais prestimosos elementos do nosso acrobatismo e do nosso athletismo de força.

Algumas anecdotas

O que um jornalista percebeu ácerca da venda de automoveis...

Temos ouvido elogiar certos commerciantes de automoveis porque vendem mais que os outros e conseguem captivar os clientes. Ora tudo se resume em saber commerciar. Vejam, por exemplo, a forma como um dono de «garage» recebeu um jornalista, que se fingiu comprador para verificar o facto directamente.

O jornalista parou em frente do individuo e perguntou-lhe:

—Qual é o carro do novo modelo 16-22?

O homem nem se mexeu e com um dedo apontou-lhe o automovel! O jornalista sorriu e foi vêr o carro. Feito o exame, acerca-se do «garagista».

—Qual é a «alesagem»?

—Veja no catalogo...

—E que velocidade póde attingir?

—Isso depende...

—Quanto tempo precisa para me entregar o automovel?

—Tenho de perguntar á fabrica.

—Posso «carroçal-o» d'outra forma...

—Talvez...

E nada mais disse!... E nada mais respondeu!...

Os grandes récords

De velocidade em automovel

O automobilismo regista muitos «records» aos quaes nos havemos de referir, mas dois d'elles primam todos os outros porque constituem «records» do mundo, nas grandes distancias de 1.000 e de 500 milhas.

As 500 milhas foram percorridas, em 1913, por J. Chassagne, D. Resta e K. Lee Guinesse, em 5 horas, 16 minutos, 40 segundos e 1 quinto.

Os mesmos motociclistas percorreram as 1.000 milhas em 11 horas, 6 minutos e 38 segundos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 15.—O conselho escolar do lyceu, reunido esta tarde, escolheu por unanimidade para reitor d'aquelle estabelecimento o sr. dr. Barros Cunha.

—Os gatunos continuam a assaltar as capoeiras, tendo alguns sido presos pela policia.

FIGUEIRA DA FOZ, 15.—Como haviamos noticiado, realisou hontem uma conferencia na séde da Sociedade de I. M. P. n.º 25, o regente florestal sr. Manuel Alberto Rei, que durante hora e meia dissertou com profundo conhecimento sobre as riquezas nacionaes e o seu aproveitamento. O conferente foi no final muito applaudido pela numerosa assistencia.

—No elegante theatro do Parque vamos ter duas recitas de assignatura, annunciadas para os dias 19 e 20 do corrente, pela companhia de opereta-zarzuela, dirigida pelo actor Salvador Orozco, que muito tem agradado no norte do paiz. As peças escolhidas são: As operetas em 1 acto cada, «Los cadetes de la Rocina», «Molinos de viento», «La fiesta de Santo Anton», «La piedra azul», e as zarzuelas «Izidrim ou las 49 provincias» e «Los campesinos». Foi hontem aberta a assignatura e é já elevadissimo o numero de logares marcados.

—No mesmo theatro será tambem exhibida dentro em breve a sensacional fita «A chave mestra», cujo argumento vem sendo publicado em folhetins na *Capital*.

—O tempo continúa excellente.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Vêr noticiario na 4. pagina.

meira. Embora a sua ala esquerda estivesse exposta, com extraordinaria impetuosidade e coragem duas das trez brigadas que a compunham e que haviam sahido das suas trincheiras ás 6 horas e meia da manhã, seguidas poucos minutos depois pela brigada de reserva, tomaram no meio de nuvens de gaz e de fumo o reducto na elevação Vermelles-Loos. Antes das 8 horas da manhã a brigada da direita atacava Loos pelo norte, emquanto a da esquarda avançava e se apoderava da «fossa 14 bis» e da cota 70 com o seu reducto, chegando á aldeia de St. Auguste. No entretanto, os Camerons haviam destacado um corpo de granadeiros para apoiar a brigada da direita da 1.ª divisão, que estava ainda tratando de abrir brecha nas vedações ao sul de Hulluch.

A «fossa 14 bis», a cota 70 e o reducto na sua extremidade nordeste haviam sido occupados pelos Highlanders do novo exercito. Das casas, subterraneos e «dormitorios» em Loos, de Cité St. Auguste e nos arredores de Lens, as metralhadoras allemãs estavam em acção contra as bravas tropas inglezas. Todos os canhões allemães que havia nas proximidades estavam sendo assestados contra os inglezes, tendo o inimigo sido rapidamente reforçado do norte, do leste e do sul. Mas pelas nove e meia alguma artilharia ingleza havia sido mandada para Loos e uma brigada da 21.ª divisão do novo exercito foi enviada em auxilio dos Highlanders, os quaes receberam apoio immediato da 47.ª divisão de territoriaes de Londres, na extrema direita do 1.º exercito britannico.

Duas brigadas dos territoriaes de Londres haviam sahido das suas trincheiras proximo de Grenay pelas 6 horas e meia da manhã. Os gazes e o fumo haviam-nas precedido. Rapidamente varreram o inimigo e, atravessando a estrada Béthune-Lens, avançaram para o cemiterio e para a cidade de Loos.

Durante muito tempo, as metralhadoras allemãs no cemiterio mantiveram a sua posição entre os tumulos. Finalmente, o cemiterio foi tomado e o principal ataque a Loos pelo sul e oeste com os Highlanders abrindo caminho pelo norte e pelo leste começou. De casa em casa, de subterraneo em subterraneo os allemães foram bombardeados ou passados á bayoneta. Muitos renderam-se, mas muitos morreram valorosamente no seu posto.

Sob a torre da egreja o inimigo havia collocado minas, das quaes, no meio das granadas que explodiam, o major E. B. Blogg, do 4.º regimento de artilharia de campanha de Londres, cortou os rastilhos, salvando assim as vidas que a explosão teria arrebatado. O tenente F. L. Pusch, do 19.º batalhão do regimento de Londres (St. Pancras), entrando sósinho n'uma casa, aprisionou sete allemães, um dos quaes o feriu gravemente no rosto.

Apoz uma lucta sangrenta, Loos estava finalmente em poder dos alliados. Entre os habitantes da cidade contava-se mlle. Emilienne Moreau, de 18 annos, que d'ahi não sahira durante a occupação allemã e que estava tratando n'esse dia dos inglezes feridos.

Matou com a sua propria mão diversos allemães que atacavam os feridos Highlanders e territoriaes. A 27 de novembro essa joven heroina foi condecorada publicamente em Versailles com a Cruz de Guerra, que lhe foi posta ao peito pelo general Sailly.

Desde as 6 horas e meia da manhã até ao meio dia os inglezes tinham estado atacando as posições do inimigo desde o canal Béthune-La Bassée até aos arredores de Lens, mas, durante todo esse tempo, por motivos que não foram tornados publicos, o 10.º exercito francez entre Grenay e o Labyrintho não havia avançado. Um violento bombardeamento que durára cinco dias preparára o caminho á infantaria franceza, mas os generaes Foch e d'Urbal addiaram o seu ataque até á tarde de 25 e então, em vez de lançarem tropas para Lens, limitaram-se a atacar Souchez e as elevações de Vimy.

Que haviam tido excellentes razões para assim proceder não póde pôr-

Finalmente, soou o momento desejado. Eram 6 horas e meia da manhã. De subito cessou o troar dos canhões atraz d'elles, continuando, porém, a ouvir-se o da artilharia franceza, porque a infantaria de d'Urbal só d'ahi a minutos estava prompta para o ataque. Das trincheiras inglezas, sahiram ondas de soldados que, com os seus capacetes contra o fumo, tinham extranho aspecto. Avançavam silenciosa mas resolutamente por entre o nevoeiro e o fumo e arrojavam-se contra ás trincheiras inimigas.

No afundamento do cruzador «Triumph»—Salvo por um destroyer

Um observador allemão, escrevendo no «Berliner Tageblatt», descreve a seu modo, é claro, essas cargas:

«Ondas de gaz e nuvens de fumo avançaram semelhantes a um cerrado nevoeiro. Os allemães esperavam. Fizeram fogo contra esse nevoeiro.

Um official appareceu, de espada em punho, fóra d'elle, e cahiu immediatamente. Então os allemães retiravam, porque essas trincheiras não podiam continuar a ser occupadas. Uma granada explodindo fez vêr uma metralhadora n'uma trincheira. Alguns dos nossos valentes compatriotas apoderam-se d'ella e começam a fazer fogo. Inglezes á direita! Aonde? São os nossos homens! Não, pelo céu! são inglezes muito proximos, apenas a dez metros de distancia, porque os seus uniformes podem ser reconhecidos na escuridão...

De subito uma companhia ingleza apparece, inesperadamente. Uma metralhadora varre a rua. Alguns cahem. Um official reune-os e elles avançam sobre cadaveres e sangue! E a metralhadora está silenciosa...

Muitas vezes era arriscado dizer quem estava nos flancos ou na retaguarda, se amigos ou inimigos. E as shrapnels explodiam para onde quer que dirigissemos os passos».

Um official inglez ferido declarou mais tarde que «não se podia imaginar coisa peor».

E accrescentava: «Coisa alguma se pode comparar com os horrores d'aquella batalha; era uma verdadeira carnificina, um inferno». Um soldado contou que quando estava proximo da trincheira inmiga a coronha da arma foi despedaçada, ficando nas suas mãos o cano e a bayoneta. Ao entrar na trincheira, como um official prussiano assestasse contra elle o revolver, atravessou-o com essa mesma bayoneta.

A's 6.35', a artilharia ingleza reabriu o fogo com pontarias mais distantes, bombardeando as reservas do inimigo e as trincheiras da retaguarda. Esse segundo bombardeamento durou ininterruptamente meia hora e era «sufficientemente forte para fazer tremer a terra e o céu».

A ala esquerda do primeiro corpo do logar-tenente H. Gough operando entre as margens do canal Béthune-La Bassé e a «fossa 8» não fez pro-

CARTAS D'AFRICA

A situação da Provincia de Moçambique

Um plano que a fará resurgir e trará a prosperidade

Lourenço Marques, 14 de janeiro

Na sessão de abertura, ante-hontem realisada, do conselho de governo, o governador geral, sr. dr. Alvaro de Castro, proferiu um notavel discurso, no qual analysou a situação economica da provincia e traçou nas suas linhas geraes o plano a seguir para uma nova «étape» de progresso.

Seria muito longo o transcrevermos na integra o discurso do illustre governador e por isso nos limitamos a dar alguns topicos.

O anno economico de 1914-1915 fechou com um «deficit» apenas de 50 contos, pois que foram cobrados 6.650 contos, ascendendo as despesas a 6.700.

A Provincia exportou durante o anno de 1913 productos no valor de 1.700 contos, e nos oito primeiros mezes de 1914 isto é, até á altura em que rebentou a guerra, no valor de 1.400 contos. Se se tivesse mantido a situação normal, a exportação em 1914 teria talvez attingido uns 2.000 contos. Em 1913 esta exportação teve a seguinte distribuição: —culturas indigenas, 29 por cento; explorações europeias, 45 por cento; industrias extractivas, 26 por cento. Em 1914 essa distribuição póde ser assim calculada:—culturas indigenas, 40 por cento; explorações europeias, 51 por cento; industrias extractivas, 9 por cento. Verifica-se pois, o augmento das culturas indigenas e a supremacia das explorações europeias. Estudando em detalhe cada um dos districtos, reconhece-se que todos teem as suas caracteristicas pirvativas derivadas da actividade de indigenas ou europeus. Moçambique é, por exemplo, caracterisado pelas explorações indigenas, que em 1914 representaram 89 por cento, ao passo que a Zambezia é caracterisada pela exploração europeia, sendo de 86 e meio por cento em Quelimane e de 66 por cento no Chinde. Inhambane faz-se notar pelas suas industrias extractivas, que de 87 por cento em 1913 desceram 20 por cento em 1914. Lourenço Marques é caracterisado pela exploração europeia, que attinge 64 por cento. A observação rapida d'estes numeros dá immediatamente a conhecer que com o insignificante esforço que o Estado tem empregado no desenvolvimento da agricultura, se obteve um accrescimo de riqueza extremamente valioso. Não é, portanto, de admirar que, tornando-se mais larga e mais intensa a acção do Estado, a Provincia possa colher do desenvolvimento da sua agricultura aquillo que vae hoje buscar a uma fonte que é de riqueza, mas que tambem o é de empobrecimento. Não será exaggero o dizer que podem produzir-se na Provincia muitos dos productos que hoje se importam e que representam um valor importante, pois a importação representa 1.000 contos de generos que podem ser produzidos na colonia.

Preconisa em seguida o governador geral a necessidade de desenvolver os serviços d'agrimensura; as communicações, principalmente a conclusão do caminho de ferro da Swazilandia e a da linha telephonica de Johannesburgo, assim como augmentar o numero dos telephones em Lourenço Marques, substituir as linhas telegraphicas da Zambezia e montar o posto de telegraphia sem fios em Lourenço Marques.

Depois, diz o sr. dr. Alvaro de Castro:

«Pelo lado dos serviços de marinha, além dos serviços proprios, o melhoramento do material naval e limpeza dos canaes, é necessario construir uma doca ou plano inclinado; assim como estudar os fundos da nossa costa e a riqueza ictiologica dos nossos mares, para com segurança se fazer a exploração da industria da pesca, que tantos beneficios traria não só á população de Lourenço Marques, mas tambem aos caminhos de ferro e aos rendimentos do Estado pela facil collocação dos seus productos no Transvaal.

Quanto á organisação dos serviços militares, não exigem, a meu vêr, cuidados especiaes a não ser o melhoramento e renovação de algum material, assim como a reconstrucção de alguns quarteis e edificios.

Os serviços de justiça merecem uma attenção especial que nos conduzirá a uma obra de largo folego, mas para já estes e outros serviços precisam de ser alojados em edificios de harmonia com a sua missão elevada e nobre.

A reforma das alfandegas está sendo estudada, e pelo turismo realisar-se-hão os melhoramentos indispensaveis para completar os attractivos naturaes de Lourenço Marques».

Tal foi o plano geral apresentado pelo governador da Provincia. Que se realise com aturado esforço e conveniente orientação taes são os nossos votos.—*E. X.*

Festas associativas

Club Estephania.—Realisa-se no sabbado a festa mensal com recita seguida de baile, estando a parte musical confiada a um quintetto. A recita é constituida pela primeira representação da comedia em 3 actos, «O boticario de Valle de Frades», traducção de Leopoldo de Carvalho, desempenhada pelo grupo dramatico do club.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Socialista de Lisboa.—Para tratar de assumptos urgentes, reune hoje, ás 21 horas, a assembleia geral.

Centro Alexandre Braga—Acham-se patentes as contas da gerencia referentes ao anno findo, podendo ser verificadas pelos socios, na séde, rua das Escolas Geraes 63, 1.º, até ao dia 24 do corrente, das 21 ás 23 horas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PEQUENAS NOTICIAS

No Centro Evolucionista do 4.º Bairro, rua do Patrocinio, 113, 2.º (á Estrella), realisa ámanhã, pelas 21 horas, a convite da commissão de propaganda evolucionista, uma conferencia o senador sr. dr. Lima Duque, subordinado ao thema a «a evolução em politica» na qual são convidados a fazerem-se representar todos os organismos do Partido em Lisboa. A entrada é publica.

—*Por meio de enforcamento* suicidou-se hoje Francisco Pereira Nobre, pedreiro, de 46 annos, morador na travessa de Santa Gertrudes, 9, 2.º. O cadaver foi enviado para o Instituto de Medicina Legal.

Em homenagem aos alliados

Recita em Paço d'Arcos

CAXIAS, 16.—A fim de levar a effeito um espectaculo em homenagem ás nações alliadas e cujo producto se destina aos soldados em guerra, constituiu-se n'esta localidade uma commissão, que no proximo dia 28, realisa no Cine-Theatro, em Paço d'Arcos, um espectaculo para o qual já conta com valiosas adhesões, devendo por isso ser uma festa largamente concorrida, não só pelo fim a que se destina, como ainda por ter a abrilhantal-a grande numero de elementos de valor. A commissão é assim formada: presidente, Adelino Mendes Leal; secretario, José Soares; thesoureiro, Pedro Nunes. Entre os offerecimentos feitos á commissão é justo salientar o da cedencia do theatro, generosamente feita pelo sr. Henrique Taylor que não recebe pelo aluguer senão a parte destinada á luz e outras despezas. O programma, que brevemente vae ser publicado, deve produzir sensação, sendo grande o enthusiasmo que ha para assistir a esta festa, tanto mais que a lotação do theatro é apenas de 700 pessoas, o que faz com que, apesar dos bilhetes ainda não estarem á venda, já sejam muito disputados. Entre os numeros que constituem o programma figura um de homenagem ás nações alliadas.

Bancos e companhias

Companhia de seguros «Previdencia».—Teve no anno findo lucros na importancia de 17:545$71,9, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para dividendo de 25 0|0. livre de imposto de rendimento, 10:000$00; fundo de reserva geral, 2:000$00: contribuições, 2:700$00; complemento da remuneração do conselho fiscal, 86$37; gratificação aos empregados, 700$00; saldo a conta nova, 2:059$34,9.

Movimento maritimo

Gran Bretanha «Demerara» do Braz.)	18
Bahia, Rio de Janeiro «Rynland».......	19
Br. e R. Pr., «Drechterland» (de Ams.)	19
Madeira e Açores, «San Miguel».........	20
R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (do Amst.)..	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular»..........	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)...	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

Associação de Classe de Empregados de Escriptorio
Séde: Rua da Magdalena, 223, 1.º

Aviso

De conformidade com o § 1.º do artigo 18.º dos estatutos, convoco a reunião da assembleia geral para 19 do corrente, pelas 20 1|2 horas, com a seguinte *Ordem da noite:*

1.º Discussão do Relatorio da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, e suas conclusões;
2.º Eleição dos corpos gerentes;
3.º Apreciação do relatorio da syndicancia requerida pelo socio n.º 1135;
4.º Apresentação de dois projectos de fusão das associações de empregados commerciaes.

No caso de falta de presenças reune a assembleia, com a mesma ordem de trabalhos e á mesma hora, em 22 do corrente.

Lisboa, 3 de fevereiro de 1916.
O Presidente da Mesa
Henrique Carlos Santos Alves

gresso algum, embora os mortos entre o canal e a fossa se contassem aos milhares, a ponto dos inglezes, que recebiam um diluvio de granadas do saliente de La Bassé, terem de recuar.

Em feitos de bravura n'esse ponto da batalha mencionaremos dois. Em Cuinchy, na margem do canal, o capitão F. R. Kerr, apoz um ataque mal succedido, saltou o parapeito da trincheira ingleza e sob o fogo do inimigo em fila cerrada trouxe para ella dois homens feridos. Proximo de Cambrin, aldeia a sudoeste de Cuinchy, o major H. C. Stuart, dos officiaes de reserva, da Infantaria ligeira Highland, avançou velentemente com o seu batalhão e depois d'esta ter sido atacado com gazes asphixiantes reorganisou o que d'elle restava.

Emquanto o combate em roda de Cuinchy, de Cambrin e de Auchy proseguia, o logar-tenente general Gough lançou o major general G. H. Thesiger, com a 26.ª e 28.ª brigadas da 9.ª divisão, contra o reducto «Hohenzollern» e a «fossa 8». Para que os gazes e o fumo envolvessem o reducto e a fossa necessario era que o vento soprasse do nordeste e, como já vimos, não se deu esse caso. O reducto «Hohenzollern» era um segundo «Labyrintho» e a «fossa 8», com a qual, como já dissémos, estava ligado por trez trincheiras, havia sido convertido n'uma fortaleza em miniatura.

A 28.ª brigada avançou a leste do caminho de ferro Vermelles-La Bassée sobre o reducto, a 26.ª penetrou entre o reducto e as pedreiras de Hulluch e apoderou-se da «fossa 8». A lucta foi violentissima. A carnificina foi medonha, especialmente a produzida pelas howitzers e pelas metralhadoras.

Em resultado dos esforços dos inglezes, parte do reducto «Hohenzollern» foi tomado, sem comtudo serem desalojados d'elle por completo os allemães.

A lucta em redor dos edificios da «fossa 8», a noroeste do reducto, foi egualmente violenta, mas a principio com mais exito. A 26.ª brigada de infantaria occupou-a, mas, devido ao insuccesso da esquerda de Gough, não poude concorrer essa captura para a do reducto.

Entretanto, na direita da 9.ª divisão, a 7.ª, sob o commando do major general sir Thompson Capper, estava batalhando em harmonia com as suas gloriosas tradições. Rapidamente chegou ás pedreiras de Hulluch e as tomou, avançando a sua esquerda sobre Haisnes e o centro para as alturas ao norte de St. Elie, emquanto a direita atacava essa aldeia.

O capitão A. W. Sutcliffe, do 3.º batalhão do Regimento de Fronteiriços, mas que estava addido ao 2.º, commandava a companhia da esquerda da primeira linha de ataque. Vendo que o seu avanço era detido pelo fogo d'uma metralhadóra partindo d'um local a pouca distancia, carregou sobre esse local, apoderando-se da metralhadora. Reorganisou a sua companhia e avançou além das pedreiras para a esquerda da linha. Elle e os seus homens fizeram 150 prisioneiros.

Um acto de bravura digno de especial menção foi o praticado pelo capitão J. E. Adamson, do 8.º batalhão dos Gordon Highlanders. A' frente da sua companhia, que ia distanciada das outras, avançou em terreno aberto para Haisnes. As granadas explodiam em volta d'elles, a fuzilaria alvejava o pequeno bando; trez linhas de arame farpado foram encontradas e, emquanto tratavam de as cortar e de abrir caminho, as metralhadoras iam ceifando a companhia.

Apezar d'isso, ás 8 horas da manhã, os sobreviventes estavam em Haisnes e ahi ficaram até ás 5 da tarde, causando e soffrendo grandes perdas. Finalmente, quando, quasi completamente cercados, atacados pelo fogo da artilharia inimiga, por granadeiros e por fogo de fuzilaria de trez lados, o capitão Adamson reuniu a mancheia de heroes e trouxe-os para as linhas inglezas em boa ordem.

O logar-tenente general Hubert Gough com o primeiro corpo havia,

á tarde, feito penetrar a sua direita —a 7.ª divisão e a 26.ª brigada—nas posições allemãs. A «fossa 8» e as pedreiras haviam sido tomadas e as suas tropas estavam em Haisnes e em St. Elie. Mas, á medida que as horas decorriam, a occupação dos pontos conquistados tornava-se cada vez mais precaria. Haisnes, como dissemos, teve de ser abandonada e o inimigo retomou as pedreiras. Era claramente visivel que a esquerda ingleza precisava ser immediatamente reforçada.

A's 9 horas e meia da manhã, uma hora depois de Adamson ter chegado a Haisnes, sir John French collocou a 21.ª e 24.ª divisões ao dispôr de sir Douglas Haig, o qual ordenou ao commandante do decimo primeiro corpo que lh'as mandasse.

Entre as onze horas e o meio dia as brigadas centraes d'essas divisões passaram em Brenvy e em Nœux-les-Mines, respectivamente. A's 11 horas e meia as frentes das duas divisões estavam a uns cinco kilometros da primeira linha de trincheiras. Sir John French mandou tambem avançar os Guardas sobre Nœux-les-Mines, onde só chegaram pelas 6 horas da tarde, e trouxe para o sul do Lys a 28.ª divisão, de Bailleul.

Foi pena que as reservas não estivessem mais proximas do campo da batalha, porque, pelo meio dia, duas divisões do quarto corpo, commandado por sir Henry Rawlinson, por uma série de magnificas cargas, haviam quasi aberto caminho atravez de toda a linha allemã, estando prestes a tomar Lens.

Sir Henry Rawlinson, que era mais auxiliado que o primeiro corpo pelas columnas de gaz e de fumo, avançou ás 6 horas e meia da tarde contra as posições allemãs de Hulluch por Loos. Duas brigadas da primeira divisão com uma terceira de reserva avançaram sobre Hulluch e as elevações ao sul. A primeira brigada á esquerda, apoderando-se das posições da artilharia, penetrou nos suburbios da aldeia, mas a brigada á direita, ao sul de Lone Tree, foi detida pelas vedações d'arame farpado que haviam passado despercebidas á artilharia ingleza.

Apesar da demora occasionada por tal motivo ter permittido ás reservas do inimigo que se concentrassem atraz da segunda linha de trincheiras, um destacamento da primeira brigada conseguiu entre as 2 e as 3 horas da tarde transpôr as vedações d'arame farpado e aprisionar uns quinhentos allemães.

A lucta entre Vermelles, Le Rutoire e Hulluch, assim como n'este proprio local, foi de extrema violencia. Proximo de Le Rutoire, o sargento Harry Wells, do 2.º do Regimento de Real Sussex, tendo sido morto o official que commandava o pelotão assumiu o commando e levou os homens até uns quinze metros dos arames farpados allemães.

Quasi metade foram mortos ou feridos e os restantes tiveram um movimento de recuo. Wells reuniu-os, de novo avançaram, mas foram obrigados a abrigar-se. De novo Wells avançou e estava exhortando os seus homens quando cahiu morto. Tambem o major F. S. Evans, do 1.º batalhão do Regimento de Liverpool, quando guiava os seus homens com a maior bravura ao ataque em terreno aberto, cahiu morto.

O 2.º do Real Warwicks foi detido pelos arames farpados em frente da primeira linha de trincheiras allemãs na fronte de Hulluch. Sob um fogo terrivel de artilharia, de fuzilaria e de metralhadoras, conseguiu abrir brecha e avançar. O capitão Joseph Pringle, do 1.º batalhão de Cameron Highlanders, conseguiu persuadir os seus homens a que tomassem e consolidassem uma posição.

O capitão Douglas Tosetti, do 8.º batalhão de Real Berks, gravemente ferido n'uma perna, levou os seus homens até aos suburbios de Hulluch. Muitos outros factos de bravura foram praticados, com a narrativa dos quaes encheriamos paginas e paginas. A brigada da direita da 1.ª divisão havia sido detida quasi logo ao principio do avanço pelas vedações d'arame farpado, mas estas não impediram o avanço da 15.ª, recrutada nos Highlanders, ao sul da pri-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1987—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.

LISBOA—Quinta-feira, 17 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

OS FACTOS

N'outro logar a *Capital* publica uma interessante entrevista do coronel americano, Emerson, conhecido critico militar e correspondente de varios jornaes do seu paiz no theatro da guerra, com o marechal Moltke.

Porque não dizel-o desde já? A primeira impressão que essa entrevista nos causa é a de estarmos em presença d'um homem. A linguagem do marechal von Moltke é essencialmente viril. E por isso mesmo não lhe fallece a logica, porque a logica define o poder da razão, que é uma força. Por isso seria um erro suppor que von Moltke fala apenas como soldado. Fala como um homem, em toda a poderosa e altiva significação d'este termo. E os homens entendem-se pela virtude da sua expressão, pela sua coherencia, pela sua visão clara dos factos. E' um allemão? Tanto peor,—mas isso não impede, n'esta terra de sophismas e tergiversações, de escovinhas e de recuos, de capitulações e subtilezas, que se sinta um verdadeiro desafogo ouvindo uma palavra vibrante correspondendo a um pensamento forte.

Como os leitores verão, a entrevista versa principalmente sobre o fornecimento de armas e munições feitas aos paizes alliados por varias emprezas particulares dos Estados Unidos. O marechal entende que isso não é compativel com a neutralidade de um Estado. Em seu entender esse Estado deveria cohibir rigorosamente semelhante auxilio a um grupo de combatentes. Que em tempo de paz as industrias d'um paiz forneçam material de guerra a outros paizes, é perfeitamente regular. Mas o que von Moltke não admitte é que, no momento em que se dá um conflicto, haja alguem que metta uma arma na mão de um dos contendores.

Perguntamos ao sr. José de Alpoim, ao sr. Moreira de Almeida e ao sr. Brito Camacho que imaginam que diria o marechal allemão se lhe perguntassem como encararia o facto d'esse material de guerra ser fornecido a um dos grupos adversos, não já sómente pelas industrias d'um paiz, mas pelo proprio Estado? Von Moltke nem sequer allude a essa hypothese, de tal forma a julga certamente incompativel com qualquer simulacro de neutralidade.

Bem sabemos que se poderá dizer o que já muitas vezes se tem dito, ou seja que a imprensa é que entre nós é a responsavel por se conhecer um facto d'essa natureza. Não nos deteremos na duplicidade engenhosa que esta censura denuncia. Não marcaremos, mais uma vez, com um ferro em braza, as faces dos que julgam que são compativel com a honra de uma nação quaesquer processos traiçoeiros, que para mais, no caso sujeito, são verdadeiramente:—idiotas. A remessa de material bellico, fornecido aos inglezes pelo Estado portuguez, conheceu-se por um relatorio do ministro da guerra, para ser lido ao Parlamento. E um bello dia, no Tejo, á clara luz do sol, viu-se um barco de guerra portuguez, o *Liz*, arvorar o pavilhão britannico, e sahir para o oceano, a tomar o seu posto de combate.

Não ignoram isto os allemães, não são em tão pequena quantidade que um só estabelecimento de Lisboa não venda, por mez, 16:000 exemplares do *A. B. C.*, o orgão germanophilo da visinha Hespanha. Não o ignora ninguem, porque é a verdade, porque é a evidencia. Mas é a imprensa que tem a culpa de se saber o que toda a gente pode saber, nem seria confessavel pretender que se não soubesse!

O marechal von Moltke fala como um homem, e fala como um soldado. E' assim que elle arreda com o bico da bota os subterfugios juridicos, as chicanas de uma diplomacia internacional que em grande parte se dizia constituida pelos *Adelaides* da revista de Schwalbach, titeres sem movimento, sem alma e sem sexo. Importam pouco ao marechal as intenções. Vê os factos, vê a acção, e para a tremenda conjunctura que a guerra estabelece não ha outra coisa que não seja a acção. O mais são chicanas que em tempo de paz já pouco resultado dão, e que em tempo de guerra se revelam inanes e grotescas.

E não se pensa que quando a guerra terminar assistiremos a um congresso onde se debitem as vulgares habilidades que o espirito internacional permittiu, mas que a situação creada pelo vencedor não consentirá. Será ainda a espada que ha de resolver, a espada que um novo Brenno, quer tenha na cabeça o capacete germanico ou o képi francez, atirará para cima da balança, gritando: «Ai dos vencidos!» que o mesmo é dizer: «Ai dos nossos inimigos, confessos ou disfarçados, traiçoeiros ou leaes, resolutos ou cobardes!»

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Poeira da Arcada

O elevador da Gloria, depois de renovado, voltou aquella prudencia nas subidas e descidas que o fazem sympathico aos cardiacos e aos cidadãos que desejam inventar uma explicação para a sua falta de pontualidade. Para não desmerecer os seus velhos creditos, já hontem emperrou na sua marcha, deixando de funccionar. Muitos lisboetas praguejaram contra elle. Um jovem coxinho que vendia cautellas, mesmo ao fundo da calçada ia dizendo ao publico que não esperasse o *monstro*. Com a tão gratuita obsequiosidade, fazia o seu negocio. Um sugeito a quem elle offereceu um bilhete do grande palpito para a taluda, respondeu-lhe ironicamente:—«Só compro lá no alto da calçada.»—«Então vá subindo que eu já lá vou...

*

Está em Lisboa o grande poeta Guerra Junqueiro. A sua chegada é sempre celebrada por todos os que admiram a sua obra e pelos que desejam ouvir a critica dos nossos costumes politicos feita por um homem em quem vive o dom da prophecia. A sua palavra possue o rarissimo segredo de medir as sombras mais espessas da nossa crise. Tendo escripto *A Patria*, elle é o unico escriptor portuguez que claramente decifra os destinos de um povo que de tanto esperar nos seus salvadores adquiriu já um geito de quem olha para o sol nascente com lunetas enfumadas.

*

O *Matin*, chegado hoje, dá-nos, na sua primeira pagina, o imperador Guilherme, transido de pavor, no meio das bayonetas dos alliados que o cercam por todos os lados. Offerece o aspecto de um homem perdido. Eis como a caricatura, não podendo ser a historia, pretende adivinhar-lhe os juizos. Esta pretensão é que ás vezes a perde. Guilherme II, no meio de bayonetas...

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Separação de funccionarios

O parecer da commissão d'administração publica sobre os projectos de lei dos srs. Pereira Victorino e Moura Pinto

Como se sabe, os deputados srs. Pereira Victorino e Moura Pinto apresentaram projectos de lei revogando as disposições do que separára alguns funccionarios publicos do serviço. A commissão d'administração publica, deu hoje sobre esses projectos o seu parecer, de que damos os seguintes extractos:

Mezes apenas estavam decorridos e mal ainda a lei em execução, com os seus recursos correndo seus termos n'alguns ministerios, que n'outros nem ainda em execução estava, logo surgem contra ella, n'esta Camara, que acabava de a elaborar, os dois projectos de lei agora sujeitos ao parecer de esta commissão.

E não só a revogação se pretende: reclama-se a annulação de tudo quanto sobre taes diplomas se tenha feito!

Não se detêem elles em indicar, ao menos, factos em que a Camara pudesse legitimamente fundamentar tão violenta decisão, em demasia radical e perturbadora da estabilidade das leis e denunciadora d'uma versatilidade d'opinião que não se compadece com a severa gravidade e ponderado criterio que a todos deve inspirar e animar n'este melindroso officio de legislar. O poder legislativo não póde tomar deliberação sobre «coisas que dizem», e muito menos quando essa deliberação, como é a que se pretende, envolve, sem disfarces, uma affrontosa suspeição ao criterio e ao escrupulo dos que, como instructores ou como julgadores, n'esses actos intervieram, porventura bem contrariados!

Não deve, com precipitação, comprometter opiniões quem tem de exercer a funcção de julgador nem é licito antecipar impacientemente juizos a quem para si guardou a ultima e decisiva palavra.

.....

Uma tão rapida e funda reconsideração só poderia assentar n'uma modificação fundamental das circumstancias que determinaram a promulgação das leis revogadas ou quando da sua execução estivessem resultando consequencias subversivas, quer estas proviessem d'um mau entendimento da lei, de fórma a illudir o seu fim ou contrariar o seu espirito, quer proviessem de resultados não previstos pelo legislador.

Ora, a verdade é que não se fez essa profunda transformação nem pela beneficiação do ambiente politico, nem pelo modo de execução da lei, em termos que offendessem a opinião publica ou atraiçoassem o espirito do legislador.

.....

Se de taes diplomas se houvesse abusado; se o governo, no uso da auctorização que lhe foi concedida, houvesse ido além da sua lettra ou contra o seu espirito, é que um acto de suspensão ou de revogação seria de considerar. Revogar, porém, uma lei, porque d'ella se usou prudentemente, com excessiva prudencia mesmo, é conclusão que póde primar pela inovação, mas que não se recommenda nem pela logica nem pelo bom senso. Sobretudo, não pode esta commissão conceder o seu voto aos effeitos retroactivos d'uma lei que vae até o extremo de reintegrar funccionarios que, julgados com todo esse espirito de benevolencia e de magnimidade, foram declarados inimigos perigosos do regimen, e outros até réos de crimes contra a Republica no exercicio das suas funcções, pedindo-se-lhes apenas, como garantia d'essa reintegração, o banho lustral d'um novo compromisso de honra, que para elles valeria tanto como o primeiro.

Mais felizes não foram os projectos em discussão na sua parte dispositiva do que nos fundamentos em que pretendem amparar-se.

Ambos elles, e cada um por sua forma, no seu artigo primeiro, retiram ao governo a auctorisação que lhe deram aquellas leis—um fazendo «cessar» tal auctorisação, o outro «revogando» essas leis.

Parece a esta commissão não haver que fazer cessar ou revogar uma deliberação que, ha muito e por sua propria natureza, caducou.

As leis contra as quaes se dirigem os presentes projectos de lei não são d'execução permanente. São claras as suas disposições.

Uma unica vez, cada um dos ministros, de tal auctorisação póde usar, e á maneira que para cada um dos ministerios fôr sendo applicada, para cada um d'elles ella vae caducando.

Ora, compulsando o «Diario do Governo», verifica-se que, com excepção dos ministerios da justiça e do fomento, todos os outros já d'ellas usaram.

Para elles, pois, «cessaram» esses poderes. A respeito d'elles, portanto, a lei está virtualmente «revogada». D'esta forma, a cessação de poderes ou a sua pretendida revogação só contra aquelles dois ministerios se dirigiria, collocando-os, assim, em manifesta e repugnante situação de desegualdade.

.....

Os diplomas que se pretende revogar cercaram os direitos dos interessados das mais respeitaveis e sagradas garantias, com a maior latitude na deducção e exposição da sua defeza. Abriram-lhes amplos recursos que não reservaram sómente aos interessados: ampliaram-os a terceiros que com taes decisões se julgaram prejudicados.

Para si reclamou a guardou a Camara a soberana decisão, em recurso de ultima instancia. Parece, pois, a esta commissão que o Parlamento se deve manter no respeito da formula e dentro da situação que para si proprio definiu, deixando que essas leis, em sua execução, corram seus termos, e aguardando, sem impaciencias, que ao seu julgamento sejam trazidos todos esses casos, devidamente instruidos e claros em sua accusação, na sua defeza e nas suas provas. E então, no exercicio d'essa suprema missão, elle poderá, com sciencia e consciencia, reparar todos os erros e abater todas as iniquidades, exercendo a sua benefica acção a respeito de cada um dos casos que ao seu exame forem submettidos.

O novo embaixador do Brazil

é o sr. dr. Sousa Dantas, filho do actual consul d'aquelle paiz

O «Seculo», em telegramma do Rio de Janeiro, annuncia que, por escusa do sr. Gastão da Cunha, será nomeado embaixador do Brazil em Portugal o sr. dr. Sousa Dantas.

O futuro representante da grande republica irmã é o ministro plenipotenciario mais novo do quadro brazileiro. Completa hoje, precisamente, quarenta annos, pois nasceu em 17 de fevereiro de 1876.

Dr. Sousa Dantas

O sr. dr. Luiz Martins de Sousa Dantas é bacharel em direito pela Universidade do Rio de Janeiro. E' filho do sr. Manuel Pinto de Sousa Dantas, consul geral do Brazil em Lisboa e sobrinho do consul geral do Brazil em Paris.

O distinctissimo diplomata encetou a sua carreira, como addido á legação do Brazil na Suissa, sendo nomeado em 1897. N'aquelle posto permaneceu até 1900, data em que, promovido a segundo secretario, passou á côrte do tzar. D'ali foi transferido para a legação junto do governo italiano, conquistando na sociedade romana uma situação de incontestavel relevo, vivendo na intimidade de litteratos e artistas e sendo amigo particular de Gabriel d'Annunzio.

Em 1908 é elevado a primeiro secretario e collocado na legação da Republica Argentina e n'aquelle posto foi promovido a conselheiro da legação em 1910. Em 1912 passa a ministro residente na Turquia e no anno seguinte foi nomeado ministro plenipotenciario junto do governo da Republica Argentina.

O sr. dr. Sousa Dantas encontrava-se presentemente na capital federal, em goso de licença. Um grande diario de aquella cidade registava o regresso do illustre diplomata com as seguintes palavras:

«O dr. Sousa Dantas é hoje uma das primeiras figuras do nosso corpo diplomatico. A sua acção na Argentina tem sido de tal modo fecunda e a sua situação pessoal em Buenos Ayres tão singular pelo affecto carinhoso com que o cercam, que os mais complicados negocios da legação brazileira se resolvem sem incidentes, antes facilmente, graças ao tino intelligente do ministro que tanto nos honra no paiz amigo».

O novo embaixador do Brazil em Lisboa é descendente d'uma velha familia portugueza, os d'Antas; é neto, pelo lado paterno, do fallecido estadista senador Dantas, chefe do partido liberal, o presidente do ministerio que incluiu no seu programma politico, pela primeira vez, a abolição da escravatura.

O sr. dr. Sousa Dantas é ainda sobrinho de Rodolpho Dantas, um dos fundadores do «Jornal do Brazil», deputado e ministro aos 27 annos, no tempo do imperio.

Migalhas

Saudades

Tudo se conspira para me levar á convicção a que resisto de que vou envelhecendo. De quando em quando, surgem-me senhorinhas, que conheci de piugas e vejo casadas e mães de filhos. Hoje convidam-me a comparecer n'um banquete em que se celebra o vigesimo primeiro anniversario da fundação da antiga Tuna Academica. Vinte e um annos... São os meus quatorze, a estreia de Accacio de Paiva como auctor dramatico no «Sejamos castos», tendo como principal interprete Chaby ainda estudante e como figurante este vosso creado, quartanista do lyceu. Como tudo vae longe no tempo e, no emtanto, como tudo está ainda presente á minha saudade, senão á de quantos desperdiçaram então, nos ensaios, nas revistas, nas excursões, a alegria de uma geração inteira, o riso da melhor edade, a mais ruidosa de todas as despreoccupações.

Voltam-se os olhos para esse passado vibrante de gargalhadas e de pandeiretas, recordam-se passeios atravez de ruas estreitas com janellas coalhadas de mulheres, guitarradas á beira de rios, rememoram-se allocuções de futuros tribunos, improvisos de poetas, cabelleiras soltas e capas espalhadas em tapete... Faz-se a chamada. Fulano, morto. Cicrano, careca, Beltrano, cinco filhos. Este, capitão, Aquelle, inspector das alfandegas, O outro, lente da Escola Medica... Mas faltam tantos que a vida envolveu no seu torvelinho, que ella levou ou obscureceu, cujos nomes já nos não accodem. Vinte e um annos! Onde estás, padre Cardoso, tocando com a luneta na ponta no nariz o «Miserere do Trovador» n'uma só corda da desgrudada rabeca... Onde estaes tantos outros, que não tornarei a ver nem no banquete de logo nem na vida de todos os dias. Illydio e o enterro de João de Deus... Como tudo isso vae longe.

André Brun

"A justiça da noite"

Volta a dar signal de si

Angra do Heroismo, 17

O *bando da justiça da noite* voltou a fazer novos derrubamentos nas propriedades do conde de Rego Botelho.

Na Camara dos Deputados

Discutem-se os ultimos acontecimentos academicos

O sr. Manuel Monteiro é quem preside. A acta só é approvada depois de uma segunda chamada. Do governo está o ministro do interior. O sr. Moura Pinto reclama que se repita a votação que ficou empatada ante-hontem, sobre a generalidade d'um projecto requerido pelo sr. Hermano de Medeiros. Os srs Ramos da Costa e ministro da instrucção pedem que se discuta quanto antes um projecto sobre construcções escolares que está pendente e que ha toda a conveniencia em fazer approvar quanto antes. O sr. Joaquim d'Oliveira manda para a mesa um projecto declarando em egualdade de circumstancias varios empregados de finanças cuja situação foi alterada pela ultima lei orçamental. O sr. Simas Machado tambem apresenta um outro projecto regulando a maneira de contar a todos os funccionarios do Estado e das corporações administrativas o tempo de serviço militar effectivo prestado antes do ingresso nos respectivos quadros, seguindo-se as normas que regulam as reformas quer de officiaes, quer de praças de pret.

O sr. Sá Pereira apresenta dois projectos de lei—um tornando obrigatorio o bilhete de identidade, e outro declarando de festa o 14 maio. O sr. Costa Junior pede providencias contra o facto de, em Gaya, se estarem a pagar novamente contribuições que já foram saldadas. O mesmo deputado reclama ainda que seja posta quanto antes em laboração a fabrica de adubos da Povoa de Santa Iria, onde já reina a miseria, só porque essa fabrica não funcciona. Acha que esse facto se deve a manobras pouco legitimas e condemna o procedimento do sr. Alfredo da Silva por elle estar elevando cada vez mais o preço dos adubos.

Generalisa-se o debate sobre o incidente da Escola Medica. O sr. Hermano de Medeiros deseja saber que providencias tomou o sr. ministro da instrucção, para sanar o conflicto que n'aquelle estabelecimento de ensino surgiu entre alumnos e professores. O sr. ministro da instrucção responde que não tem informações seguras sobre o que se passa, mas affirma que fará cumprir a lei que o Congresso ainda ha pouco votou, regulando a situação dos alumnos do periodo transitorio.

O caso d'agora não tem nada com esse, visto a tentativa de aggressão a um professor ter sido levada a cabo por alumnos do novo curso. A faculdade de medicina vae reabrir immediatamente, e depois de se proceder a um rigoroso inquerito, serão tomadas as sanções regulamentares que forem julgadas necessarias, seja contra quem fôr.

O sr. Aresta Branco ataca o corpo docente da faculdade e principalmente o professor Silvio Rebello, por não serem cumpridas as disposições da lei organica das universidades e por se ter pretendido solucionar o conflicto obrigando os estudantes a humilhações inqualificaveis. O sr. ministro do fomento manda para a meza propostas de lei auctorisando cinco milhões de kilos de trigo para a Madeira e modificando o § unico do artigo 63 da organisação dos correios. O sr. ministro da guerra, por sua vez, tambem apresenta uma proposta determinando quaes as gratificações a pagar aos officiaes e praças em serviço na escola de aeronautica militar.

O sr. ministro da instrucção responde ao sr. Aresta Branco declarando que tomará todas as providencias para que o conflicto seja honrosamente solucionado. Falam mais os srs. Julio Martins, Hermano de Medeiros e Antonio Fonseca, os quaes instam todos pelo immediato cumprimento da lei e pelo abono dos factos dados por motivo de greve. O chefe do governo não aceita nenhuma das moções apresentadas, porque o governo não precisa de que o convidem a cumprir a lei. Aprecia as causas dos conflictos d'agora, quer de Lisboa, quer de Coimbra, e diz que não se trata, afinal, senão d'um caso d'ordem publica. Os estudantes entendem que, para diminuirem trabalhos escolares e até para acabarem com o ensino, só ha um caminho: recorrer á gréve como systema, e assaltar professores e estabelecimentos de ensino, pretendendo aggredir os primeiros e praticando desperdicios nos segundos. Eis o que ninguem pode applaudir ou defender. O Parlamento, invadindo attribuições dos conselhos escolares, determinou sobre matriculas, sem saber se fazia mal, sem attender ás conveniencias ou inconveniencias d'esse acto.

Discorda d'esse acto parlamentar e da lei que d'elle resultou. Mas assevera que essa lei será applicada e cumprida, muito embora a questão, sob o campo dos principios, não tenha ficado resolvida. O governo trará ao Parlamento determinações varias, tendentes a esclarecer certos pontos da constituição universitaria. Conflictos pessoaes entre estudantes e entre estudantes e professores tem-se dado sempre. Mas assaltos como o da Escola não se deram nunca. Não foram, decerto, estudantes que o promoveram.

N'esta altura, os estudantes que estão nas galerias reservadas, retiram-se com ruido. Em baixo as palavras do orador são muito appoiadas.

O orador, continuando, censura asperamente o acto dos estudantes da Escola Medica, arguindo-os de, ao procederem como procederam, se terem esquecido das grandes dificuldades da hora presente para se lançarem n'um caminho perigoso para todos e para elles proprios. O conflicto rebentou por os estudantes não quererem realisar os trabalhos praticos que se lhes exigem. Mas se se consentisse em tal, o que seria do ensino em Portugal? Conceder-se-hiam os diplomas sem a preparação necessaria? O conflicto vinha de longe e foi levado a tal ponto que, para se pôrem de lado os trabalhos praticos se destruiu o material de ensino e se quiz espancar um professor. E porque, se tinham alguma coisa a reclamar o não reclamaram os estudantes do governo e do parlamento, em devido tempo? A questão das faltas e o conflicto Silvio Rebello são coisas inteiramente distinctas, sendo necessario não as confundir. E agora? O governo tem de intervir para solucionar o conflicto. Mas os alumnos que abusaram teem de ser sujeitos ás responsabilidades que sobre elles imperarem, sejam ellas de que natureza forem.

O senado universitario, reunido hoje, deliberou abrir a faculdade de medicina na proxima segunda feira. Mas o profes

O gaz no Porto

Desenho de M. Monterroso

—Menino! tu que queres ser?
—Gatuno!
—Porquê?
—Tudo lhes corre a geito! Imagine que até vamos ter menos gaz depois da uma da noite!

Folhetim d'A CAPITAL—17-2-1916

O resuscitado do Rocio

Acaba de dar-se em Lisboa um facto nada banal. A «Monaco» mudou de proprietario. O Cruz, o seu antigo dono, o homem que passou mais de trinta anos emparedado n'aquella galeriasinha onde mal se podem mexer duas pessoas hombro a hombro, quebrou as cadeias que o amarravam a essa prisão voluntaria e fugiu para a luz, para o ar livre, para a vida, emfim. Ha quem diga que trouxe comsigo uma fortuna que vae além de duzentos contos. Elle diz que não e deve falar verdade. «A Monaco» era a tabacaria mais afamada de Lisboa. Era sobretudo, aquella onde o publico que se diverte e que gosa a vida melhor se sentia. E' que ali, n'aquelle cubiculo esguio, onde era sempre de noite, havia alguem que tinha o condão raro de adivinhar o desejo do cliente, de lhe fornecer o que elle queria quasi sem o obrigar a falar. Um gesto vago, meia palavra pronunciada quasi em segredo, um olhar indicando uma publicação illustrada, eram o bastante para o Cruz se mover lentamente, serenamente, methodicamente e entregar ao freguez aquillo que elle desejava comprar. Fui um dos mais assiduos frequentadores da «Monaco». Lá em baixo, ao fundo, n'aquelle minusculo recanto onde estão o telephone e a caixa do correio, passei inumeros serões, cavaqueando com amigos dedicados, matando o tempo n'aquella atmosphera cheia de amizade, que me transportava para muitas leguas de Lisboa, sem me obrigar a afastar de junto do seu vario e inquieto coração. Tive, por isso, ensejos frequentes de admirar a perfeita ordem que o Cruz punha no desempenho do seu mister complicado e que elle, á força de repetir, durante annos e annos, actos sempre eguaes, simplificára até ao ultimo extremo. Por ali passavam, todas as noites, quasi todos os artistas e litteratos alfacinhas. As colonias estrangeiras, em busca dos seus jornaes, desfilavam regularmente deante do Cruz, que sem uma falha, sem uma hesitação, sem um gesto brusco, lhes fornecia mecanicamente os jornaes e as revistas illustradas que cada um lia habitualmente.

Ninguem, como o Cruz, possuia um maior poder de retentiva. Quem uma vez, ao seu balcão, comprasse tabaco, não precisava de repetir, de futuro, a marca que preferia. Se gastava charutos, appareciam-lhe deante como se uma força occulta e misteriosa os trouxesse das prateleiras de espinheira côr de gemma d'ovo, para cima do mostrador. Se fumava cigarros, os pacotinhos ou as caixinhas entravam-lhe pelos bolsos dentro sem ser preciso reclamar, sollicitar, esperar. Em toda a parte o freguez discute com o commerciante que o serve. Na «Monaco» não havia discussões. O Cruz tinha todos os dons, que faziam d'elle um commerciante excepcional. Mas acima de todos elles, um sobrelevava—o de adivinhar. O publico era para elle um livro aberto. Folheava-o pacatamente, tristemente, resignadamente. E o publico não tinha, para elle, segredos. Dedicara-se, sem restricções, ao seu negocio. Quasi se fundira com o seu estabelecimento, não vivendo para mais nada. Um illustre diplomata portuguez, quando vinha a Lisboa, uma das primeiras visitas que fazia era ao Cruz da Monaco.

—Só tenho a impressão bem nitida de que me encontro em terra portugueza — dizia elle para explicar essa sua visita—quando o Cruz me estende os seus cinco dedos flacidos e papudos. Ao apertal-os, cuido esmagar toda a preguiça nacional.

O Cruz viveu enclausurado na sua tabacaria durante trinta e um annos. Foi para ali quando o Rocio pouco mais era que uma praça d'aldeia. Durante o seu captiveiro, rasgaram-se as avenidas, ergueu-se o monumento dos Restauradores, construiu-se, em fim, lá para as bandas da Estephania e do Campo Pequeno uma outra cidade, nova e moderna. Dos terrenos despovoados que elle deixára surgiram palacios, nasceram ruas e avenidas e jardins. Pois o Cruz ainda agora não sabe o que isso é. Se lhe perguntarem onde fica a rua Elias Garcia não saberá responder. Elle ignora o que é a avenida Fontes e não sabe se a estatua do Saldanha é feita de pedaços ou d'uma peça só. Nunca a viu. Estes sequestros voluntarios são raros na vida commercial. Entretanto, lembra-me um outro, que ficou lendario. Na Betesga, lá para os lados dos Fanqueiros, houve, ha annos, uma mercearia, cujo dono a não abandonava nunca. O Rocio transformou-se, empedrou-se e enfeitou-se com a estatua de D. Pedro IV ou de Maximiliano do Mexico, á escolha do leitor. O honrado merceeiro não dera por isso. E quando lhe falavam na obra que se realisára quasi a seu lado sem que elle o sentisse, tinha este commentario engraçado:

—Sim, sim, ha para ahi um monumento. Tenho ouvido falar n'isso...

O Cruz era, sobretudo, no seu cubiculo do Rocio, decorado com azulejos de Raphael Bordallo e pinturas de Ramalho, uma creatura de instinctos afinadissimos. Uma das razões que o levaram a trespassar a «Monaco» foram os repetidos tumultos que nos ultimos annos tão frequentes teem sido na Baixa. Por mais d'uma vez assisti a esses tumultos e não foram poucas aquellas em que elles me surprehenderam na celebre tabacaria, conversando com os amigos do costume. Mal se ouvia lá fóra um ruido anormal, o Cruz, sahindo do balcão, deixando os clientes, chegava-se á porta e escutava. Se o lampião que pendia defronte da porta continuava acceso, a borrasca ou se dissipara ou estava ainda longinqua. Mas se se punham os taipaes, que o lampião passava a ser um baço globo de vidro sem luz, a tormenta não tardava meia hora. Era fatal. Foi assim n'aquella agitada noite de janeiro em que o ministerio Affonso Costa teve de cahir em face das «bagarres» formidaveis que a sua acção politica originára. E tornei a presenciar a firmeza do instincto do Cruz quando, pela gréve dos electricos, no ministerio Duarte Leite, no Rocio estalaram bombas e foi morto, por uma d'ellas, ao cimo da rua do Ouro, um homem...

O Cruz, no entanto, não vendia de tudo. Aquelle diplomata a que já me referi é, principalmente, um apaixonado «blagueur». D'uma vez que regressava da sua legação, um dos seus primeiros cuidados foi ir á Monaco vêr o dono da casa e comprar charutos. E emquanto tirava da caixa que tinha deante de si uma mão cheia de Havanos, foi preguntando ao Cruz se vendia postaes pornographicos.

—Não senhor, responde-lhe elle formalisado.

—Pois é pena. Olhe que a pornographia é uma das coisas mais sérias d'esta vida.

—Deixal-o. Não vendo cá d'isso!

—Lamento, lamento. E onde posso encontral-os? E' que um amigo meu, a quem disseram que em Lisboa havia coisas bellas n'esse genero, encommendou-me quantas collecções pudesse encontrar...

Mais um aperto de mão, mais duas palavras amaveis, e o diplomata sae, queimando com delicia um admiravel «puro». A vida commercial do Cruz tem muito de pittoresco e ha n'ella uma certa linha moral que convem tornar conhecida, agora que o emparedado do Rocio resuscitou. Hei de ver se o comsigo...

ADELINO MENDES

sor Silvio Rebello não voltará a reger as suas aulas emquanto o conflicto não fôr liquidado. São melindres morses, que é preciso respeitar. Está imminente uma grève geral de todas as escolas superiores do paiz, que virá juntar-se á de Lisboa e á de Coimbra. Por isso, é opportuno que o Parlamento resolva mandar annullar faltas.

Refere-se ao caso de Coimbra, que é analogo ao da Escola Medica de Lisboa. Tambem na Escola Normal Superior os alumnos quizeram eximir-se a uma disposição regulamentar, que os obrigava a fazer conferencias. Não foram attendidos. O director, sr. Luciano Pereira da Silva, que é uma creatura correctissima e sabedora, quiz demovel-os dos seus intuitos; e como o accusassem de ter proferido certas palavras asperas, foi á aula explical-as com lealdade e com nobreza. Pois foi pateado. D'ahi o conflicto tornar-se irreductivel, exigindo os estudantes que o director da Escola e professor, fosse afastado. E como o não foi, declarou-se a grève geral academica. Os alumnos hoje não foram ás aulas, mas a grève, por informações que tem, não é sympathica.

O governo, reunido esta manhã, resolveu não attender reclamações, mesmo justas, por meio de imposições, coacções ou ameaças. A grève que se desenha ameaça exigir a abdicação de toda a dignidade do professorado. Não póde ser. Se ámanhã um professor exhorbitar, o governo pune-o-ha. Os estudantes de Coimbra podem perturbar a ordem e a vida economica d'essa cidade. Mas o governo olhará por isso. Mas o que não pratica é actos ignominiosos. Vae ser enviado a Coimbra um delegado do governo e o governo esperará o tempo preciso para se saber se se trata d'um simples acto de camaradagem ou d'um movimento destinado a pôr a espada nos peitos ao poder central. No primeiro caso liquidar-se-ha tudo com a maior benevolencia. No segundo, a Universidade será encerrada até ao fim do corrente anno lectivo. O governo assume todas as responsabilidades e declara que, se tiver de mandar fechar um estabelecimento de ensino, não o fará reabrir, muito embora o Parlamento lhe indique o contrario. N'esse dia deixará o poder. O Parlamento e a Republica teem feito tudo quanto teem podido em favor da instrucção. Como se percebe, então, que os estudantes entrem no caminho da violencia pelo qual enveredaram? Póde ser que o governo tenha de fechar alguns estabelecimentos de ensino. Pois bem—se o fizer, não os reabrirá senão no começo do proximo anno lectivo.

O sr. João Camoezas diz que os seus collegas da Escola Medica não assaltaram aulas para inutilisarem instrumentos de trabalho. Houve, é certo, um conflicto entre o professor Silvio Rebello e cerca de 30 alumnos da Escola Medica. Mas esse conflicto foi absolutamente pessoal. Entende que se deve proceder a um rigoroso inquerito para se conhecer todas as responsabilidades—de alumnos ou professores, ministrando a todos justiça. O sr. Moura Pinto recommenda conciliação e prudencia e recorda a grève de 1907, na qual o partido republicano se collocou ao lado dos estudantes. Teem sido as gerações de 1891 e 1907 as que teem governado a Republica. O resto veiu depois. E entra o que o governo vem pregar uma intransigencia feroz em questões de disciplina, se o seu chefe para alcançar o poder, não duvidou recorrer a actos revolucionarios? Como é que o governo quer que cumpra a lei quem está de baixo, se o governo a não cumpre, como acontece no caso do general Carvalhal? O que é preciso é ter bem em conta os interesses de todos, pensando e reconsiderando antes de tomar medidas radicaes, que largos prejuizos podem trazer comsigo. Quanto á lei que regulou a situação dos grevistas da Escola Medica, parece-lhe que ella annulou todas as faltas por elles dadas.

A sessão está prorogada devendo acabar depois das vinte horas.

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico *18,15*

A repressão do jogo

PORTO, 17.—Continuam sendo adoptadas medidas tendentes a attenuar a crise das subsistencias. A ordem é absoluta.

Seguiram esta tarde para juizo os quatro individuos presos numa tavolagem da rua da Madeira, que a policia assaltou e onde foram apprehendidos 25$800.

O tempo

Tem hoje chovido muito, tanto n'esta cidade como nos seus arredores.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Exposição de Arte na Escola

Pelas inspecções escolares foram remettidos ás escolas, os impressos emanados da Sociedade de Estudos Pedagogicos, entre elles o Boletim de inscripção para a Exposição de Arte na Escola, recommendando ás mesmas inspecções com o maior interesse tal certamen, que se impõe pelo seu alcance e intuitos educativos.

O prazo para a inscripção de expositores termina em 1 de março proximo.

A secretaria da Exposição funcciona na séde da Sociedade, rua da Emenda, 53, todos os dias, das 15 ás 18 horas e das 20 ás 23.

EM TORNO DA GUERRA

Os deveres dos neutros para com os belligerantes

O que o marechal von Moltke declarou ao coronel Emerson, critico militar norte-americano

O coronel Emerson, do exercito norte-americano, conhecido critico militar, encontrava-se ultimamente na Allemanha como correspondente de guerra de varios jornaes de Nova York e de Washington. O coronel Emerson lembrou-se de entrevistar o marechal von Moltke e essa entrevista é muito interessante.

Tendo o coronel Emerson perguntado quanto tempo duraria ainda a guerra ao marechal von Moltke, este olhou-o attentamente, e respondeu com firmeza:

—Depende de tanto tempo quanto os senhores, norte-americanos, continuem a abastecer os nossos inimigos com armas, munições e material de guerra. Se tal não succedesse, os nossos exercitos já teriam terminado a sua missão em uma das frentes. Como as cousas estão agora, a remessa de munições dos Estados-Unidos para a Europa sómente serve para prolongar a guerra. A Allemanha encontra-se na situação de um combatente bem secundado por dois amigos, mas que, apesar d'isto, tem de conter com a sua propria espada um circulo de inimigos que procuram a sua ruina. Cada vez que este combatente logra desarmar um dos seus inimigos e arrancar-lhe a espada da mão, vem por detraz um espectador neutro e põe n'essa mão novas armas.

—Mas, por certo, não compartilhaes a idéa de que as munições e o material de guerra norte-americanos enviados para a Europa provêm dos arsenaes do governo?

—Não, seguramente que não. Sei muito bem que se trata de firmas particulares norte-americanas. Nem por isso deixa o nosso governo de surprehender-se porque haja tantos concidadãos vossos que se prestem a um commercio não neutro contra nós, sem que o vosso governo tenha tomado até agora as medidas necessarias para pôr fim a esse commercio. Comprehenda bem que eu não quero tocar nos pontos juridicos do caso, e desejo unicamente demonstrar-lhe qual o sentimento do povo allemão. O sentimento de um povo não póde ser guiado por subtis reflexões juridicas, porque segue elle simplesmente a sua propria inspiração. O povo allemão vê que os Estados Unidos enviam milhões de armas e munições aos nossos inimigos, no momento em que a Allemanha trava uma rude batalha pela sua existencia, tendo de se defender da maior alliança de povos que até agora presenciou o mundo. O nosso povo viu que o governo de Washington não tomou nenhuma medida para impedir esse commercio de material de guerra, que em demasia é benefico sómente a um reduzido numero de commerciantes norte-americanos. Não se admire, portanto, que a opinião publica da Allemanha tenha chegado á conclusão, e que o povo allemão esteja convencido, de que os norte-americanos pensam com estas palavras: «Pouco importa que os allemães se arruinem, uma vez que nós nos arranjemos...»

—O nosso governo e os nossos fabricantes de munições sustentam—interrompeu, que o nosso commercio exterior de munições não implica maior violação da neutralidade ou seja mais illegal que o das fabricas. Não venderam tambem os fabricantes allemães, a qualquer comprador que lhes appareceu, armas e munições? Da mesma fórma que alguns dos nossos fabricantes de munições vendem os seus productos aos inimigos da Allemanha e aos seus alliados, se a esquadra allemã pudesse manter o mar livre para o seu commercio, como succede hoje em dia com a Grã-Bretanha e os seus alliados.

O marechal respondeu:

—Nós não falamos de possiveis intenções, mas sim de factos. E' um facto que as outras nações neutras, como são a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Hollanda, a Suissa e a Hespanha, demonstram a sua neutralidade não enviando a nenhuma das nações belligerantes armas nem munições. Um segundo facto é que nós, allemães, não temos pedido munições ao estrangeiro na actual guerra. A capacidade das nossas fabricas permitte que nos abasteçamos a nós proprios. Existe uma grande differença entre a venda de armas ao estrangeiro em tempo de paz e a de fornecer armas aos belligerantes. Em tempos normaes, o fabricante de armas não só tem o direito de vender armas a quem queira compral-as, como é isso precisamente o que se espera d'elle, pois é esse o seu commercio. Mas o que não se espera d'elle é, por exemplo, que ao observar um conflicto travado na rua, saia da sua loja com pistolas carregadas e as entregue a um dos combatentes. Em tempo de paz, as nossas fabricas Krupp e Mauser venderam armamento a todo o mundo, da mesma maneira que o fizeram a Creusot, em França, e a Armstrong, na Inglaterra, e as companhias Winchester e Remington, dos Estados Unidos. Emquanto em tempo de paz isto é logico, durante a guerra a situação é completamente differente. Aqui é applicavel o mesmo principio internacional que foi reconhecido no famoso caso do «Alabama» contra a Inglaterra, por armar ou vender navios de combate a belligerantes durante a guerra. Durante as diversas guerras da America do Norte, o seu governo nunca teve occasião de se queixar de que nós tivessemos fornecido armas ou munições aos seus inimigos. A Hespanha, por exemplo, comprou aos nossos fabricantes, mas isso muito tempo antes da guerra com os Estados Unidos, carabinas Mauser em grandes quantidades. No momento de rebentar a guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos e uma vez declarada a nossa neutralidade, o nosso governo prohibiu toda a remessa de armamento para a Hespanha, Cuba, Puerto Rico, ou ainda para as Filippinas. O antigo ministro dos Estados Unidos em Berlim, dr. Andrew D. White, póde confirmar o facto, porque esteve exercendo o seu cargo aqui, durante a guerra.

Eu perguntei:

—Que explicação existe então sobre a remessa de armas allemãs para o Mexico, no anno passado, quando ás nossas tropas de desembarque occupavam Vera Cruz?

—Tenho uma explicação muito simples—replicou o marechal.—Em primeiro logar, essas armas não eram allemãs mas sim tinham sido compradas anteriormente nos Estados-Unidos e embarcados em vapor mercante allemão. O Mexico, além do mais, não se encontrava em guerra com os E. Unidos, de modo que o vapor estava no direito

succedeu, sem que o governo dos Estados-Unidos levantasse nenhum protesto official. Se em seu tempo o governo norte-americano tivesse declarado guerra ao Mexico e levado a cabo um bloqueio a valer, os vapores mercantes allemães teriam observado a neutralidade. Além d'isso, n'este caso, o nosso governo teria declarado a sua neutralidade e induzido os nossos exportadores da munições a respeital-a e a suspender a remessa de armamento para um ou outro belligerante. Effectivamente, segundo nos informou o nosso addido militar, nos ultimos tempos sómente chegou ao Mexico armamento norte-americano, com excepção de um intervallo de tempo durante o qual nenhum armamento chegou devido á disposição do governo de Washington, prohibindo a continuação de remessa de armamento norte-americano para aquella Republica. O facto de o governo dos Estados Unidos haver annunciado e praticado semelhante prohibição é uma prova evidente de que está em condições de prohibir a exportação de armas para os belligerantes, da mesma fórma que em outros tempos os presidentes norte-americanos o fizeram, prohibindo a exportação de armas para a França e a Inglaterra, quando estas nações se achavam em guerra.

Depois de curto intervallo, proseguiu o marechal von Moltke:

—E' um facto que, antes da guerra, ninguem teve a minima idéa da grande procura de munições que traria comsigo a actual contenda. Como o senhor vê, nós nos encontramos na mesma situação critica que os nossos inimigos, com a unica differença de que nós vemos na obrigação de vencer sósinhos os obstaculos—arduo problema que foi resolvido de maneira brilhante pelo nosso ministerio da guerra, com a cooperação das nossas industrias—emquanto aos nossos inimigos faltava a actividade nacional e tiveram de a substituir pela industria norte-americana. O consumo de munições durante a primavera e o verão, nos grandes combates da Galicia, da Polonia e da fronteira de leste, superou enormemente todos os calculos do nosso estado-maior. Eu não divulgo nenhum segredo se lhe disser que nas primeiras «étapes» da guerra, em mais de uma occasião os nossos exercitos se encontraram escassos de munições. O facto de havermos podido vencer esse obstaculo, como tambem o de podermos supprir todas as necessidades presentes e futuras, deve-se unicamente á extraordinaria capacidade e á grande adaptação de todas as nossas fabricas, como tambem ás bellas qualidades e ao patriotismo do operario allemão.

O marechal von Moltke continuou falando e por fim perguntou-me o que pensava a respeito do afundamento dos vapores «Lusitania» e «Armenian».

—Se, á data de partir dos Estados Unidos um d'estes vapores, o senhor tivesse necessidade de fazer a travessia para a Europa, teria escolhido alguns d'elles para a viagem?

—Está bem. Eu não sou nenhum diplomata, mas como soldado, não vejo porque não se deve reconhecer uma zona de guerra, tanto no mar como em terra. Se alguns neutros, não combatentes, commettem a insensatez de atravessar um campo de batalha n'um comboio de munições, expõem-se ao perigo de ser tiroteados, seja qual fôr a sua nacionalidade, edade ou sexo. Os seus concidadãos que escolheram o «Lusitania» e o «Armenian» para fazer a travessia, esquecendo-se das nossas prevenções de não atravessar a zona de guerra em vapores inimigos, e muito especialmente n'aquelles que levassem material bellico a bordo, desafiaram simplesmente a morte. Nós não podemos abandonar o nosso principio de atacar um transporte de munições inimigo em alto mar como tão pouco poderiamos deixar de atacar um comboio terrestre de munições, no qual viajassem alguns neutros imprudentes. Se os norte-americanos viajassem em seus proprios vapores e tivessem cuidado para que nenhum dos belligerantes fizesse uso abusivo de sua bandeira, então poderiam estar tão isentos do perigo de ser atacados pelos submarinos como se estivessem em seu proprio paiz. Um vapor norte-americano é, em alto mar, terra norte-americana; um vapor inglez, terra ingleza, e com a Grã-Bretanha estamos em guerra...»

O FABRICO DE GRANADAS

Nas officinas da Empreza Industrial Portugueza

Um esclarecimento importante

Sr. Redactor—A noticia, sob a epigraphe acima, publicada no seu muito lido jornal de ante-hontem, 15, contem em si propria o mais justo elogio á industria nacional e á iniciativa que ella tem tomado, em face das actuaes circumstancias, encarando o problema do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, habilitando-se a produzir e produzindo realmente artigos que estavam, ainda ha pouco, fóra do seu actual labor. Assim está acontecendo com a fabricação do moderno material de guerra, pela Empreza Industrial Portugueza que, sem lisonja, é um estabelecimento fabril que honra o nosso paiz e cuja organisação não é inferior a muitos outros de nomeada no extrangeiro.

Em homenagem á verdade, porém, é justo esclarecer que as granadas que ali se estão fazendo, são fundidas nas machinas de moldar provenientes da casa Bonvillain & Ronceray, de Paris, da qual somos os representantes em Portugal e eguaes ás que se acham trabalhando para a producção do mesmo material, em França, Inglaterra, Belgica, Italia, etc. Uma installação semelhante possue tambem a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, para a fundição das peças da sua especialidade.

Com as referidas machinas de moldar trabalham as placas-moldes, das quaes as primeiras vieram tambem de Paris e outras tem sido feitas na Empreza Industrial, sob a direcção de Mr. Gabriel Blanco, chefe de fundição e especialista da casa Bonvillain & Ronceray.

Pedimos a subida fineza d'esta aclaração, porque, áparte o nosso dever de representantes da casa Bonvillain & Ronceray, temos a firme certeza, sem previa consulta á Empreza Industrial Portugueza, que ella não pretende attribuir-se a contrucção das machinas de moldar, nem pela sua situação industrial e commercial d'isso precisa. Quanto ás machinas destinadas ao torneamento e acabamento das granadas, a sua construcção honra sobremodo a Empreza, pois que essas operações são muito delicadas, tratando-se do material sujeito.

Agradecendo a publicação d'estas linhas, somos etc.—*C. Mahony & Amaral.*

ULTIMAS NOTICIAS

POR UMA TARDE PLUMBEA, TEJO ACIMA...

O que os commandantes dos navios allemães dizem a "A Capital"

...Era pouco mais do meio dia. A atmosphera plumbea, com que rasgára a manhã, ameaçava prolongar-se pela tarde adeante, n'um magoado presagio de mau tempo. O aspecto do rio, porém, era benevolo, quasi carinhoso, e não foi por isso sem uma sensação de encantamento que, abraçando-o com o olhar do Caes das Columnas, entrevi a espectativa de me embalar nas suas aguas mansas, calmas, como que mergulhadas n'um imperturbavel sonho de impassibilidade. Um catraeiro que me avista vem ao encontro dos meus desejos, offerecendo-me o seu pequeno barco, a «Filha do Mar», como o chrisma n'um extremo de desvanecimento. Acceito e segundos depois a fragil embarcação singra graciosamente rio acima, com a vela desfraldada para aproveitar a viração que, soprando agora de nordéste, faz encrespar ligeiramente a agua, d'onde de quando em quando uma réstea fugidia de sol tira pontos faiscantes. Navegamos em direcção de Santa Apolonia e tomamos o rumo dos navios allemães, fundeados no nosso Tejo. A minha curiosidade de reporter cresce obsecadamente á medida que me approximo d'esses colossos de ferro, sujeitos n'este momento ás contingencias emmaranhadas da politica universal. Entre apertadas filas de navios hollandezes, francezes, inglezes e portuguezes que coalham o rio, procuro avistar uma das embarcações germanicas. Finalmente o remador da «Filha do Mar» exclama vivamente, conscio do interesse que isso me causa:

—Ali está um d'elles. E' o «Westerwald»; foi um dos primeiros aqui a fundear. Oriento-me. Vou seguindo sempre em direcção norte e devo estar a uns trezentos metros longe da margem. Calculo uns cem metros ainda para lá chegar... O vento sopra agora menos brandamente e as nuvens formam até onde a vista alcança como que um circulo de castellos enegrecidos por remotas recordações. Por ali fóra partiram ha quinhentos annos o punhado heroico de maritimos portuguezes que desfizeram as lendas do «mar tenebroso»; ali se reuniram as caravellas que D. Manuel mandou á India, em procura do sonho do Prestes João. São volvidos cinco seculos e o mesmo espirito de aventura guia os destinos de Portugal e dos portuguezes... Desejamos aventurar-nos n'esta guerra com o mesmo desinteresse, com a mesma generosidade, com a mesma alma de ideal que outr'ora riscou o céu azul da Renascença... Mas não podemos meditar mais sobre o que se passou e o que se passa; todas essas evocações fogem como se fossem avolumar aquellas immensas columnas de nuvens que de cada vez se estendem mais no horisonte.

...Eis-me junto do «Westerwald». Do barco, onde me conservo, grito para um dos seus tripulantes que me olha indifferentemente:

—O commandante está?...

Responde negativamente.

—Mas o immediato deve estar; peço-lhe que o chame.

Decorrido um segundo, debruçado sobre a amurada do «Westerwald», que tem tres mil e quinhentas toneladas e que com a sua côr vermelha põe um interessante contraste nas aguas pardacentas, eu consigo trocar algumas palavras com o primeiro official da tripulação d'este navio de mercadorias. E' um homem de cerca de trinta annos; com uma physionomia viva, d'uma mobilidade um tanto nervosa.

Interpella-me com uma certa irritação na voz e nos gestos:

—Vem da parte do governo portuguez?

Esboço um ligeiro sorriso de ironia. A pergunta não pode deixar de me surprehender...

Tranquillamente volvo, accentuando bem as palavras:

—Sou jornalista... Preciso de informar o meu jornal sobre o que o senhor pensa ácerca da posse dos navios allemães pelo governo portuguez.

O immediato do «Westerwald» tem d'esta vez um sorriso e diz:

—Não acredito, não acreditamos nós, tripulantes do Westerwald» que essa posse se effective; se assim fosse, já a estas hora era um facto. Temos fé de que o governo portuguez enverede por outro caminho...

«Depois... que tripulantes tem Portugal para os nossos navios? Nem os marinheiros portuguezes e hespanhoes reunidos seriam sufficientes para constituirem as suas frotas. Contam com os inglezes? Mas, então, Portugal entra abertamente em hostilidades comnosco.

Mais algumas perguntas sobre o barco e afasto-me tomando o rumo do «Bülow». O «Westerwald» encontra-se refugiado em aguas portuguezas desde agosto de 1914, vindo com procedencia do Mexico e interrompendo viagem a caminho de Hamburgo.

Estou agora junto do portaló do «Bülow». Tem nove mil toneladas e vinha do Extremo Oriente em direcção a Bremen, quando foi surprehendido com a noticia da guerra.

O seu commandante, de cabellos e barba grisalha, fala-me com toda a reserva. Evidentemente a sua edade aconselha-lhe uma maior somma de prudencia.

—Não tenho opinião sobre o assumpto. A minha opinião será a do governo do meu paiz. Não creio que o governo portuguez resolva coisa alguma sem ouvir primeiramente o governo allemão. Da opinião dos dois governos—um que eu respeito como sendo do meu paiz e outro a que devo a graça d'esta hospitalidade—nascerá depois a minha. Digo sómente que vim para aqui confiado que me vinha refugiar em um porto neutral e que, por emquanto, estou convencido de que me não enganei...

Saudo o sensato, o prudente capitão do «Bülow», onde uma multidão de minusculas gentes chinezas me olha surpreza, pasmada, e mando tomar o rumo do «Phoenicia».

O «Phoenicia» tem tres mil quinhentas e cincoenta e cinco toneladas e demandava do Chile para o porto de Hamburgo. Traz a bordo importantes mercadorias, embora tivesse alijado já parte da sua carga que vinha consignada á Companhia União Fabril.

O commandante, de pequena estatura, de bigode ruivo e physionomia parada, é o verdadeiro typo de raça germanica.

—Não creio que o governo portuguez proceda sem um accordo com o meu paiz, visto que foi a neutralidade de Portugal que nos levou a procurar hospitalidade no porto de Lisboa...

Sorri-me a esta palavra «neutralidade» a que, afinal, tem falhado sempre todo o fundamento de verdade.

—E uma indemnisação?...

A Allemanha, por certo, não consentirá. As nossas mercadorias pódem vir a aproveitar aos inglezes que andam namorando muitas d'ellas. Depois, ha casos em que uma indemnisação seria impossivel. Quero-lhe citar um exemplo. Aqui proximo, está ancorado o navio «Cherusker» que traz a bordo antiguidades, verdadeiras preciosidades artisticas, escavadas pelos allemães no solo esplendoroso da Persia. Não ha dinheiro que d'ellas nos indemnisem e a Allemanha reclama-as ávidamente...

A «Filha do Mar» faz-se, em seguida, ao largo. O rio sacóde-se agora em ligeiras crispações. As bandeiras com as côres preta, branca e vermelha encimadas com a cruz negra tremulam levadas ao capricho do vento, parecendo quererem reproduzir a ondulação no destino dos acontecimentos...

Avisto-me ainda com os commandantes do «Naxos», do «Arcadia», do «Santa Lucia», do paquete «Prinz Heinrich». Em uns, esbarro com uma fria reserva! em utros oiço palavras que já recolhi...

Volto para terra sob os fortes pingos de chuva em que se transformam as ameaçadoras nuvens que nunca deixaram de me acompanhar durante esta peregrinação profissional.

Mas antes de perder de vista os navios germanicos, vejo sumidos, quasi apagados, entre aquelles potentados de aço, que procuram semear em volta de si a arrogancia indomavel, o despotismo feroz, que symbolisam a raça teutonica, os nossos pequeninos «destroyers» «Guadiana» e submersivel «Espadarte», que com mais nada contam, certamente, que não seja com as tradições gloriosas da velha e heroica marinha portugueza...

V.

O conflicto academico

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o conselho da faculdade de medicina ácerca do conflicto existente entre esse conselho e os alumnos.

Para assumpto importante realisam esses alumnos ámanhã, ás 13 horas, uma reunião magna na faculdade de direito.

ECHOS & NOTICIAS

DIPLOMATAS EXTRANGEIROS

Foi chamado pelo seu governo, a fim de desempenhar um cargo importante no ministerio dos estrangeiros do seu paiz, o sr. Arild de Hintfeldt, que durante oito annos exerceu em Lisboa a encarregatura de negocios da Noruega.

O illustre diplomata deixa profundas saudades no nosso meio. D'uma correcção impeccavel, era um sincero amigo de Portugal, cujo bom nome zelava como se fosse a sua propria patria, tendo merecido dos governos da Republica as provas da maior sympathia.

CASAMENTO

Realisou-se o registo civil do casamento do sr. Arthur Costa Macedo e Oliveira, filho do sr. João Baptista de Macedo e Oliveira e da sr.ª D. Eugenia da Costa Macedo e Oliveira, com a sr.ª D. Maria de Bondain de Macedo e Oliveira. A cerimonia realisou-se em casa dos paes da noiva, assistindo apenas pessoas de familia. Os noivos partiram hoje para o estrangeiro, onde vão passar a lua de mel.

PAQUETE «MOSSAMEDES»

Em Lisboa foi hoje recebido um telegramma de Las Palmas noticiando ter ali passado o paquete *Mossamedes*, da Empreza Nacional de Navegação, que conduz de Angola uma força militar expedicionaria de regresso das operações ali effectuadas.

O *Mossamedes* deve fundear no Tejo no dia 20 do corrente.

LUTUOSA

Com 92 annos, falleceu hoje na Ericeira a sr.ª D. Marianna da Conceição Biaia, tia do sr. Francisco da Costa Biaia, official da marinha mercante.

—Tambem falleceu o sr. Alfredo Napoleão Marques, filho dos srs. Alfredo Marques, empregado no «Diario do Governo», e irmão do sr. José Victor Marques e Eduardo Marques, compositores typographicos. O funeral realisa-se ámanhã, ás 12 horas, da travessa de S. Pedro, 25, 2.º

—O funeral do sr. João Bento Torres, sogro dos srs. Manuel Vicente Peres e Guilherme Lima, compositores typographicos, realisa-se ámanhã, ás 14 horas, para o cemiterio dos Prazeres, sahindo da rua Thomaz d'Annunciação, 52, r/c. O extincto era muito estimado pelas suas excellentes qualidades de caracter.

A questão das subsistencias

Falta de farinhas—Compra de carvão

O governador civil de Beja esteve hoje com o sr. ministro do fomento, a quem apresentou telegramas das camaras municipaes de Barrancos, Alvito e Almodovar, communicando que se está fazendo sentir n'aquelles concelhos a falta de farinhas e pedindo providencias.

O sr. Gomes Vilhena tambem solicitou do sr. Antonio Maria da Silva que não seja permittida a sahida de farinhas do districto, a fim de abastecer aquelles concelhos.

O director do Limoeiro officiou ao ministerio da justiça pedindo auctorisação para se associar com o director da Imprensa Nacional para a compra de carvão no estrangeiro para aquelle estabelecimento.

O preço da libra

Como se explica o seu augmento

A libra, que ha dias estava, como «A Capital» frisou, a 6$51,8, voltou a ter o preço de 6$70, com tendencias para subir. Porquê?

A razão é simples. Da operação financeira effectuada em Londres pelo governo portuguez, n'um total de dois milhões de libras, parte é destinada ao pagamento dos grandes carregamentos de trigo pelo governo adquiridos e em que perde, pois que, sahindo-lhe esse trigo a $11,9, o vende a $08,9, a fim de não alterar o preço do pão.

Outra parte d'esses dois milhões de libras é destinada ao pagamento de material de guerra, já encommendado, e a terceira e ultima, uma pequena reserva, vem para Portugal, affecta ao pagamento do coupon da divida externa.

O especulador comprehendeu isto e quando a libra estava a 6$51,8 tratou de comprar todas as que appareceram no mercado. E como a offerta é pequena e a procura grande, ahi está explicada a razão do augmento do preço.

A grande guerra

O exercito servio e os esforços da França

PARIS, 17.—O tzar, tendo recebido a noticia de que o exercito servio estava ao abrigo de qualquer perigo graças aos esforços do governo francez, telegraphou ao presidente Poincaré dirigindo-lhe calorosas felicitações pelo auxilio que a França concedeu generosamente á Servia, tão cruelmente posta á prova durante a lucta heroica contra o inimigo commum.

O presidente Poincaré respondeu:—A nossa missão militar e de marinha, que, de accordo com as auctoridades navaes inglezas e italianas salvaram completamente o exercito servio, ficarão muito sensibilisadas com as felicitações de V. M., e a França sente-se orgulhosa de ter contribuido para conservar intactas as valentes tropas que tiveram momentaneamente de ceder á superioridade numerica e cooperarão para com os alliados na libertação da sua patria.—*(Havas).*

A lucta no theatro occidental

PARIS, 16. (Retardado).—Communicação official das 15 horas.—Não ha acontecimento algum importante a noticiar que tivesse occorrido durante a noite.

Em Champagne retomámos á granada alguns canaes a leste da estrada do Tahure-Sommepy.—*(Havas).*

LONDRES, 17.—Official.—Está travado um violento combate á granada entre o canal e a via ferrea de Ypres a Comines.—*(Havas).*

PARIS, 17.—Communicação official das 15 horas.—Não occorreu durante a noite acontecimento algum digno de menção.—*(Havas).*

Uma victoria do exercito do Caucaso

PARIS, 17.—E' o seguinte o texto do telegramma do vice-rei do Caucaso para o tzar:

«Deus concedeu ás valorosas tropas do exercito do Caucaso um tão grande auxilio que lhes permittiu tomar Erzeroum, depois de cinco dias de assalto sem precedentes. Sinto-me inexplicavelmente feliz por annunciar a V. M. esta victoria.»—*(Havas.)*

Os francezes no Vardar

SALONICA, 17.—Os francezes occuparam todas as pontes do Vardar. Os gregos occuparam o rio desde Tontchin até a sua embocadura.—*(Havas.)*

Um incendio devido a malvadez

TORONTO, 17.—Uma explosão seguida de incendio, devida a malvadez, destruiu o club americano, havendo a lamentar duas mortes e duas pessoas feridas. Foram descobertas duas granadas.—*(Havas.)*

Um suicidio no Chiado

Quando esta tarde, pelas 17 horas e meia, descia o Chiado o auto n.º 4 do Estado, guiado por Manuel Cezar Galvão da Costa, um individuo regularmente vestido precipitou-se á frente do auto.

O «chauffeur», que levava o carro com pequeno andamento, segundo testemunho de varias pessoas e do guarda 262, tratou de parar o vehiculo, o que só conseguiu uns trez metros distante. O suicida foi levantado a muito custo, mettido no auto e conduzido para o hospital de S. José, onde falleceu no banco. O medico de serviço, verificado o obito, mandou remover o cadaver para a casa dos anneis.

Ignora-se a identidade do suicida, dizendo-se que elle é de Torres Vedras.

O caso produziu grande sensação, pois que no Chiado, a essa hora, era grande o movimento.

A explosão do largo do Outeirinho da Amendoeira

O funeral, hoje realisado, d'uma das victimas foi imponente

Realisou-se hoje o funeral do menor Eugenio dos Santos, fallecido n'uma das enfermarias do hospital de S. José em resultado dos ferimentos que recebeu por occasião da explosão da bomba no largo do Outeirinho da Amendoeira. A Sociedade Voz do Operario, em virtude do pequeno Eugenio dos Santos ser alumno da sua escola n.º 1, deliberou fazer-lhe o funeral como já o fizera á pequena Beatriz. Se a manifestação de domingo foi grande, a de hoje foi imponente.

A's 15 horas em ponto o pequeno caixão, contendo os restos mortaes, era conduzido para a carreta onde já se viam innumeros ramos de flôres naturaes offerecidos pela familia e amigos. A agglomeração de povo era extraordinaria, não só em frente da Morgue, como nas proximidades. A' frente do cortejo iam os alumnos de todas as escolas mantidas pela Voz do Operario. Os seus estandartes eram ladeados por creanças levando ramos, o mesmo fazendo muitos dos collegas do extincto. A seguir aos alumnos da escola n.º 57 iam os alumnos do collegio João de Castro. As creanças que tomaram parte no cortejo eram em numero superior a mil, formando duas a duas. A' frente da carreta viam-se os srs. Abilio Gameiro, com a faixa da Voz do Operario, José do Nascimento e Antonio Augusto da Silva. O cortejo era dirigido pelo fiscal das escolas sr. Silverio Faria, não se tendo encorporado o sr. João Francisco de Oliveira, presidente da commissão executiva, por se encontrar doente.

O cortejo desceu a calçada do Soccorro, ruas de S. Lazaro e da Palma, largo do Intendente, avenida Almirante Reis e rua Moraes Soares em direcção ao cemiterio do Alto de S. João, onde a agglomeração era grande, assim como nas ruas do percurso. Junto da sepultura usou da palavra o sr. Abilio Gameiro, em nome da Voz do Operario.

No cortejo tambem se encorporaram os alumnos do Centro Escolar Dr. Alexandre Braga com os seus professores.

NOTAS DIVERSAS

O sr. dr. Duarte Leite regressa ao Rio de Janeiro na primeira quinzena do proximo mez.

—Na audiencia do corpo diplomatico no ministerio dos estrangeiros, hoje realisada, estiveram os srs. ministros de Inglaterra e Belgica e os encarregados de negocios da America, Argentina e China.

—O conselho de ministros esteve hoje reunido no ministerio das finanças, das 9 ás 13 horas e meia.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36	35 3/4
Londres, 90 d/v.	36 11/16	—
Paris, cheque	$71,5	$72
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$32,5	1$34
Suissa, cheque	$80,5	$81
Italia, cheque	—	—
New York	1$39	1$41
Rios/Londres	11 3/4	—
Libras	6$70	6$80
Agio do ouro	46 %	50 %

João José da Silva

FALLECEU

A familia de João José da Silva participa aos seus amigos e parentes, que foi Deus servido levar da vida presente ao seu querido e dito parente, que se ha de sepultar no dia 18 do corrente, no cemiterio Occidental, sahindo o enterro da sua residencia, rua da Magdalena, n.º 112, 2.º, pelas 11 horas da manhã.

CABIRIA

O notavel *film* que em breve o publico vae ter occasião de admirar e que justamente conseguiu erguer-se sobre todos os grandes trabalhos cinematographicos modernos, possue em cada scena o estremeção violento da verdade historica, dos feitos gloriosos de uma raça unica, perfeita. Poema extraordinario que a imaginação de Gabriel d'Annunzio tratou em quadros de uma belleza de sonho, de visões de eras que não voltam mais.

Incendios e tremores de terra, irrupções do Etna, passagens nos Alpes gelados pelo exercito de Annibal, derrota e morte de Asdrubal, tomada de Syracusa, incendio da esquadra romana pelos espelhos de Archimedes, destruição de Carthago etc.

A empreza do Salão Central fez distribuir uns avisos informando o publico de que esta sensacional fita, tendo 4500 metros de extensão, demora approximadamente o tempo de duas sessões normaes a ser projectada.

Podia por isso a empreza dividil-a em duas series, a exemplo do que outras empresas se teem visto forçadas a fazer em casos semelhantes. Mas sabendo que tal processo tem obtido justos reparos do publico, por a regerencia dos assumptos o sujeitar á frequencia dos cinemas em dias determinados resolveu evitar estes inconvenientes exhibindo a **Cabiria** em uma unica sessão especial, que principiará em cada noite ás 9 e meia terminando ás 12.

Os preços para essa sessão, a qual equivale a duas sessões normaes, são: de balcão, $50, cadeira $40, galeria $30 e geral $25. Por esta forma desembolsa o publico o mesmo dinheiro evitando-se-lhe a contrariedade de esperar alguns dias para vêr o seguimento e despacho da fita.

N. B.—O publico que adquirir bilhetes para a sessão especial da **Cabiria** tem direito a assistir gratuitamente á sessão ordinaria das 7 1/2 ás 9.

A empreza reconhecendo que a lotação do Salão Central é insufficiente para comportar a affluencia do publico que está interessado por esta fita e não podendo pelos motivos acima dar mais que uma sessão por noite, resolveu dar *matinées* diarias em sessão especial para exhibição da **Cabiria** ás 3 horas da tarde podendo cada duas pessoas ser acompanhadas de uma creança, com entrada gratis.

As sessões especiaes começam respectivamente ás 3 horas da tarde e 9 e meia da noite em ponto.

Concertos Blanch

O famoso programma de domingo

E', sem duvida, um dos mais notaveis de toda a serie o magnifico concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigido pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo no theatro Republica. Damos em seguida o programma:

1.ª parte—«Euryanthe», ouverture, Weber; «Duas danças hungaras», Brahms; «L'Apprenti Sorcier», scherzo, Dukas. 2.ª parte—«Symphonia Pastoral», Beethoven, a) Alegro ma non troppo—Sensações agradaveis que se experimentam ao chegar ao campo. b) Andante—Scena junto ao regato. c) Alegro—Alegre reunião de camponezes. d) Alegro—Tempestade. e) Allegretto—Canto dos pastores; alegria em acção de graças a Deus, depois da tempestade. 3.ª parte—«A Walkyria», despedida de Wotan e Encanto do Fogo, Wagner; «Rienzi», ouverture, Wagner.

Folhetim d'A CAPITAL 17-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O espectro do passado

—Wilkerson?

Era esta a pergunta que Gallon, agora, dirigia constantemente á si proprio. Teria elle, realmente morrido? Vivia? Ignorava-o, e n'essa ignorancia ia toda a tragedia da sua vida, toda a incerteza que o cercava, todo o pesadello que, cahindo sobre ella, ameaçava suffocal-a. O aventureiro começou a ter allucinações. Eram, ao mesmo tempo, o remorso e o odio que o devoravam, que o roiam, que o queimavam. Gallon, o homem forte, soccumbia. Os mineiros achavam-no transtornado, triste, taciturno.

—O que terá?—perguntavam uns aos outros ao verem-no passar.

—Maus negocios. Decerto.

—A mina dá tudo, menos ouro.

E encolhendo estoicamente os hombros, como quem não tem grande fé no destino, cada um seguia o seu caminho, sem pensar mais na melancholia evidente do patrão.

Entretanto, o pae de Rosinha não lograva eximir-se ás espantosas aprehensões que o torturavam. Daria tudo para saber que destino havia levado Wilkerson. Tudo tentou para isso. Em balde. Mandou emissarios de confiança percorrer a região ao mesmo tempo farta e desolada. Todos lhe trouxeram a mesma resposta. Wilkerson desapparecera. Sumira-se.

—E' a fatalidade!—pensava Gallon, queimado de superstições. Qualquer dia está por ahi, e então, tudo quanto tenho feito, todos os meus sonhos, todas as minhas chimeras, toda a minha ancia de assegurar o destino e o futuro de Rosinha se desfarão como um vélo de fumo.

O desanimo principiou a ser o seu companheiro de sempre. Depois juntou-se-lhe o pavor. Gallon chegou, assim, dentro em breve áquella situação em que se tem como certo aquillo que menos se pode esperar e em que o remorso, cravando-nos nas entranhas as garras aceradas, nos enche de amargura os intantes de alegria mais intensa e mais feliz. Vieram então as visões pavorosas. As noites decorriam-lhe agitadas, cheias de imagens sinistras. Era a expiação do seu crime. Era o castigo da sua traição, que o destino lhe enviava com espantosa crueldade.

Matae-me, senhor!—murmurava elle a cada instante. A vida assim é um insupportavel inferno!

Acabára de ceiar, e emquanto Rosinha recolhia ao seu quarto, cuja janella baixa era engrinaldada de trepadeiras eternamente floridas, Gallon deixara-se ficar sentado junto da sua meza de trabalho, pensando e meditando. O somno e o cançaço prostaram-n'o. Adormeceu profundamente. As visões, porém, não o abandonavam. Em bandos, todas ellas reappareceram, como aves agoirentas, esvoaçando á sua roda, estendendo sobre a sua pobre cabeça a sua sombra maldita. Mas entre ellas uma ha que toma corpo, que se materialisa, que se ergue a seu lado, que o queima com o seu olhar coruscante e que traz as roupas em desalinho e manchadas de sangue. Ella avança para elle, impavida, sombria, ameaçadora. Toca-lhe n'um braço. Os seus olhos esbogalhados mergulham nos d'elle. E' Wilkerson. Aquelle é bem o seu espectro temido e odiado.

E erguendo-se tambem, desvairado, fóra de si, o aventureiro d'outr'ora precipita-se para a sombra que o ameaça e pretende colhel-a nos seus braços fortes como barras d'aço. Em vão. O espectro dilue-se-lhe entre os dedos enclavinhados e desaparece. Tudo aquillo fôra um pesadello.

—Mas viverá, realmente, Wilkerson?—continuou Gallon a perguntar a si mesmo.

E essa ideia perturba-o, tira-lhe toda a serenidade, absorve-o, inutilisa-o para todo e qualquer esforço. Não se póde soffrer mais no mundo. O dono do acampamento do «Valle Silencioso» neurasthenisa-se torna-se apathico, quasi não se importa com a sua empreza nem com os seus negocios. Só Wilkerson o interessa. E onde ir procural-o? Não sabe. Exgotou todos os recursos agora, só tem uma coisa a fazer—esperar.

Sim, Wilkerson vive... Vive e ronda como uma fera sedenta de vingança, nas imediações da mina. Vive para fazer pagar caro ao seu antigo socio o seu hediondo crime. Gallon adivinha isso tudo. E' natural. Quantas vezes julgamos ter junto de nós pessoas que não suppunhamos tornar a vêr? Todavia, os seus passos como que résoam na nossa alma, para a pisar e esmagar. Gallon não tem a menor duvida. Wilkerson ha de apparecer mais tarde ou mais cedo. E' certo que não se lhe apresentou ainda de dia. Mas não o é menos que já o viu, sem saber aonde nem quando. Mas sabe que foi de noite. Tanto lhe basta.

Wilkerson, porém, não está inactivo. Seguro de ter descoberto o esconderijo do seu antigo socio, monta a cavallo e parte, atravessando a charneca arida, por onde a custo crescem, devorando sol e pó, alguns arbustos rachiticos. Junto da primeira estação telegraphica pára e faz expedir um telegramma a Joanna Darvell, residente em Nova York, participando-lhe o resultado das suas pesquizas.

Quem é esta mulher?

A Universidade de Haward é uma dos mais celebres dos Estados Unidos. E' ali que se educam os filhos das mais ricas familias americanas, que ali tiram os seus cursos e que ali adquirem, sobretudo uma grande destreza no cultivo dos exercicios phisicos. Os campeonatos de *bise-boll* realisados n'essa Universidade notavel adquiriram universal renome. Assistem a elles, todos os annos muitos milhares de pessoas. Disputam esses torneios emocionantissimos alumnos d'outras Universidades, tão aguerridos como os de Haward. Os grandes diarios americanos montam, por occasião d'esses campeonatos, serviços especiaes de informação. Os mais importantes chegam a instalar telephones especiaes para as suas redacções, a fim de serem informados vertiginosamente. Póde dizer-se que nos dias em que os torneios duram, toda a nação americana depende dos ponta-pés que se despendem no immenso campo de sports de Haward.

Foi ali que João Dore foi educado. A sua carta de engenheiro, alcançou-a n'essa universidade. que não tem outra nos Estados Unidos que gose de fama mais elevada. Elle era porém não só um explendido estudante como um bellissimo cultor do sport. Nos desafios de «foot-ball, ninguem o excedia, como raro era levar-lhe a melhor quando o coração o impellia para uma aventura d'amor...

Dore, porém, tinha um emulo e um rival. Chamava-se Drake. Os seus triumphos enraiveciam-n'o. Enchiam-n'o de odio e de desejos vingativos. Presentia bem que tinha ali um inimigo. Um dia, os dois perceberam que faziam a côrte a uma mesma mulher. Ambos a desejavam. Queriam-n'a ambos. E o rancor que devidia Dore e Drake intensificou-se a tal ponto que os dois estudantes deixaram de se falar.

N'esta lucta, Dore foi, porem, o vencido. Drake triumphou. Aquella que um e outro disputavam chamava-se Joanna Darvell. Foi a essa creatura roida tambem por odios insoffriveis, por antipathias fortissimas que Drake lhe insufláre contra Dore, que Wilkerson participou a descoberta de Gallon. A esse tempo ella era já uma aventureira corroida pela necessidade do oiro. Poluida, deshonrada, mil vezes abandonada, a Darwel era, em New York uma cultora dos amores faceis que conduzem á degradação e ao crime. Wilkerson podia, por isso, esperar d'ella uma collaboração leal e forte. A questão era fazer-lhe antever a riqueza, poder incutir-lhe a esperannça de que os seus serviços seriam opulentamente recompensados. Darvell não era creatura que soubesse hesitar ou soubesse perdoar. Valia, pois a pena, contar com ella...

(Continúa)

No «ecran» do OLYMPIA

Notas de arte

METALOPLASTIA

A metaloplastia é a arte de modelar facilmente todos os metaes, como estanho, cobre, prata ou ouro, sem recorrer á galvanoplastia.

Desde as eras mais remotas, os metaes teem sido trabalhados por diversos processos. Por meio de fôrmas, de estampagem, de balancé, por meio de cinzelagem, etc.

Figura 1

A simplificação d'uma arte, quando não seja excluida a belleza, é um achado. Entre os metaes mais maleaveis e faceis de trabalhar, encontra-se o estanho e o cobre laminado.

A sua historia

Investigando sempre, quando se trata d'uma arte antiga modernisada, procuro antes de a ensinar, saber a sua origem e as manifestações importantes por que vem passando até nós, não me limitando apenas em saber a technica mais ou menos complicada.

O estanho era já conhecido no tempo de Moysés; foram sem duvida os Egypcios que o forneceram aos Phenicios, povo tão laborioso, que mereceu o cognome de «Inglezes do antigo mundo».

Homero e Plinio referem-se a este metal. «O estanho é branco, flexivel, parecido com a prata.

«E' o mais fusivel de todos os metaes, podendo ser laminado em extremo.

Recorrendo á technica dos mestres da Idade Média e da Renascença, epocas de arte, collocarei ao alcance de todos, esta creação original, que hoje chamam moderna, mas que não é mais do que a ressureição dos processos antigos, permittindo aos amadores a execução de modelos ineditos, ou a copia e imitação de relicarios antigos e mais trabalhos que formam o thezouros dos nossos muzeus e dos estrangeiros.

Figura 2

«No seculo XVI, na epoca da Renascença, um francez chamado Biot, produzia obras em estanho, que podem rivalisar com as mais bellas peças de ourivesaria«

«No seculo XVII, foi o estanho considerado como um vil metal e posto de parte.

«D'esta lucta entre os ourives e os modeladores d'estanho, surgiu a triumphante escola dos Gobelins, que em geral todos apenas conhecem como manufactora das celebres tapeçarias, mas cujo triumpho sumptuoso e massiço, de estylo imponente, marcou com o cunho do «Grande Mestre de Versailles».

«Era a morte do estanho.

«Na nossa epoca de innovações, passados por completo dois seculos, resurgem artistas de merito, que transformam em «bibelots» preciosos, este metal abandonado, produzindo obras de valor, que nos reconciliam com a materia prima».

Figura 3

(Estracto do tratado de metaloplastia por Luiza de Sousa).

Metal laminado em folhas

O subterfugio do trabalho, consiste em apresentar um «bibelot», um prato, uma moldura, caixa, etc., em metal que pareça massiço, por meio d'um supporte sobre o qual elle se applica em folhas.

O trabalho do estanho assemelha-se muito ao do couro e os ferros empregados são os mesmos.

Compra-se o estanho em folhas laminadas, de varias grossuras, segundo o trabalho que vae ser executado.

Como se trabalha

Passa-se o desenho, depois de collocar o metal sobre uma folha espessa de «caoutchouc, fixando-o com os preguinhos de desenho chamados «punaises», que todos conhecem.

Com o traçador da figura 1, desenham-se os contornos, carregando mais ou menos, confórme a espessura do metal, obtendo logo o traço gravado.

Em seguida, volta-se a lamina sobre o mesmo caoutchouc e procede-se á modelação que consiste em alargar o estanho nos sitios que devem ficar em relevo, com o ferro de bola, figura 5.

Depois enchem-se as cavidades com pasta ou cera especial, já indicada para o trabalho do couro nos numeros anteriores, e voltando o metal pelo direito, interpõe-se um papel de seda entre a cera a meza de trabalho, para não haver deslocação da massa.

Figura 4

Chegamos á modelação. Com o traçador e o modelador da figura 1 accentuam-se os contornos, abaixa-se o fundo e modelam-se os planos diversos observando os relevos, os meios detalhes e finalmente procede-se ao trabalho do fundo com qualquer dos «matoirs» da figura 6.

Toda a execução, apoz a collocação da pasta é feita sobre um plano duro, nunca sobre o caoutchouc.

Patines

Como o couro, o estanho será sempre sujeito ás «Patines». Vendem-se já preparadas. Temos a «Patine ancienne» que dá o aspecto da prata velha.

Deitam-se umas gottas d'este liquido n'um pires e com uma escova pequena, ou um pincel duro, passa-se sobre o trabalho já modelado, deixando seccar, em seguida limpa-se com um panno, apenas os relevos e lustra-se o todo bem, até adquirir o tom e brilho da prata oxygenada. Os fundos devem ficar negros.

Ha mais «patines» que trazem a explicação da sua applicação, mas teremos de contentar-nos com os productos que encontrarmos no mercado, n'este momento de difficil importação.

Luiza de Sousa

Conselhos geraes

Se o estanho fôr applicado sobre qualquer objecto de madeira, deve ser fixado com uns preguinhos especiaes, seguindo o mesmo processo de que para a pregaria. A «patine» só será dada apoz o metal estar fixado sobre a madeira.

Se a forma fôr em vidro, louça ou outra materia em que não possam ser applicados os preguinhos, será adherida por meio d'uma colla especial, chamada «colla de metaes».

Temos ainda o estanho recortado de que falarei em capitulo separado.

Consultorio de Arte

Finette.—Os cursos de que falei no penultimo numero, são na Baixa, dirigindo a parte de pintura e desenho o eximio professor das Bellas Artes, sr. Cabral Lacerda, tendo-me este senhor escolhido para dirigir os curso de arte applicada, que acaba de inaugurar. A inscripção de alumnas é na papelaria Paulo Guedes, Rua do Ouro, 80 ou no Petit Peintre, rua de S. Nicolau, 104.

Pierrette.—As photominiaturas que vendo são de facto inalteraveis. Encarrego-me de mandar fazer as ampliações e preparal-as.

Jeannette. — A melhor «patine» para o couro é aquella que é actualmente vendida em frascos, já prompta. E' certo que os couros estão excessivamente caros, mas poderei verbalmente indicar-lhe como adquiril-os mais em conta.

Figura 5

Josétte.—No estrangeiro não existem as consultas verbaes que inaugurei, ha apenas os cursos geraes. As vantagens das consultas é a economia e ser elucidada com consciencia e clareza. E' para as amadoras que luctam com as necessarias difficuldades.

L. S

Figura 6

SPORT

Ha quem saiba prolongar a vida...

(Cartas a um velho amigo)

Basta fazer o mesmo que faz o architecto Antonio do Couto...

Cesar—Vi hojo confirmada, n'um jornal, a noticia de que a mesma commissão encarregada de estabelecer um methodo de gymnastica ia esboçar os programmas para a futura Escola Normal. Isto equivale a dizer que os governos pensam a serio n'estes assumptos. Ainda bem.

Serão os novos «reformadores» homens de competencia technica n'estes trabalhos?

Dizemos que os conhecem que sim. Eu aguardo o seu trabalho para me certificar. Em todo o caso, como «reformar ensino» é coisa que abrange todas as edades, vou estudando o problema para os adultos, seguindo o pedido que me fizeram de os esclarecer com a opinião propria e a critica do que fizeram os mais notaveis phisioterapeutas.

Tal como terá sucedido a esses «technicos officiaes», verifiquei n'estes assumptos que a evolução de trabalhos experimentaes e de deducções pedagogicas tem sido extraordinaria nos ultimos annos. Desde os tempos de Marey e de Berthelot até hoje, seguem-se e succedem-se as theorias, os methodos, os processos de ensino.

Demeny diz em 1910 coisas differentes do que disse em 1900.

O mestre Lucas-Championniére estabelece as bases d'uma nova terapeutica. As ideias de Jules Simon e de Gréard soffreram ligeiras alterações. Theodoro Vienne com Hebert, o dr. Weiss, de Paris, com a sua phisiologia, até o sueco Wide com a sua orthopedia e gymnastica medica, preconisam hoje o que hontem consideravam defeito!

Ainda bem que assim succede! E' que procurando modificar, estudam e trabalham. Não *cristalisam*. Avançam e melhoram.

Ora, os exercicios para os adultos e para os velhos teem beneficiado d'essa evolução.

Ha quem garanta que póde prolongar a vida! Mac-Fadden e Mecredy, audaciosos americano e irlandez, dizem, affirmam e provam que a longevidade está apenas nos maiores cuidados de hygiene! O que se torna preciso é que o homem nunca abandone a pratica da cultura phisica. Permitte-se que diminua a intensidade do trabalho mas prohibe-se que abandone este. E' fazer por exemplo, o que faz o Antonio Couto, o nosso amigo e que, tão bem ou melhor do que eu sabes que é um dos nossos mais notaveis artistas. Já não póde ser um «foot-ballista» para um primeiro «team», mas ainda é um bom «referee» para acompanhar um jogo em successivas corridas. Depois não abandona o seu «tenis». A's vezes faz «cricket». Uma vez por outra, ainda sente vontade de remar. Com frequencia vae com o Felix Bermudes para a quinta do João Bentes, passar o dia na caça. Se assim continuar ainda o havemos de vêr, d'hoje a muitos annos, sempre alegre, sempre forte, sempre bom rapaz...

Olha que com os habitos do Couto não ha perigo de succeder o que se vê frequentemente com os antigos «hercules dos nossos collegios dos primeiros tempos. Quantos conheces tu que são hoje uma triste sombra do que eram! Não lhes cito o nome para os não desgostar! Eram esbeltos, viris robustos. Hoje deixaram substituir os musculos por carnes moles, balofas, deixaram «crear barriga», ao menor esforço congestionam-se e esfalfam-se com um passeio d'um kilometro! Faz pena vel-os. Hei-de explicar o mechanismo d'esta miseria phisica—*J. P.*

Lêr ámanhã:

Raymond Poincaré fala de sport

Notas do dia

Os jogadores hespanhoes chegam amanhã a Lisboa

A's 2 e meia da tarde de ámanhã, chegam a Lisboa, os jogadoers de «football» do Racing Club de Madrid, que veem expressamente a Lisboa para jogar contra o Sport Lisboa e Bemfica, talvez com a exaggerada pretensão de bater o nosso grupo mais popular.

Esta visita tem certo interesse para o nosso publico porque todos sabem que os jogadores madrilenos estão n'uma «fórma» magnifica, que teem uma «linha» excellente e possuem um «keeper» que faz maravilhas. Depois que estiveram em Lisboa, ha mez e meio, conseguiram em Hespanha, retumbantes victorias E' com a «alma» creada n'esses exitos e com a provavel cooperação do famoso foot-ballista dr. Carruana que elles contam vencer os nossos!...

Loucas pretensões?

Não sabemos. O certo é que o Sport Lisboa e Bemfica tem de trabalhar e muito, não já para ganhar mas para se não deixar vencer.

O primeiro desafio realisa-se no sabbado, no campo de Sete Rios.

Um açoreano visitando os nossos clubs

Está em Lisboa o capitão sr. A. Paes d'Athayde, natural dos Açores e vivendo em Ponta Delgada. Veio com um louvavel proposito, que é o de visitar todos os clubs, salas d'armas e campos para depois moldar o Grande Gymnasio que os seus compatriotas querem construir.. Os Açores pensam fazer melhor que Lisboa.

O sr. Paes de Athayde já visitou alguns campos de jogos e varias salas d'armas. Hoje visitou o Gymnasio Club Portuguez e ámanhã vae vêr os Recreios Desportivos da Amadora.

Em todas as suas visitas tem sido acompanhado pelo tenente coronel e mestre d'armas May.

Algumas anecdotas

Os primeiros socos do negro Johnson...

... Brooks, maçagista do club americano, tinha orgulho da sua sciencia de *box*. Era uma das suas profissões a de ganhar alguns dollars deitando pretos a terra.

—«Pois, sr. Posner,—disse Brooks—encontrei um diabo d'um preto que vae interessal-o. O senhor, como bom emprezario que é, ha de reconhecer que eu lhe procuro bons negocios...»

—«Está bem, está bem... Mas onde está elle?»

Sahiram a porta do gabinete e viram um negralhão herculeo sentado em cima d'uma barrica mal vestido e mal calçado.

—«Como te chamas:»

—«Jack Johnson.»

—«Então queres jogar o soco?»

—«Querer. E' que este sr. Brooks dizerme que se eu combater elle, o senhor darme muito dinheiro. E' verdade?»

—«E' sim. Recebes dez dollars se lhe deres uma tareia e mais 5 dollars se for uma tareia mestra», porque aqui o nosso amigo tem basofia de escangalhar pretos...»

Jack Johnson deitou um olhar terrivel ao maçagista... Depois sorriu, mostrando a sua dentuça branca.

No dia do desafio, Johnson apresentou-se muito cedo no club. Estava impaciente de encontrar-se com Brooks! Este, ria e chasqueava das pretensões do negro. Quando estiveram frente a frente, «dançavam» um diante do outro, sem arriscar um ataque. A assistencia excitava os combatentes e ao pobre Johnson fazia-o nos seguintes termos:

—«Anda cão... Ferra-lhe os dentes... Então tens medo, ó escarumba?...»

Não se sabe se estes insultos lhe deram mais «alma». O certo é que passados dois minutos, Brooks levou tal murro nos queixos que ficou estendido como morto! Só recuperou os sentidos vinte minutos depois!

O sr. Pesner appareceu e disse-lhe:

—Toma rapaz mais estes 20 dollars.. Livraste-me d'um *fabricante* de negros! Todas as semanas me trazia um!...

Os grandes records

Os desafios de «cricket» entre australianos e inglezes

A Inglaterra e a Australia sustentam entre si um combate de «cricket», que data de 1880 e que apaixona milhares de pessoas.

Os desafios jogados na Australia teem sido em numero de 52. A Inglaterra ganhou 23, perdeu 27 e teve 2 «matches» nullos.

Os desafios jogados na Inglaterra teem sido em numero de 42. A Inglaterra ganhou 17, perdeu 8 e teve 17 «matches» nullos.

No total jogaram-se 94 desafios. A Inglaterra ganhou 40, a Australia 35 e effectuaram-se 19 «matches» nullos.

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Começa no proximo domingo o campeonato escolar com os seguintes desafios: 2.ª cathegoria: Instituto Pupillos contra Casa Pia, no campo de Sete Rios, ás 15,30 horas, juiz o sr. Mario Monteiro. 3.ª cathegoria: Instituto Pupillos contra Ferreira Borges, no campo do lyceu Pedro Nunes, ás 13 horas, juiz o sr. Arthur Santos; Rodrigues Sampaio contra Passos Manuel, no campo do lyceu Pedro Nunes, ás 11,30 horas, juiz o sr. Amilcar Breia; Calipolense contra Casa Pia, no Campo de Sete Rios, ás 14 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; Pedro Nunes contra Academico, no campo do lyceu Pedro Nunes, ás 14,30 horas, juiz o sr. Arthur Santos.

Pena Foot-ball Club

O capitão geral d'este Club pede a comparencia de todos os seus jogadores no proximo domingo, pelas 15 horas, no campo de Belem, para jogar em desafio contra o Sport Grupo Progresso Almirante Reis.

Gymnasio Club Portuguez

Conforme foi annunciado começa a disputar-se no proximo dia 19 pelas 21 horas na sala d'armas d'este Club e entre os esgrimistas frequentadores da mesma sala, uma «poule» por «equipes» para a disputa de uma artistica «taça».

A inscripção reuniu 15 atiradores com os quaes se formaram as seguintes trez «equipes»: Dr. Carlos Granha (capitão) e Cisneiros Ferreira, Pinto d'Almeida, H. Caldas e Campos Junior, que usarão braçadeira vermelha, Arnold Stocker (capitão), Ruy da Cunha, René Pouymayou, A. Cardoso e Rijo da Fonseca, com braçadeira azul; Humberto Reis (capitão) João S. Gomes, José Formosinho, Vidal d'Oliveira e Santos Pinto, com braçadeira cinzenta.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

tropas para o campo de batalha, havia sido tambem bombardeada.

Entre os officiaes e homens que se distinguiram n'esse dia nos combates em roda da cota 70 são dignos de menção: o capitão A. P. Sayer, da 91.ª Companhia de Campanha da Real Engenharia, que pela sua bravura fez proseguir o combate n'um momento critico; o voluntario Robert Dunsire, do 13.º de Escocezes Reaes (Regimento Lothian), que soccorreu uns poucos de feridos em circunstancias extremamente perigosas, e o capitão W. W. Macgregor, dos Highlanders Gordon, que teve o bom senso necessario para duvidar da authenticidade d'uma ordem que o mandava retirar e que pela sua rapida acção em fazer avançar os seus homens impediu que os allemães envolvessem o flanco inglez.

Um outro official, cujo nome póde ser mencionado conjunctamente com os que acabamos de citar, é o do tenente coronel A. F. Douglas-Hamilton, que foi morto á frente dos seus homens—o 6.º de Highlanders Cameron—depois de os ter quatro vezes feito recuar para a linha de fogo, quando os batalhões á sua direita e á sua esquerda estavam retirando. A lucta havia sido tão violenta que no momento em que foi morto estava á frente apenas d'uns cincoenta homens.

N'esse meio tempo, ao sul do exercito inglez, os generaes Foch e d'Urbal, embora não pudessem juntar-se aos territoriaes de Londres e aos Highlanders, haviam-se apoderado do bosque de Hache e os allemães haviam evacuado Souchez, tendo a guarnição alcançado, pelas trincheiras de communicação, a segunda linha nas encostas da cota 119.

Nos dias 25 e 26, foram feitos 1.378 prisioneiros, incluindo grande numero de officiaes e um rapaz de quatorze annos. Como Carency e Ablain St. Nazaire, Souchez, segundo as ordens do kaiser, devia ser mantida a todo o custo. Quando os allemães a abandonaram, estava quasi nivelada com o terreno e assemelhava-se ás excavações d'uma cidade de remota antiguidade que houvesse sido sepultada.

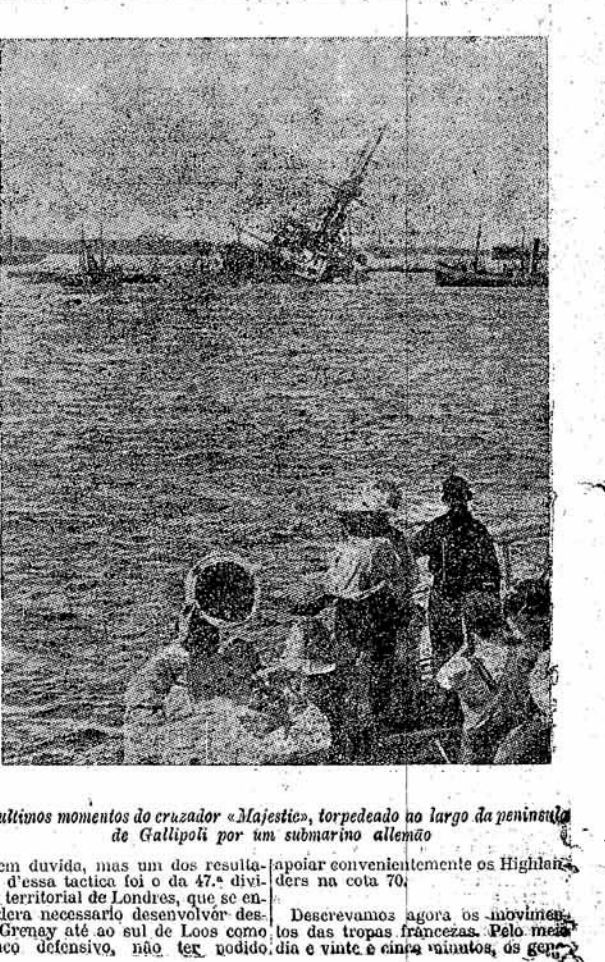
Comtudo, as elevações de Vimy tinham ainda de ser tomadas e já dissemos quão fortificadas tinham sido. No dia 27, os francezes limitaram-se a fazer os seus preparativos para o ataque que iam dar ás cotas 119 e 140.

O dia foi de chuva torrencial, principalmente a tarde. Duas divisões da Guarda Prussiana, que haviam sido trazidas da fronte oriental, tinham sido mandadas pelo principe real da Baviera para os entrincheiramentos das elevações de Vimy. A' divisão de Guardas Britannicos tinha sido mandada por sir John French e por sir Douglas Haig para as cercanias de Loos.

Devia retomar a cumiada da cota 70, com o reducto na sua extremidade nordeste, a «fossa 14 bis» e os bosques contiguos, emquanto os territoriaes de Londres, a 47.ª divisão, á sua direita atacaria o inimigo na direcção de Loos.

Pela sua parte, os allemães fizeram os maiores esforços para desalojarem as tropas da 9.ª divisão das edificações da «fossa 8», atraz do reducto «Hohenzollern», e em roda d'esse ponto e do proprio reducto uma lucta furiosa se travou durante todo o dia. Apesar dos mais heroicos esforços, os inglezes que occupavam a fossa não puderam manter essa posição. Quando o dia começava a declinar, foram forçados a recuar vagarosamente para a parte oriental do reducto.

O commandante da 9.ª divisão, o major-general G. H. Thesiger, foi morto durante a lucta.

De tarde, os Guardas e os territoriaes de Londres, apoiados pelo que restava dos Highlanders e por alguma da cavallaria, combatendo a pé, que estava em Loos, fizeram na direita da linha ingleza uma tentativa desesperada para contrabalançar o successo do inimigo na visinhança do reducto «Hohenzollern». Se essa valente tentativa dos inglezes tivesse sido coroada de exito, a linha entre Hulluch e Lens teria sido rom-

Os ultimos momentos do cruzador «Majestic», torpedeado ao largo da peninsula de Gallipoli por um submarino allemão

se em duvida, mas um dos resultados d'essa tactica foi o da 47.ª divisão territorial de Londres, que se entendera necessario desenvolver desde Grenay até ao sul de Loos como flanco defensivo, não ter podido apoiar convenientemente os Highlanders na cota 70.

Descrevamos agora os movimentos das tropas francezas. Pelo meio dia e vinte e cinco minutos, os gen-

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Frei Luiz de Sousa.
REPUBLICA — A's 21 — Noite de Santo Antonio.
TRINDADE — A's 21 — O dia do juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario. — O sonho de Marianna.
GYMNASIO — A's 21 — O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
PHANTASTICO — A's 20,30 e 22,30 — Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Manon.

Agenda da semana

SABBADO — Gymnasio — Primeira representação da comedia em 3 actos, de Chagas Roquette, *O Senhor roubado*.

Boatos e informações

Entre nós

E' depois de amanhã que no theatro Gymnasio e em recita de assignatura, sobe á scena o novo original de Chagas Roquette *O Senhor Roubado*. Esta peça foi escripta expressamente para os distinctos artistas Maria Mattos, Celeste Leitão, Cardoso e Mendonça de Carvalho, a quem estão confiados os principaes papeis.

As recitas do carnaval no Colyseu dos Recreios promettem ser deslumbrantes. A companhia de opera lyrica dará quatro espectaculos nas noites de 4, 5, 6 e 7 de março, seguidas de bailes. A sala será magnificamente ornamentada.

No theatro Nacional volta ámanhã á scena o drama *Frei Luiz de Sousa*, representando-se no sabbado a *Vida de um rapaz pobre*. No dia 23, em festa artistica da estimada actriz Palmyra Torres representar-se-ha um original portuguez, em *première*, além d'uma das peças do reportorio, que mais tem agradado esta epocha.

Sobe á scena na proxima segunda feira, no theatro Politeama, a comedia de Caillavet e Flers *O anjo do lar*. Os principaes papeis da peça que servirá de estreia á companhia no Brazil, são desempenhados por Palmyra Torres, Etelvina Serra e Ignacio Peixoto. O scenario e mobiliario são absolutamente novos.

No theatro Nacional entrou em ensaios de recordação *O serão das Larangeiras* de Julio Dantas.

No theatro Republica entra na segunda feira em ensaios para as recitas de Carnaval a farça em um acto de André Brun, *O entremez do doutor Cupido*. No desempenho d'essa farça, entra toda a companhia á excepção do Augusto Rosa e Lucinda Simões.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES — Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

PEQUENAS NOTICIAS

Com o titulo de «Réclamo Theatral» apparece depois d'amanhã o primeiro numero d'um quinzenario, dirigido pelo actor Jorge Grave e illustrado por Hypolito Colomb. Será distribuido gratuitamente.

—Amalia de Jesus, moradora na rua da Esperança, 94, 2.º, queixou-se de que lhe apparecera em casa uma mulher, typo de cigana, a propor-lhe a venda de alguns cortes de fazenda. Entabolada conversação, offereceu-se a cigana para abreviar o casamento da queixosa com um padeiro que a requesta. Depois de muita conversa a cigana retirou dando a Amalia mais tarde por falta de um cordão de ouro no valor de 20$00. Tambem Maria Gomes, moradora na rua de Santo Antonio da Gloria, 13, se queixou contra uma cigana que por meio de varias promessas lhe extorquiu objectos de ouro no valor de 10$70.

—N'um dos calabouços do governo civil, está preso o gallego Antonio Perez, de Pontevedra, acusado de ter furtado varias quantias a seu patrão, o proprietario da casa de pasto Constante, em frente do governo civil, e varios objectos e dinheiro na importancia de 57 escudos ao creado da mesma casa José Antonio Lobato.

—Manuel Joaquim, morador na rua da Gloria, 107, queixou-se de que lhe entraram em casa por meio de chave falsa e furtaram objectos de ouro e prata no valor de 79$60.

Concertos David de Sousa

Por motivos imprevistos é substituida no proximo concerto do Politeama a *suite* de Ravel «Mamére l'oge» pelo «Péer Gijut» de Grieg. Não prejudica a substituição o brilhantismo do programma, em que figuram, além de trez magnificos trechos de Wagner, a abertura do «Carnaval Romano», de Berlioz, o «Celebre Minueto», de Beethoven, «Nas steppes da Asia, de Borodine, e a magestosa «Abertura solemne», que é um dos mais empolgantes trechos da musica russa contemporanea.

Festas associativas

Club Estephania — Realisa-se depois de ámanhã n'esta conceituada aggremiação uma festa, constando de recita e baile. Pelo grupo dramatico do club será desempenhada a comedia *O boticario de Villa de Frades*, tomando parte tanto nos entreactos como no baile um quintetto.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188; o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

OPERA LYRICA

A estreia de Maria Galvany

Maria Galvany mostrou hontem que conserva fiel o seu publico que tantas vezes a tem acclamado phreneticamente, pois a sala do Colyseu dos Recreios estava cheia por completo.

A sr.ª Galvany, que cantava a *Lucia de Lammermoor*, foi saudada com palmas logo que appareceu em scena. E' a mesma voz argentina, a mesma vocalisação facil, o mesmo correctissimo phraseio. O *rondó*, que tantos obstaculos tem, foi cantado com uma correcção e uma arte que lhe valeram uma ovação. No fim de cada acto e especialmente no fim da opera, a illustre artista foi acclamadissima.

O tenor Tincani a quem coube a parte de *Edgardo*, cantou com muito brilho, devendo mencionar-se o 3.º acto.

O barytono Tavanti muito bem e o baixo Fiore affirmou mais uma vez ser um artista consciencioso.

As segundas partes, os córos e a orchestra muito seguros, sob a regencia do maestro Puccetti.

O bailado *Niná* é lindissimo.

Hoje realisa-se a recita popular em que o barytono Battistini cantará a *Traviata* e o prologo dos *Palhaços*, duas creações do mais alto valor que lhe mereceram um retumbante triumpho na noite de ante-hontem.

O Colyseu dos Recreios vae ter hojo por certo, uma enchente como de outra não ha memoria, pois a empreza reduziu muito o preço dos bilhetes para permittir a todas as pessoas ouvirem um pouco de opera cantada pelo mestre dos mestres.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 16. — Tomou hoje posse do logar de governador civil substituto d'este districto o barão de Gafete, sr. José Lucio Gouveia. Ao acto assistiram numerosos amigos pessoaes e politicos do nomeado.

—Parte ámanhã para Lisboa a tratar de assumptos de interesse para este districto o governador civil, sr. dr. Joaquim Portilheiro.

—Realisa-se no proximo domingo a eleição das commissões municipal e parochiaes do partido Republicano Portuguez n'este concelho.

ANCIÃO, 16. — Está n'esta villa o sr. Annibal Carneiro Fernandes, chefe dos serviços telegrapho-postaes d'este districto.

Movimento maritimo

Gran Bretanha «Demerara» do Braz.)	18
Bahia, Rio de Janeiro «Ryn and»........	19
Br. e R. Pr., «Drechterland» (de Ams.)	19
Madeira e Açores, «San Miguel»........	20
R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (de Amst.)...	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular»........	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)....	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

raes Foch e d'Urbal mandaram avançar a sua infantaria sobre Souchez. Os desertores allemães que se tinham acolhido ás linhas francezas tinham feito saber que os seus compatriotas estavam desprovidos de tudo. Na esquerda, os bravos francezes desceram as encostas orientaes do planalto de Notre Dame de Lorette e avançaram para o bosque de Hache, á orla do qual chegaram no espaço de vinte minutos.

Com granadas de gazes asphyxiantes e shrapnels e fogo de metralhadoras, os allemães tentaram deter o avanço, emquanto as suas baterias de Angres, Liévin e Givenchy-en-Gohelles despejavam uma chuva incessante de projecteis. O ataque francez affrouxou, mas a torrente de Souchez fôra attingida.

N'esse meio tempo, nos valles do Nazaire e de Carency e ao longo da estrada Béthune-Arras desde La Targette, outros corpos de tropas francezas avançaram para o castello de Carleul, para o «Cabaret Rouge» e para o cemiterio de Souchez. Simultaneamente, massas de infantaria abriram caminho para as baixas encostas da cota 119. O cemiterio foi tomado, mas logo depois perdido, e a ala direita foi detida pelo fogo das metralhadoras. A enorme resistencia encontrada confirmou o que os desertores haviam dito ácerca da força das defezas subterraneas e de outras nas elevações de Vimy e obrigou os generaes Foch e d'Urbal a addiar para o dia seguinte o ataque final contra Souchez.

A inesperada rapidez do avanço da divisão Highland do novo exercito, o pouco exito obtido pela 1.ª divisão á sua esquerda, a precaria posição da 7.ª no triangulo St. Elie-Haisnes-pedreiras de Hulluch, e da 26.ª brigada da 9.ª divisão envolvida em combate em roda da «fossa 8», o pequeno avanço feito pela 28.ª brigada no seu ataque ao reducto «Hohenzollern», o insuccesso da ala esquerda de Gough no seu esforço para avançar entre o reducto e o canal Béthune-La Bassée, combinados com a inesperada força das fortificações allemãs em redor de Souchez e nas elevações de Vimy, transtornou os planos dos commandantes dos alliados e proporcionou ao principe real da Baviera opportunidade para dar, pela 1 hora da tarde, um violento e bem succedido contra-ataque contra os Highlanders que, com um certo apoio dos territoriaes de Londres, haviam tomado a cota 70, o reducto na sua extremidade nordeste, a «fossa 14 bis», e algumas casas na orla oriental da aldeia de Cité St. Auguste.

Sendo tropas novatas e, portanto com pouco treino e ainda menos experiencia de combater em campo aberto, as tropas inglezas tinham uma certa desvantagem. As hordas de allemães, que estavam sendo trazidas de Lens e dos arredores para as combater, eram-lhes muito superiores em numero. Nem o terreno offerecia aos inglezes qualquer abrigo contra a artilharia pezada.

A não ser que houvesse tempo para cavar fundas trincheiras, abrigos que não pudessem ser alcançados pelas granadas de altos explosivos, e vedações de arame farpado para impedir o accesso, a mais valorosa infantaria podia ser rapidamente desalojada. Verdade seja que os inglezes podiam procurar refugio nas construcções subterraneas dos allemães, mas o esmagador bombardeamento que precedera a offensiva havia destruido muitos d'elles e abrira brechas nas vedações de arame farpado.

Sob a densa chuva de granadas explosivas, os Highlanders e os territoriaes recuaram vagarosamente. As casas em Cité St. Auguste tiveram de ser abandonadas e o reducto e grande parte do cume da cota 70 estavam ao cahir da noite de novo em poder do inimigo. A parte da 21.ª divisão do novo exercito que subira á elevação para apoiar os Highlanders parece não ter-lhes prestado auxilio muito efficaz.

Quando anoiteceu a linha do primeiro exercito britannico corria do sul de Loos para a parte occidental da cota 70, d'ahi, perto do lado occidental e a «fossa 8», d'onde voltava para leste do reducto «Hohenzollern» até á primitiva linha, na região de Vermelles.

A linha não era, porém, continua e n'ella havia ainda numerosos pontos fortificados occupados pelos allemães. Os ganhos reaes do dia foram a expulsão, tomada ou destruição dos allemães em Loos e a tomada de «Tower Bridge» — assim denominada pelos inglezes uma grande construcção de aço com uma «passarelle» d'onde os atiradores especiaes, metralhadoras e canhões dos allemães tinham estado nas primeiras horas da manhã fazendo fogo.

Por qualquer motivo ignorado, os allemães não puzeram minas sob a «Tower Bridge», como haviam feito nas ruinas da egreja de Loos.

Para destruirem esse magnifico posto para os seus observadores de artilharia parecia-lhes um passo que não devia ser dado emquanto tivessem um pé nas elevações da planicie do Scheldt.

Durante a noite, em que havia luar, e á luz das estrellas-granadas e dos foguetes allemães, a lucta continuou. Cité St. Auguste estava em fogo e as chammas illuminavam um pouco da cota 70. As scenas em Loos eram horriveis. Entre as granadas que explodiam, feridos estavam sendo operados em subterraneos e «dormitorios» á luz escassa de pequenos lampeões. Na cota 70 e ao sul em roda de Loos, os Highlanders e os territoriaes estavam resistindo aos terriveis ataques do inimigo.

A 28.ª divisão, que havia sido posta ao dispôr de sir Douglas Haig ás primeiras horas do dia 26, atravessou as pontes sobre o canal Béthune-La Bassée para as trincheiras preparadas pelas tropas do primeiro corpo, as quaes haviam servido na batalha do dia anterior.

A chuva cessára e a manhã alvorecеu bonita, mas fria, o sol ergueu-se radiante e o céu estava d'um lindo azul. Os Highlanders, na cota 70, que haviam sido vigorosamente, mas sem resultado atacados pela meia noite e meia hora e pelas 5 horas e meia da manhã, reforçados pelas vanguardas da 21.ª e 24.ª divisões do novo exercito, de novo avançaram pelas 9 horas. O ataque foi precedido por um violento bombardeamento, que durou uma hora. Devido ao fogo das metralhadoras allemãs, não se poude avançar. Os allemães estavam estabelecidos firmemente no reducto a nordeste da cota 70 e pelo meio dia conseguiram desalojar os inglezes da «fossa 14 bis».

A' tarde, a 6.ª brigada de cavallaria recebeu ordem para ir guarnecer Loos e mais tarde a 3.ª divisão de cavallaria entrou na cidade. A' esquerda dos Highlanders a 1.ª divisão renovou os seus ataques contra Hulluch, mas o resultado dos esforços do quarto corpo no dia 26 foi, a não ser um pequeno ganho de terreno ao sul de Loos, insignificante, sob o ponto de vista britannico.

Ao anoitecer, a linha recuou da cota 70 para noroeste até á estrada Loos-La Bassée, que seguia n'uma distancia de 1.000 metros, obliquando d'ahi para nordeste até proximo da extremidade oeste de Hulluch. A' extrema norte era a mesma da noite anterior.

A unica vantagem que o primeiro corpo obtivera no dia 26 fôra a da 7.ª divisão retomar as pedreiras de Hulluch. Mas esse ganho fôra empanado pelo que succedera ao seu commandante, o major-general sir Thompson Capper, que fôra gravemente ferido e morreu na manhã seguinte.

A victoria dos alliados na primeira batalha de Ypres fôra devida em grande parte á coragem, energia e ao espirito cheio de recursos d'esse distincto official.

O numero de allemães aprisionados subia já a 2.600, tendo sido tomados nove canhões e numerosas metralhadoras. Os aeroplanos inglezes haviam bombardeado e feito descarrilar um comboio proximo de Loffres, a leste de Donai, e um outro cheio de tropas proximo de St. Amand. A estação de Valenciennes, pela qual estavam passando

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1983 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor — Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 18 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço 2 centavos

A questão dos navios

No conselho de ministros hontem realisado em Hespanha, o chefe do governo, conde de Romanones, explicou as medidas economicas tomadas para evitar os consequencias do termo da guerra que se repercutirão em todas as nações, affectando o commercio e a industria, e accrescentou que terminaram sem exito as negociações relativas ao aproveitamento dos navios allemães, austriacos e turcos retidos nos portos hespanhoes. Se essas negociações fracassaram, é conveniente investigar qual seria logicamente a causa d'esse fracasso. Tudo indica que a Allemanha, — é quem diz a Allemanha diz os seus alliados — teria todo o interesse em negociações de que resultasse tirar-se lucro de navios que estão imobilisados em portos estrangeiros, não lhe advindo d'isto senão prejuizo. E' um capital sem juros, são despezas a que não correspondem receitas. A Allemanha não deveria, pois, ter duvida em vender ou alugar os seus navios que só podem estragar-se em tão prolongada immobilidade.

Mas se isto é assim, não menos de prever é que a Allemanha imporia uma condição, e essa condição seria que os seus navios não servissem os interesses dos paizes seus inimigos.

Por outro lado, a Hespanha não trataria, como nenhum paiz pode tratar d'uma negociação d'essa ordem sem contar com o beneplacito da Inglaterra, que tem o dominio dos mares. Ora a Inglaterra, tendo o dominio dos mares, e portanto dispondo da sua liberdade, ao mesmo tempo que possue recursos para abastecer muitos paizes do mundo, tem prestado altos serviços aos neutraes, mas por isso mesmo tem o direito de exigir a reciprocidade d'esses serviços. Se a Hespanha tomasse conta dos navios allemães, e se fossem servir o seu commercio, assim como com elles deveria procurar transportar para o seu paiz o carvão inglez, por exemplo, não poderia recusar-se a transportar n'elles, para Inglaterra, aquillo que a Hespanha produz e de que ella tivesse necessidade.

Posta a questão n'estes termos, a situação affigura-se insoluvel dentro da esphera das negociações internacionaes, mas não o pode estar na esphera dos interesses economicos da Hespanha.

E tanto isto é assim que, como já o accentuámos ha dias, o longo periodo da guerra tem determinado a applicação de quasi todos os navios mercantes inglezes, nos serviços militares, e dos francezes e italianos também a maior parte a esse serviço está affecta. O theatro da guerra alarga-se; vae das costas da Europa ao Oriente. Cada vez são precisos mais navios para transporte de tropas, de munições, de mantimentos. A' medida que os serviços militares mais navios reclamam, os serviços commerciaes veem-se desprovidos d'esses indispensaveis meios de transporte.

Evidentemente, a Inglaterra servir-se-ha primeiro a si; depois aos seus alliados; por fim aos neutros. Tudo indica que em breve os neutros não poderão contar com os seus navios. Como não de elles resolver a situação, não tendo marinha mercante propria que assegure os seus abastecimentos?

A Hespanha está n'este caso, e como nos seus portos estão navios que podem evitar-lhes os flagellos da fome e da desordem social, que ella sempre origina, claro é que um dia terá forçosamente de recorrer áquellas medidas radicaes, a que o sr. de Romanones já outro dia alludiu.

Recorre a ellas? A questão é, sem duvida alguma, puramente economica, mas como se vê, no fundo de todas as questões, encontra-se o problema da guerra. Qualquer resolução tomada arremessará necessariamente qualquer paiz que queira embora manter-se neutral, para uma attitude que será considerada como bellicosa.

O nosso caso não será tão grave como o da Hespanha. Nós estamos, diga-se o que se disser, dentro da esphera dos alliados. Por isso mesmo não seremos os primeiros a ser privados dos beneficios da navegação dos alliados. Mas isso não fará mais que protelar uma situação absolutamente angustiosa, porque difficilmente já ella é. Muitos navios francezes não frequentam já os nossos portos, e os inglezes vão rareando.

O aproveitamento dos navios allemães que nos nossos portos se encontram impõe-se portanto como uma necessidade indiscutivel. Mas não ha duvida de que, precisando absolutamente de reforçar os nossos meios de transporte, nós não necessitamos de uma verdadeira frota de perto de setenta navios. Uma grande parte d'elles é para nós desnecessaria. Seriam uteis para interesses mais vastos e mais ameaçados. E' isso que, assim o esperámos, se acclarará n'um praso breve que não poderá ir além d'um curto espaço de dias.

Pelo telegrapho

A conquista dos Camarões

LONDRES, 17. — Official. — A conquista dos Camarões está completa, á excepção de uma colina isolada no Mora. O commandante allemão Zimmermann, refugiou-se em territorio hespanhol. — *(Havas.)*

Os servios repellem assaltos do inimigo

LONDRES, 18. — Segundo um telegramma de Salonica para o *Times* o exercito servio do norte de Durazzo, resistindo vigorosamente, repelliu tres assaltos contra as suas posições. — *(Havas.)*

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

A EXTRANHA AVENTURA DO SOLDADO

ODISSEIA TRAGICA

Espancado pelo gentio, sedento, cheio de febre e de miseria, um soldado portuguez acaba por ser ardilosamente attrahido ao captiveiro pelos allemães

Foi o dr. Costa Metello, meu excellente amigo e distinctissimo clinico, quem solicitamente me chamou a attenção para a singular aventura que vae lêr-se.

No Hospital Colonial encontra-se actualmente em tratamento, depois de larga e honrosa folha de serviços em Africa, o soldado José Martins. Obscuro heroe de varias campanhas, veterano da columna de 1906, contra o Cuamato, de 1907, contra os Dembos, de 1908, contra o gentio do Libolo, de 1910 no Ambriz e 1912 no Evale, João Martins fez em 1914 parte das operações de defeza na Cafima, em cujo posto ficou de guarnição com 18 praças europeias sob o commando do malogrado tenente Encarnação.

Já por fins d'esse anno corriam rumores ácerca das intenções hostis dos allemães da Damara, e a vigilancia redobrára no posto, por que se sabia bem das intimas ligações que os padres de N'giva tinham estabelecido entre o poderoso soba Mandume e os seus compatriotas do sul. A 20 de dezembro, dois dias depois do desastre de Naulila, chegou a Cafima um preto, offegante de larga caminhada a corta matto, trazendo uma «mucanda». O tenente não disse o que a carta continha, mas avisou desde logo a guarnição de que o posto ia ser abandonado, retirando-se para o Posto A, que fica na margem do Cubango a coisa de 150 kilometros para o nordeste.

Então, atabalhoadamente, começou a destruição do cartuchame e do armamento que uma rapida marcha impedia de transportar. Todo o dia seguinte se passou n'esses preparativos: queimou-se a polvora, partiram-se as espingardas, desaparafusaram-se as culatras das 3 peças de artilharia, e das quaes se só pouco ainda em levar uma. A maior parte das bagagens dos soldados e do official arderam tambem. A's 3 da tarde do dia 22 começou finalmente a retirada, não já para o primitivo destino, mas para o posto do Evale, que fica a cerca de 90 kilometros da Cafima.

Andaram toda a tarde, toda a noite. A vigilancia era extremissima, mas o cuanhama não dava signal de si. No dia 24, de manhã, José Martins, que se adeantara um pouco para verificar se havia agua nas cacimbas de Nekso, tornou a apresentar-se ao tenente Encarnação.

— Então, 87, as cacimbas teem agua? perguntou o official.

— Não teem, meu tenente.

— N'esse caso estamos perdidos.

Em torno, os caras tostadas das praças contrahiram-se com desespero. O tenente prosegue:

— E's capaz de ir adeante, 87? Chega ao posto do Evale e mais depressa possivel, pede ao alferes que nos mande a carroça com agua...

— Perfeitamente, meu tenente. Dê-me V. ex.ª um companheiro. Deram-lh'o. José Martins seguiu, com o escoteiro, ao 231 da 1.ª companhia europeia. Mais atraz, cinco pretos conduziam o gado do posto, que já uivava com sede. Os sete homens embrenharam-se no matto, e marcharam até ao amanhecer do dia 25.

— Pelos meus calculos, d'aqui a uma hora estamos no Evale, disse alegremente o José Martins.

Mas o 231 não teve tempo de responder. Tinham caíido na raloeira. Emboscados, os cuanhamas romperam subitamente fogo, e minutos depois os cinco pretos e o soldado estavam mortos. José Martins metteu-se pela brenha, escondeu-se o melhor que poude e esperou. Lá para traz o tiroteio era cada vez mais intenso. Era a tragedia do tenente Encarnação e da sua reduzida columna, uma sangrenta e obscura pagina de heroismo em que quasi todos os nossos deixaram ficar a vida. Com effeito, d'esse massacre horrivel apenas escaparam o 2.º sargento Reis, mais tarde queimado no barbaro captiveiro de N'giva, e um 1.º cabo, que pôde, ao termo de emocionantes aventuras, regressar á metropole.

José Martins não pensava senão em atinar com o caminho do Evale. A certa altura, surprehenderam-n'o no seu esconderijo tres pretos armados, que tiraram grande alarido e fugiram sob a ameaça de um tiro. O soldado, no entanto, occultou-se melhor, e esperou que a noite viesse. A febre trovava-lhe o cerebro de loucas phantasias; as arvores, quasi despidas, dançavam ante os seus olhos desvairados rondas macabras, como esqueletos que erguessem as braças para o céu, n'uma supplica angustiosa, pedindo a esmola do seu orvalho. De ao passar, as hyenas farejaram em torno. A sede era cruciante, e no delirio de beber, lambia as folhas das arvores espessas pelo chão. No dia seguinte começou a sorver a propria urina, e a sensação de molhar os labios restituiu-lhe uma sombra de vigor. Foi assim a sua festa de Natal.

Amanheceu o dia 27, quando José Martins finalmente encontrou a estrada de carro. Estava salvo! O Evale não devia ficar longe, mas a idéa de acabar a sede que o torturava perturbou-o a ponto de errar o sentido da marcha, e começou a caminhar na direcção de Cafima. De subito, viu-se rodeado por mais de cincoenta, gente armada, e que a sua guerrida a quem não teve outro remedio senão entregar-se sem condições. Despiram-n'o inteiramente, roubaram-lhe 30$400 em moedas de 200 réis e uma nota de 10$000 do Banco Ultramarino, de cujo numero ainda hoje se recorda: 16.663. Depois, caíiram-lhe em cima com porrinhos, martellaram-lhe barbaramente os ossos, encheram-lhe o corpo de pontapés, cuspiram-lhe na face torrentes de injurias e de bofetadas. Uma preta prisioneira, antiga creada do sargento Reis, teve piedade de tanta miseria, e, com os olhos rasos de pranto, rasgou um farrapo do seu panno para que o pobre soldado podesse, ao menos, attenuar um pouco a sua triste nudez.

Mas a tortura da sede tornara-o insensivel a tudo o mais. Supplicava que lhe dessem uma gotta de agua, mal podia articular um som, com a lingua inchada e aspera a encher-lhe a bocca entreaberta n'um rictus de pavor... Tremia de febre. Mais calmo, o gentio chegou a ter dó d'elle, e levaram-n'o amparado, quasi ao collo, depois de lhe terem deixado sorver sofregamente alguns gottas de agua, para o local onde devia iniciar o seu periodo de captiveiro.

Durante a marcha, era exhibido com gritos de triumpho. As «mucandonas» sahiam-lhe ao caminho, batendo a cuia, ou enfileiravam alegremente juntos dos «filongos», cantando e rindo, com gestos exuberantes de escarneo:

— «Tchindele! Tchindele! (Branco! Branco!)

Velhas, gaiatos que lhe apontavam as suas flechas, lugubres prophetas que vaticinavam com interminaveis discursos, a falar-lhe da morte e das torturas que o esperavam ainda: o pesadelo proseguiu assim até que, cheio de insultados, menos farrapo humano que um heroe vencido, José Martins se deixou caír sobre a areia do «embala» da chefe local, escravo. Deram-lhe um pouco de pirão e carne podre, como os indigenas a preferem sempre, mas não comeu, porque só tinha sede.

No dia 28 conven, o ou abriu-se finalmente em copiosas cataratas, e venceu o quasi invalido, os negros encarregados de vigial-o foram entreter-se a caçar os ratos que vinham na enxurrada, á beira das «mulollas». Fugiu, tal e o estava: nu e sem bagagens. A dois kilometros foi avistado por uma preta que deu o alarme; logo caíiam sobre elle com flechas e porrinhos, arrazaram-n'o com pancada, e saltaram-lhe sobre o ventre, aos pontapés. A furia tamanha bestial não descançou sem lhe partir alguns ossos, e ainda hoje o soldado tem aleijada a mão esquerda que nunca mais sarou.

Foi só então que certo «lenga», por intermedio de um preto da missão allemã, submetteu o desgraçado a longo e minucioso interrogatorio.

— Porque tinha retirado a guarnição de Cafima? — perguntaram-lhe.

Respondeu que o governo já não queria a terra, que a dava ao gentio, e que mandara por isso desguarnecer todos os postos.

— Mas o governo dá-nos tudo? Não torna a fazer-nos guerra? — insistiu o «lenga».

— Não torna, — assegurou o soldado.

Este estratagema captou-lhe as boas graças do gentio. D'ahi a pouco sabia-se que com effeito todos os nossos postos tinham sido abandonados: «ergo» José Martins não mentia. Falaram-lhe mesmo em que ia ser encarregado de levar uma «mucanda» do soba para o governo do Lubango. Exultou. No dia seguinte, transportaram-n'o para N'giva, onde residia o Mandume.

Avistou alli o 1.º cabo que fora aprisionado com o sargento Reis. Vinha tambem nu, de nuca mais inchado do que o não matassem. José Martins conversou com elle, o resignaram-se ambos para o supplicio. O outro segredou-lhe:

— E' de manhã cedo ou ao pôr do sol... E' o costume do gentio.

Mas um indigena que lhes surprehendeu a conversa assegurou-lhes que não; o «Calungo», o espirito supremo, não queria que morressem. E levaram-n'os a ambos para a missão allemã.

Os padres receberam bem os prisioneiros, deram-lhes alguma roupa, alguns mantimentos; a esposa de um d'elles tratou-lhes das feridas. Os dois portuguezes não sabiam que estavam livres, graças á influencia dos missionarios. A'cerca de Naulila, não lhes disseram uma palavra. O estado do José Martins inspirava horror: esqueletico, atormentado por dores horrorosas, mal podia mover-se. Havia 38 dias que fora preso e dormira sempre nu, sob a inclemencia dos matos sub-tropicaes, ao frio e á chuva. O terreno, encharcado pelas ultimas bategás, infiltrava-lhe no corpo um reumatismo feroz. Em todo o caso dispoz-se a partir para o Lubango.

Mas com um sorriso de falsa piedade, o missionario que os soccorrera tirou-lhes a idéa da cabeça. Que não, que o gentio odiava os portuguezes, que era perigoso arriscarem a viagem pelo norte. O melhor seria dirigirem-se ás auctoridades allemãs, que os protegeriam com toda a caridade e os mandariam repatriar com segurança. Ingenuamente os soldados acceitaram e partiram para o sul, onde, após cinco dias de marcha atravez do areal desolado e nu, chegaram a Okankeio. Tinham caíido em nova ratoeira...

— Que gente é aquella? — perguntou José Martins, reparando n'um grupo de prisioneiros.

— Espera! aquillo são portuguezes, disse o cabo. Distinguem-se dos allemães á legua...

Eram os vencidos de Naulila. Com espanto souberam então, que houvera combate com os allemães, o que o missionario lhes não tinha querido dizer para que mais facilmente caíissem no logro. Escusado será dizer que a promettida caridade e protecção consistiu em submettel-os immediatamente ao regimen de captiveiro!

D'alli seguiram para Otavifontein, onde permaneceram mezes. Passaram fome, dentro do estreito cerrado em que viviam como um rebanho de gado, limitando-se a ração diaria, para 60 homens, consistia em 7 a 8 kilos de farinha, 3 kilos de arroz e 24 kilos de carne. Alguns roubavam o milho que lhes mandavam semear, ou bebiam o sangue dos bois que tinham de abater para as tropas do major Franck. Todos os dias chegavam ao captiveiro as mais sombrosas noticias: as tropas germanicas tinham tomado Londres e Paris, forças de Botha, os boers estavam no sul da Africa revoltados contra a Inglaterra, um corpo expedicionario viria dentro em breve da Allemanha desembarcar em Swakopmund para anniquilar as ... Uma vez souberam pelo gentio que os anglo-boers se encontravam em Olchivarongo, a 130 kilometros do campo. Logo José Martins deliberou fugir, com mais tres soldados, na intenção de falar a Botha, dar-lhe informações acerca da situação, numero e força dos allemães, e ajudar; sendo possivel a libertar os seus compatriotas. Foi apanhado a 75 kilometros de Otavifontein, muito proximo das avançadas inglezas, por uma patrulha de exploração que o obrigou a correr com os seus tres companheiros adeante dos cavallos, sem descanso, sem refeição alguma, os 75 kilometros andados... Metteram-n'os na cadeia a 28 de junho. A 4 de julho foram julgados em conselho de guerra, e a brutalidade proverbial do governador Franck fel-os condemnar em 4 semanas de carcere, a pão e «sem agua»!

José Martins dispoz-se então a morrer torturado por brancos, elle que escapara á ferocidade do gentio selvagem. Mas dois dias depois, Botha vencia finalmente a ultima resistencia e o soldado era liberto como os outros; de prisioneiro passou a carcereiro, e medirá da sua philosophia nos caprichos do destino, fez ainda uma guarda de sentinella aos seus algozes da vespera...

Está ali abaixo, no Hospital Colonial, o pobre José Martins, cujas aventuras davam bem um livro. Conversei ha pouco com elle. Esqualido, muito fraco, cheio de rheumatismo e de dores na cabeça, no figado, no ventre... Tratam-n'o com extremo carinho, mas é vergonhoso que indelevels vestigios no corpo do ...

Cartas na meza

A má-creação

Porto, 17

Houve um divino tempo em que o portuense foi considerado o cidadão mais malcreado do paiz. De um modo geral a sua linguagem era equiparada em distincção e cultura á do arrieiro mais cathedratico, e dizia-se que era difficil atravessar a cidade sem vexame e sem constrangimento. E' hoje a mesma coisa? Não me atrevo a asseveral-o, antes pelo que tenho averiguado me é possivel registar que a linguagem do tripeiro não differe sensivelmente da das outras localidades, mesmo de aquellas em que não ha sessões parlamentares.

Porque é a chamada plebe geralmente tão grosseira e malcreada? Toda a gente garante: porque lhe falta a educação, e é possivel, embora me não pareça. No decurso da minha vida tenho conhecido em creaturas lindamente educadas os grosseirões mais insignes, emquanto que em gente de cathegoria obscura não é nada raro surprehender as mais subtis delicadezas.

Em minha opinião, a incivilidade deriva muito do bem-estar. Os humildes são sempre meticulosos. O homem é tanto mais grosseiro quanto mais prospero, porque a prosperidade dá a insolencia e a insolencia a grosseria. Vêde esto diplomata. Conviveu comvosco nos maus tempos, foi como vós obscuro, como vós soffreu as agruras do não-ter, mas nunca lhe faltaram nem as gentilezas mais requintadas nem os escrupulos mais rigorosos. Pois bem, vêde-o agora. Reconheceis n'elle o mesmo homem, hoje que frequenta salões, vive nas nuvens, convive no alto e julga ter nas mãos supremas os destinos de todos nós? Não reconheceis. Elle deixou de ser o homem regular para se tornar soberbo, depois insolente, impertinente, intratavel, manifestando em todos os seus actos como em todas as suas palavras perante os que julga inferiores todo o espirito arrivista de um Talleyrand de praça de peixe.

Por este exemplo nós podemos reconhecer que a má creação das classes consideradas baixas está na rasão directa da sua fortuna, ou digamos que o povo póde ser tanto mais malcreado quanto mais povo soberano fôr. A felicidade dá a independencia, e o cidadão independente summariamente dirá:

— Você é uma besta!

Emquanto o subordinado procurará formulas para arriscar com timidez:

— V. Ex.ª perdoará, mas sem querer offender penso que é uma cavalgadura.

A má-creação, depois de derivar da felicidade propria póde radicar-se tambem no exemplo. Nos ultimos annos da monarchia falava-se na boa sociedade o calão mais decotado, e eu ouvi meninas d'essa boa sociedade exprimir-se como tarimbeiros. Porque não ha de o exemplo influir no uso? Se na sociedade elegante fôr distincto conversar borrifando as caras de perdigotos, que admira que nas classes menos cultas se leve a elegancia até á propria expectoração?

De quanto me é possivel registar, não julgo que hoje se seja mais geralmente malcreado do que hontem. E admira. Admira, porque os maus exemplos são sempre contagiosos, e não ha hoje em Portugal quem não leia jornaes politicos.

Guedes de Oliveira

Hermano Neves

PEÇAS NOVAS

A "première" d'amanhã no Gymnasio

O que Chagas Roquette nos diz do «Senhor Roubado»

Na vespera d'uma *première* é já agora costume ouvir o que nos diz o auctor da peça, e, principalmente quando esse auctor tem um nome consagrado pelas plateas.

Lá fomos, por isso, em procura de

Chagas Roquette, o auctor da *D. Perpetua que Deus haja*, a feliz peça que durante 30 noites seguidas levou ao theatro Nacional uma tão extraordinaria concorrencia.

Chagas Roquette recebe-nos com a sobre rapaz, que se orgulha tanto dos soffrimentos passados como da condecoração e dos multiplos louvores que em antigas campanhas soube ganhar.

amabilidade que o distingue e sorri-se ao expôrmos-lhe o fim da nossa visita. Depois é com o seu bom *humour* e a sua fina *verve*, bem conhecida dos leitores d'*A Capital*, diz-nos:

— A peça que amanhã sobe á scena no theatro do Gymnasio foi escripta expressamente e por amavel convite dos emprezarios, os distinctos e sympathicos artistas Maria Mattos e Mendonça de Carvalho.

«Trata-se de uma comedia de costumes burguezes. Procurei trazer para o tablado typos observados na vida real e que todos nós conhecemos. Será bem recebido o meu novo trabalho? Terá elle o successo do *Deputado independente*, que fiz de collaboração com Alvaro de Lima, ou o de *D. Perpetua que Deus haja*? Ignoro-o e só amanhã o publico m'o fará saber.

«O que lhe posso desde já garantir é que *O Senhor Roubado* não contem uma unica phrase ou uma situação que possa melindrar seja quem fôr.

«E em tom em que transparece uma leve ironia, o distincto comediographo continua:

— Ha peças em que é costume o chefe da familia ir, sem escolta, apreciar de visu se a esposa ou as filhas podem ir, com toda a segurança, assistir á representação. Pois se amanhã, qualquer marido declarar em casa que recolhe mais tarde porque foi ao Gymnasio fazer a censura da minha peça, não o acreditem, esposas ciumentas!

«Desde que eu vos garanto que podeis assistir sem receio, vossos maridos não terão esse pretexto para vos deixarem em casa... Se elles disserem que foram ao Gymnasio sósinhos... é peta!

«As meninas, ainda as mais timoratas e praticamente ingenuas, terão no *Senhor Roubado* uma *soirée blanche*, e os Mesquitas, chefes de repartição, hão de reconhecer que nada se poz para a desharmonia do lar do que as falsas sogras, a coscovilhice das sacristias e a vida de falsa ostentação.

— Fere então a nota do ridiculo?

— Julgo ter feito uma peça honesta e sã. Se caustiquei ridiculos, que o remedio nos alegram a vida é que são a doce espuma da existencia attribulada dos que trabalham.

Folhetim d'A CAPITAL — 18-2-916

O resuscitado do Rocio

A «Monaco» foi, primitivamente, a loja do «Tio Consciencias» — um velhote que por largos annos ali esteve estabelecido, com negocio de vinho e petiscos e que recrutava na classe dos cocheiros a freguezia da tenda. A afluncia provinha-lhe do rigor com que fazia os trocos. Nunca lhe faltavam as moedas de dois e tres réis para arredondar escrupulosamente o preço das vendas. Foi ao «Tio Consciencia» que o pae de Julio Cruz tomou de trespasse a loja onde mais tarde devia installar-se a afamada tabacaria. A esse tempo, o pae Cruz era agente, em Lisboa, da fabrica de tabacos «Leão», do Porto, com deposito na rua da Assumpção, no sitio d'onde partiam os carros para a Luz e Carnide. De dia, o primitivo proprietario da loja que pertencera ao «Consciencias», andava no seu giro, conservando-se lá só de noite, até ás duas e tres horas, a caturrar com os amigos e freguezes certos — o David, professor do Instituto; Bento Ferreira da Silva; o Maia, com loja de modas na rua Nova do Carvalho, conhecido por ter um grande cão que dava pelo nome de «Cauterets»; o commerciante Moreira Feio, o proprietario Couceiro e o actor Cesar de Lacerda.

A esse tempo, Julio Cruz era estudante do lyceu. Toda a sua tendencia era, porém, para o negocio. As aulas não o attrahiam irresistivelmente, e a sciencia parecia-lhe uma coisa em demasia abstracta para o interessar profundamente. Perdido e achado era na loja. E como percebesse que o caixeiro não ligava ao estabelecimento aquelle cuidado que elle merecia, não dispensando aos freguezes as attenções que lhes eram devidas, foi um dia para o pae e disse-lhe que preferia vender tabacos e jornaes a interpretar codigos, como qualquer bacharel. O creador da «Monaco» revelou-se n'esse momento. Foi n'esse instante de troca d'um destino por outro, que a futura «Capela de S. João Baptista das tabacarias», na pittoresca phrase de Fialho, iniciou a sua brilhante existencia.

D'ahi em deante, o filho dirigia a loja de dia. De noite, o pae continuava á frente d'ella. A's seis horas da manhã, as portas abriam-se para se fecharem apenas ás tres da madrugada. Decorreram assim alguns annos, até que um dia, o Cruz, chamando o pae para junto d'uma velha secretaria que fazia parte do mobiliario da casa, lhe disse:

— «Tudo quanto aqui temos de portas a dentro está pago. E' tudo nosso. Aqui n'esta gaveta, ha alguns cartuchos de libras, que tambem nos pertencem. Não precisa, portanto, de continuar a ser empregado de ninguem. Deixe a fabrica «Leão» e passe a viver vida mais tranquilla e descançada».

O velho Cruz acceitou o conselho, vindo a fallecer em 1889. O filho, n'essa occasião, pagando a dois irmãos que tinha a sua parte, ficou com o estabelecimento. Mas só em 1891 principiaram os trabalhos de ampliação e remodelação da loja, dirigidos pelo architecto Rosendo Carvalheira. A pequena galeria, que só tinha parte para o Rocio, foi rasgada até á rua do Principe, aproveitando-se um espaço que servira de fossa e que se encontrava entulhado. Os trabalhos, para serem pagos com os lucros do estabelecimento, duraram trez annos, tendo sido necessario derrubar paredes, mudar a escada do predio, etc. As obras de carpintaria, pintura e decoração foram confiadas a mestre Diogo, mestre Frederico, Raphael Bordallo Pinheiro e Antonio Ramalho.

A tabacaria não fechou por via das obras. Mas todo o empenho do Cruz era que a clientella não visse, antes de concluido o que se estava fazendo. Para conseguir esse seu desejo, fez cobrir de pannos brancos todas as paredes e os tectos, dando assim ao seu cubiculo a apparencia bizarra de um carro alemtejano. Só se abriu uma excepção em favor do pae do caricaturista Leal da Camara, que era official do exercito e que, tendo de partir para a Africa, não quiz abalar sem vêr os trabalhos já effectuados.

Parece que adivinhava o seu destino! — commenta o Cruz ao recordar a historia do seu estabelecimento. Por lá ficou!

O seguro tambem quiz vêr tudo antes de effectuar o contracto. Parecia-lhe excessivo o valor da casa e o agente da companhia escolhida não se deu por satisfeito senão depois de ter observado tudo com minuciosa cuidado. Ficou, porém, maravilhado. E' que n'esse tempo os estabelecimentos luxuosos eram raros em Lisboa. E a futura «Monaco», com as suas alegres armações de espinheira, com os azulejos artisticos e extranhos de Raphael Bordallo, com as pinturas floridas de Ramalho, ficaria sendo a mais linda tabacaria da capital. A sua inauguração foi um acontecimento para a gente alfacinha. Por aquelle estreito tunnel passaram, nos primeiros dias milhares de pessoas, tendo sido preciso recorrer á policia para regular o desfile da immensa bicha dos curiosos:

— Em 1894, dizia-me ha dias o Cruz, é que começou o periodo brilhante da «Monaco». Para que á minha tabacaria se desenvolvesse cada vez mais, fiz tudo quanto pude. Sacrifiquei-me, emparedei-me, trabalhei de dia e de noite, sem desfallecimentos e sem nenhum descanço. Um dia chegou em que me senti farto. Entendi que podia passar sem trabalhar mais. D'então em deante, só tive um grande pensamento — passar aquillo. Foi o que fiz ha pouco. Antes, porém, chamei o meu caixeiro, que tinha treze annos de casa e disse-lhe: — «Metti-me aqui aos 19 annos; tenho 50 e 31 de serviço. Vou reformar-me com os vencimentos de general. Se quer ficar com isto, dê ordem á vida e arranje capital».

O rapaz — continuou o Cruz — não encontrou capitalista. Só depois de me declarar que desistia de ficar com a «Monaco», é que acceitei propostas de venda. Não quiz entretanto, ao deixar aquella casa, onde passei o melhor tempo da minha vida, esquecer os indigentes a quem soccorria e que eram quinze. Doze recebiam um vintem por semana; os outros quarenta réis. Foram todos avisados da minha retirada e hoje recebem as mesmas esmolas, aos sabbados em minha casa. Os jornaes que na «Monaco» tinham caixa para a sua correspondencia, pelas quaes pagavam aluguer, passarão a tel-as de futuro gratuitamente.

— E porque se chama a sua tabacaria «Monaco»?

— Por ser para as tabacarias de Lisboa o que o principado de Monaco é para as nações da Europa — a mais pequena de todas.

E' esta a historia pormenorisada da «Monaco». Ella deve interessar certamente, quantos conhecem essa tabacaria de fama, que é uma das instituições alfacinhas, como o é o Martinho, como o é o Suisso e como o são os Armazens Grandella. A' semelhança dos outros estabelecimentos onde se conversa e se lê, onde se mata o tempo, emfim, a «Monaco» teve sempre os seus «habitués» infalliveis. O Cruz fala d'elles com visivel enternecimento. Eram os amigos da casa. Eram os seus amigos. Havia-os de todas as classes e de todas as cathegorias. Mestre Diogo, por exemplo, um excentrico que imitava a Emilia das Neves, na tragedia «Judith»; o Leotte, algarvio, que fazia gala de se parecer com Carlos Relvas; o Villela, cantor da Sé; Botelho, que foi empregado do Gaz; o Cibrão, funccionario dos correios; o Garin, um elegante de ha vinte annos, a quem pode chamar-se o principe da bohemia do seu tempo; o proprietario Manoel Tormenta; Adriano de Moraes Carvalho, funccionario superior das Alfandegas, um janota conhecido de toda a Lisboa; o general Pizarro, excellente official e homem não menos excellente; o marquez de Franco, excentrico e impertinente; Diogo Patrone, Gualdino Gomes, Eduardo Peres, etc.

Do grupo de hoje faziam parte Coelho de Carvalho, Affonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Augusto Rosa e Santos Netto, todos elles presididos por esse excentrico e fidalgo espirito que é Francisco Carrelhas. Era elle, e é ainda hoje quem n'aquelle pequenino recanto da «Monaco», que fica lá ao fundo, junto do telephone e da caixa do correio, pontificava. Alli passei horas de supremo encanto, ouvindo falar de tudo — de politica, da guerra, de coisas artisticas, de factos e de coisas banaes, dos problemas mais transcendentes e das deliciosas ninharias que tanto nos alegram a vida e que são a doce espuma da existencia attribulada dos que trabalham.

O Cruz, quando o grupo falava mais alto e lançava na galeria pacata a nota viva da irreverencia, approximava-se, olhava-os de sobrecenho carregado e afastava-se lentamente, deslisando ao longo do balcão, como uma sombra. Isso bastava. Todos nós nos entreolhavamos, confusos, e as falas altas transformavam-se como que por encanto em quasi imperceptiveis murmurios. As proprias risadas, levemente satanicas, de Coelho de Carvalho se amorteciam e tomavam outro tom mais amavel quando o Cruz, ao tomar os ares austeros de quem reprehende, vinha até nós para nos recommendar, só com a sua presença, moderação.

Ultimamente, o Cruz fechava a «Monaco» aos domingos, das 5 ás 8 horas, para jantar em casa. D'antes, só por via de tumultos ou de revoluções abandonava o seu posto. Desde João Franco até ao 14 de Maio, teve, por esse motivo, alguns feriados. Agora, o Cruz está outro. Resuscitou. Vive. Faz a vida de toda a gente que é rica e tem a animal-a um grande, um profundo interesse. E' que na existencia d'este homem que todos julgavam absolutamente anesthesiado contra todos os grandes sentimentos que podem encher o coração humano, floriu ultimamente a preciosa flôr da bondade. D'ahi, a resurreição.

ADELINO MENDES

...se aproveite a tantos que d'elle necessitam.

Um aperto de mão, sinceros votos pelo exito da nova peça e estava terminada a entrevista.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

OPERA LYRICA

Mais duas recitas de Battistini

Produziu optima impressão no publico «dilettanti» de opera o facto da Empreza do Colyseu ter conseguido que o insigne barytono Battistini accedesse a cantar mais duas noites em Lisboa, aproveitando os dias que tem livres até á sua estreia no «Real» de Madrid.

A primeira d'essas recitas extraordinarias em que a empreza bizarramente mantem os preços da ultima recita popular, realisa-se amanhã, commemorando o centenario do «Barbeiro de Sevilha» que todos os theatros lyricos de Italia celebram amanhã. Escusado é dizer que Battistini se encarregou do gracioso papel do «Figaro», tendo como «Rosina» o soprano ligeiro Nadina Tagel, que a uma rara formosura allia uma voz encantadora, como o publico tem consagrado já.

A outra recita, ultima, em festa artistica do grande cantor e sua despedida de Lisboa é na 3.ª feira com um magnifico programma.

Protecção á infancia

Solemnisando a installação na sua nova séde, travessa do Carmo, 2-A, offerece a commissão executiva da Associação Protectora das Creanças depois d'ámanhã, um jantar ás creanças protegidas por aquella associação.

No Salão Foz

Mario Alfaro é o nome do celebre ventriloquo que agora se exhibe no Salão Foz. O que esse homem é, podem-no atestar os milhares de espectadores que desde o dia que elle se estreou teem accorrido ao magnifico salão para admirar o seu extraordinario trabalho. Em ventriloquia não ha melhor; quando a sua boneca canta todos os olhos se fixam na bocca de Alfaro e é tal a sua immobilidade que temos a illusão perfeita de que é a boneca que canta. Mas Alfaro não é só um ventriloquo de valor, é tambem um magnifico cantor e transformista. Veste de senhora com a correcção mais completa, não esquecendo o mais pequeno detalhe, o mais minucioso pormenor.

Mas os espectaculos no Salão Foz não se compõem só da apresentação do extraordinario Alfaro. Nelly-Nell, a bailarina excentrica, é um numero que todas as noites recebe applausos enormes pelas suas danças cheias de belleza. A troupe Les Mascotes constituida por 6 gymnastas de valor é todas as noites alvo de applausos bem merecidos.

VIDA DIPLOMATICA

Dr. Sousa Dantas

Completando a noticia que hontem demos sobre este illustre diplomata, diremos que no correr do anno de 1914 occupou elle interinamente o cargo de sub-secretario d'Estado das Relações Exteriores durante o impedimento, por motivo de doença, do respectivo titular dr. Frederico de Carvalho, que durou alguns mezes, e ainda por essa epoca e, no impedimento do ministro Lauro Muller, esteve encarregado do expediente d'essa secretaria d'Estado.

Na Italia occupou o dr. Sousa Dantas uma situação excepcional, tendo sido amigo de homens d'Estado eminentes e assim é que, simples segundo secretario, viu sentados á meza dos seus banquetes homens como o marquez de Rudini.

Comquanto novo em edade, não é o mais novo dos plenipotenciarios, tendo abaixo de si no quadro diplomatico os actuaes ministros brazileiros acreditados na Italia, Santa-Sé, Vienna, Dinamarca e Paraguay.

O famoso concerto Blanch no domingo

No domingo realisa a Orchestra Symphonica Portugueza no theatro Republica, o sexto concerto de assignatura e para elle o illustre maestro Pedro Blanch organisou um extraordinario programma em que figura a celebre «6.ª Symphonia pastoral» de Beethoven, «L'aprenti sorcier», de Dukas, as duas «Dansas hungaras» de Brahms, a «ouverture» do «Eryanthe» de Weber, sendo a 3.ª parte consagrada toda a Wagner, com a Walkyria», a despedida de Wotan», o «Encanto do fogo» e a famosa «ouverture» do «Rienzi». Logo que foi conhecido o programma a procura de bilhetes tem sido enorme, pois todos querem de antemão assegurar o logar para não acontecer como nos anteriores concertos.

SPORT

O presidente Raymond Poincaré, sportsman

18 de fevereiro de 1913 — 18 fevereiro 1916

Lembram-se, no anniversario da sua eleição, as suas preferencias sportivas e athleticas

Na memoravel recepção do novo academico Raymond Poincaré, em 9 de dezembro de 1909, o sabio Lavisse, acolhendo, na Academia, o futuro presidente da Republica Franceza, disse-lhe:

—«Vois sois alguem que não gosta de estar quieto».

Esta phrase representa uma biographia completa e devemos lembral-a no dia de hoje, 18 de fevereiro, exactamente tres annos, dia a dia, depois que o notavel francez, politico, historiador e litterato, assumiu a suprema magistratura do seu paiz.

Para os homens de sport, aquella phrase indica que o sr. Raymond Poincaré é um apaixonado do movimento, dos exercicios phisicos e dos sports. Assim é. Assim elle proprio o confessou quando ha dois annos, foi entrevistado pelo jornalista sportivo Georges Paramé. E tal enthusiasmo manifestou pelo athletismo, tal emoção descreveu nas recordações dos seus tempos de rapaz, tal elogio expoz do valor util da bicicleta, do automovel e do aeroplano, que Paramé affirmou:

—«O presidente da Republica não é só o primeiro cidadão francez, é tambem o primeiro «sportsman» da França!»

Esta phrase admirativa mas justificada, confirmou-a o sr. Poincaré, no seu primeiro anno de presidencia. Não falamos do segundo anno porque as suas attenções se voltaram para a grande guerra.

N'esses primeiros mezes foi um benemerito da causa da educação phisica, mantendo a constancia dos educadores do musculo, auxiliando certamens, patrocinando provas athleticas, presenciando todos os grandes campeonatos e presidindo aos grandes torneios.

Quando, ha quatro annos, o presidente Poincaré, então simples ministro, fez o elogio de Leonard Vinci como um precursor da aeronavegação, exprimiu em phrase elegante, artistica e eloquente, o seu amor pelos exercicios phisicos. Foi n'essa occasião, que elle contou a um redactor d'um jornal italiano, que estava presente, que o seu primitivo sport tinha sido a marcha.

—«Bellos tempos esses, em que a maior alegria era a de fazer alguns kilometros a pé, n'uma marcha, relativamente accelerada!...»

Esses tempos lembrados com viva saudade, eram os tempos de Raymond Poincaré, capitão de caçadores alpinos no 26 d'infantaria em Nancy, regimento em que foi voluntario, depois cabo, sargento e official. Os Vosges são excellentemente conhecidos d'esse audaz amigo de marchas a pé...

Depois, o «primeiro cidadão da França» mostrou preferencia pela bicicleta. Praticava-a com ardor e com paixão. Disse elle a Paramé:

—«Fiz bastantes excursões, com o meu excellente companheiro Maurice Bernard...»

Assim sucedeu na verdade. Ha na França quem o possa comprovar. E' o celebre «sportsman» e jornalista Victor Breyer, que via com frequencia os dois ciclistas apetrecharem e prepararem as bicicletes em casa do seu pae, o Breyer dos bicicles antigos... Poincaré diz que a bicicleta tem enorme influencia utilitaria e social e extraordinaria vantagem na preparação militar.

A seguir á bicicleta, que hoje evidentemente não pratica, seguiu-se a preferencia pelo automovel. Consagra-lhe uma attenção especial. E' dos mais notaveis turistas do seu paiz. Para convencer os «autofobos», emprehendeu em setembro de 1913, uma viagem official, fazendo sempre de automovel o esplendido circuito Paris-Limoges-Perigueux-Toulouse-Bordeus. E em 1914, queria visitar, sempre de automovel, todas as estradas dos Alpes, subindo até aos picos de neve, para terminar junto do Mediterraneo! A maldita guerra prejudicou-lhe os magnificos projectos de «turista presidencial».

O gosto pelo automobilismo teve outras occasiões para se revelar. Inaugurou o Salão automobilista e percorria «stand» por «stand», prodigalisando pelos expositores e pelos constructores observações, em que affirmava a mais auctorisada e viva competencia.

Outro sport o interessa. E' o da aviação. Diz que:

—«E' o sport do futuro. Vae revolucionar as condições da vida social e das guerras futuras...»

Poincaré era visita assidua dos aerodromos militares, tendo inaugurado alguns. Agora na guerra segue o trabalho heroico d'esses conductores de aeroplanos, que vigiam a fronteira, que passam por cima das linhas inimigas, que semeiam a incerteza nos exercitos allemães.

Tambem na guerra de hoje, elle vê e sente orgulho pelos seus soldados, que são verdadeiros athletas e modelos de energia e coragem. São, na verdade, aquelles homens, que elle queria e com que sonhava quando disse a Hebert em outubro de 1913, em Reims:

—«Queria que cada francez fosse um athleta...»

O athletismo preoccupava-o. Foi dos que mais animou Pierre de Coubertin na sua propaganda do «olympismo».

...Todas estas coisas se deviam lembrar em 18 de fevereiro, tres annos depois, que Raymond Poincaré é presidente da Republica Franceza.

Nota do dia

Chegaram hoje os hespanhoes e jogam ámanhã, em Sete Rios, contra um novo grupo de portuguezes

Foram esperados os jogadores madrilenos do Racing por numerosos «sportsmen» lisboetas.

Essa grande recepção explica-se dizendo que os *foot-ballistas* hespanhoes deixaram muitos amigos em Lisboa e que muitos curiosos, que os não conheciam, queriam ver de perto os jogadores que teem a pretensão de vencer, com facilidade, os nossos compatriotas...

Essa duvida sobre a possivel victoria vae começar a decidir-se amanhã, no campo de Sete Rios, á tarde. O combate ainda tem outro attractivo. E' o de que o Sport Lisboa e Bemfica apresenta, em campo, o seu novo primeiro «team», aquelle que vae figurar nos torneios da «Taça de Honra».

Sim, é verdade...

O Bemfica organisou dois primeiros «teams», um de «reservas», outro dos antigos «players», que ambos disputarão os futuros campeonatos. O grupo que se apresenta ámanhã é formado pelos srs.:

Stock
Bugalho — J. Costa
Viegas — Fausto — C. Pinto
Annibal, Ribeiro, Rogerio, Rosmaninho, Mengo

São supplentes Florencio e Guerra. Além d'este desafio realisa-se ámanhã outro. As primeiras cathegorias começam a jogar ás 16 horas.

Não resta duvida que ámanhã, o campo de Sete Rios, vae reunir milhares de espectadores.

Algumas anecdotas

Quando eu falar com Maeterlink...

Succedeu isto em Nice, no dia em que Pat O' Keefe foi derrotado por Carpentier.

O presidente do jury era o illustre Maeterlink, que mantinha animada conversação com o «manager» de Carpentier, o não menos conhecido do que este, Descamps.

Appareceu Mich, o notavel desenhador, que ao passar por Descamps, disse:

—Olá, ó velhaco, ó pelludo, isto marcha bem?

—Menos mal, obrigado...

Alguns minutos depois, Descamps foi procurar Mich e disse-lhe com o ar mais grave:

—«Olha lá, peço-te que quando eu falar ao illustre Maeterlink, não me cumprimentes de maneira tão trivial...»

Mich jurou uma grande reserva, mas esse juramento tinha de o pagar com uma garrafa de Champagne. Descamps cumpriu, mas o maroto de Mich, atalhou:

—«...com uma excepção...»

—«Qual?

—«Quando falares ao presidente da Republica ou quando Carpentier seja campeão do mundo».

—«Que importa?! Se n'esse dia sou capaz de te afogar em Champagne...»

Os grandes records

Ainda pelo jogo do cricket

Desde 1895, que existe no jogo do «cricket» um «record». E' o dr F. Richadson, de Surrey, que deitou a terra 290 «wickiets», durante os desafios entre os primeiros jogadores da Inglaterra, na epoca d'esse anno.

O maior lucro d'um profissional de «cricket» foi o realisado por G. H. Hirst, do Yorkeshire, que recebeu 3.703 libras 2 shillings pelo resultado do seu desafio em Leeds, em agosto do 1904. Durante esses tres dias, 78.792 pessoas viram o jogo.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Poule hyppica

O ar livre tambem tem os seus encantos e ainda não foi supplantado em epocha alguma. A «poule» hippica annunciada para domingo é uma prova frisante de quanto são queridas estas reuniões, não só pelo agradavel bocado da tarde que ali se passa, como por constituir um ponto de reunião amplo e commodo.

A inscripção encerra-se no sabbado pelas 10 horas da noite. Para a 1.ª prova são nove os obstaculos com a altura maxima de 1 metro e para a 2.ª doze obstaculos com a altura maxima altura de 1m,20.

Os cavalleiros que se inscrevam além do praso acima indicado não podem concorrer a premio, nem entrar no leilão de cavallos que nas duas «poules» anteriores tanto enthusiasmo despertou entre os amadores.

Poule de tiro aos pombos

Não se podendo realisar, como habitualmente, a sessão de tiro aos pombos no proximo domingo em virtude de n'essa tarde se realisar em Palhavã a reunião hippica, a que n'outro logar nos referimos, a proxima sessão realisa-se amanhã, pelas duas horas da tarde. Duas causas concorrerão certamente para que esta sessão seja bastante concorrida: o facto de se ter encerrado a epocha de caça e o de os atiradores se quererem treinar devidamente para a grande sessão da «Taça Lisboa» que se realisa nos dias 11 e 12 do proximo mez de maio.

Club Naval de Lisboa

Pede-nos a direcção d'este importante Club para que tornemos publico que todos os premiados que não puderam comparecer na festa de distribuição de premios na Sociedade de Geographia, podem requisitar os premios a que teem direito na séde do Club todas as tardes ou ás noites desde as 21 até ás 23 horas, até ao dia 29 d'este mez, em que esta direcção acaba o seu mandato.

Findo este praso não se responsabilisa pela sua entrega. Aos que estiverem ausentes, serão entregues por meio de uma carta do proprio que a tal auctorise.

Previnem-se tambem todos os proprietarios de embarcações registadas no Club Naval que de accordo com a capitania do porto é cobrado pelo Club o imposto do Instituto de Soccorros a Naufragos.

O grupo n.º 13 de escoteiros

Na Amadora, na magnifica sala dos Recreios Desportivos, gentilmente cedida, realisou-se hontem a assembleia geral do grupo 13 de «Escoteiros de Portugal», que desejam elevar o grupo a collectividade prospera, que diga com os progressos da localidade, e de maneira que cause enthusiasmo á Associação Central, que, na verdade, devia estar descontente com o que o grupo fez no anno passado, e que foi pouco, mesmo muito pouco...

Approvaram-se os estatutos. Estabeleceu-se a séde provisoria n'uma das salas dos Recreios Desportivos. Activou-se a propaganda, que será iniciada no proximo domingo com uma conferencia, pelo nosso collega de redação dr. José Pontes, ás 2 horas e meia da tarde.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Estão marcados os seguintes desafios para o dia 20 de fevereiro de 1916: Campeonato escolar: A 2.ª cathegoria escolar começa a disputar o campeonato respectivo no proximo domingo, 27; Na 3.ª cathegoria: Instituto de Pupillos contra Ferreira Borges, no campo do Lyceu de Pedro Nunes, ás 13 horas, juiz o sr. Amilcar Breia; Rodrigues Sampaio contra Passos Manoel, no campo do Lyceu de Pedro Nunes, ás 14,30 horas, juiz o sr. Amilcar Breia; Calipolense contra Casa Pia, no campo do Lyceu de Pedro Nunes, ás 16 horas, juiz o sr. Arthur Santos; Pedro Nunes contra Academia, no campo do Lyceu de Pedro Nunes, ás 11,30 horas, juiz o sr. Arthur Santos.

Campeonatos inter-clubs: 1.ª cathegoria, Lisboa F. C., marca 2 pontos por o Sporting ter desistido; 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. marca dois pontos por o Sporting ter desistido; Cruz Quebrada marca dois pontos por Internacional estar suspenso. 3.ª cathegoria, Bemfica marca dois pontos por o Sporting ter desistido; Victoria contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 19 horas; juiz o sr. Rogerio Peres; 4.ª cathegoria, Atheneu contra Lisboa F. C. em Palhavã, ás 14 horas; juiz o sr. Pedro Pagani; Palmense marca dois pontos por o Imperio ter desistido.

ULTIMAS NOTICIAS

CONFLICTOS ACADEMICOS

Os estudantes da Medica

em reunião com os da Faculdade de direito protestam contra o que se disse no Parlamento

Os alumnos da faculdade de medicina e direito tiveram hoje uma reunião magna para tratar do conflicto academico e particularmente da attitude assumida no parlamento a seu respeito pelos srs. presidente do ministerio e ministro de instrucção.

A vasta sala do palacio Valmor estava apinhada completamente, assumindo a presidencia o sr. José d'Azevedo Perdigão, alumno da faculdade de direito, secretariado pelos srs. Barbosa Vianna e Custodio d'Almeida Coelho. Na ardosia o espirito de protesto traçou a giz as palavras «Viva a grève!» e a irreverencia estudantil, pelo mesmo processo, fixou a caricatura do chefe do governo. Sente-se na atmosphera carregada qualquer coisa de grave que paira, superior ao ruido da mocidade escolar.

Os primeiros oradores reprimem a custo as suas imprecações. Os protestos contra as affirmações do chefe do governo e contra a attitude do ministro da instrucção provocam os mais vehementes applausos. O orador dos vinte annos, que a população academica parecia ter perdido, renasce n'aquella assembleia, furibunda, energica, semeando apostrophes e despejando ironias. O sr. Adeodato, da Escola Medica, refere o que se passou no Parlamento, repellindo a injustiça das affirmações do chefe do governo. O sr. Barbosa, não perdoa tambem ao presidente do ministerio o labeu lançado sobre a academia. Esqueceu-se o sr. dr. Affonso Costa de que era reitor da faculdade de direito, quando classificou de tumultuarias as justas reclamações dos alumnos da Escola Medica. Conclue affirmando que a grève geral dos estudantes se torna indispensavel para que a academia se desforce condignamente do aggravo soffrido.

O sr. Vieira Junior apresenta uma extensa moção de protesto que em seguida retira. O sr. Luiz Barata propõe que a Federação academica solucione o conflicto, entendendo-se com os representantes do governo. Falam, depois, outros alumnos das duas faculdades entre os quaes o sr. Alfredo Troni que apresenta uma proposta para que a Associação da Faculdade de Medicina redija um manifesto rebatendo e esclarecendo as affirmações do chefe do governo no parlamento, acerca do conflicto academico e que a assembleia aguarde e acate as resoluções que sobre o assumpto tome a Federação.

A assembleia approvou tambem outra proposta do alumno sr. Machado para que a associação da Escola Medica, em officio, informe o conselho disciplinar d'aquella escola de que todos os alumnos assumem collectivamente as responsabilidades no caso Silvio Rebello.

A's 15 horas e meia, tendo falado muitos outros estudantes a sessão foi encerrada, começando a commissão a preparar os trabalhos de redação do manifesto.

COIMBRA, 18.—A academia ordeira e intransigentemente continua na sua attitude. Aguarda-se a chegada do sr. capitão Freiria que o governo envia como seu delegado para solucionar o conflicto. Os alumnos da faculdade de medicina resolveram reclamar a eliminação do anno de pratica segundo a nova Reforma, mas só depois de terminada a grève, para não tornar mais difficil a situação actual.

Na Escola Medica de Lisboa reabrem ámanhã as aulas

Na sessão de hontem da Camara dos Deputados foi apreciado largamente o risco da perda de anno dos estudantes da Escola Medica de Lisboa. Incidentes anteriores originaram uma irregular frequencia escolar n'aquelle estabelecimento de ensino, aggravada agora com o encerramento das aulas.

Quanto a alguns alumnos abrangidos pelas disposições da lei n.º 478, o caso tem estado affecto ao conselho escolar, affirmando os srs. presidente do ministerio e ministro da instrucção que essa lei será cumprida. No emtanto, para não crescerem as difficuldades da situação em que se encontram os alumnos, por causa do encerramento da Escola, as aulas da faculdade de medicina serão reabertas ámanhã. Não se trata apenas da possibilidade da perda de anno, mas sim da conveniente preparação de academicos qe se destinam a uma profissão tão melindrosa como é a do exercicio da medicina.

Na Camara dos Deputados

Por causa da commissão de inquerito, as minorias abandonam a sala

Presidindo o sr. Manuel Monteiro e estando presente o sr. ministro da justiça, a sessão principia. O sr. Abilio Marçal manda para a mesa os pareceres aos projectos da auctoria dos srs. Pereira Victorino e Moura Pinto, revogando a lei do afastamento dos funccionarios. O sr. Pereira Victorino pergunta que destino vão ter esses processos que são contra os projectos e que não terminam por outras propostas de lei. O presidente responde que segundo o regimento, tem de mandar publicar os pareceres no *Diario das Sessões*. Voltando a falar, o sr. Pereira acha que o assumpto é importante, tão importante que já dos pareceres foram fornecidos extractos á imprensa e requer que os pareceres sejam impressos em separado como quaesquer outros. O sr. dr. Lopes Cardoso declara que a commissão de administração publica não forneceu o parecer á imprensa. O requerimento do sr. Pereira Victorino é approvado. O sr. Antonio Macieira requer que entre em discussão o projecto que permitte a entrada em Portugal de vagons-cisternas para a conducção de vinho e que auctorisa a utilisação do vasilhame de torna viagem para o transporte de vinhos de armazem para armazem, dentro do paiz. E' approvado, bem como o projecto, depois de falarem os srs. Antonio Macieira, que propõe a eliminação do artigo 1.º que restringe o praso para a utilisação da cascaria de torna viagem, até 30 de junho, Joaquim Ribeiro, que discorda d'essa emenda, por ella ir tirar ao projecto o que de principal n'elle havia. O sr. Ernesto Navarro, relator, tambem discorda da emenda por ella estar em opposição com o espirito do projecto, o sr. Bernardo Lucas, tendo muita consideração pelos tanoeiros, entende que o projecto não os vae prejudicar, tão pouca é a materia prima que ha em Portugal, para a confecção de cascaria.

O sr. Antonio Macieira volta a falar para explicar a sua emenda e o sr. ministro das colonias, por estar ausente o sr. ministro do fomento, declara que concorda com elle, por ser preciso acautelar os interesses dos operarios. O sr. Simões Raposo acha a emenda Macieira inacceitavel por não comprehender como se possam estabelecer sem difficuldade as condições em que se pode exportar vinho. Que mal fará á tanoaria nacional a vinda de vapores estrangeiros para a exportação de vinhos? O sr. Jorge Nunes quer que se pondere bem o assumpto, para que não se attente contra interesses legitimos de negociantes, lavradores, exportadores ou industriaes.

Exgotada a inscripção, procede-se á votação, sendo approvado o projecto com as emendas do sr. Antonio Macieira. Na ordem do dia procede se á votação nominal da moção do sr. Barbosa de Magalhães sobre a questão academica, que ficou da sessão de hontem. E' approvada. Todas as outras moções são rejeitadas ou dadas como prejudicadas. O presidente annuncia que vae passar-se á eleição dos vogaes que faltam para a commissão de inquerito.

O sr. Alfredo de Magalhães—Peço a palavra sobre o modo de votar.

—De votar o quê?—pergunta cá de cima, o sr. Godinho.

—O quê? A commissão.

O sr. Godinho abandona a presidencia e interrompe a sessão. Certos tampos de carteira rufam com força. A sessão reabre ás seis menos dez. O sr. Alfredo de Magalhães volta a pedir a palavra sobre o modo de votar.

O sr. Manuel Monteiro—Não posso dar a palavra a v. ex.ª O Regimento não o consente. Não ha discussão. As votações são secretas.

E o presidente abandona o seu logar para votar. N'essa altura, o sr. Arestá Branco irrompe em imprecações contra a maioria, abandonando as minorias a sala. A eleição, d'ahi em deante, prosegue, sendo votados os srs. Costa Junior, Pereira Victorino, Castro Meyrelles, João Gonçalves, Antonio Portugal, Constancio de Oliveira e Armando Ochôa. A eleição, porém, deve ser annullada por falta de numero.

Nos Estados-Unidos

Quem será o futuro presidente da republica norte-americana?

Washington, 15 de fevereiro

Os homens politicos do partido republicano que tinham feito, em 1912, a mais forte opposição á candidatura do sr. Roosevelt, consideram actualmente a possibilidade para o partido de o escolher este anno como seu porta-bandeira. O facto do comité nacional progressista de Chicago preparar as vias para uma reconciliação das duas fracções do partido reforça este sentimento. Fala-se tambem, no partido republicano, do sr. Hughs, antigo governador do Estado de New-York. Uma das coisas que prejudicam a candidatura do sr. Wilson foi o reconhecimento, em demasia apressado, do governo do general Carranza, quando o seu governo não estava realmente senhor do Mexico, assim como o demonstraram as carnificinas dos americanos na provincia do Chihuahua. Os proprios democratas reconhecem que o governo do sr. Wilson commetteu, com isso um grave erro.

Na Companhia dos Tabacos

Operarios que não retomam o trabalho sem lhes darem garantias

Quem esta tarde passava na Avenida da Liberdade em frente dos escriptorios da Companhia dos Tabacos notava diversos grupos, constituidos na maioria por mulheres. Esses grupos eram de operarios d'aquella companhia que ali haviam ida para tratar de uma ordem de serviço, que não querem acceitar. Procurámos saber do que se tratava e apurámos o seguinte:

A companhia, necessitando de pessoal, mandou chamar cento e tantos operarios que ha annos não trabalhavam, em vista de terem remido por dinheiro os seus logares. Esse pessoal era chamado ao effectivo, mas sem as garantias que o restante pessoal tem, ou seja sem direito a ingressarem na caixa de soccorros e reformas, trabalho effectivo e participação nos lucros, conforme o legado Paulo Cordeiro.

A companhia queria que esses operarios e os delegados da associação assignassem um contracto, o que elles não fizeram, declarando que os operarios só entrariam na fabrica em egualdade de direito aos que já ali trabalham.

Esse pessoal e os delegados foram á companhia e ahi apresentaram o seu protesto e, como a direcção nada decidisse, ficou resolvido que todos entrem amanhã ao serviço emquanto os delegados vão tratar do assumpto junto do commissario do governo e do proprio governo.

Como é de calcular, o caso fez movimentar a classe, não se tendo dado, porém, qualquer nota discordante.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

EXPOSIÇÃO ANTONIO SAUDE

Abre amanhã a exposição d'este distincto artista, installada no Salão Bobone. Será visitada, pelas 15 horas, pelo sr. presidente da Republica.

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel de Inglaterra, assistiram: mesdames Brandão de Mello, Cats, Queiroz Guedes, Brito e Vasconcellos, Infante da Camara e Howkins, D. Maria Irene Figueira d'Andrade, D. Maria Augusta Fernandes, mesdames Fuld, James, Pleq e Cunha Mattos, D. Laura Castro, mesdames Carvalho, Fragoso, Helene Nery, Nodder, Albagli, Torres, Firth, Farge e Barros e D. Sarah da Silva; e os srs. Virgilio Dias Rebello, José Maria dos Santos Elvas, Armindo dos Santos, Antonio Augusto dos Santos, Americo Paes do Couto, Emilio Infante da Camara, François Massilon, Maurice Kats, Augusto Briant, dr. Antonio do Lago Cerqueira, Gabriel Torres, René Beraud Villar, Peixoto, Howkins, David, Vieira Braga, dr. Francisco Fernandes, Walter Fuld, James, José de Castro, Eduardo Fragoso, Noder, Albagli Barros, Herbert Richet, dr. Alfredo Torres, David Cats, Taylor, Rocha Romariz, Ricardo Garnier e Charles Goodall.

DR. THEOPHILO BRAGA

Passa na proxima quinta feira o anniversario natalicio do venerando democrata sr. dr. Theophilo Braga.

Varias aggremiações politicas, litterarias e scientificas projectam organisar n'esse dia uma manifestação aquelle illustre homem publico.

LUTUOSA

Falleceu hoje e sepulta-se amanhã, a menina Estella Correia Santos, sahindo o prestito funebre ás 11 horas e meia, da rua de S. Nicolau, 13, 4.º E.

A grande guerra

A Romania vae entrar na guerra?

LONDRES, 18.—Nos mais auctorisados centros diplomaticos ha a convicção de que a entrada da Romania na guerra ao lado dos alliados se fará muito breve.—*(Corresp.)*.

A mobilisação da Romania é completa. O Estado Maior reforça as defezas dos Carpatos e das margens do Danubio.

N'uma das recentes entrevistas entre o sr. Bratiano e o sr. Radef, ministro da Bulgaria, este desenvolveu a these de que a Romania devia unir-se á Bulgaria e á Allemanha para atacar a Russia. O sr. Bratiano respondeu a isto que a Romania tem grande interesse na manutenção da neutralidade armada. Alguns jornaes, dos mais importantes, teem publicado, porém, artigos indicando a conveniencia d'uma alliança com a Russia e dizem que o futuro da Romenia e as circumstancias a levam, evidentemente, a apoiar-se na Russia, alliada das potencias liberaes: Inglaterra, França e Italia.

A situação do governo Bratiano consolida-se cada vez mais pelo apoio do monarcha e pelo accordo de Bratiano e da opposição, que decidiu prestar todo o seu concurso ao governo.—*(Corresp.)*.

O afundamento de barcos inglezes

LONDRES, 17.—Tendo continuado a apparecer na imprensa germanica informações inexactas ácerca de afundamento de navios inglezes, nomeadamente de dois navios de guerra ao largo de Dogger-Bank, na noite de 10 do corrente, noticias que teem sido telegraphadas pelos correspondentes dos jornaes para os paizes neutros, o Almirantado britannico reitera a sua informação official feita por essa occasião, assegurando que apenas o *Arabis*, um navio caça-minas e não um cruzador, foi afundado pelo inimigo. Os restantes trez navios empregados na referida tarefa juntamente com o *Arabis*, regressaram ao porto indemnes.—*(Havas.)*

A campanha na Russia

PETROGRADO, 17.—Official.—No sector de Dvinsk, onde os nossos aviadores lançaram bombas, repellimos os ataques á aldeia de Garbunovka. Na Galicia, ao norte de Uossetchko, repellimos tentativas. No Mar Negro, por occasião da occupação da posição nas margens do rio Vitzesu, os nossos navios canhonearam os turcos que batiam em retirada. Durante o assalto aos fortes da primeira linha do Erzeroum, tomámos 29 canhões. No assalto ao forte de Taft aprisionámos 39 officiaes e 1:413 askaris e occupámos a fortaleza do Erzeroum. Ha grande numero de incendios na cidade.—*(Havas.)*

A lucta no theatro occidental

PARIS, 18.—Communicação official das 15 horas:

Noite calma no conjuncto da linha.—*(Havas.)*

LONDRES, 18.—Official.—Tem havido grande actividade de minas. O inimigo tentou em vão occupar uma excavação proximo da fossa 8 e ao sul de Loos. Canhoneámos as trincheiras allemãs proximo do reducto de Hohenzolern e a leste de Armentières.

Entre o canal e a via ferrea de Ypres a Commines a situação não mudou.—*(Havas.)*

Os inglezes na Africa Oriental soffrem um revez

LONDRES, 18.—Na Africa oriental um importante reconhecimento verificou que a colina de Salaita está fortemente occupada por numerosas reservas allemãs estabelecidas nas visinhanças. As perdas britannicas foram de 172 homens, 139 dos quaes pertenciam á brigada sul-africana que combatia pela primeira vez no matto.—*(Havas.)*

Submissão de tribus egypcias

LONDRES, 18.—O *Times* publica um telegramma do Cairo noticiando que os «auladali», tribus visinhas da fronteira egypcia, arrependidos de se haverem juntado aos tripolitanos amotinados pelos turcos, teem vindo apresentar a sua submissão aos inglezes.—*(Havas.)*

NA AMADORA

A creação d'uma parochia civil

E' o seguinte o parecer da commissão d'administração publica, hontem apresentado á Camara dos deputados sobre o projecto de lei renovado pelo deputado sr. Annibal Lucio de Azevedo para a creação d'uma parochia civil na Amadora:

«Senhores deputados.—A vossa commissão de administração publica, examinando o projecto de lei, cuja iniciativa foi renovada n'esta sessão pelo sr. deputado Annibal Lucio de Azevedo, creando na povoação da Amadora uma nova parochia civil, é de parecer que elle merece a vossa approvação.

O referido projecto, que já teve parecer favoravel da antiga commissão de administração publica, com o voto unanime de todos os seus membros pertencentes aos diversos partidos politicos, satisfaz uma antiga, legitima e anciosa aspiração dos habitantes d'aquella povoação, hoje das mais desenvolvidas e progressivas do districto de Lisboa.

A povoação da Amadora tem, por si só, os elementos indispensaveis para uma vida administrativa autonoma e da sua desannexação da freguezia de Carnaxide, á qual hoje pertence, não resulta para esta nenhum prejuizo, como o proclama a propria junta de parochia de Carnaxide em documento que informa e fundamenta o presente projecto de lei.»

Não podiam os dedicados e desinteressados propugnadores dos melhoramentos da linda povoação desejar melhor parecer. Uma commissão vae hoje ou amanhã procurar o sr. presidente do ministerio e pedir-lhe que se interesse porque esse parecer seja dado para ordem do dia n'uma das primeiras sessões.

Chefe Simões

A viuva d'este fallecido chefe de policia, pede-nos que agradeçamos em seu nome a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á ultima morada o extincto.

A todos o protesto da sua gratidão.

NOTAS DIVERSAS

Da presidencia do ministerio foi-nos transmittida a seguinte nota officiosa:

Foi ha pouco affirmado por alguns jornaes que trez portuguezes teriam sido expulsos do ministerio da guerra ou do ministerio das munições da França. Pelas vias competentes, o governo portuguez pediu a esse respeito informações precisas. O ministerio dos negocios extrangeiros da França, ao qual este pedido foi submettido desmente taes noticias em absoluto. O caso, pois, a que esses jornaes se referiram é absolutamente destituido de fundamento.

O governo voltou a reunir hoje em conselho, no ministerio das finanças, das 12 ás 14 horas.

—O deputado sr. dr. José Bessa de Carvalho e o presidente da camara municipal de Amarante, sr. dr. Lago Cerqueira, conferenciaram com o sr. ministro do fomento sobre a arborisação da Serra do Marão, ficando assente que comece já no presente anno.

Tambem trocaram impressões sobre a possibilidade de creação d'um posto agrario na 23.ª região, Amarante.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada Seraphim de Oliveira, morador em Chellas e operario na fabrica das Varandas, que ali cahiu de um elevador da altura de um 3.º andar, ficando muito contuso pelo corpo. E na enfermaria n.º 6 ficou Joaquim Bernardino Marçal, residente em S. Bento da Cortiça, Extremoz, que foi colhido pelo coice de uma muar, ficando contuso.

—Na rua do Carmo foi atropellado por um automovel, ficando ferido na cabeça, Paulino Pinheiro, morador no Poço do Borratem, 13, 5.º, que depois de pensado no banco do hospital recolheu a sua casa.

O Orpheon de Condeixa

A distribuição de parte da sua dadiva

Do provedor da Santa Casa da Misericordia, sr. Pereira de Miranda, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor do jornal *A Capital* — Lisboa.—Agradecendo em nome d'esta Santa Casa a esmola de 5$00, do Orpheon de Condeixa, enviada por v. , tenho a honra de participar que foram contempladas com 1$00 as seguintes viuvas:

Emilia Santos, moradora na rua dos Luziadas, 151, 1.º, esquerdo, com cinco filhos; Simpliciana da Conceição, moradora na rua do Conde, 36, 1.º, esquerdo, com cinco filhos, sendo um tuberculoso; Amelia Ferreira Lourenço, moradora na rua Affonso Domingues, 8, rez-do-chão, direito, com quatro filhos; Anna da Salvação, moradora na calçada do Tijolo, 1, 3.º, com seis filhos, e Beatriz da Conceição Simões, moradora no becco dos Ramos, 18, com quatro filhos.

Saude e Fraternidade.—Lisboa, 18 de fevereiro de 1916.—*Antonio Augusto Pereira de Miranda.*

Circos & Music-Halls

A empreza do Salão Central vae apresentar o «film» «A Cabiria», extrahido do notavel romance de Gabriel d'Annunzio. Antes, porém, de o expôr ao publico, deliberou a empreza fazer uma sessão especial para a imprensa, sessão que se realisará amanhã, ás 15 horas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 11/16	35 13/16
Londres, 90 d/v	36 7/16	—
Paris, cheque	$71,3	$71,1
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$32,5	1$33,5
Suissa, cheque	$80,5	$81
Italia, cheque	—	—
New York	1$39	1$40
Rio/Londres	11 11/16	—
Libras	6$70	6$80
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,25	38,95
» » 500$	39,25	39,20
» » 100$	39,25	39,55

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$70; 4 1/2 88-89, assent., 60$; 4 1/2 1905, coup., 83$50.

Externas: 1.ª serie, 74$20.

Acções: Ultramarino, coup., 125$; Moagem, 56$; Gaz, coup., 47$.

Obrigações: Norte e Leste, 2.º grau, 85$10; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 1, 81, e tit. 5, 79$50.

Folhetim d'A CAPITAL 18-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A recordação do crime

Gallon viu, afinal Wilkerson. Como, quando? Foi uma tarde, ao anoitecer. Cançado, extenuado, quasi desfallecido, sahira do seu gabinete de trabalho e viera sentar-se ao fundo da escada que dava ingresso á sua modesta barraca. Ficára para ali, immerso na mais profunda meditação, durante um largo espaço de tempo. Rosinha sahira com Dore. Andava, seguramente, passeando pelas immediações da mina, arrulhando o seu amor, espalhando em torno de si a ventura e a felicidade.

De repente, quando os ultimos raios de sol batiam ainda na surriba alta, Gallon, sahindo do seu torpor, percebeu que alguem parára junto d'elle. Quem? Wilkerson! E erguendo-se como se uma corrente electrica o tocasse, Gallon exclama:

—O senhor aqui?! Que vem cá fazer?

—Vingar-me!—responde Wilkerson.

Gallon sente-se esmagado por aquelle olhar que o fita e pretende precipitar-se contra aquelle que outr'ora tentára assassinar. Mas não o consegue. E' que Wilkerson, mais forte do que elle, segura-o a tempo, finca-lhe a mão esmagadoramente n'um hombro e obriga-o a sentar-se de novo. Depois abala. Este encontro é decisivo. Não ha remedio senão acceitar os factos tal qual elles são. Wilkerson vive? Não é um espectro apenas, mas um inimigo terrivel que o perseguirá implacavelmente? Pois bem, associal-o-ha á sua obra. Não tem outro caminho a seguir. De resto, procedendo assim, realisa uma reparação e pratica uma obra de justiça:

Wilkerson, volta de novo. Os dois inimigos veem-se emfim, um deante do outro. As imprecações que se dirigem excedem tudo quanto pode imaginar-se. Gallon está doente e fraco. E como Wilkerson exerce sobre elle uma influencia limitada, cede, sujeita-se ás suas imposições, quasi se apaga deante d'elle. Wilkerson é insaciavel. Só tem, por ora, uma grande ambição. Gallon não tem remedio senão satisfazer-lh'a. Nomeia-o, porisso, director da mina. Quasi ao mesmo tempo, porém, faz o seu testamento. Deixa tudo a Rosinha, e ordena-lhe que não abandone nunca a «Chave mestra», que lhe deixa tambem. Só ella a fará um dia feliz. Até Rosinha prefazer os seus dezoito annos, Wilkerson será o director da mina. João Dore foi o escolhido para testamenteiro.

D'esta data em deante, Gallon peorou constantemente. A sua apatia era terrivel e lenta. A filha, toda absorvida pelo seu amor, não comprehendia nem as amarguras do pae. Não via motivos apparentes para aquelle soffrimento devorador e não sentia piedade por elle. Entretanto, Wilkerson desagradava-lhe completamente. Via n'elle um adversario perigoso.

—Odeio-o!—dizia ella frequentemente a João Dore.

—Tambem eu, replicava-lhe elle...

—Que especie de segredo o ligará ao sr. Gallon?—perguntava o engenheiro a Rosinha uma e muitas vezes.

—Ignoro-o.

—E' curioso. Mas a menina que vive com seu pae e que tem assistido a tantas conversas entre os dois, não percebeu jámais a natureza dos laços que jungem um aá outra estas creaturas, que se odeiam de morte?

—Não, juro-lh'o. Depois, a doença de meu pae. Sabe bem como ella me preoccupa. Quasi não me atrevo a pensar n'outra coisa.

E emquanto conversavam, Dore e Rosinha caminhavam á beira d'um formosissimo bosque frondoso, que o sol doirava enternecidamente. Em baixo, no valle, a labuta da mina terminára e os operarios, sentados nas soleiras altas das barracas, descançavam das labutas d'aquelle dia aspero de calor e de fadiga. A pouco e pouco foram-se formando grupos, os quaes juntando-se, acabaram, afinal, por ficar reduzidos a um apenas. Falava-se alto. Discutia-se com um certo calor.

—O que será, perguntou, a tremer, Rosinha.

—Nada de importancia. Os mineiros, findo o trabalho, reunem-se para conversar. E' natural e é logico e humano.

E o passeio, sob a capa verde das arvores novas, continuou como se aquelle caminho, cortando uma terra árida e ingrata, levasse a felicidade que não se extingue nunca.

Gallon peorava dia a dia. A presença de Wilkerson aborrecia-o. Não podia supportar essa creatura, que respirava maldade e abjecção. Entretanto, era a elle que tinha de confiar a filha. Só elle lh'a podia guardar, porque só elle podia ficar com a direcção suprema da mina. Era esta a ideia que mais o turturava, que o impellia impiedosamente para o tumulo. Sentia, por vezes, grandes desejos de fazer esquecer o passado, e chamando Wilkerson, procurava attrahil-o, seduzil-o, captival-o. Eram, porém, baldados esforços. O coração rijo do seu companheiro de passadas aventuras não se commovia, não deixava commover-se, conservando-se rijo e secco como um bloco negro de granito.

A hora da expiação chegou. Gallon, vergado ao peso do seu odio e da sua precoce velhice, caiu definitivamente de cama. Rosinha e Dore cercaram-n'o de todos os carinhos. Mas tudo foi inutil, vindo, finalmente, Gallon a morrer, ao romper d'uma calida manhã de verão, preludio de um dia torrido de calor. Wilkerson não teve para o amigo d'outras eras, uma lagrima. Era um competidor que desapparecia. Com os mineiros, porém, é que já não aconteceu outro tanto. Todos elles choraram bem commovida e bem sentidamente a morte d'aquelle que, sendo tão desgraçado, tão bondoso fôra para todos elles. O funeral foi uma grande romaria de saudade e de dôr.

E' que Wilkerson não tinha as sympathias dos seus operarios. O seu feitio rude, impetuoso, grosseiro, desagradava-lhes profundamente. E na mina, outr'ora tão pacata e tão tranquilla, começaram a sentir-se inquietantes germens de rebellião. Era, comtudo, necessario, fazel-os desapparecer logo á nascença. Como?

Morto o proprietario da mina, João Dore encontrou no seu escriptorio um sobrescripto que lhe era dirigido. Cuidadosamente sellado e lacrado, via-se n'elle a recommendação de que não podia ser aberto emquanto Rosinha não prefizesse os seus dezoito annos.

—O que estará aqui dentro?—diz Dore para Rosa.

—E, sabel-o? Tenho, porém, a suspeita de que anda em tudo isto um grande mysterio. Qual? Não o sei, não o virei mesmo a saber nunca.

E' tambem essa a minha opinião. O sr. Gallon e Wilkerson conheciam-se de ha muito. Tiveram, fatalmente, outr'ora relações bem estreitas e intimas.

—Em que se funda para pensar assim?

—Em tudo e em nada. No instincto que decifra, frequentemente todos os mysterios, e nas observações que por mais d'uma vez tive ensejo de archivar. Seu pae foi uma victima de Wilkerson. Estou absolutamente convencido d'isso...

—N'esse caso, esse homem é um inimigo de quem tudo temos a temer.

—Assim o creio. A sua entrada para a mina hoje é para mim inexplicavel. Os seus modos são pouco attrahentes. A sua rispidez chega a assustar. Ainda não lhe ouvi senão palavras de raiva e de odio.

—Temos de nos acautelar...

—Mas sem duvida. E' que me palpita que este sr. Wilkerson deve ser capaz de tudo. Seu pae, com certeza, praticou algum dia alguma má acção para com Wilkerson. D'ahi, a altivez que este usou sempre para com elle e usará de futuro para comnosco. O sr. Gallon bem queria, á força de correcção e delicadeza, fazer esquecer a má vontade d'aquelle que associára aos seus negocios. Mas não o conseguiu nunca. Que planos de vingança pretenderia o sr. Gallon inutilisar?

—Dore, o sr. exagera...

—Talvez, talvez. Mas dêmos tempo para vermos quem tem razão...

E os dias decorreram uns apoz outros, complicando-se cada vez mais a situação creada por Wilkerson entre elle e os seus mineiros. O conflicto ameaça estalar a cada passo. O que falta é o pretexto. Esse, porém, tambem não tarda. Wilkerson, livre de Gallon, que lhe prendia bastante os movimentos, mostrou-se disposto a tudo. Os acontecimentos, por esse motivo precipitam-se rapida e vertiginosamente. O director da mina pratica toda a casta de imprudencias. O seu empenho parece conseguir que o pessoal rompa com toda a especie de considerações e se precipite o mais depressa possivel n'um conflicto cujas consequencias serão, sem duvida nenhuma, terriveis. E' assim que um dia, emquanto o pessoal trabalha no interior das excavações, elle manda affixar um cartaz no qual se annuncia que os salarios vão soffrer uma reducção de 25 0/0. A ancia de Wilkerson em fazer dinheiro, manifesta-se a cada passo e das mais diversas maneiras. O proprio João Dore, que constitue um obstaculo á realisação das suas ambições, está condemnado a ser eliminado. Como? Quando? Wilkerson não o sabe ainda. Pode, todavia, garantir, que a eliminação se dará.

A união entre os mineiros e Dore é, comtudo, cada vez mais intima. E' o instincto de defeza que os precipita uns para os outros, approximando-os e ligando-os cada vez mais. N'essa união reside o escolho em que a audacia de Wilkerson sossobrará. Atrever-se-ha elle a attentar contra ella.

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

ESPECTACULOS

Primeiras representações

"Noite de Santo Antonio,,

Quatro actos de Vasco de Mendonça Alves, no theatro Republica

E' noite de santo Antonio e noite de festa em casa d'uma familia burgueza e rica para a apresentação da filha unica, que perfaz dezoito annos. Cheia de graça e de candura, Luiza vive com a avó materna, que a creou, e com seu pae, que suppõe *viuvo*. Não lhe faltam naturalmente os cortejadores. Ha um que logra captival-a: Manuel Coutinho, um janota, passante dos quarenta, celibatario, com o coração em labaredas, conquistador profissional, que se apaixona pelos encantos de Luiza. A avó, n'essa mesma noite e durante o baile, conhece o que se passa pela denuncia de Rachel, senhora casada mas sem o culto da fidelidade conjugal, e que, como Manuel Coutinho a abandona, se vinga do amante pondo ante os olhos da velha o idylio d'elle e da menina. Sabem os convidados, finda a ultima valsa, e a avó e o pae de Luiza, para lhe pouparem dolorosas surprezas no contacto com a sociedade, visto que está casadoura, decidem pol-a ao corrente da veridica historia de sua mãe. Isabel, que assim se chamava, fizera um casamento de conveniencia. O pae *arruinado* pensou assegurar-lhe, por esse meio, o futuro. Mas certa noite fugiu com outro homem, deixando no berço a filhinha que entrava de balbuciar as primeiras syllabas... Onde estaria a esposa indigna, a mãe descaroavel? No Brazil talvez... Luiza ouve com assombro e lagrimas o drama do seu nascimento e a sua alma angelica espelha-se n'uma phrase: soffrerá fome sua mãe? E' este, em sumula, o primeiro acto, que confirma as qualidades de escriptor theatral do sr. Vasco de Mendonça Alves e que o publico applaudiu, na mais benevola das espectativas.

Segundo acto. Ainda a noite de Santo Antonio. O povo entrega-se ás tradicionaes folias. Manuel Coutinho, sahindo de casa de Luiza, acompanha o jornalista Miguel, outro convidado, que busca na observação dos typos e dos costumes thema para os seus trabalhos litterarios. E' um elegante como Manuel, phrasista e sceptico, galanteador e insolente, bordando commentarios, rindo-se das paixões do amigo, parecendo querer pairar acima da banalidade a que, aliás, se não furta... A scena representa o interior d'uma taberna da Mouraria. Da rua chegam os echos dos descantes, das guitarradas, dos rouxinoes de barro; entram no tasco os habituaes freguezes: as rameiras das immediações, miseros faias. Canta-se o fado, bebem-se copinhos, n'um dos cubiculos jogam-se as cartas. E uma das moças, a Izabel, paga a ceia á velha Raymunda, sua confidente, conversando ambas ácerca de Luiza, a filha que abandonou dezoito annos antes e a quem, para a ver de mais perto, pediu esmola, disfarçada em mendiga, trazendo ao pescoço, como uma reliquia ou um amuleto, o vintem que recebeu das suas mãos. Formosa ainda, a despeito dos tombos d'uma abjecta existencia, em que desceu á maior degradação moral, Izabel, de chaile e lenço, fumando e cantando o fado, sente-se torturada pela desventura mas não arrependida do seu mau passo. Amou um unico homem e esse morreu. Manuel Coutinho e o companheiro apparecem no instante em que uma rival pretende esfaqueal-a. Izabel interessa-lhe. Abancam ambos. Conversam longamente. Elle dá-lhe dinheiro. Pretende leval-a comsigo aquella noite. Mas a mulher marcou um encontro ao fadista que a protegera pouco antes na rixa e separam-se despedindo-se como para nunca mais se verem... O publico applaudiu o acto em que ha, sem duvida, muita observação, excellentes pormenores colhidos em flagrante, o fadinho e o liques em que o jornalista perde dez tostões...

Estamos no terceiro acto. Um anno depois em Cintra. Casa de Manuel Coutinho. Dia de verão. Entre os visitantes, o jornalista e a intriguista D. Rachel, enganando sempre o marido, Luiza, a avó, o pae. Manuel Coutinho, mais apaixonado do que nunca, anda no jardim colhendo as rosas para Luiza. Eis que, subitamente, de escantilhão, quando a encantadora menina se encontra só na sala que communica com o parque, lhe surge deante, na luz diffusa do entar[illegible], uma dama desconhecida e quasi em furia: E' Izabel. A rameira de chaile e lenço veste como uma senhora agora. O ciume arrastou-a até Cintra. Reconheceu em Luiza sua filha? E' possivel que sim. Mas a filha pouco lhe importa no lance. O seu empenho consiste apenas em arredar a rival. Quer fugir a apavorada joven. Não lh'o permitte. E préga lhe um sermão contra *os homens e as suas maldades*, diz-lhe como são inconstantes e perfidos, semeia-lhe na alma ingenua e cheia de illusões, o germen da duvida, pede-lhe por, ultimo, que guarde segredo sobre aquella mysteriosa apparição, e Luiza jura fazel-o... Anoiteceu. Manuel Coutinho entra com as suas rosas. Izabel esconde-se atraz de um biombo e d'ali ouve as despedidas dos namorados. Quando lhe enviará Manuel mais flores? pergunta Luiza. E, como lh'as promette para o dia seguinte, a desconsolada menina, com todas as prevenções que lhe incutira Izabel, roga-lhe que d'ahi a uma hora lhe mande uma das rosas do ramo, ao que Manuel aquiesce, mettendo-a na botoeira... Acompanha-a á porta e, quando regressa, a amante, cuja presença estava longe de suspeitar, faz-lhe a grande scena de ciumes. Accusam-se mutuamente. Manuel Coutinho está decidido a casar com Luiza, a quem adora como a um anjo, a uma santa. Não desamparará, todavia, Isabel. Mas a amante diz-lhe que despreza o dinheiro. Não se lançou nos seus braços por interesse. Vimos a saber que já lhe batera! Quando Isabel, porém, se dispõe a partir, depois de ralhos e protestos, de ameaças e supplicas, o amor que os une de alma e corpo triumpha, o amante corre para ella, abraçam-se, beijam-se n'uma ardente volupia e Manuel Coutinho arremessa para longe a flor da lapella, que promettera mandar, dentro de uma hora, á infortunada Luiza... Cae o panno, Os applausos são menos enthusiasticos. O retrahimento do publico é sensivel.

Quarto acto. Um mez depois, na casa de Manuel Coutinho, em Lisboa. A avó de Luiza procura-o para naturalmente saber se elle está ou não decidido a casar. Manuel acha-se ausente. Mãe e filha defrontam-se. Aquella ignorava as relações do namorado de sua neta com Izabel. Assombro de ambas. N'um assomo de dignidade, a velha dama quer retirar-se. Mas fica. O amor materno vence a repugnancia instinctiva do primeiro momento. Abraçam-se, choram e riem simultaneamente. Recordam o passado. A avó de Luiza estabelece condições para que ambas possam de novo conviver. Izabel conseguirá que Manuel Coutinho renuncie ao amor de Luiza, a desilluda e rompa com ella. Quando obtiver tal e a desditosa menina encontrar o marido que merece, a dona anciã consagrará á filha peccadora o resto dos seus dias. Mas surge o marido de Izabel, a quem o espanto, ao deparar juntas a sogra e a mulher, petrifica. Pela primeira vez ao cabo de dezoito annos, censura aquella que se habituou a considerar e a presar como mãe, a qual lhe pede que suste os seus juizos por vinte e quatro horas. Saem juntos. Chega Manuel. A amante dispõe-se a fugir-lhe, a abandonal-o. Elle extranha a sua attitude, interroga-a. Izabel confessa-lhe tudo, em duas palavras. Com voz cava, soturna, declara ser a mãe da rapariga que elle pensou fazer sua esposa. Por qual das duas se resolverá Manuel Coutinho? O homem não hesita um segundo. Será para sempre de Izabel e um longo beijo sella o pacto. O jornalista apanha-os cingidos n'um lubrico amplexo e pergunta se não são horas de jantar... Terminou o drama. O publico torceu o nariz; achava-se como que ludibriado. A claque fez subir o panno algumas vezes, chamando os interpretes e o auctor que accudira ás chamadas logo no fim do primeiro acto.

* * *

O entrecho que deixamos esboçado permitte avaliar tanto melhor o alcance e o merito da obra, quanto é certo que as personagens da *Noite de Santo Antonio* se não exteriorisam, em geral, por maneira que nos impressionem as suas ideias, nos commovam as suas palavras, nos captivem as suas intenções. O que pretendeu o sr. Vasco de Mendonça Alves realisar com semelhante peça? Ao descer o panno sobre o segundo acto, ainda se poderia suppor que mais uma vez iamos assistir á rehabilitação da mulher perdida. Mas Izabel, que pisou as ultimas escaleiras do vicio, não se redime pelo amor. A sua insensibilidade moral repugna. Abandonando a filhinha no berço para se prostituir, ronda-lhe a casa, volvidos annos, como que presa do remorso e da saudade; quando, porém, se encontra com ella, frente a frente, não é para se lhe ajoelhar aos pés, para lhe pedir perdão, para a apertar ao seio: é para a sacrificar de novo ao egoismo da sua paixão sensual! Domina-a, absorve-a, com effeito, o amor physico. E dir-se-ha não ser differente o que Manuel Coutinho nutre por ella. Este quarentão elegante, endinheirado, femeeiro, que falla por monosilabos, nunca nos diz porque se deixou ilaquear nos braços d'aquella mulher. A vulgaridade charra do espirito de Izabel, por outro lado, leva-nos a concluir que apenas houve o triumpho exclusivo da carne. Psychologicamente, os protagonistas da *Noite de Santo Antonio* são, em summa, creaturas inferiores e antipathicas.

Como pintura de costumes, não bastam as scenas episodicas que emolduram o encontro da taberna e que estão longe de encerrar novidade; como desenho de caracteres, é grosseiro o das figuras principaes e frouxo, esfumado, indeciso o de quasi todas as secundarias; como fabulação, sem embargo da habilidade scenica do auctor, poder-se-hiam apontar defeitos graves; como linguagem, não será mais conceituosa, nem mais eloquente, nem mais scintillante a de certa sociedade cujo attento estudo manifestamente influiu, sob o aspecto litterario, n'este lavor em que fica marcando passo o joven dramaturgo. Resta alludir ao desempenho. Prestada homenagem a Lucinda Simões, sempre grande artista e grande dama; registados os esforços de Angela Pinto para viver uma ingrata personagem em que as reminiscencias de outras creações naturalmente se verificam; louvado Brazão pelo modo como suppriu a vacuidade e a secura do seu papel não menos ingrato que o de Angela Pinto; não esquecendo Ferreira da Silva, n'um typo inferior aos seus altos meritos; apontados os nomes de Luz Velloso, graciosa e sentimental, e Raphael Marques, cuja intelligencia e cuja probidade artistica não devem passar despercebidas,—cumpre frisar a maneira primorosa como, em geral, foram representados o primeiro e o segundo actos. Os nossos actores, ainda os mais modestos, são quasi sempre perfeitos quando pódem estudar *de visu* o que interpretam: Francisco Senna e Thomaz Vieira, no acto da taberna, exemplificam o que asseveramos.

AVELINO DE ALMEIDA

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
REPUBLICA — A's 21 — Noite de Santo Antonio.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario. — O sonho de Marianna.
GYMNASIO — A's 21 — O Senhor Roubado.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
PHANTASTICO — A's 20,30 e 22,30 — Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Barbeiro de Sevilha.

Agenda da semana

A'MANHÃ — **Gymnasio** — Primeira representação da comedia em 3 actos, de Chagas Roquette, *O Senhor Roubado*.

Boatos e informações

Entre nós

Na recita que no dia 29 se realisa no Eden, em beneficio do cofre da Associação dos Trabalhadores da Imprensa serão cantadas *As meninas dos meus olhos* e *Pequenina*, versos, respectivamente, de Antonio de Oliveira e do Alvaro de Castellões, musica de Antonio Vianna.

Na festa de Palmyra Torres, o original portuguez que, como já dissémos, se representará é o drama *Como se vingam mulheres*, original de Sousa Costa.

Com as revistas *Dominó* e *Diabo a quatro* realisa na proxima quinta-feira, no Edem-Theatro a sua festa artistica o estimado actor João Silva.

A *tournée* artistica de que fazem parte Christina Tapa e o maestro Capistrano dos Reis, sob a direcção do actor Ferreira d'Almeida, tem agradado em Santarem, seguindo d'ali para a Gollegã e Torres Novas.

No Parque Theatro Cine, da Figueira da Foz, ha ámanhã e domingo espectaculos pela companhia de zarzuela e opereta dirigida por D. Salvador Orozco.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES — Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense — Promovida pela commissão de propaganda, ha depois d'ámanhã «soirée» dançante com valsa a premio e diversas surprezas.

Tuna Commercial de Lisboa — Para o sarau-concerto que se realisa no dia 29 no theatro do Gymnasio continuam hoje, ás 22 horas, os ensaios, pedindo a direcção a comparencia de todos os executantes.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

530..... 20:000$
1941..... 2:000$

1480	600$	1724	100$
550	200$	2025	100$
2203	200$	3223	100$
386	100$	4532	100$
441	100$	5495	100$

Associação Industrial Portugueza

Secção graphica

São convidados todos os industriaes dos estabelecimentos graphicos e editores a comparecerem na séde d'esta Associação ámanhã, 19 do corrente, ás 21, horas (9 da noite), para a discussão de assumptos da maior importancia.

O Presidente
Justino Guedes

CAPITULO V

A lucta d'outubro na frente occidental

Dissémos no capitulo anterior que a offensiva dos alliados nas batalhas de Loos e de Vimy não produziu os resultados que se esperava. O pequeno exito obtido pelos inglezes e pelos francezes era, talvez, symptomatico das condições do modo de fazer a guerra moderna. Na historia da arte da guerra houve periodos em que, devido ás armas, instrumentos ou methodos empregados pelos seus adversarios, os genios militares de primeira ordem não haviam conseguido os seus objectivos.

Annibal, um seculo depois de Alexandre-o-Grande, foi do Danubio ao Indico, trouxe um exercito da Hespanha atravez dos Alpes, derrotou os romanos em Trebia, Trasimene e Cannas, mas, em frente da tactica de trincheiras de Fabio e das fortificações permanentes das colonias romanas e latinas, não poude conquistar a Italia.

Nos primeiros annos do seculo XVIII, o duque de Marlborough, cuja marcha da Neederlandia ao Danubio e cujo procedimento na batalha de Blenheim mostraram ser elle um original e audacioso estrategico e tactico, foi posto em cheque durante algum tempo pela tactica á Fabio do marechal de Villars.

Em ambos os casos a explicação é simples. Nem Annibal, nem Marlborough possuiam machinas sufficientemente poderosas para destruirem os entrincheiramentos dos seus inimigos ou preponderancia de numero tão grande que os obstaculos artificiaes collocados no seu caminho pudessem ser desprezados ou superados com um terrivel sacrificio de vidas.

O desapontamento causado aos alliados e a alguns paizes neutraes por Castelnau, Foch e French não terem rompido as linhas allemãs foi desarrasoado até certo ponto. Os criticos inimigos dos generaes alliados —criticos hypnotisados pelas recordações de Austrelitz, Jena, Sadowa e Sedan—esqueceram-se de que os japonezes não alcançaram victoria alguma esmagadora sobre os russos na Mandchuria e que os primeiros successos dos allemães na fronte occidental foram devidos á sua immensa superioridade tanto em numero como em armamento, e que o successo de Mackensen em 1915 foi ape-

pida. Essas cargas serão durante muito tempo lembradas pelo exercito inglez.

Na manhã de 27 de setembro, a 1.ª e 2.ª brigadas dos Guardas occuparam as trincheiras allemãs de primeira linha tomadas recentemente, de um ponto a 500 metros ao sul de Hulluch até ás casas ao norte de Loos. A 3.ª brigada ficou de reserva atraz da cidade.

O plano de lord Cavan era lançar a 2.ª brigada contra a fossa e a sua fortificação na extremidade nordeste, assim como contra a «fossa 14 bis», emquanto a 3.ª brigada, logo que a 2.ª se tivesse apoderado d'esses pontos, devia avançar por Loos e atacar a cota 70. O ataque da 2.ª brigada foi annunciado por um terrivel bombardeamento dos canhões e howitzers inglezes.

Das trincheiras occupadas pelos Guardas podia vêr-se os objectivos alvejados atravez do sombrio valle. Antes d'elles havia dois «cotages» de tijollos em ruinas, as obras da «fossa 14 bis», proximo uma casa vermelha e um conjuncto de entrincheiramentos e parapeitos. A' direita ficava a cota 70 e o reducto no seu lado mais distante, occulto pela cumiada da cota.

A's 4 horas da tarde os Guardas Irlandezes avançaram pelo valle e sem grandes perdas alcançaram a orla da fortificação. Duas companhias obliquaram para irem em apoio dos Guardas Escocezes, que, sob um violento fogo de shrapnels, avançaram pelas encostas, atravessaram a estrada Hulluch-Loos e subiram para a «fossa 14 bis». O seu coronel foi ferido e onze officiaes mortos ou feridos.

Apesar do terrivel fogo de metralhadoras, os homens chegaram ás edificações, emquanto os Guardas Irlandezes, a principio repellidos, se concentravam e occupavam a fortificação. A' sua esquerda, os Guardas Coldstream avançaram e apoderaram-se das cercanias nordeste da fossa. Duas companhias de Granadeiros accorreram em auxilio dos Guardas Escocezes. Luctando em volta da «fossa 14 bis», durante todo o dia, poucos foram os sobreviventes e dos officiaes apenas restavam dois: o capitão Cuthbert e o tenente Ayres-Ritchie.

Ao anoitecer, embora os allemães tivessem retomado a «fossa 14 bis», as unidades inglezas occupavam todas as outras obras fortificadas. A retirada de duas companhias de Escocezes e uma de Granadeiros offereceu um espectaculo digno de admiração. Desceram as encostas da cota como se estivessem em parada, soffrendo relativamente poucas perdas.

Entretanto, a 3.ª brigada de Guardas, deixando um batalhão de Granadeiros nas trincheiras, atravessou em formação aberta a elevação que a separava de Loos. Um batalhão de Guardas Granadeiros entrou em Loos pelo nordeste, com um batalhão de Guardas de Galles, que estavam sob fogo desde o principio, á direita. Alguns Guardas Escocezes seguiram os Granadeiros.

Esses homens indomaveis desappareceram por entre as ruinas da cidade e entraram nas trincheiras de communicação que levavam para o cume da cota 70. O coronel dos Granadeiros, gravemente attingido pelos gazes asphyxiantes, com que os allemães enchiam essas trincheiras, teve de abandonar o commando, que foi assumido pelo major Miles Ponsonby. Os homens fizeram alto e receberam ordem para pôr os seus capacetes contra os gazes.

Depois, continuaram a avançar, tendo-se algumas companhias de Granadeiros posto em contacto com os Guardas Escocezes, que não haviam conseguido tomar a «fossa 14 bis».

O que restava dos Granadeiros e os Guardas de Galles deram o ataque. Embora o terreno por onde avançaram fôsse extenso, as perdas foram poucas, mas quando chegaram á cumiada da cota 70 e as suas silhuetas se reflectiram no azul do céu, foram recebidos com um terrivel fogo, a curta distancia. Ficaram ahi até á tarde do dia 29, quando a posição foi occupada pelos territoriaes de Londres. Os Highlanders

INTERESSES REGIONAES

Parlamento provincial alemtejano

Reunirá em Beja nos dias 28 e 29 do corrente

N'esta nossa terra, onde em geral as melhores iniciativas nunca passam a realisações praticas, ficando tudo em palavras mais ou menos bonitas, mais ou menos sonoras e retumbantes, os alemtejanos estão dando um magnifico exemplo de perseverança e de energia, que muito deve contribuir para o levantamento da sua provincia, a maior e uma das mais ricas do paiz.

Já o primeiro congresso municipalista alemtejano, realisado em Evora, de 28 a 30 de outubro ultimo, foi, póde diz-se, uma revelação. que vae completada agora pela reunião do parlamento provincial alemtejano, reunião que se effectuará em Beja nos dias 28 e 29 do corrente.

Esse parlamento será formado pelos representantes das camaras municipaes dos trez districtos do Alemtejo e desnecessario será accentuar a importancia que deve resultar da reunião do parlamento provincial. Será a libertação das peias que não deixam caminhar os municipios, é o primeiro manifestar da vida activa, da exhuberante vida alemtejana, por tantos embaraços sempre presa.

Os alemtejanos banem por completo a politica—a mesquinha e esteril politica—d'essa reunião. Politica, apenas a que interessa aos seus municipios, a politica ampla e rasgada dos interesses da provincia, congregando todos os esforços, todas as energias, todas as boas vontades para um fim unico: o engrandecimento do Alemtejo, portanto o engrandecimento da Patria.

Tem em vista o parlamento provincial alemtejano effectivar os votos approvados pelo congresso municipalista e dos quaes os principaes são, em resumo:

Federação dos Municipios Alemtejanos — Estudar e construir, pela Federação, a rede das estradas municipaes e linhas ferreas precisas para o desenvolvimento da provincia — Diffundir os conhecimentos agricolas por meio de cathedras ambulantes regidas por engenheiros-agricolas — Constituir Camaras regionaes de Agricultura—Organisar a assistencia hospitalar, creando partidos medicos e estabelecendo postos de soccorros —Orientar a beneficencia particular, regularisando a assistencia publica—Municipalisar os cereaes, azeites e cortiças—Estabelecimentos de casas agricolas—A creação de postos zootechnicos em Evora, Beja e Elvas—Arborisar as estradas municipaes com arvores fructiferas — Que ao ensino agricola seja admittida a mulher.

E' grande a missão que ao parlamento provincial alemtejano incumbe? Certamente que sim, mas os alemtejanos mostram-se dispostos a trabalhar incançavelmente por effectivar as suas aspirações.

E' um exemplo do que pódem a energia e a boa vontade e que devia ser seguido por todas as outras provincias. Nem só com o Estado se deve contar. A iniciativa dos municipios pode e deve, quando bem orientada, realisar uma vasta obra de resurgimento.

Festas associativas

Acad. Inst. do Pes. Cam. Ferro Leste e Norte.—Realisa-se ámanhã, sabbado, a festa de inauguração da nova séde d'esta academia, Costa do Castello, 47, com uma recita em que tomam parte as actrizes Delphina Victor e Marina Rodrigues e os actores Raymundo Queiroz e Guilherme Bizarro.

No domingo, continuação das festas com a peça *Frei Luiz de Sousa*, pelo grupo dramatico da academia sob a direcção do intelligente amador Francisco Moreira, sendo os scenarios propositadamente pintados pelo scenographo amador José Cardim.

PEQUENAS NOTICIAS

A Nicolau José de Brito, morador na estrada de Marvilla, 1, furtaram os gatunos varios objectos de ouro, um cofre do ferro, dois relogios de aço e algum dinheiro, tudo no valor de 420$50. O roubado indicou á policia o nome de um individuo de quem suspeita.

—Maria Joaquina da Silva, sem residencia em Lisboa, queixou-se de que durante a viagem de Famalicão para Lisboa lhe furtaram a quantia de 200 escudos e um passaporte para o Brazil.

—A policia procura Anselmo Correia de Almeida, de 18 annos, que desappareceu no dia 15 de casa de seus paes no Caracol da Graça, dizendo que ia para França a fim de se alistar no exercito. Veste fato castanho, usa bonet amarello e calça botas pretas.

—A policia tem em seu poder 4 anneis de ouro, um d'elles com brilhantes, que foram encontrados nas proximidades do Rocio e que serão entregues a quem provar pertencer-lhe.

—Foi preso Seraphino Casqueiro Passos, morador na rua do Arco do Marquez de Alegrete, 72, que subtrahiu uma corrente de ouro na ourivesaria sita na rua da Palma, pertencente a Januario Mourão, indo vendel-a na mesma rua, 106, onde se apresentou hontem novamente a vender outra corrente de ouro, que lhe foi apprehendida.

—Foi detido Mario Mendonça Monteiro, morador na rua do Bomjardim, 181, 1.º, no Porto, que se apresentou aqui ao cabo de policia n.º 44, declarando-lhe que tinha furtado a seu pae um alfinete de ouro com brilhantes, que vendeu por 53 escudos a João Gonçalves da Fonseca, estabelecido na rua das Flores, 111, no Porto.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Avenida.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Gloriosas naus»

Em magnificos alexandrinos, canta o sr. Jeronymo de Almeida, um poeta já conhecido, a partida das naus de Vasco da Gama para a India, a chegada ao Oriente e o regresso. O livro é dedicado a Julio Dantas e a offerta é digna do artista impeccavel a quem é feita. Inspiração, cadencia, harmonia, nada falta em «Gloriosas naus», para tornarem essa producção recommendavel.

Relatorio astronomico—Assim se intitula um pequeno opusculo em que o sr. Joaquim dos Reis Varela chama a attenção da imprensa e das academias scientificas para a communicação entre os planetas. Ao que affirma o auctor, já poude communicar com habitantes de planetas distantes por meio de signaes legiveis, claros, sem comtudo poder precisar quaes foram esses planetas.

Institut International d'Agriculture—Do boletim d'este Instituto, cuja séde é em Roma, recebemos o numero 1 do 6.º anno, correspondente ao mez findo.

Caixa Geral de Depositos

Durante a vigencia da Republica, ou seja em cinco annos, os depositos duplicaram

Do que tem sido a administração republicana, embora isso pese aos adversarios do regimen, dil-o, por exemplo, o relatorio, que acaba de ser publicado, da gerencia de 1914-1915 da Caixa Geral de Depositos. Em cinco annos, que tantos são os de vigencia da Republica, essa instituição de credito viu subir os saldos dos seus depositos de 17.816.316$38(8) a 36.005.534$18, o que quer dizer que n'esse praso de tempo duplicaram os depositos. E a Caixa Geral de Depositos conta trinta e oito annos de existencia!

Alguns dados do relatorio elucidarão melhor os leitores do que nós o poderiamos fazer.

Os lucros effectivos teem tido a seguinte marcha:

1907-1908, 389.142$08; 1908-09, 451.900$51; 1909-10, 450.088$99(5); 1910-11, 611.509$12(2) 1911-12, 576.088$40; 1912-13, 648.047$75(8); 1913-14, 791.874$60; 1914-15, 884.117$15.

O movimento dos depositos obrigatorios no anno de 1914-1915 foi o seguinte: entradas, 28.817.871$59; 25.917.956$58 de sahidas.—Excesso das entradas sobre as sahidas, 2.899.915$01.

O saldo de depositos que em 30 de junho de 1914 era de 13.487.169$29 attingiu em 30 de junho de 1915 a importancia de 16.337.084$30.

Em 1913-1914 o movimento de depositos foi o seguinte: entradas 12:661.776$25; sahidas, 11:045.924.05. Excesso das entradas sobre as sahidas, 1:615.852$20.

O accrescimo do saldo de depositos, no anno economico de 1914-1915, foi de 21 por cento em relação ao saldo de 30 de Junho de 1914.

Tendo sido a Caixa Geral de Depositos instituida em 1877, nos ultimos cinco annos, isto é, de 30 de Junho de 1910 a 30 de Junho de 1915, o saldo de depositos obrigatorios subiu de 8:911.548$01 (3) á 16:337.084$30, tendo tido, portanto, um accrescimo de 83 por cento.

Durante todo o anno economico emittiram-se 9:795 cadernetas novas e o movimento de receita e despeza foi o seguinte: Entradas, 38:031.358$19; Sahidas, 34:308.417$19—Saldo positivo, 3:722.941$00.

Com a capitalisação de juros, na importancia de 501.565$24, o saldo de depositos subiu em 1 de julho de 1915 a 19:618.450$18.

Em 1 de julho de 1914 esse saldo era de 15:393.943$94.

Teve, portanto, um accrescimo de 4:224.506$24, isto é, de 27 por cento em relação ao saldo de 1 de julho de 1914.

Os depositos em effectividade em 30 de Junho de 1915 subiram a 58.938. Em 30 de Junho de 1914 eram 54:710. A differença pára mais no anno economico de 1914-1915 foi de 4:228.

Em 30 de Junho de 1915 os depositos da Caixa Economica Portugueza apresentavam a seguinte distribuição: Até 20$, 29:698, 50,8 por cento; De 20$01 a 100$, 10:747, 18,2 0|0; De 100$01 a 1.000$, 13.682, 23,3 0|0; De 1.000$01 a 5.000$, 4:341, 6,8 0|0; Superiores a 5.000$, 770, 1,3 0|0.

Tem-se desenvolvido consideravelmente o serviço de pagamento de depositos em cofres diversos d'aquelles em que foram originariamente constituidos. Em 1914-1915, a importancia d'esses pagamentos subiu a 3:144.137$60.

Diz o relatorio:

«Merece especial menção o movimento da secção da Caixa Economica na Rua Aurea, inaugurada em 20 de Janeiro de 1915. Até 30 Junho constituiram-se 1:221 depositos novos.

As entradas foram na importancia de 8:201.622$61 e as sahidas elevaram-se a 7:225.635$06. O saldo positivo attingiu portanto 975.987$55.

A installação, que se effectuou no edificio do Ministerio da Justiça, necessita de ser ampliada urgentemente pois já não comporta o espaço indispensavel para os empregados que tem de fazer o serviço de expediente e escripta.

O desenvolvimento da Caixa Economica Portugueza nos ultimos cinco annos pode inferir-se dos seguintes numeros: Saldo de depositos em 30 de Junho de 1910, 8:904.778$37; Saldo de depositos em 1 de Julho de 1915, 19:618.450$18; Accrescimo, 120 por cento.»

A conta da Caixa Geral de Depositos com o Thesouro attingia em 30 de Junho de 1915 o montante de 15:985.981$42. Em egual data de 1914 era na importancia de 11:847.051$49. Teve portanto um accrescimo de 24 por cento no anno economico de 1914-1915.

Em 30 de Junho de 1910 a conta da Caixa com o Thesouro montava a 5:948.201$82 (3). Nos ultimos cinco annos o accrescimo d'essa conta foi de 168 por cento.

Durante o anno economico de 1914-1915 descontaram-se *warrants* industriaes na importancia de 448.902$05.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Torneiros de metal e canalisadores—Para tratar do horario de trabalho, eleição de cargos vagos e de assumptos de muito interesse para a classe, reune a assembléa geral no dia 25.

Movimento maritimo

Gran Bretanha «Demerara» do Braz.)	18
Bahia, Rio de Janeiro «Ryn'and»........	19
Br. e R. Pr., «Drechterland» (de Ams.)	19
Madeira e Açores, «San Miguel»........	20
R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (de Amst.)...	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular»........	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)...	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

A menina Estela Correia Santos

Falleceu

Arthur Candido Santos e sua mulher Adelaide Correia Santos, Candida Augusta Santos, Fernando José dos Santos, Gertrudes Santos Plantier, Julio Arthur Santos, Jorge Augusto Santos cumprem o doloroso dever de participar aos seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento de sua querida filha, neta, afilhada e sobrinha e que o seu funeral sahirá da rua de S. Nicolau 13, 4.º E., pelas 11 1|2 horas de ámanhã, 19.

HISTORIA ILLUSTRADA DA GRANDE GUERRA VOL. VIII

estavam já retirando das trincheiras de Loos.

Durante o avanço dos Guardas, os territoriaes de Londres á sua direita haviam-se apoderado d'um bosque e repellido um violento contra-ataque.

No dia 28 de setembro, os guardas Coldstream, ás 3.45' da tarde, atacaram a «fossa 14 bis» pela face sul. As metralhadoras inglezas concentraram-se no bosque que ficava a leste e os Guardas Irlandezes avançaram sob um tremendo fogo de fuzilaria. A «fossa 14 bis» foi tomada pelos Coldstreams, mas não poude ser mantida.

Na esquerda do campo de batalha, a lucta proseguiu em redor da «fossa 8». Ahi praticaram-se tambem actos de grande valor. Assim, o segundo tenente A. B. Turner, do 3.º regimento de Berkshire, dirigiu-se sósinho para a trincheira de communicação e fez recuar os allemães 150 metros, tal a precisão e a coragem com que contra elles arremessou granadas de mão. Infelizmente, esse valente official morreu dos ferimentos que recebeu.

O segundo tenente W. T. Williams, do regimento East Kent, pôz-se á frente de alguns lança-bombas e durante 7 horas e meia foram arremessadas contra o inimigo cêrca de 2.000 bombas. O tenente Williams, apezar de ferido, recusou-se a deixar o seu posto e foi devido principalmente á sua bravura que a trincheira em que elle se encontrava não cahiu em poder do inimigo.

Muitos outros actos de bravura foram praticados, cuja descripção nos levaria muito espaço.

Como já dissémos, o general d'Urbal no dia 27 estava consolidando a sua posição em Souchez. No dia 28, as tropas francezas atacaram a Guarda Prussiana nas elevações de Vimy. Poucos pormenores são conhecidos d'essa lucta, mas, apoz alguns dias de violentos recontros, as encostas occidentaes d'essas elevações e grande parte do bosque de Givenchy estavam em poder dos francezes.

As perdas soffridas pelos inglezes na batalha de Loos e pelos francezes na tomada de Souchez, assim como o enorme gasto de granadas e de cartuchos, foram das causas que levaram sir John French a terminar n'aquella occasião a sua offensiva, guardando-a para momento mais opportuno.

Na manhã de 28 de setembro, discutiu a situação com o general Foch, que, no dia 30, mandou o 9.º corpo d'exercito francez occupar o terreno onde estavam os inglezes, estendendo-se desde a esquerda franceza até á cidade de Loos, incluindo esta e parte da cota 70, que estava ainda occupado pelos inglezes. Eses movimento só no dia 2 de outubro estava terminado.

Major-general W. B. Marshall, commandante da 8.ª brigada ingleza na peninsula de Gallipoli

O dia 28 de setembro póde ser considerado o fim da batalha de Loos, como previamente havia sido designada pelos commandantes dos alliados. Não haviam sido obtidos grandes resultados n'aquella lucta, que ao exercito inglez causára tão elevadas perdas.

Os motivos para esse relativo insuccesso foram varios. Em primeiro logar, não havia reservas sufficientes que pudessem ser immediatamente utilisadas para assegurar os

VOL VIII HISTORIA ILLUSTRADA DA GRANDE GUERRA 99

primeiros exitos obtidos pelos inglezes e para consolidar as posições conquistadas. Isso deu tempo a que os allemães se pudessem concentrar e contra-atacar. Talvez que o inesperado rapido avanço dos inglezes désse occasião a isso.

Nem tudo, porém, se pode prevêr e com certeza que ao alto commando alliado não occorrera sequer que um avanço tão audaciosamente levado a cabo se pudesse transformar n'uma causa de insuccesso.

Em segundo logar, o avanço francez só se deu seis horas depois dos inglezes, o que fez com que a esquerda d'estes ficasse exposta a um ataque de flanco.

Estes infortunados acontecimentos podem ter sido, e provavelmente foram, inevitaveis, mas o resultado foi que uma batalha que, se tivesse sido dada em condições mais favoraveis, podia ter feito mudar a guerra de aspecto, não passasse d'um insuccesso.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1989—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 19 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Pequenas nacionalidades

Os ministros da França, Grã-Bretanha e Russia, apresentaram ao ministro dos negocios estrangeiros da Belgica uma mensagem para renovar por um acto solemne os compromisos em que as potencias alliadas declaram que, chegado o momento das negociações para a paz, *o governo belga será chamado a* tomar parte n'ellas e que não porão fim ás hostilidades emquanto a Belgica não estiver restabelecida na sua independencia politica e economica e indemnisada largamente dos prejuizos soffridos, assim como lhe prestarão auxilio para o seu levantamento commercial e financeiro. O telegramma em que se communica esta informação accrescenta ainda que a Italia e o Japão affirmam não fazer nenhuma objecção ás declarações dos seus alliados.

Como se vê, da parte dos alliados continua a manter-se firme a orientação internacional que os levou a esta guerra. O seu inicio derivou da resistencia opposta pela Russia ao esmagamento da Servia pela Austria, e a attitude da Russia foi apoiada pela França. Depois, a invasão da Belgica provocou a intervenção ingleza. O principio do respeito á independencia das pequenas nacionalidades, da salvaguarda dos seus direitos, permanece como absolutamente inviolavel para as grandes potencias que fizeram frente ao imperialismo germanico.

Os alliados não ignoram que teem ahi uma das suas maiores forças. Por muito que um poderio arrogante pense que só a força bruta, que só uma gigantesca machina militar, póde influir nos destinos dos povos, a verdade é que ha uma porção de idéas moraes, representando um patrimonio indestructivel da civilisação, que já não podem ser postas em cheque pelo impulso d'uma violencia selvagem.

O direito, a justiça, a liberdade pertencem ao numero das «idéas-forças» que Fouillée lucidamente definiu, e não é facil obscurecel-as, quanto mais definitivamente exterminal-as.

As grandes nações alliadas batem-se ha mais d'um anno, n'uma pugna que já é cognominada a grande guerra, e que certamente ficará na historia, porque nenhum outro conflicto dos povos attingiu proporções de tal magnitude. Batem-se ha mais d'um anno, n'uma lucta de vida ou de morte; teem soffrido prejuizos incalculaveis em vidas e em fazendas, mas não desviam os olhos do seu norte, capacitadas de que se soffrem por um ideal esse ideal lhes dará a victoria.

Poderiam, ao cabo de tão sangrenta e formidavel campanha, perder a sensibilidade moral, e deixar-se arrebatar por um sentimento de egoismo. Poderiam não pensar senão em si, abandonando á sua sorte as nações já vencidas, como a Belgica. Poderiam sentir-se por seu turno possuidas d'um espirito de ambição, producto d'um instincto de represalia e d'uma obcessão de gloria. Mas não. Continuam, e continuarão sempre, fazendo a guerra com intuitos absolutamente oppostos aos da Allemanha. O imperio do kaiser sonha avassalar o mundo; os seus adversarios só pensam em garantir-lhe a liberdade.

O principio das pequenas nacionalidades está em jogo desde o primeiro dia da guerra. Os alliados defendem-o, e os alliados hão de vencer. Por isso mesmo as pequenas nacionalidades hão de viver.

Portugal é uma pequena nacionalidade. Se todas as suas aspirações o não levassem a desposar, de alma e coração, a causa dos alliados, o facto de elles defenderem, na das pequenas nações, a sua propria causa, bastaria para justificar a sua solidariedade consciente e firme.

Pelo telegrapho

Os alliados em Salonica

PARIS, 19.—O «Petit Parisien» insere um telegramma de Salonica dizendo que dezeseis aviões francezes lançaram no dia 17 do corrente sobre Strumitza e respectiva estação onde tinham chegado reforços allemães, 165 bombas, algumas d'ellas incendiarias, obtendo-se resultados consideraveis. Apezar da intervenção da esquadrilha de «albatros» toda a esquadrilha franceza regressou indemne.—(*Havas*).

O que os russos tomaram em Erzerum

PETROGRADO, 18.— Official.—Na região de Ilyuti até Baldon tiros violentos da artilharia. No Dniester repellimos um ataque na região de Ussietchke. A nordeste de Tchernovitzya, artilheria pesada destruiu uma bateria inimiga. Na linha do Caucaso apoderámo-nos de uma série de posições, fazendo prisioneiros e tomando abundante material. Em Erzerum os turcos soffreram importantes perdas. Continuamos em perseguição do inimigo, fazendo prisioneiros; em Erzerum tomámos toda a artilharia da fortaleza, 200 peças de campanha, grande quantidade de munições e armas e um grande numero de automoveis, sendo as nossas perdas insignificantes.— (Havas).

A evacuação dos Camarões pelos allemães

LONDRES, 18. — Segundo uma communicação official de corpo expedicionario nos Camarões, o general Dobell telegraphou no dia 17, dizendo que o governador geral de Fernando Pó lhe pedira para telegraphar ao ministro das colonias em Berlim uma mensagem do antigo governador Ebermaier, annunciando ao governo allemão que evacuou a colonia.—(Havas).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Revista de ex-libris portuguezes

O sr. Armando Tavares, livreiro-editor, proprietario da Livraria Universal da calçada do Combro, acaba de trazer a lume o primeiro numero d'uma preciosa «Revista de ex-libris portuguezes», que se publicará quinzenalmente e que os bibliographos e bibliophilos decerto receberão com apreço e enthusiasmo. O uso dos ex-libris parece ter remontado no estrangeiro ao seculo XV; em Portugal é muito mais recente, mas encontram-se não poucos que são verdadeiras obras de arte, como, por exemplo, os de D. Sancho de Faro e Sousa, marido de D. Thereza de Mello Breyner, a famosa auctora da tragedia «Osmia».

O director da nova revista, que insere tambem ex-libris recentes, é o sr. conde de Castro e Solla, cuja erudição e cuja competencia em semelhantes estudos estão de ha muito comprovadas. Iniciativa digna de todo o louvor, apenas resta accrescentar que a nova publicação, que tem uma tiragem limitada e de cujo prospero futuro não duvidamos, é accessivel ás mais modestas bolsas.

PELA INSTRUCÇÃO!

A obra das Escolas Moveis e as economias orçamentaes

Como se ha extinguir o analphabetismo, cerceando os minguados vencimentos do professorado?

Ninguem ousará negar—nem os seus proprios adversarios—que o novo regimen se tem empenhado em emprehender e levar a cabo uma das campanhas mais beneficentes, mais patrioticas e mais necessarias que o paiz de ha longos annos vinha reclamando: a da extirpação d'esse cancro social que se chama o analphabetismo e que constitue uma das grandes causas do nosso atrazo e da nossa pobreza, quaesquer que sejam os varios aspectos por que possamos encarar uma e outro.

A Republica alguma coisa tem feito a favor da instrucção popular. Pode até dizer-se, sem exaggero, que tem feito muito. Mas a sua obra está longe de ser a que a pavorosa percentagem de illetrados, que as estatisticas registam, impõe que se realise com urgencia, com dedicação, com espirito de sacrificio cujos fructos estão patentes nos resultados já obtidos em virtude de iniciativas e de esforços que honram aquelles que lhes ligaram os seus nomes. Mas é preciso que não haja soluções de continuidade na realisação d'um emprehendimento que nobilita o regimen e que serve, como poucos, os interesses nacionaes. De todos os sacrificios que a hora presente exige, um ha a que não devemos furtar-nos: o de consagrar á obra do ensino popular tudo o que pudermos, não lhe regateando um centavo, promovendo o seu desenvolvimento e patrocinando o professorado que cumpre cercar de todos os desvelos.

Veem estas palavras a proposito do que acabamos de ouvir a um distincto professor das Escolas Moveis. Impressionou-nos o que lhe ouvimos, commoveu-nos a desolação que se traduzia no seu rosto, ao contar-nos as vicissitudes que ameaçam uma iniciativa republicana cujas extraordinarias vantagens estão demonstradas. Eis o que nos disse:

—A proposta orçamental de 1916-1917 cria uma situação nada favoravel ao professorado das Escolas Moveis. Pela lei organica de 12 de agosto de 1913, que enaltece o nome do sr. dr. Sousa Junior, os professores das Escolas Moveis tinham 400 escudos de vencimento annual, e subsidio de residencia. Mais tarde, foi-lhes cerceado o seu vencimento em 100 escudos annuaes, e retirado o subsidio. A tudo se sujeitaram esses funccionarios e não só não lavraram o mais pequeno protesto, como ainda, se possivel foi, redobraram os seus esforços em favor dos nossos pobres analphabetos. Sujeitaram-se aos mais penosos contratempos, internando-se em logares onde não existe o mais leve conforto, não tendo em algumas localidades, nem casa onde habitassem, luctando ainda não só com a guerra que inimigos da Republica lhe fazem, como tambem com o odio incomprehensivel de alguns professores officiaes, odio injustificadissimo, pois que, se é verdade que, de principio, os professores das Escolas Moveis auferem mais, não é menos certo que não teem acesso, estabilidade ou reforma. Quando conseguem levar a cabo a sua ardua missão, isto é ensinar a ler, escrever e contar homens e mulheres analphabetos, em sete mezes, e creanças em dez (é o praso estabelecido pela inspecção) qual foi o premio que o Estado lhes deu? Retirar-lhes o vencimento durante os dois mezes de férias, isto é, agosto e setembro!

«Quer dizer, estes professores, quando precisavam descançar e refazer as suas forças extenuadas por um trabalho constante e exhaustivo, viam-se privados do seu ordenado, e obrigados a viver de emprestimos até retomarem as suas funcções. Era tão inqualificavel isto, que o illustre ministro da instrucção do ultimo gabinete incluiu no orçamento d'este anno a gratificação de 50 escudos a cada um para os dois mezes de férias. Pois bem, quer saber o que hoje succede? Na proposta orçamental para o futuro anno economico foi-lhes retirada essa gratificação e além d'isso, ás professoras das Escolas femininas, creadas o anno passado, reduzido o seu vencimento mensal em 10 escudos. Quer dizer, emquanto as professoras das Escolas Mixtas recebem 30 escudos, as das femininas ficam recebendo 20, sendo egual, senão superior, o seu trabalho. Será isto equitativo? Como se poderá exigir d'esses professores abnegação, assiduidade e sobretudo enthusiasmo por uma obra que é, sem duvida, das mais simpathicas e uteis da Republica, se de anno para anno se vão praticando d'estas injustiças? Não póde ser. Nem o sr. dr. Affonso Costa, defensor como tem sido da instrucção popular, póde levar por deante esta proposta, nem o sr. ministro da instrucção, como chefe superior d'esta classe, pode ficar silencioso. O actual ministro é um antigo professor; deve envidar todos os seus esforços em favor dos seus modestos e desafortunados collegas e evitar que tamanha iniquidade se pratique.

«Para honra da Republica e dos compromissos tomados desde o tempo da propaganda, é necessario que, ao contrario do que succede, se alargue cada vez mais a acção das Escolas Moveis, pois d'ellas muito depende o exterminio do analphabetismo em Portugal».

Assim falou o distincto professor. E' um brado de alma a favor da sua classe e tambem um brado de patriotismo. A severidade nas economias cumpre que seja extrema. Ha, porém, que ter cuidado para que se não torne contraproducente. Seria esse o caso, se obras benemeritas como a das Escolas Moveis officiaes se estiolassem por virtude d'uma reducção de despezas que pouco beneficia o thesouro, e que profundamente lesa o humilde e prestante professorado a cujo cargo as mesmas escolas se encontram.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Poeira da Arcada

Ahi pelas duas da madrugada de hontem, os noctivagos ouviram um formidavel estampido que partiu dos lados de Santa Clara. Que seria? Talvez explosão de petardo, para lembrar á cidade que, durante a noite, ha quem pretenda abalar a inconsciencia do seu somno burguez. Emquanto a Propriedade confia a Morpheu a vigilancia dos seus sonhos felizes, creaturas que não teem motivos bastantes para repousar-se, no aconchego virtuoso dos lares bem constituidos, investigam nas trevas, com uma ou duas bombas lançadas como experiencia, as relações entre a ordem publica e o medo.

* * *

Os gatos são bichos que fazem da ingratidão uma ostentosa vaidade. Não se deixam vencer com caricias, porque entendem que as peores prisões são as que se acceitam por gosto. O egoismo marca a linha geral da sua existencia. Estão sempre promptos para morder e arranhar.

Acceitam a amisade que lhes offerecem, mas reservam-se sempre o direito de a repellirem, quando bem lhes pareça.

No numero dos animaes domesticos, elles manteem assim uma indomavel rebeldia. Não gostam dos cães, porque estes teem-se pervertido, de maneira tal que adoptam a moral dos seus donos.

* * *

A Amadora que, nos ultimos tempos, tanto tem crescido, tornando-se um valor pela sua população de quatro mil almas, pelos seus centros desportivos, pelos seus concertos musicaes, pelas suas escolas modelares e pelas suas fabricas vive n'uma situação irregular. Pertence ao concelho de Oeiras, á comarca de Cintra, á freguezia de Bemfica e á junta de parochia de Carnaxide.

Ora a Amadora reune todas as condições para nada dever nem a Oeiras nem a Cintra, Bemfica ou Carnaxide.

Não obstante, ha um anno que foi apresentado ao Parlamento um projecto para a elevar á cathegoria de freguezia—projecto que dorme um somno tão quieto que parece o do esquecimento. Quando lhe será satisfeita esta primeira aspiração?

Na Hollanda

Diques que rebentam — Povoações inundadas—Situação grave

AMSTERDAM, 16.—O dique de Fortune cedeu durante a noite em Pumerend, tendo os habitantes que se refugiar nas aguas furtadas. O nivel das aguas subiu muito nas localidades inundadas, pelo que um grande numero de casas foram evacuadas. A situação é grave, mas tornou-se ainda peor em Zandam e Westzaan pela impossibilidade de abrir as comportas do Ymuiden, em consequencia de ser muito elevado o nivel do mar do Norte. O dique rebentou proximo de Nek; receia-se que o mesmo aconteça ao dique de Wormer.—(Havas).

Um aeroplano monstro

Tem a força de 1.000 cavalos e pesa 9.700 kilos

A America annuncia um novo e poderoso hydrotriplano. A noticia foi communicada aos europeus por intermedio do *Secolo*, de Milão.

O novo apparelho tem uma potencia total de 1000 H. P. e pesa 9.700 kilos. Os trez planos teem de cumprimento 49 metros. Os reservatorios conteem quasi 3.000 litros de benzina e 360 litros de oleo, o que dá ao apparelho um raio de acção de 1.000 kilometros com a velocidade de 120 kilometros á hora.

Nada se conhece ainda sobre o armamento do novo cruzador aereo. Suppõe-se que esse armamento tenha um peso total de 1.300 kilos. Isto permitte collocar a bordo metralhadoras e um canhão. A equipagem está munida de apparelhos de salvação extinctor d'incendio, ancoras, cabos, etc.

O novo canal inter-oceanico

WASHINGTON, 19.—O senado ractificou a convenção pela qual a Nicaragua cede aos Estados Unidos o caminho inter-oceanico que passa pelo territorio da Nicaragua e que tem por base naval a bahia Fonseca.—(*Havas*).

NOS BASTIDORES POLITICOS

Uma scisão no partido democratico

Seria inevitavel se a dissolução se votasse no congresso de Coimbra

Mas não se votará...

A questão da dissolução do Congresso promette agitar consideravelmente a vida politica da Republica. Os dois partidos, evolucionista e unionista, estão dispostos a empregar todos os meios ao seu alcance para que essa faculdade seja concedida ao chefe do Estado na proxima revisão constitucional. No partido democratico manifestaram-se já as duas correntes, notando-se uma certa intransigencia entre os que defendem e combatem a dissolução. O Congresso de Coimbra decidirá. Muitos membros do partido não formaram ainda sobre a questão uma opinião definitiva. Conforme os argumentos levados ao Congresso, assim os seus votos irão pesar para um dos lados da balança. O dialogo que a seguir publicamos reflecte o pensamento e as disposições d'uma grande massa republicana. E' escusado encarecer a sua opportunidade.

Chiado acima, travamos a palestra.

—Contra a dissolução?

—Absolutamente. Eu e a quasi totalidade, se não a totalidade, dos membros das commissões politicas do partido.

—Mas não reconhece v. a necessidade de se formar um partido conservador para se estabelecer o equilibrio na vida politica da Republica?

—Reconheço.

—E não acredita que os partidos só se formam no governo?

—Não acredito. Tanto se formam no governo como na opposição. E, para mim, é ponto assente que os que não se formam na opposição tambem não conseguem organisar-se no governo — com a aggravante da experiencia poder trazer ao paiz resultados funestos. E' assim que eu penso.

—Então vae ao Congresso combater a dissolução?

—Por todas as formas, auxiliado por um grupo de combatentes que de nada se receiam. E posso garantir-lhe: ou a dissolução se não vota, ou...

(Uma pausa).

«...ou traz uma scisão ao partido. Se a corrente a favor da dissolução fôr mais numerosa, acredite v. que nada, absolutamente nada impedirá a scisão.

—Não haverá possibilidade de transigencias, de entendimentos...

—Nenhuma possibilidade. E por esta razão suprema: porque estamos firmemente convencidos de que a dissolução seria a morte da Republica, depois de um periodo de luctas accesas e de perturbações constantes. O seu entrevistado d'outro dia poz o dedo na ferida quando disse que, votada a dissolução, seria extremamente facil ás opposições provocarem no paiz uma agitação meramente artificial—e prompto. Ninguem mais se entenderia n'esta terra...

—Se houvesse a dissolução ter-se-hia evitado o movimento das espadas. Não se daria ao mundo esse triste espectaculo da intervenção d'uma parte do exercito na vida politica nem haveria a indispensavel, urgente necessidade de fazer a revolução de 14 de maio. Que diz v. a isto?

—Que o argumento não vale coisa alguma ou que, se alguma coisa vale, é para se tirarem illações contrarias á dissolução. Se esta vigorasse, quando o governo Azevedo Coutinho estava no poder, dissolvia-se o Congresso, não é verdade? E já não se fazia o movimento das espadas. Pois isso apenas significa que a intervenção d'uma parte do exercito seria totalmente substituida pela do chefe do Estado. E deixava, por esse motivo, de ser um attentado contra as liberdades populares, de ser um golpe na soberania do povo? Evidentemente, não. Do mesmo modo teria de fazer-se a revolução de 14 de maio, e com um objectivo ainda mais profundo: o de rasgar a pagina da Constituição da Republica onde estivesse inscripto o principio da dissolução. Bem lhe dizia eu que o argumento não valia coisa alguma...

—E ficará então no poder, durante largos annos, o partido democratico?

—Durante largos annos? Não sei. Só sei que deve continuar no poder emquanto a vontade do povo, pronunciando-se nas urnas, não lhe intimar mandado de despejo. Diz-se que ha uma grande massa de descontentes contra a acção do partido, mas que não se revela nas urnas. Pois esses não contam. Os indifferentes, em politica, representam os zeros na arithmetica. Porque não se recenseiam? Porque não votam? Desconhecem que é essa a base dos regimens democraticos? Bem servidos estavamos nós todos se fosse legitimo attribuir esta ou aquella expressão politica aos individuos que não concorrem ás eleições. De nada serviria o exercicio do direito do voto. Porque—v. comprehende—as abstenções são sempre em grande numero. Aqui e em toda a parte. E qualquer insignificante chefe politico, sem a menor corrente na opinião publica, podia arrogar-se o direito de ser chamado a governar por...

O Porto e a liberdade do bacalhau

Desenho de M. Monterroso

Livre emfim! Livre—e mais barato!

Folhetim d'A CAPITAL—19-2-1916

As filhas de D. João VI

Um homem baixo, bonacheirão, com tendencia para a obesidade, uma vaga parecença com Carlos IV d'Hespanha, uma fugitiva semelhança com Luiz XVI, usando com frequencia meias de um verde estridulo, larga sobrecasaca côr de folha morta, perruca sempre ás tres pancadas, espirito sempre indeciso e vagabundo, olhar incerto, pousando a medo, com lampejos de folia, com a myopia allemã do pae, a hesitação mental e beata da pobre doida que foi a mãe. Tortuoso de conceito, com um terror sagrado de Pina Manique, rindo de Bocage, detestando José Agostinho, falando de Saint-Just como d'um monstro, prohibindo o nome abominavel de Robespierre, tendo para a Grande Revolução uma palavra que era um rosnar:—«Pedreiros livres!»—polichinello agindo pelos cordeis que puxavam os casacas de Briche, embrulho incommodo que se embarca n'uma nau, que se remette ao Brazil, d'onde volta, sempre como embrulho, com uma ligeirissima ideia da Constituição, approvando, negando, concedendo, fóra das suas prerogativas, porque as não conhecia, cioso das suas regalias, porque as maltratava, — os francezes tel-o-hiam cognominado *Le debonnaire*, a historia chama-lhe D. João VI, o *Clemente*, os seus contemporaneos *El-rei-o-nada*.

Em volta d'elle ha a grande familia dos patriarchas. Em treze annos tem nove filhos, vê morrer apenas D. Antonio, o principe da Beira, que passa como uma sombra e desapparece, levado pela escarlatina aos seis annos, casa tres filhas em Hespanha, faz do marquez de Loulé seu genro, passa a vida affastado da rainha, com quem se reconcilia oito ou nove vezes, tem o aborrecimento perenne de Luiz XV, pousa, murcho e inerte, como uma bola de carne, nas corridas de Salvaterra e, quando pode, foge para o convento de Mafra resar o seu eterno canto chão:

> Nós temos um rei
> Chamado João,
> Faz o que lhe mandam,
> Come o que lhe dão
> E vae para Mafra
> Resar canto chão.

As filhas iam crescendo, todas ellas para destinos differentes, nenhuma para destinos felizes. Eram seis creaturas miudinhas tendo todas, na infancia, a pelle morena, afogueada, verrugosa da mãe. D. Augusta de Calça-Pina, vagamente açafata, ligeiramente governanta, fôra recebida em Versailles, quando lá estava o nosso embaixador Sousa, entrevira a filha de Maria Antonietta, que foi mais tarde a duqueza d'Angoulême e que era então Madame Royale, trouxe para Portugal o penteado extranho da princezinha, copiou das gravuras de Sanfort, entalou as infantas nos corpetes á Du Barry, empertigou-as nos brocados hirsutos de lady Pitt, pouco faltou para as altear com os incriveis chapeus á Théroigne de Méricourt. De Senancey, ao vel-as com um ar de precoce tristeza, hirtas, emboccladas na moda delirante de Calça-Pina, exclama:—«Comment peuvent-elles vivre là dedans?»—E a mãe, que parecia feita de madeira, mas mal feita, que não tinha gosto para vestir-se, desgraciosa, de cabello aspero e rebelde, disforme no quadril, disforme no hombro, achava-as encantadoras e approvava. A tutela da inconcebivel mulher prolongou-se até que um volvo a levou, empertigada e secca, remotamente parecida com aquella madame de Noailles que a pobre Maria Antonietta chamava *Madame l'etiquette*. E as infantas tornaram-se mulheres mas já marcadas pela tolice atroz que lhes comprimiu a infancia, profundamente dessimilhantes e excessivamente mal educadas.—«Ce qui est á remarquer dans cette famille de Portugal—diz Laura Pernon, duqueza d'Abrantes,— c'est que pas un enfant ne ressemble a sa soeur ou á son frère!»—Carlota Joaquina podia, talvez, explicar a razão, mas esqueceu-se de o fazer; entre o almirante Costa Feio, o marquez de Marialva, o Santos; almoxarife do Ramalhão, a duvida podia perpetuar-se, eternisar-se. E, de facto, subsistiu, subsistia ainda para Rebello da Silva e para Latino Coelho.

Passa, porém, como certo que as quatro primeiras eram de D. João VI, o que não impediu que todas seis tivessem como de resto os dois irmãos, D. Pedro e D. Miguel, uma instrucção deficientissima e desleixada. A infanta Maria da Assumpção nunca tinha ouvido falar de Camões e não fazia a mais pequena ideia do que fossem os Luziadas. Maria Thereza, a primogenita, tinha uma orthographia monstruosa, capaz de estarrecer um boticiro, o que não obstava a que escrevesse no fim das suas cartas: —*Viva el-rei D. Miguel Absoluto!* Foi sempre muito absolutista, defensora acerrima do antigo regimen; estava em Cadiz quando foi da *Villafrancada* e a sua alegria incendiou-se, enorme: applaudiu, tripudiou, escreveu, com lettra mais aperfeiçoada o seu habitual *Viva D. Miguel Absoluto.* O historiador navarrez Echegarra pretende demonstrar que foi ella quem matou os seus dois maridos (o Infante d'Hespanha D. Pedro Carlos e depois (1838) D. Carlos, viuvo de sua irmã D. Maria Francisca mas não explica como, tomado d'um subito pudor, logo a seguir á sua frase malaventurada. E' verdade que mais abaixo tambem diz que a infanta era linda, redimindo assim a predilecta de D. João VI. Com effeito, uma gravura de Pradier, bastante commum nos collecionadores da *taille-douce*, mostra-nos uma mulher alta, forte, cheia, com os traços carregados de Juno mas com a elegancia varonil de Bellona; era realmente bella.

Como a irmã, que ignorava Camões, D. Maria Isabel suppunha que no Brazil «só havia pretos». Teve depois occasião de verificar o contrario e quando da viagem que o Dom Prior de Cedofeita fez a Lisboa, ao ouvil-o explicar como a terra era redonda, desvairou, perdeu a cabeça em pleno paço da Bemposta, gritou um: «Hereje!» com todas as forças da sua alma—e nunca mais consentiu que lhe falassem do prior. O pobre homem nunca poude comprehender! Era branca, nutrida, rosada, boa e virtuosa, tinha um grande ar de bondade que lhe temperava as feições um pouco duras, um ar bonacheirão—como o do pae. E essa curiosa creatura que até ignorava Goya, que era, comtudo, do seu tempo, fundou, todavia, o muzeu do Prado, suggerindo ao marido, Fernando VII, tão ignorante como ella, a ideia de juntar n'um só edificio todas as obras-primas da pintura dispersas pela Hespanha. Não viu a eclosão da sua bella ideia porque morreu, mezes depois, de uma forma horrivel: estava gravida e teve um accidente; um dos medicos, teimoso como Fagou, inhabil como La Chaise, um d'estes medicos de corte que, já no seculo XIX ainda tinha a medicina do anterior, a sangria e o emético,—julgou-a morta, fez-lhe a operação cesareana para salvar *o filho*, retalhando á vontade e sem rebuço. A rainha voltou a si para morrer logo em seguida, na mais tremenda de todas as agonias. Tinha vinte e um annos. Alguns annos mais, n'essa soturna e adormecida corte de Hespanha viveu a irmã, a infanta Maria Francisca, que casára no mesmo dia com o irmão de Fernando VII. Tinha uma grande veneração por D. Miguel e passava o tempo n'uma correspondencia interminavel com a marqueza de Chaves. Era da força das outras, com a variante de ter um bello talhe de lettra. O duque d'Ossuna escreveu algures: «Como é possivel que tão linda calligraphia encubra tão feia ortographia?» — E a embaixatriz de França, em Madrid, que era irmã de Descazes e do sangue da Sévigné, affrontava-se com aquillo, perdia a respiração sibilava com rancor:—«C'est un crime!» E quando a infanta morreu, em Inglaterra, a embaixatriz não desarmou.

—«Elle causait bien!»—dizia alguem, em guisa d'oração funebre. E a descendente dos Sévigné protestava:— «C'est possible! Mais elle écrivait mal-»

A mais popular de todas, a Regente, a Infanta Isabel Maria, sossobrou tambem no escolho da ortographia mas resgatava este defeito com um sorriso encantador. Hide de Neuville, embaixador de França em Portugal (sempre os embaixadores!) dizia:—«Elle etait fort jolie, son visage exprimait, en même temps, l'intélligence et la beaute!»—Intelligente? Sem duvida. Na sua quinta de Bemfica, (dos bens do Infantado) onde vivia, *tomou* o gosto ao constitucionalismo e, apesar de Regente, não se chegava. Era a mais velha das irmãs que tinham ficado em Portugal e não occultava a sua simpathia por D. Miguel. As dissenções intestinas afastaram-n'a, ia então para a quinta da Amora, do outro lado do Tejo, onde passeava a sua hysteria, a mais completa e mais perfeita das hysterias. Estava para casar com o principe de Condé, o ultimo dos Condés, quando, de bordo da *Windsor Castle*, desembarcou um tenente de marinha—e o marinheiro gostou tanto de Portugal que se esqueceu de ir embora, sendo demittido: o casamento rompeu-se e a infanta, mais hysterica, mais enrodilhada nos seus nervos, refugiou-se, quasi de todo, na Amora. Morreu septuagenaria, rodeada de padres, obsecada por um terror indizivel do inferno—de que se aproveitaram dois inglezinhos herdando uma fortuna redonda.

Bem mais interessante, com muito menos vida, foi aquella débil princeza que se chamou Maria da Assumpção. O cunhado, o marquez de Loulé, ousára, já depois de casado, namoral-a tambem. Era insignificante. O seu melhor tempo perpassou no curto reinado de D. Miguel; acompanhou-o sempre e apesar de solteira, dizem que morreu de parto, já com um ligeiro *en bonpoint* de trintona; parece, comtudo, que foi do cholera-morbus, em Santarem. Nas *Viagens na minha Terra*, diz Garrett que foi enterrada n'um caixão de folha, mal embalsamada, na egreja do Santo Milagre. Foi em 35; a folha rebentou, empestou a egreja. Começa então a odyssea do triste prior; durante um anno pediu, supplicou, impetrou, que lhe removessem o caixão importuno. Debalde. Exhausto, mudou-o para o cruzeiro da egreja, em campa rasa, onde lá está ainda, do lado da epistola. E assim desappareceram de todo os restos da infanta...

Venus renasceu mais uma vez na ultima a formosissima Anna de Jesus Maria. Era modelar mas Neuville desdenha:—«A quoi ça set-il, puis'que c'est á Loulé?»—Com effeito, era de Loulé, Antinous, Cinq-Mars, Narciso, um dos mais bellos homens do seu tempo, como lhe chamava Fletcher, empertigado nos seus collarinhos. Vagamente se sussurrou uma historia: a infanta, n'um dos corredores do Paço, ordenára ao marquez que lhe apertasse uma liga e como aquelle feliz mortal tivesse ainda uma hesitação, *par respect*, cicia Neuville, a infanta repetiu a ordem com mais intimativa, estendeu, mostrou um delicioso prolongamento do pé. — «C'etait, pourtant un joli pourfoire»—accrescenta o incorrigivel embaixador. Mas quando o marquez, pressuroso já, recolhia o seu *pourboire*, El-Rei apparece, franze o sobrôlho—e o casamento ajusta-se em quatro palavras. Chamaram-lhe logo o *Sorte Grande* mas como elle era muito patulea, ella muito cabralista, não tardou que deixassem de se entender. Tiveram o seu exilio, voltaram em 34. Elle continuou sendo o *sorte grande* em politica, o *sorte grande* até na morte porque morreu de repente no seu palacio de Belem; ella passeava o seu nervosismo hereditario pelos salões de Lisboa. Assiste aos bailes da Assembléa Lisbonense, apparece nas Larangeiras, muito em S. Carlos, nas *soirées* da condessa de Vianna—e vae morrer a Roma, d'um anthraz que gangrenou, quando, definitivamente separada do marido, pensava em installar-se no palacio Aldobrandini.

Para fortunas diversas viveram as seis filhas de Carlota Joaquina. Todas trouxeram o peso d'uma raça acabada; nenhuma foi feliz, teve a singela e doce felicidade das mulheres. A mãe, nos seus partos quasi bienaes, constantemente repetidos em treze annos, exgotou-as, transmittiu-lhes o pobre sangue dos Bourbons de Hespanha; o pae, todas as táras da *piedosa*, todas as d'ellas as hereditarias longinquas que já vinham de D. João V e de D. José. Todavia a fecundidade permanece; mas os filhos de Carlota Joaquina, são, lembrando a bella expressão de Pasteur, *du sang á faire des malheureux!*

(Do livro em preparo *Lisboa antes da Regeneração*).

Mario de Almeida.

que... estavam ao seu lado todos os eleitores que tinham deixado de concorrer ás urnas! Acredite-o,—ninguem mais se entendia n'esta terra.

«Quanto a mim, que defendo a necessidade de se formar um outro partido capaz de se defrontar com o democratico, estou convencido de que elle ainda se não formou por causa da pessima orientação politica dos dois partidos que pretendem traduzir o espirito conservador. A verdade é esta:—a opinião publica não tem confiança alguma no evolucionismo nem no unionismo. Porquê? Porque está cançada dos seus processos de combate, porque nenhum d'elles se apresenta francamente ao paiz com ideias, com soluções positivas para as questões do Estado. Até hoje, um e outro teem preferido, para alcançar proselytos, lançar mão de campanhas ultrajantes, que não provam senão a incompetencia e a impotencia política de quem as faz. Esta é a verdade. No dia em que qualquer d'esses partidos se lançar n'uma campanha a valer, de doutrinas, de principios de governo, as suas fileiras augmentam. D'outra forma, não.

—E qual é o seu palpite sobre os resultados do Congresso de Coimbra?

—E' que a dissolução se não vota. O sr. dr. Affonso Costa fará d'essa questão uma questão aberta, deixando que todos os correligionarios se pronunciem com inteira liberdade de acção. E a grande maioria do partido é absolutamente, decididamente contra esse perigosissimo principio. A questão liquida-se em duas horas.

—Depois...

—Cá estaremos. Antes da dictadura, os inimigos do partido democratico diziam que a nossa força era apparente. Viviamos da influencia de algumas duzias de caciques espalhados pela provincia... Para esses, a victoria do golpe militar de janeiro de 1915 foi a demonstração da nossa fraqueza. Estava resolvido o magno problema da nossa vida politica! A illusão não durou quatro mezes. Fez-se a revolução de 14 de maio—e abriram olhos de espanto quantos tinham suspeito que avançavamos arredados da actividade politica, como se fossemos tão fracos que uma rajada de vento nos levasse... Estabelece-se agora a mesma duvida, inventa-se para isso qualquer pretexto? Cá estaremos...

ALLEMÃES E POLACOS

Londres, 15 de fevereiro

O correspondente do *Morning Post* em Berne telegraphou ao seu jornal o seguinte:

«De origem polaca tenho a informação de que a Allemanha faz todo o possivel para levar o povo polaco a acceitar a autonomia sob a suzerania da Allemanha, caso em que formaria um exercito supplementar composto de polacos e contando cerca 900.000 homens. A opinião dos leaders polacos na Suissa é que os alliados devem garantir a promessa feita pelo imperador da Russia de garantir a autonomia á Polonia, —isso para impedir que uma parte do povo polaco caia no laço que lhe arma a Allemanha.

«Por outro lado, communicam de Varsovia, por via indirecta, ao *Jornal de Genebra*, que estalou ultimamente um violento conflicto n'aquella cidade entre a população polaca e a administração allemã. As auctoridades da occupação, que a principio tinham reconhecido a commissão polaca de instrucção publica creada já sob o regimen russo, começaram, de subito, sem motivo nem razão apparente, a molestar os commissarios e a querer sujeitar tudo á acção escolar ao seu dominio. Por ordem da policia, data em 14 de janeiro, foi suspenso o *contrôle* escolar da commissão, dissolvidas as delegações de exame por ella instituidas e as delegações de exames para uma data indeterminada.

Em resposta ao protesto d'uma delegação do comité civico e do presidente do municipio, principe Lubomirski, o governador allemão Kriess apresentou um novo programma de organisação das escolas, em que se substitue a commissão polaca por um conselho escolar, dependente em tudo da administração allemã, o que colloca nas auctoridades allemãs.

Este acto inesperado, que ataca, as liberdades e os direitos da escola polaca, originou grande sobresalto, sobretudo no corpo docente, commandado-se o facto com vehemencia no comité civico, cuja grande maioria prefere abster-se de qualquer collaboração, assim que entre em vigor a nova organisação escolar allemã.

Juntas de Parochia de Lisboa

Reunem na proxima terça-feira, pelas 11 horas e meia, na séde da Provedoria da Assistencia Publica, para apresentação dos trabalhos referentes á distribuição dos subsidios aos indigentes pelas juntas de parochia.

Regresso de expedicionarios

O bordo do «Mossamedes» chegam as forças que fizeram parte da expedição a Angola

A's 9 horas e 13 minutos de hoje foi recebido na Empreza Nacional de Navegação um telegramma do Cabo Espichel participando que demandava a barra o paquete portuguez *Mossamedes*, pertencente áquella Empreza. O atracamento ao Caes da Areia devia realisar-se ás 12 horas pouco mais ou menos. Conhecido esse telegramma, accorreu ao caes grande numero de pessoas da familia dos expedicionarios, amigos e curiosos. Logo que tivemos conhecimento da chegada do *Mossamedes* seguimos para o Caes da Areia.

O *Mossamedes*, um bello barco, vem rio acima, magestosamente, vendo-se por todos os lados soldados formando grupos. Passando em frente do caes, o *Mossamedes* foi dar a volta a Santa Apolonia, vindo atracar ao caes alguns minutos depois das 12 horas. A agglomeração era enorme.

Officiaes do exercito e da armada, da guarda republicana e fiscal, sargentos de todas as armas aguardavam a chegada dos seus camaradas. As bandas de infantaria 2, 5 e 16 já ali se encontram a fim de acompanhar as forças. Deita-se a primeira ponte para a saida dos expedicionarios, que levantam vivas e saudam os que estão em terra. O sr. Pedro Gomes da Silva, director da Empreza, auxiliado por alguns empregados, dirige o serviço. A primeira força que desembarca é infantaria 18. Compõe-se de 4 companhias. Commanda-as o major sr. Alberto Salgado, tendo como subalternos os capitães Sebes, Reis e Figueiredo, tenentes Mattos e Castro e os alferes Jones, Preza e Virgilio d'Almeida. Os soldados, que apresentam um bello aspecto, embora muitos venham de barba crescida, seguem para um dos armazens, onde formam. Pessoas de familia e amigos abraçam-os. Junto d'elles vem formar o esquadrão de cavallaria e a bateria de artilharia de montanha. Seguem-se 4 companhias de infantaria 17.

O seu commandante é o major Pires Viegas que traz sob as suas ordens 9 officiaes de diversas patentes, um tenente medico e um official proviso, além do capitão Guerreiro. Essa força segue para o mesmo armazem, onde igualmente forma. Entretanto duas companhias do 18 põem-se em marcha com destino á Cova da Moura, levando á frente a banda do 2. Levantam-se vivas que os officiaes e praças agradecem. Pelas janellas muitas pessoas acenam com os lenços. A pequena força de artilharia segue para Campolide. Infantaria 17 sae do armazem e vem formar no largo, de onde, depois de lhe ser passada revista, se põe em marcha com a banda do 5 em direcção a artilharia 1, onde ficou alojada.

Agora é o 16 que está a desembarcar. Ahi se encontram os officiaes d'esse regimento com o seu commandante á frente. O tenente-coronel que tinha ido com a expedição e já se encontra em Lisboa, tambem ali se encontra. O batalhão compõe-se de 3 companhias com os capitães Augusto Cezar Taveira, José Dias Velloso, tenentes Joaquim Antonio da Costa, Fernandes Costa e Castro de Almeida. O 16 com duas companhias do 18 e a respectiva banda põe-se em marcha, indo á frente grande quantidade de povo residente no Castello. Os expedicionarios seguem pelas ruas dos Bacalhoeiros, da Magdalena, largo da Sé, ruas do Limoeiro e da Saudade, entrando no Castello pouco depois das 15 horas.

A's forças, depois de passada revista nos quarteis, foi concedida licença para sahirem. As bagagens do batalhão de infantaria 17 seguiram todas para a estação de Santa Apolonia, de onde amanhã partirão em comboio especial.

O numero de expedicionarios que hoje regressou é de 1.702.

Para o hospital de Estrella foram removidos em carros da Companhia de Saude 7 soldados, sendo um do 16 e os restantes do 17.

Em favor da Servia

Reuniram hoje na redacção da *Vanguarda* os delegados dos varios estabelecimentos de ensino, para tratar da organisação do bando precatorio, afinal apresentado na reunião do Comité Central.

Resolveram constituir commissões em todos os lyceus e escolas do paiz para trabalharem conjunctamente com o Comité Central para a organisação do referido bando.

Ficaram constituidas as seguintes commissões:

Lyceu Passos Manuel—Pedro Judice Biker, Jayme de Castro Guedes, Armando Soeiro, Joaquim Ferreira Borges, Sebastião Ferreira da Cunha, Virginio Duque Simões e Hugo d'Assumpção.

Lyceu Pedro Nunes—Rosado dos Santos, Newton da Fonseca, Manuel Martins, Jeronymo Ramos e Almeida e Silva.

Lyceu de Camões—Carlos Motta Macedo, Luiz Salinas Dias Monteiro e Vasco Marques Peres.

Coupons de 1.000$

Na Junta do Credito Publico, são entregues nas proximas segunda e terça-feira os novos titulos de coupons para titulos de 1.000$, sendo na primeiro dia as de n.º 1 a n.º 44.723 e na terça-feira as de n.º 44.737 a n.º 114.177. A entrega far-se-ha das 13 e meia ás 16 horas.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 14—Matinée—A's 21—Frei Luiz de Sousa.

REPUBLICA—A's 15—Concerto—A's 21—Noite de Santo Antonio.

TRINDADE—A's 14—Matinée—A's 21—O dia do juizo. (Revista).

POLYTEAMA—A's 15—Concerto—A's 21—O cão do commissario.—O sonho de Marianna.

GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Lucia de Lammermoor.

Agenda da semana

HOJE — Gymnasio—Primeira representação da comedia em 3 actos, de Chagas Roquette, *O Senhor Roubado*.

O actor José Alves da Cunha desligou-se da companhia do Republica.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, Central, Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calçada Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

José Ferrando da Silva

Parte hoje no rapido de Madrid, em viagem pela Europa, tencionando visitar a Hespanha, a França, a Inglaterra e a Suissa, o considerado commerciante da nossa praça sr. José Ferrando da Silva, socio da casa casa Maldonado, Silvas e C.ª, com escriptorio na rua dos Correeiros, 71, 2.º. Vae, pessoalmente, adquirir os mais afamados productos da especialidade do seu importante armazem de perfumarias, papelaria e outros artigos tão interessantes como uteis, e que á mesma casa teem trazido numerosa clientella. Desejamos-lhe boa viagem.

O sr. ministro da guerra visita o Salão Central

O sensacional «film» que Lisboa vae admirar na proxima segunda-feira, e a que D'Annunzio deu o nome de «Cabiria» está interessando o publico á até encidade, merecendo tambem a atenção dos nossos governantes, a outros elementos uma especial attenção, por constar que o notavel trabalho cinematographico é uma resurreição ampliada pela phantasia do grande poeta italiano, de factos distantes, em que o homem se agitava em uma atmosphera de paixões, de dôr, de crueldade e de odio.

E todos estes sentimentos tão poderosos, tão amargos e tão impulsivos, vivem na obra de D'Annunzio, e apparecem n'uma procissão phantastica, impressionante, maravilhosa.

«Cabiria» foi hontem passada em sessão particular, pelas 15 horas, com a assistencia do sr. ministro da guerra, e alguns officiaes do exercito, que com muito interesse seguiram o desenrolar das scenas grandes e decisivas episodios da vida antiga, trez seculos antes de Christo, apresentados com um luxo maravilhoso, e uma realidade aterradora.

A s. ex.ª mereceu muita attenção a tragica forma d'aquellas batalhas tremendas, incendios de acampamentos, luctas terriveis, assaltos formidaveis de muralhas. E tudo isto está realisado por uma forma que jámais se imagina, e a prova encontra-se no proprio suggestão que essas visões exercem sobre os nossos espiritos.

O illustre ministro elogiou muito o soberbo «film», que na proxima segunda-feira é apresentado ao publico em «matinée» e sessões á noite.

O extraordinario concerto Blanch de amanhã

E', sem duvida, dos mais notaveis de toda a serie o magnifico concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa amanhã, domingo, no theatro Republica. Damos em seguida o programma:

1.ª parte—«Euryanthe», ouverture, Weber; «Duas danças hungaras», Brahms; «L'Apprenti Sorcier», scherzo, Dukas. 2.ª parte — «Symphonia Pastoral», Beethoven: a) Alegro ma non troppo—Sensações agradaveis que se experimentam ao chegar ao campo. b) Andante—Scena junto do regato. c) Alegro—Alegre reunião de camponezes. d) Alegro—Tempestade. e) Alegretto—Canto dos pastores; alegria em acção de graças a Deus, depois da tempestade. 3.ª parte — «A Walkiria», Magia do Fogo, «Wotan e Encanto do Fogo», Wagner; «Rienzi», ouverture, Wagner.

As declarações do sr. Asquith

na camara dos communs

Londres, 16 de fevereiro

Reabriu hontem o parlamento. O sr. Asquith expoz na camara dos communs a situação e, examinando a coordenação dos esforços dos alliados, disse o seguinte:

Tivemos o grandissimo prazer de receber, no principio de janeiro, a visita do sr. Briand, que acaba de se dirigir á Italia onde recebeu o mais caloroso acolhimento e lançou a base d'uma coordenação do esforços entre todos os alliados que lhes permittirá luctar, tanto quanto possivel, com armas eguaes, defrontando os nossos inimigos que teem a vantagem das linhas interiores.

No decurso dos ultimos trez mezes, o facto mais frisante na situação geral europeia foi a coordenação intima, a concentração, a unidade de direcção e do *contrôle* entre as potencias alliadas. Todas essas vantagens se applicam não só aos negocios diplomaticos mas tambem ás coisas militares.

Por occasião das ultimas visitas, elaborámos um programma cuja primeira manifestação será a reunião em Paris, dentro em pouco, d'um conselho que abrange delegados de todos os alliados.

O sr. Asquith insistiu em seguida sobre o papel particular da Inglaterra e a melhor utilisação dos recursos do mesmo paiz em homens e munições e sob o ponto de vista industrial e financeiro. Declarou o primeiro ministro:

Considerando que somos uma potencia que entrou na guerra como um poder unicamente naval, já fizemos alguma coisa de notavel, pois que, a despeito de todas as nossas perdas, as forças que temos actualmente nos diversos theatros da guerra são duas vezes mais elevadas e, em total, existem, independentemente d'ellas, homens ainda não chamados, unidades de reserva, outras equipadas ou instruidas em Inglaterra, outras ainda que compõem no estrangeiro ou nas colonias, as nossas guarnições habituaes. Podemos dizer, sem nos vangloriar, que levámos a cabo qualquer coisa de unico na historia do mundo.

Mas, independentemente dos homens que somos dado á causa commum, temos tambem ajudado os nossos alliados, não só com oiro, mas tambem em munições, em carvão, com todos esses artigos que lhes faltam a que são essenciaes á continuação da guerra.

Creio poder affirmar que de todas as nações alguma se poderia contribuir, não na extra do que se esperem tantos esforços e esforços tão diversos como os da Gran-Bretanha.

Pelo que respeita á questão financeira, disse o sr. Asquith:

Gastamos no actual momento, 125 milhões de francos por dia e não posso acalentar-vos a esperança de que semelhante cifra diminua. Multiplicae-o por sete, para saber o que se gasta por semana, por trinta para conhecer a despeza mensal, por 365 para averiguar o que se dispende n'um anno e tereis um total quasi inacreditavel.

As despezas do exercito de 1 de janeiro de 1915 eram já enormes e não tarda que tenha de pedir-vos a votação de creditos muito importantes.

As nossas responsabilidades são graves e a sua liquidação imporá um terrivel fardo ao paiz durante mais d'uma geração. Mas estas despezas continuam porque levaremos por diante esta guerra sem nos cançarmos e sem que os nossos esforços afrouxem.

A tarefa será pesada. Sabeis que não sou pessimista. Nunca o fui, e se o tivesse sido, deixal-o-hia de ser agora. Mas estou hoje tão certo do ultimo triumpho como da razão da nossa causa.

Mas torna-se preciso que o paiz comprehenda exactamente a situação pelo que respeita a uma grande parte das despezas, que deveriam ser pagas por contribuições, devendo o ministro da fazenda expôr-nos os grandes sacrificios que n'esse sentido ha a fazer.

Isso mesmo, porém, seria insufficiente, se não pudessemos manter o nosso credito que é o titulo mais precioso que possuem os alliados. Para que o mantenhamos, é essencial supprimirmos, d'um modo absoluto, toda a importação dos artigos que não são indispensaveis, todas as despezas feitas por luxo, todo o exagero na nossa maneira de viver. O fardo será pesado e necessitará esforços constantes da nossa parte, mas estamos dispostos a tudo, mesmo para as privações a esse fardo, por muito pesado, não é superior ás nossas forças. Procedendo assim, prestaremos aos alliados o melhor serviço que elles podem esperar de nós.

Taes as declarações do sr. Asquith.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

O centenario da opera de Rossini, «Barbeiro de Sevilha», será hoje commemorado no Colyseu por forma inolvidavel. Battistini, o insigne baritono, interpretará a parte de «Figaro» que é das suas brilhantes coroas de gloria. A sr.ª Tagelli encarregou-se da parte de «Rosina» e a «Canção de Almaviva» foi distribuida a Marescotti, a de «D. Bazilio» a Marlaches e a de «D. Bartolo» a Fio e. Os preços para esta recita são os mesmos que os da de ante-hontem.

Amanhã domingo canta-se na «matinée» sr.ª Maria Galvany cantará amanhã a «Lucia de Lammermoor», opera em que se estreou com tanto exito. Na segunda-feira, em recita da moda, teremos a primeira representação da «Sonnambula» que a sr.ª Galvany canta com especial encanto.

O baritono Battistini despede-se na proxima terça-feira, pois deve partir para Madrid, a fim de debutar no Theatro Real no sabbado, 26. Esta recita será lembrar a sua festa artistica, o que dizer um acontecimento.

Concertos David de Sousa

Continua presidindo á organisação dos programmas dos concertos do Polyteama, a avaliar pelo de amanhã, o mais elevado senso artistico. Por isso mesmo o amanhã de boa musica da preferencia a esses concertos, cujos executantes se mostram todos portuguezes, sendo assim que que n'elles tenham a de ser de prova frisante da orchestra que honra muito as distinctas audições. Assim succedeu no passado domingo e assim succederá todos os programmas que se anunciem... programmas do alto valor artistico do que amanhã David de Sousa executará.

ULTIMA HORA

O CONFLICTO ACADEMICO

As escolas superiores em gréve

Diz-se que os lyceus adheriram ao movimento

Em virtude das resoluções tomadas a noite passada, o conflicto academico aggravou-se. As escolas superiores adheriram á gréve e, segundo se diz, os alumnos dos lyceus e de outras casas de ensino vão tambem adherir ao movimento. Nos lyceus, hoje as aulas funccionaram com toda a normalidade.

Os estudantes do Instituto de Agronomia e Veterinaria reuniram hoje na sala de chimica a fim de serem ouvidos os delegados nomeados á Federação Academica. A' sessão presidiu o estudante Alvaro Saraiva, que tinha como secretarios os seus collegas Nuno Guzmão e Floriano Rocha. A reunião decorreu com a maxima ordem, sendo apreciadas as causas que determinaram a attitude dos academicos das Faculdades de Direito e de Medicina de Lisboa e da Escola Normal Superior de Coimbra. O estudante Raul Cunha apresentou um requerimento para que se consultasse a assembleia sobre se deviam ou não os estudantes do Instituto Superior de Agronomia secundar a gréve das escolas superiores de Lisboa e a attitude a seguir. Declarou que approvava a gréve desde que n'ella entrassem todas as escolas superiores. Falaram varios estudantes, sendo o caso largamente discutido. Os estudantes Arthur Castilho e Raul Paiva apresentam trez moções que foram approvadas. A primeira para que depois de ouvidos os delegados á Federação a assembleia resolvesse acatar todas as suas declarações; a segunda para que o seu apoio abrangesse exclusivamente as reclamações sobre a annulação de inscripções de alumnos das Faculdades de Direito e de Medicina e a terceira para que tendo os alumnos do Instituto Superior de Agronomia em consideração as discordancias existentes entre as escolas normaes superiores de Lisboa e Coimbra sobre a obrigatoriedade das conferencias resolvesse não dar a esse movimento apoio de qualquer especie, sem que a Escola Normal Superior de Lisboa se manifestasse sobre o assumpto, reservando-se o direito de definir a sua attitude apoz as declarações d'esta ultima escola. Procedeu-se depois á votação da gréve, sendo approvada por mais de 70 estudantes. Esse resultado foi communicado á Federação Academica pelo estudante Raul Paiva.

Na Escola Medica nada se passou digno de nota. De manhã chegaram a entrar no edificio alguns estudantes para irem ás aulas, mas depois tiveram conhecimento de que durante a noite tinha sido declarada a gréve escolar immediatamente para a rua onde apenas se via um limitado numero de estudantes e alguma guardas civicos para manter a ordem, e cuja intervenção se tornou desnecessaria. De manhã esteve ali um official da guarda republicana a fim de receber o local onde deve ficar colocada a força que desde hoje passa a policiar exteriormente o edificio. Os professores compareceram, mas retiraram por os estudantes não entrarem nas aulas.

Os alumnos das Faculdades de Direito, de Sciencias e de Lettras, acatando as deliberações tomadas pela Federação Academica não compareceram ás aulas, tendo ali comparecido todos os professores. Em frente dos edificios apenas se via um policia. Os estudantes do 2.º e 5.º annos da Faculdade de Direito declararam que tomavam parte na gréve por espirito de solidariedade e não por desconsideração para com os professores.

Os estudantes saudam o sr. presidente da Republica

Na reunião dos estudantes effectuada de madrugada na Federação Academica resolveu-se enviar ao sr. dr. Bernardino Machado o seguinte telegramma:

Presidente da Republica—Belem— A Federação Academica de Lisboa ao celebrar hoje a parede geral em todas as escolas superiores de Lisboa, sauda em V. Ex.ª o mestre de 1907.—*O Presidente da assembleia geral.*

Os alumnos da Faculdade de Sciencias pedem a todos os seus condiscipulos a comparencia na séde da Faculdade na proxima segunda-feira, pelas 8 horas da manhã, a fim de se tratar de um assumpto de alta importancia.

COIMBRA, 19.—Até agora, ignoram-se os resultados das conferencias que o capitão Freiria, delegado do governo, tem hoje tido com os directores das faculdades universitarias e com os professores da Escola Normal Superior.

A' tarde ouvirá no governo civil os delegados da academia.

Os acontecimentos

Foi mandado pôr em liberdade em virtude do processo contradictorio, requerido pelo sr. dr. Ferreira Borges e por ordem do general commandante da 1.ª divisão, José Ramos mais conhecido por *José Serralheiro*, que era acusado de ter tomado parte no caso da explosão da bomba na rua do Jardim do Regedor. Como envolvido no caso apenas se encontra detido o *Carlos Vasino*.

Sport

Uma conferencia sobre escotismo

A'manhã, ás 2 horas e meia da tarde, realisa o nosso collega de redacção dr. José Pontes uma conferencia na séde dos Recreios Desportivos da Amadora. O tema é «Educação do Escoteiro». A conferencia pertence á série de propaganda do escotismo que o grupo n.º 13 d'aquella localidade.

Congresso de educação physica

Nas trez sessões em que este Congresso se divide estudar-se-hão as seguintes theses:

1.ª sessão.—A Creança Portugueza—dr. Alves dos Santos. Jogos Escolares—capitão Vianna de Lemos. A Gymnastica na Escola Primaria—dr. Tovar de Lemos.

2.ª sessão.—A Educação Phisica e sua influencia no educação intellectual e moral—dr. Pinto de Miranda. A Instrucção Militar Preparatoria — major Desiderio Bessa.

3.ª sessão.—Methodos naturaes e cultura physica—dr. José Pontes. Desportos ao ar livre—capitão Oliveira Tavares. Natação—Alvaro de Lacerda.

Os congressistas podem aggregar-se a qualquer d'estas secções, independente de entrarem na discussão das theses das mesmas.

Além das theses officiaes recebe o Congresso communicações sobre assumptos que se refiram ao programa do Congresso.

Consta-nos que alguns medicos e directores de estabelecimentos pedagogicos apresentarão diversos trabalhos, vindo assim valorisar ainda mais os trabalhos d'este Congresso.

O Gymnasio Club Portuguez que organisa este Congresso tenciona apresentar tambem uma communicação sobre a «Sua acção em prol da educação physica» pela qual tem pugnado desde 1875.

Ultimamente enviaram a sua adhesão, os srs. dr. Silvio Rebello, medico e professor da Faculdade de Medicina, Associação dos Estudantes da Faculdade de Lettras, Camara Municipal da Guarda, Escoteiros da Amadora, Viriato Rodrigues, official do exercito e professor, Oscar del Negro, musico, Adolpho Lalemant, official do exercito, dr. Costa Saccadura, medico, dr. Antonio Barral, medico, Associação dos Lojistas de Lisboa, etc.

Pelos «rinks» de patinagem

A Escola de Educação Phisica tem amanhã patente durante o dia o seu excellente «rink» de patinagem, realisando-se á noite a costumada reunião elegante. Para a noite do proximo sabbado, 26, está preparada uma grande reunião particular seguida de baile. E' promovida por uma commissão, que já começou distribuindo os convites.

—No vastissimo «rink» dos Desportos de Bemfica tambem ha amanhã reuniões de patinagem, que devem ser animadissimas attendendo ao bello tempo que está, favorável em extremo a reuniões sportivas ao ar livre.

—Nos Recreios Desportivos da Amadora, no seu lindo «rink», que é o melhor do paiz, realisam-se amanhã sessões de patinagem, marcadas para á tarde e noite.

NOTAS DIVERSAS

O governador civil de Santarem veiu hoje a Lisboa conferenciar com o sr. ministro do fomento sobre a questão das fabricas de papel de Thomar.

A assignatura presidencial realisou-se, pelas 16 horas, no palacio de Belem.

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros do interior, da justiça e da instrucção e o sr. dr. Balthasar Cabral.

O sr. dr. Affonso Costa foi tambem procurado pelas direcções da Associação do Registo Civil, Cooperativa Predial, Associação dos mestres de obras da construcção civil, commissão de revolucionarios civis e director dos trabalhos geodesicos.

—O governador civil do Porto esteve conferenciando demoradamente com os srs. presidente do ministerio e ministros do interior e fomento sobre a concessão de subsidios e a questão das subsistencias.

O sr. dr. Pereira Osorio segue para a capital do norte, no rapido da tarde.

—A fim de poder seguir para Moçambique, a occupar o logar de chefe do estado maior da provincia, vae ser submettido a concurso para o posto immediato, na proxima terça-feira, o capitão sr. Sant'Anna Cabrita.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Com a visita do chefe do Estado e do ministro da instrucção, realisou-se hoje a abertura da exposição de pintura do sr. Antonio Saude, na galeria Bobone.

São 37 quadros, que o pensionista em Paris, executou durante o tempo de seu curso official de estudo, pela «bourse de voyage», instituida pelo legado Valmor a nos quaes, o distincto artista, denuncia as qualidades technicas que o põem em destaque, entre os alumnos da paisagem do sr. Carlos Reis.

A exposição, que é deveras digna de ser visitada, continua aberta ao publico das 11 ás 16 horas.

FERNÃO BOTTO MACHADO

O sr. Fernão Botto Machado, ministro de Portugal nas republicas da America Central, visitou hoje a repartição do turismo, sendo ali recebido pelos srs. dr. Magalhães Lima, Fausto de Figueiredo, Manuel Roldan y Pego, Alfredo Guimarães, José de Athayde, etc.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Carolina Vieitas Costa, devendo o seu ferretro, que sahe amanhã, pelas 14 horas, da rua da Boa Vista, 55, 1.º, ficar sepultado no cemiterio occidental.

—No hospital de S. José falleceu o sr. Antonio José Antunes, empregado da firma Manuel A. Callado & C.ª. O funeral, para o cemiterio oriental, realisa-se amanhã, ás 14 horas.

—Em Varzea de Goes falleceu o sr. Joaquim Carneiro, pae do capitalista sr. Francisco Martins Carneiro, residente n'esta cidade.

PEQUENAS NOTICIAS

No Centro Evolucionista do 2.º bairro, rua do Arco do Cego, 9, 1.º, realisa hoje, ás 21 horas o advogado sr. dr. Mesquita de Carvalho, uma conferencia politica, sendo a entrada publica.

—Alvaro Ruy Vargas, residente no Barreiro, rua Marquez de Pombal, 64, regressando, cahiu de um «wagon» na gare d'aquella villa, onde é escarregador, ferindo-se bastante, pelo que teve de recolher a enfermaria do hospital de S. José.

—Quando se dirigia á consulta da mesma casa de soccorros, morreu de um ataque subito, Henrique Correia, de Carregal, sendo o seu cadaver conduzido á Morgue.

—Na Avenida da Liberdade, toca amanhã, das 13 ás 14 e meia horas, a banda da Guarda Republicana, que executará o seguinte programma: «Casimiros», marcha, A. Moraes; «Phèdre», ouverture, Massenet; Sans-façon», solo de cornetim, Taborda; «Manon Lescaut», selecção, Puccini; «Divertissement», duo de flautins, Fáo; «Eva», selecção, Lehar; «Meridional», marcha, Mendes Canhão.

Festas associativas

Grupo recreativo Os «Estudiósos».—Abrilhantado pela *troupe* de bandolinistas do grupo ha amanhã, ás 21 horas, baile.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 15/16	35 12/16
Londres, 90 d/v	36 7/16	—
Paris, cheque	$71,3	$71,7
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$32,5	1$33,5
Suissa, cheque	—	—
Italia, cheque	—	—
New York	1$39	1$40,5
Rio, Londres	11 5/8	—
Libras	6$75	6$85
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	38,95
» » 500$	39,25	39,20
» » 100$	—	39,55

Obrigações d'Estado: 4 1/2 88-89, assent. 60$10; 4 1/2 1905, coupon 58$10. Externas: 1.ª serie 74$20 e 3.ª 76$80. Acções Assucar 45$; Ilha do Principe 223$; Phosphoros, assent. 57$; Gaz, port. 45$; Companhia Agricola Bella Vista 46$; Companhia Mercantil Internacional 6$. Obrigações: Prediaes 6 % 9$; Ultramarino, hypothecarias 93$70; Ambacas 93$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 81$ e tit. 5, 79$80.

Ensino livre

Os professores de ensino livre, domiciliados em Lisboa, reunem na proxima segunda feira, pelas 20 1/2 horas, na rua dos Poyaes de S. Bento, 75, 4.º, afim de se eleger o representante ao Conselho de Instrucção Publica.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

A ultima vontade de Marcel Hébert

O antigo sacerdote e notavel philosopho, que abandonou a Egreja, affirma a sua fé espiritualista

Paris, 16 de fevereiro

Falleceu Marcel Hébert. O illustre philosopho nascera em Bar-le-Duc ha sessenta e cinco annos, tendo-se ordenado sacerdote em 1876. Foi professor de philosophia na escola Fénelon, em Paris, estabelecimento esse que depois dirigiu. Affirmou-se um educador incomparavel e os seus discipulos veneravam-no, dominados pelo fulgor da intelligencia e pela rectidão e pureza de consciencia d'esse mestre que tinha o dom de attrahir e de captivar.

Marcel Hébert gosou de tal prestigio entre o clero de que fazia parte que, quando o arcebispo actual de Paris, monsenhor Amette, foi assumir o episcopado, depoz na sua maneira acerca da fé e dos costumes d'aquelle que era seu amigo e seu amigo. Mas a philosophia minou-lhe as crenças dogmaticas. Em junho de 1901, Hébert abandonou a direcção da Escola e pouco depois despiu a sotaina, em seguida foi professor na universidade livre de Bruxellas. No dia 11, falleceu n'esta capital.

Philosopho distincto, muito versado na arte, na historia e na pre-historia, Marcel Hébert possuia uma das intelligencias mais completas que é possivel deparar. No seu testamento manifestou o desejo de ser incinerado e accrescentou:

«Quero que o pastor Wilfrid Monod ou o rabbino Levy ou qualquer outro livre-crente diga algumas palavras n'essa ceremonia para attestar que, sem adherir ao protestantismo liberal ou a qualquer outra confissão, não quiz, uma inhumação «materialista» e que morro crente e esperando».

As suas vontades foram respeitadas. O pastor Wilfrid Monod não só proferiu «algumas palavras», mas um notavel discurso.

Entre as pessoas illustres que compareceram a prestar a ultima homenagem a Marcel Hébert contavam-se os srs. Salomon Reinach e Louis Havet, do Instituto; Alfred Loisy, professor no Collegio de França; Gabriel Séailles, professor na Sorbonne; Pierre Mille, publicista, varios discipulos do antigo director da escola Fénelon, etc.

Tribunaes militares

O assassinio do tenente Ferreira

Realisa-se na proxima quarta-feira, no 1.º tribunal militar o julgamento do soldado Joaquim Antonio da Silva, do grupo de metralhadoras aquartelado no Castello de S. Jorge, que, como em tempo largamente noticiámos, assassinou o tenente do mesmo grupo Bahr Ferreira.

Folhetim d'A CAPITAL 19-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A recordação do crime

A desordem e a desolação entraram na mina. Paira por toda a parte um espirito mau, que se compraz em espalhar á sua roda a dôr e a amargura, que fomenta odios e semeia, ás mãos ambas, o rancor. Os mineiros celebram conciliabulos. E' evidente que não andam satisfeitos. Porque? Dore procura averigual-o.

E aferrado a esse desejo, que no fundo não é mais do que o cumprimento do encargo de velar pela felicidade de Rosa, recebido, na hora da morte, da bocca de Galon, não perde um dos movimentos de Wilkerson, espreitando-o assiduamente, seguindo-o assiduamente por toda a parte. A fera anda espiada sem o saber. Cabe, por isso, em quantos laços lhe armam.

Aquella Darvell que faz parte do seu plano e que será nas suas mãos um *instrumento precioso*, não deixa de, lá de longe, exaltar os seus maus instinctos, arremessando-o para as derradeiras violencias. As suas cartas succedem-se, a ultima sempre peor do que a primeira e todas ellas resumando ignominia.

—«Faze com que a mina se desvalorise—dizia ella, d'uma vez, ao seu cumplice—porque o resto será commigo e só commigo!

Eram essas cartas que constituiam para Wilkerson o principal e mais importante incentivo. A sua leitura punha-lhe em vibração quantos maus sentimentos se albergavam na sua alma dura e secca. A sua habitual concentração diluia-se como que por milagre ao mergulhar os olhos n'essas missivas, que um enorme instincto de malvadez inspirava. Mas fazia, em geral, o que ellas lhe ordenavam. Quasi as não analisava e não as discutia nunca.

—«Faze com que a mina diminua de valor—repetia Wilkerson a cada passo. Mas como?

A' força de meditar, de pensar, de pesar bem essas palavras da aventureira que lhe infiltrava na alma todos os venenos, Wilkerson encontrou a desejada formula. Sim, desvalorisaria a mina dando a impressão aos mineiros, de que a sua prosperidade era pouca. E como? Diminuindo os salarios. O golpe era de mestre. Daria, com certeza, o resultado apetecido.

E uma tarde, ao abandonarem o trabalho, os mineiros encontraram á sahida da mina, pregado n'um poste, um cartaz annunciando que os salarios haviam sido reduzidos 25 por cento. Os mineiros olharam-se estupefactos. Que queria dizer aquillo? Que significava semelhante imprevista medida da direcção? Por acaso, a mina deixaria de dar o rendimento preciso para cobrir as despesas que a sua exploração exigia? Ignoravam-no. O certo é que os seus proventos iam ser diminuidos. Como resistir a esse golpe que acabavam de vibrar-lhes?

E os dias foram passando. A reducção dos salarios causára enormes perturbações. A miseria pairava na mina. Os sãos mal tinham que comer e os doentes não podiam tratar-se. Wiliam, um dos mais habeis operarios, teve de deixar morrer a mulher á mingua por não ter com que soccorrel-a. Foi Dore e foi Rosinha quem o amparou n'aquellas horas tragicas de affliçãо.

—A elle o devo, sr. Dore, dizia Wiliam ao engenheiro. E' um tiranno. Ha de pagar-m'as!

—Não te exaltes e tem cuidado. Elle é o mais forte. Não os pouparó, podem estar certos d'isso.

Wilkerson, no entanto, via o seu prestigio cada vez mais diminuido. Os operarios obedeciam-lhe a custo e a revolta rugia ameaçadora á roda de si. Um dia, um operario foi reclamar perante elle contra qualquer violencia de que tinha sido victima. Foi aggredido e arremeçado ao chão. Os outros operarios indignaram-se, e como a esse attentado pessoal outros se seguiram, a gréve, n'um dado momento, estala impetuosa e ameaçadora.

Wilkerson e os mineiros encontram-se. Ha lucta. Sobre o tiranno cahem, ao mesmo tempo, uns poucos de murros fechados.

O director resiste, mas não tarda que seja prostrado por terra e forçado apenas a uma defeza meramente instinctiva. João Dore está conversando com Rosinha, além, na varanda da casa que ella habitava. O ruido que vem do vale attrahe a sua attenção. Olha.

—O que é aquillo?—pergunta afflicta.—Os mineiros insubordinados, Wilkerson espancado... Não póde ser.

E sem perda d'um minuto, Dore parte a correr para o ponto onde Wilkerson se encontrava em riscos de vida. Era preciso salval-o.

—Para traz!—grita elle para a turba amotinada.—Este homem está sósinho.

Os mineiros estacaram immediatamente; mas Wilkerson, cego de furor, pretende aggredir João Dore, que é para elle um obstaculo invencivel á realisação immediata dos seus planos tenebrosos.

—Patife!—grita o bandido para o engenheiro.—Vaes pagar-m'as.

E atirando-se a João Dore, tel-o hia derrubado se elle não tivesse a tempo evitado o golpe. Seguiu-se então uma scena emocionantissima. Dore e Wilkerson luctam por largo tempo, com enormes vantagens para o primeiro. Wilkerson acabaria por ser vencido, e os mineiros não deixariam, mesmo ali, de fazer justiça por suas mãos.

Rosinha, porém, que havia seguido João Dore, ao vel-o em lucta feroz com o director da mina, não póde conter-se e interpõe-se entre os dois. A contenda termina. Dore afasta-se com a sua pupila, emquanto Wilkerson, espumando raiva, o despedia.

—Sáia, sáia da mina. Não o quero mais ao meu serviço!

Eis o peor dos golpes que Wilkerson podia vibrar na sua situação. E' que os operarios tinham por Dore uma verdadeira adoração, tantos e tantos serviços elle lhes prestára, tantas vezes tinham encontrado n'elle um protector cheio de bondade e um conselheiro cheio de prudencia. Não se resignavam a perdel-o. Era preciso impôr-se a Wilkerson a sua reintegração.

—Não sahirá da mina!—exclamavam elles em grita, apreciando, depois da contenda, a attitude do director. Nós não o queremos.

E armados de varapaus, de sarrafos de madeira, de tudo, emfim, quanto podia servir-lhes para aggredir e destruir, os mineiros dirigem-se em massa para os escriptorios da mina, a fim de se apoderarem de Wilkerson e de o lincharem sem dó nem piedade. Os vidros do escriptorio voam em estilhaços. Wilkerson, lá dentro dir-se-hia uma fera espicaçada na jaula. Está livido de terror. Nem sequer tem coragem para resistir.

Mas emquanto os operarios gritam e barafustam, preparando-se para arrombar a porta e trazer cá para fóra o odiado director, Dore surge a pretender apaziguar os animos exaltadisimos. Sóbe para cima d'um caixote, mesmo junto das janellas do aposento onde está Wilkerson e fala.

—Amigos, brada elle, não queiraes praticar um hediondo crime. E' preciso perdoar, para que Rosinha, a filha do noso primeiro director e proprietario da mina, não cáia na miseria. E' por ella é para ella que todos devemos trabalhar, e não para satisfazer ambições illegitimas de quem quer que seja. Wilkerson não procedeu bem comnosco! D'accordo. Mas desculpem-no, por agora. Quanto a mim, estou resolvido a todos os sacrificios para que a mina não pertença nunca senão a Rosinha!

—Queremos matal-o! Queremos matal-o!—exclamava a turba, ameaçadoramente.

E os vidros que ainda estavam inteiros continuavam a ser escavacados, reduzidos a estilhaços, quebrados implacavelmente. Wilkerson, por seu turno, ouvindo tudo, percebia bem a gravidade da sua situação. Mas que fazer para se salvar? Como aplanar as iras que proseguiam, se nem o proprio Dore fôra capaz d'isso? Os mineiros insistem cada vez mais. Precisam de castigar a altivez e a crueldade do director. Hão-de, portanto, apoderar-se d'elle. Ha uma nova investida contra a casa onde Wilkerson está encerrado. Vae realisar-se o ultimo esforço. D'aquella feita, Wilkerson não escapará.

Todo o homem, porém, possue um anjo bom que o protege nas horas de maior perigo. Rosinha foi, n'aquelle momento tragico, para Wilkersn, esse anjo protector, quando appareceu no alto do caixote, ao lado de Dore, arengando tambem, com energia e simplicidade, aos operarios amotinados. E o que Dore não conseguiu, conseguiu-o ella. Os mineiros applacaram-se e Wilkerson sahindo do seu esconderijo, apresenta-se tambem deante dos seus operarios para lhes dizer que Dore não sahiria da mina e que os salarios antigos ficavam, desde aquelles instante, restabelecidos.

Os desejos materiaes dos operarios e os seus interesses foram assim attendidos. Mas não o foi o lado moral da questão, ficando, portanto, existindo sempre entre Wilkerson e os seus subordinados um odio, que nem por estar occulto e recalcado era menos poderoso. E que os odios não se extinguem, tornando-se dia a dia mais malevolos e virulentos e mais temerosos.

(Continua).

No «ecran» do OLYMPIA

SPORT

A Associação de Foot-ball... inquisitorial

Ha penalidades que não se comprehendem

Parece que ha o proposito de evitar a marcha progressiva do sport

As communicações officiaes da Associação de Foot-ball de Lisboa, chegadas hoje á nossa redacção, inserem algumas informações, de caracter sensacional para o nosso meio sportivo.

Uma d'ellas «cahiu como um petardo», inesperadamente!

E' a que suspende por 5 mezes os Sporting Club de Portugal e o Sport Club Imperio! E' tão exaggerada, tão attentatoria do sport, e tão prejudicial á sua marcha, que não a acreditamos!... Evidentemente, o numero está errado. Não podem ser cinco mezes...

5 mezes! Equivale a dizer que os clubs penalisados não podem tomar parte nos torneios da «Taça de Honra»!

5 mezes! Equivale a não permittir que esses clubs promovam festas internacionaes, que seriam proveitosas aos seus cofres associativos. Quer dizer que a Associação deseja matar esses clubs! Ora não ha direito de o fazer...

5 mezes! Equivale a deixar em campo apenas um ou dois clubs, beneficiando-os d'uma protecção que a elles proprios, por espirito de *lealdade sportiva*, lhes repugnará!

Mas... como isto de «desorientação» é defeito vulgarisado, quizemos colher impressões directas sobre o assumpto, servindo-nos ao mesmo tempo de conhecer a veracidade do facto. Um amigo, homem de sport, que foi director d'um dos clubs penalisados, disse-nos:

—«E' verdade é. A Associação, para ser rigorosa, entende que necessita de ser inquisitorial. Na tal suspensão por 5 mezes ainda ha uma certa velhacaria que não se justifica. E' que os 5 mezes terminam em 17 de julho, isto é, já depois de terminada a epoca de «foot-ball». Era melhor a franqueza rude de dizer: «A Associação resolveu matar dois clubs».

—Mas o que fizeram os clubs para motivar semelhante penalidade?

—«Não sei. Ninguem o sabe. Os clubs viram-se obrigados a desistir do campeonato. Isso já representa um castigo. O Sporting, por exemplo, perdeu o titulo que tinha probabilidades de manter. Depois da desistencia nada mais houve. O laconismo da «communicação official» tambem nada esclarece. O facto é incomprehensivel porque se trata da maior penalidade imposta até hoje, penalidade que, salvo a comparação, equivale a um roubo feito aos dois clubs, que não vivem de batotas, nem de jogos, nem de subsidios, mas de quotisação de associados, uns foot-ballistas, outros amigos do «foot-ball». Ora tirando aos clubs a sua razão de existencia, esses clubs teem de fechar...»

Ouvindo estas phrases seccas, ditas com energia, não podemos occultar-lhe uma certa razão. Tambem, como o nosso amigo, não comprehendemos o laconismo da «communicação official» que insere uma penalidade severa, tão severa que o nosso amigo lhe chama «inquisitorial», e não ha uma phrase que a justifique!... Por fim perguntamos-lhe:

—E agora?

—Agora? Que quer que lhe diga? Que o «foot-ball» passa a ser exclusivo d'um ou de dois clubs, que o Bemfica pode trazer todos os «internacionaes» que quizer e que bem fez o mesmo Bemfica em arranjar dois «teams» seus...

—Porquê?

—Para disputar os jogos aos estrangeiros... Pois se elle não podia arranjar mais «teams». Usa a prata da casa. Os outros não podem servir, que estão «garrotados»...

Nota do dia

Amanhã, os jogadores de Madrid contra os campeões do Sport Lisboa

Grande espectaculo de sport é o de ámanhã. Combatem-se os jogadores madrilenos do Racing Club contra a melhor «linha», do Sport Lisboa e Bemfica. O festival effectua-se no campo de Sete Rios com o seguinte programma:

A's 12 horas—Desafio do campeonato de Lisboa entre os 3.os grupos do Victoria de Setubal e do Lisboa Foot-ball Club.

A's 14 horas—1.º grupo do Lisboa Foot-ball Club contra o 1.º grupo B do Sport Lisboa e Bemfica. Arbitro, sr. Montero, do Racing Club de Madrid.

A's 16 horas—1.º grupo do Racing Club de Madrid contra 1.º grupo A do Sport Lisboa e Bemfica. Arbitro, sr. Mario Monteiro.

Constituição do 1.º grupo do Lisboa Foot-ball Club: «keeper», Carreira; «backs», João Duarte e Eurico Rebello; «half-backs», J. Peres, Placido e R. Ramalho; «forwards», F. Lima, Frederico Castro, Eduardo Teixeira, J. Rebello e José Gaspar; reservas, Gaiolas, Diamantino e Fonseca.

1.º grupo B do Sport Lisboa: «keeper» A. Stock; «backs», R. Bugalho e J. Costa; «half-backs», F. Viegas, F. Peres e C. Pinto; «forwards», A. Santos, A. Rosmaninho, R. Reis, A. Mengo e Rogerio Peres.

1.º grupo A do Sport Lisboa: «keeper» Picão Caldeira; «backs», Henrique Costa e Leopoldo Mocho; «half-backs», C. Oliveira, Cosme Damião (cap.) e C. Figueiredo; «forwards», Herculano Santos, M. Veloso, F. Pereira, Carlos Sobral e A. Rio.

Como se vê das linhas acima, o excellente «keeper» que é Picão Caldeira, que na linha do Internacional brilhou por muito tempo, passa a fazer parte do Bemfica

Picão Caldeira era já socio do Bemfica ha cerca d'um anno, e a direcção do Bemfica, incorporando-o no seu primeiro grupo, fel-o por reconhecer em Caldeira o melhor homem que dentro do seu club possuia para aquelle logar. Cabe dizer que Picão Caldeira, tendo justificado perante a Associação a sua não comparencia ao desafio Porto-Lisboa, viu levantada a suspensão que lhe havia sido imposta.

—Os jogadores do Racing estiveram hontem no Gymnasio Club e no theatro Avenida. Para ámanhã e para domingo estão planeados passeios a Cintra e pelo nosso Tejo, não estando ainda bem determinado qual d'elles será o de ámanhã.

Partem para Madrid no rapido da tarde de segunda-feira.

Algumas anecdotas

Athletas ou cantores de egreja?

Passou-se a scena em Paris.

Na volta d'um desafio de «hockey», um alegre bando de athletas, cantava, com musica conhecida, o vigoroso estribilho:

Ah! Ah! rezemos a Deus,
Pelos que não são ninguem;
Ah! Ah! rezemos a Deus,
Por vós e por mim tambem.

Os cantadores improvisados metteram-se n'um «tramway», onde iam outros passageiros entre elles a Doutora Madeleine Pelletier, redactora do «Libertaire».

Os cantos dos novos e irrequietos athletas perturbavam a jornalista, que escreveu no seu jornal, um artigo que tinha por titulo: «O clericalismo levanta a cabeça».

E a moralidade d'esse artigo, resumia-se no seguinte:

«Ouvir cantar:—Rezemos a Deus—n'um «tramway» não dá a nota do que vale a nossa mocidade intellectual?»

Quando os athletas leram o artigo, riram e combinaram para outra vez cantar um batuque de negros. E dizia um d'elles:

—«Antes chamarem-nos selvagens que «sacristas»...

Os grandes records

Jogos internacionaes de polo

Em 1903 foi instituida a «Taça Patriotica» para ser disputada em desafios de «polo» entre a Inglaterra e a Irlanda.

Desde essa data já se realisaram onze jogos. A Inglaterra ganhou 9 vezes e a Irlanda 2 vezes. Os «goals» realisados pela Inglaterra foram 77, pela Irlanda 42.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

A «poule» hyppica em Palhavã

A inscripção para a reunião hippica que ámanhã se realisa no Hipodromo de Palhavã encerra-se hoje ás 10 horas da noute, não podendo concorrer a premio os que se inscrevam depois d'aquella hora.

Os obstaculos de que se compõe a primeira prova são os seguintes: Muro encarnado, 1 m.; Cancela de caminho de ferro, 1 m.; Passagem de estrada, Brook, 1 m.; Oxer, Barra, 1 m.; Cancela branca, 1 m.; Cancela de caminho de ferro, 1 m.; Muro encarnado, 1 m.

Da segunda prova: Entrada de parque, 1,10 m., com taquet; Cancela de caminho de ferro, 1,10 m.; Barra, 1,10 m.; Brook, 1,10 m., Oxer; Passagem de estrada; Muro em crista com taquet; Cancela branca, 1,20 m.; Cancela de caminho de ferro; Entrada de parque; Muro encarnado.

Espera-se avultada concorrencia da nossa primeira sociedade.

A Associação do Foot-ball de Lisboa

Communicações Officiaes.—A direcção da A. F. L., reunida no dia 17 do corrente, resolveu:

—Approvar socios contribuintes os srs. Arthur dos Santos, Fernando Martins Pereira, Eduardo Conceição Silva, Alberto dos Santos, Henrique Jayme Ferreira de Sousa, Virgilio da Fonseca, Eduardo Graça, Carlos da Silva Duarte e Albino dos Santos.

—Levantar a suspensão imposta ao jogador sr. Picão Caldeira, do O. I. F., dadas as explicações d'este senhor, referentes á sua falta de comparencia no desafio Porto-Lisboa.

—Castigar com suspensão desde o dia 18 do corrente até ao final dos campeonatos, 1915-1916, a 2.ª cathegoria do Internacional, por faltas successivas aos jogos marcados.

—Conceder os dias 19, 20, 26 e 27 para o Sport Lisboa e Bemfica organisar jogos com os grupos Racing Club de Madrid e Fortuna Foot-ball Club de Vigo. Advertir o capitão da 4.ª cathegoria do Cruz Quebrada, pela falta de inscripção d'um jogador seu.

—Castigar com suspensão desde 17 do corrente até ao final dos campeonatos, o jogador de 3.ª cathegoria do Palmense, sr. Antonio Gonçalves, por aggredir n'um desafio um jogador do Bemfica.

—Applicar a pena de suspensão por 5 mezes, á contar de 17 do corrente, aos clubs: Sporting Club de Portugal e Sport Club Imperio.

Campeonato escolar:—Foram concedidas as seguintes passagens: A' 3.ª cathegoria, pela Casa Pia, Mario Penicheiro e Alvaro Gralha; pelo Calipolense, José Simões; pelo lyceu Passos Manuel, Nemo Leitão; Jogadores inscriptos durante a semana: na 2.ª cathegoria, pela Casa Pia, Carlos Pinto Ferreira e A. Monteiro; na 3.ª cathegoria, pelo lyceu Passos Manuel, Joaquim Ferreira Borges, Manuel Maia Pinto, Ernesto Mendonça, Sancho Baena e Henrique Maia Pinto; pela escola Ferreira Borges; Armando Franco, Jayme Duarte, Arthur Almeida e Silva, e Affonso Mendes; pelo Calipolense, Ricardo Ornellas, Marcello Matta, Antonio Avila de Mello, José Simões e Luiz F. Aguiar. Desafios para o dia 20: a 2.ª cathegoria escolar começa a disputar o respectivo campeonato no proximo domingo, 27. 3.ª cathegoria, Instituto Pupilos, contra Ferreira Borges, no campo do lyceu de Pedro Nunes, ás 13 horas, juiz o sr. Amilcar Breia; Rodrigues Sampaio contra Passos Manuel, no campo do lyceu de Pedro Nunes, ás 14,30, juiz o sr. Amilcar Breia; Calipolense contra Casa Pia, no campo do lyceu de Pedro Nunes, ás 16 horas, juiz o sr. Arthur Santos; Pedro Nunes contra Academica, no campo do lyceu de Pedro Nunes, ás 11,30 horas, juiz o sr. Arthur Santos.—Campeonato inter-clubs: 1.ª cathegoria, Lisboa F. C. marca 2 pontos, por o Sporting ter desistido; 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. marca 2 pontos por o Sporting ter desistido; C. Quebrada marca 2 pontos por o Internacional estar suspenso; 3.ª cathegoria, Bemfica marca 2 pontos por o Sporting ter desistido; Victoria contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 12 horas, juiz o sr. Rogerio Peres; 4.ª cathegoria, Atheneu contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 14 horas, juiz o sr. Pedro Pagani; Palmense marca 2 pontos por o Imperio ter desistido.

Festas associativas

Gremio Lafonense—Realisa-se ámanhã a inauguração do novo salão de festas d'esta importante collectividade. O novo salão tem mais de 100 metros quadrados e recebe luz de 6 amplas janellas de sacada para a rua da Magdalena.

O programma da festa consta de baile, que se prolongará até de madrugada.

Academia Recreativa de Lisboa—Ha ámanhã recita com a comedia «Quem tem telhados de vidro...», seguindo-se baile.

Centro democratico español—Realisa-se amanhã uma «velada», com o joguete comico *Abrame usted la puerta* e um acto de variedades, terminando com baile.

Academia Recreio Artistico—Sarau amanhã, ás 21 horas, com a peça *Mentira!*, um acto de variedades e baile.

Manifestação funebre

Promovida pela Concentração Musical e Imparcial Sport, com séde na rua Maria Pia, 95, 1.º, realisa-se ámanhã, ás 15 horas, uma manifestação funebre em homenagem ao seu fallecido consocio João Pedro Nolasco. O cortejo dirige-se ao cemiterio occidental, incorporando-se n'elle um grupo musical.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 18.—Até ao dia 19 do proximo mez de março está aberta a matricula para as aulas de agricultura, que funcionará no Jardim Botannico da Universidade.

—Pela policia civica de Braga foi pedida á d'esta cidade a captura de um individuo, que é portador d'uns objectos de ouro de valor roubados n'aquella cidade.

—Foi nomeado continuo e ajudante do professor do lyceu José Falcão, d'esta cidade, o antigo e dedicado republicano sr. Jesuino de Moura Vieira.

—Foi nomeado 2.º assistente provisorio da faculdade de medicina, o sr. Mario Mendes.

—Por vender leite adulterado, foi enviada para juizo a leiteira ambulante Maria José, de Santo Antonio dos Olivaes.

—A academia d'esta cidade, aproveitando o alvitre do srs. Affonso Lopes Vieira, tenta levar a effeito a construcção de um busto a Luiz de Camões, no Jardim Botannico.

—Nos dias 24 e 25 de junho do corrente anno devem realisar-se com grande explendor n'esta cidade as festas commemorativas do «Enterro do Grau».

Os iniciadores d'estas festas são os srs. drs. Carlos Dias, Diamantino Calixto, Alfredo Rego, João Silvano e Manuel Frota, devendo para o primeiro serem enviadas todas as adhesões até ao dia 15 de março.

Alumna digna de auxilio

A menina Ermelinda da Luz Valente, filha do cabo-ferrador do quartel do Cabeço de Bola Julio Rodrigues Valente, frequenta o 1.º anno da Escola Normal, mas não póde comprar, por ser pobre, alguns dos livros adoptados. Lembrou-se, por isso de pedir por nosso intermedio a quem d'elles possa dispôr o obsequio de lh'os ceder, com o que praticaria uma acção generosa.

São os seguintes os livros de que essa menina carece: *Livro de leituras portuguezas* para a 3.ª classe dos lyceus, de Augusto C. Pinto; livro de francez, *Coms Mozn*, de A. Mironeau; *Historia Universal*, de A. A. Torres Mascarenhas, 4.ª e 5.ª classes dos lyceus.

cheiras d'um batalhão á sua esquerda e obrigou os allemães a retirarem para além das suas barricadas. Pelos seus serviços n'esse dia e no dia anterior foi condecorado com a Cruz Militar, tendo a mesma condecoração o segundo tenente S. C. Godfrey, do 2.º batalhão de Reaes Fuzileiros Escocezes, que desde as 6 horas e meia da tarde até ás 5 da manhã de 1 de outubro, pela sua iniciativa e bravura pessoal, deteve o avanço do inimigo que entrára na «Trincheira dos Canhões».

No dia 1 d'outubro os francezes continuaram a avançar para as elevações de Vimy, entrando no bosque de Givenchy e fazendo 61 prisioneiros pertencentes á Guarda Prussiana. Dois contra-ataques allemães, um d'elles contra um fortim tomado no dia anterior no bosque de Givenchy, o outro contra as trincheiras ao sul da cota 119, foram por completo repellidos. Além d'isso, houve grande numero de combates—em que as granadas tiveram o principal papel—a leste e sudeste de Neuville-St. Vaast. Coisa alguma de importancia, ao que parece, occorreu na fronte ingleza.

No dia seguinte, sabbado 2 d'outubro, á tarde, morreu o major general F. D. V. Wing, commandante da 12.ª divisão ingleza. Nascera em 1860 e era filho unico do fallecido major Vincent Wing. Fôra promovido a tenente d'artilharia em 1880 e exercera varias commissões de serviço. Como muitos outros officiaes inglezes, estivera na guerra sul-africana, tomando parte nos combates de Talana, Lombard's Kop e Laing's Nek.

Era o terceiro general de divisão que morria desde que começára a batalha de Loos. A' morte dos dois outros, o major general G. H. Thesiger e o major-general sir Thompson Capper, já fizemos referencia no capitulo anterior.

No dia 3, não houve descanço nem para os inglezes, nem para os francezes. O 9.º corpo d'exercito francez havia, já por completo rendido as tropas inglezas que defendiam a face septentrional do saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay. A' tarde, os allemães bombardearam violentamente a face norte. Em seguida deram diversos ataques a descoberto contra as trincheiras inglezas entre as pedreiras de Hulluch e a estrada Vermelles-Hulluch.

Esses ataques foram repellidos com grandes perdas da parte do inimigo, mas a noroeste das pedreiras os allemães conseguiram retomar a maior parte do reducto Hohenzollern. Emquanto proseguia a lucta para retomar as elevações a Vimy, os allemães dizem que repelliram os ataques francezes ao sul da cota 119 e que retomaram parte d'uma trincheira a nordeste de Neuville-St. Vaast. Se isso é ou não verdade, não se sabe ao certo.

O que se sabe com certeza é que, no dia 4, as tropas do general d'Urbal estavam luctando violentamente no bosque de Givenchy e na cota 119. Tomaram a encruzilhada da estrada dos Cinco-Caminhos, mas depois foram d'ahi desalojadas.

Houve em seguida uma curta acalmia na lucta travada entre o canal Béthune-La Bassée e o Scarpe. Inglezes e francezes estavam consolidando as suas posições, os allemães preparando-se para contra-ataques pelos quaes esperavam recuperar todo o terreno por elles perdido na batalha de Loos.

Esses contra-ataques não se demoraram. O avanço dos inglezes entre a cota 70 e Hulluch, onde haviam conquistado terreno que variava de 500 a 1.000 metros de extensão, tinha causado receios ao principe real da Baviera, o qual resolvera, se fôsse possivel, repellir os alliados do saliente.

A's 10 horas e meia da manhã de 8 d'outubro, altos explosivos e outras granadas começaram a chover sobre a fronte da linha ingleza e as trincheiras d'apoio. Um aeroplano inimigo durante algum tempo pairára sobre ellas, dirigindo o fogo. Foi posto em fuga, mas a intensidade do bombardeamento continuou a augmentar.

nas devido á falta de munições que os russos tinham.

Na batalha do Marne, quando, devido á estrategia de Joffre, os allemães entre Paris e Verdun parece não terem tido vantagem numerica, os soldados do kaiser não levaram a melhor. A batalha do Marne não fôra, porém, um embate de numero, ao passo que na primeira batalha de Ypres se demonstrou que massas, theoricamente dominadoras e dirigidas por officiaes completamente indifferentes a perdas de vidas ou aos soffrimentos humanos eram, mesmo quando apoiadas por uma artilharia gigantesca, incapazes de tomar entrincheiramentos defendidos por uma força relativamente pequena de tropas exercitadas e valentes.

A 9 de novembro de 1914, lord Kitchener observou: «O desenvolvimento dos armamentos modificou a applicação dos antigos principios de estrategia e tactica e reduziu a presente guerra a uma coisa que se approxima das operações de sitio». No que respeita ao theatro occidental da guerra, essas palavras não foram desmentidas pelos acontecimentos subsequentes.

Nas batalhas de Neuve Chapelle e Artois, inglezes e francezes haviam feito apenas pequenos avanços. Os allemães, empregando gazes asphyxiantes, haviam em abril vibrado um golpe traiçoeiro aos defensores do saliente de Ypres, mas as ruinas d'essa cidade continuavam em poder dos alliados.

Na ultima semana de setembro, auxiliados por gazes soporificos e por nuvens de fumo, inglezes e francezes tentaram abrir caminho por entre as linhas allemãs no Artois e na Champagne, mas os resultados não foram considerados em harmonia com a perda de vidas e o gasto de munições.

Comtudo, em ambas essas areas os alliados tinham conseguido verdadeiro successo. O general de Castelnau havia-se approximado do caminho de ferro Bazancourt-Grand Pré e, se os allemães pudessem ser desalojados d'essa importante linha lateral de communicação, a sua posição ao sul do Aisne e nas encostas septentrionaes das Ardennas tornar-se-hia precaria.

Os generaes Foch e d'Urbal haviam repellido os allemães de Souchez e, em maio e junho haviam-nos desalojado de Carency, La Targette e Neuville St. Vaast e do Labyrintho. O 10.º corpo d'exercito francez estava, porém, abrindo caminho vagarosamente para as elevações de Vimy.

Por ultimo, sir Douglas Haig havia tomado as ruinas da cidade de Loos, as encostas occidentaes da cota 70, a fossa ao norte e parte das pedreiras de Hulluch e do reducto «Hohenzollern», tendo, porém, sido tão grandes as perdas inglezas na batalha de Loos que a 28 de setembro, como atraz dizemos, o 9.º corpo d'exercito francez tivera de ir guarnecer as posições até ahi occupadas pelo exercito britannico.

Os progressos de d'Urbal e de Haig pódem parecer ter sido poucos, mas levaram esses dois generaes para perto das lombadas da planicie do Scheldt. A importancia que o alto commando allemão ligava á occupação d'essas lombadas evidenciava-se pela multidão de defezas subterraneas que os allemães haviam construido nas elevações desde La Bassée, ao sul, até ás margens do Scarpe, e pelos desesperados esforços que nos dias que se seguiram á batalha de Loos fizeram para não serem desalojados e para recuperarem o que haviam perdido na lucta travada nos dias 25 a 28 de setembro.

Alem das desvantagens tacticas em que ficariam se fossem repellidos para a planicie do Scheldt e se a face meridional do saliente de La Bassée pudesse ser varrida por um fogo de enfiada, havia ainda alguma coisa mais para ser tomado em consideração pelos allemães. Com infinito trabalho uma grande rêde subterranea de fortificações havia sido construida entre La Bassée e o Scarpe. As tropas allemãs julgavam inexpugnaveis essas fortificações.

Se se provasse que assim não era, o effeito moral seria enorme. Seria

ASSISTENCIA PUBLICA

Um encargo de 40 contos sobre a commissão do Porto

que ella não póde, nem deve pagar, porque o Estado nada tem feito em favor da pobreza d'essa cidade

Porto, 17

A deliberação da Commissão Central de Assistencia Publica, transmittindo, «endossando» á Commissão de Assistencia do Porto o encargo de 40 contos annuaes para cobrir os encargos do emprestimo para o Hospital da Cidade, causou aqui uma grande surpreza e justificada indignação.

O Estado, a Assistencia Publica do paiz não teem concorrido em nada, quasi em nada, para a assistencia no Porto.

Os factos o demonstram.

O Porto, se tem tido assistencia publica, deve-a á Santa Casa da Mizericordia, —que é uma instituição particular,—benemerita, tão grandiosa em beneficios, como sacrificada por vezes em regalias e direitos administrativos.

A este proposito, disse-nos um illustre medico com quem nos avistámos:

—Os encargos do emprestimo para o Hospital da Cidade que,—diga-se sem malicia,—já devia estar prompto, foram, pelo decreto que o creou, taxativamente attribuidos á Commissão Central de Assistencia. Como é que, agora, essa commissão,—que tem rios de dinheiro para distribuir pelos hospitaes de Lisbôa e pelos de todo o paiz,—delibera descarregar-se d'esse encargo, passando-o para a commissão da assistencia do Porto?

«Quem a pode «auctorisar» a deliberar assim, indo de encontro ao estatuido, ao «decretado» pelas camaras?

«Além de saltar por cima da lei 267, de 29 de julho de 1914, a Commissão Central de Assistencia commette uma barabridade sem nome, porque,—se a sua resolução fôr ávante, —terão de ser postos na rua, ao frio, á fome e ao desconforto, centenares, milhares de doentes e de indigentes que a assistencia do Porto sustenta e que deixará de poder subsidiar.

«E' facil a demonstração d'esta barbaridade monstruosa. Cabendo n'este semestre á commissão do Porto a quantia de 20.660$00 irão 20 contos para fazer face aos referidos encargos, restando para a assistencia apenas a quantia de 660$00, verba que mal chega para as despezas miudas, como sejam os transportes de indigentes.

«D'esta maneira, e procedendo a commissão central da mesma forma nos semestres seguintes, como deliberou, segue-se que a commissão de assistencia do Porto será um orgão sem funcção, visto como esta só se pode exercer com dinheiro.

«Quer dizer: é a miseria posta na rua. Doentes que se tratam, desgraçados que se abrigam em azylos—tudo ao abandono, como cães vadios, atirados para a lama das valetas,—só porque a commissão central de assistencia entende que o Porto não é terra portugueza, não tem direito a uma parcella de beneficencia do cofre geral da asistencia publica do paiz!

—Mas o Estado deve intervir... O Estado deve concorrer para a assistencia publica do Porto...

—Nunca o fez, nem no tempo da monarchia, nem apoz a Republica. O Porto tem sido sempre, em assumptos de assistencia publica, desprezado, quasi vilipendiado pelas estações superiores, pelo Terreiro do Paço.

«E, se não, vejamos: Quanto dispendê o Estado com a assistencia publica em Lisboa? Em 1912, a verba orçamentada era de 597.906$25. Quanto dá para o Porto? A miseria de 34 mil escudos.

«Parece um escarneo. Aos hospitaes de Lisboa dá grandes subsidios. N'um dos ultimos exercicios, a distribuição era esta:

«Para o hospital de S. José, escudos 117.105$37; á Mizericordia de Lisboa, idem; á Casa Pia, 67.355$58.

«E para a Santa Casa da Mizericordia do Porto? A ridicularia de 5.151$43!

«Poderá dizer-se, talvez, que o Porto tem a Santa Casa da Mizericordia, que suppre as deficiencias da assistencia por parte do Estado...

«E' um erro, porque, infelizmente, os recursos financeiros da Santa Casa não só lhe não permittem prestar as soccorros necessarios á população indigente e doente do Porto, mas obrigam-na a reduzir muito a sua acção beneficente.

«O hospital geral de Santo Antonio dá tratamento nas suas enfermarias e nas das cadeias a cerca de 7.000 doentes por anno.

«Pois, está demonstrado que ha ainda um «déficit» de assistencia para 3.000 doentes, por anno, pelo menos.

«A Santa Casa presta altissimos serviços de assistencia e beneficencia. Basta enumerar alguns dos seus estabelecimentos:

«Além do hospital de Santo Antonio, tem o hospital de Alienados, com uma população média de 550 internados; Recolhimento das Orphãs da Esperança, educando e recolhendo 80 orphãs; Estabelecimento do Barão de Nova Cintra, azylando e educando 80 internados dos dois sexos; Hospitaes de Lazaros e Lazaras, com 60 internados; Hospitaes de Entrevados, com 118; Recolhimento de Viuvas e Velhas, com 57 internadas; Instituto de Surdos-Mudos, com 79 alumnos, etc.

«Mas não é só isto. A Santa Casa dá ainda consulta e medicamentos a muitos milhares de adultos e creanças. Basta esta estatistica:—em 1912 as consultas de medicina e cirurgia no hospital foram 191.109 e consultas nas enfermarias das cadeias, 26.575.

«Pois, se a resolução da commissão central de assistencia fôr por deante, uma grande parte d'esses doentes, e velhos azylados e creanças a educar nos seus azylos, terão infallivelmente de ser despedidos e postos na rua, ao abandono e ao desamparo.

Objetamos:

—Os 20 contos não são tirados á Santa Casa...

—Mas são tirados á commissão de assistencia do districto. Essa commissão, visto as circumstancias financeiras da Santa Casa serem precarias, resolveu adeantar-lhe 3 contos por mez, nos dois mezes proximos. Ora, tendo ella de dar 20 contos para os encargos do emprestimo do Hospital da Cidade, e ficando apenas com 660$00, como é que pode prestar os serviços da sua beneficencia e assistencia, e adeantar os 3 contos á Santa Casa?

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Palestras sociaes»

Em volume, dando-lhe uma fórma nova, reuniu o official do sr. A. Pereira de Mattos, as suas conferencias e os seus escriptos, já apparecidos na imprensa sobre o modo de resolver a crise que de ha muito vimos atravessando, tratando sobretudo do problema das habilações baratas. Bem fez o sr. Pereira de Mattos em colligir esses elementos dispersos, pois são valiosos subsidios para estudo.

Boletim da faculdade de direito—Do 2.º anno, sahiu o numero 13 d'este boletim, da Universidade de Coimbra. Valioso como sempre, trazendo collaboração dos professores drs. A. Machado Villela, Caeiro da Malta e J. Alberto dos Reis.

Miau!—Temos presente o numero 5, que continua a manter os creditos já adquiridos, o que é o melhor elogio que lhe podemos fazer.

Carolina Vieitas Costa

Falleceu

R. I. P.

Rodolpho Vieitas Costa e suas filhas, Antonio Affonso Palhares (ausente), Maria Affonso Palhares, seu marido e filhos (ausentes), Rosa Affonso Palhares, seu marido e filhos (ausentes), Filomena Affonso Palhares, seu marido e filhos (ausentes), José Affonso Palhares, sua mulher e filhos, Antonio Affonso Palhares, Jeronymo Vieitas Costa e sua mulher participam a todas as pessoas de suas relações e amisade que foi Deus servido levar da vida presente, confortada com os Sacramentos da Egreja, sua extremosa esposa, mãe, filha, irmã, tia e cunhada, Carolina Vieitas Costa, sahindo o seu funeral amanhã, 20 do corrente, pelas 14 horas, da rua da Boa Vista, 55, 1.º, para o cemiterio occidental.

Não se fazem convites especiaes, devido ao estado de consternação em que se encontram.

Carta topographica de Portugal

A direcção dos trabalhos geodesicos e topographicos acaba de fazer publicar as folhas n.os 15-c (Mação) e 13-b (Vieira), que fazem parte da carta de Portugal a 5 côres, que essa direcção geral vem publicando.

Trabalho completo, minucioso, magnifico mesmo, podemos dizer, honra o director geral, o sr. coronel João Miguel Dias, e todo o pessoal que n'essa repartição trabalha.

PEQUENAS NOTICIAS

Um grupo de productores coloniaes respondeu, em opusculo, ao sr. Russel Cortês, entendendo que só deve ser permittido o estabelecimento da industria do assucar de beterraba, desde que não fira os legitimos interesses e direitos coloniaes.

Movimento maritimo

Bahia, Rio de Janeiro «Ryn'and»........	19
Br. e R. Pr., «Drechterland» (de Ams.)	19
Madeira e Açores, «San Miguel».........	20
R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (de Amst.)...	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular»..........	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)....	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

mesmo até um certo ponto uma confissão de que os alliados no theatro occidental lhes eram superiores no modo scientifico de fazer a guerra. Os allemães não haviam em parte alguma da fronte occidental erguido entrincheiramentos tão formidaveis como os que havia entre La Bassée

Contra-almirante inglez Nicholson

e Vimy. O Labyrintho e o reducto Hohenzollern eram, como já vimos, simplesmente formidaveis.

Se esse reducto, assim como o Labyrintho tivessem de ser abandonados, uma especie de desanimo podia abater os animos dos allemães no Artois e d'ahi propagar-se ao resto das hordas que defendiam os seiscentos e quarenta kilometros de trincheiras na fronte occidental. Como o panico n'um sector importante podia propagar-se a toda a linha e o melhor remedio para o panico são os contra-ataques, o principe real da Baviera fez numerosas tentativas para desalojar os alliados das suas anteriores posições.

Sob o ponto de vista tactico, os principaes effeitos das batalhas de Loos e de Vimy tinham sido accentuar ao sul o saliente allemão em La Bassée e crear um segundo saliente allemão que corria dos arredores de Lens pelos suburbios de Liévin e Angres e por Givenchy-en-Gohelle e as elevações de Vimy até ao Scarpe abaixo de Arras.

Do lado dos alliados o saliente correspondente creado pela sua victoria começava proximo de Cuinchy no canal Béthune-La Bassée Lille, seguia a sudeste pelo reducto Hohenzollern, pedreiras de Hulluch, extremo occidental de Hulluch e fossa tomada pelos Guardas Coldstream para a elevação da cota 70; d'ahi, obliquava para oeste em roda do sul de Loos até ás trincheiras dos alliados em Grenay.

O saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay media na base apenas uns oito kilometros e, tomando em consideração o alcance da moderna artilharia, era obvio que as tropas inglezas e francezas que o occupavam estavam em posição especialmente perigosa. O 10.º exercito francez havia, na realidade, varrido o inimigo das trincheiras nas encostas orientaes do planalto de Notre Dame de Lorette do lado contrario a Angres, e tomára o bosque de Hache e Souchez, mas, a 28 de setembro, quando o generalissimo inglez pedira que o 9.º corpo d'exercito francez fôsse mandado para occupar a face septentrional do saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay, as tentativas do general d'Urbal para tomar Givenchy-en-Goheile, os bosques proximos e as elevações de Vimy encontraram a maior resistencia da parte de duas divisões dos Guardas Prussianos, designadas pelo principe real da Baviera para impedirem que d'Urbal torneasse pelo sul as posições allemãs entre Grenay e Angres.

No dia 29—em que o vento foi violentissimo e a chuva torrencial—os allemães deram diversos ataques contra a posição ingleza a noroeste de Hulluch. A lucta foi renhida e prolongou-se por todo o dia, mas, a não ser na extrema esquerda, onde o inimigo se apoderou d'uns 150 metros de trincheiras, os ataques foram repellidos.

Durante esses ataques, o segundo tenente Alfred Fleming-Sandes, do 2.º batalhão do regimento East Surrey, ganhou a Cruz de Victoria pela

sua bravura no reducto Hohenzollern. Commandava uma companhia sujeita a um continuo bombardeamento e ao fogo incessante de metralhadoras. Os homens levavam comsigo poucas bombas; as tropas á sua direita estavam em retirada e soldados isolados começavam a retirar para a retaguarda.

Fleming-Sandes n'um golpe de vista abrangeu a situação. Juntou algumas bombas, subiu ao parapeito e arremeçou-as contra os allemães que avançavam, que estavam apenas a uns 20 metros. Quasi que immediatamente foi gravemente ferido pela explosão d'uma granada. Erguendo-se, em vez de tratar de se curar, avançou e arremeçou as bombas que lhe restavam, sendo de novo ferido gravemente.

Se não fôra a acção do valoroso official, é provavel que a sua companhia se não tivesse concentrado e que a posição n'esse importantissimo ponto da batalha se houvesse tornado deveras critica.

Proximo d'ali, na trincheira «Big Willie», que corre a leste do reducto Hohenzollern, Samuel Harvey, do 1.º regimento de York e Lancaster, ganhou tambem n'esse dia a Cruz de Victoria. Um violento ataque á bomba foi dado pelo inimigo e os inglezes tinham pouco material para responderem convenientemente. Harvey offereceu-se para o ir buscar, mas, devido á trincheira de communicação estar obstruida pelos feridos e pelos reforços, foi obrigado a atravessar a descoberto sob um fogo intenso. Foi ferido na cabeça, mas, quando cahiu, havia já trazido trinta caixas de bombas. Se não fôsse elle, o inimigo talvez tivesse tomado toda a trincheira.

Entre outros heroicos feitos d'esse dia, da parte dos inglezes, dois outros pódem ser mencionados. Proximo de Vermelles, o capitão C. H. Sykes, do 6.º batalhão de Fuzileiros Reaes, regimento da cidade de Londres, quando algumas tropas á sua esquerda foram á força de bombas, postas fóra da sua trincheira, carregou á frente de doze homens e retomou-o. Não contente com isso, continuou a avançar e só recuou quando viu que lhe faltava apoio. Mais tarde, n'esse mesmo dia, sob um violento fogo de granadas, apoiou uma companhia que estava retirando perante um numero superior.

Na manhã seguinte, esse valoroso official foi ferido.

Não longe d'ahi, o segundo tenente R. J. H. Gatrell guiou uma esquadra de lança-bombas contra um partido de lança-bombas allemães que havia conseguido tomar uma trincheira com 350 metros de comprimento. Gatrell e os seus homens retomaram-na.

Entretanto, o 10.º exercito do general d'Urbal nas poucas horas da noite de 28 para 29 e durante o dia 29, conseguira chegar á cota 140, que era o ponto culminante nas elevações de Vimy, e aos pomares ao sul da cota. Havia feito 300 prisioneiros, na maioria pertencentes á Guarda Prussiana.

O communicado allemão de 29 de setembro, depois de dizer, com verdade, que parte do terreno evacuado ao norte de Loos havia sido retomado pelos allemães, admittia que os francezes haviam tido parcialmente um successo «no districto de Souchez e Neuville».

O dia 29 foi digno na verdade de nota por uma acção proximo de Ypres, na região de Hooge. O inimigo fez explodir uma mina proximo das trincheiras inglezas ao sul da estrada Menin-Ypres e conseguiu estabelecer-se nas trincheiras de primeira linha inglezas. Quasi toda a posição perdida foi retomada no dia seguinte por meio de contra-ataques.

Durante o dia 30, quando as tropas do 9.º corpo d'exercito francez começaram a occupar as posições até ahi guarnecidas pelos inglezes, os combates ao longo da face septentrional do saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay continuaram. A lucta era especialmente violenta nas cercanias do reducto Hohenzollern.

O segundo tenente R. J. H. Gatrell distinguiu-se n'essa acção. Commandou um contra-ataque de lança-bombas para retomar as trin-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1990—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º | LISBOA—Domingo, 20 de Fevereiro de 1916 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica,71 | Preço 2 centavos

Os navios allemães

Até agora nada se sabe de seguro ácerca do aproveitamento dos navios allemães. Apenas na «Nação» encontramos informações recolhidas n'uma folha da noite, informações que a serem verdadeiras assumiriam um aspecto grave.

Com effeito, diz a «Nação» que segundo essas informações da «Liberdade», os ministros da Allemanha e da Austria teriam feito saber ao governo portuguez que o aproveitamento d'esses barcos implicaria uma immediata declaração de guerra a Portugal por parte dos imperios centraes, e ainda mais anunciava a «Liberdade» que esses diplomatas teriam feito, ou seja affirmarem ao nosso governo que, fizesse o sr. Affonso Costa o que fizesse, os navios não sahiriam das mãos dos seus donos. Para justificar essa ameaça dizia ainda a «Nação»: «E como a guarnição dos barcos allemães ancorados no Tejo esteja muito reduzida, para bordo foram rapazes da colonia allemã, que içaram a bandeira imperial no mastro da popa, e lá estiveram esperando o sr. Affonso Costa até que elle mostrou ter desistido de ir buscar os barcos.»

Ha aqui uma parte que parece assentar sobre um fundo de verdade. Os navios allemães teem tido a sua bandeira içada de noite, o que é contra os regulamentos do porto. Se isso se juntar um reforço das suas tripulações de que não tenha o devido conhecimento a respectiva capitania, estaremos em presença de factos que ninguem póde deixar de considerar irregulares.

Mas, segundo as informações da «Liberdade» reproduzidas pela «Nação», não é só de irregularidades que se trata. A ida de rapazes da colonia allemã para bordo dos navios do seu paiz ancorados no Tejo teria obedecido a um pensamento aggressivo. Iam para lá esperar o sr. Affonso Costa, se elle fosse tomar conta d'esses barcos.

Ora qualquer que seja a opinião politica que se forme do sr. Affonso Costa, sejam monarchicos ou republicanos que a expressem, a verdade é que o sr. Affonso Costa não é n'este momento um simples cidadão portuguez. O sr. Affonso Costa é o chefe do governo de Portugal, e se tomasse conta dos navios allemães não commetteria um acto arbitrario: executaria uma lei votada pelo parlamento nacional. Ir para bordo dos navios allemães com a resolução de resistir ao sr. Affonso Costa, significaria um proposito aggressivo contra o governo portuguez. Seria um acto de hostilidade a Portugal. Portugal, como todos os Estados, é um Estado representado por um governo que existe, e não pelo governo que estes ou aquelles cidadãos, conforme as suas opiniões politicas, desejariam que existisse.

Se a extraordinaria affirmação da «Liberdade» corresponde a um facto, nós acabamos de soffrer mais um vilipendio, mais um acto aggressivo da Allemanha. E esse vilipendio, esse acto aggressivo contra o paiz ha portuguezes que o relatam com evidente satisfação. São os monarchicos, que se dizem guardas fieis de uma tradição de brio e gloria que é a propria essencia da historia patria.

Como todo o publico, nós esperamos o desfecho d'esta questão dos navios allemães. Não podemos acreditar que esse desfecho seja contrario á dignidade nacional. O aproveitamento d'esses barcos corresponde a uma necessidade imperativel. E', como nenhuma outra, uma questão vital. Nem o parlamento portuguez approvaria a base da lei das subsistencias que esse aproveitamento auctorisa, se essa necessidade não fosse por todos como tal reconhecida.

Portugal, já o disémos, não precisaria de todos os navios allemães. O resto seria util a interesses mais vastos e porventura ainda mais urgentes. Immobilisados nas nossas aguas, esses navios a ninguem servem. Se circumstancias da politica dependente que internacionalmente temos seguido, levarem o governo a não utilisar esses navios, tal facto representará uma decepção nacional. E ainda se fosse só uma decepção! Mas não. Como a questão se encontra, á falta gravissima que essa decepção nos occasionaria, juntar-se-hia a impressão dolorosissima d'uma nova vergonha.

Novas taxas postaes

No palacio dos correios, á rua Eugenio Santos, reuniu hontem o jury encarregado de proceder á classificação dos projectos apresentados ao concurso para as novas taxas postaes de correspondencia e encommendas.

Foram apreciados 33 desenhos, durando a classificação das 16 ás 19 horas. O primeiro classificado é um artista novo, mas já com nome entre os seus collegas.

O desenho que obteve a primeira classificação para o sello da correspondencia representa o busto da Republica e o destinado ás encommendas postaes as duas figuras do commercio e da industria.

O jury apresentará ámanhã o resultado dos seus trabalhos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos ellos profusamente illustrados. Na administração d'A Capital são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que veem acompanhados das respectivas importancias.

Uma nova revista

Com o titulo *Terra Portugueza*, sahe na proxima terça feira uma nova revista illustrada de archeologia artistica e ethnographica, dirigida pelos srs. dr. Virgilio Correia, D. Sebastião Pessanha e Alberto Sousa. Eis o summario do primeiro numero, que promette ser interessantissimo: Architectura pre-romaica em Portugal por D. José Pessanha—Iconographia manuelina por dr. Julio Dantas—Pintadeiras por dr. Virgilio Correia—Tapetes de Arrayolos por D. Sebastião Pessanha—Sargaceiros por Alfredo Guimarães—Costumes portuguezes por Alberto Sousa, etc. etc.

Pelo telegrapho

Mais uma fabrica de munições destruida

NINGSPORT, 19.—No estado de Tennessee um incendio destruiu uma grande fabrica de munições sendo as perdas avaliadas em um milhão de dollars.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 20.—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite não se passou facto algum importante.—(Havas).

O sr. Vandervelde, no ministerio da guerra

HAVRE, 19.—Um decreto real confiou ao sr. Vandervelde, ministro de Estado belga, uma parte das attribuições do ministro da guerra.—(Havas).

EM TORNO DA GUERRA

A natalidade no imperio allemão
Erzerum, chave da Asia Menor

Paris, 17 de fevereiro

Emquanto nos campos de batalha os allemães cahem por centenas de milhares, os seus homens publicos preoccupam-se com uma questão que era já angustiosa antes das hostilidades: a da diminuição dos nascimentos.

Com effeito, apezar do augmento da população vinha-se verificando, de ha quarenta annos a esta parte, uma constante diminuição na natalidade. A media passou successivamente de 39,28 em 1876 para 36,50 em 1900 e para 32,32 em 1910.

A população do imperio russo, que era em 1856 de 68 milhões, attingia, pelo contrario, 166 milhões em 1912, com 3 milhões de nascimentos por anno! Se se comparar o augmento da população na Russia com o da Allemanha, chega-se a resultados que não são para animar os sonhos de predominio do kaiser. Ao passo que, de 1897 a 1912, a população russa augmentou 47 milhões, a população allemã cresceu de 12 milhões.

O economista austriaco Masaryk calculou que, tomando por base os dados demographicos actuaes, no anno 2000, a população dos Estados europeus será a seguinte: França, 64 milhões; Italia, 58; Austria-Hungria, 84; Inglaterra, 145; Allemanha, 165; Russia europeia, 400, o que com a Russia asiatica, fará 500 milhões.

Mas não ha necessidade de ir tão longe. Contentemo-nos com um salto de quinze annos. Com a base dos coeficientes actuaes, em 1931 a Russia terá 220 milhões de almas, ao passo que a Allemanha apenas terá 90.

A superioridade numerica dos russos será, pois, sempre mais esmagadora. Isso explica as preoccupações da Allemanha, que inutilmente procura remedios.

O ministerio do interior nomeou uma commissão especial; os bispos mandaram prégar em todas as egrejas e templos que é preciso seguir o preceito de Deus: «Crescei e multiplicae-vos!» Ha quem alvitre impostos sobre os celibatarios e casaes sem filhos. Pensou-se em agrupar os que se interessam pelo problema, fundando-se a «Sociedade para a politica da população» de que fazem parte professores, advogados, officiaes, homens politicos e feministas.

Diz-se, porém, que na sessão de inauguração uma feminista que falou com enthusiasmo sobre a necessidade de procrear *à outrance* era uma velha solteirona, que nunca teve filhos. No fim da sessão, fez-se uma especie de inquerito ácerca da progenitura dos membros presentes. Entre elles apenas um tinha trez filhos, todos os outros tinham um ou dois, havendo-os sem nenhum...

Entre a Anatolia e a Asia, assim como entre a Russia e a Persia, Erzerum é ponto de passagem obrigatorio.

Facilmente se imagina que grau de prosperidade não teria trazido uma situação geographica tão favoravel se um regimen de massacres e de roubos não tivesse sempre impedido, desde a conquista turca, o desenvolvimento normal da grande cidade armenia, que conta apenas de sessenta a oitenta mil habitantes, pois que é tal a desordem da administração ottomana que nem se sabe ao certo quantos habitantes tem Erzerum.

Mas não é só sob o ponto de vista commercial que Erzerum é uma cidade de grande importancia. Os conductores de camellos das caravanas chamam-lhe uma encruzilhada, os generaes chamam-lhe um nó de estradas e o que acima dizemos ácerca da necessidade quasi obrigatoria de passar por Erzerum para ir da Asia Menor para a Persia ou da Russia para a Mesopotamia é uma verdade e ainda mais para os grandes comboios militares do que para as caravanas commerciaes.

Não só Erzerum está situada no cruzamento de todas essas estradas, mas domina-as, «commanda-as», como se diz em estylo militar, dos 2.000 metros de altitude do planalto no qual está construida.

Erzerum é simultaneamente a porta e a chave da estrada que conduz a Constantinopla, sita a cerca de 1.000 kilometros a oeste, e da que conduz a Bagdad, a uma distancia sensivelmente egual ao sul.

Por isso, de ha muito que os russos comprehenderam toda a importancia militar d'esta fortaleza que lhes daria a praça forte natural que domina os altos valles dos principaes rios da Asia anatoliana.

Já em 1829 o general Paskevitch se assenhoreou de Erzerum, mas o tratado de Andrinopla restituiu-a á Turquia. Em 1878, os russos de novo tomaram Erzerum, mas, uma vez mais, a diplomacia, obedecendo a Bismarck, tornou a pôr a infeliz cidade sob o jugo execrado do turco, que de novo a entregou aos seus carrascos kurdos. Com effeito, em poucas cidades, exceptuando Van e Much, os armenios teem soffrido tanto com as exacções e dos fanaticos salteadores kurdos e lazos, que por anno teem morto milhares d'esses infelizes.

Ameaçada já pelo sul pelos inglezes que sobem o curso do Tigre, ameaçada a leste pelos russos avançando de Hamadan e de Kermanchah, Bagdad vae ainda vêr-se ameaçada de ter cortadas as communicações por via ferrea com Constantinopla. E a capital da Turquia na Europa, por sua parte, não é, n'este momento, coberta já pelo lado de leste por qualquer praça forte que tenha certo valor militar.

Importante em si mesmo, a victoria que os russos acabam d'alcançar é ainda mais importante pela consideravel influencia que pode ter no desenvolvimento da guerra no Oriente.

Paris, 16 de fevereiro

Pela sua situação entre os valles do Euphrates, que corre para oeste antes de obliquar para o sul, o do Tchorok, que corre para o Mar Negro, e o do Araxe, finalmente, que se dirige para leste e para a Asia, o local onde foi edificada Erzerum é um d'esses sitios escolhidos onde uma cidade importante não podia deixar de se fundar e se tornar prospera.

N'essas altas montanhas da Armenia as estradas são raras e estar á beira de uma d'ellas é para uma cidade um serio elemento de prosperidade.

Erzerum fica na encruzilhada de todas as que teem alguma importancia. Quer se vá de Trebizonda para Van, da Bassoum para Much, para Bitlis, para Mossul, para Bagdad de Vivas, para Tauris ou para Erivan, quer se queira ir da Asia Menor para a Mesopotamia ou para a Persia, do Caucaso ou da Georgia para a Armenia, do Mar Caspio para o Mar Negro ou d'este para o golpho Persico, tem de se passar forçosamente por Erzerum.

Os allemães na Bulgaria

Londres, 16 de fevereiro

Um telegramma de Bucarest para o *Times* diz o seguinte:

Desde o bombardeamento dos fortes de Varna esta praça tem sido consideravelmente reforçada.

No porto ha actualmente submarinos e dois hydroplanos. Canhões allemães foram montados nos fortes. Na cidade estão aquartellados trez batalhões de infantaria allemã, dois regimentos de cavallaria e grande numero de artilheiros.

Não ha duvida de que os allemães pensam na occupação permanente da Bulgaria, devido á necessidade que teem de ficar senhores do caminho de Constantinopla.

Na fronteira romaica a construcção de fortificações prosegue activamente sob a direcção de officiaes allemães.

Quando os artilheiros allemães chegaram, os habitantes receberam-nos amigavelmente. Mas depois dos effectivos consideraveis se installarem no paiz, a desconfiança bulgara despertou.

E augmenta dia a dia devido aos modos tyrannicos dos allemães, que se consideram como senhores da Bulgaria.

Ao mesmo tempo é grande o descontentamento por causa da carestia crescente do quasi todos os objectos de primeira necessidade.

A manteiga custa actualmente 5 francos o arratel, o azeite 3 francos e 25 centimos, a carne dois francos e meio, o café 6 francos.

O pão não é caro, mas ha tres qualidades: o que é fabricado exclusivamente com trigo é difficil de obter. A peor qualidade é negra e de gosto desagradavel.

A exportação dos cereaes para a Allemanha e para a Austria continua, mas está prestes a terminar.

O que se escreve e que se lê

Folhinha de qualquer anno

Contos por André Brun

E' ámanhã posto á venda mais um volume de André Brun. O nosso querido camarada de redacção, que tem hoje um publico fiel e numeroso, reune aos apreciabilissimos meritos litterarios, tão brilhantes e tão variados, que o impuzeram em edade em que outros começam a evidenciar-se, o da fecundidade da producção, que lhe permitte cultivar simultaneamente e com egual talento o theatro, o jornalismo, a chronica e o conto.

Constitue o seu novo livro uma serie de contos, consagrados cada um d'elles a um dia do anno. Todas as qualidades reveladas no bello volume «Dez contos em papel», cujo exito duas edições successivas demonstraram e que a critica recebeu tão lisonjeiramente, se patenteiam na «Folhinha de qualquer anno». Mas essas qualidades assignalam-se aqui com maior firmeza. O litterato está na posse do seu estilo proprio; a sua observação é segura, a sua analyse penetrante, e a sua phantasia risonha, original e amável. Ha paginas em que o bom humor e a graça esfusiam; outras em que a nota do sentimento é ferida com uma delicadeza e uma ternura que commovem. O novo trabalho de André Brun não se aprecia em meia duzia de linhas que pretendem simplesmente annunciar ao publico a sua apparição; cremos, no entanto, que, enunciando os titulos dos seus capitulos, contribuiremos para avivar ainda mais o desejo que todos os admiradores do nosso illustre collega deverão sempre. Ei-los:

«Anno novo, vida velha», conto para o dia de Anno Bom; «A fava», conto para o dia de Reis; «Sóror Seventy Seven», conto para o dia da Santa da Pureza; «A cégada», conto para Domingo gordo; «A Javiandade de D. Alzira», conto para quarta-feira de cinzas; «Cleophas, locandeiro», conto para quintafeira santa; «O cuco da ramalheira», conto para o primeiro dia da primavera; «Molèque André», conto para o dia de S. Benedicto; «O folar do José Maria», conto para o domingo de Paschoa; «A machina de fazer virtudes», conto para o dia de Santo Imaginario; «Ameno resedá», chronica para o dia de S. David; «O bochecho», conto para a vespera de Santo Antonio; «A moira encantada», conto para a vespera de S. João; «O feijão frade», conto para o dia de S. Pedro; «Senhora Quiteria, mulher a dias», conto para o dia de Santa Maria Magdalena; «Um drama de amor», conto para o anniversario da declaração da grande guerra; «A mulher virtuosa», conto para o dia de S. Cipriano; «O primo Izidoro», conto para o dia de finados; «Historia melancholica», conto para o dia de S. Martinho; «Eu», a proposito do dia de Santo André; «A professora», conto para o dia de Santa Cecilia; «Jesus ladrão», conto para a noite de Natal; «Fim de anno a bordo», chronica para o dia de S. Silvestre.

A edição é da acreditada livraria Guimarães & C.ª, da rua do Mundo.

As inundações na Hollanda

AMSTERDAM, 19.—A situação geral melhorou, apesar de ter havido uma leve recrudescencia. Em Kleinesluie morreram afogadas algumas mulheres. Em Volendam desabaram 18 casas.—(Havas).

ASSISTENCIA INFANTIL

Associação da Parochia Civil de Camões

A' sessão do seu 5.º anniversario preside o chefe do Estado

A benemerita instituição Associação de Assistencia Infantil da Parochia Civil de Camões festejou hoje o 5.º anno da sua fundação com uma sessão solemne.

Quem a essa festa assistiu deve ter ficado agradavelmente impressionado, porque ella revestiu grande imponencia. As salas do velho palacio de Santa Martha estavam repletas, vendo-se entre a assistencia muitas senhoras. O pateo de entrada estava engalado com bandeiras de varias nações. Junto da escadaria estava um grupo de escoteiros e á esquerda do pateo uma deputação dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, para fazerem a guarda de honra ao sr. presidente da Republica.

Um pouco antes das 13 horas chegou o sr. dr. Costa Gonçalves, governador civil de Lisboa e minutos depois o sr. capitão Ferreira Simas, ministro da instrucção, sendo ambos recebidos por toda a direcção da associação e pessoas presentes. Em cima, nas salas, o movimento é extraordinario. Chegam os alumnos das escolas n.os 37 e 38 com os seus estandartes. Um sextetto sob a direcção do maestro Alves Coelho executa diversos trechos musicaes.

Vão entrando os primeiros convidados: drs. Levy Marques da Costa, Ruy Telles Palhinha, Carneiro de Moura. A's 13 horas e meia entra no pateo o automovel conduzindo o sr. presidente da Republica, que vem acompanhado do seu secretario particular sr. Costa Lemo e Luiz Barreto da Cruz, 1.º official da presidencia e chefe do protocollo. O sr. dr. Bernardino Machado é recebido com todas as honras, seguindo para o gabinete da direcção onde descança uns minutos. Seguidamente, o sr. presidente da Republica acompanhado de todos os presentes dirige-se para a sala onde estão expostos os trabalhos feitos pelos alumnos. Estes, com os seus professores e os estandartes, estão ao topo da sala e quando o chefe do Estado ali entrou entoaram a «Portugueza». O sr. dr. Bernardino Machado examina os trabalhos expostos e que se compõem de copias, bordados, debuchos, trabalhos em rapia, desenhos, etc. O sr. presidente da Republica tem palavras de elogio para os professores e estudantes. Entretanto os alumnos seguem para a sala das sessões ficando o estandarte da escola 38 do lado direito e o da 37 á esquerda.

O sr. dr. Bernardino Machado assume a presidencia tendo á sua direita o ministro da instrucção e á esquerda o presidente do senado municipal. Os srs. governador civil, dr. Levy Marques da Costa, Costa Lemo e Barreto da Cruz ficam em cadeiras junto da meza dos representantes da imprensa. O sextetto executa a «Portugueza», findo o que tem a palavra o sr. Peres Rodrigues.

Fala em nome dos associados e diz que a festa nada tem de novo. Muito se tem feito, mas muito se tem ainda a fazer. A Maternidade é a actual preoccupação dos corpos directivos. Agradece ao sr. presidente da Republica o ter acceitado o convite para presidir á sessão e poder examinar de perto os trabalhos da direcção.

O sr. Rodrigues Simões, presidente da direcção, apresenta as suas homenagens ao sr. presidente da Republica, ministro da instrucção e demais convidados. Historia a forma como a primeira junta de parochia, ainda no tempo da monarchia, pensou em organisar a cantina e quaes os seus resultados, podendo affirmar que ella é a primeira no seu genero que existe em Lisboa. Pelo relatorio que passa a ler vê-se que a Cantina tem fornecido 241.254 refeições; dado no seu balneario 13.540 banhos; dado tratamento a 516 creanças, medicamentos e consultas a 1718 pessoas; distribuido livros a 350 creanças ou sejam 1157 volumes; distribuindo 1017 pares de calçado e 3379 peças de roupa; banhos de mar a 767 creanças, incluindo a colonia de ferias na cidadella de Cascaes. Mas a Associação fez mais: tratou na maternidade 90 mulheres a quem foi fornecido tudo quanto é preciso. Por emquanto não se póde fazer mais.

O sr. Rodrigues Simões termina por dizer que apenas lamenta que não haja mais associações d'aquelle genero, onde todos trabalham com amor e desinteresse em defeza das creanças e da Republica. Seguem-se no uso da palavra os professores D. Estephania Quadros dos Reis e Pedro José Ferreira que leem discursos de agradecimento pela presença do Chefe do Estado.

O sr. dr. Levy Marques da Costa, diz que não estava prevenido para usar da palavra e que não tem dotes oratorios. Em nome do povo que ali representa e da vereação agradece os trabalhos feitos pela Cantina em defeza das creanças. Não pode deixar de elogiar o presidente da Cantina, o sr. Rodrigues Simões, como um devotado propagandista da instrucção e amigo das creanças. Todos os elogios são poucos. O orador diz que uma das preoccupações da camara tem sido a instrucção primaria. Não tem sido grande o seu desenvolvimento mas a culpa não é da Camara.

Ella está sempre disposta a auxiliar com o seu subsidio todas as iniciativas uteis como a da Cantina de Camões. A preparação da creança é a salvação do futuro, taes são as ultimas palavras do sr. Levy Marques da Costa.

Fala em seguida o sr. dr. Carneiro de Moura, que diz ir ali não como representante de qualquer collectividade, mas sim por se encontrar entre creanças e por vêr na presidencia o seu mestre e tambem por poder saudar os devotados propagandistas da instrucção. O sr. Ruy Telles Palhinha, como vereador do pelouro da instrucção, agrada-lhe a obra que se festeja e diz que se torna necessario fazer das creanças homens completos que não vivam de phantasia. Para exemplo vá buscar-se a forma de instrucção á America, á Inglaterra e á propria Allemanha, esse paiz grande nas sciencias, nas artes e até mesmo na crueldade. Fala ainda o sr. Rogerio Soares Moita, em nome da Assistencia Infantil do Beato e Olivaes e por ultimo o sr. ministro da instrucção, que produz um bello e eloquente discurso.

A's 15 horas a sessão é encerrada, retirando o sr. presidente da Republica com o mesmo cerimonial da entrada.

A' noite ha sarau dramatico e musical.

Poeira da Arcada

A politica tem invadido tudo, espalhando sisanias em todos os lares. Quando dois portuguezes se encontram, tratam primeiro de espionar-se, para saber o que pensam sobre os problemas que hoje nos dividem e só depois d'esto exame é que tomam attitudes definidas.

As pessoas que queiram collocar-se fóra do dominio das paixões, raramente encontram quem as comprehenda. São olhadas de soslaio, incorrendo na suspeita de uma prudencia velhaca, inquisitorial. As suas palavras parecem occultar venenos secretos. Muito contra sua vontade, vêem-se obrigados a reduzir os seus passeios e os seus desabafos ao minimo possivel, a fim de não se contaminarem na viciosa atmosphera em que respiram quasi seis milhões de odios, espicaçados...

Folhetim d'A CAPITAL—20-2-916

As arvores

Tratá-se d'uma nova festa da arvore, e segundo vejo pelas noticias que se lhe referem, essa iniciativa cada vez é mais bem recebida pelas populações. Toda a gente se dispõe a plantal-as, e congratulo-me pelo facto, não só pela belleza que ella cria como pela lição moral que ella comporta.

Eu amo as arvores. Dão-nos, reunidas, as ideias da graça e da força. As suas copas offertam-nos a sombra abençoada dos grandes dias de calor; dos seus ramos pendem fructos; floridas, são jardins aereos; n'ellas constroem as aves os seus ninhos; são as cidades povoadas pelo povo mais encantador da creação; d'ellas sahem harmonias supremas, na musica celeste dos seus cantores alados, e as brisas que perpassam perfumam-se nas suas ramagens. Representam heroicamente o esforço da vida, nas etapes do desenvolvimento da sua robustez. Teem os aspectos rudes da lucta e os enternecidos gestos do amor. Por vezes sangram, por vezes conforcem-se. E' o seu soffrimento. E' a dôr que as avigora e as sagra. Outras vezes ondulam, e os seus ramos, os seus troncos teem o ar de braços anciosos que procuram amplexos de paixão emquanto os botões das suas flores se entreabrem como labios vermelhos que querem dar beijos de amor.

* *

As arvores são bellas, as arvores são fortes. Se ellas desapparecessem da terra, se deixassem de dar ao nosso globo a sua cabelleira de folhagem, o mundo seria ermo nos proprios pontos em que ostenta as suas paisagens mais formosas. Onde é que o vento havia de rezar os seus psalmos de melancholia? Onde haviam de pousar os rouxinoes? D'onde é que haviam de pender os fructos deliciosos que dão á garganta do homem a frescura das aguas virgens e o sabor do mel olympico? E tambem onde aprender melhor as lições da natureza augusta? Ha arvores com o aspecto de martyres; outras com o perfil de paladinos. Algumas são lanças que se erguem para o ceo; outras teem ramarias que se agitam como flamulas; algumas choram como estatuas do soffrimento resignado. Nenhuma convenção as constrange. Crescem com a expansão natural; não supportam alinhamentos nem symetrias. Podem morrer, e morrem,—mas não conhecem a escravidão dos seres.

Na terra, a vida nasceu na floresta. Foi ahi que todos os seres, desde os mais humildes aos mais fortes, começaram a palpitar de força e de emoção. Foi ahi que o primeiro homem conheceu a doçura do primeiro beijo de amor. Foi ahi que elle talhou o seu machado de silex, foi ahi que elle, um dia, nos bosques incognitos onde nasceu a poesia dos Védas, viu brilhar, temeroso e extasiado, a primeira luz, brilhando como uma pequenina estrella, lingua de oiro e de purpura, clara como a aurora, vermelha como o sol no poente, que lhe ia dar o calor, que era vida, alegria e fé. Foi ahi que elle pela primeira vez cahiu de joelhos ante todo o mysterio enorme que o cercava, e venceu reduzir a pequenina estrella, da creação do seu proprio genio fez alma. Sobretudo a sua alma estava já alçada ao mais alto cume da ramaria gigante, olhando para o infinito com um extasis religioso em que já transparecia o anceio de um conquistador.

Nada é mais triste do que vêr derrubar uma arvore. Eu comprehendo, como uma necessidade, que ella se abata, para edificar a cidade, ou para com a sua madeira construir tudo o que d'ella depende para a grandeza e a formosura da civilisação. Quem sabe se, na mesa em que estas palavras escrevo, não estremecem as fibras da arvore que nos canticos do vento se embebeu d'uma poesia suprema? Quem sabe se eu não sou senão um pessimo interprete do que ella viu e sentiu, e se o gorgeio d'um ninho não estará dando harmonia ao canto que balbucio? Mas a arvore apedrejada, mutilada, derrubada, só pelo prazer estupido da destruição, da maldade, sempre foi espectaculo que me confrangeu. Sobretudo nas estradas que a sua ramagem deveria abrigar, não só protegendo-nos contra os raios abrasadores do sol da canicula, como dando-nos á vista o enlevo de que ella necessita para alegrar a alma.

Plantar a arvore, para mim, seria pouco, se apenas em plantar mais uma arvore se pensasse. O que acho util e bello é protestar com esse gesto contra o assassinio esteril da arvore. O que acho util e bello é que d'esse acto se conclua que tanto devemos respeitar e amar a arvore, que até a devemos plantar, e se a devemos plantar como poderemos pensar em destruil-a!

Seria esse o pensamento da maxima oriental que assignava como obrigação humana procrear um ser, escrever um livro e plantar uma arvore. Tudo normas imperativas da vida, tudo florescencias e fructos. Dar um contingente á humanidade, espalhar um raio de arte ou saber, dar á terra mais um pouco de belleza e frescura. A noção moral d'esta maxima é delicada como um pensamento de amor.

A natureza é mestra e amiga,—n'este culto presta-se um preito á natureza. Ella fortalece as almas e ensina as consciencias. A linguagem dos poetas, que teem a sagrada intuição dos segredos do universo, já fez falar os animaes, que não teem voz humana, e d'elles tirou lições que á humanidade aproveitam. Moralista severo foi Esopo, como moralista doce foi La Fontaine. Estes fabulistas só disseram a verdade. Rudyard Kipling collocou um filho dos homens no convivio das proprias feras, e as leis da floresta surgiram como fructos d'uma moral instinctiva, em tantos pontos superiores ás convenções das sociedades humanas. A natureza é mestra e amiga, e toda a lei social que as supremas noções da natureza se exima, ha de ser sempre uma lei imperfeita, só destinada a produzir soffrimento, e a morrer um dia.

* *

Dir-se-hia quando entramos sob a sua copa, que as arvores meneiam lentamente as suas cabelleiras verdes para nos fazer um signal negativo a toda a ancia do nosso esforço. Dir-se-hia que ellas sem colera, mas sem piedade, nos querem desapprovar. Dir-se-hia que n'esse gesto nos indicam que vamos mal, que as nossas ideias são imperfeitas, que as nossas luctas são infecundas, que os nossos sonhos são pueris, que as nossas paixões são barbaras, e que procurando, á custa de tão dolorosos emprehendimentos, conquistar a paz que é ventura, desafogo e liberdade, na realidade não fazemos mais do que distanciar-nos cada vez mais do Eldorado que idealisamos.

O Paraiso perdido, que Milton via com os olhos de alma, era uma floresta de arvores formosas, d'onde pendiam fructos de oiro e atravez de cujos ramos se coava a luz translucida do firmamento azul. Todos os locaes que a mente anciosa de belleza do homem visiona nos seus sonhos mais dôces são jardins em que o arvoredo forma cupulas de folhagens, sombreia grutas que são berços de flores. Quando se visiona alguma coisa de perfeito, sempre uma arvore surge, offerecendo o docel da sua ramagem áquillo que de mais bello, mais puro, mais gracioso a mais doce pode crear a omnipotencia divina ou idealisar o genio do homem.

A arvore é belleza e força, e é ao mesmo tempo lição e exemplo. Bastaria dizer que é porventura a mais nobre e doce expressão da natureza. Por isso o culto que se lhe tributa é para a natureza reverterá. Ensinar as creanças a amar as arvores é formar a sua consciencia moral. Semeia-se belleza ao som d'um canto? Fez-e, sem duvida, o acto mais proficuo á elevação da especie. A propria arvore canta. O murmurio das suas folhas tem por vezes a doçura d'uma elegia. Todo o bucolismo vem da arvore, e não ha lyrismo mais perfeito do que o que deserve folhas leves fazendo um rumor de seda que roça, embalando-os, pelos asperos trilhos da vida!

MAYER GARÇÃO

dos por uma tenebrosa crise de subsistencias.

Os talhos estão sem carnes e nos jornaes discute-se, se na proxima revisão constitucional, será conferido ao presidente o direito de dissolução. São dois assumptos de natureza bem differente, mas cremos que o primeiro lida mais de perto com o nosso futuro. O boi, a vacca, e o porco não figuram na Constituição, mas sim na Nutrição. D'aqui a sua soberania.

Masaryk, economista austriaco, tomando por base os actuaes dados demographicos, calcula que no anno 2.000 a população dos Estados europeus será esta: França, 64 milhões; Italia, 58; Austria-Hungria, 84; Inglaterra, 145; Allemanha, 165; Turquia europeia e asiatica, 500. Esses algarismos são inquietantes, porque deixam antever a perspectiva de guerras, ao pé das quaes a actual é ainda um ensaio da grande destruição.

A humanidade engrandecida e civilisada ceifar-se-ha em grandes massas, mas com o orgulho de demonstrar que o orbe terrestre é a maior jaula de feras que Deus creou para ensinar o Horror e as suas visões sangrentas.

Um estudante de Coimbra, Barbosa de Carvalho, publicou um folheto com este titulo—*Leis Extravagantes da Academia de Coimbra ou Codigo das muitas Partidas*. São paginas do bom humor academico que hão de lêr com prazer todos os que conhecem pessoalmente a Praxe ou d'ella teem ouvido falar.

A população escolar de Coimbra divide-se, *grosso modo*, em bichos, caloiros e doutores. Estes encarregam-se de catechisar as duas primeiras especies, tirando-lhes a lã e a innocencia e habilitando-as a poderem um dia olhar para a limpha do Mondego, sem se envergonharem.

Barbosa de Carvalho, reduzindo a Codigo tradições e costumes que a sanha jacobina poderia destruir, presta um optimo serviço á *Historia da Legislação*... chocarreira—o que para um bacharelando em direito, socio effectivo da Sociedade Internacional de Cabala, agraciado com o grau de Chiveineira, com a ordem dos Prestimitos e socio correspondente da Viticola do Alto Douro e mais sociedades espirituosas é o melhor titulo de gloria.

SPORT

Officiaes de marinha, mas... athletas

(Cartas a um velho amigo)

Alguns ensinamentos da guerra contra os allemães...

Cesar—A necessidade dos exercicios phisicos em certas edades, nas superiores a 40 annos, é coisa averiguada. Só a não reconhece o pouco lido em assumptos de higiene ou o madraço para justificar a propria mandria.

Vê, por exemplo, o que se exige em certos paizes nos homens que occupam posições officiaes e que precisam de vigor phisico e de energia n'essas edades. Por exemplo, a classe dos officiaes de marinha. Na Inglaterra, muitos d'elles nadam, jogam o «foot-ball», caçam, fazem «box». Muitos almirantes jogam o «foot-ball», o «cricket», o «golf». Ha seis annos, uma «equipe» de «foot-ball», formada unicamente de officiaes de marinha, o mais novo dos quaes tinha 29 annos, foi a Paris bater-se com os campeões d'um club e ganhou!

Egualmente fazem os allemães. Os americanos chegam mais longe. Os officiaes, abaixo do posto de vice-almirante —todos elles!—se sujeitam annualmente ás tres seguintes provas phisicas: 80 kilometros de marcha a pé em menos de 20 horas, 145 kilometros a cavallo em menos de 20 horas, 160 kilometros em bicicleta em menos de 15 horas.

Assim procedem os paizes progressivos, isto é, aquelles paizes onde se trata da regeneração phisica da raça.

Por cá, as coisas estão muito atrazadas.

Dão-se subsidios para se chegar a um hipothetico apuramento de raças cavallares, para animaes de tracção, para abelhas, mas não se dão premios nem se estabelecem estimulos officiaes para—chamemos-lhe tambem assim— apuramento das raças humanas!

Paciencia. Lá chegaremos.

Nos momentos criticos se hão de verificar as razões das nossas palavras e das nossas ideias.

Na França houve tambem um certo desleixo d'estes assumptos, embora houvesse um certo fanatismo pelos «especialistas» do athletismo e dos «recordmen».

O que sucedeu?

Nos primeiros mezes da guerra, quando foram chamados ás fileiras homens de mais de 35 annos, houve certas difficuldades de marchas para taes homens. Mais de 20 kilometros por dia «arruinavam-os»! Alguns, monstruosos de obesidade, mal se podiam mexer! O seu patriotismo era grande, mas não evitava a sua «miseria organica». E nos primeiros mezes, esses terriveis primeiros mezes, da invasão, os da fixação nas trincheiras do norte e nordeste, tiveram de fazer o treino intensivo, desgastando a obesidade, creando folego, fortificando musculos, em summa, assim tiver de refazer o seu «organismo athletico» soffre e bastante. O Simon,—lembras-te d'elle—que tinha aquella casa do «Ouro americano», pode dar curiosos detalhes sobre este facto.

Como vês, vou amontoando argumentos para comprovar a minha these de que o exercicio phisico é tanto ou mais necessario ao homem adulto como ao homem novo.—*I. P.*

Notas do dia

Ainda a suspensão dos dois clubs de foot-ball

Recebemos a visita d'um amigo que nos disse:

—«Foste exaggerado no que disseste hontem. Os clubs procederam mal, tinham que ser castigados. E podes estar certo que não se encontra melhor gente do que é a que dirige a Associação».

D'accordo. Sabemos e, de resto todos sabem, que os directores da Associação são verdadeiros homens de sport, entendidos, orientadores, honestos. Ninguem discute tal assumpto. Mas...

Nas palavras de hontem, justificavam-se as proferidas por um socio d'um club penalisado que vê o mesmo club prejudicado, talvez perdido, porque a sua existencia se baseiava na pratica do «foot-ball» e não o pode praticar contra nacionaes nem contra estrangeiros. Justificavam-se tambem as nossas, que desejamos ver castigos quando são merecidos mas não applaudimos castigos que só prejudicam a marcha do sport em Portugal. A extensão da penalidade até 5 mezes é que consideramos exaggerada.

Madrilenos contra lisboetas

Hontem, apresentou-se o «team reserva» do Sport Lisboa e Bemfica contra o «team» madrileno do Racing Club. Houve um empate de 1 «goal» contra 1, numeros que indicam que os dois «teams» se egualaram e que os lisboetas já possuem um novo agrupamento capaz de brilhar entre os primeiros grupos. O facto constitue um motivo de orgulho para o Sport Lisboa e Bemfica, que assim justifica a sua arrojada iniciativa de mandar vir «teams» estrangeiros. E' que não tendo nacionaes para oppôr aos seus jogadores, procura estrangeiros. E' sportivo que assim treine os seus homens. São elles a garantia das suas tradições...

Sobre os jogos contra os madrilenos faremos depois mais larga noticia.

Algumas anedotas

Uma «partida» dos amigos de Fitzsimmonss

Os amigos do famoso jogador de socco Bob Fitzsimmons, nunca perdiam o ensejo de lhe «pregar uma partida». Uma noite em que elle treinava em casa, para o combate contra Jack Hickey foram pedir-lhe que fosse calar um burro que, a zurrar, constantemente, não deixava dormir a visinhança.

—Prompto, eu lá vou...

O campeão acompanhado dos amigos foi ao sitio onde estava o burro. Correu algum tempo atraz d'elle e agarrando-o deu-lhe um terrivel socco na queixada! Logo a seguir outro! O burro ficou tonto e com mais um outro murro, cahiu!

Os assistentes felicitaram o campeão. Este, porém, verificou que tinha sido victima d'uma brincadeira e disse com tristeza:

—«Sim. Isto não foi mau! Mas fiquei com a mão escangalhada para me bater com Hickey...»

—Mas venceste um burro!...

—Tens razão mas entre os dois, o mais burro fui eu...

Os grandes records

D'alguns casos extravagantes...

Lord Bollaert, em Bruxellas, estabeleceu o record do mundo no assumpto lentidão, pois levou a fumar um charuto duas horas!

Lowney, americano, abriu 104 ostras em quatro minutos.

Madame Dublé, franceza, fez 2.007 «sandwiches» em 19 horas.

Miss Carrett comprou, em 84 minutos, apenas, um objecto acompanhado da respectiva factura, em cada um dos armazens de modas das duas ruas mais importantes e commerciaes de Londres.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Uma conferencia sobre escotismo

Hoje, no lindo Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, realisou uma conferencia sobre a «Educação do Escoteiro», o nosso camarada de redacção dr. José Pontes. A conferencia foi amenisada com a descripção de algumas heroicidades praticadas pelos rapazes escoteiros na guerra actual. Assistiram á conferencia os escoteiros do grupo n.º 13, que pertence á Amadora.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

Noite de incomparavel arte a de hontem no Colyseu dos Recreios, em que, celebrando-se o centenario do «Barbeiro de Sevilha», Battistini cantou esta opera, interpretando a parte de «Figaro». E' um excepcional artista o insigne baritono, pois todas as operas do seu repertorio as desempenha por forma inconfundivel e de modo a arrebatar o publico, que hontem lhe fez as mais enthusiasticas ovações. Battistini foi prodigioso e, dito isto, está dito tudo.

A sr.ª Tagelli foi uma notavel «Rosina», como o tenor Marescotti, foi um excellente «Conde de Almaviva». Mariacher e Fiore conscienciosos. Os coros e a orchestra seguros.

A sr.ª Maria Galvany apresenta-se hoje pela segunda vez n'esta epoca ao publico de Lisboa. Cantará a Luccia de Lammermoor» que na passada quarta-feira lhe valeu estrepitosas acclamações.

A'manhã, na recita da moda, interpretará a «Somnambula», tendo como collaboradores o tenor Marescotti e o baixo Fiore.

Battistini realisa a sua festa artistica e adeus a Lisboa na proxima terça-feira, pois deve cantar no sabbado no theatro Real. O programma para esta recita será um assombro.

O Carnaval

No Atheneu Commercial de Lisboa

Como nos annos anteriores, realisam-se n'esta collectividade as tradicionaes festas de carnaval, promovidas por um nucleo de socios, promettendo ser deslumbrantes.

Sendo os bailes infantis, a parte mais interessante dos festejos a realisar, tem sido grande o numero de creanças de familia de socios que teem frequentado os ensaios, que se realisam todos os domingos, sob a direcção do professor sr. Magalhães Pedrozo.

Para abrilhantar os bailes nocturnos, acha-se contratada a banda de infantaria 2, que sob a regencia do seu maestro sr. Guerreiro Alves, executará um escolhido e variado reportorio.

PEQUENAS NOTICIAS

No banco do hospital recebeu curativo Fernando Francisco, morador na Charneca de S. Bartholomeu, que ali foi aggredido á coronhada por um guarda fiscal, ficando ferido na cabeça e face esquerda.

—O pequenito Antonio Paes, de 8 mezes, cujos paes residem no becco dos Phardes, 3, foi para o hospital, para a enfermaria de Santa Estephania, por ter sido mordido por um cão.

—Reune ámanhã, pelas 12 horas, a commissão de exames do corpo de policia, composta do 2.º commandante major Penha Coutinho, presidente, capitão Esmeraldo e chefe Santos, vogaes, para apreciar as qualidades policiaes, adquiridas no serviço, dos guardas alistados provisoriamente em fevereiro do anno findo. Esses guardas são em numero de 46.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Coimbra, terra de amores—Um anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA —A's 21—Noite de Santo Antonio.
TRINDADE—A's A's 21—El-rei damnado.
POLYTEAMA — A's 21 — O cão do commissario. — O sonho de Marianna.
GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30— Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS— Companhia de opera lyrica—A's 21—Somnambula.

Primeiras representações

GYMNASIO — **O Senhor Roubado**, tres actos do V. Chagas Roquette.

Ha typos de comedia tentadores, seguros, inexgotaveis e eternos: a beata, por exemplo. Na sua nova peça, que não tem a pretenção de ser um estudo d'esse curioso exemplar da fauna das sacristias, o sr. Chagas Roquette faz decorrer em torno d'uma beata os episodios da intriga e, comquanto o exito da farça proceda essencialmente dos ditos, das facecias, dos trocadilhos engraçados e pittorescos, não lhe faltam figuras caricaturaes colhidas em flagrante e uma certa dose de critica a polvilhal-a, para justificação da divisa do poeta: «castigat ridendo mores...»

A reacção religiosa produzida pelas reformas radicaes e violentas do novo regimen engendrou a beata com fumos de fidalga, ainda que por linhas tortas; como o estabelecimento da Republica democratica deu origem á florescencia de titulos e de brazões que todo o bicho-careta se imaginou no direito de mandar imprimir nos bilhetes de visita ou esquartelar nos anneis do Freire gravador... Sob o aspecto da fidalguia, Dona Patrocinio, a beata da comedia-farça do sr. Chagas Roquette, é assim proxima parente d'aquella empertigada Dona Urraca de «Em boa hora o diga», ufanando-se tambem de suppostas linhagens e egualmente desejosa de se casar, ainda que não para enriquecer como a outra, porque crê dispôr de meios...

Dona Patrocinio vive em casa de seus sobrinhos Faustino Mesquita e D. Maria Joanna que a acompanha de egreja em egreja, de lausperenne em lausperenne, de sermão em sermão, ambas presas do verbo arrebatador do reverendo padre Castro e o pobre homem, emquanto ellas mastigam orações e murmuram das vidas alheias, geme em casa o seu rheumatismo e o seu abandono, pois que a criada, imitando as patrôas, anda por fóra a pretexto de novenas. Faustino Mesquita, como membro da associação dos escravos do espinho de Santa Rita de Cassia, em que sua tia e sua mulher predominam, commetteu, com a cumplicidade do seu amigo Pessoa, um delicto grave. Urgencias de dinheiro levaram-nos a empenhar o collar de perolas da santa substituindo-o por outro de perolas falsas. Dona Patrocinio, por qualquer motivo, resolveu afastar o sobrinho dos trabalhos da irmandade e Mesquita, no receio de ser descoberto, manda chamar o amigo Pessoa, que é um velho funccionario da Boa Hora, velhaco e hypocrita, para o inteirar do que se passa. Torna-se necessario evitar a cadeia. Pessoa, que conhece um individuo de nome Palma, das relações de varios agiotas, procura-o e trai-o a casa de Mesquita para se combinar o negocio. Elle arranjará, sem duvida, o dinheiro. Mas o que acontece? Palma, tambem rato de sacristia, tem a surpreza de encontrar Dona Patrocinio em casa de Mesquita. Segundo parece, ignorava que ella fosse tia d'elle, embora lhe corressem pelas mãos os negocios da beata... E' com o dinheiro de Dona Patrocinio que Palma pensa salvar os dois afflictos devotos de Santa Rita de Cassia, aos quaes propõe um negocio um tanto escuro: a exploração das minas de carvão do Senhor Roubado, onde o minerio seria prèviamente introduzido... para que pudesse haver minas... No entretanto, Dona Patrocinio delibera nomear o proprio Palma successor de seu sobrinho na associação dos escravos do espinho de Santa Rita de Cassia e as humoristicas peripecias que se succedem até o desfecho já se não contam facilmente...

O namoro interesseiro do Pessoa que aspira a casar com a beata, ou melhor com as suas inscripções; a intervenção do D. Henrique Villa-Seca, um fidalguinho que faz recados a senhoras e escreve cartas anonymas, confessando a sua feia acção em face d'uma pistola-cigarreira; o escamoteamento das inscripções de Dona Patrocinio que o Palma troca, em seu proveito, por acções da companhia das minas do Senhor Roubado; as reprimendas do filho do Mesquita, que é na familia a pessoa ajuizada e que desmascara e castiga beatos, enredadores e gatunos, dão margem a que a phantasia do sr. Chagas Roquette se expanda e sobretudo a que as phrases jocosas, por vezes extravagantes, em que é tão fecunda a sua inventiva, se encadeiem, esfusiem e quasi se accumulem em excesso nos dois primeiros actos, com prejuizo do ultimo. Os espectadores riram muito e os que preferem o genero que celebrisou o Gymnasio não regatearam applausos á nova producção do apreciado humorista.

O desempenho correspondeu aos bons creditos dos artistas que cercam Maria Mattos e que na illustre comediante contam uma admiravel mestra e um exemplo do que se obtem pela alliança do talento e do estudo. Quantas figuras approximadas ou identicas ella tem interpretado, conseguindo tornal-as differentes e inconfundiveis! Dona Patrocinio é mais uma creação a juntar á sua esplendida galeria. No desempenho das outras personagens cumpre mencionar Mendonça de Carvalho, Antonio Cardoso com um bem achado tic, Celeste Leitão, José de Almeida, Joaquim Almada, Julio Candeira, Julia Silva, Virginia Silva, Herminia Silva e Lucinda Lopes. Auctor e interpretes foram calorosamente applaudidos.

A. de A.

A emigração em Portugal

Uma curiosa estatistica

Pela direcção geral da estatistica acaba de ser publicado um curioso estudo sôbre a emigração em Portugal, abrangendo desde 1900 a 1904. Diz esse estudo

E' Traz-os-Montes que tem a maior emigração (quasi tripla da metropolitana); vem a seguir os Açores, a Beira Alta, a Madeira, a Beira Baixa, o Minho, a Estremadura, o Algarve, e por fim o Alemtejo, este ultimo com uma emigrabilidade cerca de 8 vezes menor do que a metropolitana.

A differença entre as provincias de Traz-os-Montes e do Alemtejo é enorme; o transmontano emigra approximadamente 23 vezes mais do que o alemtejano.

Entre Traz-os-Montes e os Açores a differença attinge uns 25 por cento, para mais na primeira provincia.

Por ordem decrescente os districtos seguem-se do modo seguinte: Bragança, Ponta Delgada, Guarda, Vizeu, Villa Real, Angra, Funchal, Aveiro, Horta, Coimbra, Leiria, Braga, Porto, Vianna Evora, Castello Branco, Santarem, Faro, Lisboa, Beja e Portalegre. A differença entre os dois districtos extremos dá approximadamente isto: «o bragantino emigra 170 vezes mais do que o portalegrense».

A emigração do lisboeta é pequena, ficando-lhe abaixo sómente a da parte extraurbana do districto de Lisboa, e as dos districtos de Beja e Portalegre; a emigração do portuense excede quasi 3,5 vezes a do habitante da capital.

A cidade do Porto tem uma emigrabilidade maior do que a dos districtos de Castello Branco, Santarem, Evora e Faro.

Em 1900 o indice da emigração de toda a metropole portugueza approximava-se de 4 por 1.000; depois d'algumas pequenas oscillações, attingia a casa dos 5 em 1904; a seguir cresce sempre e em 1907 chega a 7 por 1.000. Esta maxima observou-se em quasi todos os paizes da Europa, só podendo ser explicada portanto por um condicionalismo de ordem geral e não por quaesquer influencias exclusivamente portuguezas.

De 1907 a 1910 tivemos um descenso, não muito pronunciado; foi tambem o que se notou em quasi todas as outras nações europeias.

Entre 1910 e 1911 subimos desusadamente, passando de 6,68 a 10 por 1.000 ou seja um pouco menos de 50 por cento; e em 1912 ascendemos muito ainda, attingindo quasi 15 por 1.000, isto é, tambem perto de 50 por cento. Em numeros redondos pode dizer-se, portanto, que no anno de 1912 tivemos uma emigração dupla da de 1910.

Como explicar este phenomeno? Deve o leitor recordar-se de que os inimigos das instituições republicanas não tiveram difficuldades n'isso; para elles toda a duvida se dissipou. A enorme emigração foi devida á Republica; assim o disseram dogmaticamente. Ora, nós vamos ver que a questão não pode ser posta com tamanha simplicidade.

Em primeiro logar accentuamos que em differentes paizes europeus se deram grandes augmentos da emigração no septénio 1906-1912. Assim, a Hespanha teve um accrescimo de 33 por cento de 1909 para 1910; na Inglaterra e Galles houve um augmento de 64 por cento entre 1909 e 1911; a Hollanda manifestou uma ascensão de 205 por cento entre 1908 e 1910; na Hungria deu-se uma elevação de 158 por cento de 1908 a 1909; a Noruega subiu 118 por cento entre 1908 e 1910; a Suecia attingiu a cifra de 120 por cento entre 1908 e 1910. E comtudo em nenhuma d'essas nações houve mudança de regimen politico.

Mais ainda. De 1911 a 1912 a emigração cresceu em todos os paizes da Europa, com excepção da Allemanha, da Dinamarca e da Noruega, e esse crescimento não foi pequeno. Na Belgica, por exemplo, chegou a 100 por cento em numeros redondos; na Hungria a 90 por cento; na Hollanda a 66 por cento; na Russia e na Austria a 50 por cento; na Italia a 34 por cento; etc. Portanto a Republica Portugueza não esteve nunca isolada; teve pelo contrario a companhia de diversas nações do velho mundo onde ninguem pensou, queremos acreditar, em attribuir o augmento emigratorio se quer a uma tentativa de mudança de instituições.

Comtudo o que ficou exposto ainda não é tudo quanto interessa á interpretação do augmento da emigrabilidade portugueza em 1911 e 1912. Todos os paizes que fazem hoje um serio estudo do seu movimento emigratorio, ligam a maxima importancia ao confronto entre os emigrantes e os passageiros que desembarcam nos seus portos, vindos especialmente das nações para onde de ordinario emigram os seus naturaes. A Italia, que tem um modelar serviço estatistico n'esta materia, acompanha sempre, nas suas publicações da especialidade, os dados sobre emigrantes dos que se referem á entrada de passageiros nos seus portos.

Tambem em Portugal assim se procedeu, vendo-se que ao passo que em 1913 desembarcaram 30.059, em 1914 esse numero subiu a 33.034.

Da metropole o numero de emigrantes foi o seguinte, por annos: 1900, 21.235; 1901, 20.646; 1902, 24.170; 1903, 21.611; 1904, 28.304; 1905, 33.610; 1906, 38..93; 1907, 41.950; 1908, 40.145; 1909, 38.223; 1910, 39.515; 1911, 59.661; 1912, 88.929; 1913, 77.645; 1914, 25.730.

Movimento maritimo

R. Jan. e Sant. «Champlain» (do Hav.)	21
Br. e R. Pr., «Hollandia» (de Amst.)...	21
Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular».........	23
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)...	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

ULTIMA HORA

NOS BASTIDORES POLITICOS

Scisões partidarias

Onde se demonstra a sua impossibilidade, considerando-se que os partidos representam a vontade e a opinião dos chefes

—... Isto de scisões, meu caro...

A phrase vinha a proposito da entrevista publicada hontem na «Capital», em que se previa uma scisão no partido democratico se o Congresso de Coimbra acceitasse o principio da dissolução parlamentar. E o meu interlocutor, pessoa altamente versada nos enredos da politica, com todo um profundo saber de experiencias feito, pausadamente continuou:

—Não acredite que ellas se façam. Bem entendido que eu, quando falo em scisões, supponho que se trata de movimentos de rebeldia partidaria que tendem á formação de novos partidos. Pois isso não acontecerá tão cedo...

—Discutindo-se uma questão tão grave de principios, como é a da dissolução, não me parece uma phantasia que qualquer partido veja sahir elementos valiosos e numerosos do seu seio...

—Valiosos e numerosos? Pura ingenuidade. Essas questões de principios só podem surgir em partidos cuja constituição fundamentalmente obedeceu a principios. Não é o caso, no nosso paiz. Não é, como nunca foi. As actuaes organisações partidarias, como as antigas, derivam da sympathia e do prestigio que os chefes inspiram. Só ha uma differença:—é que no periodo monarchico essas affinidades radicavam-se á custa de interesses, quasi sempre illegitimos, ao passo que na Republica basta o prestigio dos chefes para crear um culto pessoal que chega ao fetichismo.

«Veja v. o que sepára unionistas, democraticos e evolucionistas. Doutrinas? Ideias de governo? Ora, meu amigo... Esses trez partidos formaram-se em torno de trez pessoas. Os seus programmas podem ser indistinctamente perfilhados por qualquer d'elles. Estão separados apenas por odios, por meras rivalidades pessoaes, marcadas em palavras irreparaveis n'estes cinco annos de constante agitação politica que tem sido a vida da Republica. Uma scisão no partido democratico, por causa da dissolução? Mas o partido democratico é o sr. dr. Affonso Costa. Onde elle ficasse, ficava o partido. Que é o evolucionismo senão o sr. dr. Antonio José de Almeida? Que é o unionismo senão o sr. dr. Brito Camacho? Não me pergunte v. se é um mal, se é um bem que assim seja. Só lhe sei responder que é assim.

—Evidentemente, um mal. Os partidos devem corresponder a uma defeza de ideias, de principios. Se isso não existe, prova-se que a sua creação não passa d'um «bluff», d'um artificio.

—Ideias, principios... Palavras, meu amigo, palavras. As ideias e os principios não valem por si, não podem ser indifferentemente partilhados ou defendidos por este ou por aquelle. Valem pela opportunidade e pelo modo da sua execução —e isso só depende dos homens. Ha preciosas ideias que teem sido desacreditadas por incompetentes, como ha incommensuraveis disparates que homens de genio teem transformado em fonte de maravilhas. Vá lá a gente entender estas coisas...

—Mas v. diz isso para concluir...

—Que não póde dar-se no partido democratico a scisão a que o seu entrevistado se referiu. Deixe-me dizer-lhe, desde já, que eu sou absolutamente contra o principio da dissolução. Além de todos os inconvenientes apontados hontem na entrevista da «Capital», ha ainda o perigo do chefe de Estado se encontrar em *foco* a todos os momentos. Ninguem mais o fará sahir das discussões politicas. Seja qual fôr o governo, por mais benefica que seja a sua acção, ha de haver sempre nas opposições quem grite: «Dissolva o parlamento, que se incompatibilisou com a opinião publica!» Não dissolve? Ataca-se o presidente, diz-se que elle está feito com o governo. Pois v. não viu que o sr. dr. Manuel de Arriaga, «não tendo a faculdade da dissolução», foi accusado pelo unionismo de ser o chefe do partido democratico, em largas parangonas de jornal, só por não demittir o governo Azevedo Coutinho? Imagine o que succederia se elle pudesse dissolver o Congresso! Mas, apesar de tudo isso, se o sr. dr. Affonso Costa entender que as circumstancias politicas de momento impõem a necessidade de se votar a dissolução—ella votar-se-ha. E o partido continuará unido da mesma forma, não havendo sequer tentativas de scisão. Fique-se com esta...

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

Programma admiravelmente organisado, o de hoje, contrastando com o peso exaggerado do de domingo passado. Os trechos estavam dispostos com aquella sabia harmonia, que, por si só, já faz avaliar d'um regente.

Abria o concerto a abertura do «Euryante» de Weber, auctor querido de Blanch, mas cuja alta inspirração a plateia parece não ter saboreado ainda devidamente; seguiam-se as 5.ª e 6.ª danças hungaras de Brahms, que obtiveram uma execução preciosa, tendo, além d'isso, o dom de aquecer a sala.

Fechava a parte o interessantissimo «scherzo» de Dukás «L'apprenti sorcier», ha quinze dias dado em primeira audição; a execução de hoje ainda sobrepujou essa, já excellente, e por isso os ouvintes se enthusiasmaram, applaudindo com invulgar calor.

A segunda parte, momento capital do concerto, era constituida pela «Pastoral», de Beethowen. A orchestra apenas a tinha executado uma vez, a 15 de Fevereiro de 1914, e essa audição não tinha sido feliz; a de hoje, attento o grau de desenvolvimento a que Blanch, como notavel regente que, é aqui e em qualquer outra parte, já levou a orchestra «que nos faz honra», como ainda ha pouco disse em publico um alto espirito, foi de todo o ponto correcta, especialmente nos tres ultimos andamentos; para desejar seria que certos instrumentistas não se deixassem perturbar tanto pelo receio de ficarem descobertos, recolhendo o som; devem todos tomar para modelo José H. dos Santos, cujo sereno á-vontade não pode ser maior.

Na terceira parte figuravam duas paginas de Wagner, já muito tocadas pela orchestra, mas que hoje sahiram em verdade admiraveis, e quasi diriamos inexcediveis, se não recoêssemos que Blanch nos desmentisse, executando-as qualquer dia ainda melhor: o final da «Walkiria», e a abertura de «Rienzi». Por isso a ovação que as coroou foi trovejante, colossal, quasi delirante, sem comtudo entrar nos dominios da histeria.

O concerto de hoje forma, com o do dia 6, duas magnificas tardes de arte, da authentica, superior, nobilitante. E querem os senhores saber o que fez o publico, aquelle mesmo publico que accorreu em massa ao Festival Wagneriano! Desertou do concerto de hoje. Os «snobs» e ignorantes pretendem fazer acreditar que são pessoas de gosto refinado e de grande cultura, porque fingem amar a musica de Wagner, cuja primeira palavra ignoram, e não acodem a ouvir um programma esplendido, equilibrado como uma symphonia, que comprehende a «6.ª» de Beethoven.

Pobres senhores!

H. de A.

Concertos David de Sousa

Tanto que se escreveu sobre Wagner para que o comprehendessem e tanto que contra a sua musica se perpetrou e afinal já hoje o publico o prefere—mesmo talvez sem o comprehender!

E' o conhecido phenomeno esthetico, que Mario Pilo aponta á nossa attenção para recommendar prudencia nas innovações:—a lucta contra as formulas geralmente acceites, arreigadas no animo do publico, com a forte belleza que os choca na estabilidade das normas estabelecidas como leis para guiarem os centros sensoriaes.

Mas o facto é que, seja contra quem fôr, o Bello se impõe, subjuga, alarga o seu dominio e vae, novo evangelho, até á victoria suprema que só as multidões lhe conferem.

Não ha que entraval-o no seu caminho glorioso.

Como se admittiria ha vinte annos, que em dois concertos semanaes Wagner fosse escutado religiosamente, estudado e applaudido por uma multidão em que predominam aquelles em quem o instincto é o unico methodo por que se guia a sua admiração? !...

Bem hajam aquelles que o tornaram amado, revelando-o ás almas anciosas!

D'esses não é dos que menos merece David de Sousa que sempre o tem preferido na confecção dos seus programmas. Ainda hoje a primeira parte do concerto foi a Wagner consagrada e a orchestra houve-se bem na sua interpretação, cada vez mais cuidadosa em detalhar bellezas da partitura, n'uma disciplina que faz honra a quem a dirige e a todos os que a compõem.

Na 2.ª parte, foi tocado o «Peer-Gynt», de Grieg, muito bem e a abertura do «Carnaval Romano» mereceu grandes applausos pelo brilhantismo com que foi executada a partitura de Berlioz.

Por ultimo, «Nas stépas da Asia» de Borodine, hesitou-se no ataque e infeliz a flauta na phrase com que fecha. Questão de pigarro.

O «Minuette» de Beethoven maravilhosamente tocado e bisado. A encerrar, a «Abertura Solemne» que despertou uma ovação enthusiastica.—*S. P.*

O coronel de cavallaria 2

cahe do cavallo, soffrendo forte commoção cerebral

O coronel commandante de cavallaria 2 sr. Francisco José d'Oliveira Sá Chaves, sahiu hoje, como de costume, a dar o seu passeio a cavallo. Quando passava pela rua Maria Pia, o animal tomou o freio nos dentes e seguiu rua fóra n'uma carreira desordenada, sendo impotentes todos os esforços que o cavalleiro empregou para o dominar.

Alguns populares tentaram fazer deter o cavallo, mas sem resultado. Mesmo em frente da esquadra policial dos Terramotos, uma mulher ao atravessar a rua foi derrubada, fazendo com que o sr. Sá Chaves fosse arremessado a distancia. O guarda de serviço correu em auxilio dos feridos, não tardando a juntar-se-lhe muitos populares. Tanto a atropellada como o cavalleiro jaziam por terra, não dando o ultimo accordo de si. Requisitados carros, foram a mulher transportada para o hospital de S. José e o sr. Sá Chaves para o da Estrella. A mulher, que se chama Emilia Rosa Cruzinha, moradora no pateo do Carmo, em Campolide, apresentava ligeiras contusões na perna direita e no peito. Depois de pensada seguiu para sua casa.

O estado do sr. Sá Chaves era porém mais grave. Conduzido para a enfermaria cirurgica, sempre sem sentidos, o medico de serviço, sr. Corte Real, tratou de examinal-o o mais rapidamente possivel. Do exame parece resultar que não existe fractura de qualquer especie, mas apenas uma forte commoção cerebral, o que torna o estado do enfermo bastante grave. A's 18 horas o sr. Sá Chaves ainda não tinha voltado a si.

Logo que o desastre foi conhecido, seguiu para o hospital toda a officialidade de cavallaria 2 e de outros regimentos, a fim de se informar do estado do enfermo que é muito estimado por todos os seus camaradas. O coronel sr. Sá Chaves é muito conhecido em Lisboa, onde tem feito quasi toda a sua carreira militar.

Situação financeira na praça do Porto

Porto, 19.—Houve regular movimento no mercado cambial, tendo primitivamente estado com grande offerta de papel e frouxo, mas em breve tornou-se mais escassa a offerta, affluindo ao mercado grande quantidade de compradores, fazendo subir repentinamente os cambios. Fechou indeciso e ás seguintes cotações: sobre Londres, cheque, 35 15/16, 35 13/16; a 90 d/v, 36 3/8; Paris, cheque, 715, 718; Berlim, 250, 260; Madrid, 1$325, 1$335; Amsterdam, 585, 595; Nova York, 1$395, 1$405.

O cambio do Brazil sobre Londres tem estado com enormes oscillações, ficando a 11 11/16.

A situação do mercado de fundos tem sido estacionaria, devido á pequena concorrencia; todavia, os titulos de collocação manteem-se firmes, principalmente as dividas externa e interna.

Continuam com algum movimento e com boa cotação os titulos de estabelecimentos bancarios.

As acções dos Tabacos e Phosphoros ficam mais animadas e os restantes valores indecisos.

Tem havido grande procura de ouro, obtendo a libra o premio de 2$300 réis.

Na Associação Protectora das Creanças

Jantar a 120 creanças

A direcção da Associação Protectora das Creanças, como a antiga casa não apresentasse as condições necessarias para o funcionamento das suas aulas, alugou o primeiro andar do predio n.º 2 da travessa do Carmo e ahi se installou. A inauguração realisou-se hoje com um jantar ás 120 creanças de ambos os sexos que frequentam a escola. Constou o menú de sopa de macarrão com ervilhas, bacalhau guizado com batatas, pão, fructa e vinho e foi distribuido pela regente sr.ª D. Adelaide Prazeres, sub-regente D. Amelia Prazeres e professoras sr.ªs D. Maria da Conceição Holbeche e D. Clotilde Cecilia Ferreira, assistindo ao acto muitas senhoras e os srs. Augusto Pires Branco, Alfredo Facco Valentim, Francisco Jorge Bello, Antonio Victor Lopes e José da Silva Ramos, por parte da direcção.

Ao topo da sala, que obedece á mais rigorosa hygiene, vê-se um «placard» com a seguinte inscripção: «Salvae as creanças; que salvareis o futuro». A festa decorreu com grande enthusiasmo.

O perigo de recolher a deshoras

Tomado por gatuno

Firmino Joaquim Barata, de 50 annos, morador na travessa dos Remedios, 15, loja, que a noite passada foi ferido com dois tiros de pistola pelo capataz geral da Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro sr. Joaquim de Carvalho, residente na calçada do Cascão, 8, 3.º, não é um gatuno, como a principio se suppoz. E' um trabalhador honesto, mas tendo-se a noite passada demorado fóra de casa até altas horas e, não querendo ser visto ao entrar, saltou para o quintal do visinho, que dá para as trazeiras de sua casa. D'ahi, o engano do sr. Carvalho, que, tomando-o pelo que elle não era, o alvejou com cinco tiros.

Felizmente, os ferimentos não são de gravidade. O ferido está na enfermaria 4 do hospital de S. José.

Limpando a cidade

Rusgas policiaes

A policia continúa nas suas rusgas a fim de limpar a cidade dos individuos conhecidos como vadios e de todos aquelles que andam munidos de navalhas e armas de fogo, sem que para isso possuam a respectiva licença. Por este ultimo motivo foram presos Guilherme Ferreira, morador na rua da Bempostinha, 33, 1.º, com um revolver carregado com 6 balas, e Joaquim da Costa Saraiva, rua das Farinhas, 24, 2.º, com outro carregado tambem com 6 cargas; Antonio Soares Ribeiro, do beco da Lapa, 21, 1.º, a quem foi apprehendido um punhal de grandes dimensões, e Francisco Manuel, da rua do Assucar, predio dos Paivas, por ser portador de uma grande navalha de ponta e mola.

No Salão Olympia

O carnaval promette ser um deslumbramento

O Salão Olympia, um dos cinemas mais elegantes de Lisboa, da-nos no carnaval d'este anno uma novidade; o prolongar as sessões durante as trez noites, de modo que os seus espectaculos não terminem exactamente á hora de maior animação, como até agora tem succedido.

Durante as trez noites, o buffete, onde o serviço de cosinha e de copa é esmerado, estará aberto.

Nas «matinées», que começarão ás 13 horas, não serão permittidos divertimentos que molestem os espectadores e em especial as creanças. Os programmas do sextetto serão constituidos por musicas alegres, proprias da epocha e os «films» não se repetirão, sendo variados e de completa novidade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Culturas irrigadas — D'este boletim mensal, dirigido proficientemente pelo sr. José Thomaz de Sousa Pereira, recebemos o numero 3. Vem prestar optimo serviço aos nossos agricultores, pois com numeros mostra a vantagem das terras serem irrigadas, visto que dão maior producção. Trata ainda da economia agricola e de como se irrigam as grandes culturas, illustrando o texto algumas gravuras.

Boletim Commercial e Maritimo—Estão publicados os numeros 10 a 12 do anno findo d'esta valiosa publicação feita pela direcção geral da estatistica do ministerio das finanças. Trabalha-se n'essa direcção geral, e trabalha-se a valer, fornecendo-se elementos de estudo preciosos aos que acompanham de perto o desenvolvimento economico do paiz.

Folhetim d'A CAPITAL 20-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

Para o abismo

Apesar de não faltar quem se ria d'isso a que chama o fatalismo, a verdade é que, pela vida além se dão factos que, devidamente ligados, dão a impressão de que os inspira uma força occulta e irresistivel, que não deixa que elles occorram d'outra maneira. Gallon arrastou um triste destino de desgraça e de expiação. Os ultimos annos da sua vida foram uma lucta continua com o remorso, que o roeu implacavelmente e não lhe deixou nem um segundo de relativo socego. A expiação talvez devesse ficar por ali. Que culpa podem ter os filhos dos crimes praticados pelos paes? Nenhuma, evidentemente. Entretanto, o destino encarregava-se de dispor as coisas de maneira que Rosa Gallon não seja poupada n'este drama intensissimo, motivado por uma traição do pae.

Wilkerson é um espirito diabolico. Tem ferrada na cabeça uma ideia tenebrosa e ha de, á custa de tudo, leval-a a cabo. Quer, succeda o que succeder, apoderar-se da mina, expoliando Rosa. Pois bem. Ha de conseguil-o. E' sempre o mesmo plano a preoccupal-o, a solicitar todos os seus cuidados e todas as suas attenções. Desvalorisa a mina!—diz-lhe, de Nova York, a Darvell. O resto será comnigo.

O expediente da reducção dos salarios falhára. Tornava-se indispensavel architectar outro. Qual?

—Tenho de illudir a boa fé de Dore e de Rosa. Como? Fazendo crêr que a mina está arruinada? Mas pela escripta, póde verificar-se que não é assim.

E as cogitações de Wilkerson continuavam cada vez mais intensas, mais disciplinadas, mais promettedoras d'exito. Dore e Wilkerson trabalhavam no mesmo gabinete. Odiavam-se. Entretanto, sabiam recalcar esse odio, a ponto de parecerem amigos a quem os surprehendesse, um junto do outro, tratando de negocios da mina. O successor de Gallon achou, afinal, a solução do que procurava havia tempo. Falsificaria os livros, adulteraria e viciaria as contas que n'elles figuravam, e, arranjando um «deficit» avultado, faria crer a todos que a mina estava á beira da quebra fraudulenta.

E chegou o momento de dar o grande golpe. Uma manhã, quando o João Dore estudava a seu lado um complicado plano da mina, Wilkerson, chamando-o, disse-lhe:

—Caro amigo, tenho que lhe contar um assumpto gravissimo. A mina não dá coisa que se veja. Estamos, por esse motivo com um «deficit» importante, que teremos de calafetar quanto antes, sob pena de nos vermos forçados a interromper os trabalhos inesperadamente.

E falando assim, o temivel aventureiro mostrava a Dore as contas, já devidamente viciadas, pelas quaes, realmente, se reconhecia que os negocios da empreza estavam muito longe de correr com a desejada prosperidade.

Dore ficou como se lhe tivesse cahido um raio aos pés. Não se preoccupára jámais com a parte financeira da mina, por a julgar solida. Era certo que a mina não era excessivamente abundante em oiro. Mas não o era menos que as receitas, segundo lhe parecia, deviam cobrir as despesas, as quaes não eram, de modo nenhum, nem exageradas, nem avultadas. Antes o fossem, porque era prova de que a mina correspondia plenamente ás esperanças que tinha feito nascer no espirito d'aquelle que iniciára a exploração e morrera sem vêr essas mesmas esperanças realisadas. E Rosinha? O que seria d'ella se a empreza desapparecesse e a mina tivesse de ser abandonada?

—Surprehende-me a sua declaração, disse Dore para o seu irreconciliavel inimigo, a quem falava sempre com todas as precauções, desde que elle o despedira e tornára a admittil-o, n'aquelle dia em que os operarios haviam estado a ponto de o linchar. Estava convencido de que a mina rendia o preciso para se manter.

—Effectivamente, até ha pouco assim aconteceu. Agora, porém, dá-se exactamente o contrario.

—E que fazer?

—Procurar mais capital. E' a unica solução, aquella que temos de adoptar quanto antes, sob pena de cahirmos na irremediavel ruina.

—E onde ir buscar esse capital que julga indispensavel e que não póde ser, evidentemente, pouco?

—A alta finança de S. Francisco. A «Chave Mestra» possue lá dedicações e amisades que ainda a não abandonarão, certamente, d'esta feita.

—Vae então a S. Francisco levantar dinheiro?

—Não. Quem tem de partir immediatamente é o senhor.

—Eu?

—Exactamente. Pois não foi o sr. Dore o encarregado pelo sr. Gallon de velar pelo futuro de sua filha?

—Tem razão. Partirei. Mas primeiro que tudo, entendo que devemos pôr Rosinha ao facto de tudo o que se passa e das nossas resoluções, quaesquer que ellas sejam.

Wilkerson concorda e, á sucapa, esfrega as mãos de contente. Dore sahe, para voltar minutos depois com a verdadeira e unica proprietaria da mina. Os livros são abertos na sua frente e os numeros que n'elles figuram examinados um a um.

—Já vê, objecta-lhe Wilkerson, que a situação é tão grave que não admitte delongas.

—Sem duvida.

—João Dore vae partir para S. Francisco, em procura de capital. Porque não o acompanha? Seria bem mais rendosa a colheita.

Wilkerson, porém, imprimiu tal rancor a estas suas palavras, que Dore sentiu que um frio mortal lhe percorria a espinha d'alto a baixo. Teve então a visão clara do que o esperava e á sua protegida. Wilkerson armava-lhes um laço. Mas qual? Até onde alcançariam os planos do homem sem escrupulos que dirigia os negocios da mina? Ignorava-os, mas ia jurar que se tratava de qualquer coisa de horrivel, que se tornava preciso evitar e neutralisar.

Rosinha ouviu a tristissima novidade sem pestanejar. Era a fatalidade que lhe levára o pobre pae, a perseguil-a de novo. Pois bem, sujeitar-se-hia a ir a S. Francisco sósinha, só para que Wilkerson não ficasse só na mina.

—Que pensa de tudo isto?—pergunta-lhe Wilkerson.

—Bem pouco. Entendo que, se é preciso ir alguem a S. Francisco que devo ser eu quem deve partir.

—Sósinha?

—Sim, sósinha!

—Mas é uma temeridade!

—Será. Cuido, porém, que Dore, n'este instante, não póde, sem grave risco dos nossos interesses, abandonar as suas funcções aqui.

—Está bem. E quando parte?

—A'manhã de manhã.

Dore e Rosa sahem dos escriptorios da empreza e dirigem-se para casa. Pelo caminho conversam apprehensivos e transmittem um ao outro as suas desconfianças.

—Estará, realmente, a mina nas *condições desesperadas* em que Wilkerson falou? E se está, como se entende que só agora isso venha a saber-se, quando tudo aconselhava dar o signal de alarme logo ao primeiro indicio de desequilibrio financeiro? Seja, emfim o que fôr. Todavia, é preciso não esquecer que os numeros que lhes foram mostrados estavam certos e que por elles se averigua que o «deficit» é enorme. Se ha no fundo de tudo isto um plano tenebroso, não ha duvida de que foi bem organisado.

No dia seguinte, ao romper do dia, o automovel da mina estava prompto a partir. As bagagens de Rosinha encontravam-se já no seu logar. Em volta do carro, os mineiros formavam grupos, que discutiam a meia voz. Wilkerson, a curta distancia, vigiava, com o olhar frio e vivo, tudo quanto ia occorrendo. Chega a hora da partida. Rosinha, vestida como uma collegial que parte para ferias, salta para a almofada do auto. Os mineiros descobrem-se respeitosissimamente. O velho cosinheiro, chora. Entre Rosinha e Dore trocam-se as ultimas despedidas. O auto parte e por muito tempo toda aquella gente se deixa ficar a olhar a estrada que elle segue e a poeira que elle levanta pelo caminho além. Com aquella saudade e aquella vivissima dôr que causa a partida d'alguem que não se sabe quando volta.

Wilkerson não fica inactivo. O seu plano começou a ser posto em execução e urge empregar toda a casta de esforços para o levar bem até ao fim. Logo que Rosinha deixa a mina, Wilkerson dirige-se para o telegrapho. Vae dar noticias suas e instrucções necessarias á sr.ª Darvell. E' preciso que ella trave conhecimento com a menina Gallon, que se torne a sua amiga intima, que se encontre com ella no comboio. Uma vez em S. Francisco, urge ter prudencia, para que os acontecimentos não se desenrolem de maneira diversa áquella como foram combinados. Rosa deve ser apresentada ao banqueiro Everet. Pois a sr.ª Darvell que arranje um falso banqueiro, podendo, muito bem, servir para isso, o celebre sr. Drake, antigo rival de Dore na Universidade de Howard, ao qual são fornecidas indicações varias sobre os titulos que a menina Gallon leva em seu poder.

E Rosa, sem suspeitar do que se trama em volta d'ella para a perder, toma o comboio para S. Francisco, convencida de que chegará, sem sombra de precalço, ao termo da viagem. Um desconhecido, que segue no mesmo compartimento, faz-lhe a côrte. Uma dama bem vestida, que entrou n'uma estação intermedia, faz-se notar e offerece-lhe affectuosamente. D'ahi a pouco, as duas senhoras conversam como se se conhecessem ha muito. Quem será a viajante que assim se interessa tanto pela filha de Thomaz Gallon? Não o sabe Rosinha. A desconhecida tambem não lh'o diz.

A viagem faz-se sem incidentes. A companheira de Rosinha diz-lhe que conhece o banqueiro Everet e offerece-se para lh'o apresentar. Combinado. Chega-se, emfim, a S. Francisco. Everet apparece. Rosinha falla-lhe, e manda um telegramma a Dore dizendo-lhe que tudo correu sem novidade. Já falára com Everet. Esperava, muito brevemente, ter desempenhada cabalmente a sua missão. Simplesmente...

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

Notas de arte

METALOPLASTIA

Estanho recortado

Figura 14

Entre as multiplas combinações as quaes o metal se presta, a mais interessante é a do recorte, que nos fornece trabalhos encantadores, podendo imitar d'este modo os objectos de prata ou ouro recortados.

Como se trabalha

Ha dois processos. Um d'elles é a combinação do metal modelado pelo processo descripto, no numero anterior, e em seguida recortado; o outro, o metal simplesmente recortado e applicado n'uma incrustação.

Primeiro processo

Feita a modelação, como já ficou demonstrado e applicada uma das «patines» do estanho, lustram-se os relevos, deixando os fundos negros, para dar a illusão da prata oxydada, (e não a «oxygenada» como por lapso sahiu no ultimo numero).

Collocando o metal sobre um plano duro, pega-se n'uma thesoura propria, figura 12, e começa-se cortando o centro do desenho, reservando todos os contornos para o fim. Com o traçador já indicado nos outros numeros, repassaremos o traço exterior, de modo a ficar um rebordo que, além de dar mais consistencia ao trabalho, será um acabamento mais perfeito.

Collagem

Voltando o metal pelas costas, dar-lhe-hemos com a colla de metaes em todo o desenho que foi trabalhado, por meio d'um pincel duro—a colla vende-se em frascos de dois tamanhos.

Em seguida, applica-se o metal sobre o objecto que vae ser decorado e com os dedos carrega-se em todo o desenho, havendo maior cuidado nos bicos, que necessariamente teem mais tendencia a voltarem-se. Limpa-se o excedente da colla, reservando a completa limpeza para quando secca, podendo então lavar-se com esponja macia, pouco embebida em agua, para não descollar. Quando o objecto que recebe o metal é de forma circular, como vasos, garrafas, copos, etc., é bom ligal-o com uma ligadura de panno fino, para melhor adherir e conserval-o assim até estar completamente seccado, o que dura entre 24 a 48 horas, segundo a temperatura.

Segundo processo

Feito o desenho pelo processo já descripto, recortam-se os centros como para o primeiro processo e em ultimo logar os contornos exteriores, depois de ter dado a «patine» ao trabalho todo.

Com um buril, figura 13, contorna-se o desenho, annotando nervuras, pistes, separação de planos, etc., e colla-se o todo sobre o objecto escolhido, seguindo o mesmo methodo de collagem.

Estes dois generos de trabalho em recorte podem ser applicados para cantos de molduras, caixas, pastas, moveis grandes, etc. Quando a sua adaptação fôr sobre madeira servir-nos-hemos dos já mencionados preguinhos, seguindo o processo da pregaria, isto é, por meio do furador da figura 8.

Figura 8

Cobre trabalhado

Apenas umas palavras sobre a sua historia artistica, visto que o cobre nunca foi empregado puro para a execução de obras d'arte, fóra em combinação com o bronze, na composição do qual elle figura, de mistura com o zinco e o estanho.

Aponta-se, no emtanto, uma estatueta de cobre puro, que se attribue, segundo a sua inscripção, a quatro mil annos antes da era de Christo.

E' o mais remoto monumento de arte que se conhece, desconhecendo-se, portanto, o seu auctor.

O cobre de todas as moedas e de todas as estatuetas e obras identicas, foi sempre addicionado de varias ligas, mais ou menos perfeitas, segundo a epoca que atravessou.

Por isso a sua historia é pouco vasta.

O que nos interessa portanto é a sua fraca resistencia que o torna malleavel e ductil.

Alguns selvagens confeccionam com elle armas e utensilios sem lhe dar o preparo metallurgico, por elle o possuir por sua natureza.

Como se trabalha

Seguindo os conselhos dados para os trabalhos de estanho, teremos produzido uma obra d'arte em cobre, com a maior facilidade.

Apenas as «pâtines» differem no nome e na sua applicação, que é muito mais complicada e difficil.

"Patines,, para cobre

Patine rosa, para cobre amarello, dando-lhe o tom de cobre encarnado.

«Patine» mordorée, dando bellos tons castanhos ou esverdeados, segundo a qualidade do cobre.

«Patine» castanha, dá lindos tons castanho-escuro sobre cobre encarnado.

«Patine» bronze verde antigo. Dá os tons esverdeados do bronze antigo, sobre cobre amarello.

«Patine» cobre, dando tons de ouro velho e roxo azulado, com todos os cambiantes de rosa e de roxo, segundo o tempo que se deixar actuar sobre o metal.

«Patine» «cuite», para cobre amarello. Tons bronzeados.

«Patine» verde-escuro. Produz lindos tons de azebre sobre o cobre amarello ou encarnado.

«Patine» bronze chinez, de facil emprego, dando tons castanhos, bastando esfregar com este liquido até obter a côr desejada. Temos tambem o chlorhydrato d'amoniaco cortado de mais de metade d'agua commum, que se applica com um pincel, para obter o azebre.

As emanações do enxofre sobre o qual se colloca durante alguns minutos o cobre, produzem tons admiraveis.

Cabochons

O que são os «cabochons»?

São umas pedras imitando as pedrarias finas, como rubis, perolas, esmeraldas, topazios, amethystas, turquezas, coraes, etc., figura 14.

Figuras 12 e 15

São vendidas em diversos tamanhos e fórmas, desde o mais pequeno ao maior diametro até 35 mm.

Ha-os em bico, feitio de «navette», oval, etc.

Como se applicam

Depois do trabalho concluido procuraremos os sitios indicados para a sua collocação e antes de cortar o metal combinaremos as côres, que devem ser sobrias e segundo o objecto a que se destina.

Com um ferro especial, figura 15, do feitio do cabachon escolhido e depois de collocarmos o metal sobre uma superficie plana e dura, applica-se o dito ferro no sitio que vae ser aberto para receber o «cabochon» e com o martello, dando uma pancada forte, obteremos o golpe d'uma só vez.

Figura 13

Colloca-se a pedra escolhida no orificio e faz-se adherir o metal em torno, com o modelador, de modo a obter um rebordo que segure o «cabochon», impedindo-o de sahir do logar que lhe foi dado e assim teremos uma pedra engastada e segura.

Luiza de Sousa

Observações

Toda a assignante ou leitora avulso da «Capital» quer de Lisboa ou da provincia, que deseje adquirir qualquer dos preparos para os trabalhos ensinados aqui, não teem mais que dirigir os seus pedidos para Luiza de Sousa, Avenida Fontes Pereira de Mello, 7, ou para a redacção, perguntando o preço de cada objecto que deseja e logo será elucidada para enviar a importancia e receber o que desejar com a maior brevidade, tendo cuidado em registar as suas remessas de dinheiro em valle de correio ou estampilhas.

L. S

Recenseamento eleitoral

A junta de parochia de S. Vicente, para evitar possiveis reclamações, convida os eleitores da sua parochia a examinarem as informações que sobre o recenseamento eleitoral em revisão vae enviar ao secretario recenseador, as quaes se encontram patentes na séde do Centro Alexandre Braga, rua das Escolas Geraes, 63, 1.º, nos dias 21, 22, 24, 26 e 28 do corrente das 21 e meia ás 23 horas. Egualmente previne os interessados de que o despacho relativo a recenseamento eleitoral, será dado n'aquelles dias á mesma hora.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Monte-pio Liberal Lisbonense — A assembleia geral approvou o relatorio e contas da gerencia anterior, tendo sido a receita realisada de 1.890$12 e a despeza de 1.824$17, sendo o saldo liquido de 65$95.

Festas associativas

Tuna Commercial de Lisboa.— Promovida pela direcção, realisa-se hoje uma recita, ás 21 e meia horas, desempenhada pelo grupo dramatico infantil da Tuna, subindo á scena as comedias «Amor e bonitos...» e «Ambições infantis», havendo um acto de variedades e no fim do espectaculo baile. Nos entreactos tocará o quintetto Cyriaco.

cheiras e abrigos que momentos antes tinham servido de refugio aos soldados tinham sido attingidos e deitados por terra.

Decorreu uma hora. Então, das linhas inglezas proximo de Vermelles uma grande nuvem de fumo branco, orlada na parte inferior de vermelho e cinzento, avançou para o reducto Hohenzollern. Vagarosamente chegou ao reducto e alcançou as edificações da «fossa 8».

Os homens nas trincheiras estavam esperando, todos munidos de bombas de differentes especies. Uma pequena ração de rhum lhes tinha sido dada para os aquecer. Poucos mostraram estar apprehensivos ou sentir o minimo receio. «Quinze minutos antes do ataque—conta um d'elles—um camarada contava-me em tom faceto diversas anecdotas do seu tempo de estudante.»

Pelas 2 horas da tarde foi dada ordem a toda a linha para se pôr os capacetes contra os gazes.

Sir Douglas Haig resolvera que a divisão de territoriaes atacaria o reducto Hohenzollern, emquanto as tropas que estavam á sua direita atacariam as pedreiras de Hulluch e as trincheiras que havia entre ellas e a aldeia. Ao sul de Hulluch far-se-hia um esforço para avançar em direcção a Pont-à-Vendin.

O reducto Hohenzollern tinha de frente uns 500 metros. Na encosta que conduzia á «fossa 8» estava a principal linha de trincheiras dos allemães na frente d'essa fossa. Do lado em frente das linhas inglezas havia duas trincheiras, por elles denominadas «Little Willie» e «Big Willie». Entre essas duas trincheiras duas outras corriam para a retaguarda dos entrincheiramentos allemães, atraz dos quaes, a oeste da «fossa 8», havia uma outra fortificação. E atraz de tudo isso corria o caminho de ferro que ligava a mina de carvão de perto—onde fôra construida a «fossa 8»—com o de La Bassée á Grenay. A leste do caminho de ferro da «fossa» havia tres edificações conhecidas pelos nomes de Les Trois Cabarets. No terreno baixo ficavam as importantes aldeias de Auchy e Haisnes.

Embora a artilharia tivesse derruido muitas edificações e arrazado grandes porções de trincheiras e muitos abrigos, a tarefa a executar era formidavel.

Nos dias anteriores, o inimigo, reforçado por companhias da Guarda Prussiana, havia gradualmente retomado o reducto e tinha-se ahi fortalecido. Apenas uma parte da trincheira Big Willie estava em poder dos inglezes. E uma obra de sapa tinha pelos allemães sido feita contra essa trincheira, partindo da Little Willie.

O general inglez Ellison á porta da sua tenda na peninsula de Gallipoli

A engenharia allemã havia tambem construido galerias que davam para casamattas, d'onde metralhadoras disparavam em todas as direcções. Nos subterraneos das casas em ruinas e nas edificações da mina outras metralhadoras estavam

A's 3,20' da tarde, de todos os pontos da posição allemã em forma de crescente, começou o fogo de fuzilaria e das metralhadoras. Bombardeamento e fuzilaria cessaram meia hora depois. Entretanto, oito ou dez batalhões allemães preparavam-se para atacar os francezes entre Grenay e a cota 70. Mais doze batalhões se concentraram proximo dos bosques em frente da fossa que ficava ao norte da cota 70.

De seis a oito batalhões se desenvolveram nas trincheiras proximas do reducto Hohenzollern, para cujo sector do campo de batalha o grosso da divisão dos Guardas Inglezes havia avançado recentemente, vindo de Loos. A 1.ª divisão, com alguns elementos dos Guardas Coldstream, desenvolvia-se desde Hulluch até á fossa. Era contra a 1.ª divisão e os Guardas que o principal ataque ia ser dado.

Cerca das quatro horas da tarde, quatro linhas de hombros allemães com hombros appareceram, linha succedendo a linha, em cima dos parapeitos das trincheiras, que nas proximidades da fossa estavam á distancia de 120 metros umas das outras. Detraz d'elles, sahiram columnas de inimigos dos bosques, edificações e aldeias, para apoiarem o ataque.

Immediatamente a artilharia ingleza e os «75» francezes abriram fogo sobre o inimigo que avançava. As metralhadoras estavam preparadas e assestadas contra as ondas de allemães. Repetiu-se o que se dera em Mons e em Ypres.

Em poucos segundos, as massas dos allemães foram reduzidas a pequenos grupos, separados uns dos outros por montões de mortos e de feridos. Os que não estavam gravemente feridos arrastavam-se sobre as mãos e os joelhos para as suas trincheiras. Alguns tentaram ripostar ao fogo. Muitos que não foram attingidos pela artilharia foram mortos ou feridos pelas shrapnels.

Só em muitos poucos pontos puderam os allemães chegar proximo das posições inglezas. Perto de Loos uma grande força allemã tomou duzentos metros de trincheira, mas o sargento Oliver Brooks, do 3.º batalhão de Guardas Coldstream, por iniciativa propria, pôz-se á frente de uma força de lança-bombas para os repellir. Conseguiu retomar o terreno perdido.

O inimigo nada ganhou com os seus violentos ataques e violento bombardeamento. As granadas haviam destruido as obras de sapa da grande parte da fronte da trincheira occupada por uma companhia do 2.º batalhão de Guardas Coldstream, commandada pelo capitão H. C. Loyd, o qual, com os seus homens, repelliu dois ataques á bomba.

Os ataques no centro proximo da fossa d'Argila falharam por completo, não conseguindo um unico allemão chegar a mais de quarenta metros dos inglezes. Entre Hulluch e as pedreiras o inimigo foi tambem batido e os inglezes, perseguindo os allemães que fugiam, tomaram uma trincheira a oeste do casal de St. Elie. Só n'um ponto da trincheira «Big Willie» do reducto Hohenzollern conseguiram os allemães penetrar.

Ahi, o tenente G. G. Gunnis, do 3.º batalhão de Guardas Granadeiros, guiando os seus homens com grande coragem, atacou os allemães de flanco e pela retaguarda, repelliu-os para terreno aberto e, matando ou ferindo grande numero, effectuou a retomada da «Big Willie».

O 9.º corpo d'exercito francez perdeu uma pequena parte de trincheira, mas pela meia noite o contra-ataque terminára por um completo insucesso. Apoz as cargas, seguiu-se um tremendo duello de artilharia em que os canhões inglezes alcançaram a superioridade pelas 8 horas da tarde.

Violentos e repetidos ataques contra as posições francezas a sudeste de Neuville-St. Vaast foram tambem repellidos por completo. Os alliados perderam poucos homens na batalha do dia 8 d'Outubro e d'ahi por deante os allemães, mortos só na frente das suas linhas no saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay foram avaliados em entre sete a oito mil.

O sangrento cheque infligido por sir John French e pelo general d'Urbal aos allemães que haviam atacado as posições no saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay e nas elevações de Vimy foi seguido de alguns recontros de menor importancia.

No dia 9, o inimigo deu alguns ataques contra o reducto que lhe fôra tomado no bosque de Givenchy-en-Gohelle.

Na noite do dia seguinte, 10 d'outubro, o 4.º regimento de Granadeiros da Guarda Prussiana atacou as trincheiras francezas no bosque de Hache, mas foi repellido com grandes perdas, deixando 100 prisioneiros, fazendo os francezes algumas horas depois mais 174 prisioneiros. Entre elles havia seis officiaes, alguns dos quaes pertencentes ao 1.º regimento de Granadeiros.

O communicado francez de 11 de outubro diz «que accentuados progressos foram feitos no valle de Souchez, a oeste da estrada Souchez-Angres, e a leste do reducto no bosque de Givenchy, e ganhámos terreno nas elevações de Vimy em direcção do bosque de La Folie».

Durante a tarde de 12 d'outubro os allemães atacaram as linhas francezas a nordeste de Souchez, mas o seu successo foi incompleto.

De 9 a 13 d'outubro nenhum dos lados esteve inactivo no saliente de Loos. Numerosos duellos aereos se deram, em muitos dos quaes os aviadores alliados levaram a melhor, embora um apparelho inglez, segundo o que dizem os allemães, fôsse obrigado a aterrar a leste de Poperinghe. Foi talvez o aeroplano que sir John French dava a esse tempo como tendo sido perdido. Segundo ainda o communicado allemão, o tenente Immelmann, a 10 de outubro, obrigou um biplano blindado inglez a descer a noroeste de Lille.

Um dos incidentes que se deram na lucta d'esses quatro dias merece ser mencionado, porque mostra em que condições exhaustivas trabalhavam os artilheiros inglezes.

No dia 11 d'outubro, na «fossa 7» de Béthune, uma bateria da 71.ª brigada da Real Artilharia de Campanha estava sendo violentamente bombardeada com granadas de gazes asphyxiantes. O sargento Ayres foi ferido e a bateria recebeu ordem para deixar de fazer fogo. Entre as granadas que explodiam e as nuvens do gaz asphyxiante, o sargento J. C. Raynes precipitou-se em soccorro do seu camarada. Pensou-o e voltou para a bateria, que voltou a abrir fogo.

Poucos minutos depois, tendo sido dada nova ordem para cessar fogo, o sargento Raynes, chamando dois artilheiros para o ajudarem—os quaes pouco depois eram mortos—foi buscar o seu camarada para um abrigo, á entrada do qual uma granada de gazes asphyxiantes rebentava d'ahi a pouco. Com admiravel coragem, Raynes precipitou-se, tirou o seu capacete contra o gaz, pôl-o no sargento Ayres e, embora correndo o maior risco, voltou para junto da sua peça.

Poucas horas depois, o sargento Raynes era tambem ferido. Elle e mais sete soldados estavam n'uma casa, que foi attingida por uma granada. Quatro dos homens ficaram sepultados debaixo dos escombros. Os outros quatro ficaram encerrados no subterraneo. O primeiro a conseguir libertar-se foi o sargento Raynes. Estava ferido na cabeça e n'uma perna, mas em vez de receber curativo foi em soccorro dos seus companheiros. E depois de receber curativo voltou para a sua bateria, que de novo estava sendo bombardeada com violencia. Foi condecorado.

A 13 d'outubro os allemães deram um violento ataque contra os francezes em roda de Souchez e nas elevações de Vimy, emquanto sir Douglas Haig mais uma vez atacava o reducto Hohenzollern e a posição allemã desde aquelle ponto até a uns oitocentos metros ao sudoeste de Hulluch.

O ataque do principe real da Baviera contra d'Urbal foi precedido d'um terrivel bombardeamento, se-

guido por repetidas cargas no bosque de Hache e contra as trincheiras francezas a leste da estrada Souchez-Angres. Ao mesmo tempo ataques foram dados contra o reducto no bosque de Givenchy e as trincheiras contiguas e em muitos outros pontos nas elevações de Vimy.

Apesar das enormes perdas por elles soffridas, os allemães apenas conseguiram tomar algumas partes da trincheira do bosque de Givenchy. Em todas as outras partes foram repellidos, como o haviam sido no dia 8.

Os allemães proximo de Vimy haviam atacado a cota, mas sir Douglas Haig tinha uma outra tarefa mais importante. A batalha do dia 13 d'outubro e dos dias seguintes foi outra tentativa feita pelos inglezes para se estenderem para a face septentrional do saliente Cuinchy-Hulluch-Grenay. Foi acompanhada por um violento ataque dado pelo corpo indio ao norte do canal La Bassée, em que o segundo tenente R. J. J. Bahadur, das forças nativas da India, que estava addido ao 39.º de Fuzileiros de Garhwal, ganhou a Cruz Militar.

Tinha-se comportado corajosamente n'um dos ataques do dia 25 de setembro, o primeiro da batalha de Loos. Na tarde de 12 d'outubro recusou-se a sahir da linha de fogo e commandou uma companhia dupla com grande habilidade, sendo gravemente ferido no pescoço.

O valente ataque pelo corpo indio foi elevado pelo alto commando allemão a um imaginario ataque geral dado pelos inglezes desde Ypres até La Bassée, que, no seu dizer, foi repellido. A outra unica lucta que houve da parte dos inglezes n'esse dia foi a que vamos descrever.

Na manhã d'esse dia o vento soprava com violencia do oeste. Um cerrado nevoeiro cobria a terra e a chuva ameaçava ser tão torrencial como a que difficultára os movimentos das tropas inglezas, francezas e allemãs na batalha de Loos e nos dias seguintes. Horas depois, porém, a chuva cessou, o nevoeiro dissipou-se e o campo de batalha foi illuminado por um quente sol de outomno. O vento era mais propicio para os gazes inglezes e para as columnas de fumo do que a 25 de setembro.

Depois da batalha de Loos provisões de granadas inglezas tinham sido amontoadas e na noite anterior a divisão norte de Territoriaes tinha rendido os Guardas nas trincheiras desde Vermelles até á região das pedreiras de Hulluch.

A distancia, á direita, uma columna de brilhantes chammas sem fumo se ergueu de Liévin. Durante dois dias o fogo estivera devastando aquella aldeia. A noroeste, no horizonte, eram visiveis os contornos da arruinada cidade de La Bassée. Ao longo da fronte ingleza manchas vermelhas indicavam a presença do que restava das aldeias de Vermelles e de Le Rutoire. Entre ellas e La Bassée erguiam-se as chaminés das fabricas e as negras encostas da «fossa 8» e de Haisnes.

Os espaços abertos estavam cheios de cadaveres insepultos e de armas quebradas. Grandes excavações traziam á mente a recordação dos artilheiros que durante um anno tinham varrido aquella area com granadas e ao mesmo tempo as casas e os jardins de tantos mineiros e de suas familias. Atraz dos grupos de linhas inimigas grupos de mineiros e de camponezes estavam agora fleugmaticamente entregues ás suas occupações diarias.

De subito, ao meio dia, um bombardeamento comparavel ao que havia precedido a batalha de Loos começou. Linguas de fogo irrompendo da terra se espraiaram como que avisando os allemães da torrente de granadas que sobre elles ia descer. Na retaguarda dos inglezes balões de observação conservavam-se immoveis. Aeroplanos andavam d'um lado para outro.

De centenares de logares na linha allemã subiram nuvens de fumo negro. Indicavam os sitios onde as shrapnels haviam rebentado. Ao longe as edificações ruiam e nuvens de fumo cinzento diziam que trin-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1991—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Segunda-feira, 21 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A marcha da guerra

Embora se affigure que a guerra permanece n'uma situação estacionaria, não vingando desfazer esta impressão os successos austro-allemães contra a Servia e o Montenegro, ou a tomada de Erzerum pelos russos, a verdade é que muitos symptomas indicam que ella tende á precipitar-se para um desenlace que talvez não vá além d'este anno.

Os allemães comprehendem, e toda a gente comprehende tambem, que esse desenlace está na frente occidental. Será na Belgica, mais uma vez, que se jogarão os destinos do mundo. Foi na Belgica que cahiu definitivamente o poderio de Bonaparte, que depois da derrota de Waterloo sentiu que o fim d'esse poderio chegára, e não queria arredar pé do campo da batalha, como se ainda julgasse possivel que novas legiões viessem modificar esse tremendo desfecho. Será na Belgica, novamente, que—assim firmemente o acreditamos—o Napoleão germanico verá baquear o seu sonho de predominio universal.

E' na frente occidental que se encontra o obstaculo mais resistente a esse sonho de conquista. Os allemães sabem que tudo quanto fizerem, desde o momento em que ali não triumphem, de nada, na realidade, lhes servirá. E elles teem a necessidade de acabar a guerra depressa. Os seus recursos já não são grandes, tendo sido de principio extraordinarios, e não só os homens lhes vão faltando, como não é possivel alimentarem-se indefinidamente, com a sua producção compromettida e com a sua importação de generos diminuida, como é facil calcular.

Os alliados teem reservatorios de homens que a Allemanha não possue, a sua riqueza é superior, e o imperio dos mares garante-lhes os meios de vida. O esforço da Allemanha tem sido e é colossal, mas essa guerra de usura em que ella, segundo os melhores calculos, perde 200.000 homens por mez é ainda mais colossalmente devoradora.

Comprehendem os alliados que a Allemanha ha de fazer as ultimas tentivas e que essas tentativas serão formidaveis. A guerra, que o genio militar d'esse paiz calculou friamente, transformar-se-ha para os allemães n'uma guerra de desespero. E' preciso esperar o seu embate, e para o enfraquecer necessario se torna lançar mão de todos os recursos.

Não ha duvida que um d'esses recursos, e dos mais efficazes, é esfomear a Allemanha. A Inglaterra assim o considera, e d'ahi o aperto do seu bloqueio que se tornou uma cinta de bronze. Até agora o bloqueio era feito contra os seus inimigos, agora abrange os neutros, e d'ali a resolução ingleza de não consentir que esses neutros importem mais do que antes da guerra importavam. Este golpe attingindo os paizes neutraes do norte, vae ferir a Allemanha no coração.

Todas, todas as fendas por onde a Allemanha possa economicamente respirar, vao ser tapadas inexoravelmente e para que a sua asfixia seja completa, de todos os paizes se espera que acceitem e favoreçam o novo bloqueio. Ainda hoje um telegramma do *Seculo* nos informa de que os brazileiros residentes em Paris enviaram a uma das mais altas individualidades do seu paiz, o sr. Ruy Barbosa, uma mensagem n'esse sentido.

O que se está passando, com o redobramento de rigor no bloqueio maritimo, por parte da Inglaterra, como as sondagens feitas em diversos pontos da linha accidental pelos exercitos allemães para preparar um ataque definitivo, e egualmente com a rapida entrada da Rumenia, no conflicto, ao lado dos adversarios da Allemanha, são prenuncios seguros de que a guerra, que ha anno e meio ensanguenta o mundo, se encaminha para o seu inevitavel desfecho.

Esse desfecho será o da victoria dos alliados. A' constatação dos factos junta-se a fé na victoria. Nunca ella nos desamparou. Quando a avalanche germanica rolava sobre Paris e parecia prestes a subverter o foco do genio latino, com uma absoluta confiança proclamavamos n'estas mesmas columnas, essa fé inquebrantavel na derrota definitiva do imperialismo allemão. Nunca essa fé esmoreceu. Sentem-a os vivos, e dir-se-hia que os proprios ventos a proclamam. A imprensa franceza ralatava ha dias o grito heroico do tenente Picard, que via os seus soldados cahidos por terra sob as balas inimigas, ceifando vidas como a fouce do segador ceifa as espigas d'uma seara. «Mortos, a pé!». A formidavel energia que dá o patriotismo e o amor da liberdade nem com a morte se extingue. A Allemanha não vencerá, porque combate ideias já indestructiveis na alma da humanidade, e para defender essas ideias surgem sempre forças que é tão impossivel eliminar como as forças da natureza.

Muzeu d'Arte Contemporanea

A' sua reabertura assiste o chefe do Estado

O Museu Nacional d'Arte Contemporanea, installado na galeria da Escola de Bellas Artes, vae reabrir as suas portas, tendo soffrido, durante estes mezes de encerramento, uma transformação completa, já na distribuição dos quadros existentes, já na collocação das novas acquisições, tendo presidido a tudo o criterio superior de Columbano, actual director do Museu.

A reabertura d'este museu constitue ao mesmo tempo uma novidade, pois será patenteada ao publico, pela primeira vez, a galeria de esculptura, onde o publico poderá admirar convenientemente expostas, as estatuas de Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Costa Motta, Francisco dos Santos e outros.

Para assistir á reabertura do Museu d'Arte Contemporanea vão ser convidados o chefe do Estado e o ministerio.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

UM EXITO DE LIVRARIA

O amor em Portugal no seculo XVIII

Já se encontra á venda nas principaes livrarias de Lisboa o novo livro de Julio Dantas *O amor em Portugal no seculo XVIII*, cujo apparecimento noticiámos ha dias, e que está sendo procuradissimo, como era de prever. A sua cartonagem especial revela muito bom gosto. Ha escriptores da moda e Julio Dantas pertence a esse numero, mas justificadamente. O seu ultimo trabalho é, com effeito, um monumento de erudição e de estylo, uma authentica obra de arte, e d'ahi o exito que obteve quando o publicámos n'estas columnas, agora confirmado com a procura da primorosa edição em volume.

Pelo telegrapho

A falta de trabalho e a miseria na Belgica

LONDRES, 21.—O «Foreign Office» publicou a correspondencia trocada entre Sir Edward Grey e o ministro da Belgica em Londres ácerca das representações d'este relativamente á necessidade de se permittir á Belgica o importar materias primas a fim de impedir a falta de trabalho e a miseria universaes. A referida correspondencia mostra que ha quatro mezes que a commissão de soccorros da Belgica, com assentimento da Gran-Bretanha, submetteu ás auctoridades allemãs na Belgica, um projecto para a importação de materias primas, sob a fiscalisação da commissão com as seguintes condições: Os allemães permittiriam a livre importação de materias primas e a exportação de artigos manufacturados com estas materias tudo por intermedio d'esta commissão;—nenhum embargo seria posto caso qualquer requisição attingisse as materias primas e os artigos manufacturados similares ainda em stock, na Belgica. As fabricas assim alimentadas gosariam das mesmas immunidades que os entrepostos da commissão.

A Gran Bretanha julgava que este accordo attenuaria muito a falta de trabalho e a miseria. Apezar dos pedidos reiterados, as auctoridades allemãs guardaram silencio. Sir Edward Grey diz ser hoje evidente que os allemães tencionam regeitar qualquer accordo tendente a soccorrer a industria belga emquanto não tiver despojado o paiz da ultima onça de materias primas e de artigos manufacturados susceptiveis de lhes servirem, e provocar a falta de trabalho tão geralmente que as massas trabalhadoras belgas se vejam forçadas a emigrar para a Allemanha, ou a acceitar trabalho na Belgica que redunde em proveito dos allemães. A Gran Bretanha deve pois declinar toda a responsabilidade para com o povo belga relativamente aos males que o inimigo lhes tem causado e que recusa fazer desapparecer. A correspondencia em questão demonstra claramente que a supracitada importação de materias primas é completamente differente da de generos alimenticios pela commissão de soccorros, cuja missão a Gran Bretanha continuará a facilitar.—(*Havas*).

O presidente Poincaré na linha de combate

PARIS, 21.—O presidente Poincaré visitou a linha de combate de Champagne e as respectivas trincheiras, passando em revista as tropas que se portaram valentemente de 9 a 12 do corrente conferindo condecorações aos officiaes e soldados.—(*Havas*).

Na frente austro-italiana

ROMA, 20.—No vale de Sugana continuámos as incursões. No resto da linha acções de artilharia. No vale de Fella bombardeámos as tropas de transportes.—(*Havas*).

O FAMOSO "A B C"

O dictador em castelhano

O que a gazeta madrilena diz a proposito do folheto do general Pimenta de Castro que promette analysar—Um contrasenso

O «A B C» tem novo correspondente em Lisboa. O sr. Vasco de Leiria, que, a despeito da sua má-vontade á Republica, posauía elevação e cultura, foi substituido pelo sr. A. Pimentel que ignoramos quem seja, mas que se nos afigura portuguez. A correspondencia do penultimo numero do conhecido periodico madrileno é nem mais nem menos do que um eco dos artigos do «Dia», parecendo até que A. Pimentel não passa do pseudonymo de algum dos seus collaboradores.

Para exaltar o sr. Pimenta de Castro, o correspondente do «A B C» attribue-nos procedimentos que não tivemos. A verdade com que se exprime a tal respeito é a mesma com que affirma haver o governo do sr. Bernardino Machado dirigido solicitações secretas á Inglaterra para a intervenção de Portugal na guerra europeia.

Estivemos sob a ameaça de ser apprehendida «A Capital» por ter transcripto passagens do folheto do sr. Pimenta de Castro. O «A B C» promette analysal-o, sem duvida para o enaltecer, como se conclue da correspondencia que vamos traduzir em seguida e na qual se formulam juizos sobre a officialidade do nosso exercito e se ataca, naturalmente, a Inglaterra. Ora o «A B C» tem hoje em Lisboa, uma venda quotidiana de cerca de mil exemplares. Como vão delirar os inimigos da Republica e os admiradores de Pimenta de Castro que o abandonaram na hora decisiva, vendo a prosa do general em castelhano commentada pelo sr. A. Pimentel! Eis o artigo do «A B C» que se intitula «Um folheto curioso»:

Conhecem já os leitores d'este diario o veneravel general Pimenta de Castro que uma campanha violenta, terminada por uma revolução, fez cahir do poder a 14 de maio de 1915. Desterrado com Machado dos Santos, o fundador d'esta Republica, para os Açores, não dera signaes da sua existencia até que, ha poucos dias, correu em Lisboa, de bocca em bocca, a sensacional noticia de que a policia tinha apprehendido um folheto do referido general.

Havia causado estranheza a toda a gente que, tendo sido tão accusado e vilipendiado, não tratasse em publico de se defender das accusações que diariamente lhe faziam no parlamento e na imprensa os partidarios de Affonso Costa.

Pimenta de Castro decidiu-se, finalmente, a defender-se, publicando o citado folheto, interessante, sob muitos pontos de vista.

A policia, por ordem do governo, e talvez em nome da justiça e da liberdade, tão exaltadas pelo partido democratico, apprehendeu por completo a edição. Rarissimos exemplares escaparam; felizmente um chegou ás minhas mãos. Pareceu-me tão curioso e interessante que resolvi dar n'estas imparciaes columnas uma idéa d'elle.

Porque razão ordenaria o governo de Affonso Costa o sequestro do folheto?

Que revelações sensacionaes e escandalosas haveria n'elle para justificar tão abusivo procedimento?

A obra de Pimenta de Castro foi accusada pelos democraticos de anti-patriotica e anti-nacional, quer sob o ponto de vista interno, quer sob o aspecto externo. Não tinha, por isso, o general direito de se defender perante a opinião e á Historia? Não teria até á obrigação de justificar a sua obra de governo perante o publico portuguez? De que o accusam? Porque o aggravam? Por se haver opposto aos manejos occultos que tendiam a levar Portugal a cooperar na guerra europeia contra a vontade da maioria da nação? Por haver pensado em estreitar as relações de Portugal com Hespanha, crime de que ha tempo o accusava o diario democratico «A Capital», orgão então de D. Bernardino Machado, hoje presidente da Republica?

Sobre o primeiro ponto está provado pela mesma imprensa ingleza que Portugal não foi para a guerra porque a Inglaterra rejeitou o offerecimento de tropas que o governo portuguez lhe fez com insistencia. Por mais extraordinario que isto pareça, assim succedeu. Os motivos não hnoram por certo este desditoso paiz (hoje feudo d'um partido politico) nem a diplomacia republicana.

Desde a revolução de 5 d'outubro de 1910, que originou a Republica, o exercito d'esta desgraçada nação, por motivos varios, entrou n'um periodo de completa desorganisação.

Os quadros de officiaes encontram-se em absoluto desmoralisados, divididos pelas violentas luctas politicas d'estes cinco annos. Dentro dos quarteis, a delacção e a espionagem foram organisadas quasi officialmente, com o incitamento da imprensa e a approvação do governo, que d'isso se servia para conhecer a opinião politica dos officiaes e separar os que lhe pareciam mais suspeitos.

A revolução do 14 de maio do anno passado veio demonstrar o estado de indisciplina a que chegou o exercito.

Os officiaes, desacreditados pela propaganda revolucionaria, insultados pela imprensa hoje governamental, envergonhando-se do seu uniforme, consideram-se simples empregados publicos, trabalhando apenas para ganhar o soldo. Os uniformes que se viam passear em quantidade pelo centro de Lisboa durante o governo do veneravel general desappareceram depois da referida data.

Com o exercito assim, sem material, com a fazenda arruinada, como podia Portugal tomar parte n'esta demorada e dispendiosa guerra?

Foi o governo de D. Bernardino Machado que tomou a iniciativa estupenda de pedir secretamente á Inglaterra que solicitasse, em nome da antiga alliança, a intervenção de Portugal na guerra.

A que inconfessaveis propositos obedecia esta «démarche» do sr. Machado, que não se atreveu a fazer ás claras o offerecimento ridiculo de enviar, pelo menos, uma divisão a Inglaterra?

Teria receio de que o paiz se alarmasse? Suspeitaria de que o publico portuguez não faria bom acolhimento á sua idéa espontanea?

Portugal possue o povo mais soffredor e fatalista do mundo, depois da Turquia; estou convencido de que supportaria tudo, iria para a guerra como docil creado da Inglaterra, para satisfazer os caprichos de grandeza dos politicos d'esta Republica.

Isso teria sido em extremo desastroso para Portugal, se Pimenta de Castro, vendo o abysmo, não houvesse feito o movimento instinctivo de evital-o, salvando o paiz. Foi isso um crime?

Quanto á approximação com a Hespanha, os politicos democraticos de Affonso Costa, que pretendem agora fazel-a, Deus sabe com que propositos, são os primeiros que, com o seu procedimento, fazem justiça ás intenções de Pimenta de Castro.

Devem reconhecer, como reconhece hoje a maioria, que a antiga politica de odio á Hespanha passou á Historia. Todos sabem que nem a Hespanha quer conquistar Portugal, nem Portugal póde viver como até aqui isolado da Hespanha.

Portugal, nação debil, desorganisada, com um rico e extenso imperio colonial, é appetitosa presa para as ambições estrangeiras.

Arrisca-se a ter que pagar as despezas da guerra com pedaços do seu territorio ultramarino. A' custa das suas colonias podem fazer e concertar a paz a Allemanha e a Inglaterra; viu-se o que occorreu na conferencia de Berlim, de onde Portugal sahiu sem os seus territorios do Congo, o que demonstra como procedem as grandes nações e o que das suas allianças se póde esperar. O «ultimatum» de 90 tirou-lhe a ultima esperança do sonhado imperio africano, mostrando o que representa o egoismo da Inglaterra.

De ha muito que a União Sul-Africana ambiciona Lourenço Marques, e nem a Inglaterra nem qualquer nação póde hoje oppôr-se a esses caprichos da poderosa União nascente.

Quem defenderá então os interesses de Portugal na proxima conferencia da paz, de onde o mappa politico de Africa ha de sahir completamente transformado?

Só a Hespanha poderá apoial-o, attendendo ao «interesse iberico» que começa a nascer. Veria assim Pimenta de Castro o problema? Será este o seu outro crime?

Mas que escandalosas revelações trará afinal o celebrado folheto do respeitavel general para que o impedissem de circular?

Vel-o-hemos n'outro artigo.

Até aqui o sr A. Pimentel. Vae o «A B C» transcrever e commentar o general Pimenta? Está annunciada a coisa. Resta admirar este contrasenso: que os garotos dos jornaes apregoem em voz alta a prosa pittoresca do dictador em castelhano e vendam ás escondidas, por bom preço, o original portuguez...

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

A crise do papel em Portugal

A nossa provincia de Angola póde fornecer a maior parte das pastas e fabricar papel

O nosso collega «A Provincia», de Loanda, ouviu sobre a momentosa questão da falta de papel em Portugal um seu redactor, o distincto engenheiro agronomo sr. Sousa Monteiro. D'essa entrevista, damos alguns excerptos, pelos quaes se vê que, havendo iniciativa e boa vontade, não vos faltam as materias primas para a industria do fabrico da pasta de papel, e que, a aproveitar-se esse manancial, seria não só uma riqueza para a nossa provincia de Angola como nos libertariamos por completo da sujeição ao estrangeiro.

A certa altura d'essa entrevista, disse o sr. Sousa Monteiro:

—A montagem d'uma fabrica de papel não é uma d'aquellas emprezas que está ao alcance de todos os... capitaes; exige machinas especiaes, força motriz importante e um pessoal relativamente numeroso, do qual tem de fazer parte um technico.

«A industria do papel tem, porém, divisões naturaes de trabalhos e graus de perfeição na producção que permittem tentativas de instalações economicas susceptiveis de melhoramentos graduaes, perfeitamente exequiveis em Angola.

«Quero eu dizer que nós podemos aqui produzir desde as pastas brutas-*negras* segundo o termo technico—até ás pastas especiaes para papeis finos, passando pelas pastas ordinarias e refinadas de palha, de madeira e muitas outras, e além d'esta materia prima, de varios typos, poderemos mesmo aspirar á producção de varios papeis dos vulgares ordinarios e finos, de fabrico mais ou menos mechanico.

«Quanto á producção de papel de «fórma», isto é, de fabrico manual, é que não vejo viabilidade economica, dado o restricto rendimento em trabalho util do operario indigena, que é, por via de regra, aquelle de quem podemos lançar mão nas colonias, pois o europeu torna-se excessivamente caro, para o ter em numero sufficiente. Fique, no entanto, bem assente que não é por falta de materia prima.

«Não é para uma rapida conversa, nem eu mesmo podia desde já indicar com precisão typos e modelos de fabricas de pasta para papel a instalar na provincia. Não conheço, senão vagamente, por ora, os ultimos aperfeiçoamentos d'esta industria; comtudo o que é incontestavel é que mesmo com os meios antigos, a producção das pastas tem aqui vasto campo e enormes reservas para o fornecimento da materia prima.

«Julgo que não ha uma só das inumeras vezes que eu tenho tido de atravessar os tradicionaes «capins» de Angola especialmente junto dos rios ou em qualquer depressão de terreno, em que tenha tropeçado, cahido, combatido, rompido, luctado emfim, não com poucas derrotas, com esse implacavel inimigo do agricultor, do explorador, do caçador, com esse abrigo de jiboias, de surucucus e de mosquitos, que lhes não tenha lançado, bem do intimo da alma, a praga tremenda: «Malditos!» Ao menos resta-me a consolação de ainda os vêr cortados, esmagados, lacerados, moidos, cosidos em caldeirões infernaes, de caldas cáusticas ferventes, esmiuçados emfim ao infinito e transformados na unica coisa util para que vocês vieram a este mundo: em papel... que eu usarei como entender!!!...

«E é a verdade. Com raras excepções todos os capins de Angola devem dar excellente papel.

«A «marianga», o ariceno, o «teiba», a cana brava, o caniço e tantos outros, são excellentes para este fim, excellentes e preferiveis á madeira, com especialidade na provincia em que o preço do córte e transporte tornaria menos economica a producção da pasta de madeira em relação á de palha ou dos numerosos arbustos e outras plantas textis.

«Porque effectivamente não são só os «capins» que na colonia, como em toda a parte, pódem dar excellente pasta para papel. Ha muitas outras plantas, taes como a «Ntala-menha», (Acalifa), a «punga», o algodoeiro e o «Quiabo» (Malvácias). Os aloés, as sansiviéras, os ananazeiros, as bananeiras, etc., para não citar senão as mais vulgares.

«Entre as arvores: o imbondeiro, a mafumeira, a matebeira, todos os folios das palmeiras, além de muitas outras.

«Entre as plantas cultivadas são então frequentissimas as que se aproveitam, quer inteiras como a juta, as ortigas, o canhamo, o linho, como apenas os residuos da producção d'um producto mais importante ou do fabrico d'um artigo principal, como por exemplo, as agaves e forcroias, o bagaço da cana de assucar, as palhas do sorgo (massambala), do milho, do arroz, do trigo, etc., o bambu, o mabu, o cardamomo, etc.

«Algumas das indicadas chegam ainda a dar melhores productos, em determinadas qualidades que a primitiva pasta de papel, a genuina pasta de trapos que tanto tempo foi a unica fonte do papel».

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Novos sellos

A estampilha vulgar será feita sobre desenho de Alves Cardoso

O jury incumbido da classificação dos trabalhos enviados ao concurso para os novos sellos de correspondencia e encommendas postaes, não concluiu hoje os seus trabalhos, como se julgava.

Haverá ainda uma nova reunião, em dia que ainda não foi designado. Parece todavia, que a demora em nada altera a classificação já feita e pela qual o primeiro premio é attribuido ao pintor Arthur Alves Cardoso, auctor do projecto do sello vulgar da correspondencia tendo obtido, ao que consta tambem, o segundo premio do sello destinado ás encommendas postaes.

Vêr, na terceira pagina, o folhetim

"A Chave Mestra,,

descripção dos episodios sexto, setimo e oitavo do «film» que hoje se exhibe no «écran» do OLYMPIA

Cartas na meza

A furia da regulamentação

Porto, 20

Eu aposto dobrado contra singelo em como propondo-se os senhores procural-o com um phosphoro ou um archote, um holophote ou um prégo accêso, não encontrarão nem um paiz nem outro povo cujo espirito de obediencia seja maior do que no nosso. E' uma seducção vêr a doçura angelica com que acceitamos tudo quanto nos é imposto. Se ámanhã se decretar que nos cortem a cabeça ou que nos deixem ficar sem braços, nós diremos resignados: «Que diabo! A cabeça faz-nos falta para espirrar ou tirar o chapeu, como sem braços lá se vae o gesto aos figos e as aptidões para o piano; mas já que é preciso...» E ficaremos amputados.

Accusar-nos portanto de que nunca estamos contentes, visto fazermos revoluções como quem faz caldeiradas, e tambem nos bombardeamos como quem joga o «foot-ball» é attribuir-nos um conceito tão errado como um orçamento.

A um dos milhares de artigos restrictivos que tem accudido á furia de regulamentação que nos invadiu do alto, ha de não fumar nos cinematographos. Foi acceite sem um millesimo de reparo. Os amadores de fitas que tem o habito de chupar cigarros, previnem-se cá fóra e só entram na sala depois da indispensavel provisão de fumaças. A medida, é preciso affirmal-o, é boa. As salas de cinematografos com o seu acre cheiro a confraternisação, determinado pelas agglomerações virgens de sabonete, assumem ás vezes atmosferas irrespiraveis. Com o accrescimo dos fumos, o que diremos senão que são por vezes fulminantes?

Creio entretanto que a medida se não tomou nem por considerações de higiene, nem de precaução, nem de commodidade publica. Fez-se para regulamentar alguma coisa e visto no momento nada haver mais prompto á mão. Eu tenho como seguro que quando o habito de não fumar nos animatografos se radicar a ponto de ser imprescindivel, os legisladores tendo esquecido a regulamentação respectiva voltarão a restabelecer o que haviam prohibido. Já assim aconteceu nos carros electricos. Fumava-se n'elles como n'uma praça de touros. A folhas tantas pensou-se em prohibir alguma coisa. O que ha-de ser? Ora o quê! O fumo nos electricos. E foi, durando a coisa annos. Um dia, já tudo esquecido e toda a gente habituada a não respirar mal nos vehiculos, voltou a pensar-se: O que havemos de prohibir agora?—Que não se deixe de fumar nos carros da Carris!—e cá temos inteiramente livre o exercicio da cigarrilha.

Eu estou á espera de que a prohibição dos chapeus nas plateias entre na penumbra das coisas longinquas. As senhoras de hoje, constrangidas a apresentar-se em penteado, passaram a gastar no Godefroy aquillo que dispendiam no Jaime Pinto. Como consequencia, diminuiram em muitas circumstancias as proporções dos chapeus, e em lugar dos monumentos de ha alguns annos, das montanhas de laçaria, e dos alpendres empenachados, temos as cartolinhas, os gorros, os «canotiers», de tamanhos comprehensiveis. Havemos de amargal-os? Não o duvidemos; as senhoras voltarão á exibição dos seus hippodromos de plumas e as plateias a utilisar só ás pessoas de primeira fila. A regulamentação não dorme! E se alguma coisa existe de que as Tutorias governativas se não dispensem é do prazer irresistivel «d'embêter les gens!»

Guedes de Oliveira

NA CORTE DE AUSTRIA

Uma amante do imperador

Como Francisco José conheceu Catharina Schraat—A morte de Rodolpho annunciada pela favorita—Historia d'uns brincos

O *Correspondant*, a importante revista franceza, começou agora a publicar um estudo, muito notavel, de Ernest Daudet sobre a côrte de Austria. Do trabalho do illustre historiador traduzimos a seguir uma passagem em que se traça um dos mais curiosos aspectos d'essa côrte quando passa o estio em Ischl:

Ordinariamente, Francisco José vive ali muito retirado, n'uma sociedade intima d'onde é excluida toda a pretensão de etiqueta e de cerimonial, salvo quando recebe algum soberano ou alguma personalidade distincta. Suas filhas, as archiduquezas Gisela e Valeria, casadas uma com o principe Leopoldo de Baviera, irmão do rei actual, outra com o archiduque Francisco Salvador, do ramo de Toscana, vão frequentemente visital-o, a segunda sobretudo. De certos familiares raramente se separa, como, por exemplo, do seu primeiro ajudante de campo, o conde Paar, companheiro de infancia, que deve á sua velha amizade o tratal-o por tu, como ainda o coronel conde Hoyos que ganhou o favor de que gosa, graças á faculdade que possue no mais alto grau de fazer rir o seu soberano pela sua alegria, pelos seus bons ditos, pelas suas phrases mordentes e pela diversidade das anecdotas humoristicas em que é fertil a sua memoria.

O logar principal, todavia, entre os que rodeiam intimamente o imperador, pertence á velha favorita Mme Catharina Schraat, embora ella, na apparencia, esteja relegada para um plano inferior. As suas relações com Francisco José remontam a um longinquo passado. "Datam da epoca em que, desejando dar aos seus subditos provas da sua paternal solicitude, imaginára tornar-se accessivel a todos uma ou duas vezes por semana. Não pretendia imitar S. Luiz e distribuir justiça á sombra d'um carvalho; mas, em certos dias, as portas do palacio imperial patenteavam-se a toda a gente e os visitantes eram auctorisados a expôr ao imperador as suas reclamações e queixas.

Catharina Schraat, que gosava de um certo renome como actriz, achava-se n'essa epocha na plenitude dos seus dons de seducção. Tendo queixas a formular a proposito de coisas do seu theatro, foi apresental-as ao imperador. N'essa entrevista estadeou todas as suas graças, encheu de enthusiasmo o seu augusto interlocutor, seduziu-o por forma que nunca mais devia quebrar-se a cadeia de flores em que o prendera... Desde então, a comediante, hoje retirada de scena, vive na proximidade do soberano, e, a não ser que esteja doente, Francisco José vae todas as manhãs, entre as seis e as sete horas, tomar a casa d'ella o pequeno almoço que Catharina lhe prepara.

Desempenhando este papel á Dubarry, fez uma brilhante fortuna. Passa por venal e por se fazer pagar os serviços que presta. Mas não falta quem reconheça que ella é incapaz de desinteresse e de deixar de accudir a certos infortunios com um zelo meritorio e que tendo tido o bom gosto de nunca se envolver em politica, a sua influencia não foi prejudicial ao Estado. A isso deve sem duvida, a especie de benevolencia de que é objecto na sociedade viennense quando fallam a seu respeito.

Longe de se escandalisarem da sua ligação com o imperador, parece que a sua fidelidade lhes agrada. Se em alguma parte se sorriem d'esse velho *ménage*, as censuras attingem-na menos do que a «Herr Schraat» como chamam ao soberano. Na capital austriaca, a popularidade da favorita é egual á influencia que exerce sobre Francisco José e a que os proprios membros da familia imperial teem recorrido em certos casos.

Quando, a 31 de janeiro de 1889, chegou a Vienna a noticia do suicidio do archiduque Rodolpho, a primeira pessoa a ser informada foi a imperatriz. Suppuzera-se que ella não quizesse confiar a ninguem a cruel missão de dar a seu esposo a noticia da morte do filho. Mas, sob o peso da dôr, declarava-se incapaz de cumprir esse dever, dizendo:

—Encarreguem d'isso madame Schraat.

Foi, com effeito, por intermedio da favorita que Francisco José teve conhecimento do horrivel drama que decapitava a sua casa.

N'outras circumstancias mais tragicas se appellou ainda para a intervenção de Mme Schraat. Eis, a tal respeito uma historia que correu em Vienna pouco tempo antes da guerra. Fernando de Coburgo, rei da Bulgaria, chegára á capital austriaca para visitar o imperador e interessal-o nos negocios do seu reino. Mas o imperador, que nutriu sempre aversão por elle, não se dava pressa em recebel-o.

Coincidiu a estada do rei em Vienna com a festa de Santa Catharina, padroeira da favorita imperial que por esse motivo foi brindada com numerosos presentes. A um membro da corpo diplomatico estrangeiro que a visitou n'essa occasião, comprouve-se Mme Schraat em mostrar esses presentes, começando por lhe fazer admirar o que lhe enviára o imperador, o seu «Franserl», o seu Chico como ella diz quando fala de sua magestade.

—Mas tenho outro ainda mais bello, exclamou, de subito.

E, tirando d'um escrinio um soberbo par de brincos de brilhantes, pôl-os á chapa da luz, para que fulgissem em todo o seu esplendor:

—Offereceu-m'os Fernando da Bulgaria, provavelmente porque espera que o imperador, a pedido meu, o não faça esperar mais tempo a audiencia que solicitou.

ULTIMAS NOTICIAS

Em favor da Servia

Concerto David de Sousa

O comité central encarregado de apoilar para os portuguezes a fim de minorar a triste situação do povo servio, foi informado de que o distincto maestro David de Sousa prestará o seu concurso, promovendo para depois do Carnaval um deslumbrante concerto da sua orchestra no theatro Polytheama gentilmente cedido para esse fim pelo emprezario sr. Luiz Pereira.

Será composto esse concerto unicamente de musica slava.

Todos os donativos podem ser entregues ao thesoureiro da commissão sr. J. J. Ribeiro dos Santos, rua do Amparo, 22, vogal sr. Ventura Abrantes, rua do Alecrim, 80, ou na redação da *Vanguarda*.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Coronel Sá Chaves

O fallecimento do distincto official e escriptor militar

O coronel commandante de cavallaria n.º 2 sr. Francisco José d'Oliveira Sá Chaves, que, como hontem noticiámos, foi victima de uma queda de cavallo quando passava pela rua Maria Pia, falleceu n'um dos quartos do hospital da Estrella, ás 4 horas e 18 minutos da madrugada, sem que tivesse recuperado os sentidos.

O desditoso official tinha fractura do craneo e duas costellas e um pulmão perfurado, além de outras lesões.

O coronel Sá Chaves contava 57 annos e deixa viuva a sr.ª D. Elvira dos Reis Martins Sá Chaves. Militar brioso, disciplinador e muito estimado, era socio de varias collectividades militares, da Sociedade de Geographia e da Academia das Sciencias. Modesto como era, não usava medalhas, embora as tivesse em grande quantidade. Apenas a fita de comportamento exemplar. Como escriptor o coronel Sá Chaves deixa varias obras, umas já publicadas e outras ineditas, a maioria d'ellas em defeza do desenvolvimento da arma de cavallaria, de que era um grande propagandista. Entre as obras que foram publicadas contam-se: «A discripção da batalha da Asseiceira», que foi traduzida para o italiano por um official d'essa nação; «A guerra russo-japoneza»; «A Cigarra e a Formiga» e muitas outras. Como socio da Academia de Sciencias apresentou á censura e foi approvada por unanimidade a publicação da obra a que deu o titulo de: «Apontamentos para a historia das nossas guerras civis. As campanhas de meu pae». Essa obra compõe-se de 7 volumes um dos quaes se encontra já publicado.

Quando ha annos o governo hespanhol abriu um concurso internacional, o coronel Sá Chaves apresentou um livro intitulado: *O emprego e serviço da cavallaria nos exercitos modernos e opinião e discussão de differentes theses consequentes ao mesmo.* Esse livro valeu-lhe o alcançar o 2.º premio, que constava de uma medalha de ouro, a publicação do livro em varias linguas e um premio pecuniario, que não acceitou. Amador apaixonado do hippismo veiu a ser victima d'elle quando se dirigia para o Parque de Palhavã.

O cadaver encontra-se na casa mortuaria do hospital da Estrella vestido de farda e luvas brancas. Officiaes, sargentos e praças de cavallaria 2 e de outros regimentos organisaram turnos, tendo ali estado á tarde o sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval.

O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, para o cemiterio dos Prazeres, sendo o caixão transportado n'um armão. A direcção do Belem Club, de que o finado era socio, convida todos os seus consocios a incorporarem se no prestito.

Theatro Republica

Hoje não ha espectaculo no theatro da Republica para se activarem os ensaios da nova peça em 3 actos, original de André Brun, «A maluquinha de Arroyos», que no proximo sabbado, 26, subirá á scena em 4.ª recita de assignatura. A'manhã mais uma representação da peça em 4 actos «Noite de Santo Antonio».

Deposito Central de Fardamentos

A sua installação na Amadora

Para completar a generosa offerta feita ao ministerio da guerra do terreno necessario para o edificio do Deposito Central de Fardamentos na Amadora, e porque era preciso mais algum terreno, principalmente por causa dos alinhamentos, o sr. conde de Geraz de Lima, a quem pertence esse terreno, contribue por sua parte para que se complete o gesto patriotico, pondo-o bizarramente á disposição do governo.

Tanto ao sr. conde de Castro Guimarães como ao sr. conde de Geraz de Lima são poucos todos os elogios que se tributem.

A proceder ao levantamento da planta topographica dos terrenos offerecidos teem andado o sr. engenheiro Bettencourt Ferreira e o sr. Guilherme Gomes, que, concluido o seu trabalho, o apresentarão ao sr. ministro da guerra.

Camara dos Deputados

Elegem-se sete vogaes para a commissão de inquerito ao fogo de Santa Clara

Preside o sr. Manuel Monteiro e estão presentes os ministros da justiça e da instrucção. Approvada a acta e lido o expediente, o sr. Derouet manda para a mesa um projecto de lei reorganisando o quadro dos professores da Escola de Musica. O sr. Sá Cardoso apresenta um outro projecto, modificando as condições exigidas pela lei para a promoção ao generalato. O sr. Domingos Cruz envia egualmente para a mesa alguns projectos de lei, todos elles tendentes a melhorar varias classes da armada e principalmente a dos sargentos. O sr. Brito Guimarães chama a attenção do governo para o facto de no concelho de Sever do Vouga se ter aggravado pavorosamente a crise das subsistencias, chegando o povo a ir á camara municipal reclamar medidas urgentes que ponham termo á crise. O sr. ministro da justiça promette attender.

O sr. Medeiros Franco pede que se intensifiquem os trabalhos publicos no districto de Ponta Delgada, para se dar occupação rapida ás classes operarias, cujas necessidades são grandes. O sr. Eduardo de Sousa pede á presidencia que faculte a entrada a todos os estudantes que se encontrem na escadaria do edificio para assistirem á sessão. O presidente diz que os estudantes já por duas vezes intervieram nos trabalhos parlamentares e que, por esse motivo, *só com* auctorisação da Camara, poderá facultar-lhes as galerias. O sr. Joaquim Ribeiro, por sua vez, torna a mesa responsavel pelo que vier a acontecer. O presidente volta a falar e diz que a entrada nas galerias publicas não tem restricções, affirmando que os logares das galerias privadas só pertencem aos deputados, que os podem distribuir como entenderem. Varios deputados mandam distribuir os seus bilhetes pelos estudantes.

O sr. Moura Pinto torna-se echo de reclamações da população do concelho de Louza, a qual protesta contra o facto de na proposta de lei que o ministro do fomento levou ao Congresso, se pretender prejudicar a industria papeleira, pelo que respeita ao papel resmado. O sr. ministro do fomento responde que, pela sua proposta, são devidamente acautelados os interesses e os direitos de todos. O sr. Alfredo de Magalhães diz que, na sessão passada pediu a palavra para dizer que reputava nulla a eleição a que ia proceder-se de vogaes para a commissão de inquerito ás causas do fogo de Santa Clara. E é nulla porque dois dos grupos que teem logar na Camara se absteem de entrar n'essa eleição. E a commissão, segundo a proposta do sr. Simas Machado, só póde funccionar se fôr constituida por representantes de todos os lados da Camara? Quer a maioria reconstituir a commissão? N'esse caso, tem de modificar ou substituir a proposta do sr. Simas Machado. O presidente declara que não deu a palavra ao sr. Alfredo de Magalhães por não lh'a poder dar quando elle lh'a pedia. Dá essa explicação cathegorica, para que não se suponha que foi intuito seu diminuir as opposições ou apoucal-as.

Na ordem do dia, procede-se á eleição de sete vogaes para a commissão de inquerito ás causas do incendio de Santa Clara. A sessão é interrompida por 15 minutos. Reaberta ella, as opposições não voltam á sala. Faz-se a chamada, entrando na urna 88 listas, sendo cinco brancas. São eleitos os srs. Costa Junior, Castro Meyrelles, João Gonçalves, Antonio Portugal, Armando Belleza, Constancio d'Oliveira e Pereira Victorino. O sr. Costa Junior, que pede a palavra para explicações, diz que, em harmonia com o regimento, acceita o cargo para que foi eleito, mas que dizendo a proposta do sr. Simas Machado que a commissão deve ser constituida pelos representantes de todos os grupos parlamentares da Camara, elle só tomará parte nos trabalhos da commissão quando ali estejam todos esses representantes.

Na segunda parte da ordem, continúa a discutir-se a proposta de lei que introduz varias alterações nas cartas organicas das provincias ultramarinas. O sr. Ernesto de Vilhena faz uma larga exposição sobre o actual regimen fiscal e fazendario das colonias, condenando-o em absoluto. Classifica esse regimen de jesuitico e diz que é preciso simplificar o que é presentemente complicadissimo, como é preciso substituir por uma descentralisação racional a centralisação mais que exaggerada que tem vigorado até agora. Aconselha uma reforma radical do ministerio das colonias, que não pode ser levada a cabo só pelo poder executivo. Defende a creação das auditorias centraes nas colonias e affirma que o procurador da Republica junto dos governadores se satisfaz em materia juridica, é difficiente em materia fiscal. O auditor, sobretudo, é um orgão de ponderação e de collaboração, auxiliar aos governadores, que por si só não podem fazer tudo. Quanto ás inspecções especiaes, crê que ellas não se teem feito por falta de pessoal; e pelo que respeita a conflictos entre auditores e governadores, julga-os tão provaveis como entre o governador e qualquer outro funccionario, que d'elle dependa.

Depois, o governador terá sempre a ultima palavra. De maneira que os conflictos são impossiveis. Faz a apologia da obra colonisadora da França, para responder a observações do sr. Cruz e Sousa e diz que um paiz que tem dado as brilhantes provas de aptidões colonisadoras que a França tem dado, merece o respeito e a consideração de todos os latinos. Os seus governadores, como os hollandezes, apesar de verdadeiros autocratas, teem junto de si conselhos que são obrigados a ouvir e a consultar.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Alfredo de Magalhães manda para a mesa uma declaração de voto declarando nulla a eleição de vogaes para a commissão de inquerito, pelas razões já apontadas.

O sr. Simas Machado, pelos evolucionistas, declara que o seu partido tambem não pode fazer-se representar na commissão emquanto não fôr approvada a proposta Moura Pinto.

O sr. Moura Pinto pergunta em que estado se encontra o conflicto academico, dizendo que o seu partido não o abandonará, nem aos estudantes.

O sr. ministro do interior declara que não se deram factos que obrigassem o governo a fazer novas declarações. A ordem é completa, e os estudantes se não vão ás aulas é porque não querem.

O sr. Ochoa apresenta declaração, dizendo que não fará parte da commissão. O sr. João Gonçalves faz egual declaração.

No final da sessão ouvem-se nas galerias vivas á gréve, que partem dos estudantes que ali se encontram.

NO SENADO

Viveres que se deterioram por falta de transportes

A's 14,45 respondem á chamada 30 senadores. Na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes Abranches e Lourenço Serro. Acta approvada e expediente ao seu destino.

Antes da ordem o sr. Azevedo Gomes insta pelos documentos relativos *ao processo Eusebio da Fonseca* O sr. Madureira e Castro participa que o sr. Agostinho Fortes não pode por alguns dias comparecer no Senado por motivo de doença que o retem em casa. O sr. Antonio Maria Baptista pede providencias para que se paguem os *soldos dos officiaes* e praças vindos do sul de Angola que estão em atrazo d'um anno. O sr. ministro das colonias prommette attender o orador no mais curto praso de tempo.

O sr. Ortigão Peres refere-se ao estado em que se encontram em Mossamedes os viveres destinados á columna de operações em Angola. Tudo o que se tem dito a tal respeito é exacto e a deterioração d'esses generos é devida principalmente á falta de transportes locaes. Portanto o que o sr. ministro tem a fazer não é mandar tapar os viveres, no que gastaria 30 ou 40 contos; o que é preciso é mandar para ali automoveis e camions antes que os viveres se encontrem todos deteriorados.

O sr. Rodrigo Gaspar faz justiça á boa vontade e ao patriotismo do orador antecedente e ao seu zelo na defeza dos interesses do Estado.

Pela parte que lhe toca deve dizer que nunca poz o mais pequeno obstaculo á remessa de camions ou de automoveis para as colonias, e que se para lá não foi todo o requisitado foi isso devido ás difficuldades da sua acquisição.

O sr. Celestino d'Almeida pede para que seja publicado o relatorio do sr. coronel Roçadas se por acaso elle se encontra já no respectivo ministerio. O sr. ministro das colonias diz que ao relatorio ainda faltam uns elementos indispensaveis de maneira que logo que esteja tudo concluido será publicado.

O sr. Ortigão Peres volta a falar ainda para dizer que quanto aos viveres que se encontram no Sul de Angola e que o sr. ministro declarou que os ia distribuir pela provincia de Moçambique, na opinião d'elle orador essa distribuição se não deve fazer visto que as necessidades de Angola subsistem; ao que o sr. Rodrigues Gaspar responde salientando a necessidade d'essa distribuição que será feita meticulosamente.

Entra-se na ordem do dia com o projecto de lei que altera para 28 de janeiro de 1908 a antiguidade do primeiro sargento do regimento de infantaria 1 José Antonio do Carmo, e para 5 de outubro de 1900 a dos 1.os sargentos de infantaria 2 João Dias Mendes e do 2.º batalhão de artilharia da costa, Carlos Augusto de Almeida, promovidos por decreto de 15 de dezembro de 1910.

Fo approvado com uma ligeira emenda de redacção.

Approva-e tambem sem discussão o projecto de lei que reforma no posto de tenente o 1.º sargento da 7.ª companhia de Reformados Manuel Nobre Pinto Maurice que tomou parte no 31 de janeiro e no 5 de outubro. O mesmo acontece a uma transferencia de verba no orçamento de instrucção publica.

Discutem-se depois os acontecimentos academicos, conforme relatamos na noticia que trata d'esses acontecimentos.

Tribunaes

Boa-Hora

No primeiro districto criminal sob a presidencia do sr. dr. Alves Ferreira, estando o ministerio publico representado pelo sr. dr. Horta e Costa, e a defeza a cargo do sr. dr. Gomes Motta, apresentaram-se hoje a responder Palmyra de Albuquerque, solteira, de 35 annos, natural de Lisboa, Carlos Sá Oliveira Barroso Assis, solteiro, 32 annos, empregado no commercio, com uma condemnação, e Emilio Augusto Martins de Moura, solteiro, de 39 annos, de Lisboa, accusados do fabrico e passagem de moedas falsas do valor de 1 escudo e 50 centavos. Só o Emilio confessou o crime de que é accusado. Foi condemnado em 2 annos de prisão correccional, o Carlos em 18 mezes e a Elvira n'um anno, sendo todos entregues ao governo, finda a pena, para lhes dar destino.

A grande guerra

O ataque aereo a Inglaterra

LONDRES, 20.—Dois biplanos ás 10|35 e dois hidro-aviões ás 11|10 bombardearam Lowesteft, lançando 17 bombas. Não houve nenhuma victima, mas trez casas soffreram estragos consideraveis. Um hidro-avião bombardeou ás 11|20 a costa do condado de Kent, outro ás 11|27 em Walmer destruiu os telhados das casas e matou dois homens e uma criança e feriu um marinheiro. Os aeroplanos britannicos perseguiram em vão o inimigo.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 20.—Repelimos um ataque a oeste de Serri. Executámos um raid aerio sobre o aerodromo de Cambrai; as bombas explodiram no interior dos hangars e os aviões regressaram indemnes.—(*Havas*).

PARIS, 21.—Communicação official das 15 horas:

Houve fraca acção de artilharia na generalidade das linhas excepto ao norte de Verdun onde se notou uma certa actividade. Em Artois, a noroeste da cota 140 o inimigo tentou sem successo dois ataques locaes á granada. Uma esquadrilha de cinco aviões francezes bombardeou os depositos de munições inimigos de Chateau Martincourt e de Azoudange a sueste e a sudoeste de Dieuze. Os aviões allemães lançaram esta noite sobre Luneville, Dombasle e Nancy alguns projecteis que causaram pequenos estragos.—(*Havas*).

O presidente Poincaré

PARIS, 21.—O presidente da Republica era acompanhado dos generaes Langledocary e Gouraud na sua visita ás trincheiras da linha de combate de Champagne.—(*Havas*).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONCERTO REY COELHO

Realisa-se na proxima quinta feira, ás 21 e meia horas, na Liga Naval, este concerto, o qual será precedido d'uma conferencia pelo sr. dr. Alfredo Pimenta.

No programma, figuram as mais importantes paginas da litteratura do piano como a fuga e o preludio de Bach, tirados do orgão por Busoni, o «S. Francisco de Paula», de Liszt, e a obra de Brahms, ainda não ouvida em Lisboa, as «Variações» e «Fuga» sobre um motivo de Haendel. A's obras originaes de Ruy Coelho que se darão em primeira audição já fizemos referencia.

«A Trilogia Camoneana» «Na Cathedral do Amor e da Paysagem» que começa com o bello Soneto de Camões («Aquella triste e lèda madrugada») está a cargo de Mlle. Alice Rey Colaço. O «Trio», que se compõe de Alegro, largo, Final, e que é dedicado a Rey Colaço, está a cargo, de Passos, Thomaz de Lima, e do compositor.

Mademoiselle Laura Wake Marques abre a segunda parte com uma serie de «lieder» modernos de Strauss, Liszt, Debussy, e «Dans la jetée d'Alexandrie», de Ruy Coelho.

JANTAR CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel d'Inglaterra, assistiram: mesdames Infante da Camara, Cats, Queiroz Guedes, Santos Elvas, Brito e Vasconcellos, Briant, Davide, Fuld, Pieq, Laura de Castro, Carvalho, Fragoso, Franco, Nodder, Birkett, Torres, Firt Gotz, Garnier, Sara da Silva e Gomes Correia; e os srs.: Virgilio Dias Rebello, Emilio Infante da Camara, Henrique Bastos, José Maria dos Santos Elvas, François Massillon, Augustin Briant Arminco Augusto dos Santos, Americo Paes do Couto, Gabriel Torres, Wiliam Chambres, Alberto Ribeiro de Carvalho, José Lopes Burgos, H. Davids, Walter Fuld, Pied, José de Castro, Eduardo Fragoso, Padua Franco, Jacintho Furtado, H. M. Nodder, Aibagli, Herbert Birkette, dr. Alfredo Torres, David Cats, H. van der Hilet e James Firt.

PAQUETE «FUNCHAL»

Procedente dos Açores, é esperado no Tejo amanhã de manhã o paquete *Funchal*.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 13|16	35 11|16
Londres, 90 d|v	36 5|16	—
Paris, cheque	$71,6	$72
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$59	$59,8
Madrid, cheque	1$33,5	1$34,5
Suissa, cheque	$80	$81
Italia, cheque	—	—
New York	1$40	1$41,5
Rios|Londres	11 11|16	—
Libras	6$80	6$90
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	38,95
» » 500$	—	39,20
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0\|0 1905, 9$60; 4 1\|2 1912, ouro, 99$.

Externas: 1.ª serie, 64$40 e 3.ª 77$.

Acções: Ultramarino, coup., 127$ e assent. 126$70 e c\|d 131$; Economia Portugueza, 22$; Assucar, 46$; Ilha do Principe 223$; Moçambique, 3$25; Phosphoros, coup., 56$50; Agricultura Colonial, 116$.

Obrigações: Aguas, coup., 83$50; Prediaes, 4 1\|2, 81$; Municipaes ou Districtaes, 5 0\|0 84$; Ultramarino, hypotecarias, 93$40; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5 79$50.

A greve

Consta que vae solucionar-se em Lisboa

O movimento academico d'esta cidade não tem relação alguma com o de Coimbra—Um pouco de historia dos acontecimentos

Estabeleceu-se no espirito publico uma accentuada confusão sobre a greve academica. Geralmente, imagina-se que se trata de uma tentativa de greve geral baseada nas mesmas reclamações, animada pelos mesmos principios ou simplesmente inspirada n'um sentimento de irreflectida solidariedade.

Convem esclarecer a questão, parecendo-nos que todos teem a lucrar com isso: o governo, os professores e os estudantes.

Em primeiro logar, é preciso dizer-se que o movimento academico das escolas superiores de Lisboa nada tem com a greve de Coimbra. Nada. São coisas differentes, causadas por motivos que não teem nenhuma especie de relação. Os estudantes de Lisboa, para se pronunciarem ácerca da greve de Coimbra, esperam ainda que lhes seja enviado d'aquella cidade um relatorio detalhado sobre as origens e phases do conflicto. Só depois de adquirirem esse conhecimento é que reunirão para se occuparem do assumpto.

A gréve nas escolas superiores de Lisboa é provocada exclusivamente, na sua origem, pela situação que o conselho escolar da faculdade de medicina de Lisboa creou a seis alumnos d'esse estabelecimento de ensino, impedindo-os de se matricularem em determinadas cadeiras. Os seus camaradas, convencidos de que se tratava de uma injustiça, visto que outros alumnos, em igualdade de circumstancias, tinham conseguido matricular-se em cadeiras de dois annos do curso, resolveram reclamar egual tratamento para os seis camaradas excluidos, fundando-se no exemplo de annos anteriores.

Desattendidos n'essa reclamação, depois de effectuarem varias *démarches* junto do director da faculdade, declararam-se em greve. A situação aggravou-se porque, por motivo d'essa gréve, perderam o anno 226 alumnos da Escola Medica. N'essa altura, e para que o conflicto se resolvesse sem quebra de dignidade para estudantes e professores, o parlamento interveiu na questão, auctorisando a matricula dos 6 alumnos que o conselho pretendia impedir da frequencia de dois annos do curso. Essa auctorisação consta da lei n.º 478. Que fez o conselho escolar? Não applicou essa lei. De modo que, não só os 6 alumnos continuavam impedidos d'aquella frequencia, que o parlamento tinha auctorisado, como se fazia perder o anno, por faltas, a mais 220.

Collocada a questão n'esses termos, os estudantes principiaram á irritar-se. Segundo se disse no parlamento, alguns professores da Escola Medica affirmavam que a lei n.º 478 não seria cumprida. Mais:—fazia-se constar que o Senado universitario se demittiria, em massa, se o governo tentasse ordenar o seu cumprimento. Precisamente para a não cumprir, o director da Faculdade tinha-se demittido. Todas as escolas superiores de Lisboa iam correr o risco de ficar sem professores?

Os 226 alumnos, cortados pelo Conselho Escolar, já não podiam frequentar as suas cadeiras nem concorrer aos trabalhos praticos. Os quintanistas ficaram sem os doentes que tinham para observação. Um dia, cerca de vinte alumnos, mais exaltados, quizeram assistir á aula de um professor. Partiram uns vidros onde estavam affixados uns avisos e tentaram abrir a porta d'um laboratorio. O professor appareceu e, segundo a sua propria declaração, ninguem lhe fez mal. A Escola Medica foi encerrada, por esse motivo. D'ahi, a gréve em todas as escolas superiores de Lisboa.

Que pedem os estudantes? Que se cumpra a lei n.º 478 e que sejam annulladas as faltas originadas pelo conflicto que provocou a promulgação d'aquella lei. Mais nada. Se fôr preciso, isto é, se o conselho escolar assim o entender conveniente, acceitarão aulas supplementares, que compensem todas as faltas.

E' essa a questão, pelo que diz respeito a Lisboa. Em Coimbra, a gréve é motivada, segundo declaração dos proprios academicos, por umas phrases que o director da Escola Normal Superior, sr. dr. Luciano Pereira da Silva, dirigiu aos alumnos d'esse estabelecimento de ensino e que elles consideraram injuriosas. Esses alumnos tinham-se recusado a fazer umas conferencias marcadas pelos professores, dizendo que ellas não estavam previstas pelo regulamento. Declarada a gréve na Escola Normal a ella adheriram os alumnos da Universidade.

Solução da gréve de Lisboa?

Depois de escripta esta rapida exposição dos factos, soubemos que a greve de Lisboa se encontra em caminho de solução. Como? Cumprindo-se a lei n.º 478 na Escola Medica, por determinação do reitor da Universidade. A annullação das faltas seria considerada uma consequencia d'essa lei, terminando assim o movimento grevista de Lisboa. Essa solução, de resto, é a solução prevista, porque ninguem comprehenderia que o conselho da Escola Medica se recusasse a cumprir uma lei, collocando-se em conflicto com o poder legislativo.

Os academico effectuam varias reuniões

Os alumnos realisaram hoje varias reuniões onde apreciaram a situação da greve e qual o caminho a seguir. A essas reuniões apenas assistiram os alumnos, não sendo permittida a entrada a pessoas estranhas, nem mesmo aos representantes da imprensa, a quem os estudantes declararam que enviariam notas officiaes. Estiveram reunidos os estudantes das Faculdades de Sciencias e de Lettras, do Instituto Superior Technico e da Escola de Medicina Veterinaria. A esta presidiu o alumno sr. Frederico Bagorro Sequeira.

Na Faculdade de Medicina e em todas as escolas superiores, as aulas foram abertas, mas os alumnos não entraram, tendo ali comparecido todos os professores. Em frente das escolas estiveram commissões de alumnos e varios grupos de estudantes.

Uma declaração da Academia de Coimbra

A Associação Academica de Coimbra enviou-nos a declaração seguinte:

A'cerca do movimento iniciado pela Academia de Coimbra, tem-se feito affirmações menos verdadeiras que urge desmentir para conservação do seu prestigio. Na verdade não se trata d'uma manifestação de natureza politica, nem tão pouco d'um proposito de nos furtarmos aos trabalhos escolares, mas unica e exclusivamente d'um protesto altivo e sereno contra uma affronta dirigida aos seus alumnos pelo professor Luciano Pereira da Silva.

E' como vê, sr. redactor, uma mera questão de dignidade em que anda empenhada a honra da Academia, absolutamente solidaria com os seus collegas da Escola Normal Superior, os quaes não obtiveram explicações satisfatorias do referido professor, nem providencias por parte das entidades competentes a quem recorremos.

N'estas condições muito nos obsequiaria publicando estas linhas para esclarecimento da verdade.—A commissão.—Coimbra, 20 de fevereiro de 1916.

Instituto Superior do Commercio

Pela Associação Academica do Instituto Superior do Commercio foi-nos enviada esta communicação:

Os alumnos d'este Instituto, acatando absolutamente e com enthusiasmo as deliberações da Federação Academica de Lisboa, mantém-se em greve n'uma attitude de completa serenidade.

Regista-se com prazer que não se exerceu coacção sobre quaesquer alumnos e que estes, não frequentando as aulas, o fazem no uso pleno da sua vontade.

O que se passa no Senado

Declarações do chefe do governo e do ministro da instrucção

Eis o extracto da sessão do Senado na parte que se refere aos acontecimentos academicos:

Como não haja mais assumpto para ordem do dia á dada a palavra ao sr. coronel Silveira que pergunta ao sr. ministro da instrucção publica o que ha sobre gréves academicas. Está soluccionado o conflicto? Quaes foram a tal respeito as resoluções do governo?

O sr. ministro da instrucção diz que o governo tem a maxima vontade em soluccionar o conflicto academico. Tem estudado a questão cuidadosamente; tem sido benevolo. Mas se os alumnos quizerem continuar em gréve, se não quizerem ir ás aulas só ha uma coisa a fazer—fechal-as.

O sr. coronel Silveira acha que se não fazem cinco gréves n'uma só epocha como se fizeram já em Lisboa sem haver uma causa especial que mova os academicos e lhes dê força. Qual é essa causa? Estude-a o governo e solucione o assumpto. Assim é que não podemos continuar.

O sr. dr. Affonso Costa historiando os ultimos conflictos academicos, repete as suas palavras pronunciadas na ultima sessão dos Deputado.

A gréve não tem razão de existir. Se os alumnos tinham razão era escusado fazer gréve porque reclamando ordeiramente seriam attendidos; se não tinham razão nada lhes vale fazel-a porque o governo não deve nem pode ceder perante intimações de tal ordem. Nem cederá.

Demais todas as leis votadas ou a votar no Parlamento sobre o assumpto hão-de cumprir-se visto que para outra cousa não foram votadas.

Quanto á parlipação das faltas dadas pelos academicos esses casos estão affectos ao Senado Univeritario que reune amanhã ás 17 horas e que os resolverá. Mas se o Senado se julgar incompetente para tal e entregar o assumpto ao governo este não tem a menor duvida em julgar essas faltas justificaveis. Resumindo não vê em que se fundamente esta gréve pela qual já foi calumniado nos jornaes pelas suas palavras pronunciadas na outra camara e nas quaesnão houve nem podia haver a menor offensa para os estudantes. Finalmente o governo separou os casos de ofensas aos professores e actos de «sabotage» e a declaração de gréve e n'esa reparação se mantem. O governo não acceita imposições seja de quem fôr para que as leis se cumpram e a disciplina exista. A lei 478 cumprir-se-ha. Se os alumnos ainda assim se mantiverem em gréve por solidariedade com actos de reprovada indisplina nada ganharão e as escolas serão encerradas.

O sr. coronel Silveira folga com as palavras do sr. presidente do ministerio, mas não comprehende como homens já feitos, como os da Escola Normal Superior de Coimbra, se desnorteiem a tal ponto que procedam como procederam. Ha que estudar o assumpto e resolvel-o com ponderação.

Evidentemente a culpa não é nem pode ser unicamente dos alumnos. Ha por exemplo o caso da Faculdade de Medicina que é grave, muito grave mesmo como desrespeito a uma lei votada no Parlamento.

O sr. Affonso Costa diz que não houve desobediencia. Quando muito apenas magua pelo facto consumado.

Entre os oradores trocam-se ainda explicações.

Em Coimbra comparecem nas aulas os estudantes militares

COIMBRA, 21.—No Muzeu e Universidade funccionaram hoje algumas aulas, comparecendo apenas os estudantes militares.

Ao sr. presidente da Republica foi enviado um telegramma, solicitando do grande mestre de 1907 a justiça d'uma reparação.

O socego é absoluto.

Noticias parlamentares

O sr. ministro do interior proferiu hoje o seu melhor discurso parlamentar. E' que nunca falou tão pouco. Um qualquer deputado fartou-se de pedir providencias para abusos que as auctoridades andam praticando lá pelo seu circulo, em descabelada «sabotage» á sua avassaladora influencia. Provou que tinha razão, a razão de quem está debaixo, e que é, invariavelmente a mais sympathica. Pois quando todos esperavam por uma grande sarrasina do sr. Almeida Ribeiro, o eminente estadista ergue-se, limita-se a dizer que regista com toda a attenção, e volta a sentar-se, triste como um cypreste em dia de aguaceiro. Até parece que o sr. Arthur Costa o aconselhou a proceder assim...

Outra em falso. Que mau destino teria marcado logo á nascença a commissão de inquerito? Ignora-se. Mas sabe-se que ella tem ficado e vae ficando ao paiz pelos olhos da cara. As opposições amuaram e deixaram a sala para não tomarem parte nas votações supplementares de sexta-feira e d'hoje. Resultado? Complicarem-se as coisas cada vez mais, o ter a maioria de eleger á força quem, por disciplina partidaria e por brio pessoal da commissão não devia fazer parte. A facilidade com que em Portugal se tecem trapalhadas chega a pasmar. Porque não se hão de as coisas fazer sempre com absoluta clareza? Sabe-se lá! Até dá vontade de invocar o Divino Espirito Santo para que elle illumine, com a sua omnisciencia quem tão cego anda...

Cromwell, segundo resa a Historia, mandou um dia collocar na portaria do parlamento inglez um dystico que dizia - «Casa para alugar». Em Portugal ainda não se chegou a isso, apesar de já termos tido um Cromwell de fancaria que deu, mais depressa do que se esperava, com os burrinhos na agua. Mas chegou-se já a isto—a pespegar-se á entrada da sala das sessões um papel annunciando que um deputado achára uma certa porção de dinheiro, estando disposto a entregal-o ao dono. Póde chamar se a isto um excesso de escrupulo, digno de todo o louvor. Entretanto, não consta que as portas da sala da representação nacional sejam a taboleta mais propria para se afixarem avisos d'esta natureza.

Mais uma estreia—a do sr. Medeiros Franco, que veio lá dos Açores e que parece, visto a distancia, na penumbra parlamentar, a materialisação d'um retrato de mystico pintor flamengo. Disse sua senhoria que no seu districto havia fome e que, para a matar, se tornava preciso abrir obras, multas obras, e occorrer quanto antes, á crise do ananaz com medidas que valorisem esse precioso fructo. Mas para dizer estas coisas, tão simples e tão justas, o sr. Medeiros recorreu ao palavrão senoro e ao gesto largo, perdendo-se a cada passo e não chegando a dar uma noção exacta dos seus dotes oratorios. O estreiante é um orador que treme como varas verdes. Não será preciso, jámais, chamal-o á ordem. Será, porém, conveniente, ministrar-lhe umas colheres de infusão de flôr de laranjeira. E' remedio certo para quem não é em absoluto, senhor dos seus nervos...

Deu-se hoje um facto notavel na Camara, que passou despercebido á maioria dos srs. legisladores. Foi a juncção meiga e intima d'um illustre senador que é, ao mesmo tempo, padre, com a d'um deputado da maioria, tido como um dos mais estremes productos do jacobinismo indigena, que se tem manifestado depois da proclamação da Republica. Os dois conversaram amenamente, passearam-se, embebidos um no outro, pela sala; mostraram-se com orgulho e olharam para os proceres indifferentes com uma tal complacencia que parecia querer dizer: «Vejam como os extremos se tocam e como, afinal, é possivel Nosso Senhor, em S. Bento, passear de braço dado com Lucifer!» E ahi estão as pazes politicas, lá para as bandas de Braga, definitivamente feitas. Que pena o sr. Castro Meyrelles não os ter aspargido d'agua benta!...

«Não se esqueça de pôr isto, ponha lá isso, escreva o que eu disse!» São estas e outras semelhantes as *formulas* que certos deputados usam para recommendarem aos jonalistas as passagens dos seus arrazoados, que mais eleitoralmente os interessam. Não se póde ser, como se vê, nem mais claro, nem mais delicado, nem mais diplomata. Simplesmente, em geral, quem assim se dirige a homens que merecem ser tratados com toda a cortezia, passa pelo desgosto de não vêr na lettra redonda os bilhetes postaes que, por intermedio das gazetas, pretende dirigir aos eleitores. Cada um castiga como póde, e já Camillo dizia que a pena de dez réis, nem por ser arma barata deixava de ser das melhores...

NOTAS DIVERSAS

A camara municipal do Rio Maior solicitou do sr. ministro do fomento que aquelle concelho seja abastecido de milho e outros generos de primeira necessidade.

—O sr. ministro da marinha teve hoje demorada conferencia com o seu collega da guerra.

—O tenente coronel do estado maior de cavallaria sr. Antonio Oscar Fragoso Carmona foi mandado assumir immediatamente o commando do regimento de cavallaria 2.

—Os srs. ministros da Suecia e da Inglaterra conferenciaram com o sr. ministro dos estrangeiros.

—Durante o impedimento, por motivo, de doença, do sr. engenheiro Correia de Mello, está desempenhando as funcções de secretario geral do ministerio do fomento o sr. Camara Pestana, director geral da agricultura.

—Conferenciaram hoje, com o sr. ministro do interior os srs. senador dr. Ramos Pereira e governadores civis de Castello Branco e Guarda.

—O coronel sr. Alves Roçadas conferenciou hoje com o sr. ministro das colonias.

Folhetim d'A CAPITAL 21-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

Para o abismo

A desconhecida que chamara sobre si a attenção da filha de Gallon não era outra, senão a sr.ª Darvell, a aventureira sem escrupulos que era, ao mesmo tempo a alliada, a inspiradora e a collaboradora dedicada e cega de Wilkerson. Drake seguia no mesmo comboio. Viajava, porém, separado da amante, para não despertar as suspeitas de Rosinha e para, no momento preciso, poder entrar em scena e começar desempenhando o papel que lhe fôra préviamente distribuido. Esse papel consistia em fazer de Everet, fazendo-se passar, ao chegar a S. Francisco, pelo famoso banqueiro. Perfeitamente industriado, sabendo de que natureza eram os documentos que Rosinha levava comsigo, Drake tinha por missão apoderar-se d'elles.

—E' preciso que andes com presteza e decisão—dissera-lhe a Darwell. Aliás, comprometterás a nossa causa...

—Fico descançada.

Era ao cahir da tarde quando o comboio enorme, como o são os grandes expressos americanos, chegava a S. Francisco. A menina Gallon e a sr.ª Darwell apearam-se immediatamente. Na gare, era grande o movimento. Gente que vinha de longe e que o comboio trouxera, gente que esperava pessoas amigas e conhecidas, para as receber e abraçar. Rosinha e Darwell tinham dado apenas alguns passos, quando um homem ainda novo, vestido elegantemente, se approximou d'ellas e as saudou respeitosamente.

—O sr. Everet—diz a Darvell para Rosa Gallon.

—Já a esperava—replica o supposto banqueiro.—Fui avisado da sua chegada pelo meu amigo João Dore.

E apoderando-se quasi á força da pequena mala que Rosinha levava comsigo, Drake, que tão brilhantemente acabava de fazer a sua apparição, sahiu da estação em companhia das duas mulheres.

—Tem destino certo?—dizia o banqueiro para Rosa.—Sabe onde vae hospedar-se?

—N'um hotel, evidentemente. Mas não cheguei ainda a escolher.

—Pode, n'esse caso, servir-lhe o meu—objecta a Darvell.—E' dos melhores de S. Francisco.

—Está combinado—responde Rosinha.—Desejo, porém, telegraphar para a mina.

—E' natural. A estação telegraphica é perto.

Rosinha, andadas algumas dezenas de metros, entra no telegrapho e redige um telegramma para Dore, participando-lhe a sua chegada a S. Francisco. Drake, porém, espreita-a e offerece-se para entregar o telegramma no *guichet* e o fazer seguir ao seu destino.

—E' que não precisa de se demorar tanto tempo á espera. A sua companheira de viagem espera-a lá em baixo,

Entretanto, a Darvell, de posse da mala de mão de Rosinha, folheia-a, remexe-a, procura encontrar lá os papeis absolutamente imprescindiveis para levar a cabo o seu plano. O seu esforço, porém, é absolutamente baldado. O desespero que, por esse motivo, a invade é indiscriptivel. Drake, por sua vez, pegando no telegramma que Rosinha redigira, rasga-o e substitue-o por outro. Dore foi, assim, informado pela sua pupilla de que tivera a acolhel-a em S. Francisco a melhor das recepções por parte de Everet, o que a deixára satisfetissima. O authentico Everet, porém, é que devia lançar a perturbação n'estes complicados planos dos bandidos.

Rosa não lhe apparecera e algumas horas depois do expresso chegar, tratou de informar João Dare d'esse facto. O engenheiro recebeu quasi ao mesmo tempo os dois telegrammas, ambos redigidos e expedidos por Everet. Um d'elles era o verdadeiro? Ignorava-o. Entretanto, havia entre os dois uma flagrante contradição que era preciso esclarecer quanto antes. O que teria acontecido á sua pupila? Teria sido victima d'alguma cilada que os inimigos de seu pae lhe armassem? Não o sabia. E como todas as conjeturas eram, ao mesmo tempo admissiveis e absurdas, só tinha um caminho a seguir—abalar quanto antes para S. Francisco, a fim de esmiuçar e desvendar bem todo aquelle tenebroso misterio. A partida ficou, portanto, resolvida para o dia seguinte.

Wilkerson é informado do que se passa. Evidentemente, pensa elle alguma coisa de anormal se passa em S. Francisco. João Dore deve ter tido noticias pouco tranquilisadoras a respeito de Rosinha. Urge evitar que elle parta, para que o seu plano infernal contra a mina e contra a sua proprietaria não falhem. Mas como? O bandido tem então uma ideia sinistra. Dore vae de automovel. Pois bem, transformar-lhe-ha o vehiculo n'um instrumento de suicidio. Não lhe custará muito...

E pouco antes da partida do engenheiro, Wilkerson, aproximando-se cautelosamente do automovel, consegue desenroscar uma porca do travão, deixando por essa forma o carro sem governo. Em seguida, montando a cavallo, parte á desfilada e vae incendiar uma ponte de madeira, pela qual Dore deve passar e que atravessa um profundo barranco. Foi aquelle o plano infernal imaginado por Wilkerson para se desfazer de Dore, que na mina constituia um obstaculo permanente para a realisação dos seus planos tenebrosos.

João Dore parte. O pessoal da mina despede-se todo d'elle, com grandes manifestações da mais effusiva sympathia. A estrada é curva, não deixando ver a ponte que arde, para a qual o automovel avança com vertiginosa velocidade. O *chauffeur* vê, emfim, o perigo e pretende retroceder. Os travões, porém, não funccionam.

— Estamos perdidos! — exclamou elle, perdido de cabeça.

E quando o vehiculo alcança as primeiras taboas que ardem, o desgraçado atira-se para um fosso que fica á beira do caminho, indo estatelar-se d'encontro á barreira e ficando como morto. Dare, por seu turno, não perde o sangue frio e apoderando-se do guiador, procura, com esforços sobre-humanos, evitar que o automovel se despenhe no abysmo. Os travões continuam a não obedecer. A morte cada vez se lhe aproxima mais e com maior crueldade. As chamas envolvem-lhe já o carro, queimando-o tambem, lambendo-lhe as faces, ameaçando incendiar-lhe as roupas. Só lhe resta um expediente—fazer como o *chauffeur*. E não hesita, indo cahir no fundo do precipicio, onde fica sem sentidos. O automovel por sua vez, proseguindo na sua marcha rapidissima, chega ao meio da ponte, fal-a ceder, e vae despedaçar-se, em baixo no vale, ficando feito n'um bolo.

Para Wilkerson, o seu inimigo deixa de existir; evidentemente que não ha forças humanas capazes de o subtrahirem nos laços tremendos que lhe armára. E foi sob esta convicção profunda que o bandido partiu tambem para S. Francisco, indo tomar o comboio emquanto João Dore, no fundo do abysmo jazia inanimado. Durante a viagem para S. Francisco, o antigo companheiro de Gallon architectou os mais extraordinarios projectos. Agora que Dore acaba de desapparecer, deixando-o a elle inteiramente livre, e que Rosa está indubitavelmente em suas mãos,—o que é que tem a receiar? A mina será sua e bem sua, e o ouro que d'ella extrahir dar-lhe-ha a fortuna, a riquesa e a opulencia. A Darvell não terá, então nada que lhe lançar em rosto, e a sua obra de maldade constituirá uma esplendida vingança contra quem, outr'ora, por cubiça esteve a ponto de o assassinar...

(*Continua*)

No «écran» do OLYMPIA

SPORT

Garrote, precipitação... ou proposito?

Como se procura a morte do foot-ball

Evita-se com uma lei, sem recurso que dois clubs, um d'elles campeão, continue a jogar este anno

... Aquella malfada questão, trouxe a ruptura declarada na reunião da Avenida. Ali se dividiram os clubs; ali se resolveu adoptar aquella jesuitica e calumniosa infamia de dizer que havia jornalistas que leiloavam a sua consciencia; ali se resolveu fazer correr aquella artimanha de que uns eram pela Sociedade, outros não. D'então para cá, a calumnia acantonou-se na «alma» dos mais repugnantes e os clubs olharam-se desconfiados. Nunca mais houve camaradagem sincera. Nunca mais houve entendimentos collectivos. E os que ficaram «por baixo» nunca perdoaram aos que se mantiveram no seu logar. Vae d'ahi...

—Mas perdão, não era d'essa questão antiga que queriamos tratar. E' d'outra, de flagrante e triste actualidade.

Como sabem, a Associação de Foot-ball resolveu suspender por 5 mezes os dois clubs Sporting e Imperio. Isto equivale a dizer que os leva á sua dissolução. E' que esses clubs vivem exclusivamente da pratica do «foot-ball». Ora se falha essa pratica, não teem razão de existir. E sendo a «amizade pelos clubs» coisa de caprichosa volubilidade, segue-se que se vão presenciar os mais rapidos movimentos de «emigração»!

Mas que direito usa a Associação para «matar» dois clubs portuguezes, dos mais importantes, dos mais garantidos por tradições sportivas e dos mais prestimosos na sua propaganda do athletismo? Dizem que o direito que lhe confére o estatuto e a obrigação que tem de orientar e disciplinar.

Somos absolutamente partidarios de toda a acção orientadora que traga disciplina, mas não podemos olhar sem desconfiança essa acção, quando ella é como são as leis «de funil», rigorosa para uns, benevolente para outros.

Na questão de agora pode a Associação ter motivos para castigar. Ninguem o contesta. Ninguem discute o facto.

O que a Associação não tem direito é de penalisar com castigos que levem a dissolver dois clubs. Não tem. Não o póde ter. E certamente que essa «pena garrote», «muito allemã», não póde ser dictada, a sangue frio, com plena e clara consciencia do acto praticado, por alguns homens que pertencem aos corpos dirigentes da Associação e que são verdadeiros «sportsmen» e apaixonados pelo progresso. Houve precipitação? Ha tempo e processos de remediar o erro.

Analysemos bem o caso.

Pena tão grave devia provir de falta bastante grave. Qual foi? O mutismo da «communicação official» é significativo. Nada indica!

Sabemos que os dois clubs desistiram de disputar o campeonato de Lisboa. Mas essa desistencia foi tomada, depois de factos occorridos, que foram do dominio publico, que nós expuzemos nas columnas da «Capital» e nos quaes a propria Associação teve a sua parcella de culpa. Ora não parece que a penalidade proviesse d'esse facto, porque a propria Associação, podendo ser reu não devia ser juiz.

O que se passou depois? Não se sabe! Ninguem o sabe! Ninguem o diz! Os proprios clubs castigados, ignoram as bases de tão inesperada, violenta e anti-sportiva resolução! Se fizessem a pergunta talvez lhe respondessem como no dia em que participaram que desistiam:

—«Recorram para a assembléa geral».

Sim. Vão recorrer, mas os estatutos indicam que a assembleia geral tem de ser convocada, pelo menos, com quinze dias de antecedencia e entretanto, o tempo passa, a sequencia dos torneios faz-se «regularmente», com dois pontos de atrazo para os clubs que não apparecem em campo. Isto, porém, pouco importava, para os desafios do campeonato onde infelizmente se chegou á desistencia. Mas fica de pé a «Taça de Honra».

Ora, é pelo motivo de se evitar ao Sporting que é de facto, o campeão de Portugal, ao Imperio e ao Internacional que disputem a «Taça de Honra», que o exaggero da «penalidade» indigna.

Todos os clubs devem ponderar o que se passa. A disciplina não póde chegar até á «eliminação definitiva do delinquente. A admittir o facto, todos estariam á mercê do capricho dos directores d'uma federação.

Assim de nada valia a 300, 400 ou mais pessoas o agruparem-se, constituindo um club. D'um minuto para o outro, eram «asphyxiados».

Depois, a manter-se a «penalidade»...

A morte do «foot-ball» é inevitavel. No começo da epocha, em sessão solemne na propria sede da Associação, ouvimos dizer ao presidente sr. dr. Sá e Oliveira, que o «foot-ball» estava decadente. O que diria hoje o illustrado «sportsman» perante o que succede?

Não julguem o nosso pessimismo sem fundamento, contrariando-o com o argumento de que o Bemfica tomou a louvavel iniciativa de formar dois «teams», capazes de animar e sustentar entre o publico o gosto pelo «foot-ball». O engano começou a verificar-se com a estreia do «team reserva», estreia que, segundo informações chegadas á nossa banca de trabalho, motivou a não comparencia de outro «team» nos jogos de hontem.

Pelo menos este anno...

O Bemfica ficará campeão, sem grande prazer seu e com enorme descontentamento do publico. E' que a lucta com o Sporting interessava. Havia quem formulasse o prognostico da egualdade. Nós tambem prognosticavamos de vacilante a victoria para o Sporting. Mas... ainda assim queriamos ver, desejo que era de milhares de pessoas.

A «Taça de Honra» será disputada apenas pelos dois «teams» do Bemfica, que sem desprimor para a sua excellente composição, postos em campo, não dão jogo que interesse pela incerteza do resultado. O «team» A vence o «team-reserva».

Os clubs nem «á porta fechada» se pódem combater, porque o estatuto lh'o não consente.

Os «teams» estrangeiros só podem ser convidados pelo Bemfica e este club, apesar de toda a sua boa vontade, só conseguirá oppôr-lhe os dois grupos!

Os clubs penalisados não pódem jogar com estrangeiros, nem ir para o estrangeiro jogar!

Querem melhor? Equivale ou não á morte do «foot-ball»? Ora é isto que se tem de evitar. Não póde ser! Não tem de ser! Appelamos para o bom criterio d'alguns dos directores da Associação, a quem respeitamos e a quem reconhecemos bons intuitos sportivos e com os quaes mantemos inalteravel amizade, cimentada n'uma commum propaganda do «sport»; aquelles que foram e são nossos companheiros de longa data. Com o seu criterio e ponderação, «refrigerem» a excitação dos que julgam que vivemos nos tempos do arrocho!

5 mezes de penalidade?! Não lembra ao diabo...

Nota do dia

O Bemfica não desanima e não descança

Atravez da grande «embrulhada» do «foot-ball», o Sport Lisboa e Bemfica não desanima e não descança. Vae trabalhando e tomando arrojadas iniciativas.

Trouxe a Lisboa o Racing de Madrid, cujo «team», que é bom, venceu por 5 «goals» contra 1 e já annuncia para o proximo sabbado e domingo novos jogos internacionaes. D'esta vez, porém, o adversario é mais «duro». Trata-se do «Fortuna de Vigo», campeão da região gallega, que é a primeira vez que nos visita e que é dos taes que não «deixa os creditos por terras alheias».

Que elementos temos para affirmar este valor do «Fortuna de Vigo»? Dois importantes: que é o melhor dos «teams» da Gallíza e nós já sabemos por experiencia em campo, que elles são eguaes aos nossos grupos campeões; que os proprios hespanhoes o consideram como dos primeiros em toda a Hespanha.

O «Fortuna» vem completo. A sua «linha» é absolutamente a mesma que ganhou o campeonato da sua região.

Algumas anecdotas

O «espirito» d'um visitante...

Estivemos dois dias em casa, por motivo de ligeira doença. Tivemos a visita d'alguns dedicados amigos. Disse-nos um d'elles:

—Sabes que temos ahi o «Fortuna»...

—Quem dera!

—Mas não é para nós. E' para o Bemfica. Calculo que este leve pancada, porque os gallegos são jogadores fortes...

—N'esse caso...

—Não te inquietes homem... Nas desgraças tambem ha «fortunas». Não ha gente que enriquece com a guerra? Pois agora, o nosso «team» leva pancada, mas os seus cofres ganham... Sempre é fortuna...

Os grandes records

Só os dois portuguezes...

No estrangeiro, durante annos, estabeleceu-se um exercicio curioso. Tratava se de erguer um peso collocado sobre os hombros, depois d'uma flexão completa das côxas sobre as pernas. Lassartesse sustentou assim 137 kilos e Emile Deriaz 150!

Tambem este exercicio teve certa actualidade entre nós. José Dieguez sustentou 130 kilos. Dois hercules, porém, sobresahiram e os seus exercicios constituem «records» do mundo. Francisco Padinha e Manuel da Silveira já se ergueram, sem grande difficuldade, com 187 kilos sobre os hombros, junto á nuca, com o tronco direito, e depois d'uma flexão completa das côxas sobre as pernas!

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

Tiro aos pombos

Os resultados da sessão de tiro aos pombos hontem realisada foram os seguintes:

Na 1.ª «poule», a 26 metros a 5 pombos, sahiu vencedor o sr. Luiz Oliva Junior, que foi o unico que matou todos os seus pombos.

Na 2.ª «poule», a 3 pombos, a igual distancia, ficaram vencedores empatados os srs. José Burgos, detentor em 1915 da Taça Lisboa, e o sr. conde de Almeida Araujo que mataram todos os seus pombos.

Na 3.ª «poule», de «handicap» a 12 pombos, tornou a ficar vencedor o sr. Luiz Oliva Junior que matou 11 pombos em 12 atirados.

Na 4.ª «poule», igual á anterior, ainda tornou a ficar vencedor o sr. Luiz Oliva Junior com igual numero de pombos mortos e atirados.

Terminou a sessão por uma «poule» a 5 pombos, a 26 metros, que foi dividida entre os srs. Alves do Rio e Luiz Oliva Junior com todos os pombos mortos.

No proximo domingo realisa-se a costumada «poule» mensal, para a qual os premios para os 3 primeiros classificados são respectivamente 40$00, 20$00 e 10$00, com a entrada de 5$00.

Sala d'Armas Magalhães

Esta sala d'armas breve vae passar por uma grande transformação que lhe proporcionará o seu engrandecimento futuro.

—No sabbado 26 realisa-se na séde do Club Simões Carneiro, 23, 1.º, rua da Fé, um sarau sportivo seguido de baile, para inauguração das classes de gymnastica e esgrima. O programma que consta de lucta, box, acrobacia, forças combinadas, esgrima, etc., será desempenhado por distinctos amadores.

Em infantaria 5

Realisou-se hontem em infantaria 5 um desafio-desforra do «team» d'este regimento com o do Chelas Foot-ball Club, que no passado domingo havia sido vencedor por 2 «goals» a 0.

O resultado do desafio foi uma victoria do «team» de infantaria n.º 5 de 4 a 0.

A linha de infantaria 5, vencedora, era composta:

«Keeper»: Castella; «Backs», Castro e Marques; «Half-backs», Pompeu, Martinho (capitão) e A. Carvalho «Forwards», Carvalho, Noronha, Costa, Gomes e Cruz. Foi arbitro o sr. alferes Eduardo Serra.

Nos Desportos de Bemfica

Uma commissão organisa uma festa no «rink» de patinagem dos Desportos de Bemfica, no proximo domingo 27 ás 15 horas, com o seguinte programma:

1.ª parte—1.º, Desfile dos concorrentes; 2.º Corrida de velocidade em patins (homens); 3.º, Corrida de obstaculos em patins (senhoras); 4.º, Corrida negativa em bycicleta; 5.º, Saltos em patins por «Rogerio Futscher».

2.ª parte—6.º, Corrida de obstaculos em patins (comico); 7.º, Corrida de obstaculos em bycicleta; 8.º, Lucta de tracção em patins; 9.º, Jogo da rosa em patins (senhoras); 10.º, Grande tourada (comico).

Gymnasio Club Portugez

Terminou hontem no velho club da rua Serpa Pinto uma prova de esgrima, espada por equipes de cinco atiradores concorrendo esgrimistas da sua sala de armas constituindo trez equipes.

A prova foi deveras interesante, tendo se notado em alguns dos atiradores boas qualidades para de futuro representarem o club em torneios de esgrima.

A equipe que sahiu vencedora foi a capitaneada pelo sr. dr. Carlos Granha e formada mais pelos srs. H. Caldas, A. Campos Junior, Cisneiros Ferreira, e Pinto d'Almeida, a qual ganhou por cinco toques a menos recebidos.

A equipe que ficou em segundo logar foi a do sr. Humberto Reis e em terceiro a do sr. Stocker.

O jury era constituido pelos srs. Antonio Martins, mestre d'armas do Gymnasio Club, F. Paredes, J. Paredes, Fernando Bordallo Pinheiro e Francisco Antunes.

PEQUENAS NOTICIAS

A policia procura o menor de 11 annos João dos Santos, filho de Virginia da Conceição Santos, moradora na rua do Duque, 17, 4º, que desappareceu de casa ante-hontem.

—Antonio dos Santos Ribeiro, morador na rua Direita de Alcantara, 1, 3.º, Claudino Paulino Tovar, na rua dos Luziadas, 48, 1.º, e Manuel de Oliveira, na rua da Veronica, 17, 2.º, foram presos por terem furtado uma carteira com 300 escudos a Antonio dos Santos Silva, residente em Odemira.

Ricardo Simões, Antonio Ferreira e Antonio João S. Marcos, representantes dos operarios da Companhia das Aguas, voltaram hoje a conferenciar com o sr. governador civil sob o augmento do salario que pedem. O sr. dr. Costa Gonçalves prometteu instar novamente com a direcção para que o pedido seja attendido. Consta que, caso a Companhia não attenda o pedido, o sr. ministro do fomento não auctorisará o augmento das tabellas das obras manufacturadas conforme a Companhia pediu n'uma representação que fez ao governo.

O CARNAVAL

No Colyseu dos Recreios

Os bailes de mascaras no Colyseu dos Recreios vão ser assignalados pelo esplendor, pois a empreza não se poupa a esforços para que as noites de 4, 5, 6 e 7 de março sejam passadas no meio do maior deslumbramento e alegria.

A sala, que já de si não encontra rival em vastidão e imponencia, estará ornamentada com o mais apurado gosto artistico e apparelhos especiaes produzirão phantasticos effeitos de luz electrica.

As recitas que n'essa noite realisa a excellente companhia italiana serão das que não se esquecem. Todo o corpo de baile tomará parte nos espectaculos para os quaes estão preparadas hilariantes surprezas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Adellos e annexos dos mercados de Lisboa.—Para approvação do relatorio e contas da gerencia e eleição de corpos gerentes, reune hoje, ás 21 horas, a assembléa geral.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

O systema de espionagem na Belgica desenvolvera-se a um alto ponto. Espiões foram lançados na peugada de miss Cavell. Diz-se que um d'elles se lhe apresentou como sendo um fugitivo, pediu-lhe que o auxiliasse e depois a denunciou.

Miss Cavell foi presa a 5 d'agosto de 1915 e mettida na prisão militar de St. Gilles, onde foi posta incommunicavel. Os allemães declaram que ella não fez esforço algum para occultar o facto de ter tido piedade de alguns dos fugitivos e de os ter auxiliado. Sabia que procedendo assim commettia um crime contra a lei militar. Os que estiveram com ella antes de ser presa dizem que ella esperava estar presa por pouco tempo. Evidentemente não pensava —n'esa occasião ninguem pensava —que as auctoridades allemãs matariam uma mulher premeditadamente por ella ter tido piedade e ter auxiliado desventurados.

O ministro dos Estados Unidos em Bruxellas, Brand Whitlock, a quem estavam confiados os interesses inglezes durante a guerra, immediatamente se pôz em campo logo que teve conhecimento da prisão de miss Cavell.

O ministro americano, que estava havia dois annos no seu cargo, era conhecido como distincto escriptor. O caso de miss Cavell despertou n'elle intensa sympathia. Tratou d'elle immediatamente junto das auctoridades allemãs e empregou todos os meios para que o julgamento fosse rodeado de todas as garantias. Escreveu ao governador civil da Belgica, o barão von der Lancken, pedindo-lhe para um representante da legação americana, o sr. de Leval, poder falar com miss Cavell, e informando-o de que havia sido encarregado telegraphicamente de tomar a seu cargo a defeza da accusada.

A auctoridade allemã não respondeu a essa carta. O ministro americano escreveu de novo. O barão von der Lancken respondeu-lhe então, recusando a permissão de falar á presa, declarando que ella confessara o seu delicto e informando o diplomata americano de que ella seria defendida por um tal Braun.

As principaes passagens d'essa carta eram as seguintes:

«Ella propria confessou que escondia em sua casa soldados francezes e inglezes, assim como belgas em edade militar, os quaes se queriam dirigir para a fronte. Não negou tambem que forneceu a esses soldados o dinheiro necessario para se dirigirem para a França e facilitou-lhes a sahida da Belgica fornecendo-lhes guias, que lhes permittiram atravessar a fronteira hollandeza secretamente.

Major-general sir F. Capper, morto a 27 de setembro na batalha de Loos

«A defeza de miss Cavell está confiada ao advogado Braun, que, posso accrescentar, está já em contacto com as competentes auctoridades allemãs.

«Como principio assente, o governador geral não permitte que qualquer accusado possa ter entrevistas com quem quer que seja, e por isso lamento não poder dar ao sr. de Leval permissão para visitar miss Cavell emquanto estiver incommunicavel.»

O julgamento começou a 7 d'outubro. Com miss Cavell respondiam

dispostas. Nos abrigos, alguns dos quaes tinham 30 pés de profundidade, soldados lança-bombas esperavam o momento do ataque inglez para entrarem em acção.

Sem duvida que os nervos dos allemães haviam sido levados a uma grande tensão pelo bombardeamento, sem duvida que estavam atordoados pelos vapores do gaz inglez e devido ao fumo a custo podiam vêr os atacantes. Mas o gaz e o fumo affectavam tanto os inglezes como a elles proprios e logo que a nuvem se dissipava, as probabilidades eram eguaes.

Poucos minutos antes das 2 horas da tarde os canhões inglezes deixaram de tomar por alvo o reducto e começaram a dirigir o seu fogo para as trincheiras e edificações que ficavam para além d'elle, sendo dado o ataque pelos territoriaes ás 2 horas em ponto.

A principio tudo parecia fazer crêr que seria coroado de exito. O regimento Leicestershire e o Lincolnshire no centro alcançaram o reducto e chegaram á parte da principal linha allemã denominada a trincheira da «Fossa». Apanhados, porém, por um fogo de enfiada das metralhadoras, apenas alguns homens puderam entrar na trincheira.

Uma força dos Lincolnshires conseguiu trazer algumas metralhadoras para a distancia de sessenta metros. Por detraz do seu fogo, a massa dos Leicestershires e dos Lincolnshires, apoiados pouco depois pelos Monmouths, entrincheiraram-se; atraz dos Monmouths foram os Fronteiriços de Sherwood.

Entretanto uma força de lança-bombas, que foram reforçados por alguns dos Leicestershires, tinham avançado para a trincheira Little Willie, onde durante quatro horas se travou uma lucta desesperada. O tenente C. H. F. Wollaston, do 1.º batalhão do 5.º regimento de Leicester, apezar de ferido nas costas e n'um braço, organisou uma força de lança-bombas e deteve o inimigo durante algumas horas, até se lhe esgotarem as bombas.

O capitão J. C. Warren, do 1.º batalhão do mesmo regimento, com uma força dos seus homens, fez a mesma façanha, recuando finalmente a descoberto para a face occidental do reducto onde ergueu uma barricada e a manteve durante quatorze horas.

A' direita do reducto, o regimento do Sul de Staffordshires avançou, mas não poude, devido ás metralhadoras, aos granadeiros e ao fogo de fuzilaria, alcançar a parte da trincheir Big Willie occupada pelo inimigo. Comtudo, pequenos bandos avançaram e o Norte Staffordshiers avançou em seu auxilio.

Uma força de lança-bombas do Sul Staffordshires, sahindo da parte da trincheira Big Willie occupada pelos inglezes, deu um ataque de flanco. Chegaram a 30 metros e ergueram uma nova barricada, mas em breve foram repellidos para a sua anterior posição. O segundo tenente Hubert Hawkes distinguiu-se especialmente n'esse combate.

O assalto ao reducto Hohenzollern foi assim cheio de peripecias. A leste, os inglezes haviam tomado uma trincheira na face noroeste das pedreiras de Hulluch e, a sudoeste de St. Elie, trincheiras para além da estrada Vermelles-Hulluch e na elevação sudoeste das pedreiras. Ao sul e a oeste de Hulluch os inglezes tomaram mil metros de trincheiras, mas haviam sido d'ahi repellidos.

O capitão H. N. Fairbank, da 117.ª bateria da Real Artilharia de Campanha, levou a galope os seus canhões e d'um logar onde não podia occultal-os fez fogo a pequena distancia. Secundado pelo segundo tenente N. Martin, do 3.º batalhão dos Cameron Highlanders da Rainha, mostrou uma indomavel coragem. N'uma trincheira de communicação allemã, depois d'um official da sua companhia ter sido morto, outro ferido e tres partidas de lança-bombas mortos ou inutilisados, arremessou elle proprio bombas até se lhe acabarem e em seguida com o seu revolver e depois com uma espingarda defendeu a barricada até ser soccorrido por alguns outros lança-bombas.

leneuve. Todos esses pequenos volumes são valiósos subsidios para o estudo da Grande Guerra.

Patriotisme, Imperialisme, Militarisme.—No formato de «Pages actuelles», a casa Gabriel Beauchesne, tambem de Paris, publicou este pequeno volume, de Lucien Roure, em que se preconisa e exalça o amor da patria. Subsidio tambem para a historia da actual conflagração.

O começo de um reinado»

O escriptor sr. Armando Ribeiro acaba de publicar o segundo volume d'esta obra, constituindo um grosso volume de 900 paginas, que abrange os factos occorridos desde a tragedia do Terreiro do Paço até pouco antes da queda do ex-rei D. Manuel. Repositorio interessante, abrangendo os factos mais interessantes occorridos durante essa epocha não só em Portugal, como no estrangeiro, e com numerosas transcripções a obra do sr. Armando Ribeiro é um livro de consulta. A edição é da casa João Romano Torres.

Allocução—N'um pequeno opusculo, publicou o tenente coronel sr. Manuel Pereira da Silva a allocução por elle feita quando da cerimonia da apresentação da bandeira dos recrutas dos regimentos de infantaria n.os 12 e 34 no dia 16 de janeiro findo. E' uma pequena allocução cheia de patriotismo e deveras brilhante.

Compendio fiscal—D'esta util obra coordenada pelo 2.º sargento Francisco Marques, destinada especialmente para uso das praças da guarda fiscal, sahiu o 7.º fasciculo.

toda a leveza e distincção. Logo ás primeiras phrases o seu dominio sobre o publico é completo e as ardentes manifestações de enthusiasmo irrompem de todos os lados, attingindo o auge no 3.º acto em que o trabalho de Battistini é perfeito em toda a extensão da palavra.

Disse a critica que na *Maria de Rohan* é difficilimo encontrar um trecho em que o grande baritono se destacasse, e disse-o com razão porque é completo e suggestivo.

Battistini tem de partir para Madrid no proximo dia 23, onde vae cantar no Theatro Real no dia 26.

A empreza do Colyseu dos Recreios manteve os preços das recitas populares.

Tambem, a empreza do Colyseu, aproveitando a passagem em Lisboa da insigne soprano lyrico sr.ª Garcia Blanco, que acaba de chegar de Buenos Ayres onde obteve retumbantes exitos, contractou-a para uma unica recita que se realisará na quarta feira com a *Madame Butterfly*, de que é uma assombrosa interprete. Gentil, formosa, com uma voz d'um timbro agradabilissimo e com um notavel talento dramatico, a sr.ª Blanco vae dar ao publico de Lisboa o prazer de ouvir uma opera tanto do seu agrado.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—A vida d'um rapaz pobre.
REPUBLICA—A's 21—Noite de Santo Antonio.
TRINDADE—A's 21—Dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—O cão do commissario.—O sonho de Marianna.
GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas—Estreia de La Belle Creollite.
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Maria de Rohan.

Agenda da semana

QUARTA FEIRA—**Nacional**—Festa artistica de Palmyra Torres—Primeira representação do drama *Como se vingam mulheres*, de Sousa Costa.

PEQUENAS NOTICIAS

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, José Jorge da Cunha, morador na Cascalheira, que na muralha de Alcantara foi colhido por um vagon, ficando ferido n'uma das mãos.

—Na enfermaria 3 do hospital de S. José deu entrada Francisco Pantaleão, morador em Villa Franca de Xira, que ali foi aggredido a tiro pela guarda republicana, ficando ferido nas costas. Na n.º 4 deu entrada Francisco Sousa Damon, maritimo, morador em Sagres, concelho de Faro, que ali deu uma queda a bordo do lugre «Lagos», ficando contuso no corpo.

—No banco do hospital falleceu hoje Antonio Ritta, morador na Villa Dias, 56, em Xabregas, que ali caiu por doença.

—Depois de operado do trepano, recolheu á enfermaria do hospital de S. José em estado grave, Joaquim Antonio Pardal, de 53 annos, morador em S. João das Lampas, concelho de Cintra, que ali foi aggredido por um individuo que diz não conhecer.

Movimento associativo

Auxiliar dos inhabilitados do trabalho.—Teve de «deficit» no anno findo a quantia de 60$06,3, attribuindo a direcção a causa principal ao decrescimento da entrada de novos socios desde 1906. A direcção continúa trabalhando por attenuar, se não remover todas as causas que impedem o desenvolvimento da associação.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Pages actuelles.—D'esta magnifica collecção, da casa Blond et Gay, de Paris, recebemos os volumes: «Du XVIII.e siècle à l'année sublime», de Etienne Lamy; «Contre l'espirit allemand—De Kant à Krupp», por Léon Daudet, e «La France de demain», por Hébrard de Villeneuve.

OPERA LYRICA

No Colyseu dos Recreios

A empreza do Colyseu dos Recreios está caprichando nos espectaculos que organisa. Hoje, em recita da moda, realisa-se a primeira representação da *Sonambula*. Ninguem melhor que a notavel soprano ligeiro Maria Galvany, se podia encarregar da parte de *Amina* em que, tem sido consagrada.

A'manhã é a festa artistica e adeus a Lisboa do extraordinario baritono Battistini que cantará a opera *Maria de Rohan* em que não tem rival. A' personagem do *Duque de Chevreuse* dá elle

Movimento maritimo

Pará, Man. e Iq., «Huayna» (de Liv.)	22
Africa Occidental, «Peninsular»	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.)	23
Liverp. e escalas, «Orossa» (do Brazil)	23

O commandante interino e officiaes do Regimento de cavallaria n.º 2, cumprem o doloroso dever de participarem aos seus camaradas do Exercito e Armada, e pessoas das suas relações e amizade, o fallecimento do seu commandante, o ex.mo Coronel Francisco José d'Oliveira Sá Chaves, e que o seu funeral se realisa ámanhã por 15 horas, sahindo o prestito funebre do Hospital Militar da Estrella para o cemiterio dos Prazeres, sendo o acompanhamento a pé.

No dia seguinte, 14 d'outubro, de manhã, outro esforço se fez para occupar por completo a trincheira Big Willie. Um batalhão dos Fronteiriços de Sherwood atacou-a do lado do reducto; outro batalhão do mesmo regimento avançou ao longo d'ella, indo da parte já occupada pelos inglezes. Mas tão fortes eram as defezas allemãs que se viu ser impossivel que o ataque fôsse coroado de exito.

Foi n'esse dia que o capitão Charles alcançou a condecoração Cruz de Victoria. Quando quasi todos os seus homens estavam mortos ou feridos e apenas restavam dois para lhe pôrem á mão bombas, atacado pelos allemães de frente e de flanco, defendeu uma barricada durante muitas horas. Tendo-lhe sido cortada a retirada, em vez de fazer esforços por abrir caminho, manteve-se onde estava até ser ferido gravemente.

Por ordem sua, uma barricada havia sido construida atraz d'elle, para assegurar a defeza da trincheira.

A lucta continuou no reducto até ao dia 15, quando a 2.ª brigada de Guardas rendeu os Territoriaes do Norte de Midland.

A batalha de Loos e os combates que se lhe seguiram haviam custado aos inglezes mais de 5.000 homens. A avaliar pelas estatisticas da Grande Guerra, talvez não fôsse numero demasiado para os resultados obtidos. Como se dera na batalha de Artois, travada pelos generaes Foch e d'Urbal em maio e junho, os allemães haviam sido repellidos d'um certo numero de posições que elles julgavam ser inexpugnaveis.

No dia 19 d'outubro, sir Jonh French descrevia o ganho de terreno nas seguintes palavras:

«A nova fronte estende-se agora a cêrca de 1.200 metros de distancia da antiga linha, para sudoeste da elevação septentrional de Auchy-lez-La-Bassée e corre d'ahi atravez da principal trincheira do reducto Hohenzollern, em direcção leste, a 400 metros ao sul das edificações meridionaes da «fossa n.º 8» para o recanto sudoeste das pedreiras.

«Tambem occupamos o recanto sudoeste das pedreiras, correndo as nossas trincheiras d'ahi para sudeste, parallelamente e a 400 metros de distancia da elevação sudoeste de Cité St. Elie até um ponto a 500 metros á oeste da elevação norte de Hulluch.

«A linha depois corre ao longo da estrada Lens-La Bassée, para a fossa a 1.500 metros ao norte do mais alto ponto da cota 70, obliqua a sudoeste para um ponto a 1.000 metros a leste da egreja de Loos, de onde se estende a sudeste para a encosta noroeste da cota 70, d'ahi corre ao longo das encostas occidentaes d'essa cota, estendendo-se a sudoeste para um ponto a 1.200 metros da egreja de Loos, d'onde corre para oeste para detraz da nossa antiga linha.

«A corda do saliente que aranjámos na linha do inimigo medida ao longo da nossa antiga fronte tem 7.000 metros d'extensão; a profundidade do saliente na Fossa d'Argila é de 3.200 metros.

O homem, ou alguns d'elles dos exercitos inglezes haviam mostrado uma coragem digna dos heroes de Mons, de Le Cateau, do Marne e de Ypres. Os territoriaes alistados tinham justificado plenamente a espectativa dos officiaes que os haviam exercitado. Todo o exercito estava convencido da sua superioridade sobre o inimigo no campo de batalha.

Emquanto estes movimentos se estavam executando, deu-se em Bruxellas um acontecimento que causou em todo o mundo o maior horror, horror apenas egualado pelo afundamento do «Luzitania».

Miss Edith Cavell, uma ingleza que estava á testa d'um instituto de enfermeiras n'essa cidade, foi julgada secretamente por um tribunal de guerra allemão, accusada de ajudar soldados inglezes, francezes e belgas e fugirem da Belgica, e foi executada no dia 12 d'outubro.

Havia muitas circumstancias que rodeavam esse acontecimento e nos

pormenores do julgamento e da execução para despertarem a colera e a piedade do mundo—colera contra os homens que tinham condemnado á morte uma valorosa mulher, e piedade pela enfermeira que resgatára a culpa da sua vida pelo seu trabalho de dedicação.

Miss Edith Cavell era filha do reverendo Frederick Cavell, que durante quarenta annos foi vigario de Swardeston, Norfolk. Entrou para o hospital de Londres como praticante em 1896, sendo mais tarde nomeada enfermeira. A convite do dr. Depage, um medico distincto que estabeleceu um instituto para ensino de enfermeiras belgas n'um dos suburbios de Bruxellas, foi para a Belgica em 1900.

O dr. Depage queria modificar o systema de enfermagem n'aquelle paiz. Até então, o serviço de enfermagem era principalmente feito pelas religiosas ou por mulheres oriundas principalmente da classe das creadas de servir. As familias catholicas, quando algum dos seus membros estava doente, eram tratadas por religiosas. Os que não eram catholicos e que eram a maioria, tinham de se servir de outras enfermeiras.

Miss Cavell dedicou-se com enthusiasmo á sua nova profissão. O Instituto, cuja influencia se fez sentir em toda a Belgica, desenvolveu-se e tornou-se o centro d'uma grande organisação de enfermeiras. Quando, ao rebentar a guerra, o dr. Depage foi chamado ao serviço militar e posto á testa de um hospital militar no exercito belga, miss Cavell continuou a sua obra em Bruxellas. Todas as pessoas que com ella estiveram em contacto dizem que era mulher de elevado caracter, digna do logar que occupava.

Apoz o avanço dos exercitos allemães sobre Bruxellas em 1914, a miss Cavell foi permittido ficar ali. Quando a onda da guerra levou muitos feridos allemães para a capital da Belgica, ella e as suas enfermeiras trataram-nos com o mesmo carinho com que trataram os belgas feridos. A lucta em roda de Namur e de Mons e á retirada dos exercitos francez e inglez no verão e no outomno de 1914 deixaram um legado á Belgica.

Um certo numero de soldados francezes e inglezes, separados das suas companhias durante a retirada, esconderam-se em trincheiras, bosques ou casas dehabitadas, tentando evitar o aprisionamento. Muitos foram apanhados e eram executados immediatamente. Outros foram escondidos por bondosos agricultores, que lhes forneceram vestuario á paizana, os empregaram nas suas terras e ali os deixaram ficar até terem occasião de atravessar a fronteira para a Hollanda.

Soldados belgas cujos regimentos haviam sido anniquilados nos primeiros estagios da lucta estavam tambem escondidos no paiz, esperando a opportunidade de poderem escapar.

Muitos, quando eram capturados, foram fuzilados e em Bruxellas criase que era essa a sorte que lhes estava destinada quando cahiam nas mãos dos allemães.

Quando a miss Cavell perguntaram, durante o julgamento, porque havia ajudado os inglezes a fugirem, respondeu que imaginava que, se assim não fizesse, elles teriam sido mortos pelos allemães e que, por isso, suppunha ser o seu dever para com o seu paiz salvar-lhes a vida.

Os fugitivos, que estavam occultos no paiz, procuravam quem os auxiliasse. Miss Cavell era uma trabalhadora infatigavel.

O cuidar dos doentes e dos feridos punha-a em contacto com todas as classes. Como era natural, os fugitivos approximaram-se d'ella. Que ella auxiliou alguns d'esses homens a escapar da morte, que teria sido provavelmente a sorte que os aguardava se tivessem sido apanhados, não se póde negar. As auctoridades allemãs diziam que ella ajudára 130 homens a sahir da Belgica.

A administração allemã, lançando então os seus tentaculos sobre todos os ramos da vida belga, suspeitou d'ella,

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1992—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 22 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O BLOQUEIO

Os graves successos do Santander mais uma vez comprovam, pondo em foco a questão dos transportes maritimos, que temos encarado essa questão sob o seu essencial aspecto.

A Inglaterra estabeleceu, está é a verdade, duas especies de bloqueio. Um com navios, outro sem navios, muito embora esta distincção só affigure paradoxal. Com os seus barcos de guerra isola das vias maritimas os imperios centrae, que são os seus inimigos na lucta em que está empenhada. Aos neutros, não lhes oppõe barreiras no mar, mas como os deixa entregues aos seus proprios recursos, que em materia de navegação mercante são insufficientes, implicitamente os inhibe de receberem, pelo mar, os generos e as materias primas de que necessitam.

Poderemos negar á Inglaterra poderemos negar aos alliados o direito de tomarem esta attitude? Em consciencia, não o temos. A guerra tem produzido estragos horriveis, demonstrando allemães, austriacos, turcos e burgaros, que nada os detem para realisarem os seus iniquos propositos. A Belgica foi invadida e assolada; invadido e assolado foi o norte da França. O que se tem passado na Servia e no Montenegro confrange os corações mais duros. Ninguem pode avaliar o preço de tantos soffrimentos, sacrificios e desventuras; nem é possivel imaginar que compensação material ou moral poderá estar em relação com tantos crimes, perpetrados contra o direito, a justiça e a liberdade dos povos, para satisfazer uma ambição imperialista que já não é compativel com a civilisação do nosso tempo. Tem-se destruido em anno e meio o que levou seculos a levantar, o sangue tem corrido a jorro, centenas de milhares de familias estão enlutadas e arruinadas, nenhum cataclismo natural, producto das forças cegas dos elementos, poderia causar tantos destroços e tantas lagrimas.

Os alliados teem pois o direito de fazer tudo para que esta guerra abominavel cesse depressa. E' preciso reduzir os imperios centraes á impotencia, e o bloqueio maritimo é sem duvida um dos meios mais efficazes para lograr esse proposito.

Com os neutros, a situação facilmente se explica. A Inglaterra precisa dos seus navios, primeiro para si, depois para os seus alliados. Já não lhe chegam para os neutros, e, depois os seus alliados. Já não lhe chegam para os neutros, e, na verdade, que sacrificios lhe merecem os neutros, que até agora com a guerra só teem enriquecido, e que ainda não tiveram o gesto nobre de se declararem pela causa da liberdade europeia, que a todos interessa, recusando-se a dar por ella uma só gotta do seu sangue?

Como esses neutros, embora a Inglaterra lhes não tolha o caminho dos mares, não teem navios em numero sufficiente para irem buscar aos paizes extrangeiros o que d'elles necessitam, na realidade a sua situação começa a ser afflictiva. E' o caso da Hespanha. As fabricas de Santander fecham por falta de carvão de pedra, e para a rua veem os proletarios esfomeados e reduzidos ao desespero praticar actos que são lamentaveis, mas que se deveriam presumir inevitaveis.

Entretanto, a Hespanha tem nos seus portos navios. Estão immobilisados nas suas aguas navios allemães, que para nada servem á Allemanha, que d'ali não podem sahir porque immediatamente cahiriam no poder dos inglezes. Porque se não aproveitam esses navios? O que logicamente se pode deduzir do facto de elles não serem aproveitados é que a Allemanha impoz como condição que elles não fariam serviço aos alliados, o que é inexequivel, porque se os alliados por elles mandassem os seus generos, evidentemente exigiriam a reciprocidade do serviço dos seus transportes.

Mas a situação aggrava-se. Dentro em pouco como se póde viver em Hespanha? E quando a necessidade fôr extrema, o sr. de Romanones terá de tomar aquellas medidas radicaes em que já falou, isto é, resolver-se-ha, *quand même*, a tomar posse d'esses navios para servir o seu paiz.

A nossa situação tem pontos de semelhança com a Hespanha. Simplesmente, como alliados da Inglaterra, e portanto na esphera dos povos que se lhe batem, o nosso procedimento está indicado por uma segura logica. Na circumstancias iniludiveis que levam a attitudes inevitaveis. A questão dos navios allemães está sobre nós, e não ha senão uma maneira de a resolver. E' a que a necessidade impõe, e contra necessidades d'esta ordem não ha argumentos.

Os annuncios D'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Victimas d'uma avalanche

35 mortes

AMSTERDAM, 21.—Dizem de Munich que na região de Hochkoehig uma avalanche varreu um abrigo construido na montanha. Tinham-se ali refugiado 35 pessoas, cujos corpos não foram encontrados até agora.—*(Havas).*

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Pelo telegrapho

Os ataques aereos em Italia e Inglaterra

BRESCIA, 21.—Os aviões inimigos lançaram egualmente bombas em Gargano. Cahiu uma bomba sem causar estragos nem fazer victimas no hospital do Foltrinolli, onde estava arvorada a bandeira da Cruz Vermelha.—*(Havas).*

LONDRES, 21.—Official.—As perdas soffridas em Vermer em consequencia da incursão foram exageradas. Morreu apenas um rapaz, ficando outro ferido.—*(Havas).*

Por onde entra o ferro na Allemanha

MARID, 22.—A imprensa londrina tem continuado a occupar-se da introducção na Allemanha de contrabando de guerra, apezar do bloqueio. Só por intermedio da Hollanda, o imperio importou milhão e meio de toneladas de ferro para o fabrico do aço, desde o principio da guerra. Durante os trez ultimos mezes, segundo uma estatistica da revista semanal *Fair Play* entraram nos portos de Rotterdam e Amsterdam 187.332 toneladas de ferro, das quaes apenas ficaram na Hollanda 19.130 toneladas.—*(Corresp.).*

A campanha na Russia

PETROGRADO, 22.—Official. Em Illuxt occupamos cinco excavações de minas. Os nossos aviões bombardearam a cidade de Buscezacz. Um dirigivel bombardeou a gare de Monasterjisto. Entravamos varias tentativas do inimigo. No Caucaso desalojamos os turcos das bacias do Vitsejus fazendo varias centenas de prisioneiros. Com cossacos dispersaram uma columna de infantaria e de artilharia. Tomamos trez baterias e numerosos cofres de munições. Na região de Khuys a nossa cavallaria carregou sobre grandes forças turcas fazendo prisioneiros. Os turcos abandonaram numerosos mortos.—*(Havas).*

As despezas de guerra em Italia

MADRID, 22.—O orçamento italiano para 1915-1916 inclue mais 360 milhões de liras para as despezas de guerra e 40 milhões para subsidios ás familias necessitadas dos soldados que se encontram na frente.—*(Corresp.).*

Na camara dos communs

LONDRES, 21.—A camara dos communs approvou os creditos pedidos pelo governo.—*(Havas).*

Confirma-se a perda do "Memphis„

PARIS, 22.—Telegrapham de Marselha no *Echo de Paris* que está confirmada a perda do *Memphis* encalhado proximo de Durazzo, sendo ali esperada a sua tripulação.—*(Havas).*

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, e o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A EDUCAÇÃO DA INFANCIA

Jardim escola João de Deus

Inaugurar-se-ha a 8 de março, data do anniversario natalicio do poeta do "Campo de Flores„

No proximo dia 8 de março, data commemorativa do anniversario natalicio de João de Deus, deve inaugurar-se officialmente com toda a solemnidade o jardim-escola da evocação do poeta do *Campo das Flores*. O interessantissimo edificio, com a sua população infantil, chilreante e alacre, como bandó de passaros, funcciona já, sendo muito possivel que a população alfacinha ainda não tivesse dado por tal. Comprehende-se que assim seja. A graciosa construcção, que Raul Lino delineou com verdadeiro sentimento e amor, está encurralado n'aquella avenida que um dia deve ligar a praça do Brazil ao jardim da Estrella.

Visitamos hoje—por mero acaso—aquelle edificio, que o Destino parece afastar das vistas do mundo, como logar a que apenas tenham direito aquelle bando de petizes, que vemos radiantes, aconchegados ás mestras e instructoras.

O Jardim-Escola João de Deus é uma construcção constituida por dois corpos, que se destacam em terreno ajardinado, que um gradeamento separa da rua. No primeiro está installado o Museu João de Deus e no segundo a casa de estudo da petizada e o refeitorio. O exterior da construcção evoca, no traçado architectonico, a linha e o sabor artistico da antiga residencia portugueza, tão caracteristica, com os seus azulejos, os seus vasos de plantas agrestes, a cal que purifica o ambiente e a vista. No atrio, a ambos os lados, confortaveis gabinetes da direcção e no pavimento immediato, de grandes dimensões, a sala do museu, que será dividida a meio por cortinado. Na primeira metade d'essa divisão fica o museu, na segunda a bibliotheca. Aqui os desenhos, os projectos do tumulo do poeta popular, que não logrou ainda ter uma consagração tumular condigna. Costa Motta figura ali com varios esquissos, alguns dos quaes de um raro poder de evocação espiritual do auctor da *Cartilha Maternal*. N'uma vitrine, com desenhos e aguarellas diversas, a mascara de João de Deus, em gesso, tirada pelo mesmo estatuario no leito de morte em que jazia o cantor do *Campo das Flores*.

Na divisoria immediata, cujas estantes estão recebendo os derradeiros toques, fica a parte destinada a guardar os documentos bibliographicos, sobre a vida e obras do poeta educador.

E' n'esta sala que, de futuro, se realisarão os actos solemnes do Jardim Escola João de Deus. As decorações do tecto e do friso são devidos ao pincel de João Vaz que o traçou com um carinho, que se reflecte no espirito dos visitantes, como se todos os motivos descessem a segredar-lhes palavras de amor e de belleza.

No pavilhão immediato, encontra-se em primeiro logar a sala de estudo dos afortunados bambinos. O tecto, de madeira polida, destaca-se das paredes caiadas, com um novo friso em que se desenham motivos simples, ingenuos, proprios da visão infantil a que se destinam. Ao lado a *vitrine* com o material escolar, ao fundo dois aquarios com peixes, em constante remexido e a seguir os mostradores com os modelos de trabalhos manuaes.

A petizada não se serve das carteiras conhecidas em escolas. Sentam-se em bancos que rodeiam pequenas mesas, reluzentes, na sua madeira polida.

O refeitorio ou cantina, decorado por Conceição Silva, é outro mimo, que muitos adultos enveiariam. A' primeira vista ninguem diria que era um refeitorio quasi liliputiano. E' bem uma sala de jantar opulenta no seu ambiente d'arte. Os frisos representam a tarefa abençoada da fabricação do pão, desde a sementeira á cosedura. Não ha um simples detalhe que não desperte a mesma nota de arte, o mesmo sentimento de elevação e de amor para com os pequeninos, desde a collocação da louça nos armarios, ao esmero e delicadeza do arranjo da meza com os vasos decorativos cujas flores parecem rubras saudações á geração futura.

O Jardim Escola João de Deus é uma bella instituição não sómente pelos fins que tem em vista, mas ainda pelos meios com que se prepara attingi-os, como seja tornar melhor as gerações vindouras, estimuladas desde a infancia pelo bem e pela belleza.

FRUCTA DE TODO O ANNO

O Busto infeliz

O Calvario d'um grande homem em effigie

Da Sala dos Passos Perdidos levaram Passos Manuel!

O busto do celebre setembrista que a tanto houvera assistido, d'ali do alto da columna de linhas severas, quasi ao alcance da mão de quem mais effectivamente do que por suas obras o quizesse esbofetear, foi desterrado quem sabe se para o abandonado jardim do palacio das Côrtes, onde os pombos mariolas o insultarão d'ora ávante, tão inconscientemente como as gerações dos seus successores na tribuna.

Porque foi, porque não foi?...

E lui-me de longada até aos dominios da lei, saber quem novo iconoclasta perpetrára a façanha, decretando o ostracismo d'aquelle que fôra, até hoje, o homem mais popular de Portugal.

Ninguem sabia, ninguem percebia. Até que adreguei com a explicação do caso estranho, a qual me forneceu a classica eloquencia do sr. João Barreira, deputado, critico d'arte e, se me não engano, professor de historia.

—Expoz s. ex.ª:

—O caso não tem importancia de maior. O busto, como busto, não prestava para nada. Era o authentico burgesso.

«Quanto á figura historica de Passos Manuel não se comprehende a consagração. Como orador, foi mediocre; como politico, foi o que depois foi o Fontes: dominou um momento».

Alguem aventou timidamente a ideia da radical differença entre a figura excellente do revolucionario democrata e a do estadista dissolvente ministro de D. Luiz...

O sr. dr. João Barreira encolheu os hombros:

—Não tem importancia de maior».

Entretanto—digo eu—o «mediocre» orador que foi Manuel da Silva Passos é considerado como o precursor, entre nós, da oratoria moderna que, logo depois, floresceu scintillante em José Estevam, a quem ainda se não ergueu estatua...

Um dos nossos mais considerados criticos commenta assim a eloquencia de Passos Manuel:

«O estylo purificou-se do plebeismo, manteve-se sempre a uma altura de dignidade... Começa a haver calculo dramatico, a haver conhecimento da psychologia das assembleias. E' toda uma estructura nova... A voz de Passos Manuel teve ainda uma particularidade pessoal, a probidade, que manifesta, o grande respeito aos principios e a serenidade...

Eis exactamente uma caracteristica, esta ultima, que bastas vezes terá inculcado o busto do pobre «roi-Passos», por mor d'isso condemnado ao desterro—por falta de quem lho siga o exemplo.

Mas não é Fidelino de Figueiredo, que venho de citar, dos mais amaveis escriptores para o chefe da revolução de setembro. Nem a sua «Historia da Litteratura Romantica Portugueza» seria molde a mais vastas referencias a esse que, na phrase honesta e feliz de José de Macedo, «foi o precursor da Republica em Portugal, e representa a tradição democratica».

Na realidade, todos os historiadores de credito são unanimes em reconhecer em Passos Manuel, além d'um grande orador, do seu tempo, uma intangivel virtude civica, a qual deveria collocal-o bem alto no respeito dos homens publicos que, hoje, com essa virtude nos enchem os ouvidos, que nada mais.

Eu penso até que muito bom seria, para ensinamento dos nossos incipientes oradores, que se editasse, por conta da Camara, o celebre, admiravel, demosthenico discurso pronunciado a 18 de outubro de 1814, e que ficou conhecido como o seu testamento politico.

E' de notar que talvez exaggerasse quando affirmei que «todos os historiadores» me não merecem assim pensam, visto que, como se viu, o sr. João Barreira não pensa d'essa forma.

E como s. ex.ª tem uma tão interessante opinião, outros egualmente entenderam que, depois de mandar retirar o busto de Passos Manuel da Sala dos Passos Perdidos, o melhor que se devia fazer era decorar a sala de leitura da Camara com a «maquette» da Republica do sr. Moreira Rato, a mesma que ainda ha de servir para assignalar a campa da esculptura nacional.

Que, entre nós, as tolices, são como as cerejas.

Silva-Passos

gou quasi a ser genial, comparada com aquellas que por lá se ouvem habitualmente. O sr. Arthur Costa não deixou pegder nem uma palavra. Ha quem diga que sua senhoria se prepara. Serio? Ai colonias, que vos ides pela agua abaixo...

* * *

Tem de ir pela margem direita? Tem de ir pela margem esquerda? Não se sabe. E a linha ferrea de Vidago a Chaves, esbarrando com este dilema, não avança um metro, por aquelle Valle do Tamega fóra, que é um dos mais bellos pedaços da paisagem portugueza. As influencias politicas, como dois imans potentes, sollicitamna ora n'um sentido ora n'outro; e como o poder central não averiguou ainda de que lado ha mais votos, mantem-se na espectativa, a ver as voltas que o mundo dará. As conveniencias dos povos, que o sr. Manuel Granjo hoje agitou na Camara, o que valem? Nada. O que vale é o eleitor. O que pesa no prato da balança é o cacique. De maneira que se lhe entender que a linha deve furar ó Marão para seguir misteriosos traçados, que ninguem tenha duvidas—fural-o-ha. Teem-se visto coisas bem mais difficeis, levadas a cabo pela politiquice indigena...

* * *

Está elaborado o relatorio do orçamento das receitas. E' seu auctor o sr. Victorino Guimarães, antigo ministro das finanças. Ao que consta, n'esse diploma, faz-se uma condemnação formal e crua das chamadas leis orçamentaes, das quaes nos outros annos os srs. legisladores se teem servido para anichar toda a casta de pretendente e servir toda a especie de amigo e de revolucionario civil. Foi pela porta falsa da lei orçamental que se instituiu a inspecção das aguas mineraes, e foi ainda por via d'ella que se quiz tirar do nada os celebres inspectores consulares, que se foram, irremediavelmente, á vela. A tarboichata parece que acabou. Mas terá, realmente, acabado? Ha que esperar pelo fim, para se poder falar sem receio de se ser apanhado em flagrante delicto de ingenuidade.

* * *

O sr. Alfredo de Magalhães fez hoje largas considerações na Camara sobre coisas coloniaes, polvilhando o seu discurso de observações, cheias de bom senso e de pittoresco. Alludiu á politica da União Sul Africana, condemnou o centralismo e reveu bizarrias burocraticas que davam temas fecundos para admiraveis poemas. Disse, por exemplo, que ha annos, o corpo de policia de S. Thomé, cujo commando pertence a um capitão, era dirigido, no mesmo tempo, por tres majores. E havia policia, n'aquella ilha, apezar d'isso? Se havia, é coisa que o sr. Magalhães não sabe. O que sabe é que á frente de tão util corporação, entendeu dever collocar um tal alfabre de indiscutiveis competencias. Se não havia quem indemnisa o Estado do dinheirão que os tres majores custaram?

* * *

Ser deputado, presentemente, não é ter no parlamento uma cadeira para fiscalisar a administração do paiz, como procurador zeloso dos povos. E' conquistar em S. Bento uma especie de tripeça, d'onde os escolhidos pelo suffragio entenem que podem desbarrar-nos com toda a casta de excentricidade linguistica, sem primeiramente perguntarem a si proprios se Deus os fadou ou não para as justas da palavra falada, bem mais difficeis do que á primeira vista parece. Eis porque em S. Bento todo o cidadão fala e mee palavras, consumindo tempo, que mal se pelos olhos da cara só para que os eleitores saibam que as Camaras não são tumulos, mas cathedraes de complicadas arcarias, por onde a tolice sôa e resôa, como um dobre de finados. Eis o motivo porque, em S. Bento ha tanta auspiciosa estreia...

* * *

O sr. Lopes Cardoso enviou hoje para a meza da Camara dos Deputados um projecto de lei determinando que os funccionarios do ministerio das finanças, que pertençam ou venham a pertencer a quadros pelos quaes tenham direito á aposentação, em conformidade com o decreto n.º 1 de 17 de julho de 1886, seja reconhecido esse direito em relação a todo o tempo de serviço que tenham prestado ao Estado, sob qualquer denominação ou cathegoria. Este projecto destina-se a favorecer certos adventicios que, apezar de terem longos annos de serviço, não disfructam de nenhuma especie de regalia por parte do Estado.

GRÉVES ACADEMICAS

A solução da de Lisboa

Novas informações que colhemos hoje habilitam-nos a assegurar que tem todo o fundamento o boato que reproduzimos hontem:—a gréve das escolas superiores de Lisboa está a caminho de solução. A lei n.º 478 será cumprida, anulando-se tambem as faltas que fizeram incorrer na perda do anno 226 alumnos da Escola Medica. Affirma-se mesmo que tudo ficará solucionado dentro de breves dias.

Quanto á gréve de Coimbra, e tambem como hontem dissémos, ainda os academicos de Lisboa se não pronunciaram. Dá-se a circumstancia de que os alumnos da faculdade de letras, d'esta cidade, teem realisado as conferencias que os alumnos da Escola Normal Superior de Coimbra se recusaram fazer. Como os cursos são regidos pela mesma lei, é natural que os academicos de Lisboa se não possam manifestar solidarios com os de Coimbra no ponto inicial das suas reclamações, certamente limitando-se a desejar que o sr. dr. Lucianno Pereira da Silva claramente manifeste que não pretendeu aggravar os alumnos da sua Escola.

Noticias parlamentares

Ha dois dias que na Camara estão em foco as colonias, por causa da discussão d'um projecto que modifica as cartas organicas das provincias ultramarinas. Na actual sessão legislativa, tem sido este debate mais notavel, não pela politica que se tem feito, mas pelas affirmações de caracter administrativo que teem recheiado a discussão. Hontem, o sr. Ernesto de Vilhena proferiu um discurso que bem pode ser considerado um exemplo de eloquencia parlamentar. Não se pode dizer mais em tão pouco tempo, nem se pode expôr com mais clareza um assumpto de sua natureza arido e pouco interessante. Pertence á velha escola, o sr. Vilhena; e como o seu espirito se educou, politicamente, quando no parlamento se discutia com folego e com competencia, a sua oração d'hontem che-

NAVIOS ALLEMÃES

A ALLEMANHA NÃO PODE DISPOR D'ELLES

Estejam onde estiverem constituem uma garantia de futuras indemnisações, diz o «Temps»

O aproveitamento dos navios mercantes allemães, refugiados em diversos pontos, está dando motivo a uma larga discussão por toda a parte. A Hespanha, que vê a ameaça dos fretes attingirem proporções desmedidas, procurou tiral-os da immobilidade e pôl-os a navegar em seu proveito. A Italia que já tantos com não dos que tinham procurado abrigo em seus portos, não se cansa de queixar-se contra a carestia dos fretes e, sendo aliaz um paiz, com uma esquadra mercante valiosa, encontra-se reduzido á ultima extremidade, no que diz respeito a satisfazer as exigencias do seu trafego commercial.

O «Temps», chegado hoje, occupa-se tambem da questão dos navios allemães, sob o ponto de vista juridico, considerando esses barcos como propriedade hypothecada, por pagamento de indemnisações aos armadores dos paizes belligerantes ou neutros que foram victimas das atrocidades germanicas.

O artigo, em questão, é o seguinte:

As tentativas esboçadas pelos allemães a fim de liberar os seus navios mercantes internados em portos neutros, para os transformar em corsarios ou simplesmente para tirar proveito d'essa riqueza, suscitando vendas, despertam uma serie de considerações que interessam simultaneamente aos alliados e aos neutros.

Na vespera da guerra, a frota commercial allemã representava um valor consideravel e a sua bandeira tremulava em todos os mares. Ha muitos mezes essa bandeira desappareceu; os barcos foram capturados pelos alliados; outros foram transformados em cruzadores auxiliares; a maioria refugiou-se, apressadamente, nos portos mais proximos, allemães ou neutros, e desde então ahi se encontram immobilisados. Sómente em portos hespanhoes conta-se uns quarenta navios allemães de mil a oito mil toneladas.

As convenções internacionaes oppõem-se a que os navios dos belligerantes deixem os portos em que se internaram. Seria inadmissivel que a Allemanha procurasse torcer a lei, transferindo os seus navios para portos neutros por meio de vendas ficticias ou reaes. Estas operações, além de chocarem com as condições rigorosas a que o direito internacional submette a troca de bandeira, representam uma illusão para os neutros, porquanto esta frota commercial não é já um bem de que a Allemanha possa dispôr livremente. E' preciso, desde já, considerar esta frota, como adstricta á garantia de reparação de prejuizos illicitos causados no mar pela Allemanha e seus alliados.

E' inutil recordar demoradamente as depredações escandalosas commettidas pelas potencias centraes, de que foram victimas navios de todas as nacionalidades. E' justo que os prejuizos por essa forma causados aos subditos das potencias belligerantes e dos Estados neutros que não deram o seu assentimento a semelhantes processos de guerra, sejam reparados. Depois de guerras anteriores, algumas reparações como esta foram feitas e foi, por proposta da delegação allemã, que se consignou este direito a indemnisação nas relações entre belligerantes.

A frota commercial allemã constitue um elemento de reparação. O proprietario d'um navio destruido, contrariamente ao direito das gentes, será equitativamente indemnisado com um navio allemão de mesma tonelagem: sel-o-ha assim melhor do que recebendo uma importancia em dinheiro.

Ha que considerar a frota mercante allemã, como sobrecarregada com uma especie de hypotheca ou penhor para garantir a reparação d'este prejuizo. Entre o credor de indemnisação por prejuizos navaes e a frota commercial allemã, ha a mesma correlação que existe, em direito civil, entre a coisa hypothecada e o credor privilegiado.

Em 1870, os allemães julgaram conveniente assegurar a reparação dos prejuizos soffridos pelos seus armadores. Suppuzeram, n'este sentido uma contribuição especial em sete departamentos francezes. Ahi está um precedente a que os alliados teem mais direito de recorrer, pois presentemente se trata de reparar prejuizos maritimos, causados contra todos os direitos. Mas o exercicio d'este direito não poderia ser conciliado com a circumstancia de se tirar partido d'estes meios de transporte immobilisados, attenuando-se d'esta sorte a crise dos fretes, de que a insufficiencia de navios é a principal causa?

A hypotheca que pesa sobre a frota mercante allemã, para garantir os neutros e os belligerantes de todos os prejuizos illicitos deve subsistir intacta. E, como poderia continuar a sel-o, fazendo concordar a segurança necessaria com os interesses geraes do commercio?

O problema é demasiado importante para preoccupar os poderes publicos.

Portugal, ainda no ponto de vista exclusivo do articulista de «Le Temps», não pode deixar de ver nos barcos allemães a compensação aos prejuizos que a Allemanha lhe causou. E' que, entre nós, não se esquecerá nunca, que, sem declaração de guerra, os corsarios germanicos afundaram dois dos seus barcos de commercio; que, em Naulila, os soldados do kaiser victimaram muitas centenas de soldados nossos.

Quanto á questão legal do aproveitamento d'esses barcos, que os paizes começam a admittir, essa, registamol-a, a titulo de curiosidade.

A ultima palavra sobre o assumpto, dal-a-ha, porém, a necessidade que se tornar mais imperiosa e mais constante.

A lenda d'uma cabala...

Da «Liberdade» de hoje:

O novo original de Vasco de Mendonça Alves «A Noite de Santo Antonio», de tira a qual uma cabala politica se formou, a pretexto do orandurgo ser... monarchico, vae ser traduzido para hespanhol.

Um membro da diplomacia, acreditado em Lisboa, já se dirigiu ao sr. Vasco de Mendonça Alves, a pedir-lhe auctorisação para traduzir a «Noite de Santo Antonio», destinando-se a traducção á gloriosa actriz hespanhola Maria Guerrero.

A peça do sr. Vasco de Mendonça Alves não vingou pelo facto do auctor ser monarchico mas sim por que é theatralmente má e moralmente pessima. Assombra que uma folha que se presa de defender a mais pura moral, como a «Liberdade», venha, ha dias, a quebrar lanças pela peça do sr. Vasco de Mendonça Alves contra a qual se não fez cabala alguma pois que, desde a primeira noite, ficou condemnada pelo proprio publico affecto ao auctor que enchia a platea. A «Liberdade», jornal catholico, defendendo um trabalho cuja protagonista é uma cortezã sem visiumbres de bons sentimentos!

Quanto á traducção da peça em hespanhol por um membro da diplomacia, esperamos que o «A B C» confirme a noticia. Muito gostariamos de vêr o Santo Antonio na vespera de Santo Antonio n'um tasco da Mouraria, com o fado em castelhano! Tudo nos leva, porém, a crer que Maria Guerrero, lealmente informada, desistirá de juntar á serie das suas grandes creações o typo repugnante e estupido que é a Isabel da peça do sr. Vasco de Mendonça Alves...

Gréve operaria solucionada

O administrador do concelho de Loures esteve hoje conferenciando com o sr. governador civil, a quem participou que a gréve dos descarregadores da fabrica de moagens da Povoa está solucionada. Tratou tambem de assumptos relativos á fabrica de faianças de Sacavem.

As gréves no Porto

Desenho de M. Monterroso

—Olhem lá! E se nós fizessemos tambem gréve?
—Valeu! os nos cobem as esmolas, ou não tornamos a pedir!

ULTIMAS NOTICIAS

Trabalhadores da imprensa

A recita a favor do seu cofre, no Eden-Theatro

Promette ser magnifico o espectaculo que no dia 20 a empreza do Eden offerece ao cofre de pensões dos Trabalhadores da Imprensa. A essa festa, a que assiste o sr. presidente da Republica, concorrem elementos artisticos dos mais apreciados do publico. Já hoje podemos dar uma sumula do programma da festa, que será abrilhantada por uma banda militar, sendo a guarda de honra feita ao chefe do Estado pelos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses.

O espectaculo começa ás 21 horas, assim organisado:

Hymno da Imprensa pela orchestra, composição do sr. Tavares de Mello e instrumentação do maestro Esteves Graça; soneto do sr. Accacio de Paiva pela actriz Amelia Pereira; soneto de *Esculapio* pelo actor Estevão Amarante; *Canções portuguezas* do dr. Antonio Vianna, pela discipula Jalsira de Souza; um numero de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, pelo actor Nascimento Fernandes.

2.ª parte—Monologos pelos actores João Silva e Joaquim Costa; soneto de Eduardo Coelho pela actrizinha Judith de Castro; versos pelo actor Henrique Alves; concerto por uma banda militar.

3.ª parte—*As coristas nas revistas*, conferencia pelo actor Alvaro Cabral; 1.º acto da revista *Diabo a quatro* e os quadros da mesma peça *Casamento do colla tudo* e o quadro novo.

A marcação de bilhetes na bilheteira do Eden termina no dia 26. A commissão espera ainda a adhesão da Banda da Republica (Concentração 24 Agosto).

O assombroso concerto de domingo no theatro da Republica

O mais extraordinario concerto da Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch, é o que se realisa no theatro da Republica no proximo domingo. Em vista do grande successo que n'um dos anteriores domingos teve o festival wagneriano, no proximo domingo repetem-se as principaes obras do seu programma e outras novas, tomando parte no concerto pela ultima vez a distincta artista Maria Judice da Costa, que cantará com a orchestra além da *Morte de Isolda* a bella pagina do *Lohengrin*, o *Sonho* e a *Preghiera de Elsa*, do 1.º acto. E' esta a ultima vez que se executam a *ouverture* do *Tannhauser*, a *Marcha funebre de Siegfried* e a brilhantissima *Cavalgada das Walkyrias*. Quem se não preveniu a tempo ficará, como da outra vez, sem logar.

Madame Maria Conti

O agradecimento de uma sua cliente

A nossa prezada collaboradora, tão modesta quanto estudiosa, tem visto os seus preparados operarem verdadeiros milagres. Um exemplo frisante de que assim é dá-nol-o a seguinte carta, que acabamos de receber:

Sr. redactor—Venho pedir-lhe que me conceda um canto do seu apreciado jornal a fim de tornar bem publico o meu reconhecimento para com madame Maria Conti.

Desde algum tempo tinha a minha pelle bastante estragada e depois de ter andado em tratamento em varios Institutos de Belleza, sem que pudesse obter allivio algum, vendo ao contrario aggravarem-se os meus males, fui a casa de madame Maria Conti, na rua Andrade, 29, 1.º, que immediatamente me tratou com o maximo carinho e dedicação, encontrando-me eu hoje completamente bem, com a pelle lisa, rejuvenescida.

Era-me, por isso, impossivel occultar o meu reconhecimento para com quem é tão sincera, embora saiba que estas linhas a vão ferir na sua modestia. Agradecendo a inserção d'estas linhas sou de v., etc.—*Maria del Carmen Cunha Fuentes.*

No Salão Foz

Uma nova estreia

Não pára o Salão-Foz na exibição de bellos espectaculos. Mario Alfaro esse extraordinario ventriloquo que todas as noites colhe applausos innumeros exibiu hontem novos numeros cheios de difficuldade e executados com um brilho de enthusiasmar. Entre todos os numeros hontem exibidos salientaremos o «lição de canto», um tercetto maravilhoso e de uma execução perfeita. O publico não lhe poupou applausos e bem merecidos. Alfaro repete hoje o mesmo programma de hontem.

Nelly-Nell a bailarina excentrica, tambem hontem apresentou novas danças e novas canções. O «Can-can» dançado com toda a desenvoltura foi applaudidissimo, assim como a canção patriotica ingleza o «Tipperay» em que Nelly-Nell se apresenta envolta na bandeira da nação alliada.

Mas estes dois numeros de incontestavel valor não bastam porque para hoje já está annunciada a estreia das bailarinas Dorita y Silvery que constituem uma das mais interessantes «parejas» que se teem exibido entre nós. Por esse motivo o magnifico Salão Foz continua sendo a casa de espectaculos preferida do publico.

A festa da arvore

No Jardim Zoologico

Para a festa da arvore que no proximo domingo se realisa no Jardim Zoologico teve a direcção d'esse util estabelecimento a amabilidade de pôr ao dispôr da redacção d'«A Capital» duzentas entradas para serem distribuidas por creanças nossas protegidas.

Como é preciso indicar o numero de creanças de cada grupo, a fim de nos serem enviadas as necessarias guias, fica por este meio feito o convite ás escolas, asylos ou casas de educação que pretendam aproveitar-se do bizarro offerecimento da direcção do Jardim Zoologico. Basta nos indiquem quantas entradas pretendem.

No Lyceu Pedro Nunes

Tambem na cerca do lyceu Pedro Nunes, á Estrella, se realisa no proximo domingo, promovida pelas Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria com séde em estabelecimentos escolares de Lisboa, a festa da arvore.

Promette ser revestida de grande luzimento.

Na Camara dos Deputados

Continua a discutir-se o projecto que altera as cartas organicas das provincias ultramarinas

Preside o sr. Manuel Monteiro. Approva-se a acta. Estão presentes os srs. ministros da justiça e das colonias. O sr. Costa Junior, sobre a acta, declara que não faz parte da commissão de inquerito por não se cumprir o n.º 2 da proposta Simas Machado. O sr. Jorge Nunes requer que se publique no «Diario do Governo» uma representação dos povos de Dilhy. O sr. Simas Machado manda para a meza um projecto de lei concedendo a D. Feliciana Candida Monteiro Martinez, viuva do tenente de infantaria Alberto Joaquim da Silva Gomes, fallecido em consequencia de molestia adquirida no serviço em Africa, bem como aos filhos menores d'esse official, a pensão de 540 escudos annuaes. Esse official deu uma prova brilhante da sua obediencia ao dever profissional, pelo qual sacrificou a vida. O sr. Godinho do Amaral, alludindo a noticias publicadas n'um jornal de Lisboa, sobre o governador da Guiné, pergunta ao sr. ministro das colonias o que é que o governo pensa d'esse funccionario. O sr. ministro das colonias declara que o governo tem, n'esse funccionario a maior confiança. O sr. Costa Cabral apresenta trez projectos de lei—um sobre professores aggregados, outro sobre ferias escolares e o terceiro sobre o ensino particular ministrado por professores dos lyceus. O sr. João Gonçalves pede que se discutam desde já as emendas que o Senado introduziu no projecto de sua lavra, reprimindo as fraudes nas vinhas. E' approvado. O sr. Moraes Rosa, pela commissão de commercio, diz que as emendas do Senado quasi todas de mera redacção, merecem ser approvadas. A Camara sanciona-as. O sr. Jorge Nunes pede que se constitua quanto antes a chamada commissão de estradas, para se pôr termo ao actual estado de coisas, absolutamente prejudicial. Protesta ainda contra o facto de, no districto de Beja, se permittir a exportação de farinhas a certos moageiros, prohibindo-se essa mesma exportação a outros. O sr. Moraes Rosa defende a commissão, dizendo que ella ainda não recebeu os elementos de estudo de que necessita para bem se desempenhar do seu mandato. O sr. Jorge Nunes volta a falar, dizendo que a principal difficuldade que se tem encontrado para fazer passar as estradas para as juntas geraes, consiste em ser forçoso obrigar a transitar para a provincia o pessoal technico que durante annos e annos foi carreado para Lisboa. O sr. Manuel Granjo occupa-se do traçado da linha ferrea de Vidago a Chaves e discute o velho thema de se saber se essa linha deve seguir pela margem direita ou pela margem esquerda. Faz ainda considerações varias sobre a construcção da estação de Chaves, respondendo-lhe o sr. ministro da justiça.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o projecto que altera as cartas organicas das provincias ultramarinas. O sr. Alfredo de Magalhães elogia a obra realisada pelo actual ministro das colonias, felicitando-o por ter posto no inquerito ao director geral de fazenda das colonias o unico fecho que elle podia ter, e por haver nomeado para aquelle logar o sr. Manuel Fratel. Condemna a centralisação colonial e insurge-se amargamente contra a abundancia de pessoal burocratico que se nota nas provincias ultramarinas e que sobrecarrega extraordinariamente os seus orçamentos. Discute largamente a politica da União Sul Africana, com cujos estadistas o governador de Moçambique tem de tratar como de potencia para potencia e, falando de Mousinho de Albuquerque, affirma que elle foi o maior dos coloniaes portuguezes e aquelle que viu, como ninguem, o problema de Moçambique. Queixa-se de, quando governador d'essa colonia, ter sido sistematicamente contrariado no ministerio das colonias por todos quantos ali exerciam influencia e se compraziam em pôr entraves á sua obra administrativa. O sr. Paes do Amaral occupa-se, especialmente da provincia d'Angola, cujo estado de desaproveitamento é verdadeiramente criminoso. Entende que é preciso cuidar da colonisação d'esse riquissimo territorio, para o qual ainda não se olhou com o cuidado devido. Não ha, em Angola, agricultura propriamente dita. A borracha cresce espantosamente e a canna do assucar só agora começa a ser aproveitada e cultivada com largueza. O problema importante d'Angola é o dos caminhos de ferro, urgindo que se resolva quanto antes a questão d'Ambaca. Condemna toda a legislação de 1888 para cá e diz que a cada decreto publicado tem correspondido um aggravamento de situação evidente. Refere-se tambem ao funccionalismo, preconisando os concursos para o preenchimento dos logares e approva o projecto em discussão, o qual, reduzindo os auditores, realisa uma economia de mais de 50 contos. O sr. Fernandes Rego tambem se pronuncia a favor do projecto. O sr. Domingos Frias tambem aprecia o projecto sob varios aspectos, condemnando tambem a demasiada acção burocratica que se faz sentir nas colonias.

A grande guerra

Como o Japão coadjuva os alliados

PARIS, 22.—O *Echo de Paris* insere um telegramma de Marselha noticiando ter chegado ali o novo embaixador do Japão em Paris sr. Kushiro Matsui, o qual declarou que o papel do Japão consiste no reabastecimento da Russia e que o material japonez auxiliou os nossos alliados a alcançarem successo.—(*Havas*).

Um general bulgaro prisioneiro

PARIS, 22.—Um telegramma de Marselha para o *Petit Journal* annuncia a chegada ali de um general bulgaro prisioneiro que será internado em Sisteron.—(*Havas*).

Ministros francezes em Londres

LONDRES, 22, m.—Os ministros francezes srs. Sembat e Painlevé chegaram aqui hontem á tarde. O sr. Painlevé visitou lord Kitchner.—(*Havas*).

OS CONSERVADORES RECUAM...

A questão da Liga Nacional

Porque é que o dr. Camossa abandonou esta associação? O governo não interferiu na modificação dos estatutos

O sr. dr. Camossa Saldanha abandonou hontem estrondosamente os trabalhos da Liga Nacional, fazendo publicar no jornal «A Ordem» de que é director, a declaração de que as modificações feitas nos estatutos d'aquella associação eram incompativeis com o seu criterio conservador.

Ora nós precisavamos saber que alterações no regulamento organico da Liga Nacional haviam determinado a resolução do sr. dr. Camossa e que altos poderes, que influencias transcendentes se tinham conjugado para que ellas se fizessem. E' que a declaração inserta em «A Ordem» dava margem a hypotheses nebulosas que se tornava mister dissipar...

N'esse empenho nos dirigimos hoje ao consultorio do sr. dr. Camossa, na rua Garrett, onde, depois de alguns minutos de espera n'uma sala confortavelmente mobilada, somos recebidos com amavel deferencia.

Mas o antigo membro da Liga Nacional mostra-se intransigente, irreductivel, ante as perguntas que lhe dirigimos. *A Ordem* é o seu jornal e por consequencia é elle que tem o direito da prioridade das suas explicações. Respeitámos, como era natural, esta logica de ideias e, esquecendo e fazendo esquecer as condições de reporter que ali nos levava, conversámos despreoccupadamente...

Não restava a mais leve sombra de duvida: o nosso entrevistado desligara-se por completo dos trabalhos da Liga e a sua deliberação era inabalavel.

—Mas afinal que artigo é esse que o leva a tal extremo? perguntámos á queima-roupa.

O sr. dr. Camossa puxa para si um opusculo que descança sobre a sua secretaria e folheia-o nervosamente.

...Elle ali está: é o artigo 3.º e, effectivamente, a sua doutrina não póde ser mais conservadora, mais extensivamente conservadora. Estabelece o ensino da moral christã dentro das escolas, extrema os principios da propriedade e do capital na fomentação da vida economica do paiz, preconisa para a defeza da patria o militarismo e remata com um hymno á nossa expansão colonial por meio do imperialismo.

O sr. dr. Camossa guardou logo avaramente o opusculo, para onde mal podemos lançar o olhar, e continuou visivelmente perturbado.

Em assembleia geral da Liga, realisada a 10 de maio de 1915, eram unanimemente approvados estes estatutos—assim tal como aqui estão, com este artigo 3.º que foi agora supprimido. E' volvido quasi um anno e os estatutos reapparecem, mas d'esta vez com a eliminação do referido art. Surprehendeu-me essa modificação é declaro-me absolutamente contrario a ella, afastando-me da Liga á qual tinha prestado o meu concurso desde o seu inicio.

—Mas quem interferiu n'essa modificação? Não seria feita expontaneamente pelos corpos gerentes da Liga, depois de melhor reflectirem?...

O sr. dr. Camossa abanou incredulamente a cabeça:

—Todos os seus membros são elementos conservadores... veja.

O relatorio foi novamente compulsado e nós pudemos constatar as suas palavras. Entre outros, lá figuram os nomes dos srs. Pereira de Mattos, dr. Antonio de Lencastre, Ernesto Schroeter, Avilla de Lima, etc.

—Então... então... essa modificação contra a qual o senhor se insurge, vem?...

Não terminamos, porque o dr. Camossa nos vem ao encontro, dizendo:

—Trata-se, então, de uma pressão exercida pelo governo.

O governo não sanccionou os estatutos, sem que d'elle fosse eliminado o art. 3.º. Já o sr. dr. José de Castro, a cuja sancção haviam sido submettidos, teve reluctancia em os deixar vigorar e o sr. dr. Affonso Costa acabou definitivamente por essa orientação...

O nosso entrevistado não diz mais... nem é preciso... Já sabemos por que é que se demittiu, o que encerra o art. 3.º e o que pensa, com boa ou má fé, da modificação dos estatutos. O resto vamos sabel-o ao governo civil, por onde talvez tivesse passado a lei organica da Liga.

Ahi, o sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. governador civil, elucida-nos:

—Os estatutos da Liga Nacional não tinham de ser submettidos, nem foram, á apreciação das entidades officiaes. Pela lei de 1907, respeitante ao movimento associativo, sómente as aggremiações de classe, etc., teem de soffrer essa apreciação; ora a Liga Nacional, destinada a fins patrioticos—como affirma—teve apenas de enviar ás entidades officiaes um simples officio para communicar a sua formação e pedir auctorisação para se installar. Esse simples officio foi trazido por intermedio do dr. Pereira de Mattos, tendo sido já auctorisada a installação da Liga, sem quaesquer embargos ou difficuldades.

Depois d'isto, sahimos do governo civil convencidos de que o sr. dr. Camossa se enganava. O governo, as entidades officiaes não exerceram tal pressão sobre os membros da Liga Nacional para que os seus directores modificassem os seus estatutos; sómente, os tempos mudaram, depois do dia 10 de maio de 1915 em que se effectuou a reunião na séde da Liga Naval, para approvação... do artigo 3.º com militarismo, imperialismo e tudo mais...

Era bem possivel que se de permeio entre essa data e os dias que vão correndo não estivesse o 14 de maio, a estas horas o nome do sr. Pimenta de Castro figurasse como presidente honorario da Liga Nacional, mas a athmosphera é outra e os antigos consocios do sr. dr. Camossa—por sua livre vontade, sem coacção do governo que não teve a mais leve intervenção no assumpto—acharam mais prudente enveredar tambem por outro caminho.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONCERTO RUY COELHO

E' o seguinte o programma do concerto promovido por Ruy Coelho e que se realisa depois d'ámanhã no salão nobre da Liga Naval, precedido d'uma conferencia pelo sr. dr. Alfredo Pimenta:

Primeira parte—I—«Preludio e fuga», Bach-Busoni; II—«Eglogue», III—«S. Francisco de Paula, F. Liszt, para piano Ruy Coelho.

Segunda parte—IV—a) «La violette», Scarlatti; b) «Mandoline», Debussy; c) «Oh! quand je dors!», Liszt; d) «Dans la Jetée d'Alexandrie», Ruy Coelho; e) «Sérenade», Strauss, canto pela sr.ª D. Laura Wake Marques.

V—«Variations», (sobre um motivo de Haendel), Brahms, para piano, Ruy Coelho.

Terceira parte—VI—«Na cathedral do amor e da paysagem», «Triologia Camoneana, Ruy Coelho; I—«Soneto de Camões» («Aquella triste e lêda madrudada»); II—«Intermezzo»—Na fonte dos amores»; III—«Cantar de Dona Ignez», («Poesia de João do Amaral»), pela sr.ª D. Alice Rey Colaço.

VII—«Trio op. 3 n.º 1» (em dó maior), Ruy Coelho, ao mestre amigo Rey Colaço, a) «Alegro»—b) «Largo»—c) «Final», por Thomaz de Lima, violino, João Passos, violoncello, e pelo compositor.

A parte do piano dos lieder a cargo do compositor Ruy Coelho.

RAUL FREIRE

No rapido da tarde de hontem, chegou de Madrid o sr. Raul Freire activo e intelligente emprezario do Salão Foz que tinha ido áquella cidade contractar alguns numeros para a sua casa de espectaculos.

LUTUOSA

Falleceu o sr. dr. Antonio Eduardo da Costa, cujo funeral se effectua ámanhã, pelas 14,30, saindo o feretro da avenida da Liberdade, 134, para o cemiterio occidental.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros do interior, fomento, justiça e marinha; com o sr. ministro dos negocios extrangeiros os srs. ministro da Suecia e dr. Guerra Junqueiro.

—Os srs. drs. Magalhães Lima e José de Athayde foram hoje convidar o sr. ministro do fomento a assistir á reunião do conselho de turismo na proxima segunda-feira.

—O novo governador geral de Angola voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das colonias sobre assumptos do governo d'aquella provincia. O coronel sr. Massano d'Amorim que deve seguir no vapor do dia 10 do proximo mez, parte por estes dias para Elvas, com pouca demora.

—A fortaleza do Cuangar foi reoccupada pelas nossas tropas no dia 23 de janeiro.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

A questão das subsistencias

Alguns marchantes de Lisboa teem impedido nos ultimos dias que os seus collegas dos arredores enviem gado para o mercado, o que levou estes a conferenciarem hoje com o sr. governador civil para lhe solicitar que haja liberdade de commercio. O dr. Costa Gonçalves declarou que punha á disposição dos reclamantes a força necessaria para evitar esses abusos.

Um delegado da Companhia Vinicola de Villa Franca esteve hoje no governo civil protestando contra o facto dos fragateiros d'aquella localidade não consentirem que algumas fragatas carregadas com vinho não saiam d'ali. Para o local seguiu mais tarde um rebocador do Arsenal, que as comboiou para Lisboa, começando então a fazer-se o embarque do vasilhame para diversos barcos.

O club dos marinheiros

Uma aspiração que deve effectuar-se

Club dos marinheiros! E' esta a aspiração de todas as praças da armada, desde as que teem a fatalidade de possuir uma intelligencia deficiente, ás que desejam, no meio dos mais rudes trabalhos de bordo, subir os degraus da luminosa escada da educação.

O club dos marinheiros seria a obra miraculosa que acabaria com as tabernas dentro da nossa corporação. Esses que *hoje*, arrastados pelo seu espirito bulhento, passam nos mais immundos antros o tempo que a sua folga lhes proporciona, seriam os primeiros a abraçar essa obra civilisadora, esperançados de que ella lhes ensinasse o caminho que o vicio adquirido nas immoralisadoras alfurjas lhes occulta: o do «Dever».

Venha, elle, pois. Rasgue-se o véu que encobre os nossos corações, que não são tão negros ou tão vis como muitos suppõem. Venha elle, para que o povo portuguez se possa lembrar que o tempo em que para a armada vinha apenas a escoria da sociedade humana, os vagabundos «sem eira nem beira», já passou e vae muito longe, tão longe que hoje já nem cinzas d'esse passado existem.

O marinheiro actual, na sua generalidade, vem dos rapazes aventureiros, d'esses que, avidos a toda hora de surprezas, querem impreterivelmente conhecer o mundo que ao longe o mar lhes occulta; veem dos rapazes que, unidos por um sentimento commum, viveram desde a sua infancia acalentados por um sonho.

O marinheiro de hoje é o homem que sabe amar a sua patria conhecer o santo valor d'ella; é o homem que tirado de casa da sua familia vem continuar a obra dos seus grandes avós—mas não d'esses a que acima me referi—«aos vadios!»

A'quelles que hoje se encontram transviados da nobre conducta dos seus camaradas falta uma coisa que elles mesmo reclamam em altos brados: o club!

Todos sabem que um club, onde todos, sem distincção de classes, jogam, discutem, etc, é tambem um dos mais poderosos baluartes da instrucção. Os mais nefandos criminosos, os mais abjectos exploradores dos vicios, encontram lá peitos reaes e amigos que por modos persuasivos e suasorios os sabem desviar da rota vergonhosa que o seu infortunio lhes traçou.

Uma vez feito o nosso club, os marinheiros mais desprovidos das coisas do mundo civilisado irão, pouco a pouco, entregar-se nos braços salvadores que ha muito tempo elles viam atravez d'uma cerração intensa — os da regeneração; irão lentamente partilhar das distracções mais educativas que os outros camaradas lhes ensinarão.

Todos vós que seguis com olhos curiosos a marcha progressiva da nossa marinha de guerra, para onde mais tarde, senão já, virão vossos filhos, decerto arrovareis a salutar obra que tão ardentemente queremos que se crie. A ninguem pode ser dada mais proficuamente a instrucção do que a nós, os marinheiros, que temos de representar Portugal em todos os cantos do mundo civilisado.

Eu e todos os meus camaradas, porque falo pela bocca de todos, fazemos votos para que as auctoridades competentes dêem ao nosso club existencia, que o que até aqui é sonho se transforme em realidade.—*Augusto de Sousa Neves, 2.º marinheiro T S.*

Coronel Sá Chaves

O seu funeral

Foi uma sentida manifestação de pezar o funeral do coronel de cavallaria 2 sr. Sá Chaves, victima do desastro que relatámos. A sahida do prestito estava marcada para as 15 horas mas só trez quartos de hora depois elle se poz em marcha.

A' frente ia um pelotão de lanceiros sob o commando de um sargento; a seguir, em filas abertas, os soldados e cabos de cavallaria 2 e depois o armão a 2 parelhas conduzindo corôas dos officiaes de cavallaria 2, da corporação dos sargentos, do regimento de cavallaria 4, da Sociedade Hippica Portugueza, do seu neto Americo, dos cabos e soldados, do alferes Antunes e dos srs. L. Ferreira e J. F. Oliveira e Sá, além de muitos ramos de flores.

Seguia-se a carreta com a urna coberta com a bandeira nacional, atraz da qual os convidados em grande numero, estando representados todos os corpos da guarnição.

A pé seguiam os srs. Maia Pinto, representando o sr. presidente da Republica, ministro da guerra, generaes Pereira d'Eça e Zuzarte de Mendonça, capitão Choque, representando o general Correia Barreto, commandante do corpo de marinheiros e ajudante, major Osorio de Castro, tenente-coronel Malheiro, capitão Correia dos Santos, Christovam Ayres e representantes do Belem-Club, da Sociedade Hippica, fechando o prestito um esquadrão de lanceiros. No cemiterio, onde foi soldada a urna, organisaram-se diversos turnos.

A gréve academica

Nas aulas não compareceu alumno algum—O manifesto da Federação Academica

Os alumnos não compareceram hoje nas aulas, tendo-o feito todos os professores. Nas escolas não se effectuaram quaesquer reuniões, aguardando os alumnos as resoluções da Federação Academica, que continua nas suas «démarches», tendo hoje conferenciado com o sr. presidente do ministerio, conferencia a que assistiu o sr. ministro da instrucção.

Um grupo de alumnos do 5.º anno da Faculdade de Direito, que hontem quiz entrar nas aulas, esteve hoje na Federação a declarar que adheria ao movimento. N'esta escola apenas estiveram os professores srs. Barbosa de Magalhães, Pinto Montenegro e Pedro Martins.

Hoje foi distribuido profusamente um manifesto em que se historiam as causas da gréve, que concordam plenamente com o relato já hontem por nós dado. Esse manifesto termina assim:

Veja o paiz se esta gréve é uma coacção violenta sobre quem quer que seja e não a defeza de legitimos interesses. Esta causa é hoje de toda a academia de Lisboa. A'manhã, sem duvida, pertencerá a toda a academia portugueza. Ella não visa fins politicos; não pretende o deferimento de pretenções, que, apesar de justas, a academia resolveu não formular n'este momento, a fim de evitar desvirtuações; quer, apenas, o respeito pelas leis e que a autonomia universitaria, se não converta n'um instrumento de vinganças. Por isso, protestamos contra todas as explorações do nosso movimento, desde as d'aquelles que procuram pôr-nos a servir as suas ambições, ás d'esses que nos insultam chamando-nos cabulas, desordeiros, assaltantes e indisciplinados. Por isso, continuaremos firmes e unidos atravez de todos os sacrificios, até onde fôr preciso, convencidos de que prestamos um bom serviço a nós proprios e ao paiz. Depois d'isto todos ficam sabendo que nos esforçamos apenas por ser dignos e por significar ao povo da nossa terra que a mocidade das escolas é capaz de assumir as tremendas responsabilidades com que defrontará ámanhã ao occupar as funcções sociaes para que se prepara.

Veem a Lisboa delegados da academia de Coimbra

COIMBRA, 22.—Partem ámanhã para Lisboa dois delegados da academia, que vão expôr as causas do movimento aos *leaders* dos partidos representados no Parlamento e tratar do conflicto com a Federação Academica.

Vae ser publicado um manifesto, elucidando o paiz sobre as causas da gréve. Não teem havido a menor alteração do ordem.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35	34 7/8
Londres, 90 d/v.	35 7/8	—
Paris, cheque	$73	$74
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$60	$61
Madrid, cheque	1$360	1$370
Suissa, cheque	$81,5	$83
Italia, cheque	$63	64,5
New York	1$43,5	1$44,5
Rio s/Londres.	11 11/16	—
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	48 %	53 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	38,95
» » 500$	—	39,20
» » 100$	—	39,50

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$60; 4 1/2 88-89, ass., 60$ e coup. 59$; 5 0/0, 1909, coup., 81$.

Externas: 1.ª serie, 75$ e 3.ª, 77$30.

Divida da provincia de Angola, 60$.

Acções: Banco de Portugal, 188$; Lisboa & Açores, 122$ Ultramarino, coup., 127$80; Aguas, 98$ e 98$15; Assucar, 46$; Ilha do Principe, 233$; Gaz, coup., 47$; Tabacos, coup., 8.$; Agricultura Colonial, 116$50.

Obrigações: Prediaes, 4 1/2, 81$ Norte e Leste, 2.º grau, 34$80.

EM TORNO DA GUERRA

Alguns aspectos da vida allemã

No dia 17 do corrente discutiu-se na camara prussiana o problema da alimentação. O ministro da agricultura, sr. de Schorlemer, depois de haver feito o elogio da politica agraria que permittirá á Allemanha aguentar-se «mesmo durante annos», accrescentou: «Mas dito isto, devo observar que não nadamos na opulencia e que convem, em todo o caso, economias, se queremos aguentar-nos até o fim».

A agencia Wolff, no seu relato, supprimiu esta phrase. O deputado socialista Hofer fez algumas considerações que causaram profunda impressão e deram tambem origem a protestos. Eil-as na essencia:

«Se a Inglaterra nos declarou a guerra aberta e lealmente e se emprega todos os meios para impedir o nosso abastecimento, os agricultores que teem occultas as suas provisões para provocar a alta dos preços e esfomear as nossas populações são os melhores alliados dos inglezes e os peores inimigos do povo allemão. (Protestos, tumulto. O orador é chamado á ordem).

«A alta dos productos do solo é absolutamente injustificada, porque os salarios não foram augmentados e os prisioneiros russos a quem obrigam a trabalhar apenas recebem alguns cobres.

«O preço da cevada e da aveia não deixou por isso de augmentar 130 por cento. Se o governo não intervier produzir-se-hão factos como no outomno de 1915, quando o povo allemão soube fazer justiça por suas mãos.

«O augmento do preço do assucar constitue um brinde de 57 milhões feito aos proprietarios e aos refinadores.

«Onde está, pois, o grande espirito organisador allemão se, tendo sido a colheita de batatas de 54 milhões de toneladas, se não encontram 9 milhões de toneladas de batatas?»

O sr. Hofer alludiu em seguida ás condições criticas da Polonia occupada e proferiu esta grave exclamação:

«Disse-se na commissão que se não podem forçar os agricultores a intensificar a producção, mas vós forçaes milhões de allemães a bater-se! (Tumulto enorme. Violentas exclamações).

«Sim, são forçados a bater-se, e como forçaes centenas de milhares de soldados a sahir das trincheiras para morrer, dever-se-hiam forçar os agricultores a não contribuirem para a fome da população! A politica do governo cava um abysmo e esse abysmo poderá bem levar á gréve»».

Na camara saxonica fizeram-se ouvir egualmente protestos d'este genero. A proposito da especulação sobre os viveres, o socialista Muller queixou-se com energia da desegualdade dos cidadãos perante a justiça. Punem-se os pequenos ladrões; deixam-se impunes os grandes. Podiam constituir-se listas inteiras d'esses exploradores do povo que especulam com os generos alimenticios.

*

Segundo a «Gazeta de Francfort», o ministro das finanças da Prussia acaba de ordenar aos directores responsaveis das grandes sociedades industriaes que façam a declaração dos seus fundos de reserva por causa do imposto sobre os lucros de guerra. Deverão communicar até o fim de maio:

1.º—Os relatorios sobre ganhos e perdas durante os cinco annos anteriores á guerra e o tempo decorrido desde que ella começou, assim como as resoluções das assembléas geraes a tal respeito:

2.º—Um calculo do augmento dos seus ganhos;

3.º—O montante do seu fundo de reserva legal, quando não resulte dos balanços ou das contas do fim do anno.

Os directores responsaveis são obrigados a essas declarações sob pena d'uma multa que pode ir até 500 marcos.

*

A administração dos caminhos de ferro prussianos pediu ao Landtag prussiano a abertura d'um credito de 313.250.000 marcos, sendo 100 milhões para a creação de novas linhas e 207 milhões para a compra de material circulante.

Folhetim d'A CAPITAL 22-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O subterraneo tragico

A cidade de S. Francisco é, como se sabe, a grande capital do oeste dos Estados Unidos. Famosa pelas suas minas d'oiro, que se encontram na região em que a grande metropole foi fundada, e pelos frequentes terramotos, que de vez em quando a reduzem a montões d'escombros, S. Francisco, pela população cosmopolita que a constitue, pelos seus bairros chinas e por tantos outros caracteristicos só seus, é bem uma das mais interessantes cidades da Norte America. Os chinezes, sobretudo, dão-lhe aspectos curiosissimos e são, para a riquissima capital, um elemento cheio de excentricidade e de mysterio. Na America do Norte como na America Central, o china leva uma vida desgraçada. E' elle quem se dedica aos trabalhos mais rudes; é como a sua sobrieda-de é illimitada, como come pouco e se veste sem luxo, ao passo que torna a mão d'obra barata, consegue juntar abundantes peculios, com os quaes, n'um dado instante, regressa ao seu paiz, onde passa a viver vida regalada, á custa do que trouxe de longe e lhe custou rubras bagadas de sangue.

A penetração chineza na America do Norte tem sido tal, que o governo se viu obrigado, já por mais de uma vez a tomar medidas violentamente repressivas contra ella, restringindo por esse modo uma das maiores liberdades que em todos os paizes se reconheceu a todos os cidadãos—a liberdade de cada um viver onde muito bem lhe aprouver e o de exercer onde melhor lhe convenha a sua actividade. A America, porém, temeu a influencia china, e ao mesmo tempo que impedia que a importação de chinas se fizesse cada vez em maior escala, obrigou os que no seu territorio se encontravam já a regras e preceitos especiaes, que não abonam muito a sua generosidade.

O bairro China em S. Francisco é vastissimo, constituindo quasi uma outra cidade dentro da opulenta cidade americana. E' famoso pelos crimes que ali se desenrolam e a policia só raras vezes logra desvendar. As desapparições de individuos de diversas nacionalidades são, sobretudo, frequentissimas n'esse refugio dos celestes, que, odiando os brancos, contra elles põem a cada passo em jogo toda a sua inconcebivel astucia. Foi assim que em 1906, depois do violentissimo incendio que destruiu grande parte da cidade de S. Francisco e muito principalmente o seu bairro asiatico, que ali se encontrou um systema de subterraneos, que deixou toda a gente maravilhada. A's ruas de sua superficie, como que correspondiam outras por debaixo da terra, as quaes ligavam entre si as habitações dos subditos do celeste imperio, fornecendo-lhes ao mesmo tempo, em occasião de perseguições, commoda e segura retirada. A policia, ao ter conhecimento d'esses subterraneos, achou a explicação de muitas tragedias que nunca pudera desvendar e desvendou o segredo das numeras desapparições, que jámais haviam podido ser explicadas.

E terão, depois do incendio, esses subterraneos reapparecido? Os chinas tel-os-hão desobstruido e reconstituido? Parece que sim. Os tuneis dos chinos existem ainda hoje, segundo se affirma, continuando a ter egual applicação. Os «amarellos» de S. Francisco continuam a assegurar a retirada para o caso de se verem perseguidos pela policia, em virtude d'alguma das suas celebres façanhas. E'n'um d'esses refugios tenebrosos que vae desenrolar-se um dos mais curiosos episodios da «Chave Mestra».

João Dore ficou no fundo do abysmo sem sentidos. Na mina não tardou que se conhecesse em todos os seus pormenores a catastrophe que puzera em risco a vida do engenheiro e que bem podia tel-o victimado. Tom Kane, o cosinheiro da mina, ao ter conhecimento de que occorrera, parte, sem perda de tempo, para o sitio da catastrophe. A sua dedicação pela menina Gallon e por João Dore era illimitada. Procura ir, por esse motivo, e sem perda de um instante, prestar áquelle a quem tanto devia, todo o auxilio que pudesse.

A' beira do abysmo, Tom Kane investiga, prescruta, procura descobrir o ponto onde o engenheiro se encontra. Não o consegue com grande facilidade. Mas depois de aturadas pesquizas, o pobre homem vê no fundo do valle sinistro, confundido com os arbustos escuros que guarnecem a terra, um corpo inanimado. Dirige-se para elle, reconhece Dore, sacode-o, ergue-o, chama-o a si. O engenheiro reanima-se. Acorda, abre os olhos, como que se liberta do pesadelo que o esmagava e murmura as primeiras, desconexas palavras...

—Rosinha, Wilkerson, S. Francisco. O que foi, o que aconteceu?

—Nada, não foi nada!—Objecta Toni. Já passou tudo.

D'ahi a pouco, Dore transpõe o abysmo, onde fumegam ainda os restos do automovel e da ponte destruidos. A razão desperta-lhe de novo. A memoria volta a accordar-lhe, a dizer-lhe o que se passára horas antes.

—O auto que não tinha governo, os travões que não obedeciam, a ponte incendiada pouco antes d'eu ter de passar por ella. Sim, sim, está tudo explicado. Foi tudo obra diabolica de Wilkerson.

E tomando logar na carripana desconjuntada em que Tone se fizera transportar até ali, Jean Dore segue para a estação do caminho de ferro, a fim de poder continuar a interrompida viagem para S. Francisco, onde a sua presença está sendo absolutamente precisa a Rosinha...

Entretanto, Wilkerson avança sempre para a capital da California. Durante a viagem, d'uma estação intermedia, telegrapha a Drake. Elle que o espere. Chegará sem demora. A Darvell, Drake e Rosinha encontram-se no hotel Mons, fazendo os dois primeiros passar a terceira como sua filha. Os aposentos de Rosinha e os da aventureira e do seu amante são visinhos. A filha de Gallon continua convencida de que a Darvell é uma sua dedicada amiga e de que Drake é, realmente, o banqueiro Everet.

—Quando lhe-de falar-lhe dos meus negocios, perguntava a pobre creatura a si propria? Qualquer dia. Apesar de não ter muito tempo para perder, disponho do preciso para não precipitar os acontecimentos.

A sua confiança na aventureira cra, como se vê absoluta. No hotel, não havia quem não julgasse os trez como pessoas da mais absoluta respeitabilidade. Tinham-nos como uma rica familia de proprietarios, que vinha a S. Francisco para se divertir e que, no final, havia de pagar generosamente a sua passagem pelo hotel. Rosinha era cercada, pelos supposto paes, das maiores cuidados. Era preciso não a desgostar, forçal-a a confiar cada vez mais na sua companhia benevola e protectora.

Wilkerson chega, emfim, a S. Francisco, dirigindo-se sem perda d'um instante ao hotel Mons, onde os seus cumplices o aguardam cheios de impaciencia. O aventureiro, ao juntar-se com os companheiros, conta-lhes rapidamente e em voz baixa, a forma como lográra desfazer-se de Dore.

—Primeiro o automovel. Tirei-lhe uma das porcas do travão e deixei-o sem governo. Depois, a ponte por onde elle havia de passar, fatalmente, incendiei-a.

—E visto-o morrer?—perguntou, anciosa, a Dorvell.

—Não. Mas tenho a mais absoluta certeza de que não escapou. Não podia ter escapado...

—Estamos então livres d'elle?

—Para sempre!

—Ainda bem. Todavia, talvez não fosse mau ser um pouco menos pessimista.

E os trez ficaram, por alguns minutos silenciosos, a olhar-se desconfiados e apprehensivos.

—E a pequena, pergunta Wilkerson.

—Cuidado. Está ali, no quarto contiguo. Póde ouvir.

—Está bem. Mas temos muito que falar, que combinar, que resolver.

—A'manhã—propõe a Darvell.

—Não. Hoje—redargue Wilkerson.

—Como queiras...

(Continua)

No. «ecran» do OLYMPIA

SPORT

A lamentavel questão do "foot-ball,,

E' urgente que se resolva...

A Associação precisa ter e deve ter força, mas nunca a deve utilisar para ferir interesses

Comecemos pela declaração...

Não tratamos da questão das «penalidades» impostas ao Sporting Club e ao Club Imperio como procuradores d'essas collectividades. Fazemos a nossa analyse critica e os nossos commentarios, como um facto de ordem geral que interessa a vida sportiva do paiz.

Assim...

Não utilisamos as muitas cartas que hoje recebemos, algumas fornecendo-nos esclarecimentos para atacar a Associação de foot-ball mas sem assignaturas ou apenas com iniciaes. Repellimos o anonymato. Mas, ainda que conhecessemos a proveniencia das accusações não lhes davamos publicidade. E' que somos completamente alheios á vida interna dos clubs e á proximidade que esses clubs possam ter com a sua Associação. Tambem não discutimos pessoas. Podemos apenas discutir, applaudir ou discordar dos actos d'essas pessoas, clubs ou associações, quando tornados publicos, tenham ou não influencia na marcha do sport nacional.

Posto isto, terminem a febre da epistolographia, que perdem o tempo e não teem o prazer de vêr a prosa publicada...

N'esta desgraçada questão de agora, nem queremos admittir discussão sobre se o Sporting ou o Imperio mereceram ou não castigos. Tratámos do caso ouvindo um director d'um d'esses clubs e o capitão d'um outro, que, em termos claros, expozeram o mesmo facto com minuciosos detalhes.

De resto, entendemos, — já honiem o dissemos e continuaremos a dizer —que a Associação deve ter força, que precisa ter auctoridade, que necessita ser respeitada. Se castiga, deve-se acceitar o castigo.

A nossa revolta, na questão de actualidade, é contra o exaggero d'esses castigos, contra a publicidade d'uma «pena inquisitorial» sem uma palavra explicativa nos communicados officiaes, em geral, tão prolixos em pormenores de somenos importancia.

A Associação deve ter força mas nunca a deve utilisar para ferir interesses sagrados, vitaes e unicos que garantam a existencia d'um club. Não tem o direito de anniquilar a vida associativa de uma collectividade. Não póde fazel-o, mentendo um capricho. Nunca o poderia fazer sem communicar a culpa ao penalisado, ouvindo primeiro as suas allegações de defeza, de direito ou de razão.

O caso presente traz uma lamentavel repercussão no nosso meio sportivo. O «foot-ball» deve soffrer uma perigosa decadencia. Os louvaveis esforços do Bemfica não conseguirão desviar a hecatombe. E' que a sua popularidade e os seus dois primeiros «teams» não são sufficientes para manter o enthusiasmo, mesmo que se multipliquem as visitas de grupos estrangeiros.

Depois...

A pena imposta de 5 mezes de suspensão aos dois clubs não foi acompanhada de identico castigo a outro club, o Internacional, que com elles se solidarisou em actos anteriores. Porquê? Não o sabemos, mas explica-nos o sr. F. G. F.:

—...se a suspensão do Internacional fosse de 5 mezes e não de um, os dois «teams» do Bemfica estavam todos suspensos porque no seu primeiro grupo joga um rapaz do Internacional. Sendo assim, assistiriamos ao facto ue ver detentor do campeonato e da «Taça», o Lisboa Foot-ball Club!...»

Será assim? Não o queremos acreditar. Se o fosse, teriamos de ver no acto da Associação um proposito de violencia para uns e de benevolencia para outros, com manifesto prejuizo do sport. Mas não é, porque na Associação trabalham, dirigindo-a, alguns homens com largas tradições sportivas e com provada honestidade que, conhecendo-se o nosso, na questão actual, se deixaram levar pelo nervosismo d'alguns mais rigorista.

E no fim de tudo isto tornamos a dizer como hontem dissemos:

Os taes 5 mezes de suspensão, é que não lembram ao diabo...

cem a uma joalheria do Chiado, que será disputada em 3 annos successivos, em assaltos na prancha e a trés toques.

Algumas anecdotas

Confessando-se na hora da morte

Aquelles que conhecem a historia dos mais celebres luctadores profissionaes, recordam-se do nome de Peyrouse, o terrivel «leão de Valença», que no «ring» metteu mais medo que todos os Schackman, os Cazeaux e os Pietros.

Era um colosso de força, alto, nervoso, energico. Tinha o maldito vicio de se embriagar. Foi tal vicio que lhe motivou a tisica que o victimou, novo ainda.

A' hora da morte, tinha quatro ou cinco amigos que lhe rodeiavam o leito. Um d'elles dizia a outro que procurava conservar uma pequena insecto, apanhada para uma collecção zoologica:

—Mette-o em alcool...

—Não faças isso, gritou do lado o infeliz Peyrouse.

—Porquê?

—E' que me disseram que eu estava talhado para viver cem annos. Vae d'ahi metti-me pelo alcool para me conservar mais outros cem. Sabem o que resultou? E que o liquido deteriorou a conservação...

Os grandes records

Os de altura em aeroplano

Um aviador militar argentino acaba de bater o «record» do seu paiz, elevando-se em aeroplano até á altitude de 6.500 metros.

O «record» do mundo pertence ainda ao celebre piloto suisso Audemars, que se elevou a 6.600 metros.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Um campeão estrangeiro em Lisboa

O Fortuna de Vigo, que é de ha muito um dos mais fortes agrupamentos hespanhoes de «foot-ball» e na actual epocha o campeão da Gallisa, vem a Lisboa, jogar nas tardes de 26 e 27 do corrente, em Sete Rios, dois desafios contra o fortissimo primeiro grupo do Sport Lisboa e Benfica, que é quem o convida a vir até nós. O programma das duas tardes será completado com outros desafios de interesse.

Concurso hippico internacional

Está-se trabalhando afincadamente na organisação de Concurso Hippico Internacional de Lisboa de 1916, que está já marcado para as tardes de 20, 21, 25, 28 e 29 de maio proximo, com um soberbo programma. E' o programma que estava já assente para o concurso de 1915 e que devido á anormal situação de então não poude ter effectivação. Conta-se com ... inscripções de estrangeiros, e, como sempre, o concurso ... portantissimo, que correspondem bem ás enormes difficuldades das provas.

Uma festa de patinagem

No «rink» dos Desportos de Bemfica effectua-se no proximo domingo a primeira de uma serie de festas sportivas já preparadas. O torneio contém provas de bicicletas em obstaculos e negativas, mas a sua parte principal está na patinagem, que tem corridas de velocidade e de obstaculos, saltos, jogo da rosa e até lucta de tracção. As provas são destinadas a homens e a senhoras.

Um sarau de sport

No proximo domingo, 27, offerece este club uma festa dedicada ás creanças com um programma carnavalesco deveras interessante e habilmente ensaiado pelo professor do club sr. Arthur dos Santos e desempenhado pelos alumnos das classes infantis.

A festa terminará com um baile infantil sendo de esperar enorme concorrencia de creanças mascaradas.

Para o sarau de segunda-feira gorda, que costuma ser extremamente brilhante, já se não muito adeantadas os ensaios dos numeros que constituem o programma.

A ornamentação da sala, entregue ao cuidado de prestimosos socios do club, entre os quaes o distincto carticaturista Pinto da Silva, será um verdadeiro acontecimento pela arte e bom gosto que revelará.

Gymnasio Club Portuguez

O sr. ministro do fomento, concedeu a reducção de 50 por cento nos preços das passagens para os congressistas, em todas as linhas do Caminho de Ferro do Estado, Sul e Sueste e Minho e Douro.

Congresso de Educação Physica

E' no domingo, 27, que se realisa na sala da Sociedade Rodrigues Cordeiro o sarau sportivo promovido e para despedida da Commissão Sportiva, tomando parte n'este sarau os melhores amadores do grupo e do Club Lisboa Sport Gymnasio.

Nota do dia

Uma grande festa de esgrima

Já se não realisa no dia 18 de março o «match» entre uma «équipe» de esgrimistas de Madrid e de Lisboa, porque os organisadores, aproveitando o enthusiasmo dos atiradores de espada do paiz vizinho, resolveram fazer um torneio maior, mais completo e mais animado. Esse torneio realisa-se nos dias 22 e 23 na manhã e tarde de 23 d'abril entre quatro «equipes», uma portugueza seleccionada pelo professor Carlos Gonçalves e tres hespanholas, uma de S. Sebastian, outra de Barcelona e outra de Madrid. Esta ultima continuará a ser formada pelo mestre A. Lancho.

O premio é uma valiosa e artistica «Taça», cujo desenho e factura perten-

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21 — Como se vingam mulheres—Os 20:000 dollars.

REPUBLICA — Não ha espectaculo.

TRINDADE — A's 21 — Dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — O caldo entornado.

GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Madame Butterfly.

Agenda da semana

AMANHÃ — Nacional — Festa artistica de Palmyra Torres — Primeira representação do drama *Como se vingam mulheres*, de Sousa Costa.

SABBADO — Republica — 4.ª recita de assignatura—Primeira representação da comedia em trez actos *A maluquinha de Arroyos*, original de Andre Brun.

Noticias

Realisa-se ámanhã no theatro Nacional a festa artistica da distincta actriz Palmyra Torres, que occupa um logar de destaque entre a nossa pleiade de artistas modernos. Dotada de apreciaveis dotes, estudiosa e sabedora como poucas, tendo mesmo uma grande erudição, Palmyra Torres escolheu para a sua festa um original portuguez, de Sousa Costa, *Como se vingam mulheres*, que vimos sobe á scena pela primeira vez, e em unica representação o drama *20:000 dollars*, que tão apreciado tem sido.

O Nacional estará ámanhã em festa e Palmyra Torres receberá mais uma demonstração inilludivel de quanto é estimada pelo publico.

● Não tem o menor fundamento a noticia da sahida do theatro Republica do actor Raphael Marques.

● Os ensaios da comedia *A maluquinha de Arroyos* são dirigidos pelo actor Brazão.

● Entrou hontem em ensaios no Republica a farça em um acto de André Brun, musica de Fernando Moutinho, *O entremez do dr. Cupido*, em cujo desempenho toma parte toda a companhia á excepção de Lucinda Simões e Augusto Rosa.

● Ribeiro Lopes, o estimado actor do theatro Polytheama, faz depois de ámanhã a sua festa artistica com a *Vida de um rapaz pobre*, peça em que faz, com tanto brilho, o papel de protagonista. O festejado dirá tambem o monologo do *Rei Lear*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

A recita da moda, hontem, no Colyseu dos Recreios, reuniu tudo quanto ha de melhor na nossa sociedade e foi um completo triumpho para a «prima-dona» Maria Galvany que tem na «Somnabula» uma das suas corôas de gloria. A distincta artista cantou o conhecido «sparito» de Bellini com grande brilho, tendo arrancado ao publico calorosas ovações.

O soprano Garcia Blanco

Tanto a cavatina do 1.º acto, como o «duo» com «Elvino», no 2.º, e o «rondó» foram traduzidos com a maior intuição artistica.

O tenor Marescotti foi o mesmo talentoso artista na parte de «Elvino», cantando com a correcção que lhe é peculiar. Muito apreciavel a interpretação do baixo Fiore.

As seguidas partes, os côros e a orchestra seguros.

A festa artistica e de despedida a Lisboa do baritono Battistini que hoje se realisa será uma das melhores recordações dos amadores de boa opera. Cantar-se-ha a «Maria de Rohan», em que Battistini tem conquistado calorosas ovações. No 1.º acto, o illustre artista cantará, além da «romanza» da opera «Maria Padilla», a «romanza» da opera «Maria de Rudens», ambas de Donizetti.

A'manhã, realisa-se a unica representação da «Madame Butterfly» que tantas preferencias tem entre nós. Será o soprano lirico sr.ª Garcia Blanco quem interpretará a parte de protagonista, contractada apenas para esta recita. A sr.ª Garcia Blanco é uma figurinha gentil, cheia de graça e de elegancia. Para quinta-feira está marcada uma recita extraordinaria, apresentando-se os amadores sr.ª D. Maria de Sousa Costa e o sr. Manuel Alves da Silva, que cantarão a «Cavalleria Rusticana», tomando a seu cargo, respectivamente as partes de «Santuzza» e «Turiddu». O resto do programma para esta noite será opportunamente annunciado; mas não resta duvida que teremos uma recita de primeira ordem, pois a sr.ª D. Maria Couto possue uma voz extensa e deliciosa e muito jogo physionomico e scenico, e o sr. Alves da Silva tem apreciaveis qualidades para vir a ser um artista de futuro.

Carnaval na Amadora

Ha o maior enthusiasmo na linda povoação pelos trez grandiosos bailes de mascaras que se realisam no Salão de Festas dos Recreios Desportivos nas noites de Carnaval.

A direcção assegurou o transporte a qualquer hora da noite para as familias de Cintra, Queluz e Lisboa. A assignatura está quasi coberta pelas principaes familias dos socios.

As festas carnavalescas começam no proximo sabbado, com a representação de uma peça burlesca em que os auctores, actores e mestres são todos da Amadora.

Na quinta feira, 2 de março, realisa-se a festa do corpo coral dos Recreios, dirigida pelo maestro Fortes Robello, em que tomam parte 100 pessoas e nos dias do Carnaval, além dos bailes no Salão de Festas realisam-se trez espectaculos no Cinema da Amadora.

Emfim, uma serie de festas alegres, que mais irão contribuir para que a Amadora seja a preferida para passar a epocha carnavalesca.

nhas ferreas francezas de dia e sabe-se que esses comboios levavam cinco dias para irem da França ao interior da Allemanha.

Não havia meio de preservar as linhas ferreas de ataques e só na guerra sul-africana se deu o exemplo do emprego de methodos efficientes para proteger extensas communicações de caminhos de ferro nas areas sujeitas a «raids» do inimigo.

A experiencia d'essa guerra quanto ao emprego dos caminhos de ferro foi unica. A esse tempo a Gran-Bretanha não tinha organisação alguma militar de caminhos de ferro como as que haviam sido creadas no continente e talvez que mesmo, emquanto a Inglaterra se não visse envolvida n'uma grande guerra continental, se julgasse não haver necessidade verdadeira de uma organisação semelhante ao systema allemão.

Quando rebentou a guerra sul-africana, toda a organisação militar ingleza de caminhos de ferro consistia em duas companhias de engenharia, contando ao todo 300 homens. Não havia estado maior organisado, nem qualquer eschema de operações. A obra feita n'essa occasião, com a maior rapidez e efficiencia, foi um dos melhores exemplos que se conhecem de como um systema continental foi adoptado. As condições dos caminhos de ferro eram ali completamente differentes das do continente europeu. Os muitos milhares de kilometros de linha ferrea que haviam sido construidos da costa para o interior eram quasi todos de via estreita, muitas vezes, devido á natureza do terreno atravessado, com curvas de pouco raio e grandes rampas, de modo que a bitola empregada era mais estreita do que a dos caminhos de ferro da Europa.

A concentração estrategica para o avanço sobre Bloemfontein, sob o commando de lord Roberts foi, n'aquellas circumstancias, um grande passo dado em transporte de tropas. O caminho de ferro servia para trazer homens, cavallos, canhões, mantimentos e munições de diversos pontos e para os concentrar n'um pequeno sector da linha entre os rios Orange e Modder. As tropas tinham de desembarcar em diversas estações, onde não existiam accomodações algumas, n'uma unica linha ferrea, emquanto a concentração tinha de se fazer n'um tempo determinado e com o maior segredo.

Com a maior confiança no que tinha ideado, o director dos caminhos de ferro assumiu toda a responsabilidade da tarefa e no prazo de quinze dias 152 comboios seguiram para o norte e 30.000 homens com peças, cavallos, munições, etc., foram transportados.

Foi apenas gradualmente que os oito mil kilometros de caminhos de ferro nas operações da Africa do Sul no começo da guerra passaram para o poder dos inglezes e, com o desenvolvimento das hostilidades dos boers, só o ponto de vista estrategico, estavam em posição muito favoravel. Como a Allemanha e a Austria na guerra europeia, estavam agindo em linhas interiores e podiam transportar tropas d'uma fronteira para outra com grande rapidez.

O principal defeito do systema boer de caminhos de ferro, no que respeita á sua semelhança com os systemas da Allemanha e da Austria na Europa, era que só uma das suas linhas estava em communicação com territorio neutral e era utilisavel para a importação de mantimentos.

Só a rapidez do avanço de lord Roberts, que se tornou possivel pelo excellente emprego feito das linhas ferreas, impediu que os boers destruissem todas as fabricas e depositos de mantimentos que elles podiam conservar em seu poder. Conseguiram ainda destruir algumas partes das linhas ferreas, estações, pontes, linhas telegraphicas e depositos d'agua, mas o entroncamento de Elandsfontein, a testa dos caminhos de ferro da Africa do Sul poude ser tomado intacto.

Nos ultimos estagios da guerra, quando já todas as linhas ferreas estavam em poder dos inglezes, fo-

mais vinte e quatro presos. As auctoridades allemãs suppunham ter descoberto uma grande conspiração, cujos membros se entregavam á espionagem e facilitavam a fuga aos que queriam evitar a dominação germanica.

O major-general F. V. D. Wing, commandante da 12.ª divisão ingleza, morto em combate

Entre os accusados figuravam algumas mulheres: a princeza Maria de Croy, a condessa de Belleville, mademoiselle Louise Thulier, professora em Lille, e madame Ada Bodart, de Bruxellas. Entre os homens figuravam Philip Bancq, architecto em Bruxellas; Louis Severin, chimico na mesma cidade; Herman Capian, engenheiro em Wasmes; Albert Limier, de Wasmes, e um outro chimico, Georges Derbeau.

E' interessante por em contraste, n'esta phase da guerra, o modo de proceder entre inglezes e allemães no julgamento de accusados de delictos militares. Na Inglaterra, uma mulher, seja de que nacionalidade fôr, é julgada, não por um tribunal marcial, mas por um tribunal civil. E' sempre defendida por um advogado e o tribunal só se pronuncia depois d'um inquerito em que as provas da culpabilidade sejam evidentes. E concede-se-lhe sempre o tempo sufficiente para poder preparar a defeza. E ao advogado são dadas as mesmas facilidades que em tempo de paz. No ultimo caso dado no Reino Unido, antes do julgamento de miss Cavell, uma mulher allemã era accusada de espionagem. Tinha trabalhado com um espião e provou-se que ella se dirigira a diversos pontos para obter informações sobre a defeza naval. Foi julgada por trez juizes civis do Supremo Tribunal e um jury e provou-se que «fornecera ao inimigo importantes informações».

Foi-lhe provada a culpabilidade. Pois, por esse delicto, muito mais importante do que o de miss Cavell, foi condemnada a dez annos de prisão. E tinha o direito de appellar d'essa sentença.

A contrastar com isso, com as maiores precauções para que justiça fosse feita á accusada, veja-se o julgamento de miss Cavell. Esteve incommunicavel por mais de nove semanas, sem seguer poder consultar o seu advogado. Durante esse tempo foi sujeita a constantes interrogatorios. Diz-se que ella escreveu confessando a sua culpa, confissão que foi transmittida pelas auctoridades allemãs ao advogado que a devia defender. O seu julgamento no tribunal marcial foi feito n'uma lingua que ella não entendia—o allemão. As perguntas que lhe faziam no interrogatorio eram em allemão e traduzidas em francez.

Era, por isso, absolutamente impossivel assentar n'um plano de defeza com o advogado, a quem viu pela primeira vez quando o julgamento começou, não tendo o advogado tido opportunidade de estudar os documentos. Depois de dada a sentença, foi conservada secreta o mais tempo possivel e os seus accusadores tinham evidentemente tanto receio de que pudesse vir o perdão, que ordenaram o seu fuzilamento para d'ahi a nove horas.

Se o julgamento se tivesse dado n'uma occasião de tumultos ou mesmo no campo de batalha, essa rapidez poderia ter encontrado desculpa. Mas não havia tumultos e o jul-

ASSISTENCIA PUBLICA

UMA GRAVE CRISE NO PORTO

Urge que o governo intervenha com medidas efficazes

Porto, 21

A situação difficil e embaraçosa em que, de ha muito, se encontra a Santa Casa da Mizericordia, aggravou-se ultimamente, não só por causa da carestia dos generos alimenticios e artigos de consumo, mas principalmente pelo excessivo preço a que teem chegado os productos medicamentosos.

—E' indispensavel que o governo remedeie esta crise—continuou o medico com quem nos avistáramos ha dias.—A Santa Casa não pode continuar com a sua benemerita acção, se lhe não valerem, se a não soccorrerem. Só o hospital de Santo Antonio apresenta já um «déficit» de 18 contos nos ultimos seis mezes!

«Se lhe não valerem, a Santa Casa terá de tomar medidas restrictivas na sua acção de assistencia, e isso representa uma verdadeira calamidade para os pobres, para os doentes, para os desgraçados. O seu actual provedor já o disse, na festa do anniversario de D. Lopo de Almeida, em 29 de janeiro findo. E a primeira d'essas medidas será a suppressão de medicamentos a doentes externos.

«Será com profunda magua,—disse o sr. provedor—que a meza tomará tal deliberação que vae affectar extraordinariamente a já mais que precaria situação do proletariado.

—Effectivamente, são muitas centenas, muitos milhares de desgraçados que não tendo recursos para o sustento, menos ainda para remedios, e que...

—E, assim, não podendo tratar-se, não podendo curar-se teem de morrer verminados de chagas, ou desfallecidos e adormecidos ao abandono, na lama das ruas e das valetas...

«Para se vêr quanto de dolorosa vae ser a suppressão de medicamentos a doentes externos, ou do Banco, basta saber-se que a média d'esses doentes regula, entre adultos e creanças, por 190.000!

«Ora, foi por isto, para obstar a esta medida extrema, que a commissão de assistencia publica do Porto resolveu adeantar á Santa Casa da Mizericordia, durante dois mezes, a quantia de 3.500 escudos cada mez, destinados a cobrir os «déficits» orçamentaes do hospital de Santo Antonio, «...esperando que o governo virá em auxilio da mesma instituição, como é de absoluta necessidade e inteira justiça».

Depois, tristemente:

—Se a commissão do Porto fica, porém, apenas em 660 escudos, por a commissão central assim o deliberar, como ha de ella valer á Santa Casa e sustentar tambem a sua assistencia particular?

«E' impossivel.

«De forma que temos esta pavorosa situação: a commissão do Porto não podendo adeantar dinheiro á Santa Casa e esta ter de tomar as medidas violentas da recusa de medicamentos, e talvez de pôr na rua muitos azylados. A propria commissão do Porto obrigada tambem a reduzir a sua assistencia, vindo os seus pobres, os seus protegidos, as familias que subsidia e a quem paga aluguer de casa, toda essa multidão andrajosa, faminta e miseravel augmentar e avolumar a procissão de mizeraveis que a Santa Casa poz tambem na rua. Não pode ser.

«O governo tem de valer a esta tenebrosa e ululante miseria.

—De que maneira?

—Muito facilmente. Primeiramente, annullando a resolução da commissão central de assistencia que poz a cargo da commissão do Porto os encargos do emprestimo para o hospital da Cidade, quando esses encargos são taxativamente d'ella, segundo a lei n.º 267, de 29 de julho de 1914. O mais que a commissão central pode exigir da do Porto é que esta concorra para os encargos d'esse emprestimo com a quota parte relativa á quota que lhe toca na distribuição, e não com o total.

«Em segundo logar, o governo subsidiaria a Santa Casa com as verbas necessarias para que esta benemerita instituição não fosse obrigada a reduzir a assistencia no Porto, tão minguada e precaria ella é, infelizmente.

—Mas se o governo não tem verba orçamental?

—Devia tel-a e sufficiente, porque a Santa Casa de longos annos vem expondo aos governos a sua situação difficil. Já no «Relatorio» da meza da Santa Casa, referente ao exercicio de 1 de julho de 1910 a 31 de dezembro de 1911, vem a reclamação, entre outras, feita ao governo contra «o grau de injustiça com que o districto do Porto vem sendo considerado pelos poderes dirigentes», pois, projectando-se «gastar 1.714 contos em assistencia e novos hospitaes, de tão importante quantia «apenas» 5 contos eram destinados ao Porto».

Concluindo, accentuou o illustre medico:

—Correndo, pois, o governo em auxilio da Santa Casa, e não se tirando á commissão de assistencia do Porto o que d'ella é, a *assistencia publica não correrá* os graves perigos que a ameaçam. Ella é deficiente, principalmente quanto a hospitalisação, como todos sabem; mas peor e muito mais precaria ficará, se medidas efficazes não forem tomadas immediatamente.

«A Santa Casa não interromperá a sua acção, e a commissão do districto poderá continuar a subsidiar as Cantinas Escolares, para as quaes deu ha pouco 3 contos; a subsidiar as juntas de parochia para esmolas pelos seus pobres; a sustentar a despeza de 60 camas a velhinhas no Azylo de Mendicidade; a subsidiar pobres e indigentes e dar-lhes transporte para as suas terras quando elles por ahi se encontram cahidos, abandonados, cheios de fome, pelas ruas e pelos portaes, etc, etc.

«Se assim não fôr, se o governo não acudir á Santa Casa e não annullar a deliberação da commissão central, vae ser enorme, tragica, inenarravel, a miseria, a doença, o abandono que os pobres do Porto terão de soffrer».

Christina Rodrigues Costa, Fernando Rodrigues Costa, Antonio da Costa Rodrigues, esposa e filhos, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento do seu estremoso marido, pae, cunhado e tio, o dr. Antonio Eduardo da Costa, cujo funeral terá logar ámanhã, 23, pelas 11 1/2 horas, sahindo o prestito da sua residencia na Avenida da Liberdade, 134, para o cemiterio oriental.

O que o principe Nicolau da Grecia diz da attitude da Grecia

Paris, 19 de janeiro

O «Temps» insere hoje uma extensa carta do principe Nicolau da Grecia que se propoz «dissipar», mediante uma explicação clara e sincera, toda a má interpretação em França a respeito da politica da Grecia».

«A Grecia—diz—adoptou a neutralidade; mas não é certo que por preço algum *quizesse cooperar com a Entente*. Não teve pretenções exaggeradas O ministro Gunaris pediu unicamente que fosse respeitada a integridade do territorio grego por essas potencias, a cujo lado estava disposta a collocar-se; mas o seu pedido não foi acceito. Em consequencia d'isso, permaneceu neutral, não obstante as sollicitações de ambos os grupos de belligerantes.

«Não é certo que hajam existido duas correntes a favor da Entente uma, e da Allemanha, outra; eram duas correntes de opinião, é certo; mas uma pronunciava-se pela neutralidade e a outra em favor da Austria-Hungria.

«Mais: na realidade, a nossa neutralidade foi sempre muito benevola para a Entente. Prova-o o facto d'esta obter vantagens preciosas».

O principe sustenta, depois, que pelo tratado com a Servia, exclusivamente balkanico, não ficava obrigada a Grecia a combater contra os imperios.

Diz em seguida que não quer falar das humilhações que a Entente impoz á Grecia e protesta energicamente contra as duvidas que a respeito da boa fé grega expuzeram reiteradamente os periodicos francezes e inglezes.

«Essas supposições— accrescenta—são injustas, ferem profundamente a Grecia e poderiam influir sobre a sincera amizade que o publico helenico e o seu rei quizeram guardar sempre ás nações da Entente e ás quaes a Grecia inteira deseja um prospero futuro».

O «Temps», ao publicar esta carta, faz certas reservas sobre alguns pontos da argumentação; mas celebra a franqueza e a clareza do principe, o qual—accrescenta—seduz pelo tom sincero e cordeal das suas amistosas explicações que hão de contribuir para consolidar a confiança reciproca entre ambos os paizes».

PEQUENAS NOTICIAS

Na Escola Racionalista «A Florescente» realisa hoje á noite o sr. dr. Carneiro de Moura uma conferencia sobre o thema «A educação popular e as leis economicas.»

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Tuna Commercial de Lisboa—Continuam hoje os ensaios d'apuro do novo reportorio, que será executado no dia 29 do corrente, no de sarau-concerto que se realisa no theatro do Gymnasio, sob a habil regencia, do maestro sr. Ernesto Cyriaco.

A direcção previne os consocios de que as aulas de dança foram transferidas para sexta feira.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

BANCOS E COMPANHIAS

Companhia de Seguros Probidade.—Para discussão do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral depois d'ámanhã, ás 20 e meia horas, na séde da companhia. rua do Commercio, 99, 1.º.

Aos lucros liquidos, na importancia de 14.218$47, propõe a direcção a seguinte applicação: para dividendo, na razão de 15 0/0, livre do imposto de rendimento, 9.000$00; para fundo de reserva, 5.000$00; para conta nova, 218$47.

Festas associativas

Liga Republicana das Mulheres Portuguezas—Realisa-se no dia 27, pelas 20 horas e meia, no Atheneu Commercial, a sessão commemorativa do 8.º anniversario, estando convidados diversos oradores.

Movimento maritimo

Pará, Map. e Iq., «Huayna» (de Liv.)..	22
Africa Occidental, «Peninsular».........	22
Amsterdam, etc. «Tubantia» do Br.)....	23
Br., R. Pr. e Pac., «Mexico» (Liv.).......	23
Liverp. e escalas, «Oronsa» (do Brazil)	23

gamento, em vez de se realisar n'um acampamento militar, effectuou-se n'uma cidade onde os allemães tinham, havia já mezes, estabelecido e mantinham a administração civil.

O julgamento durou dois dias. São bem conhecidas, para que precisemos n'este momento recordal-as, as «démarches» feitas pelos embaixadores norte-americano e hespanhol para salvar a infeliz victima do odio allemão. E as peripecias occorridas demonstraram claramente que da parte das auctoridades allemãs havia a resolução assente de não attender a pedidos. Queriam dar um exemplo, como mais tarde foi declarado a um redactor do «New York World», Karl Kitchin, que de proposito foi a Bruxellas informar-se do que se havia passado com o julgamento de miss Cavell.

O barão von Bissing exprimiu abertamente o seu assombro por um jornalista americano ir ali propositadamente tratar semelhante caso. «Não posso comprehender—disse elle—por que motivo o mundo se interessou por semelhante caso, quando milhares de innocentes teem morrido durante a guerra, por que motivo ha tantas manifestações por causa da morte d'uma mulher culpada».

Poucos pormenores são conhecidos da execução. Disse-se que miss Cavell cahiu desmaiada ao dirigir-se para o local da execução e que foi morta pelo official que commandava a escolta, quando jazia por terra sem conhecimento, mas parece certo que a execução foi levada a cabo com as habituaes formalidades militares.

O logar onde foi enterrada foi conservado secreto e a população de Bruxellas tentou baldadamente sabel-o, a fim de demonstrar o apreço em que tinha a grande coragem de miss Cavell. Não lhe foi dado o poder fazel-o.

A historia da execução espalhou-se por todo o mundo—excepto pela Allemanha. Alguns allemães em posições officiaes expressaram a maior surpreza por a morte d'uma mulher ter causado tanta emoção.

O barão von der Lancken, o governador civil da Belgica, declarou que a execução era um caso puramente militar, em que não podia intervir. O barão von Bissing, declarou, não podia ter perdoado a miss Cavell depois de ter sido condemnada por um tribunal marcial. O unico que o podia fazer era o kaiser, o qual só soube do que se passára depois da execução. O responsavel pela execução era o major-general von Haesler, commandante militar do districto.

Como se vê, embora não achassem motivo de estranheza em miss Cavell ser executada, os allemães atiravam as responsabilidades uns para cima de outros. Sempre os mesmos!

CAPITULO VI

A importancia dos caminhos de ferro na guerra

No começo da Grande Guerra não era difficil prevêr que os caminhos de ferro, que em tempo de paz eram um instrumento inapreciavel de desenvolvimento commercial e de turismo, iam ser não só uma parte indispensavel da machina de guerra, mas talvez a arma mais poderosa das nações. A guerra europeia é, mais do que outra qualquer das que a precederam, uma guerra de caminhos de ferro.

Haviam-se já dado muitos e interessantes exemplos do util emprego dos caminhos de ferro pelos exercitos em campanha e fôra objecto da attenção, durante uma ou mais gerações, dos estados maiores militares das grandes nações da Europa continental. Os primeiros exem*plos do emprego dos caminhos de* ferro em grande escala para fins militares foram dados pelas guerras de 1859 e 1866 na Europa e pela Separatista na America.

D'essas lições a Allemanha tirou garnde partido na guerra de 1870 e os seus exercitos muito deveram á rapidez de communicações. Na França as lições das primeiras guerras não haviam sido tomadas na devida conta e a rapidez da mobilisação das forças allemãs, devida ao emprego efficiente dos caminhos de ferro, achou as auctoridades militares francezas preparadas insufficientemente.

A queda de Toul e de Metz proporcionou aos allemães ininterruptas communicações ferro-viarias entre a Allemanha e Paris até Nanteuil, a oitenta e quatro kilometros de distancia da capital. A ponte sobre o Marne havia sido destruida pelos francezes ao retirarem, e essa interrupção na linha deteve o avanço allemão, mas quando Soissons capitulou em outubro de 1870 os exercitos allemães occuparam a linha desde o valle do Marne até Reims, Soissons e Crespy. O caminho de ferro de Orleans e a linha occidental para Rouen e para o Havre foi tambem tomada embora no caminho de ferro de Orleans o exercito francez ao retirar conseguisse destruir a ponte sobre o Loire.

Comparativamente, porém, com o que se tem dado na Grande Guerra, o emprego dos caminhos de ferro na guerra de 1870 parece ter sido um facto quasi trivial, pelo menos no territorio occupado. Devido á hostilidade geral da população civil e á tactica dos bandos de «franco-atiradores», os comboios allemães com mantimentos, tropas ou hospitaes só podiam viajar pelas li-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1993—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 23 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A gréve academica

A Federação Academica de Lisboa publicou um manifesto expondo as causas da gréve em que se encontram os estudantes das escolas superiores e o ponto inicial da questão, que partiu da Escola Medica. Esse manifesto finda com affirmações que nos apraz destacar, como deve ser frisada a attitude ordeira dos estudantes na gréve geral que se encontra proclamada. A Federação assegura que o seu movimento não obedece a fins politicos, declara que os estudantes desejam provar que se esforçam por «significar ao povo da nossa terra que a mocidade escolar é capaz de assumir as tremendas responsabilidades com que defrontará amanhã ao occupar as funcções sociaes para que se prepára» tendo já previamente affirmado que se não presIará a servir de explorações do seu movimento, reagindo contra os propositos dos que procuram leval-os a servir as suas ambições.

Não podia haver melhor resposta para os que pretendam equiparar este movimento ao de 1907, produzido em circumstancias absolutamente diversas e que incidentes absolutamente incomparaveis assignalavam ao seu decurso. Semelhante pretensão, que manifestamente obedece a uma exloração politica, é tão absurda que só a póde explicar o desejo allucinado de crear perturbações de qualquer especie que difficultem a marcha normal das instituições.

Com effeito, quem se não recorda do que foi o movimento de 1907, que João Franco procurou jugular ou deturpar por meio da violencia ou da coacção? Indignada pela preterição do sr. Eugenio Ferreira, a Academia de Coimbra repeliu o gesto de Vieira de Castro quando, em plena sala dos Capellos, ao vêr a maneira como se procedia com Barjona de Freitas, declarou que ficaria deshonrada a Academia se não protestasse contra esse procedimento. D'ahi veio a gréve que se tornou geral, e ninguem ignora como João Franco quiz debelal-a. As violencias succederam-se. Houve conflictos graves entre a policia e os estudantes. Chegou a correr sangue. E por fim o governo lançou mão de todos os recursos para levar as familias dos estudantes a coagil-os a voltar ás aulas.

Porventura se dá agora o mesmo? A gréve filia-se n'outras causas, internamente diversas. O movimento é ordeiro. Os estudantes dão provas d'uma tranquillidade absoluta, e o governo não só não exerce violencias para com elles como a nenhuma coacção recorre. Pois apesar d'isso, o orgão d'um partido, a «Lucta» obstina-se em pretender que a situação é identica. Para esse jornal estamos em 1907, em pleno dominio da monarchia, e sob o consulado despotico de João Franco!

Dir-se-hia que nada se passou, n'este periodo de oito ou nove annos. Dir-se-hia que se não implantou a Republica, e que ella remodelou largamente as condições do ensino. E todavia quantas transformações! Crearam-se novas universidades, na propria Universidade de Coimbra o fôro academico foi abolido, o ensino ministrou-se de maneira diversa. Mas a nada de isso se attende, como de resto nem se attende á actualidade dos factos, que não são commentados pelos seus reaes aspectos. Não! Em grandes parangonas a «Lucta», orgão do partido unionista, não faz mais do que reproduzir passagens dos artigos do sr. Brito Camacho, referentes ao caracter e ao aspecto da gréve de 1907, sem pensar que cahe positivamente no ridiculo quando faz transcripções como esta, que hontem encimava o alto da sua primeira pagina: «A estas horas, por esse paiz além, ha milhares de olhos cheios de lagrimas, ha milhares de vozes soluçantes,—lagrimas de dôr, soluços de desespero, porque a demencia feroz do governo abre na vida de milhares de rapazes um parenthesis de ferro, dentro do qual se escreve esta palavra funebre,—nada!»

A esta tirada de rhetorica empolada não póde corresponder senão um sorriso, sorriso de piedade ante os esforços dementados d'uma paixão politica que tanto cega o entendimento que já o não deixa vêr os abysmos da falsidade e do ridiculo. Os primeiros a desenharem um sorriso nos labios serão necessariamente os estudantes que tranquillamente, serenamente, esperam a solução do seu caso que tudo indica não virá longe e será feita em conformidade com a lei e com os principios da rectidão e da disciplina, que a todos obrigam.

O que se pretendia era evitar essa solução; era crear uma situação artificial que desvairasse os espiritos, sem se pensar que assim se daria vida real ao que não passa de uma phantastica miragem, dando origem então aos males que na gréve de 1907 se desenhavam e que n'esta gréve não é licito prever.

Ninguem pensa, estamos certos d'isto, em humilhar ou prejudicar os estudantes, como estes não pensam certamente nem necessitam pensar em tomar uma attitude revolucionaria. Se os estudantes pedem a execução d'uma lei do parlamento, o proprio chefe do governo foi o primeiro a declarar que as leis do parlamento se fizeram para ser cumpridas, e que essa lei o será tambem. O campo está aberto para uma solução digna. Os governos não podem transigir com a violencia, mas é tambem seu dever acceitar as reclamações justas, e nenhuma mais justa do que o cumprimento das leis. Por mais que o partido unionista vá transcrevendo trechos dos artigos do seu chefe, relativos a uma gréve passada, que em nada se assemelha á actual, não conseguirá que ninguem se capacite de que 1907 é 1916, e que os processos da Republica são os mesmos que os processos da monarchia.

A questão das carnes

Os talhos municipaes vão fechar?

A camara municipal solicitou immediatas providencias do governo no sentido de ser regulado por uma fórma rasoavel o abastecimento de carne á cidade de Lisboa. Pondera a camara que apesar de ter mantido os preços da venda da carne, fixados pela commissão de subsistencias, não póde sustentar esta situação verdadeiramente ruinosa e, a continuar assim, os talhos do municipio terão de fechar. Alvitra ser indispensavel facilitar o transporte de gado dos Açores até á epoca de maior abundancia, visto havel-o ali, o que fará naturalmente baixar os preços exigidos pela lavoura.

Para o consumo dos talhos municipaes foram hoje abatidas no Matadouro 7 rezes com 2105 kilos, 1 vitella com 130 e 15 carneiros com 177 kilos.

No Mercado Geral de Gados, encontram-se 56 rezes dos Açores, mas que os marchantes resolveram não abater em vista de não chegar para o fornecimento de todos os talhos particulares, aguardando nova remessa de gado da mesma procedencia para assim poderem fornecer esses talhos.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

Na recita de hoje, com «Madame Butterfly», faz a parte de protagonista a sr.ª Garcia Blanco, soprano lirico que foi contractada apenas para esta noite.

A'manhã, recita verdadeiramente sensacional com a amadora sr.ª D. Maria de Sousa Couto, que accedendo ás instancias da sua distincta professora, madame Mentelli, cantará na «Cavaleria Rusticana» a parte de «Santuzza» em que deve obter grande exito. O programma não póde ser melhor, pois a recita terminará com os 2.º e 3.º actos da celebre opera dramatica «Fedora», tendo-se encarregado da parte da protagonista a sr.ª Cyria de Martini, que na «Traviata» se revelou uma artista distincta.

D. Maria de Sousa Couto

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

CABALAS IMAGINARIAS

A crise do theatro

A queda de duas peças — A critica e o publico — A decadencia da litteratura dramatica e a falta de artistas

Com uma certa dose de acrimonia e tambem de ingenuidade, pretendeu-se attribuir a causas alheias aos puros interesses da arte a pouca fortuna de dois originaes portuguezes recentemente estreados: *Os redemptores da Illyria* e a *Noite de Santo Antonio*. Professam os auctores d'esses trabalhos, em materia politica, ideaes oppostos e d'ahi o propalar-se que as suas obras naufragaram não por deficiencia de meritos, mas em virtude das cabalas dos respectivos adversarios. E' tudo quanto ha de menos exacto! Quem assistiu á primeira representação de ambas as peças teve ensejo de verificar que, se nenhuma d'ellas triumphou, não cabem as culpas aos espectadores cujas disposições antes de subir o panno e no decorrer da representação nunca foram tão benevolas e cuja tolerancia apenas é comparavel em grandeza a semelhante benevolencia.

Com effeito, a circumstancia do sr. Ramada Curto ser entre a juventude republicana uma figura de relevo pelo vigor e pelo brilho do seu talento, que ninguem contesta, jámais lograria explicar o infortunio momentaneo do escriptor theatral, se este houvesse produzido uma obra de cunho. A plateia que applaudiu *Os redemptores da Illyria* na sua estreia era constituida, em grande parte, por amigos pessoaes e politicos do auctor. Se adversarios do sr. Ramada Curto concorreram n'essa noite ao theatro, não se distinguiram por manifestações contrarias. A espontaneidade do pequeno rumor de pateada que cortou o quarto acto, e que foi a unica nota discordante, não póde ser posta em duvida. Provocou-a propriamente a obra do dramaturgo? Não, mas um pormenor dispensavel que confrangeu o publico e com que —diz-se—o *metteur en scène* imaginou tornar ainda mais pungente o tragico realismo do hospital de sangue. A peça do sr. Ramada Curto não fez caminho por outras razões e tão fortes que se impuzeram áquelles mesmos para quem seria natural motivo de jubilo o aproveitamento da scena como tribuna de onde se prégassem as suas ideias e ás suas aspirações patrioticas...

E' de egual modo ridiculo affirmar que a *Noite de Santo Antonio* cahiu no palco do Republica porque o sr. Vasco de Mendonça Alves se conserva monarchico e pertenceu aos corpos gerentes d'um centro politico de breve duração, mantendo relações e sympathias nos meios fieis ao throno abandonado em 5 de outubro. Os espectadores da noite da estreia, na sua maioria predispostos a erguer ás nuvens o escriptor, applaudiram-no calorosamente até o final do segundo acto e contiveram-se nos dois restantes quando reconheceram irremediavel o desastre. Cremos que não poucos republicanos assistiram tambem a essa primeira representação: se a peça lhes desagradou, como aos monarchicos, não exteriorisaram por qualquer fórma ruidosa o seu desagrado. A *Noite de Santo Antonio* estava bem longe de possuir condições de vida scenica, por isso foi ephemera a sua travessia pelo palco. As crenças politicas do auctor em nada influiram no caso...

Dir-se-ha que a imprensa se pronunciou ácerca das duas peças, consoante defende ou ataca as bandeiras a cuja sombra se abrigam os dramaturgos como cidadãos, levando assim para o campo da arte os rancores que muitas vezes assignalam e conspurcam as inimisades politicas. Tal asserto está tambem longe de corresponder á realidade. Não só na imprensa adversa ao regimen, mas ainda na que o defende, a peça do sr. Ramada Curto foi imparcialmente apreciada e, se o sr. Vasco de Mendonça Alves tivesse enriquecido o theatro com uma obra de valor, o que não aconteceu segundo o proprio testemunho de jornaes monarchicos, as folhas republicanas reconhecel-o-hiam, —desde que não quizessem offender gravemente a justiça e o publico, que não ha o direito de ludibriar, occultando e deturpando a verdade.

* * *

E o publico é um grande juiz, ainda quando os seus juizos se não conformam em absoluto com os da critica e até divergem d'elles. O publico, sendo fallivel como a critica, antecipa-se-lhe amiude no lavrar e proferir a sentença e a empreza de o illudir e transviar não surte com frequencia os resultados que a paixão ou a má fé—quando os criticos porventura adoeçam d'esses males—poderiam appetecer. O publico, antes da critica, condemnou as duas peças representadas ultimamente no Republica e no Nacional—e era o publico mais inclinado, mais predisposto a rasgar-lhes uma esteira gloriosa...

E não se dirá que este publico é demasiado exigente e soffre de falta de longanimidade e de tolerancia. A sua mansidão, a sua paciencia são exemplares e inexgotaveis. Supporta que em theatros de primeira ordem se não estude, se descure a montagem das peças, se não procure valorisar os elencos, renovando-os com artistas moços ou estimulando estes pelo aproveitamento de qualidades que talvez não floresçam nem fructifiquem porque um errado e quasi criminoso criterio os mantem na penumbra—para que astros só fulgurem os grandes astros...

A crise que o nosso theatro atravessa não é apenas a da litteratura dramatica. Existe ainda a dos actores, a despeito dos esforços da Escola da Arte de Representar, e não vêmos que se tente remedial-a, como convinha, nas duas primeiras das nossas scenas de declamação. Se ha artistas novos, porque não lhes guiam os passos os consagrados, permittindo até que se evidenciem no mesmo repertorio em que alcançaos seus louros? O que no theatro Nacional occorreu com Maria Mattos, recemsahida do Conservatorio, e o que ainda agora se está passando com outros artistas que abandonam os palcos, onde desejariamos continuar a vel-os, constituem mais do que symptomas de uma profunda decadencia: tudo isso daria para contos largos—tristes contos!—em que um personalismo egoista supplanta ferozmente os interesses da arte, patrioticos e sagrados como os que mais o são...

Avelino de Almeida

Um pedaço de Portugal encravado em Hespanha

Hermano Neves em Olivença

O que o nosso querido camarada acaba de ver e ouvir n'esse pedaço de Portugal encravado em Hespanha, que se chama Olivença, começará amanhã a publical-o *A Capital*, em chronicas interessantissimas pelas revelações que encerram e pela fórma elegante e suggestiva que caracterisa todos os primorosos escriptos de Hermano Neves.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Noticias parlamentares

Pretendeu hoje o sr. Ramos da Costa—que é um velho procurador de causas perdidas—saber, na Camara, em que pára a velha questão do monumento ao Marquez de Pombal. Ainda se pensa em eternisar no marmore e no bronze a memoria do estadista que soube impôr Portugal ao respeito de todo o mundo? Desistiu-se, por completo, d'isso? Estas duas perguntas foram ter directamente com o sr. ministro do interior. Quer dizer, não podiam ir dar em peor alvo... E assim o sr. ministro do interior, erguendo-se a custo, dá varias respostas e acaba por declarar que teem sido, principalmente, influencias contrarias á glorificação do marquez, que teem impedido a construcção do monumento. Nunca disse o sr. Almeida Ribeiro maior verdade. Effectivamente, a chicana do concurso foi promovida e alimentada pelos «jesuitas». Toda a gente sabe isso!

* * *

A luva está sendo peça indispensavel da indumentaria de certos deputados, que nem d'ella se despojam quando fallam. Julgam que esse adorno lhes dá distincção e crêem que, para dizerem coisas com bom senso, não ha como calçar, no momento proprio, um par de luvas. E' escola do sr. ministro do interior, para quem a luva é apendice forçado, para lhe dar maior peso ás mãos, nos momentos graves em que ellas sentem a necessidade de se moverem em lentos gestos. Já para o sr. Arthur Costa a luva não representa tão imperioso habito. Esse tem as lunetas circulares, de grossos aros de tartaruga e ouro que parecem herdadas do sr. Beirão. E se são as luvas os saccos onde o sr. Ribeiro armazena os productos da sua rethorica sombria, são as lunetas do sr. Costa que lhe dão aquella cathegoria intellectual que todos unanimemente lhe reconhecem. A coisa, ás vezes, está em qualquer coisa...

* * *

Phidias tornou-se legislador... effectivo. Até aqui, elle era apenas uma especie de machina que votava sempre a tempo e horas, conforme a consciencia partidaria que ha poucos annos o subjuga todo. Deixando o cinzel e o escopro repoisados sob o guarda-sol florido de uma grande amendoeira algarvia, o artista illuminado atirou-se aos codigos e ahi o temos a dar de si leis e mais leis, como podia dar outra coisa, guinchos de desespero e gritos dolorosos, por exemplo. Mas Phidias, para legislar, arranjou um pseudonimo e apendiculou-se com um Soisa, que lhe fica divinamente. Em S. Bento, ninguem o excede em zelo democratico. A lingua é hoje o seu buril magnifico e inspirado. Simplesmente, de cada vez que ella se lhe agita entre as maxilas fica toda a gente zaranza, sendo o proprio Phidias o primeiro a ver-se grego...

* * *

O sr. Alfredo de Magalhães, no seu discurso d'hontem, queixou-se amargamente de certas influencias que, no ministerio das colonias, o impediram, quando foi governador de Moçambique, de realisar obra vasta e proficua. Não se percebe bem como uma simples casca de laranja possa fazer naufragar um homem como o sr. Alfredo de Magalhães. Entretanto, do seu lamento, uma vantagem resultou—o reconhecimento de que essas influencias se fizeram realmente sentir. Confessou-o hoje o sr. Ernesto de Vilhena, que não deixou de as classificar de jesuiticas e que lamentou que a Republica, ao implantar-se, não lhes houvesse posto termo. Mas que bicho de sete cabeças é esse que, alapardando-se no Terreiro do Paço, impede que a milhares de leguas de distancia homens de intelligencia e de acção realisem maravilhas de organisação e de administração? Fica-se a matutar n'isto e não se encontra a chave do enigma. Que pena estar tão divulgado o habito das meias palavras!...

* * *

Ha, pelo menos, nos dominios portuguezes uma comarca onde se pode viver sem grandes receios da justiça. E' a da Graciosa. Ali, segundo o sr. Moraes Rosa, não ha juiz nem delegado e não ha funcção policial que não seja desempenhada por subtitutos. E os réus? São ao menos, esses, effectivos? Ou não passam de meros contractados, para fingirem que mataram este mundo e o outro e darem, assim, que fazer aos beleguins graciosissimos que pela Graciosa fazem de pregoeiros da justiça? E' bom que se averigue tambem isto. Quanto a acabar-se com este estado de coisas, não estamos de accordo. Se na Graciosa não ha magistrados «de verdad», é porque não ha crimes. Mandem-nos para lá e verão como tudo aquillo muda e como a graciosissima comarca se transforma n'uma Gomorra inhabitavel. Depois, o sr. Moraes Rosa que tenha mão em tudo isso, se fôr capaz...

* * *

Já se exalta a tradição, em S. Bento! Fez-se, afinal, o milagre e oxalá que elle seja perduravel. Andou-se durante uns poucos d'annos a destruir, a deitar abaixo, com furia insana, tudo o que nos vinha do passado e que não trazia na ilharga o ferro da demagogia. Procurou-se destruir a base mais solida da nacionalidade, parc a fazer assentar em dunas movediças, que os vendavaes politicos deslocavam a seu prazer. Parece que se reconheceu o erro praticado e que se está disposto a enveredar por mais patriotico caminho. Ainda bem, porque se alguma coisa é preciso n'este momento é impedir que nos estrangeiremos e que os portuguezes d'hoje sejam, cada vez mais, caricaturas dos outros portuguezes que, fizeram tudo aquillo que todos nós temos obrigação de amar. A epoca do bota-abaixo deve ter terminado, a não ser que o sr. Virgolino, inimigo feroz da Immaculada, o não entenda assim.

* * *

O sr. Helder Ribeiro, relator do orçamento do ministerio da instrucção, declinou esse encargo. Por esse motivo, vae ser aggregado á commissão do orçamento o sr. dr. Augusto Nobre, a quem será commettido o encargo de relator aquelle diploma. Ao que consta, o sr. presidente do ministerio pediu aos relatores dos varios orçamentos que adeantem o mais possivel os seus trabalhos, a fim da respectiva votação se fazer sem grandes demoras.

Dr. Theophilo Braga

O seu anniversario natalicio

Passa amanhã o anniversario natalicio do eminente escriptor, sr. dr. Theophilo Braga.

O centro escolar dr. Magalhães Lima que, ha trez annos, promoveu a sessão de homenagem no Colyseu, em honra do venerando democrata, organisando, em seguida, um cortejo, em que tomaram parte mais de 30 mil pessoas, que foram saudar o grande educador, á sua modesta residencia da travessa de Santa Gertrudes, á Estrella, pensou este anno realisar uma nova manifestação ao dr. Theophilo Braga, com o caracter mais largo, impondo-lhe mesmo a feição de testemunho de reconhecimento nacional pela sua tarefa de educador.

O Centro dr. Magalhães Lima tencionava aproveitar esta data para essa demonstração, mas tendo escasseado o tempo para os devidos preparativos conta leval-a a effeito, por occasião do anniversario da primeira publicação assignada pelo eminente escriptor.

Amanhã, o sr. dr. Magalhães Lima, acompanhado pela direcção do centro de que é patrono irá cumprimentar o venerando democrata, lendo uma mensagem, em nome d'aquella collectividade.

Outras aggremiações scientificas, litterarias e politicas, enviarão tambem delegados a cumprimentar o sr. dr. Theophilo Braga.

Pelo telegrapho

O czar visita a Duma—Os discursos trocados

PETROGRADO, 23.—Antes da abertura da Duma do Imperio o imperador dirigiu ao seus membros as seguintes palavras:—Tive o prazer de agradecer a Deus juntamente comvosco a victoria que se dignou conceder á nossa querida Russia, ao nosso valente exercito do Caucaso. Considero-me feliz por me encontrar entre vós, no meio do meu leal povo de que sois representantes. Invoco a benção de Deus sobre os vossos trabalhos e creio firmemente que todos vós dareis ao vosso trabalho pelo qual sois responsaveis perante a Patria e perante mim, toda a vossa experiencia e saber, todo o vosso amor. A Patria vos ajudará e vos servirá de estrella conductora no cumprimento do vosso dever para com a Patria e para commigo. De todo o meu coração faço votos por que os trabalhos da Duma do Imperio sejam fecundos e tendam para o successo completo.»

Respondendo ao imperador o presidente da Duma, sr. Rodzianko, disse: «Profunda e alegremente sensibilisados escutámos as palavras do nosso monarcha e cheios de prazer nos encontramos por vêr o nosso tzar entre nós n'esta epocha de amarguras: Vós tendes consolidado hoje a união com o vosso leal povo, que nos mostra o caminho da victoria.» O presidente do conselho fez appello ao amor da Patria convidando a Duma a seguir o exemplo dos filhos e irmãos que provocam a admiração do mundo com a sua coragem de heroes. O sr. Polivanoff, ministro da guerra, por entre unanimes applausos, passou em revista os acontecimentos e disse que as tropas russas mostraram a oeste o seu poder regenerado, preparando-se para o cumprimento de mais pesadas tarefas. A chegada continua de munições augmentará cada vez mais. A Allemanha, apesar dos seus recursos apresenta symptomas favoraveis para nós: as suas forças humanas diminuem ao passo que possuimos sempre contingentes inexgotaveis. O sr. Sasonoff no seu discurso disse que o Japão continua a collaborar na obra commum dos alliados; as relações da Russia com o Japão foram avivadas pela tempestade. Falando da America o sr. Sasonoff disse que os manejos inhabeis dos allemães provocaram a irritação e o resfriamento das sympathias americanas pelos allemães; as relações que existem entre a Russia e a America permittem esperar uma approximação economica. O sr. Sasonoff terminou dizendo que lhe cumpria o dever de communicar o amigavel concurso prestado pelos governos dos soberanos de Hespanha e da Hollanda.—(Havas).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Na Camara dos Deputados

Continua a discutir-se o projecto que altera as cartas organicas das provincias ultramarinas

Preside o sr. Godinho que, depois de reunir 69 deputados, declara aberta a sessão. Do governo está o sr. ministro do interior. A acta é approvada. O sr. Moraes Rosa protesta uma vez mais contra o facto de, na comarca da Graciosa, a justiça continuar entregue a curiosos e diz que, se o sr. ministro da justiça não tomar as devidas providencias, trará ao Parlamento factos que teem muito de doloroso e bem pouco de edificante. O sr. Monjardino pede que seja posto em execução, quanto antes, um decreto das alfandegas promulgado em 1911 por elle trazer notaveis vantagens ao commercio e á navegação. Manda para a meza um projecto de lei sobre pharoes nos Açores. O sr. Ramos da Costa chama a attenção do governo para o facto de continuar sem solução o caso do monumento ao marquez de Pombal, o que não depõe muito em favor do poder central.

O sr. Almeida Ribeiro responde que só os graves acontecimentos da politica interna e externa que se teem dado podem ter impedido que o monumento a Pombal haja sido adjudicado em devido tempo. O sr. Marques da Costa manda para a meza um projecto de lei auctorisando a Camara de Ilhavo a vender baldios. Na ordem do dia, o sr. Ernesto de Vilhena reata o debate sobre o projecto que altera certas disposições das cartas organicas das provincias ultramarinas. Responde ao sr. Alfredo de Magalhães e felicita-se por ver um homem da envergadura do do antigo governador de Moçambique, dedicar ao problema colonial portuguez tão intelligentes e assiduos cuidados. Acompanha-o nos louvores ao sr. ministro das colonias e, discordando de certas observações de caracter technico, d'esse deputado, faz uma vez mais a apologia enthusiastica da raça portugueza, que na Africa tem realisado maravilhas, exaltando ao mesmo tempo a Inglaterra e a França, pelas suas faculdades colonisadoras, tão grandes que bastam, por si só, para immortalisar esses grandes paizes.

Critica a administração colonial portugueza, alude ao conselho colonial, onde, em seu parecer se trabalha com grande vontade de acertar. Cita varios tratadistas e refere-se a diferentes escolas de colonisação, e diz que para serem proficuos todos os esforços que se empreguem em favor das provincias ultramarinas, urge que elles sejam bem coordenados e harmonicos com as necessidades das colonias a que elles se dirijam. Define o que seja descentralisação, fala do povo dos dominios portuguezes da Africa, e pergunta por quem elle é constituido: se pelos indigenas, se pelos brancos que por lá vivem e o que o sr. Domingos Frias, pelo que respeita a Moçambique não duvidou chamar aventureiros intelligentes. E para terminar o seu brilhante discurso, o sr. Ernesto de Vilhena manifestou-se abertamente contra a ampliação dos poderes aos governadores coloniaes, por julgar prejudicialissima e contraria aos interesses nacionaes.

O sr. Cruz e Sousa volta a combater a creação dos auditores coloniaes. O sr. José Barbosa tambem aprecia as affirmações do sr. Ernesto de Vilhena, com as quaes, em parte, concorda.

Cartas na meza

R. C. V. N. P.

Porto, 22

Se o não visse n'este momento tão entroviscado, enublado e chuvoso, tomaria mais uma vez o ceu por testemunha de que não entra nos meus propositos defender nem o sr. conde de Samodães, nem o sr. Manuel Pestana, nem mesmo os vinhos da Vinicola que s. ex.as tanto no temporal como no espiritual dirigem. Sufficientemente préso os immortaes principios para cooperar com a suggestão da minha palavra na prosperidade reaccionaria do thalassal «quod ore».

Vi porém debater-se de novo a velha questão, ainda não esclarecida, de saber se a Companhia Vinicola é realmente Real, e não resisto á tentação de a abordar. Que pensa o leitor? Póde ou não póde a formidavel corporação usar do seu titulo de Real Companhia? Francamente, e clericalmente, penso que sim.

Vejamos: é ou não é a companhia uma evidente e patente realidade? Se é, se do modo mais insophismavel affirma uma existencia real, porque negar-lhe ou estorvar-lhe que ella mesma o affirme nos seus rotulos? A companhia vive do seu commercio e não é legitimo prejudical-o. O que é o commercio? Pelas definições consagradas é um conjuncto de operações pelas quaes se realisa a permuta, compra e venda de mercadorias, valores, obra feita. A companhia vende o seu vinho feito, não sendo preciso accrescentar-lhe nada, nem mesmo agua. E' portanto um commercio. Ora o commercio vive tambem de mil meios de recommendação, e até muitas vezes se recommenda por qualidades que não possue. Em quantos casos não succede comprarmos como excellente para o cabello um elixir que nos deixa a cabeça calva como um joelho?

A Companhia Vinicola proclamando-se Real usa não só dos seus meios legitimos de recommendação como de uma recommendação que directissimamente corresponde á verdade. Qualquer commerciante rival póde affirmar, n'uma lucta de concorrencia, que os seus vinhos são ficticios; o que nunca poderá é capitular de ficticia a Companhia, porque ella é bem real, com R maiusculo ou minusculo r. Querem entretanto que a palavra Real seja um titulo. Tem-no ou não o tem legitimamente? Penso que sim, e n'esse caso não comprehendo porque ha de permittir-se que qualquer José Joaquim seja conde ou visconde, e a Companhia Vinicola não possa ser Real, como podia ser viscondessa, se lhe tem dado para comprar mais esse producto.

A companhia allega, e muito bem, que sendo conhecida no estrangeiro pelo titulo de Real Companhia, a alteração lhe prejudica o commercio. Porque não ha de ser assim? Os titulos são predicados de uso externo. Quando se é conde ou marquez póde-se ser José Joaquim ou Manuel José de trazer por casa. Vir cá para fóra com esses nomes possuindo titulos é o mesmo que exhibir-se em trajos menores. Ora se a Republica pretendia a todo o transe anniquilar todas as regalias concedidas pela monarchia, désse outras em troca. No Brazil deu-se a toda a gente o posto de coronel. Aqui, a não ser de revolucionario civil, não ha outro, e esse nem sequer corresponde ao de commendador.

Guedes de Oliveira

LISBOA MONUMENTAL

A torre de Belem

O Conselho de Turismo protesta contra o vandalismo que pesa sobre aquella joia de architectura

N'uma recente reunião do Conselho de Turismo, discutiu-se largamente o estado em que se encontra a formosa Torre de Belem, emporcalhada com a visinhança das officinas da Companhia do Gaz e Electricidade. Registado o protesto unanime do Conselho pelo vandalismo que pesa sobre o nosso mais bello padrão architectonico, foi encarregado o vogal d'essa corporação, sr. Henrique Lopes de Mendonça, de redigir uma representação, em nome collectivo, ao municipio de Lisboa, clamando, no mais legitimo interesse da arte offendida, a remoção d'aquelle esterquilinio.

O illustre escriptor, desempenhando-se da missão que lhe foi confiada redigiu a seguinte representação, que hoje foi enviada á commissão executiva do municipio.

O Conselho de Turismo considera uma das suas mais sagradas obrigações a defesa dos monumentos publicos.

Longe de invadir a esphera das attribuições, que ás commissões respectivas competem, este Conselho julga imprescindivel dever conjugar com ellas os seus esforços para que se mantenha integro o que nos paizes cultos constitue um dos mais consideraveis senão o principal attractivo para os forasteiros.

Desnecessario se torna, fôra até offensi-

vo, perante uma corporação illustrada, sem carecer o valor artistico e a significação historica da torre de Belem, justamente qualificada por um poeta notavel de

Padrão glorioso e bello
Da nossa idade mais bella.

Basta accentuar que esse admiravel exemplar architetonico figura, sem excepção, em todas as obras de geographia, propaganda turistica, guias, livros de viagens, estampas soltas, cartazes, prospectos, etc., como a joia porventura mais universalmente consagrada do nosso escrinio monumental, como insignia inseparavel que a heraldica extra-official accrescentou ao brazão da capital portugueza.

E' sabido de todos como o bello monumento manuelino se acha afrontado e conspurcado pela visinhança das officinas da Companhia Gaz e Electricidade. A remoção do gazometro, realisada ha annos, não bastou para que se eliminassem as causas de desalinho esthetico e de destruição substancial que sobre a velha torre impendiam. Sordidas edificações continuam a macular-lhe o aspecto.

Sob a acção de gazes deleterios, a cantaria, já enfarruscada, desagrega-se, ameaçando ruina. Em summa, as gerações actuaes estão criminosamente expoliando as gerações futuras do legado glorioso de que eram depositarios.

Não ignora o Conselho de Turismo que a remoção d'aquellas officinas é objecto litigioso entre a Camara Municipal de Lisboa e a Companhia que as explora.

Mas considera da maior urgencia a solução rapida d'esse litigio, ainda mais, a suppressão immediata, seja por que maneira fôr, d'essa constante ameaça aos interesses estheticos e á tradição historica representada pelo incomparavel monumento. Não podem as entidades de governo e de administração municipal consentir que acanhados interesses mercantis, em collaboração com a indifferença publica, substituam na sua obra destruidora os cataclismos da natureza, como o terramoto que no seculo XVIII arrazou tantos monumentos da velha Lisboa, ou as catastrophes formidaveis da guerra, como a que recentemente roubou ao thesouro artistico da humanidade a universidade de Louvain e a cathedral de Reims.

Contra as delongas na solução do assumpto reclama com todo o respeito, mas com vehemente firmeza, o Conselho de Turismo, chamando para elle a attenção da vereação de Lisboa, convicto de que ella anceia por se eximir ao opprobio, com que a acabrunhára a ruina do mais caracteristico monumento da capital.

Assigna a representação o presidente do conselho de turismo sr. dr. Magalhães Lima.

Automoveis da marca Delahayé

Os agentes exclusivos em Portugal d'esta acreditada marca são os srs. Barbosa, Motta & C.ª, Limitada, com *stand* no largo do Pelourinho, 23 e 24. Os automoveis Delahayé são por demais conhecidos e apreciados por todos os amadores de automobilismo e por isso escusado será fazer-lhe elogios. Limitamo-nos pois a chamar a attenção dos nossos leitores para o annuncio que a casa Barbosa, Motta & C.ª faz na respectiva secção. E os automobilistas não perderão o seu tempo indo fazer uma visita ao *stand* do largo do Pelourinho.

Homem afogado

Junto da ponte dos caminhos de ferro, em Santa Apolonia, encontra-se fundeada, afim de metter carvão, a fragata «L. n.º 364», de que é arraes João do Pinho e camarada Antonio Rodrigues da Graça. Ante-hontem, quando terminaram a faina, foram deitar-se. O Graça, porém, nunca mais foi visto, julgando os seus companheiros que talvez, ao precisar satisfazer qualquer necessidade, tivesse cahido á agua, afogando-se.

Tinha 28 annos, era casado em Ovar, onde reside sua familia, na rua Rodrigues de Freitas, 5, e quando estava em Lisboa morava com uma sua irmã na travessa do Pasteleiro.

Reclamações operarias

Uma greve em Odivellas—Os fragateiros

Poz-se em greve o pessoal das pedreiras do sr. Manuel Baptista, em Odivellas, por não ter sido attendido nas suas reclamações de augmento de salario e de trabalho. O mesmo pessoal impediu a sahida das carroças com pedra para as obras da camara. O sr. governador civil prometteu mandar para Odivellas uma força da guarda republicana.

O sr. Carlos Ribeiro da Silva proprietario de fragatas em Villa Franca de Xira, esteve hoje conferenciando com o sr. governador civil sob a melhor forma de uma conciliação entre os fragateiros que pedem augmento de salario. O chefe do districto prometteu ir estudar o assumpto.

Concertos Blanch

Maria Judice da Costa no Lohengrin

Em virtude do extraordinario successo que n'um dos anteriores domingos teve o celebre festival wagneriano no theatro Republica, pela Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, e tendo algumas centenas de pessoas retirado sem logar, no proximo domingo repete-se a parte principal d'esse programma e outras obras novas. N'este concerto toma parte pela ultima vez a distincta cantora Maria Judice da Costa, que, além da «Morte de Isolda», cantará o famoso «Sonho e a Preghiera de Elsa», do «Lohengrin», com a orchestra. Pela ultima vez n'esta temporada executam-se os extraordinarios sucessos da orchestra Blanch: o preludio do «Parsifal», a «Bacchanal», a «ouverture» do «Tannhauser», a «Marcha funebre de Siegfried» e a celebre «Cavalgada das Walkyrias». E', como se vê, um concerto excepcional, com um assombroso programma, e para o qual, á ultima hora, difficilmente se encontrará bilhete, como da outra vez aconteceu aos retardatarios.

Desfalque na Brazileira do Chiado

Junto do agente Sousa, da judiciaria, estiveram hoje prestando declarações a caixeira e o caixeiro da succursal da Brazileira, no Chiado, onde foi praticado um desfalque na importancia de 1.700 escudos. Sobre o caso a policia guarda a maior reserva.

Tribunaes

Boa-Hora

Em 8 annos de prisão maior cellular seguidos de 12 de degredo ou na alternativa de 25 de degredo em possessão de 1.ª classe, foi hoje condemnado no 1.º districto criminal Henrique Madeira, de 31 annos, natural de Ceia, por ter assassinado á facada seu irmão, Antonio Madeira, morador na rua Direita do Grillo, caso de que demos largo relato. A sentença foi bem recebida.

ULTIMAS NOTICIAS

O CASO DE HOJE

Os navios allemães surtos no Tejo arvoram a bandeira portugueza

O acto realisou-se sem o minimo incidente —O "Vasco da Gama,, salva com 21 tiros

O que dizem os srs. presidente do ministerio e ministro dos estrangeiros—Um barco allemão safa-se do Funchal

Foi pelo meio dia de hoje que o illustre commandante da divisão naval recebeu, por intermedio da majoria, e em virtude do decreto que n'outro logar publicamos, a ordem de tomar conta dos navios mercantes allemães surtos no Tejo. O sr. Leotte do Rego tratou immediatamente de dar execução áquella ordem, com tanta rapidez e energia que ás dezeseis horas estavam a bordo do «Vasco da Gama» os officiaes e as praças que deviam proceder á intimação para a entrega dos navios, comparecendo os officiaes armados de espada e pistola.

Para bordo de cada barco dirigiram-se o official ou officiaes nomeados, com quatro ou seis praças, procedendo cada um d'elles á notificação que foi recebida sem o minimo protesto. Os allemães trataram logo de abandonar os barcos, levando o pouco que ainda não tinham feito remover, pois que a toda a hora aguardavam a resolução do governo portuguez. A sua sahida de bordo devia fazer-se em meia hora e assim succedeu.

Quando a bandeira nacional foi arvorada, o «Vasco da Gama», como navio-chefe, deu a salva de vinte e um tiros.

Todo o acto se revestiu, na sua grande simplicidade, d'uma imponencia a que, de longe, não foi estranho o povo que se agglomerava em varios pontos da margem, como, por exemplo, em Xabregas.

O sr. capitão de fragata Leotte do Rego fiscalisou, a bordo do «destroyer» «Guadiana», seguido dos torpedeiros 1 e 2, a execução da ordem do governo, vendo-se tambem no Tejo grande numero de embarcações que seguiam o «destroyer».

No Terreiro do Paço juntou-se tambem muito povo que procurava avistar a bandeira portugueza nos navios mercantes de onde acabava de ser arreada a allemã. Grande numero de pessoas tomaram de assalto os electricos e outros seguiram de automovel para Xabregas, onde a Patria e a Republica foram victoriadas.

Até á hora de encerrarmos o nosso jornal sabiamos que a bandeira nacional já tinha sido arvorada nos navios cujos nomes damos a seguir com os dos officiaes que d'elles tomaram conta:

«Arcadia», Domingos Martins, sargento-conductor de mach. Luz; «Electra», 2.º tenente Barata, sargento-conductor de machinas João C. B. Junior; «Energie», 1.º tenente João M. Gomes, sargento-conductor de machinas Francisco dos Reis; «Cheruskia», 2.º tenente Antonio J. Ferreira, sargento conductor de machinas Antonio J. Fernandes; «Prinz Henrique», 1.º tenente Cunha Freitas, sargento conductor de machinas Domingos Gonçalves; «Eurikos», 2.º tenente machinista Antonio Maria, conductor de machinas J. Estevão; «Lubek», 2.º tenente machinista Manuel Martins; «Gergente», 2.º tenente machinista Antonio do Carmo; «Mailand», 2.º tenente Casal Ribeiro; «Lanech», 2.º tenente Adolpho Alcobia; «Westervald», 1.º tenente Pereira de Mello; «Taygetos», 2.º tenente Vilela; «Mogador», 2.º tenente Navarro; «Wtenberg», conductor-tenente Biker; «Jafa», 2.º tenente machinista Nascimento; «Milos», 2.º tenente Trindade; «Uchermark», capitão-tenente C. Costa, 2.º tenente-machinista J. Trindade; «Mazagan», 2.º tenente F. Oliveira Pinto; «Pluto», 1. tenente Costa Marques; «Naxos», 1.º tenente Augusto C. do Saldanha, 2.º tenente-machinista Gravata; «Mina Scheldt», 1.º tenente Gil, sargento Centeio, sargento-machinista J. Dias; «Enos», 2.º tenente Juliano; «Picador», 2.º tenente João Moreira, 1.º sargento de manobras José Santos; «Rodos», 2.º tenente Nobre da Veiga, 1.º sargento machinista Antonio Santos, 1.º sargento machinista Francisco P. da Silva, 2.º sargento de manobras Francisco Gonçalves; «Fenicia», 1.º tenente João Gonçalves da Costa, 1.º tenente-machinista Mosqueira, 2.º tenente-machinista Chanpalimaud.

Pormenores da tomada dos navios

Os preparativos da marinha de guerra que tinham sido organisados com o maximo sigillo, a breve trecho despertaram a curiosidade publica. Pelas 15 horas, dizia-se por toda a parte: «Os nossos marinheiros estão tomando conta dos navios allemães». A principio, a informação era recebida com duvida, mas, logo, tanto foi matraqueada, que ninguem mais hesitou em acceital-a. Ao cahir da tarde, a margem do Tejo, como dizemos acima, mostrava uma orla immensa de curiosos, agitando lenços, e ao mesmo tempo, saudando os officiaes francezes que recolhiam a bordo do transantlantico que os conduz a Dakar.

A praça do Commercio e o Caes das Columnas, o entreposto da Alfandega e o molhe de Santa Apolonia, dentro em pouco tempo ficaram replectos.

Os navios de guerra portuguezes, o «Vasco da Gama», o «S. Garbiel» e o «Almirante Reis» veem fundear, em triangulo, precisamente defronte da praça monumental, na linha immediata ao embarcadouro do Sul e Sueste.

A officialidade está a postos. N'esses barcos e em rebocadores tomaram logar os marinheiros das guarnições de todos os navios, do corpo de marinheiros, da escola de torpedos, etc.

Quando as guarnições a enviar aos navios allemães estavam embarcadas nos rebocadores, começou o cerimonial, impressionante e magestoso. A' frente os destroyers «Douro» e «Guadiana», levando aquelle a bordo o commandante da divisão naval capitão de fragata sr. Leotte do Rego e, acompanhando-os a canhoneira «Limpopo».

Os marinheiros portuguezes dirigiram-se, em primeiro logar, ao vapor *Santa Ursula*, que veiu comboiado do Porto. O commandante era pessoa que facilmente se não deixa convencer.

De bordo do rebocador é feita a intimação. No alto do paquete allemão nota-se uma certa hesitação. Ao fundo, na direcção das embocaduras do Tejo, a curta distancia, as unidades da divisão naval impõem respeito.

A hesitação quebra-se. A bandeira germanica é arriada e a officialidade da guarnição portugueza sobe a escada de serviço e toma conta do barco.

E' a primeira bandeira verde-rubra que tremula em barco allemão.

Ao *Santa Ursula* seguem-se outros barcos. O official portuguez e a guarnição não encontram a menor difficuldade em tomar os navios, onde se arvora a bandeira portugueza.

Como medida de precaução, as guarnições do «Vasco da Gama», «S. Gabriel» e «Almirante Reis» tinham sido reforçadas, para corresponder a qualquer gesto de hostilidade por parte das tripulações dos barcos allemães.

Esse reforço ficou a bordo, para amanhã revesar os grupos que hoje ficam a bordo dos allemães.

Declarações do sr. presidente do ministerio

Cinco horas da tarde. Na Baixa, a noticia corre veloz de bocca em bocca:

—Estão a tomar posse dos navios allemães...

Suspendem-se conversas, apertam-se nervosamente as mãos. Pelas ruas que conduzem ao Terreiro do Paço escoam-se grupos de populares, anciosos de ver, de saber, de se convencerem. Corremos.

No Caes das Columnas a multidão acotovella-se já, olhando para o mar, onde alguns paquetes allemães ostentam bizarramente a bandeira verde-rubra da Republica. Ouvem-se commentarios de allivio:

—Até que emfim! Já não era sem tempo!

O «Vasco da Gama» salva com 21 tiros. A hora é singularmente solemne. Ha pessoas que levam instinctivamente a mão ao chapeu, e se descobrem, visivelmente emocionadas. N'um pequeno vapor, junto da muralha, estão alguns «poilus» que regressam a bordo dos seus navios. A commoção é contagiosa: a breve trecho, comprehendem nitidamente o sentimento geral que domina a multidão, e ao passo que lá longe novas bandeiras portuguezas fluctuam sobre as popas dos navios, um «maréchal logis» ergue victoriosamente o seu kepi cinzento, bradando:

—«A bas les Boches! Vive le Portugal!»

Respondem-lhe acclamações. A tarde vae cahindo, e o sol, no occaso, espreita um momento por entre as nuvens. O escudo das bandeiras tem scintillações de ouro. São enormes; vêem-se a milhas de distancia sobre o vulto escuro dos vapores, entre os quaes a linha tenue de um torpedeiro perpassa, cruzando e deixando atraz de si rolos negros de fumo.

Já as primeiras luzes se enrevêem atravez da bruma crepuscular quando nos affastamos do caes. Ao passarmos junto do ministerio das finanças notamos que estão illuminadas todas as janellas. Subimos. Estará o sr. presidente de ministros? Informam-nos que sim, que se encontra trabalhando ainda. Mas a gentileza do sr. dr. Affonso Costa dispõe de um minuto para nós.

Introduzem-nos no seu gabinete, e rapidamente pomol-o ao facto do que desejavamos saber: se o acto da posse dos navios allemães teria sido precedido de quaesquer negociações com o governo germanico, como começava a correr. O eminente estadista olha-nos, com surpreza:

—Como? Pergunta-me se tivemos qualquer negociação com a Allemanha? Não, não. O acto que acaba de passar-se foi a consequencia logica do decreto de hoje publicado no supplemento ao *Diario do Governo*. Fizemos o que fez a Italia, e dando até mais garantias. Usámos de um direito. A requisição dos navios, determinada pelos interesses da economia nacional, foi devidamente notificada aos representantes dos armadores.

—Mas falava-se ha pouco na intervenção do consul da Allemanha, insinuámos.

—Sim, é natural que os consules dos paizes a que pertencem os navios queiram assistir aos inventarios que houverem de ser feitos nos termos do decreto a que alludi.

—De maneira que, para com o gverno do kaiser...

—...Para com o governo allemão, concluiu o sr. dr. Affonso Costa, não tinhamos outra coisa mais a fazer além do que já fizemos: telegraphar ao nosso representante em Berlim a fim de que elle faça a respectiva communicação ao governo germanico. E deixe-me accrescentar ainda: as coisas estão feitas por forma que, d'ellas, não poderá resultar qualquer difficuldade justa...

—E injusta?...

O sr. presidente de ministros sorri, estendendo-nos a mão. Comprehendemos que estava terminada a nossa curta «interview», e agradecendo-lhe a amabilidade com que nos recebera, dirigimo-nos ao jornal, para redigir vertiginosamente estes apontamentos.

Declarações do sr. ministro dos estrangeiros

Recebidos com a maior amabilidade pelo sr. ministro dos extrangeiros, a quem procurámos logo que nos chegou a noticia do apropriamento dos navios allemães, o sr. dr. Augusto Soares, diz-nos:

—Acto de belligerancia? Acto de "révanche"? Não. Nem uma, nem outra coisa. O governo, fundando-se na base 10.ª da lei de subsistencias, votada em pleno parlamento, entendeu dever tomar a medida hoje posta em pratica, sem subterfugios, á clara luz do sol.

O governo, hoje reunido em conselho, examinou detidamente o decreto hoje mesmo sahido em supplemento do «Diario do Governo» e que, como póde vêr, contem as disposições mais generosas, podemos mesmo dizer que se podem imaginar.

«O apropriamento dos navios allemães obedece á necessidade absoluta que temos de navios para transportes. Simplesmente a isso. Repito não póde, nem deve ser encarado como acto de hostilidade.

«Poder-se-ha objectar que o governo portuguez poderia apropriar-se sómente d'aquelles de que carecesse absolutamente. O governo obedeceu a outro criterio: entendeu que os devia tomar em conjuncto, a fim mesmo de os preservar de qualquer acto que qualquer mal intencianado porventura pensasse em praticar. Não é uma novidade a que lhe dou, pois sabe que se falava para ahi em que a alguns faltavam diversas peças, que outros seriam inavegaveis, emfim, muitas outras atoardas.

«Tal foi o criterio a que o governo obedeceu.

O decreto do apropriamento dos navios

O decreto hoje sahido em supplemento do *Diario do Governo* é do seguinte teor:

Attendendo aos interesses da economia nacional, no que respeita aos meios de transportes maritimos, que cada vez se tornam mais difficeis e dispendiosos, sendo um dos motivos d'essa difficuldade a falta de navios que façam esse serviço;

Attendendo a que semelhante assumpto se prende directamente com o actual problema das subsistencias, que é de salvação publica e por isso reclama instantemente medidas urgentes e adequadas ás imperiosas necessidades do paiz:

Attendendo ao disposto na base 10.ª da lei n.º 480, de 7 de fevereiro de 1916:

Hei por bem, de harmonia com esta lei e sob proposta do governo, decretar o seguinte:

Artigo 1.º—As requisições de meios de transportes maritimos, auctorisadas pela lei n.º 480, de 7 de fevereiro de 1916, serão feitas por ordem do ministro da marinha ou, por sua delegação, pela auctoridade maritima, no local onde o navio se encontre.

Paragrapho 1.º—Se o navio estiver em porto colonial, a requisição ou delegação a que se refere este artigo será por ordem do ministro das colonias.

Paragrapho 2.º—Nos casos de urgente necessidade, as requisições poderão ser feitas por iniciativa da auctoridade, em nome do respectivo ministro.

Art. 2.º—As requisições serão notificadas por escripto, por ordem ou em nome de quem as fizer, ao capitão ou encarregado do navio ou ao proprietario ou armador, ou, na falta d'estes, a quem os represente, e executar-se-hão immediatamente.

Paragrapho unico.—O escripto de notificação exarar-se-ha em dois exemplares, sendo um entregue ao notificado e lavrando-se no outro a certidão da entrega d'essa notificação, assignado pelo notificado ou, quando este não possa ou não queira assignar, por duas testemunhas, cujos nomes, profissões e moradas se devem indicar no seu conteudo.

Art. 3.º—Feita a requisição, proceder-se-ha, logo que seja possivel, ao inventario da carga e mais objectos que se não considerem pertenças do navio.

Paragrapho 1.º—A este inventario assistirão a auctoridade maritima e o consul da nação a que o navio pertencer, ou o seu delegado, e por ambos será assignado em dois exemplares, sendo um destinado á commissão a que se refere o artigo 5.º e o outro remettido ao consulado.

Paragrapho 2.º—No caso da auctoridade consular, ou seus delegados, não assistirem ao inventario, tendo sido devidamente avisados, ou não os havendo na localidade, a auctoridade maritima procederá ao mesmo inventario, em presença de duas testemunhas, que com ella o assignarão.

Paragrapho 3.º—A carga e mais objectos a que se refere este artigo deverão ser desembarcados e transportados, por conta e risco dos proprietarios, em Lisboa para os armazens da alfandega ou do porto d'esta cidade, e nos restantes portos da metropole e colonias para onde fôr determinado pela competente auctoridade aduaneira.

Artigo 4.º—As requisições feitas nos termos do artigo 1.º e seus paragraphos serão sempre confirmadas por decreto, e os navios considerados portuguezes.

Art. 5.º—E' creada, junto do ministerio da marinha, uma commissão, que terá por fim:

1.º—Promover a avaliação do navio e de todos os seus pertences;

2.º—Arbitrar a retribuição que deve ser paga pelo uso do navio;

3.º—Determinar a indemnisação devida por avarias ou por qualquer deterioração, que não derive do uso a que o navio fôr naturalmente destinado;

4.º—Determinar a indemnisação, por qualquer modificação feita no navio e que lhe diminua o valor;

5.º—Resolver sobre tudo que diga respeito á alimentação e salarios das equipagens actualmente em serviço, e emquanto permanecerem em terirtorio portuguez ou não sejam repatriadas.

Paragrapho 1.º—A retribuição mencionada no n.º 2 liquidar-se-ha semestralmente e será logo depositada na Caixa Geral de Depositos, devendo do mesmo modo depositar-se as quantias correspondentes ás indemnisações a que se referem os n.ºs 3.º e 4.º

Paragrapho 2.º—As quantias depositadas nos termos do paragrapho anterior podem ser levantadas por quem de direito, desde a data da reentrega do navio.

Artigo 6.º—A commissão a que se refere o artigo anterior será nomeada pelo ministro da marinha, e compôr-se-ha:

De 1 capitão de mar e guerra, que será o presidente;

De 1 engenheiro constructor naval;

De 1 ajudante do procurador geral da Republica;

De 1 representante das empresas de navegação;

De 1 representante da Associação Commercial de Lisboa;

De 1 representante das companhias de seguros;

De 1 delegado do ministerio das finanças.

Paragrapho unico.—Das decisões d'esta commissão haverá recurso para o ministro da marinha, que decidirá em ultima instancia.

Art. 7.º—A reentrega do navio deve ser notificada ao proprietario ou ao seu representante com a antecipação de dez dias, pelo menos, e, salvo accordo em contrario, realisar-se-ha, sempre que seja possivel, no porto em que se effectuou a requisição.

Paragrapho 1.º—Para os effeitos a que se refere este artigo o proprietario do navio, ou o seu representante, deverá indicar á commissão a que se refere o artigo 5.º, em carta registada, a pessoa, residente em Portugal, a quem deve ser feita a notificação.

Paragrapho 2.º—Na falta da indicação mencionada no paragrapho anterior, ou quando a entrega se não possa effectuar por ausencia do proprietario ou seu representante, o navio, depois de avaliado por peritos, será posta em hasta publica, devidamente annunciada, depositando-se na Caixa Geral dos Depositos, á ordem de quem tiver direito, o producto da arrematação, depois de deduzidas todas as despesas que para esse fim se tenham feito, bem como as que, por indispensaveis, se tenham feito desde que a entrega se não realisou por falta da aludida indicação.

Art. 8.º—Este decreto entra immediatamente em execução.

Art. 9.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Os ministros de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do governo da Republica, 23 de fevereiro de 1916.—*Bernardino Machado, Affonso Costa, Arthur R. de Almeida Ribeiro, João Catanho de Menezes, José Mendes Ribeiro Norton de Mattos, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, Antonio Maria da Silva, Augusto Luiz Vieira Soares, Alfredo Rodrigues Gaspar, Frederico Antonio Ferreira de Simas.*

Navios allemães em portos portuguezes

Da lista que ha dias démos dos navios allemães refugiados em portos portuguezes damos os nomes dos seguintes:

De 1 a 100 toneladas: «Essen» 58; **de 101 a 200 toneladas:** «Newa» 163, «Horn» 188, «Theodor» 185; **de 701 a 800 toneladas:** «Picador», 764, «Energie» 740; **de 780 a 900 toneladas:** «Electra» 835; **de 901 a 1000 toneladas:** «Achilles» 943, «Miram Schuldt, 992; **de 1001 a 2000 toneladas:** «Mogador» 1271, «Lahneck» 1775, «Girgenti» 1758, «Rhodos» 1924, «Arckadia» 1781, «Enos» 1912, «Casa-Blanca» 1650, «Dresden» 1695, «Mailand» 1790, «Lubeck» 1738, «Pluto» 1408, «Rollandseck» 1663, «Mazagan» 1114, «Beta» 1394.

De 2001 a 3000 toneladas: «Jafta» 2047, «Rotterdam» 2168, «Euripos» 2763, «Naxos» 2200, «Antares» 2511, «Taygetas» 2986, «Milos» 2823, «Heinburg» 2673, «Santa Barbara» 2347, «Togo» 2055, «Adelaide» 2915, «Ingrabaning» 2354, «Numantia» 2804; **de 3001 a 4000 toneladas:** «Sophie-Rickmers» 3547, «Westernald» 3600, «Cheruskia» 3245, «Phoenicia» 3555, «Wurzburg» 3246, «Borgmeister» 3670, «Kronprinz» 3541, «Admiral» 3695, «Lichtenfels» 3528, «Marienfels» 3905, «Brisbano» 3528, «Komodore» 3849, «Woerwaerts» 3723; **de 4000 a 5000 toneladas:** «Uckermarch» 4312, «Galata» 4014, «Linda Woerzieten» 4836; **de 6001 a 7000 toneladas:** «Prinz-Heinrich» 6636; **de 7001 a 8000 toneladas:** «Wurttenberg» 7678; **de 8001 a 9000 toneladas:** «Bullow» 8965.

Navio que foge do Funchal

O navio allemão *Hochenfeld*, que estava surto no porto do Funchal, conseguiu hontem á noite fugir d'alli, deixando em terra, ao que nos consta o capitão e o immediato.

Ministro d'Austria

Constou que o sr. ministro da Austria estivera no ministerio dos estrangeiros a fim de protestar contra o acto praticado pelo governo. Por informações fidedignas que temos, podemos garantir que isso não é verdadeiro. Esse diplomata esteve effectivamente no ministerio dos estrangeiros, ma spara assumpto muito differente.

Entre os sr. presidente do ministerio e ministro da marinha realisou-se esta tarde uma demorada conferencia.

Foi dada ordem para que o pessoal em serviço nos navios e estabelecimentos dependentes da majoria general da armada fiquem, até nova ordem, no regimen de prevenção rigorosa.

O governo reuniu hoje no ministerio das finanças em conselho.

Quando se ouviram os primeiros tiros correram para a margem do rio muitas pessoas ignorando do que se tratava. O mesmo succedeu em toda a cidade. Conhecido o caso no governo civil sahiu immediatamente o piquete de serviço, composto de 24 homens, e varios agentes, que se postaram desde o Terreiro do Paço até Santa Apolonia, a fim de intervir caso occorresse algum conflicto.

Todos os commandantes ou encarregados dos navios assignaram a notificação que lhes foi apresentada para a sua entrega. Alguns, poucos, entregaram um protesto. Varios commandantes não estavam a bordo, mas foi-lhes concedida licença para retirarem as suas bagagens.

A's 20 horas continuava em Xabregas o desembarque das tripulações allemãs dos navios.

A um official que estava doente foi concedido permanecer a bordo com sua esposa.

As tripulações portuguezas sahiram do «Vasco da Gama» ás 16 horas. Quasi todos os officiaes pertencem á divisão naval, porque não houve tempo de avisar os que estavam designados para essa missão.

A gréve academica

Dissemos hontem que os alumnos do 5.º anno de direito que manifestaram na vespera o proposito de ir ás aulas tinham estado na Federação Academica a communicar a sua adhesão ao movimento. Essa noticia é inexacta, segundo informação que nos foi prestada hoje por aquelles alumnos. Tambem nos é pedida a publicação da seguinte nota:

O quintanista de direito Mario Cardoso declara que não auctorisou a tornar publicas as suas declarações feitas a um seu collega da faculdade de direito e constantes da alinea 2.ª da nota officiosa da Federação Academica, tanto mais que não foram fielmente reproduzidas.

Ainda sobre esse mesmo incidente recebemos a seguinte communicação:

Os delegados da Faculdade de Direito á Federação Academica de Lisboa, cumprindo as determinações d'esta, fazem por este meio chegar ao conhecimento dos alumnos do quinto anno juridico que publicaram uma declaração nos jornaes o seguinte:

1.º—Que a Federação Academica de Lisboa resolveu por decisão unanime dos representantes das Escolas Superiores de Lisboa, occupar-se da sua situação perante a academia.

2.º—Conceder aos mesmos alumnos, antes de qualquer resolução, a mais ampla defesa, a qual deve ser apresentada por escripto.

3.º—Marcar-lhes para os devidos effeitos um praso que começa com a publicação d'este aviso nos jornaes da noite de hoje, 23, e que termina sexta-feira, 25, pelas 10 e meia da manhã.

4.º—Que á mesma hora os delegados da Faculdade de Direito se encontram na mesma Faculdade.

Convites

Os alumnos da Escola de Medicina Veterinaria são convidados a comparecer no edificio da mesma escola ás 10 horas de quinta-feira, para tratarem assumptos de grande importancia.

A direcção da Federação Academica de Lisboa convida todos os estudantes das escolas superiores a irem esperar os seus delegados que regressam do Porto e Coimbra no rapido da 1,8 da madrugada.

Os alumnos do Instituto não adherem

PORTO, 23.—A gréve academica continua no mesmo estado. Os alumnos do Instituto não adheriram, havendo apenas uma pequena minoria que quer a gréve. Por esse motivo, receia-se que haja ámanhã conflictos.

Os academicos de Coimbra expõem as razões da sua gréve

Fomos procurados hoje por academicos de Coimbra, que nos fizeram um relato dos motivos que determinaram a gréve n'essa cidade. Ao contrario do que se tem affirmado, os alumnos da Escola Normal Superior não se recusaram, nem se recusam, a fazer as conferencias marcadas pelos professores. Limitaram-se a expôr ao director da Escola uma duvida na interpretação da lei que creou aquelle estabelecimento de ensino. Foi então que o director proferiu palavras que elles consideraram injuriosas, não as retirando nem explicando satisfatoriamente quando convidando isso pelos alumnos.

O alumno sr. dr. Braz de Faria já teria realisado uma conferencia em 18 de dezembro, sobre a sugestibilidade da creança, na aula de psychologia infantil, se o professor da cadeira a não tivesse adiado para depois das ferias, pelo facto de não haver elementos de laboratorio sufficientes. A conferencia d'um outro alumno, o sr. dr. Cesar de Mello, não se realisou por que o conselho não tinha dado ainda resposta á consulta dos alumnos sobre as conferencias. Estes dois factos demonstram que, realmente, os alumnos não se recusaram a fazel-as, como erradamente se tem noticiado.

Tambem se affirmou já que o movimento obedece a fins politicos, dando-se a entender que os academicos são suggestionados por ideias monarchicas. E' outra falsidade. O presidente do *comité* que dirige a gréve de Coimbra foi presidente da Liga Academica Republicana de Braga, no tempo da monarchia; o delegado da faculdade de sciencias a esse *comité* é democratico; o delegado da faculdade de direito foi nomeado administrador d'um concelho de Vizeu depois da revolução de 14 de maio; o delegado da faculdade de lettras é redactor da *Revolta*, semanario republicano academico; o delegado da faculdade de medicina é republicano avançado; o delegado da Escola Normal Superior é democratico. Os delegados da Academia que vieram a Lisboa tratar do assumpto são os srs. dr. Cesar de Mello e Fernandes Martins.

Como prova de que as phrases aggressivas do sr. Luciano Pereira da Silva foram mal recebidas pelos seus proprios collegas do professorado da Escola Normal Superior, contaram-nos os academicos que o professor sr. dr. Alves dos Santos no dia immediato ao incidente, se collocou ao lado dos alumnos, reprovando o procedimento do director da Escola.

Agora, o que os alumnos reclamam para a solução do conflicto é o seguinte:

a) O affastamento do dr. Luciano Pereira da Silva dos cargos de director e professor da Escola Normal Superior;

b) Immediata reabertura da Escola;

c) A relevação das faltas dadas durante o movimento pelos alumnos de todas as faculdades da Universidade;

d) Cessação de qualquer processo disciplinar contra os alumnos da Escola Normal Superior.

O governo auctorisa que as faltas sejam abonadas

Em 2.º supplemento ao «Diario do Governo», distribuido perto das 20 horas, foi publicado hoje o seguinte decreto:

Tendo em attenção o disposto na lei n.º 478, de 29 de janeiro de 1916, e nos artigos 33.º, n.º 5.º e 87.º do decreto-lei de 19 de abril de 1911; e

Usando da faculdade que me confere o n.º 3.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portugueza:

Hei por bem, sob proposta do Ministro de Instrucção Publica decretar o seguinte:

Artigo 1.º—Os Senados das Universidades da Republica e os conselhos das escolas de ensino superior, não filiadas nas Universidades, ficam auctorisados a abonar as faltas dadas pelos alumnos nos respectivos cursos theoricos e nos trabalhos praticos quando reconhecerem que essas faltas são justificaveis por qualquer motivo ou que foram determinadas por duvidas na interpretação e applicação dos regulamentos escolares.

Art. 2.º—Este decreto entra immediatamente em vigor.

Art. 3.º—Ficam revogadas as disposições em contrario.

O ministro da instrucção publica assim o tenha entendido e faça executar. Paços do governo da Republica, 23 de fevereiro de 1916.—*Bernardino Machado, Frederico Antonio Ferreira de Simas.*

Reunlões academicas

Alumnos de admissão á Escola Normal

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Os alumnos de admissão á Escola Normal, que frequentam a Academia de Estudos Livres, convidam todos os seus collegas que frequentam outras Escolas a comparecerem ámanhã, 24, ás 18 horas, na séde da mesma Academia, rua da Emenda, 53, para se tratar de um assumpto urgente, de interesse para todos. Pede-se a comparencia de todos os interessados.

TRIBUNAL MILITAR

O julgamento do assassino do tenente Bahr Ferreira

Reuniu hoje o tribunal militar sob a presidencia do coronel Rodrigues Bastos, sendo juiz auditor o dr. Almendra, promotor de justiça o capitão Adrião, defensor officioso o tenente Osorio Gomes e secretario o tenente Olympio de Mello. O jury era composto dos tenentes Quirino Monteiro e Carlos Pereira de Sousa e os alferes Bastos dos Reis, Silva e Costa, José Malaquias e José Veiga dos Martires.

Julgava-se o soldado 179 da 1.ª bateria do grupo de metralhadoras Joaquim Antonio Rodrigues, de 20 annos, natural de Lisboa, filho de Antonio Rodrigues e Custodia Virginia Rodrigues, solteiro, accusado de no dia 19 de julho de 1915 pela 1 hora da madrugada, ter assassinado com um tiro de espingarda, quando estava de guarda, o tenente do mesmo grupo Armando Augusto Bahr Ferreira. O reu apresenta-se correctamente mas muito nervoso.

Tentou a principio attenuar a accusação, negando que tivesse procedido em vingança de um castigo e que ignorava após o seu acto que tivesse morto o tenente mas acabou por confessar minuciosamente o crime. Disse ter sido suggestionado por camaradas que faziam parte de um «complot» para matar o official, indicando alguns nomes como os dos seus instigadores. Accrescentou tambem que não estava no uso pleno das suas faculdades, etc. As testemunhas de accusação alferes Antonio Correia Duarte, ao tempo do crime ainda aspirante e o sargento mestre de corneteiros Guilherme Ferreira declararam: o primeiro que teve conhecimento do crime por outro official o que viu o tenente Bahr Ferreira banhado em sangue e o segundo que acudiu á detonação e prendeu o réu. Foram lidos depoimentos de outras testemunhas de accusação e ouvidos Francisco Nicolau Geraldo de Sousa, factor, Francisco Lopes, carregador, e Antonio José Teixeira Branco, factor, todos do caminho de ferro do Barreiro, onde o réu foi praticante, os quaes abonam o seu bom comportamento de então e porque alguns foram da sua infancia.

Pelas 15 horas e meia usa da palavra o promotor de justiça, capitão Adrião dizendo que é felizmente pouco vulgar entre nós vêr-se julgamentos n'aquelle tribunal, por homicidio, recordando a proposito o do celebre 115 da guarda municipal, que matou o capitão Baptista e outro official e um outro em Elvas em que um cabo foi morto por um soldado.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria n.º 4 do hospital de S. José deu entrada o carroceiro Joaquim Antunes morador na rua da Inveja, 23, 8.º, que foi colhido em Santos pela carroça de que era conductor, ficando contuso pelo corpo. E na enfermaria 5 ficou Candido Ferreira, residente em Machede, Evora, que ali foi colhido por um motor, ficando com o braço esquerdo fracturado.

—No banco do hospital receberam curativo: Carlos Dyonisio Nogueira, atropellado por um carro do Jorge na rua do Arco do Marquez de Alegrete, ferido na cabeça; Dyonisio José Rodrigues, que cahiu na escada da sua residencia, ferido tambem na cabeça, e Adriana de Figueiredo, egualmente ferida na cabeça por ter cahido na sua residencia, travessa do Jordão, 4, 1.º

—Na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 e meia horas, executa ámanhã a banda da guarda republicana o seguinte programma: «Marche aux flambeaux» (n.º 1) Meyerbeer; «Le songe d'une nuit d'eté», ouverture, Thomas; «Momento Musical» Schubert; «Othelo», selecção, Verdi; «Siegfried», selecção, Wagner; «Marche aux flambeaux» (n.º 2), Meyerbeer.

—Queixou-se Domingos Gomes, morador na rua da Cêrca, 87, no Porto, de que na occasião em que estava comendo na taberna sita na rua dos Caminhos de Ferro, 106, os gatunos lhe furtaram a quantia de 10 escudos, uma corrente de ouro e um relogio de aço, tudo no valor de 56 escudos.

—O sr. Manuel dos Santos Constantino, reporter, queixou-se hoje á policia de que seu filho Annibal dos Santos Constantino, casado, de 29 annos de idade, impressor nas officinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, tendo hontem ido assistir com um collega ao funeral do coronel sr. Sá Chaves, não mais tornára a apparecer, suspeitando que tenha sido victima de algum attentado ou desastre.

—O pessoal da Companhia das Aguas voltou hoje a conferenciar com o sr. governador civil sobre as reclamações apresentadas. O sr. dr. Costa Gonçalves declarou que o caso estava entregue ao sr. ministro do fomento para onde os reclamantes seguiram.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

«A Opinião»

Recebemos a visita d'este nosso prezado collega da noite, que começou a publicar-se em Lisboa. A presenta-se brilhantemente redigido.

Ao novo collega as nossas saudações.

A questão do papel

Na Associação Commercial reuniram-se hontem os representantes da industria papeleira com o representante do *Seculo*, que hoje declara que a mesma industria abandonou a attitude de hostilidade que tomára para com o mesmo jornal, reconhecendo a justiça das suas reclamações e secundando-as junto do governo.

Na reunião discutiu-se um novo projecto de lei sobre a questão do papel, projecto que vae ser presente ao sr. ministro do fomento para que substitua o que já fôra apresentado ao parlamento.

Congratulamo-nos pelo accordo a que chegaram a industria papeleira e o *Seculo* mas parece-nos natural que, tendo sahido as bases do anterior projecto de lei d'uma reunião de representantes de empresas jornalisticas, estas devam reunir, por iniciativa d'*O Seculo*, para serem ouvidas sobre o assumpto que tanto lhes interessa e para cuja solução trabalharam.

Officiaes e soldados francezes em Lisboa

De passagem para Dakar

No Tejo entrou o paquete «Tubantia» conduzindo grande numero de passageiros e cerca de 200 officiaes e praças do exercito e armada franceza, que veem de passagem por Lisboa em direcção a Dakar. Todos esses militares, que ostentam varias condecorações, espalharam-se pela cidade, sendo muitos d'aquelles acompanhados por cadetes da Escola de Guerra. Alguns foram visitar os arredores e os nossos principaes monumentos.

O «Tubantia» deve ainda esta noite levantar ferro.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS DIPLOMATAS

O paquete «Hollandia» que conduz de regresso da America o coronel sr. Thomaz Brich, ministro d'aquella nação em Portugal, só estará no Tejo ámanhã de tarde ou na madrugada de sexta-feira.

NOTAS DIVERSAS

Sobre a questão dos assucares da Madeira conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio os srs. Americo Olavo, Mattos Cid e Arthur Cohen. A conferencia assistiu o sr. ministro do fomento.

—Os representantes da Associação de Classe dos Tanoeiros conferenciaram hoje com o sr. ministro do fomento sobre assumptos de interesse da classe especialmente sobre o transporte de vasilhame.

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico — 18,15

Ratos... gatunos

Noticiaram os jornaes que ao sr. Joaquim Pinto Carneiro, negociante da rua de Cima da Villa, haviam roubado uma caixa de folha, contendo mais de dois contos. Procedendo hoje a buscas o cabo Bernardo, da judiciaria, foi encontrar a caixa que estava embrulhada em farrapos, n'um buraco, para onde os ratos a tinham levado.

Imagine-se o contentamento do suposto roubado.

Assistencia publica

Reune ámanhã a commissão da Assistencia Publica para lhe ser apresentado pelo governador civil o resultado dos seus trabalhos em Lisboa no sentido do governo valer á crise que a Assistencia do Porto atravessa.

O Carnaval

Começou hoje o Carnaval, pela festa dos estudantes, sendo pouca a animação. A maior parte das escolas não adherem ás festas, por as acharem inopportunas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/2	35 1/4
Londres, 90 d/v	36	
Paris, cheque	$72	$73
Allemanha, cheque		
Hollanda, cheque	$595	$605
Madrid, cheque	1$84,5	1$85,5
Suissa, cheque	$81	$82
Italia, cheque		
New York	1$41,5	1$43,5
Rios/Londres	11 21/32	
Libras	6$95	7$05
Agio do ouro	48 %	50 %

Folhetim d'A CAPITAL 23-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O subterraneo tragico

E o conciliabulo principia. E' d'elle que depende o exito do plano formado para que a mina passe das mãos de Rosa Gallon para as de Wilkerson e as da sua cumplice. Rosinha dorme na alcova contigua. O ruido das vozes falando alto, consegue, porém, accordal-a. Ha perto d'ella alguem que é seu conhecido. Ergue-se á pressa. Enverga um roupão e vem colar um ouvido á porta, para não perder uma palavra.

—E' preciso que nos apoderemos dos documentos que a pequena traz comsigo, diz Wilkerson. Sem isso, nada se conseguirá.

—Já o tentei, responde a Darvell. Mas em vão, até agora.

—E's uma desastrada. Tens a victima na mão e és capaz de a deixar partir em paz.

—Não tenho por habito responder aos teus insultos. Sabes bem que os despreso. Fica, porém, sabendo que a tarefa não é tão facil como julgas.

—Desconheço-te. Que diabo póde contra nós uma creatura como Rosa Gallon, sem experiencia da vida e quasi rachitica?

—Pode mais do que julgas, porque não se entrega nem entrega os seus segredos com a facilidade que cuidas.

—Defendel-a?

—Não. Procuro pôr-te ao facto do que se passa. E' a minha obrigação. Sobretudo, não estou para me comprometter com imprudencias inuteis!

—Irritas-me!—exclama Wilkerson. Estou farto de te ouvir. Quero os documentos e hei-de tel-os, a bem ou a mal.

—N'esse caso, experimenta. Rosa, a filha do Gallon, está alli, do lado de lá d'aquella porta.

Wilkerson exalta-se e solta algumas phrases de ameaça feroz. Porque hesita? Onde está a sua energia? O que é feito da sua decisão? Porque motivo contemporisa? Rosa tem os documentos de posse da mina? Pois ha de apoderar-se d'elles, custe o que custar.

E com os olhos chamejantes de desespero, dirige-se para a porta da alcova de Rosinha, na intenção de penetrar no quarto d'esta. A filha de Thomaz Gallon percebe, porém, o que se passa. Os seus inimigos, que são os inimigos terriveis de seu pae, fizeram-na cahir n'uma cilada diabolica. Como livrar-se d'ella? Como evitar que os papeis de que é portadora e constituem toda a sua fortuna passem para a posse de Wilkerson? Escondendo-os, occultando-os, guardando-os em sitio onde os facinoras não possam dar dar com elles.

Allucinada, movendo-se mais por instincto do que em virtude de raciocinios promptamente architectados, Rosinha precipita-se para a mala onde tem os titulos de posse da mina, abre a gaveta de uma comoda, atira para lá com elles, fecha-a e arremessa fóra a chave.

Era tempo, porque segundos depois, a porta da alcova, impellida pelos hombros robustos de Wilkerson, cede e dá passagem ao famoso aventureiro e á sua quadrilha. Rosinha grita, pede soccorro, tenta lançar o alarme no hotel, para se salvar. Mas o seu esforço perde-se. E' que a Darvell, precipitando-se para ella, tapa-lhe a bocca com um lenço e redul-a facilmente ao silencio. Rosinha, assim assaltada e maltratada, desmaia. Wilkerson solta um rugido de féra mal ferida, e cahindo sobre a pobre creança, enverga-lhe á pressa um casacão, pega-lhe ao colo e prepara-se para partir com ella emquanto os companheiros passam rigorosa busca ao aposento. Os papeis não estavam lá. Tinham desapparecido.

O espanto de todos foi enorme. Como se operára essa inexplicavel desapparição? A que attribuil-a? Sabia-se lá! Haviam sido precipitados. Era evidente. Agora, porém, o erro já não tinha remedio. Só havia um caminho a adoptar—sahir immediatamente do hotel, para não despertar suspeitas e para evitar que Rosinha, voltando a si, lhes compromettesse definitivamente os planos malevolos e sinistros. Trocam-se, entre os tres malvados, palavras surdas e significativas.

—Depressa, depressa! Não ha tempo a perder. Drake que vá pagar a conta do hotel.

—Espera! E' preciso levar esta roupa. Todo o cuidado é pouco!

—Haverá muita gente na escada? Telephona! Chama um taximetro. Que espere á porta!

—Sim, sim! Não ha que hesitar!

Drake precipita-se para o apparelho, emquanto Wilkerson com Rosinha nos braços se prepara para partir e dá os primeiros passos para a porta. Os trez descem a escadaria, demorando-se Drake no escriptorio apenas o tempo preciso para pagar a conta. Que caminho tomou? Ignora-se. Talvez elles mesmos o não saibam. Entretanto, o auto pedido á pressa chega a tempo e conduz velozmente, atravez das ruas de S. Francisco, bordadas de casas que parece quererem furar as nuvens, a troupe de miseraveis que apostou perder Rosinha e apoderar-se da mina d'oiro que Gallon começára a explorar com bem reduzido exito.

A fuga de Wilkerson e dos seus companheiros não passou, todavia, tão despercebida no grande hotel Mons quanto o audacioso aventureiro podia julgar. Em geral, na America, todos os hoteis de renome possuem uma policia privativa, que não perde de vista os hospedes e se lhes lança no encalço logo que a mais pequena suspeita os envolve e os denuncia. Ora, Wilkerson, pelos seus ares extranhos, pela sua apresentação mysteriosa e pelos seus ares taciturnos dera nas vistas do *detective* do hotel e do pessoal dos escriptorios. Começou, por isso, a ser espiado desde a sua chegada. De maneira que, quando appareceu com a sua gente a pagar apressadmente a conta para partir, não poude furtar-se á espionagem que o não perdia de vista e que se preparou immediatamente para lhe seguir no encalço, fosse para onde fosse que elle se dirigisse.

Assim, um outro auto com o *detective* segue aquelle em que Wilkerson abala. A correria é desenfreada e longa. O bandido tem medo e procura despistar quem quer que porventura pretenda seguir-lhe as pisadas. Primeiro são os bairros ricos de S. Francisco, com os seus palacios magnificos, as suas praças movimentadissimas, os seus enormes estabelecimentos de luxo, que os fugitivos percorrem apressadamente. Depois o scenario muda de repente, e principiam a ser devoradas pelo automovel ruelas e avenidas excessivamente estreitas, quasi intransitaveis pelos quaes difficilmente se infiltra a luz baça d'um sol que declina.

Wilkerson escolheu o seu antro em pleno bairro chinez. E' ali, n'aquelle dédalo emaranhado de becos, de travessas e de alfurjas, que Rosa vae ser sequestrada, quem sabe se para sempre. N'um dado instante, dobrado um cotovelo d'uma rua, o auto detem-se defronte d'uma loja onde se vende opio. Wilkerson apeia-se e obriga Rosa a acompanhal-o, arrastando-a para o antro.

—Onde está Sing-Ha?—pergunta o aventureiro a um china que acode rapidamente.

—Vou chamal-o.

Sing-Ha é um antigo contrabandista d'opio, ligado a Wilkerson por velhas relações de amisade. E' que, outr'ora, os dois tinham sido associados em varias aventuras criminosas, cuja vulgarisação chegaria para os arrastar ao patibulo. Sing-Ha não tarda a apparecer. E' um homem de estatura mediana, agil, forte, astuto. Os olhos fulguram-lhe. Nas suas maneiras ha mundos de dissimulação. Wilkerson troca com elle rapidas palavras. Abrem-se portas mysteriosas e a troupe penetra no covil, passando por uma serie de corredores que se cruzam e entrecruzam em todos os sentidos, e indo, por fim ter a *in pace* tenebroso, onde Rosinha é depositada sobre uma pobrissima cama, coberta de farrapos.

As paredes movem-se por meio de molas occultas, que só Ling-Ha conhece. D'aquelle carcere maldito não é possivel fugir. Quem cahir n'aquelle sepulchro jámais poderá libertar-se das garras d'aquelles que tiverem interesse em lhe acabar com a vida.

Rosinha está ainda desmaiada. Mas o ar frio que se côa atravez d'uma fresta aberta na espessura do carcere, reanima-a dentro em pouco. O seu espanto é inconcebivel. Como chegou até ali? Onde se encontra? Ignora-o. No chão sentada a moda china, existe uma mulher que nem sequer para ella olha. Chama-a, pretendo despertal-a. Em vão. Domina-a uma forte revolta e atira-se da cama abaixo. Porque a prenderam, porque a sepultaram ali? O cerebro recusa-se-lhe a funccionar. Como que se lhe envolve a cabeça n'uma cinta esmagadora de chumbo.

—Quem és tu?—pergunta Rosinha para a outra prisioneira. O que fazes aqui? Que casa é esta?

Como resposta, obtem apenas um leve acenar de cabeça. A desgraçada não sabe nada, perdeu a memoria, esqueceu tudo, ignora tudo. A filha de Gallon tem, então, a percepção nitida do que se passa. Caiu no laço traiçoeiro que lhe armaram. Está nas garras de Wilkerson. Como sair d'ellas? O terror apodera-se da pobre creança e fulmina-a de novo. Rosa, quando se convence de que não póde reagir para se salvar, cae como morta sobre a cama, emquanto a sua companheira de infortunio a olha indifferente, como se tudo aquillo fosse um banal acontecimento de todos os dias.

O *detective* do Hotel, porém, viu para onde Wilkerson entrou e ficou assim, de posse da pista do bandido. Por sua vez, João Dore, chegando a S. Francisco, vae hospedar-se tambem no Hotel Mons, indo occupar o mesmo quarto que servira de alojamento a Rosa. As gavetas do toucador são-lhe precisas, para arrecadar os objectos que traz comsigo. Uma d'ellas, porem, está fechada. Chama um creado. Manda-a abrir.

—O que é isto?—pergunta elle cheio de espanto, ao ver deante de si os documentos relativos á mina, que estavam no fundo da gaveta. Quem deixou aqui estes papeis?

—Uma senhora que saiu hontem á tarde, com dois homens e uma outra senhora que a acompanhava—responde o creado.

—E para onde foram?

—Não sei.

(*Continua*)

No «ecran» do OLYMPIA

SPORT

Como se fosse coisa só de gente moça...

(Cartas a um velho amigo)

Os velhos podem ter a mesma força e agilidade dos novos

Cesar—Queres conhecer um facto engraçado?

Ante-hontem chegou ao meu consultorio um cliente, que por conselho de um collega, ia fazer duas séries de massagens. Vi o seu mal e executei o que o meu collega lhe havia indicado, accrescentando que elle, alem da maçagem no local da dôr, devia praticar os exercicios phisicos, em especial a gymnastica.

O homem ficou muito admirado a olhar-me! Não comprehendia a «receita»! E apesar de ser d'uma vasta illustração, ainda assim perguntou:

—O' dr. então quer, que n'esta edade eu vá fazer gymnastica?... Isso é d'uma singular bizarria!...

Comprehendes que este facto não é unico. Infelizmente tem uma grande vulgaridade. Admitte-se que uma creança faça gymnastica mas não se permitte que a faça um velho! E' espantoso!

A' medida que avançamos em edade na vida, afastamo-nos dos exercicios phisicos e quando chegamos a uma edade avançada não nos podemos mexer! Ora eu tenho dito e tenho repetido que o adulto precisa de mais movimento que a creança Esta mexe-se sempre, faz naturalmente o seu exercicio, trepa, pula, corre, salta. O homem o que faz? Nada. Ora a machina humana continua a trabalhar sempre...

Os phisiologistas dão a sentença para estes casos. Dizem que o corpo humano tende constantemente a acommodar se por uma mudança material de forma e de estructura ás condições da vida do individuo. Na verdade, assim é. Mesmo o homem forte não chega a ser um athleta se não trabalha os seus musculos.

A força do Manuel da Silveira só se revelou no seu maximo poderio depois da gymnastica methodica, regular e orientada que recebeu no Gymnasio Club durante dois annos.

Tu bem sabes que a pratica diaria da cultura phisica mantem os musculos fortes e vigorosos, e torna os orgãos aptos a experimentar, sem fadiga, um funccionamento exaggerado. Mas o que tu sabes, deviam-o saber todos, mesmo aquelles que um dia chegaram a ser hercules e que abandonaram o exercicio phisico. Estes hão de ver em pouco tempo, que os musculos amolecem, que se produziu a atonia da fibra muscular, que as articulações «enferrujaram», que a respiração se tornou preguiçosa e que todas as funcções vitaes se exercem mal.

No anno passado, na Amadora, fiz interessantes experiencias sobre estes casos. Organisei uma classe de gymnastica para adultos, na qual todos eram companheiros e onde tomei o meu logar de gymnasta e não de mestre. Trabalhámos com muita regularidade alguns mezes, com exercicios em gradações sucessivas e conseguimos bastante. Não conheces o sr. José Aprigio Gomes, que é um colosso de estatura e de força, um excellente camarada que aprecia bastante as coisas de sport? Conheces. E' o antigo picador, verdadeiro mestre de equitação dos tempos em que se ensinavam cavallos e não se montavam «á la diable» como hoje se faz. Pois apezar dos seus quasi 50 annos tem a resistencia e a agilidade d'um homem de 25. Tem ainda a alegria, o espirito, a iniciativa e a audacia d'um rapaz. E no fim da classe, elle, que foi o mais assiduo, tinha conseguido crescer, ou melhor endireitar-se mais quatro centimetros e tinha conseguido curvar se, para segurar os pés ou para se calçar, sem incommodo apreciavel e sem os perigos congestivos d'outros tempos! E semelhantes resultados tirou o Antonio Correia e até um mestre na sciencia medica, um sabio portuguez, que viu diminuir d'alguns centimetros em circumferencia abdominal, a adiposidade que ameaçava prejudicar-lhe, um pouco, a natural esthetica. Estes exemplos podia multiplical-os. Para quê? Já julgo sufficientemente esclarecido o assumpto.—*P.*

Notas do dia

Ainda a lamentavel questão do «foot-ball»

Primeiro uma retificação. Depois um esclarecimento. Por ultimo ainda e mais uma vez as nossas opiniões individuaes.

A rectificação é a seguinte: O sr. F. G. F. falava hontem da suspensão do Internacional pr um mez. Ora o facto é que o Internacional ainda não está suspenso, embora se houvesse solidarisado em tudo com os clubs que foram castigados pela Associação de Foot-ball.

O esclarecimento é o seguinte: A suspensão inquisitorial por 5 mezes lada ao Imperio não pode provir de má conducta para com a Associação ou para com os seus directores. O officio que vamos publicar é sufficientemente esclarecedor. N'elle, não vemos a menor incorrecção de linguagem nem um desrespeito á auctoridade dos dirigentes do «foot-ball». Resa assim:

Ex.mos Senhores.—A direcção do Sport Club Imperio, leva ao conhecimento de V. Ex.as que, em consequencia de factos que muitos desgostos lhe teem trazido, resolveu não continuar a disputar o campeonato de «foot-ball», em todas as suas cathegorias, do que pedimos tomeis devida nota para os resultados dos desafios que foram marcados para domingo p. p. em que entravam grupos do nosso club, data em que já haviamos tomado esta resolução conforme a nossa communicação no orgão official d'esse mesmo dia, e que por lapso só hoje levamos ao conhecimento de V. Ex.as, falta esta que certamente nos relevarão.

Com toda a consideração, subscrevo-me —Pela direcção do S. C. I.—*Virgilio Fonseca.*

N'este officio confessa-se uma ligeira falta, a de não communicar por escripto á direcção da Associação a desistencia. Será esta falta que motivou a tal «sentença kaiseriana» de 5 mezes? Se é, que penalidade impunham ao club que nem por escripto dois dias depois, nem por informação no proprio dia, communicasse a sua desistencia? Naturalmente Penitenciaria para o capitão e Limoeiro para os jogadores.

* *

Sobre esta questão e em volta d'ella, começou a circular uma «nova infamiasinha». Segredava-se que o Sporting Club tinha desistido para evitar o jogo com o Bemfica no campo d'este e em que o Bemfica teria lucros certos!...

Ora, o Sporting—segundo informações que acabamos de receber—entregou na ultima quinta-feira, ao dr. Antunes dos Santos, presidente da direcção do S. L. B., um officio, affirmando estar prompto a jogar com o Bemfica, no dia e com as condições que este quizesse. Evidentemente, que este offerecimento não pode aproveitar-se porque o Sporting está «inquisitorialmente» castigado. Mas... fez-se. E quem sabe se poderá ser utilisado?! E' que ainda temos esperanças de ver reconsiderar alguns dos dirigentes da Associação, porque o seu erro pode ter desastradas consequencias para o sport.

Castiguem, sim, severamente se quizerem, mas não até ao exaggero de matar os clubs e acabar com o sport.

Nós queriamos...

Tudo congraçado, com todos, absolutamente todos, usando dos seus direitos, utilisando os seus merecimentos, trabalhando pela causa do athletismo.

Nós queriamos que os clubs se unissem; que não houvesse «ententes» entre uns para prejudicar os outros; que todos se representassem em desafios internacionaes.

E... esta «harmonia não prejudicava a rivalidade, que deve haver, porque ella constitue um estimulo.

E... se houvesse esta «harmonia», nunca a Associação chegaria ao extremo inacreditavel de castigar um club, com as responsabilidades do Sporting, campeão de Portugal, pelo «crime» dum «crime» que não conhecemos, com a sentença de 5 mezes, que equivale á morte da collectividade...

* *

Vigo contra Lisboa

O «Fortuna de Vigo» deve chegar talvez ámanhã a Lisboa. Vem com a antecedencia precisa para que, na tarde do seu primeiro «match», esteja inteiramente refeito das fadigas de uma viagem longa. Quer apresentar-se ao publico de Lisboa, em posse de todos os seus recursos, os recursos notaveis que o conduziram á conquista do titulo de campeão da Galliza.

O Sport Lisboa e Bemfica está nas intenções de oppôr-lhe tanto no sabbado como no domingo, o seu grupo representativo, o que contem os seus mais antigos «players», os seus homens já habituados de mais longa data ás difficeis competencias com estrangeiros. Quer isto dizer que os desafios das duas tardes vão interessar vivamente o publico e despertar a attenção de todos os «sportsmen», que querem conhecer e apreciar o justo e real valor do «Fortuna», e só podem conseguir esse desejo vendo-o jogar contra o melhor grupo lisbonense que se lhe possa oppôr.

Algumas anecdotas

Cautella!... podia ir buscar lá...

A scena passou-se de manhã, em Paris, em frente da casa de automoveis Esnault Pelterie.

Estava uma carroça parada e um dos cavallos saltou sobre o outro companheiro. O cocheiro interveiu e corrigiu-o mas sem excessos. Quem presenciou o acto não protestou. Mas, do passeio fronteiro, um sujeito, todo bem vestido, vem atravessando a rua em altos gritos:

—E' vergonhoso... Você o que precisava é que lhe fizessem o mesmo...

—A's suas ordens... Experimente, para ver...

O defensor dos cavallos, que é um professor de «box» em Paris, olhou para os ante-braços imponente e para o peito herculeo do cocheiro e reconsiderou:

—Você, bem se vê, que é tão bruto como os animaes Nem merece que se castigue...

E pelo sim, pelo não, foi se afastando. Os circumstantes riram e tambem se riu o cocheiro que era o athleta Bouteiller, da Société Athletique de Montmartre...

Os grandes records

O que fez o celeberrimo Schrubb

Tem-se affirmado e com certa verdade que o corredor inglez Alfred Schubb foi o mais notavel pedestrianista dos ultimos trinta annos.

Vamos dar hoje a prova.

Schrubb conseguiu estabelecer os seguintes «records» do mundo: 2 milhas (3218 metros) em 9' 9" 3/5; 3 milhas (4.827 metros) em 14' 17" 3/5; 5 milhas (8.046 metros) em 1904, em 24' 33" 2/5; 6 milhas, em 29' 59" 2/5; 10 milhas (16.093 metros) em 1904 em 50' 40" 3/5.

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

A sessão de quinta feira

A's *21,30 d'ámanhã* realisa-se no *Café* Madrid, a partida de desforra, ás 500 carambolas, entre o profissional sr. Antonio de Sousa e o amador sr. Angelo dos Santos, nas condições da partida anterior e com os mesmos arbitros, os srs. Candido Malheiro e Raul Lopes.

Consta-nos que ha apostas por ambos os contendores.

—Está-se elaborando o programma do proximo concurso, o qual vae ser submettido á approvação n'uma breve reunião.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes)—Lyceu de Pedro Nunes: A entrada no Parque de Jogos para assistir aos desafios do campeonato inter-escolar de «foot-ball» é facultada aos directores da Associação de Foot-ball de Lisboa, seus juizes de campo e socios, e aos alumnos das escolas filiadas. E' indispensavel a apresentação de bilhete de identidade, devidamente authenticado pela Associação ou escola, sendo apenas dispensados d'essa apresentação os alumnos de escolas que entrem acompanhados por um representante do seu director.

Grupo Sportivo da Associação dos Caixeiros

Continuam funccionando com animação as aulas de cultura physica d'este grupo, e em especial a aula de gymnastica applicada dirigida pelo distincto professor Oscar Del-Negro, que devido á sua competencia, os seus alumnos vão progredindo nos seus exercicios e as aulas de pezos e lucta e jogo de pau continuam tambem progredindo.

Para a proxima primavera pensa a commissão de propaganda d'este grupo, realisar diversas «poules», e entre ellas as de lucta e jogo de pau.

Interesses de classe

A nomeação dos sargentos da guarda fiscal para aspirantes da Alfandega

Escreve-nos «Um 1.º sargento da guarda fiscal» protestando contra o facto da Associação Commercial de Lisboa ter entregado uma representação ao presidente da camara dos deputados em que, mais ou menos, se contraria o projecto de lei apresentado ao parlamento pelo deputado sr. Angelo Vaz, em que se preceitua o provimento dos 1.os sargentos da guarda fiscal nos logares de 2.os aspirantes do quadro geral das alfandegas.

Não ha motivo para que a tal se obste. Bem basta, diz quem se nos dirige, que se não tenham respeitado os direitos adquiridos e que aos 1.os sargentos, alguns dos quaes com 17 annos de serviço, se tenha tolhido a promoção a officiaes, quanto mais pretender agora que não sejam providos em logares para que teem todas as habilitações. Cabos e sargentos da guarda fiscal prestam serviço como aspirantes da alfandega em differentes casas fiscaes, a par dos empregados do serviço interno, não havendo portanto razão para que não possam ser nomeados effectivamente aspirantes.

Joanna d'Arc

A commemoração do seu martyrio em Lisboa

Passa a 8 de maio o anniversario do martyrio de Joanna d'Arc, a heroina franceza que legou á historia um sublime exemplo de amor patrio.

Rememorar este exemplo é uma grande lição dada ao povo, e que no actual momento é muito opportuno. Por isso uma commissão de admiradores de Joanna d'Arc projecta uma manifestação em sua honra, contando para isso com o concurso de todos os portuguezes quaesquer que sejam as ideias religiosas ou politicas.

O programma que se conta levar a effeito é o seguinte:

Dia 7 de maio, sessões nas collectividades que adheriram á commemoração; no dia 8, de manhã alvorada em varios pontos da cidade, solemnidades religiosas em alguns templos promovidas pelos catholicos da capital, á noite, cortejo civico, que desfilará em frente da legação de França.

A commissão compõe-se de mesdames Suzane Collet, Henriqueta de Castro Collier e Maria Amelia de Campos e dos srs. Pierre Collier, Henrique Accacio dos Santos, Arthur Pereira e Silva e Benito Mendes Sequerra.

Tambem os allemães estavam modificando o caminho de ferro na vulcanica provincia de Eifel, do lado de lá da sua fronteira. Dez annos antes, era uma linha simples, mas na occasião em que a guerra foi declarada havia sido transformada em via dupla e fortificada; em certos sectores havia trez e quatro vias e linhas de resguardo, desnecessarias em absoluto para as necessidades de commercio ou de transporte da população, tinham sido construidas proximo de cada estação onde houvesse espaço que tal permittisse. Em Gerolstein, uma aldeia com 1.200 habitantes, tinham sido construidas vias de resguardo como se se tratasse d'uma grande cidade.

Uma caracteristica dos caminhos de ferro allemães era de haver poucas rampas e que em muitas das principaes linhas não havia um unico tunnel. Os traçados escolhidos para as linhas ferreas que apresentavam tão poucos obstaculos naturaes eram d'uma grande vantagem emquanto esses caminhos de ferro estivessem em poder dos allemães, mas no caso de invasão, que uma potencia militar tal como a Allemanha provavelmente nunca encarou ao construir essas linhas, seria muito difficil para os exercitos allemães em retirada destruil-os de tal modo que impedissem o seu emprego por um exercito invasor, a não ser por um curto periodo.

Devemos accrescentar que mesmo em tempo de paz os caminhos de ferro allemães eram administrados militarmente. Na mobilisação do exercito foram immediatamente entregues ás auctoridades militares, sob a direcção da secção de caminhos de ferro do grande estado maior general.

Não se póde pôr em duvida que se teem feito coisas dignas de admiração nos caminhos de ferro allemães desde que principiou a guerra, mas algumas das historias que se contam quanto ao rapido transporte de tropas da fronte oriental para a occidental e vice-versa são um exaggero.

Ha um limite em transportes, que o pratico de caminhos de ferro conhece perfeitamente, e algumas das maravilhas que se diz terem sido praticadas pelos caminhos de ferro allemães são simplesmente impossiveis. Um dos factos mais notaveis n'esse genero foi o levado a cabo por von Hindenburg, que conseguiu, pela transferencia d'uma grande força dos districtos de Cracovia e Czentoschau, effectuar uma surpreza sobre as forças russas nas proximidades de Kalisch.

Em quatro dias, von Hindenburg transportou uma força de quasi 400.000 homens a uma distancia de trezentos e vinte kilometros. O facto d'elle ter gasto quatro dias em transferir esse exercito n'uma distancia relativamente curta, embora considerado em si proprio seja notavel, dá a indicação do tempo necessario para transferir uma grande força da fronte oriental para a occidental.

Essas maravilhosas historias que teem corrido mundo devem ser postas de remissa, como a que os jornaes noticiaram de ter sido transportado o exercito russo atravez da Inglaterra.

O systema de caminhos de ferro francez, embora não tivesse sido construido com fins estrategicos, foi admiravelmente adaptado para o rapido transporte de tropas e material de guerra. As linhas ao longo da fronteira de leste desde Boulogne, por Amiens, Tergnier, Laon, Reims e Verdun dominavam a fronteira allemã e as de Cambrai e Mons para Bruxellas faziam com que as tropas pudessem ser transportadas para a fronteira belga.

Eram, porém, caminhos de ferro commerciaes e não estrategicos, e a fronteira não era, como na Allemanha, um labyrintho de linhas ferreas cujas unicas funcções eram as do transporte de exercitos.

No tempo de paz os caminhos de ferro francezes estavam sob a fiscalisação do ministerio das obras publicas, mas, como succedeu na Inglaterra, passaram automaticamente para o poder do governo ao ser declarada a guerra.

ram ellas atacadas muitas vezes pelos boers, que d'uma vez fizeram parar todo o trafico durante uma quinzena. Tornou-se necessario adoptar medidas para proteger as extensas linhas ferreas de que dependiam os abastecimentos do exercito inglez e recorreu-se á construcção de «blockhouses» não só para assegurar as communicações, mas ainda para transformar os caminhos de ferro em barreiras fortificadas que representaram um papel importante na separação e no cerco dos commandos boers.

A principio, os caminhos de ferro foram protegidos por pequenas forças de homens montados, mas tendo a experiencia demonstrado que tal systema não era efficaz contra «raids» feitos em certa força, surgiu a idéa de estabelecer fortificações definitivas. Os «blockhouses», juntamente com os comboios blindados, guarnecidos de canhões de tiro rapido e de Maxims e grandes pharoes, tornaram impossiveis os «raids».

N'alguns sectores do caminho de ferro, «blockhouses» foram construidos á distancia de 200 metros uns dos outros, sendo ainda as linhas defendidas com arames farpados. Tratava-se d'um caso especial e a transformação de extensas linhas ferreas em fortificações permanentes só era possivel devido ás condições locaes.

Ao mesmo tempo, os recursos dos caminhos de ferro foram aproveitados para augmentar a producção de munições. As officinas centraes em Pretoria fabricaram com exito munições de canhões, emquanto as de vagons produziam o numero necessario para as ambulancias. A campanha sul-africana no seu conjuncto foi como que uma revelação mesmo para as grandes nações militares do emprego que se podia fazer dos caminhos de ferro para os fins de guerra.

Na guerra americana Separatista fez-se um magnifico emprego dos transportes em caminho de ferro, mas, em virtude do que se tem feito na actual guerra, a imprensa norte-americana tem-se occupado largamente do problema para que aos caminhos de ferro estrategicos dos Estados Unidos se preste a devida attenção, pondo-os nas condições aconselhadas pela moderna sciencia.

Fez vêr a imprensa que, devido ás grandes distancias a que as tropas tinham de ser transportadas no caso dos Estados Unidos serem ameaçados nas suas expostas costas maritimas, a rêde dos caminhos de ferro estrategicos deve estar apta a essa rapida mobilisação, que a guerra mostrou ser uma das condições essenciaes d'uma campanha coroada de exito. Especial attenção tem de ser concedida á necessidade de melhorar as condições ferro-viarias nos portos e bahias onde um inimigo possa pretender fazer um desembarque, a fim de se evitar a accumulação que se deu por occasião do envio de tropas para Cuba, na occasião da guerra hispano-americana. Tambem a imprensa advogou a necessidade de preparar planos para prevenir o perigo d'uma invasão.

As desvantagens provenientes da falta de facilidade de transportes foram demonstradas exuberantemente na guerra russo-japoneza. N'essa guerra, em que para transportar tropas apenas havia o caminho de ferro transiberiano e de linha simples, foi em parte devido á falta de meios de transporte que a Russia concluiu a paz, quando tinha posto em campo um numero relativamente pequeno de homens.

Na actual guerra, os caminhos de ferro teem exercido uma influencia consideravel no decorrer da lucta. As campanhas na Belgica, na França, na Russia, no norte da Italia e o grande impulso nos Balkans, mercê do qual o inimigo imaginava apoderar-se de toda a linha ferrea para Constantinopla, forneceram muitos exemplos da tendencia da moderna guerra para travar batalhas pela posse dos meios de transporte e utilisar por completo a mobilidade que os caminhos de ferro proporcionam.

A Allemanha fez amplo uso do seu systema ferro-viario para transportar grandes forças de uma fron-

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21 — Como se vingam mulheres—Os 20:000 dollars.
REPUBLICA — A's 21—Ceia dos Cardeaes—Pae.
TRINDADE— A's 21—Dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30— Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas
COLYSEU DOS RECREIOS— Companhia de opera lyrica—A's 21—Cavallaria rusticana—2.º e 3.º actos da Fedora.

Agenda da semana

HOJE — Nacional — Festa artistica do Palmyra Torres — Primeira representação do drama *Como se vingam mulheres*, de Sousa Costa.

SABBADO — Republica — 4.ª recita de assignatura—Primeira representação da comedia em trez actos *A maluquinha de Arroyos*, original de André Brun.

Um serão nas Laranjeiras

Reprise da famosa peça de Julio Dantas

Sobe á scena no proximo sabbado, 26, no theatro Nacional, em *reprise*, uma das peças de maior successo do repertorio permanente d'este theatro: o *Serão nas Laranjeiras*, de Julio Dantas. Esta peça, que é uma revivescencia da sociedade elegante do Romantismo e cuja acção se passa no celebre palacio do conde de Farrobo, ás Laranjeiras, foi representada pela primeira vez em dezembro de 1903 no antigo theatro de D. Maria, dando cerca de quarenta representações consecutivas e teve successivas *reprises* em Lisboa, no Porto e no Brazil, em varias epocas. A ultima realisou-se a 18 de maio de 1909 no theatro *Aguia d'Ouro* do Porto, pela companhia do theatro de D. Maria II, obtendo a peça um grande exito. A opinião da imprensa portuense foi unanime.

O *Commercio do Porto*, disse:

«A peça de Julio Dantas, se a encararmos pelo aspecto artistico, é das mais intelligentemente urdidas que ahi temos visto de auctores nacionaes; se a objectivarmos atravez do prisma da graciosidade e da galanteria, a nossa impressão resulta brilhantissima. A sociedade galante, romantica e aventurosa do tempo em que se destacou a figura radiosa do conde de Farrobo; em que as historicas *Laranjeiras* eram o centro do luxo, da elegancia e da aristocracia—toda essa sociedade perpassa e exteriorisa-se na peça de Julio Dantas, com a velha graça portugueza e com todos os seus defeitos, virtudes, prosapias e ridiculos. E', com effeito, uma peça bem feita, filigranada, elegantissima, que o espectador vê com o maximo prazer e sempre com um interesse crescente, de acto para acto, de scena para scena».

O *Primeiro de Janeiro*:

«*Um Serão nas Laranjeiras* é uma comedia de costumes em que apparece vigorosamente reconstituida uma sociedade elegante em que, sob a espuma de rendas preciosas, as maiores audacias se disfarçam no esfusiar de lindos galanteios. A intriga é bem conduzida; as figuras desenhadas com esplendido relevo e o dialogo, muito cuidado, esmalta-se de finos ditos e apparece-nos sempre com a belleza d'um recorte litterario perfeito».

Diz ainda o *Jornal de Noticias*:

«Esta peça... é uma das mais graciosas e das mais bem escriptas peças que temos em portuguez. O dialogo é um verdadeiro primor; todos os typos estão admiravelmente crayonados; o conjuncto é toda uma esplendida reconstituição da epoca de 1848. Não conhecemos em lingua portugueza peça tão requintada, tão burilada, tão finamente espirituosa como *Um serão nas Laranjeiras*. Se o seu auctor não fosse de ha muito um escriptor consagrado, este admiravel trabalho consagral-o-hia».

Para a *reprise* d'agora, o guarda-roupa, luxuosissimo, é inteiramente novo; os scenarios são os mesmos do grande pintor Manini.

Noticias

Realisam no proximo dia 3 de março a sua primeira festa artistica no Eden Theatro, as simpathicas actrizes Egydia e Carmen d'Oliveira, dois elementos de real valor no genero revista e que, attentas as simpathias de que, justamente gosam, vão ter ensejo n'essa noite de verem o quanto o publico as aprecia. Demais reservam-se para essa noite varias surprezas que, por emquanto, constituem segredo.

—No proximo domingo, no theatro da Trindade, realisa-se a «matinée» de homenagem ao ex-actor Cesar Marques representando-se a peça brazileira «O dote» e o episodio dramatico «A'manhã».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Festas associativas

Lisboa-Club—Promovida pela direcção e desempenhada pelo grupo dramatico do club, ha ámanhã recita com as comedias «Divorciemo-nos...» e «Por força...», e um acto de «Folies bergéres», seguindo-se baile. Abrilhanta o espectaculo o septimino do club.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Em defeza propria—Do sr. dr. Manuel de Quadros, juiz de direito em Bicholim (India Portugueza), recebemos um folheto contendo a sua defeza n'um processo crime que lhe foi movido por um grupo de descontentes. Essa defeza é um documento da alta capacidade juridica do seu auctor e rebate minuciosamente os articulados da accusação, que pulverisou ante a sua logica implacavel. E tanto assim o reconheceu o governo, que confirmou o sr. dr. Manuel de Quadros como juiz da comarca de Bicholim, devendo ainda accrescentar-se que já anteriormente havia sido absolvido do citado processo, por acordão da Relação de Nova-Gôa.

Tutoria Central da Infancia de Lisboa—Acaba de ser publicado em opusculo o relatorio do juiz presidente d'este estabelecimento, relativo ao anno judicial de 1914-1915. E' um documento notavel sob muitos pontos de vista, principalmente para os que se entregam ao estudo da criminologia infantil. Vem illustrado com algumas gravuras.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil—Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a reunião mensal conjuncta dos corpos gerentes, para tratar de assumptos importantes.

Soccorro Mutuo União Humanitaria—Para discussão do relatorio e contas e parecer do conselho fiscal, reune a assembleia geral no dia 29, ás 20 horas. A receita durante o anno findo foi de 1.301$57,4 e a despeza de 1.263$53,3, havendo portanto um saldo de 38$04,1. O numero de socios existentes em 31 de dezembro findo era de 314.

Publicação

PARA os devidos effeitos se torna publico que, por escriptura celebrada em 22 de fevereiro corrente, notario EUGENIO DE CARVALHO E SILVA, de Lisboa, foi constituida entre JAYME SOARES RIBEIRO e a firma REYS, VAZ & RIBEIRO, uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, sob as condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

Na forma d'este pacto, e em harmonia com as disposições da lei de 11 de abril de 1901 fica constituida uma sociedade commercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «SOARES RIBEIRO, LIMITADA», entre Jayme Soares Ribeiro e a sociedade Reys, Vaz & Ribeiro, d'esta cidade.

2.º

A sua séde é em Lisboa, e o seu estabelecimento, ou escriptorio, na rua da Padaria, n.º 7 1.º andar.

3.º

O seu objecto é o commercio por atacado de artigos de papelaria, de perfumaria, e de quaesquer outros em que os associados concordem, e especialmente a continuação de todas as transacções da extincta firma Conceição & Ribeiro, Limitada, d'esta cidade.

4.º

A sua existencia conta-se de 20 do corrente mez de fevereiro e a sua duração será por tempo indetreminado, considerando-se annos sociaes os annos civis.

5.º

O seu capital é de 5.000$00 constituido por duas quotas, uma de 3.500$00 do socio Jayme Soares Ribeiro, e outra de 1.500$00 da firma Reys, Vaz & Ribeiro. Da quota do socio Ribeiro está realisada uma parte na importancia de 560$00, ou sejam 16 0/0, pela transferencia para a sociedade, do estabelecimento ou escriptorio referido no artigo segundo com todos os seus valores e direitos que constituem o activo sujeito á obrigação de pagamento do respectivo passivo, como tudo lhe ficou pretencendo pela dissolução da sociedade Conceição & Ribeiro, Limitada, transferencia que elle aqui confirma pondo tudo em commum n'esta sociedade; e o restante deverá ser realisado em dinheiro á medida das necessidades sociaes, e dentro de 4 annos a contar d'hoje. A quota da firma Reys, Vaz & Ribeiro está já integralmente realisada em dinheiro no cofre social.

6.º

Os seus supprimentos poderão ser feitos por ambos, ou por qualquer dos associados ao juro annual de 6 0/0; porém, em caso nenhum lhe poderão ser exigidas prestações supplementares de capital.

7.º

A sua gerencia fica gratuitamente e sem caução quer a cargo do socio Jayme Soares Ribeiro quer a cargo da firma Reys, Vaz & Ribeiro que como taes representarão a sociedade activa e passivamente tanto em juizo como fóra d'elle, distribuindo os differentes serviços como convierem, e podendo a firma Reys, Vaz & Ribeiro fazer-se representar quer no exercicio d'ella, quer em quesquer outros casos no seio d'esta sociedade, por qualquer dos seus socios gerentes. Todos os socios gerentes de Reys, Vaz & Ribeiro, portanto, e bem assim o socio Jayme Soares Ribeiro poderão fazer uso da firma d'esta sociedade; porém, esse uso fica rigorosamente limitado aos negocios e operações sociaes, e expressamente prohibido em fianças e em quaesquer outros actos de favor que tragam responsabilidade á sociedade por obrigações estranhas.

8.º

O seu balanço será dado no fim de cada anno, e deverá estar escripto e assignado no livro competente até 31 de janeiro seguinte, considerando-se irreclamavel se escripto no livro competente no tempo fixado, sobre elle não tiver havido reclamação até fim de fevereiro seguinte.

9.º

Os seus lucros verificados pelos balanços, e bem assim as suas perdas se as houver serão divididos em partes eguaes pelos dois associados, depois de d'aquelles terem sido retirados 5 0/0 para o fundo de reserva quando elle esteja por preencher, ou tenha de ser reintegrado.

Paragrapho 1.º—A' conta de sua quota de lucros provaveis poderá cada um dos associados levantar da caixa social em cada mez o que careça dentro dos limites que entre si fixarem por accordo.

Paragrapho 2.º—O socio Jayme Soares Ribeiro não poderá levantar saldo algum de lucros verificados pelos balanços além das mensalidades auctorisadas no paragrapho 1.º emquanto não tiver integralmente realisada a sua quota de capital e todos esses saldos serão levados á conta de tal realisação.

10.º

As suas quotas nunca poderão ser divididas nem cedidas, no todo nem em parte sem especial consentimento da sociedade, salva a divisão entre herdeiros de um socio, ou entre os socios de Reys, Vaz & Ribeiro em consequencia de dissolução d'esta firma ou de sua transformação, e salva tambem a cessão total ou parcial feita por um associado a outro.

11.º

As suas deliberações constarão sempre de actas ou de outros documentos escriptos, que sejam assignados por ambos os socios; as reuniões dos socios poderão ser convocadas por cartas registadas expedidas pelo menos 5 dias antes, e o socio ausente ou impedido poderá consignar o seu voto ou deliberação em simples documento escripto e assignado pelo seu punho.

12.º

A sua dissolução dar-se-ha por qualquer dos motivos legaes, e a sua liquidação será feita como os socios, seus herdeiros ou representantes convierem e seja de direito.

Paragrapho unico—Em caso de liquidação e partilha da sociedade terá o socio Jayme Soares Ribeiro preferencia a outrem na adjudicação do estabelecimento ou casa social, em egualdade de condições.

13.º

As suas duvidas e desintelligencias, quando tenham logar entre os socios, seus herdeiros ou representantes serão resolvidas por arbitragem precedida do compromisso legal, incorrendo quem se recuse a outorgal-o na multa de 500$00 á favor de quem o reclame.

14.º

Em tudo quanto fique omisso reger-se-ha a sociedade pelas disposições legaes applicaveis.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1916.

O notario

Eugenio de Carvalho e Silva

Dissolução da firma Conceição & Ribeiro Limitada

Para os devidos effeitos se torna publico que por escriptura lavrada nas notas do notario Eugenio Carvalho Silva, e por accordo dos socios se dissolveu a firma commercial que n'esta praça praça girava sob a firma Conceição & Ribeiro Limitada, sahindo o socio Raul Augusto da Conceição, e ficando todo o activo e passivo a cargo do socio Jayme Soares Ribeiro, que se constituiu novamente em sociedade sob a firma Soares Ribeiro Limitada, para a exploração e continuação dos negocios da extincta firma.

Lisboa, 22 de fevereiro de 1916.

(a) Jayme Soares Ribeiro

Ao Ex.mo Sr. Dr. Santos Reis

CONSTANTE PERES, commerciante R. 24 de Julho, 84-B, reconhecido ao Ex.mo Sr. Dr. Santos Reis, com consultorio no largo de Camões n.º 4, 2.º, pelos serviços clinicos prestados ao signatario, que, soffrendo ha annos d'uma doença do estomago, depois de varias consultas com medicos de nomeada e especialistas, só devido sem duvida á muita proficiencia de tão distincto medico poude encontrar-se hoje bom.

Egualmente tendo ultimamente tratado de sua filha Elvira, d'uma doença grave que desillidida por outros, tendo chamado aquelle Sr. Dr. Santos Reis, sua filha encontra-se completamente restabelecida. Ora não póde o signatario deixar de vir a publico e por esta fórma á falta d'outra melhor, visto que factos d'estes pertencem aos que soffrem, e dizer a todos que só devido ao muito saber, zelo e dedicação de tão distincto medico é que deve não só a sua vida como tambem a de sua filha.

Lisboa, 23 de fevereiro de 1916

(a) *Constante Peres*

te de batalha para outra e para as guarnecer alternadamente durante as primeiras phases da guerra; o excellente emprego feito dos caminhos de ferro francezes habilitou estes a pelo menos parcialmente se prepararem para luctar com o invasor e foi em grande parte por meio dos seus caminhos de ferro que a Russia mobilisou em tão pouco tempo que surprehendeu o inimigo e occupou parte da Prussia Oriental, no momento em que a Allemanha se estava concentrando para marchar para Paris.

Segundo-tenente R. Price Hallowes, que, apesar de mortalmente ferido, se recusou a abandonar o commando

O magnifico emprego dos caminhos de ferro pelos exercitos combatentes não foi muitas vezes considerado como o devia ser, pela simples razão de que era um facto vulgar da vida diaria.

Na Inglaterra, talvez com uma unica excepção, não havia caminhos de ferro estrategicos. As principaes linhas de communicação e as linhas transversaes foram construidas para attender ás habituaes necessidades commerciaes. A construcção de caminhos de ferro estrategicos incumbia ao Estado e na Gran-Bretanha não havia caminhos de ferro do Estado, embora o governo em virtude dos poderes que lhe foram conferidos tomasse posse das linhas ferreas quando a guerra rebentou.

A situação no continente era muito differente. O systema de construir caminhos de ferro pelos quaes forças militares pudessem ser rapidamente transportadas para fronteiras creadas artificialmente vinha sendo posto em pratica ha muitos annos. N'esse ponto, a Allemanha era mestra e havia construido uma grande rêde de caminhos de ferro para os quaes havia justificação militar, mas não commercial.

E' na realidade facil para um technico em caminhos de ferro fazer ruir todo o edificio do sophisma allemão com relação á responsabilidade da guerra, examinando a politica seguida pela Allemanha na construcção dos caminhos de ferro estrategicos. Era claro que a invasão da França pela Belgica fazia parte essencial do plano allemão. Não havia outra razão para a notavel rêde de linhas que haviam sido construidas para as fronteiras da Belgica e que, quando chegou a occasião, foram empregados para a invasão de esse desventurado paiz.

A maior desculpa que os allemães podem dar a esse respeito é que a melhor defeza consiste em estar preparado para a offensiva. A obra de construcção d'esses caminhos de ferro era simplificada pelo facto do systema de caminhos de ferro allemães ser construido pelo governo.

A desvantagem da Russia em relação á Allemanha em caminhos de ferro era enorme, pelo que a ultima d'estas nações confiava na vagarosa mobilisação dos exercitos russos emquanto a França estivesse sendo batida. Que, com um systema de caminhos de ferro tão inferior ao do inimigo, a Russia pudesse mobilisar as suas forças para a invasão da Prussia Oriental logo a principio, foi uma das maravilhas d'uma

guerra que tem sido cheia de surprezas.

A Allemanha, com esse genio para a organisação que se tem provado ser uma das suas grandes forças n'esta longa lucta, tinha, durante os quarenta annos de paz que se seguiram á guerra com a França em 1870, creado um systema de caminhos de ferro que, embora servindo bem as necessidades do commercio e dos viajantes, tinham sido construidos, como dizemos, sob o ponto de vista militar.

A posse dos caminhos de ferro que cobriam as fronteiras da França, da Belgica e da Polonia, que proporcionavam uma via dupla entre o oriente e o occidente e que punham em ligação todos os centros de caminho de ferro por linhas directas com as fronteiras, era um grande triumpho militar. As linhas principaes eram todas imortantes, mas havia alguns caminhos de ferro menos importantes na fronteira que serviam de grande auxilio aos chefes militares. Eram elles, na realidade, de enorme importancia para a Allemanha.

A linha entre Emden e Munster tinha ligações atravez da região pantanosa de Ems; os seus ramaes eram tambem de valor militar. No triangulo formado por Colonia, Aix-la-Chapelle, Emmerich, Limburgo e o Rheno, a Allemanha tinha multiplicado as linhas estrategicas a ponto de apparentemente causarem confusão. Essas linhas, além de servirem para fiscalisar as fronteiras, serviam Essen e outras cidades industriaes.

A tomada do Luxemburgo, além da sua influencia na campanha da Belgica, era importantissima. Offerecia um caminho a direito de Verviers a Metz, com ligações para o Rheno. Dentro d'essa linha e do territorio além d'ella entre Colonia e Saarburg haviam sido construidas muitas linhas ramaes e de ligação.

Para o fim unicamente militar de invadir rapidamente a Belgica tinham sido construidas algumas de essas linhas. E isso prova-o o facto d'ellas nunca terem sido empregadas para o trafico de mercadorias e passageiros antes da guerra. Uma d'essas linhas secretas era a que ligava Malmedy e Stavelot. Comtudo a sua existencia era quasi essencial para o exito dos planos militares allemães.

A linha que ligava Malmedy com Weymertz era uma outra importante via estrategica. O major Stuart Stephens tinha dito que sem o auxilio d'essas linhas as tropas exercitadas em Coblenz, Colonia, Bonn e Gladbach não poderiam ser secretamente arremessadas sobre a fronteira belga. Para occultar as suas intenções rêdes construindo essas rêdes ferreas particulares, a Allemanha construira uma via dupla entre Aix e St. Vitti, mas essa não fôra feita com um fim militar, e tinha, antes de estar preparada para a guerra, de construir uma outra linha de via larga, em que se gastou muito dinheiro.

Devia estar terminada em julho de 1914 e, como se sabe, a guerra rebentou no principio d'agosto d'esse anno. Tão grande foi o gigantesco «bluff» da Allemanha com relação aos motivos para construir essas duas linhas—a de Stavelot-Malmedy e a de Weymertz-Malmedy—que uma parte consideravel do capital necessario para a sua construcção foi fornecido pela Belgica e que esse paiz ligou á sua custa essas linhas, destinadas a facilitarem a rapida invasão do seu territorio, com a rêde ferro-viaria belga.

A annexação do Luxemburgo era, portanto, um negocio simples. Os caminhos de ferro estavam já na mão dos allemães e era tarefa facil transportar um exercito para a capital do grão-ducado e annunciar a sua annexação para fins militares.

Outros aspectos da attenção dedicada pelos allemães antes da guerra aos caminhos de ferro mostram a resolução de estar para ella preparados, embora se soubesse que nos poucos caminhos de ferro estrategicos da França, antes do rompimento das hostilidades, se haviam dado mudanças de bitola.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1994—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, l.º

LISBOA—Quinta-feira, 24 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, l.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

A tomada dos navios

Se a tomada dos navios allemães surprehendeu alguem, esse alguem tem em bem pouca conta a logica dos acontecimentos e a força das circumstancias. Pela nossa parte nunca considerámos esse acto uma hypothese mas uma certeza. E assim o considerámos precisamente pelas indicações d'essa logica e a existencia d'essas circumstancias. Ha quem supponha que este jornal dispõe de elementos de informação official ou officiosa que o habilitam a acertar nas suas previsões. E' um erro. O que nos tem levado a acertar n'essas previsões é a consideração firme dos dados dos problemas que se impõem á attenção publica, e a faculdade, que a isenção de paixões cegas facilita, de deduzir d'elles as suas naturaes consequencias. O acto que hontem se praticou etava dentro da logica de ferro que a marcha dos acontecimentos sempre revela ao observador attento e desapaixonado.

Ainda ha tres dias nós diziamos, quando já tinha largo curso a affirmação audaciosa dos inimigos da Republica e da dignificação do paiz, segundo a qual o governo não daria cumprimento á base do projecto das subsistencias que implicava o aproveitamento dos navios allemães,—ainda ha tres dias nós diziamos que essa questão estava sobre nós, e que não havia maneira de illudil-a. Era a logica dos acontecimentos que o determinava; eram as circumstancias que o impulham.

De tudo se lançou mão para fazer trepidar o governo na execução da base da lei que representava uma medida de salvação publica. Phantasiaram-se ameaças externas, não só da parte da Allemanha, como da Austria e da propria Hespanha, o que era um cumulo; chegou-se mesmo a assegurar que o governo não utilisaria os navios, porque a bordo se tinha içado a bandeira germanica, e as tripulações estavam decididas a resistir, com a cooperação dos allemães da colonia, reagindo contra a auctoridade portugueza ou mettendo os barcos no fundo.

Nunca acreditamos em taes balelas que faziam esfregar as mãos de contentos os adversarios da Republica, os germanophilos, todos os que só pensam em desprestigiar o regimen para satisfazerem os seus odios e desaggravarem as suas vaidades feridas. Nunca o acreditamos, e sobretudo nos repugnava admittir a possibilidade de que o sr. Rosen, ministro allemão em Lisboa, cuja sancção certamente seria pedida para qualquer acto grave, o que é uma pessoa intelligente, podesse concordar com actos inuteis e prejudiciaes. Inutil seria a resistencia das tripulações, e prejudicial á propria Allemanha seria afundar os navios, porque a questão permaneceria, só com a desvantagem para os allemães de já não existirem navios.

Azado é o ensejo para mais uma vez frizar esta fundamental verdade, que a luz da maior evidencia illumina. Portugal alliado da Inglaterra, encontra-se desde o principio da guerra, na zona dos alliados. Nem um só acto, desde que solemnemente se affirmou no parlamento, em 7 de agosto de 1914, a nossa infinita solidariedade com a Inglaterra, nem um só acto ainda se praticou que quebrasse essa solidariedade, ou sequer minimamente a affectasse. Não estamos isolados, e por isso mesmo o nosso acto de hontem por forma alguma foi um acto isolado. Nenhuma negociação fizemos com a Allemanha. Não fizemos mais do que cumprir uma lei portugueza, e se com alguem o nosso governo tinha de se entender para esse fim era sómente com a grande nação de que é alliado, e a cujos destinos se encontram indissoluvelmente ligados os nossos destinos, n'esta conjunctura tremenda para todos os paizes europeus.

Por isso mesmo não é possivel fazermos qualquer acto que não represente uma cooperação na guerra. Amanhã ou hoje mesmo, os sophistas que enxameiam na politica portugueza procuraram persuadir-nos de que os navios não eram allemães, mas chinezes porque uma parte da sua tripulação de chinezes era composta. Deixemo-los exhaurirem os seus recursos de subterfugios e equivocos nos seus impotentes esforços! Não ha maior cego do que quem não quer vêr. Mas na realidade esse mesmo vê, visto que se obstina a dizer que não vê precisamente porque já viu aquillo que não queria vêr.

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, e que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

O theatro de Julio Dantas

«Um serão nas Laranjeiras» «Soror Marianna»

Reapparece depois de ámanhã no theatro Nacional a encantadora comedia de Julio Dantas *Um serão nas Laranjeiras*, representada pela primeira vez em dezembro de 1903 no mesmo theatro, onde deu então cêrca de quarenta representações successivas e com intenso agrado. Pertencendo ao repertorio permanente do theatro, pena foi que decorressem annos sem que a vissemos em scena, pois que *Um serão nas Laranjeiras*, como *Frei Luiz de Sousa*, *Peraltas e Secias*, *Dôr suprema* e outras bellas e consagradas peças portuguezas, nunca devia recolher aos archivos por um tão dilatado espaço de tempo. O magnifico trabalho do Julio Dantas é a reconstituição, levemente caricaturada, d'um dos mais curiosos aspectos da sociedade elegante da nossa terra sob o romantismo e a sua acção decorre no palacio do conde de Farrobo, ás Laranjeiras, que se tornou notavel pelas festas sumptuosas que n'elle se realisaram e que nunca foram excedidas em requintes de luxo e bom gosto. A epoca de 1848 revive, no que teve de galantaria e de mundanismo, atravez dos graciosos actos de *Um serão nas Laranjeiras* que depois de ámanhã applaudiremos no Nacional, integralmente representado, com guarda roupa novo e os scenarios do incomparavel artista que se chama Luigi Manini.

* * *

Acaba de sahir a lume a segunda edição do *Soror Marianna*, o ultimo exito theatral do grande escriptor e que, como de ordinario acontece com todas as peças de Julio Dantas, foi largamente discutida. Acompanha a nova edição a admiravel chronica do *Primeiro de Janeiro* em que Julio Dantas respondeu deliciosamente a uma dama da aristocracia que, na primeira noite em que se representou o empolgante drama, attrahiu as attenções dos outros espectadores pelo modo por que exteriorisou as suas impressões. E' de prever que se esgote tão rapidamente como a primeira.

O consul do Brazil em Lisboa

O sr. Sousa Dantas substituido pelo sr. Moraes Barros

RIO DE JANEIRO, 24.—O consul do Brazil em Lisboa sr. Sousa Dantas foi transferido para Trieste sendo substituido pelo sr. Moraes Barros actualmente consul em Trieste.—(*Havas*)

Ainda a historia da cabala...

O sr. José de Alpoim, que confessa não ir ha annos ao theatro, faz, no entanto, nas cartas do *Janeiro* commentarios a proposito de coisas theatraes que não raro peccam por injustos e infundamentados. Está mais do que desmentido que a *Noite de Santo Antonio* se sumisse pelo buraco do ponto em virtude de qualquer cabala politica. Mas o sr. José de Alpoim torna-se eco de quem se lembrou de dizer tal e exprime-se em unisono com o correspondente da *Liberdade* sobre o triste mallogro da peça do sr. Vasco de Mendonça Alves. Escreve o eminente jornalista:

...Esse novo trabalho de Vasco de Mendonça Alves, que é um escriptor de theatro com raros talentos, foi assaltado por má vontades que teem procurado empecer-lhe a marcha. Não a vi, como ja disse, assim como não vi a *Conspiradora*, que tanta celebridade alcançou. Essas hostilidades, além de causas politicas, parece que tiveram a de cabalas e intrigas a dentro dos bastidores. E' o que ouço dizer. Triste coisa é que a politica exalte ou deprima obras litterarias e as qualidades cerebraes do escriptor ou orador! Nunca subordinei a essa feia femea as minhas apreciações sobre o valor dos homens.

O que empeceu a marcha da obra do sr. Vasco de Mendonça Alves—diga-se d'uma vez para sempre!—foi não ter a *Noite de Santo Antonio* agradado ao publico. E desagradou visto que nem o assumpto nem a fórma porque foi tratado pelo auctor mereciam outra coisa além da ausencia de espectadores que não foram ao theatro assim que souberam do insuccesso da peça...

PARA ALEM-FRONTEIRA

Tres dias em Olivença

Uma Viagem primitiva

Punhado de impressões da curta villegiatura de um reporter

De Badajoz a Olivença distam vinte e quatro kilometros de macadam estirados atravez de campinas verdejantes, de mattas umbrosas de sobreiros, de melancolicos olivedos, por entre os quaes, aqui e além, branquejam as paredes caiadas dos casaes. Uma velha diligencia, puxada a duas parelhas de cavallos certamente escapados por milagre aos cornos d'algum touro de Miura ou de Albarrán, faz diariamente a travessia da planicie. Pela uma da tarde perdem-se de vista as muralhas negras da cidade fronteiriça; o horisonte alarga-se, e para as bandas do poente, uma série de collinas corre de norte a sul. E' o limiar da boa terra portugueza. Reclinada sobre um outeiro, Elvas contempla-nos, toda branca sobre o fundo de arvoredo a que a distancia dá tonalidades de violeta. O forte da Graça distingue-se tambem n'uma eminencia adjacente; em baixo adivinha-se o Guadiana, ladeado de choupos, correndo caprichosamente ao longo dos prados verdes, e mais longe, para os lados de Olivença, para o sul, desenha-se abrupta a silhueta da serrania de Alor.

Para lá se dirige o anachronico coche em que jornadeio, impetuosamente sacudido a cada desnivel da carreteira que se desfaz em pó. As cotovias saltam alegremente nos campos de centeio. Muito alto, em pleno azul, bandos de cegonhas desferem o seu vôo glorioso. A tarde é linda, a atmosphera de singular pureza, muito transparente, muito doce, muito luminosa, dá vontade de sonhar. Ha qualquer coisa de agradavelmente monotono n'este idillico passeio atravez da Extremadura hespanhola, onde tudo decorre lentamente, sem precipitações e sem vertigens, com a noção perfeita de que a vida deve saborear-se devagar como os calices de vinho precioso. As charruas que dilaceram a terra são puxadas a passo por pachorrentos cavallos, a diligencia marcha ao som de suggestiva guisalhada, com vagar, ao chouto docemente melancolico das bestas. De quando em quando, cruzam-se comnosco almocreves de romance que me fazem evocar paginas quasi esquecidas do «Gil Braz de Santilhana», ou atravessamos grandes manadas de gado bravo que pascem tranquillamente e tranquillamente se ficam, largo tempo, de cabeça erguida e attitude meditativa, a contemplar a mala-posta. Outras vezes, uma nuvem de poeira barra-nos o caminho, e a diligencia pára, emquanto váras de porcos nédios e roliços se escoam junto de nós. Ao fim de tres longas horas de estrada, rola-se sobre a ponte que transpõe o rio, antiga fronteira de Portugal, sobe-se uma encosta suave, até que ao alto, a pouco mais de dois kilometros, se avista de repente a praça de Olivença, com as suas muralhas velustas cingindo a casaria alvinitente, a velha torre de menagem, quadrada e massiça, dominando a villa, as torres das egrejas, a verdura das hortas, a mancha escura dos pomares. Ao largo, em contra-fortes distantes, as atalaias antigas destacam-se no horisonte como sentinellas sempre vigilantes.

Difficil é reproduzir agora a impressão de agradabilissima surpreza com que entrei n'aquelle primitivo recanto do nosso Alemtejo. Deparou-se-me, contra o que esperava, um burgosinho encantador, com as suas casas muito caiadas e as ruas muito limpas, com um grande orgulho do passado que se traduz no meticuloso trato de quantas recordações ficaram dos tempos idos, e que os de Olivença conservam ainda hoje como se se tratasse de sacrosantas reliquias.

A diligencia pára em frente da Egreja da Magdalena, um dos mais bellos templos que nos legou a epoca doirada de D. Manuel. Logo sollicito acorre o hospedeiro da casa que me foi recommendada, e em pura lingua portugueza me dá as boas vindas, o bom, o excellente, o enthusiastico D. Adolpho. Chama-se o seu hotel «Fonda dos naciones», como para indicar o duplo objecto das suas simpathias, mas as lettras que esmaltam a fachada da hospedaria são pintadas a verde e a vermelho, o que D. Adolpho se não esquece desde logo de me fazer notar.

—Vem visitar a nossa Olivença?—inquire.

Sim. Venho examinar um por um os seus monumentos, respirar a sua atmosphera, realisar essa estranha e rara sensação de falar a minha lingua com subditos hespanhoes.

—Pois desde já o previno que vae ficar assombrado, torna o meu amabilissimo hospedeiro. Olivença é do melhor que existe em toda a Hespanha, e todos os seus monumentos, costumes e tradições são inteiramente portuguezes. Aconselho-o, no entanto, a que vá antes de tudo descançar um pouco da sua jornada. Durma umas horas, porque, naturalmente não poderá pregar olho durante toda a noite...

Encarei-o com surpreza.

—Então?...

—A'manhã, domingo, realisa-se o sorteio dos mancebos para a vida militar, mesmo defronte da sua janella. E' costume, na vespera d'esse dia, percorrerem as ruas a cantar as suas despedidas, as despedidas dos «quintos»...

—Quem são os «quintos»?

—São os que entram no sorteio.

—E cantam, toda a noite?

—Para esquecer as maguas, cantam e bebem. Não se lhes pode levar a mal. Como aos condemnados, na vespera da execução, nada se lhes recusa, não é assim?

Recolhi com effeito ao meu quarto. Creio que dormi. Pelo menos, recordo-me de ter sonhado com uma viagem infernal, dentro de um carro romano puxado por lazarenta quadriga, aos solavancos por uma calçada primitiva e ingreme. Já noite, sentei-me na cama, desperto por uma canção que entrara de subito pela minha janella, aberta de par em par sobre a escuridão.

O côro dizia assim:

Ya se van los quintos, madre,
Ya se llevan á mi Pepe,
Ya no tengo quien me compre
Orquillas para el rodete...

Na minha porta sentiram-se meia duzia de pancadas discretas. Fóra, a voz amavel de D. Adolpho sussurrava:

—Ahi estão os «quintos, sr. doutor. Vista-se, para irmos ver a cidade...

Hermano Neves

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Poeira da Arcada

Conhecemos um moço quasi rico, com todas as condições para não fazer nada e ter algumas manias brandas que lhe dessem a illusão da actividade, o qual tomou a serio a sua missão social, fazendo-se escriptor de theatro. Lê as suas peças com frequencia a amigos que unanimente lhe auguram um bello futuro. Crê em tão leaes incitamentos e estafa-se, junto das emprezas, a ver se o representam.

Não consegue movel-as do seu mau sestro de só montarem peças que lisongeiam os baixos instinctos da multidão. Elle que é a Arte pura captivada de Belleza e de Paixão sente-se humilhado no seu orgulho de dramaturgo, mas não se inclina a gastar um ou dois contos de réis na representação de um drama seu. Isto, parecendo que não, mostra bem que elle não tem uma confiança absoluta no successo do seu engenho. Sob este ponto de vista, não é dramaturgo, e emprezario.

* * *

Na Brazileira do Chiado, descobriu-se um desfalque que sobe a uma somma importante. Os criados, dados como auctores ou cumplices ou encobridores do nefando caso, defenderam-se com bravura e apresentaram a seguinte explicação:

—Não se deu desfalque nenhum, mas sim uma diminuição de receitas pelo facto dos freguezes, desde que o café subiu de preço, começarem a gastar o assucar com tal desmedimento que até o entornavam, por distracção, sobre as mesas.

Concordemos que a ironia ganha terreno nas classes subalternas.

* * *

Muitos francezes, que hoje batalham nas trincheiras, ignoravam a grande litteratura do seu paiz. Os ocios da guerra que o tedio envenena, levaram-nos a procurar na leitura um alto conforto espiritual. Os classicos teem tido um exito sem igual. O *Cid* de Corneille apparece aos soldados como o tipo que melhor traduz a pura coragem dos heroes. Um grupo de artistas da *Comedie* vae mobilisar-se, a fim de o representar ao longo da *fronte*, perante auditorios cuja alma, sem esforço de imaginação, comprehenderá a realidade dos sentimentos sublimes.

Os russos e a victoria final

PETROGRADO, 24.—A Duma discute a declaração do governo. Os representantes de todos os partidos não obstante a divergencia de opiniões ácerca da politica interna, sublinham a necessidade de se proseguir a guerra até á victoria final. O «leader» dos cadetes declara que a visita do tzar á Duma deve recordar a todos o curioso momento actual; a Duma deve afastar os obstaculos levantados no caminho da victoria; mencionou depois o trabalho fecundo das forças publicas particularmente das ligas dos Zemstvos. Todos os discursos foram applaudidos. A'manhã ha sessão.—(Havas).

A POSSE DOS NAVIOS ALLEMÃES

A noite de hontem no Tejo decorreu no meio da calma habitual

Um reporter de "A Capital" avista-se com o illustre commandante da divisão naval

O que diz o sr. ministro da marinha—Avarias em alguns navios

A tarde de hontem afogara-se no meio de uma grande calma. O caso da posse dos navios allemães havia deixado sómente a impressão carinhosa da simplicidade tocante que a cerimonia tinha revestido. Dir-se-hia até que um suspiro de allivio se escapava de todas as boccas, que um enorme peso se soltava de todos os peitos... O povo continuava a ver com um sorriso de intima satisfação tremular lá ao longe, serena e impavida, como que agitada pela consciencia da sua honra e dos seus direitos, a bandeira verde e encarnada, o symbolo da Patria redimida pelo seu sangue generoso. E só quando as trevas da noite principiaram a amortalhar a cidade, a debandada começou tranquillamente, alegremente, como se toda aquella gente procurasse mostrar não dar ouvidos aos rumores alarmantes espalhados pelos inimigos do regimen para impedirem ou desvirtuarem o acto de hontem.

...Meia noite. Os cafés do Rocio estão apinhados de frequentadores que discutem o acontecimento do dia. Alguns mais scepticos, mais pessimistas ou mais mal intencionados receiam que o caso não fique por ali e já na sua imaginação morbida se desenham os quadros tetricos que a essas horas se devem estar desenrolando no Tejo...

Resolvo ir a bordo do «Vasco da Gama» para com o meu testemunho presencial os tranquillisar...Telephono para o official de serviço no Arsenal de Marinha, pedindo-lhe permissão de o fazer. Decorridos alguns minutos de hesitação, de reflexão, a licença é-me transmittida pelo telephone e, sem perder um momento, alcanço o Arsenal, onde um escaler a gazolina me espera para me conduzir.

Uma cerrada, impenetravel camada de nevoeiro envolve o Tejo, como se sobre elle um enorme passaro tivesse distendido as suas azas negras. A bordar essa profunda escuridão um ponto luminoso, por aqui e por acolá, a indicar-nos a velada dos marinheiros... Aos meus pés, a calma das aguas a reflectir a serenidade dos animos.

Os mastros esguios e elegantes do «Vasco da Gama» estão já muito perto de mim. O meu escaler quasi roça pelo seu energico arcaboiço... O silencio da noite rompe-se com o grito de «quem vem lá». E' a sentinella que, no alto do convez, passeia descançadamente com o olhar perscrutando as trevas. Declino a minha identidade de jornalista e, minutos depois, converso com o illustre commandante da divisão naval que, como todas as tripulações dos nossos vasos de guerra, guardou a prevenção de hontem. A nossa palestra é mais uma palestra de amigos do que propriamente uma entrevista jornalistica. Vae assim ao sabor das palavras, entregue á corrente do pensamento, sem uma nota no papel branco que tenho na minha frente.

O sr. Leotte do Rego refere-se ao acontecimento de hontem com a mesma singeleza com que o praticou.

—Tudo correu naturalmente— diz-nos —nem qualquer outra coisa era de esperar, pois que as tripulações dos navios allemães sómente devem ter estranhado que este acto se não houvesse feito logo depois de aqui terem fundeado...

—E não houve uma resistencia? Não se deu qualquer episodio digno de nota?

—Absolutamente nenhum. Eu fazia-me acompanhar de duas testemunhas que assignariam, caso os commandantes dos navios relutassem em assignar.

«Pois bem, as intimações estão todas assignadas por subditos allemães.

—Algumas pessoas pretendem attribuir o acto, de hoje, a um desejo declarado de provocar directamente a Allemanha...

A physionomia do sr. Leotte do Rego abre-se n'um sorriso de bonhomia. E logo o distincto official atalha com firmeza:

—Não teve certamente o governo outros intuitos, apossando-se d'esses barcos, que não fossem aquelles com os quaes fundamentou o decreto que precedeu a posse. Estavamos em presença do grave problema das subsistencias e era preciso resolvel-o; havia muitos braços sem trabalho, muitas boccas com fome, era preciso acudir-lhes.

—E agora temos a belligerancia a bater-nos á porta?

—Mas em belligerancia já nós estamos; estivemos sempre desde que essa tremenda catastrophe europeia rebentou. Lá partiram ainda ha poucos dias para Angola, a partilhar das suas consequencias, os milhares de soldados portuguezes a quem d'esta vez coube essa sorte. As victimas portuguezas feitas pela Allemanha contam-se já por muitas centenas. Tenha-se em vista o desastre de Naulila e as tripulações dos dois barcos portuguezes torpedeados por allemães e cuja odysseia verdadeiramente tragica, commovedora, foi contada pela «Capital».

—Consta que alguns dos navios estavam preparados para oppôr uma violenta resistencia...

—Não creio, mas não lhe posso dizer de positivo o que ha a bordo, por que ainda os não visitei. Como lhe disse, a posse foi feita sem qualquer incidente anormal, tendo-se limitado só cinco dos capitães a entregar um protesto escripto e cujo theor eu, por emquanto, desconheço.

—O decreto allude a indemnisações...

Um novo sorriso afflora ao rosto do sr. Leotte do Rego que se apressa a responder:

—Indemnisações?! Sim, já as tiveram adeantadamente: são as vidas de Naulila, os dois barcos torpedeados e as colossaes despezas que o governo está fazendo com a posse dos barcos.

Mas a Allemanha... deu explicações, como se diz—volvemos ironicamente.

—Escuso de lhe dizer que taes explicações nunca foram dadas ou, se o foram, apenas se balbuciaram aos ouvidos dos germanophilos, por que só elles as escutaram e propagaram...

O relogio que encimava o aparador elegante da sala de jantar, onde haviamos sido recebidos e a que a prisão do dictador Pimenta de Castro deixou uma recordação historica, avança rapidamente para as 2 horas da madrugada... Uma pequena varanda, sobre as aguas lá ao fundo, e pelas suas portas semicerradas eu vejo os holophotes trabalharem infatigavelmente, como sentinellas vigilantes da cidade. Uma pergunta me suggere ainda ao espirito. Não hesito e arrisco-a:

—E o dia de ámanhã, commandante?

—Será como o de hontem, será como o de hoje: ao lado da nossa velha alliada a Inglaterra. Esse galante gesto de «Salut e neutralité» acabou... e o nosso caminho está, como lhe disse, desde o principio da guerra, vincadamente designado.—*E.*

Nos consulados allemão e austriaco

No consulado allemão, na rua da Magdalena, não estava á hora a que o procuramos, o consul, o sr. Daenhardt. Recebe-nos o secretario do consulado, que com toda a amabilidade se presta a ouvir-nos.

—Desejavamos saber se o consulado tem quaesquer instrucções ácerca de como deve proceder na conjunctura actual.

—Absolutamente nenhumas. Limitamo-nos, por ora, a receber os protestos dos capitães de navios allemães. Como sabe, as difficuldades de communicações com a Allemanha são grandes, enormes; só podemos entender-nos com Berlim por intermedio da telegraphia sem fios e ainda assim só por via Madrid. Da legação, até agora, não recebemos ordens.

—Mas a opinião de v. ex.ª?

—Nada lhe posso dizer. Accoito o facto consummado. Que foi para mim uma surpreza, decerto. Os jornaes tinham falado, a cidade discutia-se elle tambem, mas nunca julguei que o governo portuguez puzesse em pratica a medida hontem tomada, sem primeiro se ter entendido com os armadores ou com as companhias a que os navios pertencem. Em meu entender era assim que se devia ter procedido.

«Terá havido qualquer *entente* diplomatica directamente, por intermedio do ministro portuguez, com o governo de Berlim? Ignoro-o. Pode ser que assim tenha sido e que mais tarde recebamos qualquer communicação. De resto creio que não seja um *casus belli*, mas, deixe-me accentuar bem isto, o *que acabo de dizer é opinião minha*, muito pessoal. O governo allemão é que decidirá o que se deve fazer e só elle tem competencia para avaliar bem como os factos se deram. Nada mais lhe posso dizer.

Estava terminada a pequena entrevista. Sahimos, agradecendo, descemos um quarteirão da rua da Magdalena e entramos no consulado austriaco.

E' o proprio consul, o sr. Johannes Wimmer, que tem a gentileza de nos receber no seu amplo gabinete luxuosa e confortavelmente mobilado.

Modos insinuantes, d'uma extrema delicadeza, o sr. Wimmer diz-nos em resposta á pergunta que lhe dirigimos:

—O unico navio austriaco que está no porto de Lisboa, o *Szecheny*, não foi requisitado pelo governo portuguez.

Já hoje aqui esteve o seu capitão. O caso dos navios allemães é com o governo de Berlim, como vê. Qual o procedimento da Allemanha, não sei. E' natural que depois de terminada a guerra, tudo se liquide entre os dois paizes e amigavelmente. Eis o que lhe posso dizer.

A bordo e na Alfandega

Para que os tripulantes dos navios allemães tivessem todas as facilidades, foi posto á sua disposição um vapor a fim de traser para terra as suas bagagens e ordenado que o piquete da alfandega estivesse de noite a postos para a respectiva verificação. Com effeito, assim se fez, tendo até ás 3 horas da manhã dado entrada na alfandega as bagagens de muitos d'elles, que eram immediatamente verificadas e seguiam o seu destino.

Fóra, o sr. tenente Ochôa, encarregado do superintender no alojamento, dividia em trez classes os tripulantes, a que correspondiam melhores ou peores hoteis.

Alguns não retiraram as bagagens de noite, tendo-o feito durante todo o dia de hoje, estando por isso na alfandega muitos allemães e cá fora, a ver carregar as bagagens, muito povo. Aos outros tripulantes, que pediram licença para ir a bordo a fim de trazerem alguns objectos de seu uso, promptamente essa licença foi concedida.

Um pormenor curioso é o de que os capitães fecharam as portas dos seus camarotes.

Ao official que estava doente foi posto á sua disposição um vapor, que o foi buscar a bordo.

Trez navios tinham as caldeiras accesas. Foram apagadas pelas forças que os guarnecem.

Os capitães pagaram immediatamente ás tripulações as soldadas em dinheiro portuguez, de que estavam abundantemente munidos.

Casas consignatarias

São as seguintes as casas consignatarias dos 35 navios allemães surtos no Tejo: Henry Burnay & C.ª, dois; (estes haviam passado anteriormente para a firma Leonel Telles de Abreu); Marques & Harting, vinte e oito; Jamos Rawes & C.ª, um; Lino & Campos, dois; Moos & Carvalho, um; e Ernest George & C.ª, um.

De todos estes barcos apenas um, por auctorisação superior, procedeu hoje á descarga.

O vapor «Noeva», navio de salvação, com material proprio e bombas de exgoto, ficou desde hoje affecto ao Arsenal de Marinha.

Capitães de bandeira

Não foram ainda nomeados os commandantes portuguezes dos navios apropriados. Dos seus capitães de bandeira tomamos porem nota dos seguintes officiaes de marinha: Ayres de Sousa, Nunes de Campos, Trigo, Stockler, Almeida Carvalho, Vieira da Fonseca, Mendes Norton, Mello Cabral, Wilson de Araujo e Emilio de Paiva, que hoje mesmo se apresentaram a bordo do «Vasco da Gama» a receber instrucções.

Mudande os nomes

Todos os navios allemães hontem appropriados trocarão os seus nomes pelos de terras portuguezas do Continente, Açôres, Madeira e Cabo Verde.

A commissão administrativa

Não ficou ainda hoje constituida a commissão a que se refere o decreto n.º 2229, mas foi-o a commissão administrativa que se compõe dos srs. capitão de fragata Alberto Celestino Ferreira Pinto Bastos, capitão de marinha mercante e armador Soares Franco, machininista Antonio dos Santos, e o official da Adminis-

Noticias da guerra

(*Desenho de M. Monterrasó*)

E não sahimos d'isto! Os turcos a vêr-se gregos; os gregos a apanhar turcas!

tração Naval Carlos Pinto Tasso de Figueiredo.

Ainda se não sabe se ella fará uma administração autonoma ou se ficará integrada na Exploração do Porto de Lisboa, o que parece mais provavel visto a Exploração do Porto de Lisboa possuir já caes acostaveis, docas, officinas de reparação de material, diques, etc. que muito facilitarão os trabalhos da commissão administrativa.

O que diz o ministro da marinha

O sr. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho, extraordinariamente assoberbado de trabalho, como facilmente se calcula, n'esta conjunctura, não sente, apesar d'isso, coragem para nos negar um minuto de attenção. Havia no seu gabinete uma atmosphera febril. Tudo ali anda n'uma azafama indiscriptivel, desde o ministro ao mais modesto serventuario da secretaria. Não nos demoramos, sabendo quanto era precioso o tempo do ministro da marinha que nos recebe entre duas conferencias: a do major general da armada e a de um alto representante do commercio.

A utilisação dos navios allemães, diz o sr. Azevedo Coutinho, corresponde perfeitamente a uma necessidade, a um caso de salvação publica. Entrou-se na primeira «étape». O governo nomeou as commissões que reputou necessarias para pôr em andamento esta empreza, sem se ter detido ainda em detalhes administrativos, no aspecto de exploração que nos dá a posse d'esses barcos.

Todos nós estamos convencidos que é azado o momento para se pensar no desenvolvimento da marinha mercante nacional. Satisfazendo as necessidades urgentes do trafego commercial do paiz, o governo não descuida a prosperidade futura da navegação portugueza, para que não soframos apenas as consequencias funestas d'este grande conflicto internacional.

A utilisação dos barcos allemães terá de ser feita a pouco e pouco. Não se improvisam serviços d'esta natureza, nem se põem em andamento trinta e seis navios, não contando os que se encontram no ultramar. A marinha mercante e as tripulações civis, a seu tempo, serão convidadas a prestar o seu inestimavel concurso a esta obra, com a sua especialisação.

A commissão administrativa que já tomou posse, além d'outras attribuições, procura introduzir em todos os barcos os necessarios beneficios, bem como adquirir o carvão para os pôr a navegar. Não se pode calcular ainda quaes os barcos que será preciso recolher nos diques.

Alguns terão de encetar viagem, ainda que, sem esses fabricos ella se torne mais demorada.

Desde que qualquer navio seja declarado prompto a servir, receberá ordem para marchar com destino á Inglaterra, afim de trazer cravão. Para lá transportará toros de pinho. Os primeiros barcos allemães utilisaveis, são naturalmente applicados ás necessidades do Estado, devendo, portanto, ir buscar lá fóra o trigo e o material de guerra, que o paiz tem encommendado.

Entretanto, á medida que a experiencia nos indicar, o problema da utilisação dos barcos allemães, será versado pelo governo, que tomará todas as providencias que as circumstancias impuzerem».

Os officiaes chamados para as guarnições dos navios

Não foi possivel, hontem, avisar todos os officiaes da armada que tinham de prestar serviço a bordo dos navios. Feitas officialmente as respectivas communicações, já hoje se apresentaram na majoria general da armada, para aquelle effeito, os seguintes officiaes, que já estão prestando serviço:

Capitães-tenentes: Nuno de Campos, Vital Gomes, Nascimento Trigo, Judice Biker, Vieira da Fonseca, Mello Cabral, Wills d'Araujo, Vieira da Rocha, Mendes Norton, João Fiel Stokler e Coroliano da Costa.

Primeiros tenentes: Matta de Oliveira, Costa Marques, Augusto Saldanha, Carlos Pereira, Santos Gil, Pereira de Mello, Ferreira de Sousa, Pereira dos Santos, Coelho Magalhães, Carvalho Brandão, Alfredo Costa e Sousa Ventura.

Segundos tenentes: Mesquita Guimarães, Pires da Rocha, Victor Serra, Pereira da Fonseca, Pinto de Mesquita, Nunes Frade, Sequeira Braga, Antonio Navarro, Adolpho Trindade, Affonso Vilella e Monteiro Guimarães.

Primeiros tenentes machinistas: João Augusto Madeira, Antonio José Ferreira, Henrique Guilherme Fernandes, Alberto Angelo da Costa, Joaquim Costa Correia, Gonçalves da Costa e Adolpho Alcobia.

Segundos tenentes machinistas: Fernando Pinto, Luz Gonçalves, Champalimand, Espirito Santo, Antonio do Carmo, João da Costa, Guilherme dos Santos, Jayme Trindade, Silva Migueis, Antonio Maria, Manuel José do Nascimento e Mendes Barata.

A exploração dos navios

O governo tem recebido varias propostas, entre as quaes uma da Empreza Nacional de Navegação, para a exploração dos navios. Segundo consta o governo não acceitará nenhuma d'essas propostas.

Conferencias ministeriaes

Sôbre assumptos que se prendem com a utilisação dos navios conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio os srs. ministro da marinha e dos estrangeiros.

Ministros das nações alliadas

Estiveram hoje no ministerio dos negocios estrangeiros os srs. ministros da França, da Inglaterra e da Belgica.

A attitude da Allemanha

Ainda não é conhecida a resposta do governo de Berlim á communicação que lhe devia ter sido feita pelo nosso representante n'aquella capital, o que se explica pela difficuldade de communicações telegraphicas com a Allemanha. Os despachos seguem por intermedio da Holanda.

Muitas hypotheses se aventaram hoje sobre a supposta attitude do governo de Berlim. Umas tendentes a fazerem acreditar que a Allemanha considerará um acto de belligerancia a utilisação dos seus navios; outras inclinando-se para a presumpção de que a sua resposta será condicional, quanto á permanencia ou modificação das relações actualmente existentes entre os dois paizes. Se os navios se destinarem apenas a transportes entre Portugal e colonias, as relações continuarão no ensmo pé em que se encontram hoje; se servirem *tambem para beneficio da* Inglaterra ou de qualquer outra nação alliada, a Allemanha considerará esse facto como sufficiente para a declaração de belligerancia.

Registamos estas hypotheses a titulo de mera curiosidade.

Concertos e reparações

Já na proxima semana começam a effectuar-se nos diques do Arsenal e do porto de Lisboa os concertos e as reparações de que os navios carecem. Ha toda a vantagem em que isso se faça com urgencia, para que o paiz possa apreciar e sentir a utilidade da medida posta em pratica pelo governo.

A organisação das tripulações

Muitos officiaes e tripulantes de navios da marinha mercante teem ido offerecer-se á majoria general da armada para fazer parte das tripulações dos navios. Tem sido feita a inscripção de todos esses offerecimentos. Se fôr necessario, virá de Cabo Verde pessoal de machinas para as novas guarnições.

Em Lourenço Marques

Dos navios allemães ancorados nos nossos portos, os de maior tonelagem e de construcção mais recente encontram-se em Lourenço Marques. Entre refugiados e tripulantes teem actualmente a bordo cerca de 200 homens. N'aquelle porto, além do «Adamastor», está tambem uma canhoneira do serviço colonial.

Dois cruzadores auxiliares

Consta que 3 navios irão muito brevemente a Inglaterra buscar carvão. Tambem se affirma que 2 dos navios utilisados serão transformados em cruzadores auxiliares da nossa marinha de guerra.

Ha ordens de rigorosa vigilancia á entrada da barra.

Os commandantes dos navios allemães fazem desapparecer algumas peças dos machinismos

O caso dos navios allemães foi hoje ainda o grande acontecimento do dia. A margem do Tejo, desde o caes das Columnas a Xabregas, esteve constantemente apinhada de curiosos, gosando o prazer de ver tremular n'aquelles barcos a bandeira verde-rubra. O dia lindo convidava a essa contemplação e o espectaculo, que n'esses pontos se disfructava, valia bem o passeio. De vez em quando, separava-se da margem uma pequena embarcação. Era um grupo de curiosos que não resistia ao desejo de ver mais de perto os transatlanticos germanicos e vá de alargar os cordões á bolsa para ter esse prazer.

Os navios allemães, n'esta tarde luminosa, recortam o seu perfil com magestade, desenhando nitidamente todas as linhas. Barcos de commercio o seu aspecto é bem mais convidativo e alegre do que as massas negras, enormes cetaceos, que se destinam ás batalhas.

Tambem resolvemos fazer uma visita a bordo d'esses navios, quando o sol entrava em accentuado declive. Ao approximarmo-nos d'elles, presente-se que nos encontramos n'uma casa semi-abandonada. Nenhum vestigio da vida buliçosa que esses palacios fluctuantes offerecem na sua permanencia n'um porto. Mal se enxerga n'este ou n'aquelle, o vulto d'um vigilante, uma praça de marinha, de carabina ao hombro, rondando o portaló.

O primeiro barco que encontramos na nossa derrota é o «Saheck», o segundo onde penetraram os marinheiros portuguezes. Commanda-o, desde a vespera, o segundo tenente machinista, sr. Adolpho Arthur Alcobia. Foi ali onde os nossos marinheiros encontraram o primeiro incidente. O commandante recebeu a intimação, mas recusou-se a assignar o documento, apresentando um protesto, em allemão e portuguez. O nosso official tinha subido a bordo, com os dois operarios do Arsenal, que serviam de testemunhas da posse. Atraz d'elles subiram, depois, as seis praças da armada. Convidado o commandante do «Lahneck» a arriar a bandeira, recusou-se terminantemente a fazel-o, dizendo que nem daria ordem a nenhum dos seus subordinados para que o fizesse.

Perante essa resposta, o sr. tenente Alcobia, arriou a bandeira e com as devidas honras procedeu á troca, entregando depois a do navio ao seu commandante.

Desde esse instante, o barco passára a ser territorio portuguez.

O commandante, com os seus 11 homens de tripulação desceu ás «cabines», offerecendo conter e vinho ás praças de marinha, bem como ao official Nenhum portuguez, porém, acceitou o offerecimento. Os allemães, que a principio mostraram certa commoção, acabaram por se conformar e a sua ultima refeição a bordo fez-se com libações copiosas. Cerca das 11 horas abandonaram o navio. Sahiram dando vivas á Allemanha.

A bordo ficou apenas o commandante e a esposa, acompanhados por dois filhos, menores, retirando hoje com as bagagens, pelas 10 horas.

O sr. tenente Alcobia passou revista ás machinas, uma inspecção superficial, quer por falta de tempo quer por outros motivos. Notou, desde logo, que faltava uma importante peça, que não é habitual tirar-se do machinismo. Crê mesmo que essa falta impedirá o barco de tão depressa poder navegar.

Deixamos o *Lanhneck*; com a sua cruz de ferro, inscripta no estreito cano da machina. O sol começa a descer mais rapidamente no horisonte, de liquido em brazas. No *Bullow*, onde fomos arribar, deu-se outro incidente. O commandante apresentou o protesto, em que declara ter destruido algumas peças ao machinismo. Esse facto, segundo sua declaração, deu-se ha um anno, temendo n'essa occasião, que os navios inglezes, entrassem em Lisboa, a fim de aprisionarem os barcos allemães.

Em outros barcos, onde a apropriação se fez sem incidente, ainda se não verificou se alguns actos de «sabotage» foram praticados. Affirma-se que sim, mas ainda está por averiguar. Durante o dia, as pessoas da tripulação que se encontravam em terra foram a bordo retirar as suas bagagens, embarcando em rebocadores, que atracaram á ponte do Arsenal.

A commissão administrativa, que superiutende na utilisação dos barcos allemães e á qual nos referimos n'outro logar, é constituida pelos srs. Vicente d'Almeida d'Eça, presidente, Joaquim Pessôa, representando a navegação, Alberto Macieira, a Associação Commercial, Fernando Brederode, as companhias de seguros e Estevão de Vasconcellos, o ministerio das finanças. Para esta commissão serão nomeados ainda um engenheiro constructor naval e um delegado do Procurador da Republica.

Em Leixões é arvorada a bandeira portugueza no "Vesta,,

PORTO, 24.—Em Leixões procedeu-se hoje pelas 10 horas da manhã, á substituição da bandeira no vapor allemão *Vesta*, que, dera entrada n'este porto vindo do Funchal. Presidiu ao acto o capitão de fragata, sr. Marianno Silva, sendo a notificação feita ao agente, pelo machinista Costa Pereira. A tripulação allemã desembarcou, sendo substituida por praças do *Lidador*. Foi encarregado do commando do navio allemão o capitão-tenente Braga.

O *Vesta* é uma embarcação de mil e tantas toneladas. A troca da bandeira fez-se sem incidente.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

O celebre concerto Blanch de domingo

Quando se realisou n'um dos ultimos domingos, com tão extraordinario successo, o festival wagneriano no theatro Republica, alguns centos de pessoas se retiraram sem lograr alcançar bilhetes. Por isso, excepcionalmente, o illustre maestro Pedro Blanch resolveu no 7.º concerto da sua «Orchestra Symphonica Portugueza», no proximo domingo, repetir parte d'esse programma e executar outras obras novas, como a «Bacchanal» do «Tannhauser» e outras.

No concerto *toma parte, pela ultima* vez, a distincta cantora Maria Judice da Costa, que cantará com a orchestra além da «Morte de Isolda», o «Sonho e a Preghiera» de Elsa do 1.º acto do «Lohengrin». A orchestra executará pela ultima vez n'esta temporada a ouverture do «Tannhauser», a «Marcha funebre de Siegfried» e a celebre «Cavalgada das Walkyrias», os seus mais notaveis successos. E 'caso para todos se prevenirem com tempo de bilhetes, porque certamente não fica um logar vago.

Dr. Theophilo Braga

O seu 73.º anniversario natalicio

Passando hoje o 73.º anniversario do nascimento do illustre escriptor e publicista sr. dr. Theophilo Braga accorreram a sua casa, na travessa de Santa Gertrudes, innumeras pessoas a cumprimental-o.

O ex-presidente do governo provisorio e da Republica a todos recebeu com a modestia e affabilidade que o caracterisam. Dar uma nota completa de todas as pessoas que ali estiveram e dos telegrammas recebidos é impossivel. Os telegrammas affluiram, todos rendendo homenagem ao illustre escriptor. Entre outros, estiveram ali os srs.: Agostinho José Freire, José Augusto dos Santos Silva, Alfredo José Cardoso Gonçalves, Antonio Augusto Barata Freire de Lima, secretario do gabinete do ministro do interior, Luiz Alarcão Oliveira Guimarães, D. Maria Clara Correia Alves, Francisco Arthur da Silva, Joaquim Duarte Fernão Pires, José B. Pinto Roque, Almeida Ribeiro, ministro do interior, A. Luiz Pereira, Antonio Francisco Osorio, Francisco Joaquim de Oliveira, Armando Correia, Piedade Junior, capitão Francisco da Cunha Rego Chaves, José Martinho dos Santos, Guilherme Pereira, maestro Thomaz Del-Negro, Francisco Soares da Silva, Martinho Mendes Barata, Eduardo Schwalbach, etc.

O sr. dr. Theophilo Braga recebeu, entre muitos outros, telegrammas dos srs.: Arthur Moraes e Pedro Barão, do Centro Escola Henriques Nogueira, de Simões Ratolla, José e Antonio Lello, do Porto, de Sebastião Trindade Salgueiro, do Porto, de Beatriz Pinheiro, professora do lyceu Maria Pia e de Carlos Lemos, professor do lyceu Passos Manuel, do dr. Alexandre Braga, significando a maior admiração pelo homem illustre de que se orgulha toda a Patria, envia calorosas saudações, de Pinto de Mesquita, director da Escola Nova, em seu nome, do corpo docente e seus alumnos, do general Carvalhal, commandante das guardas republicanas, do Centro Republicano Dr. Affonso Costa, da Amadora, do sr. dr. Daniel Rodrigues, do sr. dr. Estevão de Vasconcellos, do sr. Arthur Costa, de D. Anna de Castro Osorio, João e José. Varias collectividades enviaram os seus cartões contando-se a Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa de Lisboa, Commissão parochial republicana de S. Mamede e do Grupo revolucionario Companheiros do Bem, Patria e Republica que entregou um officio saudando-o.

O sr. Levy Bensabat, secretario do sr. ministro da marinha esteve tambem em casa do sr. dr. Theophilo Braga, em nome do sr. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho a apresentar-lhe cumprimentos.

A' noite irá a casa do illustre escriptor a direcção do Centro Dr. Magalhães Lima entregar-lhe uma mensagem.

No Salão Foz

Estreias e mais estreias

O portuguez aborrece-se quando n'um cartaz de uma casa de espectaculos vê sempre annunciada a mesma coisa. Eis porque o Salão Foz, essa interessante casa de espectaculos situada na calçada da Gloria, varia constantemente os seus espectaculos, apresentando novos numeros pelo menos todas as semanas. O ultimo numero ali estreiado foi o das bailarinas hespanholas Dorita e Silnudy, que constituem uma «pareja» das melhores que nos teem visitado porque dançam com graciosidade tocando «los palillos» com rara maestria. Essas duas bailarinas teem recebido todas as noites um chuveiro de applausos.

Mario Alfaro, o ventriloquo mais *extraordinario* que nos tem visitado, varia todas as noites os seus trabalhos e em todas as apresentações, colhe fartas palmas; é que todo o seu trabalho é executado com uma perfeição e com uma correcção magnificas.

Nelly-Nell a bailarina excentrica, está fazendo as suas ultimas apresentações, pois que já está annunciada para a proxima segunda feira a estreia de Los Juan y José, numero expressamente contratado para os espectaculos do Carnaval, que vão ter no Salão Foz um enorme brilho.

A gréve academica

Os delegados de Coimbra foram recebidos hoje pelo sr. presidente da Republica

Os delegados da Academia de Coimbra, srs. dr. Cesar de Mello e Fernandes Martins, foram hoje recebidos pelo sr. dr. Bernardino Machado, a quem communicaram que iam cumprimentar em nome dos seus collegas não só o sr. presidente da Republica mas ainda o notavel professor cuja altiva e independente attitude em 1907 é garantia de que a questão da Academia de Coimbra ha de ser solucionada com brio e dignidade para os estudantes. O sr. presidente da Republica, n'uma amavel conversa que durou duas horas, fez jusitça ás boas intenções dos alumnos da Universidade de Coimbra, desejando que o conflicto se harmonisasse brevemente com honra para ambas as partes.

Os mesmos delegados encontraram-se depois no parlamento com o sr. dr. Aelxandre Braga, com quem conferenciaram durante muito tempo. Os srs. Cesar de Mello e Fernandes Martins partem ámanhã para Coimbra e pedem-nos para deixarmos aqui consignada a sua gratidão pela forma gentilissima como foram recebidos pelos seus collegas da Federação Academica de Lisboa, de cujos delegados se despedem, reiterando mais uma vez o seu profundo reconhecimento.

Os alumnos da Faculdade de Lettras de Lisboa, hoje reunidos, deliberaram dar um voto de confiança aos seus delegados junto da Federação Academica e manter-se na mesma attitude ate ser solucionado o conflicto.

A pedido dos delegados á Federação Academica reune ámanhã, ás 14 horas, a assembleia geral dos alumnos do Instituto Superior de Commercio, no edificio do Quelhas.

Tambem, para tratar de assumpto urgente, é convocada pelos delegados á Federação Academica, se realisa ámanhã, ás 14 horas, uma reunião dos alumnos do Instituto Superior Technico.

COIMBRA, 24.—A commissão do movimento conferenciou hontem com os delegados da Federação Academica de Lisboa, que retiraram no rapido da noite, indo no proposito de unificar o movimento.

Aguarda-se anciosamente o regresso dos delegados que ahi foram.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Pelo sr. dr. Antonio Moraes Leite foi declarado livre de perigo o menino Victorino, filho do professor sr. Agostinho Fortes, e que está soffrendo de uma bronchio-pneumonia.

Pela sr.ª D. Fernanda da Costa Cabral, foi pedida para o sr. Fernando Rebello da Costa Cabral e Abreu, terceiranista de direito, a mão da sr.ª D. Laura de Figueiredo Madeira, gentilissima filha do sr. Luiz Figueiredo Madeira e da sr.ª D. Maria Emilia Madeira.

A CAPITAL

ULTIMAS NOTICIAS

A attitude da Inglaterra

Só embainhará a espada quando a Belgica e a Servia recuperarem tudo e quando os direitos das pequenas nações se firmarem em bases inatacaveis

LONDRES, 24.—Camara dos Communs.—O sr. Showden, trabalhista, declara ser chegado o momento de se inaugurar o movimento a favor da paz O sr. Trevelyan, liberal, fala *no mesmo* sentido. Os seus discursos foram escutados *no meio de um silencio glacial*. O sr. Asquith respondendo disse:—Sinto me feliz pela paciencia que o parlamento mostrou ouvindo estes discursos que certamente não representam uma opinião publica importante; duvido mesmo que os oradores possam reivindicar a pretenção de falar em nome das suas circumscripções eleitoraes. Em todo o caso não falam seguramente em nome da democracia ingleza. (Applausos). O sr. Showden pretende que o verdadeiro desejo da paz existe na Allemanha. Sei que o chanceller allemão no seu discurso no Reichstag parece ter dito que acolheria com prazer as propostas que viesem de qualquer lado mas absolutamente não disse que elle estava prompto a dar os primeiros passos». O sr. Asquith commenta depois em termos mordazes a declaração do chanceller em que pretendia demonstrar que a Allemanha não é inimiga das pequenas nações e qualifica esta asserção feita depois de observada a forma por que a Belgica e a Servia foram tratadas, de colossal e desvergonhada audacia. (Applausos). A Allemanha anniquillou e devastou a Belgica e tem feito todo o possivel para anniquillar e devastar a Servia, o Montenegro e a Polonia. Os proprios membros do partido socialista allemão que teem corajosamente sustentado uma impopular situação reduziram-se a poucos no caso de uma votação decisiva contra os creditos da guerra. O sr. Asquith disse que voltaria a base do assumpto geral e portanto declarava-se completamente de accordo, com o que estatuiu no seu discurso em Dublim, tornando agora a repetir os termos em que a Gran Bretanha está preparada para fazer a paz, a saber:—Nós nunca embainharemos a espada que não foi desembainhada levianamente emquanto a Belgica (e agora accrescento a Servia) não recuperarem tudo e mais ainda o que teem sacrificado; emquanto a França não estiver devidamente segura contra qualquer ameaça de aggressão; emquanto os direitos das mais pequenas nações da Europa não forme collocados sobre bases inatacaveis, e emquanto o dominio militar da Prussia não fôr totalmente e definitivamente destruido. Esta declaração foi largamente applaudida especialmente quando se referia á Belgica e á Servia. O sr. Asquith termina perguntando se a sua declaração carecia em algum ponto de mais clareza ou rectidão. Elle duvida que the fosse possivel fazer uma declaração mais completa e intelligivel ou que qualquer outra pessoa podesse fazer mais para convencer os nossos inimigos da decisão do governo britannico.—(Havas).

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Gréve operaria solucionada

O administrador do concelho de Loures telegraphou hoje ao sr. governador civil noticiando-lhe que o conflicto aberto entre os operarios cabouqueiros e o industrial Manuel Baptista, de Odivellas, já está sollucionado, não tendo havido alteração da ordem.

PEQUENAS NOTICIAS

A junta de parochia de S. Vicente previne os pobres subsidiados pela Assistencia de que o pagamento dos subsidios d'este mez se effectuará no local do costume no dia 2 de março e não no dia 7.

—*O mar* arrojou á praia junto á Torre de Belem o cadaver de um homem em completo estado de decomposição. Desconhece-se a identidade.

A grande guerra

A lucta é mais intensa no theatro occidental

PARIS, 24.—Communicação official.—No Artois lucta á granada a leste de Souchez. Na região ao norte de Verdun a lucta continuou toda a noite com a mesma intensidade desde a margem direita do Mosa até ao sul de Ornes. Dada a violencia do bombardeamento á posição avançada de Brabant-sur-Meuse, as nossas tropas evacuaram esta aldeia com o auxilio da noite e protegidas pelos tiros de flanqueamento das nossas posições da margem esquerda do Mosa.

Um ataque dirigido sobre Samogneux foi repellido; outro ataque levado a cabo por uma brigada, pelo menos, e dirigido contra o bosque de Caures retomou-nos uma parte d'este bosque, do qual conservamos actualmente o angulo sul.

Todas as offensivas dirigidas sobre Beaumont, diante de cuja povoação nos estabelecemos, teem sido impotentes para nos desalojar a leste da linha de ataque. Dominamos em frente de Ornes o corredor situado ao sul de Herbebois Os movimentos de recuo prescriptos para evitar perdas inuteis teem effectuado com perfeita cessão, sem que o inimigo, que não tem avançado senão com difficuldades e á custa de sacrificios consideraveis, tenha podido romper a nossa linha em nenhum ponto. Bombardeamos lento e continua na região entre Ornes e Fremesy

Na Lorena o inimigo estabeleceu-se em um dos nossos *postos avançados no* bosque Chemanet, mas um contra-ataque expulsou-o immediatamente d'ali. Houve alguns contactos de patrulhas a leste de Reillon. Hontem, durante a noite, uma uma das nossas esquadrilhas de bombardeamento lançou quarenta e cinco projeteis alguns dos quaes de grande calibre na gare de Metz-Sablen e na fabrica de gaz na qual se observou immediatamente um grande incendio.—*(Havas)*.

Na Camara dos Deputados

Discute-se a questão colonial

Preside o sr. Manuel Monteiro. Approva-se a acta e lê-se o expediente. Não está presente nenhum ministro. O sr. Costa Junior insta pela nomeação do presidente e do vice-presidente do tribunal dos arbitros-avindores de Gaya. O sr. Eduardo de Sousa insta pela remessa de documentos, pelo ministerio da guerra, relativos á transferencia d'um chefe de banda, e pede que se garantam sufficientemente os direitos das praças do nosso exercito, sobretudo as que forem, em expedições, ás nossas colonias. O sr. ministro da guerra responde que já mandou para a camara os documentos pedidos e declara que, com relação aos direitos das praças, está disposto a garantil-os de maneira effectiva e efficaz. O sr. Cruz e Sousa refere-se á falta de officiaes veterinarios no nosso exercito, dizendo que é preciso preencher os quadros quanto antes. O sr. ministro da guerra diz que o caso se dá, realmente sendo devido, sobretudo ás expedições para Africa, as quaes teem exigido bastantes d'esses officiaes. O sr. Abilio Marçal queixa-se de, na direcção das obras publicas de Castello Branco, haver apenas o director e um amanuense, encontrando se o restante pessoal em passeio por Lisboa. D'esse facto resulta nem sequer terem sido ainda affixados os editaes para a applicação da verba destinada este anno, n'aquelle districto, á construcção de estradas. A pedido do sr. Costa Junior approva-se a emenda que o Senado introduziu no projecto sobre isenção de sellos e emolumentos dos processos de habilitação para pensões a pescadores invalidos, pela qual identica regalia é concedida ás familias de praças de pret, que tenham direito a pensões de sangue. A pedido do sr. Mantas, approva-se o projecto que revoga o artigo 11 do decreto n.º 1927, que regulamenta a lei 449, referente aos quadros de professores dos lyceus de Lisboa e Porto.

Na ordem do dia, volta a discutir-se o projecto relativo ás cartas organicas das provincias ultramarinas.

O sr. Alfredo de Magalhães toma outra vez a palavra para formular contra o ministerio das colonias um libelo tremendo. Ali contraria-se tudo quanto nas colonias se pretende fazer em beneficio d'essas mesmas colonias. O ministerio é uma tribuneca que não pode manter-se e que deve ser arrazado e desinfectado se se quizer que as provincias ultramarinas advejam brevemente o desenvolvimento a que teem incontestavel direito.

Acousa vehementemente o sr. Freire de Andrade pela obra que realisou como director geral das colonias; faz uma larga exposição da sua obra como governador de Moçambique e, referindo-se ás companhias magestaticas, accusa-as de realisarem uma obra inteiramente nefasta para as colonias e até para o proprio paiz.

Os presos merecem-lhe tambem acres censuras, como lh'as merecem tambem quantos impecilhas impedem que a administração colonial não seja, na nossa terra, aquillo que ella devia ser.

Termina dizendo que as colonias constituem a unica grande e verdadeira questão nacional, á qual é preciso ligar toda a attenção, para que seja devidamente resolvida.

O sr. Aresta pergunta á meza se o sr. presidente do ministerio virá ainda hoje ao Parlamento.

O presidente—S. ex.ª o sr. presidente do ministerio está impedido de comparecer hoje n'esta camara.

O sr. ministro das colonias agradece as referencias amaveis que lhe teem feito durante a discussão e expõe os motivos que o levaram a trazer á camara o projecto que se discute. Elle é absolutamente necessario, para que a administração colonial seja, em parte, o que deve ser.

O projecto é approvado na generalidade.

O sr. Simas Machado declara, em nome da minoria evolucionista, que espera que o governo venha ámanhã á camara dar explicações sobre o aproveitamento dos navios allemães.

O sr. ministro do fomento diz que o chefe do governo se desempenhará ámanhã d'essa missão.

NO SENADO

Approvam-se varios projectos

Sessão aberta ás 14,30. Presidencia do sr. Correia Barreto. Respondem á chamada 26 senadores. Approva-se a acta. Lê-se o expediente. *Entra o sr. ministro do* interior. Abre-se a inscripção para antes da ordem do dia.

O sr. Silva Gonçalves trata do julgamento d'um sacerdote, no concelho de Castro Daire, accusado pelo respectivo administrador de passar indevidamente licenças para actos de culto exterior. Succede que, apezar de absolvido por unanimidade, o administrador se nega a passar essas licenças, o que é contra o disposto na lei da separação. Ha d'estes espiritos intolerantes, sectarios, como se não fosse bastante o vexame que soffre o clero á face d'essa lei.

Chama tambem a attenção do sr. ministro do interior para o facto de o regedor d'uma freguezia do concelho da Maia ir á frente do povo amotinado arrolar milho, exactamente em casa d'aquelles lavradores que só tinham em sua casa o indispensavel para sua alimentação.

O sr. ministro do interior, escusado era dize-lo, desconhece os casos. No emtanto, informar-se-ha, e, se houver irregularidades, ellas não poderão deixar de ser castigadas.

O sr. Leão de Meyrelles aponta a falta de milho na região do norte, o que tem dado logar a muitos motins. Não sabe o que succederá se o governo não tomar medidas que garantam o milho sufficiente á alimentação d'aquellas populações.

O sr. ministro do interior concorda em que o problema das subsistencias é da maior gravidade. O governo não descura a questão em geral e em particolar procurará satisfazer as reclamações formuladas pelo sr. Leão Meyrelles.

O sr. Teixeira Rebello chama a attenção do governo para a noticia, que viu n'um jornal, de haver morrido de frio e de fome, sem assistencia medica, na cadeia de Villa do Rei, um inoffensivo alienado, ali mettido pela auctoridade administrativa.

O sr. ministro do interior não acredita que isso tivesse succedido. Em todo o caso, diz ser de vulgar leitura que ainda no seculo XIX, em França, os alienados andavam nas cadeias carregados de correntes. Não acredita na noticia, mas, emfim, averiguará.

E entra-se na ordem do dia.

Discute-se o projecto creando uma parochia civil na Povoa de Santa Iria.

O sr. Paes Gomes justifica o seu desaccordo com o projecto, já manifestado na commissão de administração publica, e apresenta um artigo 2.º determinando que a respectiva junta de parochia seja eleita no prazo minimo de 40 dias.

O sr. Fortunato da Fonseca, relator, concorda com a proposta, que é approvada com o projecto.

Discute-se, a seguir, o projecto de lei que altera o art. 84.º do Codigo Administrativo no sentido de poderem concorrer aos logares de empregados das secretarias das juntas geraes dos districtos os individuos que se encontrem nas condições previamente estabelecidas.

O sr. Gonçalves Marques acha justo o projecto, a que dá com prazer o seu voto, apresentando uma emenda, no sentido de melhorar o assumpto.

Os srs. Paes Gomes e Ramos Pereira apresentam emendas com o mesmo fim.

O sr. Sousa Fernandes, em vista de ser difficil apreciar de momento essas propostas, requer que com ellas o projecto volte á commissão de administração publica.

Assim se resolve.

Lê-se na mesa *o projecto* creando no logar da Fazenda, da ilha das Flores, uma parochia civil.

O sr. Mello e Simas, achando o projecto insufficientemente esclarecido, propõe que elle volte de novo á commissão de administração publica.

E' approvada a proposta, depois de com ella concordar o sr. Fortunato da Fonseca, relator.

O projecto creando uma parochia civil na povoação de Santo Antonio, na ilha de S. Jorge, volta tambem á mesma commissão, por proposta do seu auctor, o sr. Vicente Ramos.

Estava exgotada a ordem do dia.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Peres Gomes pede providencias para o facto de haver sido separado do serviço, em virtude da lei de separação, um professor primario que foi perseguido e que, sendo um bom republicano, foi accusado de monarchico.

O sr. ministro da instrucção diz que ainda não recebeu para o estudar, o respectivo processo.

O sr. José de Castro, passando hoje o anniversario do sr. Theophilo Braga, cujo elogio faz em poucas palavras, propõe que seja nomeada uma commissão que vá cumprimentar o *velho e illustre* republicano. Pede tambem providencias para os vandalismos praticados em Santa Comba Dão, com a destruição de arvores.

O sr. ministro da instrucção diz que communicará o facto ao seu collega da justiça.

O sr. *Gaspar de Lemos* manda para a mesa um projecto de lei concedendo varias regalias ás sociedades de instrucção militar preparatoria.

O sr. Celestino d'Almeida extranha bastante que o sr. presidente do ministerio não haja comparecido no parlamento, para lhe dar conta do acto praticado hontem pelo governo, da apprehensão dos navios allemães surtos em portos portuguezes.

Depois, não havendo numero para se votar a proposta do sr. José de Castro é a sessão encerrada e marcada a proxima para segunda-feira.

Admissão á Escola Normal

A convite dos alumnos de admissão á Escola Normal, que frequentam a Academia de Estudos Livres, realisou-se hoje uma reunião de todos os interessados que compareceram em grande numero. Depois de constituida a meza e presente qual o motivo da reunião, usaram da palavra varios estudantes ficando resolvido que seja entregue ao sr. ministro da instrucção uma representação para que seja facultada, este anno, a entrada na Escola *Normal* a todos os alumnos que tenham as aptidões necessarias e com todas as garantias dos annos anteriores.

Conferencia sobre Angola

Realisa-se ámanhã, 25, pelas 21 horas, na séde da União Colonial Portugueza, rua Garrett, 60, 1.º, uma conferencia sobre a occupação, riquezas e administração da provincia de Angola.

O conferente é o sr. capitão Manuel Alexandre Montez, que tem desempenhado n'aquella provincia, d'onde acaba de regressar, altos cargos de administração publica, sendo ultimamente ajudante do governador do Cuanza.

A entrada é livre para os alumnos da Escola Colonial.

Sport

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Provas hippicas

Na ultima tarde de «poules» hippicas em Palhavã accentuou-se uma vez mais o progresso dos nossos cavalleiros, pela grande percentagem de percursos limpos que se fizeram. Assim, na primeira «poule», uma das mais difficeis, que ali se teem disputado, nem só o vencedor sr. José Alverca conseguiu percurso isento de faltas. Mais trez cavalleiros o conseguiram, o que é para notar porque na prova apenas uns vinte entraram. Esses trez cavalleiros foram os srs. Barroso da Camara, Sebastião Alto Mearim e Silva Carvalho, este ultimo já evidenciado nos ultimos torneios nacionaes e internacionaes e conhecido instructor do picadeiro da Escola de Educação Physica.

Asociação de Foot-ball de Lisboa

Communicações officiaes.—Reune hoje a direcção ás 21 horas.

—Os desafios para o dia 27 são: 1.ª cathegoria, Bemfica marca 2 pontos por o Internacional ter desistido; 2.ª cathegoria, Bemfica contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 13,30 horas: juiz o sr. Pedro Pagani; Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 13,30 horas, derrota aos dois por estarem suspensos; 3.ª cathegoira, Sacavenense marca 2 pontos por o Imperio estar suspenso, no Campo Grande, ás 11 horas, juiz o sr. Rodrigo Costa Junior.

—No proximo domingo não ha desafios escolares em virtude de se realisar a festa da arvore que interessa a quasi todos os grupos escolares.

O QUE CUSTA A GUERRA

Já se gastaram 175 biliões

De quarenta e cinco milhões de homens, quinze milhões foram postos fóra de combate

O jornal russo «Novi Ekonomist» publicou um estudo muito interessante sobre o total das despezas e das perdas occasionadas pela guerra durante os dezoito mezes decorridos. Segundo os calculos do referido jornal, as despezas militares attingiram 70 billiões de rublos ou cêrca de 175 billiões de francos, sommadas as de todas as nações belligerantes.

Em média, um dia de guerra custa 325 milhões de francos. A divida de todas as potencias em guerra, á excepção do Japão, sobe hoje a cêrca de 137 billiões de francos.

Quanto ás perdas occasionadas, não são, segundo o jornal russo, inferiores a 15 milhões de homens, 4 milhões dos quaes estão prisioneiros. Pelo menos, 5 milhões foram mortos ou gravemente feridos. Se se considerar que as potencias em guerra mobilisaram até 45 milhões de homens, conclue-se que a nona parte succumbiu.

Avaliando a capacidade de trabalho de um homem em 12.500 francos, o que é um minimo, obtem-se, transformando essas perdas em dinheiro, 65 billiões e 500 milhões de francos a accrescentar aos 175 billiões de despezas.

De 6 milhões de cavallos, metade pereceu, convindo juntar a todas essas perdas o preço das destruições causadas pela guerra.

A conclusão do interessantissimo artigo do «Novi Ekonomist» é que cada dia de guerra custa ás potencias belligerantes, approximadamente, 500 milhões de francos.

A questão das carnes

O sr. Antonio Augusto dos Santos, inspector dos matadouros, mandou affixar em todos os talhos municipaes um aviso com varias determinações, entre ellas a prohibição de se vender a cada consumidor mais d'um kilogramma de carne. Mas afinal, nem sequer essa quantidade é vendida, porque a não ha. Hoje, por exemplo, só se abateram no matadouro 4 rezes e 20 carneiros.

Na séde da Associação de Classe dos Cortadores Lisbonenses effectuou-se hoje uma reunião, nada se resolvendo de definitivo. A'manhã aquella classe reune novamente.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram esta manhã os srs. ministros do fomento, interior e justiça.

—Os representantes da Associação de Classe dos Tanoeiros voltaram hoje a conferenciar com o sr. ministro do fomento para que não sejam approvados os vagons cisternas, em virtude dos grandes prejuizos que tal approvação representa para aquella classe.

—Entre os srs. ministro do fomento e Mello e Sousa, presidente do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro, houve hoje uma demorada conferencia.

—O sr. Caldeira Scevola, commissario da policia do Porto, que hoje chegou a Lisboa, conferenciou com o sr. ministro do interior.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Como se vingam mulheres—Coimbra, terra d'amores.

REPUBLICA—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 21—O rei damnado.

POLYTEAMA—A's 21—Recita promovida por estudantes.

GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Traviata.

Agenda da semana

SABBADO—**Republica**—4.ª recita de assignatura—Primeira representação da comedia em trez actos *A maluquinha de Arroyos*, original de Andre Brun.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite; Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Concertos David de Sousa

Mantendo a tradição dos anteriores concertos, o do proximo domingo no Polyteama deve causar o mesmo extraordinario successo que n'esta epocha tanto teem assignalado as tardes de arte da orchestra portugueza d'aquelle theatro. Na 1.ª parte figuram trez obras-primas de Chabrier Wagner e Mancinelli, e a 2.ª preenche-a um novo e admiravel trabalho de João Arroyo, o grande compositor do «Amor de Perdição», trabalho que pela primeira vez é executado em Portugal. Fecham o concerto com chave de ouro a «Marcha Hungara», de Berlioz, e outros notabilissimos trechos.

Folhetim d'A CAPITAL 24-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O contrabandista d'opio

Dore desce apressadamente e dirige-se, sem perda de um instante, ao escriptorio do hotel. O empregado, ao vêl-o, ficou surprehendido. As suas feições transtornadas, o ar inquieto e nervoso que d'elle irradia, a inquietação que todos os seus gestos e todas as suas attitudes traduzem, causam, a quem passa junto do engenheiro, a mais funda impressão.

—Em que posso ser-lhe util?—pergunta o gerente do hotel a Dore.—O que precisa de mim?

—Um esclarecimento importante replica Dore, excitadissimo. Diga-me: quem esteve no quarto que me dispensaram antes de mim?

—Quem? Vou vêr.

E consultando o livro de registo dos hospedes, o gerente indica a Doré os nomes dos seus antecessores. E' um grande momento de afflição, esse, para o pobre rapaz. Acontecera tudo aquillo de que suspeitára. Rosa tinha cahido nas mãos dos seus inimigos.

—Deu-se o que eu temia!—exclamou elle.—E que caminho tomou a senhora que occupou o meu quarto?

—Não sei—responde o gerente.—Mas o nosso *detective* está ao facto de tudo. E' que tanto elle como nós desconfiámos dos hospedes que tão rapidamente pretendiam desapparecer e tratámos de os seguir.

—E a senhora mais nova?

—Essa foi levada nos braços pelo mais forte dos dois homens e que parecia o marido da outra mulher.

—E o *detective*, onde está?

—Elle ahi vem.

Effectivamente, n'esse instante approximava-se um homem ainda novo, forte, audaz, vestido de claro, de feições correctas e energicas. Dore interroga-o quasi com impeto.

—Sabe para onde seguiram, d'este hotel, os hospedes que se encontravam no quarto que eu occupo hoje e no contiguo?

—Vagamente. Desconfiei d'elles. Causou-me, sobretudo suspeitas, o facto de ir nos braços do homem que me pareceu o mais robusto, uma menina que dir-se-hia desmaiada.

—E não os seguiu?

—Fui-lhes no encalço até ao bairro chinez. Ali, porém, perdi-os. Mas conheço o *chauffeur* do automovel que os transportou. Esse é que pode prestar-nos todos os esclarecimentos.

—E onde encontral-o?

—Faz serviço á porta do hotel. Está lá em baixo, com certeza.

—Desçamos!

—Desçamos!

Em baixo, o *chauffeur* desejado estava realmente no seu posto. O *detective* dirige-se-lhe e aviva-lhe a memoria.

—Lembras-te d'aquella gente que ha dias conduziste ao bairro chinez?—diz-lhe o policia. Precisamos que nos leves lá.

—Não posso. Já não me lembro—responde o homem mal humorado. Isso já lá vae ha uns poucos de dias. Esqueci-me.

—Não acredito—interveiu Dore. Precisamos que nos leves ao bairro China e não desistiremos do nosso intento. Quanto queres?

E ao mesmo tempo, Dore fazia tilintar nas mãos uma boa porção de *dolars*.

O *chauffeur*, perante o argumento do oiro, não sabe resistir. Rende-se, põe o motor a trabalhar e faz signal a Dore e ao policia para que entrem para o carro, o qual parte sem perda de tempo, a toda a velocidade, para o bairro mais immundo e mais perigoso da grande cidade norte-americana, banhada pelas aguas do Pacifico...

Quasi ao mesmo tempo, Wilkerson, Darvell e Drake, na sua nova habitação, realisavam um importante conciliabulo. Tratava-se, nada mais nada menos, do que de abrir a mala de mão de Rosa, afim de tirar d'ella os documentos da mina que lá deviam encontrar-se. A alegria da quadrilha era exhuberante. Iam, emfim, acabar todas as canceiras e todos os receios. A mina d'oiro, que Gallon descobrira e pretendera guardar só para si, ia, finalmente pertencer-lhes. Era a vingança que se approximava, era a fortuna que lhes abria apaixonadamente os braços, para os subtrahir a uma vida de incertezas e quem sabe se de miserias.

Pegando na pequena mala, Wilkerson colloca-a sobre uma pequena meza. A Darvell e Drake assistem, fascinados á operação de abertura do imaginario thesouro. Wilkerson escancara-o o mais que póde, mette n'elle as mãos. Nada.

—Fomos logrados!—exclama elle enraivecido.

—Malvada!—vocifera a Darvell.

—E agora?—inquire Drake.

—Agora, só tu nos podes salvar, indo entender-te immediatamente com o chinez. E' preciso que elle te leve á presença de Rosa e que tu e elle lhe arranquem—ou os papeis, se ella os tiver comsigo, ou a confissão do sitio onde elles se encontram. Anda, avia-te, parte sem demora. E vê como te desempenhas d'esta diplomatica missão.

Drake, effectivamente abala, em direcção ao bairro chinez, emquanto Wilkerson e a Darvell, com receio de se exhibirem, se deixam ficar em casa, á espera de noticias do seu cooperador.

O automovel de João Dore embrenhou-se rapidamente no bairro dos celestes, transpondo ruas, galgando becos, cruzando vielas immundas por onde uma população densa de andrajosos vagueava, matando o tempo n'um empestado ambiente de crime. As tabernas estavam cheias de vadios, de indolentes, de gente que não trabalhava e que tinha, por vicios principaes embriagar-se e fumar opio. Assomavam ás janellas caras patibulares. Encontravam-se a cada passo verdadeiros farrapos humanos, que não chegavam a inspirar piedade, tão ascorosos elles eram. A certa altura, o automovel pára.

—O que foi?—pergunta o *detective*.

—Nada. E' que não podemos passar d'aqui. Temos de nos apear para se poder chegar ao fim. D'ali em deante, o caminho é tortuoso e quasi labiryntico. Parece que tudo aquillo se fez assim para que n'esse dedalo complicadissimo de ruelas ninguem possa orientar-se senão os que n'ellas vivem. O *chauffeur*, porém, é um guia admiravel. Deixa de andar para correr. E' que, secretamente, tambem o espicaça um certo desejo de ver desvendar aquelle mysterio em que por duas vezes já fôra comparsa inesperado e forçado.

Dobrado um cotovello d'uma viela, o rapaz estacou. A dois passos, ficava a casa onde Rosinha se encontrava sequestrada. Os seus dois companheiros espreitaram como elle. Ia, emfim, iniciar-se a grande batalha. Dore, porém, ao inspeccionar com a vista o largo que se lhe rasgava deante, ficou perplexo. E' que reconhecera Drake, no momento em que elle entrava para uma taberna, onde se vendia opio.

—E' ali?—pergunta elle ao *chauffeur*.

—E'.

—N'esse caso, avancemos.

Drake entrara realmente para a tenda de Ling-Ha, onde ia para se apoderar dos documentos que, segundo Wilkerson pensava, se encontravam na posse de Rosa. Dore, porém, seguiu-o de perto, acompanhado pelo *chauffeur* e pelo *detective*. Comprometteu-o, porém, uma imprudencia. Não soube ser astuto e denunciou-se. Effectivamente, ao chegar á loja mysteriosa, onde um chinez magro e esguio fazia as vezes de caixeiro, abria-se a porta por onde Ling-Ha e Drake haviam de penetrar no antro. Essa porta era constituida por uma parte da parede do fundo, que se deslocava lentamente por meio d'uma alavanca convenientemente disfarçada. O china foi o primeiro a entrar. Drake seguiu-o a alguma distancia.

—Temol-os na mão!—exclamou Dore, ao vêr-se no covil. Não nos escaparão mais.

—O que é preciso é não nos deixarmos cahir em alguma ratoeira—objectou o *detective*.

Foi este ruido de vozes que fez com que o China e Drake se salvassem a tempo. O primeiro deixando que a parede movel se fechasse rapidamente sobre si, e o segundo occultando-se por detraz d'uma prateleira, que lhe offerecia abrigo comodo e seguro. Dóre pretendeu ainda fazer falar o chinez que vigiava o estabelecimento e fumava tranquilamente, mas em vão. Só havia um remedio—recorrer á policia. Foi o que fizeram.

Ling-Ha, entretanto, não perde um momento. Descoberto no seu covil, procura salvar-se. Dirige-se, por isso, rapidamente para o carcere onde Rosinha está encerrada, obriga-a a acompanhal-o, fal-a trepar por uma escada de corda, arrasta-a comsigo para o ar livre e força-a, apesar da sua desesperada resistencia, a entrar para um barco que se encontra, com dois remadores possantes, junto do caes.

Por seu turno, Dore volta com a policia e consegue penetrar no labyrintho onde Rosinha está occulta. Atravez d'aquelle dédalo medonho, os perseguidores do bandido correm perigos de toda a ordem. Os amigos de Ling-Ha, chinas como elle, correm tambem em seu auxilio. Travam-se verdadeiras batalhas a tiro e rasgam-se aos pés dos intruzos, a cada instante, abysmos e precipicios perigosissimos. Mas por fim, Dore alcança a liberdade pelo mesmo respiradouro por onde Ling-Ha fugira com Rosa, vendo-os ainda na bahia, navegando rapidamente a caminho da outra margem.

—E' preciso persegui-lo!—exclama elle, de punhos cerrados.

Effectivamente, essa perseguição começa n'uma canôa automovel, que parece uma grande ave voando sobre a agua escura da ria. O china, porém, leva um grande avanço e logra chegar a terra, fazer desembarcar Rosinha e obrigal-a a penetrar n'uma barraca sordida. Dore d'ahi a instantes põe tambem pé em terra. Ling-Ha é perseguido. Descobre-se o sitio onde elle se refugiára com Rosa. A porta da barraca voa em estilhas e a filha de Thomaz Gallon, mais morta que viva, cae, emfim, nos braços do engenheiro que foi o seu audacioso e intemerato salvador...

(Continúa)

No «ecran» de OLYMPIA

Notas de arte

Ainda algumas palavras sobre a Historia do couro—Trabalho em couro á mexicana

A origem da decoração do couro data das eras mais remotas, como ficou dito no primeiro numero das «Notas de arte» («Capital» de 3 do corrente) e cada epoca teve o seu genero particular, desde as mais singelas ornamentações que ainda existem em alguns mezeus, executadas por povos selvagens, ou já aperfeiçoadas em obras de arte na Edade Média, pelos Orientaes e seus successores.

A historia do couro é muito vasta para poder descrevel-a aqui detalhadamente. Em vista, porém, do bom acolhimento e benevola attenção dispensados ao primeiro artigo, que tanto interesse despertou, valendo-me a honra de immerecidos elogios, até de artistas e professores, venho hoje ampliar um tanto estas notas, certa de ser util aos leitores d'este jornal.

—Os chinezes, os indios e em geral os povos do Oriente, souberam tirar partido da decoração do couro, que elevaram á altura de uma «arte».

Os arabes imitaram-os, excedendo-os mesmo e ensinaram os diversos processos aos hespanhoes, aos quaes devemos os magnificos trabalhos de couro chan-

Figura 1

frado, incrustado, modelado e pintado, conhecidos sob o nome de «Couros de Cordova», que hoje são tão classicos e apreciados, que applicavam sobre tudo no fabrico de sellas e estojos para armas e punhaes.

Este genero de decoração espalhou-se rapidamente em França, na Italia e em todos os paizes do norte; cada nação adoptou um systema de trabalho differente, ao qual imprimiu um cunho particular, formando assim diversos typos deveras originaes.

Já nas escavações feitas nos tumulos junto das pedras druidicas foram encontrados diversos objectos que demonstram d'uma maneira evidente a arte «gaulense» nos seculos V e VI.

Foi, porém, nos fins das cruzadas, que se fizeram o maior numero de relicarios modelados e cinzelados, quer sobre couro, quer sobre metal.

No reinado de Luiz IX de França, ou S. Luiz, começaram a cobrir os assentos das cadeiras de couro envernizado, tendo gravados monogrammas, emblemas e brazões. Este uso foi trazido do Oriente.

Em 1328, Jacquet, executava para a rainha de França, Isabel de Baviera, mulher de Carlos VI, um estojo em couro, com as armas reaes.

Nos inventarios da mesma Isabel e do duque de Borgonha, acharam-se pelles magnificamente trabalhadas, as quaes, durante o verão, eram collocadas nas paredes em logar das tapeçarias.

Em 1590, no tempo de Philippe II, as portinholas dos coches reaes eram guarnecidas de couro trabalhado, executado pelos brazoneiros e correeiros, por isso apontei no capitulo da historia da pregaria o coche de Philippe II, em Belem, (salão dos coches), todo forrado externamente de couro, com grande e pequena pregaria, hoje bastante deteriorado.

As sellas eram egualmente ornamentadas e os pintores da epoca acabavam de as embellezar, colorindo-as segundo as leis heraldicas, sobretudo nos arreios de guerra dos gentis-homens.

No seculo XII, temos a notar o cofre historico, chamado das «Grandes Reliquias», que os mais celebres artistas allemães levaram «dezesete» annos a executar.

A voga actual dos trabalhos de arte decorativa estendeu-se egualmente ao couro; grande numero de amadores e artistas occupam-se em todos os paizes da reproducção de couros antigos, ou da creação de motivos ineditos, applicando os principios da chamada «arte nova» á

Figura 5

ornamentação de varios objectos de luxo, ou simplesmente uteis.

Hoje falarei sobre um processo valorisado pelos verdadeiros apreciadores dos trabalhos antigos n'este genero, o couro «á Mexicana».

Os mexicanos, utilisando desde largos seculos o couro para vestuario e para toda a qualidade de objectos d'uso, crearam de ha muito um modo de decoração verdadeiramente particular e muito original.

Este processo, dos mais simples, consiste em abaixar os fundos em roda dos contornos do desenho de modo que este fique perfeitamente em relevo. Nos muzeus, vêem-se trabalhos n'este genero que são surprehendentes exemplos de paciencia e de perseverança, demonstrando que a esthetica, o gosto e a harmonia na decoração não faltavam a estes povos tão primitivos, sem cultura artistica.

Este processo assemelha-se bastante ao systema usado na Edade Média e na Italia.

Os italianos modelavam-o pelo avesso, emquanto os mexicanos lhe davam outro aspecto, deixando-o liso, apenas com um pequeno relevo.

Os ferros a empregar são apenas o traçador e o modelador da figura 1 e o ferro de bola, da figura 5, e a grande espatula figura 16.

Como se trabalha

Escolhe-se o desenho que deve ser em estylo, obedecendo apenas a linhas geometricas e arabescos.

Molha-se o couro com uma esponja e contorna-se o desenho como ficou explicado no capitulo «couro gravado».

Aperfeiçoam-se as linhas e com a parte curva do ferro de modelar abaixa-se o fundo, tendo cuidado de carregar bastante com a espatula, figura 16, aquecida sobre uma lampada de alcool para ficar, pela continua pressão do aço, bastante mais escuro e polido, o que lhe dá um aspecto encantador e particular, fazendo sobresahir o desenho, que ficará em tom natural, mais claro e em relevo.

As nervuras das folhas e outros detalhes interiores, como os sombreados dos ornatos, executam-se tambem com o traçador aquecido á chamma d'uma lampada, depois de ter boleado levemente, pelo avesso, os logares que devem apresentar algum destaque.

Este trabalho pode ser combinado com a pregaria, o que dará esplendido resultado.

Convem notar que nunca se deve empregar qualquer dos ferros em quente sem os ter préviamente experimentado sobre um boccado do couro, para evitar queimar ou crestar a pelle.

Esta maneira de ornamentar o couro não admitte «matoirs» de fundo, sendo sempre executado com o ferro em quente em plano liso.

Luiza de Sousa

Observações

Qualquer desenho, tanto para os trabalhos demonstrados aqui, como para qualquer outro de arte applicada ou bordado, será fornecido sob pedido a Luiza de Sousa, avenida Fontes Pereira de Mello, 7, mediante preço razoavel do ajuste previo.

Brevemente iniciará A Capital *um concurso de* Arte Applicada, *que decerto deverá despertar o maior interesse.*

Consultorio d'arte

Ariette.—Sinto que v. ex.ª só venha a Lisboa nos trez dias de Carnaval, porque justamente n'esses dias estarão suspensas as consultas na Baixa, podendo v. ex.ª no entanto procurar-me no meu «Studio», na morada acima indicada, onde estarei á sua inteira disposição.

Zoraida.—Encarrego-me de fornecer

Figura 16

qualquer almofada, já executada, ou simplesmente desenhada e começada.

Forget me not.—Não, minha senhora, não me esquecerei. De facto conto apresentar ainda este anno duas exposições de Arte Decorativa. Uma nas salas de «A Capital», outra no lindo sitio do Estoril, na «Casa dos Arcos», propriedade encantadora do sr. Cabral de Lacerda, distincto professor de Bellas Artes.

L. S.

Recenseamento eleitoral

A junta de parochia de S. Vicente, para evitar possiveis reclamações, convida os eleitores da sua parochia a examinarem as informações que sobre o recenseamento eleitoral em revisão vae enviar ao secretario recenseador, as quaes se encontram expostas na séde do Centro Alexandre Braga, rua das Escolas Geraes, 63, 1.º, nos dias 24, 26 e 28, das 21 e meia ás 23 horas. Todo o espediente eleitoral é despachado n'estes mesmos dias, ás mesmas horas.

Festas associativas

Concentração Musical 5 de Outubro—Com o drama «O arcediago» e a comedia «Que amigos», ha no dmingo sarau dramatico em que toma parte o grupo Guilherme Belloto. Abrilhanta o espectaculo um grupo musical, seguindo-se baile.

Tuna Commercial de Lisboa—Hoje, ás 21 horas, ha ensaio. O ensaio geral para o sarau do dia 29 realisa-se na segunda feira, ás 22 horas prefixas, devendo comparecer todos os executantes.

Grupo Dramatico Lisbonense—Annunciando a recita extraordinaria de domingo e com o programma dos festejos do Carnaval, publicou este grupo um numero especial, intitulado «O Lisbonense». No domingo sobe á scena a revista em 1 prologo, 1 acto e 4 quadros «De casa... e pucarinho».

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

SPORT

Velhos, mas corajosos homens de lucta

(Cartas a um velho amigo)

Em que se fala de Pons, Paddoubny, Limousin e outros

Cesar—Discuti hontem, com um amigo commum, a questão da longevidade dos grandes athletas. Não queria acreditar que se pudesse manter a *fôrma* athletica de maneira a dominar gente moça, quando se passasse dos 45 annos. Citei varios exemplos de nadadores de marchadores a pé, de tennistas, até de levantadores de pesos e de esgrimistas. Para todos elles encontrava uma explicação contradictoria, affirmando, na generalidade, que eram esses exercicios apropriados a todas as edades.

—«O que desejava era que me indicasses nos *sports* violentos e combativos, homens que passassem além dos 40 e que se impuzessem aos de metade da edade...» Ri, porque n'esses *sports* violentos os exemplos são trivialissimos. A lucta e o *box* estão orgulhosos de campeões de avançada edade. Quem viu os campeonatos profissionaes de Lisboa, pode citar o facto. Limousin, pelo seu aspecto, falho de cabellos, enrugado na face, indicava ao menos analysador que tinha mais de 50 annos. Effectivamente, a sua edade, na ultima epocha em que nos visitou, era de 58 annos. Apesar d'isso, era o escolhido para soffrer os embates dos mais impetuosos e para sustentar os assaltos mais longos. Tinha uma resistencia invejavel. Sahia do *ring* sem o menor signal de fadiga, ainda que o seu adversario fosse um Schackman ou um Pietro, abusando e forçando a sua maneira de combater.

Pons tambem não enganava. Todos viam que era um homem d'edade. Tinha effectivamente no ultimo anno que nos visitou 55. Pois apesar d'isso ainda se equilibrou com o collossal dinamarquez Petersen!... Podem objectar que as luctas entre os dois collossos eram combinadas. A essa objecção não respondo porque está fóra da minha analyse medica. Combinadas ou não, eram combates violentos de mais de meia hora, com phases successivas, movimentadas, de ataques ininterruptos, para os quaes se exige preparação phisica, resistencia muscular, bons pulmões e, consequentemente, bom coração. Pois, apezar de velho, era na verdade um modello de «saude integra», como o verificaram alguns collegas meus com rigorosa percussão e auscultação.

Outros athletas de edade e identicamente corajosos e aguerridos vimos em Lisboa, como Aimable de la Calmette com 51 annos, Ciclops, o homem que partia moedas de vintem entre os dedos com 47 annos, Pietro 2.º com 48 annos, etc. E a historia do profissionalismo dá-nos ainda um phenomenal exemplo, o de Paddoubny, hercules invencivel e que aos 44 annos não tinha quem o egualasse!... Do «box» excuso de fallar, porque já tenho abusado da citação de alguns nomes como os de John Sullivan, Bob Fitzsinnwons, etc.

O que elles deviam perguntar-me é porque razão esses homens conservavam por tanto tempo a sua energia e força phisica. Eu dir lhes-hia que com um regimen de trabalho gymnastico e de boa hygiene corporea.—*J. P.*

Notas do dia

Um campeão de Hespanha em Lisboa

O campeonato de Hespanha de «foot-ball» tem as suas meias-finaes distribuidas pelas suas principaes regiões, uma das quaes é a Galliza, provincia em que os agrupamentos de «foot-ball» são muitos e de valor.

Vae quasi terminado esse campeonato, que deve decidir as suas finaes no proximo março em Madrid.

Um dos clubs finalistas, com probalidades, portanto, de conquistar o titulo de campeão da Hespanha, é o «Fortuna de Vigo, campeão da Galliza e finalista de Hespanha pela sua victoria ultima sobre o fortissimo agrupamento do «Corunha».

Pois é esse grupo, o «Fortuna», que os «sportsmen» lisbonenses vão apreciar, nas tardes do proximo sabbado e domingo, em lucta contra um dos nossos mais bem formados grupos, o grupo representativo do Sport Lisboa e Bemfica, composto de homens fortes, conhecedores do jogo em todas as suas «passes» e acostumados de longa data a desafios de responsabilidade.

O «Fortuna de Vigo», se é desconhecido para a maioria do nosso publico, não o é, no emtanto, para grande parte dos nossos homens de sport.

O Sporting Club de Portugal, em março do anno passado, quando estava na sua mais poderosa «fórma», mediu em Vigo as suas forças com elle, e não conseguiu mais do que equilibrar-se.

E, para contra-prova ultima, diremos que ha cinco annos, tambem em Vigo, o «Corunha», que teve agora de abater pavilhão deante do «Fortuna», se equilibrou perfeitamente com o Sport Lisboa e Bemfica.

E de suppôr é que a «fórma» do «Corunha» seja agora melhor do que era ha cinco annos.

* * *

Um «Diario de Governo» sportivo

Os decretos publicados hoje pela secretaria da guerra no «Diario do Governo», são, em especial dedicados aos exercicios phisicos. Publicam-se os regulamentos do «Tiro Nacional» e indicam-se quaes devam ser as provas de aptidão phisica para admissão á matricula nos cursos das diversas armas e nos de administração militar na Escola de Guerra. Estas provas são «fraquinhas» para homens de 18 a 21 ou mais annos. Aquelles que tivessem boa gymnastica nas escolas antecedentes, hão de achal-as assim. Mas mais vale pouco do que coisa nenhuma. As provas exigidas são as seguintes:

1.º—Percurso de 1.000 metros em 5 minutos;

2.º—Salto com corrida d'um muro de pedra solta de 0m,80 de altura e de 0m,10 de largura na parte superior;

3.º—Salto com corrida d'uma vala de 2m,8 de largura com 1m,2 de profundidade, tendo os taludes a inclinação de 2/1;

4.º—Subida por uma corda lisa a uma altura de 2m,5;

5.º—Passagem a pé d'uma viga prismatica horisontal, n'um vão de 5 metros de largura, collocada a 2 metros de altura;

6.º—Lançamento d'um peso de 4 kilos 750 á distancia de 4 metros;

7.º—Percurso de 100 metros em 18 segundos.

Os candidatos teem a faculdade de repetir uma vez os saltos, o lançamento do peso e a passagem da viga.

Os exercicios serão executados pela ordem indicada, havendo intervallos minimos de tres minutos depois do 1.º e do 6.º e de 5 minutos depois do 3.º, os outros exercicios serão feitos successivamente.

* * *

Ainda a questão do foot-ball

Não tratamos hoje d'ella. Porquê? Pela razão de que vimos annunciada uma reunião da direcção da Associação de Foot-ball para hoje. E... mantemos a esperança de que tudo se remediará com commutação de pena.

A «pena» ultima ou equivalente é que não nos agrada.

E' preciso um castigo? Pois bem castiguem mas de fórma que não se prejudique o sport. Melhor seria que tudo se liquidasse pela «absolvição», que equivalia ao esquecimento da culpa, já que esta envolveu na mesma teia de erros os juizes e os réus. Mas... se não poder ser, que se encontrem todas as soluções excepto a tal dos 5 mezes. Essa é que não lembra ao diabo...

Algumas anecdotas

Tanta disciplina, que dá em indisciplina...

E' curioso ouvil-os falar...

A' porta do café da Gare, estabeleceram um ponto obrigatorio de reunião. Gritam, barafustam e nunca chegam a conclusões!

—Se o Sporting desistiu ainda foi para não desauctorisar a Associação!... Foi por um acto de disciplina...

—Tambem o Imperio desistiu por solidariedade, pelos mesmos motivos, por que deseja disciplina...

—O Internacional tambem... e fiquem vocês sabendo que deu explicações á Associação. E' porque não queria incorrer na indisciplina....

—...Eu não digo que vocês não tenham razão mas, o que é verdade é que o Bemfica é que pugna pela Associação, por um principio de disciplina!...

Um velhote que os estava a ouvir commentou, com certa ironia:

—Estes andam sempre á bulha e sempre com disciplina! Que faria se fossem «indisciplinados»!?...

Os grandes records

Oxford contra Cambridge em «cricket»

Os desafios de «cricket» entre os collegios das universidades inglezas de Oxford e Cambridge datam do anno de 1827.

Nos 79 «matchs» annuaes já disputados, Cambridge ganhou 38 vezes, Oxford 33, havendo 8 «matchs» nullos.

Os jogadores que mais se notabilisaram n'esses «matchs» foram R. E. Foster, de Oxford em 1900 e J. F. Marsh, de Cambridge, em 1904.

Apesar do contra-golpe que, devido ás superiores facilidades ferroviarias, a Allemanha podia dar, novas forças eram trazidas incessantemente pelos caminhos de ferro russos e habilitaram o exercito do czar a exercer uma pressão que foi um dos factores decisivos para parar o golpe vibrado ao coração da França. Tomando todas estas circumstancias em linha de conta, foi esse um dos feitos mais notaveis quanto á funcção exercida pelos caminhos de ferro durante a guerra.

O emprego dos caminhos de ferro como auxiliares da estrategia militar pela Italia, embora de grande importancia, foi restringido pela natureza montanhosa da fronteira onde as forças italianas e austriacas vieram ás mãos. Livre emprego se fez da linha directa Milão-Udine e da de Milão-Codogno-Padua-Udine e das linhas de Verona a Franzensfeste e d'esta localidade a Villach.

A posse d'esta ultima linha por entre as montanhas era, na realidade, essencial para o exito de uma offensiva, porque, como as linhas do norte estavam em communicação directa com os caminhos de ferro austriacos e allemães, se a Italia perdesse a offensiva, um inimigo poderia descer por ellas, em força, para as planicies do norte da Italia, sendo pequena a esperança de que qualquer auxilio pudesse vir da França.

As ligações ferreas com os exercitos francezes eram a linha de via simples ao longo da costa maritima para Nice e de Turim que atravessava o tunnel do monte Cenis. Era claro para as auctoridades militares que para qualquer cooperação activa entre os exercitos italiano e francez seria necessario contar com o transporte por mar.

A necessidade de assegurar a posse dos caminhos de ferro da fronteira era, por isso, urgente. E' verdade que não podiam, devido ao facto de para longas distancias haver apenas linhas de via simples, separadas umas de outras pelas difficuldades do terreno, dar á força militar que as possuisse um grande poder de concentração, que tal é a funcção dos caminhos de ferro na guerra. Mas desde que essas linhas estivessem em mãos italianas, poucas probabilidades havia de uma offensiva austriaca ser coroada de exito.

Para se apoderar das linhas montanhosas era necessario um rapido golpe, porque os caminhos de ferro da Austria eram muito superiores aos da Italia e, em condições normaes, permittiriam que uma força austriaca fosse concentrada na fronteira antes da Italia estar preparada para o golpe.

A organisação militar conheceu a desvantagem que tinha em comparação com o inimigo quanto a transportes e tomou as medidas necessarias para um golpe resoluto nos caminhos de ferro da fronteira.

Desde 1905 que a maior parte das linhas italianas estavam sob a fiscalisação do Estado, mas poucas ou nenhumas linhas estrategicas haviam sido construidas pelo governo, embora grandes quantias tivessem sido dispendidas em melhoramentos e em acquisição de material circulante e algumas linhas de via simples tivessem sido transformadas em linhas de via dupla.

Durante a guerra os caminhos de ferro teem funccionado sob a fiscalisação militar.

A campanha nos Balkans chamou a attenção para os outros systemas de caminhos de ferro na Europa. Havia muitas linhas de capital importancia para possuir as quaes os imperios centraes se lançaram na lucta. Os meios de communicação eram poucos, pois as difficuldades de construcção eram grandes. Os obstaculos que a natureza oppunha ao avanço dos exercitos em campanha eram as montanhas e os rios.

As fieiras de montanhas nos Balkans são tão continuas que a construcção de linhas ferreas e de estradas em que pudessem avançar grandes corpos d'exercito era praticamente impossivel.

Da costa do Adriatico ao rio Vardar, do rio Vardar ao rio Mesta e

E' interessante dar alguns pormenores de como os caminhos de ferro francezes teem funccionado durante a guerra. Todas as linhas ferreas n'esse paiz, mesmo em tempo de paz, eram obrigadas, se o governo queria transportar tropas e mantimentos para qualquer ponto ou para qualquer via ferrea, a immediatamente darem todas as facilidades ao Estado. Como tal obrigação fôra estatuida ha quarenta annos, creára-se uma organisção militar permanente, que tinha por dever preparar os caminhos de ferro para serviço em tempo de guerra.

Cada linha principal tinha um «comité», ou commissão, para falar com mais propriedade, militar, composto de dois membros, em regra geral o director do caminho de ferro e um militar, um official do estado maior general, nomeado pelo ministerio da guerra. A principal funcção d'essa commissão era averiguar o modo e estar ao facto de como esse caminho de ferro podia ser utilisado em occasião de guerra. Além d'essas commissões, em 1898 fôra creado um Comité militar de caminhos de ferro. Esse comité, que era presidido pelo chefe do estado maior general, compunha-se de seis officiaes de elevado posto, trez representantes do ministerio das obras publicas e dos membros das commissões das differentes linha ferreas. As funcções d'esse comité eram meramente consultivas, mas emittia opinião em todas as questões relativas a transportes militares e approvava ou rejeitava as medidas propostas pelas commissões.

Regulamentos especiaes com relação aos empregados dos caminhos de ferro entraram em vigor ao ser declarada a guerra. Estatuiam esses regulamentos que quando um ferroviario era chamado ao serviço militar era mobilisado n'essa qualidade e a efficacia d'essa lei provou-se durante a gréve de 1910, tendo n'essa occasião sido os ferro-viarios chamados ao serviço sob a lei marcial.

No primeiro dia da mobilisação aos caminhos de ferro foi requisitado o pôrem ao dispôr das auctoridades militares todos os seus meios de transporte e algumas linhas ferreas foram destinadas apenas a fins militares. O systema de caminhos de ferro da França em caso de mobilisação estava dividido em duas zonas que, embora administradas por auctoridades differentes, estavam ambas sob a fiscalisação militar.

A zona militar estava collocada sob a fiscalisação do commandante em chefe dos exercitos em campanha, a cujo estado maior estava addido um official incumbido de dirigir o serviço das linhas ferreas. Essa zona estava subdividida em secções de linha que ficavam dentro da actual esphera de operações militares.

Dentro da zona das actuaes operações de campanha o serviço era feito por unidades militares, emquanto as secções da linha fóra d'essa area eram dirigidas por empregados da companhia que eram mobilisados por um systema territorial adequado a tal fim.

A outra zona de caminhos de ferro, designada pelo nome de zona interior, estava sob a direcção do ministro da guerra, que auctorisou as commissões das redes de cada linha ferrea a assumir funcções executivas, sob a responsabilidade individual de cada um dos seus dois membros, tendo o vogal militar a seu cargo as medidas militares e o membro technico o que dizia respeito a todos os outros assumptos.

Emquanto se dava preferencia ao transporte de tropas de material de guerra, tomavam-se medidas para o de mantimentos e das mercadorias commerciaes. Dentro da zona militar o trafego habitual era completamente suspenso, salvo ordem em contrario do commandante em chefe. Na zona interior o serviço de passageiros e do trafego era feito segundo as condições prescriptas pelo ministro da guerra, que tinha o poder, depois da mobilisação e da concentração estarem completas, de

EM TORNO DA GUERRA

Um congresso interparlamentar

Paris, 19 de fevereiro

Os membros inglezes do Comité interparlamentar franco-britannico (7 membros da camara dos lords e 17 membros da camara dos communs) devem chegar ámanhã a esta capital para tomar parte nos trabalhos da primeira sessão do Comité, que se reunirá em Paris de 21 a 24 de fevereiro. Serão recebidos pelos seus collegas designados pelas duas casas do parlamento francez para fazerem parte do Comité interparlamentar.

A delegação ingleza será recebida no Elyseu pelo presidente da Republica, no Luxemburgo e no Palais Bourbon pelos presidentes das duas camaras, no Quai d'Orsay pelo presidente do conselho, ministro dos negocios estrangeiros, no Hotel-de-Ville pelo conselho municipal de Paris.

As sessões do Comité interparlamentar effectuar-se-hão terça, quarta e quinta, 22, 23 e 24 do corrente, no boulevard Saint-Germain, 243. Quinta-feira um certo numero de parlamentares francezes e inglezes partem para Bordeus onde teem uma reunião.

Os membros da delegação ingleza são, pela camara dos lords: lord Bryce, presidente da delegação franco-britannica, antigo embaixador em Washington; lord Desart, um dos quatro delegados da Gran-Bretanha ao tribunal arbitral da Haya; lord Harrowly, thesoureiro do partido unionista na camara dos lords, director dos caminhos de ferro North-Staffordshire, director do banco Coutts; lord Rotherhan, presidente da Associação dos fiadores de algodão, director do banco London-City an Midland; lord Sanderson, diplomata de carreira, sub-secretario de estado permanente no Foreign Office até á sua elevação ao pariato; lord Southwarte, director d'uma grande imprensa, presidente da camara de commercio de Londres; lord Balfour of Burleigh, antigo ministro, reitor da universidade de Aberdeen.

Os representantes da camara dos communs são os srs.: Shirley Beun, deputado de Plymouth; Evelyn Cecil, director do London and Southern Railway; sir Herwy Craik, historiador, doutor em direito, representante das universidades de Glasgow e de Aberdeen; sir Edwin Cornwall, antigo presidente do conselho do condado de Londres; John Dillon, deputado de Tipperay em 1880; sir Daniel Goddard, membro do conselho privado; W. Goldstone, director do jornal o *Educador*; sir Charles Henry, cujo filho foi ferido em França em setembro de 1915; John Hodje, fundador da Associação dos Trabalhadores do ferro e do aço; o major general sir Ivor Herbert, antigo addido militar em Petrogrado; D. T. Holmes, escriptor distincto; H. J. Mackender, professor de geographia em Oxford, explorador; Hugh-Alexander Law, propagandista do movimento gaélico; James Mason, presidente de grandes sociedades commerciaes; T. P. O'Connor, jornalista, traductor de Pierre Lotti, deputado por Liverpool; sir J. H. Joyall, membro do Instituto; Stuart Wortley, advogado, membro do conselho privado; director do Great-Central Railway.

A commissão propõe-se, a fim de tornar mais intimas e mais cordeaes ainda as relações franco britannicas, reunir successivamente nas principaes cidades de França e transportar-se em seguida a Inglaterra.

Diz-se que em março vinte e cinco membros da Duma, eleitos pelo parlamento russo, segundo o mesmo methodo adoptado em França e em Inglaterra, se reunirão á commissão, bem como vinte e cinco membros do parlamento italiano.

As primeiras sessões da commissão inter-parlamentar serão consagrados ao exame de questões politicas e economicas.

Colyseu dos Recreios

Hoje é a festa magna em que toma parte a illustre amadora, a sr.ª D. Maria de Sousa Couto, soprano dramatico já muito justamente apreciado em differentes concertos.

Por convite da sua professora de canto madame Mantelli presta-se gentilissimamente a notavel amadora a encarregar-se da parte «Santuzza» de «Cavalleria Rusticana» que hoje cantará com todos os primores d'uma boa escola.

Completam o espectaculo o 2.º e 3.º actos da «Fedora» cabendo a Gina De Martini o desempenho da protogonista.

A'manhã sexta-feira recita para accionistas com a «Traviata», uma das melhores operas do reportorio da companhia.

No sabbado realisa-se a 4.ª recita da notabilissima soprano ligeiro Maria Galvany que cantará a «Sonambula», onde obteve um exito extraordinario segunda feira. Não cessam, como se vê as festas no Colyseu onde as enchentes se succedem por esse facto.

Bailes do Colyseu

Devem revestir um grande deslumbramento as festas carnavalescas que se preparam no Colyseu, uma das mais lindas salas que ha no mundo e a maior de todas da peninsula.

Encommendam-se flôres e plantas e accumulam-se lampadas e projectores de modo a dar ao recinto um aspecto verdadeiramente phantastico.

E nada poupa a Empreza para conseguir este fim.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Liga Economica Nacional.—Reune ámanhã, pelas 21 horas, na séde da Associação Industrial, a commissão executiva, devendo entre outros assumptos de importancia, discutir uma proposta da commissão de agricultura para que o Estado adeante aos agricultores uma determinada verba por cada hectare que a mais semearem, a fim de garantir uma proxima colheita de cereaes sufficiente para o consumo nacional.

Pela instrucção

Visitas de estudo

Os alumnos do curso de administração militar da Escola de Construcções, Industria e Commercio, a fim de conhecerem de mais perto tudo o que se relaciona com a sua carreira, fundou um grupo para promover visitas ás principaes fabricas industriaes do paiz.

A direcção d'esse grupo ficou constituida pelos srs. Sergio Serra, Candido Pinheiro, Antonio da Fonseca, Coelho Lopes e Mario de Carvalho e a primeira visita realisar-se-ha ámanhã, ás 14 horas, á fabrica de chocolates Iniguez.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Ante-projecto dos melhoramentos da zona occidental da Figueira da Foz—Em opusculo, illustrado profusamente, foi publicado o ante-projecto apresentado pela camara municipal da Figueira da Foz para os melhoramentos d'aquella cidade, uma das melhores praias portuguezas e que ficaria por assim dizer sem rival a executar-se esse grandioso projecto. O assumpto tem sido em demasia debatido para que d'elle precisemos occupar-nos. Bastará, por isso, dizer que fazemos votos porque a vereação figueirense veja levados a bom termo os seus incançaveis esforços.

A Aguia—E' o seguinte o summario do numero 50 d'esta bella revista:

«Portugal et Brésil», Maxime Formont; «Aux Volontaires du Portugal et du Brésil», J. Ghil; «Le Portugal et la Latinité», Xavier de Carvalho; «Cruzamento e desmembramento de palavras. Retroderivação», A. A. Cortesão; «Voz debil que passas», versos de Camillo Pessanha; «A Beira n'um relampago», Teixeira de Pascoaes; «Pela Grei», versos de Antonio Sergio; «Em volta da palavra «Gonzo», cartas de A. J. Gonçalves Guimarães, Leite de Vasconcellos e Candido de Figueiredo; «Phantasia á maneira de Whistler», Carlos Pereira; «A Exaltação do Coroplasta», soneto de Alberto Osorio de Castro; «Estudo» (illustr.) de Vieira Portuense; «Sorriado», (illustr.) de Antonio Carneiro, «Kimono» (illustr. de C. Oswald. «Colonisação, climas e linguas»— V. Affonso Cordeiro; «O cerco do Porto, contado por uma testemunha, o coronel Owen», prefacio e notas de Raul Brandão.

Universidade Livre—Sahiu o Boletim mensal correspondente a janeiro findo, dedicado á solemnisação do 4.º anniversario.

PEQUENAS NOTICIAS

Jesus Piqueras Gonçalves, sem residencia, foi preso por subtrahir uma carteira contendo 3 lettras no valor de 4.427$27 e a quantia de 120 escudos a José Gomes, morador na rua do Amparo, 18.

—Conceição Ferreira Barradas, sem domicilio, foi presa na rua da Boa Vista por ser accusada de ter furtado a quantia de 50 escudos a João dos Santos, estabelecido na rua dos Remolares, 40.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 22. — Realisaram-se hontem no centro democratico d'esta cidade as eleições das commissões politicas do partido republicano portuguez d'este concelho para reunir no bienio 1916 a 1918.

Presidiu o sr. Antonio Goes Cardoso, secretariado pelos srs. João de Brito e Manuel Dias Ferreira Junior, tendo sido eleitos para a commissão municipal: effectivos, Antonio José Goes Cardoso, industrial; Bernardo Joaquim Sousa Ramos, proprietario; José Marques Lemos, fiscal das cortiças; José Antonio Costa, commerciante; João de Brito, industrial; Francisco Maria Bolhou, sapateiro; José Joaquim Esteves, barbeiro; substitutos: Arnaldo Guapo, proprietario; Francisco d'Assis Martins, proprietario; Francisco Martins Pernes, commerciantes; Francisco de Mattos Marcellino, commerciante; João Augusto Severo, official de diligencias; João Manuel Belem, commerciante; José Pedro Martins Meira, pharmaceutico.

Commissão parochial da freguezia da Sé: effectivos: Antonio Camillo Carvalho, commerciante; João Augusto Esteves, industrial; João Martinho Barbas, alfaiate; José Maria Meira, operario; Manuel Dias Ferreira Junior, distribuidor do correio; substitutos: Caetano Carvalho Sena, marceneiro; Manuel Joaquim Mendes, industrial; João Manuel Pimentel, operario; José Augusto Gonçalves, alvanéo; João Baptista Caldeira, commerciante.

Commissão parochial da freguezia S. Lourenço: effectivos: Joaquim Augusto Malato Barata, distribuidor do correio, Joaquim Maria Courato, operario; Manuel Geraldo Canola, empregado do Banco; Manuel Maria Pana, operario; José Maria Carvalho, commerciante; substitutos: Evaristo Mendes, operario; Francisco Martins Tabana, empregado; Joaquim Gonçalves, operario; João Lopes da Silva, empregado; João Maria d'Oliveira, commerciante.

auctorisar a continuação parcial ou completa d'esse serviço.

O exercito francez no principio da guerra tinha sem duvida possivel muito menor numero de linhas ferreas estrategicas do que a Allemanha. Essa deficiencia tem sido até certo ponto remediada durante a guerra. Os francezes teem um magnifico corpo de engenharia e além d'isso para as reparações das linhas destruidas durante a marcha para Paris e o consequente avanço foram requisitados os serviços da engenharia ingleza, assim como para a construcção de novas linhas.

Um exemplo do magnifico trabalho feito nos caminhos de ferro francezes durante os primeiros dias da guerra foi dado pelas auctoridades militares. A primeira grande tarefa a executar era o transporte das «tropas de cobertura», o exercito enviado para a fronteira para parar o primeiro choque do inimigo. Foi executada de modo a permittir a mobilisação dos principaes exercitos sem ser perturbada.

Era encargo da primeira repartição das trez em que o serviço de transportes estava dividido em França. A segunda repartição estava encarregada do abastecimento de homens, cavallos, provisões, munições e material para os exercitos em campanha. A terceira repartição era responsavel pelo transporte de tropas de uma parte do theatro da guerra para outro onde a sua presença podia contribuir para o exito d'uma operação.

O transporte das «tropas de cobertura» começou na tarde de 31 de julho de 1914 e estava terminado a 3 d'agosto ao meio dia sem qualquer demora quer na partida, quer na chegada dos comboios, e sem que o serviço habitual fosse suspenso.

Perto de seiscentos comboios foram requisitados só na linha de leste e o merecimento d'esse magnifico serviço é ainda realçado pelo facto do transporte de tropas coincidir com a mobilisação geral começada a 2 d'agosto, collidindo, portanto, com o movimento dos primeiros exercitos para a fronteira. Os transportes que eram precisos para a concentração dos exercitos em geral começaram a 5 d'agosto, terminando o periodo mais urgente no dia 12.

Durante esses oito dias, nada menos de 2.500 comboios circularam, dos quaes apenas 20 tiveram ligeiras demoras e durante um periodo de quatorze dias cerca de 4.500 comboios se fizeram, além de 250 com mantimentos para as fortalezas que, como era de prever, estavam em risco de ser sitiadas. Esse excellente serviço da organisação dos caminhos de ferro francezes tornou-o ainda mais digno de ser notado o facto do destino para que deviam seguir quatro corpos de exercito ter mudado depois da mobilisação haver começado.

No transporte de tropas d'um theatro das operações para outro tambem os caminhos de ferro francezes fizeram algumas maravilhas. Durante a offensiva franceza na Lorena e na Belgica em agosto de 1914, na occasião em que o transporte da força expedicionaria ingleza se fez para França, durante a retirada para além do Marne e no subsequente avanço e novamente por occasião do desenvolvimento dos exercitos que operavam em França até ao Mar do Norte, mais de 70 divisões foram transportadas d'um ponto para outro, variando as distancias de 96 e 576 kilometros e sendo necessario o emprego de mais de 6.000 comboios.

O relatorio que tornou publicos estes factos attribue, com razão, grande parte do exito alcançado pelos exercitos alliados ao modo como o problema dos transportes foi resolvido e cita em especial os caminhos de ferro, por terem levantado a insuperavel barreira contra que o inimigo baldadamente fez os seus ataques em França.

Quanto ao serviço habitual de transporte de mantimentos para o exercito, funccionou com a maior regularidade desde o começo da guerra. Durante a retirada sobre Paris as estações de fiscalisação tinham de providenciar ácerca de tu-

do, tanto das provisões para os militares, como para os habitantes das abandonadas cidades, e ainda ácerca da falta de material circulante dos caminhos de ferro francezes e belgas. Magnifico serviço foi prestado desde o primeiro dia da guerra pelos caminhos de ferro francezes.

Com respeito á facilidade de movimentos de tropas, a Russia tem tido durante a guerra, como já dissémos, uma grande desvantagem em comparação com a Allemanha. Estava, quando a guerra foi declarada, construindo certas linhas estrategicas para a fronteira allemã, e disse-se já que uma das razões da escolha do anno de 1914 para a guerra rebentar foi o atacar a Russia antes do seu systema de caminhos de ferro estrategicos ter sido completado.

O systema russo tinha o seu centro em Moscow e a fronteira allemã não estava nada bem servida. Havia uma linha de Moscow a Varsovia e Brest, um caminho de ferro de Petrogrado a Varsovia, outro de Vilna á Prussia Oriental e as linhas Kursk, Krew-Lemburg e Odessa-Lemburg. Na Polonia os principaes caminhos de ferro eram os que havia entre Thorn, Kalisch, Grancia e Varsovia, e Grancia, Ivangorod a Varsovia, com varios ramaes.

Comparativmente com as condições no lado allemão da fronteira havia uma lamentavel ausencia de transportes ferro-viarios para os exercitos do czar. Foram, como já accentuámos, as superiores facilidades ferro-viarias do lado allemão da fronteira da Polonia que permittiram a von Hindenburg que elle effectuasse a sua primeira grande concentração para o ataque contra Kalisch.

Quando a Polonia e a Russia foram finalmente invadidas pelos exercitos austro-allemães, grande parte da vantagem da posse de certos caminhos de ferro foi perdida devido á differença de largura de via entre os systemas allemão e russo e como os russos, ao retirarem, levaram o material circulante, a posse d'essas linhas era mais um obstaculo para o exercito allemão.

Verdade seja que os caminhos de ferro allemães estavam providos de vagons cujo eixo se podia adaptar

Major-general G. H. Thesiger, commandante da 9.ª divisão ingleza, morto proximo do reducto «Hohenzollern»

aos caminhos de ferro russos e que um corpo de engenharia foi empregado em construir novas linhas, indo-se buscar material á Belgica e levando-o para a Russia.

Nas primeiras phases da guerra, quando o exercito francez estava sendo obrigado a retirar sobre Paris, foram os heroicos esforços dos ferro-viarios russos que salvaram a situação militar. Com uma rapidez maior do que era possivel esperar e n'um momento em que a Allemanha, suppondo qualquer offensiva russa immediata impossivel, tentava vibrar um golpe esmagador no occidente, um exercito russo appareceu nas margens do Niemen e do Vistula e invadiu a Prussia Oriental.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1995 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 25 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71.

Preço 2 centavos

Fala a Inglaterra

O discurso do sr. Asquith, chefe do governo inglez, hontem pronunciado na Camara dos Communs, e de que o telegrapho nos forneceu largo extracto, é mais uma affirmação peremptoria das intenções inabalaveis que animam a Inglaterra, e os alliados, na grande lucta que está convulsionando o mundo.

O sr. Asquith exclamou: «Nós nunca embainharemos a espada que não foi desembainhada levianamente, emquanto a Belgica, e agora accrescento a Servia, não recuperarem tudo e *mais ainda* o que teem sacrificado; emquanto a França não estiver devidamente segura contra qualquer ameaça de aggressão; emquanto os direitos das mais pequenas nações da Europa não forem collocados sobre bases inatacaveis, e emquanto o dominio militar da Prussia não fôr total e definivamente destruido».

E' importante constatar que é precisamente nas occasiões em que a situação da guerra apparece com um caracter mais grave, como agora mesmo está succedendo com a furiosa offensiva dos allemães em territorio francez, que é precisamente n'estes instantes em que podria suppôr-se uma hesitação ou desfallecimento da parte dos alliados, que surgem as affirmações mais energicas, as resoluções mais firmes, mantendo integralmente os principios que deram origem á resistencia contra o esforço imperialista que a Allemanha procurou fazer triumphar, atravez das mais horrorosas carnificinas.

Ha dias era o primeiro ministro da Russia, affirmando perante a Duma que o governo moscovita não recuaria um passo na senda que trilhou e que, de posse da quantidade de munições precisas, os exercitos russos, que podem contar com reservas inexgotaveis de homens, iriam até ao fim para fazer prevalecer a causa dos alliados.

A Inglaterra, pela bocca do chefe do seu governo, precisamente quando dois deputados se lembraram de falar na paz, repoz a questão nos seus termos iniciaes, com os applausos da camara, e fel-o insistindo em principios que são de uma grande justiça e de uma alta belleza moral visto que reivindicam o respeito inviolavel á liberdade que as democracias proclamam e á independencia das pequenas nações que teem o direito de viver, e cuja existencia é necessaria ao desenvolvimento da civilisação que essas democracias realisam.

Hoje, como em 1914, a guerra é feita pelos inglezes em nome do direito puro. A Inglaterra desembainhou a espada, quando viu a Belgica invadida e assolada. Agora outro pequeno povo foi esmagado pela furia dos inimigos da liberdade. A Inglaterra não embainhará o seu gladio sem que a independencia de esses povos seja restabelecida, e para que essa independencia tenha d'ora ávante uma garantia eficaz, indispensavel é que seja destruido o dominio militar da Prussia.

Não é facil esmagar os pequenos paizes, n'este seculo, em que a força do direito não é já uma simples abstracção. Proclama-o a grande nação ingleza com a palavra e com o gesto. O impeto do imperialismo germanico ha de quebrar-se, e com elle desfazer-se o seu sonho de despotismo universal, incompativel com as nossas eras de emancipação e de progresso.

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica foi esta manhã acompanhado do sr. ministro do fomento visitar a direcção geral dos trabalhos geodesicos, sendo recebido pelo director e mais funccionarios d'aquella direcção.

Em soccorro dos feridos da guerra

Recebem-se donativos no London and Brazilian Bank

O London and Brazilian Bank Ltd. recebe donativos para a benemerita obra do Britsh Ambulance Committee, segundo nos communica o sr. Portland, que nos informa tambem do seguinte, a respeito dos serviços do mesmo comité:

1.º—Em janeiro e fevereiro de 1915 foram expedidos para a frente em França trez comboios de ambulancia e, a pedido das auctoridades militares francezas, foi expedido em agosto um quarto, fazendo um total de 140 ambulancias e carros.

2.º—Devido á bondade e generosidade dos subscriptores mais, de 97:000 feridos francezes teem sido transportados do campo de batalha.

3.º—Foi feita menção por duas vezes em telegrammas militares aos nossos esforços e recebemos de monsieur Delcassé, em nome do governo francez, uma carta de louvor.

Muitas das nossas ambulancias estão agora inutilizadas devido ao continuo e incançavel trabalho que teem tido, por estradas que se acham em estado lastimavel, esburacadas pelos projectis schrapnel e entulhadas com toda a especie de destroços.

PEÇAS NOVAS

"A maluquinha de Arroyos"

Trez actos de André Brun no Republica

A'manhã, sabbado, o theatro do Thesouro Velho dá-nos mais um original portuguez. Trata-se de uma comedia em trez actos de André Brun, nosso illustre camarada de trabalho. Pedimos-lhe algumas impressões ácerca da sua nova producção. Eil-as:

Ha tres annos consecutivos eu tinha sido o traductor ou adaptador das peças de Carnaval no Republica, como já o fôra em 1908 e 1909. Em setembro ultimo, Braga encommendou-me d'esta vez um original. Era um pesado encargo succeder a Feydeau, a Sacha Guitry, a Tristan Bernard; acceitei, porém, com prazer a encommenda. *A Maluquinha de Arroyos*, que o publico vae julgar ámanhã, tem, antes de mais nada e co-

mo lhe cumpre, a pretensão de ser uma peça alegre. Além d'isso, e como convem á epoca em que se installa no cartaz, é uma peça de situações. Segundo affirma o contra-regra Pereira, pessoa de confiança, ha muitos annos que não lhe passa pelas mãos bico d'obra como a segunda metade do segundo acto, onde, além d'uma trovoada e d'outras coisas que no deante se verão, figuram um papagaio assanhado e um macaco á solta. *A Maluquinha de Arroyos* é uma peça genuinamente lisboeta, desde o seu titulo até ao desenho das personagens, desde as determinantes da acção ás peripecias do enredo. Continua esse «theatro alfacinha» encetado na *Visinha do lado* e continuado no *Cavalheiro respeitavel* e n'*O Primo Izidoro*, que as plateias acolheram com tão generosa benevolencia.

Por ser peça de Carnaval não deixa de ser uma peça decente, onde as filhas menores podem sem receio levar as suas mães, pois nada lhes offenderá os ouvidos. E' muitissimo mais correcta do que o *Fausto*, por exemplo, onde se seduzem virgens e se desgraçam militares á vista do publico. Na *Maluquinha de Arroyos* a virtude é recompensada, como nos melodramas das velhas eras, e o vicio tambem, como nas peças de Bernstein.

Os tipos da peça acotovellamol-os a cada passo na rua e terão um desempenho, que não hesito em classificar antecipadamente de optimo. Tenho—salvo duas excepções: Lucinda e Augusto Rosa—o *beijinho* da companhia do Republica. Brazão, além de dirigir os ensaios, quiz encarregar-se de uma rabula pittoresca no terceiro acto. Chaby, Ferreira da Silva, Carlos de Oliveira, Raphael Marques, Thomaz Vieira e Pina completam o desempenho masculino. Angela, Emilia de Oliveira, Jesuina Saraiva, Barbara, Luz Velloso, Laura Hirsch e Paz Rodrigues interpretarão as figuras femininas. O publico verá duas scenas novas. Resta-me accrescentar que, nos poucos ensaios que a peça poude ter, todos os artistas trabalharam com a melhor boa vontade e todos se declararam satisfeitos com os papeis. Eu não tive o minimo desejo de me zangar, o Braga sorriu amiude, o galo preto assistiu, como bom «fetiche», a um ensaio de marcação. Eu estou contente. Se a *Maluquinha* agradar, mais contente ficarei. Se não agradar, juro que não attribuirei culpas a ninguem. Queixar-me-hei apenas de mim proprio e, para não me apoquentar mais, far-me-hei o menos possivel de recriminações. Bater-me-hei amavelmente no hombro, dizendo-me:—«Então deixa lá. Ellas não podem pegar todas...»

André Brun

TREZ DIAS EM OLIVENÇA

La noche de los quintos...

O sentimento musical na antiga villa portugueza

O inapreciavel D. Adolpho referve de impaciencia por mostrar-me a linda terra de Olivença, que em sua convicta opinião nenhuma outra eguala. Emquanto saboreio o solido biffe que me mandou servir, familiarmente sentado ao pé de mim, o amavel hospedeiro refere-me, com desvanecido orgulho, o adeantado grau de cultura artistica que é de justiça reconhecer-se á população da villa, coisa de umas dez mil almas—hespanholas de nação, mas bem portuguezas pelo sentimento, pela lingua e pelas tradições. Os oliventinos perdem-se por musica e pelo theatro.

—Existe algum theatro aqui? pergunto.

—Se existe um theatro! replica o proprietario da *Fonda dos Naciones*, quasi escandalisado. Mas o senhor sabe lá o que temos em Olivença! Funccionam dois casinos, cada um com o seu theatrinho particular e temos além d'isso outro theatro maior, onde se realisam soberbos espectaculos. Quando passa o frio, temos os theatros, ao ar livre, um á entrada da villa, outro na praça de touros, que ha muito tempo não serve para outra coisa. Ha duas maravilhosas companhias de *afficionados*, com vozes de primeira ordem e os programmas são organisados com as mais lindas *zarzuelas*. Preços baratissimos, para que estejam ao alcance da bolsa do pobre e da do rico. Imagine que no theatro de verão custa quinze centimos a geral: dez réis por cada *zarzuela*—quer coisa mais barata?

N'uma torre proxima começam a ouvir-se repetidas badaladas. D. Adolfo interrompe-se, segura-me no braço e machinalmente vae-as contando em voz alta.

—Uma, duas, trez, quatro... Fixe! Não perca isto!... oito, nove, dez, onze... Tome nota!... quinze... vinte... vinte e cinco... trinta. Trinta badaladas, reparou? E' um costume que não se encontra em nenhum outro ponto de Hespanha.

—Mas que quer dizer isso?

—Não sei. E' um costume portuguez. A's oito da noite, o sino da camara repete trez vezes uma serie de trinta badaladas. Os hespanhoes que por aqui passam admiram-se muito.

—O sino da camara? E' boa! Mas os senhores teem camara?

—Ninguem diz o sino do *ayuntamiento*. E' o sino da camara, e ha de ser sino da camara emquanto houver sino...

Terminou o jantar. Começo a sorver lentamente o meu café, e D. Adolfo reata o fio da interrompida exposição ácerca das tendencias artisticas dos seus compatricios.

—Temos uma philarmonica... Que pena que a não veja! E' a melhor da peninsula. Antiga, muito antiga e com os seus pergaminhos, sabe? No tempo de Izabel II foi-lhe concedido o privilegio de usar espadim... Uma vez esteve aqui hospedado um coronel portuguez, e á hora do jantar, como agora, sahiu a philarmonica. Correu á janella, vieram-lhe as lagrimas aos olhos. «Mas isto é uma banda militar, D. Adolpho! garanto-lhe que é uma banda militar e das mais bem afinadas de toda a Hespanha!» O homem não cabia em si de espanto e de enthusiasmo.

E depois de medir, n'um relance, o effeito das suas palavras, o loquaz hospedeiro prosegue, com infinita convicção:

—Sinto tambem que não possa apreciar o nosso quartetto de corda e o nosso orpheon. Ha rapazes aqui que sabem tocar perfeitamente trez instrumentos. Que pena demorar-se tão poucos dias! Tenho a certeza de que, se os ouvisse, havia de voltar-se para mim e dizer-me: «O' Adolpho, mas isto não é Olivença! Isto é Italia!» Quer dar uma volta pela cidade?

Receei melindra-lo, recusando. Travei-lhe do braço e fomos. As ruas, muito limpas, são illuminadas electricamente, com lampadas de incandescencia. Aqui e além, sobre a cal immaculada das fachadas antigas, destacam-se brazões de armas, em floreados escudos de pedra, evocando tradições da velha nobreza de Portugal. Pelas esquinas noto, em azulejos enormes, os nomes castelhanos das ruas. Para quebrar o silencio, exclamei:

—Estamos pois na *calle* Moreno Nieto...

—Qual *calle*? Isso é a designação official, com que ninguem se importa. Estamos mas é na rua do Juiz.

Os habitantes de Olivença não perdem facilmente o uso dos primittivos nomes. Bem lhes importa a elles que se tenha pretendido perpetuar a aliás sympathica figura de D. Victoriano Parra, dando o seu nome a uma das ruas da villa. Para o povo, ha de ser sempre a rua das Atafonas; ha de haver sempre uma rua Larga (a *gran via* dos hespanhoes) e uma rua Direita como em todas as terras portuguezas que se prezam de o ser. De resto, em todas as lojas onde entro surprehendendo as palestras na minha lingua, com aquelle cantado especial dos povos do Alemtejo, e n'um dos dois casinos a que D. Adolpho sollicitamente me conduz, noto que a decoração das salas obedece á combinação das duas côres que compõem a nossa bandeira.

Ao contrario do que geralmente succede nas terras de provincia, Olivença adormece tarde, e tarde recolho portanto á minha *fonda*. Pelo caminho, grupos de noctivagos cruzam-se comigo, e seguem, em ruidosas expansões, na tradicional despedida dos *quintos*. Vão todos de braço dado, foliões, exhuberantes, accordando os echos das viellas com os seus côros de stentor, que hão de prolongar-se por noite velha, conforme piedosamente me tinham avisado. O sorteio realisa-se de manhã cedo; já a machina de loteria que encerra as bolitas fataes se encontra armada n'uma das sacadas da camara, installada no velho palacio do Duque de Cadaval, cujo brazão se ostenta ainda proximo da portada manuelina. Toda a santa noite despreoccupada da juventude, se passa de vela. E os echos repercutem a canção:

Ya se van los quintos, madre...
Ya sé llevan á mi Pepe...

A que os côros respondem, atroando os ares:

Los quintos, los quintos, los quintos se van,
La flôr de Olivenza se la llevan ya...

—Pelo que tem ouvido, observa sorrindo, D. Adolfo, deve suppor que esses rapazes não falam portuguez, como toda a gente d'aqui. Prepare-se para vêr o sorteio, a que pode assistir da sua janella... O sr. verá. Quando sahir um numero baixo, ha de reparar que a indignação dos *quintos* não conhece, para se exprimir, lingua melhor que a portugueza. Sempre que teem de soltar um grito d'alma, é o passado que desperta...

Hermano Neves

Cartas na meza

Documentação historica

PORTO, 24.

Ha escriptores muito delicados e muito brilhantes do nosso tempo que tem um prazer quasi lascivo em se embrenhar nas evocações historicas, absorvendo o pó antigo, respirando o particular bafio dos archivos, e muitas vezes atirando uma livraria a terra por causa de um vocabulo, com a mesma volupia com que uma gallinha se espulga e esgaravata na terra para encontrar um verme. Como são homens do seu tempo e não podem ser superiores ás influencias do seu meio e da sua educação, resulta que pensando como dandys e escrevendo como frades dão á sua arte um sabor de mosteiro da Batalha em cimento armado, com os maromaques, as falifas e as lorigas da velha indumentaria tomando o ar de artefactos comprados no Grandella.

Tambem me não desagrada esse genero de locubrações, e tanto isto é certo que já pensei em fazer algumas investigações sobre a guerra da Syria com os heteanos, sob Ramsés II; sobre o caminho preferido pelas burras do pae de Saúl; sobre as origens e faltas de agua do incendio dos fardamentos, e ainda outros acontecimentos egualmente esquecidos mas faustiniamente historicos e sempre interessantes. Em geral esses acontecimentos não deixam vestigios indeleveis senão n'aquelles a quem de perto cahem, e como já hoje a ninguem importam nem a Lyria, nem o incendio, nem as burras, o esforço do investigador tem de ser tanto maior quanto as pesquizas são difficeis.

Por hoje, e á falta de tempo para mais largas cogitações, fixemos historia contemporanea, e registemos entre o que de notavel se está passando, que a guerra trouxe a muita gente a prosperidade e a opulencia. Aqui apontam-se fortunas espantosas adquiridas em mezes, ás vezes em dias. Contaram-me que um commerciante—um honrado commerciante d'esta praça—de tal maneira tem visto encher-se-lhe a gaveta dos apuros que a mioleira transtornou-se-lhe e a familia anda afflictissima com o preço da fortuna, além de receosa de ter de gastar com o dr. Magalhães Lemos aquillo que ganhou com a exploração do proximo. De um joalheiro tambem se diz que n'aquelle bemdito anno de 1915, que foi o passado, tão cheio de pavores, sobresaltos, miserias, torturas e calafrios para os paes de familia, ganhou tão desproporcionados contos de réis que nunca a sua casa viu accumulados antes desde que existe. De modo, que emquanto a uns faltava para comprar bacalhau, a outros sobrava para comprar diamantes.

D'esta dôce lição se conclue que a guerra é afinal um grande beneficio, porque traz lagrimas a uns mas tambem risos a outros, demonstrando uma vez mais que para haver alguem que ria é preciso haver alguem que chore, que o mesmo é dizer que para haver quem ganhe, é preciso haver quem perca.

Que admiraveis obras de arte darão os escriptores futuros, aquelles que por sua vez hão de mergulhar o nariz investigador e evocador nos infolios e cartapacios dos nossos dias? E, para lhes facilitar o expediente que deixo as notas que ahi ficam. São rapidas talvez. Mas se fôr preciso fixal-as melhor, não é difficil conseguil-o com duas camadas de ripolin.

Guedes de Oliveira

Dr. Marnoco e Sousa

Aggrava-se o seu estado

COIMBRA, 26. — Aggravou-se a doença do sr. dr. Marnoco e Sousa, que ha tempos se encontra enfermo. O seu estado, muito melindro, inspira serios cuidados.

A falta de carne

No Matadouro Municipal de Lisboa foram hoje abatidos para o consumo dos talhos municipaes e particulares 40 rezes, 2 vitellas e dois carneiros.

Navios de guerra

Estão quasi concluidos os trabalhos de transformação em contra-torpedeiro, da antiga canhoneira *Tejo* que se encontra no dique do Arsenal, devendo atracar á ponte na proxima semana a fim de metter as caldeiras.

VIDA NOVA

O Parlamento alemtejano

Vae reunir em Beja nos dias 28 e 29 do corrente

Em fins de outubro ultimo, reuniu-se em Evora o congresso dos municipios alemtejanos. De todas as manifestações de vida regionalista que até hoje se teem realisado em Portugal, essa foi, sem duvida, a mais importante. Ali se discutiram, talvez com uma grande dose de idealismo, mas com um enthusiasmo e um desejo de progresso absolutamente inexcediveis, as questões e os problemas que mais podiam interessar á riquissima provincia, que é a mais rica da terra portugueza. Foi toda uma vida nova que renasceu n'essa assembleia interessantissima, que ficou marcando na vida politica nacional, uma epoca. No congresso de Evora deliberou-se, além do mais, fazer reunir em Beja, o mais cedo possivel, o parlamento provincial, a fim dos municipios, devidamente federados, apreciarem juntos os seus interesses e tratarem de os attender na medida do possivel. E' essa reunião magna que vae celebrar-se domingo e segunda-feira, n'aquella cidade, tão opulenta, de bellas tradições e tão importante, pelo que respeita á sua feição essencialmente agricola.

O exemplo que o Alemtejo está dando é d'aquelles que teem de ser secundados, auxiliados, exaltados. A centralisação deu já em Portugal as suas desgraçadas provas. Tornou-se tão absorvente, tão esmagadora de todas as iniciativas e concentrou por

Folhetim d'A CAPITAL—25-2-1916

Os casacas de briche

A epopêa do Imperio sossobra em Waterloo, Napoleão agonisa em Santa Helena, Marat, Danton, Robespierre volveram do nada para o nada, a Convenção foi uma nuvem de sangue que passou, o sopro da Revolução que zuniu n'uma rajáda épica, do mar do Norte até ao mar Tyrrheno, cahiu, abatou perante a Europa colligada; voltam os Bourbons para Napoles, entram os Borbons em Hespanha; Luiz XVIII comenta Tacito n'um canto das Tulherias; um rei caduco domina em Inglaterra pelas vozes de Palmerston e de Pitt, na Austria, Metternich congloba os elementos da Santa Alliança e Monroë prepara o imperialismo americano com a famosa doutrina; é a reacção do poder d'outr'ora, a liga dos reis contra os povos, o pacto de familia, a velha theoria de Luiz XV que renasce mais vivaz, mais imperiosa; Pio VII volta para Roma, não ha já illuminados, não ha já pedreiros livres, os ultimos jacobinos morrem moralmente depois do Thermidor, *Tugenbund* esfarrapa-se, Kotzebue esmaga sob o punhal de de Sand, Kosciusko, extingue-se ignorado, Ney é o holocausto de d'Enghien. Mas a Revolução que parecera ter morrido, nunca fôra tão viva, nunca dera tão vigorosamente os seus resultados. A semente de 89 germinára em vinte e cinco annos, principios de nacionalidade, de liberdade, rebentam aqui e acolá com a vehemencia de botões na primavera; os *carbonarii* planeiam a Italia *irredenta*, a Grecia foge á tutella ottomana, a America latina fragmenta-se, a França sacode os Bourbons, a Hespanha impõe-se a Fernando VII. E' uma agitação, toda uma efervescencia que prepara o maior logro da historia contemporanea: o parlamentarismo. Lafayette, Sterochini, Del Diego, Fernandes Thomaz sonham a lei — e por toda a Europa apenas se ouve um grito formidavel:

—Constituição! Constituição!

E em Portugal forma-se a tribuna «que deu, por momentos, lições á Europa» (Chapelain). Um grupo desce do Porto, velhos-novos que ninguem ainda antevira, discursando, orando n'uma rajada d'enthusiasmo, sem os colletes á Fabre d'Eglantine, sem as gravatas de Saint-Just, ignorando o *jabot* de Robespierre; não usam a toga de Brutus, mas tem a alma de Mucius Scaevola; com, as faces cesarianas do Collot d'Herbois ou de Barnave, envolve-os a grandeza oratoria de Mirabeau; é uma Gironda adaptada, uma burguezia solida e confortada que sonha os bens da liberdade sem os excessos da liberdade. Não é um grupo utopista—é um grupo temporão. Não são reformistas, são iniciadores de uma reforma, acompanham o movimento do seu tempo, inspiram-se em Vil éle, copiam da Assembléia Nacional, nunca da Convenção. Grandes? E' duvidoso. Sinceros? Incontestavelmente. Que querem elles? Querem a lei acima da «infallivel casaca», o acesso de todos, a derrocada do privilegio, o nu da opressão. *The right man in de the right place!*—diz Palmerston na sua concisa expressão popular, *mehr licht*; mais luz, como murmura Goethe moribundo. E' o que elles querem. Destacam-se luminosos—porque as suas mãos são puras de sangue, permanecem indomitaveis—porque teem a fé, morrem justos—porque foram severos. Clamores de liberdade em boccas tremulas, enthusiasmos de vinte annos em sexagenarios exhaustos, olhos incendiados em vistas apagadas. O braço hesita—mas a voz fulmina, suggestiona, arremeça ideias aos punhados, convence, impõe, alastra, faz esse simulacro de revolução, onde nem uma gotta de sangue é derramada, expelle esse grito de mil gritos, ulula n'uma tarde cinzenta, em volta do Paço da Rainha, o brado europeu:

—Constituição! Constituição!

Ephemera constituição que um passeio militar derrubava, mezes depois. Mas a intensa alegria do ideal realisado explode, immensa, é toda uma agitação fulgurante, como se tivessem nascido entre nós os Direitos do Homem. Renascem os *pater conscripti*, renasce a oratoria romana, «Portugal muda de pelle», (Andrade Corvo) «começa a saber-se se o que seja o direito da Nação») Rebello da Silva); a obra protecionista de Pombal resurge, extinguem-se lentamente a casaca de seda preta, os sapatos de fivella de prata, a cabelleira de nós, volta a saragoça, usa-se o burel, a estamenha triumpha—e o briche é a materia prima das casacas. Borges Carneiro, Fernandes Thomaz, Silva Carvalho, Mousinho da Silveira, os vintistas convictos,—são, por excellencia os Casacas de Briche. Usam-n'a enorme, expressamente grosseira, portugueza em todas as costuras, «de grande gola encanudada, voltada, debruada sobre colletes immensos de baetão vermelho abotoados em prata» (Julio Dantas). O chapeu de pello é ainda um *quid medium* hesitando entre a alta forma do *incroyable* do Tivoli ou do Palais-Royal—e o *tromblon* vastissimo, desconchegado, o tubo de 1830. A gravata escura colleia o pescoço em voltas multiplas, atarraca, congestiona, afoga um collarinho de largas pontas, molle que conserva direito, por vezes delirante d'altura, como o usavam os *fashionables* de Jorge III. Debaixo do braço, entalada no sovaco, a *badine* flexivel, a de Byron, terminada n'uma azelha de chicote, tremula, anciosa de vergastar o mundo. As presilhas sahem com negligencia, com estudado saber, das botas altas, foscas onde habitualmente, por suprema elegancia, o canhão é debruado em côr differente. «São melros em roupa de cerimonia» (Rebello da Silva), «trajos indecentes para homens d'edade», commenta com rancor o velho Niza. Com effeito! Trajes sufficientes para galvanisar de horror o defuncto Pina Manique.

E' uma elegancia singular, a que desce do Porto. Em breve descahirá no *pisa-flores* mas tem, por emquanto, sobriedade. O que a anima não é o esforço de parecer bem mas o desejo de se ser portuguez. A ideia de nacionalisação irradia por toda a parte: ha de, mais tarde, perder-se sob D. Maria II. Por agora o patriota repellia a França, d'ella quer, apenas, a ideia revolucionaria. O movimento romantico que começa a esboçar-se, na pintura em Géricault, nas lettras em Pixérécourt, em Hugo, em Walter Scott,—nem se suspeita á beira do Tejo. E' ainda o gosto Romano; no theatro, Catão, a vida de Paulo Emilio, nos corredores de um velho convento benedictino, Scyla, Mario, os Gracchos. Entra-se n'uma sala como Publius Cinna em casa de Livia, mão erguida, gesto largo e solemne, discurso *ore rotundo*, conceito grave, hirto como as prégas d'uma toga esculpida em marmore. E', de resto, a mesma febre intensa de 94, quando todos tinham um nome latino e todos se vestiam á grega. Extranha gente, que passa n'um turbilhão, que suppõe levantar o mundo e desapparece deixando unicamente vestigios. São felizes aquelles que, como Fernandes Thomaz, hão-de morrer pouco depois, confortados na illusão de que deixaram inabalavel o seu movimento sem que uma vida só tivesse sido sacrificada; para esses o supremo orgulho d'uma revolução humanitaria, elevada, generosa e nobre, que traz uma Carta—e um anceio novo. Aos outros, espera-os o exilio, onde haviam de morrer alguns, onde morrera, annos antes, devorado de saudades, o poeta que, na Arcarlia, fôra Filinto Elysio. São, então, sombras errantes, sem logar no mundo, corpos vagabundos onde fallecem almas mortificadas usando a magua do seu grande sonho cahido. Começa o grande exilio, com fluctuações, retornos subitos, expulsões dolorosas, selecção de Portuguezes, boccadinhos d'amor que se arrancam com odio, martyrio, lagrimas, saudade, lucto, braços tremulos, abertos n'uma suprema e voluptuosa dôr para essa Patria pequenina tão ciosamente querida, tão furiosamente amada, offertas mudas de todo o sangue das veias, de todo o alento da alma; arqueia-se a formidavel aureola matisada com todos os prantos, iriada com todos os desesperos, começa a augusta magestade dos vencidos lentamente robustecida, crescendo indomavel de fé até áquelle gesto immenso, até áquelle grito formidavel que varre tudo, despedaça, leva adiante de si, o anachronismo, a prepotencia, a casta. Os homens de 20, depois do triumpho conhecem o soluço, reapparecem menos posticos, menos declamatorios porque soffreram. Os que julgam que a ideia se mata, chamavam-lhes um sonho mau quando elles eram, irrefragavelmente, o principio d'uma grande realidade. Pode vir D. Miguel pode voltar a lamentavel mascarada que pretendia resuscitar um seculo soturno. O grito que chegou aos astros—não morreu! Ha, pelos cantos onde se conspira, em velhos solares de provincia, em barracas sordidas do Porto, um lento suspiro abafado que repete uma palavra, a mesma que estrugira, a mesma que voára:

—Constituição! Constituição!

(Do livro em preparo *Lisboa antes da Regeneração.*)

Mario de Almeida

tal modo, nas alfurjas do Terreiro do Paço, a vida portugueza, que estiolou quantas manifestações de progresso se tem dado, reduzindo-as a coisas funadas, que morrem de inanição e que, pelo insuccesso que as acompanha, só servem para anniquilar tudo quanto seja trabalho util e fecundo. Os municipios, até ha pouco, não tiveram senão uma autonomia nominal, e ainda hoje, apesar das liberdades que os codigos lhes concedem, não falta quem queira esmagal-os sob uma tutella, que é ao mesmo tempo feroz e illegal. E' contra isso que as camaras alemtejanas começaram a protestar em Evora. E' esse mal da centralisação, annullando toda a vida provinciana, que o Parlamento Provincial Alemtejano de Beja vae procurar, pelo que respeita ao Alemtejo, anniquillar. Quer dizer: aquelle bello e fecundo movimento que em outubro se iniciou em Evora, vae ter em Beja a sua continuação e o seu fecho brilhante.

Provincia de largos e abundantes recursos, quasi sem vias de communicação, mal servida por comboios e com raras estradas a cortar os seus campos vastissimos, o Alemtejo está disposto a tomar conta dos seus destinos e a fazer, por si, o que os outros por elle não quizeram nunca fazer. E' a vida velha, de esmagamento pelo Poder Central de tudo o que não dimane directamente do Terreiro do Paço, que vae levar o primeiro e grande rude golpe. São os povos a tomar conta dos seus destinos e a organisarem, até onde as leis lh'o permittam, a sua libertação. E' a acção perturbadora e contrariadora de todo o avanço, que não tenha o sello dos magnates da politica, a ser posta de lado e a ser substituida pelos competentes, por aquelles que, tendo a consciencia das energias que o destino depoz nas suas mãos se resolveu a aproveital-as em beneficio proprio, para realisarem uma obra de civilisação e de redempção, que nunca será excessivamente glorificada. O Parlamento Provincial Alemtejano vae, pois, reunir, pela primeira vez. *A Capital* entendeu sempre que é no regionalismo que reside uma das principaes forças salvadoras d'este paiz. Faz, por esse motivo, os mais ardentes votos para que d'essa reunião resultem para o Alemtejo, beneficios de toda a ordem, ao mesmo tempo que deseja ver seguido, pelas outras provincias, o exemplo que nos veem dos municipios alemtejanos.

O concerto Blanch de domingo

Maria Judice da Costa no «Lohengrin»

Publicamos em seguida o assombroso programma do concerto da orchestra Blanch, que se realisa depois d'amanhã, domingo, no theatro *Republica*. Basta vêl-o para justificar o enthusiasmo que existe e a enorme concorrencia que tem havido em assegurar logares para esta extraordinaria audição symphonica. O programma é todo wagneriano:

1.ª parte. I—«Tannhauser», ouverture; II—«Parsifal», preludio; III—«Preludio e Morte de Isolda», por Maria Judice da Costa e orchestra.

2.ª parte. IV—«Tannhauser», Bacchanal; V—«Siegfried», Murmurios da floresta; VI—«Lohengrin», Sonho e Preghiera de Elsa (1.º acto), por Maria Judice da Costa e orchestra.

3.ª parte. VII—«Marcha funebre a morte de Siegfried»; VIII—«A Walkiria), Cavalgada das Walkirias.

A questão das subsistencias

O sr. ministro do fomento esteve no seu gabinete durante a noite, até á uma hora, trabalhando no regulamento das subsistencias.

Esta manhã continuaram trabalhando no mesmo regulamento os sr. presidente do ministerio e ministros do interior, justiça e fomento.

— O *governador civil de Portalegre* conferenciou hoje com os srs. ministros do interior e fomento sobre assumptos de interesse do districto, especialmente sobre a questão das subsistencias, visto não haver milho e centeio em todo o districto.

O sr. Joaquim Portilheiro parte no domingo para Portalegre.

PORTO, 25—Não chegou o milho que era esperado pelo governador civil

Um homem morto

Querendo fazer parar um cavallo que corria á desfilada, passa-lhe sobre a cabeça a carroça que elle puxava

Pelas 16 horas, subia a rua do Mundo uma carroça puxada por um cavallo, pertencente á firma J. Iniguez, da Avenida das Côrtes, carroça guiada por Manuel Soares, residente na travessa de S. Placido, 27, 1.º, indo tambem na almofada o menor de 17 annos, Sergio Peres, morador na travessa Particular, á Fonte Santa, 13, 3.º, encarregado de fazer entrega das encommendas aos freguezes.

Quando a carroça entrava no largo Trindade Coelho vinha em sentido contrario um automovel cujo «chauffeur» tocava a buzina afim de evitar qualquer desastre e prevenir o carroceiro para se desviar. O animal que puxava a carroça, assustando-se com o toque da buzina tomou o freio nos dentes e avançou em carreira desordenada em direcção a S. Pedro de Alcantara, obrigando os transeuntes a fugirem em varias direcções.

O cavallo, arrastando o vehiculo, subiu a rampa e metteu á rua de D. Pedro V, já então seguido de populares que tentavam fazer parar o animal. Este enfiou pela rua da Escola Polytechnica onde passavam muitas pessoas e se viam reunidos numerosos estudantes.

Em frente da casa de moveis com os n.os 31 e 33, quasi junto da rua de S. Marçal, um popular atravessou a rua o que lhe valeu ser apanhado e derrubado passando-lhe a carroça por cima da cabeça. O animal avançando sempre, tornejou para a rua da Imprensa Nacional e desceu a rua vertiginosamente. Quasi ao fim, estava atravessada uma carroça pertencente ao sr. Casimiro José Sabido, carregada com cascalho.

O cavallo, não podendo desviar-se, foi de encontro a ella e voltou-se, do que resultou o carroceiro ser cuspido da almofada e ir bater com a cabeça de encontro á parede. Soccorrido immediatamente, seguiu para a pharmacia Castro, onde se verificou que recebera uma forte commoção cerebral, motivo porque seguiu de trem para o hospital de S. José. O seu companheiro fôra mais feliz, visto que nada soffrera a não ser o enorme susto.

Entretanto cá em cima jazia por terra o desgraçado, que fôra apanhado pela carroça. A sua morte foi instantanea. Mettido n'um automovel seguiu para o hospital de S. José e depois para a Morgue. Mostra ter 18 ou 19 annos, typo de operario, vestindo fato de ganga e sobretudo.

Mais tarde soube-se que o infeliz se chamava Augusto Cezar d'Oliveira, morador na rua Fernandes Thomaz, 29, 3.º.

A gréve academica

O que se passa no Porto

PORTO, 25. — Os alumnos do instituto que querem adherir á gréve são apenas dezoito. As aulas teem funccionado sem incidente.

A gréve de Coimbra—O dr. Luciano Pereira da Silva parte para o estrangeiro

COIMBRA, 25.—Consta que o sr. dr. Luciano Pereira da Silva, que tencionava partir brevemente para o estrangeiro em missão de estudo, antecipa a sua partida e que a reunião, hontem effectuada, dos professores da Escola Normal Superior, foi para resolver a escolha do director interino.

Noticias parlamentares

O sr. Alfredo de Magalhães, positivamente, soffre d'uma fobia agudissima. Tem no goto o ministerio das colonias e não o arranca de lá. D'ahi, libelos sobre libelos contra essa secretaria de Estado, ónde, ao que o deputado por Moçambique affirma, «vigora ainda hoje o passado, agravado com todos os vicios do presente». Será assim? Para que o sr. Alfredo de Magalhães o assevere, é necessario que tenha documentos indiscutiveis com que o *prove*. E n'esse caso, cumpre-lhe tornal-os conhecidos para que, na phrase de sua senhoria, «o ministerio das colonias possa ser arrazado» e para que d'elle saia o organismo forte que as provincias ultramarinas reclamam. Vamos a isso?

•

O grupo democratico, na sua ultima reunião, voltou a occupar-se, a pedido do directorio, da revisão constitucional, a fim de, no proximo congresso, poderem ser discutidas deliberações previamente adoptadas sobre o assumpto. O grupo, porém, não se mostra disposto a pronunciar-se definitivamente, desejoso de guardar a sua liberdade d'acção. Dizia-se, comtudo, hoje, pelo Parlamento, que vae ser convocada para muito brevemente uma reunião dos parlamentares democraticos e do directorio, onde a questão constitucional será largamente debatida e resolvida, se o gosto da attitude clara entrar de seduzir as maiorias. Convem, todavia, accentuar que as minorias não devem *deixar-se arrastar demasiadamente* nas azas tentadoras da esperança...

•

Disseram já os jornaes que os prasos da Zambezia, com o seu regimen, iam ser reformados, nomeando-se para esse fim uma commissão, encarregada de propôr ao governo as medidas a adoptar sobre o assumpto. Será ella composta de nove vogaes, sendo trez eleitos pelo concelho colonial, entre os seus membros; outros trez nomeados pelo governo, e os restantes eleitos entre os arrendatarios dos prasos. A portaria, instituindo essa commissão, será publicada ámanhã. Os delegados do governo serão os srs. almirante Ferreira do Amaral, general Joaquim José Machado, que ainda ha pouco governou Moçambique, e tenente-coronel Eduardo Marques.

Um salão de variedades que se impõe

Entre as casas de espectaculos da capital uma ha que pelas suas commodidades, pela sua hygiene e pelos espectaculos que ali se apresentam se impõe no conceito do publico; referimo-nos ao Salão Foz, situado na calçada da Gloria. E', sem receio de contestação o affirmamos, o salão de animatographo e variedades mais completo que possuimos. Bellos logares, de uma magnifica disposição e apresentando sempre espectaculos os mais variados.

Actualmente exhibe-se ali um dos mais extraordinarios artistas que nos teem visitado n'estes ultimos annos. Mario Alfaro, o citado artista, é o mais completo e o mais correcto ventriloquo que pisou os nossos palcos.

Mas não é só na ventroloquia que Alfaro brilha; as suas romanzas, as suas transformações rapidas são tantos outros predicados que tornam Alfaro o artista querido do publico, que premeia todas as suas exhibições com tantas palmas.

A par de Alfaro apresentam-se tambem as bailarinas hespanholas Dorita e Silverdy, que constituem uma «pareja» interessante, que o publico aprecia, e a celebre bailarina excentrica Nelly-Nell, que está fazendo as suas ultimas exhibições, pois que já na segunda feira se realisa, em sua substituição, a estreia dos comicos burlescos Juan José.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

PEQUENAS NOTICIAS

—Procurou-nos o sr. Antonio Marques da Silva, morador em Queluz e que fornece leite para Lisboa, o qual se nos queixou de que, por causa de maus tratos infligidos pelo pessoal da estação do Rocio a empregados que iam buscar o referido leite áquella estação, se viu forçado a deixar de fazer o seu transporte pelo caminho de ferro. O sr. Marques da Silva acrescenta que nenhuma providencia foi dada por parte da fiscalisação do governo no sentido de se evitar a repetição de semelhantes factos.

—Deu entrada na Morgue o cadaver do estucador Antonio Ribeiro que falleceu subitamente na Avenida Almirante Reis.

ULTIMAS NOTICIAS

A utilisação dos navios allemães

Palavras do sr. Leotte do Rego — Os protestos dos commandantes allemães — Os nossos officiaes de marinha mercante

O acaso deparou-nos hoje novo encontro com o sr. Leotte do Rego, illustre commandante da divisão naval. Toda a sua magnifica actividade se dispende agora em resolver os multiplos detalhes que se relacionam com a apropriação dos navios allemães. Tem sido verdadeiramente infatigavel n'essa missão, trabalhando de dia e de noite, quasi sem uma hora de descanço, para que todos os novos serviços corram sem embaraço. O assumpto da rapida palestra não podia ser outro—o caso dos navios—e algumas das observações que lhe ouvimos, entendemos dever communical-as ao publico.

—Os protestos que foram entregues por alguns commandantes dos navios allemães estão todos escriptos á machina e são redigidos em termos d'uma grande sobriedade. Os commandantes protestam contra o facto da apprehensão se fazer sem previo accordo com os armadores e com o governo de Berlim. Um d'elles tem a assignatura do dia 17. Quer isto dizer que já esperavam que se realisasse a medida adoptada ante-hontem por determinação do governo. Como acreditar, assim, na sinceridade da surpreza que a um redactor da *Capital* foi communicada no consulado allemão?

«Ainda sobre o acto realisado ante-hontem é preciso dizer-se que não tem o minimo fundamento um pormenor divulgado pelo «Diario de Noticias». Não sei mesmo como esse jornal, que eu considero um jornal serio, apostado apenas em informar conscienciosamente os seus leitores, deu guarida a semelhante atoarda. Refiro-me ao facto de se dizer ali que os officiaes de marinha subiram para bordo dos navios allemães depois de terem entrado os guardas fiscaes, com o pretexto de fiscalisação.

Isto é absolutamente falso, não desejando eu sequer classificar as intenções de quem poz a circular esse boato. Lamento que o «Diario de Noticias» lhe desse guarida, deixando insinuar que os officiaes de marinha eram capazes de arremessar para esse lance de perigo os outros, ficando elles tranquillamente a ver no que paravam as modas.

«Outros jornaes, quasi todos, teem feito alguma confusão em torno do problema do commando dos navios. Esse problema resolveu-se com toda a simplicidade e pela unica forma por que podia ser resolvido.

O commando é entregue a officiaes de marinha mercante, mas, como os navios teem a flamula dos vasos de guerra, possuem como capitão de bandeira um official da armada. Os officiaes de marinha mercante teem dado sobejas provas da sua competencia e da sua valentia. Vão a toda a parte, entrando nas zonas de navegação mais perigosas e correndo por isso todos os riscos. Sobre este caso, a sua attitude tem sido verdadeiramente digna e patriotica. E' por isso eu lhe repito que o problema, d'uma extrema simplicidade, teve a unica solução que podia ter, visto que nunca ninguem pensou em lhe dar outra.

Em dois barcos allemães premeditava-se a explosão das caldeiras

O pessoal technico da marinha de guerra, que inspeccionou summariamente toda a frota mercante allemã que arvorou a bandeira portugueza, realisou uma vistoria mais rigorosa sobre metade dos referidos barcos. Para que essa tarefa se effectue sem delongas de maior, foram incumbidos o engenheiro Garrett, o machinista naval Manuel de Oliveira e varios mestres do Arsenal de Marinha de proceder ao exame das machinas dos desasseis navios restantes, de maneira a informar as instancias superiores quaes os barcos que podem desde já entrar em serviço.

Essa commissão technica deve ter concluido os seus trabalhos na proxima terça feira, devendo indicar tambem quaes as cargas dos barcos para serem desembarcadas no caes da alfandega, com a maior brevidade.

Como por mais d'uma vez temos dito, os navios allemães surtos no Tejo, conservam a bordo importantes carregamentos, sendo os principaes generos ahi transportados a madeira, o arroz em casca, os automoveis, a anilina, o carvão e grande quantidade de cimento.

Conforme hontem noticiámos, em varios navios allemães foram verificados pelos marinheiros portuguezes actos de «sabotage», notando-se até avarias de grande importancia. Parece, pois as auctoridades a tal respeito guardam o maior sigillo, que a officialidade allemã pretendeu principalmente impedir a utilisação dos barcos, fazendo desapparecer algumas peças das machinas. Outros amolgaram machinismos a martello.

Em dois barcos allemães os commandantes não se limitaram a esse expediente. Projectaram avaria mais grossa. Esses não se contentando em fazer desapparecer uma peça importante do machinismo, prepararam a explosão das caldeiras. Os marinheiros portuguezes, ao tomarem conta dos navios, verificaram que as caldeiras estavam atulhadas de carvão e que estas tinham attingido n'esse momento uma elevadissima pressão que, em pouco tempo, faria ir a caldeira pelos ares. Para se assegurarem melhor da sua façanha, os «boches» tinham preparado tambem as valvulas de segurança das respectivas caldeiras.

Verificada a tempo a intenção dos «generosos» commandantes, os marinheiros descarregaram as caldeiras.

Entretanto, pelo que já foi possivel avaliar, a maioria dos navios com ligeiras reparações podem ser utilisados, n'um praso muito curto. Os que necessitam receber alguns arranjos nas machinas, vão fundear na Cova da Piedade.

O "Newa,, e o "Lahneck,, fundeiam no quadro dos navios da divisão naval

Dois dos navios mercantes allemães, o *Newa* e o *Lahneck*, foram já hoje encorporados na divisão naval. O primeiro, que é um barco empregado nos serviços de salvação, foi amarrar á ponte do Arsenal, devendo ser utilisado em serviços da marinha de guerra. O outro, que será o primeiro cruzador auxiliar, é uma bella construcção naval, principalmente pelo seu poderoso raio de acção. Foi construido em 1914 e é, sem duvida alguma, pelo seu proprio perfil mais um vaso de guerra do que um barco de commercio.

Segundo consta ámanhã devem ser conhecidas as guarnições dos barcos allemães, já definitivamente organisadas. A guarnição militar de cada um d'elles é constituida por um commandante de bandeira, um machinista, um mestre ou contramestre, sargento de marinha, um sargento, praças de convez e de fogo, em media oito a dez homens por barco.

Como funccionará a commissão administrativa dos novos barcos

Não está ainda definitivamente resolvida a maneira de funccionamento da commissão administrativa, na parte que diz respeito á exploração dos navios allemães, estando por decidir ainda se essa commissão se integrará na Exploração do Porto de Lisboa, aproveitando d'ahi os serviços já installados ou se funccionará como administração completamente nova.

E' a commissão administrativa que superintende na matricula do pessoal, organisação de tripulações, bem como todos os detalhes de trafego commercial.

Precauções á entrada da barra

Depois d'ámanhã entram em vigor as precauções ordenadas pelas auctoridades superiores de marinha, relativas aos navios de guerra estrangeiros que demandem o porto de Lisboa.

• • •

O rebocador *Berrio* andou hoje mudando de ancoradouro os navios allemães apropriados pelo Estado.

O pessoal para os mesmos só será nomeado definitivamente depois das reparações de que carecem.

A grande guerra

No theatro occidental, os allemães fazem ataques furiosos

PARIS, 24.—Communicação official de hoje ás 23 horas. Executamos concentração de fogos sobre as organisações inimigas a oeste de Maisons de Champagne e ao sul de Saint Marie até Py. Na Argonne tiros de destruição sobre as fortificações allemãs em Fille Morte, na região ao norte de Verdun o inimigo continuou a bombardear com a mesma intensidade a nossa linha desde o Mosa até ao sul de Fromezey. A actividade da artilharia affrouxou um pouco entre Malancourt e a margem esquerda do Mosa. Nenhuma acção de infantaria se produziu ainda n'essa região. Entre a margem direita do Mosa e Ornes o inimigo deu provas do mesmo encarniçamento que no dia precedente e multiplicou os seus ataques furiosos, deixando no campo montões de cadaveres, sem conseguir romper a nossa linha. Nas duas alas tornamos a trazer a nossa linha uma parte para traz de Samogneux, a outra parte para o sul de Ornes. A nossa artilharia respondeu sem descanço á artilharia inimiga. Na Lorena repellimos e perseguimos um reconhecimento inimigo que tentava approximar-se de um dos nossos pequenos postos ao norte de Saint-Martin.—*(Havas)*.

PARIS, 25.—Em Argonne, a leste de Vauquois, executámos novos tiros sobre os entrincheiramentos inimigos na região Bois de Cheppy. Houve actividade intermittente de artilharia entre Melancourt e a margem esquerda do Mouse. O canhoneio continuou mas com menor violencia na região ao norte de Verdun. O inimigo não deu nenhum ataque durante a noite ás nossas posições. Estamos estabelecidos na linha de resistencia organisada á rectaguarda de Beaumont, nas alturas que se estendem a leste de Champneuville e ao sul de Ornas. A noite decorreu tranquilla no resto da linha.—*(Havas)*

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros da Noruega, estrangeiros e marinha.

—Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciaram os srs. ministro da Hollanda, encarregado dos negocios da China e a direcção do Banco Nacional Ultramarino.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

SESSÕES SOLEMNES

Realisam-se:

Depois de ámanhã, ás 13 horas, no Centro Dr. Affonso Costa, para inauguração do retrato de França Borges e da nova bandeira do centro.

A's 21 horas, no Atheneu Commercial, commemorando o anniversario da Liga Republicana das Mulheres Portuguezas. Devem fallar a sr.ª D. Anna de Castro Osorio e os srs. Magalhães Lima, Agostinho Fortes, José Prestes e Carneiro de Moura. Foi convidada a presidir a esposa do chefe do Estado.

Na segunda feira, ás 21 horas, no Centro Defensores da Republica, em homenagem á memoria de Henrique Cardoso, commemorando o primeiro anniversario do seu fallecimento.

O MINISTRO DA AMERICA

A bordo do paquete «Hollanda» chegou hoje, de regresso da America do Norte, com sua esposa, o coronel sr. Thomaz Birch, ministro dos Estados Unidos em Portugal.

O illustre diplomata era aguardado no Posto de Desinfecção por todo o pessoal da legação.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Alfredo de Vasconcellos Correia, devendo o seu funeral effectuar-se amanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da rua Gonçalves Crespo, 19, 1.º

O «BEIRA»

O paquete «Beira», da Empreza Nacional de Navegação, hontem chegado de Africa, trouxe um importante carregamento de generos coloniaes e 36.000 saccas com assucar.

Na Camara dos Deputados

O governo dá explicações ao Parlamento sobre a requisição dos navios allemães

Approvam a acta 76 deputados. Preside o sr. Manuel Monteiro, e quando se abre a *sessão*, a *bancada do governo* encontra-se deserta. Lido o expediente, ninguem pede a palavra para antes da ordem do dia. O presidente, porém, procura encontrar quem fale.

Vozes:—Isto, então, vae á força?

O sr. Vieira da Rocha, tem, porem, a palavra *para* dar uma lição de direito sobre o codigo civil, ordenações affonsinas, manuelinas e philipinas, etc. Refere-se á lei que approvou o codigo civil, a qual não foi nunca cumprida em todas as suas disposições e termina mandando para a mesa um projecto de lei no sentido de se nomear uma commissão de jurisconsultos, que proceda á reforma do codigo civil portuguez. O sr. João Gonçalves occupa-se de certos factos occorridos em Villa Franca, com o administrador do concelho, o qual mandou chamar, para declarações, contra individuos serios, gente sem cathegoria e já com largo cadastro. O sr. ministro do interior responde que procurará averiguar a verdade sobre o assumpto, tomando todas as providencias que o caso aconselhar.

O sr. Derouet:—O administrador é um bom republicano!

O sr. Francisco Cruz:—Mas pode ser um bom republicano e ser um bandido. Conhece muitos assim.

O sr. Francisco Cruz pede que estacione permanentemente na estação da Pampilhosa, que é uma das mais importantes, uma força da guarda republicana. O sr. ministro do interior promette attender. O sr. Victorino Godinho trata da situação em que se encontra, perante a camara municipal de Anciâo, o inspector do respectivo circulo escolar. Allude a uma sindicancia que foi feita a esse funccionario e diz que ella não foi completa, pelo que pede que se ordene outra, com todo o rigor, para que se ponha a claro tudo quanto a esse inspector diga respeito. O sr. ministro da instrucção promette fazer justiça.

O sr. presidente annuncia que vae passar-se á ordem do dia. O sr. Brito Camacho pergunta se o governo está ou não disposto a dar á Camara explicações sobre a apropriação dos navios allemães. Deve preterir-se a ordem? Deve abrir-se uma inscripção especial? O chefe do governo diz que, de sua iniciativa, nada precisa dizer. Mas está á disposição da Camara para responder a quantas *perguntas lhe dirijam. Os navios foram* requisitados em virtude de uma lei approvada pelo parlamento e em termos deque os jornaes deram amplas noticias. Não lhe parece que seja preciso abrir nenhuma inscripção especial. O sr. Brito Camacho faz um resumo do que se passou. A tonelagem dos navios requisitados ex*cedem em muito* as nossas necessidades. Está o governo disposto a aproveital-os todos em proveito da nação? Pensa elle em explorar por si a industria dos fretes? E no caso affirmativo fundará para isso uma companhia, organisará uma *administração propria ou será, com par*te em qualquer empreza já existente? A industria dos fretes está sendo lucrativa, mas perigosa, e se ella trará grandes lucros, tambem ha de acarretar enormes despezas. Estão os barcos devidamente segurados, apezar de serem propriedade do Estado? Tomaram-se as providencias necessarias para attenuar todos os riscos que impendem sobre elles. Ao que viu os navio apprehendidos são commandados por officiaes de marinha e são portadores da respectiva flamula. Logo, são, para todos os effeitos, navios de guerra. No decreto de apropriação falava-se em indemnisações, por motivos de avarias. E se o navio se perder? Segundo o que leu nos jornaes alguns navios podem sr utilisados desde já. Outros, e esse é o maior numero, não. Desde quando pagará o Estado indemnisações? Desde que se apoderou dos navios, ou desde que elles comecem a prestar serviço? Implica a apropriação dos navios a ruptura do tratado de commercio existente entre Portugal e a Allemanha? Não é indifferente, tanto para o commercio nacional como para o estrangeiro, sabel-o. O artigo 2.º d'esse tratado dava ao governo direito de fazer o que fez. Discutiu esse tratado na Camara, e se não se engana, ouviu então dizer ao actual chefe do governo que elle não só não nos era favoravel como não era tambem á Allemanha. Qual é o ponto de vista do governo sobre este aspecto da questão? Quer o governo dizer á Camara se pelo ato agora praticado o commercio portuguez pode ter a segurança de que os navios que icem a nossa bandeira serão tratados como os navios de todas as nações que não estão em guerra. A resposta do governo terá, como é intuitivo, a maior importancia. As suas perguntas ás quaes o governo responderá, teem por fim, principalmente, saber se o acto do governo é tudo o que ha de mais claro ou envolve algum misterio. E hoje, como hontem, subsiste o nosso concerto de relações. O governo dirá o que quizer.

O sr. presidente do *ministerio* responde que a lei das subsistencias o auctorisava a fazer a requisição dos navios. Para a effectuar, foi publicado o decreto que é conhecido de toda a gente. O sr. Brito Camacho empregou a palavra apropriação, quando devia servir-se da palavra requisição. Os navios estão apenas no uso do governo. Mais nada. Foi o aspecto juridico da qeustão que preoccupou principalmente o sr. Camacho. O governo usou d'um direito que lhe era garantido por todas as leis internas e convenções internacionaes. Todos os navios que, em 23 de janeiro, se encontravam em portos portuguezes são necessarios á economia nacional. E' que até aqui o nosso commercio era explorado por navios de toda a parte e de todas as nacionalidades. Não ha quem não saiba quaes as carreiras que se faziam pelo Tejo e quaes os pontos para onde ellas seguiam. Ora, as carreiras allemãs, estão suspensas. As navegações ingleza e franceza estão reduzidissimas. De maneira que o nosso commercio com as colonias, com a America e com os paizes do Norte ou se faz por nossa conta, com navios nossos, ou não se faz, podendo d'esse facto resultar crises de subsistencias gravissimas para a metropole, e até para as colonias. Sem navios, ficariamos n'uma situação pavorosa, sem carvão, sem materias primas, sem nada. Mesmo para conservar nossa situação economica no estado em que se encontra hoje, não se prescindiu de navios. Mas a necessidade de novos transportes maritimos faz-se sentir cada vez mais. A propria Inglaterra está sentindo necessidades espantosas no seu trafego maritimo, por causa dos seus encargos militares e do seu abastecimento. De maneira que, se nã oencontrassemos remedio para esta crise, ficariamos dentro em pouco, sem carvão e sem trigo. Estas são as razões geraes da requisição. Mas ha razões especiaes. Entre ellas, por exemplo, figurava o receio da «sabotage». Em certos navios, foram já encontradas grandes avarias. No «Bulow» que é o maior de todos, foram praticadas, nos machinismos, verdadeiras destruições. N'um outro, deparou-se com um dispositivo que tinha por fim fazel-o ires pelos ares depois de lá estarem os portuguezes. Se os navios não fossem requisitados rapidamente, corria-se o risco de os deixar transformar em armazens de ferro velho. O governo não pode pensar em exercer uma industria. Mas assegurará a circulação dos navios com a sua segurança. O governo administrará pura e simplesmente. Como? Não pode dizel-o. Não o deve dizer. Talvez constitua um organismo autonomo, talvez arrende os navios a uma empreza que se forme ou que já exista. Seja, porém, como fôr, o serviço de communicação entre Portugal e as colonias, e, entre Portugal, o Brazil e os outros paizes com que se tem commercio, ficará devidamente assegurado e pela melhor forma possivel. Como os navios não são propriedade do Estado hão de ser seguros. As condições em que esses seguros se farão é que não estão ainda estabelecidas. Entretanto, da commissão já nomeada, faz parte o sr. Fernando Bederode, que em materia de seguros é uma auctoridade. Pelo facto de haver officiaes de marinha nos navios requisitados, o governo não julga que elles se hajam transformado em navios de guerra. A indemnisação, por motivo de avaria, *irá só até onde tiver de ir*. Não quiz o sr. Brito Camacho falar claramente do afundamento d'um navio requisitado por um outro navio allemão. Não tem, porém, duvida de se lhe referir. E dirá, que mesmo assim, a perda do navio seria liquidada, visto Portugal estar disposto a cumprir integralmente todos os seus deveres. As indemnisações a pagar serão calculadas conforme os serviços que os navios prestarem, e em termos honestos, visto o Estado portuguez ser honesto. Refere-se ao tratado com a Allemanha e diz que elle podia ter sido denunciado em maio de 1915 e não o foi. Se o tivesse sido, a situação commercial entre Portugal e a Allemanha não seria diversa do que é. E' que o tratado não teria possibilidade, n'este momento, de ser applicado. D'aqui a um anno, esse tratado pode ser denunciado. E em seu parecer, todos os interesses materiaes e moraes do paiz aconselham denuncia. Impõem-se tratados com a Inglaterra, com a França e com a Hespanha. Com a Allemanha não o crê. O artigo 2.º do tratado não é applicavel ao caso. Mas se o fosse, estava completamente respeitado, porque no referido artigo não se fala em requisição, mas em retenção, mediante uma indemnisação equitativa e justa. Ora a indemnisar os proprietarios dos navios, compromelleu-se, solemnemente, o governo portuguez. Simplesmente, essa indemnisação tem de ser combinada, de futuro, não com o governo allemão mas com os proprietarios dos navios. Perguntou o sr. Brito Camacho se o commercio ficava com a segurança de que os navios agora requisitados não seriam tratados de maneira pouco favoravel. Só pode dizer uma coisa—que esses navios devem ser tratados como o teem sido os outros navios portuguezes, que desde o começo da guerra sulcam o Oceano. Os inimigos que podem apparecer-nos pelo caminho são os mesmos que podem apparecer a todos os povos. E deixar de praticar um dever com receio das suas consequencias é um acto de cobardia que Portugal não sabe praticar. Quanto á nossa situação externa, declara que ella se não alterou. E se o acto agora praticado pelo governo pudre ter algumas influencias nas nossas relações internacionaes, ella não pode ser senão nobilitante. Portugal cumpriu um dever, e emquanto enveredar por esse caminho, não lhe parece que *tenha que temer*. E' necessario sahir honradamente d'esta situação, como se sahiu da das subsistencias. Eis o que o governo tem procurado conseguir.

O sr. Simas Machado manda para a mesa esta declaração: «Fundamentou o governo, nos altos e urgentes interesses da economia publica a requisição já effectuada, dos navios allemães, surtos nos portos portuguezes. A minoria evolucionista, na supposição de terem sido previstas e acauteladas todas as consequencias de tal acto, regista as declarações feitas pelo governo e faz votos para que sejam sempre e da melhor forma salvaguardados os interesses nacionaes».

O sr. presidente do governo responde ao sr. Simas Machado agradecendo os termos da declaração por elle lida e fazendo votos por que os actos do partido evolucionista não se affastem nunca dos termos em que essa declaração é redigida. Para terminar, informa ainda a Camara de que já foram requisitados os navios que se encontravam nos portos da India, estando-o a ser presentemente os que havia nos portos das colonias da Africa e das ilhas adjacentes. A declaração evolucionista é lida na mesa e acolhida com apoiados por parte d'alguns deputados da maioria.

Na ordem do dia, discute-se na especialidade o parecer sobre os auditores administrativos coloniaes. E' approvado. Sobre as bases annexas ao projecto, falam os srs. Prazeres da Costa, Jorge Nunes e Ernesto Vilhena, sendo essas bases tambem approvadas.

Folhetim d'A CAPITAL 25-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

O contrabandista d'opio

Linga-Ha, vendo-se perdido, recorre a um meio extremo: atira-se novamente á agua e nada furiosamente, para escapar ás garras violentas da policia. Nadador eximio, mergulha e desapparece. Um dos agentes que tinham acompanhado Dore arremessa-se tambem para a bahia, alcançando rapidamente o china. Cá de cima, assiste-se, com enorme interesse, á lucta espantosa que se trava entre os dois homens. Agil, «souple», luctando desesperadamente, o bandido, cumplice de Wilkerson, leva evidentes vantagens ao adversario, que só por um supremo esforço póde libertar-se-lhe das garras fortes como aço. Ouve-se, porém, um tiro. Fóra outro policia que, do parapeito do caes disparára contra o china, e o matára com um tiro maravilhosamente certeiro...

D'ahi a pouco, Rosa e Dore estavam installados no hotel Mons. Ia principiar para os dois uma existencia absolutamente nova. Aquella sympathia que na mina, uma tarde irrompêra entre os dois, e que até ali não se exaltara nem se transformára em sentimento mais estavel e duradouro, tinha de vir a ser amor ardente e ingenuo, affecto absorvente, enchendo por completo dois corações bondosos e confiados. Livres dos seus inimigos, julgando-se para sempre ao abrigo de quantas malevolas ciladas pretendessem armar-lhes, Dore e Rosinha principiaram a amar-se com loucura e a cultivar, pela grande cidade americana, o seu idillio, que as saturava de felicidade.

Julgavam elles que Wilkerson e a sua quadrilha haviam desistido de os perseguir mais, resignando-se com aquella derrota que lhes havia sido infligida. Pensavam os dois apaixonados noivos que, convencidos de que nada podiam contra elles, os seus inimigos haviam acabado por abandonar o campo, fugindo para longe, para não terem de prestar á policia contas rigorosas dos seus crimes. Puro engano. As almas que não sabem albergar ruins sentimentos teem em geral o defeito tremendo de serem confiadas em excesso. Assim, Rosa e Dore, sem o quererem, foram, por sua livre vontade, metter-se imprudentemente na bocca do lobo.

Sem roupas, quasi cobertos de andrajos, Rosinha, ao ver-se livre das garras do china, tratou, em primeiro logar, de adquirir vestido e tudo aquillo de que precisa uma mulher elegante para poder apparecer em publico. Dore foi o seu companheiro n'esses difficeis visitas aos armazens de modas de S. Francisco.

—Quero vel-a rejuvenescida em corpo e alma!— dizia-lhe o companheiro rindo. O que lá vae lá vae.

—Nem d'isso me recordo já!—respondia-lhe ella. Agora que o tenho a meu lado, sinto que nenhuma nova desgraça póde ferir-me!

—Ha desgraças que os homens não podem evitar...

—Ha. Mas não ha nenhuma que seja capaz de nos anniquilar quando se lhes resiste com o coração...

—Não se lembra da mina, dos seus operarios, dos negocios que a trouxeram a S. Francisco?

—Confesso que não. Tenho pensado tanto em tudo isso, que me julgo com um certo direito a alguns dias de ferias.

Em dialogos como estes, emquanto faziam compras e passeavam, despreoccupadamente pela cidade, passavam Rosa e Dore largo tempo. Os seus corações cada vez se inclinavam mais um para o outro. Attrahia-os uma força occulta e irresistivel que ameaçava não os abandonar jámais. Eram, todos elles, submissão perante esse novo laço que se creava e se fortalecia mais e mais em cada dia que passava, submettendo-se-lhe como quem se submette a um destino que não ha possibilidade de contrariar.

Todavia, os abutres não perdiam a esperança de tornar a encontrar a presa. A derrota soffrida no bairro chinez não os esmagára. Antes pelo contrario. Dera-lhes mais força para a lucta, que mais dia menos dia se travaria novamente com ferocidade egual á dos primeiros combates. Para isso, só faltava encontrar de novo a pista dos que, n'um momento de audacia e de pouco atilada resolução, se haviam escapado, sem deixarem atraz de si uma pista que os trahisse...

O acaso é, porém, uma das maiores forças e dirige e a guiar os homens. E' elle que resolve as mais difficeis situações e que, frequentemente, quando a incerteza reina entre gente que está habituada a não hesitar, abre a porta que conduz ao triumpho desejado e appetecido. Desilludido, sceptico, convencido de que Dore e Rosinha haviam desapparecido para sempre, Wilkerson passava os dias vagueando por S. Francisco, ora só ora acompanhado de Drake, em busca de distracções que o aturdissem e o fizessem esquecer o passado, tão cheio de aventuras e de crimes.

Foi n'um d'esses seus passeios incertos e errantes através da capital da Californa que se deu um facto, que teve nos planos de Wilkerson uma influencia enorme. O aventureiro, com Drake, seguia por uma das mais concorridas ruas, quando um desconhecido deu um encontrão violentissimo no seu companheiro. Desenha-se um conflicto pessoal violento. Trocam-se phrases azedas.

—Tenha cuidado! — exclama Drake, furioso. Veja o que faz e com quem se mette!

—Não me faltava mais nada! Siga o seu caminho e deixe-me! Tenho mais que fazer que aturai-o.

Wilkerson, porém, em logar de intervir em favor de Drake, estende a mão ao desconhecido e diz-lhe no tom mais effectuoso d'este mundo:

—Viva, amigo. Não te via ha immenso tempo. Que diabo teens feito?

—E quem és tu?

—O quê, pois não me conheces? Já te não lembras d'aquelle Wilkerson com quem praticaste tanta façanha immortal?

—Sim, sim, agora me lembro! Bons tempos esses! A policia era mais complacente e deixava-nos quasi á vontade.

—Vaes então mal de negocios! Pois é preciso não desanimar! A confiança na nossa energia e na estupidez alheia é tudo n'esta vida. Creio que era esta uma das maximas que n'outros tempos regulavam a nossa agitada existencia.

—Era. Mas para hoje de pouco ou nada me serve!

Os tres bandidos encontravam-se, n'essa altura, defronte d'um grande armazem de modas. Entravam e sahiam senhoras das mais elegantes da alta sociedade de S. Francisco. O espectaculo era curioso e valia a pena observal-o por algum tempo. Foi o que os tres fizeram. De repente, porém, para a curta distancia, junto do passeio, um automovel de praça, do qual se apeia um homem novo, acompanhado por uma senhora, que mal deixava ainda de ser creança. Wilkerson fica perplexo. Os dois não eram senão Dore e Rosa. O acaso vinha favorecel-o novamente. Era preciso não o desprezar. Era absolutamente necessario saber onde a sua victima se refugiára depois do drama tremendo do Bairro chinez. E para em tudo ser providencial, esse mesmo acaso até lhe depuzera nas mãos o instrumento de que podia servir-se confiadamente para saber o que precisava, custasse o que custasse, de não continuar a ignorar. E assim, chamando o seu antigo companheiro de banditismo, disse-lhe em tom quasi soturno:

—Vês aquelle automovel? E' preciso que o sigas logo que elle parta e que me venhas dizer onde moram as pessoas que elle conduzir. Depois virás aqui ter, para me informares.

—E o outro automovel?

—Aquelle. Toma-o. Installa-te dentro d'elle. O tempo urge.

Effectivamente, poucos minutos tinham decorrido quando Dore e Rosa sahiam da casa de modas carregados de embrulhos e tomavam logar no automovel que os esperava, partindo desde logo. O sicario de Wilkerson seguiu-lhes no encalço, acompanhando-os até ao hotel Mons. Depois voltou, e emquanto Drake pagava ao *chauffeur*, ouvia Wilkerson aquillo que se passára.

—Estão no Hotel Mons, dizia o bandido para o seu antigo cumplice. Vae para lá entrar com estes que a terra ha de comer.

—E não te viram?

—Não. Nem podiam. E' que não chegue a sahir do automovel.

—Bem. Ficas ao meu serviço. Preciso de ti, desde que te disponhas a fazer só o que eu te ordenar.

—Está combinado.

—N'esse caso, vem commigo. Entrarás no mesmo em que elles estão.

Wilkerson leva o bandido para o seu hotel, e veste-o decentemente. Depois dá-lhe instrucções. Irá hospedar-se no hotel Mons, no quarto contiguo ao de Rosa. Seguirá Rosa e Dore por toda a parte e procurará, á custa de tudo, roubar á primeira os documentos relativos á mina que ella tem comsigo e que não abandonou nunca.

Dore, entretanto, continua com Rosinha o seu idillio, visitando a cidade todo o passando, na grande exposição universal, as tardes. A sua felicidade é indisctivel, parecendo até que lhe esquecem a mina e quanto n'ella possa occorrer. Mas durará muito essa felicidade?

(*Continúa*)

No «écran» do OLYMPIA

SPORT

A "clubofobía" da Associação de Foot-ball

Reincide nas leis á «kaiser»

Já tinhamos dois clubs para «morrer», agora apparece outro para a conta

Tinhamos extrema curiosidade de conhecer o que hontem tinha resolvido a direcção da Associação de Foot-ball.

A' nossa curiosidade juntava-se a de todos os «sportsmen» que achando exagerada a pena imposta de 5 mezes de suspensão ao Sporting e Imperio, calculavam que os dirigentes da Associação, idos como homens d esport, reconsiderarvam, annulando ou commutando a pena.

Tanta curiosidade foi afinal satisfeita com os periodos da «communicação official» que acabamos de receber. Esses periodos cahiram como uma bomba! Revelam a mais completa «clubofobia», de que estão enfermos os directores da Associação! Suas Excellencias não commutaram, nem annularam! Fizeram simplesmente uma coisa: «Castigar com egual pena o Internacional e communicar as penalidades a todos os outros clubs!...»

Leram bem? E' assim mesmo... Vamos transcrever textualmente os periodos da «communicação»:

'A direcção já communicou a todos os clubs de 1.ª cathegoria e ao Carcavellos Sport Club da suspensão dos clubs Internacional, Imperio e Sporting para os effeitos do artigo 53 do regulamento.

Communicou aos clubs? Só agora? N'esse caso a Associação manifesta não o *proposito de disciplinar mas o de aggredir*, expressamente, os tres clubs. E' que só communica aos restantes clubs a pena depois de evitar duas trapalhadas, a do «goal-keeper» Picão Caldeira, e a do jogo do Carcavellos Club, ha dias, com o Imperio.

N'isto ha evidente manifestação de «clubofobia». Não temos a menor duvida sobre o caso. E' uma nova doença a incluir na «pathologia sportiva» ao lado d'outras já conhecidas as do «castigo por birra», e as da «penalidade por parti-pris».

Somos sinceros n'esta affirmativa, porque preferimos chamar-lhe doentes a criminosos. E' que reputamos um crime, o proposito de matar clubs, com associados, com sédes, com enormes encargos e com tradições...

Podem argumentar-nos que a Associação precisa de castigar para disciplinar e que castigando impõe a sua auctoridade. D'accordo. Mas ha castigos e castigos... E a «pena de morte» já foi abolida, e só se comprehende que a utilisem os fanaticos da «kaiser» ou os herdeiros dos «intendentes» do absolutismo.

Tendo recebido um officio de 22 de fevereiro p. p. em que o Club Internacional de Foot-ball desiste dos campeonatos pelas mesmas razões que levaram a castigo o Sporting e o Imperio, esta direcção resolveu condemnal-o por 5 mezes a contar d'esta data.

E' ou não doença? E'... e de caracter grave. Ora talvez que a extrema publicidade do caso lhe agrave os symptomas. Evitemos-lhe, pois, a excitação...

Por ultimo, notaremos um facto: A communicação official diz «pelas mesmas razões...» Quaes são ellas? Ninguem as sabe. O mutismo é absoluto e constitue segredo impenetravel d'esses «olympicos dictadores!»

Senhores do «foot-baal», querem um conselho? Consultem a tal assembléa que os «doentes» lhe indicavam. Evitem a propagação do mal...

sentir nos progressos e na marcha do mesmo «sport» athletico. E' um verdadeiro capitão para um grupo, disciplinador, orientador e energico. A elle se deve—faça-se a justiça—o Sport Lisboa e Bemfica ter obtido a sua popularidade e ter conseguido ser campeão durante annos. A elle se deve a homogeneidade das «linhas» do mesmo club. Como jogador era excellente no campo, porque dominava o seu grupo e orientava-o. Se tinha perdido, ultimamente, algumas das suas qualidades physicas, essas deficiencias supria-as com os muitos conhecimentos do jogo, auxiliando com vantagem os seus «equipiers».

Apraz-nos dizer estas verdades, para nos referir-mos a um jogador de «football» e a excellente capitão de «teams», que levava o seu fanatismo a nunca querer que o seu club perdesse.

Apraz-nos dizer ainda as mesmas verdades, insuspeitas de favoritismo da nossa parte, porque nunca pudemos tolerar o sr. Cosme Damião em coisas que não fossem directamente as de mandar jogadores a formar jogadores. Nunca fomos capazes de applaudir actos seus, estranhos á sua funcção de «capitão geral» do Bemfica.

Mas esta absoluta incompatibilidade não impede que lhe reconheçamos as suas qualidades de jogador de «football», no dia em que elle faz as suas despedidas e em que o publico vê desapparecer das luctas do «association» o homem que mais se popularisou.

E estamos convencidos de que é um elemento que faz falta no campo.

O Campeão da Galliza em Lisboa

Chegaram hoje do tarde a Lisboa os jogadores que constituem o fortissimo grupo de «foot-baal» do Fortuna Club Vigo, que nos visita pela primeira vez e que vem orgulhoso e honrado com a victoria no campeonato da sua região que conquistou a semana passada, e que vencer os jogadores do Sport Lisboa e Bemfica.

Para a maioria dos nossos homens de «sport», afigura-se como certa a derrota do grupo portuguez. E' que o Fortuna já se bateu com os nossos e «ganhou-os. E isso foi nos tempos em que o Fortuna ainda não era o authentico campeão da Galliza...

O primeiro desafio realisa-se ámanhã e as «linhas» em presença são as seguintes:

Stock
Henrique Mocho
Oliveira Cosme Figueiredo
Reis Sobral Pereira Herculano Rio

Torres Moran Dominguez Posada Castro
Abad Rial F. Castro
Conde D. Fernandez
Emilio Ruiz

O desafio de ámanhã principia ás 16 horas prefixas e effectua-se no campo de Sete Rios.

N'este desafio faz as suas despedidas do jogador o antigo «player» do Bemfica sr. Cosme Damião, que já no domingo não jogará.

A direcção do Bemfica deliberou oppôr ao Fortuna, nas duas tardes, o seu primeiro grupo representativo, por saber que os do Vigo veem completos e querer portanto fazer jogar contra elles os seus melhores homens para que o resultado seja o mais brilhante possivel.

Notas do dia

O campeonato «handicap» de «lawn-tennis»

Estão marcados para o proximo mez de março nos «courts» do Club Portuguez de Lawn-tennis os campeonatos com «handicaps», devendo os primeiros encontros ter logar no dia 4.

E' esta a primeira prova que o Club Portuguez de Lawn-Tennis leva a effeito a fim de preparar todos os seus socios para futuros torneios, tendo muito especialmente em vista a sua preparação para o torneio que se deverá realisar em Madrid no proximo mez de maio.

Tornam-se sempre muito interessantes as provas com «handicaps» porque põem em egualdade de circumstancias todos os jogadores e difficulta a victoria extraordinariamente.

A inscripção fecha no dia 29 na séde do Club, na travessa do Enviado de Inglaterra, e contém já os nomes de quasi todos os esplendidos jogadores que compõem o Club.

O ultimo jogo de Cosme Damião

As informações que recebemos do Sport Lisboa e Bemfica dizem-nos que ámanhã, no jogo d'esse Club com o forte grupo gallego «Fortuna de Vigo», se despede, como jogador, o «half-centro» Cosme Damião.

O facto não pode passar sem commentario e aproveitamos a opportunidade para dizer que o sr. Cosme Damião tem sido no «foot-ball» portuguez «alguem», cuja influencia muito se fez

Algumas anecdotas

Como o phenomenal Paddoubny venceu o colossal Petersen

E' assim que o jornalista do «Los Sports» descreve a celebre batalha. Dispensa commentarios...

«... o «speaker» Lefebre annuncia que o combate só terminará pela derrota d'um dos luctadores. Paddoubny tem má catadura e não dissimula a pouca confiança que tem na victoria. Assim, lança-se com furia sobre o adversario que vae travar conhecimento com as cordas do «ring». O dinamarquez domina-se e responde com «cabeçadas». Paddoubny encolerisa-se e mostra ao adversario que lhe não agrada muito a sua tactica.

A seguir, o russo dá um salto, agarra Petersen com uma cintura, arrojando-o sobre a orchestra!... Pobres musicos. Felizmente para elles uma das cordas do «ring» aguenta o dinamarquez na queda, que podia ser grave.

Paddoubny, adivinha então que Petersen está fatigado. Em trez ou quatro ataques, movimenta-se com extraordinaria velocidade. O «ring» está dominado! O russo parece tão fresco como no principio, e sem brutalidade, utilisando a sua força extraordinariamente audacia, obriga Petersen unicamente a defender-se.

E' meia noite. Ha já uma hora que a lucta dura, sem resultado e sem que os dois campeões demonstrem fraqueza. O publico impacienta-se. O esforço dos dois homens, não é magnifico, merece menção especial.

Paddoubny tenta novamente cintura o adversario, mas Petersen, na sua guarda predilecta, evita o ataque a tempo e toma vantagem sobre o gigante, que não se inquieta muito. Petersen cintura, mas Paddoubny salva-se em «força».

Petersen cintura-o de novo. Paddoubny responde arrojando-o sobre as cordas. Agarrados, sahem fóra do «ring» vindo cahir sobre os espectadores, que fogem espavoridos!... O russo não abandona a presa e ambos rolam sobre o pavimento.

Petersen segura o rival com uma cintura pela frente mas o russo salva-se «em força» e balança o dinamarquez junto ás cordas, vindo cahir Petersen sobre o chapeu de Henry Fournier.

Petersen levanta-se e novamente tenta entrar com o russo pela frente. Paddoubny responde com um phantastico golpe de rins, que atira Petersen sobre as costas. Paddoubny, cahindo sobre elle, obriga-o a tocar com as espaduas.»

Emfim: Paddoubny é campeão do mundo...»

Os espectadores, impressionados com este espectaculo memoravel commentavam:

—Irra!... Que bellos animaes!

Os grandes records

De altura em aeroplano

Dissemos ha dias que um aviador militar argentino havia subido, em aeroplano, á altura de 6.500 metros.

Calculamos que esse aviador seja Eduard Newbery, que é um especialista da altura em aeroplanos. Em fevereiro de 1914 havia attingido 6.275 metros. Já em janeiro de 1914 havia attingido 4.700 metros.

Tornamos a accrescentar que o *record* do mundo pertence ao suisso Audemans com 6.600 metros e que o infeliz Legagneux havia attingido em 1913, a altura de 6.120 metros.

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

Foram marcados os seguintes desafios para domingo: 1.ª categoria: Bemfica marca dois pontos por o Internacional ter desistido; 2.ª categoria: Bemfica contra Lisboa F. L. em Sete Rios, ás 13,30 horas; juiz o sr. Arthur Santos; Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 13,30 horas; Derrota dos 2 por estarem suspensos; 3.ª cathegoria: Sacavenense marca 2 pontos por o Imperio estar suspenso; Bemfica contra C. Quebrada em Sete Rios, ás 11,30 horas; juiz o sr. Eduardo Rocha; 4.ª categoria: Bemfica marca 2 pontos por o Sporting estar suspenso; Lisboa F. L. contra Cruz Quebrada, no Campo Grande, ás 11 horas; juiz o sr. Amilcar Breia.

Em Londres

Um ministro do bloqueio—O serviço militar obrigatorio—Os novos impostos

Londres, 22 de fevereiro

A questão do bloqueio assume cada dia mais importancia, suscita innumeras difficuldades juridicas e desperta as susceptibilidades dos neutros. Manifestam-se tendencias nos meios governamentaes inglezes para que d'elle se faça um uso ainda mais rigoroso. As resoluções respeitantes á applicação do bloqueio parecem n'este momento demasiado dispersas: o almirantado, o Foreign Office e varias commissões especiaes occupam-se de tal. Esta disseminação da auctoridade em semelhante materia não é um factor de rigor. D'ahi a intenção de centralisar n'um ministerio novo o estudo e a applicação de todas as providencias concernentes ao bloqueio. Indigita-se para titular da nova pasta o sr. Robert Cecil, que prestou grandes serviços como sub-secretario de Estado parlamentar no Foreign Office. A acção do novo ministro levaria a um estreitamento sensivel do bloqueio e poderia até acontecer que a lista das materias consideradas como contrabando de guerra fosse augmentada. E' tambem de presumir que a Declaração de Londres, tantas vezes apontada quando se quer combater juridicamente o bloqueio, seja revogadas dentro em breve.

Pensa-se tambem em ampliar o principio da obrigatoriedade do serviço militar e que é já legal para os celibatarios e viuvos sem filhos de 19 a 40 annos. Será decretada egualmente para certos grupos de homens casados? Com effeito, nas espheras governamentaes tem causado algumas preoccupações o facto d'um grande numero de rapazos casados se não terem inscripto nos grupos de lord Derby. O governo parece disposto a advertil-os, visto que tem a peito assegurar os effectivos que o estado maior declara necessarios e não hesitará em tomar outras providencias se o aviso não produzir os esperados effeitos.

No proximo orçamento, um bom numero de productos actualmente isentos de impostos passam a pagar direitos aduaneiros, que recahirão principalmente sobre os objectos de luxo. O futuro do commercio com os alliados e as suas colonias será, no emtanto, tido em consideração.

Colyseu dos Recreios

Com a «Madame Butterfly» fez a sua apresentação ao publico de Lisboa a formosa e gentil soprano lirico Garcia Blanco.

Do que foi a interpretação dada á personagem de «Madame Pincarton», diga o enthusiasmo do publico que não se cansava de a applaudir e devemos salientar que esses applausos tem dobrado valor, depois de poucos dias, antes ter feito aquella opera n'esse theatro, a sua creadora em Lisboa, madame Salomea Kruceniska.

O confronto que sempre é mau, agora ainda era mais arriscado.

A apresentação da «diva», era pois como que um exame ás suas faculdades artisticas.

Foi simplesmente adoravel de principio até final, não olvidendo o mais simples detalhe.

A sua voz, das melhores que temos ouvido, é linda nos agudos, atacando-os com rara facilidade.

Não seria possivel ouvil-a ainda está formosa opera?

—Hontem, apresentou-se pela primeira vez perante o publico a distincta amadora sr.ª D. Maria de Sousa Couto que, a pedido da sua professora madame Manfelli, gentilmente se prestou a cantar a parte de «Santuzza», da «Cavalleria Rusticana». Foi o que se pode chamar uma artista completa, pois detalhou com a maior arte o papel que lhe foi entregue, cantando-o com elevação. De momento a momento as palmas rebentavam e, no final, a sr. D. Maria de Sousa Couto foi repetidas vezes chamada ao proscenio, fazendo o publico inteira justiça aos seus meritos excepcionaes.

O espectaculo começou com os dois ultimos actos da «Fedora», interpretando a parte de protagonista a sr.ª Gina de Marini que se houve admiravelmente.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

Grupo Recreativo da Amadora

N'esta localidade onde tantos melhoramentos teem sido introduzidos acaba de ser organisado um grupo com este nome. Encontra-se installado na rua Elias Garcia, 128, 1.º, e conta já 98 socios, entre os quaes as principaes pessoas residentes na Amadora. Hontem reuniu a assembleia para eleição dos corpos gerentes, sendo o resultado o seguinte:

Assembleia geral: presidente, Raul Campos Palermo; vice-presidente, Jorge Athayde; secretario, Francisco Maria da Silva; vogaes, Henrique Francisco da Silva e Adriano Nogueira. Direcção: presidente, Julio Amaro de Carvalho; vice-presidente, José Menino; thesoureiro, Leopoldo Fernandes; secretarios, Adriano Mella e Raul Gonçalves; vogaes, Boaventura Maria e Raul Canêga. Conselho fiscal: José Amaral, Goodofredo Fernandes e José dos Reis.

A primeira festa, que consta de um deslumbrante baile, realisa-se no dia 5 de março.

sob a direcção das auctoridades militares, superintendam na obra dos caminhos de ferro e esperava-se que não houvesse difficuldades em concentrar uma grande força n'um breve periodo em qualquer ponto da costa que fosse ameaçado pelo inimigo.

O espirito que havia presidido a esses primitivos planos para repellir qualquer invasão era o mesmo nas vesperas da guerra de 1914, quando rebentou a guerra de 1914.

Os caminhos de ferro durante a guerra, póde dizer-se com maior precisão, foram administrados, não pelo governo, mas para o governo, pois a gerencia era a mesma da dos dias de paz. Ordens foram dadas pela repartição competente do ministerio da guerra e o comité executivo forneceria os comboios necessarios. A unica coisa que o publico notou nos primeiros dias da guerra foi que as linhas eram guardadas por forças militares—precaução essencial—e que o numero de comboios transportando tropas augmentou.

Não houve senão boa vontade da parte de todos, desde os mais altos empregados aos mais humildes. Todos sem excepção passaram dias e noites em claro para que não houvesse a minima falta. Ferro-viarios de todas as edades se alistaram quer no exercito, quer na armada, e para obviar á falta de empregados com que as companhias começavam a lutar teve de ser prohibido o alistamento d'essa classe de empregados.

Viu-se, pela experiencia, que os planos que haviam sido feitos davam o melhor resultado. Desde o primeiro dia da guerra tudo correu normalmente, sem o minimo incidente, sem que parecesse ter havido uma mudança tão brusca como é sempre a do estado de paz para o de guerra.

A resolução de mandar uma força expedicionaria para França foi tomada immediatamente apoz a declaração de guerra e se pensar no seu transporte para o ponto onde devia embarcar, Southampton, que já servira para egual fim por occasião da guerra sul-africana, foi o escolhido. Que tudo correu magnificamente, soube-se mais tarde pelos commentarios de lord Kitchener e de sir John French.

Lord Kitchener escreveu: «As companhias de caminho de ferro, no importantissimo assumpto dos transportes, justificaram plenamente a confiança que n'ellas depositava o ministerio da guerra, tendo os serviços sido executados com a maior energia e a melhor boa vontade. E deve-se tambem repetir que o transporte das nossas tropas pelo Canal foi executado, devido á cordeal cooperação do almirantado, com perfeita regularidade e sem o minimo incidente».

Sir John French confirmou esses louvores. Escreveu de França no dia 9 de setembro de 1914:

«O transporte de tropas da Inglaterra, tanto por mar como por caminho de ferro foi effectuado na melhor ordem possivel e sem um unico incidente. Cada unidade chegou a este paiz, ao seu destino, no tempo que previamente havia sido marcado».

Um facto surprehendente foi o segredo com que essa importante operação foi levada a cabo. Muitos centenares, milhares mesmo de empregados dos caminhos de ferro tiveram conhecimento do que se estava fazendo e comtudo parece assente que, apezar de n'essa occasião na Inglaterra fervilharem os espiões, a Allemanha só soube do transporte por mar das forças britannicas quando os seus corpos d'exercito encontraram a oppôr-se-lhes o exercito de sir Jonh French durante a historica retirada de Mons.

O transporte da força expedicionaria era o primeiro passo da obra dos caminhos de ferro na Gran-Bretanha, pois que muito maior ia ser o movimento d'ahi em deante, tanto no movimento de tropas, como no de abastecimento de generos alimenticios, munições, gado e equipamentos.

Os Alpes da Transylvania e os Balkans formavam uma barreira quasi impenetravel e desde as fieiras de montanhas até aos rios innavegaveis eram frequentes os obstaculos para um exercito em marcha. vez de Constantinopla fôra a escolhida para por ella seguir o caminho de ferro de Vienna á capital da Turquia europeia. A importante linha de Laibach e Budapest entrava na Servia em Belgrado por uma ponte que

Depois do bombardeamento da aldeia de Loos, os soldados do regimento escossez conduzem a logar seguro os pobres habitantes feridos

Essas condições naturaes tornavam maior o valor militar dos caminhos de ferro e faziam com que a destruição das pontes ferreas ou da via defesa fosse a que as forças perseguidoras mais do que qualquer outra difficultade natural do terreno.

A grande estrada ao longo dos valles do Morava e do Maritza que ligavam a Europa central e a Asia atravessava o Save e seguia d'ahi pelo valle até ao centro da Servia em Nish.

O Nissava era atravessado atravez d'uma notavel garganta por Pirot, e a porta oriental da Servia, e as construcções do caminho de ferro entravam na Bulgaria entre as montanhas de Zaribrod. A secção que se seguia até ao desfiladeiro de Vaka-

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Um serão nas Laranjeiras.
REPUBLICA — A maluquinha de Arroyos.
TRINDADE — A's 21—O dia de juizo.
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—O Senhor Roubado.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro, com o novo quadro «Corrida de touros».
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30, —Maré de rosas
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—A somnambula.

Agenda da semana

A'MANHÃ — Republica — 4.ª recita de assignatura—Primeira representação da comedia em trez actos *A maluquinha de Arroyos*, original do André Brun.

Primeiras representações

NACIONAL. — *Como se vingam mulheres*, um acto de Sousa Costa, em festa de Palmyra Torres

O episodio com que Sousa Costa—cujo talento o romance e a chronica teem permittido apreciar — se estreou como auctor dramatico ainda não deixa entrever o que o distincto homem de letras virá a produzir para o theatro que tantas seducções encerra e ao mesmo tempo tantas qualidades exige de quem o aborda. E' uma vulgar desavença domestica entre dois esposos: Margarida que, sabendo-se atraiçoada pelo marido, teima em não lhe perdoar o seu mau passo, e Pedro que, arrependido, anceia por uma reconciliação e promette á mulher um automovel e joias para que ella ceda... Mas a maguada senhora, rindo-se de supplicas e subornos, mantem-se inabalavel nos seus propositos de rompimento. O casal tem um filhinho de cinco annos: Ernesto. Para dobrar Margarida, obrigando-a á paz conjugal, Pedro planeia raptar a creança, o que faz com o auxilio do seu amigo João Menezes. No instante em que a mulher está ausente, de visita a uma visinha, e a sogra prova um vestido, Menezes engoda o pequenito com a promessa de brinquedos e bolos e leva-o para Algés n'um automovel. Pedro dispõe-se a seguil-o quando entra Margarida e comprehende tudo. O seu primeiro pensamento é correr em busca do filho. Pedro previne-a: se faz escandalo, o menino irá n'aquelle mesmo dia para o estrangeiro. Nunca mais o verá. Mas quando o marido se dispõe a enviar uma carta ao amigo para que fuja com o Ernesto, a renitente senhora succumbe, não deixa que o moço leve a carta, desfallece n'uma syncope, lança os braços ao pescoço de Pedro que lhe pergunta, entre caricias, se lhe perdoa. A resposta é um aceno de cabeça affirmativo. E o marido conclue: «Vês? E afinal foste tu que te vingaste, meu amor!»

Tal o episodio que Sousa Costa intitulou «Como se vingam mulheres». A' simplicidade do estratagema, que põe termo ao conflicto, corresponde a simplicidade, quasi ingenua, do dialogo. São os filhos que soffrem as consequencias das loucuras dos paes: commenta a avó do Ernesto. No caso do episodio de Sousa Costa, a creança não é a victima dos desaguisados domesticos, mas o unico traço de união entre os esposos desavindos... Quem dera que assim fosse sempre!

Palmira Torres e Ribeiro Lopes, que interpretaram os principaes papeis, foram applaudidos, compartilhando das ovações Sousa Costa cuja comedia, em quatro actos, «Manhã de S. João» aguardamos para com maior segurança avaliarmos os seus predicados de escriptor dramatico.

Noticias

Entre nós

Em festa artistica das actrizes Egydia e Carmen d'Oliveira que, como dissemos se realisa no Eden, no proximo dia 8 de março, subirá á scena alem da applaudida revista «Dominó» para a qual os seus auctores, estão escrevendo numeros novos, a comedia n'um acto, de Alvaro Cabral «Uma teima», cujo desempenho está a cargo do actor Henrique Alves, Egydia d'Oliveira e d'uma gentilissima actriz muito applaudida do nosso publico, que amavelmente se presta a collaborar n'aquella festa.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6505.....	12:000$
6654.....	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
6153	400$	8976	100$
1519	200$	4157	100$
3869	200$	5580	400$
2110	100$	6786	400$
2352	100$	7258	100$
2876	100$	7340	100$
3275	100$	7941	100$
8435	100$		

Alfredo de Vasconcellos Correia

FALLECEU

Guilherme de Vasconcellos Corrêa e sua esposa, Augusto de Vasconcellos Corrêa e sua esposa, Maria Emilia de Vasconcellos Corrêa, Maria Theotonia de Vasconcellos Corrêa Valladares e Augusto Alfredo Jacome de Castro participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu querido irmão, cunhado e sobrinho e que seu funeral se realisa ámanhã, 26, pela 1 hora da tarde, sahindo o prestito da sua residencia, rua Gonçalves Crespo, 19, 1.º

Amelia Regis de Oliveira, Raul Regis de Oliveira e sua mulher e Regina Regis de Oliveira na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que tiveram a amabilidade de as visitar por occasião do fallecimento do seu querido marido, pae e sogro, veem por este meio fazel-o confessando-se muito penhorados por todas as provas de affecto e de amizade que receberam.

tel ficava no planalto que conduzia a Sofia e d'ahi costeava o Maritza, por Mustapha Pasha, o entroncamento turco.

N'esse ponto, o caminho de ferro sahia d'entre a fieira de montanhas onde havia entrado em Nish, seguindo o rio Ergene e, atravessando as famosas linhas de Tchataldja, entrava em Constantinopla.

Não é de admirar que peadas como eram por mar, as potencias centraes quizessem ter communicação livre com Constantinopla. No principio da campanha balkanica era ponto assente que um exercito que atravessasse o Danubio e puzesse pé no lado do rio em Belgrado podia apoderar-se do caminho de ferro até Nish, se estivesse em força sufficiente para repellir o exercito servio para as montanhas e protegesse as pontes, que eram tres, entre Belgrado e Nish. A posse de Nish, o centro natural da Servia, era vital para o exito dos planos do invasor, pois lhe punha nas mãos não só o caminho de ferro do Oriente até Nish, mas ainda as linhas ferreas sobre o Timok para a fronteira da Romania e as linhas que seguim ao sul para Uskub, Monastir e Salonica.

Ligava-se grande importancia á parte da linha Salonica-Nish, porque era por ella que as forças anglo-francezas, que haviam desembarcado em Salonica podiam effectuar a sua juncção com o exercito servio. Era um caminho de ferro de via simples, parte em territorio servio, parte em territorio grego, e, pondo de parte a questão politica que se levantou ácerca da soberania grega sobre a secção de Salonica, a capacidade d'essa linha para transportar tropas e material tornou-se de importancia vital para a causa dos alliados.

Pontos vulneraveis na linha eram as quatro pontes pelas quaes ella atravessava o Vardar entre Salonica e Bania. Entre esta ultima localidade e Uskub o terreno era amplamente aberto para n'elle se operar e o rio Vardar era um obstaculo para os «raids» bulgaros. Uskub e Veles estavam, comtudo, a descoberto em outros pontos entre Kara Dagh e Veles e esta parte do caminho de ferro podia tambem servir para um ataque contra Sofia por via Kostendil.

Voltando aos caminhos de ferro bulgaros, Adrianopla tinha uma certa importancia como terminus bulgaro de toda a linha. Uma outra ligação do systema era a linha desde Dedeagatch, cujos comboios eram bombardeados pela armada alliada que operava nos mares orientaes proximos.

Ao norte dos Balkans havia a linha para Varna, no Mar Negro, um porto, que foi visitado pelos navios de guerra russos, com ligação para Nicopoli e Rustchuk no Danubio. A linha para Rustchuk desde Varna foi construida por uma companhia ingleza e era o primeiro dos caminhos de ferro balkanicos.

O sonho longamente acariciado de dar um ataque ao Egypto pelo canal de Suez estava intimamente ligado com a questão dos transportes por caminho de ferro. O emprego feito dos caminhos de ferro feito na primeira parte da guerra levou sem duvida o partido militar allemão a vêr que as difficuldades de transporte para um ataque ao Egypto haviam sido exaggeradas e que um grande impulso podia ser dado por meio das linhas que haviam já sido construidas. Von Hindenburg tinha demonstrado que a organisação dos caminhos de ferro como arma resolvera o problema de transportar forças a longas distancias para alcançar exito na guerra.

A distancia não era, porém, a grande difficuldade no caso do projectado grande ataque ao Egypto. A questão era se a extensão dos caminhos de ferro existentes, auxiliados por linhas mais ligeiras, podia tornar possivel o transporte atravez do deserto d'uma grande força bem municiada. A escolha de Meissner Pachá, o constructor allemão dos caminhos de ferro de Hedjaz e Bagdad, para superintender nos preparativos das linhas ferreas para esse avanço era uma indicação de que a idéa de fazer um ataque coroado de

exito contra o Egypto achára apoio nos circulos militares allemães.

Antes da guerra europeia demonstrara-se o caracter exacto dos serviços que os caminhos de ferro podiam prestar a um exercito que avançava. Imaginára-se uma ordem quasi prohibitiva de construir caminhos de ferro que devia preceder da parte do Egypto uma campanha contra a Turquia.

Não quer isto dizer que Meissner Pachá se tivesse deixado illudir pelo facto de que pequenas forças não conseguissem atravessar o deserto. Já se fizeram isso antes. Não ha duvida de que, se Meissner tivesse tido tempo, teria procedido á construcção de caminhos de ferro ligeiros atravez do deserto, assim como á transformação em linhas de via dupla das de via simples da de Hedjaz a Damasco, da de Damasco a Alleppo e da de Bagdad, desde Alleppo, até ao Bosphoro.

Eram planos deveras ambiciosos e que implicavam a construcção de muitos tunneis nas montanhas Tauro e Amano, se se tivesse de proceder ao transporte de mantimentos e munições. Succedesse o que succedesse de futuro, o certo era que embora uma força que avançasse da Turquia contra o canal de Suez pudesse ser abastecida de mantimentos na Asia Menor, tinha de receber munições da Europa, o que era um novo problema a resolver, porque a unica linha ferrea para tal aproveitavel era a de Constantinopla á fronteira da Palestina, de via simples.

Tal era a situação sob o ponto de vista de caminhos de ferro, que tinha de ser encarada pelos responsaveis do ataque de qualquer força ao canal de Suez.

Na Inglaterra, embora não houvesse linhas estrategicas, os caminhos de ferro prestaram magnifico serviço, prevalecendo os interesses da nação a todo os outros, e não havendo sequer uma companhia que pensasse em tirar qualquer proveito das circumstancias.

O pagamento aos caminhos de ferro foi feito como em tempo normal, embora em pouco tempo se visse que o trafego de mercadorias e o transito de passageiros haviam diminuido consideravelmente, devido á guerra.

Tem-se criticado durante a guerra que a Gran-Bretanha estivesse completamente desprevenida. Os criticos mais acerbos apenas exceptuam d'essa má preparação a armada, que desde o primeiro dia dominou os mares. A' armada póde accrescentar-se os caminhos de ferro, que foram postos em pé de guerra logo que o governo tomou d'elles posse e nos quaes foram postos em pratica os planos que haviam sido estudados e aperfeiçoados durante os largos annos de paz.

Como dizemos, logo que foi declarada a guerra o governo tomou posse dos caminhos de ferro da Gran-Bretanha, exceptuando a Irlanda. A fiscalisação foi exercida por um comité executivo, composto dos directores geraes das differentes companhias de caminhos de ferro. A sua tarefa era coordenar para melhor serviço do Estado.

O comité executivo não era, como muita gente suppoz, uma organisação nova, tendo existido sob a fórma de Conselho de caminhos de ferro, alguns annos antes. Fôra esse conselho que fizera os planos que foram postos em pratica logo que rebentou a guerra europeia. Em 1865 tambem se creou o corpo de estado maior de engenharia e caminhos de ferro. Esse corpo foi creado para dirigir a applicação do trabalho dos caminhos de ferro aos fins de defeza nacional e para preparar os planos para parar o golpe directo da guerra.

Ainda quando foi creada a força territorial, o corpo de estado maior de engenharia e caminhos de ferro, embora fazendo parte da Real engenharia da força territorial, ficou pertencendo ao ministerio da guerra.

O corpo, como fôra constituido primitivamente, compunha-se de um certo numero de engenheiros, alguns contructores e directores geraes das principaes linhas ferreas. Os officiaes d'esse corpo, logo que rebentasse uma guerra, trabalhando

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1996—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Sabbado, 26 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 2 centavos

Contra Portugal

No exame a que se tem procedido nos navios allemães, e que ainda não poude ser feito senão a dezeseis navios, averiguou-se já que todos elles se encontram gravemente avariados. Essas avarias, todas ellas iniludivelmente propositadas e commettidas por ordem dos commandantes allemães necessitam reparações que se calcula devegam durar d'um mez até a um anno. Dois d'esses navios, mesmo, de tal fórma se procurou inutilisal-os, que nem mesmo n'um anno será possivel reparal-os.

Declarou o sr. consul da Allemanha como tambem affirmou o sr. ministro da Austria que a resolução do governo, tomando posse d'esses navios, fôra um acto que justificava absoluta surpreza. Os factos não confirmam essa surpreza. Demonstram-se por essas avarias, como se demonstra pelos protestos apresentados, que os commandantes allemães esperavam esta resolução, e por isso mesmo premeditaram o seu acto. Esses protestos, alguns dos quaes teem a data de 17 d'este mez, foram evidentemente redigidos depois de sobre o seu texto se ter concertado para a sua elaboração.

Não houve surpreza para os commandantes allemães, e tudo revela pelo contrario que se trata d'uma resolução friamente meditada. Quem tomou a sua iniciativa? Evidentemente os capitães de navios não procederam sem ordem. Quem lhes deu essa ordem? Foram as respectivas agencias? Ninguem ignora que as emprezas de navegação allemã são largamente subsidiadas pelo Estado. As emprezas não resolveriam um acto de tamanha responsabilidade sem conhecimento do governo da Allemanha. Por isso mesmo é inegavel que foi a Allemanha, por intermedio da sua legação e do seu consulado em Lisboa que deu essa ordem d'uma tão flagrante significação.

Deu o governo allemão essa ordem,—o governo allemão que não tomou essa resolução em presença do aproveitamento dos navios da sua nacionalidade, que se encontravam nos portos da Italia, e de que o governo italiano se apoderou. Tudo nos leva a acreditál-o, porque se os navios allemães que estavam em aguas italianas tivessem sido tão seriamente avariados como o foram os que se encontravam nas nossas aguas não andariam, como andam já, navegando nos mares com a bandeira da Italia.

Que concluir de tudo isto senão que mais uma vez a Allemanha nos significou a sua hostilidade, e não com palavras que passam, mas com actos que ferem fundo. Não seremos nós que diremos que tal attitude nos surprehende. Não. O acto que os allemães agora commetteram não faz mais do que representar a sequencia dos actos de hostilidade que a Allemanha, desde o inicio da guerra, pratica contra Portugal. Esses actos de hostilidade, essas demonstrações d'um espirito aggressivo em que se patenteia um implacavel odio, não tem cessado de se realisar. Começaram com o insolito ataque de Rovenna, em que correu o sangue portuguez; depois deu-se a primeira tentativa da incursão em Naulila que a bravura do alferes Sereno evitou; em seguida o monstruoso massacre de Cuango; os manejos allemães que levaram os indigenas do Cuanhama e do Cuamato a rebellarem-se contra a auctoridade portugueza; a invasão do nosso territorio em Angola, dando-se o combate de Naulila, em que pereceram tantos dos nossos bravos soldados; o torpedeamento do «Douro» e do «Cysne», consumado com uma brutalidade selvagem; ha pouco ainda o afundamento do «Persia», morrendo cento e tantos guenses que eram seus passageiros, e agora as avarias dos navios que o governo portuguez requisitava para attenuar a gravissima crise economica em que o paiz se debate, mas dando todas as seguranças para affirmar os direitos de propriedade de estrangeiros.

E' preciso não esquecer esta cadeia de factos, cujos elos se multiplicam. Até n'esta questão dos navios, cujo aproveitamento se impunha como uma necessidade imperiosa do paiz a cujas portas os allemães deviam não ter já visto os navios apresados pelos inglezes... E porventura, o governo portuguez tem correspondido a estes actos com qualquer represalia, que as circumstancias, se não justificassem, explicariam? Os allemães da colonia aqui existente não teem sido alvo de nenhuma aggressão, e agora mesmo, aos officiaes que praticaram essa obra de degradação, essa obra de hostilidade, o governo hospedaos em bons hoteis, nem um só tripulante allemão foi maltratado, e ainda hontem no Arsenal, n'um estabelecimento de guerra, perto de duzentos allemães se encontravam, pedindo para irem a bordo dos navios que tinham tripulado, e esteve-se a ponto de interromper todo o serviço para os marinheiros portuguezes, que n'esses paquetes se encontram, para que esses allemães pudessem ir d'uma só vez a bordo d'elles retirar algumas bagagens que ainda lá teem!

Todavia, a corrente vergonhosa e revoltante que se estabeleceu no sentido de affirmar sympathias germanophilas ou de deprimir a patria e a Republica, não cessa de recorrer a todos os meios para distillar o seu veneno. Vimos hontem as ironias frustes com que o chefe unionista, no parlamento, recheiou as suas perguntas ao governo, sobre o aproveitamento dos navios allemães, emudecendo logo que o sr. Affonso Costa, com serenidade e precisão, definiu a questão nos seus verdadeiros termos. Mas não são só ironias; mais ou menos infelizes, que temos a registar. Ninguem ignora de que processos lançou mão essa corrente para evitar um acto benefico para o paiz. A tudo se recorreu: ameaças e insinuações, calumnias de toda a especie. Agora, esfregando as mãos, as creaturas que estabelecem essa corrente, jubilosas, exclamando que os navios estão inutilisados, e portanto não podem attenuar a nossa questão economica, que é de vida ou de morte. E vão mais além, ultrapassam os limites da infamia, propalando que as tripulações portuguezas d'esses barcos, logo que se façam aos mares, serão tratadas como piratas pelos allemães, e immediatamente fusiladas, se cahirem em seu poder. Tudo lhes serve, tudo desejam, embora Portugal fique em situações vergonhosas, embora a fome possa produzir n'este paiz, de envolta com as seus incomparaveis soffrimentos, as mais tremendas convulsões sociaes!

Contra esta corrente devem reagir todos os que são verdadeiramente patriotas. E' preciso marcal-a com um ferro em brasa,—para que o mundo inteiro a reconheça e a despreze.

Poeira da Arcada

A guerra tem eliminado tantos mancebos que mademoiselle Marie Laparcerie pergunta receosa:—«Como encontrar um marido, depois da guerra?»

Para a mulher, o matrimonio é uma das suas maiores preoccupações, podemos mesmo dizer a unica que lhe occupa a existencia. Casar e casar bem eis o seu sonho, a sua aspiração. Diminuir-lhe os elementos de exito n'essa operação delicada é collocal-a n'um passo difficil que a sua sensibilidade ha de traduzir em crises de desconsolo e desillusão.

Todavia, todo o mal traz as suas compensações. Uma d'essas será o ir-se habituando a procurar com as proprias forças resolver o problema do seu destino. Emquanto os homens luctam contra o inimigo, ellas mostram qualidades de trabalho e dedicação que d'antes desperdiçavam. Se assim fizerem, celebrada a paz, não cahirão no tedio nem tão pouco esperarão a felicidade como os pobres as esmolas.

* * *

Os sugeitos que accumulam emprezas passam cada vez melhor em sua fadigosa existencia. Parece que o que custa alguma coisa é exercer bem um emprego: muitos não custa nada. O cidadão que, no fim do mez, algibeira uns poucos de ordenados tem da vida uma noção optimista, alegre, de valsas e assobios. A sua alegria torna-o irreductivel á disciplina do dever que é por sua natureza austero e rispido. Distribuem abraços e sorrisos a todas as pessoas que, no seu entender, abaixo de Deus mais concorrem para a salvação dos pelintras. E já não fazem pouco. A lisonja, nas democracias idealistas, além de um patrimonio de principios restauradores exige um bom regimen de mantimentos.

* * *

Um amanuense, em Aveiro, floriu na sua modesta condição e desdobrou-se em administrador do concelho e commissario de policia. Um jornal local assanhou-se com o phenomeno e lavrou o seu protesto. Não tem razão o nosso collega. Um homem pode muito bem fazer de amanuense, administrador do concelho e commissario de policia e ser prestante á collectividade. E, uma questão de o deixarem ruminar em paz a sua felicidade. Medra em virtudes e consideração e ao fim de alguns annos aposenta-se com dignidade, podendo apontar o seu passado como um modelo do mais puro desinteresse. E sobre a sua campa, este epitaphio simples: — «Aqui jaz, feito pó, um homemsinho que, para ser feliz, serviu o Estado com tão osportos dentes que, ainda na extrema velhice, comia com mais gana que nos dias osqueleticos da sua mocidade esteril. Morreu com uma folha de serviços taes que lhe permittiu baixar á terra fria com uma mortalha de *Diarios do Governo*. Paz á sua alma e fazei como elle».

TREZ DIAS EM OLIVENÇA

A lingua portugueza

e a inutilidade dos esforços para a fazer desapparecer

Manhã cedo, com um sol verdadeiramente andaluz a encher a praça coalhada de povo, começou a realisar-se o sorteio. Do alto da varanda do velho palacio Cadaval, hoje transformado no «ayuntamiento» de Olivença, a voz metallica do respectivo funccionario «cantava» os numeros, á medida que duas creanças os iam tirando ao acaso de dentro das gaiolas esphericas, cujos movimentos os espectadores seguiam com manifesta anciedade.

Da minha janella, situada quasi em frente da Camara, não me escapa um pormenor. Noto com natural desvanecimento, que são portuguezes todos os nomes do recenseamento militar. Ao enunciado de cada nome segue-se uma pequena pausa de sensação, até que o pregoeiro, sempre no mesmo tom, com a mesma burocratica indifferença, «canta» o respectivo numero. Então explodem de todos os lados as manifestações de alegria, de tristeza, de indignação; riem, gritam, increpam, insultam, e o homem dos numeros, impassivel, espera que passe um pouco a tempestade para annunciar, com a mesma habitual indifferença, a sorte de outro «quinto».

Coisa notavel: todos esses rapazes que durante a noite ouvi entoar os córos hespanhoes da despedida, só encontram para exprimir n'este momento as suas alegrias e as suas dores a lingua portugueza. Assim, quando sae um numero alto, as gargalhadas que irrompem da multidão veem de mistura com phrases como esta:

—Ainda bem!... Estou livre d'esta «espiga»! Já me não apanham pelos tres annos...

Se pelo contrario é um numero baixo, erguem-se logo contra a janella da Camara punhos angustiosamente cerrados, e aos labios dos «quintos» acodem exclamações de dor e odio que o decoro me impede de reproduzir aqui: Basta dizer que nunca vi a ninguem escutar os peores insultos com tamanha fleugma como ao pregoeiro hespanhol do «ayuntamiento» de Olivença.

Depois do almoço, D. Adolpho convidou-me a proseguir a nossa peregrinação atravez da antiquissima villa, ao que immediatamente accedi; encantado com a perspectiva de ter sempre a meu lado tão pittoresco cicerone. Logo ao dobrarmos a primeira esquina, vejo-o deter-se com ar misterioso ante um portico cerrado, que uma pequena cruz domina do alto do humbral.

—Que é isto?—perguntou, com enigmatico sorriso, o meu amavel hospedeiro.

Eu estendi o labio, quasi envergonhado da *ignorancia* que me era forçoso confessar.

—Não sabe o que é isto? Não sabe, proseguiu D. Adolpho, com uma expressão de triumpho a illuminar-lhe o rosto. Isto são os Passos. Escusa de procurar em qualquer outra terra de Hespanha. São os Passos, da procissão do Senhor dos Passos, cuja imagem ha de logo admirar na Egreja da Magdalena. E' um culto essencialmente portuguez. Aqui tem, pois, outro vestigio de Portugal...

N'este momento, porém, já quasi que o não escuto. N'uma parede proxima, avisto uma inscripção, collocada á altura do primeiro andar, e todo me deixo absorver na sua leitura. Celebra-se na lapide a dedicação de um professor hespanhol de instrucção primaria, D. Francisco de Qualquer Coisa, que durante quarenta e cinco annos perseverou na ingrata tarefa de castelhanisar Olivença com o abecedario na mão. D. Adolpho conheceu ainda o teimoso velhote. Era infinitamente original. Apparecia-lhe uma mulher do povo, com uma creança pela mão, cheia de humildade e de respeito:

—Sr. professor... Trago-lhe aqui o meu Zésito, para Vossa Senhoria fazer o favor de o admittir na escola...

D. Francisco escutava-a com fingida attenção, simulando um ar de profunda estupidez, e contestava:

—*No la entiendo, mujer... No hablo más que español. Siento, siento...*

A mulhersita insistia, e o mestre escola acabava por mandar chamar um interprete, ferindo assim a imaginação do povo com este escusado cerimonial. Por intermedio do lingua perguntava então D. Francisco:

—Mas você é hespanhola ou portugueza?

— Portugueza, — respondia ingenuamente a mãe do pequeno.

—N'esse caso, leve o seu filho a Jurumenha. Lá é que vive o professor portuguez. Aqui a escola é só para os hespanhoes.

D. Adolpho referiu-me todas estas coisas, condimentando a historia com pittorescos commentarios que me abstenho de reproduzir. Disse-me ainda, quando lhe perguntei se não havia em Olivença nenhum professor de portuguez, que a ultima escola da nossa lingua desappareceu ha muitos annos, e era dirigida por uma mestra, a senhora Malaquias, onde muitas familias da terra enviavam as meninas. A professora morreu, e ninguem mais pensou em substituil-a. De sorte que, por mais estranho que o facto se afigure, é frequente encontrarem-se oliventinos que lêem e escrevem correctamente o castelhano, mas, embora o falem, são quasi analphabetos em portuguez.

Creio que a creação de uma escola portugueza de primeiras letras n'aquella linda terra, com um professor subsidiado pelo nosso governo, não seria tarefa sobrehumana, nem o paiz visinho, que tanto se tem interessado por installar em Lisboa uma egreja hespanhola, poria certamente quaesquer difficuldades a esse designio. Eis aqui um assumpto que vale a pena tratar mais longamente e com a devida ponderação n'um dos meus proximos artigos.

Hermano Neves

"D. Mecia,, de Oscar da Silva

(*Desenho de M. Monterraso*)

—O' D. Mecia! Então a senhora anda agora mettida no theatro?

—Não sou eu, menina! E' a do Oscar da Silva! E dizem que é bonita, a desavergonhada.

—E' para vêr se a irrita! Mas não vae lá!

Danças e cantigas populares portuguezas

A terceira audição publica gratuita da Escola da Arte de Representar

A'manhã, pelas 14 horas em ponto, realisa-se no salão nobre do Conservatorio a terceira audição publica gratuita da Escola da Arte de Representar, com o seguinte interessantissimo programma de danças e cantigas populares portuguezas e dança de opera:

I—*A Fófa*: Reconstituição da celebre dança portugueza do sec. XVIII e principio do sec. XIX. Musica do professor Herminio Nascimento; composição coreographica da professora D. Encarnação Fernandes. *Dançada* por D. Irene Noves, D. Maria Amelia de Carvalho, D. Thereza Llorente, D. Maria Alice Ribeiro, Vital dos Santos, Seixas Pereira, Jorge Beltran, Salvador Costa. (Professora D. Encarnação Fernandes).

II—«Cantigas ao desafio»: Musica do prof. Herminio Nascimento, por D. Ema Videira e Armando Baptista. Córos e danças de roda. (Prof. Antonio Pinheiro).

III—«O Fado»: Cantado á guitarra por Salvador Costa; dançado por D. Maria Amelia do Carvalho e Vital dos Santos (Professor Antonio Pinheiro).

IV—«Canção da Linda Aldeia»: Lettra de Antonio Correia d'Oliveira, musica do prof. Herminio Nascimento, prof. D. Zulmira Vargas e Armando Baptista; córos e danças da Beira. (Prof. Antonio Pinheiro.)

V—«O Sarambéque»: Reconstituição da velha dança portugueza dos seculos XVIII. Musica do prof. Herminio Nascimento; composição coreographica do prof. Antonio Pinheiro. Dançado pelos alumnos do curso nocturno da Escola da Arte de Representar, D. Deolinda Marques, D. Esther Brandão, D. Julia Baptista, D. Maria Brochado, D. Nazareth Marques, D. Ophelia Brochado, Alvaro Tristão, Carlos Chaby, Fernando Valle, Julio Costa, Leite Velho e Sena Cardoso. (Professor Antonio Pinheiro).

VI—Folia do «Auto da Feira», de Gil Vicente, musica de Herminio Nascimento.

D. Ema Videira, D. Irêne Noves, D. Alice Machado, D. Alice Ribeiro, D. Carolina Baptista, D. Catalina Gimenez, D. Cremilda Gimenez, D. Cremilda Torres, D. Fernanda Fernandes, D. Hortense da Luz, D. Ilda Ralão, D. Isaura Rocha, D. Lilia Lopes, D. Maria Emilia Leitão, D. Ophelia Brochado, D. Rosalina Pereira, D. Silvina Oliveira, D. Zulmira Vargas, Armando Baptista, Seixas Pereira, Vital dos Santos, Jorge Beltran, Salvador Costa, Victor Moraes, Antonio Duarte, João Paes de Figueiredo, Vasco Camelier. (Professora D. Encarnação Fernandes).

VII—«Bailado da silfides, de Weber: Pelas alumnas do curso de bailarinas da Escola da Arte de Representar, D. Laura Gutierres, D. Maria Amelia de Carvalho, D. Maria Puebla, D. Thereza Llorente, (Professora D. Encarnação Fernandes).

VIII—Danças populares portuguezas: a) «O Vira»: dançado por D. Irene Neves, D. Ilda Ralão, Jorge Beltran e Salvador Costa. b) «A Caninha Verde», por D. Maria Emilia Leitão e Victor Moraes. c) «A Desgarrada», por D. Alice Ribeiro, D. Cremilda Torres, Arthur Duarte e Vasco Camelier. d) «O Corridinho», por D. Hortense da Luz, D. Lilia Lopes, D. Alice Machado, D. Zulmira Vargas. e) «O Verdegaio», pelos precedentes: «O Fandago», pelos precedentes e por D. Ema Videira, D. Carolina Baptista, D. Catalina Gimenez, D. Eva Fernandes, D. Fernanda Fernandes, D. Isaura Rocha, D. Ophelia Brochado, D. Rosalina Pereira, D. Silvina Oliveira, Armando Baptista, Seixas Pereira, Vital dos Santos, Herminio Peixeiro. (Professora D. Encarnação Fernandes).

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, o que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Ministro dos estrangeiros do Brazil

RIO DE JANEIRO, 26.—Tendo o sr. dr. Lauro Müller seguido para Caxambu, por motivo de tratamento de saude, assumiu a gerencia do ministerio das relações extrangeiros o sr. dr. Gastão da Cunha.—(*Corresp.*)

Pelo telegrapho

A acção dos inglezes na frente oriental

LONDRES, 26.—Official. Os nossos aeroplanos bombardearam com successo o aerodromo dos allemães proximo de Lille, regressando todos indemnes. Canhoneamos activamente as trincheiras allemãs nas paragens do canal de Ypres a Combines e a leste de Boesinghe.—(*Havas*).

Os russos occupam Kermanshah

TEHERAN, 25.—O governo persa recebeu noticia de que os russos perguindo os turcos occuparam Kermanshah. O ex-agente militar allemão conde Kanitz, commandante dos gendarmes insurrectos suicidou-se antes da queda de Kermanshah em poder dos russos.—(*Havas*).

A Romania prompta para a primeira voz

BUCAREST, 26.—Todos os cidadãos romaicos naturalisados, de 21 a 46 annos de edade, receberam ordem de se apresentar para serviços militares quer tenham ou não satisfeito essa obrigação no seu paiz de origem.—(*Havas*.)

Mais um vapor torpedeado

MARSELHA, 26.—Um vapor que se suppõe ser o *Westbory* foi torpedeado em circumstancias ainda desconhecidas. O vapor *Treverleya* recolheu um escaler com 15 homens, tendo sido recolhido um outro escaler por um vapor desconhecido. Segundo informações colhidas um dos homens do *Westbory* foi cortado por uma granada.—(*Havas*.)

DEPOIS DA GRANDE GUERRA

As relações commerciaes com a Hespanha

O que diz, sobre futuros tratados, o sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Commercial

Explicando na camara dos deputados os motivos, que levaram o governo da Republica a requisitar os barcos allemães, refugiados em aguas portuguezas, o sr. presidente do ministerio, entre outras affirmações da mais alta importancia, uma fez, que provocou a mais profunda impressão no espirito de toda a gente. E animado d'uma fé inabalavel no futuro da Patria, o sr. dr. Affonso Costa declarou, que um dos aspectos da actual conflagração subsistirá ainda, depois da victoria. Esse aspecto é o das relações do commercio internacional, que continuará a ser objecto d'uma lucta sem treguas nem desfallecimentos. As pequenas nacionalidades hão-de assentar em novas bases o seu intercambio mercantil e Portugal, denunciando o tratado com a Allemanha, estreitará com os paizes amigos, a Inglaterra, a França, o Brazil e a Hespanha, os laços d'uma mais intima communhão no que respeita aos interesses de ordem material e á situação economica do paiz.

Quando florirem de novo os campos de batalha, começarão as operações nos mercados commerciaes e a lucta revestirá um aspecto de combate decisivo, travado com denodo semelhante ao da peleja collossal que o mundo está presenciando.

Com a liquidação d'este tremendo conflicto, Portugal tem de modificar a sua politica commercial. E, recordando as affirmações do chefe do governo, fomos ao encontro do sr. Carlos Gomes, recentemente chegado de Hespanha, onde fôra procurar o estreitamento de relações commerciaes entre os dois paizes.

—E' difficil fazer previsões sobre qual será a nossa politica commercial terminada a guerra, diz o sr. Carlos Gomes. No entanto, duas previsões devem ter, em futuro proximo, uma fatal realidade. E essas previsões são aquellas que nos indicam a approximação economica e commercial com o Brazil e com a Hespanha. Ha quem imagine que pela simples razão de sermos visinhos da Hespanha e pelo facto de o Brazil ser nosso filho, essa approximação se realisa com certa facilidade. Puro engano. A esse *desideratum* oppõe-se, no que diz respeito ás nossas relações com a republica brazileira, a politica pan-americana, a concorrencia de todos os paizes europeus que pretendem dominar aquello precioso mercado e ainda a razão ethnographica, a phobia da raça indigena que leva o proprio cidadão dos Estados Unidos a difficultar a importação da Inglaterra. Quanto á Hespanha, a concorrencia de outros paizes e as razões historicas ainda predominantes teem-nos affastado d'aquelle mercado.

«Apesar das visiveis difficuldades que se entolham no caminho a seguir, nem por isso devemos deixar de procurar vencel-as. Impõe-se a conclusão do tratado de commercio. Pelo que fiz n'esta minha recente viagem ás principaes cidades do paiz visinho cheguei á conclusão de que é possivel assignar-se um tratado que satisfaça os legitimos interesses dos dois paizes.

«Encontrei o mais decidido appoio da parte de todas as corporações economicas e de todas as instituições officiaes do commercio e industria que são absolutamente contrarias ás influencias individuaes e regionaes que, n'aquelle paiz, teem, até certo ponto, difficultado as negociações d'esse tratado.

Durante a minha estada em Madrid tive egualmente ensejo de constatar a benefica influencia que ali tem exercido o nosso representante diplomatico, o que, de resto, não era surpreza para mim, que antecipadamente conhecia o interesse que o sr. dr. Augusto de Vasconcellos dispensava á situação economica do paiz, tendo-se tornado defensor da causa commercial, na passagem pela secretaria dos negocios extrangeiros.

«O actual ministro de Portugal em Madrid, continúa o sr. Carlos Gomes, prosegue patrioticamente demonstrando aquelle interesse pelo commercio portuguez, que lhe devo, entre outras medidas, a vulgarisação dos relatorios consulares, tão uteis aos commerciantes e aos alumnos das escolas technicas e a reforma do artigo do regulamento consular que tornou proficuas as relações entre os agentes consulares e as associações commerciaes.

«Mas, continúa o devotado propagandista da causa commercial, não basta conseguir-se a conclusão de um tratado, por que o commercio dos dois paizes entra n'uma nova phase do progresso e desenvolvimento.

N'esta descoberta o caminho pratico, não é preciso inventar nada para que se obtenha algum resultado. Basta ter em consideração as conclusões da conferencia pan-americana, celebrada o anno passado, em Whasington, por iniciativa da William Mac-Adoo, actual ministro das finanças dos Estados Unidos.

«Os interesses dos paizes ibericos estão, em muitos pontos, em perfeito paralelismo com os interesses pan-americanos, sendo dignos de especial reflexão os trabalhos apresentados n'essa conferencia pelos delegados das republicas do Uruguay e de Venezuella, sem duvida as nações mais florescentes da terra americana.

—E, poder-nos-hia apresentar alguns meios praticos de alcançar-se um mais intimo estreitamento de relações commerciaes com o paiz visinho?

—Naturalmente, diz o sr. Carlos Gomes. Para facilitar a expansão commercial com esse paiz considero necessario pôr em pratica o seguinte programma:

1.º—Fomentar a marinha mercante das duas bandeiras que se dediquem ao trafego entre Portugal e Hespanha, dando-lhes as maiores vantagens e facilidades e equiparando-as ás de cabotagem nacional;

2.º—Estabelecer a ligação telephonica das redes hispano-portuguezas, facilitar ainda mais as communicações postaes e telegraphicas entre os dois paizes, tornar extensivas ao inter-cambio hispano-portuguez as taxas internas; crear a exemplo da Hespanha o *Telegramma commercial* com a reciprocidade collectiva; restabelecer os vales do correio;

3.º—Facilitar, reciprocamente, a relação dos bancos, para desconto de lettras, movimento de capitaes, fomento de commercio, auxilio das industrias e agricultura e «financiação» dos trabalhos publicos, exploração geral das riquezas ibericas, começando-se pela creação de um Banco Hispano-Portuguez;

4.º—Promover a permuta de estudantes das escolas technicas, de forma a que os alumnos, diplomados, possam, reciprocamente, fazer o seu tirocinio em fabricas e explorações agricolas e commerciaes.

«Eis, d'uma forma geral, o que eu penso sobre as futuras relações commerciaes com a Hespanha. E, por hoje basta, pois a palestra já vae longa...

MUSICA

Concêrto de Ruy Coelho

Realisou-se no salão da Liga Naval o concerto de Ruy Coelho, que se apresentou sob a dupla qualidade de pianista e de compositor.

Ruy Coelho é um violento, um excessivo; assim como uma orchestra, como elle a concebe, tem de ser numerosa como a população d'uma cidade, assim os «fortes», como elle os interpreta, são verdadeiras tempestades. Este grave defeito causa grande damno á execução, que resulta confusa e atroadora; nas «fugas» perde-se a sua principal belleza, não se podendo seguir os assumptos, nem distinguir o entrelaçamento das varias vozes; d'este modo, a «fuga» de Bach e aquella por que terminam as «Variações sobre um motivo de Haendel» de Brahms, que o pianista tocou, reduzem-se a trovoadas de piano. Do mesmo defeito se resentiu a lenda de Liszt, «S. Francisco de Paula caminhando sobre as ondas».

Pelo contrario, nos trechos em que Ruy Coelho não tem margem para dar largas á sua furia sonorosa, como na «Ecloga» de Liszt, e n'algumas das citadas «Variações» de Brahms, revelam-se as suas boas qualidades, sendo a sua interpretação delicada e tirando do piano bellos effeitos de som.

Na segunda parte cantou M.elle Wake Marques alguns dos «lieder» que já cantára no concerto do dia 10, entre elles «Dans la jetée d'Alexandrie» de Ruy Coelho; a impressão que hontem nos causou esta composição foi ainda superior á d'esse dia: é uma obra profunda, de largo folego, sendo felicissimo o contraste entre a primeira e a segunda parte.

O concerto terminou pela audição das ultimas obras do compositor: uma trilogia camoneana e um trio com piano.

A trilogia intitula-se «Na cathedral do amor e da paisagem»; havemos de convir que é titulo pouco proprio, no seu vago e excessivo simbolismo, para uma obra inspirada em Camões. A primeira parte é o soneto «Aquella triste e leda madrugada», seguindo-se um «intermezzo» para piano «Na Fonte dos Amores», e terminando pelo «Cantar de Dona Ignez», de João do Amaral. Pode parecer um tanto extravagante a mistura na mesma obra de dois nomes que tanto distam um do outro; em todo o caso a realisação é una, de modo que a trilogia não pecca por isso.

Sob o ponto de vista musical é uma obra de arte portugueza, no bom sentido da expressão; o compositor teve o instinto profundo da alma e do sentimento da raça—não confundir com o pseudo-sentimento portuguez afadistado e piegas—; o soneto é magistralmente traduzido, e o regresso, no fim do «intermezzo», da phrase «Aquella triste e leda madrugada», dita tres vezes, é d'um alto poder dramatico; o final não desmerece o resto. o que faz que a trilogia seja uma obra de arte, sem senão. A propria mu-

nolonia, que alguem lhe poderia notar, é, a nosso ver, uma qualidade, pois contribue para a evocação da tragedia.

Não podia o auctor encontrar melhor interprete que M.elle Alice Rey Colaço, para cujas qualidades a obra parece ter sido propositadamente escripta. Uma coisa houve, porém, que apoucou a impressão: a interrupção dos applausos da assistencia e a repetição de partes solitas; a trilogia deve ser executada e ouvida religiosamente na integra, e, a ser bisada, deverá repetir-se toda.

Fechava o concerto o trio para violino, violoncello e piano, a cargo, respectivamente, de Thomaz de Lima, João Passos e do auctor.

Aqui, estamos no polo opposto: é um destrambelhamento total, completo, sem ideia comprehensivel, sem logica, sem tom nem som; a impressão primeira é a de que os tres executantes tocam não importa o quê, n'uma furia improvisadora, apostados em ganhar aos outros em estravagancia; assim decorre o «allegro» e o «largo»—que não tem a significação propria de andamento central—e assim se chega ao fim, tendo apenas logrado apprehender no «final» tres phrases bem lançadas, mas tão fugitivas que mal se notam.

E occorre perguntar: como é possivel que o homem que fez o «lied» que ouvimos, que fez a trilogia camoneana, seja o mesmo que fez tal trio?

Julgamos ser esta a explicação: Ruy Coelho é um musico nato, d'um real talento de compositor natural e instinctivo; mas é um cerebro que um systema nervoso destrambelhado perturba e desvaira. D'este modo, a sua inspiração carece de ser guiada, carrilada, sem o que logo entra na louca extravagancia. No «lied» é seu tutor o poeta, a quem a inspiração tem de submetter-se, e dar o seu triumpho; na musica livre, o estro corre-lhe solto, e dá a sua queda.

Antes do concerto, disse o sr. dr. Alfredo Pimenta algumas palavras em guisa de introducção.

H. de A.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Falleceu e foi sepultado no cemiterio oriental o sr. Manuel Rodrigues da Cruz, irmão da distincta actriz Maria Pia e cunhado dos srs. Alfredo Guimarães e Jacintho de Mattos, importantes industriaes do Porto. A' familia enlutada, e em especial a Mario d'Almeida, nosso prezado collaborador e sobrinho do extincto, os nossos sinceros pezames.

—D'uma syncope cardiaca falleceu repentinamente o sr. João Manuel da Fonseca, commerciante muito estimado e proprietario da Casa das Balanças, da rua Augusta. O funeral do extincto, que contava 61 annos, realisa-se ámanhã, ás 12 horas, da rua de S. Sebastião das Taypas, 12.

INDICADORES PUBLICOS

Com concessão do municipio, já foram inaugurados no Rocio e outras ruas da Baixa os «placards» indicadores publicos, que, diga-se de verdade, a Empreza de Publicidade Moderna se esmerou em apresentar artisticamente.

Trabalhados em ferro fundido, apresentando o aspecto de bronze, os quadros referidos são ornados por um desenho em alto relevo, trabalho de mão de mestre, tendo a parte central, onde estão as indicações para o publico, tambem um bello aspecto. Falar da utilidade dos «placards» indicadores, é ella tão grande que apenas diremos que depois do grande centro que é Paris, os ter inaugurado, outras cidades como Rio de Janeiro, Buenos-Ayres, Montevideu, Marselha e Bordeus lhe seguiram o exemplo. De facto o publico escusa de se perder n'uma rua em busca de qualquer casa ou escriptorio pois que o «placard» lhe dá a referencia exactissima de todos os estabelecimentos.

DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

O chefe do partido evolucionista, já restabelecido, parte na proxima semana para o Alemtejo, onde vae passar alguns dias. Depois voltará immediatamente á vida activa da politica.

A festa da bailarina excentrica

Nelly-Nell faz hoje a sua festa no Salão Foz. Isto quer dizer que é noite em cheio hoje no magnifico salão da Calçada da Gloria.

No programma escolhido para a sua festa Nelly-Nell metteu bellos numeros de canto e baile, numeros que com certeza vão despertar um enorme successo. Nelly apresenta os bailes de salão tango argentino e maxixe brazileiro, no que será acompanhada pelo notavel professor de dança Antonio de La Paz. Isto quer dizer que todos os admiradores da excentrica bailarina, accorrerão hoje á festejal-a.

Em honra de Nelly, Alfaro, o mais celebre artista do seu genero que nos tem visitado, e que tem no publico a maior simpathia, justificada na excelencia do seu trabalho, escolheu novos numeros o que maior razão é para que o Salão Foz hoje se encha, isto não falando no grande successo que as duas bailarinas, Dorita e Siluerdy, teem alcançado com as suas danças hespanholas.

A'manhã além da matinée que começa ás 15 horas, o Salão Foz dá trez magnificos espectaculos á noite.

Para segunda feira já está annunciada a estreia dos artistas burlescos Juan José.

Na Amadora

Uma festa com a primeira representação d'uma peça

A'manhã, no lindo Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, realisa-se uma recita, já com caracter alegre, carnavalesco, que tem a valorisal-a a primeira representação d'uma peça burlesca em 3 actos, «O Capote Vermelho», expressamente escripta pelo sr. Nunes da Silva para ser desempenhada pelo Grupo Dramatico da Amadora, com musica original dos maestros Vasco de Macedo, Fortée Rebello e Juca Martins.

Na festa tomam parte dezenas de pessoas das mais conhecidas da povoação.

A distribuição é a seguinte:

«El-Rei Athanazio I», Elviro d'Amorim; «Grão Duque», chanceller do Reino, sr. J. Condinho; «Financeiro-Mór», Jorge A. Moreira; «Ministro da guerra», Bernardino Mendonça; «Presidente da Junta Revolucionaria», N. N.; «Rogerio de La Valée», fidalgo, Zino Novaes; «Leonardo», salteador, E. Pinares; «Thibaldo», idem, J. Sargedas; «Dominguez», amolador, Alvaro Soares; «Sebastião», estalajadeiro, Filippe Nascimento; «Presidente da Federação das Ligas», J. Sargedas; «Representante da Liga contra o alcool», Julio Martins; «Representante da Liga contra o tabaco», João de Sousa; «Representante da Liga contra o jogo», Marcó Franco; «Representante da Liga contra a libertinagem», Braulio Seixas; «Madre Claudia», abadessa, Georgina Athayde; «Angelica», 1.ª educanda, Gabriela Paiva; «Clara», 2.ª educanda, Joanna de Sousa; «Margarida», 3.ª educanda, Branlia Seixas; «Carolina», 4.ª educanda, Marcellina Franco; «Adelaide», 5.ª educanda, Julia Martins; «Bertha», 6.ª educanda, America Loreto; «Agostinha», 7.ª educanda, Luiza Angeja; «Luiza», 8.ª educanda, A. Soares. Fuzileiros, Damas da côrte, serventuarios do paço, camponezes, bailarinas, etc. Grande corpo de baile.

Concertos David de Sousa

Estão quasi esgotados os bilhetes para o concerto de ámanhã no Politeama. E', de resto, o que tem succedido em quasi todos os concertos d'este anno, excepcionalmente brilhantes, como se sabe, e constituindo um verdadeiro exito da orchestra portugueza que David de Sousa com tanta competencia dirige. No programma do concerto de ámanhã figura um numero, enchendo toda a 2.ª parte, cuja audição está despertando a maior curiosidade e o mais justificado interesse. Trata-se de uma nova «symphonia» de João Arroyo, a 3.ª da serie, nunca entre nós executada. Tambem em primeira audição se ouvirá um «preludio» de Jaernefelt, e ainda, extra-programma, a maravilhosa «abertura solemne» de Tschaykousky, alem de outros trechos de Wagner, Berlioz, Mancinelli, etc.

Propaganda do Portugal

O seu 10.º anniversario

Solemnisando o 10.º anniversario da util instituição que é a Sociedade Propaganda de Portugal, realisa-se depois de amanhã, pelas 21 horas, na sua séde, rua Garrett, 108, 2.º, uma sessão commemorativa, discursando o sr. Antonio de Vasconcellos Corrêa, vice-presidente da direcção, que exporá os principaes factos da vida da Propaganda durante o decenio, e fazendo o sr. Manoel Roldan, director-secretario, uma conferencia sobre a «Exposição internacional Panamá-Pacifico em S. Francisco da California».

Essa conferencia será acompanhada de projecções luminosas.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 45.—N'esta Sociedade, com séde no lyceu Camões, realisa-se amanhã, ás 10 e meia horas, a apresentação da bandeira, cerimonia que promette ser revestida do maior brilhantismo e cuja significação é altamente patriotica.

Diplomacia brazileira

A transferencia do dr. Sousa Dantas

Constando-nos que se promovia uma reunião da colonia brazileira para se protestar contra a transferencia do actual consul geral, sr. dr. Manoel Pinto de Sousa Dantas, e pedir a sua permanencia em Lisboa, avistamo-nos com um dos membros d'essa colonia, o qual nos diz:

—A morte do sr. dr. Régis de Oliveira contristou-nos, pois deixou na nossa diplomacia um grande vacuo. Agora vem a transferencia do nosso consul, para a qual não vemos motivo algum justificavel. Pode ser que os altos poderes brazileiros entendam essas transferencias convenientes. Nós não vemos n'ellas conveniencia alguma. Antigamente estes logares eram conservados o mais tempo possivel, e só assim os funccionarios estabeleciam relações particulares e officiaes, principalmente estas, tão necessarias e vantajosas ás funcções diplomaticas e consulares. Hoje os governos pensam de modo differente; fazem e desfazem, com o que, me parece, ninguem lucra. O dr. Sousa Dantas é um funccionario distincto e que goza das maiores sympathias entre a colonia. Não enganaram v. ao dizerem-lhe que pensamos reunirmo-nos. Assim é, com effeito, para pedir a sua conservação aqui.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense—Amanhã, como já noticiámos, sobe á scena, pela primeira vez, a revista em um prologo, 1 acto e 4 quadros *De casa... e pucarinho*, original de Wenceslau d'Oliveira, com musica coordenada por Luiz Cesar das Neves. A festa é abrilhantada por uma orchestra.

Concentração Musical 5 de Outubro—Realisa-se ámanhã sarau dramatico em que toma parte por especial deferencia para com a direcção o apreciado Grupo Dramatico Guilherme Belloto, que desempenhará o drama em 3 actos *Arcediago* e a comedia *Que amigos*, seguindo-se baile até de madrugada.

Belem-Club—Realisa-se ámanhã uma recita extraordinaria promovida pela direcção, na qual toma parte obsequiosamente o grupo dramatico do Gremio Lafonense. Representa-se os *30 Dinheiros* e a operetta em 2 actos *Uma viuva alegre em Cascaes*. A parte musical está a cargo do sextetto do mesmo Gremio sob a regencia do sr. Campos Vinagre.

Centro Dramatico Español—A'manhã velada, com um acto de variedades, a comedia *As duas bengalas* e o episodio dramatico *A'manhã*, seguindo-se baile.

Gremio Lafonense—A'manhã, ha *soirée* familiar.

Orpheon do lyceu de Camões

Festa artistica

O orpheon do lyceu de Camões, a instituição academica que tão brilhantes provas deu o anno passado nas suas festas de S. Carlos e do Nacional, vae brevemente dar uma festa na sua séde.

Do programma fazem parte, valiosos elementos artisticos, tudo quanto põe aquelle estabelecimento de ensino n'um logar de destaque entre os seus similares do paiz.

O orpheon é regido por um distincto professor do mesmo lyceu, o sr. Silva Reis, o qual, auxiliado pela boa vontade dos rapazes, fez d'um grupo de vozes rebeldes um mimo de harmonia.

PEQUENAS NOTICIAS

Queixou-se Maria dos Santos Romeiro, moradora no becco de Santa Helena, 19, 1.º, de que tendo em sua casa como hospede João Maria Gonçalves, este lhe subtrahiu dois cordões e uma medalha, tudo de ouro, no valor de 62 escudos, e foi preso Julio Raul Chrisostomo, morador na rua da Cruz de Santa Apolonia, 102, 2.º, por furtar um cordão, um annel, um alfinete e uma libra, tudo no valor de 50 escudos, a seu pae, José Chrisostomo.

—Custodio Quaresma, morador na rua dos Alamos, 8, 1.º, queixou-se de que os gatunos entraram na sua residencia por meio de arrombamento e subtrahiram uma porção de roupa, no valor de 48 escudos e a quantia de 58 escudos que tinha dentro de uma mala. Tambem Maria Emilia Bandeira, moradora na quinta da Martha, ao Poço da Agua se queixou de que seu filho Martins Pedroso, morador em Telheiras de Cima, lhe entrou em casa por meio de arrombamento e furtou uma corrente e trez berloques, tudo no valor de 70 escudos.

—A banda de musica do corpo de marinheiros executa ámanhã, das 13 ás 14 e meia horas, na avenida da Liberdade, o seguinte programma: «Portuguezinho», marcha, Mendes Canhão; «Preciosa», ouverture, Weber; «Miragem», valsa de concerto, Taborda; «Carmen», selecção, Bizet; «Serenata», Brito; «Rienzi», ouverture, Wagner.

—No banco do hospital receberam curativo Antonio Gomes, morador na avenida da Liberdade, 92, 2.º, por tentar suicidar-se com sublimado, e Maria Albertina, moradora na rua Silva e Albuquerque, 35, 3.º, aggredida com nove facadas pelo seu amante Manuel Fernandes.

—Luciano Moreira, de 21 annos, servente de pedreiro, morador na rua Quatro de Infantaria, 54, pateo, porta 2, quando andava a trabalhar nas obras da Academia de Sciencias cahiu de um andaime, ficando com fractura da perna direita. Recolheu ao hospital de Santa Martha.

ULTIMAS NOTICIAS

A utilisação dos navios allemães

A requisição dos navios allemães

Os que já foram inspeccionados—As suas cargas e avarias—Em Loanda já se cumpriu o decreto

Proseguiram hoje, com grande actividade os trabalhos provocados pela requisição dos navios allemães. Assim é preciso, removendo-se todos os embaraços, afastando-se processos rotineiros, para que a medida tomada pelo governo possa corresponder em breve praso ao fim que a determinou:—o beneficio da nossa angustiosa situação economica.

Completaram-se definitivamente os nucleos de guarnições de navios, que ficaram, na sua grande maioria, tendo officiaes superiores como capitães de bandeira. Os engenheiros navaes, auxiliados pelos conductores e fogueiros, estiveram durante todo o dia passando inspecção ás machinas. Por seu lado, a commissão composta dos engenheiros navaes srs. Estanislau de Barros e Oliveira e de varios mestres do Arsenal inspeccionou o «Santa Ursula», o «Arcadia» o «Naxos» e o «Rolandseck». Este ultimo navio tem apenas tres annos e possue machina de oleos pesados.

O engenheiro chefe da divisão naval procedeu tambem a varias inspecções nos navios requisitados, devendo todos esses trabalhos, que são arduos e fatigantes, terminar na proxima segunda-feira.

Os navios que não teem avarias e que possuem carga vão descarregar sem demora, receber as beneficiações indispensaveis e a limpeza de fundos, devendo apromptar-se dentro de poucas semanas a sahir do Tejo. Os que teem avarias de mais demorada reparação irão para a Cova da Piedade logo que estejam descarregados.

O «Newa», vapor de salvação, foi já entregue ao Arsenal, sahindo de bordo, por esse motivo, o pessoal de marinha. A'manhã atraca á ponte o vapor «Taygetos», de 3.000 toneladas, navio de construcção recente. Vae receber no Arsenal as ligeiras reparações de que carece. O «Lahneck» vem ámanhã tambem amarrar no quadro.

Alguns d'esses navios teem cargas importantissimas, em qualidade e quantidade. O «Arcadia», por exemplo, tem oleo em barris, esparto, muitas caixas de bagaço, muitos fardos de sucata de folha de Flandres, carbonato de cal, resina em abundancia e pipas de alcool. O «Naxos» tem pedra e minerio, marmore, ferro e aço, numerosos tambores de chlorelo de calcio, algum armamento e munições de caça e revolveres grandes. O «Santa Ursula» tem milhares de barricas de cimento, ferro, automoveis, armas e munições de caça. O «Hilos», que foi construido em Inglaterra, tem um importante carregamento de lã. Outros navios teem arroz em casca, grandes quantidades de madeira, taboas, pranchões e toros de mogno, carvão, minerios, etc.

Nos navios que teem as machinas avariadas nota-se que são quasi sempre as mesmas peças que receberam essas avarias: divisores dos cylindros, valvulas de garganta, apparelhos de marcha, etc. O que está no Porto, «Vesta», não tem avaria alguma; devendo seguir ámanhã para aquella cidade um nucleo de pilotos e marilimos a fim de se completar a tripulação que já se encontra a bordo d'aquelle navio.

As avarias do «Hilos» parece serem as menos importantes de todos os navios já inspeccionados.

O commandante da divisão naval determinou que não se accendessem, sob pretexto algum, as caldeiras dos navios. Apagaram-se, tambem por sua ordem, as que estavam funccionando para luz e para o movimento dos apparelhos de descarga. O sr. Leotte do Rego prohibiu ainda a ida de allemães a bordo, sob o pretexto de retirar bagagens. Averiguou-se que já não existe bagagem alguma a retirar, e que os tripulantes que foram hontem a bordo passaram o tempo a beber cerveja e licores.

O sr. João Baptista Horta, capitão da marinha mercante, foi encarregado hoje de regular a organisação e distribuição das guarnições.

O deputado sr. dr. Costa Junior apresentou hoje ao sr. ministro da marinha una commissão de inscriptos maritimos, que pediu para que o pessoal de convez e camara fosse nomeado por intermedio da respectiva associação de classe.

Os navios allemães que estão no porto de Loanda são tres, com a totalidade de 7.142 toneladas. As auctoridades portuguezas tomaram já conta d'elles. Da commissão administrativa faz parte o ajudante do procurador geral da Republica sr. dr. João Eloy Pereira Nunes Cardoso.

Um artigo do "Liberal" sobre a requisição dos navios

O «Liberal», de Madrid, occupa-se em artigo editorial da requisição dos navios allemães fundeados nos nossos portos, que o governo portuguez decretou ha dias. Commenta aquelle importante periodico:

«D'este modo os nossos visinhos occidentaes acabam de pôr termo a uma estranha anomalia a que ha pouco ainda o armador Huston se referia na Camara dos Communs. Como se explica, perguntava elle, que por um lado Portugal combata contra os allemães em Africa, e por outro se não apodere dos barcos?

As necessidades militares, transporte de tropas, de viveres e de munições, obrigaram o governo inglez a requisitar mais de metade da marinha mercante ingleza, que representa 38 por cento da tonelagem total do mundo. E' facil de comprehender a influencia que está exercendo sobre os fretes a utilisação de tantos barcos. Segundo uns, o governo inglez destinou a usos militares mais barcos do que os necessarios. Segundo outros, é absurdo requisitar barcos inglezes emquanto nos portos de Portugal e de Italia jazem em esteril immobilidade muitos navios allemães.

O governo portuguez não se mostrou surdo, bem se vê, a esta insinuação...

Com razão disse Ruciman, ministro do commercio, no seu discurso, que o problema da navegação era o problema economico mais grave do momento. Por cada cem barcos empregados no commercio, antes da guerra, agora só ha 67, dos quaes uma terça parte arvora bandeira neutral. Anteriormente o transporte de carvão de Cardiff a Genova custava 7 «schelings», agora custa mais de 100. Os fretes que do Rio da Prata á Inglaterra custavam 136 e meio, custam agora mais de mil por cento. Os fretes no Atlantico realisam 796 por cento e no Mediterraneo 800 por cento...

E, a realidade é esta: que por effeito da guerra a situação economica dos paizes neutros, de Hespanha sobretudo, se torna tão angustiosa como na dos belligerantes.

Entretanto Portugal cortou o mal pela raiz, correspondendo, sem duvida, ás insinuações apontadas, mas attendendo sobretudo ás necessidades do paiz, a fim de evitar novos conflictos de ordem publica, suscitados pela miseria.

Não pensou em tratar com a Allemanha ácerca da compra dos navios; requisitou-os e, como neutro, manifestou ao governo de Berlim que pensou indemnisar os armadores, na devida fórma.

A batalha de Verdun

Os allemães não olham a sacrificios—Os francezes resistem aos assaltos repetidos

PARIS, 26.—Communicação official das 15 horas:

Lucta sempre aspera na região ao norte de Verdun, onde o inimigo continúa a fazer convergir os seus esforços sobre a linha a leste do Mosa. Segundo as ultimas informações, as nossas tropas resistem nas mesmas posições aos assaltos repetidos do inimigo, que já não olha a sacrificios.

Na região do Douamont os combates que se teem ferido teem sido revestidos de particular encarniçamento.

Na linha do Woevre, os elementos avançados que conservavamos como linha de vigilancia de Orne a Ainemont desde os combates do anno passado approximaram-se das cotas do Mosa por ordem do commando e sem qualquer ataque do adversario.

A nossa artilharia tanto da margem esquerda como da margem direita do Mosa responde sem cessar ao bombardeamento inimigo.

No resto da linha nada ha a registar.—(*Havas*).

Correram hoje em Lisboa insistentes boatos, que se não confirmaram, sobre a queda de Verdun. A proposito do ataque concentrico a essa praça forte, declarou o generalissimo Joffre ser elle realisado até agora por sete corpos de exercito e muita artilharia. Um auctorisado critico militar escreve a tal respeito:

«Os nomes dos logares que apparecem nos communicados revelam a violencia e a extensão da pugna, porque nenhum logar fortificado desde o este de Argonne ao rio Ornes, no Woevre central, deixou de soffrer o ataque das hostes do Kronprinz. A batalha de Verdun é um acontecimento de grande importancia. As suas fluctuações e o seu resultado hão-de fornecer-nos preciosos dados ácerca do que serão os choques decisivos d'esta larguissima e extenuadora guerra.»

NOTAS DIVERSAS

A colonia portugueza no Pará pediu ao sr. presidente da Republica para que se estabeleça uma carreira de navegação portugueza para o norte do Brazil.

A assignatura presidencial realisou-se pelas 17 horas no palacio de Belem, conferenciando em seguida o chefe do Estado com o governo.

—Navegando para o norte, passou á vista de Sagres o transporte *Tagus*, da Cruz Vermelha ingleza.

—O deputado sr. dr. Joaquim d'Oliveira esteve hoje no ministerio do fomento tratando de varios assumptos para o seu circulo.

—Chegou a Lisboa o inspector da 5.ª divisão militar, coronel sr. Alexandre d'Almeida Oliveira, que hoje conferenciou com o sr. ministro da guerra.

—Pela pasta das colonias foram hoje á assignatura os decretos:

Exonerando do cargo de governador do districto de Benguela o 1.º tenente de marinha Alvaro de Palma Lami, e do cargo de governador do districto de Moçambique o coronel de cavallaria João Gregorio Duarte Ferreira; nomeando para este ultimo logar o capitão de cavallaria José Ricardo Pereira Cabral; auctorisando a Companhia de Moçambique a reunir a sua assembléa geral e deliberar simplesmente sobre contas de gerencia.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministros da instrucção, fomento, interior e justiça e o sr. general Correia Barreto.

A litteratura portugueza em Hespanha

A traducção de «Envelhecer» de Marcelino Mesquita é representada com exito no Lara de Madrid

Os jornaes madrilenos hoje chegados a Lisboa registam em largos artigos criticos, o exito que obteve no theatro Lara a peça de Marcelino Mesquita, «Envelhecer», traduzida, ou adaptada, segundo escrevem, pelo talentoso chronista Cristobal de Castro.

Na «Correspondencia de España», o sr. Aznar Navarro diz:

«A' (peça) de Mesquita é muito agradavel. O publico, sem discrepancias, applaudiu ao terminar o prologo e os dois actos que se seguem. Pediu que comparecesse em scena Cristobal de Castro, o adaptador da obra. Mas Cristobal de Castro, por bocca de Emilio Thuillier, disse que os applausos deviam reverter para o auctor da comedia original... Don Cristobal de Castro é um adaptador escrupuloso. Nem todos os dias tropeçamos com traductores assim... Os de Lara interpretaram muito bem a nova comedia. Emilio Thuillier consagrou toda a sua auctoridade e todos os seus carinhos á personagem principal. Ramirez foi um prodigio de naturalidade e as figuras secundarias muito no seu logar...»

O critico expõe o entrecho da peça, alarga-se ainda em apreciações ao desempenho e refere que «Envelhecer» foi em beneficio da distincta actriz Rafaela Abadia.

O «A B C» dá tambem o entrecho e frisa que «a comedia, sobriamente composta, de tom sombrio, encerra profunda emoção e desoladora melancolia». Accrescenta que o «publico applaudiu muito ao terminar o prologo e nos dois actos seguintes, declarando o sr. Thuillier que Cristobal de Castro transmittia ao auctor aquelles applausos».

O «A B C» elogia o desempenho, considerando-o um «triumpho» por parte de Thuillier e de Rafaela Abadia.

«El Liberal» observa que a obra é, no conjuncto, theatral e que «se ouve com complacencia e em alguns momentos com interesse», mas entende que não commove porque «Eduardo, rico, joven (aos cincoenta annos não se é velho) e são, não procede nem se comporta com equilibrio». Louva a traducção e o desempenho e regista a digna attitude de Cristobal de Castro, recusando-se a acceitar os applausos do publico.

A questão das subsistencias

Sobre os acontecimentos occorridos no concelho de Ribeira de Pena, motivados pela sahida do milho, esteve hoje conferenciando com o sr. ministro do interior o sr. Balthazar d'Andrade, pedindo que seja enviada força para garantia das propriedades, emquanto se não faz o arrolamento.

Ao sr. ministro do fomento foi entregue pelos srs. dr Leão de Meyrelles, senador, e Carvalho Araujo, deputado, uma representação da camara municipal de Paços de Ferreira, chamando a attenção do governo para a falta de milho n'aquelle concelho, falta que urge remediar, pois só assim se evitará uma crise grave, que poderá produzir os mais funestos resultados.

O sr. Antonio Maria da Silva, declarou que o concelho de Paços de Ferreira não seria esquecido na distribuição do milho já requisitado e que vem a caminho de Lisboa.

Uma commissão de commerciantes de salchicharia procurou hoje o sr. governador civil a fim de lhe pedir o augmento do preço da carne de porco e da banha, visto a difficuldade com que estão vivendo. O chefe do districto declarou que ia mandar convocar a reunião da commissão de subsistencias para tratar do assumpto.

O sr. Gilman, proprietario da fabrica de louça de Sacavem, esteve hoje no governo civil a conferenciar com o chefe do districto, declarando-lhe que terá de encerrar as portas da fabrica caso o ministro do fomento não auctorise a cedencia de madeiras para combustivel. O sr. dr. Costa Gonçalves prometteu communicar o pedido ao sr. ministro do fomento, para que seja deferido como fôr de justiça.

As gréves academicas

Sessão publica promovida pela Federação Academica

Da Federação Academica recebemos a seguinte nota officiosa:

A Federação Academica de Lisboa faz saber:

1.º—Que tem sido impossivel publicar a nota officiosa nos jornaes da noite attendendo ao facto de se terem sempre prolongado até muito tarde as reuniões da assembleia geral;

2.º—Que não se poude enviar a mesma nota para os jornaes da manhã de hoje pelo mesmo motivo;

3.º—Que ella não tem sido enviada ao jornal «O Seculo» em virtude d'um conflicto havido no anno findo por occasião de um sarau que a Federação pretendeu realisar no theatro de S. Carlos;

4.º—Que a direcção teve hontem uma demorada conferencia com os srs. presidente do ministerio e ministro da instrucção;

5.º—Que, ao contrario do que se suppoz pelo pedido feito, n'uma das primeiras notas, aos estudantes das escolas superiores para que se abstivessem de usar capa e batina, a Federação não é de fórma nenhuma contraria ao seu uso, pois ainda no anno findo se pronunciou a favor d'elle; e que, se fez tal pedido, foi apenas levada pela impossibilidade de todos os estudantes a usarem, e para evitar que elementos extranhos á Academia, usando-a, pudessem fazer com que a ella fossem attribuidos actos por ella não praticados;

6.º—Que hoje, no rapido da tarde, partiram dois membros da direcção para Coimbra com o fim de tratarem com a academia d'essa cidade da sua questão;

7.º—Que a direcção teve hontem larga conferencia com o sr. dr. Luciano Pereira da Silva;

8.º—Que ámanhã chegarão no rapido da tarde os membos da direcção que foram hoje para Coimbra;

9.º—Que a Federação convida todos os estudantes das escolas superiores de Lisboa a irem recebel-os e dirigirem-se depois á sessão publica da assembleia geral da Federação Academica de Lisboa que se realisará em local e a hora que serão préviamente annunciados, e em que se tratarão assumptos da maior importancia e do maximo interesse para toda a Academia do paiz.

A sessão a que a nota officiosa se refere realisar-se-ha ás 15 horas no theatro Avenida.

Sport

Desafio de foot-ball—No campo de Sete Rios realisou-se hoje o 1.º desafio de *football* entre o «team» do Fortuna Club de Vigo e o «team» do Sport Lisboa e Bemfica, ficando aquelle vencedor por 2 *goals* a 0.

A'manhã realisa-se o 2.º desafio.

Tribunaes

Boa-Hora

No 1.º districto criminal, sob a presidencia do sr. dr. Alves Ferreira e estando o ministerio publico representado pelo sr. dr. Horta e Costa e a defeza a cargo do sr. dr. Lomelino de Freitas, respondeu hoje José Rodrigues da Costa Carvalho, «O Carvalhinho», de 21 annos, casado, natural de Moura, com uma condemnação, accusado de passar moeda falsa por varias terras do Alemtejo, e na cidade da Figueira da Foz, onde foi preso e de onde fugiu da cadeia por meio de arrombamento. Interrogado, negou o primeiro crime, mas confessou a fuga. Foi condemnado n'um anno de prisão correcional e a ser entregue ao governo finda a pena.

No 2.º districto responderam Virgilio Vieira, solteiro, florista, de 22 annos, de Lisboa, e Antonio da Costa ou José da Costa, o «Antonio da Constança», solteiro, de 20 annos, do Bombarral. Presidiu á audiencia o sr. dr. Gomes Almendra, sendo representante do ministerio publico o sr. dr. Macedo Santos, filho, e a defeza a cargo do sr. dr. Ribeiro Coelho. Os réus eram accusados de no dia 20 de julho entrarem por meio de chave falsa no estabelecimento do sr. Balbino Ribeiro, nas Terras de Belem, d'onde furtaram artigos no valor de 120 escudos. Negaram o crime. Foram absolvidos.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Reclamações operarias

Tendo os operarios da Companhia das Aguas resolvido na ultima assembleia geral que a classe se declarasse em gréve caso as suas reclamações não sejam attendidas, o sr. governador civil notificou á Associação que seria tomada como responsavel nos termos da legislação em vigor e sob pena de desobediencia qualificada e de dissolução, caso haja logar a ella, se a gréve se declarar sem aviso previo com os 12 dias estipulados por lei. Communicou tambem que mandaria proceder criminalmente se houvesse actos de «sabotage».

O concerto Blanch de amanhã

Marie Judice da Costa no «Lohengrin»

E' um assombro o concerto da Orchestra Simphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch que amanhã se realisa no theatro Republica.

Toma parte a distincta cantora Maria Judice da Costa que alem da «Morte de Isolda», cantará a famosa pagina do «Lohengrin», o «Sonho e a Preghiera de Elsa».

A orchestra executa pela ultima vez algumas das mais notaveis composições que tão grande successo alcançaram no no festival wagneriano e outros novas. O programma é o seguinte:

1.ª parte—I «Tannhauser», ouverture, Wagner; II «Parsifal», preludio, Wagner; III «Preludio e morte de Isolda», Wagner, por Maria Judice da Costa e orchestra.

2.ª parte—IV «Tannhauser», bacchanal, Wagner; V «Siegfried», Murmurios da floresta; VI «Lohengrin», Sonho e Preghiera de Elsa (1.º acto), Wagner, por Maria Judice da Costa e orchestra.

3.ª parte. VII—«Marcha funebre e morte de Siegfried», Wagner; VIII «A Walkiria», cavalgada das Walkirias. Wagner.

O Porto n'"A Capital"

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Hespanhol preso.

Na casa onde foram apprehendidos cabedaes no valor de 2.000$ roubados á firma Santos & Nascimento, foi preso o hespanhol Julio Seixas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	36 5/8	36 3/8
Londres, 90 d/v.	37 1/8	—
Paris, cheque	$70	$70,7
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$58	$59
Madrid, cheque	1$30	1$31,5
Suissa, cheque	—	—
Italia, cheque	—	—
New York	1$37	1$38,[illegible]
Rio s/Londres	11 21/32	—
Libras	6$70	6$80
Agio do ouro	40 %	48 %

Folhetim d'A CAPITAL 26-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

Do roubo á morte

Tall, aquelle apache que Wilkerson puzera na peugada de Dore, não perde, nem por um instante, de vista o engenheiro da «Chave Mestra». Na grande feira universal, segue-os de perto, espiona-os por toda a parte, espreita-os assiduamente quando elles, no pavilhão chinez tomam chá e arrulham, encantados, o seu amor. Depois, no hotel, não os abandona um instante, submettendo á sua vigilancia, muito principalmente, a confiada e ingenua filha de Gallon. Os documentos que ella tinha em seu poder interessavam-n'o cada vez mais. Wilkerson não dissimulava já a sua impaciencia.

—Vê se te avias!—dizia-lhe o bandido, quando elle ia dar-lhe conta do resultado das suas diligencias. O tempo urge e podemos, d'um momento para o outro, ser «marcados» pela policia.

—A «coisa» não é tão facil como julgas. A pequena precavem-se extraordinariamente e até agora ainda não pude, na sua ausencia, penetrar-lhe no quarto.

—Não sei. Tens obrigação de andar depressa e andarás. Estou farto de esperar. Nada de hesitações...

—Hoje á noite tentarei o derradeiro golpe. Hei de vêr se não falha.

Um forte e prolongado aperto de mão sellou esta promessa de Tall. Estaria elle, realmente, disposto a cumpril-a?

E a mina? O que se passaria n'esse longinquo valle silencioso, onde um rancho de mineiros, dirigido por um opiomano, continua luctando, trabalhando e soffrendo para encontrar o filão aurifero que Thomaz Gallon julgára ter descoberto? A situação não podia ser peor. Os operarios viam-se a braços com a miseria mais negra e mais insupportavel. O substituto de Wilkerson, typo repelente de fumador d'opio, não lhe ficava atraz em crueldade. Era um desapiedado e um mau. Quando os operarios lhe pediam dinheiro ou provisões, insultava-os ou batia-lhes. A desordem na mina era enorme e a hora em que uma revolta estalaria vinha tão perto, que Tom, o velho e fiel cosinheiro de Gallon, não teve remedio senão intervir. O substituto de Wilkerson foi apeado do seu logar, e Tom, para fazer serenar os animos, prometteu ir a S. Francisco informar Dore e Rosa do que havia, e pedir-lhes que voltassem á «Chave Mestra», para que os negocios da mina voltassem a correr prosperos como d'antes. E assim fez.

A' sua chegada a S. Francisco, tinha Dore a esperal-o na estação. Os dois homens abraçam-se com indiscriptivel effusão.

—Estás optimo!—exclamou Dore, ao apertar nos braços o fiel servo de sempre.

—Como o senhor! E a menina Rosinha?

—Sem novidade. Espera-nos no hotel. Vamos vêl-a. E como vae a mina?

—Mal, muito mal mesmo. Ha por lá muita miseria.

Temos de pensar n'ella!

—E quanto antes! Quando volta para lá? E' absolutamente preciso que o faça quanto antes.

—Ainda não regularisei os nossos negocios. O bandido de Wilkerson não nos larga. Já conseguiu apoderar-se de Rosa. Teve-a em sequestro por uns poucos de dias e tel-a-hia deixado morrer á fome se o destino não me indicasse o seu refugio para a libertar.

Entretanto, o auto que conduzia os dois amigos chegava ao Hotel Mons, onde Tom ia tambem ficar hospedado. N'essa noite, para fazer surpreza ao cozinheiro, Dore quiz leval-o ao theatro, com Rosinha. Tratou, por isso, de o fazer adquirir tudo quanto é preciso a um «dandy» para tomar parte em solemnidades nocturnas. Tom veste-se de casaca com um enorme prazer e deixa-se ficar, depois de jantar, no hall do hotel á espera de Rosinha e de Dore. Ella está ainda no seu quarto procedendo á sua «toilette» complicada e demorada. Antes, porém, de descer, pega no maço de documentos da mina, mira-os demoradamente e esconde-os debaixo do travesseiro. Depois, abre a porta, torna a fechal-a, e abala como uma avesita que solta o vôo, n'uma manhã clara de junho, a caminho do sol que aquece e que acaricia...

Tall, entretanto, procurava cumprir a promessa que fizera a Wilkerson. Dissera-lhe que tencionava apoderar-se, n'aquella noite, dos documentos, e empregava todos os esforços para isso. Do seu esconderijo, não lhe escapava nem um dos movimentos de Rosa no seu quarto. Viu-a tirar d'uma gaveta um maço de papeis e escondel-os sob o travesseiro; viu-a lançar pelos hombros magros uma preciosa capa de damasco e viu-a, por fim, partir, com o coração nas mãos, a fim de ir passar no theatro algumas horas de inolvidavel encontro.

Ia, emfim, operar. O ensejo não podia ser melhor nem mais propicio. Aproveital-o-hia. E assim, servindo-se d'uma prancha de madeira de que préviamente se munira, estabelece uma especie de ponte entre a janella do seu quarto e a de Rosa, e tenta a aventura. Penetra, sem difficuldades, no quarto da pobre rapariga, dirige-se anciosamente para o sitio onde estavam os papeis e apodera-se d'elles.

N'esse instante, porém, alguem pretende abrir a porta. Quem será? Tall fica, por um instante, indeciso. Não, é preciso não se deixar cahir na ratoeira. E com um salto rapido, o bandido consegue occultar-se atraz d'umas cortinas. A Rosa, que acabava de entrar, em busca d'um annel esquecido, não passára despercebido um ruido estranho de que o quarto estava cheio quando entrou. A cama estava tambem revolvida. Os documentos haviam desapparecido. O que se passára? Não lhe custou a comprehendel-o. Wilkerson não abandonára a partida e vinha jogar-lhe um golpe mortal.

O telephone estava a dois passos. Precipitou-se para elle. Pretendeu pedir soccorro e estabeleceu a communicação. Tall, porém, não a deixa falar, imprecando-a, invectivando-a, insultando-a. Em baixo, a telephonista ouve tudo e communica-o a Dore e aos seus companheiros. E d'ahi a pouco o quarto de Rosa era invadido pelo engenheiro, por Tom e pela policia, chamada á pressa, precipitando-se todos para o sitio onde Tall estivera occulto.

Rapido como um relampago, o facinora precipita-se para a escada de serviço do hotel e trepa até ao telhado. Dore, audaz como é, imita-o, principiando d'ahi a pouco, lá em cima, na cupula do palacio uma lucta feroz em que não se sabe quem levará a melhor e da qual, alternadamente, estão para ser victimas, por mais d'uma vez, ambos os contendores. A certa altura, porém, Tall é subjugado e debruçado á força sobre um muro que se corta a pique sobre a rua. Tom n'esse instante, apparece por sua vez no telhado. Bom atirador como é, puxa do revolver e dispára. Tall desprende-se dos braços de Dore e cae, morto, da altura d'uns poucos d'andares.

A policia que assiste a este drama, desenrolado n'um palco tão estranho e tão imprevisto, prende Dore e condul-o para a cadeia. Entretanto, Rosa e Tom, para matarem o tempo e seguros de que Dore voltará dentro em pouco, conversam da mina.

—Corre tudo excellentemente, diz Tom. E' certo que se teem dado alguns incidentes pouco agradaveis. Mas isso é vulgar em emprezas d'essa natureza. A mina produz cada vez mais e não tardará que se dê com o filão que ha de tornal-a millionaria.

Rosa exultava de contente, mal calculando que, para a não desgostar, Tom lhe occultava toda a verdade...

(Continua)

No «coran» do OLYMPIA

SPORT

Murros... que adormecem instantaneamente
(Cartas a um velho amigo)

Os socos com luvas «adormecem» com mais facilidade que os socos a punhos nus

Cesar—Perguntam-me se o «equilibrio nervoso» tem influencia na educação phisica do homem adulto. Tem e tanta como no adolescente. Hei de proval-o. A pergunta, porém, vem acompanhada de outra: se os effeitos «inhibitorios» se produzem da mesma maneira? Evidentemente que sim. O murro que adormece um rapaz de 20 annos adormece semelhantemente um homem de 40.

Tu sabes bem, tanto como eu, que o «knock-out» dos jogadores de socco tem exemplos para todas as edades. Fitzsimmons, já depois dos 47 annos apanhou um murro que o atirou para o «paiz dos sonhos», deixando-o sem sentidos, mais de 12 minutos!

Quando Raku esteve em Lisboa, «estonteou» por alguns segundos um homem das bandas de Algés que tinha mais de 50 annos!

Houve um phisiologista, porém, cujo nome não recordo n'este momento, que deu uma bizarra explicação ao facto dos murros «adormecerem» maior numero de pessoas novas e saudaveis que homens de edade! Dizia elle que os homens adultos teem mais ou menos dores e estas «excitando» com frequencia o systema nervoso o «vacinam» para os effeitos do «knock-out».

Será assim? Não sei ainda porque não estudei sufficientemente o facto. Verdade é que certos medicos que teem analysado os phenomenos passados nos «rings de box» affirmam que ha menos «knock-out» nos combates a punhos nus que nos combates com luvas! O medico Pagés publicou a sua convicção de que o «knock-out» produzido pelo abalo do cerebro em seguida a um socco, rapido, e «secco», sobre o queixo, se não daria se no mesmo instante se tivesse produzido uma dor viva»!...

Seja como fôr, o certo é que para os homens da lucta, do «box», dos exercicios athleticos de certa violencia, fortificarem a sua inervação voluntaria, são precisas impressões mais fortes. A's vezes são impressões mais vindas d'um estado suggestivo. Sandow fez-se forte—diz elle—porque quiz ser forte! O ex-presidente da republica americana Roosevelt tornou-se d'um fraco um forte, porque «quiz ser mais energico que o mais forte campeão da sua Universidade»!

Aqui cabe dizer que, nos casos extremos, se pode augmentar a influencia do cerebro por uma sensação gostativa forte. Ha quem aconselhe a maçagem, a flagelação, a torsão, a picada!

Parece que são sufficientes estes casos apontados e estas theorias de medicos e de phisiologistas para elucidar a pergunta que me fazem.—*I. P.*

Ainda a questão do «foot-ball»

Continua o mutismo da Associação de Foot-ball!...

Quaes serão os motivos que levaram os «clubofobos» a suspender por 5 mezes o Sporting, o Imperio e o Internacional? Ignoramos.

Dizem-nos pessoas amigas, que visitam frequentemente a nossa redacção e que conhecem a vida associativa dos clubs e da federação de «foot-ball» que houve, na verdade, motivos para castigar, desde que se admitte—e n'isso ha precisão—que a Associação tenha auctoridade e prestigio.

O' senhores, mas quem discute o facto? Ninguem. Se houve motivos para castigar, que castigue... O que não se admitte—e não nos calamos sem ver resolução differente—é que se penalise com 5 mezes, que, na epoca actual, no fim do mez de fevereiro, equivale a matar os clubs castigados. Não ha motivos para tal nem razões que nos convençam de que se tem em vista dissolver os clubs...

Outro amigo, segreda-nos que os antigos «foot-ballistas», os da «velha guarda» vão intervir. Ainda bem... E que o façam o mais rapidamente possivel, de maneira que a Associação fique com toda a auctoridade e todo o prestigio, já curada da «clubofobia» e que os clubs, com a lição, aprendam a comportar-se differentemente do que teem feito até hoje...

Um desafio de «box» em Madrid

Hoje á noite realisa-se em Madrid um combate de socco que está despertando interesse. Batem-se em 12 «rounds», os conhecidos profissionaes Frank Crozier e Kid Johnson.

Para o nosso meio sportivo o interesse pelo resultado d'este «match» é maior porque se diz—e o facto é verdadeiro—que o americano Blink Mac Closkey, actualmente professor do Gymnasio Club portuguez enviou um telegramma a um amigo de Madrid para que, logo á noite, faça a surpreza de desafiar, em seu nome, o vencedor do combate.

E ha «sportsmen» que estão dispostos a ir a Madrid se o desafio fôr levantado.

O Fortuna de Vigo em Lisboa

A'manhã, o poderoso grupo de «foot-ball» do «Fortuna de Vigo», campeão da Galliza desde 1914, um dos finalistas este anno no campeonato de Hespanha, bate-se pela ultima vez com o nosso popular Sport Lisboa e Bemfica.

E' este «match» a desforra do de hoje, com prognosticos muito «apertados». Os de Vigo estão convencidos de que ganham porque já conhecem o jogo do Bemfica. Estes affirmam-se seguros vencedores porque já teem a «pedra de toque» do que valem os «players» do Real Club Fortuna.

Este grande desafio, que é o mais interessante d'este anno, porque o «Fortuna» é mais forte que o Montriond e muito mais que o Racing, está marcado para as 16 horas, mas será precedido de outros desafios de interesse, entre elles um de primeiras cathegorias.

Uma carta do mestre d'armas Carlos Gonçalves

Do notavel mestre d'armas Carlos Gonçalves, recebemos a seguinte carta, cuja publicidade nos pede:

Sr. redactor—Mostraram-me hoje uma entrevista com o professor de esgrima sr. A. Magalhães.

A proposito d'uma ida ao Porto s. ex.ª evolucionou sobre os seus feitos como esgrimista lembrando entre outros, um assalto que teve com o professor italiano Merlini quando da vinda d'este para Portugal e de que s. ex.ª ficou vencedor.

Nada teria a dizer sobre o assumpto se o sr. Magalhães a certa altura não informasse que o professor Merlini tinha atirado no Centro Nacional de Esgrima e na sala d'armas Franco-Italiana e que «só n'esta tinha encontrado séria resistencia».

A titulo de informação e por a isso me ver obrigado por uma questão de brio proprio e patriotico, pois se põe em confronto duas salas d'armas, uma portugueza, Centro Nacional de Esgrima, de que era um dos professores, outra estrangeira, a sala Franco-Italiana, de que fazia parte o sr. Magalhães, eu envio o resultado do meu assalto ao florete com o professor Merlini. Por 12 toques dados recebi um no braço esquerdo!

Não é meu intuito ao dar esta informação desmerecer do valor do professor Merlini aliaz um explendido atirador e magnifico professor, pois que o mesmo seria querer desmerecer do valor e merito do meu illustre collega Magalhães a quem, apezar do mesmo já lhe termos visto succeder em publico, não podemos deixar de reconhecer um magnifico professor e não menos esplendido atirador. Queira dispôr sempre do—*Carlos Gonçalves.*

Notas do dia

Um grupo de esgrimistas

Os alumnos do professor Magalhães resolveram constituir um grupo independente, seguindo com a propaganda da nobre arte das armas e aproveitando uma sede propria. E' uma iniciativa louvavel. O grupo já constituiu os seus corpos dirigentes, que tem por presidente o sr. Albino Caldas, thesoureiro o sr. Manuel Caraça e secretario o sr. Mouton Osorio. Os mesmos senhores convidaram o seu antigo mestre a ser o director technico do grupo.

D'este tambem fazem parte os srs. Marciano Beirão, Henrique Kolm, Fernando Kolm, Anastacio Barbosa, Albano dos Prazeres, F. Pires, B. Machado, Miguel Abreu e A. Teigeira.

Algumas anecdotas

Troca de palavras

Authentica.

—O sr. Vieira, o que quer dizer «clubofobo»?

—Que tem aversão aos clubs...

—E' antropofago?

—Isso parece, que é homem que come homens...

—Então elles teem estomago para comer os clubs...?

Os grandes records

De remo nas regatas de Henley

Entre as grandes corridas de remo ha uma que se tornou classica, a da «Grand Challenge Cup», que foi instituida nas provas de Henley no anno de 1839 e que é disputada em 1 milha 550 jardas...

Ora n'essa regata em barcos de 8 remos, os melhores «records» são: Leander Club em 1891, New Colege Oxford em 1897 e Leander Club em 1913, no tempo de 6 minutos e 51 segundos.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Tiro aos pombos

E' interessante o programma da poule de tiro aos pombos de amanhã, que se pode considerar um ensaio geral da grande sessão dos proximos dias 11 e 12 de março proximo para a disputa da «Taça Lisboa». Esta Taça que é disputada inter-clubs promette como nas sessões dos annos anteriores ser fartamente concorrida, não só dos atiradores lisbonenses, que concorrem em grande numero, como muito principalmente por atiradores portuenses que costumam concorrer tambem em grande numero e, o que ainda é mais, com a elite dos melhores.

O programma da sessão de ámanhã, além de varias poules com distancia fixa e de «handicap», conterá a poule mensal, cujos premios são constituidos por 40$00 para o 1.º classificado, 20$00 para o 2.º e 10$00 para o 3.º, alem d'uma artistica medalha de prata, offerta do sr. Conde de Almeida Araujo.

Festas de patinagem

Realisa-se amanhã ás 15 horas, no vastissimo rink dos Desportos do Bemfica um torneio cuja parte principal cabe á patinagem. O programma é o seguinte: Desfile dos concorrentes; corrida de velocidade em patins (homens); corrida de obstaculos em patins (senhoras); corrida negativa em bycicleta; saltos em patins, por Rogerio Futscher; intervallo; corrida de obstaculos em patins (comica) corrida de obstaculos em bicycleta; lucta de tracção em patins; jogo da rosa em patins (senhoras) grande tourada (comico).

—No conhecido rink da Escola de Educação Pyhisica ha amanhã á noite a habitual reunião elegante de patinagem. De dia está o rink patente.

—A Amadora annuncia as suas sessões que dispensam commentario. Amanhã realisam-se, o que equivale a dizer que serão as mais frequentadas.

Associação de Foot-Ball de Lisboa

(Communicações officiaes)—Na sua reunião de 24 a direcção da Associação resolveu, entre outros assumptos:

Castigar com 5 mezes de suspensão o Club Internacional de Foot-Ball, em virtude de n'um officio, datado de 22 do corrente, ter incorrido nas mesmas faltas do Sporting e Imperio, já anteriormente castigados.

Não realisar desafios do campeonato escolar no proximo domingo, attendendo a se realisar a festa da arvore, á qual concorre grande numero de elementos que teriam de jogar.

Castigar com reprehensão o grupo da Escola Industrial Ferreira Borges, por ter jogado um desafio com um jogador que não tinha requerido passagem de cathegoria.

Jogadores inscriptos durante a semana: Na 3.ª cathegoria escolar: Pelo Calipolense: José Simões e Luiz Aguiar. Pela Escola Ferreira Borges: Ezequiel d'Almeida. Na 4.ª cathegoria: Pelo C. Quebrada: Henrique Ferreira.

Gymnasio Club Portuguez

Realisa-se ámanhã, 27, em «matinée», a primeira festa de Carnaval d'este Club. O programma da festa que é dedicado ás creanças, é desempenhado pelos alumnos das classes infantis e ensaiado pelo distincto mestre Arthur dos Santos, havendo numeros de muita graça. Ao sarau seguir-se-ha um baile «masquée» esperando-se grande numero de pequenos mascarados. Os socios têem ingresso nas salas do Club mediante a apresentação da quota de janeiro.

Uma festa no Club Simões Carneiro

E' hoje que no «Club Simões Carneiro» pelas 21 horas 30, se realisa a festa sportiva com o programma seguinte: 1.ª Parte—1.º Symphonia pelo sextetto; 2.º Malabares pelo sr. Oscar Del Negro; 3.º Argolas pelo sr. Alfredo Guimarães e Izidro d'Almeida; 4.º Boxe pelo sr. José da Silva Ruivo (campeão de Portugal 1915-16 dos leves) e Arthur Alves (campeão de Portugal 1915-16 dos levissimos); 5.º Assalto d'espada pelos srs. Manuel Caraça e N. N.; 6.º Barra fixa pelos srs. João da Costa, Eu e Fabião Ferreira. II Parte—1.º Symphonia pelo sextetto; 2.º Arame oscilante pelo sr. Luiz Gaudencio Alves, 3.º Assalto d'espada pelo sr. Augusto Teixeira e A. B.; 4.º Acrobatas de força pelo sr. João Henriques d'Oliveira e Viriato Rosa; 5.º Assalto d'espada pelo sr. L. Pereira e C. M.; 6.º Forças combinadas pelo sr. Batalha e Del Negro; 7.º Demonstração d'esgrima pelo sr. José d'Amorim (esgrimista portuguez) e professor Magalhães; 8.º Symphonia pelo sextetto e baile. Esta festa é para inauguração official das classes de gymnastica e esgrima no «C. Simão Carneiro» do professor Magalhães.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

Esta noite mais uma recita do soprano ligeiro Maria Galvany, uma das mais festejadas artistas lyricas que teem visitado Lisboa. Canta-se a «Somnambula», em que ella interpreta a dificil parte de «Amina», em que é magistral.

Vamos ouvir ámanhã em ultima e definitiva representação a celebre opera de Mascagni «Cavalleria Rusticana», interpretando obsequiosamente a parte de «Santuzza» a sr.ª D. Maria de Sousa Couto, que ante-hontem affirmou as suas notaveis qualidades. Só as instancias de madame Mantelli e os reiterados pedidos de varias pessoas, levaram a sr.ª D. Maria Couto a deliciar-nos de novo com a sua linda voz.

Os 3.º e 4.º actos da «Favorita» completarão o espectaculo, desempenhando pela primeira a parte do «D. Balthazar» o baixo Massia.

Na segunda-feira, em recita da moda, estreia-se em Portugal a opera «Fanciulla del West», de Puccini.

Interesses regionaes

A ligação dos comboios do Valle do Vouga com os da Companhia Portugueza

Faz hoje precisamente um anno que uma numerosa commissão de habitantes das diversas freguezias dos concelhos de Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azemeis e Macieira de Cambra, veiu a Lisboa pedir ao ministro do fomento que fossem attendidas as representações das juntas de parochia d'aquellas regiões, em que se pediam a ligação dos comboios da linha do Valle do Vouga com os da Companhia Portugueza em Aveiro, a modificação das tarifas da mesma linha, o estabelecimento da tarifa especial para despacho de pequenos volumes, e do serviço de despachos no apeadeiro Travanca-Macinhata e a conclusão dos estudos da estrada d'esse apeadeiro aos Salgueiros d'Ossela.

D'essas reclamações, algumas foram já attendidas, como seja o estabelecimento da tarifa para pequenos volumes e a conclusão dos estudos da estrada. Mas a mais importante, talvez, a ligação dos comboios, essa ainda se não fez. Pede-nos por isso o incançavel propugnador dos melhoramentos d'aquella região, o sr. Tavares Valente, que lembremos ao sr. engenheiro Antonio Maria da Silva a conveniencia de influir para que essa ligação se faça, assim como a dos despachos em Travanca, embora n'uma barraca, pois que tal medida iria beneficiar em extremo os industriaes das fabricas do Caima, Ossela e Valle do Cambra.

A Liga Republicana das Mulheres Portuguezas commemora ámanhã, com uma sessão solemne, o seu anniversario

A Liga Republicana das Mulheres Portuguezas que antes e depois de implantado o novo regimen, tantos e valiosos serviços tem prestado á propaganda do partido republicano, commemora ámanhã o seu anniversario com uma sessão solemne. Farão uso da palavra, entre outros oradores, o sr. José Augusto Prestes, o prestigiado vulto republicano que tão alto procurou sempre levantar o nome de Portugal em terras do Brazil, onde viveu durante muitos annos, a illustre escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio, etc.

A sessão principiará ás 21 horas, realisando-se na sala do Athenéu Commercial.

A sr.ª D. Antonia Bermudes, actual presidente da Liga, está empenhando os seus intelligentes esforços para que esta commemoração seja revestida de grande brilho e solemnidade.

Dentaduras completas (aperfeiçoadas) desde	25$000
Dentaduras completas de ouro de lei desde	80$000
Obturações (chumbagens) desde	1$000
Aurificações (obturações em ouro) desde	3$000
Dentes artificiaes em placa desde	1$500
Extracção de dentes e raizes SEM DOR (anesthesia local)	$500
Extracção de dentes e raizes com anesthesia geral desde	4$000
Limpeza completa de dentes desde	1$000
Dentes a pivot (fixos) desde	3$500
Corôas em ouro desde	4$000
Dentes em placa de ouro de lei desde	3$000

d'um problema comparavel ao que foi apresentado pela Grande Guerra. Na guerra franco-prussiana, quando corpos d'exercito e exercitos foram obrigados a render-se, cêrca de 400.000 francezes ficaram a cargo dos prussianos.

Ao cabo de cinco mezes da actual guerra, o quartel general allemão dizia ter feito prisioneiros 8.120 officiaes e 577.475 homens, assim divididos: francezes, 3.450 officiaes, 215.505 homens; russos, 3.557 e 306.294; belgas, 612 e 36.852; inglezes, 492 e 18.824.

Vice-almirante inglez Bacon, que cooperou com as forças de terra, bombardeando a costa da Belgica

Em agosto de 1915, um anno depois de ter sido declarada a guerra, os austro-allemães diziam ter feito 2.000.000 de prisioneiros, dos quaes 300.000 eram inglezes, francezes e belgas, sendo os restantes russos. Sem acceitarmos esses numeros como exactos, o numero de prisioneiros russos era enorme, tendo sido a maioria feita no grande avanço austro-allemão na Galicia.

E' evidente que um exercito em retirada, com as estradas tomadas não só por carros de transporte e pela artilharia, mas pelos fugitivos civis e militares, perde uma grande parte dos seus feridos. O parar, mesmo pela mais simples causa, por cansaço, por uma ferida ou para dormir, tem como resultado a captura. Mas mesmo exceptuando as perdas d'uma prolongada retirada, a natureza do terreno do theatro da guerra na fronte oriental era favoravel á captura de prisioneiros. Os relatorios officiaes dos prisioneiros austro-allemães na Russia em maio de 1915 davam como capturados, n'essa occasião, 600.000, ao passo que em outubro esse numero subia a 1.100.000.

O numero official de prisioneiros inglezes na Allemanha estava, em dezembro de 1915, em 33.000, grande parte dos quaes haviam sido feitos durante a retirada de Mons. O numero de prisioneiros navaes e militares internados na Inglaterra no mesmo mez era de 13.476.

Sejam ou não verdadeiros estes numeros, cuja veracidade se não póde verificar, póde dizer-se, sem receio de errar, que no fim de 1915 nada menos de dois milhões e quinhentos mil homens estavam comendo o pão do captiveiro.

No modo de fazer a guerra allemão, incluia-se a ideia de que um calculado terror podia alcançar victorias que as armas não pudessem obter. Era sem duvida por esse motivo que ordens eram dadas de quando em quando para que se não fizessem prisioneiros e que todos os soldados, feridos ou não, que cahissem nas mãos dos allemães fossem fuzilados. E' provavel, comtudo, que esse «terror» fôsse apenas applicado ás tropas em campanha.

Tomando em conta o caracter calculador do teutão, é de suppôr que o aspero tratamento dos prisioneiros depois de removidos do campo de batalha possa fazer parte d'um plano e contra a civilisação, não no e contra a civilisação, mas não era de caracter a quebrar o moral das tropas inimigas ou a aterrorisar a população civil.

E' certo que o allemão é brutal para com os seus prisioneiros, de qualquer raça que sejam. E que essa brutalidade tem sido especialmente dirigida contra o soldado inglez está egualmente provado. Os innumeraveis casos em que o alle-

do rio Mesta ao rio Maritza, devido ao massiço de montanhas ao norte e ao sul, as communicações de leste para oeste eram muito difficeis.

Os numeros dirão melhor do que as palavras o que foi esse movimento. Assim, nos cinco primeiros mezes de guerra, o caminho de ferro Londres South Western forneceu quasi 15.000 comboios especiaes para o trafego naval e militar. A posição estrategica das linhas d'essa companhia, o facto do porto de Southampton e o de muitos acampamentos militares terem sido estabelecidos na area servida por essa linha concorreram para esse grande trafego.

Outras linhas ferreas tambem forneceram muitos milhares de comboios especiaes durante o mesmo periodo. Na pequena linha ferrea da companhia de Brighton 4.400 comboios circularam e até o caminho de ferro Metropolitano viu passar nas suas linhas durante esses cinco mezes 2.750 comboios com tropas.

Na linha Londres South Western havia ainda a accrescentar 100 comboios especiaes em cada vinte e quatro horas para o trafego habitual. O facto de tal coisa ser possivel e de cada comboio chegar a seu destino á hora marcada e muitas vezes mesmo antes d'essa hora era motivo para o comité executivo se sentir orgulhoso.

Na rêde ferroviaria do Great Western durante os primeiros sete mezes de guerra nada menos de 6.681 comboios especiaes militares circularam, além do grande numero de comboios de trafego habitual. O caminho de ferro Great Eastern durante o mesmo periodo forneceu para cima de 3.000 comboios para conduzir forças navaes e de terra, representando isso um excesso de trabalho diario deveras notavel. A companhia tambem transformou o seu hotel em Harwich, que havia sido reaberto pouco antes da guerra, em hospital militar.

O caminho de ferro Great Northern poz em circulação nas suas linhas um elevado numero de comboios e o seu trafego para as docas de Londres contava com um numero de vagons como até então nunca houvera exemplo

A accrescentar a isto, citemos ainda o enorme movimento no caminho de ferro de Lancashire e Yorkshire, onde o trafego augmentou enormemente, principalmente devido ao commercio do algodão no Lancashire de Leste.

Isto, falando apenas na questão de transportes. Mas devemos lembrar-nos que a obra a fazer era immensa: reconstruir pontes, reparar vias destruidas, dar passagem a ambulancias, provêr ás necessidades das populações civis, emfim a muitas outras coisas se tinha de attender.

Na Inglaterra, na França, na Austria, na Russia, na Italia, os caminhos de ferro, além do problema dos transportes, que era o seu primeiro dever, foram mobilisados para auxiliar a prosecução da guerra. A construcção de comboios blindados, para empregar nas linhas que ficavam na zona de guerra, foi uma parte importante d'essa obra e em muitas occasiões magnificos serviços foram prestados por essas fortalezas moveis, tanto no ataque como na defeza.

Vehiculos especiaes para o transporte de armamento foram construidos em cada caminho de ferro nos paizes belligerantes. Na Inglaterra, vagons para transportar canhões pezados de pezo superior a 130 toneladas foram construidos para as linhas ferreas do arsenal de Woolwich e outros para as regiões de Sheffield e Manchester, tendo muitos outros vagons passado pelas linhas ferreas britannicas. Um caminho de ferro inglez—o Great Eastern—reconhecendo a difficuldade de alimentar as tropas quando em viagem de comboio ou quando em marcha, fez os planos d'um comboio especial que de quatro em quatro horas fornecia uma refeição quente a 2.000 homens.

Os caminhos de ferro allemães, que teem dado muitos exemplos, dotaram comboios especiaes com tinas onde os homens que retiravam da linha de fogo para irem descançar se podiam banhar. Esses comboios compunham-se d'uma locomotiva, tender, um vagon reservatorio de agua, tres vagons para banhos quen-

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Um serão nas Laranjeiras.
REPUBLICA — A's 15 — Concerto — A's 21 — A malquinha de Arroyos — A's 24 — Baile de mascaras.
TRINDADE — A's 14 — Matinée — A's 21 — O dia de juizo.
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO — A's 21 — O Senhor Roubado.
EDEN — A's 21 — O diabo a quatro — A's 24 — Baile de mascaras.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Cavaleria rusticana — 3.º e 4.º actos da Favorita.

Agenda da semana

HOJE — Republica — 4.ª recita de assignatura — Primeira representação da comedia em trez actos *A malquinha de Arroyos*, original de André Brun.

Noticias

Entre nós

E' hoje que se realisa, após o espectaculo, pela meia hora da manhã, o baile carnavalesco a favor da prestimosa instituição Caixa de Soccorro do Theatro da Trindade. Além da sensacional «kermesse», para a qual concorreram diversos commerciantes, artistas e particulares, haverá diversas surprezas taes como uma espirituosa cégada, côros regionaes, monologos e uma conferencia alusiva ao acto.

Todo o pessoal socio da Caixa está muito grato para com o seu emprezario sr. Affonso Taveira, presidente honorario da mesma Caixa, pelas gentilezas que tem dispensado para que o baile corra com todo o brilhantismo, attendendo ao fim benemerito e altruista a que se destina.

— Na peça brazileira em 3 actos «O dote», original de Arthur de Azevedo, que amanhã se estreia em «matinée», dedicada ao ex-actor Cesar Marques, se representa no theatro da Trindade, desempenha por deferencia o principal papel o actor Antonio Gomes. Representar-se-ha tambem o episodio dramatico «Amanhã», um dos melhores trabalhos do actor Luciano de Castro, que gentilmente se presta a desempenhal-o, bem como o actor Ribeiro Lopes e a actriz Laura Santos.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS — Olympia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite; Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES — Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Em favor dos feridos da guerra

CAXIAS, 20. — A commissão promotora do espectaculo que se realisa no dia 23 em Paço de Arcos, no Cine Theatro, gentilmente cedido pelo sr. Filippo Tailor, reuniu hontem elaborando o programma e tomando conhecimento das adhesões que tem recebido. Entre ellas conta-se a do administrador do Oeiras.

O programma é o seguinte:

Primeira parte — Hymno Nacional, pela orchestra — banda da Academia Instrucção Musical Oeirense; «O Creado Distrahido», comedia em 1 acto, desempenhada pelo gracioso Grupo Dramatico de Carcavelos; «A' Bandeira», poesia pela menina Gracinda Galamba; concerto pela banda da Academia Instrucção Musical Oeirense, que executará a phantasia da zarzuela, «Alegria de La Huertas; poesia «Patria», pela menina Gracinda Galamba; «O Velho Alsaciano», por J. A. Soares.

Segunda parte — «Canção Nacional», pelo sr. Armando Barata da Silva, acompanhado por um distincto guitarrista; «Petit-Petit», dueto; poesia «Hymno á Patria», pela menina Gracinda Galamba; «Amor e Cartoira», dueto; «Serenata de Amor», dueto; «O Brazileiro», cançoneta pelo sr. M. Magalhães.

Terceira parte — A opereta em 1 acto «O Reino da Bolha»; «A Carabu», dueto, terceto «A Despedida do Soldado», os acompanhamentos serão regidos pelo sr. Antonio de Moura, «Hymnos das Nações Alliadas», pela banda. Abrilhanta o espectaculo o Grupo Musical Os Tres Amigos, composto pelos srs. Gomes Nené, Ayres Peixoto do Amaral e Antonio Rodrigues da Silva, que se farão ouvir durante os intervallos.

Como se sabe, a commissão destina o producto do espectaculo, que é em homenagem ás nações alliadas, para os soldados feridos na guerra.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo de Defeza da Republica — Para discussão e approvação das bases elaboradas pela commissão eleita na sessão preparatoria de 12 do corrente, e em virtude das deliberações tomadas, reunem no dia 20, ás 21 horas, no Gremio Instrucção do Povo, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, os chefes ou representantes dos Grupos de Defeza da Republica, de Lisboa e provincias.

Os delegados a esta assembleia deverão fazer-se acompanhar de credencial passada em nome dos respectivos grupos, podendo as organisações da provincia que não possam enviar representantes, delegar em cidadãos filiados nos agrupamentos de Lisboa, com poderes da substabelecerem.

Tratando-se de um assumpto que visa, principalmente, á defeza, consolidação e progresso da Republica, a commissão espera que todos os grupos se façam representar.

Empregados menores dos correios e telegraphos — Reune amanhã, ás 14 horas e meia, na séde da associação, rua da Magdalena, 91, 2.º, a assembleia magna para a qual são convidados socios e não socios, a fim de se assentar na fórma de pedir ao sr. ministro do fomento um subsidio que melhore a situação do pessoal menor em face da carestia da vida.

A festa da arvore

No Jardim Zoologico

A festa da arvore, que amanhã se realisa no parque das Laranjeiras deve ser das mais brilhantes que ali se tem effectuado.

O sr. general commandante da 1.ª divisão annuiu ao pedido de direcção do Jardim ordenando que no parque toquem 2 bandas regimentaes, uma das 14 ás 16 horas e outra das 16 ás 18 horas. Essas bandas são as de infantaria 1 e 16.

Teem sido muito numerosos os pedidos de escolas, associações e asylos para visitarem amanhã aquelle aprasivel recinto, tendo sido todos deferidos pela direcção.

As arvores plantadas n'estes ultimos annos apresentar-se-hão vistosamente ornamentadas.

Das 16 para as 17 horas proceder-se-ha na explanada dos concertos, á plantação de algumas arvores por diversos escolas que não tenham antes procedido a egual acto nas respectivas sédes ou jardins publicos.

Tribunal do Commercio de Lisboa

1.ª Vara

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo dito tribunal e cartorio do escrivão abaixo assignado correm editos de 30 dias a requerimento do auctor Oscar Salgado Zenha, citando o reu Gastão Polonio, morador que foi na rua da Victoria, 72, d'esta cidade, hoje ausente em parte incerta para na segunda audiencia depois de findo o prazo dos editos a contar da segunda publicação d'este annuncio ver accusar a sua citação e assignar termo de confissão ou negação de sua firma e obrigação na lettra de 500$00 accionada na acção que o mesmo auctor lhe promove, sob pena de á sua revelia seguir a acção com o advogado officioso que lhe for nomeado.

As audiencias fazem-se ás segundas e quintas feiras, por onze horas, não sendo dias feriados, porque sendo-o, se fazem nos immediatos no Torreão Oriental da Praça do Commercio.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1916.

O escrivão

Antonio Pires Lavangeira

Verifiquei

Manuel da Silva

João Manuel da Fonseca

Falleceu

Gertrudes A. Gomes da Fonseca, Raul Gomes da Fonseca e sua mulher, Amadeu Gomes da Fonseca e sua mulher, Elisa Gomes da Fonseca e seu marido, Jorge Gomes da Fonseca, Martinho Gomes da Fonseca e sua mulher, David Gomes da Fonseca, Maria do Carmo Gomes d'Abreu Marques, suas filhas e genros (ausentes), Maria da Conceição Gomes Nunes e seu filho; Maria Rosa Jorge Gomes, seus filhos, noras e genros (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de suas relações, o fallecimento de seu muito querido marido, pae, sogro, cunhado e tio, e que o seu funeral terá logar ámanhã, 21, pelas 3 horas da tarde, da sua residencia, rua de S. Sebastião das Taipas, 12.

Não se fazem convites especiaes.

tes e muitos vagons para servirem como «cabines». O reservatorio podia conter 2.300 galões de agua e cincoenta homens se podem banhar ao mesmo tempo. Cada comboio póde dar um banho diario a pelo menos 3.000 soldados.

Quando o exercito allemão foi repellido para além do Marne, os ferro-viarios francezes praticaram algumas acções notaveis na reparação das vias destruidas.

Em todas as nações combatentes se reconheceu a utilidade que se póde tirar dos caminhos de ferro na guerra e medidas foram tomadas para os aproveitar o mais possivel, quer para o ataque, quer para a defeza. A mobilidade que um exercito póde ter, devido á posse de caminhos de ferro permanentes ou temporarios, em muitas occasiões fez com que ataques pudessem ser levados a cabo ou uma posição que estava ameaçada fôsse salva.

A retirada em boa ordem do exercito russo, os allemães terem sido repellidos no seu avanço contra Calais, devem-se em grande parte ao magnifico emprego dos caminhos de ferro; a posse das rêdes ferreas da Belgica era um valioso elemento para o invasor.

A obra dos caminhos de ferro na Grande Guerra está tão intimamente ligada com os incidentes das varias campanhas que a sua historia é a historia da propria guerra.

Podemos facilmente imaginar o primeiro grande avanço de tropas para as fronteiras dos territorios ameaçados, o envio da força expedicionaria ingleza para França, a chegada dos contingentes coloniaes, a resposta dos principes da India ao appello do imperador-rei. A mente evoca o avanço do exercito russo na Galicia, as suas victorias succedendo-se, umas ás outras, depois a sua retirada em frente das ondas allemãs, que devastavam tudo na sua passagem, levando a desolação ao paiz cujos habitantes, fieis ao czar, eram forçados a vêr passar os invasores nos caminhos de ferro que até ahi apenas haviam servido aos soldados russos.

Da desolação da Russia a mente póde transportar-se para o brilhante quadro do exercito italiano entrando na lucta n'um momento bem sombrio para os alliados e avançando cheio de esperança para as montanhas que formam a fronteira septentrional.

Outra mudança do kaleidoscopio e a mente póde vêr o avanço austro-allemão na Servia, a marcha do exercito bulgaro para a frente e outros episodios da campanha contra a heroica Servia.

D'ahi passamos a Africa, onde por meio do caminho de ferro Windhoek-Keetmanshoop, no momento em que as forças sul-africanas estavam batendo os rebeldes, a Allemanha podia acalentar a esperança de vibrar um rapido golpe contra a Colonia do Cabo.

A mente póde ainda reconstruir a historia da guerra em França, vendo as medidas tomadas para facilitar o avanço sobre o exercito allemão na frente occidental.

CAPITULO VII

Prisioneiros de guerra

Os prisioneiros feitos n'uma guerra, feridos ou não feridos, teem tido em todas as epochas uma historia commovente. Nos tempos primitivos, os captivos eram condemnados ao captiveiro, ás galés, á escravidão nas minas. Mesmo a cavallaria, que soccorria os nobres e os cavalleiros, não fez coisa alguma por melhorar as condições dos homens de armas.

Durante as guerras napoleonicas, a sorte dos prisioneiros de guerra começou a melhorar, mas mesmo assim os prisioneiros francezes em Inglaterra eram alimentados com biscoito cheio de bichos e outros generos que eram magnificos para produzir o escorbuto, a dysenteria e o typho.

Os terriveis soffrimentos na campanha que terminou com a batalha de Solferino levaram o governo suisso a promover uma conferencia que se realisou em Genebra e de que resultou o primeiro grande accordo internacional, no anno de 1864. Tão pouco avançada estava a opinião publica mesmo n'essa data que o accordo não distinguia o tratamento a dar aos prisioneiros feridos e aos não feridos.

Antes do tratamento de prisioneiros pelos belligerantes de qualquer guerra poder ser visto no seu verdadeiro aspecto muitas circumstancias podem ser tomadas em conta. A difficuldade de dar um tratamento adequado é maior nos primeiros dias, quando tudo, ou quasi tudo deve ser sacrificado á necessidade de carrear homens e munições para a zona de guerra. A' medida que os mezes decorrem, o caracter d'essa necessidade muda.

Na guerra russo-japoneza, os japonezes tiveram de attender ás necessidades de 67.701 prisioneiros. A Russia, n'essa lucta, não teve verdadeira experiencia das difficuldades causadas pelos cuidados a tomar com os prisioneiros, porque os japonezes que foram capturados foram apenas 646.

A guerra boer pôz 32.000 prisioneiros a cargo dos inglezes, a unica nação que tinha pleno conhecimento

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1997—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 27 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A attitude evolucionista

A attitude da minoria evolucionista, na Camara dos Deputados, perante o facto da requisição dos navios allemães, causou uma impressão consoladora na opinião publica. E' de attitudes assim que a Republica e o paiz necessitam, porque só ellas definem a cohesão patriotica indispensavel aos povos para garantir o presente e o futuro das suas nacionalidades.

Os costumes politicos portuguezes precisam ir depurando-se da pessima educação monarchica. Foi ella que fez com que á discussão dos principios, ao debate das grandes idéas, á controversia dos processos de administração, se substituisse uma mesquinha rixa pessoal, sem grandeza e sem brilho, que não conduz senão á exacerbação de paixões que findam por obscurecer as mais vulgares noções do patriotismo e do ideal.

Quando vêmos os monarchicos fingirem espanto perante o espectaculo das discussões entre republicanos, o seu cynismo provoca nauseas, porque ninguem esqueceu que nas luctas entre monarchicos se chegou a violencias verdadeiramente delirantes que attingiram, por fim, a propria essencia do regimen.

A monarchia esphacelou-se porque já nenhum dos seus defensores pensava n'ella. Não tratavam senão de esfaquear-se uns aos outros, e este espectaculo durou annos. Não foram os seus homens publicos de maior destaque que inauguraram esses costumes de polemica, em que se não pensava senão em ferir, com mortaes golpes, os adversarios com os quaes deviam enfileirar para a manutenção do prestigio do regimen? Não foi Marianno de Carvalho que chamou ao manto real capa de ladrões? Não foi Saraiva de Carvalho que proclámou a necessidade de pôr escriptos no paço? Não foi Pinheiro Chagas que chamou a Marianno de Carvalho, «infamissimo bandalho que entrou no ministerio da fazenda para roubar os cofres publicos? Não foi Emygdio Navarro que se dirigiu, aos seus contendores, monarchicos como elle, gritando: Arre, malandros!»? E, nos ultimos dias do regimen, não era um jornal monarchico, o «Liberal», que apontava a D. Manuel o caminho da abdicação?

Esses pessimos costumes de violencia, em que o regimen era abandonado e a patria esquecida, deixaram vestigios entre a Republica? Tem havido lamentaveis aggressões entre republicanos? Isso prova que não é facil uma transformação instantanea, no ponto de vista dos costumes. Mas não só os monarchicos não teem auctoridade para se mostrarem escandalisados, não só nunca os republicanos chegaram jámais, nas suas divergencias, ao ponto a que chegaram os monarchicos, como é manifesto que os costumes se vão transformando, cedendo á influencia da elevação republicana.

Nas questões em que o bom nome, a dignidade, os superiores interesses da patria estão em jogo, impõem-se entre adversarios attitudes como a que a minoria evolucionista assumiu. Constatamos esse facto com prazer. E' preciso que todos se convençam que quem requisitou os navios allemães foi Portugal. Foi a nação. Foi a nossa patria. Tudo quanto seja fazer uma politica tendenciosa n'este grave assumpto denota uma falta de patriotismo para cuja condemnação não ha termos sufficientemente severos.

Vae-se fazendo uma depuração dos costumes politicos. E' necessaria e urgente. Os que a ella não se subordinam reconhecer-se-hão como inadaptaveis ás normas dignas da democracia e ás nobres inspirações do patriotismo.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

O abastecimento de carnes

No matadouro municipal foram hoje abatidas para o consumo da cidade 7 rezes com 2157 kilos, 19 carneiros com 215 kilos e 2 vitellas com 16.

No matadouro do gado suino foram abatidas 114 com 15:116 kilos.

Uma commissão de proprietarios de hoteis e restaurantes vae depois de ámanhã entregar ao governo uma representação pedindo para que empregue todos os seus esforços para a resolução de tão grave assumpto.

Devido á crise que os proprietarios dos talhos estão atravessando, a maioria d'elles resolveram reduzir o salario do seu pessoal a 50 0|0.

Poeira da Arcada

As pessoas demasiadamente pequenas tem usualmente uma eloquencia larga, rumorosa como uma feira. Pretendem assim demonstrar que a sua alma é muito superior ao corpo. E n'esta doce illusão tornam-se ridiculos como a rã, quando se quer fazer tão grossa como o boi.

* * *

O bom humor, em certos homensinhos, é um começo de metempsychose, porque lhes põe, na figura e no gesto, uma tal dóse de grotesco que a gente, mesmo sem querer, pensa que elles teem alguns erros na certidão de baptismo.

* * *

N'um grupo, germanophilos e francophilos discutiam ácerca da superioridade de germanos sobre latinos e vice-versa. Um velhote distrahido, para se dar ares de ter entendido o assumpto, bocejou, esfregou os olhos e convictamente disse:

—Parece-me que os meus amigos ainda não chegaram a outra conclusão senão esta: que, nas discussões, os argumentos das partes valem tanto mais quanto maior fôr a disposição dos adversarios para ficaram calados. Vence sempre o mais intolerante—o que bem demonstra que a sua victoria nem sempre é a da verdade.

Nas guerras acontece o mesmo—o vencedor nos campos de batalha póde até ser um fragil combatente n'outros dominios. E' por isso que ás vezes um triumpho accentúa tantos pontos fracos na vida de um povo que este fica logo alvo de cubiças irreprimiveis.

TREZ DIAS EM OLIVENÇA

Um raro monumento architectonico

A egreja da Magdalena, construida no tempo de D. Manuel, é uma das mais bellas reliquias do nosso passado historico

Por duas vezes entrei na magestosa nave da egreja de Santa Magdalena em Olivença. De ambas ellas experimentaram meus olhos um singular deslumbramento, tantas e tão bellas são as maravilhas que o vetusto envolucro de pedra ennegrecida esconde no seu seio. Já de longe o edificio, de fabrica simples e severa, massiço como os templos que a fé outr'ora erguia com a pretensão de desafiar os seculos, se impõe ao forasteiro como uma coisa bella. Extranhamente bella e respeitavel. Mas pesada, com a sua torre quadrangular dominando as formidaveis paredes e os seus gigantes escorando as formidaveis paredes lateraes, onde as rajadas e a chuva teem deixado indelevelmente marcados os insultos do inverno.

A fachada dá uma impressão de piedade. Sobre a larga porta primitiva, a ignorancia anonyma de qualquer bispo mandou enxertar um portico renascença, commettendo assim sem duvida inconscientemente um verdadeiro sacrilegio artistico. Seria uma obra de caridade mandar restaurar a frontaria, respeitando apenas as cicatrizes gloriosas que as granadas do tempo dos francezes lhe deixaram ficar.

Mas apenas se transpõe o humbral, e pela porta do guarda vento a vista mergulha no interior da egreja, é quasi impossivel reprimir-se uma exclamação de assombro. Duas filas de columnas elegantissimas, triplos feixes de pedra torcidos até o alto, onde começa, airosa, a curva das abobadas, dividem as trez naves, cujo pavimento é formado por magnificas lages de precioso marmore com veios polichromos. A seguir ao transepto, detem-se os olhos no arco do cruzeiro, do mais feliz e puro manuelino, e o altar-mór, bem como em parte os muros lateraes, são revestidos com enormes «panneaux» de magnificos azulejos. O cura, a quem D. Adolpho, sollicito como sempre, me apresentou, refere-me que um antiquario offereceu ha tempos por essa maravilha coisa de trinta mil «duros», compromettendo-se a mandar collocar á sua custa novos azulejos nas paredes.

Uma pequena imagem de marfim, representando Christo Crucificado, que terá quando muito dois palmos de tamanho, seduziu egualmente a cubiça do mercador. A Imagem, finamente talhada, sem duvida obra de muitos annos de intelligente e paciente labor, é com effeito um extraordinario trabalho artistico. Se o homem a tivesse levado pelos trez mil «duros» que chegou a offerecer, não ha duvida que teria realisado um excellente negocio.

Decerto me esqueceria do tempo, a contemplar o Christo, se o amabilissimo cura não me chama a attenção para o altar de S. Vicente, *vis-à-vis* do do Senhor dos Passos, cujo culto, como D. Adolpho me observa, é mais um dos inapagaveis vestigios do antigo dominio portuguez. O altar de S. Vicente, todo de marmore e alabastro, é um prodigio. Esquecem-se os processos, por vezes ingenuos, do anonymo artista, que o esculpiu, para se admirar a grandeza e sinceridade da fé que presidiu ao voto que lhe deu origem. A delicadeza e harmonia das linhas, o escrupulo na escolha do material, o conjuncto, em summa, faz com que a magnifica obra d'arte mereça da parte dos entendidos uma attenção profunda. Se existisse na Italia, por exemplo, em vez do quasi ignorado burgo de Olivença, o altar teria hoje universal renome e seria por certo reproduzido em todos os compendios. Em frente, um marmore sepulchral contem este elucidativo epitafio:

SA DO CAPPAM DOS
MENDES RAMOS
ESPECIAL DEVOTO
DO SNOR S. VICTE
FRA CVIA CAPELA
MANDOV FAZER
A SVA CVSTA
E DE SEVS HERDOS

De resto, todas as inscripções tumulares, escriptas na nossa lingua, evocam a importancia primitiva da villa nas mãos dos portuguezes. Os brazões d'armas, a cathegoria das pessoas inhumadas, os apellidos familiares, tudo isso dá bem a impressão de que Olivença foi o logar eleito de muito antiga nobreza, nossa, de que hoje ainda existem ali directos representantes.

Lamenta-se o cura da Magdalena, ao descrever-me as curiosidades do templo, de não ter verba com que possa fazer face ás despesas de conservação, e refere-me que tendo sido recentemente visitado a egreja pelo sr. Melida, presidente das Vellas Artes de Madrid, este levou de Olivença o firme proposito de conseguir que a egreja fosse declarada monumento nacional. Foi ainda o cura que me informou ácerca da fundação do templo, que uma inscripção quasi apagada no telhado indica ter sido feita no tempo de D. Manuel I, e me disse que todo o marmore, em tanta profusão empregado pelos architectos, veio da villa portugueza de Borba.

A' sahida, não pude deixar de lamentar que alguem tivesse mandado pintar sobre as respeitaveis peiras dos altares, das columnas torsas, do arco do cruzeiro, frisos dourados e fundos a oleo. D. Adolpho, indignado, declarou-nos que o nefando crime fôra commettido ha muitos annos por certo cura estupido que lá passou, e o presbitero mais uma vez se referiu á escassez da verba de que dispõe para restituir aos lavrados de pedra a primitiva nudez. O sr. Melida deve ter sem duvida reparado em tal barbaridade, e, sem chegar ao exaggero de D. Adolpho, que pedia pelo menos o garrote para o auctor da proeza, é natural que o amor das coisas bellas o tenha movido no sentido de conseguir do governo hespanhol uma minguada verba com que o sympathico cura da Magdalena possa devolver ao seu precioso templo a respeitabilidade artistica das grandes obras primas.

Hermano Neves

A Amadora irrequieta... e em festa

O lindo espectaculo de sexta-feira

Fortée Rebelo, Delfim Guimarães, Roque Gameiro, madame Venancio, organisando um certamen d'arte

... A festa de hontem era para a Solidariedade com os Pobres e o lindo e artistico Salão dos Recreios Desportivos da Amadora estava cheio.

A peça era um original de Nunes da Silva, que agradou, como agradam todas as representações com rapazes conhecidos, em que se ouve um ou outro dito de espirito, á maneira de «carapuças» e onde ha musica ligeira, que o ouvido facilmente assimila...

E foi n'um dos intervallos da alegre representação, que falámos ao sr. Fortée Rebello, notavel maestro, que desde os nossos tempos de escola vimos, pacientemente, constantemente, organisar orfeons, ensaiar coros e trabalhar para o aperfeiçoamento da bella arte do canto. Elle tambem foi para a Amadora! Tambem o arrastaram até lá, aquelles incançaveis obreiros do progresso da localidade, que andem á espreita de vêr onde ha uma energia a aproveitar e um trabalhador que deseja e quer fazer coisas!

O caso é que o sr. Fortée Rebello já tem na Amadora que fazer para 40 horas nas 24 que tem o dia! Elle é coros, é organisação de festas, ensaios orfeonicos, regencia de orchestras! E não o deixam, não o largam...

—«Então é verdade, que vae haver uma festa, com programma comico?...

—«E'. Está marcada para a noite da proxima sexta-feira e será o preludio dos grandes bailes que o Correia e o Santos Mattos organisam nos Recreios. E' uma brincadeira familiar, que envolve quasi todas as familias mais distinctas da povoação, agrupadas pela minha persistencia e principalmente pela acção persuasiva do sr. Roque Gameiro, que é um enthusiasta pelo canto e pelos esposos Venancio. Fique sabendo que a D. Isaura Venancio é admiravel de dedicação. E' capaz de estar ao piano dez horas seguidas, só para que as meninas acertem os compassos da «Furlana» ou entrem a tempo nas «Canções populares».

—«Canções?...»

—«Sim, trez lindas canções, não contando com uma minha cujo exito musical depende dos ouvidos dos assistentes. Ao meu ouvido agrada... Mas quem ha de gabar a noiva? As outras trez, essas posso garantir-lhe que vão agradar, já pela cadencia rythmada que é para o nosso feitio meridional, já pela leveza e arte do verso, já pela interpretação...

—Que!?

—«Não se admire. A interpretação é feita por um coro que tem vinte senhoras e uns quinze cavalheiros, conjuncto harmonioso que é completado com uma excentrica e endiabrada orchestra de petizinhos, meninos e meninas, uns tocando ferrinhos, outros bombo, pandeiretas, taboinhas, campainhas, «rouxinoes», castanholas, etc. Mas a «harmonia» não se perde e a dissonancia que se prevê de evidente resultado, dá uma sonoridade que não fere os tympanos meticulosos! E' uma festa carnavalesca, sim, mas ao mesmo tempo uma festa de arte, digna da Amadora, digna do sr. Roque Gameiro, dos versos de Delfim Guimarães, da «virtuosidade» de madame Isaura Venancio, dos cantores como são as lindas meninas da terra e os excellentes amigos Aprigio, Azevedo, Bandeira, Paredes, etc. E' uma festa que inaugura os maravilhosos bailes de mascaras que os Recreios annunciam e que, se forem como creio que devem ser, eguaes aos do anno passado, permittirão ao Correia e Santos Mattos annuncial-os como as melhores diversões da epocha de folia...»

E assim nos falou o inspirado maestro, que é hoje um elemento de destaque na irrequieta Amadora, desvendando os «mysterios» que envolviam as festas annunciadas. O que ainda não soubemos foi o nome do conferente que vae fazer uma palestra humoristica e os nomes das lindas bailarinas que vão dançar a «Furlana» que Arthur Rodrigues está ensaiando a capricho...

Navios allemães

Começa ámanhã o desembarque das primeiras cargas

Segundo informações officiaes, começa ámanhã a descarga dos primeiros navios allemães, retirando-se de bordo do *Santa Ursula* o seu carregamento, constituido por automoveis, ferro e cêrca de quatro mil barricas de cimento que o Estado aproveitará para as obras publicas.

O vapor *Lahneck* que estava fundeado em frente de Santa Apolonia, foi hoje amarrar á boia, no quadro dos navios de guerra, e o *Taygetos* atracou á ponte do arsenal.

Os vapores *Milos* e *Westworld* que se encontram em bom estado, teem de receber apenas ligeiras reparações. O primeiro d'esses barcos foi construido nos estaleiros de David Rowan & Son, de Glasgow.

A madeira transportada a bordo dos navios allemães é excellente e em grande quantidade.

Pelo telegrapho

Na frente austro-italiana

ROMA, 26.—A nossa actividade que se tornou mais viva principalmente a da infantaria, provocou vivos alarmes em varios pontos das linhas inimigas. Tivemos recontros favoraveis ao norte de Mori, na zona de Romzon e nos declives de Peuma, onde as fracções que invadiram uma das nossas trincheiras foram expulsas com graves perdas. No monte San Michele occupámos um entrincheiramento inimigo e fizemos prisioneiros.—(*Havas*).

A EXPEDIÇÃO A ANGOLA

Como se fez o seu abastecimento

Entrevista com o sr. capitão Filippe de Sousa, director do Deposito de Fardamentos e Subsistencias de Mossamedes

Ha dias, na Camara dos Deputados, o sr. dr. Azeredo Antas referia que, tendo estado de passagem em Mossamedes, encontrara deteriorados muitos dos generos destinados ao abastecimento da expedição. O gorgulho tinha invadido de tal modo o milho que havia pelas ruas de Mossamedes uma esteira preta! Havia que attribuir a alguem responsabilidades por esse facto? Ou tratava-se de estragos inevitaveis, perante os quaes só houvesse que registar—e passar adeante? O mesmo deputado revelou á Camara que as compras de alguns generos tinham sido de tal modo avultadas que ainda daqui a alguns annos elles existirão em Mossamedes. Porquê? Houve imprevidencia em serviços administrativos? Ou produziram-se factos inesperados que justificam aquella accumulação de generos?

Sobre esse assumpto falámos com um official que nos podia dar completas elucidações: — o sr. capitão Filippe de Sousa, que exerceu as funcções de chefe dos serviços administrativos da linha de «étapes», sob as ordens do sr. coronel Roçadas, e que depois, sob o commando do sr. general Pereira d'Eça, foi nomeado director do Deposito Central de Subsistencias e Fardamentos de Mossamedes. Mais tarde, quando esse Deposito estava devidamente organisado, desempenhou as funcções de chefe dos serviços de subsistencias e fardamentos da linha de «étapes».

O sr. capitão Filippe de Sousa offereceu-se para partir para Angola, na expedição que seguiu a 20 de janeiro do anno passado, depois de se convencer que não se effectuaria a participação militar de Portugal nos campos da França, ao lado dos alliados. Foi um dos officiaes que mais se interessaram por que essa participação se convertesse n'um facto, absolutamente certo de que o exercito portuguez honraria, como sempre, as suas tradições gloriosas. Em Angola exerceu com a maior dedicação e competencia as funcções de que foi incumbido, tendo já demonstrado a sua valentia quando do combate de Chaves, em julho de 1912, contra as hostes de Paiva Couceiro.

Em resposta ás perguntas que já mencionámos, o sr. capitão Filippe de Sousa formulou a seguinte exposição de factos:

—Em primeiro logar, é preciso dizer-se que o sr. coronel Roçadas, tendo partido da metropole com instrucções que tendiam apenas á submissão do preto, viu-se obrigado, depois do combate de Naulila, a traçar um novo plano de ataque e de defeza, de accordo com o sr. Norton de Mattos, ao tempo governador geral de Angola. Na previsão de que recebia reforços para atacar os allemães, pensou lançar uma força pelo caminho Gambos-Humbe e outra pela linha de Benguella, para impedir com segurança o exito de qualquer nova offensiva do inimigo. Chegou o sr. general Pereira d'Eça, em março, e mandou recolher a Mossamedes uma bateria de artilharia 3 e duas companhias do regimento de infantaria 20, que estavam na linha de Benguella. Assim, Mossamedes ficou constituindo a séde de todas as forças e o deposito geral dos abastecimentos da columna.

«Quaes os meios de que se dispunha para descongestionar Mossamedes d'essa grande accumulação de generos? A linha do caminho de ferro de Lubango, construida n'uma extensão de 183 kilometros, podia transportar apenas uma média de 20 toneladas por dia; até ao Alto da Quilemba entravam em funcção os carregadores indigenas, que davam approximadamente o mesmo rendimento; da Quilemba, onde havia um deposito, os generos seguiam em carros boers para o Lubango; d'aqui para os Gambos, tambem em carros boers e camions.

«Poderá objectar-se que, dando os meios de transporte a média de rendimento que lhe apontei, só se devia accumular em Mossamedes uma quantidade de generos que fosse proporcional áquella média. As pessoas que assim raciocinarem não sabem que se previa que as operações se prolongassem por mais tempo e que havia o receio, o legitimo receio, de que os allemães torpedeassem no alto mar, em qualquer altura, os navios que conduziam generos para a expedição. Se isso acontecesse, e se a columna ficasse absolutamente privada de se abastecer, o que não diriam certos patriotas da imprevidencia e mais partes do alto commando. Que aquella supposição não era infundada prova-se com o facto de alguns navios inglezes terem sido atacados por submarinos allemães nas Canarias, em março e abril do anno passado. Se tinhamos sido atacados pelos allemães, se os iamos combater, não tinhamos de esperar um tratamento egual?

«Posso até dizer-lhe que os navios da Empreza Nacional que transportaram generos para a expedição tomaram todas as precauções possiveis, na previsão d'um torpedeamento. O «Zaire», que levou n'uma viagem 45.000 volumes destinados ao abastecimento das tropas, tinha todas as embarcações promptas a lançar ao mar, para salvação de tripulantes e passageiros. O «Angola», n'uma das suas viagens, viu effectuar-se no alto mar o abastecimento d'um submarino allemão. Quer isto significar que o mais elementar dos deveres, em casos taes, consistia, da nossa parte, em tomar todas as precauções para impedir uma catastrophe por falta de alimentação das tropas. Não entrámos em guerra com os allemães e a occupação do sul da provincia fez-se com rapidez. D'aqui, uma desnecessaria abundancia de generos, absolutamente inevitavel porque ninguem podia prever que os acontecimentos tomassem o rumo que depois seguiram.

«Foi preciso tambem, a certa altura, considerar uma outra hypothese: a de termos de cooperar com os inglezes na occupação da Damaralandia. Se assim fosse, a linha de «étapes» ficaria extraordinariamente prolongada. Tinhamos cerca de 500 kilometros desde Mossamedes ao Humbe. A accrescentar depois, com a prolongação pelo Cuamato e pelo cuanhama, 220; mais 80 com a linha até Naulila. Um total de 800 kilometros, que seria preciso municiar e abastecer durante todo o tempo das operações.

«Os generos resguardaram-se em Mossamedes tanto quanto foi possivel. Ao ar livre ficaram apenas caixas que continham latas. Era a bolacha, o toucinho, a farinha, o azeite, a banha, etc. A saccaria, com legumes, arroz, etc., estava em armazens e «hangars», excepto a ração do gado, que estava no jardim publico, bem afastado do mar. Quer saber ás quantidades que existiam em Mossamedes, a 31 de outubro do anno findo, de milho, aveia e fava? De milho, 474 toneladas; de aveia, 1.951 toneladas; de fava, 1.437 toneladas. O milho, hoje, deve estar quasi consumido. Mas toda a gente comprehende que é impossivel padejar tamanhas quantidades, para evitar o gorgulho. Isso faz-se em armazens proprios, com paciencia e tempo. Nas guerras modernas não ha armazens para a installação de generos. Em Mossamedes, se alguns tivemos para resguardar a saccaria, foi porque os particulares os cederam. Se nem esses houvesse, mais generos se estragavam. São as consequencias da guerra, são as suas despezas fataes. Veja v., por exemplo, o que acontece em Salonica. Os generos estão ao ar livre, amontoados a granel. E ninguem censura, por esse motivo, os officiaes dos exercitos alliados.

Publicaremos ámanhã o final da interessante palestra com o sr. capitão Filippe de Sousa

---

Folhetim d'A CAPITAL—27-2-1916

A FORÇA

N'este momento em que o ataque formidavel dos allemães a Verdun põe em destaque o imperio brutal da força, lembro-me, irresistivelmente de Bismarck, que foi o homem que teve o arrojo de proclamar esta formula aterradora das consciencias: «La force prime le droit».

Na realidade, é o espirito de Bismarck que impelle as legiões germanicas. Quando, em 1891, elle teve de sahir do poder, em consequencia do desagrado do actual kaiser, o mundo pensou que a Allemanha dos philosophos e dos poetas, dos renovadores e dos socialistas, conseguira levar de vencida a barbara noção prussiana da força e da conquista. Era um erro. O espirito de Bismarck não se póde desassociar do imperialismo prussiano. Bismarck foi o seu homem, como elle foi a sua obra.

Para Bismarck nunca houve senão a força. Em 1848, ao constar em Berlim, que Paris fizera um movimento revolucionario de que resultára a Republica, elle affirma á Frederico Guilherme IV, que reputava esse movimento fundamentado, e facilmente victorioso, pela fraqueza dos sentimentos liberaes de Luiz Philippe: «O triumpho d'essa revolução não adveiu, senhor, do facto de se considerar o rei de França pouco liberal; proveiu apenas do deploravel erro praticado por esse monarcha não varrendo a metralha as ruas de Paris». Mais tarde, um deputado pergunta-lhe pelo seu programma, e elle responde: «O meu programma consiste em proclamar sempre a força como a ordem do dia».

Para elle o direito é uma mera abstracção. Fóra da força não ha nada: nem piedade, nem ideal, nem caracter. Por isso não o desamparou um riso grosseiro e cynico durante toda a fulminante campanha da França: viu, rindo, a matança de Bazeilles, assistiu ao desespero de Sédan, aos soffrimentos de Paris cercado, á allucinação da Communa; o ideal, nas sociedades, é o da humanidade feliz, liberta e em paz, e elle só pensou no despotismo, no esmagamento das generosas aspirações do futuro; quanto ao caracter, a falsificação do telegramma de Emes attesta a importancia que lhe dava. A força, só a força, e no espaço de quarenta annos a Allemanha, guiada pelo seu espirito, não pensou senão em tornar-se maior para a impôr ainda com mais rudeza e oppressão.

* * *

Durante um quarto de seculo, quasi, a Europa acreditou que esse espirito se desvanecera nas altas regiões do poder. Acreditou que o kaiser não commungava nas idéas do terrivel ministro de seu avô. Essa illusão está sendo tragicamente desfeita; esse erro está sendo cruelmente expiado. A sombra de Bismarck paira sobre os campos de batalha, e na aguia germanica a sua alma sinistra palpita de força e colera.

Contra os exercitos, á frente dos quaes a aguia vôa, desprendendo a envergadura das suas azas gigantescas, exercitos de ferro vergados a uma disciplina de ferro, esmagados pela força e esmagando pela força, monstruosa machina militar, cujas engrenagens rangem, triturando a livre personalidade humana, ergue-se n'este momento o exercito d'uma democracia, um d'esses exercitos da democracia que largamente se procurou demonstrar que nada valem perante a guerra, porque só na obediencia cega, entenebrecendo todo o horisonte dos espiritos livres, está garantido e seguro, o segredo das victorias.

Não são só legiões que se batem, não são só os mais bravos luctadores do mundo que se chocam; são idéas que estão em presença uma da outra, degladiando-se n'uma pugna ao pé da qual os combates heroicos de Homero não passam de brinquedos de creanças.

Os exercitos da democracia poderão falhar?

Não o creio; porque, ha bastantes annos a esta parte, esses exercitos teem sempre sabido bater-se intrepidamente, e quasi sempre a victoria tem sorrido ao seu sublime esforço.

Já, dos factos d'uma historia que relativamente se pode considerar remota, essa victoria surge, aureolando a fronte dos combatentes da liberdade. Até as legiões por ella improvisadas, triumpham. Eram improvisados os exercitos que em 1792 tornaram a França triumphante das hostes tremendas da Colligação. Eram improvisados os exercitos de Portugal e Hespanha que em 1814 levaram de vencida as forças napoleonicas até Paris, como eram improvisados, e ainda hoje o são, os exercitos da livre Inglaterra. Mesmo em 1870 foram os exercitos improvisados que salvaram a honra da França, compromettida pelas tropas d'um imperio na capitulação de Sédan. Como eram improvisados os exercitos com que os Estados Unidos da America batem as forças da Hespanha na guerra, ainda recente, de Cuba.

Hoje, porém, o espirito democratico anima o grande exercito francez, cuja preparação, embora não tão poderosa como a da Allemanha, ainda comtudo se deve reputar como a da segunda nação militar do mundo. E em frente das legiões do imperio allemão surgem as legiões da Republica Franceza. Se a alma de Bismarck, com a sua ferrea noção da força, anima as primeiras, as segundas, com a sua noção pura de direito e de liberdade, sentem-se animadas pelo mesmo espirito que triumphou em Valmy e em Jemmapes.

* * *

Uma circumstancia cumpre accentuar. Essa circumstancia, altamente elucidativa, é a de que do espirito da democracia não resultou, ha um seculo, uma guerra de conquista na Europa, e pode dizer-se em todo o mundo civilisado. A Suissa, que é uma Republica, vive em paz. A França não faz mais do que defender-se da mais esmagadora aggressão de que ha memoria, e o mesmo succede á Inglaterra. Os Estados Unidos bateram-se com a Hespanha mas foi para dar a liberdade a Cuba. Não faltava quem julgasse que a grande confederação norte-americana ficaria com a grande Antilha. Tal não succedeu. Realisada a obra de acalmação indispensavel, os Estados Unidos restituiram Cuba aos cubanos, que fundaram a sua Republica, que tem vivido em paz. O Brazil em paz vive, sem pensar em conquistas. O mesmo succede á Argentina, onde uma formula de liberdade vivifica o regimen politico; a ambição da conquista desapparece.

E' que, na realidade, não se concebe o imperialismo sem o imperador. E' preciso visional-o na pessoa d'um homem, alçado á cathegoria de semi-deus, com uma soberba corôa na cabeça; n'uma das mãos um sceptro reluzente de pedrarias, na outra uma espada escorrendo sangue. A cada uma das maiores eras de conquistas liga-se o nome d'um monarcha sedento de dominio e gloria. Ha Alexandre Magno, ha Cesar, ha Napoleão, e tantos outros. São elles que realmente symbolisam a força, — a força que a nada attende, a força que de tudo zomba, que tudo esmaga, e para a qual razão, justiça, liberdade, direito, belleza e genio não são mais do que chimeras destinadas a desfazerem-se como bolas de sabão.

Os povos não teem a sêde das conquistas. Realisam-as? Embriagam-se com ellas? Por vezes assim acontece. Mas não tomemos o efeito pela causa. Elles não se arremessam por sua propria inspiração a esses grandes crimes. São os seus dirigentes que para taes guerras os arremessam, e só quando esses dirigentes cingem um diadema é que convertem n'uma acção monstruosa o sonho dominante do seu cerebro. Tanto se consideram superiores aos outros homens que se reputam possuidores de attributos de divindade, e não concebem que não dominem na terra como presumem que o proprio deus domina nos céus.

Esta monstruosa concepção só desapparecerá com o triumpho pleno da democracia. Trabalha para isso, ha seculos, o genio humano mais puro e mais elevado. A palavra dos apostolos, dos philosophos, dos tribunos, dos poetas, dos melhores sabios, clama a egualdade dos homens perante as mais bellas e sãs noções do espirito. Por fim, como n'este momento tragico, milhões de homens livres derramam, em ondas, o seu sangue para que triumphe a razão, esmagando a força que a não sirva.

MAYER GARÇÃO

CARNAVAL

O baile de hoje no Republica

E' hoje que se inauguram as festas de Carnaval no theatro Republica com a engraçada peça de André Brun «A maluquinha de Arroios» e á meia noite o 1.º deslumbrante baile de mascaras, que reveste um extraordinario brilhantismo, pois a sala offerece um elegante aspecto, extraordinaria concorrencia, e a novidade da plateia girar mechanicamente com todas as cadeiras, o que permitte arranjar a sala em menos de um quarto de hora. O jardim de inverno apresenta uma vistosa illuminação electrica a côres.

J. M. P.

No lyceu Camões

A entrega da bandeira á Sociedade n.º 45

Decorreu cheia de enthusiasmo a festa no Gymnasio do Lyceu Camões para entrega da bandeira á Sociedade Instrucção Militar Preparatoria n.º 45, composta de alumnos d'aquelle estabelecimento de ensino. Muito antes da hora marcada, 10 e meia, já as galerias do vasto gymnasio se encontram repletas, vendo-se entre a numerosa assistencia muitas senhoras. Os professores, com o reitor sr. dr. Claro da Ricca á frente, davam as ultimas ordens e recebiam os convidados. Das varandas das galerias pendiam bandeiras de varias nações. Ao topo do salão estava postado o batalhão de alumnos da sociedade n.º 45 sob o commando de um aspirante de marinha e na rectaguarda o orpheon dos alumnos dirigido pelo professor sr. Silva Reis; no salão dá entrada a Sociedade de Instrucção Militar preparatoria n.º 9 com a respectiva bandeira e terno de cornetas e tambores sob o commando do tenente sr. Batalha. O batalhão dividiu-se ficando parte á esquerda e parte á direita com a bandeira á frente. Os escoteiros do Lyceu postaram-se á entrada das portas. Todo o corpo docente veiu receber o capitão sr. Ferreira Simas, ministro da instrucção, que havia sido convidado para a assistir á festa. As duas sociedades fazem a continencia da ordenança. Pouco depois chega o sr. Norton de Mattos, ministro da guerra, com o major Marques e tenente Florentino Martins, sendo-lhe prestadas as devidas honras. Os dois ministros conversam com os professores até que á hora marcada chega ao edificio o sr. dr. Affonso Costa, que se faz acompanhar por seu irmão o sr. Arthur Costa. Entrando no salão, o chefe do governo é recebido por todos os presentes, tomando os alumnos a posição de sentido. O sr. dr. Affonso Costa senta-se n'um sophá, tendo á direita o sr. ministro da guerra e á esquerda o da instrucção. O capitão Salles sahiu do salão, voltando momentos depois com a guarda de honra que conduzia a bandeira.

Todos se levantam, os alumnos tomam a posição de sentido, as cornetas tocam e os tambores rufam. A nova bandeira é branca, tendo a atravessal-a duas faixas, sendo uma verde e outra vermelha, ao centro a esphera, e em cima o numero da sociedade. A escolta colloca-se á frente do batalhão. O professor sr. João de Brito avança e depois de pedir venia lê um bello discurso, mostrando o que representa a bandeira e quaes os deveres do soldado e de todos perante ella. O Orpheon executa «A Portugueza», que é muito applaudido. O sr. Norton de Mattos diz que, na sua qualidade de ministro da guerra assiste áquella festa com verdadeiro jubilo. A Republica fez bem em crear as sociedades de instrucção militar preparatoria, porque ellas representam o aperfeiçoamento do exercito futuro. Congratula-se por vêr tão numerosa assistencia e por estarem presentes o chefe do governo e o ministro da instrucção. Saúda os futuros soldados com tanto calor como aquelle com que saúda a bandeira, taes são ultimas palavras do sr. Norton de Mattos. O Orpheon entoa novamente «A Portugueza». O sr. João de Brito convida o sr. dr. Affonso Costa e todos os presentes a fazerem uma visita ás installações' finda a qual os ministros retiraram. O batalhão da Sociedade n.º 9 recolheu á sua séde e o do lyceu seguiu para o Pedro Nunes, acompanhado de muitos estudantes.

SALÃO FOZ

Approxima-se o Carnaval e todas as emprezas theatraes procuram introduzir nos seus programmas numeros alegres. O Salão Foz não podia deixar de tambem escolher numeros d'esse genero para tomarem parte nos seus espectaculos e por isso abi temos ámanhã a estreia de um numero burlesco que vae causar enorme successo. Juan y José constituem um dueto comico de graça irresistivel e que vão fazer as delicias dos innumeros frequentadores do magnifico Salão Foz. E' mais um bello numero a juntar a Mario Alfaro; ventriloquo e transformista de enorme valor e que todas as noites ouve applausos em barda justissimos porque todo o trabalho de Alfaro é executado com uma perfeição inexcedivel e as bailarinas hespanholas Dorita e Silverdy, graciosas e correctissimas em todas as danças que executam.

Hoje faz a sua despedida do publico a bailarina excentrica Nelly-Nell, que tantos applausos recebeu dos frequentadores do Salão Foz.

Uma "charge" graciosa

Um pequeno brinquedo politico, uma *charge* graciosa, nos veiu hoje mostrar o sr. Bernardino Noves, que o intitulou «O homem que nunca cahe». Sobre uma peanha, em feitio de mausoleu com duas cruzes, indicando n'um dos lados «Aqui jaz a monarchia» e no outro «Aqui jaz a dictadura», ergue-se uma especie de cupula, denominada «Centro Democratico» sobre a qual um hercules, allusão transparente a um politico bem conhecido, segura na mão um arco, n'uma extremidade do qual ha duas figuras, «a reacção» e «a dictadura» e no outro outras duas figuras «a opposição». Por mais voltas que ao hercules se dêem, em todas as posições possiveis e imaginaveis, elle nunca cahe.

A allusão politica é bem transparente e a *charge* é realmente graciosa.

A batalha de Verdun

O que dizem os criticos militares

Segundo o general Berthault, no *Petit Journal*, trata-se de uma verdadeira batalha, só comparavel á do Yser:

Reconheceu-se a exactidão das indicações anteriormente dadas sobre as intenções do inimigo. Faz isso pensar em que as concentrações de tropas, de material e de munições contra a frente norte de Verdun foram consideraveis e exigiram tempo. Devemos, pois, concluir d'ahi que a batalha se prolongará accentuando e renovando o inimigo os seus esforços.

Do coronel X..., no *Gaulois*:

Não ha motivos para inquietações por causa d'esta nova tentativa, preparada de longa data pelo estado maior allemão e esperada pelo nosso commando. A actividade da artilharia durante estes ultimos dias e os reforços accumulados pelo inimigo em toda esta região deixavam presentir o *déclanchement* de novas operações contra o mais exposto saliento da nossa defesa do oeste. Podem considerar-se tomadas as necessarias medidas e que ellas produzirão os seus fructos. Talvez convenha tambem não perder de vista que o alto commando tem o costume, a que sempre foi fiel em todas as circumstancias, de só annunciar um successo quando elle se tornou definitivo.

Do coronel Rousset, no *Petit Parisien*:

Creio poder affirmar que a offensiva allemã encontrou uma resistencia com que talvez não contasse e tal que as tropas assaltantes já soffreram perdas formidaveis. Lembrando-nos da barreira que foi necessario improvisar no norte por occasião da batalha do Iser, podemos estar tranquillos sobre os resultados definitivos d'esta nova e violenta aggressão.

Do general Verraux, na *Oeuvre*:

Entre a linha atacada de Verdum estendem-se quinze kilometros de terreno onde os entrincheiramentos se veem accumulando ha dezoito mezes sobre uma serie de posições de recúo. E isso permitte-nos esperar serenamente o resultado da lucta.

De Polybio, no *Figaro*:

Ao principio, o mais das vezes, a defensiva perde mais ou menos terreno e a offensiva homens, um grande numero de homens. O terreno póde reconquistar-se.

Do tenente-coronel Pris, no *Radical*:

Não ha motivo para que nos espantemos com as fluctuações da lucta. Produzir-se-hão muito mais fortes, se, como tudo leva a prever, os generaes do kaiser, sentindo vir o momento do exgotamento dos seus recursos se decidem a dar batalha emquanto podem ainda, tental-o com probabilidades de exito.

COISAS NOSSAS

Porque não se faz o balneario da Figueira da Foz

Uma birra politica impede o melhoramento da bella praia do norte

Todos os que conhecem a Figueira da Foz teem, por certo, pasmado perante o facto d'uma praia tão excellente e tão procurada por portuguezes e hespanhoes ter estacionado miseravelmente, evidenciando hoje a mesma falta de commodidades que ha dez annos atraz.

As mesmas barracas immoraes e incommodas, a mesma falta de divertimentos e todo o pouco de progressivo, que inda de tempo a tempo surge, derivando do jogo prohibido que vitalisa os casinos, os quaes sem elle fecham na maioria.

Ha todavia uma força insuperavel contra a qual todas as tentativas de melhoramento cahem vencidas. D'onde parte ella e como se justifica não se sabe. Sabe-se que existe e consegue sustar todos os tentamens de progresso da bella praia onde o Mondego estua.

O caso de que vamos tratar bem o demonstra. Historiemol-o.

Foi ha tempos apresentado um projecto para a construcção d'um balneario na praia da Figueira da Foz, em terrenos do Estado.

Logo surgiu um protesto da camara municipal com o pretexto de que o projecto apresentado iria prejudicar a construcção da avenida tambem projectada pela mesma camara.

O delegado dos capitalistas, que se propunham construir o balneario, apresentou então outro projecto, cujo plano em nada altera a hypothetica importunidade d'essa avenida tambem hypothetica. Todas as entidades technicas e officiaes, a quem elle foi proposto, o reconheceram, enaltecendo as vantagens da sua construcção e sendo concordes todos na justiça e na necessidade da concessão pedida.

A camara, porém, oppõe-se de novo á concessão com pretextos de esthetica perfeitamente irrisorios, pretendendo que o corpo central do balneario deve ser rebaixado, «visto que vae tirar a vista» á futura, remotamente futura, avenida.

O balneario tem que ter espaço para o estabelecimento dos seus salões, campos de patinagem, etc, visto que constitue tambem um centro de diversões.

Ora a verdade é que tudo isto obedece a réles manejos politiqueiros, indignos d'uma corporação como a camara municipal da Figueira. A' vereação não é democratica e, por isso, entende que deve contrariar tudo que possa representar um melhoramento local, auctorisado por um governo democratico.

Todos os pretextos fundados na construcção da projectada avenida são injustificaveis porquanto a camara, pela bocca do seu presidente, já declarou não dispôr de dinheiro nem sequer para o inicio d'essa construcção, e não ter garantia alguma para contrahir um emprestimo.

Mas, ainda, o plano do balneario em nada contraria a tal esthetica da avenida, mesmo que esta não fosse, como actualmente é, um profundo impossivel. Basta, para o reconhecer, analysar o plano.

Convem, por isso, que o sr. ministro do fomento, a cuja clara intelligencia recommendamos o caso, ordene aos seus delegados nas obras publicas a approvação do projecto do balneario, cuja construcção, de resto, interessa apenas os terrenos do Estado, nos quaes a Camara da Figueira não póde e não deve exercer interferencia alguma.

Que a politiquice reconheça, d'uma vez para sempre, que o seu campo de acção não póde ir além do calcetamento das estradas á porta dos influentes.

Horacio Bastos

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21 — Um serão nas Laranjeiras.
REPUBLICA — A's 21 — A maluquinha de Arroyos.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo.
POLYTEAMA — Não ha espectaculo.
GYMNASIO — A's 21 — O Senhor Roubado.
EDEN — A's 21 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas
COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Franciulla del West.

Primeiras representações

REPUBLICA — *A Maluquinha de Arroios*, *Trez actos de André Brun*.

Noite de gargalhada continua e franca, de acrobatismos scenicos, de carnavalesca alegria, a de hontem no Republica, onde se estreou a nova peça de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Com um primeiro acto bem traçado, de apresentação de personagens e esboço inicial da intriga, affirmando as notaveis qualidades do comediographo que, quando quizer, poderá triumphar na verdadeira comedia de costumes burguezes, *A Maluquinha* é, no segundo acto, pelo movimento funambulesco, pela inexcedivel confusão, pelo estupendo embroglio a que, no entanto, não falta de todo a verosimilhança e a logica, a mais hilariante pochade que uma desenfreada phantasia pode architectar. Quando cae o panno sob aquella sarabanda que, á luz dos relampagos e ao ribombar dos trovões, dançam as visitas de D. Alzira de Menezes, que é o nome de guerra de Joaquina Martins, por alcunha «A Maluquinha de Arroios», custa a crêr na possibilidade, para o auctor, de desembrulhar semelhante meada! Mas André Brun conseguiu-o, mantendo no terceiro acto o interesse e a excellente disposição do publico, que riu sem descanço e admirou a pericia com que as coisas se compuzeram de maneira a tudo acabar em bem...

Do valor e da graça de peças do genero de *A maluquinha de Arroios*, que vivem de imprevistas e complicadas situações comicas e de estusiantes ditos que se succedem vertiginosamente, nunca se ajuizou por uma ideia, embora longinqua, que se possa dar do seu entrecho. Só vendo e ouvindo se formulará um juizo exacto e estamos certos de que quem apenas fôr ao Republica com o proposito de passar algumas horas alheado de preoccupações tristes ha de por força distrahir-se. Acudir-lhe-hão talvez as lagrimas aos olhos, mas á força de rir com os typos e as facecias de André Brun e com o desempenho que á sua comedia imprimem, sem excepção, todos os artistas que entram n'ella...

As aventuras de Balthasar Esteves, opulento bacalhoeiro, que tem predios e automoveis, um genro visconde, um filho poeta, uma esposa que aprende francez com a manicure, um administrador sentimental, uma inquilina de vida facil que é a «Maluquinha» com a sua extravagante familia, não se contam sem risco de as empallidecer e apoucar no que possuem de inacreditavel grotesco. Esse Balthasar que nunca conheceu outra mulher antes da sua e que depois de casado foi sempre, como elle diz, «escravo do dever» deixa-se captivar pelos encantos e pelas roupas brancas da inquilina peccadora, que é a amante do genro titular e a apaixonada do filho poeta, os quaes o surprehendem aos pés da beldade cujo pae, desavergonhado de polpa, deslisa no momento psicologico por indicação da filha. Mas a esposa de Balthasar e a viscondessa surgem tambem em casa da «Maluquinha» para que esta dê á segunda umas lições da arte de prender pelo amor. E' que a viscondessa desconfia do marido e a manicure aconselha aquelle expediente como infallivel. As mulheres que não vivem sujeitas aos laços matrimoniaes dispõem de recursos de seducção que as casadas desconhecem. Como é que encontrando-se todos na mesma casa de jantar da «Maluquinha», as esposas do Balthasar e do visconde não os reconhecem nem ao poeta, alli reunidos sem saberem uns dos outros e mutuamente desmascarados? Sabel-o-ha quem fôr ao Republica onde terá tambem conhecimento das sangrentas façanhas de um macaco e de um papagaio e das consequencias d'este drama domestico que importa n'um bom par de contos ao rico bacalhoeiro para que sua mulher fique ignorando que elle esteve prestes... a escorregar...

Chaby Pinheiro é o actor ideal para typos como Balthazar Esteves. O seu trabalho, esplendido de naturalidade, prendeu todas as attenções. Angela Pinto, Barbara, Jesuina Saraiva, Emilia de Oliveira, Luz Velloso, Laura Hirch, Brazão, Ferreira da Silva, Raphael Marques, Carlos de Oliveira, encarregaram-se das outras personagens, interpretando a farça com a intenção, o pittoresco e a desenvoltura que ella requer. Auctor e actores foram chamados e muito applaudidos. O *Republica* tem peça para successivas enchentes durante a quadra que atravessamos.

A. de A.

Noticias

Entre nós

Na recita das actrizes Carmen e Egydia d'Oliveira, que se realisa no proximo dia 3, no Eden, toma parte por especial deferencia para com as beneficiadas, sua irmã a actriz Auzenda de Oliveira, do theatro da Trindade, para a qual os auctores do «Dominó» estão arranjando numeros novos que pela primeira e unica vez serão representados n'aquella noite.

Representará mais, juntamente com Henrique Alves, a engraçada comedia de Alvaro Cabral, «Uma teima».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.— Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ULTIMAS NOTICIAS

A FESTA DA ARVORE

As escolas secundarias

As suas sociedades de instrucção militar realisam uma sessão no Lyceu Pedro Nunes

No magnifico edificio do Lyceu Pedro Nunes effectuou-se hoje, conforme estava annunciada, a sessão solemne promovida pelas sociedades de instrucção militar preparatoria, constituidas pelos alumnos de varias escolas de ensino secundario. Pelas 12 horas começou a concentração dos grupos que formaram nos pateos de recreio, acompanhados por pelotões de «boys-scouts» das mesmas escolas e tendo comparecido grande quantidade de estudantes e suas familias.

Pouco depois das 13 horas chegou o sr. presidente da Republica, sendo aguardado á entrada do edificio pelo sr. ministro da guerra, reitores dos Lyceus de Lisboa, presidente do senado municipal, governador civil, professores e militares. Trocados os cumprimentos no gabinete da reitoria, o chefe do Estado subiu ao primeiro gymnasio onde se effectuava a sessão. O sr. dr. Bernardino Machado deu a direita ao sr. ministro da guerra, ao qual se seguiam os srs. governador civil, Costa Gomes, presidente do senado municipal e coronel Albuquerque e a esquerda ao sr. José de Castro, presidente da Associação Protectora da Arvore, que tinha a seguir o sr. dr. Sá e Oliveira, Alberto Machado e Gastão Correia Mendes.

Por detraz da presidencia veem-se os professores de varios estabelecimentos de ensino, o sr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva do municipio, vereadores Saraiva Lima e Abilio Trovisqueira, e representantes de diversas entidades convidadas para a commemoração.

A' entrada do edificio, a banda de infantaria 2 executou hymno nacional á chegada do chefe do Estado e quando este penetrou na sala das sessões a orchestra do asylo Feliciano de Castilho tocou a *Portugueza*, sendo n'essa occasião levantados vivas á Patria e á Republica.

Usou em primeiro logar da palavra o sr. José Pinto Torres que faz uma exposição pratica dos beneficios que a arvore nos presta. Referiu os dados estatisticos que demonstram ser a arborisação um iniludivel aspecto da civilisação. Munidos dos diversos exemplares, o sr. Pinto Torres apresentou á assembleia os diversos productos vegetaes, a cortiça em prancha e fabricada, as resinas, oleos, papeis e cartões, algodões, sedas e botões que muita gente suppõe serem de massa e que são feitos de caroço, marfim vegetal, oriundo das nossas provincias africanas.

A exposição feita pelo sr. Pinto Torres, em linguagem corrente e despreoccupada, interessou sobremaneira o auditorio, que applaudiu vibrantemente o orador.

Falou em seguida o sr. Mario Azevedo Gomes, professor do Instituto Superior de Agronomia, que proferiu uma proficientissima allocução sobre o assumpto, e por ultimo o sr. major Beça, da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria. O illustre official salientou o papel que o culto da arvore deve desempenhar na disciplina social, fazendo votos para que na proxima festa todas as escolas do paiz se associem a essa commemoração enviando-lhe os seus grupos militares e que estes possam tambem apresentar-se no congresso de educação physica, como testemunho do apuramento da raça, signal de que uma geração nova surge capaz de derramar o seu sangue pela bandeira verde-rubra, pela Patria e pela Republica.

Depois da sessão, o sr. presidente da Republica, acompanhado pelo sr. Sá e Oliveira e convidados, visitou o edificio do lyceu, magnificamente installado, como se sabe.

Os grupos da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria, que tinham assistido á sessão, abandonaram o lyceu, dirigindo-se ao Jardim Botanico, onde se effectuou a plantação da arvore, com assistencia do chefe de Estado e ministro da guerra.

A' festa S. I. M. P. n.º 1

Assistem 1709 alistados, decorrendo a cerimonia brilhantemente

A's 9 horas em ponto, formaram as escolas da patriotica Sociedade n.º 1, no quartel de sapadores mineiros, onde recebem a instrucção militar, sob a direcção do coronel d'infantaria, sr. Miguel Garcia, coadjuvado pelos officiaes, sargentos e varias praças do exercito de terra e mar que são dedicados instructores da referida corporação; e depois d'algumas evoluções realisadas na parada, fez-se, cerca das 10 horas, a continencia á bandeira nacional, tocando n'essa occasião a banda marcial da Sociedade a «Portugueza». Vem a proposito declarar que a banda d'esta benemerita corporação, ha pouco organisada, sob a intelligente direcção do habil maestro sr. Lopes da Silva, capitão-chefe da banda de infantaria 5, é composta já de 34 figuras—só alistados de 1.ª e 2.ª secções da Sociedade e não de elementos estranhos.

Terminada a continencia á bandeira, a referida corporação, em numero de 1709 alistados, sahiu do quartel, em columna de marcha, com a banda á frente, para no largo de Sapadores, onde, no oval que ali existe, já se encontravam dois jardineiros da camara municipal de Lisboa, com 4 arvores para serem plantadas n'aquelle local.

Já então se agglomerava muito povo no amplo largo, aguardando a sahida de tão benemerita Sociedade d'I. M. P., a qual formou em volta, ficando a bandeira nacional ao centro.

Começa n'esse momento a festa da arvore, tocando a banda a «Portugueza», cantada por todos os alistados. Depois realisou-se a plantação de 4 arvores por 12 alistados munidos de pás-picaretas, executando a banda o «Hymno da Arvore». Segue-se a canção «Patria e bandeira», tocada pela banda marcial e cantada por toda a corporação. Depois usam da palavra, proferindo enthusiasticas allocuções a proposito do acto os srs. capitão Tavares de Carvalho, um dos instructores e Mario Teixeira Bastos, alistado n.º 949, da 1.ª secção e terceiranista de medicina, referindo-se ambos ao significado de tão encantadora festa.

Terminadas as allocuções, o coronel sr. Miguel Garcia agradeceu aos dois oradores. A banda toca de novo a «Portugueza», emquanto a bandeira nacional recolhe á séde da Sociedade, devidamente escoltada.

Seguidamente, a corporação desfila com a banda de musica até ao portão da séde, o que produziu um effeito soberbo perante o numeroso publico e a visinhança que se apinhava nas janellas.

A's 12 horas, seguiu para o Lyceu Pedro Nunes, á Estrella, a fim de representar a Sociedade n.º 1, na festa que alli se realisou, e conforme o convite recebido, o pelotão de estafetas, composto de 100 alistados, sob as ordens do alferes de infantaria 16, sr. Rodrigues Caetano e dos sargentos Manuel Antão, de engenharia e Alfredo Tinoco, de infantaria.

Escola central n.º 10

Revestiu grande brilho a festa d'esta escola. Além da plantação da arvore, foi offerecido um jantar a 50 creanças protegidas pela cantina da Associação de Beneficencia de S. Christovam e S. Lourenço e um *lunch* ás 300 creanças que assistiram á festa.

Pelas 12 horas, realisou-se a plantação da arvore no Largo da Rosa, sendo abrilhantada pela Sociedade Recreio Operario do Portugal, seguindo-se sessão solemne na séde da escola, á qual presidiu o sr. Antonio Matheus Pereira Junior, secretariado pela professora sr.ª D. Ilda Correia Mendes e João de Deus, usando da palavra os srs. Eugenio Vieira, Eduardo Simões, Mathias Augusto, Justino Corvo.

O orpheon da escola, sob a regencia do professor sr. Baptista, entoou varias canções recitando poesias alguns alumnos. A direcção reuniu depois com o corpo docente, direcção da Associação de Beneficencia e junta de parochia, trocando-se brindes cordeaes, seguindo-se o jantar das creanças.

Na escola central 5

N'esta escola, sita no largo do Contador Mór, que se encontrava lindamente embandeirada interior e exteriormente, o mesmo succedendo com os predios do largo, tambem as creanças plantaram arvores entoando varias canções, fazendo a regente sr.ª D. Julia da Silva uma breve allocução ás creanças. No final foi distribuido um *lunch*, que decorreu bastante animado.

No Centro Rodrigues de Freitas

Com grande animação foram hoje plantadas, no jardim d'este Centro, pelos seus alumnos, duas arvores de fructo, sendo muito bem entoados n'essa occasião diversos canticos apropriados ao acto.

Em seguida realisou-se uma sessão solemne, falando diversos oradores, que foram muito applaudidos.

Durante a sessão os alumnos entoaram novas canções, tendo-se salientado «As Manhãs d'Abril», o «Hymno da Arvore» e «A Portugueza», que haviam sido muito bem ensaiadas pelas sr.as D. Alice Silva e D. Palmyra Ferreira, sendo seguidamente offerecido um *lunch* a todas as creanças.

No Asylo de Santa Catharina

Realisou-se a cerimonia no jardim de recreio perante todas as asyladas internas e externas e muitas pessoas. A arvore plantada foi uma amendoeira. A sessão estava para se realisar no jardim, mas como a chuva começasse a cahir, todos se dirigiram para a sala das sessões. Tomou a presidencia o sr. Borges Grainha, que escolheu para secretarios as alumnas Maria da Luz Callado e Dalgiza de Oliveira. O sr. Borges Grainha profere algumas palavras e em seguida a menina Maria da Luz Callado profere algumas palavras sobre a utilidade das arvores. O orpheon canta o Hymno da Arvore. A menina Dalgiza recita uma poesia, findo o que o sr. presidente profere uma allocução dizendo que a primeira vez que a festa da arvore se realisou foi ha 9 annos, sendo as arvores plantadas na rua Alexandre Herculano. O orpheon volta a cantar «A Portugueza», encerrando-se a sessão no meio do maior enthusiasmo. A' noite realisa-se o sarau dramatico, em que toma parte um grupo de amadores.

Na Sociedade de instrucção Preparatoria n.º 9

A festa da arvore na Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9 devia realisar-se no Parque Eduardo VII, mas, por a camara não ter respondido ao officio que lhe foi enviado, effectuou-se na cerca da séde da Sociedade, onde se plantaram diversas arvores. O batalhão assistiu ao acto sob o commando do tenente sr. Batalha, fallando durante largo tempo o alumno Rey Ribeiro que se referiu ao culto da arvore. A assistencia foi grande. A' noite ha sarau.

Em infantaria 5

N'este regimento tambem a festa da arvore se realisou com solemnidade.

A's 13 horas formou o regimento, na maxima força, sob o commando do coronel sr. Pinto de Magalhães para apresentação dos recrutas. O regimento formou em quadrado, ficando o commandante e officiaes ao centro, sendo então pelos alferes srs. Nunes da Silva e Libanio Chaves pronunciadas allocuções sobre a arvore.

Seguidamente procedeu-se á plantação das arvores pelos recrutas, tocando a banda regimental.

Seguiu-se a segunda e terceira partes do programma, que constou de gymnastica sueca pelos recrutas, dirigida pelo sr. alferes Libanio Chaves; jogos sportivos, lucta de tracção, saltos de plinto, esgrima de bayoneta por um pelotão dirigido pelo sr. tenente Asinhaes, desfile dos recrutas e desafio de «foot-ball», arbitrado pelo sr. alferes Serra, entre os «teams» do regimento.

Todos os numeros foram muito applaudidos pela numerosa assistencia que acorrera á parada do quartel, tendo a banda executado alguns trechos.

Em infantaria 16

Pelas 12 horas formou o regimento na parada sul do quartel, sob o commando do sr. tenente coronel Antonio Maria Baptista, na maxima força e com todos os officiaes do regimento, assistindo tambem formada em columna de companhia a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 5.

O capitão sr. Prata Dias proferiu uma allocução patriotica e allusiva ao acto seguindo-se a plantação da arvore.

As creanças das escolas central 5 da Associação de Beneficencia do Castello haviam sido convidadas a assistir a este acto para o que o sr. tenente coronel Baptista e os officiaes do seu regimento preparavam um *lunch*, que não chegou a ser servido, porque as escolas não compareceram, em virtude de commemorarem tambem a festa.

A banda do regimento abrilhantou o acto, tocando depois bastante tempo na parada do quartel. Os ranchos foram melhorados.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Adellos e annexos dos mercados de Lisboa.—Para approvação e discussão do relatorio e contas da gerencia e eleição de corpos gerentes, reune ámanhã, ás 21 horas, em segunda convocação, a assembléa geral, que funccionará com qualquer numero de socios.

PEQUENAS NOTICIAS

No hospital de S. José recolheram: á enfermaria 4, Manoel José Baptista, maritimo, morador na rua da Alfandega, que cahiu d'uma prancha, n'uma fragata, no Jardim do Tabaco, ficando bastante ferido em ambas as pernas; á n.º 5, João Baptista, pateo do Collegiinho, 7, loja, que alli cahiu de um muro, fracturando a perna esquerda; e á n.º 6, Augusta de Figueiredo Branco, rua do Livramento, 9, que n'aquella rua foi atropellada por um electrico, ficando com fractura da perna esquerda.

A gréve academica

Na reunião de hoje dá-se por terminada a de Lisboa e resolve-se saudar o sr. presidente da Republica

Como hontem noticiámos seguiram para Coimbra dois delegados da Federação Academica a fim de assentarem com os seus collegas d'aquella cidade na attitude a seguir perante a actual gréve academica. Noticiámos tambem, em virtude de uma nota officiosa que esses delegados chegariam hoje a Lisboa e que haveria no theatro da Avenida uma reunião publica a que poderiam assistir não só os estudantes como seus paes e todas as pessoas que tivessem mais ou menos interesses ligados á causa que se debate. O palco do Avenida foi onde se installou a meza. A sala está repleta de estudantes de todas as escolas, o mesmo acontecendo aos camarotes e galerias. Emquanto os delegados reunem no «buffete», cá fóra na sala o sussurro é medonho. Os apartes trocam-se de lado para lado. A's 16 horas é constituida a meza. Preside o sr. dr. João Camoezas, que tem como secretarios os srs. Paula Nogueira e Luiz Arruda Pereira. Procede-se á chamada dos delegados que passam a occupar as 5 primeiras filas de cadeiras. Abre-se a inscripção dos oradores, que pertencem ás varias escolas superiores. O sr. presidente diz que os delegados tendo reunido antes da ordem dos trabalhos tinham approvado uma moção da direcção da Federação, cujos termos são os seguintes:

«A direcção da F. A. L. considerando que o conflicto de Lisboa está solucionado, porquanto já estão matriculados os estudantes de medicina a quem foram primitivamente negadas as accumulações e foram annuladas pelo Senado Universitario e Conselhos Escolares as faltas dadas por motivo da gréve; considerando que o conflicto de Coimbra está em via de solução, pois que os estudantes d'aquella cidade aceitaram a plataforma offerecida pela F. A. de L.; considerando porém que os Senados Universitarios do Porto e Coimbra ainda não mandaram annular as faltas dadas por motivo da gréve, a F. A. de L. ao declarar voltar ás aulas compromette-se a solidarisar-se com esses collegas desde que os Senados Universitarios d'essas cidades não mandem annular as faltas dadas pelos seus alumnos».

As palavras do sr. João Camoezas são escutadas no meio de grande silencio e no final muito applaudidas. Seguidamente o 1.º secretario lê a seguinte moção:

«Considerando que entrou em execução a lei n.º 478; considerando que pelas resoluções dos Senados Universitarios e dos Conselhos das Escolas e Institutos onde foi mantida a parede geral em disposição do decreto n.º 2.230, de 23 do corrente, foram abonadas todas as faltas em aulas theoricas e praticas e resalvados todos os outros prejuizos advindos pelas paredes geraes decretadas por esta Federação e pelas parciaes das Associações de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa e do Instituto Superior Technico n'ella federados; considerando que estão por consequencia absolutamente satisfeitas todas as reinvindicações determinantes da referida parede geral; considerando que as associações federadas em particular e toda a Academia, em geral, acataram perfeitamente as resoluções da Federação, mantendo a mais completa disciplina e a mais admiravel unanimidade; considerando que deve a Academia continuar manifestando as altas qualidades affirmadas em todos os lances do movimento; considerando que a attitude de s. ex.ª o sr. presidente da Republica correspondeu de modo inequivoco ás tradições do mestre illustre de 1907, a assembleia geral da Federação Academica de Lisboa resolve:

a) Proclamar a terminação da parede geral decretada ás duas horas e meia de 19 do corrente. b) Saudar os Senados Universitarios e os Conselhos Escolares, protestando-lhes o seu muito respeito e decididos intuitos de os secundar na nobilitação, e nos progressos do ensino; c) Saudar commovidamante todas as associações federadas e toda a Academia, significando em especial o seu indelevel reconhecimento aos collegas *do Porto e de Coimbra* pelo *inestimavel* auxilio que com toda a nobreza e isenção lhes prestaram; d) Rogar encarecidamente a todos os estudantes que só iniciem as ferias do carnaval no proximo sabbado, 4 de março, como a mais eloquente das affirmações dos seus propositos de boa applicação e amor pelo trabalho; e) Saudar s. ex.ª o sr. presidente da Republica affirmando-lhe o enternecimento reconhecido da Academia».

A moção é approvada por unanimidade partindo de todos os lados palmas que se prolongam durante largo tempo. Falam em seguida os srs. Bensabat Amzalack, em nome do Instituto Superior do Commercio, Albino Fernandes, pela Escola de Medicina Veterinaria Vaz Pereira, pela Faculdade de Direito, Aurelio Quintanilha, pela Faculdade de Sciencias, Cancella de Abreu, pelo Instituto Superior Technico, Edalino Torrado, pela Escola Colonial, Alfredo Troni, pela Faculdade de Medicina Oliveira Dias, pela Escola de Pharmacia, Correia Monteiro, em nome do «comité» organisado do movimento academico, Gomes da Silva, pela direcção da Educação Physica da Federação, dr. Macedo e outros todos elles referindo-se ao movimento e ao fim attingido, terminando os seus discursos por levantarem vivas á Federação Academica, aos estudantes de Coimbra e Porto e á Federação Geral Academica. Fala depois o sr. Camoezas que mostra qual o trabalho feito pela Federação e faz ver quaes os fins que ainda deve seguir para o seu desenvolvimento pois que as Federações Academicas só não existem na Russia e em Portugal.

A sessão é encerrada com vivas á Academia e a Portugal, vivas que se prolongam durante muito tempo.

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

Outro concerto wagneriano, que, inutil será dizer, levou ao theatro a concorrencia que faltou á «Pastoral».

Nada haveria a dizer d'este concerto, composto de trechos já executados, se não fôra a collaboração de Maria Judice da Costa, que cantou o «Sonho de Elsa» no primeiro acto de «Lohengrin» e repetiu a «Morte de Isolda».

Ainda bem que repetiu esta grande pagina do Mestre, pois em muito a sua interpretação foi superior á do dia 13, tendo conseguido, por uma perfeita integração na personagem e na situação, e uma expressão sinceramente sentida, dar-nos o «frisson» dramatico: bem merecidos os applausos a essa sua interpretação, que foi, sem favor, intelligentemente wagneriana.

Razões de ordem tanto moral como dramatica fizeram que o mesmo não se desse com a pagina do *Lohengrin*; as qualidades de voz e o temperamento de Maria Judice affastam-na dos papeis idealmente mysticos, como os de Elsa ou de Izabel, prestando-se, pelo contrario, á expressão dos arrebatamentos amorosos de Isolda, ou aos desesperos sombrios de Brunnhilde.

Da orchestra, ha a notar a maior precisão da *Bacchanal* do *Tannhauser*, dada hoje pela segunda vez, uma maior segurança e perfeição no preludio de *Parsifal* a parte da entrada do motivo da *fé* e uma execução verdadeiramente admiravel e precisamente equilibrada da abertura do *Tannhauser*.

H. de A.

Concerto David de Sousa

Que foi uma extraordinaria sessão d'arte o concerto de hoje no Polytheama é questão indubitavelmente liquidada:

—Foi.

Admiravel o criterio que presidiu á confecção do programa e digno de todo o elogio a forma como a orchestra o executou.

A interpretação do «2.º Poema Symphonico» de João Arroyo, cuja noticia primeira por distracção d'um meu illustre camarada, ficou até hoje na sua gaveta (d'elle) não foi, como eu ineditamente já disséra, o que ouvi no piano ha quatro dias, em casa do grande musico portuguez, tocado por elle proprio, n'uma «virtuosidade» digna da inspiração do illustre maestro.

Eu já o previra com justiça quando no alludido artigo (que foi, como outras minhas obras, relegado á cathegoria das «*posthumas*») escrevi:

«Na realidade, a nova partitura de João Arroyo encerra uma somma de bellezas consideravel, enorme, determinante no conjuncto de emoções amaveis que são o oem da existencia humana.

. . . .

«A musica, em *nuances* delicadissimas traduz á maravilha as impressões expostas no programma litterario, deixando no auditorio a sua noção clara, destacada, diriamos—se não temessemos a sugestão—*perfeita*.

«Das difficuldades da partitura, nem falaremos. Não é justo esperar que a orchestra do Polytheama nos dê, em primeira audição, a nitidez do poema. Seria ignorancia imperdoavel; depois de assistir, como asisstimos, á extraordinaria musica de João Arroyo, tão singelaharmoniosa *no conjuncto synthetico*, quanto complicada e difficil nos componentes da tessitura!»

Realmente, a orchestra do Polytheama não nos deu as impressões que colheramos, quando ao compositor ouvimos *no seu* piano.

Lá para a quinta audição esperamos a grande revelação.

—Não basta saber lêr, para fazer *tonto*—dizia-me David de Sousa, quando da audição em casa do Maestro.

E n'esta phrase encontro eu um nitido commentario ás difficuldades extremas da nova, esplendida obra d'esse portuguez que, tendo sido um dos mais gloriosos ornamentos da tribuna parlamentar, é hoje o mais excellente musico da sua terra.

Em todo o caso, não desprezemos os dignos esforços da orchestra e do seu illustre regente para bem interpretar a interessantissima partitura.

Na 3.ª parte, a destacar, a «Berceuse» e «Preludio», de Iaernefeld, tocados com extrema delicadeza. Cheios de «entrain» e condigna interpretação, ouviram-se a «Marcha Hungara», de Berlioz, ó a «Abertura Solemne», de Tchaykowsky, sublinhadas por estrepitosos applausos, sobretudo a ultima, sendo tambem chamados ao proscenio Luiz Pereira e o illustre João Arroyo.

S. P.

A grande guerra

Os russos na Galicia e em Erzerum

PETROGRADO, 26—Official—Na Galicia, na região de Mikhaltche apoderamo-nos de umas excavações que o inimigo occupava. Em Erzerum prendemos 235 officiaes turcos, 12:578 soldados e tomamos 9 bandeiras e 323 peças de artilharia, e, continuando a perseguição, rechaçamos as guardas da rectaguarda inimiga e occupamos a aldeia de Aschkala.—(*Havas*).

Gymnasio Club Portuguez

Com bastante animação realisou-se hoje n'este club a interessante «matinée» das creanças.

Apresentaram-se muitas, graciosamente mascaradas, dando á festa grande animação.

O programma, desempenhado pelos alumnos das classes infantis, causou sensação pela originalidade dos numeros apresentados.

Terminou a festa com um baile que esteve muito animado.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Festas associativas

Academia 1.º de Setembro de 1867—Effectua-se hoje recita seguida de baile, tomando parte o grupo dramatico «Os Lusos».

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

A MODA

Parte amanhã para Paris e Zurich, onde vae adquirir modelos para a proxima estação, o nosso amigo sr. Antonio Gonçalves Marques, proprietario de *Ao Ultimo Figurino*, o elegantissimo estabelecimento da rua Garrett.

O sr. Gonçalves Marques pensa em adquirir uma formosissima collecção de sedas, principalmente *tafetás* que serão nota sensasional d'este verão.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Maria da Conceição Bastos, cujo enterro se effectuará amanhã, pelas 15 horas, sahindo o feretro da calçada do Desterro, 22, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Folhetim d'A CAPITAL 27-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A virtude vencida

E Everet? Velava dedicadamente por aquelles que tinham vindo a S. Francisco em busca do seu amigo auxilio. Por isso, ao saber da prisão de Dore, o seu amigo e quasi o seu pupilo, aquelle que por elle fôra collocado á frente da «Chave Mestra», correu ao Hotel Mons, a fim de averiguar de que se tratava, Everet, o celebre banqueiro, de quem dependiam tantas fortunas e que tinha na sua mão os destinos de tantos individuos, era um homem forte, nutrido, lento, ponderado e afavel. O seu rosto respirava franqueza e simpathia. Era d'esses homens placidos e calmos que dir-se-hia terem vindo a este mundo para inspirar confiança aos outros. Rosa e Tom, ao vêl-o, entregaram-se-lhe cegamente.

—O que é feito de Dore?—pergunta elle, interessandissimo.

—Está preso! — respondem, ao mesmo tempo Rosa e Tom.

E a historia do assalto ao quarto da menina Gallon, o roubo dos titulos, a perseguição no telhado, o tiro disparado a tempo, tudo foi relatado, em phrases rapidas, a Everet, que ouviu em silencio e partiu, quasi sem dizer uma palavra, a ver se conseguia obter para Dore, o seu protegido, a liberdade provisoria.

Wilkerson e a Darvell, quando teem conhecimento do tragico desfecho da aventura em que haviam mettido Tall, ficam aterrados. E' preciso reagir contra a catastrophe que se approxima, pensam elles. Desanimar é contribuir para uma derrota, que seria a desgraça de todos. Mas reagir, como?

—Não são nada para despresar os nossos adversarios! — exclama a Darvell. Em golpes decisivos olha que será difficil excedel-os.

—Tambem o julgo assim.

—E que tencionas fazer?

—Não sei por ora. Mas juro-te que hei de saber achar uma vingança absolutamente digna de todos nós!

—Fico esperando.

Entre os dois não se trocou, durante algum tempo nem uma palavra mais. O insuccesso das suas combinações criminosas desesperava-os! Mais. Deixava-os mal humorados, mal dispostos, furiosos um com o outro. Só Darke, no meio d'aquillo tudo, andava como que vendido. A sua missão não era a de pensar, mas apenas a de executar. A sua mentalidade inferior não o impunha a ninguem. Era um serventuario e nada mais. Não se eximia ás situações difficeis, e era isso o que tornava supportavel.

Depois de longos momentos de concentração, Wilkerson como que acorda para se dirigir á Darvell e para lhe dizer:

—Achei. Vamos jogar outra partida. E esta tem, d'ante-mão, assegurado todo o seu exito.

—Vejamos.

—Como sabes, Dore está preso. O seu desejo de ver Rosa ha de ser enorme. Escrevamos a Rosa, em nome de Dore, falsifiquemos uma carta, mettemos a pequena n'um automovel guiado por Drake e o resto é como se não existisse.

—Sim, sim, acho excellente!

—N'esse caso, mãos á obra!

E pegando n'uma folha de papel, Wilkerson escreve a Rosa uma carta de Dore tão perfeitamente falsificada, que nem a Darvell seria capaz de adivinhar essa falsificação. Drake é mettido no segredo e devidamente instruido. Cumpre-lhe apenas isto: Vestir-se de «chauffeur», ir, n'um automovel por elle guiado, ao Hotel Mons buscar Rosa e conduzil-a a um sitio escuso, prèviamente escolhido.

Emquanto Everet parte para conseguir a libertação de Dore, o velho Tom, sentado ao lado de Rosa, não pode resistir á tentação absorvente de a pôr ao facto da verdadeira situação da Chave Mestra. Tudo ali é miseria e dôr, diz elle.

—O homem de confiança de Wilkerson, o opiomano Tubs, é quem tudo dirige. A sua vontade é soberana e despotica, e quem não lhe obedecer, é implacavelmente despedido. Succedeu isso a Kave, creatura que bem podia ser considerada uma das mais dedicadas a seu pae e á menina. Ha de acontecer-me outro tanto a mim. Ha operarios que morrem de fome, e as mulheres, esfarrapadas e esfaimadas, teem promovido motins, para verem se conseguem pão. Tubs, aos gritos e ás supplicas dos miseraveis, responde sempre com a violencia. A situação, minha menina, é insustentavel. Veja se lhe acode quanto antes, com o sr. Dore. Senão, não sei bem onde aquillo irá parar.

Uma amargura infinita enchia a alma de Rosa, quando o «groom» do hotel lhe entregou a supposta carta de Dore. Devorou-a cheia de anciedade e de sofreguidão. O seu querido Dore chamava-a. Iria vel-o. Mas de repente, assaltou-a uma suspeita. Seria, realmente, authentica aquella carta? Não representaria ella, antes de tudo e acima de tudo uma perigosa cilada? Tom tambem lê a missiva, compartilhando dos receios de Rosa. Pelo sim pelo não irá com ella. E para, no momento critico, não se encontrar só, mette na algibeira o seu magnifico revolver, deante do qual ninguem pode considerar-se em segurança.

A' porta do hotel, Drake espera com o seu automovel. Virá a pequena? Não virá? Tudo indica que sim. Para ella, ver Dore na cadeia deve ter um encanto especial. Ainda que desconfiasse da carta, não deixaria, seguramente de acudir ao chamamento que n'ella se lhe fazia. Pensando assim, Drake pensava bem. Effectivamente, sem perda d'um instante, Rosa desce a larga escadaria do hotel, pára defronte do gerente, no escriptorio e diz-lhe aonde vae. Ao mesmo tempo, deixa cahir um papel, que o gerente apanha e guarda. O auto parte, levando Tom e Rosinha. Para onde?

Emquanto viu desfilar, pelas portinholas do vehiculo os altos predios de S. Francisco e as ruas mais ou menos suas conhecidas, Rosinha não se atemorisou. Mas logo que o automovel começou a percorrer sitios escusos e desertos, logo que a protecção que inspira o povoado se transformou em oppressão e animadversão, toda a sua tranquillidade se desfez e o receio começou a invadil-a toda e a dizer-lhe que commettera uma grande imprudencia, acudindo ao chamamento d'uma carta que nada lhe garantia que fosse authentica.

Tom, fatigado, velho, pouco afeito á vida agitada que o destino lhe fazia passar em S. Francisco, adormecera e não havia maneira de o acordar, de que lhe servia então aquella sentinella vigilante, áquelle protector que o destino lhe enviará e que, em tão critico momento, a desamparava, adormecendo?

O automovel parou, finalmente, junto d'um casarão abandonado e vetusto, situado á beira d'um bosque, nos arredores de S. Francisco. Wilkerson apparece como se a terra o expellisse, vivo e são, n'aquelle instante. O seu olhar é feroz. Aterrorisa e esmaga. Hipnotisa e confunde. Rosa não tem coragem para resistir. Deixa-se arrancar do vehiculo, salta para o chão e prepara-se para obedecer cegamente áquelle que está sendo seu algoz implacavel. Um bom destino, porém, vela por ella. E' que, quando o bandido pretende apoderar-se da fraca creatura, Tom, acordando, trata de lançar na contenda, a sua auctoridade absolutamente respeitavel. E assim, vendo novamente Rosa em poder de Wilkerson e de Drake, puxa do revolver aponta-lh'o e prepara-se para despachar d'esta para melhor aquelle que tentar reagir.

Wilkerson aproveita um momento de distracção de Tom e foge. Tom dispára contra elle, mas erra o alvo. Drake, porém, ficou. Tom obriga-o a tomar conta do volante e a conduzil-os a um commissario de policia, sem jámais deixar de o ter sob a implacavel ameaça do seu revolver.

O destino tem por vezes d'estes caprichos. Nem sempre o mal encontra n'elle um collaborador cego, porque ás vezes só d'elle recebe golpes irreparaveis e rudes. Tom está sendo, n'este momento, o instrumento de que esse destino se serve para proteger Rosa e Dore. E se não fosse o pobre cozinheiro, o que teria já acontecido áquelles que Wilkerson persegue encarniçadamente, para satisfazer a sua desvairada e cega ambição?

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

Notas de arte

A pyrogravura

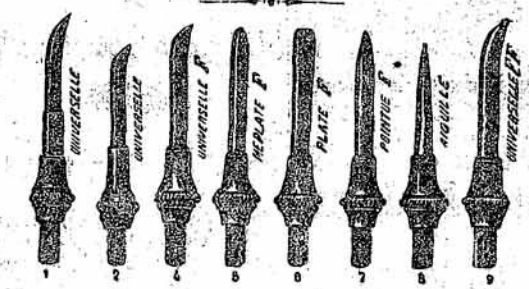



Figura 22

A pyrogravura já tão conhecida, é a arte de desenhar e de gravar com instrumento proprio, levado a uma determinada temperatura, o qual queima e profunda a materia sobre a qual é empregado.

Pyrograva-se sobre madeira, tecidos varios, couro, marfim, vidro, marmore, etc. E' a mais facil e uma das mais encantadoras artes modernas de amadores.

E' tão facil pyrogravar como escrever.

O pyro-pincel, ou pyrogravador é manejado como simples lapis e produz traços, sombreaods mais ou menos pronunciados.

Utilisa-se a pyrogravura tanto para um leve esboço, como para a execução d'um retrato, uma paisagem e todos os trabalhos decorativos do mais bello effeito.

O successo da pyrogravura é devido á sua simplicidade. O seu funcciona-

Figura 19

mento é tão rudimentar que qualquer pessoa completamente extranha a este trabalho, consegue em poucos momentos incandescer o lapis e manejar a pera de caoutchouc que produz o rubro na platina.

Não é necessario saber desenhar para pyrogravar. Fazem-se os contornos por qualquer modo de decalque e repassa-se o desenho com o pyrogravador, mas quem souber desenho produzirá necessariamente linhas e curvas com perfeição e mão firme.

A sua origem

«Exista enorme differença entre os processos primitivos usados pelos povos selvagens e os apparelhos hoje inventados e aperfeiçoados.

Effectivamente os idolos, a decoração a fogo das pirogas, ornamentadas com frisos, por meio d'um ferro em braza, tudo nos mostra a antiguidade d'esta arte.

A sua applicação decorativa tentou sempre os artistas em todas as epochas, pelo processo inalteravel, a facilidade de trabalho e a sua rapidez; portanto na historia artistica da antiguidade, não vemos o seu emprego, nem mesmo entre os egypcios, tão dados á simplicidade de todos os meios da decoração.

Foi apenas na Edade Media que o desenho a fogo fez a sua interessante apparição, nas encadernações, sobre as paredes de madeira e sobretudo na ornamentação das egrejas.

Manuel Périer, foi dos primeiros a querer aperfeiçoar este processo.

Mas depois de varias experiencias sem resultado, a invenção do thermocauterio pelo dr. Paquelin, em 1875, foi um raio de luz para Périer, ou antes a solução procurada por um, acabava de ser achada por outro, visto que o apparelho de pyrogravura não é senão a simplificação e aperfeiçoamento do thermocauterio.» (Extracto do tratado sobre Pyrogravura por Luiz de Sousa).

Foi em 1892 que chegou a Lisboa o primeiro estojo de pyrogravura, encommendado por mim, tendo de principio poucos adeptos e só em 1901, por occasião da minha segunda exposição de Arte applicada, ella tomou largo desenvolvimento pela apresentação que fiz da sua applicação sobre velludo. Cabe-me portanto a honra da sua introducção em Portugal.

Como se faz a pyrogravura

Como disse no principio d'este artigo, todos ou quasi todos conhecemos a pyrogravura, mas infelizmente pela sua simplicidade, alcançou um desenvolvimento tal que qualquer a executa mas... basta sem duvida a reticencia para exprimir o que devo dizer, na minha missão de educadora de Arte.

Não é raro ouvir a critica, aliás merecida, de trabalhos executados no genero, expostos ás apreciações do publico, que se vae habituando a condemnar estas «gaucheries» de Arte, para as quaes seria necessario uma commissão de amigos do bello, para as eliminar.

Por isso não são ociosos os meus conselhos sobre este processo, embora considerado já quasi um B A ba, mas que contem em si o elemento de uma arte, quando bem executado.

Uma caixa completa, ou estojo contendo um lapis de platina, um isolador de cortiça, que lhe serve de caneta, um frasco para a essencia de benzina, uma lampada de alcool e dois tubos de borracha, tendo um d'elles uma pera, ou fole, eis o que é necessario para a execução d'uma obra que poderá ser bella, se bem trabalhada.

O primeiro cuidado que deve haver é a escolha d'um bom desenho, correcto e coherente e a perfeição do traço, que será mais ou menos carregado segundo ao fim a que se applica.

Como se trabalha

Pegando no frasco, chamado carborador, deita-se-lhe benzina rectificada, até menos de metade, pois a muita quantidade, impede o funccionamento da ponta de platina. Substitue-se a rolha de metal, ou a de cortiça, segundo o systema do apparelho, por uma rolha de

Figuras 20 e 21

metal com dois conductores, aos quaes se adapta, d'um lado o tubo que tem o fole e do outro, o tubo simples que vae ligar á parte inefrior da caneta de cortiça isoladora do calor, na extremidade da qual se atarracha a ponta de platina, havendo o maior cuidado em não tocar com os dedos na parte que incandesce, o que lhe causa damno.

Submettendo o lapis á chamma da lampada de alcool, deixa-se aquecer durante uns instantes e com a mão esquerda no fole, impirme-se-lhe um movimento continuo, mas compassado e certo, que produz e conserva a incandescencia, figura 19.

Estabelece-se d'este modo uma corrente continua pela volatilisação da essencia contida no carborador.

E' applicado então sobre os contornos do desenho, já previamente passado ao objecto que vae ser decorado e que recommendo seja em madeira, para principiante.

O traço será firme e sempre egual.

Se o trabalho é simplesmente pyrogravado, póde ser mais ou menos queimado, porque o fundo que se adapta servirá tambem além de adorno, de disfarce nos maus resultados devidos á falta de pratica.

Para estes fundos, empregaremos o mesmo lapis, mas deitado sobre a parte curva, e mais grossa, para produzir pontos redondos bem accentuados e juntos.

Ha tambem uma ponta de platina propria para sombrear, figura 20, mas para o seu emprego é necessario que o carborador tenha uma torneira na rolha para graduar a incandescencia, figura 21.

Conselhos praticos

Acabado o trabalho, desarma-se o apparelho por completo. O caoutchouc em contacto com a essencia de benzina estraga-se.

Nunca se introduz agulha ou qualquer outra cousa na ponta de platina, quando esta não incandesce. Consultar o fornecedor ou a redacção de «A Capital».

Se durante o trabalho o carborador tombar, deixa-se apagar immediatamente e depois d'uns instantes aquece-se de novo á chamma da lampada mas sem dar ao fole, até que a benzina contida nos tubos se acabe.

Luiza de Sousa

Diversas pontas de platina que existem para a pyrogravura simples, figura 22.

O CARNAVAL

Nos theatros e nos clubs

Nos theatros Republica e Eden inicia-se hoje a epocha carnavalesca, começando os bailes á meia noite. No Nacional, o Carnaval promette ser animadissimo, sendo os espectaculos escolhidos e seguindo-se bailes, que como todos os annos revestirão grande brilho.

No Polytheama, todas as noites, além dos mais alegres comedias, representar-se-ha a revista «Chá-Tango». Na segunda-feira gorda ha baile infantil, com premios para as creanças que se apresentem melhor mascaradas.

No Apollo, nas trez noites de Carnaval, com as revistas «Palavra d'honra», «Rosa Tyranna» e «De capote o lenço» irá a peça, genero «Grand Guignol», «A tragedia da rua das Pretas», seguindo-se bailes de mascaras.

No Club Recreativo Luzitano ha bailes «masqués» nos dias 4, 5, 6 e 7. Entre muitas surprezas que se preparam representar-se-ha o entre-acto «Tartufo» e a fita «Só lá volto quando estejas em perigo». As ornamentações das salas serão simples, mas produzindo bom effeito.

SPORT

Uns 51 annos de edade que valem muitos de 25

(Cartas a um velho amigo)

Quem mantem os habitos d'uma gymnastica, mesmo «de quarto», conserva a saude e a força

César.—Esteve hontem na redacção o Joaquim Clington, ainda o mesmo, alegre, bem disposto, semelhando um rapaz. Perguntei-lhe a edade. Respondeu que tinha 51 annos. Os meus collegas jornalistas perguntaram-lhe os motivos d'aquella «saude constante» e pelos segredos da sua «mocidade permanente».

—E' simples. Faço todos os dias, com a maxima regularidade, os meus exercicios physicos...

—Alguma gymnastica especial...

—Não. Faço apenas gymnastica de quarto para manter os musculos que creei em tempos antigos do Gymnasio. Faço o «systema» de cultura physica do Carlos Gonçalves usando um pau d'uns 2 metros d'altura. E todos os exercicios que elle ordena, todos os executo sem difficuldade...

Este exemplo de Clington serve maravilhosamente para demonstrar que a interrupção do exercicio traz o amolecimento e a atonia da fibra muscular. Assim é. Este, continuando a trabalhar, manteve a saude e conservou os musculos. Alguns que tu e eu conhecemos, abandonaram os exercicios gymnasticos e tornaram-se «moleirões». Elles que foram tão energicos!...

Já o disse e os fisiologistas o documentaram que o corpo humano tende constantemente a acommodar-se por uma mudança material de forma e de estructura ás condições da vida do individuo. Quem trabalha corporeamente, mantem-se forte e melhora o physico. E' o caso do Clington, é o caso de Eugenio Pires, do coronel Avellar Telles, do conde do Paço do Lumiar, do general Arbués Moreira e tantos outros. A interrupção é que traz a «ferrugem» das articulações, a preguiça da respiração e de todas as funcções vitaes. Com um mez de inacção já o homem perde a força, parte da energia e da resistencia á fadiga. Hei-de contar-te, n'uma proxima carta, um exemplo typico d'esta affirmativa. E' o combate que aos 48 annos sustentou o famoso Bob Fitzsimmons contra o terrivel Bill Lang. Este ficou com a cara em sangue.—J. P.

Nota do dia

O desafio de foot-ball Vigo-Bemfica

O grupo do «Fortuna de Vigo» vinha precedido da reputação d'um forte agrupamento, melhor que o do Sporting da mesma cidade gallega que deixára boas impressões quando nos visitou e capaz de egualar os melhores «teams» hespanhoes nas luctas finaes do campeonato do seu paiz. Esta fama não era desmerecida.

Hontem confirmou-a vencendo por 2 «goals» contra 0 o «team» do Sport Lisboa e Bemfica e revelando que no seu conjuncto homogeneo se podiam especialisar os «meias-pontas», o «half-centro» e os dois «backs».

Dos nossos, o jogo foi infeliz. Sobral esteve desastrado. Mengo idem. Francisco Pereira e Oliveira estiveram diligentes mas mal ajudados.

Algumas anecdotas

Como Jeffries esmurrou o mineiro Munroe...

A historia é longa mas interessante.

Em Butte City—já lá vão dez annos—o famoso jogador de socco Jim Jeffries tinha permittido ao mineiro Jack Munroe que lhe resistisse quatro «rounds», para que não desmerecesse a fama que o hercules mineiro tinha na região. O homem julgou, porém, que poderia vencer se trabalhasse um pouco!...

Foi por esta occasião, isto é, depois de Munroe se treinar, que o jornalista emprezario James Coffroth soube que elle tinha vontade de combater outra vez contra Jeffries. O acaso era providencial, porque o jornalista já não encontrava adversario para o campeão.

Quando disseram a Jeffries que Coffroth ia pôl-o deante do mineiro, desatou á gargalhada:

—«Esse mastodonte, não se tem nas pernas, deante dos meus punhos...

O desafio foi varias vezes adiado na data, mas veio a realisar-se no fim do mez d'agosto. A assistencia era de dez mil pessoas. Jeffries foi o primeiro a apparecer. Munroe demorou-se. Mandaram-se automoveis em sua procura. O facto explica-se dizendo que o mineiro passeiava a sua figura, imponente, regosijada como se fosse já o vencedor!... Chegou uma hora mais tarde e no vestiario gastou mais tempo do que seria necessario!

Por fim, Munroe deu trez solemnes beijos na testa de seu irmão e subiu para o «ring». Tim Mac Grath, um dos seus segundos, voltando-se para os espectadores gritou-lhes:

—«Não deitem flôres...—peço-lhes por especial favor...»

Quando o cortejo do pugilista e dos segundos chegou a meio da pista, Billy Jordan, fez a apresentação:

— «Gentlemen, apresento-vos Jack Munroe, a gloria dos mineiros...»

Quando tal ouviu, Jeffries, deu uma sonora gargalhada no seu canto. Munroe ouviu-a, deitou um olhar terrivel a Jeffries e disse para os primeiros espectadores e para os que estavam mais perto:

—«Eu já te arranjo. D'aqui a 5 minutos não ris assim tão parvamente...»

Começou o assalto. Jeffries fez duas «fintas», deu um socco, depois outro, mais outro ainda sobre os queixos de Munroe que estendia-se no comprido...

O «grrrrande» combate tinha acabado...

Os grandes records

Os saltos á vara nos ultimos Jogos Olympicos

Uma das provas que despertou maior interesse nos ultimos Jogos Olympicos de Stockolmo foi a dos «saltos á vara». O vencedor foi o americano H. S. Babcock que transpoz a altura de 3,m95.

A seguir ao americano classificaram-se os seus dois compatriotas Fr. T. Nelson e M. S. Wright com 3,m85. A seguir a estes, o americano F. D. Murphy, o sueco Uggla, o canadiano Happemy, saltaram 3,m80.

Em Portugal, o mais que se saltou foi 3,m10 pelo amador eborense Cabeça Ramos.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Monte-pio Commercial e Industrial—Reune a assembleia de amanhã, ás 21 horas para discussão do relatorio a contas da gerencia finda e das propostas da direcção e conselho fiscal.

O numero de socios existentes em 31 de dezembro findo era de 789. A caixa economica, desde dezembro de 1904, data do seu inicio, tem tido o seguinte movimento: importancias entradas, 16.622.278$92,5; juros creditados, 89.677$80,1 o que dá um total de 16.711.951$72,5; importancias sahidas, 16.115.737$48,6, do que vem um saldo de 596.214$14. O fundo de reserva foi elevado a 122.167$95,7 e o permanente a 64.678$22,8.

PEQUENAS NOTICIAS

Joaquim Pedro, morador na rua da Cruz, 48, pateo do Almeida, queixou-se de que Henrique Maria Pereira, residente na rua do Sacramento, 33, lhe raptou uma sua filha de 16 annos.

A Alcinda das Neves Moraes, residente na rua da Achada, 9, furtaram uma pasta contendo a quantia de 6 escudos em notas e varios recibos pertencentes á firma Magalhães Basto. Tambem se queixou Quirino Avelino de Jesus, hospedado no hotel Avenida Palace, de que lhe subtrahiram um sobretudo de pelles no valor de 22 libras, que tinha no quarto n.º 75 do mesmo hotel.

pouco de divertimento. O tenente C. F. French, do Real Regimento Irlandez, foi um dos escolhidos devido á erronea idéa de que era parente de sir John French, ao passo que o tenente Baron W. Allistone deveu o ter sido escolhido a crerem os allemães que o seu primeiro nome era um titulo e não um nome proprio. O governo allemão fingiu acreditar que os seus prisioneiros eram tratados como «prisioneiros vulgares».

As condições em que esses prisioneiros estão actualmente em Inglaterra são talvez melhor demonstradas pelo seguinte telegramma enviado a 3 de maio de 1915 pelo embaixador dos Estados Unidos em Londres ao seu collega em Berlim. Esse telegramma refere-se a vinte nove officiaes e homens internados na prisão naval em Chatlam. O seu tratamento é egual ao concedido a todos os internados por eguaes delictos. Dizia o telegramma:

«Lowry communica-me que os officiaes e os homens que se encontram em Chatham gozam saude e lhes não falta dinheiro. Os officiaes recebem 2 shillings e 6 pence por dia do governo inglez. Nenhum está isolado, mas á noite dormem em salas separadas. Essas salas teem 8 pés de largura por 12 de comprimento. Os homens comem juntos n'uma meza, os officiaes n'uma outra. Officiaes e homens teem a mesma alimentação.

«A comida compõe-se de pão, cacau e chá, assucar, batatas, pudding, carne de porco e sopa de ervilhas, queijo, bife, carneiro e leite. Os officiaes podem ter manteiga. Aos homens dá-se margarina. Todos recebem livros e tabaco. Aos officiaes é permittido ter creados escolhidos entre os tripulantes.

«Todos passam um tempo determinado n'um gymnasio munido dos apparelhos necessarios. Permitte-se-lhes que escrevam cartas uma vez por semana e que recebam dinheiro, encommendas e cartas. Tanto homens como officiaes fazem exercicios juntos, mas em occasiões differentes. Os officiaes queixam-se de estarem detidos ali e não nos campos de concentração dos officiaes, mas não ha queixa alguma quanto á quantidade ou qualidade da alimentação. Tambem não ha queixa alguma quanto ao tratamento ou ao caracter das accommodações. As condições hygienicas são excellentes. As salas e todos os compartimentos adjacentes da maior alvura».

A «resposta allemã ao modo como os inglezes tratam os prisioneiros dos submarinos póde com a maior auctoridade mostral-a o relatorio do representante norte-americano, assim concebido:

«Em Magdeburgo, 14 officiaes inglezes foram encerrados em compar-

Logar-tenente general sir Archibald Murray, commandante em chefe das forças inglezas no Oriente

timentos isolados na prisão da policia, que, ao que nos informaram, foi posta á disposição das auctoridades militares durante a guerra...

«Um certo numero de prisioneiros, além dos militares, estão alojados no mesmo edificio, mas não estão em contacto com os officiaes inglezes. O edificio tem a vantagem de haver sido construido em 1913 e de estar escrupulosamente caiado. A casa de banho e as outras dependencias sanitarias são de construcção moderna e estão todas caiadas.

mão se recusou a dar aos feridos inglezes mesmo essas pequenas considerações que prestou ao francez mostram que o odio allemão se dirige especialmente contra a Inglaterra.

Assim como os inglezes são odiados pelos allemães, os russos são por elles desprezados. O russo, falando uma lingua conhecida de poucos que não sejam da sua propria raça, d'uma civilisação differente da dos seus captores e da dos outros prisioneiros, pobre, mal alimentado e d'um paiz cujas enormes distancias e difficeis communicações tornam quasi impossivel o levantamento de mappas, soffre terrivelmente da fome, da tuberculose, do typho e do cholera e está habituado a um rude labor.

O odio pelo soldado inglez trouxe comsigo dois interessantes phenomenos. Se o odio pelo povo inglez póde ser maior contra um dos seus componentes mais do que contra qualquer outro, recahiu sobre o canadiano, quando parecia dever ser sobre o australiano que devia recahir.

Razões politicas, bem transparentes, dictaram o modo de tratar os prisioneiros mahometanos e irlandezes. Os mahometanos francezes e inglezes foram concentrados n'um campo especial de internamento em Zossen, onde as suas susceptibilidades religiosas foram cuidadosamente poupadas e uma mesquita especial foi para elles construida.

Aos irlandezes, a maioria dos quaes foram reunidos n'um acampamento separado em Limburgo, foi fornecida uma litteratura especial, os trabalhos que eram obrigados a fazer foram reduzidos e receberam a visita d'um ex-consul geral inglez, sir Roger Casement, que se dirigiu para a Allemanha no principio da guerra, indo pela Scandinavia, e que foi recebido de braços abertos pelo governo allemão.

Tendo falado nas aspirações historicas da Irlanda, sir Roger aconselhou a que se formasse uma brigada de voluntarios irlandezes. Apezar das exhortações oratorias, de secretas insinuações e de toda a especie de persuasão, a promessa de abundancia de comida e de lhes ser concedida a liberdade, os irlandezes, para sua honra eterna, esqueceram que muitos d'elles tinham tido uma longa vida politica agitada, esqueceram todas as suas dissensões com a Inglaterra, para apenas se lembrarem do seu dever para com o seu rei e para com o Reino Unido. Apenas uns sessenta entre dois mil succumbiram á tentação e a cilada falhou.

Tanto para officiaes como para homens, a disciplina foi «allemã». Um prisioneiro que regressou á patria disse ácerca do tratamento que os prisioneiros eram tratados como os soldados allemães. A «atmosphera» d'um campo de concentração depende principalmente do commandante. Em geral, esses commandantes, no dizer das auctoridades americanas, fazem o que podem para não parecer que tratam mal intencionalmente os inglezes.

Alguns commandantes eram populares e, por isso, os prisioneiros um pouco mais felizes. Outros eram odiados e temidos, pelo que a vida nos seus acampamentos era quasi impossivel. O acampamento em Schneidemühl dá d'isto um bom exemplo. Durante o anno de 1914, só houve queixas. A disciplina apenas era mantida por meio da brutalidade. Os prisioneiros eram tratados á chicotada. Em janeiro de 1915 foi nomeado um novo commandante. Immediatamente as coisas mudaram, os guardas que maltratavam os prisioneiros foram castigados e a feição do acampamento mudou para melhor.

Eguaes mudanças habitualmente para melhor, mas algumas vezes para peor, se deram n'outros acampamentos. Do campo de concentração em Torgau, diz o embaixador americano: «Sendo um dos peores, tornou-se um dos melhores». A possivel—e, como os acontecimentos mostraram, a actual—variação foi maior na Allemanha do que na Inglaterra, principalmente porque a mais baixa no primeiro d'esses paizes era tão accentuadamente — e monstruosa-

FALSIFICAÇÕES MONSTRUOSAS

As empolas de saes de quinino sem quinino!

E' necessario que no Parlamento se diga o nome do falsificador, para levantar a suspeição que pesa sobre a classe pharmaceutica

Porto, 25

O regresso do batalhão expedicionario de infantaria 18, o aspecto febril de muitos soldados a quem as aguas más e um clima africano marcaram, n'uma côr terrosa e em calafrios periodicos, lembrou-nos a conversa interrompida com um distinctissimo pharmaceutico sobre a grave situação do mercado de productos pharmaceuticos, palestra que «A Capital» publicou no seu numero de 6 de fevereiro corrente, e—mais ainda—a promessa feita por esse antigo e muito illustrado profissional—de nos falar das empolas de saes de quinino—sem quinino.

Assim, procurando-o no seu laboratorio e falando-lhe d'essa falsificação medicamentosa, que muitas victimas deixaria pelos pantanos e pelos mattos africanos, disse-nos:

—Tive conhecimento do facto pelos extractos das sessões parlamentares e a sua revelação suscitou no meu espirito uma indiscritivel surpreza, de indignação e de dôr, de repulsa e de protesto.

«Conheço, infelizmente, no longo periodo da minha vida profissional, alguns casos lamentaveis, muito poucos é certo, mas que se justificam ao nosso raciocinio e para a pratica dos quaes influiram varias circumstancias que, se não attenuam as suas consequencias, modificam-lhe comtudo a gravidade. Em todo o caso, acontecimentos d'esta natureza são d'uma esporadicidade tranquillisadora.

—Ha enganos...

—Descuidos, trôca de medicamentos, uma vezes engano de receituario e que um praticante avia confiadamente, e ahi tem v. a origem de varios casos funestos que se teem dado.

«Mas este caso, porém, de fornecer para o Estado—conscientemente»— um producto falsificado—é muito mais grave: tem um fundo duplamente criminoso, inedito, impossivel de lhe modificar as mais negras côres.

«Eu não conheço o nome do fornecedor. Mas, seja quem fôr, é um criminoso consciente e invulgar. Como pharmaceutico e como cidadão!

«Como pharmaceutico negou e atraiçoou impudicamente a sua missão e enodoou o diploma, para servir a ganancia d'um mercantilismo insofrido e tôrpe. Praticou um delicto degradante e revelador d'um mau feito, improbidade de que jámais póde absolver-se, porque não é só a lei que o pune; é a opinião publica que o condemna, a humanidade que lhe não perdôa. Como cidadão, esqueceu-se de tudo o que moralmente devia á profissão que tinha abraçado e para o exercicio da qual não possuia a indispensavel honestidade; e despido de todo o sentimento patriotico e humanitario não teve o menor pudor em premeditar e realisar esse crime, esquecendo-se do que elle occasionaria em soffrimento e em dôr a essa legião de heroes que nas longinquas e inhospitas plagas africanas honram o nome da Patria e da Republica.

«Mas, como é dolorosamente triste evocar á memoria estes factos!

E, como que procurando avivar uma lembrança:

—Recorda-se?! Na nossa ultima palestra, dissera-lhe que «era d'uma gravidade perigosa» a situação do mercado dos productos pharmaceuticos. Mal eu imaginaria que os meus raciocinios estavam prophetisando esta calamidade!

«Do canto do meu gabinete de trabalho eu havia já pensado n'isso, mas o meu espirito ingenuo não se habituava, antes repellia ruidosamente essa idéa pelo que ella encerrava de criminosa e injustificavel. Como me enganei!

E' indispensavel que o governo organise desde já uma legislação especial que attenue a crise por que está atravessando a pharmacia, promovendo ao mesmo tempo a acquisição das drogas mais indispensaveis. O que se praticou ha poucos dias relativamente aos preços dos medicamentos não mereceu a approvação dos profissionaes e é, quanto a nós, uma providencia elaborada sem criterio, sem competencia profissional, sem nada emfim que o recommende ao respeito e á consideração da classe a que se destina.

«E' forçoso encarar com mais circumspecção e seriedade os assumptos que, como este, se relacionam tão intimamente com a saude publica. E por isso é mister que as commissões se constituam exclusivamente de profissionaes de pharmacia pela mesma classe escolhidos. Nada mais.

«Veremos se d'esta fórma se evitam as contrariedades que temos soffrido e que tantas vezes nos empenhamos por fazer desapparecer.

E por ultimo:

«A respeito das empolas falsificadas urge que o parlamento reconheça como monstruosidade inqualificavel o delicto do fornecedor e o faça punir com todo o rigor da lei. O que é preciso tambem desde já é que o seu nome seja proclamado no mesmo logar em que se fez a denuncia do crime, porque está pezando injustamente sobre a classe pharmaceutica do paiz uma infamante e gravissima suspeição que é preciso fazer quanto antes desapparecer, em nome da honorabilidade e dos fins d'essa classe, que o parlamento, de modo algum, póde deixar de reconhecer e respeitar.

«Exigem ainda a tranquillidade publica em nome d'uma confiança perdida, que é preciso restituir-lh'a sem demora, apontando-lhe o nome do criminoso. E eis tudo, meu amigo, o que lhe posso dizer sobre essa repugnante mystificação».

Tribunal do Commercio de Lisboa

1.ª Vara

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo dito tribunal e cartorio do escrivão abaixo assignado correm editos de 30 dias a requerimento do auctor Oscar Salgado Zenha, citando o reu Gastão Polonio, morador que foi na rua da Victoria, 72, d'esta cidade, hoje ausente em parte incerta para na segunda audiencia depois de findo o prazo dos editos a contar da segunda publicação d'este annuncio ver accusar a sua citação e assignar termo de confissão ou negação de sua firma e obrigação na lettra de 500$00 accionada na acção que o mesmo auctor lhe promove, sob pena de á sua revelia seguir a acção com o advogado officioso que lhe fôr nomeado.

As audiencias fazem-se ás segundas e quintas feiras, por onze horas, não sendo dias feriados, porque sendo-o, se fazem nos immediatos no Torreão Oriental da Praça do Commercio.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1916.

O escrivão

Antonio Pires Larangeira

Verifiquei

Manuel da Silva

Maria da Conceição Bastos

Falleceu

João Antonio Bastos, Maria Amalia Bastos da Luz, seu marido João Ramos da Luz e seu filho João Valerio Bastos da Luz, Ricardo Antonio Bastos e sua mulher Rosaria Virginia do Nascimento Bastos, cumprem o doloroso dever de participarem ás pessoas das suas relações o fallecimento de sua mãe, avó e sogra, e que o seu funeral se realisará ámanhã, 28, pelas 15 horas, sahindo da sua residencia calçada do Desterro, 22, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

recente—mais baixa do que a peor no Reino Unido.

Parece ter havido pelo menos um campo de concentração na Allemanha tão bom como qualquer dos que se encontram nos paizes alliados. Foi um pequeno campo de officiaes em Blankenburg i/Mark e foi descripto por J. B. Jackson, da embaixada dos Estados Unidos em Berlim como «uma casa bem construida, aquecida e illuminada a gaz. E' cercada por attrahentes, bem tratados terrenos, em que foi feito um «court» de tennis. A casa em si mesma é tão confortavel como qualquer dos logares onde vi internados officiaes na Inglaterra, embora as cercanias não sejam tão attrahentes como as de Dyffryn Aled ou Donington-Hall. Ha varias salas de recreio e um terraço que serve para o chá da tarde e que communica com a cantina. Os officiaes mais antigos teem aposentos separados.

«Officiaes de patente inferior a major occupam amplas salas que, ao que parece, são bem ventiladas, não sendo occupada cada sala por mais de dez pessoas, de diversas nacionalidades... Em cada pavimento ha casa de banhos e «water-closets» e uma sala de barbear commum para uso dos officiaes mais novos, todas em boas condições.

«Aos officiaes é permittido permanecerem no jardim até ás 6 horas da tarde e no pateo aberto do edificio até ao escurecer. O fumar é permittido em geral. O commandante interessa-se pela sua obra e evidentemente faz tudo o que póde para tornar agradavel ali a permanencia».

Pena é que Blankenburg apenas pudesse conter 110 officiaes, dos quaes só nove eram inglezes.

O procedimento para com inimigos civis estrangeiros a dentro das fronteiras d'um belligerante tinha sido, durante muitos annos, expulsal-os ou dar-lhes licença para ahi permanecerem sob a restricção de movimentos exigida pela situação militar. Eram considerados como homens honrados, embora infelizes.

Nunca desde os dias da Revolução Franceza houvera um internamento de civis estrangeiros em tão larga escala. Apenas se póde justificar o seu internamento em campos militares, no caso de espionagem geral, de uma ameaça de revolta ou da presença de inimigos civis em tal numero que possam impedir as operações militares ou que constituam um perigo para a existencia do Estado.

Em qualquer dos casos, onde quer que sejam os campos de detenção ou de internamento, o inimigo estrangeiro civil, mesmo mais do que o soldado inimigo, tem o direito de pedir e receber os maiores privilegios e considerações.

Que em muitos locaes, com excepção de Ruhleben, a acção das auctoridades allemãs não estava d'accordo com este modo de vêr demonstra-o o relatorio do mesmo funccionario americano, em março de 1915, ácerca dos campos de Burg e de Magdeburgo.

«Esses campos foram já visitados, muitas semanas antes, por outros membros da embaixada, e os officiaes dizem que as condições no emtretanto melhoraram. Mesmo assim, porém, parece-me que os prisioneiros são tratados mais como vulgares criminosos do que como officiaes prisioneiros de guerra».

A Grande Guerra europeia viu nações, e não soldados, em armas.

Normalmente, para uma nação que permittia, ou obrigava os civis estrangeiros a voltarem para o seu paiz não tinha outro resultado a não ser o de alliviar a nação da despeza de os sustentar. Na Grande Guerra europeia, pelejada com o maior numero tanto de homens como de riqueza, tal repatriação, pelo menos no caso de homens em edade de combater, fortalecia mais do que alliviava o inimigo.

As auctoridades allemãs, sabendo que a população allemã na Gran Bretanha era muito maior do que a população ingleza na Allemanha e considerando que, devido á organisação de recrutamento e industrial, os allemães em edade propria e de boa saude eram melhores para soldados do que os inglezes, desejava a troca

mutua de todos os civis inimigos. Habilmente, o governo inglez, embora com incomprehensivel demora, impediu que os allemães desde os 17 aos 55 annos pudessem sahir do paiz.

Egualmente o governo inglez, tendo de prestar attenção a uma grande população de estrangeiros inimigos, largamente treinados no manejo das armas e na obediencia da disciplina, sentindo intensamente o caracter nacional da lucta, vassallos d'um Estado cuja moral politica e militar o tinha induzido a considerar a espionagem não só como uma arma legitima, mas como natural e essencial, impellido pela imprensa e pela opinião publica horrorisadas pelas condições que havia nos campos de internamento allemães, mandou internar a parte mais perigosa da população estrangeira inimiga.

Um novo capitulo no modo de fazer a guerra naval se abriu quando, como vimos já em capitulos anteriores, o almirantado allemão resolveu empregar a sua armada de submarinos em «raids» contra os navios mercantes.

As victimas eram navios inglezes e neutraes que commerciavam com a Inglaterra e que eram encontrados dentro da area proclamada pelo governo allemão como «zona de guerra».

No caso do navio ser inglez, não havia aviso previo e não se fazia differença alguma de tratamento, quer o navio conduzisse contrabando, quer levasse outra qualquer carga. Todos os navios que incorriam nas condições da proclamação allemã deviam ser immediatamente afundados. Quanto a esse ponto parecia provavel que, embora tal modo de proceder fosse contrario a todas as leis internacionaes, o governo inglez se contentaria com um vigoroso protesto.

As auctoridades allemãs mudaram então de processos na guerra submarina, destinados a terem consideravel influencia no tratamento dos prisioneiros de guerra. Embora nunca se importassem com assegurarem a salvação das tripulações depois dos navios serem afundados, os submarinos habitualmente concediam-lhes um certo tempo, sufficiente ou insufficiente — ponhamos isso de lado — para abandonarem o navio.

Os novos processos consistiam em torpedear esses navios mercantes sem aviso previo, não sendo concedido tempo algum para as tripulações ou passageiros abandonarem os arruinados navios. Em alguns casos, os navios torpedeados afundaram-se em menos de dez minutos. A's tripulações, quando conseguiam metter-se nos seus botes, deixavam-nas dirigirem-se para terra como pudessem. O modo de proceder passou de mal para peior, como no caso do «Acantha». Esse pequeno navio foi torpedeado e afundado. Emquanto as embarcações estavam sendo arriadas, muitos tiros foram disparados contra a tripulação e mesmo depois d'esta ter saltado para os botes a tripulação do submarino continuou a atacar os inglezes a tiros de espingarda.

A Inglaterra estremeceu de resentimento e indignação. O governo britannico, com uma ligeira pompa desnecessaria, declarou que, d'ahi em deante, as tripulações dos submarinos que fôssem convencidas de delictos d'essa natureza, no caso de serem aprisionadas, não seriam tratadas como prisioneiros honestos de guerra, mas, comquanto fôssem bem e humanamente tratadas, seriam separadas dos outros prisioneiros. Assim se fez no caso de tres submarinos allemães.

As represalias originam represalias. N'este caso, assim succedeu. A' 13 d'abril de 1915, Berlim declarava o seu modo de vêr ácerca do tratamento inglez. Por cada membro da tripulação d'um submarino, fôsse official ou não, que recebesse tratamento differente do dos outros prisioneiros, o governo allemão resolveu tratar um official inglez de modo egual.

Um certo numero de officiaes de nomes distinctos ou de familias bem relacionadas foram mettidos em carceres, alguns em Colonia, outros em Burg e a maior parte em Magdeburgo. Dois ligeiros erros da parte do governo allemão serviram de um

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1998—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 28 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A guerra commercial

Apoz a guerra nos campos de batalha virá a guerra commercial. A Allemanha chegara a um tamanho desenvolvimento commercial e industrial, aperfeiçoara-se tanto na sua producção, facilitara por tal fórma o credito, que a sua superioridade, sob esses pontos de vista, se tornara já innegavel. Ninguem a podia dissimular, e o seu commercio e a sua industria representavam no mundo um papel que, dadas as circumstancias da guerra, ella já não poderá desempenhar, pelo menos durante muitos annos.

Os paizes adversos á Allemanha farão contra ella a guerra commercial como fizeram a guerra á mão armada. Para isso urge ir já pensando na maneira como se preencherá a lacuna resultante d'essa proscripção dos productos allemães. Todos os paizes precisam dar balanço aos seus recursos, considerar os seus valores e fixarem-se sobre as nações com as quaes deverão ter um mais effectivo intercambio.

Pela nossa parte, estão naturalmente indicadas, sobretudo, para com ellas realisamos as nossas transacções, a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Belgica e o Brazil. E' ahi que devoremos ir buscar o que nos falta, tanto em relação ao commercio como em relação á industria. E esse intercambio tornará ainda mais apertado o elo de sympathias internacionaes que a esses paizes nos liga.

Não será a guerra commercial menos terrivel para a Allemanha do que foi a guerra pelas armas. Talvez mesmo mais terrivel deverá ser, o que representará uma poderosa garantia para o mundo que quer viver na paz e na liberdade, sem a tremenda ameaça dos accessos de imperalismo. Foi a riqueza da Allemanha que lhe permittiu organisar a maior machina militar do que ha memoria. Só essa riqueza, restaurada pelo seu commercio e pela sua industria, a poderia novamente avigorar para novos propositos dominadores. E será ao mesmo tempo um castigo severo, mas justo, ás suas ambições, ao seu appetite de predominio despotico, porque a Allemanha, se não tivesse querido subjugar o mundo, á ponta da espada, seria, pacificamente, a senhora pelo seu commercio e pela sua industria, que dominavam até aos confins do mundo.

Para essa guerra nos devemos preparar, de forma a que, terminada a campanha que com tanta furia prosegue, nos encontremos prevenidos com uma orientação sobre o assumpto, criteriosamente preparada. Vão-se dar grandes transformações no mundo, e essa não será das menos importantes, nem é, decerto, das menos necessarias.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 186, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Noticias parlamentares

Segundo consta, as férias do Carnaval começarão, em S. Bento, depois de ámanhã, devendo prolongar-se até ao dia 9 do proximo mez de março. E' um alegrão para os cabulas, os quaes constituem, no seio da representação nacional, a grande e esmagadora maioria. Pois que lhes aproveite e que lhes corra propicio o reinado da bisnaga e do papelinho.

*

A Camara pronunciou-se hoje sobre a morte d'uma santa velhinha, avó de um illustre deputado. Está a gente a ver a magoa que lhe causou o desapparecimento da veneranda creatura. Mas o que a encantou, com certeza, foi o panegirico que da extincta fez o sr. Virgolino. Não se pode contribuir mais para o despresligio d'alguem que passe d'esta para melhor. Ainda se o panegirista tivesse vestido a capa do Santissimo!... Mas assim, que desgosto para os parentes da fallecida, se elles um dia souberem as coisas que o sr. Virgolino lhe chamou!...

* *

Votou-se hoje, de afogadilho, na Camara, um projecto de lei instituindo para a Madeira um novo regimen cerealifero. As opposições annuiram, affirmando que não discutiam o parecer por o não conhecerem. Mas deixaram-no approvar. Porquê? Era elle digno de ser lei do paiz? Não era? No primeiro caso não deviam abster-se. No segundo cumpria-lhes evitar que o parlamento praticasse um grande erro. E como não fizeram nem uma coisa nem outra, cada um que borde, a proposito do estranho caso, os commentarios que quizer. Fica-lhe livre a phantazia...

* * *

A sorte dos concursos em Portugal! Emquanto não se instituirem tantos premios quantos forem os concorrentes, nenhum irá por deante. E' a lição dos factos. Agora é o da estampilha, que o sr. José Pereira está apostado em deitar abaixo. Porquê? Por os projectos que foram approvados serem authenticos mamarrachos e por não lho approvarem os que elle proprio apresentou, e que, em seu entender, eram muito melhores. Federal! E aquella «Ceia», do João Vasco, da cathedral de Vizeu, de onde o sr. Pereira é natural? Foi de lá que sua senhoria tirou a sua estampilha?

*

Quando hoje, na Camara, um deputado dizia que já alguns jornaes haviam terminado a sua publicação, por causa da carestia do papel, houve alguem que do lado, teve uma objecção, reveladora de grande regosijo por esse facto. Dir-se-hia que o cidadão legislador que assim se manifestou tem profundo horror á lettra redonda. Puro engano. O que elle costuma é comer o isco e pôr-se ao fresco, e como está bem farto pelo emprego que disfructa, os que podem vir a ter fome pouco o interessam. Em geral, são todos assim...

* * *

Para a commissão de nove membros que vae ser nomeada para estudar a melhor forma de se proceder a uma reforma do actual regimen dos prasos da Zambezia, foram escolhidos, pelo conselho colonial, os srs. Ernesto de Vilhena, dr. Nunes d'Oliveira e Norton de Mattos. Consta que, por parte dos arrendatarios dos mesmos prasos, são escolhidos, para fazerem parte da mesma commissão, os srs. Dulio Ribeiro, Roma Machado e Pedro de Gusmão.

* * *

Ainda ha deputados que não tomaram assento como os ha tambem que já foram eleitos e deixaram de o ser, por motivos que só á politica interessam. Hoje foi proclamado o sr. Velhinho Correia, portador triumphante dos votos de Macau. Ha quem diga que elle se fez velho para chegar a S. Bento. A origem foi, realmente, comprida. Mas vae ficar agora, envolto no seu diploma, novinho em folha...

Fernando da Bulgaria fervoroso catholico!

Berne, 23 de fevereiro

Todos sabem que o rei Fernando da Bulgaria contribuiu para a morte de sua primeira esposa, ao mudar, por interesse politico, a religião de seu filho Boris que, sendo baptisado catholicamente, entrou por determinação de seu pae na egreja scismatica grega.

Ora, a proposito da visita do rei Fernando ao nuncio do papa em Vienna, a «Gazeta popular de Silesia», jornal do principe-bispo de Breslau, assegura que o soberano não só ouviu missa como tambem «recebeu das mãos do nuncio a santa communhão».

O jornal catholico insiste sobre a importancia dos laços politicos e religiosos que se estabeleceram entre a Bulgaria e a Santa Sé. Recorda que, em 1862, «a Bulgaria tinha esboçado com Roma uma união que apenas foi impedida pelas intrigas da Russia».

Muito recentemente, a cathedral de Santo Alexandre tomou o nome de cathedral de São Cyrillo e São Methodo, os apostolos enviados outr'ora a prégar o Evangelho aos slavos.

Pelo telegrapho

A campanha na Russia e na Persia

PETROGRADO, 28.—Official.—A actividade da nossa artilharia foi feliz na bacia de Riga.

Proximo de Zade passámos á baioneta, sem disparar um unico tiro, os postos avançados allemães.

Proximo de Illukst houve obstinada lucta para a posse de uns entrincheiramentos.

No Caucaso, apezar das tempestades de neve, continuamos na perseguição do inimigo.

Na Persia occupámos a cidade de Kermanchan desalojando o inimigo das suas posições.—(*Havas*).

O abastecimento de carne

Restaurantes que augmentam o preço

No Matadouro Municipal foram hoje abatidas para o consumo dos talhos municipaes e hospitaes 7 rezes com 1995 kilos e 19 carneiros com 198 e para o consumo dos talhos particulares 9 vitellas com 211 kilos.

No matadouro do gado suino foram abatidas 171 com 22:227 kilos.

O numero de rezes abatidas nos matadouros de Almada e Cintra, tem augmentado consideravelmente visto os proprietarios dos hoteis e restaurantes terem que ir alí abastecer-se.

Alguns restaurantes augmentaram 6 centavos no preço dos bifes, e allegam que tomaram essa resolução visto a carne lhe custar mais cara devido a terem que pagar o transporte do pessoal que a vae adquirir áquellas localidades.

TREZ DIAS EM OLIVENÇA

A cidade ignorada

Carece em absoluto de meios de communicação rapidos que correspondam á sua riqueza

Subindo a velha torre de menagem que domina o castello, avista-se em torno de Olivença uma vasta planicie, limitada ao poente pela mancha azulada das collinas portuguezas, ao sul, pela serrania de Alor, ao norte e ao nascente pelas nuvens que barram o horisonte de campina. Para subir á torre não é necessario escalar um só degrau, comquanto o alto parapeito se eleve a muitas dezenas de metros acima dos telhados. A ascenção é feita ao longo de quatorze rampas, adaptadas á parede interior da Torre, de forma que os cavalleiros montados e a artilharia de campanha podiam com a maior facilidade transportar-se até ao alto.

Hoje em dia, o castello encontra-se transformado em prisão por delictos communs, e dos tempos heroicos não resta mais que um ou outro vestigio quasi apagado pelo tempo. Mas nenhum dos forasteiros que de longe se lembram de visitar a villa deixam de subir uma bella manhã ao alto da Torre, para admirar o prodigioso panorama que se avista d'ali.

Lá está com effeito a manchasinha clara da praça d'Elvas, a quatro ou cinco leguas para o noroeste, o valle do Guadiana, a antiga villa fronteiriça da Juromenha, que não dista mais de uns doze kilometros de Olivença, a povoação hespanhola de Valverde, a leste a evocar os sangrentos episodios da guerra da restauração, as collinas isoladas no meio dos prados verdes, com as suas atalayas vigilantes; os «montes», nome pelo qual, á similhança do Alemtejo, aqui designam as herdades; magnificas quintas tapetadas de olivedos e de pomares, o pantano da Charca, onde, segundo me dizem, se pescam á linha famosas carpas, e, por todos os lados, a fertilidade, a abundancia, a suggestão fecunda de uma deliciosa Terra de Promissão que nos sorri sob os gloriosos raios d'este adoravel sol peninsular.

Algumas pessoas da villa que me acompanham n'esta digressão, esclarecem-me, á vista da immortal paisagem que meus olhos abraçam, sobre as riquezas locaes.

No «termino» de Olivença, ou concelho, como nós diriamos, florescem muito especialmente as industrias agricolas. A base da riqueza publica é a lavoura. Produz-se muito azeite, algum vinho, trigo, centeio e outros cereaes; criam-se gados, merecendo particular referencia a creação de porcos.

—No tempo proprio, informa o meu pittoresco D. Adolpho, a carreteira de Badajoz fica negrinha de bácoros!

A região produz portanto não só com que manter, á larga, uma população relativamente densa, mas ainda o bastante para se realisarem lucrativos negocios de exportação. Ha por isso casas muito abastadas, que se não cançam de lamentar a escassez das vias de communicação existentes como o maior obstaculo anteposto ao desenvolvimento da sua exploração agricola.

Um grande lavrador, falando em portuguez com uma correcção que muitos compatriotas meus decerto teriam que invejar, expõe-me o seguinte:

—A intensidade das relações commerciaes de Olivença é incomparavelmente maior com Portugal do que com Hespanha. Por cada dez negocios que realisamos, nove são feitos com gente do Alemtejo. Por isso, o que a todos nós convinha, como convinha tambem a Portugal, era que se fizesse o prolongamento da linha ferrea de Villa Viçosa até aqui. Não são mais de 25 ou 26 kilometros. Em territorio hespanhol, não ha obras d'arte a fazer, porque o terreno é liso como a palma da mão; a ponte do Guadiana poderia construir-se n'um local que parece destinado pela natureza a esse fim, sobre dois pilares de rocha affastados entre si coisa de 70 metros. Badajoz ficaria um pouco prejudicada, mas em compensação, Olivença modernisar-se-hia em meia duzia d'annos...

Coisa curiosa: a ideia d'este caminho de ferro, que já não é nova, foi ha annos objecto de uma missão especial de gente grada em Olivença. Constituiu-se uma commissão para obter esse melhoramento. Imaginam porventura que os delegados se dirigiram a Madrid, a supplicar nas secretarias do «Ministerio del fomento»? Puro engano. A commissão veiu a Lisboa, e fallou com D. Carlos. O rei prometteu, e é possivel que tenha recommendado o assumpto ao seu governo: mas nunca mais ninguem aqui pensou no caso, sem duvida pela ponderosa razão de que Olivença nada podia influir nas combinações eleitoraes dos caciques...

Hermano Neves

EM TORNO DA GUERRA

A BATALHA DE VERDUN

O que pretendem os allemães?—A enormidade do seu esforço—O que dizem dois criticos militares

Um eminente critico militar, apreciando no sabbado o esforço allemão na Woevre, a nordeste de Verdun, escrevia que o bombardeamento era formidavel e que os ataques em massa se succediam sem treguas, accrescentando: «De dia e de noite, novas ondas de reservas teutonicas assaltam as trincheiras francezas. Os soldados do general Humbert—que substituiu Serrail em Verdun—retrocederam 2 kilometros no sector comprehendido entre Brabant-sur-Meuse e Samogneux de um lado e Orne do outro».

O mesmo critico escrevia ante-hontem:

«O fogo da artilharia prepara ao norte de Verdun os futuros assaltos. De Malancourt (oriente do Argonne) ao Mosa não houve, segundo affirmam os francezes, combates de infantaria. Toda a pressão teutonica foi exercida até á data, do Mosa ao Orne de Lorena. No entanto, olhando o mappa, cabe perguntar se o kronprinz não preparará algum ataque de flanco, quer pelo Argonne, quer por Saint Mihiel. Em seguida ás linhas francezas estão os fortes e logo as defezas internas do campo entrincheirado. Verdun pode ser soccorrida ferroviariamente com facilidade, efficacia e rapidez. Para a tomar é mais prudente isolal-a das bases de auxilio e envolvel-a n'um circulo de canhões e de homens.

«O Orne de Lorena é um consideravel affluente do Mosela, que banha a planicie da Woevre. Brabant-sur-Meuse, evacuado pelos seus defensores na noite de quarta para quinta, é um burgo que se ergue á borda da estrada de Sédan a Verdun, a 14 kilometros d'esta praça. O Mosa, entre Verdun e Brabant, forma varios meandros. A via ferrea segue as voltas do grande rio a pouca distancia da margem occidental. Do lado de lá do Mosa estende-se a estrada. Do lado de cá, o caminho de ferro, que é assim protegido pelo rio contra toda a aggressão iniciada do lado do oriente. Não seria para estranhar que algumas divisões allemãs descessem de Montfaucon a Malancourt, e se dirigissem pelo caminho de Esnes a Belleville para atacar assim pelas costas as tropas francezas que pelejam a este do Mosa. Claro que deveriam romper as defezas que lhes fecham o caminho da Vauquois a Fongos.

«O limite extremo da offensiva allemã é Fromezey, a 20 kilometros de Brabant-sur-Meuse e a trez de Etain. A casaria apinha-se nas margens do riacho de Tavannes, affluente do Orne.

«As colinas da margem direita (oriental do Mosa) elevam-se em declives suaves até que alcançam o ponto culminante no cerro de Herbebois (35 metros). Não encontramos nenhum povo que se chame Herbebois, nome que se deve applicar á dita colina e ao bosquesinho que cobre as suas encostas. No Herbebois nascem o Orne e o Azonnes. Todas as eminencias da zona se vestem de arvores e matagaes. São Haumont, Les Caures, etc.

«Ao pé dos altos do Mosa, á entrada da Wœvre, Ornes, povo de bastantes fogos, é dominado pela forte posição dos Dois Gemeos.

«A massa de choque allemã precipitou-se com terrivel violencia pelo espaço comprehendido entre os pequenos bosques de Haumont e de Herbebois. A distancia é de quatro kilometros. Encontra-se ali o bosque de Les Caures. O caminho vecinal de Damvilliers a Baumont foi a rota seguida pela principal columna de assalto.

«Indubitavelmente, a estas horas, affluem a Verdun contingentes numerosos de reforço que serão immediatamente dirigidos ás trincheiras mais ameaçadas. Mas Joffre deve estar perplexo. E' verdadeiramente Verdun o objectivo dos seus inimigos?»

* *

O *Temps*, de sexta feira, analysando a situação militar, escreve:

«A batalha attinge o auge ao norte de Verdun; já dura ha quatro dias e o inimigo, a despeito de todos as forças que tinha accumulado, apenas fez recuar dois kilometros a nossa linha de defeza avançada; as nossas tropas retrocederam ao sul de Samogneux, perto do Mosa, e evacuaram Ornes, a este da frente principal do combate.

«Recuámos, é certo, mas não se deve perder de vista que apenas se trata de posições avançadas e que este ataque que soffremos estava sendo preparado havia dois mezes e meio. O inimigo concentrou até sete corpos de exercito, entre os quaes encontramos os mais solidos, o 3.º corpo brandeburguez, e o 15.º corpo allemão, ao qual o seu chefe, o general Daimling, dirigia na vespera da batalha actual uma proclamação em que se encontra esta phrase: N'esta *ultima offensiva* contra a França, espero que o 15.º corpo se distinguirá como precedentemente pela sua coragem e bravura». O inimigo atacou, é preciso reconhecel-o, com coragem; a sua infantaria, apesar do fogo das nossas espingardas e dos nossos canhões que a ceifavam, avançava, deixando na rectaguarda o solo coberto de mortos e feridos; ha quatro dias que os brandeburguezes se sujeitam a um fogo que os dizima; a sua energia deve diminuir e ainda não chegaram á nossa linha principal de defeza. O ataque fôra preparado por um fogo de artilharia sem precedentes; o inimigo havia reunido contra a frente que decidira atacar toda a sua artilharia disponivel, fazendo vir da Servia, da Russia, de toda a parte, pequenos e grandes canhões, 305 e 420, toda a lira canhoneante.

«Os allemães contavam com um esmagamento completo das nossas forças; apenas conseguiram, com esse formidavel esforço que nenhuma força humana pode prolongar por um tempo tão rigoroso, fazer recuar um pouco a nossa linha avançada. Reforços importantes chegam ás nossas tropas, que conteem com tanta coragem este impeto do inimigo. Pode ter-se plena confiança no resultado.

«Porque escolheram os allemães como ponto de ataque esta região de Verdun, onde deviam esperar no seu caminho uma accummulação de defesas de que d'um só golpe não poderiam assenhorear-se, qualquer que fosse a violencia com que se precipitassem? E' difficil descobrir as razões tacticas ou estrategicas de semelhante facto; é provavelmente um effeito moral sobre a população allemã e sobre as nações estrangeiras cuja alliança procuraram. Verdun exercia uma especie de fascinação sobre a imaginação allemã; bilhetes postaes espalhados na Allemanha já tinham annunciado a sua tomada, e é o kronprinz que commanda essa offensiva; um exito ruidoso teria levantado o prestigio do herdeiro do throno. Acaba elle de pedir aos seus soldados o mais formidavel esforço que soldados podem fornecer; é-lhes physicamente impossivel fazer mais e mesmo continuar a fazer tanto...»

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, e que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

Como um homem se rehabilita

Os escrupulos de consciencia d'um verdadeiro patriota

Grenoble, 23 de fevereiro.

Em audiencia do jury, no Isere, foi julgado um heroe dos combates aereos, o sr. X..., aviador, que sob um nome supposto realisou brilhantes proezas. Desde o inicio da guerra foi citado trez vezes em ordem do exercito, condecorado com a medalha militar, proposto para a Legião de Honra e promovido a alferes.

X..., antigo pupillo da Assistencia publica do Sena, operario moleiro, estabelecera-se por sua conta n'uma aldeia dos arredores de Viome (Aisne). Sem instrucção e sem experiencia dos negocios, teve a imprudencia de se confiar ás mãos de um agente de negocios escuros, um tal Planche, que lhe aconselhou diversas operações financeiras que o codigo reprime. Apavorado com a consequencia do seu acto, X... refugiou-se em Inglaterra em 1910 e o seu mau conselheiro foi condemnado pelo tribunal do Isere por «escrocquerie».

Em Londres, X... entrou com um nome supposto para os *ateliers* Blériot, de que veiu a ser um dos melhores pilotos. Ao declarar-se a guerra, lembrando-se do que era francez, X... correu immediatamente a offerecer os seus serviços á patria ameaçada e cobriu-se de gloria. Proposto para a Legião de Honra, não quiz que a cruz dos bravos esmaltasse o peito de um homem que era procurado pela justiça do seu paiz. Revelou a sua verdadeira identidade e assim compareceu hontem perante os jurados do Isére, sob a accusação de bancarrota.

O advogado André Hene, deputado, pediu a absolvição do réu, cujas brilhantes proezas narrou e o corajoso aviador foi absolvido.

A EXPEDIÇÃO A ANGOLA

Um lapso do parlamento

O heroismo que as tropas portuguezas demonstraram nos combates da Mongua—O serviço que prestaram ao paiz

Concluimos hoje a publicação da entrevista com o sr. capitão Filippe de Sousa:

Estava sufficientemente explicada a accumulação de generos em Mossamedes. Perguntamos então ao nosso entrevistado que informações nos podia dar sobre as compras feitas sem concurso. Respondeu-nos:

—Fizeram-se muitas vezes. E eu não sei que ideia formam d'uma campanha militar as pessoas que manifestam estranheza por esse facto. Os concursos, segundo as praxes regulamentares, obrigam á affixação de editaes, á publicação de annuncios nas gazetas, a uma determinação de prasos— a toda uma série de formalidades que, quando cumpridas em certas phases da guerra, podiam condemnar as tropas á fome ou sujeital-as a quaesquer outras contingencias desastrosas. Imagine v. que o sr. general Pereira d'Eça requisitava, como algumas vezes aconteceu generos ou artigos militares com toda a urgencia. Que havia a fazer? Chamar os commerciantes da localidade, pedir-lhes preços e comprar immediatamente áquello que apresentasse a proposta mais barata. Estou convencido, de resto, que não houve especulações, porque, se as houvesse, tambem havia remedio para as evitar. Em tempo de guerra, ha remedio para tudo. Quanto ao boato, verdadeiramente infame, de que se pagaram generos que não foram recebidos, não lhe presto sequer um minuto de attenção. Só desejava que alguem, fosse quem fosse, puzesse a claro a insinuação que essa infamia acoberta—ou que tomasse d'ella a devida responsabilidade.

«O que é mais lamentavel, afinal, é que o parlamento prestasse ouvidos complacentes a essa historia do gorgulho e não tivesse uma palavra de louvor para as tropas que cumpriram briosamente o seu dever. Isso é que é extremamente lamentavel, como symptoma de que os tempos não correm propicios para que justiça seja feita a quem a merece. Esta campanha foi a mais difficil e a mais perigosa de todas as nossas campanhas de Africa. Destacou-se por duas acções notaveis: a resistencia da columna do Cuanhama e a marcha da columna do Cuamato, que ia em soccorro da primeira e que tinha como chefe do estado-maior o capitão Mascarenhas. Nos combates, tanto officiaes como sargentos e soldados portaram-se com uma bravura epica. Na Mongua, no combate do dia 18, em que ficou ferido o major Palla, todos se bateram a peito descoberto. O estado maior, a cavallo, com o sr. general Pereira d'Eça á frente, passeava nas alas do quadrado animando os soldados. Luctava-se com um inimigo aguerrido, bem armado pelos allemães, usando balas explosivas e expansivas. Esse combate da Mongua continuou no dia 19 e no dia 20. N'este ultimo dia durou dez horas. Foi depois d'este combate que o preto ficou completamente desmoralisado.

«Podia citar-lhe mil episodios para demonstrar a valentia com que officiaes e soldados portuguezes honraram o nome do exercito. O tenente Humberto d'Athayde, n'um dos combates da Mongua, á frente de bravos landins, dirigiu uma carga de bayoneta de badine e binoculo em punho. Foi ferido cinco vezes. O dr. Vasconcellos e Sá, tambem na Mongua, marchou á frente dos marinheiros, n'uma carga brilhantissima, gritando, gesticulando, n'um impeto verdadeiramente heroico. Muitos dos soldados feridos e transportados para a ambulancia queriam á viva força voltar para a linha de fogo. Os medicos não consentiam. Um d'elles conseguiu fugir e morria no dia seguinte no campo de batalha.

«Emfim, a columna fez a occupação do Cuanhama e reoccupou o Cuamato, a região de Naulila e Donguena, o Cafu e o Evale. Se não fosse isso, podiamos considerar perdido o sul de Angola. Ainda ha pouco dias chegaram a Lisboa 1.700 soldados e officiaes da expedição que tão altos serviços prestou ao paiz. Ninguem deu por isso... Dias antes tinha-se contado no parlamento aquella historia do gorgulho.

Cartas na meza

Arte e manhãs

Porto, 27

Recordo-me de ter lido, creio que no divino Eça, que os povos só serão grandes pela Arte, e desde que assim seja, é forçoso reconhecer que estamos engrandecendo a olhos vistos. A febre de Arte que nos invade está sendo consideravelmente maior do que a dos typhos, e se as coisas continuam n'esta alastradora marcha, os portuguezes deixarão dentro de pouco a Grecia na penumbra, a Italia a vêr navios, a Hollanda e arrepellar-se e a França a remorder-se de inveja. Temos, seguramente, muitos mais criticos do que artistas, mas Roma e Pavia não se fizeram n'um dia, e já nos não falta tudo. Como ahi, na cidade de marmore e nenhum granito, com as exposições do incomparavel Sousa Pinto, de Hygino de Mendonça, de Antonio Saude, tambem temos nós aqui uma furia de exposições, e, mais talvez do que em Lisboa, no Porto póde dizer-se que não está sendo—dente fóra, exposição na cova. Tivemos a de Arthur Loureiro, a de D. Alice Grillo, a dos Phantasistas, hoje encerra-se a de José Campas, annuncia-se para breve a de um valente grupo de homens de pincel á frente dos quaes estão João Augusto Ribeiro e Candido da Cunha; prepara-se a seguir a de outros Phantasistas, e em fins de maio teremos a que annualmente promove a Sociedade de Bellas Artes, e que o anno passado se não realisou por falta de elementos de exito.

Os commerciantes de oleographias andam desesperados com a concorrencia que muitas d'estas exposições lhes estão fazendo, e se é verdade que em muitos casos não deixam de ter razão, não é menos verdade que é impossivel contentar a todos, e que entre um arranco de arte estampado n'uma folha de papel e outro pincelado n'um pedaço de taboa ou de téla, a superiorioriddae da taboa e da téla é abundantemente manifesta.

Mas não é tudo. A intervenção da Arte está-se revelando uma especie de gaz asphixiante que eu penso ameaça mais envenenar-nos do que deslumbrar-nos, porque isso vai sendo de mais e o que é de mais é doença. Expõem-se zincos patinados e chama-se-lhes bronzes de Arte. Exhibem-se pratas cinzeladas e barbaras, dos mais dignos analphabetos artisticos, e tomam logo o nome de pratas de Arte. Fazem-se marcenarias do mais duvidoso gosto e execução e tambem se chrismam em moveis de Arte. Imprimem-se coiros, são coiros de Arte. Organisam-se salsifrés, são festas de Arte. Uma *divette* de tres ao quartilho uiva quatro *couplets* decotados n'um *music-hall*, e logo a coisa é um primor de Arte. Agora os cinematographos vão na corrente e dão em annunciar *films* de Arte. Já não ha fitas. A palavra *fita* entrou n'outro calão de acontecimentos, perdendo a sua significação. Já ninguem aperta as fitas das ceroulas, mas os *films* das ceroulas,—aquelles, já se vê, que ainda usam isso.

Com a invasão d'esta immensa lufada de Arte, veio tambem a da melena. Voltamos aos tempos romanticos de 1848, a Henri Murger, aos dias aureos do impeccavel e purissimo Théo. Os iniciados, os envenenados de Arte, não usam uma cabeça como toda a gente; tem caracterisação propria e figurino proprio. Fazem a barba á cachaceira, arredondam a melena sobre a gola do casaco, arrepolham no pescoço um grande laço preto, a cara rapada, um chapeu de aba direita e copa de *pudding*, e caminham olympicos, absorvidos, incomprehendidos e numerosos. De maneira que aquillo que póde faltar em talento não deixará de sobrar em cabello, mas tudo sempre em homenagem á deslumbradora e estonteadora Arte.

Nós já tivemos um tempo em que fugiamos de ouvir a *Alma de Dios* como quem foge da peste. Estou a vêr que não tardaremos a fazer o mesmo com esta *scie*, esta sécca, esta sarna, em que se confunde a Arte com a *camelote*, como Pomponet confundia o melão com a batata.

Guedes de Oliveira

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

A superioridade dos effectivos dos alliados

Londres, 23 de fevereiro

O coronel Repington escreve no «Times»:

«E' licito crer que os effectivos dos exercitos allemães são de 3.600.000 homens, que os effectivos austriacos oscilam entre 1.500.000 e 2 milhões, e que os dos exercitos turcos e bulgaros attingem 1 milhão. Sem publicar numeros, podemos dizer, por consequencia, que possuimos a superioridade numerica na frente.

«O numero das nossas reservas em homens é egualmente superior, admittindo 2 milhões de homens de reserva para os allemães, um reserva para os allemães, um milhão um milhão e meio para os austriacos e tendo ainda em conta as reservas que podem fornecer os bulgaros e os turcos.

«Nós, só á nossa parte, temos quasi tantas reservas como a Allemanha e Austria reunidas. A nossa grande

tarefa, este anno, será leval-as para o campo de batalha.

«A França não utilisou ainda na frente as classes de 1916 e 1917; possue por outro lado numerosos soldados nos depositos e homens de mais edade que podem ser mobilisados.

«Por cada homem que tem na frente, a Italia tem dois homens nos depositos e um terceiro que ainda não está mobilisado.

«A Russia já possue tantas reservas como a Allemanha e por detraz d'essas reservas, um numero immenso de homens mobilisaveis.

«O resultado da guerra dependerá, pois, n'uma larga medida, do modo como forem utilisadas essas reservas.»

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem no Grande Hotel d'Inglaterra assistiram: mesdames Katz, Izabel de Queiroz Guedes, Luiza de Vasconcellos, Briant Dupreipat, Fiegel, Davids, Matter, Steabbens, Fald, Laura de Castro, Sara da Silva, Suzanne Finot, Kesner, Albagli, Bouwet, Torres, Firt, Goetz, Serra, Magalhães Coelho, Malvina Ferreira, Borges Rosado e Ferreira d'Almeida e os srs. Virgilio Dias Rebello, José Maria dos Santos Elvas, René Beraud Villar, Americo dos Santos, Americo Paes do Couto, Briant, Dupreipat, Alberto Ribeiro de Carvalho, Avelino Vieira Braga, José da Cunha Mattos, Davids, H. Matter, Antonio Augusto dos Santos, Steabben, M. Fald, Paul Koskowsky, Fritz Muller, José de Castro, Graf Euckner, Kesner, W. Bouwey, Christos Vafiadis, Alfred Stoner, Alfredo Torres, David Cats, Blits, Johan Firt, Weisswange, Anton Goetz, João Carlos Vieira Ramos, Charles Godall, Carlos Assis, dr. Jeronymo do Couto Rosado, Manuel Martins e dr. Carlos Borges.

PROPAGANDA DE PORTUGAL

E' hoje, ás 21 horas, que se realisa na séde da Propaganda de Portugal a sessão commemorativa do seu 10.º anniversario. A sessão será seguida de uma conferencia, pelo director secretario da Sociedade sr. Manuel Roldan, sobre a «Exposição Internacional Panamá Pacifico em S. Francisco da California».

CONSORCIOS

Realisou-se hoje o casamento do sr. Julio d'Almeida, reporter d'O Seculo, com a sr.ª D. Elvira Esperança, sendo testemunhas a sr.ª D. Emilia Varella e os srs. José Joaquim d'Almeida, reporter do Diario de Noticias, e Julio Augusto Baptista. Em casa dos paes do noivo foi servido aos convidados um delicado copo de agua.

EXPOSIÇÃO SOUSA PINTO

Tem sido muito visitada a exposição Sousa Pinto, na Sociedade Nacional de Bellas Artes. Hoje esteve ali o sr. dr. Theophilo Braga, acompanhado do sr. Levy Bensabat demorando-se cerca de 2 horas na visita e tendo no final palavras muito agradaveis para o illustre artista que é Sousa Pinto.

A exposição fecha amanhã.

REGISTO DE NASCIMENTO

Realisou-se hoje na administração do 3.º bairro o registo de uma filha da sr.ª D. Camilla Lopes Bispo e do sr. Francisco Martins Lopes Bispo, funccionario municipal e irmão do nosso collaborador José Lopes Bispo servindo de padrinho o sr. Constancio de Oliveira, chefe da Repartição da Camara Municipal de Lisboa e deputado evolucionista.

A' cerimonia, que teve caracter intimo, seguiu-se um copo d'agua.

A creança recebeu o nome de Esther.

CRUZADOR «ADAMASTOR»

Chegou hoje de manhã a Durban, sem novidade a bordo, este navio de guerra portuguez.

As bailarinas Dorita e Silverdi

A chuva torrencial que hontem cahiu não nos deixou ir retemperar os pulmões de bello ar aos arredores d'esta Lisboa tão linda em dias de sol mas tão lamacenta e suja quando o bom Deus se lembra de nos mimosear com chuva em catadupas e por isso dirigimo-nos ao Salão Foz, essa casinha de espectaculos tão interessante e onde se passam tão bons boccados. Havia «matinée» e ali fomos dar com os ossos, refastelando-nos n'uma cadeira para presenciar o espectaculo. Depois de uma série de «films» interessantes e do mais variado gosto, onde se misturavam, os alegres com os dramaticos, subiu o pano e começaram as variedades.

O primeiro numero que appareceu foi o das bailarinas que no programma tinham o nome de Dorita e Silverdi. Eram duas gentis hespanholas, finas, bem talhadas com «quelinque» lascivos e dançando com toda a graciosidade. Teriam passado despercebidas ao meu olhar essas duas «nuestras hermanas» não porque os seus bailados me não agradassem, porque as suas «linhas» me não prendessem o olhar, mas porque não percebo nada de danças hespanholas, se não tivesse surprehendido uma pequena discussão entre dois espectadores que enthusiasmados seguiam os bailados d'essas duas «muchacas guapas». E a discussão fundava-se no seguinte: Um d'elles, o de mais edade, affirmava que ellas bailavam melhor do que a Bilbainita, uma bailarina que fez as delicias dos espectadores do Salão Foz ha uns mezes, e para demonstração do que affirmava fazia ver ao seu companheiro a rapidez do sapateado das duas bailarinas que se exibiam.

Affirmei-me mais e na verdade, apesar de leigo, não pude deixar de me convencer do que ouvia. Dorita e Silverdi são extraordinarias, na rapidez das suas danças, rapidez cheia de graça e de belleza; com as castanholas acompanhavam todas as voltas dos seus bailados e nos seus labios bailava sempre um sorriso gracioso para os espectadores. A discussão dos meus visinhos continuava, mas o que defendia as duas bailarinas estava victorioso por que o seu contradictor sentia-se vencido com os argumentos apresentados.

E mal sabia o defensor de Dorita e de Silverdi que me tinha vencido tambem a mim!

A trovoada d'esta manhã

Um policia salva um sargento de marinha de morrer fulminado

Durante a madrugada o temporal que nos ultimos dias se tem desencadeado sobre Lisboa, recrudesceu de intensidade, trovejando fortemente e cahindo fortes bategas de agua, que puzeram em sobresalto os habitantes da cidade. A trovoada deu origem aos mais desencontrados boatos, havendo já quem phantasiasse ter ouvido os Zeppelins e os famosos canhões de 42.

Como o Tejo levasse muita agua, as pequenas embarcações procuraram abrigo nas docas, afim de evitar qualquer sinistro. No Arsenal foi içado o signal n.º 2, de temporal. Os bombeiros estiveram a postos, afim de intervirem em qualquer desastre.

Uma faisca cahiu sobre os fios telephonicos, partindo-os, indo as extremidades attingir o fio conductor da tracção electrica, mesmo em frente da rampa de Santos. N'essa occasião descia de um carro o 1.º sargento da armada sr. David Pedroso, que, sem reparar, se embrulhou n'um dos fios cahido. O civico n.º 1500, que estava perto, correu ao local e com o maior sangue-frio despiu o capote e com elle pegou no fio, livrando assim o sargento de uma morte quasi certa.

O sr. David Pedroso seguiu para o hospital da marinha, onde se verificou que apenas tinha ligeiras queimaduras no corpo, pelo que recolheu a casa depois de pensado.

Na estação de Santa Apolonia cahiu outra faisca, que apenas fez pequenas avarias na luz electrica, e uma outra derrubou parte da chaminé do predio n.º 33 da rua do Valle de Jesus, pertencente ao sr. Manuel Ramos Moita.

Carlos Mattos

Partiu hoje para Paris, onde vae adquirir as principaes modistas d'aquella cidade as mais recentes novidades em chapeus modelos, este nosso presado amigo e estimado commerciante, socio gerente da casa PALAIS DE LA MODE, na rua Nova do Almada, 67. Estamos certos que, attendendo ao bom gosto do sr. Carlos Mattos, será o seu estabelecimento na proxima estação que marcará como ponto de reunião de todas as senhoras elegantes. Feliz viagem e melhor regresso é o que sinceramente desejamos ao nosso sympathico amigo.

O Carnaval no Republica

Como era de esperar abriram com chave de ouro as festas do Carnaval no theatro Republica, que mais uma vez deu a nota elegante e distincta.

O espectaculo teve um grande successo com A Maluquinha de Arroios, a engraçadissima peça do André Brun que continua a ser uma carreira triumphal e o baile de mascaras teve extraordinaria concorrencia e um grande brilhantismo. A plateia giratoria com todas as cadeiras, causou o assombro de todos e permittiu arranjar rapidamente a sala para o baile de mascaras.

Estiveram muitas mascaras, bastante elegantes e ricamente vestidas e dançou-se animadamente até madrugada. Amanhã repete-se A Maluquinha de Arroios e no sabbado é o segundo baile de mascaras.

Na segunda-feira ha matinée com um gracioso baile infantil em que serão offerecidos lindos e valiosos brindes ás creanças que se apresentarem mais elegante e caracteristicamente costumées.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil.—Reune hoje, pelas 21 horas, em sessão ordinaria, a direcção e cada collectividade, na séde associativa, largo do Intendente, 45, 1.º

Amanhã, á mesma hora e na mesma séde, é a sessão ordinaria da commissão de propaganda.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deram entrada: Domingos Cabrinha, que no Seixal foi aggredido com uma facada no peito; Valentim Baptista, de Montemór, concelho de Loures, que cahiu d'um cavallo, fracturando a perna esquerda, e João Dias Paes, descarregador, morador na calçada do Tijolo, 35, loja, ferido na cabeça por uma taboa, na estação de Santa Apolonia.

Federação Academica

A volta ás aulas

Como hontem se resolvera na reunião d'esta federação, todos os alumnos voltaram hoje ás aulas, nada se tendo passado de anormal.

Na nossa noticia de hontem sobre a reunião no theatro Avenida sahiu, por equivoco, errado o nome do secretario, estudante sr. Paula Leite. Foi este senhor quem secretariou.

As ampolas de quinino... sem quinino

Tendo-se hontem o nosso correspondente do Porto referido ao caso, discutido no Parlamento, das ampolas de quinino, que se affirma não conterem tal producto diz-nos pessoa fidedigna que se fez uma analyse de recurso requerida pelo fornecedor, analyse em que entraram tres chimicos conhecidos, dois dos quaes lentes de escolas superiores. O resultado, ao que nos informam, foi verificar-se que essas ampolas continham o quinino indicado na respectiva tabella e nas condições de fornecimento.

A Russia compra couraçados ao Japão

Paris, 25 de fevereiro

O «Temps» informa que o governo imperial russo acaba de terminar com exito as negociações entaboladas com o governo japonez para a compra de quatro couraçados que foram tomados á esquadra russa pelos japonezes na guerra entre ambos os imperios.

E' sabido que na guerra de 1904 a 1905, os russos perderam mais de quatro couraçados em seguida a combates, de 12.500 toneladas, que os japonezes baptisaram com o nome de «Hizen», o «Nicolai I», agora «Iki»; o «Poltava», agora «Tango»; o «Peresviet» que se chama «Sagamis»; «Pobrieda», convertido em «Suwo»; além de mais tres barcos, dois dos quaes contam vinte e cinco annos de existencia.

Dos seis primeiros, o «Revitzance» é considerado pelos japonezes como um couraçado de valor; os outros estão classificados como guarda-costas couraçados de primeira classe e deslocam entre 9.000 e 13.000 toneladas.

Alguns d'sses barcos, lançados á agua desde 1898 a 1902, soffreram nos estaleiros japonezes uma reforma importante em 1907 e em 1908.

A questão das subsistencias

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou a direcção da Associação Commercial de Lisboa, que era acompanhada por grande numero de commerciantes ácerca da exportação e importação de generos e outros artigos.

PORTO, 28.—O governador civil espera obter milho e farinhas sufficientes para a alimentação dos districtos, estando entaboladas negociações para a Manutenção Militar abastecer o Porto.

A auctoridade tomou medidas para a crise da falta do milho desapparecer o mais breve possivel.

ULTIMAS NOTICIAS

Uma nota da Allemanha?

Parece confirmar-se que foi entregue ao governo portuguez — Os termos em que se encontra redigida, segundo informações que colhemos

Foi este o boato sensacional do dia de hoje: que a Allemanha tinha enviado ao governo portuguez uma nota-ultimatum, concebida em termos muito energicos, exigindo promptas e amplas satisfações pelo facto de ter sido arreada a bandeira allemã dos navios.

O governo mantem sobre o caso uma reserva absoluta. Mas, por informações que colhemos em algumas fontes, quasi podemos garantir que a noticia é exacta. Segundo essas informações, a nota é muito curta, meia duzia de linhas, em que se intima o governo portuguez a içar novamente a bandeira allemã nos navios e a auctorisar o regresso para bordo dos seus tripulantes, sob pena de represalias.

São essas as informações dignas de credito que nos foram fornecidas. Mas, a simples titulo de curiosidade, não queremos deixar de archivar os boatos que circularam durante o dia. Assim, dizia-se:

que, na previsão de uma ruptura de hostilidades o consulado allemão mandou já avisar todos os naturaes d'esse paiz para que estivessem promptos á primeira voz, com malas feitas, etc., dispostos a sahir pela fronteira de Hespanha;

que já na Companhia dos Caminhos de Ferro se ventilaram por incumbencia da legação allemã, as disponibilidades de material para comboios especiaes destinados a conduzir todos os subditos allemães á fronteira.

—Que o ministro sr. Rosen pedirá ámanhã os seus passaportes para marchar para Berlim.

Foram esses os boatos que correram pela cidade com mais insistencia. Repetimos que os registamos a titulo de curiosidade, pois que o unico facto que se nos afigura averiguado é o da entrega da nota ao governo portuguez.

Hoje o governo reuniu em conselho de ministros. Finda a reunião o sr. dr. Affonso Costa seguiu para Belem, donde voltou a convocar o conselho de ministros reunir ainda esta noite novamente.

No ministerio dos negocios estrangeiros estiveram hoje os srs. ministros da Inglaterra, França e Italia.

Durante o dia varios allemães levantaram dinheiro que tinham nas casas portuguezas, procurando trocal-o por moeda hespanhola.

Este facto estabeleceu na praça um certo sobresalto, dizendo-se que algumas casas bancarias se recusaram a vender libras ou cheques sobre Londres.

Ha ordens para se redobrar a vigilancia maritima na barra, devendo organisar-se uma flotilha para esse fim, constituida talvez pelos dois destroyers, pelo submarino e por um cruzador.

Os empregados allemães não appareceram hoje nos seus escriptorios.

Fala-se com insistencia na organisação de um ministerio nacional, com representantes de todos os partidos, accrescentando-se que ainda hoje irão a Belem os chefes politicos.

N'um dos navios allemães requisitados foi encontrada uma caixa com petardos e a mecha.

Parece confirmar-se que o sr. Rosen já ante-hontem avisara alguns membros da colonia allemã para levantarem o dinheiro que tivessem nas casas bancarias portuguezas, annunciando ao mesmo tempo a entrega da nota ao governo portuguez.

Navios entregues para reparações

O Paygeton, o Rotterdam, o Rolandseck e o Santa Ursula já foram entregues, para reparações, respectivamente ao Arsenal, á casa Parry, á Parceria e á Fabrica Vulcano.

Effectuou-se hoje a vistoria do Milos, sem que comparecessem os representantes da empreza nem os do consulado, que se recusaram a isso com o pretexto de que não possuiam instrucções do seu governo.

Corre o boato de que as tripulações abandonam o paiz

Conforme n'outro logar referimos, circulou hoje com insistencia, o boato de que a officialidade e as tripulações dos navios allemães e austriacos tinham recebido ordens para comparecerem na séde dos respectivos consulados para receberem dinheiro de modo a poderem com a maior brevidade deixar o paiz.

Chegou mesmo a affirmar-se que não só alguns officiaes da marinha mercante allemã, mas tambem outros individuos, em edade militar, pertencentes áquella nacionalidade e empregados em escriptorios e bancos tinham partido no comboio de Madrid.

No consulado da Allemanha, onde procurámos colher informações, atenderam-nos o sr. Daenardht, consul geral. Havia lá um grande movimento, estando a chancellaria apinhada e conservando-se á porta da rua grande quantidade de marinheiros da guarnição dos barcos requisitados.

—E' verdade retirarem de Portugal as tripulações dos navios? perguntámos ao consul.

—Não me parece. Esta gente veiu aqui receber a soldada que lhe devíamos. Não dei ordem nenhuma para que abandonassem o paiz.

Entretanto, o funccionario do consulado continúa revendo os papeis e contando sobre a secretaria o dinheiro que cada um dos homens deve receber.

Nos ministerios não confirmam nenhum dos boatos que circularam hoje.

A grande guerra

A batalha de Verdun

Os francezes repellindo os allemães

Consta que os francezes alcançaram hoje sensiveis vantagens proximo de Verdun, tendo conseguido repellir os allemães de dois fortes que elles haviam occupado, á custa de extraordinarios esforços e enormes perdas.

A VIDA PROVINCIAL

O congresso alemtejano

Realisa-se a primeira reunião em Beja—As resoluções hoje tomadas

BEJA, 28.—No edificio da camara municipal d'esta cidade, que se encontra engalanado, reuniu hoje o congresso provincial alemtejano.

A's 11 horas, estavam apenas presentes os representantes das camaras de Aljustrel, Alvito, Barrancos, Beja, Elvas, Evora, Fronteira, Montemór, Ourique, Serpa, Montemor-o-Novo, Portalegre, Campo Maior e Ponte de Sôr.

No comboio das 14 horas chegou o sr. dr. Jacintho Nunes, que foi recebido com carinhosas manifestações de sympathia.

A's 15 horas, fez-se a segunda chamada respondendo mais os representantes das camaras de Castro Verde, Reguengos, Alandroal, Altar do Chão, Arrayolos, Castello de Vide, Moura, Mourão e Vianna do Alemtejo, isto é, a maioria. Adheriram á federação trinta e oito camaras municipaes.

O sr. presidente da commissão organisadora abriu a sessão lamentando que não estivessem representadas todas as camaras. A reunião politica, mas politica é apenas administrativa, tendo em vista as prosperidades do Alemtejo. Saudou a camara de Beja e as outras representadas e bem assim a imprensa. Propõe para a mesa preparatoria os representantes das camaras de Evora, Portalegre e Arrayollos, o primeiro para presidente e os segundos para secretarios.

Por alvitre do dr. Jacintho Nunes e proposta do dr. Luiz Ricardo, discutiu-se e approvou-se que o parlamento alemtejano passe a chamar-se «Junta Provincial Alemtejana». Após larga discussão, o regulamento foi approvado. A Junta terá duas sessões ordinarias em fevereiro e outubro, cada anno, além das extraordinarias que forem necessarias. O regulamento estabelece que as sessões nos annos seguintes se realisarão em Portalegre, Evora e Elvas, além de Beja. A's 17 horas foi o regulamento approvado.

Ainda hoje será eleita a mesa da commissão executiva e serão discutidos os varios assumptos propostos.

Amanhã serão tratados varios importantes assumptos de administração municipal.

NOTAS DIVERSAS

—Pela pasta da guerra foram á ultima assignatura entre outros os decretos: promovendo na arma de cavallaria, a coroneis os tenentes coroneis Antonio Joaquim de Mendonça Brandeiro e Thomaz de Sousa Rosa; a tenente coronel o major Augusto Lopes Valadas; na arma de artilharia de campanha a tenentes coroneis os majores José Luiz de Moura Mendes e José Manuel Joaquim Ribeiro; no serviço de saude a 5.ª classe o coronel o tenente coronel Alfredo Carlos Pimentel May; e na arma de infantaria a coronel o tenente coronel Arthur Torquato de Moura Coutinho d'Almeida Eça.

—Deve ser publicada amanhã a Ordem do Exercito, 2.ª serie, trazendo um largo movimento de promoções.

—O inspector da 5.ª divisão militar, sr. coronel Alexandre d'Almeida Oliveira, conferenciou hoje com os srs. ministros da guerra e colonias.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciou demoradamente o coronel sr. Mendes Leal, encarregado de sindicar sobre o que se passou em Naulila.

THEATROS

Entre nós

E' amanhã, como já noticiámos, que a Tuna Commercial de Lisboa realisa no theatro do Gymnasio a sua festa annual. A companhia representará a chistosa comedia O homem macaco e a Tuna, sob a regencia do maestro Ernesto Cyriaco, alem de outros numeros de musica, executará uma linda marcha, com soberbos effeitos caracteristicos.

Na Camara dos Deputados

Principia a discutir-se o projecto sobre o papel

Approvada a acta, o sr. presidente propõe que se lance na acta um voto de sentimento pela morte da avó do sr. Barbosa de Magalhães, viuva do grande liberal Firmino Maia. E' approvado, fallando os srs. Virgolino Chaves, Simas Machado, Brito Guimarães e Costa Junior e o ministro da justiça. O sr. José Pereira occupa-se do envolvimento do ultimo concurso para as estampilhas postaes, apreciando e demonstrando que as condições que constam do programma publicado no Diario do Governo não foram nem hão de ser cumpridas. O sr. ministro do fomento responde que ainda não tem em seu poder os documentos relativos ao concurso, motivo porque não pode pronunciar-se sobre as reclamações do sr. Pereira. O sr. Eduardo de Sousa reclama contra a forma como está organisada a ordem do dia, ouvindo em troca explicações do presidente. O sr. Costa Junior requer que se discuta desde já o projecto que regula os serões as costureiras. E' approvado. Entra tambem em discussão o projecto que estabelece o novo regimen cerealifero para a Madeira. O sr. José Barbosa declara que a União Republicana se abstem de apreciar esse projecto por elle não ter parecer impresso e distribuido e por o governo não ter dado ainda explicações. O sr. ministro do fomento mostra que o governo precisa realmente do projecto com urgencia. O sr. Julio Martins estranha que o parecer o sustenta que a agricultura não tenha sido discutido. O sr. Americo Olavo dá quaes os motivos por que não se fez isso e o projecto é approvado na generalidade e na especialidade, sem mais discussão e com algumas emendas do sr. Americo Olavo. O projecto das costureiras é tambem approvado.

Na ordem do dia, discute-se em primeiro logar o projecto que regula a questão do papel. O sr. Ribeiro de Carvalho dá o seu voto ao projecto; o sr. Brito Guimarães propõe que seja abolida a franquia postal a revistas e jornaes impressos em Portugal. Diz que é preciso legislar de maneira que a industria papeleira não fique arruinada; o sr. ministro do fomento justifica largamente o projecto enviando para a mesa um outro redigido d'accordo com os representantes das emprezas jornalisticas e das emprezas papeleiras, a fim de ser discutido com o projecto inicial. Quanto á isenção de franquia, dirá que as receitas dos correios pelo que respeita á venda de estampilhas já diminuiu depois da guerra mais de cem contos. Pedem os correios com mais o sacrificio que se lhes pretende impôr?

O sr. José Barbosa faz largas considerações para demonstrar que todos os grandes jornaes do mundo foram obrigados a reduzir o numero de paginas que publicavam normalmente e para provar que a isenção de franquia é inteiramente necessaria para que as pequenas emprezas jornalisticas possam continuar a viver.

O sr. ministro do fomento volta a falar para defender o projecto e para dizer que a franquia postal não pode ser dispensada.

NO SENADO

Continúa em discussão o projecto sobre ensino livre—Um curso de pilotagem

A' hora marcada respondem á chamada 33 senadores. Preside o sr. Correia Barreto e secretariam os srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro.

Galerias e bancada ministerial desertas.

Approvada a acta e lido o expediente é proclamado senador por Macau o sr. Antonio José Gonçalves Pereira.

Entram e tomam o seu logar os srs. ministros da guerra e da instrucção.

O sr. dr. José de Castro, que protesta contra a selvageria de cortes á faca em dezeseis eucalyptos na estação de Freixedo, caminho de ferro de Santa Comba a Vizeu, e contra o devastamento dos nossos pinhaes, felicita depois o governo pelo brilhantismo das festas da arvore hontem realisadas.

O sr. ministro da instrucção toma na devida consideração as palavras do orador.

O sr. coronel Silveira estranha o silencio do sr. ministro da guerra para com o parlamento no ponto em que se refere a acquisição de material de guerra. Toda a gente sabe que se estão fazendo acquisições lá pelo norte do paiz, que se encommendaram equipamentos, selins, marmitas, etc., etc., todos a gente sabe isto e menos o parlamento. Esse procedimento é inaceitavel e mais parece da parte do sr. ministro da guerra uma desconsideração ao parlamento que uma defesa do Estado.

O sr. Vorton de Mattos surprehendeu-se com as palavras do sr. Silveira. Ele ministro não disse que não fornecia esclarecimentos ao parlamento. Tudo o que ha sobre acquisições de material de guerra poder-se-ha dizer a uma commissão mixta do Congresso desde que esta commissão se comprometta ao maximo sigillo no assumpto. O interesse e a defesa do tratado mandam calar taes factos, e emquanto se encontrar n'aquelle logar com chefe do exercito na divisão ha de fazer o que julgue conveniente. Tudo o que fizer se estiver cumprir a risca este preceito que é o que pensar de todo o governo. Não ha que dizer ao paiz coisas que o possam prejudicar; ha sim, mas é que dever de todo o governo, e que se deve e faça tudo de que não fazer-se custe o que custar.

Replicando o sr. coronel Silveira diz que as palavras do ministro o não satisfizeram. Não foi segredo para nenhum. Não se teve a Allemanha. O que houve sempre foi o segredo dos detalhes e é o que ele pediu foi a nota das acquisições e os preços respectivos. Isto é que pediu, é isto é que o ministro tinha obrigação de trazer ao parlamento. Tudo o que fizer em contrario é «bluff» e não se justifica. Ficou a impressão de que irregularidades se occultam sob esse segredo.

O sr. ministro da guerra mantem inalteravelmente as suas palavras de ha pouco.

O sr. Paes Abranches lastima que o sr. ministro do fomento se não tivesse dado ainda por habilitado a responder á sua interpellação. Chama depois a attenção do governo para a exportação de gado vaccum, muar e cavallar, o que representa um enormissimo prejuizo para o paiz e para o exercito.

O sr. ministro da guerra promette não descurar o assumpto e transmittir as suas colligas do fomento e das finanças. Quanto ás referidas exportações ellas se não farão mais porque se encontram prohibidas por lei, com o que fica satisfeito o sr. Paes Abranches que lhe agradece a sua declaração, que é de muito e muito importancia do assumpto.

O sr. Machado Serpa deseja saber se já foram requisitados os navios allemães surtos no Porto de Ponta Delgada. Se já o foram parece-lhe conveniente que um d'esses navios seja aproveitado para transporte do gado d'aquelle porto para o continente.

O sr. ministro da guerra regista os desejos do sr. Machado Serpa.

O sr. Herculano Galhardo requer que o projecto de lei que diz respeito á importação de cascaria vá á commissão de finanças.

O sr. Paes Abranches faz identico pedido para o projecto ir á commissão de fomento.

O sr. coronel Silveira deseja depois falar sobre o caso dos navios allemães mas como não está o sr. presidente do ministerio, por declarações do sr. ministro da guerra, promette vir ámanhã ao Senado, dar explicações sobre o assumpto, o sr. coronel Silveira reserva o seu considerações também para ámanhã.

Approvam-se seguidamente os requerimentos dos srs. Herculano Galhardo e Paes Abranches.

E entra-se na ordem do dia com o projecto de lei que reintegra no serviço do exercito o alferes miliciano Mario Barbosa, no posto de tenente, com antiguidade de 1 de dezembro de 1913.

Falam os srs. Antonio Maria Baptista, Lima Duque, coronel Silveira, fi cando depois o projecto approvado na generalidade e especialidade.

Segue-se o projecto auctorisando o governo a reformar a Escola Industrial Fernando Caldeira, de Aveiro, creando e organisando dentro d'ella um curso de pilotagem de marinha mercante que fica approvado na substituição da commissão de marinha e pescarias com algumas alterações.

E entra mais uma vez em discussão o debatido projecto sobre inscripções de professores, primaria e secundaria, o artigo 4.º. Tem a palavra o sr. Agostinho Fortes que largamente analysa o projecto comparando escolas e mandrias de ensino, citando reformas, dados estatisticos e processos pedagogicos e sobretudo estrangulhando impiedosamente o projecto em discussão, no meio da maior attenção de toda a Camara. Impossivel dar um extracto fiel do que foi essa brilhantissima argumentação do illustre professor da faculdade de Lettras por vezes cortada por geraes applausos dos seus collegas da Camara.

Conclue dizendo que ha uma só coisa a fazer: o sr. Silva Barreto retirar o seu projecto da discussão e pedir que se cumpram as leis já existentes sobre o assumpto.

Antes de encerrar a sessão lê-se um officio em que se convoca a reunião do Congresso na quarta-feira, ás 14 horas.

A manhã ha sessão.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35	34 3/4
Londres, 90 d/v	35 1/2	—
Paris, cheque	$73	$7
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$59	$61
Hespanha, cheque	1$34	1$38
Suissa, cheque	$81	$82,5
Italia, cheque	—	—
New York	1$40	1$46
Rio de Janeiro	11 21/32	—
Libras	6$85	6$95
Agio do ouro	48 %	53 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,80	39,80
» » 5:00$	—	—
» » 100$	—	39,60

Obrigações do Estado: 4 1/2 38$9, assent. 59$80, e coup. 60$80.

Externa: 3.ª serie, 74$30, e 3.ª, 77$80.

Acções: Assucar, 46$00, Ilha do Principe, 223$; Moçambique, 3$23, Zambezia, 1$80.

Obrigações: Prediaes 6 0/0, 93$; Ultramarino, hypothecarias, 99$60; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$60.

Folhetim d'A CAPITAL 28-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A caminho do fim...

Dominado pelo desespero e pela desillusão, Wilkerson volta ao hotel, contando á Darvell tudo quanto se passára. Esperava-o, porém, ali uma outra surpresa, e essa bem mais agradavel que todas as outras. E' que n'um grande jornal apparecera um annuncio sensacional. Dizia elle, nem mais nem menos, que se haviam achado os documentos d'uma mina e que o achador estava prompto a entregal-os ao dono.

—Foi Tall que os deixou cahir quando fugia, no hotel Mons, aos perseguidores! A que mãos teriam ido dar?

—E' preciso sabel-o!—exclama a Darvell.

—E' claro. Mary occupa-se d'isso.

E d'ahi a segundos, o miseravel, acompanhado pela creada da amante, installa-se n'um automovel e segue para a morada que no annuncio se indicava. Ali, fica no vehiculo, á distancia e manda a rapariga entender-se com o achador dos documentos. E' um trapeiro, que vive com a mulher, esqualida e suja, n'um antro onde se amontoam os mais estranhos objectos.

—Quem é?—pergunta o mendigo, ao ouvir bater á porta.

E erguendo-se, vae abrir. Mary diz ao que vem. Aquelles documentos... Foi ella que os perdeu. Vinha por elles.

—Não o creio! — objecta-lhe, desconfiada, a mulher do trapeiro. Você não é a dona dos papeis!

Como ultima resposta, Mary poz-se a folhear um maço de notas de banco.

—Bem! Bem!—exclamam os dois ao mesmo tempo. Não é preciso mais nada. Estamos convencidos. Aqui tem os papeis!

Mary paga e parte. Minutos depois, chega Dore. O trapeiro recebe-o. O que quer? Os documentos? Já não os tem. Entregou-os agora mesmo a uma rapariga que não deve ir longe. E olhando para o largo, Dore vê ainda Wilkerson e a sua cumplice partir n'um automovel, a toda a velocidade.

Não ha tempo a perder. Dore não o perde. No seu carro, segue o do seu inimigo, que é de menor força, e que se deixa, emfim, alcançar depois d'uma demorada correria. Dore salta para o estribo do auto de Wilkerson e pretende espreitar pela portinhola. Mas n'esse momento, o bandido que vinha de pistola em punho, dispára contra elle e prostra-o do vehiculo abaixo.

No hotel Mons, Rosinha, Everet e Tom esperam Dore, que não apparece. Resolvem, por esse motivo ir procural-o. Encontram-no. Passam por elle exactamente quando o seu auto se approxima do de Wilkerson. Retrocedem. Mas não chegam a tempo. Dore estava como morto, soccorrido pelo «chauffeur», á beira da estrada, emquanto aquelle que o ferira fugira rapidamente. Para onde?

S. Francisco, n'aquella altura, estava sendo já perigoso para a quadrilha. Toda a sua conveniencia consistia, portanto, em transferir para outra cidade a lucta que vinha travada e que não promettia ter fim rapido e breve. Mas para onde ir?

—Los Angeles!—lembra, alvoraçada, a Darvell. Podemos occultar-nos ali por algum tempo e fugir, sem custo, ás vistas dos nossos inimigos.

Los Angeles é a Nice dos Estados Unidos. Ali se gosa o melhor e o mais ameno dos climas. E' n'essa região de encanto que os californianos ricos vão passar a estação calmosa. E' ainda ali que os doentes de enfermidades moraes encontram facilmente o repouso de que os seus nervos carecem. Ora, emquanto Wilkerson, com Mary, seguia para casa do trapeiro, ia a Darvell para a estação do caminho de ferro, esperal-os para, depois de terem em seu poder os papeis, seguirem todos para aquella estancia de repouso e de prazer.

Effectivamente, encontraram-se todos na estação. A Darvell, ao ver o amante, sentiu que o peito se lhe desopprimia n'um largo e immenso suspiro.

—Então?—perguntou.

—Tudo bem. Temos, emfim, os titulos. Mas encontrei Dore...

—E depois?

—Matei-o! Assim foi preciso! Quiz precipitar-se para o meu automovel. Não podia fazer outra coisa.

—Adeante. E' menos um.

E emquanto o comboio se punha em marcha, Wilkerson contava atabalhoadamente á amante, a scena tragica e decisiva em que interviera, juntamente com Dore... Tudo se passára rapidamente e sem incidentes. Era o que se precisava...

Rosa, Everet e Tom conduziram Dore, sem perda d'um minuto, para o hotel. Todos os cuidados lhe foram dispensados com inexcedivel sollicitude. O seu ferimento não era tão grave como á primeira vista podia parecer. A bala de Wilkerson passára-lhe de raspão por um hombro e não tivera outras consequencias além das de lhe fazer perder os sentidos por algumas horas. A convalescença foi rapida. Rosa, porém, ficára prostadissima com todas as commoções tremendas por que acabava de passar. Sentia-se extenuada. Precisava de repouso. Mas onde ir procural-o? O medico consultado não teve um momento de hesitação. A unica estação de verão que lhe convinha era a de Los Angeles. E para lá partiram os tres.

Ali, Rosa, cujo coração principiava a despertar, sentiu-se attrahida para um tal Wilson, aventureiro d'alto coturno, que a perseguia persistentemente por toda a parte. Dore via essa perseguição com maus olhos. E quanto á inclinação de Rosa, sentia-se tão magoado com ella como se sentiria dorido se um ferro em brasa lhe poisasse no coração.

Um dia Everet chega a Los Angeles. Elle não deixára, nem por um instante de pensar nos capitaes para a mina. Ora não os pudera alcançar ainda porque não tinha em seu poder os titulos necessarios para estabelecer a propriedade d'essa mesma mina.

—Entretanto, diz elle a Dore e a Rosinha—não tenho duvida em adeantar-lhes todo o dinheiro de que precisarem para os gastos mais urgentes.

E dizendo isto, Everet passa para as mãos de Dore um masso de notas, parte do qual elle entrega logo a Tom, obrigando-o a partir para o Valle Silencioso, a fim de suavisar a sorte dos mineiros famintos.

A esse tempo, porém, já ali se encontravam Wilkerson e Drake, os quaes tinham feito acreditar aos mineiros que eram elles, d'ali em deante os unicos proprietarios da mina. Tom informa de esse facto Rosinha e Dore, os quaes não tardam em chegar tambem á mina.

A lucta foi terrivel. Wilkerson, Drake e Tall, ao saberem que Dore e Rosa tinham chegado ao Valle Silencioso, procuraram expulsal-os. Mas os mineiros manifestam-se contra elles e obrigam-nos a fugir. D'ahi a «révanche», que foi, como não podia deixar de ser, tremenda. Wilkerson entende-se com uma quadrilha de bandidos mexicanos e assalta a mina uma e muitas vezes. Dão-se batalhas sobre batalhas, terminando o conflicto só quando a força publica intervem e resolve tomar conta da mina até que se decida a quem ella pertence.

Wilkerson, n'esta altura redobra de vigilancia. Dore é espiado por um mexicano, que lhe rouba metade da carta de prego que Gallon deixára para a filha, dizendo que encontrára em tempos uma mina d'ouro, de que traçára o plano, mas que esse plano, occulto na cabeça d'um idolo se encontrava no fundo do mar, dentro d'uma caixa e n'um sitio cuja latitude e longitude estavam indicados na Chave Mestra que Rosa possuia. Um outro mexicano rouba essa chave. E assim Dore e Wilkerson vêem-se ao mesmo tempo na posse do segredo que Gallon, o descobridor da mina guardava para a filha.

Em barcos diversos, com mergulhadores e apparelhos proprios, os dois adversarios dirigem-se para o ponto onde o thesouro estava. Wilkerson, porém, chega primeiro e Rosinha e Dore assistem ainda, longe, ao içar, para bordo, do cofre com o idolo e o plano da mina. O seu desalento e a sua desolação são infinitos. D'elles, porém, procura Dore tirar novas energias para n'aquella lucta de vida ou de morte, vir, afinal, a ser elle o triumphador.

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

SPORT

Foot-ballers de mais de quarenta annos

(Cartas a um velho amigo)

Com 42 a 43 annos ha foot-ballistas celebres que jogam desafios internacionaes

Cesar—Ante-hontem um jogador de «foot-ball» do Bemfica resolveu abandonar o campo para tudo que representasse desafios publicos. O facto teve certa publicidade porque o jogador era um velho «habitué» de luctas e já ha mais de 8 annos disputava desafios nacionaes e internacionaes.

Tambem o facto constituiu o assumpto para discussão entre mim e dois collegas, um d'elles professor da faculdade. Diziam elles que o jogador não era ainda homem de 40 annos e que naturalmente abandonava por cansaço e porque o «foot-ball» não é exercicio que se possa levar além d'uma certa edade.

D'acordo. O «foot-ball» é um exercicio athletico que requer certa resistencia phisica. E' proprio dos melhores athletas, no vigor da edade, na plena posse de toda a sua força e malcabilidade muscular. E' mau exercicio para os fracos. Para estes apressa-lhes a ruina organica. Tivemos ultimamente um exemplo typico no infeliz Alvaro Gaspar.

Mas... o «foot-ball» é, apesar das opiniões em contrario, um exercicio que se pode praticar, com todas as vantagens, *entre os 30 e 35 annos*. Na Inglaterra esses limites de edade são a média de «terminação de actividade em publico» entre os jogadores de primeiros «teams», o que equivale a dizer que os «foot-ballistas» inglezes teem cuidado com o seu phisico e que *mantem rigorosos cuidados de hygiene*. Já homens feitos, ainda manifestam a mesma energia, o mesmo folego, a mesma coragem e a *mesma* resistencia dos seus 20 a 25 annos!

Em Portugal esses exemplos são raros. Mesmo alguns dos que se atrevem a disputar os grandes desafios, manifestam deficiencias prejudiciaes á homogeneidade dos «teams».

Ora tudo isto vem documentar o que tenho dito a proposito da gymnastica e dos exercicios phisicos nos homens adultos e de certa edade.

Eu não procuro fazer «recordmen» n'essas edades, embora encontre muitos d'esses exemplos atravez da historia antiga e da existencia actual do athletismo. Quero sim, estabelecer, com dados fornecidos pela hygiene e pela phisiologia, que os homens adultos praticando o sport ou a gymnastica, podem garantir a sua saude, manter a força muscular e atrazar, o mais possivel, a epoca da decadencia organica.

Mas, voltando ao «foot-ball», vou citar alguns exemplos de homens, que, afamados pelos seus cuidados de hygiene corporea, conseguiram manter a sua «fórma» mais além dos «limites» dos «players» de primeiros grupos. Servem de argumentos, convincentes, primorosos, para apresentar aos meus collegas medicos que hontem discutiram commigo.

Stephan Bloomer, antes da guerra, tinha 41 annos e era um notabilissimo «meia-ponta» do Derby County. N'esse seu posto de combate representou a Inglaterra em 23 desafios internacionaes! Na primavera de 1914, ainda tinha a consagração d'um dos melhores «forwards» britannicos!

Em França, o capitão do Foot-ball Club Rouennais, Ferris, tem 43 annos!

E já que falamos de «foot-ballistas» celebres, citamos o caso de Vivian Woodward, o famoso amador inglez, capitão da «équipe» nacional de Inglaterra e da «équipe» profissional do Chelsea Foot-ball Club. Já representou o seu paiz 51 vezes em desafios internacionaes! E' um «record» que difficilmente se baterá! N'esses 51 desafios, *trinta foram em combates de amadores* e dois nos Jogos Olympicos—*J. P.*

Nota do dia

O desafio de hontem em Sete Rios

Terminou de forma inesperada, o desafio de hontem em Sete Rios. O grupo do Sport Lisboa e Bemfica venceu o Fortuna Club de Vigo por 7 «goals» contra 0. Este *resultado* explica-se pelo lamentavel estado do campo, enlameado e sem permittir que as bolas seguissem. Devia ganhar, necessariamente, o grupo que melhor conhecesse o campo. Os *jogadores de Vigo* estiveram peores que na vespera, sem vontade de trabalhar e desejosos de não jogar debaixo da chuva torrencial que cahia. Houve até certo trabalho para os convencer a disputa a segunda parte do jogo.

Emfim, o nosso grupo desforrou-se da derrota da vespera. Este facto já o esperavamos, verdade seja que não por aquella differença de «goals». Os jogadores hespanhoes seguiram hoje no rapido da manhã a caminho de Vigo.

O match Kid Johnson-Frank Crozier

Recebemos informações directas de Madrid, contando-nos como se tinha passado a lucta do «box» entre os pugilistas Kid Johnson e Frank Crozier. A assistencia era de milhares de pessoas Os cinco primeiros «rounds» não tiveram facto digno de menção. O verdadeiro combate começou no sexto «round», em que Kid Johnson manifestou decidida tendencia para dar soccos no estomago de Crozier. Ao 9.º «round» Crozier deu um «swing» no olho esquerdo de Johnson. Este ficou nervoso vendo a sua cara ensanguentada e mal terminado o tempo d'esse «round», desistiu! Frank Crozier foi declarado vencedor.

Os entendidos dizem que Johnson se mostrou melhor «boxeur», mas que Crozier dominou pela força e pelo peso.

O desafio de Blink Mac Closkey, hoje professor do Gymnasio Club Portuguez, vae ser lançado por intermedio da imprensa, ao vencedor.

Reabre o Stadium de Lisboa

E' do dominio publico que o Stadium de Lisboa vae organisar o seu «mez sportivo» que será iniciado nos meiados de abril. Antes, porém, o Stadium vae effectivar as festas de beneficencia, ha muito annunciadas. Para estes espectaculos, já o publico terá maiores commodidades.

O portão de entrada para estas festas é o que se está acabando junto das installações do Sporting Club de Portugal, que dá para uma avenida larga, que contorna todo o recinto e termina junto da grande tribuna.

A grande questão do foot-ball

Vamos perguntando:

—Que razões allega a Associação de Foot-ball para penalisar por 5 mezes tres clubs lisbonenses, tendo o pleno convencimento de que essa penalidade causa a dissolução dos tres clubs? Quaes são?

E' curioso e symptomatico que não appareçam á luz da publicidade!...

O certo é que n'esta embrulhada apparece um juiz—n'este caso a Associação—com culpas, que a podiam transformar tambem em culpada! E' coisa para, facilmente, se provar com o testemunho d'um dos directores da Associação, que foi causador involuntario de toda a trapalhada «da não communicação aos clubs de que alguns dos seus jogadores estavam «pronunciados». Ora sendo assim, confirma-se o diagnostico da tal doença de «clubofobia»...

Ante-hontem, no campo de Sete Rios, ouvimos dizer que os tres clubs tinham com a sua desistencia, produzido um acto de rebeldia para com a Associação. E' falso! Isso só cabe na cabeça de meia duzia de tresloucados que appareceram no meio sportivo, convencidos de que podiam orientar ou dirigir, mas que não fizeram um exame de consciencia ao seu valor intelectual e á sua illustração. Pensam com a sua cabeça de «pederneira»! Os tres clubs se desistiram foi porque não tinham outro processo de mostrar á Associação que esta os magoava com decisões que affectavam os seus «teams»...

Algumas anecdotas

Quando Jack Johnson era garoto...

Esta historia vem nas memorias do celebre «boxeur» negro Jack Johnson.

São personagens: Johnson então com 14 annos; um padre protestante negro de nome Simons e um taberneiro, mestre Paulo.

Simons prégava todos os domingos mas apezar de homem puro de sentimentos tinha o peccado de beber um pouco de «gin». Os seus fieis muitas vezes, para lhe agradar, traziam-lhe uma garrafa da desejada bebida.

Uma tarde, *Simons* chegou á casa que lhe servia de egreja e preparou-se para o sermão. Antes, porém, chamou Johnson e disse-lhe:

—Eh! Jockey, vae com esta garrafa a casa de mestre Paulo e diz-lhe que lhe deite meio litro de «gin», que para a semana lhe pago...

Começou a missa. Simons e os fieis entoaram um cantico. Depois tudo cahiu em absoluto silencio. Minutos depois, *Simons* subiu ao pulpito, poz ao pé de si o seu chapeu alto, deitou-lhe dentro o seu lenço de se «assoar», ajustou os oculos, tossiu duas ou tres vezes e começou o sermão, perante os ouvintes, absorvidos n'um silencio respeitavel. Começou:

—Prezados irmãos e queridas irmãs, vamos seguir o assumpto de hontem, com as palavras de S. Paulo e S. Pedro... Sabeis o que disseram os apostolos? Não sabeis? Vou dizel-o. Que disse *Paulo?*

Mas enthusiasmado pela fluencia do sermão, perguntou em voz mais alta e sonora:

—Mas que disse mestre Paulo, repito?

De repente, do fundo da egreja, a voz do garoto Johnson quebra o silencio, estendendo uma garrafa, em direcção ao pulpito:

—Diz, meu senhor, que não vos dá mais «gin», emquanto não lhe pagardes a garrafa que bebesteis hontem á noite!....

Calcule-se o reboliço que houve na egreja! O mestre Simons enguliu o sermão porque não podia falar a secco...

Os grandes records

Alguns saltos celebres

Em 1892 o inglez Darby saltou em altura, sem balanço, 1m,82.

Em 1900, o inglez Baker saltou em altura, com balanço, 2m,03.

Em 1905, o americano Gilbert saltou á vara 3m,93.

Em 1904, o mericano Barker, saltou em comprimento sem balanço 3m,82.

Em 1901, o inglez O'Connor saltou em comprimento com balanço 7m,61.

FRUCTA DE TODO O ANNO

S.ª EX.ª DONA EMPATA

Em toda a parte apparece e nada consente que se faça

Com a partida para o extrangeiro de alguns dos nossos officiaes que se destinam ao estudo da aviação, este caso toma uma grande actualidade.

Em setembro do anno passado houve um engenheiro electricista que entregou ao sr. Ministro da Guerra o seguinte requerimento:

Ex.mo Sr.—Tem tomado grande incremento entre nós, no presente momento, graças á energica e *intelligente iniciativa* do v. ex.ª, a ideia de dotar o nosso exercito com os serviços de aviação, tão necessarios á nossa defeza, a ponto de se tentar, desde já, a effectivação de tal tentativa, não só escolhendo-se o campo de aviação para a installação da Escola, mas, procurando ainda adquirir o material proprio necessario e instruir o pessoal preciso para a iniciação da aeronavegação enviando-se para o extrangeiro um grupo de distinctos e bravos officiaes do exercito de terra e mar, que vão instruir-se como pilotos uns e outro (um distincto capitão de engenharia) para se especialisar no curso technico de aviação.

Falta ainda como complemento de tão nobre como patriotica tentativa a creação e preparação de operariado technico especial para a reparação e conservação dos delicadissimos machinismos dos aviões que tão sujeitos estão constantemente a avarias. O abaixo assignado engenheiro electricista, tendo no decurso dos seus trabalhos escolares e nas praticas adquiridas na fabrica Five Lille obtido conhecimentos da organisação industrial d'estes trabalhos e conhecendo a competencia do operariado portuguez, quando bem dirigido, como teve ocassião de verificar durante um anno de pratica (que teve) nas officinas do Arsenal do Exercito, em Braço de Prata, antes da sua partida para França e conhecendo, «de visu», as officinas dos campos de aviação militar de *Donai* e civis de *Buc Palavas*, e *Pau*, vem offerecer o (ainda que modesto) concurso dos seus conhecimentos. Para se conseguir um nucleo de pessoal operario devidamente habilitado offerece-se o abaixo assignado para ir ao estrangeiro instruir o numero de operarios que fôr julgado necessario segundo as condições de contracto que fôr celebrado obrigando-se a ministrar com o pessoal que trouxer habilitado a instrucção ao restante operariado, que deverá ser utilisado nas Escolas do paiz e concorrendo assim para a nossa emancipação da dependencia da industria estrangeira no que diz respeito a conservação e reparação e obrigando-se mais a communicar semanalmente (com o visto do engenheiro chefe da officina para onde o Ministerio da Guerra os enviar) ao coronel presidente da commissão de aeronavegação o estado de aptidão e adeantamento do pessoal que lhe fôr confiado.

O ministro mandou informar á commissão technica e obtevo por unica resposta que se trataria do caso após a ida para o estrangeiro de dois officiaes como artifices do exercito.

Comprehende-se que n'este momento, em que já faltam officiaes para a instrucção nos corpos, e que é por todas as razões um *momento grave*, o envio de dois officiaes é, pelo menos, uma imprudencia injustificavel.

Esses officiaes, de resto, não teem ainda conhecimentos nenhuns da parte mechanica dos aviões, durando, portanto e necessariamente, a sua instrucção muito mais tempo do que a que a que precisaria o engenheiro civil que se offereceu.

Além d'isso, não se justifica a falta de resolução ao requerimento por parte da commissão technica.

Será com o pretexto infantil de que o engenheiro que se offerece não é militar? Pela sua edade, nada mais facil do que passar a sel-o, visto que é um moço cheio de força e, frisemol-o, de intelligencia. O seu curso foi brilhantissimo.

Porque, então, não lhe aproveitam as excellentes faculdades que tão patrioticamente pôz á disposição do Estado?

Em França, por exemplo, já antes da guerra, os technicos de aviação prestavam serviços ao exercito...

Reconhece-se aqui o dedo colosso d'essa Dona Empata, ha tanto tempo nossa conhecida.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

A estreia em Portugal da opera «Fanciulla del West», de Puccini, que hoje se estreia em Portugal, deve constituir um brilhantissimo acontecimento artistico para o Colyseu dos Recreios onde esta noite accorrerá tudo quanto ha de mais distincto e elegante.

A'manhã, repete-se a «Fanciulla del West». Na quarta feira, realisa-se a ultima recita do eminente soprano ligeiro Maria Galvany, que cantará em unica representação a celebre opera «Traviata».

Como se sabe, a illustre «diva» tem n'este «spartito» uma das suas melhores creações e que mais agradaram em Portugal.

Epidemia de febres paratyphoides

Pedindo o auxilio da Cruz Vermelha

VILLA NOVA DE FOSCOA, 27.—Esta importante e populosa villa em lucta de ha muito com umas pertinazes e terriveis febres paratyphoides, que fizeram já um numero elevado de victimas, foi ultimamente visitada pelo sr. delegado de saude que nos trouxe 300$00 dos 500$00 alcançados da Assistencia Publica pelo governador civil d'este districto, para as primeiras despesas a fazer com a instalação de um hospital provisorio ou improvisado para tratamento dos individuos atacados pertencentes ás classes pobres. Contando-se com a receita da totalidade do subsidio conseguido, por uma só vez, a commissão de beneficencia organisada tinha os seus trabalhos n'esse sentido e para mais estava diligenciando angariar roupas e outros donativos pecuniarios. Com os 300$00 escudos entregues pelo sr. delegado de saude e sem a valiosa intervenção de enfermeiros da Cruz Vermelha, cujo concurso vimos sollicitando como da mais absoluta necessidade, o combate da epidemia nunca poderá ser efficaz. Esperamos pois que se complete a entrega do subsidio concedido mas tambem que se reforce e nos sejam mandados os enfermeiros e material da Cruz Vermelha.

amoniaco que se exhalava do pavimento fazia vomitar muitos dos homens assim conduzidos e alguns ferimentos, que apenas haviam sido ligeiramente pensados no campo de batalha supuraram e grangenaram.

Continua o major Vandeleur:

«Só n'uma estação do percurso uma tentativa foi feita da parte dos officiaes allemães para intervirem e fazerem cessar os insultos que os seus homens nos dirigiam. Esse official parece ter-se apiedado do estado em que nos encontravamos. Tambem devo fazer menção de dois

Segundo tenente A. Buller Turner, morto no combate ao reducto «Hohenzollern»

homens da Guarda Allemã, que egualmente parece terem-se apiedado da nossa situação, mas que pouco ou nada podiam fazer para nos proteger.

«Até então eu pudera conservar o meu capote, mas foi-me á força tirado por um official.

«Ao chegarmos á fronteira allemã-belga, aos prisioneiros francezes foi dada uma sopa de batatas. Disseram-nos que para nós nada havia, mas que se ficasse alguma coisa depois dos francezes comerem poderiamos ter o que sobejasse».

O major Vandeleur accrescenta que um pouco de sopa e algumas fatias de pão foram repartidas pelos vinte e cinco prisioneiros inglezes com elle encerrados no mesmo vagon.

O caso do major Vandeleur não é, infelizmente, unico. A differença de tratamento para com os inglezes era uma caracteristica de muitos campos de internamento ou concentração.

Embora pedissem de comer e de beber aos seus guardas, a muitos feridos inglezes foi isso recusado algumas vezes durante 58 horas. Casos houve até em que as proprias irmãs da Cruz Vermelha Allemã apenas forneciam refrescos aos guardas com a condição de os não darem aos inglezes.

Homens e mulheres juntavam-se em grande numero em muitas estações, anciosos por vêrem e insultarem os prisioneiros inglezes que ahi passassem. «Mulheres, homens e creanças uivavam e muitas vezes cuspiam nos prisioneiros, emquanto as sentinellas, que os tinham deixado approximar do comboio, se contentavam em vêr e os deixavam proceder».

Assim se expressa o cabo W. Hall, do 1.º de Life Guards, ferido e aprisionado em outubro de 1914.

Continua, porém, o terrivel relatorio do major Vandeleur:

«E' difficil dar uma ideia precisa das condições em que fomos assim encerrados durante tres dias e tres noites. Como já dissemos, um vagon é considerado como podendo accommodar seis cavallos ou quarenta homens e isto apenas com as portas abertas para boa ventilação.

«Vi um vagon na nossa frente egualmente cheio de soldados inglezes. Esse não tinha ventilação de especie alguma e os homens ainda ahi estavam peor do que n'aquelle onde eu me encontrava. Vendo os allemães que elles deviam estar quasi suffocados, mandaram um carpinteiro fazer um pequeno orificio n'uma das paredes do vagon».

O relatorio do major Vandeleur, assim como o que narravam alguns prisioneiros que haviam sido trocados

«Cada official está alojado n'uma cella, de que só póde sahir entre as 8 horas e meia e 9 e meia da manhã e as 3 e as 4 da tarde, podendo todos os officiaes durante esse tempo exercitar-se juntos n'um pateo, que tem 35 metros de comprimento o maximo e cêrca de 20 de largura n'um extremo e 25 metros no outro.

«Durante o tempo de exercicio aos officiaes é permittido falarem uns aos outros, mas durante o resto do dia não teem occasião de vêr ou de communicarem uns com outros. As cellas teem approximadamente 12 pés de comprimento e 8 de largura, mas aquellas em que os tenentes são encerrados teem apenas 5 pés de largura.

«Cada cella tem uma janella e uma cama, a qual é fornecida com um lençol e um cobertor; as camas, porém, são levantadas durante o dia, presas por cadeias á parede. Ha tambem prateleiras onde se podem guardar algumas coisas, uma cadeira e uma meza para escrever. A luz é boa e as cellas são caiadas.

«Os alimentos, para os quaes é abonado 1.60 marco por dia, são os mesmos fornecidos nos campos de concentração dos officiaes; para o almoço pão e manteiga e uma chavena de café; para o lanche, ao meio dia e meia hora, carne, batatas e pão, e para o jantar, ás 6 horas e meia da tarde, duas peças de carne, uma d'ellas com molho, e uma chavena de café. Aos officiaes é permittido receberem alimentos, livros, etc., que venham de casa e o que tinham em seu poder antes de serem postos incommunicaveis foi apprehendido. O fumar é permittido em todas as occasiões.

«No conjuncto, os officiaes parecem passar o melhor possivel nas circumstancias em que se encontram. Não ha queixas quanto ao tratamento que recebem dos officiaes e dos sargentos com que teem de lidar».

O tratamento dos prisioneiros de «represalias» em Burg era muito semelhante ao descripto para os de Magdeburgo. O tratamento em Colonia era muito peor. A alimentação era má, o fumar era prohibido e a concessão de horas para exercicio era pequena. A 7 de maio, comtudo, as condições geraes tornaram-se semelhantes ás descriptas para Burg.

Em junho de 1915 o governo inglez resolveu pôr de parte a differença de tratamento. Automaticamente, os allemães puzeram de parte a sua. Assim terminou um capitulo da historia das represalias.

Apoz muita demora, os varios governos chegaram a um accordo para a troca mutua de prisioneiros de guerra incapacitados physicamente. O accordo entre os governos inglez e allemão concluiu-se em dezembro de 1914. Em agosto de 1915 concluiram-se dois dos mais importantes accordos, um para a repatriação dos civis que haviam já passado da edade do serviço militar, o outro uma tentativa do governo federal suisso para o internamento de doentes ou prisioneiros convalescentes na Suissa. Só muito vagarosamente os invalidos dos differentes belligerantes chegaram ás suas terras nataes.

Nos prisioneiros trocados houve outra prova do tratamento recebido humano da parte da Inglaterra, e brutal e deshumano da da Allemanha. O que a imprensa neutral hollandeza tem dito a tal respeito é concludente. Ao passo que os prisioneiros que estavam em Inglaterra se apresentavam bem vestidos, bem alimentados e se não queixavam, os que estavam na Allemanha vinham envoltos em farrapos, dando todos os signaes de mau tratamento e má alimentação.

São factos que não podem negar-se e de que abundam as provas, embora se pretenda dizer que os prisioneiros exageravam e se queira argumentar com as visitas frequentes dos representantes diplomaticos dos Estados Unidos aos campos de internamento na Allemanha. Verdade seja que esses diplomatas fizeram tudo quanto estava ao seu alcance para melhorarem a sorte dos prisioneiros, mas o certo é que muitas vezes é que estes não falavam com receio das consequencias. E não se allegue que o receio d'essas consequencias se

Trabalhadores da Imprensa

A festa d'ámanhã no Eden-Theatro

A' festa que ámanhã se realisa no Eden-Theatro e cujo producto reverte em favor do cofre da Associação dos Trabalhadores da Imprensa assiste o sr. presidente da Republica, ao qual fará a guarda de honra os Bombeiros Voluntarios Lisbonenses na sua maxima força, com o respectivo estandarte e terno de cornetas, tocando a banda da divisão naval. O programma é assim constituido:

1.ª parte—«Hymno da Imprensa», pela orchestra; «O Trabalho da Imprensa», soneto do Accacio de Paiva, recitado pela actriz Amelia Pereira; conferencia humoristica pelo sr. dr. José Pontes; monologo, da Escalapia, pelo actor Nascimento Fernandes; «Canções populares portuguezas», versos do dr. Alberto d'Oliveira e Alvaro Castelões, musica do sr. dr. Antonio Vianna, pela discipula Jalcira de Sousa; concerto pela banda da divisão naval.

2.ª parte—Monologo, de Esculapio, pelo actor Estevão Amarante; versos pelo actor do theatro Nacional Joaquim Costa; «A recompensa», versos de Eduardo Coelho, pela actriz do theatro Nacional Judith de Castro; monologo, de Ernesto Rodrigues, pelo actor João Silva; versos pelo actor Henrique Alves; conferencia de Alvaro Cabral «As coristas nas revistas».

3.ª parte—Versos dos mais interessantes quadros da revista «O Diabo a quatro».

A quadra carnavalesca será celebrada no Colyseu dos Recreios por modo a deixar saudades. As ornamentações da sala, as luzes distribuidas com profusão, a alegria que reinará no recinto, tudo promete que os brilhantes recitas da companhia de opera lyrica e os bailes de mascaras que se realisam nas noites de 4, 5, 6 e 7 se passarão admiravelmente.

O Carnaval nos theatros

No Nacional é no sabbado o primeiro baile de mascaras. O espectaculo é constituido pela peça «Coimbra, terra d'amores» e uma outra cujo titulo, por ora, constitue segredo.

No Avenida, além da zarzuela «Duo da Africana», que se representará com a revista «Maré de Rosas», nas noites de sabbado e segunda-feira de Carnaval, vae dar-se á noite, nas noites de domingo e terça, a zarzuela «Africanistas», que foi distribuida aos seguintes artistas: «Maria» tiple, Irene Gomes; «Concha», tiple, Francisca Martins; «Paca», Maria Alice; «3 camponezas», Alice Ogrão, Dinah Stichini e Lidia Pena; «Zeferino», artista, Antonio Gomes; «Pedro», artista, Carlos Leal; «Alcaides», Jayme Silva; «Heraldo», sachristão, Grave; «Romão», Sergio; «Cyriaco», alveitar, Placido Ferreira; «2 guardas civis», Abilio Baptista e Queiroz.

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Um serão nas Laranjeiras.
REPUBLICA—A's 21—A malaquinha de Arroyos.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo.
POLYTEAMA—A's 21—Chá-Tango—Amanhã 2.º acto do Ouro sobre azul.
GYMNASIO—A's 21—O homem-macaco—Concerto pela Tuna Commercial de Lisboa.
EDEN—A's 21—Festa dos Trabalhadores da Imprensa.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Franciulla del West.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olympia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite; Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES.—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

O serviço dos correios

Numeros d'«A Capital» rasgados

Ao sr. administrador geral dos correios apresentamos a seguinte exposição:

O nosso assignante de Buarcos, Figueira da Foz, sr. Fernando Augusto Soares queixa-se de que, por mais d'uma vez, lhe é entregue *A Capital* com pedaços rasgados. E para prova do que affirma enviou-nos um exemplar em que falta um bocado, de modo que o jornal ficou inutilisado, não permittindo que grande parte d'elle podesse ser lido.

Parece haver uma má vontade contra nós que, com franqueza, não sabemos explicar.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 27.—Com a costumada solemnidade realisou-se hoje a festa da arvore nas escolas d'esta cidade, notando-se grande concorrencia.

—Pela administração do conselho foi feita intimação ao bispo d'esta diocese, para não continuar a receber fóros, pensões e outros rendimentos que pertenciam ao Seminario d'esta cidade.

—Partiu para Braga e Villa do Conde, a fim de ali dar alguns saraus o Orpheon Academico.

—Nos dias 18, 19 e 20 do proximo mez d'Abril, deve realisar-se n'esta cidade, o congresso dos professores primarios de Portugal.

—Pelo sr. governador civil d'este districto foi pedida ao sr. ministro das finanças prorogação de prazo até 15 de Março para o pagamento das contribuições devidas ao Estado.

—A commissão installadora da nova Escola de Arte e Desenho, ficou constituida pelos srs. Benjamin Ventura, João das Neves Machado, Francisco Neves Chaves, Carlos dos Santos, Carvalho, Affonso Augusto Passos, Agostinho Mesquita e Adriano Fernandes.

Alfandega de Lisboa

A Commissão Administrativa d'esta casa fiscal, faz publico que no dia 28 do Março proximo, pelas 13 horas na sala das sessões da mesma commissão se procederá ao concurso para a acquisição de quatro embarcações destinadas á fiscalisação maritima em Faro, Foz do Rio Sever e Villa Real de Santo Antonio.

O caderno de encargos e programmas do concurso encontram-se patentes todos os dias uteis das 10 e meia ás desanove e meias horas, na secretaria da referida Commissão.

Secretaria da Commissão Administrativa em 28 de Fevereiro de 1916.

O Secretario
Gustavo Sequeira

Tribunal do Commercio de Lisboa

1.ª Vara

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo dito tribunal e cartorio do escrivão abaixo assignado correm editos de 30 dias a requerimento do auctor Oscar Saldanha Zenha, citando o reu Gastão Polonio, morador que foi na rua da Victoria, 72, d'esta cidade, hoje ausente em parte incerta para na segunda audiencia depois de findo o prazo dos editos a contar da segunda publicação d'este annuncio ver accusar a sua citação e assignar termo de confissão ou negação da sua firma e obrigação na letra de 500$00 accionada na acção que o mesmo auctor lhe promove, sob pena de á sua revelia seguir a acção com o advogado officioso que lhe for nomeado.

As audiencias fazem-se ás segundas e quintas feiras, por onze horas, não sendo dias feriados, porque sendo-o, se fazem nos immediatos no Tribunal do Commercio da Praça do Commercio.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1916.

O escrivão
Antonio Pires Laranjeira

Verifiquei
Manuel da Silva

existia na mente dos prisioneiros, porque, os que se queixavam, depois da visita do embaixador eram punidos com maior ou menor severidade.

Em Merseburg, quando o representante americano perguntou aos prisioneiros inglezes se tinham algum motivo de queixa, tres d'elles avançaram. Um queixou-se de que as encommendas que lhe mandavam eram de tal modo demoradas na secretaria que os generos alimenticios que n'ellas vinham se deterioravam. No dia seguinte foi posto incommunicavel n'uma cella e assim esteve durante alguns dias. Durante esse tempo apenas lhe deram quatro onças de pão negro por dia e uma pouca de agua, sendo obrigado a dormir ao chão.

Embora em muitos casos os funccionarios americanos fizessem «visitas de surpreza», a grande maioria d'ellas era annunciada com antecedencia. Preparativos especiaes se faziam para essas visitas e muito do que se passava normalmente nos campos de concentração era removido ou occulto. O despenseiro do navio Higgins, de Grimsby, conta que elle e os seus companheiros capturados no Mar do Norte quando andavam lançando minas foram mandados para um campo ao ar livre em Sennelager durante quatorze dias em setembro de 1914.

Desde o dia 4 ao dia 7 não lhes deram de comer. A chuva cahiu sobre elles durante doze horas. Metteram-nos então n'uma grande barraca cheia de buracos. Ao saber-se que o representante dos Estados Unidos vinha fazer uma visita foram levados para outro acampamento, mas depois voltaram de novo para onde estavam.

N'alguns casos, as auctoridades militares não permittiam que houvesse communicação com alguns prisioneiros. Não só se applicava tal medida aos visitantes habituaes, como ainda aos representantes da embaixada dos Estados Unidos e até ao proprio embaixador.

O dr. Ohesorg, addido naval dos Estados Unidos, referiu que em abril de 1915 foi a Salzwedel, onde «o general me pediu, mostrando-me uma carta do commando geral, que me abstivesse de conversar com qualquer prisioneiro em voz baixa ou a sós».

N'outro campo de internamento, as auctoridades militares notaram que «tinham grandes difficuldades com tres oficiaes medicos inglezes prisioneiros e pediram ao conselheiro da embaixada que não falasse com elles».

Em abril de 1915, o proprio embaixador americano contava:

«Fui a Halle, onde ha tambem um campo de officiaes, estive á espera uma meia hora e ao cabo d'esse tempo foi-me dito que me era permittido visitar o campo, mas que certos motivos impediam que eu falasse com qualquer prisioneiro sem que á conversação assistissem os officiaes que me acompanhavam. Como isso era contrario á combinação que eu fizera com o estado maior general e com o ministerio não quiz fazer a visita».

Que os relatorios dos Estados Unidos não dizem tudo, mostra-o uma carta do embaixador americano, de que extrahimos os seguintes periodos: «Quanto á visita aos campos de internamento, a fim de conseguir uma acção mais rapida e mais effectiva, entendo-me directamente com a repartição do ministerio da guerra que está encarregado dos prisioneiros de guerra». O campo dos officiaes em Hanover-Münden «não está em boas condições e não mando o relatorio por esta mala porque desejo assegurar uma melhoria de condições para não fornecer motivo para controversias».

Está demonstrada á evidencia a brutalidade allemã para com os soldados alliados no momento em que eram aprisionados e casos ha em que feridos inglezes, tendo sido deixados nas trincheiras, eram encontrados, quando ellas eram retomadas, com a garganta cortada.

No principio da guerra, alguns soldados allemães tinham o habito de despojar tanto os mortos como os feridos. Um exemplo typico d'isto

foi o que se passou com o voluntario Palin, do 2.º regimento do Lancashire do Sul, ferido pela bala d'um canhão na batalha de Mons. Perdera o movimento d'uma das pernas. Os allemães tiraram-lhe o fato e durante dois dias e duas noites ficou sem auxilio no campo de batalha.

Indicação alguma mais precisa e repellente póde ser dada do que a encontrada no diario d'um official allemão do 13.º regimento da 13.ª divisão do 7.º corpo d'exercito allemão. Tem a data de 7 de dezembro de 1914 e reza assim: «A vista das trincheiras e a furia—para não dizer a bestialidade—dos nossos homens em espancarem os inglezes mortos e os feridos causou-me mais impressão do que tudo o que n'esse dia eu vira.»

A marcha para o captiveiro era sempre terrivel, tanto para os feridos, como para os não feridos. Talvez que o documento mais notavel a tal respeito seja o que foi escripto pelo major C. B. Vandeleur, que fugiu de Crefeld em dezembro de 1914.

Addido ao regimento Cheshire, o major Vandeleur, do 1.º Cameronians (Fuzileiros Escocezes), foi aprisionado proximo de La Bassée em outubro d'esse anno. Embora fôsse bem tratado pelos captores, foi obrigado a caminhar até que, devido a uma ferida na perna, não poude mexer-se. Sendo levado para Douai, foi conservado, guardado por uma escolta, na praça em frente da camara municipal, e sujeito a constantes injurias.

«Ao chegarem os outros prisioneiros, fomos todos encerrados n'um grande alpendre para passarmos a noite. Alimento algum, a não ser o pouco que nos forneceu a Sociedade Franceza da Cruz Vermelha, nos foi dado, assim como não forneceram palha, de modo que passámos ahi uma noite terrivel, sendo os homens obrigados a passearem quasi toda a noite, a fim de aquecerem, pois que os capotes lhes haviam sido tirados.»

Esse costume de tirar aos prisioneiros os capotes e ás vezes mesmo as tunicas era em especial cruel, porque a falta de agasalho, alimentação insufficiente e muitas vezes os ferimentos tornavam-nos incapazes de resistirem ás fadigas da marcha e aos rigores do clima. Era contra os artigos 4.º e 7.º da Convenção da Haya.

Ouçamos, porém, o que conta o major Vandeleur:

«A 17 d'outubro, de manhã, a Cruz Vermelha Franceza deu-nos o que poude de alimentação e procedeu o melhor que podia, apezar da opposição dos allemães. Cêrca das 2 horas da tarde fizeram-nos marchar para a estação do caminho de ferro, sendo injuriados durante todo o percurso tanto pelos officiaes como pelos soldados allemães. Um dos nossos officiaes foi cuspido por um official allemão.

«Na estação, fomos mettidos em vagons fechados dos quaes acabavam de tirar cavallos, sendo amontoados cincoenta e dois homens n'um em que estavam quatro oficiaes e eu. Estavam de tal modo apertados que nem sequer tinhamos espaço para nos podermos sentar no chão. Esse chão estava coberto de excrementos dos cavallos e o cheiro da urina era quasi asphyxiante.

«Fomos fechados n'esse immundo vagon, sem ventilação, durante trinta horas, sem alimento algum e sem sequer podermos satisfazer as necessidades da natureza. Em toda a linha fomos insultados por officiaes e soldados, assim como em diversas estações e em Mons Bergen fui trazido para a frente do vagon por ordem do official que estava encarregado da estação e depois de me insultar n'uma linguagem degradante durante uns dez minutos ordenou a um dos seus soldados que atirasse commigo para o vagon, o que elle fez, empurrando-me para o fundo. Como sei allemão, entendi tudo o que elle disse».

Para bem se comprehender a gravidade do que contra o major Wandeleur se fez, preciso é lembrarmo-nos de que era não só um prisioneiro, mas um ferido.

Os vagons em que muitos prisioneiros foram transportados estavam nas mesmas condicções. O

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1999—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, I.º

LISBOA—Terça-feira, 29 de Fevereiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, I.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

VERDUN!

Ha uma nota, comminatoria ou não, da legação allemã dirigida ao governo portuguez? Refere-se ella a uma indemnisação immediata ou estriba-se n'uma pretendida offensa á bandeira allemã, arriada nos navios que se encontram nas aguas portuguezas? Retiram-se para Hespanha os allemães da colonia? Vae sahir tambem o sr. Rosen? Acompanhará a Austria a nação alliada, muito embora para isso não tenha pretexto? Exige-se de nós que tornemos a içar a bandeira do imperio do kaiser nos navios allemães, reintegrando n'elles as suas tripulações, e porventura tambem as peças que ellas deitaram á agua, ou que deterioraram a marretadas? E exigir-se-ha ainda que lá mettamos outra vez as caixas de explosivos, destinadas a fazer ir pelos ares portuguezes, que ponhamos novamente em condições de explodir rapidamente as caldeiras que os allemães prepararam para o mesmo fim? Seja como fôr, e apesar de que n'estas circumstancias não ha poder capaz de occultar a realidade dos factos, apesar de, porventura, apenas serem necessarias algumas horas para essa constatação se produzir, a verdade é que tudo isso medioeremente nos interessa. Não se trata senão do um incidente, retardado durante anno e meio por uma politica frouxa e sem alcance—e o nosso interesse, a nossa anciedade, teem outro campo onde se applicar, outro campo onde, a tiros de canhão, n'uma das mais formidaveis batalhas de que reza a historia, se estão jogando, simultaneamente, os destinos dos nossos ideaes e a sorte da nossa nacionalidade.

Tudo o mais pouco vale. Tudo o mais não passa, como dissémos, de um incidente que só pode surprehender quem não possua a minima visão politica. Tudo o mais estava, está descontado, previsto de longa data. O chefe do governo o disse, quando affirmou, no seu discurso sobre a requisição dos barcos allemães, que o paiz estava preparado para todas as eventualidades. Não ha motivos para surprezas que não sejam as que expressem creaturas idiotas ou creaturas de má fé.

Desde que rebentou a guerra, e que Portugal, officialmente, pelas declarações do seu governo e pelas manifestações da opinião, affirmou a sua solidariedade com a nação ingleza, e portanto com os alliados, nós, na hypothese da victoria allemã, teriamos perdido pelo menos as nossas colonias. Os acontecimentos foram decorrendo, e, dia a dia, successivamente, se manifestou, com actos, que a Allemanha não perdia uma occasião de nos aggredir, como nós, apesar dos esforços dos germanophilos, inteiramente isolados da opinião, não deixavamos passar um dia, sem que, por actos tambem, demonstrassemos que permanecia firme a nossa solidariedade com a Inglaterra, e portanto com todos os inimigos da Allemanha.

A attitude que tomámos é uma attitude de segurança nacional. Ameaçados de perdermos as nossas colonias, e porventura a nossa nacionalidade, não podiamos nem deviamos ter outra. A cada golpe allemão respondiamos com a recrudescencia da nossa hostilidade contra a Allemanha. Na realidade, nós só pensamos em reconquistar o que já podemos considerar perdido, se a Allemanha conseguisse triumphar na odiosa lucta em que se empenhou.

Por isso o incidente em que se fala de fórma alguma nos affecta. Encolhemos os hombros, e com o olhos do espirito fitamos ao longe o campo de batalha tragico em que se jogam os nossos destinos, fitamos Verdun, onde o canhão trôa com tamanho estrondo que se ouve na Allemanha occidental; fitamos Verdun, porque é ali que se está decidindo a sorte da liberdade e do mundo.

O esforço allemão é colossal, e tudo indica que o promove já uma ancia de desespero. Por isso mesmo cumpre analysar a situação com firme ponderação. Para atacar Verdun accorreram já 500:000 allemães, se não mais; o *Temps*, chegado hoje, diz que o kronprinz está disposto a sacrificar até 200:000 homens; as ordens de dia aos exercitos dizem que se trata da ultima offensiva contra a França; assiste á batalha o kaiser, debitando as suas proclamações empoladas em que parodia Napoleão; trata-se na realidade d'um supremo esforço. Conseguem os allemães tomar Verdun? Semelhante resultado, sem duvida importante, não será decisivo contra um paiz que não tem prestes a exgotarem se os seus recursos. Mas se os allemães não vencem, se são repellidos, tendo soffrido perdas que já é impossivel calcular, então um grito de jubilo soará por todo o mundo que ama a liberdade, as pequenas nações poderão respirar, porque essa derrota não poderá deixar de ser o indicio da proxima e irremediavel *débacle* dos imperios centraes.

E' em Verdun que se fitam os nossos olhos. Dir-se-hia que cada tiro, embora o não oiçamos, retumba no nosso coração. E já que não temos ali, como podiamos ter, 18 ou 20.000 portuguezes que, erguendo a nossa bandeira, metralhassem e fuzilassem a aguia germanica, pelo menos está lá a nossa alma; para lá se precipitam os anceios das nossas aspirações, o sentimento do nosso vivo patriotismo. Verdun! Verdun! Que das nuvens espessas da fumarada da polvora, que o raio sulca e onde o trovão ribomba, que d'essa treva, d'essa noite espantosa cruzada de relampagos, surja uma aurora de segurança para a nossa patria e de triumpho para a humanidade!

Poeira da Arcada

A Assistencia Publica, em Portugal, é uma maravilha de tino e previdencia que parece inventada expressamente para ser o contrario do que deveria. O que aconteceu com os dois loucos que não podendo ser admittidos em Rilhafolles, pernoitaram no governo civil, sob as vistas compassivas de dois civicos vigilantes e a acção inclemente do frio e da chuva, exemplifica tipicamente como a desgraça vive desprotegida, entre nós, emquanto creaturas bojudas e materialistas se agarram ás leis e regulamentos, a fim de concluirem que este mundo é assaz estreito para os egoismos impacientes.

Ainda ha dias, estando nós entregues á tarefa incommoda de contar algumas das notabilidades da nossa politica que iam passando, um amigo, indicando-nos um cavalheiro que se pavoneava com uma cara, em que o riso feliz era um hymno á estupidez triumphante, nos explicou que a alegria lhe nascera, desde que a sua lamentosa penuria fôra arrumada n'uma casa de beneficencia, onde elle bruniu a pelle desórada, alevantou o abdomen, creou opiniões de respeito e adquiriu um «pardessus» farto e lanigero que lhe dá proporções bovinas. E como este, outros mais. Os pobres, os doentes, os infelizes que não teem outra garantia senão o viverem ao acaso, sem uma mão amiga que os proteja, esses—coitados!—gemem por ahi abandonados, acorrentados a um destino funesto que os leva de tortura em tortura, até os forçar a um derradeiro queixume com que dispertam a tardia, já inutil piedade dos scepticos.

Será difficil encontrar, no baixo theatro das nossas comedias, scena mais lancinante que a dos dois loucos que, no pateo do governo civil, se tomaram um ao outro como os unicos espectadores da sua desventura. Um, na sua maca, paralytico, desvairado, insensivel á fereza dos elementos, gargalhava com estrondo, perante o perseguido que attribuia ao Diabo, fazendo momices e caretas, o delirio que no seu cerebro crescia, como uma cadeia que a demencia fabricava elo a elo. O vento soprava com furia o ceo despejava agua a potes.

De tempos a tempos calavam-se os tristes, cahnido n'uma mudez funerea, vasia, desertica. Soterravam-se no nada, assistindo assim a uma distancia quasi infinita á ruina do seu proprio ser. Nem ao menos presentiam a injustiça de que estavam sendo victimas! A Assistencia Publica nunca pensou em ter um edificio apropriado para recolher provisoriamente os que não podem logo ser hospitalisados.

Que bello somno o seu! e que milagrosa resistencia á acção da critica!

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Os annuncios d'A CAPITAL

Uma nova disposição com que os annunciantes tudo teem a lucrar

Como vimos fazendo ha já dias, *A Capital* publica em todas as suas paginas noticiario diverso, o que faz com que a denominada pagina de annuncios passe por uma transformação sob todos os pontos de vista valiosa, principalmente para o annunciante.

Assim, os annuncios, que constituiam uma especie de bloco, passam a ser espalhados pelas 2.ª, 3.ª e 4.ª paginas, intercallados com o texto, e que lhes dá muito maior valor, pois que chamam mais a attenção.

Com essa nova disposição tudo teem a lucrar os annunciantes, não elevando a administração d'*A Capital* os preços estabelecidos para aquelles com quem tem contractos, mas vendo-se forçada a reduzir um pouco o espaço occupado por esses annuncios, reducção que certamente será bem aceite, em virtude da valorisação que aos seus annuncios se dá.

TRES DIAS EM OLIVENÇA

OS OLIVENTINOS EM 1640

Em que se evoca a corajosa attitude dos habitantes durante a guerra da restauração

Olivença fala-nos á alma como a recordação muito carinhosa de uma irmã que á força do destino tivesse um dia impellido a abandonar o lar contra o nosso desejo. E' bom recordar, por isso, a dedicação com que os habitantes d'aquella terra pugnaram, em phases agitadas da nossa existencia politica, pela grandeza de Portugal.

Precisamente, o acaso fez com que a meus olhos se deparasse um precioso livrinho, impresso no anno de 1642 em Lisboa, na officina de Domingos Lopes Rosa, e intitulado, conforme a moda do tempo, com os seguintes longos dizeres: *Successos que houve nas fronteiras d'Elvas, Olivença, Campo Maior e Ouguella no primeiro anno da recuperação de Portugal, que começou em primeiro de Dezembro de 1640 e fez fim em ultimo de novembro de 1641. Dirigidos á Magestade de D. João IV, nosso Senhor. Escriptos pelo Doutor Ayres Varella, Conego na Magistral Santa Sé d'Elvas, Commissario da Bulla da Cruzada, Vigario Geral em a dita Cidade e seu Bispado.*

Este livro, de que em 1861 se fez uma reimpressão, conforme a edição original, na Typographia Elvense, é não só uma interessantissima curiosidade bibliographica, mas um rico manancial de esclarecimentos para o historiador. Ayres Varella foi um «reporter» habil e consciencioso, que sem duvida teria firmado uma reputação se nascesse alguns seculos mais tarde. Por elle sabemos hoje que a conspiração de 1640 tinha tambem entendimentos em Olivença, de onde um emissario foi enviado a Elvas para se inteirar ácerca da acclamação de João IV e da independencia do reino, que ambas as coisas foram para a população da villa rasão de notavel alegria.

Effectivamente, logo nos primeiros dias de dezembro do anno da restauração, o juiz de fóra revestiu o cargo de capitão mór até ser nomeado João Lobo da Silva; houve alardos e vigias e Mathias de Albuquerqu, fortifcador-mór d'aquellas fronteiras, foi residir em Olivença, onde iniciou os trabalhos de entrincheiramento. Diz Ayres Varella:

«Os moradores animosos puzeram peito á isso, e por não deixar cousa de consideração ao inimigo, fizeram umas trincheiras de grande circuito, que tem 1970 braças, accomodando-lhe bastantes baluartes, em que o ecclesiastico-secular, e particulares gastaram muito tempo e dinheiro, e ainda se vae gastando. Mostraram n'aquella obra os moradores d'aquella vila a grandeza do seu animo egual ao valor, com que resistiram ao inimigo nos assaltos que lhe deu».

O primeiro recontro que houve na região, em julho de 1641, consistiu n'uma escaramuça de patrulhas, em que os hespanhoes, mercê de astuciosa emboscada levaram a melhor. Eram trezentos cavalleiros hespanhoes e dez portuguezes, dos quaes sete ficaram prisioneiros do inimigo. Conta o auctor do citado livro:

«Um por nome Roque Antunes, natural de Moura, se não quiz render, e dando-lhe o inimigo muitas cutiladas, lhe perguntava quem vivia? e elle respondia: «Deus, e D. João, rei de Portugal, meu Senhor». Insistiam que dissesse uma vez que vivesse El-rei D. Filippe, e lhe dariam bom quartel; respondeu que não queria vida com tal confissão, e pedia a da egreja, como fiel christão, e só conhecia seu rei D. João, como fiel vassalo. E repetindo estas palavras expirou aos golpes que lhe davam».

Logo que d'este acontecimento houve noticia, apezar de que Mathias de Albuquerque, á maneira de Joffre, prohibira sacrificios inuteis, seis homens de Olivença sahiram em busca do inimigo a defrontar-se com elle, e dias depois os castelhanos eram derrotados pelos nossos deixando no campo mortos e bagagens.

Em toda a duração da campanha, é o povo de Olivença que se destaca sempre pelo seu valor e exaltado patriotismo. N'uma outra acção, de que os portuguezes sahem vencidos por combaterem na proporção de um contra cinco, os hespanhoes pagam a victoria ao preço de setenta homens mortos e muitos cavallos, emquanto dos portuguezes morrem apenas trinta e tres. A «revanche», porém, não se faz esperar. Olivença aproveitou a primeira opportunidade para desbaratar por completo as tropas que o conde de Monterey enviára ao assalto da praça, e que, defronte dos muros da villa, deixaram de mistura com as suas illusões mais de trezentos mortos. Dos nossos (o que n'esse tempo não foi difficil tomar-se por milagre) morreu apenas «um soldado da companhia de D. Rodrigo de Castro, que animoso e fiado nas armas defensivas, que levava, desceu das trincheiras e se metteu no perigo».

Diz Ayres Varella que, embora n'essa occasião entre os nossos chovessem as balas, nunca o damno que receberam foi de consideração, e cita, entre outros, o seguinte pittoresco episodio da batalha:

«Estavam D. Manuel de Sousa, D. Rodrigo de Castro e outras muitas pessoas no baluarte de S. Pedro, pelejando, como tenho dito; disse D. Manuel de Sousa ao tambor-mór de aquella praça: «desafia o inimigo, para que se chegue mais a nós»; o tambor-mór poz o chapeu em um pau para lhe acenar; a este tempo lhe deu uma bala no meio do beiço de cima: gritou pedindo confissão; D. Manuel foi ver o que tinha, e lhe achou o beiço passado e sem lesão nos dentes; lançou a bala pela boca, e se quietou».

Quem um dia escrever a historia de Olivença ha de ter de evocar paginas de epopeia. D'esses feitos nos falam talvez mais eloquentemente do que os livros antigos, as muralhas da praça, que aqui e além começaram já a ser demolidas por inuteis.

Hermano Neves

A carestia no Norte

Desenho de M. Monterroso

—Então lá subiram outra vez ao pão!

—Não teem vergonha na cara! Mas não tem duvida; sobe-se-lhes outra vez a tapona! E depois digam que vivemos n'uma anarchia!

Congresso alemtejano

Termina a reunião de Beja no meio do maior enthusiasmo —A proxima sessão é em outubro

BEJA, 29.—A' segunda sessão do parlamento provincial alemtejano presidiu o sr. Gomes Palma, secretariado pelos representantes das camaras de Reguengos e de Aljustrel.

O representante da camara de Fronteira propoz que todas as camaras do Alemtejo não cobrassem dois por cento nos conhecimentos de cobrança, em virtude da camara que representava ter sido processada por não os ter cobrado.

O sr. dr. Jacintho Nunes aconselhou a camara processada a não cobrar tal imposto que lei alguma exige e apresentou uma proposta para que a assembleia se pronuncie sobre o assumpto. Apresenta varias propostas, entre ellas a lei da creação de immobiliarios das camaras, o sello de licença da caça e direito de encarte, que pertencem ás camaras, assim como outras regalias municipaes.

Por proposta do sr. João Ricardo, essas propostas serão remettidas á commissão executiva, que sobre ellas se pronunciará. O mesmo senhor propõe que o sr. dr. Jacintho Nunes indique aos deputados pela provincia todas as emendas introduzidas pelo Senado ao Codigo administrativo attentatorias da Constituição.

O sr. Santos Cidraes propôz que se instasse pela construcção da linha ferrea de Villa Viçosa a Elvas.

O sr. dr. Jacintho Nunes propôz que se deem mais dois mezes além do tempo de vigencia ás commissões executivas para organisar as contas. O sr. Cidraes propoz a eliminação do artigo 70.º da lei do credito agricola, a fim de voltarem para a posse das camaras os fundos dos celleiros communs.

O sr. Marciano Veiga propoz a construcção da estrada de Portel a Evora, instando pelos subsidios votados para as construcções escolares.

Sobre assumptos de viação accelerada no Alemtejano, mendicidade, estradas e instrucção, fez o sr. João Ricardo uma larga explanação, entendendo que a Junta Provincial Alemtejana tem de tratar de taes assumptos com a maior brevidade. Faz votos porque da reunião que se está effectuando saia obra util e que o patriotismo faça com que todos se unam á sombra da bandeira alemtejana. Termina o seu discurso erguendo um viva ao Alemtejo.

O sr. Carlos Serra refere-se á necessidade de irrigar o Alemtejo, propondo o sr. Pimenta Aguiar que se façam concessões d'Agua no Guadiana.

Todas essas propostas foram enviadas á commissão executiva.

O sr. presidente agradece a comparencia dos delegados das camaras, ergue vivas á Junta Provincial do Alemtejo e ás camaras alemtejanas, fechando a sessão no meio do maior enthusiasmo.

A proxima sessão realisar-se-ha em outubro n'esta cidade.

Na Camara dos Deputados

Não ha sessão por falta de numero

Dez minutos antes das trez, ha na sala reduzido numero de deputados. O sr. Simas Machado assume a presidencia. Secretarios, os srs. Alfredo de Sousa e Antonio Mantas. Faz-se a primeira chamada e verifica-se que ha na sala pouco mais de cincoenta legisladores. Lê-se a acta e abre-se a sessão. Entretanto, vão entrando mais deputados, emquanto outros, das bancadas da maioria se retiram. Ha evidentemente, *mot d'ordre*: o governo deve ter disposto as coisas para a Camara não funccionar. Faz-se uma segunda chamada. Respondem sessenta e oito, que não chegam para approvar a acta. Em vista d'isso, o sr. Simas Machado dá os trabalhos por findos, marcando nova sessão para ámanhã á hora regimental.

No Senado

Approvada a acta por 29 senadores presentes sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro, é introduzido na sala o novo senador por Macau sr. Gonçalves Pereira. Servem-lhe de introductores os srs. Lima Duque, Alfredo Durão e Arantes Pedroso. Lê-se seguidamente o expediente que vae ao seu destino.

O sr. Paes Gomes lastima não vêr presente nenhum membro do governo e requer a presença do sr. ministro do fomento.

O sr. Augusto Cymbron pede documentos e saúda a Academia pela maneira nobre e alevantada como deu por finda a grève.

O sr. Herculano Galhardo requer urgencia e dispensa de regimento para um projecto que manda para a mesa e no qual se determina que o director geral de obras publicas e minas fique fazendo parte da commissão de estradas.

Para este pedido exige-se votação nominal que se começa fazendo.

Mas, de repente, os senadores do centro e da esquerda começam abandonando a sala. Porquê? Não se sabe. Ninguem sabe.

Perguntamos a um senador que sabe o porquê da fuga?

—São ordens, responde-nos; e nada mais conseguimos saber.

Minutos depois, apenas com oito senadores na sala o sr. Correia Barreto encerra a sessão por falta de numero e marca a proxima para o dia 9 de março.

A'manhã ha Congresso.

Pelo telegrapho

Mais dois barcos torpedeados

HAVRE, 29.—O rebocador «Au Revoir» foi torpedeado e afundado por um submarino, salvando-se a tripulação.—(*Havas*).

LONDRES, 28.—Suppõe-se que é minimo o numero das victimas do «Maloja». Outro vapor que ia em soccorro do primeiro, bateu em uma mina submarina e desappareceu.—(*Havas*).

LONDRES, 28.—A maior parte dos passageiros e da tripulação do «Maloja» salvou-se.—(*Havas*).

A lucta italo-austriaca

ROMA, 29.—Os navios italianos reduziram ao silencio as baterias inimigas do baixo Adriatico e transportaram para Valona tropas italianas vindas de Durazzo para proteger a evacuação de serviços montenegrinos e albanezes.—(*Havas*).

A campanha na frente ingleza

LONDRES, 29.—Repellimos um pequeno ataque contras as nossas trincheiras de Ypres a Comines. Houve actividade de artilharia em ambos os campos especialmente nas regiões de de Bulluc, Armentiéres e Ypres.—(*Havas*).

A GRANDE GUERRA

O ataque de Verdun

COMO É FORMIDAVEL SEGUNDO O TESTEMUNHO FRANCEZ

Paris, 25 de fevereiro

O ataque allemão contra Verdun desenvolve-se com furia. A acção desenha-se como «culminante» na frente norte da zona fortificada de Verdun e estende-se progressivamente: ao noroeste em direcção a Malincourt e Argonne; á sueste, sobre Etain e Woevre. A frente franceza desenha-se ao norte de Verdun, sobre o planalto de Meuse, um arco de circulo formado por augmentos successivos operados nos ultimos mezes de 1914. Na batalha de Champagne de setembro, haviamos conquistado n'essa encarniçada lucta posiçoes extremamente fortes e poderosamente reforçadas.

Ora sete corpos allemães levaram quatro dias a reduzir uma posição enfiada pela artilharia nas suas trez faces, e esse resultado apenas foi conseguido á custa de «pavorosas carnificinas».

A razão do ataque

Porque tentou o estado maior germanico esta operação? Porque havia algum tempo que estava persuadido de que soffreria na primavera proxima um formidavel ataque dos alliados; a sua impressão era que em todas as frentes, parecia difficil resistir a assaltos simultaneos dos francezes, dos inglezes, dos italianos, dos belgas, dos russos e dos servios cujos effectivos crescem dia a dia e cuja organisação é cada vez mais apertada.

Após uma serie de conselhos de guerra, Guilherme II decidiu-se definitivamente por um violentissimo ataque ás linhas francezas e deu ordens para que tropas e material fossem conduzidos a toda a pressa para o novo theatro das operações. Para a frente de Verdun levaram uma quantidade consideravel de artilharia grossa: toda a artilharia pezada que tinha feito a campanha da Servia e uma parte da artilharia que se empregára na frente russa. Finalmente, em janeiro cinco corpos de exercito vieram juntar-se aos dois corpos allemães que até então constituiam as forças do sector, sendo um d'elles commandado pelo general von Deimling, em quem os allemães depositam grande confiança e que foi o preceptor do kronprinz. O inimigo concentrou assim o escol das suas forças e todos os meios materiaes de que dispunha.

Tudo estava prompto, quando o imperador chegou no sabbado ao grande quartel general allemão. A infantaria e a artilharia tomaram logo as posições que lhe tinham sido designadas e fizeram simulacros de ataques na rectaguarda das linhas. Durante a noite de domingo para segunda-feira, o imperador ordenava o começo da offensiva.

O «déclanchement»

No primeiro dia, segunda-feira, o papel importante desempenharam-no a artilharia e a aviação. Esta recebera a missão de lançar bombas sobre as gares visinhas da frente, com o fim de cortar as linhas de communicação. De manhã, dez aviões inimigos bombardearam Bar-le-Dric e algumas das gares circumvisinhas; de tarde, quinze aeroplanos effectuaram um ataque sobre Revigny. A' noite, um zeppelin renovava o ataque, mas era abatido.

Na propria frente, a actividade da artilharia allemã era formidavel. Os canhões boches vomitavam sem repouso granadas de todos os calibres sobre as nossas trincheiras. Era um ruido infernal que a artilharia franceza reforçava, ripostando com energia.

Finalmente, ao fim da tarde, o canhoneio affrouxava, emquanto a infantaria allemã assaltava as primeiras linhas francezas, em face de Brabent-sur-Meuse, e alcançava a trincheira avançada. Quando o inimigo quiz abordar as posições occupadas pelos francezes, o fogo por estes feito dizimou-o abrindo clareiras, e os allemães cahiam violentamente uns sobre os outros, ante os parapeitos, sob um furacão de metralha. Alguns elementos chegaram a pisar as nossas trincheiras de desdobramento mas um contra-ataque furioso produzia-se e os allemães, repellidos sobre as suas posições, deixavam numerosos mortos e feridos no terreno e prisioneiros entre as nossas mãos.

Furioso ataque—Terrivel resposta

Após uma noite um pouco mais calma, o bombardeamento inimigo recomeçou na terça feira de manhã com uma violencia inaudita nas duas margens do Meuse. Nas nossas trincheiras de primeira linha, o estrondo dos tiros que partiam misturando-se aos do canhoneio inimigo era verdadeiramente ensurdecedor. O solo via-se cavado e revolvido em todas as direcções. Em alguns pontos, os projecteis incidiam com tamanha abundancia que nem um centimetro quadrado ficou indemne.

Bem abrigados, os nossos homens supportavam esse diluvio de ferro, esperando o ataque da infantaria. Finalmente, cerca do meio dia, o tiro das peças affrouxou e a infantaria allemã precipitou-se sobre os nossos soldados, entre Barbant-sur-Meuse e Herbebois.

N'esse momento, os nossos 75 romperam um fogo infernal sobre os allemães que avançavam em filas cerradas, a descoberto, emquanto as nossas metralhadoras disparavam e varriam o terreno sem descanço. O espectaculo era aterrador. Em seguida a esforços inauditos, os allemães chegavam a penetrar no bosque de Haumont.

Medonha chacina de allemães

Eram, no entanto, repellidos de toda a parte, em virtude da efficacia do nosso tiroteio que derrubava filas inteiras de allemães umas sobre as outras, suspendendo assim o «élan» das filas seguintes. Percebia-se claramente que não ousavam recuar com o receio de serem mortos a tiro de revolver pelos seus officiaes que se conservavam na retaguarda das columnas de assalto.

Mas, apesar da impetuosidade da offensiva, eram obrigados a parar, para o que contribuiu o facto da nossa artilharia cortar, cerce, um ataque de infantaria com que pretendiam apoiar a outra.

Quando a noite cahiu sobre o campo de batalha, envolto n'um manto de neve, estabeleceu-se um relativo silencio, ao passo que os prisioneiros que fizemos, ainda aturdidos pelo que acabavam de vêr, attingiam a rectaguarda.

200.000 allemães ao assalto!

No entanto, a pausa era de curta duração. Cerca das 10 horas da noite, recomeçava um canhoneio terrivel, que fazia estremecer a terra e cujo espantoso ruido, semelhante ao d'um enorme e continuo trovão, era ainda augmentado pelas explosões das granadas que rebentavam na retaguarda das linhas, despedaçando os vidros das janellas das aldeias circumvisinhas.

Na manhã de quarta-feira, o ataque allemão assumia imponentes proporções. Começava uma verdadeira batalha, pondo em obra os mais poderosos meios de acção: a artilharia allemã de todos os calibres bombardeava as nossas posições com uma intensidades crescente. A' direita e á esquerda do Meuse, as diversas unidades entravam na peleja umas após outras de modo que, á tarde, cerca de 200.000 allemães precipitavam-se entre Malancourt e Fromezey contra as nossas posições. A batalha feria-se encarniçadamente, sobretudo entre Brabant e Dines, onde os batalhões inimigos, lançados em vagas successivas, avançavam sob o fogo dos nossos canhões e das nossas metralhadoras, que os dizimavam. De espaço a espaço, um contra-ataque da nossa infantaria repellia os allemães que tentavam progredir.

A' noite, a offensiva allemã achava-se ainda mais uma vez entravada; chegámos até a retomar em grande parte o bosque os Caures e, ao passo que a neve, que tinha cahido durante todo o dia, amortalhava pouco a pouco os montões de cadaveres allemães que juncavam o campo de batalha, as nossas tropas preparavam-se para receber o novo choque das tropas imperiaes.

O combate crescera de violencia durante trez dias, mas as vantagens allemãs eram verdadeiramente insignificantes. Pelo contrario, as suas perdas tomaram espantosas proporções. As que houvemos de deplorar do nosso lado foram de pouca importancia.

Estamos em circumstancias de fazer frente ao inimigo

A batalha prosegue com furia, mas como se póde suppôr, o alto commando francez não foi apanhado de surpreza. Aos poderosos meios de ataque oppõe meios de defeza ainda mais poderosos; em face d'esses effectivos imponentes, alinhou tropas que, pela sua quantidade e pela sua qualidade, pódem supportar o choque sem temor de rompimento. Convem não perder de vista que o ataque de posições solidamente estabelecidas, poderosamente defendidas pela artilharia de tiro rapido e por numerosas metralhadoras é uma operação sempre custosa para o atacante. Por uma preparação de artilharia methodica e continua, é sempre possivel a um adversario tenaz apossar-se das trincheiras de primeira linha e das obras avançadas, sem que por isso a situação estrategica se modifique sensivelmente.

Podemos dizel-o: é com a maior confiança que o nosso alto commando encára o formidavel ataque allemão.

Oque pensam os inglezes

Londres, 25 de fevereiro

O «Daily Mail» com o titulo «Maravilhosa attitude dos francezes» escreve: «Após quatro dias de batalha furiosa, os corajosos alliados conservaram a frente intacta e combateram magnificamente».

O jornal recorda a defeza do general Serrail que, apesar da inferioridade numerica dos homens e da artilharia, repelliu o exercito do kronprinz, commandado, de facto, por um dos melhores officiaes allemães: «Se o general Serrail, a despeito das difficuldades, conseguiu defender as suas posições, podemos estar certos de que o seu successor, com uma artilharia imponente, fará pelo menos outro tanto».

O «Times» escreve que os successos locaes dos allemães na região de Verdun devem ser encarados com serenidade e accrescenta: «Segundo o nosso correspondente parisiense, as razões que decidiram os allemães a atacar Verdun seriam de ordem dynastica. Acha-se presente á batalha o kaiser: o kronprinz commanda em chefe a flôr das tropas da frente occidental, mas a direcção real das operações é exercida por outros, provavelmente pelo general Bottimer, que foi chamado da fronte oriental. Nós compartilhamos da confiança dos francezes.

A falta de carne

Talhos que fecham

No Matadouro Municipal foram hoje abatidas para consumo dos talhos municipaes 6 rezes com 2342 kilos. No Matadouro de gado suino 195 com 19150.

Em virtude da falta de carne, grande numero de talhos particulares resolveram fechar provisoriamente.

Pelo Arsenal de Marinha foram hoje requisitados ao Matadouro 500 kilos de carne para abastecimento do cruzador «Vasco da Gama».

Theatros

Cartaz de ámanhã

NACIONAL — A's 21—Amor de perdição.
REPUBLICA — A's 21 — A maluquinha de Arroyos.
TRINDADE — A's 21 —A dama rôxa.
POLYTEAMA —A's 21—Chá-Tango—Caldo entornado.
GYMNASIO — A's 21—O Senhor Roubado.
EDEN — A's 21 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Traviata.

Festas artisticas

A de Henrique Alves no Eden

Realisa ámanhã a sua festa no Eden, de cuja empreza é actualmente escripturado, este distincto actor tão conhecido e tão justamente apreciado do nosso publico. E' que Henrique Alves pertence ao numero restricto dos bons actores que, cada vez, mais raros são, alliando ao muito amor que dedica á sua arte, um conjuncto de boas qualidades que faz com que, cada pessoa que com elle convive, lhe dedique sincera amizade.

Não lhe faremos a biographia porque d'esse reclamo, não necessita a sua festa. Como elle veiu parar ao theatro, os escolhos que encontrou, a maneira como venceu, é elle que, ámanhã se encarregará de, n'uma pequena pales-

tra, o dizer ao publico que, na grande maioria, suppõe erradamente, que é actor quem quer e que ser do theatro é synonimo de mandrião. Apoz uma prolongada estadia no theatro da comedia a cujo reportorio deixou o seu nome ligado em muitos papeis, cujo desempenho não vimos ainda, sequer egualado, transitou agora, e parece que definitivamente, para o genero musicado, o que não constituiu surpreza para os que acompanham o movimento do theatro visto que, desde alguns annos, elle cultivava já esse genero, em successivas *tournées* ao Brazil com o emprezario Taveira.

O seu nome está ligado a todo o reportorio francez que nos tem sido dado a conhecer de ha 15 ou 20 annos para cá. Em todo elle, Henrique Alves, evidenciou sempre os seus esplendidos dotes de artista, marcando o seu logar, talvez passo a passo, mas por isso mesmo do mais difficil conquista. E' o artista predilecto das damas, o galã primoroso, vestindo primorosamente. E porque é um esplendido rapaz e um bom collega, como amigo o abraço e lhe desejo uma linda festa.

Alvaro Lima

Primeiras representações

NACIONAL—**Um serão nas Larangeiras**—*Trez actos de Julio Dantas.*

Ao cabo de alguns annos de injusto olvido, reappareceu na scena do Nacional, despertando o interesse de uma primeira representação, a deliciosa comedia de Julio Dantas «Um serão nas Laranjeiras», que é um dos mais bellos trabalhos do theatro portuguez contemporaneo. Tudo se disse de bom e mau ácerca d'esses tres actos encantadores de subtil ironia, modelares de technica, em que a frivola elegancia e o snobismo aristocratico da época de 48se evocam sob um aspecto levemente caricatural, mas que uma sociedade abastardada nos sentimentos e no sangue classificou de attentatorios dos bons costumes, como se n'elles porventura se carregassem as tintas ou a verdade padecesse affronta.

O alarido que os comicos puritanos ergueram em torno de «Um serão nas Laranjeiras» não obstou a que fizesse uma carreira triumphal, alcançando um duplo exito no livro e no palco, antes contribuiu para chamar ainda mais a curiosidade publica sobre a comedia que nunca teve os propositos demolidores de que então a accusaram e que é costume, entre certa gente, attribuir a toda a obra litteraria, de caracter historico, firmada pelo nome illustre de Julio Dantas...

Taxar de calumnioso e de immoral «Um serão nas Laranjeiras» porque ha n'elle um marquez que consulta a mulher sobre as suas amantes e uma marqueza que com a acquiescencia do marido o atraiçôa; porque ha um conde que constitue o enlevo dos corações femininos e uma velha morgada que recorda saudosamente os instantes que passou dentro d'uma sege com o sr. D. João VI, pareceu-nos sempre um exaggero tanto mais ridiculo quanto é certo os episodios libertinos da côrte e da aristocracia em Portugal não serem menos picantes nem menos celebres que os de outras côrtes e outras aristocracias.

Quando «Um serão nas Laranjeiras» suscitou protestos em nome da verdade offendida e da decencia ultrajada, a aristocracia e a côrte haviam de consideral-os hypocritas, bem no seu intimo, como sem duvida reputavam ingenuos, quasi infantis, aquelles processos de galantear e de amar que, vivificando costumes e colhendo da tradição oral e escripta elementos para colorir um quadro que fica bem ao lado d'essa obra prima que se chama «Peraltas e secias», o eminente dramaturgo adoçou talvez ao transplantal-os para a scena.

Seria, por acaso, de admirar que, procurando bem, se descobrissem entre quem mais se indignava contra Julio Dantas os que ainda agora se envaidecem porque contam na sua frondosa ascendencia personagens de sangue azul e até de sangue real que prolificaram fóra do thalamo e da estirpe?

Como quer que seja, *Um serão nas Laranjeiras* pertence ao reportorio fixo do theatro Nacional por consagração do publico que acolheu agora a sua *reprise* com o interesse e o enthusiasmo que lavores de incontestavel merecimento suscitam sempre. O desempenho é, em geral, merecedor de applauso, comquanto nos deixe uma desagradavel impressão o facto de alguns artistas, por falta de memoria ou de estudo, forçarem o ponto a levantar a voz quasi tão alto como elles. Se em qualquer peça isso é motivo de aborrecimento, comprehende-se que muito mais reparado se torne quando se trate das que formam o repertorio permanente do nosso primeiro theatro.

Entre os interpretes de *Um serão nas Laranjeiras* distinguem-se Augusta Cordeiro, Maria Pia, Albertina de Oliveira, Joaquim Costa, Carlos Santos, Antonio Pinheiro, Henrique de Albuquerque e Luiz Pinto, não devendo ser esquecida Justina de Magalhães, na bailarina Ema Valdini. Faz os seus passos de dança com adoravel graça e diz, na sua linda voz de contralto, com expressiva cadencia, as phrases italianas do seu curto papel.

Avelino de Almeida

Noticias

Entre nós

No Polytheama realisa-se ámanhã a festa artistica do estimado actor Casimiro Tristão, com a segunda representação da revista «Cha-Tango» e o «Caldo entornado», em que o festejado tem um bello papel no secretario Taneron.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Olimpia, Central Cinema Condes, «matinées» diarias e sessões á noite: Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES — Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Tribunaes

Boa-Hora

No tribunal da Boa-Hora responderam hoje Samião Mendes Cardona, Lucinda Fernandes e Carlos Salazar, gatunos de largo cadastro, pertencentes a uma associação de malfeitores.

O Cardona foi condemnado em tres annos de prisão maior cellular ou na alternativa de quatro annos e meio de degredo e os restantes em dois annos de prisão maior ou em tres annos de alternativa e, finda a pena, entregues ao governo.

Pelo Salão Foz

Fez-se hontem uma nova estreia no Salão Foz. Juan José, o interessante duetto comico, obteve um successo extraordinario e bem merecido porque o seu numero é de grande valor comico. Os dois artistas com os seus *couplets* conseguem fartas gargalhadas; é um verdadeiro numero de espectaculos de Carnaval.

Alfaro, esse extraordinario artista que tem obtido um successo pouco vulgar entre nós, apresentou hontem um novo trabalho, a imitação de uma bailarina hespanhola que é na verdade bem feita e com immenso espirito. Dorita e Silverdy continuam com os seus bailados hespanhoes sempre executados com muito *salero.*

Dissolução de associações operarias

Em virtude da lei estatuir que nenhuma associação de classe possa funccionar sem ter os seus estatutos approvados, o sr. dr. Costa Gonçalves mandou dissolver as Federações da Construcção Civil, Metalurgica e as Uniões Operaria Nacional e dos Syndicatos Operarios.

A dissolução será feita por meio de intimação, lavrando-se auto de diligencia com a apprehensão da escripta, documentos, valores mobiliarios e quaesquer outros que existam, sendo encerradas as portas do predio em que funccionam. Das diligencias effectuadas será remettido um auto ao governo civil, para se providenciar sobre a liquidação e destino dos valores e documentos apprehendidos. Outras associações que porventura tenham séde no mesmo predio deverão ser respeitadas, sem prejuizo do despacho do governador civil de 19 do corrente ou de qualquer outro procedimento que de futuro contra ella passa ter logar.

Echos & Noticias

JUIZ DE PAZ DOS ANJOS

Por motivo de saude pediu licença o sr Vasco Galvão, juiz de paz dos Anjos, funccionario muito bemquisto, que distribue sempre pelos pobres do seu districto a verba que a camara municipal destina aos juizes de paz.

DR. DUARTE LEITE

ESPINHO, 29.—O embaixador de Portugal no Brazil, sr. dr. Duarte Leite, esteve hoje aqui a visitar a importante fabrica de conservas, tendo deixado consignadas no livro dos visitantes as excellentes impressão que levou d'esse grande estabelecimento industrial.

DE VIAGEM

LAS PALMAS, 26.—Radio de bordo do vapor «Bolama». Os officiaes e passageiros do «Bolama» vão bem. Macedo Guimarães e Teixeira Sousa.

PEQUENAS NOTICIAS

Vindo da Guarda, chegou esta madrugada a Lisboa, debaixo de prisão, o guarda civico n.º 368, da 4.ª esquadra, que em 21 do corrente abandonou o serviço, tendo vendido o armamento que possuia. Este guarda pertencia á corporação do Porto e viera ha tempos alistar-se na de Lisboa.

—Esta manhã, no Entreposto de Santa Apolonia, Raul Alfredo Correia, residente em Aldegallega, cahiu, fracturando uma perna. Conduzido ao hospital de S José, ficou alli em tratamento.

"A Maluquinha de Arroyos"

Para os tristes e sorumbaticos, para os que padecem do figado não se descobriu melhor remedio do que a engraçadissima peça de André Brun «A Maluquinha de Arroios», que está sendo o acontecimento do dia e que hoje se representa no Republica. Ninguem fica dois minutos sem uma gargalhada. O desempenho está confiado aos principaes artistas que são sempre, bem como o auctor, calorosamente applaudidos todas as noites.

No sabbado é o segundo deslumbrante baile de mascaras n'este theatro para o qual existe grande enthusiasmo.

Na segunda-feira ha um precioso baile infantil em que serão dados lindos e valiosos brindes ás creanças que se apresentarem mais gentilmente «costumées».

ULTIMAS NOTICIAS

NAVIOS ALLEMÃES

A nossa situação externa

Conferencias do sr. presidente da Republica com os chefes politicos e com os membros do governo—A possibilidade de se constituir um ministerio nacional

Entrevista com o sr. ministro dos extrangeiros

Informaram-nos de que hontem, «A Capital» foi aprehendida. Não cuidamos sequer de saber porque. Seria inutil. Por via de regra, as aprehensões de jornaes são sempre inexplicaveis.

* * *

Falamos hontem na possibilidade de se constituir um ministerio nacional com representação de todos os partidos. Hoje, a certa hora da tarde, vieram garantir-nos que o governo já tinha apesentado a sua demissão e que esta fôra acceite pelo sr. presidente da Republica. Procurando informações seguras, soubemos que a noticia, por emquanto, carece de fundamento. O governo não se demitiu.

Hontem, o sr. presidente da Republica, depois de conferenciar demoradamente com o s. dr. Affonso Costa, foi a casa do sr. dr. Antonio Jose de Almeida, certamente para o informar de factos recentes e colher a sua opinião. De regresso a Belem, convidou logo para uma conferencia o sr. dr. Brito Camacho—conferencia que se realisou.

Hoje todos os ministros estiveram em Belem, desde as 12 ás 15 horas, conferenciando com o sr. presidente da Republica.

O que fez avolumar os boatos de crise ministerial foi a circumstancia de não se realisar sessão na Camara e do Senado funccionar durante muito pouco tempo.

* * *

E' facil prever que o ministero naconal se formará desde que seja modficada a nossa situação externa. Quando nos encontrarmos em presença d'um facto consumado, é natural que a hypothese se verifique poucos dias depois.

Mas a constituição d'um ministero dependerá da attitude que os dois partidos, evolucionista e unionista, resolvam adoptar perante os acontecimentos. Ora, tanto um como outro fizeram já, algumas vezes, declarações precisas a tal respeito. Sempre que se tem tentado a possibilidade de entrarmos na belligerancia, unionistas e evolucionstas affirmam que n'esse caso, mas só n'esse caso, darão representantes para um governo nacional.

* * *

E' fora de duvida que muitos subditos allemães realisaram hontem os creditos que possuiam na nossa praça. Recebiam letras que iam descontar ás casas bancarias, preferindo moeda hespanhola e franceza. Alguns terminaram mesmo todos os seus negocios, realisando transacções n'esse sentido. Diz-se que sobe a mais de tres mil contos a importancia da operações de levantamento de dinheiro realisadas hontem na praça de Lisboa por subditos allemães.

Na hypothese da formação do ministerio nacional já hoje se discutiu em varios pontos de palestra, se os catholicos e monarchicos deviam ser convidados a entrar para esse governo.

O paquete da Empreza Nacional de Navegação que devia seguir no dia 7 para a Madeira e Açores só partirá no dia 10.

* * *

O sr. ministro da Inglaterra e da Italia voltaram hoje ao ministerio dos negocios extrangeiros. O sr. dr. Augusto Soares conferenciou com o sr. presidente do ministerio.

* * *

Sobre a requisição dos navios surtos no porto da Beira conferenciou hoje com o sr. ministro das colonias o sr. Pinto Basto.

Para o Porto seguirá brevemente um dos navios de guerra da divisão naval.

* * *

Nas palestras ventila-se com insistencia a necessidade de se tomarem precauções de varia ordem, apontando-se exemplos que chegam todos os dias de nações neutraes. Estamos convencidos de que o governo tem apreciado esse aspecto do problema, procurando dar-lhe a solução mais conveniente.

Os allemães deixam Lisboa

O que nos diz um commerciante portuguez sobre os vultos em destaque na colonia

Alguns elementos da colonia allemã, residente em Lisboa, vão abandonando o paiz e outros preparam as suas malas para se ausentar no momento opportuno, como hontem noticiámos.

Por um feliz acaso, tivemos hoje a fortuna de encontrar na Baixa um distinctissimo commerciante que conhece admiravelmente a colonia «boche» e, escusado será dizer, que não perdemos o ensejo de o ouvir, sobre o exodo dos subditos do kaiser, em seguida á apresentação da nota do seu paiz, sobre a requisição dos navios.

Não podiamos procurar melhor fonte de informação. O nosso amigo como se trouxesse devidamente organisado um «dossier», começa por nos dizer:

—Não é esta a primeira vez que o formigueiro allemão executa o movimento de debandada em Portugal. Todas as vezes, que n'este paiz, os ares se turvam, em relação á Germania, os principaes elementos da colonia correm a buscar abrigo em terras hospitaleiras de Hespanha. Depois, quando as crises se concertam, de lá voltam, saudosos do nosso clima, alguns «quasi amando esta terra como se n'ella tivessem nascido».

«N'este momento, porém, segundo tudo indica, o exodo é maior e os que se não ausentaram ainda não tardarão em deixar-nos se não de vez, pelo menos até final da guerra.

«Não lhe posso dizer quaes os allemães que já deixaram Lisboa, nem mesmo quantos subditos de Guilherme II se encontram aqui. A colonia «boche» é numerosissima. Segundo a ultima estatistica, publicada ha dois annos, orçava por alguns milhares. Ha allemães em toda a parte, principalmente nos estabelecimentos commerciaes, explorando negocios por sua conta, associados a portuguezes, ou empregados em casas commerciaes. Raro se encontra um allemão em apuros. Auxiliam-se mutuamente, como se a nacionalidade constituisse para elles uma verdadeira maçonaria. O allemão conseguiu penetrar em toda a parte: na alta finança, no commercio, nos estabelecimentos scientificos, nos laboratorios e nas officinas do Estado. Muitos desdobram a nacionalidade, pois nenhum allemão perde juridicamente a sua pelo facto de ter adoptado uma outra.

«O sr. Ernesto Driesel Schroeter teve difficuldade, em tempos do franquismo, em justificar a sua nacionalidade de portuguez; em qualquer outra occasião ser-lhe-ia bem mais facil demonstrar que nunca tinha deixado de ser subdito fiel de Guilherme II. Tudo depende das circumstancias e os exemplos n'esta presente guerra não faltam.

«Em Lisboa e mais ainda no Porto, a colonia allemã é numerosissima, sendo curioso até apontar a maneira como são canalisados da Allemanha para cá esses *zelosos e solicitos* empregados de commercio que se tornaram indispensaveis nos negocios da nossa praça.

«Para a collocação do empregado do commercio allemão no estrangeiro existem dois organismos: a associação dos empregados do commercio de Hamburgo e a associação allemã de 1858, ambas subsidiadas pelo Estado.

«As funcções que são distribuidas a estes «modestos empregados» justificam plenamente o serem todos elles considerados espiões. Ao partirem do seu paiz, para se collocarem em qualquer ponto, recebem uma mensalidade, durante certo praso, para que vivam decentemente, até encontrarem emprego. A associação tem um director em todas as cidades e portos principaes do mundo, ao qual endereça o seu protegido.

«Em Lisboa, ainda não ha muito tempo, o director da associação era o sr. Höpple, gerente da secção de adubos da casa Herold.

«O allemão subsidiado pela associação compromettia-se a enviar periodicamente á collectividade um relatorio sobre o movimento da casa ou repartição commercial em que se empregára e ainda a responder a todos os inqueritos que lhe fossem dirigidos. E, que esses empregados de commercio cumpriam religiosamente essa missão, demonstra-o o facto de os encontrarmos frequentemente munidos de «kodacks» e de papel de desenho pelas «gares» suburbanas.

«Em tempos que não vão longe, um commerciante do Porto, Adolpho Höffle, não esquecendo habitos antigos, veiu a Lisboa fazer exercicios d'aquella natureza, installando-se, por signal, n'uma pensão da rua do Alecrim, frequentada quasi exclusivamente pelos allemães. Os potentados da colonia allemã, que toda a cidade conhece, são os srs. Martin Weinstein, Johannes Wimmer, Herold, Eduard John, Daenardht, para não falar desde já n'outros de menor preponderancia em todos os campos.

«Ha vinte para trinta annos ou não residiam em Portugal ou ninguem dava uma de X pelas suas pessoas. Presentemente, á sua parte apenas, ha alguns milhares de contos. O sr. Martin Weinstein, com o irmão Benno, fazendo o negocio da exportação colonial e as transacções bancarias, é consul do Equador e do Chile; o sr. Johannes Wimner, grande importador de tabaco e madeira, é consul geral da Austria e o filho Max exerce eguaes funcções em relação á Suecia.

«A proposito de agentes consulares convem não esquecer que é ainda um allemão o sr. Christian Moos, quem representa a republica do Haiti e que o sr. Ruy d'Orey, consul do Japão ainda não ha muito tempo, não occultava a sua procedencia germanica.

O sr. Heinrich Danardht, pae do actual consul da Allemanha, foi tambem um dos principaes commerciantes de Lisboa, que para cá veio occupar uma situação modestissima. Na familia Herold, commerciantes que tomaram á sua conta a industria da cortiça, não ha funcções consulares, mas a sua importancia era tanta que um dos seus membros, o genro, podia ser simultaneamente capitão do exercito, socio da casa e director da fabrica do Barreiro e abrir a correspondencia do governo do imperio para o ministro em Portugal.

«Conhecidos por allemães eram os srs. Ernesto George, cujo filho, consul da Hollanda, diz ser presentemente hollandez; o sr. H. F. Cast, que ultimamente surgiu inglez; allemão era o sr. John Wolte, que, depois da guerra, appareceu hespanhol e que para o paiz visinho realisa importantissimos negocios. Emfim, seria um nunca acabar, se me desse para lhe fornecer um lista completa da colonia allemã d'uma relativa importancia commercial, citando-lhe nomes, que ainda não apontei.

—Quaes os negocios de que principalmente se occupam os allemães em Lisboa?

—Todo o negocio lhes serve; mas occupam-se principalmente do commercio de importação e exportação, particularmente a exportação colonial. Teem escriptorios de commissões e consignações os srs. Weinstein, Kazenstein, Otto Ziems, tambem importante banqueiro, Timm, Burmester, viuva Herman Adler, Hahnefeld & Gellweiler, Zinkermann & Muller, Bartoch, Morgenstern, Leopold Stern, Holfemann, Schneider, Wischman, etc., etc...

O sr. dr. Augusto Soares desmente todos os boatos sobre a entrega da nota allemã

... Cinco horas e meia da tarde. No ministerio dos estrangeiros fala-se abafadamente nos rumores que cá fóra circulam, attribuindo-se-lhes indiscutivel fundamento.

Emquanto escutamos um ou outro funccionario que os repete, esperamos pachorrentamente que o sr. dr. Augusto Soares, a quem já nos fizemos annunciar, nos receba, na esperança de que as suas palavras venham dissipar a atmosphera pesada, asphyxiante de duvidas e de incertezas que ha dois dias respiramos...

O sr. ministro dos estrangeiros, no seu gabinete, dá despacho ao sr. Gonçalves Teixeira, conferencia demoradamente com dois directores do Banco Ultramarino e, por fim, resolve fazer-nos entrar. Não é sem tempo... A hora do jornal entrar na machina approxima-se e as declarações feitas pelo sr. dr. Augusto Soares ao reporter de «A Capital», a serem a expressão da verdade, devem constituir um delicioso refrigerio n'esta effervescencia de animos.

E' porque s. ex.ª serenamente, medindo todo o alcance das suas palavras, completando na intonação que lhes dá aquelle ar de gravidade que á sua figura erecta imprime o frack impeccavelmente severo, diz assim:

—Não ha coisa alguma, creia. Tudo phantasias... phantasias...

—Então a nota do governo allemão?...

—Phantasias...

—Então a demissão do ministerio e a organisação de um governo nacional?...

—Puras phantasias...

—O caso, pois, da Allemanha ter encarado a posse dos navios como um acto de hostilidade é uma phantasia tambem?

—Phantasias, phantasias—repete systhematicamente o sr. ministro dos estrangeiros como se obedecesse ao firme proposito de não saber no momento outras palavras.

—Mas, perdão. Os jornaes allemães e inglezes affirmam o resentimento da Allemanha contra Portugal e a «Gazeta de Colonia» chega a assegurar que o governo allemão reclamará.

O sr. dr. Augusto Soares hesita agora. Durante um momento, esperamos ver desmanchado o seu aprumo com um gesto nervoso. Mas não; a sua imperturbavel gravidade salva-se ainda d'esta vez e responde:

—Effectivamente, algum fundamento houve para que esses alarmantes boatos de que se acaba de fazer ecco tivessem circulado. O ministro allemão naturalmente que pôz a colonia de sobreaviso para qualquer grave emergencia...

—E as successivas reuniões ministeriaes não visarão tambem essa grave emergencia?

—Absolutamente, não. Teem só por objecto o gravissimo problema das subsistencias que de cada vez occupam mais as attenções do governo.

—Mais uma pergunta: diz-se que, a sahir de Lisboa o ministro allemão, gerirá os negocios d'aquelle paiz entre nós o ministro de Hespanha. Existe qualquer principio diplomatico entendido entre aquellas duas nações para que este facto succeda e seja por Portugal bem acceite?

—Principio estabelecido não ha nenhum. Mas, admittida a hypothese da sahida do sr. Rosen, é muito natural que a Allemanha escolha a Hespanha para aqui a representar, em virtude da visinhança que temos com este paiz. Não será um facto estranhavel. Os nossos negocios diplomaticos na Bulgaria eram desempenhados por italianos e, depois da guerra, foram entregues a hollandezes. Para isso, firmámo-nos na neutralidade da Hollanda, em conveniencias commerciaes e diplomaticas e nada mais...

Sahimos em seguida do gabinete do sr. ministro dos estrangeiros, com o espirito cheio das mesmas duvidas e apprehensões com que haviamos ali entrado.

Entretanto, pela cidade, em circulos politicos, nos cafés, em todos os estabelecimentos muito frequentados, os boatos continuavam a avolumar-se com uma insistencia de enlouquecer. Os membros da colonia allemã affirmavam unanimemente a existencia de uma nota entregue ao governo portuguez para a restituição dos navios. A maioria responsabilisava a Inglaterra pelo acontecimento e lamentava, com palavras de sympathia para Portugal, onde uma hospitalidade sempre gentil os acolheu, um rompimento provavel entre os dois paizes.

O sr. Wimmer e com elle outras presonalidades em destaque na colonia allemã chegam a declarar:

—Deem-se os acontecimentos que se derem, eu não saio de Portugal, onde vivo ha cincoenta annos.

Um documento curioso

Vimos hoje um documento da mais alta importancia, dados os commentarios e boatos que circulam por toda a parte a proposito da attitude da Allemanha perante a requisição dos seus navios. E' emanado do consulado allemão, escripto pelo punho do proprio consul, com o carimbo do consulado. Diz o seguinte:

O portador Willy Pajasi, tripulante do vapor allemão «Casa Blanca» estava no hospital quando o seu vapor foi requisitado e deseja ser hospedado.

Consulado da Allemanha, em Lisboa, 29 de fevereiro 1916.

O consul
Dahenhardt

Fixe bem o leitor a data: é a de hoje. O consul allemão, por essa forma, implicitamente acceita os termos do decreto que requisitou os navios. E' em «requisição» que elle fala. E' a hospedagem que elle reclama para um tripulante, precisamente dentro das disposições d'aquelle decreto.

Como conciliar esse facto com os boatos que circularam hontem e que continuaram hoje a correr, com a mesma se não com maior insistencia?

Presidencia da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje o seguinte telegramma:

«Junta Provincial Alemtejana, acabando de constituir-se, tem a honra de saudar na pessoa de v. ex.ª a Patria e a Republica.—O presidente, *Gomes Palma*».

A grande guerra

O governo francez cheio de confiança

PARIS, 28.—O «Figaro» diz que o sr. Briand vindo hontem aos corredores da Camara declarou que a situação militar é boa e que as tropas estão cheias de coragem; as poderosas reservas estão promptas para receber o mais vigoroso choque; consignou que os ataques do inimigo não teem já o mesmo vigor; os meio militares não creem que o ataque allemão consiga o seu fim mas são de opinião de que elle durará ainda alguns dias.

Os inglezes no Egypto

LONDRES, 28.—Official.—No Egypto o general Lukin dispersou columnas inimigas a sudoeste de Berrami.—(*Havas.*)

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

NOTAS DIVERSAS

O capitão sr. Antonio Nunes apresentou hoje novamente no ministerio das colonias a sua declaração de candidato a deputado por Angola.

—A commissão de tanoeiros voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro do fomento sobre a não approvação dos vagons cisternas.

CARNAVAL

O chefe do districto determinou que as emprezas theatraes paguem para o cofre de beneficencia, por cada baile, as seguintes quantias: Colyseu, 20$00; Republica, 15$00; Eden, 10$00, e Moderno, 8$00. Algumas outras casas de divertimentos carnavalescos, cuja entrada é paga, contribuem relativamente.

Até hoje tem sido requeridas no governo civil apenas 9 licenças para exhibição de grupos musicaes, danças e cégadas.

Na Academia Recreio Artistico procede-se com grande actividade ás ornamentações nas salas para as festas do Carnaval. A commissão fechou contracto com uma magnifica orchestra para abrilhantar os bailes de domingo e terça feira. A recita de sabbado, que será desempenhada pelo Grupo Dramatico Recreio Artistico e que é composto só de socios da Academia, deve produzir um successo de gargalhada.

Movimento associativo

Centro Socialista de Lisboa.—Reune ámanhã, ás 21 horas, a assembléa geral, para apresentação do relatorio de contas da ultima commissão administrativa.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/8	35
Londres, 90 d/v.	35 5/8	—
Paris, cheque	$72,5	$73,5
Allemanha, cheque	—	—
Hollanda, cheque	$60,2	$61,2
Madrid, cheque	1$36	1$37,5
Suissa, cheque	$80	$83
Italia, cheque	—	—
New York	1$42,5	1$44
Rio s/Londres	11 21/32	—
Libras	6$85	6$95
Agio do ouro	46 %	52 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	39,20
» » 500$	39,30	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado; 4 0/0, 1890, 51$50; 5 0/0, 1909, coupon, 81$50.

Externas: 1.ª serie, 75$ e 3.ª, 78$.

Acções: Ultramarino, coupon, 130$; Moçambique, 8$20; Moagem (nova) 58$; Empreza Agricola Principe, 5$60.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, serie A, 93; Municipaes ou Districtaes, 5 0/0, 84$30; Ultramarino, hypothecarias, 91$; Norte e Leste, 2.º grau, 84; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 80$50 e tit. 5, 79$60; Assucar.

Folhetim d'A CAPITAL 29-2-1916

Sensacional romance cinematographico

A chave mestra

A caminho do fim...

De bordo do seu barco, com o auxilio de um excellente binoculo, Dore e Rosinha podem ver tudo quanto se passa a bordo do barco que transporta Wilkerson e a sua *troupe*. Não é possivel conceber maiores momentos de commoção. O aventureiro, fazendo trazer o cofre de Gallon para o convez, mandou-o abrir. Depois, precipita-se para elle, rebusca-o, remexe-o, procura, entre as coisas velhas que elle contem, encontrar aquelle precioso bocado de papel que ha de dar-lhe a posse plena da mina descoberta pelo seu antigo companheiro de aventuras.

—Não encontro o plano!—diz elle, enraivecido, para a amante.

—E' porque não procuras bem.

E ella e Drake principiam tambem a remecher aquelles trapos putridos que estão no fundo da caixa e que não são mais do que o espolio de um desgraçado vagabundo, a quem a fortuna não foi nunca propicia.

—Ahi tens o castigo!—vocifera a Darvell. As coisas não podem fazer-se nem no ar nem com imprudencia.

—Mas se a carta de Gallon para a filha o dizia...

—Falava no caixote, no vapor, no sitio onde tudo isso se afundara. Julgavas que era tudo, e afinal não bastou.

—Irritas-me!

—E tu desesperas-me

O idolo onde está occulto o plano é arremessado com força pelo convez fóra, como coisa inutil e desprezivel. Dore, atravez do seu binoculo, presenceia esse episodio e tem um gesto de esperança. O seu navio navega agora com mais força. Mas em vão. Os seus adversarios conseguem chegar ao porto e desembarcar. Estavam salvos. Entretanto, a Darvell não mudara de catadura. Encontrava-se absolutamente intratavel. Aquella viagem dispendiosa e infructifera deixara-a, positivamente, fóra de si.

—Bem empregado tempo!—dizia ella para Wilkerson. Não torno a meter-me n'outra.

—Mas que querias que fizesse? Não viste a carta tão bem como eu? Não a leste? Não concordaste em que era necessario vir aqui para nos apoderarmos do plano que cubiçamos?

—Desconfiei sempre. E' que os teus planos, nos ultimos tempos, quer se trate de atacar quer de defender, estão tolhendo todos.

Os dois cumplices trocam mais algumas phrases insultuosas e separam-se. Ella segue para um hotel. Elle, fica para fazer contas com o capitão do navio. Como, porém, não tenha dinheiro comsigo, vae rebater um cheque, para voltar pouco tempo depois.

O idolo, porém, não ficára no convés do navio, ao abandono. Um marinheiro, que o vira tirar do cofre, e que, com espanto, assistira ao repudio que Wilkerson d'elle fizera, apoderou-se do manipanço e, lógo que pôde sahir de bordo, tratou de o vender na loja d'um ferro-velho, negociante das coisas mais bizarras e esquisitas. Depois, com o dinheiro na algibeira, contentissimo, regressou a bordo.

Entretanto, Dore e Rosa chegavam tambem a terra e dirigiam-se para o barco que Wilkerson tivera alugado. O capitão apressou-se a recebel-os.

—Que desejam de mim?—perguntou-lhe.

—Isto: que nos diga onde está aquelle caixote que ha pouco, no mar alto, foi retirado do fundo do Oceano.

—Da melhor vontade. Está alli.

—E o que elle continha?

—Tambem.

Dore precipita-se para o ponto indicado e não vê o idolo. O que seria feito d'elle? Teria Wilkerson reconsiderado e ficado realmente com elle? E as perguntas chovem sobre o capitão do barco.

—E o idolo que estava dentro do cofre? O que é feito d'elle? Não o viu?

—Effectivamente vi um idolo! Mas não está ahi? Ah! agora me lembro. John, um dos meus marinheiros, pediu-me licença para o vender.

—E deu-lh'a.

—Não vi nenhum inconveniente n'isso.

Dore, então, deixa-se dominar por um profundo desalento. Estaria condemnado, porventura, a passar a vida á procura d'um thesouro que tanto mais lhe fugia quanto mais se approximava d'elle e que bem parecia inclinar-se mais para outros de que para elle? E o momento das confidencias chegou. O capitão ouviu lêr a carta de Gallon e ficou sabendo tudo. Mas o que podia fazer?

—Só posso indicar-lhe o caminho que John seguiu. Foi por aquella rua que fica defronte do caes e, decerto, não passou da loja do Judeu Salomão. Vá lá. Deve encontral-o.

Drake não perdera nem uma palavra dos que entre Dore e o capitão se haviam trocado a bordo. E como n'um momento de distracção do engenheiro lhe parecesse azado o momento para lhe roubar o resto da carta que elle tinha em seu poder, não duvidou fazel-o, abalando immediatamente a leval-o a Wilkerson. Os dois pedaços de papel foram então ligados e a carta reconstitue-se. Só então Wirkerson viu que, tendo tido nas mãos o plano das verdadeiras minas d'oiro, o deixára perder.

O judeu Salomão, comprando o idolo, expôl-o logo na montra do estabelecimento. Um hindú, vendedor ambulante de tapetes, passa e fica deslumbrado. Daria tudo quanto possue para possuir aquelle Deus que ali lhe apparecia tão inesperadamente. Para entrar na posse do manipanço, nem a propria vida pouparia. E depois de muito hesitar, o fanatico entra na loja de Salomão e propõe-lhe o negocio.

—Dou-lhe todos estes pannos por aquelle deus da minha religião—exclamou elle para o ferro-velho.

—Não aceito. E' pouco!

—Dou-lhe todo o meu dinheiro!

—Dá cá! está o negocio feito.

Despojando-se de tudo, o hindú apodera-se do idolo e abala. Pouco depois, porém, surgia Dore, a quem John, com o qual se encontrára momentos, dissera a quem vendera o boneco.

—Sei que comprou ha pouco um idolo indiano a um marinheiro. Quer vender-mo?

—Já o troquei por estes pannos, a um indio que o levou—responde Salomão.

—E quem era esse indio?

—Ignoro-o.

Dore, porém, precipita-se para os pannos, e arrancando-lhe a marca consegue saber onde mora o indio que levára consigo o seu thesouro. Corre a casa d'elle mas não o encontra. Abalara. Partira, horas antes, para o seu paiz natal, para a India distante, dos rajahs, opulentos como os imperadores antigos. Que fazer? Perseguil-o, ir procural-o lá. E tomando um navio com Rosa e com o cosinheiro Tom, Dore segue atraz do indio mysterioso, disposto a tudo para o alcançar.

Os seus passos, porem, não tinham sido dados em segredo. Wilkerson, mandando-o expiar, estava informado de tudo. Partiu, por isso, tambem, tendo comtudo, sido forçado a dar um grande avanço aos seus adversarios, verdadeiramente audaciosos. A lucta ia pois travar-se em longinquas paragens, n'um meio desconhecido e adverso, onde o mais astucioso é que seria sem duvida, o vencedor.

—Agora é que a lucta começa verdadeiramente a interessar-me—dizia elle para a Darwell.

—Ainda bem. Mas é preciso não esquecer o episodio do navio que é d'aquelles que não fazem honra a ninguem.

Entretanto, na Chave Mestra, a tranquilidade renascia e as tropas de occupação retiravam. A mina trabalhava com regularidade, e os mineiros, longe dos dias de miseria que os tinham torturado, sentiam renascer-lhes a esperança e criam que se approximava uma epocha melhor. Seriam justificadas essas esperanças?

(Continua)

No «ecran» do OLYMPIA

SPORT

Morrem 125 nas vesperas de serem fuzilados!

(Cartas a um velho amigo)

Como um commandante pode ser responsavel pelas febres typhoides nos regimentos

Cezar.—Um amigo nosso, professor de gymnastica, que não quer que lhe publique o nome n'estas cartas em que trato de «velhos»—pois tem dito a todo o mundo que é ainda um rapaz de 35—affirmou hontem, em conversa, que parte da sua saude a deve á continuidade na pratica da gymnastica, que não manda só fazer mas que executa e aos seus cuidados de hygiene.

Enalteceu, por exemplo, o seu habito de dormir com a janella aberta e a sua regularidade de não fazer exercicios até ao esfalfamento. Dei-lhe razão. Estes dois preceitos de hygiene corporea devem ser rigosamente attendidos. Nem gymnastica ou «sport» intensivo que leva ao esfalfamento, nem vida continua e pratica de exercicios em atmospheras viciadas.

Quando escrevi o meu estudo physiologico «As corridas de Maratona» para *apresentar á apreciação da faculdade de* medicina, tratei dos dois assumptos. Citei até, em descriptivo anecdotico, casos succedidos e que comprovavam a deducção physiologica. Referi-me ás epidemias que, por vezes, apparecem nos quarteis, com caracter grave e pernicioso e que, em muitas occasiões, se curam com a mudança do commandante! E' que alguns chefes militares movimentam, até ao exaggero, os seus soldados com marchas e exercicios gymnasticos sem lhes ter proporcionado a necessaria preparação. Esfalfam-os, porque lhes exigem mais do que elles pódem fazer!

Um patologista eminente, o dr. Griesinger, chegou á affirmativa de que as febres typhoides, que se repetem como frequencia nos regimentos, são, quasi sempre, febres de «esfalfamento». Depois, nas casernas, a propagação do mal, é evidente. Um dormitorio, com centenas de homens que terminaram uma marcha forçada ou os exercicios extenuantes d'uma «escola de repetição» tem a sua atmosphera carregada de miasmas. Sente-se repugnancia em entrar lá. O cheiro é horrivel! A graçoia reles diz que esses cheiro é dos pés. Não é exacto. A pestilencia vem tambem dos pulmões e da pelle.

Como vês, a boa oxygenação dos pulmões é necessaria. Bem faz o nosso amigo em dormir com a janella aberta. Melhora a sua saude e não prejudica, pathologicamente, as oito pessoas de familia que com elle vivem.

Nas «Corridas de Maratona» citei aquelle facto historico da revolta dos cypaios na India Ingleza. E' comprovativo. E' de clara evidencia para os incredulos. Vou repetir-t'o.

Um regimento de cypaios, vencido pelos inglezes fugiu. Os 800 homens que lhe restavam foram perseguidos, durante trez dias, *como animaes ferozes*. Extenuados, esfalfados, refugiaram-se n'uma ilhota, onde se deixaram prender sem resistencia. Os inglezes metteram 180 n'uma barraca pequena. Os vencidos tinham de esperar ali, como «sardinha em tijela» a hora de serem fuzilados. No dia seguinte, quando os foram chamar para a execução 125 estavam mortos!

A agglomeração n'uma pequena barraca, de tantos homens extenuados pela fadiga, accumulára no ar miasmas em alta dose para produzir aquella horrivel mortandade! Os 55 restantes ficaram doentes com febre, de caracter typhico e a maioria d'estes morreu com uns 30 dias de doença!—*J. P.*

Nota do dia

Novos projectos do Internacional

Ainda não temos informação official mas dizem-nos que foi animada de discussão e de esboços de grandes programmas futuros, a assembleia geral de hontem do Club Internacional de Foot-ball. Elegeram-se os novos corpos dirigentes e n'elles apparecem os nomes de «sportsmen» a quem o athletismo deve grande parte da sua prosperidade. Esses nomes tambem dão a garantia de que vae iniciar-se uma nova epocha para o club, que ainda não ha muitos annos era o mais importante e o mais progressivo das nossas associações sportivas.

Segundo as inconfidencias d'um nosso amigo, os novos corpos dirigentes ficaram assim constituidos: Direcção, presidente, Eduardo Luiz Pinto Basto; vice-presidente, Anselm Marques Anselmo; thesoureiro, Francisco Costa; 1.º secretario, Boaventura Bello; 2.º secretario, Carlos Guimarães; vogaes, Placido Duro, a quem foi confiado o cargo de delegado sportivo e Augusto Sabbo, a quem foi entregue a direcção do campo. Assembleia geral, presidente, Francisco Duarte.

* * *

Uma novidade para os «hipicos»

Entre os professores de equitação ha um que se tem evidenciado como um infatigavel trabalhador. E' Antonio Correia. São muitas as suas iniciativas em beneficio do «sport» hippico. São muitas as festas em que collaborou o seu proficiente concurso. São muitos os espectaculos de propaganda que se teem effectuado no seu picadeiro. Agora resolveu organisar corridas de trote, para cavallos engalados a carros de um cavallo. E' uma prova identica ás que se realisam em França, com relativa frequencia.

O sitio escolhido para estas corridas é o Campo Grande em dias de semana e para todo o publico.

Boatos sobre a questão do foot-ball

Ainda não satisfizeram a nossa curiosidade!...

Quaes foram os motivos que levaram a Associação de Foot-ball a penalisar por 5 mezes trez clubs lisbonenses, tendo a consciencia ao arbitrar a penalidade, que esta, por excessiva, acarretava a dissolução dos mesmos clubs?

Apontam-nos pequenos motivos, mas são tão pequenos, tão mesquinhos e tão futeis, que mal dariam para uma suspensão de quinze dias!... Depois ao apontar esses motivos, tambem indicam faltas graves da Associação!... Isto demonstra que um cumplice quer julgar *o criminoso!*

Tambem nos dizem que alguns «sportsmen» bem intencionados, homens da «velha guarda», procuram solucionar o assumpto. Que assim seja, mas... ao iniciar essas «démarches» bom seria que indicassem aos clubs que deviam respeitar a Associação e que não se deviam ligar senão a bem do «sport» e que dissessem á Associação que a sua existencia se justifica para orientar, dirigir e fiscalisar e não para sustentar pequenas birras e caprichos, proprios de gente com intellectualidade «romba», birras e caprichos que levam ao «crime» de ferir a existencia de aggremiações antigas e a matar a causa e o progresso do «foot-ball».

Algumas anecdotas

Como era a ultima vez, não fazia mal...

Passou-se o caso no primeiro jogo do Bemfica contra o Fortuna de Vigo.

Um «half» do Fortuna, gallego fortissimo e energico, fez uma «carga» e encontrou na sua frente um «half» do Bemfica, que tinha annunciado a sua despedida de jogos de «foot-ball». O encontro resultou d'um encontrão formidavel que fez torcer um pouco e motivou uma careta do nosso jogador.

Logo uma voz das bancadas acudiu, desculpando o acto:

—«Não faças caso. Aguenta-te. E' pela ultima vez!... Já te não voltam a succeder eguaes!...»

Que consolação!

Os grandes records

As luctas entre as universidades inglezas

Todos conhecem as celebres regatas de remos entre as universidades de Oxford e Cambridge, mas nem só, n'esse «sport», as duas universidades se combatem. As luctas travam-se em todos os exercicios athleticos.

Os desafios de «cricket» datam de 1827, Houve 8 «matches» nullos. Cambridge ganhou 38 vezes e Oxford 33.

As corridas de «cross-country» datam de 1880. Cambridge ganhou 19 vezes, Oxford, 15.

Os desafios de «foot-ball» association» datam de 1874. Houve 3 «matches» nullos. Canbridge ganhou 20 vezes e Oxford 18.

Os desafios de «foot-ball rugby» datam de 1873. Houve 9 «matches» nullos. Cambridge ganhou 14 vezes e Oxford 18.

Os desafios de «golf» datam de 1878. Houve 3 «matches» nullos. Cambridge ganhou 16 vezes e Oxford o mesmo numero de vezes.

Os desafios de «hockey» datam de 1890. Houve 3 «matches» nullos. Cambridge ganhou 11 vezes, Oxford 10.

E a serie ha de continuar...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Concurso hyppico internacional

Assegura-se que virão este anno ao nosso Concurso Hyppico Internacional cavalleiros hespanhoes que ha muito sentem desejos de disputar as nossas provas, sem que até agora tenham, por motivos varios, conseguido effectuar essa vontade. Sabemos que se trata pelo menos, de dois cavalleiros de verdadeiro destaque no mundo hyppico e que no paiz vizinho são considerados entre os seus melhores.

As difficuldades do concurso d'este anno são maiores do que as encontradas pelos concorrentes nas provas dos concursos anteriormente realisados. Tem sido essa a orientação dos organisadores desde que se promovem os concursos hyppicos de Lisboa: tornar de anno para anno mais interessantes os torneios, pela creação de novas provas, pela importancia elevadissima dos premios e pelo augmento dos obstaculos.

As provas d'este anno estão marcadas para 20, 21, 25, 28 e 29 de maio.

Congresso de Educação Physica

O Senado Municipal resolveu n'uma das suas ultimas sessões e sob proposta do illustre vereador dr. Tovar de Lemos, organisar uma grande parada de gymnastica dos alumnos das escolas municipaes por occasião do 1.º Congresso de Educação Physica, mostrando assim quanto lhe é sympathica a arrojada iniciativa do Gymnasio Club Portuguez.

Deve ser esta parada um dos grandes attractivos das festas e demonstrações projectadas, ao mesmo tempo que um motivo para os professores primarios apresentarem alli os seus alumnos. Folgamos em registar estas iniciativas que bem demonstram como a educação physica vae tendo quem por ella se interesse.

A direcção do G. C. Portuguez está tratando de organisar o programma das festas e demonstrações para que assim d'este Congresso saiam coisas praticas como é para desejar.

Uma rectificação

Recebemos da direcção do Club Internacional de Foot-ball, o seguinte esclarecimento, cuja publicidade nos é pedida:

«Para os devidos effeitos e por só agora se nos ter tornado possivel, communicamos, que a noticia enviada ao «Diario de Noticias» de 20 de fevereiro do corrente anno, relativa ao nosso consocio sr. Picão Caldeira, é absolutamente falsa e falha de fundamento».—A direcção do C. I. F.

Desafios de bilhar

Está organisado para a proxima quinta-feira um desafio entre dois dos nossos melhores amadores de bilhar, tendo um ha pouco regressado do extrangeiro. E' ás 500 carambolas, sem partido, e começa ás 22 horas no café Madrid.

Arbitros são os amadores srs. Horacio Delgado, Romerito Pampulin e Alberto Franco de Araujo.

—Para quinta-feira, 9, tambem já está organisado um interessante desafio, ás 500 carambolas, jogando dois amadores, em tacadas seguidas, contra um.

Educação physica em Bemfica

Manteem toda a sua animação as classes de gymnastica sueca que os Desportos de Bemfica crearam na sua séde e que, logo desde começo, attingiram uma numerosa frequencia de creanças e adultos. De resto, é tal o incremento que tomaram essas classes que a direcção está na intenção de realisar brevemente uma festa para apresentação das suas classes de gymnastica, festa que será a comprovação da sua utilidade e dos meritos dos seus professores, srs. Arthur dos Santos e Levy Genochio.

«Missão Scouting»

Chegam no dia 2 do proximo mez os adueiros Annibal Brandão Machado e Delphim Teixeira membros da «Missão Scouting» que sahim de Lisboa em 5 de setembro do passado anno no proposito de percorrer o paiz e de espalhar pelas provincias as bellas leis do «Aduarismo»

A nossa equitação

Occupa a equitação um logar preponderante entre os nossos «sports». Lisboa possue um bom numero de centros hyppicos, todos largamente frequentados e alguns dirigidos por individualidades de destaque em provas hyppicas, como se dá na Escola de Educação Phisica, que tem á sua frente os conhecidos «sportsman» sr. Silveira Ramos e Carlos Velloso. Em todos esses centros se trabalha activamente, e agora muito mais, dada a proximidade do Concurso Hyppico Internacional. A prova principal de que o hyppismo tem progredido immenso tem-se visto nos ultimos torneios hipicos, em que a inscripção de civis tem augmentado muito.

Tiro aos pombos

A tarde agreste e bastante desagradavel do ultimo domingo prejudicou a «poule» mensal que mesmo assim se realisou.

Abriu a sessão por uma «poule» de ensaio a 1 pombo, a 26 metros, na qual ficou vencedor o sr. Luiz Oliva Junior, que matou 5 pombos seguidos.

A 2.ª «poule», de «handicap», a 3 pombos, foi dividida entre os srs. Romão Casals e Luiz Oliva Junior que mataram 4 pombos.

Terminou pela «poule» mensal, que foi, pode dizer-se, um ensaio da grande «poule» da «Taça Lisboa», atirando-se ao mesmo numero de pombos e nas mesmas distancias. Assim fez-se uma serie de 5 pombos a 25 metros, 5 a 27 metros, 5 a 26 metros e 5 a 28 metros, da qual sahiu vencedor, ganhando o 1.º premio, 40$00, o sr. Luiz Oliva Junior que matou 19 pombos em 20 atirados. Em 2.º logar ficou classificado o sr. Conde de Almeida Araujo que matou 16 pombos em 20, ganhando 20$ e em 3.º o sr. José Martinho Alves do Rio que matou 16 pombos em 22 atirados.

E' muito provavel que no proximo domingo, apezar de ser de Carnaval, se realise uma nova sessão que será a ultima antes da grande sessão da «Taça Lisboa», que se realisa nos proximos dias 11 e 12 e para a qual os premios são importantissimos além da inscripção do nome do vencedor na Taça, e uma artistica medalha de ouro e 3 de prata para os trez seguintes classificados.

OPERA LYRICA

Colyseu dos Recreios

A primeira audição da *Fanciulla del West*, de Puccini, que se realisou hontem, pode considerar-se um dos mais brilhantes e excepcionaes acontecimentos d'esta temporada. A *Fanciulla del West* tem uma partitura que nos revella uma nova phase da musica de Puccini em que, sem duvida alguma, se encontram reminiscencias do antigo. E' uma musica typica, bem motivada e com os themas admiravelmente aproveitados e desenvolvidos.

Foi a sr.ª Gina de Martini quem se encarregou da parte de protagonista e pode dizer-se que foi superior, affirmando-se uma artista de excepcionaes meritos, pois cantou toda a sua parte com uma correcção e uma consciencia admiraveis e representou com talento, sobretudo as scenas finaes dos 2.º e 3.º actos.

A parte de *Dick Johnson* foi interpretada pelo tenor Tincani, que venceu todos os obstaculos e representou com arte.

O barytono Zuffo deu-nos um *Rance* muito completo. E' um dos melhores trabalhos que lhe temos visto. O baixo Fiore sempre correcto.

Muito seguras as segundas partes, os córos e a orchestra.

A opera agradou e os artistas foram muito ovacionados.

Hoje, repete-se a *Fanciulla* e ámanhã realisa-se a ultima recita do soprano ligeiro Maria Galvany, que cantará a *Traviata* com a arte consummada que tantas ovações lhe tem valido.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

FALLECIMENTO

Falleceu hoje pelas 3 horas o sr. José Branco Nunes Correia cirurgião dentista pela Escola Medico Cirurgica de Lisboa premiado com a medalha de ouro em Palermo devida ao merito mechanico e philantropico e em Roma como Cavalleiro d'Honra por egual motivo. Socio da Sociedade do Registo Civil, Commissão 1.º de Dezembro de 1640, asylos de S. João e Santo Antonio de Lisboa, Instituto Branco Rodrigues, fazendo parte do Gremio Lusitano e da Loja Puresa tendo o gr.·. 33. O funeral vae para o Cemiterio Oriental, jazigo de familia. E' civil e sae da rua da Palma, 161, 2.º pelas 16 horas do dia 1.

guinte, 136, dos quaes só 8 estavam providos d'esse artigo de vestuario, e na terceira 74, dos quaes tambem 8 tinham capotes. Isto faz um total de 16 capotes para 278 homens.

«Uma das principaes queixas que recebi foi que os capotes haviam sido tirados a uns prisioneiros para os dar a outros, que andavam a trabalhar e que os não tinham. A principio, isto foi negado pelas auctoridades, mas finalmente o official que me acompanhava disse-me que era um procedimento razoavel».

O embaixador conta em seguida o caso dado com um medico, que não fôra incluido no relatorio anterior. Expressa-se da seguinte fórma:

«Os prisioneiros tambem me contaram que um medico militar inglez no campo havia sido pouco tempo antes espancado por um official allemão, e investiguei que era verdade.

«Muitos prisioneiros queixam-se de que cães são trazidos pelos soldados allemães que fazem sentinella de noite e que já algumas vezes esses cães lhes teem rasgado o fato.

«Os prisioneiros informaram-me de que as condições melhoraram grandemente no campo nos ultimos mezes, em que se declarára uma epidemia de typhos devida ás pessimas condições em que ali se vivia. A minha impressão foi extraordinariamente desfavoravel. A atmosphera ali é deprimente, devido não só ás condições em que os homens vivem, mas ainda ao facto de se não ter feito coisa alguma que beneficiasse os prisioneiros.

«A attitude tomada para com os prisioneiros inglezes parece que se baseou na suspeita. E 'verdade que estão agora alojados juntamente, o que representa um grande melhoramento, mas não lhes permittem que façam exercicio ou sequer que passeiem. Um theatro foi agora feito e espera-se que ao menos isso seja para elles um divertimento».

Um relatorio de tal natureza é a condemnação do commandante que, no caso de que se trata, era um general e não um official subalterno, essa condemnação implica a do proprio governo allemão. Não se póde allegar que houvesse exaggero da parte do embaixador dos Estados Unidos quando elle escreveu que o caso dos prisioneiros de guerra inglezes na Allemanha «é assumpto que requer a immediata attenção do governo britannico».

Os casos de maus tratos eram frequentes. Em Ohrdruf, em Soltau, em Sennelager e n'outros campos, os prisioneiros, pelos mais pequenos delictos, eram amarrados a postes, algumas vezes na neve, habitualmente apenas por poucas horas, mas algumas por muitas, de modo que quando os desprendiam cahiam por terra. Em Zerbst esse modo de proceder foi confessado e considerado como racional pelo commandante ao visitante official norte-americano.

N'outros casos, os prisioneiros eram castigados com o serem postos incommunicaveis e anda n'outros serem aggredidos á chicotada.

Tomando em consideração as condições physicas dos prisioneiros, a minguada alimentação, podemos dizer na generalidade que o estado sanitario dos campos de internamento allemão era bom e que os obitos eram relativamente poucos. O prisioneiro russo era o que mais soffria, ao que parece, de todas as epidemias. Entre elles reinavam a tuberculose, as pneumonias e a diabetes, provavelmente devido á sua vida nas trincheiras.

Tanto o typho como a dysentheria propagaram-se por meio dos russos a grande numero de campos de internamento e fizeram muitas victimas.

Na Allemanha todos os prisioneiros foram vaccinados contra o typho e o cholera, ao passo que na Inglaterra taes precauções só os que queriam a ellas se sujeitavam.

A principal origem de queixas era a da alimentação. Falando do campo de Döberitz, o representante dos Estados Unidos diz:

«Não havia em geral queixas, a não ser com relação ao caracter allemão da alimentação e que eram exa-

dos e outros que conseguiram fugir era de tanta gravidade que em junho de 1915 o governo allemão entendeu dever dar uma resposta. Essa resposta é particularmente interessante, por ser mais uma apologia do que uma defeza ou uma negativa. D'elle damos os seguintes periodos:

«Se os inglezes dizem que só foram tratados durante o percurso depois dos francezes, a razão deve attribuir-se ao sentimento perfeitamente comprehensivel qu se radicou entre as tropas allemãs, as quaes respeitam os francezes como honrados e decentes inimigos, ao passo que os mercenarios inglezes adoptaram, a sous olhos, um methodo de guerra, desde o principio, que repugna aos allemães e, quando aprisionados, se mostram ainda insolentes e provocadores».

Quanto ás brutalidades commettidas apoz a captura, a resposta official allemã limita-se a dizer:

«Essa parte refere-se talvez a casos individuaes, commettidos por soldados allemães ao vêrem matar compatriotas seus feridos, tirando assim uma justa vingança».

A resposta allemã ás allegações feitas por dois medicos russos contem uma observação curiosa.

Um d'esses medicos, assevera-se, havia-se queixado «d'um modo nunca visto e algo pezado», a um sargento de serviço, dizendo que os officiaes estavam alojados em salas de barracas mais ordinarias que aquellas onde habitavam os soldados allemães. «Depois de se lhe mostrar a incorrecção do seu procedimento, foi-lhe chamada a attenção para não tornar a oppôr-se aos regulamentos do campo».

O caracter geral e os apparelhos do hospitaes allemães eram bons e o tratamento medico e cirurgico, assim como a enfermagem, satisfatorios. Grande numero d'elles eram os hospitaes normaes do paiz, mas mesmo nos improvisados haviam sido installados os apparelhos recommendados pelos progressos da sciencia medica.

As queixas eram principalmente contra a alimentação, que era muito

Na fronte occidental—Artilheiros inglezes bombardeando as trincheiras allemãs

Academia de Amadores de Musica

O concerto de depois d'ámanhã

No Salão do Conservatorio, realisa-se depois d'ámanhã, ás 21 horas, o 154.º concerto da 33.ª serie promovido por esta util instituição. O programma é o seguinte:

Primeira parte—«Marcha Turca», Mozart, pela orchestra; «Palestra», pelo sr. André Brun.

Segunda parte—«Rapsodia de cantos populares portuguezes», Miguel Ferreira, pela orchestra, sendo os solos de guitarra obsequiosamente feitos pelo guitarrista sr. Carmo Dias, com acompanhamento de harpa pela harpista M.elle Cecilia Borba da Costa; «Monologo», Arnaldo Leite; «Os ratos reunidos em conselho» (fabula), João de Deus Ramos, pela menina Maria Isabel Torres Gomes; «Wieniaski-Maltratado», solo de violino com acompanhamento de piano, por M.elle Benedicta Santos de Jesus e M.elle Evangelina Cardoso Teixeira; «Aida», marcha, Verdi, pela orchestra, augmentada conforme as exigencias da partitura.

Terceira parte—«5.ª Symphonia Bitó Portuguezas», Loscar Lacerdon, pela orchestra; «Trio assassinato», Loscar Lacerdon, por M.elles Benedicta Santos de Jesus, Aida Monteiro Coimbra e J. Santos; «Non m'amavas», A. Guercia, para canto, por M.elle Hortense Guerreiro, acompanhada por M.elle Evangelina Cardoso Teixeira; «Marcha», pela orchestra, Beethoven.

Obra Maternal

Uma instituição que é necessario auxiliar

A direcção d'este estabelecimento de beneficencia conferenciou largamente com o sr. presidente da Republica, expondo-lhe as dificuldades com que luta para continuar mantendo o internato, que se vê seriamente ameaçado de fechar as suas portas, se a sua situação não for immediatamente modificada. O sr. dr. Bernardino Machado mostrou interessar-se bastante pelo assumpto, promettendo fazer tudo quanto esteja ao seu alcance para evitar que a «Obra» acabe, começando por fazer-se inscrever como socio da sympathica collectividade.

A «Obra Maternal» como se sabe, destina-se a recolher e educar menores do sexo feminino que se encontrem abandonadas ou em perigo moral. A sua acção, pois, não póde ser mais generosa nem de maior alcance social, porquanto se destina a salvar da miseria moral e material creanças que, privadas do seu amparo, iriam provavelmente resvalar na senda do vicio e do crime.

Na «Obra Maternal» as creanças recebem uma educação toda pratica que as colloca em condições de virem a ser mais tarde boas donas de casa e boas mães de familia.

No internato, são ellas que fazem todo o serviço domestico sob a vigilancia da directora e de uma empregada menor: ensaboam, passam a ferro, engommam, remendam, confeccionam a roupa branca, cozinham, etc. Além d'isto, adquirem todos os outros conhecimentos indispensaveis que as habilitam a ser de futuro boas empregadas domesticas, o que é pouco vulgar entre nós.

A «Obra», para levantar-se e cumprir a missão a que se destina, carece de que o gesto do sr. presidente da Republica, inscrevendo-se como socio d'ella, tenha imitadores e continuadores. Será a salvação, não só das menores que, na «Obra», encontraram um lar, familia, carinhos de que estavam privadas, mas tambem a salvação de outras que ella póde ir arrancar ao cairel do abysmo.

A direcção da «Obra Maternal» resolveu iniciar uma serie de festas, cujo producto reverterá em favor do seu cofre. A primeira d'essas festas é promovida pela Sociedade Musical Ordem e Progresso, e deverá realisar-se no proximo mez d'abril.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense.—Com grande brilhantismo realisou-se n'este grupo a festa promovida por uma commissão de socios, a fim de adquirirem receita para realisarem varias modificações na sala de espectaculos. Subiu á scena a revista «Do casa... á pucarinho», original de Wenceslau de Oliveira, que muito agradou. O desempenho foi confiado ás amadoras D. Elvira Guedes, D. Laura de Vasconcellos, D. Judith dos Santos e D. Fernanda Soares, e dos amadores do grupo. No desempenho salientaram-se as sr.as D. Laura de Vasconcellos e D. Judith dos Santos.

Em seguida, houve baile dançando-se com enthusiasmo até de madrugada.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia de seguros Fidelidade.—Do relatorio agora publicado, vê-se que os lucros liquidos no anno findo foram de 101.809$12, sendo distribuido um dividendo de 75$00 por acção, livre de imposto de rendimento e passando á conta nova o saldo de 809$12.

O CARNAVAL

Nos theatros e nos clubs

No Republica realisa-se na segunda-feira um baile infantil com brindes para as creanças que se apresentarem melhor mascaradas. Para o baile de sabbado é já grande a procura de bilhetes.

No Nacional, como já dissémos, começam no sabbado as festas do Carnaval, havendo espectaculos e bailes, subindo á scena «Coimbra, terra de amores» e uma comedia n'um acto. Na segunda feira representar-se-ha a comedia «D. Perpetua que Deus haja».

Os espectaculos do Eden são constituidos pelas revistas «Diabo a quatro» e «Dominó» e da de Alvaro Cabral e Nascimento Fernandes «Os bilhões do dollars». Os bailes, a avaliar pelo de ante-hontem, serão dos mais concorridos.

No Avenida os espectaculos das quatro noites do Carnaval são preenchidos com o «Duo da Africana», «Africanistas» e «Maré de Rosas», o que quer dizer que serão quatro noites de gargalhada.

No theatro Moderno ha nas quatro noites recitas pela companhia infantil, seguidas de bailes de mascaras.

O Club Transmontano dá no sabbado baile á epocha, no domingo baile de penteados e na terça-feira baile de mascaras.

Nas noites de 5, 6, 7 e 12, na Sociedade Guilherme Cossoul ha bailes de mascaras abrilhantados por uma banda de musica, tendo sido as salas decoradas pelos scenographos Emaux Gonçalves e Sousa Pereira.

Promovidas pela commissão administrativa, realisam-se no Grupo Dramatico Lisbonense as festas do Carnaval, que constarão de recitas com as comedias «Horrivel crime», «Hotel da Bernarda em grande tormenta», escriptas expressamente para estes dias pelo sr. Wenceslau d'Oliveira e de um sarau em genero comico, tanto em recitativos como em musica. Na terça-feira, organisado pelos socios Antonio Pereira, Canedo d'Araujo e Raul Silva effectua-se á meia noite o cortejo do tri-Carnaval que percorrerá algumas ruas da cidade. Abrilhanta as festas o grupo musical José Carlos Macedo.

Caixa Economica Postal

A commissão fiscal d'esta caixa, cuja séde é na rua de S. José, 14, deliberou que o encerramento aos sabbados seja ás 13 horas, á começar no proximo dia 4.

José Branco Nunes Correia

Cirurgião dentista

Falleceu

José Branco Nunes Correia Junior e sua mulher, Adolpho Branco Nunes Correia e sua mulher, Belmira Branco Nunes Correia, Alice Branco Nunes Correia, Branca Branco Nunes Correia, Aristides Augusto Prestes e Antonio José Prestes, cumprem o doloroso dever de participarem o fallecimento de seu bom pae, sogro e tio e que o seu funeral terá logar ámanhã, 1 de março, pelas 16 horas, para jazigo no cemiterio Oriental, sahindo o funeral da rua da Palma, 161, 2.º.

Companhia de Seguros Fidelidade

Dividendo de 1915

Escudos 75$00 por acção. Livre de imposto de rendimento

Paga-se nos dias 1, 2, 3 e 4 do proximo mez de março, das 11 da manhã ás 3 da tarde, e em todas as quintas feiras, na séde da Companhia, largo do Corpo Santo, 13.

Lisboa, 28 de fevereiro de 1916.

Pela Companhia de Seguros Fidelidade.

Os directores

Castanho da Silva Pestana

Antonio José Pereira Junior

semelhante á fornecida nos campos de concentração e que, por isso mesmo, não era adequada aos doentes. O pão dos hospitaes era feito de trigo e de centeio em porções eguaes. Embora a principio não soubesse bem, o gosto habituava-se a elle.

No hospital, porém, como nos campos de prisão e nos de batalha, a equação humana era da maior importancia. O hospital é uma casa de soffrimento e a deshumanidade, mesmo em hospitaes isolados ou em casos isolados, não póde, nem deve ser permittida. Infelizmente, o medico brutal e o hospital deshumano não são desconhecidos, nem raros. A brutalidade parece não ter sido usual, mas não deixa de ser frequente.

O representante da embaixada norte americana visitou o hospital de Iseghem algum tempo antes de 12 de junho e os prisioneiros inglezes «por accordo», mas apparentemente na presença do commandante «falaram em louvor dos cirurgiões e enfermeiros».

George Foot, do 3.º de Fuzileiros Reaes, foi ferido a 21 de maio e só chegou a Iseghem mais de tres semanas depois. O que elle contou, assim como muitos outros, deu assumpto a uma interessante serie de artigos que foram enviados por F. A. McKenzie para o «Daily Mail».

«Este hospital estava a cargo d'um medico muito habil, mas muito brutal. O meu impedido e eu fomos collocados em camas em frente da sala de operações e vimos mais do que desejavamos vêr. O medico entendeu que não devia empregar o chloroformio. Empregou-o menos que podia, principalmente com os inglezes. Fez todas as especies de operações sem elle. Pegava n'um maço e n'um cinzel e tirava um pedaço de osso da perna d'um homem, estando este com todos os seus sentidos».

O canadiano McPhail foi ferido em Ypres a 24 d'abril. Oito dias depois chegava ao mesmo hospital. Estava cego de um olho.

«Levaram-me para uma meza de operações e estenderam-me n'ella. Tres enfermeiros e uma irmã seguravam-me. A irmã fez uma pergunta ao medico, o qual respondeu em inglez para eu ouvir: «Não, não lhe dou nenhum anesthesico. Os inglezes não precisam de chloroformio». Revolveu-me a orbita ocular e tirou-me o olho. Servia-se d'uma thesoura, disseram-me mais tarde, e cortou demasiado, destruindo o nervo do outro olho. De subito desmaiei e de nada mais me lembro».

McPhail foi mai tarde removido de Iseghem.

Outras operações sem chloroformio se fizeram n'um hospital no Hanovre. Pelo menos um caso d'esses occorreu n'um hospital geral onde, depois de ter sido tratado brutalmente, um homem foi sujeito a uma operação no rosto que levou 16 golpes. Anesthesico algum lhe foi dado.

Em Mülheim Ruhr, a homens perigosamente feridos obrigavam a tomar banho ao ar livre com pessimo tempo. Os pensos eram deixados nas feridas até apodrecerem. Os inglezes eram tratados brutalmente.

«Não me esquecerei nunca de Mülheim Ruhr» diz um d'esses desgraçados.

Os campos de internamento e os hospitaes na Allemanha parece terem corrido a escala do bom ao terrivel. De muitos hospitaes e alguns campos de internamento não ha queixas a formular. Do campo de detenção dos officiaes em Mainz absolutamente nada ha que dizer. Alguns, como Erfurt, diz-se terem sido «bons»; poucos, como Schloss Celle, um pequeno campo de paizanos, excellente. Outros, como Bug, eram maus; poucos, como Torgau e Wittenberg, eram terriveis. A 8 de novembro de 1915, quinze mezes depois de rebentar a guerra, as condições em Wittenberg levaram o embaixador americano a enviar dois relatorios para Londres. O primeiro, escripto por Lithgow Osborne, dizia:

«A questão do vestuario é a principal origem de perturbações. Ao chegar ao campo, perguntei ao commandante se ali havia deposito de

fato. Respondeu-me affirmativamente. Pelas perguntas que fiz percebi distinctamente que tanto o commandante como o seu auxiliar diziam que a cada soldado inglez tinha sido fornecido um capote.

«Quando interroguei os prisioneiros, que estavam formados em linha, soube que capote algum lhes havia sido dado pelas auctoridades. Ao contrario, dez capotes que tinham ido de Inglaterra haviam sido tirados aos seus possuidores e dados a outros prisioneiros inglezes, que estavam trabalhando nos campos.

«Quando chamei a attenção do commandante, elle respondeu-me que as auctoridades podiam dispôr, como melhor entendessem, do que dos prisioneiros. Quando lhe fiz notar que excessivamente poucos inglezes haviam recebido capotes, modificou o que primeiro tinha dito, chegando a declarar que seriam providos d'elles em breve, no maior numero possivel, mas que era muito difficil de momento arranjar capotes.

«Depois vi capotes e então foi-me dada uma terceira versão da historia. Inquiri se esses capotes eram para ser dados e o commandante respondeu-me affirmativamente; quando perguntei se seriam dados aos prisioneiros inglezes que os pediam e d'elles necessitavam, respondeu-me affirmativamente.

«De muitos prisioneiros ouvi queixas de que um guarda tinha um grande e feroz cão que vagueava em roda das barracas e atacava os prisioneiros, rasgando-lhes o fato. Informei o commandante do que soubera e disse-lhe que me parecia desnecessario soltar o cão e que tal se não fazia n'outros campos. Replicou-me que entendia isso necessario e que as coisas não mudariam, emquanto os prisioneiros tivessem o habito de conservar a luz accesa até tarde».

A evidencia de brutalidades d'esta especie é innegavel. O relatorio sobre Wittenberg continuava:

«Todas as minhas impressões acêrca das auctoridades do campo de Wittenberg são completamente differentes das que recebi em qualquer dos outros campos que visitei na Allemanha. Em vez de considerarem os prisioneiros de guerra como homens dignos de serem respeitados, pareceu-me que os olhavam como criminosos, que só um regimen de terror poderia reduzir á obediencia. Era evidente que sentimentos alguns humanitarios havia da parte das auctoridades para com os prisioneiros e em nenhum outro campo encontrei signaes de receio de que o que pudessem dizer-me seria para elles uma origem de soffrimentos».

Tão terrivel era o relatorio que o embaixador dos Estados Unidos pedia que fôsse considerado como confidencial até elle pessoalmente inspeccionar o campo. A visita do embaixador deu em resultado o seguinte relatorio:

«Estava ancioso porque o relatorio de mr. Osborne se não tornasse publico emquanto eu não tivesse a opportunidade de examinar pessoalmente as condições do campo e lastimo ter de declarar que a impressão que senti após um cuidadoso exame e longas conversas com os prisioneiros é ainda mais desfavoravel do que esperava.

«Ao chegar ali, não fui recebido pelo general commandante, mas por um major que, com outros officiaes, me acompanhou na visita a todo o campo.

«Ha ali actualmente 4.000 prisioneiros de guerra, dos quaes 278 são inglezes. Ha tambem um pequeno numero de prisioneiros inglezes no hospital do campo e ha uns 500 soldados inglezes empregados em trabalhos em toda a provincia da Saxonia. Ha tambem 36 civis inglezes internados no campo. D'estes, 12 não tinham capotes.

«Visitei as tres barracas onde os militares inglezes prisioneiros estão internados e onde estavam formados em linha, tendo assim opportunidade de lhes falar collectiva e individualmente. Na primeira barraca que visitei havia 68 homens, nenhum dos quaes tinha capote; na se-